

THOMAS ASBRIDGE

A chegada dos cruzados



↪ns

THOMAS ASBRIDGE

A chegada dos cruzados



↪ns

THOMAS ASBRIDGE

A CHEGADA DOS
CRUZADOS



São Paulo, 2021

A chegada dos cruzados

The Crusades – The War for the Holy Land

Copyright © Thomas Asbridge, 2010

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz • Vitor Donofrio • João Paulo Putini

TRADUÇÃO: Johann Heyss • Valter Lellis Siqueira

PREPARAÇÃO: Samuel Vidilli

REVISÃO: Agnaldo Alves • Equipe NS

DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio

CAPA: Ygor Moretti

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057**

Asbridge, Thomas

A chegada dos cruzados

Thomas Asbridge ; tradução de Johann Heyss, Valter Lellis Siqueira

Barueri, sp: Novo Século Editora, 2021.

(As Cruzadas ; vol 1)

Bibliografia

ISBN: 978-65-5561-335-3

Título original: The Crusades : The War for the Holy Land

1. Cruzadas 2. Cristianismo e outras religiões 3. História da Igreja - 600-1500 – Idade Média 4. Oriente Médio – História 5. Europa – História da Igreja i. Título ii. Heyss, Johann iii. Siqueira, Valter Lellis iv. Série

21-3676 CDD-909.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Cruzadas

ins

uma marca do
grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Para meu pai,
Gerald Asbridge

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Introdução - O mundo das cruzadas](#)

[Europa medieval](#)

[A Europa Ocidental no século XI](#)

[Cristianismo latino](#)

[Guerra e violência na Europa latina](#)

[O mundo islâmico](#)

[A história inicial do Islã](#)

[A fragmentação do mundo muçulmano](#)

[O Oriente Próximo no fim do século XI](#)

[Jihad e guerra islâmica](#)

[O Islã e a Europa cristã pré-cruzadas](#)

[Notas](#)

[I. A chegada dos cruzados](#)

[1. Guerra santa, terra santa](#)

[O Papa Urbano e a ideia das cruzadas](#)

[O sermão de Clermont](#)

[O chamado da cruz](#)

Bizâncio

A ambição de Aleixo

A serviço do imperador

O cerco de Niceia

Atravessando a Ásia menor

A batalha de Dorileia

Contatos e conquistas

2. Suplício sírio

A cidade de Antioquia

Uma guerra de desgaste

Traição

Os sitiados

Atraso e dissipação

3. A cidade sagrada

No céu e na terra

A tarefa a realizar

O ataque a Jerusalém

O horror da “libertação”

Rescaldo

A última batalha

O retorno à Europa

[Em memória e imaginação](#)

[Configurando a memória da cruzada na Europa latina](#)

[A Primeira Cruzada e o Islã](#)

[4. Criando os estados cruzados](#)

[Protetor da cidade sagrada](#)

[O reino de Deus](#)

[Criando um reino](#)

[Servos da coroa](#)

[Encarando o Islã](#)

[As batalhas de Ramla](#)

[Entre Egito e Damasco](#)

[Síria latina em crise \(1101-8\)](#)

[A Batalha de Harã \(1104\)](#)

[À beira do colapso](#)

[A cruzada de Boemundo](#)

[Comandar no reino sagrado](#)

[Os condados de Edessa e Trípoli](#)

[O legado de Tancredo](#)

[Soberano de ultramar \(1113-18\)](#)

[Força na união](#)

[Os últimos anos de Balduíno de Bolonha](#)

5. Ultramar

O campo de sangue

Combatendo o infortúnio

As Ordens Militares

Recorrendo à cristandade

Uma sociedade cruzada?

A vida em Ultramar

Conhecimento e cultura

A terra de Deus: fé e devoção

O Leste franco – Cortina de ferro ou porta aberta?

Zengui – O tirano do leste

Zengui contra os francos

6. O renascimento da cruzada

Fazendo a cruzada no começo do século XII

Lançando a segunda cruzada

A fala de um santo – Bernardo de Claraval e a segunda cruzada

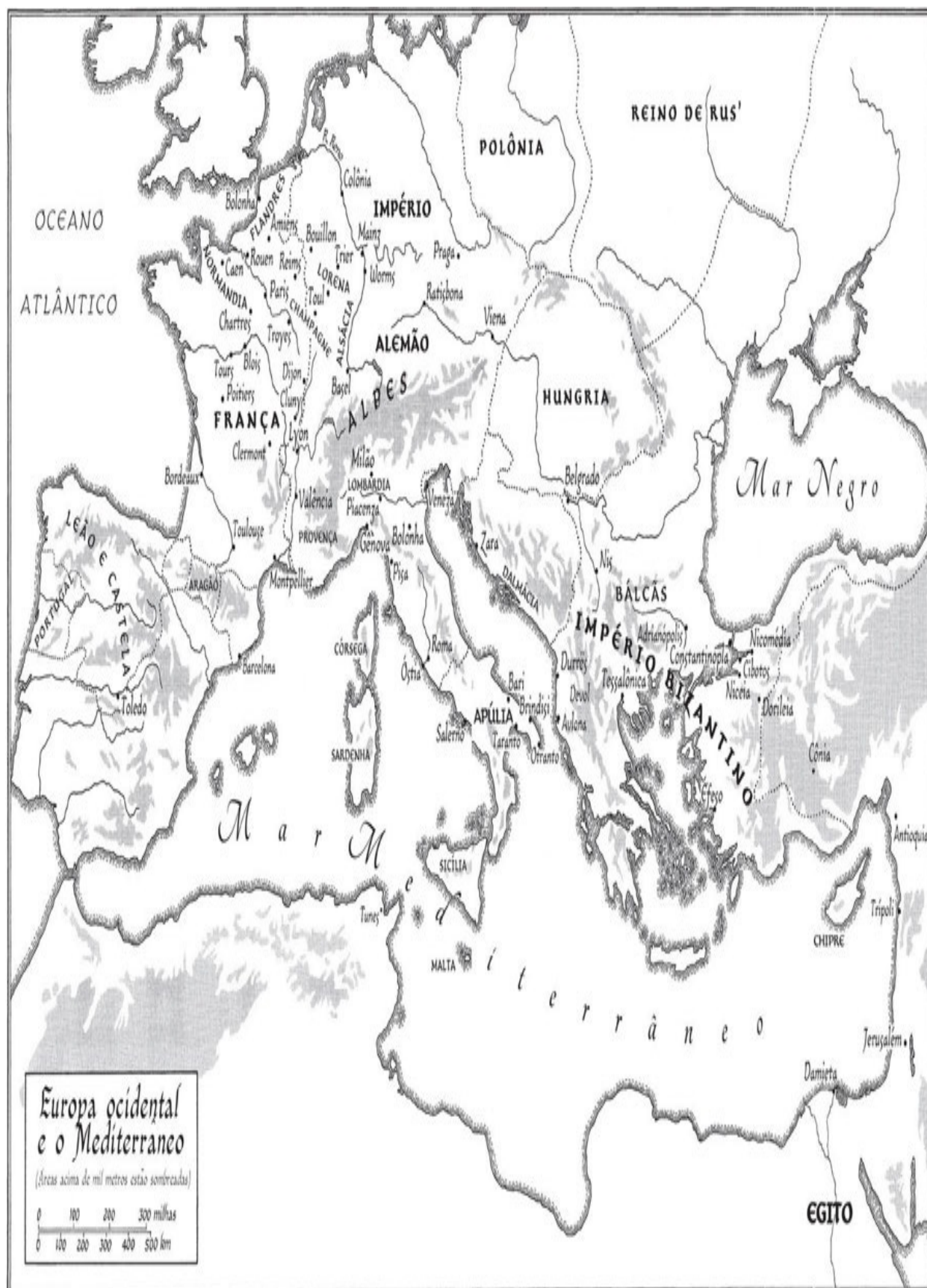
Expandindo o ideal

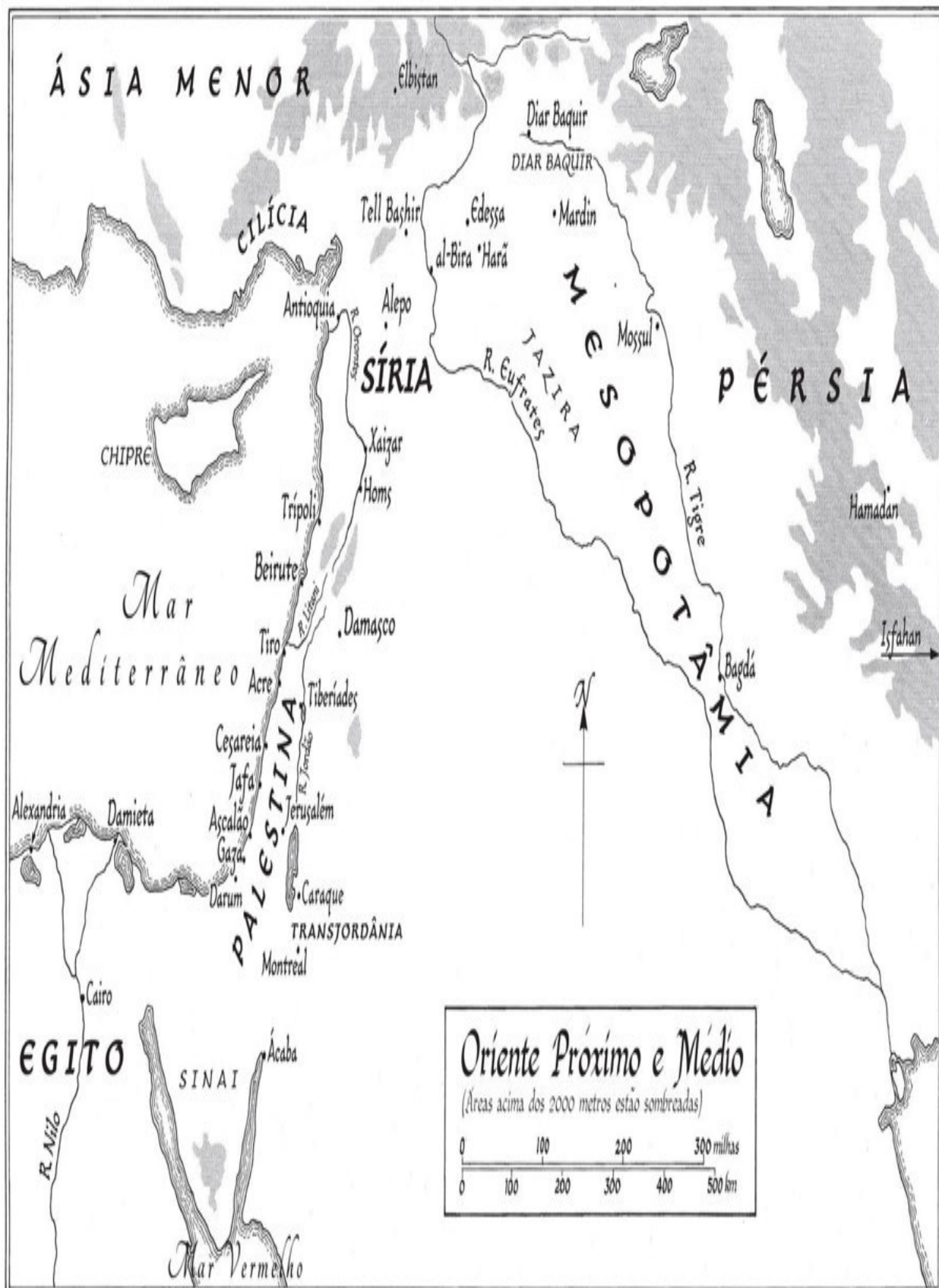
O trabalho dos reis

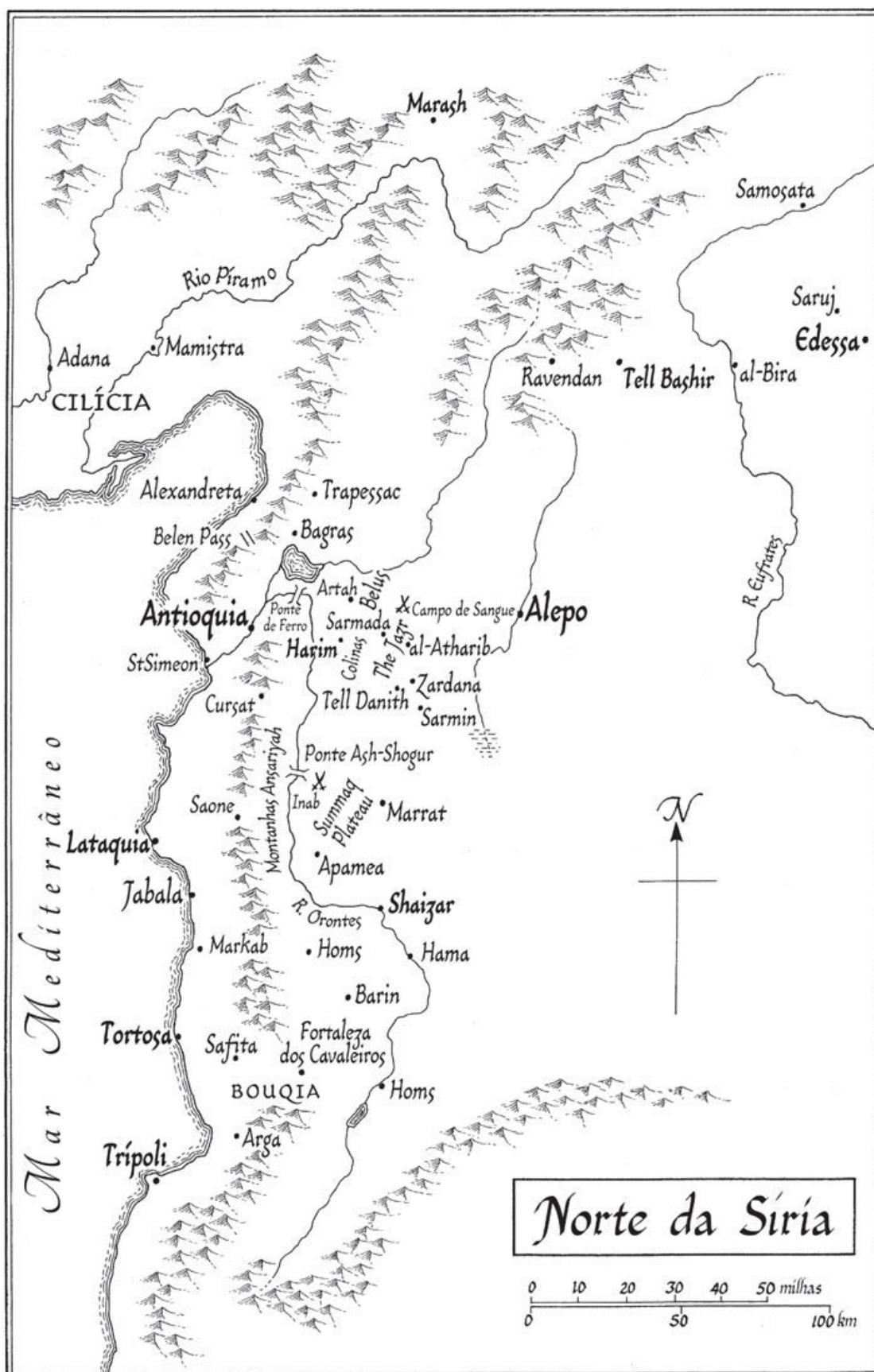
A caminho da Terra Santa

Notas

Colofão

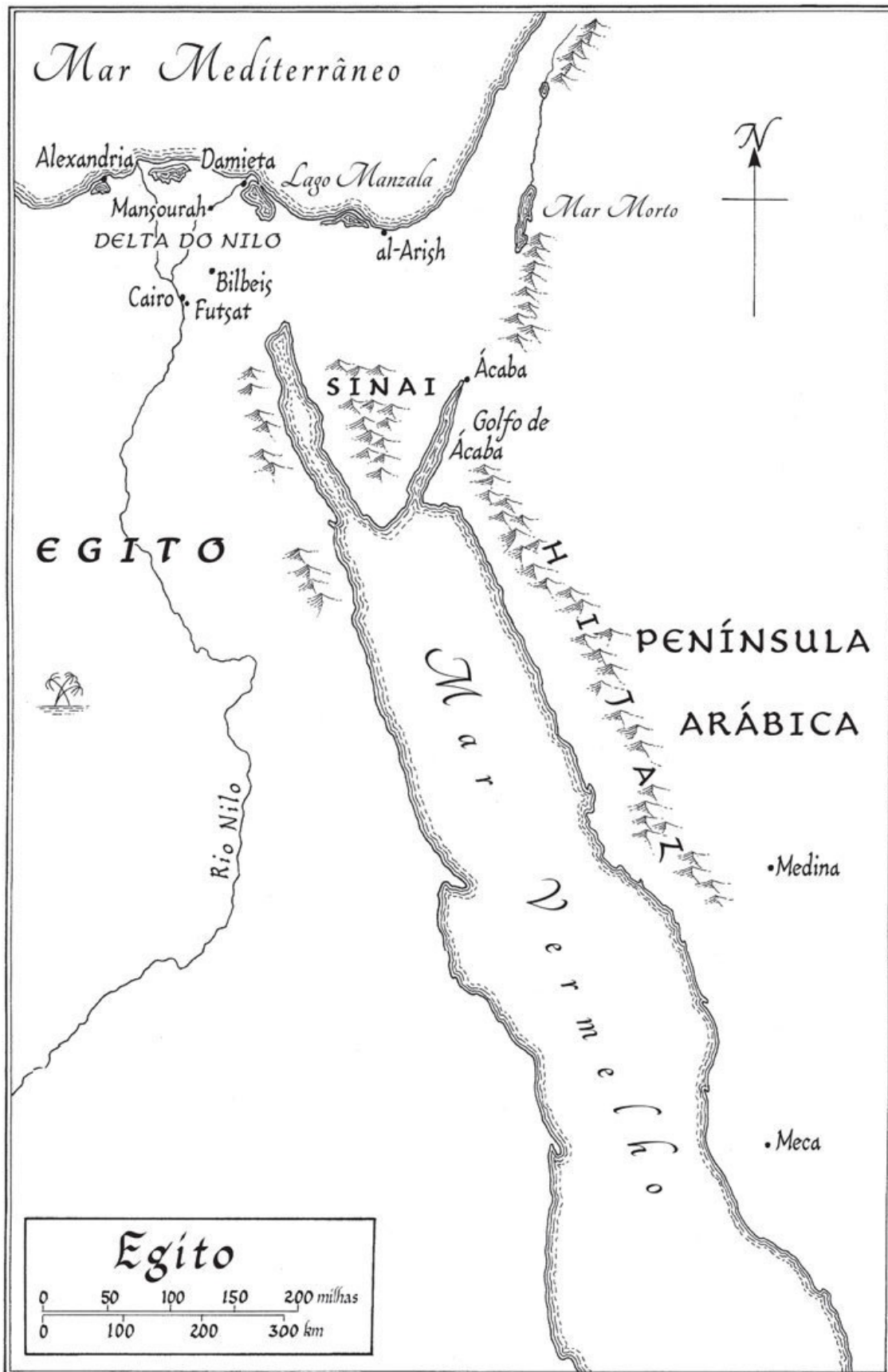






Palestina e Sul do Líbano





PREFÁCIO

Nos últimos meses tive a sorte de viajar pelo Oriente Próximo e Médio e pela Europa filmando uma série-documentário para a BBC baseada no meu livro. Apesar de algumas locações que visitei me serem novas, a maioria eu já conhecia de viagens anteriores relacionadas à minha pesquisa de décadas sobre a história das cruzadas. Ainda assim, em cada lugar eu tive uma poderosa sensação de envolvimento com algo que, para mim, era novo, desafiador e profundamente esclarecedor. Eu estava procurando canalizar minha permanente paixão pelas cruzadas, contar a história dessas guerras santas, e bem nos locais onde o drama (e algumas vezes, o horror) desses eventos ocorreu.

Procurei transmitir em inúmeras palestras e aulas ao longo dos anos o amálgama febril de fé e violência que alimentou a Primeira Cruzada, mas outra coisa, bem diferente, é estar em Jerusalém e parar em frente ao Santo Sepulcro, descrevendo a alegria religiosa vivida pelos cruzados respingados de sangue que, em 1099, adentraram enfim o sacrossanto santuário cristão. E eu senti a mesma sintonia eletrizante dentro da mesquita de Al-Aqsa, falando sobre como o grande Sultão Saladino chorou ao encabeçar a prece de sexta-feira na mesma construção em 3 de julho de 1193, agoniado por ter de abandonar Jerusalém.

Não vou dizer que essas experiências de alguma forma me proporcionaram percepções peculiares ou explosivas sobre a era das cruzadas, e nem que de repente agora estou mais apto a alcançar uma compreensão solidária sobre os protagonistas da história. Afinal, o local por si só (frequentemente alterado de seu estado medieval) não passa disso, e sempre se precisa recorrer às fontes históricas, sejam elas textuais ou materiais. Mas a minha imaginação se acendeu e meu entusiasmo pela história das cruzadas – que já era uma obsessão de bem mais que a metade da minha vida – se revigorou. Em particular, fui levado a ponderar sobre as maneiras pelas quais nos lembramos – e às vezes nos esquecemos – dos eventos.

Poucas semanas atrás entrei na Sainte-Chapelle – o imponente santuário construído pelo rei Luís IX da França no coração de Paris – uma hora antes do amanhecer. Essa estrutura foi um milagre tecnológico em seu tempo; construída para abrigar a preciosa coleção do rei de relíquias da Paixão (entre elas a Coroa

de Espinhos de Cristo), suas delicadas colunas de pedra e amplos suportes parecendo expansões impossíveis de vibrantes vitrais. Normalmente cheia de visitantes, todos hipnotizados por sua beleza e seu esplendor gótico da Alta Idade Média, a capela estava agora escura e vazia. Com o nascer do sol, a luz começou a entrar pelas deslumbrantes janelas e me ocorreu que o rei Luís – um homem que dedicou a vida à guerra pela Terra Santa mais de setecentos anos antes – havia caminhado por este mesmo espaço. Sainte-Chapelle sobrevive como um talismã da memória desse rei, evocando sua inabalável dedicação religiosa; trata-se de um celebrado ícone da história da França e sua identidade nacional. Mas há outros lugares tão intimamente associados à vida desse monarca cruzado, que foram, contudo, esquecidos.

Mansoura, no delta do Nilo, onde o rei Luís travou uma batalha épica pelo controle do Egito no século XIII, agora é uma cidade extensa e industrializada. Por mais improvável que seja, o local do acampamento cruzado do rei Luís permanece um bolsão isolado e abandonado de terra agrícola que serve de vista para três chaminés cuspidando nuvens de fumaça amarela tóxica. Ninguém vai ver – que dirá filmar – esse lugar, onde o exército cristão foi esmagado pela força emergente dos mamelucos, e onde o próprio rei acabou em estado deploratório por um caso extremo de disenteria que o obrigou a cortar um buraco na calça. Foi uma experiência peculiarmente chocante, ainda que comumente, estar nesse local e descrever em câmera como, no crepúsculo de 4 de abril de 1250, cruzados feridos e abandonados tentavam, desesperados, se arrastar até as poucas embarcações ainda ancoradas na beira do rio depois que os muçulmanos invadiram seu acampamento, só para acabarem caçados e executados sem clemência.

Eu senti algo semelhante – a sensação de ressuscitar brevemente um momento esquecido do passado distante – ao recontar a história de mais um massacre, desta vez decretado pelos cruzados, nas planícies arenosas para além da cidade israelita de Acre. Depois de passar alguns anos me dedicando a um estudo particularmente próximo de todos os relatos em primeira mão desse evento específico, talvez eu esteja um pouco familiarizado demais com os detalhes aterradoros e macabros de como, no meio da Terceira Cruzada, Ricardo Coração de Leão conduziu a marcha para fora da cidade de 2700 muçulmanos capturados, e em seguida sua trucidação a sangue frio. Pelo menos para mim, mostrou-se impossível não ponderar sobre a terrível sensação de medo e confusão que grassou nos prisioneiros momentos antes da morte; antes de serem atacados pelos cruzados com “punhaladas e golpes de espadas”, de acordo com

uma das testemunhas.

É claro que um dos objetivos essenciais do meu trabalho tem sido enfatizar que as cruzadas não eram simplesmente um catálogo de batalhas e campanhas incessantes. Mas é fácil demais partir de provas selecionadas para conceber essa era como uma “guerra total” entre o Islã e o Ocidente; uma amargurada era de conflitos alimentados pelo ódio arraigado e ciclos de violência recíproca. Essa é, certamente, a visão dos cruzados usada para promover a ideia de um confronto inevitável de civilizações entre a Europa e o mundo muçulmano. Mas ao longo da guerra pela Terra Sagrada, a realidade pragmática e a conveniência, tanto comercial como militar, levaram os colonizadores “cruzados” a entrar em contato frequente com os povos nativos do Levante, inclusive os muçulmanos. Assim, os cruzados criaram um dos ambientes de fronteira em que europeus conseguiam interagir com a cultura “oriental” e absorvê-la. Não era um ambiente aconchegante de harmoniosa concordância, mas, considerando-se as realidades que prevaleciam no mundo como um todo, não deveria ser surpresa. O próprio Ocidente medieval estava partido pela rivalidade entre cristãos e por intermináveis conflitos militares; e, além disso, a intolerância social e religiosa também estava em alta. Por esses padrões, a mistura difícil de contato e conflito latente no “cruzado” do Levante não foi das mais memoráveis.

Um dos grandes benefícios de trabalhar nessa série de televisão é que com ela veio o acesso privilegiado aos restos físicos – ou cultura material – da era cruzada medieval, muitas das quais dialogam com essa noção de contato intercultural. Enquanto acadêmico acostumado a ver o passado, sobretudo por meio de provas textuais, é enormemente excitante manusear objetos que sobreviveram a essa era, especialmente os de uso cotidiano. Em Israel, me peguei examinando uma série de moedas “cruzadas” forjadas por colonos cristãos ocidentais no Oriente Próximo, que iam de peças de cobre bem brutas – suficientes apenas para comprar uns nacos de pão – a peças preciosas de ouro. A mais fascinante dentre elas era uma série que, à primeira vista, assemelhava-se a moedas islâmicas, repletas de inscrições em árabe e parecendo ter sido lançada pelo egípcio Al-Amir, califa entre 1101 e 1130. Na realidade, são “fakes” produzidas por governantes cristãos como imitações (de peso ligeiramente alterado) das moedas de ouro muçulmanas para permitir que os colonos se inserissem mais rápida e prontamente no tecido comercial do Levante. O fato de – em plena era das cruzadas – colonos ocidentais cunharem moedas marcadas com textos islâmicos (algumas até com o nome do profeta Maomé) diz muito sobre a importância do comércio transcultural e como a necessidade supera a

ideologia.

Também tive acesso a um dos maiores tesouros da Biblioteca Britânica: o saltério de Melisenda. É provável que esse pequeno e bem forjado livro de preces tenha sido produzido na década de 1130 como presente do rei Fulco para a Rainha Melisenda de Jerusalém. De fato, pode ter sido uma oferta de paz, projetada para ajudar a acalmar as águas após o casal ter se enredado em uma desavença matrimonial que quase terminou deflagrando uma guerra civil absoluta. Esse artefato excepcionalmente belo é testemunha da capacidade de fusão cultural nos Estados cruzados. Produzido por ao menos sete artesãos diferentes, ela exibe elementos de inglês, francês, bizantino, além de influência cristã oriental e mesmo islâmica. Talvez o mais espetacular de tudo seja sua capa de marfim, que é agora mantida em separado do resto do livro de preces. Talhada em minuciosos detalhes e incrustada com pedras semipreciosas, a capa retrata cenas da realeza e de devoção cristã: na parte frontal, momentos da vida do próprio rei Davi, inclusive a batalha contra Golias; na parte de trás, um monarca (provavelmente o próprio Fulco) todo enfeitado em seu traje imperial bizantino para parecer mais magistral, desempenhando diversos atos de devoção e caridade como dar de vestir aos pobres e cuidar dos doentes. Uma excelente reprodução dessa última capa aparece no caderno de imagens. O que torna esse objeto tão cativante é o fato de ele nos conectar com a história do reino conjunto de Melisenda e Fulco, mas ele também revela algo sobre o mundo mais amplo em que viviam.

Um dos objetivos da série da BBC era o de responder a mais fundamental das perguntas: como se faz isso? Em busca da resposta, voltei a consultar vários manuscritos medievais – frequentemente recorrendo à mais antiga cópia remanescente no mundo – para revelar as fontes históricas que usamos para reconstruir a era das cruzadas. Talvez o maior impacto tenha sido conseguir permissão para entrar nos arquivos da mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, para ver uma cópia do começo do século XIII da biografia de Saladino por Baha al-Din. É um documento fantasticamente informativo que apresenta uma perspectiva única da personalidade de Saladino e do desenrolar de seu confronto com Ricardo Coração de Leão durante a Terceira Cruzada por meio da escrita de um homem que conheceu bem o sultão e testemunhou muito do que descreveu. E o que torna o manuscrito de Al-Aqsa tão especial é a quase certeza de que não se trata de cópia posterior, como a maioria dos textos medievais, mas um original escrito pelas mãos do próprio Baha al-Din. Segurar esse livro e me dar conta de ter nas mãos o trabalho de uma das pessoas mais íntimas de Saladino

foi simplesmente extraordinário.

A vertente final de provas incorporadas à série veio da arqueologia. Há apenas quatro dias, debaixo do escaldante sol do deserto, eu visitei as ruínas do castelo de al-Wu'ayra (conhecido no Ocidente como o Vale de Moisés) – uma pequena fortificação de cruzados do século XII bem perto da ancestral Petra (Jordânia). Durante os estágios iniciais da colonização ocidental, os cristãos europeus tentaram se fixar nessa região isolada e inóspita, mas a adaptação a esse ambiente desconhecido mostrou-se nada simples. As escavações revelaram dezesseis sepulturas desse período talhadas na pedra dentro da fortaleza, e a análise dos esqueletos humanos que elas continham sugere que os colonizadores não sabiam juntar frutas e vegetais frescos para equilibrar a dieta, e que suas peles relativamente pálidas também lhes causava deficiência de ácido fólico. Em al-Wu'ayra examinei frágeis fragmentos do crânio de um pequeno bebê que morrera tantos séculos atrás, entre os seis e nove meses de idade. Os ossos exibiam gritantes evidências de lesões (deformações quase como esponjas) associadas à extrema deficiência de vitamina C, ou escorbuto.

O trabalho de adaptar este livro para se tornar uma série-documentário foi um enorme prazer e me sinto imensamente privilegiado por fazer parte de um projeto tão extraordinário. A experiência certamente enriqueceu meu próprio entendimento das cruzadas e aprofundou meu amor por essa era de nossa história. Tomei por base textos, cultura material e arqueologia para oferecer uma percepção do lugar e das evidências e assim revelar o que restou do mundo habitado pelos cruzados e muçulmanos que travaram uma guerra medieval pela Terra Santa. Minha esperança é que o resultado seja uma série de televisão que faça justiça a esse assunto tão cativante e intrigante.

Thomas Asbridge

6 de novembro de 2011

West Sussex

INTRODUÇÃO

O MUNDO DAS CRUZADAS

Novecentos anos atrás, os cristãos da Europa travaram contra o mundo muçulmano uma série de guerras santas, ou cruzadas, lutando pelo domínio de uma região sagrada para as duas crenças: a Terra Santa. Esse confronto sangrento durou dois séculos, reconfigurando a história do Islã e do Ocidente. Ao longo dessas expedições monumentais, centenas de milhares de cruzados viajaram pelo mundo então conhecido para conquistar e depois defender uma faixa de território centrada na cidade sagrada de Jerusalém. Nas expedições – lideradas por nomes como Ricardo Coração de Leão, o rei-guerreiro da Inglaterra, e Luís IX, o santo monarca da França –, os combatentes enfrentaram cercos cansativos e batalhas atemorizantes, cruzaram florestas verdejantes e desertos áridos, suportaram fome e enfermidades, encontraram os lendários imperadores de Bizâncio e marcharam ao lado dos inacessíveis cavaleiros templários. Aqueles que morreram foram considerados mártires, ao passo que os sobreviventes acreditavam que o pecado lhes flagelara as almas através da tormenta do combate e das provações da peregrinação.

O advento dessas cruzadas provocou a reação do Islã, reacendendo a dedicação à causa da jihad (guerra santa). Muçulmanos da Síria, do Egito e do Iraque lutaram para afastar seus inimigos cristãos da Terra Santa – defendidos pelo impiedoso guerreiro Zengui e pelo poderoso Saladino; habilitados pela ascensão do sultão Baybars e seus mamluk, escravos-soldados de elite; às vezes ajudados pelas intrigas dos implacáveis Sicários. Anos de conflito geraram, inevitavelmente, maior familiaridade, e ocasionalmente até mesmo um respeito relutante e contatos pacíficos por meio de tréguas e comércio. Mas com o passar das décadas, o fogo do conflito continuou ardendo e a maré lentamente se voltou a favor do Islã. Não obstante ter sobrevivido o sonho cristão de vitória, o mundo muçulmano prevaleceu, garantindo a duradoura posse de Jerusalém e do Oriente Médio.

Essa história dramática sempre incendiou a imaginação e fomentou debates. E, ao longo dos séculos, os cruzados têm sido objeto de interpretações assustadoramente variadas: tidos como prova da insensatez da fé religiosa e da

selvageria enraizada na natureza humana, ou promovidos como expressões gloriosas da cavalaria cristã e do colonialismo civilizatório. As cruzadas foram apresentadas como um episódio sombrio da história da Europa – quando hordas vorazes de ocidentais bárbaros e gananciosos deram início a ataques injustificados e cobiçosos contra os ilustrados inocentes do Islã – ou defendidas como guerras meramente justas, provocadas por agressões dos muçulmanos e motivadas pela recuperação de território cristão. Os próprios cruzados foram descritos tanto como brutos famintos por territórios quanto como soldados peregrinos inspirados por ardorosa devoção, e seus rivais muçulmanos representados como opressores cruéis e tirânicos, fanáticos fervorosos ou devotos exemplares em sua honra e clemência.

Os cruzados medievais também foram usados como espelho para o mundo moderno ao forjar laços tênues entre eventos recentes e o passado distante, e também através da duvidosa prática do paralelismo histórico. Portanto, durante o século XIX a França e a Inglaterra se apropriaram da memória dos cruzados para afirmar sua herança imperial, enquanto os séculos XX e XXI testemunharam uma tendência cada vez mais profunda em algumas partes do mundo muçulmano de equiparar batalhas políticas e religiosas modernas a guerras santas vistas nove séculos antes.

Este livro explora a história dos cruzados tanto da perspectiva cristã quanto da muçulmana – concentrando-se particularmente na competição pela Terra Santa – e examina como os contemporâneos medievais viveram e se recordavam das cruzadas, tomando por base a maravilhosamente rica mina de evidências escritas disponíveis (ou fontes primárias) da Idade Média: textos como crônicas, cartas e documentos legais, poemas e canções registrados em idiomas tão diversos quanto latim, francês antigo, árabe, hebraico, armênio, sírio e grego. Além desses textos, o estudo de restos materiais – desde imponentes castelos a delicadas iluminuras e minúsculas moedas – lançou nova luz sobre a era das cruzadas. No geral, pesquisas originais foram complementadas pela grande produção acadêmica moderna dos últimos cinquenta anos nessa área.¹

Incluir a história dos cruzados na Terra Santa entre 1095 e 1291 em um livro acessível é um desafio monumental que, contudo, oferece enormes oportunidades: a chance de traçar uma grande sondagem dos eventos, desvelando a realidade visceral da experiência humana – passando por agonia e exaltação, horror e triunfo; e de mapear as inconstantes sortes e percepções do Islã e da Cristandade. Outra oportunidade é possibilitar que seja levantada uma

série de questionamentos cruciais, interligados e abrangentes sobre essas guerras santas épicas.

Questões ligadas às origens e causas da guerra pela Terra Santa são de fundamental importância. Como duas das maiores religiões do mundo chegaram a defender a violência em nome de Deus, convencendo seus seguidores que lutar por sua fé lhes abriria as portas do Céu ou do Paraíso? E por que milhares, incontáveis cristãos e muçulmanos responderam à convocação para a cruzada e a jihad, sabendo muito bem que deveriam enfrentar intenso sofrimento e mesmo a morte? Também é imperativo considerar se a Primeira Cruzada, iniciada no fim do século XI, foi um ato de agressão cristã, e o que levou à perpetuação do ciclo de violência religiosa no Oriente Médio pelos duzentos anos seguintes.

Os resultados e o impacto dessas guerras santas são igualmente significativos. Seria a era das cruzadas um período de discórdia desqualificada – produto de um inevitável “choque de civilizações” – ou um tempo que revelou a capacidade de coexistência e contato transcultural construtivo entre o Cristianismo e o Islã? Precisamos perguntar quem, no final, venceu a guerra pela Terra Santa e por que; entretanto, mais urgente ainda é a questão de como esse conflito afetou a história e como essas antigas batalhas parecem lançar uma sombra sobre o mundo ainda hoje.

EUROPA MEDIEVAL

No ano 1000, o condado de Anjou (no centro-oeste da França) era comandado por Fulco (987-1040), chamado Nerra (“o Negro”), um voraz e brutal senhor da guerra. Fulco passou a maior parte de seus 53 anos de vida no poder, preso a uma batalha quase constante: lutar em todas as fronteiras para reter o controle de seu condado desgovernado; esquematizando para preservar sua independência da frouxa monarquia francesa; e atacando os vizinhos em busca de terras e pilhagens. Era um homem acostumado à violência, tanto dentro quanto fora do campo de batalha – capaz de queimar a esposa na fogueira por adultério e de orquestrar a morte cruel de uma nobre cortesã.

Mas, apesar de todo o sangue nas mãos, Fulco também era um empenhado cristão que reconhecia que seus modos brutais eram, pelos princípios de sua fé, inerentemente pecaminosos, o que poderia levá-lo à danação eterna. Ele admitiu em carta que havia “causado muito derramamento de sangue em várias batalhas” e que, portanto, vivia “aterrorizado de medo do inferno”. Na esperança de purificar sua alma, ele fez três peregrinações a Jerusalém, a mais de 3000 quilômetros de distância. Na última dessas viagens, já um homem velho, Fulco teria sido levado nu ao Santo Sepulcro – local de morte e ressurreição de Jesus – com uma rédea curta no pescoço e espancado por seu serviçal enquanto implorava pelo perdão de Cristo.²

O que levou Fulco Nerra a gestos de arrependimento tão drásticos, e por que sua história era tão repleta de ferozes tumultos? Até mesmo as pessoas do século XI ficavam chocadas com o sadismo desenfreado do conde e seus bizarros gestos de devoção, de modo que sua carreira, evidentemente, era um exemplo extremo da vida medieval. Mas suas experiências e sua mentalidade refletiam as forças que moldaram a Idade Média e deram luz às cruzadas. E seria gente como Nerra – inclusive muitos de seus próprios descendentes – que assumiu a linha de frente dessas guerras santas.

A Europa Ocidental no século XI

Muitos dos que viveram no mesmo mundo do século XI do conde Fulco temiam estar presenciando os últimos dias sombrios e desesperados da humanidade. O horror apocalíptico alcançou seu ápice no começo da década de 1030, quando se pensava que o aniversário de mil anos da morte de Jesus seria um presságio do Juízo Final. Um cronista escreveu sobre essa época: “As regras que comandavam o mundo foram substituídas pelo caos. Então eles souberam que havia chegado o Fim dos Tempos”. Essa ansiedade palpável por si só ajuda a explicar a mentalidade penitente de Fulco. Mas, pelo menos no que diz respeito a ele e seus contemporâneos, nem sempre fora assim. Eles cultivavam uma memória coletiva de um passado mais pacífico e próspero; uma era dourada quando os imperadores cristãos governavam em nome de Deus, trazendo ordem ao mundo de acordo com a Sua vontade divina. Esse ideal nebulosamente imaginado não era, de forma alguma, uma reminiscência perfeita da história da Europa, mas encapsulava alguns fragmentos da verdade.

O comando romano imperial proporcionou estabilidade e abundância no Ocidente até o fim do século IV da EC (Era Cristã). No Oriente, o Império Romano sobreviveu até 1453, com o comando na grandiosa cidade de Constantinopla, fundada em 324 por Constantino, o Grande – o primeiro imperador a se converter ao cristianismo. Hoje em dia, os historiadores se referem a seu duradouro reino como Bizâncio. No Ocidente, entre os séculos V e VII, o poder se deteriorou em uma desconcertante gama de tribos “bárbaras”, mas por volta do ano 500 um desses grupos, os francos, se estabeleceu no controle do nordeste da Gália, gerando assim um reino conhecido como Francia (do qual a moderna nação da França tirou seu nome).^b Por volta de 800, um descendente desses francos, Carlos Magno (768-814), havia unido uma faixa de território tão grande – abrangendo boa parte da França moderna, Alemanha, Itália e Países Baixos – que ele podia reivindicar o título há tanto sem representante: imperador do Ocidente. Carlos Magno e seus sucessores, os carolíngios, comandaram essa região durante um curto período de renovada segurança, mas seu império sucumbiu ao peso de sucessivas disputas e repetidas invasões dos vikings escandinavos e dos magiares do Leste Europeu. A partir de 850, a Europa foi novamente dividida pela fragmentação política, pela guerra e

pela agitação generalizada. Os reis da Alemanha, cercados por inimigos, ainda reivindicavam o título imperial e uma casa real sobrevivia na França em estado desesperadamente emascarado. No século XI, Constantino e Carlos Magno já estavam transformados em figuras lendárias, símbolos de uma era distante. Ao longo da história da Europa medieval, muitos reis cristãos procuravam imitar e emular suas supostas conquistas – entre elas, alguém disposto a lutar nas cruzadas.

Na época de Fulco Nerra, o Ocidente estava gradualmente emergindo da decadente era pós-carolíngia (apesar das previsões do Armagedom), mas em termos de poder político e militar e organização social e econômica, a maioria das regiões ainda era altamente fragmentada. A Europa não era separada em nações-estados de acordo com o entendimento moderno do termo. Na verdade, lugares como Alemanha, Espanha, Itália e França eram divididos em vários pequenos estados comandados pelos senhores da guerra, a maioria dos quais estavam ligados apenas pelos laços frouxos de associação e lealdade a um monarca coroado. Como Fulco, esses homens tinham títulos como dux e comes (duque e conde), que remetiam aos tempos dos romanos e dos carolíngios, e saíram das fileiras de uma nascente aristocracia militar – a classe cada vez mais dominante dos lutadores bem equipados e semiprofissionais que viriam a ser conhecidos como cavaleiros.

A Europa do século XI não era um estado de anarquia totalmente deflagrada, mas a violência enlouquecida de rixas e vinganças era lugar-comum, e a ausência de lei era endêmica. A sociedade era altamente localizada. O domínio da natureza sobre o Ocidente ainda não havia enfraquecido; havia vastas faixas de terra ainda cobertas por florestas ou largadas abertas e sem cultivo, e a maioria dos grandes sistemas rodoviários datavam do Império Romano. Nesse mundo era comum passar pela vida sem viajar para mais longe do que oitenta quilômetros do local de nascimento – um fato que tornava ainda mais extraordinárias as várias viagens de Nerra a Jerusalém e a futura popularidade do engajamento em uma cruzada na distante Terra Santa. A comunicação de massa ainda não existia como a entendemos hoje, pois a maioria das pessoas era iletrada e a imprensa ainda não havia sido inventada.

Não obstante, ao longo da Idade Média central (entre 1000 e 1300), a civilização ocidental começou a mostrar sinais definitivos de desenvolvimento e expansão. A urbanização ia lentamente ganhando fôlego e o crescimento populacional nas cidades ajudava a estimular a recuperação econômica e o renascimento de uma

economia baseada no dinheiro. Entre essas comunidades que protagonizaram um ressurgimento do comércio de longa distância estavam os mercadores marítimos da Itália, que vinham de cidades como Amalfi, Pisa, Gênova e Veneza. Outros grupos demonstravam marcante propensão pela conquista militar. Os normandos do norte da França (descendentes de colonos vikings) eram especialmente vigorosos na metade do século XI: colonizaram a Inglaterra anglo-saxã e tomaram o sul da Itália e a Sicília dos bizantinos e dos árabes do norte da África. Enquanto isso, na Ibéria, alguns domínios cristãos começaram a expandir suas fronteiras no sul, reconquistando território dos muçulmanos da Espanha.

Enquanto os europeus ocidentais começaram a olhar pra além de seus horizontes medievais iniciais, as forças do comércio e da conquista os puseram em contato mais próximo com o mundo de forma mais ampla e com as grandes civilizações do Mediterrâneo: o antigo Império Romano Bizantino do leste e o mundo árabe-islâmico em expansão. Esses “superpoderes” longamente estabelecidos eram centros históricos de potência material, cultural e militar. Como tal, tendia a considerar o Ocidente como pouco mais do que um fim de mundo bárbaro – o deprimente lar de bárbaros, de selvagens que, mesmo sendo guerreiros ferozes, não passavam de uma rale essencialmente incontrolável que, portanto, não representava ameaça real. A chegada dos cruzados ajudaria a reverter essa dinâmica, ainda que confirmasse muitos desses preconceitos.³

Cristianismo latino

O domínio da Roma Antiga sem dúvida teve um efeito profundo sobre todos os aspectos da história ocidental, mas o legado mais importante e mais duradouro do império foi a cristianização da Europa. A decisão de Constantino, o Grande, de abraçar o cristianismo – então uma pequena seita oriental – após ter uma “visão” em 312 catapultou sua fé para o palco mundial. Em menos de um século o cristianismo havia substituído o paganismo como religião oficial do império, e por meio do serviço da influência romana a “mensagem de Cristo” se espalhou pela Europa. Mesmo com o esmorecimento do estado político que impulsionou a fé cristã, ela ganhou força. Os novos líderes “bárbaros” europeus se converteram e logo começaram a alegar que tinham direito divino de comandar suas tribos como reis. O poderoso unificador Carlos Magno se dizia um comandante “sacro”, ou sagrado – detentor do direito e da responsabilidade de defender e promover a fé. No século XI, o cristianismo latino (assim chamado por ser a língua de sua escritura e seu ritual) havia penetrado quase todos os cantos do Ocidente.c

Uma figura central nesse processo foi o papa em Roma. A tradição cristã sustentava a existência de cinco grandes padres – ou patriarcas – da Igreja espalhados pelo mundo mediterrâneo: Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria. Mas o bispo de Roma – que veio a se chamar papa – quis alegar preeminência sobre todos esses. Ao longo da Idade Média, o papado lutou para não só fazer valer seus “direitos” ecumênicos (mundiais) como também para exercer autoridade significativa sobre a hierarquia eclesiástica do Império Romano do Ocidente. O declínio dos impérios Romano e Carolíngio rompeu arranjos de poder dentro da Igreja, assim como fizera dentro da esfera secular. Por toda a Europa, os bispos desfrutaram de séculos de autonomia e independência do controle papal, com a maioria dos prelados devendo lealdade a governantes políticos locais e a reis “sacros” do Ocidente. No começo do século XI, os papas se esforçavam para simplesmente fazer sentir sua vontade na Itália central, e nas décadas seguintes chegariam até mesmo a se verem exilados da própria Roma.

Não obstante, seria um papa romano a dar início às cruzadas ao incitar milhares

de latinos a pegar em armas e lutar em nome do cristianismo. Esse feito memorável em si e por si mesmo serviu aumentar e reforçar o poder papal, mas a pregação dessas guerras santas não deveria ser considerada como um ato puramente cínico em interesse próprio. O papel do papado como progenitor das cruzadas de fato ajudou a consolidar a autoridade eclesiástica romana em regiões como a França e, para pelo menos começar, forças de cruzados pareciam obedecer aos comandos papais, funcionando quase como um exército papal. Mesmo assim, impulsos mais altruístas provavelmente também estavam em ação. Muitos papas medievais pareciam honestamente acreditar que tinham um dever maior, o de proteger o cristianismo. Eles também esperavam, na morte, responder a Deus pelo destino de todas as almas seus cuidados. Ao construir um ideal de guerra santa cristã – em que atos de violência santificada acabariam por ajudar a limpar a alma do guerreiro de pecados –, o papado estava abrindo um novo caminho de salvação para seu “rebanho” latino.

Na verdade, os cruzados eram apenas uma expressão de um impulso muito mais amplo de rejuvenescer a cristandade ocidental defendido por Roma a partir de meados do século XI no assim chamado “movimento reformador”. No que dizia respeito ao papado, qualquer falha dentro da Igreja era apenas sintoma de um mal maior: a influência corruptora do mundo secular, longamente previsto pelas ligações entre o clero e os governantes. E a única maneira de quebrar o monopólio de imperadores e reis sobre a Igreja seria o papa finalmente concretizar seu direito a exercer a suprema autoridade por Deus concedida. O defensor mais extremo e ruidoso desses pontos de vista era o papa Gregório VII (1073-85). Ele acreditava ardentemente ter sido enviado à Terra para transformar a cristandade por meio do controle absoluto das questões eclesiásticas latinas. Para realizar sua ambição, estava disposto a aceitar quase qualquer modo disponível – mesmo o potencial uso de violência praticada por servos papais que ele chamava de “soldados de Cristo”. Apesar de Gregório ter ido longe demais, rápido demais e terminado seu pontificado em ignominioso exílio no sul da Itália, seus passos ousados fizeram muito no sentido de avançar com as causas gêmeas que eram a reforma e o empoderamento papal, estabelecendo uma plataforma da qual um de seus sucessores (e antigo conselheiro), o papa Urbano II (1088-99), pôde instigar a Primeira Cruzada.⁴

A convocação de Urbano para a guerra santa encontrou público interessado em toda a Europa, em boa parte devido à atmosfera religiosa dominante no mundo latino. O cristianismo era uma fé aceita em todo o Ocidente (em contraste com a sociedade europeia moderna secularizada), e o século XI foi uma era

profundamente espiritual. No cenário de então, a doutrina cristã afetava praticamente todas as facetas da vida humana – do nascimento à morte, do sono à alimentação, casamento e morte –, e os sinais da onipotência de Deus eram evidentes para todos, manifestos por meio de atos de curas “milagrosas”, revelações divinas e presságios celestiais. Conceitos como amor, caridade, obrigação e tradição ajudaram, todos, a dar forma às atitudes medievais em se tratando de devoção, mas talvez a influência condicionadora mais importante tenha sido o medo; o mesmo que levou Fulco Nerra a acreditar que sua alma corria perigo. A Igreja Latina do século XI ensinava que cada ser humano enfrentaria um momento de julgamento – ou a “pesagem das almas”, como se dizia. A pureza levaria à recompensa sempiterna da salvação celestial, mas o pecado resultaria em danação e em uma eternidade de tormento infernal. Para quem tinha fé naquela época, a realidade visceral de perigos envolvida era enfatizada por imagens violentas em pinturas e esculturas de inspiração religiosa retratando as punições a serem sofridas por quem fosse considerado impuro: pecadores deploráveis sendo estrangulados por demônios; os malditos sendo conduzidos como gado para as fogueiras do submundo por demônios assombrosos.

Sob essas circunstâncias, não era de surpreender que a maioria dos cristãos romanos medievais fosse obcecada por pecado, contaminação e a vida pós-morte. Uma expressão extrema do desejo premente de buscar uma vida perfeitamente cristã e invicta seria o monasticismo – em que monges e freiras faziam votos de pobreza, castidade e obediência, e viviam ordenados em comunidades, dedicando-se a Deus. No século XI, uma das formas mais populares de vida monástica era a adotada pelo monastério borgonhês de Cluny, no leste da França. O movimento cluniacense cresceu a ponto de ter duas mil casas subordinadas entre Inglaterra e Itália, além de exercer vasta influência, sobretudo em ajudar a desenvolver e promover os ideais do movimento reformador. Seu poder chegou ao ápice nos anos 1090, quando Urbano II, ele mesmo um ex-monge cluniacense, tornou-se papa.

É claro que as demandas do monaquismo estavam além do alcance da maioria dos cristãos medievais. E para os homens e mulheres comuns, o caminho para Deus estava repleto de perigos de transgressão, pois muitos aspectos aparentemente inevitáveis da existência humana – como orgulho, fome, luxúria e violência – eram considerados pecaminosos. Mas alguns “remédios” salvíficos interligados estavam disponíveis (apesar de suas estruturas teóricas e teológicas ainda precisarem ser inteiramente refinadas). Os latinos eram encorajados a

confessar seus pecados a um sacerdote que, por sua vez, lhes determinaria uma penitência adequada, cuja consecução supostamente cancelaria os efeitos do pecado. O mais comum desses atos de contrição era a oração, além de dar esmolas aos pobres ou doações a casas religiosas. Fazer viagens devocionais purgativas (ou romarias) também era uma opção popular. Esses gestos meritórios também poderiam ser feitos fora do contexto formal de penitência, fosse como uma espécie de pagamento antecipado espiritual, ou para rogar ajuda a Deus ou a um de seus santos.

Fulco Nerra estava operando dentro dessa estrutura de crença estabelecida quando procurou a salvação no começo do século XI. Um dos remédios que ele buscou foi a fundação de um novo monastério dentro de seu condado de Anjou, em Beaulieu. De acordo com o testemunho do próprio Fulco, ele fez isso “para que os monges pudessem se juntar e rezar dia e noite pela redenção da (minha) alma”. Essa ideia de aproveitar uma energia espiritual produzida em monastérios por meio de patrocínio secular ainda funcionava em 1091, quando o nobre do sul da França Gastão IV de Béarn decidiu doar algumas propriedades para a casa cluniacense de Sainte Foy, em Morlaàs, na Gasconha. Gastão era um apoiador confesso da reforma papal, fizera campanha contra os mouros da Ibéria em 1087 e acabaria sendo um cruzado. O documento legal com registro do seu presente a Morlaàs dizia que ele estava agindo em benefício de sua própria alma, da de sua esposa e dos seus filhos, e na esperança de que “Deus possa nos ajudar neste mundo em todas as nossas necessidades, e no futuro nos conceder a vida eterna”. Na verdade, na época de Gastão a maioria dos nobres da cristandade ocidental tinha boas relações com os monastérios, o que teve efeito marcante sobre a velocidade com que o entusiasmo diante das cruzadas se espalhou pela Europa depois de 1095. Em parte isso se deu porque, ao se comprometerem com a guerra sagrada, os cavaleiros faziam um voto semelhante ao feito pelos monges – uma semelhança que parecia confirmar a eficácia de lutar por Deus. Mais importante ainda era o fato de que o papado, com suas ligações com casas religiosas como Cluny, contava com os monastérios do Império Romano do Ocidente para ajudar a espalhar e apoiar seu chamado às cruzadas.

O segundo caminho para a salvação abraçado por Fulco Nerra foi a romaria, e, considerando-se suas múltiplas viagens a Jerusalém, é evidente que ele achava esta forma de penitência devocional particularmente interessante – ele viria a escrever que a força limpadora de suas experiências o deixou “animado [e] exultante”. Peregrinos latinos costumavam viajar para locais menos distantes – inclusive grandes centros como Roma e Santiago de Compostela (no noroeste da

Espanha), e mesmo a templos e igrejas locais – mas a Cidade Sagrada estava rapidamente emergindo como o destino mais reverenciado. A santidade sem precedentes de Jerusalém também refletia a prática medieval comum de colocá-la como o centro dos mapas do mundo. Tudo isso teve efeito direto na reação exultante à pregação cruzada, pois a guerra santa foi apresentada como uma forma de romaria armada, cujo objetivo final era Jerusalém.⁵

Guerra e violência na Europa latina

Ao lançar as cruzadas, o papado procurava recrutar membros de um grupo social acima de todos os outros: os cavaleiros da Europa latina. A classe militar ainda estava em estágio inicial de desenvolvimento no século XI. A característica fundamental da cavalaria medieval era a capacidade de lutar como guerreiros montados.^d Cavaleiros eram quase sempre acompanhados por, pelo menos, quatro ou cinco seguidores que podiam atuar como serviçais – cuidar da montaria, das armas e do bem-estar de seu mestre – mas também capazes de lutar como soldados rasos. Quando começaram as cruzadas, esses homens não eram membros de exércitos de prontidão. A maioria dos cavaleiros eram guerreiros, mas também lordes ou vassallos, donos de terras e fazendeiros, todos esperando ceder para a guerra nada mais do que uns meses, e mesmo assim não lutavam em grupos estabelecidos e bem treinados.

As formas padrão de guerra na Europa do século XI, com as quais quase todos os cavaleiros estavam familiarizados, envolviam uma mistura de ataques de curta distância, embates – que costumavam ser bastante ásperos, caracterizados por caóticos combates corpo a corpo – e cercos de muitos dos castelos de madeira ou pedra que havia por todo o Ocidente. Poucos soldados latinos tinham experiência em batalhas campais de grande escala, pois esse tipo de conflito era incrivelmente imprevisível e, portanto, evitado de forma geral. Praticamente ninguém teria lutado em uma campanha prolongada do tipo envolvendo as cruzadas. Assim, as guerras santas no Oriente exigiriam dos guerreiros da cristandade latina adaptação e aprimoramento de suas habilidades marciais.⁶

Antes da pregação da Primeira Cruzada, a maioria dos cavaleiros latinos ainda considerava atos de derramamento de sangue como inerentemente pecaminosos, mas já estavam acostumados com a ideia de que, aos olhos de Deus, certas formas de guerra eram mais justificáveis do que outras. Também havia certo senso de que o papado poderia ser capaz até mesmo de punir a violência.

Inicialmente, o cristianismo mostra-se como uma fé pacífica. O Novo Testamento registra muitas ocasiões em que Jesus parecia rejeitar ou proibir a violência: desde seu aviso de que quem vivia de modo violento morreria de

modo violento, até o Sermão da Montanha, que exortava a responder a uma agressão oferecendo a outra face. O Velho Testamento apenas se manifesta claramente quanto a essa questão em um dos Dez Mandamentos, que diz “não matarás”. Ao longo do primeiro milênio da Era Cristã, entretanto, teólogos que ponderavam sobre a união entre sua fé e o império militar de Roma começaram a questionar se a escritura realmente oferecia uma condenação decisiva da guerra. O Velho Testamento certamente parecia inconclusivo, pois, em se tratando da história da luta desesperada dos hebreus por sobrevivência, descrevia uma série de guerras santas sancionadas por Deus. Isso sugeria que, à luz das circunstâncias, até mesmo guerras por vingança ou agressão poderiam ser permitidas, e no Novo Testamento Jesus dissera ter vindo trazer não a paz, mas a espada, e que ele usara um chicote de cordas para expulsar os vendilhões do templo.

O mais influente pensador do início do cristianismo a confrontar essas questões foi o bispo norte-africano Santo Agostinho de Hipona (354-430). Seu trabalho foi a pedra fundamental sobre a qual o papado acabou construindo a concepção de cruzada. Santo Agostinho argumentava que uma guerra poderia ser legal e justificável se a luta se desse sob estritas condições. Suas complexas teorias viriam a ser simplificadas para produzir apenas três pré-requisitos para uma Guerra Justa: proclamação por uma “autoridade legítima”, como um rei ou um bispo; uma “causa justa”, como a defesa contra ataque inimigo ou a recuperação de território perdido; e perseguição com “intenção correta”, ou seja, da forma menos violenta possível. Esses três princípios agostinianos sublinhavam o ideal das cruzadas, mas estavam longe de defender a santificação da guerra.

No decorrer do começo da Idade Média, o trabalho de Agostinho foi julgado para demonstrar que certas formas inevitáveis de conflito militar seriam “justificáveis” e, portanto, aceitáveis aos olhos de Deus. Mas lutar nessas condições também era pecado. Em contrapartida, uma guerra santa cristã, como uma cruzada, era tida como uma guerra ativamente apoiada por Deus, capaz de trazer benefício espiritual para seus participantes. O abismo que separava essas duas formas de violência só foi superado após séculos de experimentação teológica esporádica e progressiva. Esse processo foi acelerado pelo entusiasmo marcial dos soberanos “bárbaros” pós-romanos da Europa. Sua cristianização injetou nova aceitação germânica da guerra e da vida de guerreiro na fé latina. Sob os carolíngios, por exemplo, os bispos começaram a patrocinar e até mesmo a dirigir campanhas brutais de conquista e conversão contra os pagãos do leste da Europa. E na virada do milênio havia ficado relativamente comum para o

clero cristão abençoar armas e armaduras, bem como celebrar as vidas de vários “santos guerreiros”.

Durante a primeira metade do século XI, o cristianismo latino começou a se inclinar em direção à aceitação da guerra santa. Nos primeiros estágios do movimento reformista, o papado começou a perceber a necessidade de um braço armado para reforçar seu plano e manifestar sua vontade. Isso levou uma sucessão de papas a patrocinar a guerra, chamando os apoiadores cristãos a defender a Igreja em troca de formas vagas de recompensa espiritual. A doutrina e a aplicação da violência sagrada só avançaram sob a mão de ferro do papa Gregório VII. Determinado a recrutar um exército papal obediente a Roma, ele se pôs a reinterpretar a tradição cristã. Teólogos passaram séculos caracterizando a batalha interna, espiritual, travada pelos devotos cristãos contra o pecado, como a “guerra de Cristo”, e monges eram às vezes retratados como “soldados de Cristo”. O papa distorceu essa ideia para adequá-la a seu propósito, proclamar que toda sociedade laica tinha uma obrigação acima de todas: defender a Igreja Latina como “soldados de Cristo” a ponto de ir à guerra de fato.

Logo no começo de seu pontificado, Gregório VII já fazia planos para uma grande empreitada militar que podia ser considerada como o primeiro protótipo real de cruzada. Em 1074, ele tentou começar uma guerra santa no leste do Mediterrâneo em socorro aos cristãos ortodoxos gregos de Bizâncio, que, segundo ele alegava, estavam sendo “chacinados diariamente feito gado” pelos muçulmanos da Ásia Menor. Aos latinos que lutavam nessa campanha foi prometida uma “recompensa celestial”. Seu pomposo projeto fracassou: o número de recrutamentos foi muito restrito, talvez porque Gregório ousou anunciar sua intenção de liderar a campanha pessoalmente. A formulação do papa, de 1074, da conexão entre o serviço militar para Deus e a recompensa espiritual resultante ainda careciam de especificações. Mas no começo da década de 1080, ainda em pleno conflito com o imperador alemão, o papa deu um passo crítico rumo a deixar claras suas ideias. Ele escreveu que seus apoiadores deviam lutar contra o imperador e encarar “o perigo da batalha iminente para a remissão de todos os seus pecados”. Isso parecia indicar que a participação nessa luta santa tinha o mesmo poder de purificar a alma que outras formas de penitência, pois, assim como em uma romaria, haveria perigo e dificuldade. Até então, essa explicação mais lógica para a qualidade redentora da violência santificada não pegou, mas abriu um importante precedente para os papas seguintes. Na verdade, o próprio caráter inovador da abordagem radical de Gregório à militarização da cristandade latina gerou condenação entre alguns

contemporâneos, e ele foi acusado em círculos eclesiásticos de se envolver com práticas “novas e jamais ouvidas ao longo dos séculos”. Sua visão era tão extrema que, quando seu sucessor, o papa Urbano II, ofereceu um ideal mais metódico e cuidadosamente construído, soou quase conservador em comparação ao seu antecessor, despertando assim menos críticas.⁷

Gregório VII havia levado a teologia latina à beira da guerra santa, alegando que o papa tinha o claro direito de convocar exércitos para lutar por Deus e pela Igreja Latina. Ele também se dedicou muito a embasar o conceito de violência santificada dentro de um âmbito penitencial – uma ideia que seria parte da essência das cruzadas. Não obstante, Gregório não podia ser considerado o principal arquiteto das cruzadas porque ele falhou claramente em construir uma concepção convincente e persuasiva da guerra santa que estavam em sintonia com os cristãos da Europa. Esse trabalho seria de Urbano II.

O MUNDO ISLÂMICO

A partir do fim do século XI, as cruzadas colocaram os francos europeus do Ocidente contra os muçulmanos do leste do Mediterrâneo. Isso não se deu porque essas guerras santas foram travadas, primeiramente e acima de tudo, para erradicar o Islã, ou mesmo para converter os muçulmanos à fé cristã. Na verdade, foi consequência do domínio do Islã sobre a Terra Santa e a sagrada cidade de Jerusalém.

A história inicial do Islã

De acordo com a tradição muçulmana, o Islã nasceu em 610 da Era Cristã, quando Maomé – um árabe de Meca (localizada na Arábia Saudita moderna), analfabeto, de quarenta anos – começou a vivenciar uma série de “revelações” de Alá (Deus) transmitida pelo Arcanjo Gabriel. Essas “revelações”, consideradas palavras sagradas e imutáveis de Deus, foram posteriormente escritas, formando assim o Alcorão. Durante sua vida, Maomé se dedicou a converter os pagãos politeístas árabes de Meca e da região ao redor de Hijaz (na costa oeste da Península Arábica) para a fé monoteísta do Islã. A tarefa se mostrou nada fácil. Em 622, o Profeta foi forçado a fugir para a cidade próxima de Medina, uma jornada que servia como ponto de partida para o calendário muçulmano, e ele então travou uma guerra religiosa sangrenta e prolongada contra Meca, finalmente conquistando a cidade pouco antes de sua morte em 632.

A religião fundada por Maomé – Islã, que significa submissão à vontade de Deus – tinha raízes em comum com o judaísmo e o cristianismo. Durante sua vida, o Profeta entrou em contato com adeptos dessas duas fés na Arábia e no leste do Império Romano, e suas “revelações” foram apresentadas como o refinamento perfeito dessas religiões anteriores. Por esta razão, Maomé aceitou como profetas nomes como Moisés, Abraão e Jesus, e um sura (ou capítulo) inteiro do Alcorão é dedicado à Virgem Maria.

Durante a vida do próprio Maomé, e nos anos novos imediatamente após sua morte, as tribos em guerra da Península Árabe se uniram sob a bandeira do Islã. Por algumas das décadas seguintes, sob o comando de uma série de califas hábeis e ambiciosos (os sucessores do Profeta), esses árabes muçulmanos se mostraram uma força quase imbatível. Seu incrível dinamismo marcial associava-se a um apetite por conquista aparentemente insaciável – uma fome sustentada pela exigência explícita do Alcorão de que a fé muçulmana e o cumprimento da lei islâmica deveriam ser espalhados incessantemente por todo o mundo. A abordagem árabe-islâmica para a subjugação de novos territórios também abria caminho para o crescimento exponencial. Em vez de exigir submissão total e conversão imediata ao islamismo, os muçulmanos permitiam

que os “Povos do Livro”, como os judeus e os cristãos, seguissem professando sua fé em troca do pagamento de um imposto comunitário.

Em meados dos anos 630, exércitos ferozes de alta mobilidade compostos de árabes tribais a cavalo começaram a invadir a Península Arábica. Por volta de 650 já haviam alcançado um sucesso assustador. Com velocidade volátil, Palestina, Síria, Iraque, Irã e Egito foram absorvidos pelo novo Estado árabe-islâmico. Ao longo do século seguinte, o andamento da expansão diminuiu o ritmo estonteante, mas os ganhos inexoráveis continuaram – tanto que no século VIII o mundo muçulmano se expandiu do rio Indus e das fronteiras a leste da China para todo o norte da África, alcançando o Ocidente pela Espanha e pelo sul da França.

No contexto da história das cruzadas, a captura de Jerusalém em 638 pelos cristãos gregos de Bizâncio foi um ponto crítico do processo. Essa cidade ancestral veio a ser reverenciada como o terceiro local mais sagrado para o Islã, depois de Meca e Medina. Em parte isso se deve à herança abraâmica do Islã, mas também dependia da crença de que Maomé havia ascendido ao céu para Jerusalém durante sua “Jornada Noturna”, e a tradição associada que identifica a Cidade Sagrada como foco do iminente Fim dos Tempos.

Houve época em que era popular sugerir que o mundo islâmico teria tomado conta de toda a Europa se os muçulmanos não tivessem sido frustrados em suas tentativas de tomar Constantinopla (em 673 e 718) e derrotados em 732, em Poitiers, pelo avô franco de Carlos Magno, Carlos Martel. Na verdade, por mais importantes que tenham sido esses reveses, uma fraqueza essencial e profundamente limitadora do Islã já havia mostrado sua face: facções religiosas intratáveis e amarguradas que levavam a uma divisão política. Em seu âmago, essas questões se ligavam a disputas sobre a legitimidade dos sucessores de Maomé do califado e sobre a interpretação de suas “revelações”.

Os problemas já eram aparentes em 661, quando a linha estabelecida de “Califas Corretamente Orientados” terminou com a morte de Ali (primo e genro do Profeta) e a ascensão de um clã árabe rival – a dinastia omíada. Além de mudar a capital do mundo muçulmano para além dos confins da Arábia pela primeira vez, estabelecendo-a na grande metrópole síria de Damasco, os omíadas dominaram o Islã até meados do século VIII. De todo modo, esse mesmo período testemunhou o surgimento da Shi’a (literalmente o “partido” ou “facção”), uma seita de muçulmanos que alegavam que apenas os descendentes

de Ali e de sua esposa Fátima (filha de Maomé) poderiam, por lei, assumir o título de califa. Os muçulmanos xiitas (shi'itas) inicialmente focavam em contestar a autoridade política da forma dominante do Islã, a sunita, mas com o tempo o cisma entre esses dois ramos da fé islâmica tomou um rumo doutrinário à medida que os xiitas desenvolviam abordagens distintas para a teologia e para os rituais e leis religiosas.⁸

A fragmentação do mundo muçulmano

Ao longo dos quatro séculos seguintes, as divisões entre o mundo muçulmano se aprofundaram e proliferaram. Em 750, um golpe sangrento acabou com o domínio omíada, o que impulsionou ao poder outra dinastia árabe: os abássidas. Os abássidas afastaram ainda mais o centro do Islã sunita de sua origem árabe, fundando uma espetacular nova capital no Iraque – a cidade de Bagdá, construída para este fim. Essa medida visionária teve consequências profundas e de longo alcance, espalhando na elite dominante sunita uma ampla reorientação política, cultural e econômica, que levou a um afastamento do Oriente próximo do Levante até a Mesopotâmia – o berço da antiga civilização entre os imponentes rios Eufrates e Tigre, às vezes chamado de Crescente Fértil – e um avanço mais ao leste, incluindo o Irã Persa e além. O patrocínio dos Abássidas também transformou Bagdá em um dos centros mundiais de aprendizado científico e filosófico. Pelos quinhentos anos seguintes, o coração do Islã sunita estaria não na Síria e nem na Terra Santa, mas no Iraque e no Irã.

Todavia, a ascensão abássida coincidiu com o gradual desmembramento e fragmentação do estado islâmico monolítico. Os comandantes muçulmanos da Ibéria (também chamados de mouros) se separaram para estabelecer um reino independente no século VIII; e, ao longo de décadas, a rixa entre os sunitas e os xiitas foi gradualmente se intensificando. Comunidades de muçulmanos xiitas continuavam habitando pacificamente, em sua maioria, junto aos sunitas ao longo do Oriente Próximo e Médio. Mas, em 969, uma facção particularmente assertiva dos xiitas tomou o controle do Norte da África. Defendidos por uma dinastia conhecida como fatímida (por se dizerem descendentes de Fátima, filha de Maomé), elegeram seu próprio califa xiita rival, rejeitando a autoridade sunita de Bagdá. Os fatímidas logo se mostraram adversários potentes – tomaram dos abássidas grandes áreas do Oriente Próximo, inclusive Jerusalém, Damasco e partes do sul da costa mediterrânea. No fim do século XI, os abássidas e os fatímidas eram inimigos declarados. Assim, na época das cruzadas, o Islã estava dilacerado por um cisma elementar – que impedia os comandantes muçulmanos do Egito e do Iraque de oferecer qualquer forma de coordenação ou resistência conjunta à invasão cristã.

Ao passo que a inimizade entre os sunitas e os xiitas se solidificava, encolheu o nível de influência exercido pelos califas abássidas e fatímidas. Eles continuavam sendo figuras simbólicas – em tese, mantinham controle absoluto sobre questões religiosas e políticas –, mas o poder executivo prático estava na mão de seus comandantes seculares: em Bagdá, o sultão; no Cairo, o vizir.

Uma mudança dramática mais adiante transformou o Islã no século XI – a chegada dos turcos. Por volta de 1040, começaram a aparecer no Oriente Médio esses homens tribais nômades da Ásia Central – conhecidos por seu caráter bélico e por seus guerreiros montados e ágeis no arco e flecha. Um clã específico, os seljúcidas (ou seljuques), das estepes da Rússia, depois do Mar de Aral, liderou a migração turca. Após adotar a religião muçulmana sunita, esses destemidos seljúcidas declararam sua inabalável fidelidade ao califa abássida e rapidamente suplantaram a já sedentária aristocracia árabe e persa do Irã e do Iraque. Em 1055, o senhor da guerra seljuque Tughurul Beg foi apontado como sultão de Bagdá, podendo assim requerer efetiva soberania do Islã sunita; papel esse que membros de sua dinastia tomariam como direito hereditário por mais de um século. O advento dos turcos seljúcidas deu unidade e uma segunda vida ao mundo abássida. Sua energia inesgotável e ferocidade marcial logo geraram ganhos arrebatadores. Ao sul, os fatímidas foram forçados a recuar e Damasco e Jerusalém foram reconquistadas; vitórias notáveis foram alcançadas contra os bizantinos na Ásia Menor; e um grupo seljuque dissidente acabou fundando seu próprio sultanato independente na região da Anatólia.

No começo da década de 1090, os seljúcidas haviam reformulado o mundo muçulmano sunita. Malik Shah, o hábil e ambicioso neto de Tughrul Beg, ocupava o posto de sultão e desfrutava, com o irmão Tutush, do comando relativamente seguro da Mesopotâmia e da maior parte do Levante. Esse novo Império Turco – às vezes chamado de Grande Sultanato Seljúcida de Bagdá – foi forjado através de implacável nepotismo e da apresentação dos xiitas como inimigos perigosos e hereges contra quem os sunitas precisavam se unir. Mas quando Malik Shah morreu em 1092, seu poderoso império rapidamente entrou em colapso em meio a crises de sucessão e o caos da guerra civil. Seus dois jovens filhos lutaram pelo cargo de sultão, contestando o controle do Iraque e do Irã; enquanto, na Síria, Tutush procurava tomar o poder para si. Quando ele morreu em 1095, seus filhos Ridwan e Duqaq também lutaram pela herança, e tomaram Alepo e Damasco, respectivamente. Ao mesmo tempo, as condições no Egito xiita estavam um pouco melhores. Lá também houve mudanças súbitas causadas pelas mortes abruptas do califa fatímida e seu vizir em 1094 e 1095,

culminando com a ascensão de um novo vizir de origem armênia, al-Afdal. Assim, no mesmo ano em que começaram as cruzadas, o Islã sunita estava em um estado de turbulenta confusão e um novo comandante do Egito fatímida estava apenas começando a se firmar. Não há evidência que sugira que os cristãos do Ocidente sabiam dessas múltiplas dificuldades, de modo que não podiam ser consideradas um gatilho definitivo para que se desse a guerra santa. Mesmo assim, o timing da Primeira Cruzada foi notavelmente propício.⁹

O Oriente Próximo no fim do século XI

A desunião endêmica que afligiu o Islã no fim do século XI exerceria uma influência profunda ao longo das cruzadas. O mesmo quanto à peculiar composição cultural, étnica e política do Oriente Próximo. Na verdade, essa região – campo de batalha na guerra pela Terra Santa – não pode ser considerada um mundo muçulmano. A abordagem relativamente tolerante à subjugação adotada durante as primeiras conquistas árabe-islâmicas significava que, mesmo séculos depois, o Levante ainda continha uma proporção alta de cristãos nativos – de gregos e armênios a sírios e coptas –, bem como bolsões de população judaica. Comunidades de beduínos nômades também continuavam a percorrer largamente o Oriente de muçulmanos migrantes que falavam árabe, que tinham poucos aliados fixos. Esse padrão de colonização, longamente estabelecido, foi sobreposto por uma elite dominante muçulmana, numericamente inferior, feita de árabes, alguns persas e os recém-chegados turcos. O Oriente Próximo, portanto, era pouco mais do que um mosaico partido de disparate social e grupos devocionais, e não um reduto islâmico puro-sangue.

No que diz respeito aos principais poderes dentro do mundo muçulmano, o Levante também era algo como uma ressaca – não obstante o significado político e espiritual agregado a cidades como Jerusalém e Damasco. Para os sunitas seljúcidas e os fatímidas xiitas, os reais centros de autoridade governamental, a riqueza econômica e a identidade cultural eram Egito e Mesopotâmia. O Oriente Próximo era essencialmente uma zona de fronteira entre essas duas esferas dominantes, um mundo às vezes a ser contestado, mas quase sempre a ser tratado como preocupação secundária. Mesmo durante o reinado de Malik Shah, nenhum esforço plenamente determinado foi feito para subjugar e integrar a Síria no sultanato, além de boa parte da região ter sido deixada nas mãos de senhores da guerra semi-independentes ávidos por poder.

Portanto, quando os exércitos cruzados latinos chegaram ao Oriente Próximo essencialmente para lutar nas fronteiras, eles não estavam de fato invadindo o coração do Islã. Pelo contrário, estavam lutando pelo controle de uma terra que, em alguns aspectos, também era uma fronteira muçulmana, povoada por uma mistura de cristãos, judeus e muçulmanos que, ao longo dos séculos, se tornaram

aculturados com a experiência de serem conquistados por forças externas, fossem os bizantinos e persas ou os árabes e turcos.

Jihad e guerra islâmica

No final do século XI, o estilo e a prática da guerra islâmica estavam em um estado de fluxo. O esteio tradicional de qualquer força de combate turca era o guerreiro de armadura leve, montando um cavalo pequeno e ligeiro, armado com um poderoso arco composto que permitia que ele atirasse saraivadas de flechas sem descer do cavalo. Ele também poderia estar equipado com uma lança leve, uma espada de um só gume, machado ou punhal. Essas tropas se baseavam na velocidade dos movimentos e na rápida capacidade de manobra para vencer seus oponentes.

Os turcos empregavam, classicamente, duas táticas básicas: o cerco – no qual o inimigo é cercado por todos os lados por uma massa rápida e revolta de guerreiros montados, e bombardeado por uma saraivada de flechas; e falso recuo – a técnica de fugir da batalha para que o inimigo se entregue a uma caçada febril cuja indisciplina leva ao rompimento da formação, deixando-o vulnerável a um contra-ataque súbito. Esse estilo de combate ainda era apreciado pelos seljúcidas da Ásia Menor, mas os turcos da Síria e da Palestina haviam começado a adotar uma ampla gama de práticas militares persas e árabes, acostumando-se ao uso de lanceiros montados e mais fortemente armados e de infantarias maiores, e às necessidades de um ataque bélico. As formas mais comuns de guerra no Oriente Próximo eram, de longe, invasão, confronto e pequenas batalhas letais por poder, terra e riquezas.¹⁰ Em tese, contudo, as tropas muçulmanas podiam ser chamadas para lutar por uma causa supostamente maior – a de uma guerra santa.

Desde seus primórdios, o Islã adotou o belicismo. O próprio Maomé executou uma série de campanhas militares enquanto subjugava Meca, e a explosiva expansão do mundo muçulmano durante os séculos VII e VIII foi estimulada por uma obrigação devocional expressa de espalhar a lei islâmica. A união de fé e violência dentro da religião muçulmana, portanto, foi mais rápida e natural do que a que se desenvolveu gradualmente no cristianismo latino.

Em uma tentativa de definir o papel da guerra no Islã, estudiosos muçulmanos apelaram ao Alcorão e aos hadith, as “tradições” ou ditos associados a Maomé.

Esses textos ofereciam numerosos exemplos de quando o Profeta defendeu “lutar no caminho de Deus”. No começo do período islâmico havia uma discussão sobre o que era realmente essa “luta” ou jihad (literalmente “lutar, se esforçar ou se empenhar”), e o debate continua até hoje. Alguns, como os místicos muçulmanos conhecidos como sufis, alegam que a jihad mais importante, ou “jihad maior”, era a batalha interna contra o pecado e o erro. Mas no fim do século VIII, os muçulmanos sunitas já haviam começado a desenvolver uma teoria formal em defesa do que às vezes poderia ser chamado de “jihad menor”: “pegar em armas” para travar uma guerra física contra os infiéis. Para justificar isso, citavam provas canônicas, como os versos da nona sura do Alcorão, inclusive “Combata os politeístas totalmente como eles lhes combatem totalmente”, e um hadith como a seguinte declaração de Maomé: “Uma campanha militar matinal ou vespertina no caminho de Deus é melhor do que o mundo e o que ele contém, e prosseguir na linha de batalha é melhor do que rezar por sessenta anos”.

Tratados legais desse período inicial declaravam que a jihad era uma obrigação da qual ficavam incumbidos todos os muçulmanos fisicamente capazes, apesar de a obrigação ser considerada mais comunitária do que individual, e a responsabilidade pela liderança cabia, em última instância, ao califa. Fazendo referência a hadiths como “Os portões do paraíso estão sob a sombra das espadas”, esses tratados também afirmavam que quem estivesse lutando a jihad também teriam acesso ao paraíso celestial. Juristas postularam uma divisão formal em duas esferas – o Dar as-Islam, ou “Casa da Paz” (a área dentro da qual as leis e regras muçulmanas prevaleciam); e o Dar al-harb, ou “Casa da Guerra” (o resto do mundo). O propósito expresso da jihad era empreender uma guerra santa incessante no Dar al-harb até a humanidade inteira aceitar o Islã, ou se submeter ao controle islâmico. Não eram permitidos tratados de paz com inimigos não muçulmanos, e qualquer trégua temporária não podia demorar mais do que dez anos.

Com o passar dos séculos, o ímpeto expansionista contido nessa teoria clássica da jihad foi gradualmente desgastado. Árabes tribais começaram a se acomodar em estilos de vida mais sedentários e a fazer negócio com não muçulmanos, como os bizantinos. As guerras santas contra grupos como os cristãos continuavam, mas foram se tornando cada vez mais esporádicas e costumavam ser promovidas e empreendidas por emires muçulmanas, sem endosso do califa. No século XI, os comandantes da Bagdá sunita estavam bem mais interessados em usar a jihad para promover a ortodoxia islâmica lutando contra os xiitas

“hereges” do que em guerras santas contra a cristandade. A sugestão de que o Islã deveria se engajar em uma luta sem fim para alargar suas fronteiras e subjugar os não muçulmanos não tinha muito apoio, e o mesmo quanto à ideia de unificação da fé islâmica e de seus territórios. Quando as cruzadas cristãs começaram, o impulso ideológico da guerra devocional jazia então dormente dentro do corpo do Islã, mas o contexto essencial continuava em seu lugar.¹¹

O Islã e a Europa cristã pré-cruzadas

Uma pergunta pesada e vexatória permanece: o mundo muçulmano provocou as cruzadas ou as guerras santas latinas foram atos de agressão? Esse questionamento fundamental requer uma avaliação de até onde o Ocidente cristão representava uma ameaça ao Islã no século XI. Em certo sentido, os muçulmanos estavam pressionando as fronteiras da Europa. A leste, a Ásia Menor servira por gerações como campo de batalha entre o Islã e o Império Bizantino; e exércitos muçulmanos fizeram repetidas tentativas de conquistar a maior metrópole da cristandade: Constantinopla. A sudoeste, os muçulmanos continuavam a comandar vastas áreas da Península Ibérica e podiam um dia seguir para o norte outra vez, para além dos Pirineus. Contudo, na realidade, a Europa não estava nem um pouco engajada em uma batalha urgente por sobrevivência nas vésperas das cruzadas. Não havia a ameaça de um ataque pan-mediterrâneo coerente, pois, apesar dos mouros na Ibéria e os turcos na Ásia Menor compartilharem uma herança religiosa em comum, eles jamais se uniram com esse propósito.

Na verdade, após o primeiro pico contundente de expansão islâmica, a interação entre os regimes cristão e muçulmano foi relativamente banal; caracterizada – bem como a interação entre quaisquer rivais em potencial – por períodos de conflito e períodos de coexistência. Há pouca ou nenhuma evidência sugerindo que essas duas religiões tenham sido de alguma forma presas em algum inevitável e perpétuo “choque de civilizações”. Do século X em diante, por exemplo, os islâmicos e os bizantinos desenvolveram um respeito mútuo tenso, às vezes litigioso, mas sua relação não era mais repleta de conflito do que a relação entre os gregos e seus vizinhos eslavos ou latinos a oeste.

Com isso não se está sugerindo que o mundo foi tomado por utópica paz e harmonia. Os bizantinos estavam felizes demais para explorar qualquer sinal de fraqueza dos muçulmanos. Assim, em 969, enquanto o mundo abássida se fragmentava, tropas gregas avançavam ao leste, retomando boa parte da Ásia Menor e recuperando a cidade estrategicamente significativa de Antioquia. E com o advento dos turcos seljúcidas, Bizâncio enfrentou renovada pressão militar. Em 1071, os seljúcidas destruíram um exército imperial na Batalha de

Manzikert (no sudeste da Ásia Menor), e apesar de historiadores não considerarem mais o episódio como um revés inteiramente cataclísmico para os gregos, mesmo assim foi um doloroso baque que pressagiou vitórias notáveis dos turcos em Anatólia. Quinze anos depois, os seljúcidas também recuperaram a Antioquia.

Enquanto isso, na Espanha e em Portugal, os cristãos haviam começado a reconquistar território dos mouros, e em 1085 os latinos ibéricos alcançaram uma vitória profundamente simbólica ao ganhar o controle de Toledo, a antiga capital cristã da Espanha. Não obstante, a essa altura a gradual expansão latina rumo ao sul parece ter sido motivada por estímulos políticos e econômicos, e não por ideologia religiosa. O conflito na Ibéria realmente ficou mais inflamado após 1086, quando uma seita islâmica fanática conhecida como almorávida invadiu a Espanha a partir do norte da África, tomando o poder dos mouros nativos sobreviventes na península. Esse novo regime revigorou a resistência muçulmana, marcando uma série de vitórias militares notáveis contra os cristãos do norte. Mas a agressão dos almorávidas não pode realmente ter acendido a gana pelas cruzadas, pois as guerras santas latinas iniciadas no fim do século XI eram voltadas contra a região do Levante, não contra a Ibéria.

Então o que acendeu a faísca da guerra entre cristãos e muçulmanos na Terra Santa? Em determinado sentido, as cruzadas foram uma reação a um ato de agressão islâmica – a conquista pelos muçulmanos da sagrada Jerusalém. Porém, isso ocorreu em 638 e, portanto, não poderia ser considerada uma ofensa recente. No começo do século XI, a Igreja do Santo Sepulcro, que supostamente incluía o local da crucificação e ressurreição de Cristo, fora parcialmente demolida pelo volátil governante fatímida Hakim (ou Aléqueme), que entrou para a história como o “califa louco”. Sua subsequente perseguição à população cristã local durou mais de uma década, terminando apenas quando ele se declarou um deus vivo e se voltou contra os próprios súditos muçulmanos. As tensões também estavam aparentemente altas em 1027, quando os muçulmanos teriam atirado pedras no complexo do Santo Sepulcro. Também nessa época os cristãos romanos que tentavam fazer romarias devocionais ao Levante (e ainda havia muitos deles) relataram dificuldades em visitar os Lugares Santos, e espalharam histórias de repressão na região ao leste na Palestina Islâmica.

Dois relatos árabes oferecem importantes (mas divergentes) reflexões sobre essas questões. Ibn al-‘Arabi, um peregrino muçulmano espanhol que partira rumo à Terra Santa em 1092, descreveu Jerusalém como um centro pujante de

devoção religiosa para muçulmanos, cristãos e judeus igualmente. Ele percebeu que os cristãos tinham permissão para manter suas igrejas em bom estado de conservação, e não deu a entender que peregrinos – fossem gregos ou latinos – estariam sofrendo abusos ou interferências. Já o cronista alepino al-‘Azimi, de meados do século XII, escreveu isso: “As pessoas dos portos da Síria aconselham os peregrinos francos e bizantinos a não irem para Jerusalém. Os sobreviventes espalharam essas notícias em seu país. E assim se prepararam para uma invasão militar”. Era nítido que al-‘Azimi pelo menos acreditava que os ataques muçulmanos desencadearam as cruzadas.¹²

De fato, tomando por base todas as provas sobreviventes, os dois pontos de vista podem ser defendidos. Em 1095 já fazia séculos que muçulmanos e cristãos guerreavam uns contra os outros; não importa quão longe no passado, o Islã sem dúvida tomou territórios cristãos, inclusive Jerusalém; e cristãos moradores ou visitantes da Terra Santa devem ter sido perseguidos. Por outro lado, o contexto imediato no qual as cruzadas aconteceram não dava dicas óbvias de que uma guerra religiosa gigantesca e transnacional era iminente ou mesmo inevitável. O Islã não estava prestes a iniciar uma grande ofensiva contra o Ocidente. Tampouco os líderes muçulmanos do Oriente Próximo estavam envolvidos em atos semelhantes a limpezas étnicas, e nem sujeitando minorias religiosas a uma opressão total e contínua. Talvez tenha havido um pouco de amizade de vez em quando entre vizinhos cristãos e muçulmanos, e talvez houvesse rompantes de intolerância no Levante, mas havia, de verdade, pouca diferença entre isso e as demais batalhas endêmicas políticas, militares e sociais comuns à época.

aMesmo na era moderna, muitas histórias escritas sobre os cruzados por acadêmicos “ocidentais” foram tingidas (consciente ou inconscientemente) por algum nível de preconceito, pois muitos apresentam a época de um ponto de vista cristão. Essa parcialidade inata pode se manifestar de modo relativamente sutil – como na decisão de descrever o resultado de uma batalha como vitória ou derrota, triunfo ou desastre. No presente relato, que é dividido em cinco partes, procurei deliberadamente evitar essa tendência ao passar do ponto de vista do típico europeu cristão para o do muçulmano do Oriente Médio em cada grande parte. O cerne do livro cobre a Terceira Cruzada, alternando-se entre seus dois grandes protagonistas, Saladino e Ricardo Coração de Leão.

bA França se revelou um dos principais polos de entusiasmo e recrutamento pelas cruzadas desde 1095, quando começaram as guerras pela Terra Santa.

Mesmo assim, nem todos os cruzados eram franceses, mas contemporâneos que escreveram sobre essa era – especialmente aqueles que, como os muçulmanos, que observavam a Europa Ocidental de fora – tendiam a rotular todos os participantes cristãos de “francos” (em árabe, Ifranj). Portanto, tornou-se prática comum chamar de francos os cruzados e os europeus ocidentais que colonizaram o Oriente Próximo.

cOs adeptos desse ramo latino do cristianismo – que hoje é mais conhecido como Igreja Católica Romana – são mais precisamente definidos em um ambiente medieval como os “latinos”.

dPelos padrões modernos, os cavalos de guerra do século XI eram relativamente pequenos – de fato, eram cerca de trinta centímetros mais baixos, o que atualmente faria esses animais serem classificados, em sua maioria, quase como pôneis. Mesmo assim, eram extorsivamente caros e igualmente dispendiosos na manutenção (necessitando de comida, ferraduras e os cuidados de um dedicado escudeiro). A maioria dos cavaleiros também precisava de pelo menos uma montaria extra mais leve para viajar. Mas, por menores que fossem, esses cavalos ainda davam aos guerreiros enormes vantagens durante o combate corpo a corpo em termos de altura, alcance, velocidade e mobilidade. Enquanto equipamento, técnicas de luta e treinamento eram aprimorados, os cavaleiros montados em selas com estribos (portanto, mais estáveis) também desenvolveram a habilidade de carregar lanças e espadas pesadas debaixo do braço, além de aprender a cooperar em ataques em massa. A pura força bruta desse tipo de ataque podia derrotar um inimigo despreparado.

NOTAS

1Durante e mesmo após a Idade Média, cruzadas foram lutadas em outros palcos de conflito, mas no auge de sua popularidade e significado – entre 1095 e 1291 – as campanhas cristãs objetivavam basicamente o Oriente Próximo. Como consequência, este livro se concentra nos eventos na Terra Santa. Uma interpretação mais ampla da extensão geográfica da Terra Santa foi adotada. Por uma definição, esta região poderia equivaler aproximadamente às fronteiras à moderna Israel, inclusive as áreas sob a autoridade palestina. Mas na era medieval, os cristãos europeus ocidentais amiúde tinham uma vaga noção definida de “Terra Santa”, por vezes incluindo outros sítios significativos em termos de devoção – tais como a cidade Antioquia (hoje no sudeste da Turquia) – em seus confins. Na época das cruzadas, contemporâneos muçulmanos também tendiam a ser referir especificamente à al-Quds (a “Cidade Santa” e, de maneira mais genérica, a uma área conhecida como Bilad al-Sham (a Costa). As guerras pela Terra Santa examinadas neste livro, portanto, relatam conflitos que ultrapassam os modernos limites de Israel, Jordânia, Líbano e Síria, bem como partes da Turquia e Egito. Em tempos recentes, tornou-se comum se referir, num sentido muito abrangente, a esta região como o Oriente Médio, mas isto é, na verdade, este termo é um tanto inexato. Estritamente falando, os territórios costeiros são o Oriente Próximo, com o Oriente Médio para além do rio Eufrates. Esta obra também faz uso do termo “o Levante” para descrever as terras mediterrâneas orientais – uma palavra derivada do francês *lever* (levantar-se), e relacionada com o aparecimento diário do sol no leste. Para informações sobre os recentes avanços dos estudos cruzados, ver: G. Constable, ‘The Historiography of the Crusades’, *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*, ed. A. E. Laiou and R. P. Mottahedeh (Washington, DC, 2001), pp. 1-22; M. Balard, *Croisades et Orient Latin, XIe-XIVe siècle* (Paris, 2001); R. Ellenblum, *Crusader Castles and Modern Histories* (Cambridge, 2007); C. Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* (Edinburgh, 1999); N. Housley, *Contesting the Crusades* (Oxford, 2006); N. Housley, *Fighting for the Cross* (New Haven e Londres, 2008); A. Jotischky, *Crusading and the Crusader States* (Harlow, 2004); H. E. Mayer, *The Crusades*, trans. J. Gillingham, 2ª ed. (Oxford, 1988); T. F. Madden, *The New Concise History of the Crusades* (Lanham, 2006); N. Jaspert, *The Crusades* (Nova York e Londres, 2006); J. Richard, *The Crusades, c. 1071-c. 1291*, trans. J. Birrell

(Cambridge, 1999); J. S. C. Riley-Smith (ed.), *The Oxford Illustrated History of the Crusades* (Oxford, 1995); J. S. C. Riley-Smith, *The Crusades: A History*, 2nd edn (Londres e Nova York, 2005); C. J. Tyerman, *God's War: A New History of the Crusades* (Londres, 2006).

2B. S. Bachrach, 'The pilgrimages of Fulco Nerra, count of the Angevins, 987-1040', *Religion, Culture and Society in the Early Middle Ages*, ed. T. F. X. Noble and J. J. Contreni (Kalamazoo, 1987), pp. 205-17.

3Raoul Glaber, *Opera*, ed. J. France, N. Bulst, P. Reynolds (Oxford, 1989), p. 192. Sobre o Período Antigo Tardio, a conversão da Europa e os inícios do cristianismo, ver: R. Fletcher, *The Conversion of Europe* (Nova York, 1998); P. Brown, *The Rise of Western Christendom* (Oxford, 1996); B. Hamilton, *The Christian World of the Middle Ages* (Stroud, 2003). Sobre os francos, ver: E. James, *The Franks* (Oxford, 1988). Sobre o uso do termo "francos" no contexto cruzado, ver: J. S. C. Riley-Smith, *The First Crusaders, 1095-1131* (Cambridge, 1997), pp. 64-5. Sobre a era carolíngia e os primórdios do mundo medieval, ver: R. McKitterick, *The Frankish Kingdoms under the Carolingians 751-987* (Londres, 1983); R. McKitterick, *The Early Middle Ages: Europe 400-1000* (2001); C. Wickham, *Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800* (Oxford, 2005).

4Os papas argumentavam que, como o principal apóstolo de Cristo, são Pedro tinha sido o primeiro prelado de Roma, seus sucessores deveriam ser reconhecidos não só como chefe da Igreja Latina no Ocidente, mas também como o supremo poder espiritual em todo o mundo cristão. Não é de surpreender que esta visão não tenha sido bem aceita pelo patriarca greco-ortodoxo em Constantinopla, e uma disputa sobre o princípio e a autoridade mais ampla causou uma quebra declarada, ou "cisma" entre esses dois ramos do cristianismo "europeu" em 1054. Sobre o papado medieval, o papa Gregório VII e o movimento de reforma papal, ver: W. Ullmann, *A Short History of the Papacy in the Middle Ages* (Londres, 1974); C. Morris, *The Papal Monarchy: The Western Church from 1050 to 1250* (Oxford, 1989); H. E. J. Cowdrey, *Pope Gregory VII,*

1073-1085 (Oxford, 1998); U.-R. Blumenthal, *The Investiture Controversy: Church and Monarchy from the Ninth to the Twelfth Century* (Philadelphia, 1988).

5Raoul Glaber, *Opera*, p. 60; M. G. Bull, *Knightly Piety and the Lay Response to the First Crusade: The Limousin and Gascony, c. 970-c. 1130* (Oxford, 1993), p. 158. Sobre a religião, monasticismo e peregrinação, ver M.G. Bull. 'Origins', *The Oxford Illustrated History of the Crusades*, ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 13-33; B. Hamilton, *Religion in the Medieval West* (Londres, 1986); C. H. Lawrence, *Medieval Monasticism: Forms of Religious Life in Western Europe in the Middle Ages*, 3rd edn (Londres, 2001); J. Sumption, *Pilgrimage: An Image of Mediaeval Religion* (Londres, 1975); B. Ward, *Miracles and the Medieval Mind*, 2nd edn (Londres, 1987); D. Webb, *Medieval European Pilgrimage, c. 700-c.1500* (Londres, 2002); C. Morris, *The Sepulchre of Christ and the Medieval West: From the Beginning to 1600* (Oxford, 2005).

6Os pesados custos da manutenção de um cavaleiro, ou miles (pl. milites) – particularmente os relacionados com equipamento e treinamento – tornavam difícil que homens menos abastados operassem nas milites, embora o grupo não fosse domínio exclusivo da nobreza. Praticamente todos os homens da aristocracia leiga deviam assumir os deveres de um cavaleiro, e os nobres mais ricos usavam o serviço de diversos milites como vassallos, sob contrato para proteger e cultivar uma parcela de terra em troca do serviço militar. Esta convenção tornou possível que indivíduos mais pobres adquirissem o status de miles, adquirindo as ferramentas do ofício por meio do emprego. Sobre a cavalaria medieval e as guerras europeias, ver: J. France, *Western Warfare in the Age of the Crusades* (Londres, 1999).

7I. S. Robinson, 'Gregory VII and the Soldiers of Christ', *History*, vol. 8 (1973), pp. 169-92; F. H. Russell, *The Just War in the Middle Ages* (Cambridge, 1975); T. Asbridge, *The First Crusade: A New History* (Londres, 2004), pp. 21-31.

8Com o tempo, o Islã sunita desenvolveu quatro “escolas” distintas de direito, ou madhabs: a Hanafi, a Shafi’i, a Hanbali e a Maliki. Durante o período das cruzadas, essas várias “escolas” ganharam popularidade e o apoio de diferentes grupos em diferentes regiões. A cidade síria de Damasco era um centro Hanbali, por exemplo, enquanto a dinastia turca dos zênquidas tendia a apoiar a Hanafi, e os aiúbidas curdos, a Shafi’i.

9Sobre a história do Islã medieval, o surgimento dos seljúcidas e o Oriente Próximo às vésperas da Primeira Cruzada, ver: H. Kennedy, *The Prophet and the Age of the Caliphates: The Islamic Near East from the Sixth to the Eleventh Century* (Londres, 1986); J. Berkey, *The Formation of Islam: Religion and Society in the Near East, 600-800* (Cambridge, 2003); C. Cahen, ‘The Turkish invasion: The Selchükids’, *A History of the Crusades*, ed. K. M. Setton, vol. 1, 2nd ed. (Madison, 1969), pp. 135-76; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*, pp. 33-50; C. Cahen, *Introduction à l’histoire du monde musulman médiéval*, *Initiation à l’Islam*, vol. 1 (Paris, 1982); C. Cahen, *Orient et Occident aux temps des croisades* (Paris, 1983); P. M. Holt, *The Age of the Crusades: The Near East from the Eleventh Century to 1517* (Londres, 1986), pp. 1-22; T. el-Azhari, *The Saljuqs of Syria during the Crusades 463-549 A.H./1070-1154 A.D.* (Berlim, 1997); S. Zakkar, *The Emirate of Alepo 1004-1094* (Beirute, 1971); J.-M. Mouton, *Damas et as principauté sous les Saljoukides et les Bourides 468-549/1076-1154* (Cairo, 1994); M. Yared-Riachi, *La politique extérieure de la principauté de Damas, 468-549 A.H./1076-1154 A.D.* (Damascus, 1997); A. F. Sayyid, *Les Fatimides en Égypte* (Cairo, 1992).

10 A unidade básica de construção dos exércitos muçulmanos era a ‘askar – a comitiva militar pessoal de um senhor ou emir. Essas forças eram dominadas pelos altamente treinados e profissionais “soldados-escravos” (que passaram a ser chamados de mamelucos), inicialmente recrutados entre os povos turcos da Ásia central e das estepes da Rússia, porém mais tarde suplementados por armênios, georgianos, gregos e até eslavos europeus orientais. No mundo seljúcida, grandes exércitos eram comumente recrutados pelo uso do sistema ‘iqta – pelo qual em emir tinha o direito à renda de uma parcela da terra em troca

da obrigação de abastecer seu 'askar para guerras e campanhas. Esta prática foi posteriormente adotada no Egito. Sobre as guerras islâmicas medievais ver: H. Kennedy, *The Armies of the Caliph* (Londres, 2001); Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 431-587.

11 Sobre a jihad islâmica na Idade Média, ver: E. Sivan, *L'Islam et la Croisade* (Paris, 1968); Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 89-103; B. Z. Kedar, 'Croisade et jihad vus par l'ennemi: une étude des perceptions mutuelles des motivations', *Autour de la Première Croisade* , ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 345-58; H. Dajani-Shakeel and R. A. Mossier (eds), *The Jihad and its Times* (Ann Arbor, 1991); R. Firestone, *Jihad. The Origins of Holy War in Islam* (Oxford, 2000); D. Cook, *Understanding Jihad* (Berkeley, 2005).

12 Al-Azimi, 'La chronique abrégée d'al-Azimi', ed. C. Cahen, *Journal Asiatique* , vol. 230 (1938), p. 369; J. Drory, 'Some observations during a visit to Palestine by Ibn al-'Arabi of Seville in 1092-1095', *Crusades* , vol. 3 (2004), pp. 101-24; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 48-50.

I.

**A CHEGADA DOS
CRUZADOS**

I. GUERRA SANTA,

TERRA SANTA

No final de uma manhã de novembro do ano 1095, o papa Urbano II fez um sermão que iria transformar a história da Europa. Suas palavras inflamadas hipnotizaram a multidão que se juntara em um pequeno campo nos arredores da cidade de Clermont, no sul da França, e nos meses seguintes sua mensagem reverberou pelo Ocidente, acendendo uma amargurada guerra santa que viria a durar séculos.

Urbano declarou que o cristianismo estava correndo perigo e sendo ameaçado de invasão e aterrorizante opressão. A Cidade Sagrada de Jerusalém estava agora nas mãos de muçulmanos – “um povo... alheio a Deus”, dado a torturas rituais e indizíveis profanações. Ele convocou a Europa latina para se levantar contra esse inimigo supostamente selvagem enquanto “soldados de Cristo”, reivindicando a Terra Santa e libertando os cristãos do leste da “servidão”. Atraídos pela promessa de que essa batalha virtuosa limparia o pecado de suas almas, dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças saíram do oeste em marcha para lutar contra o mundo muçulmano na Primeira Cruzada.¹

O PAPA URBANO E A IDEIA DAS CRUZADAS

Urbano II devia ter seus sessenta anos quando deu início à Primeira Cruzada em 1095. Filho de nobres do norte da França e ex-clérigo e monge cluniacense, tornou-se papa em 1088, em uma época em que o papado estava se recuperando de uma rancorosa e prolongada luta por poder com o imperador da Alemanha, e estava à beira de uma derrocada. A postura de Urbano era tão alarmante que ele levou seis anos para retomar o controle do Palácio de Latrão, em Roma, tradicional assento de autoridade papal. Ainda assim, por meio de cautelosa diplomacia e a adoção de políticas de reforma moderada em vez de confrontante, o novo papa supervisionou um gradual renascimento do prestígio e da influência de seu cargo. Esse vagaroso rejuvenescimento começara em 1095, mas o teórico direito papal de agir como chefe da Igreja Latina e soberano espiritual de todo cristão do Oeste Europeu ainda estava longe de ser concretizado.

A ideia da Primeira Cruzada nasceu contra esse cenário de recuperação parcial. Em março de 1095, Urbano estava presidindo um conselho eclesiástico no norte da Itália, na cidade de Piacenza, quando chegaram embaixadores de Bizâncio. Eles traziam um apelo do imperador grego Aleixo I Comneno, um governante cujo comando astuto e assertivo conteve décadas de declínio interno do grande império oriental. Programas de impostos exorbitantes reabasteceram o tesouro imperial em Constantinopla, restaurando a aura de autoridade e munificência de Bizâncio, mas Aleixo ainda enfrentava uma série de inimigos estrangeiros, incluindo os turcos muçulmanos da Ásia Menor. Ele então despachou uma petição de ajuda militar ao conselho em Piacenza, urgindo Urbano a enviar um destacamento de tropas latinas para ajudar a afugentar a ameaça representada pelo Islã. Aleixo provavelmente esperava pouco mais do que uma força simbólica de mercenários francos, um pequeno exército que pudesse ser rapidamente formado e dirigido. Na verdade, nos últimos dois anos de sua vida, seu império seria praticamente invadido por uma maré de seres humanos.

Pelo jeito, o pedido do imperador grego estava em sintonia com concepções que já estavam sendo fermentadas na mente de Urbano II, tanto que na primavera e no verão a seguir o papa refinou e desenvolveu essas ideias, visualizando uma empreitada que podia cumprir uma gama mais vasta de ambições: uma forma de

romaria armada para o leste, o que é agora chamado de “cruzada”. Historiadores eventualmente caracterizariam Urbano como o instigador involuntário desse memorável empreendimento, sugerindo que ele esperava que apenas uns cento e poucos cavaleiros atendessem seu chamado às armas. Mas na realidade ele parece ter tido uma percepção bem perspicaz do alcance e da amplitude potencial da empreitada, além de ter lançado as bases do recrutamento generalizado com alguma assiduidade.

Urbano reconheceu que uma expedição para ajudar Bizâncio era uma chance não só de defender a cristandade oriental e melhorar as relações com a Igreja grega, mas também de reafirmar e expandir a autoridade de Roma – além de controlar e redirecionar o belicismo destrutivo dos cristãos residentes no Império Romano do Oriente. Esse grande esquema seria lançado como parte de uma campanha maior para estender o alcance da influência papal para além dos confins da Itália central, adentrando o local de nascimento e moradia de Urbano, a França. A partir de julho de 1095, ele começou uma extensiva turnê de pregação no norte dos Alpes – a primeira de um papa em quase meio século –, e anunciava que um grande conselho da Igreja seria realizado em novembro em Clermont, na região de Auvergne, no centro da França. Durante o verão e o começo do outono, Urbano visitou uma série de mosteiros proeminentes, inclusive sua própria antiga casa em Cluny, cultivando apoio para Roma e preparando o terreno para a revelação de sua ideia de entrar em uma “cruzada”. Ele também preparou dois homens que viriam a desempenhar papéis fundamentais na expedição vindoura: Ademar, bispo de Le Puy, liderança eclesiástica provençal e ardente defensor do papado; e o conde Raimundo de Toulouse, o nobre mais rico e poderoso do sul da França.

Em novembro, o papa estava pronto para revelar seus planos. Doze arcebispos, oitenta bispos e noventa abades se reuniram em Clermont para a maior assembleia clerical do seu pontificado. E, após nove dias de debate eclesiástico geral, o papa anunciou sua intenção de fazer um sermão especial. Em 27 de novembro, centenas de espectadores lotaram um campo nos arredores da cidade para ouvi-lo falar.²

O sermão de Clermont

Em Clermont, Urbano convocou o Império Romano do Ocidente a pegar em armas para alcançar dois objetivos relacionados entre si. Primeiro, ele proclamou a necessidade de proteger as fronteiras da cristandade em Bizâncio, enfatizando o laço de fraternidade cristã compartilhado com os gregos e a suposta iminente ameaça de invasão muçulmana. De acordo com um relato, ele urgiu ao público que corresse “o quanto antes para ajudar seus irmãos que vivem no leste, pois os turcos [...] tomaram tudo dos cristãos até o Mar Mediterrâneo”. Mas o esforço épico do qual falava o papa Urbano não terminou com a provisão de ajuda militar a Constantinopla. Em um visionário golpe de mestre, ele na verdade expandiu seu apelo ao incluir um alvo adicional, que sem dúvida alvoroçaria os corações francos. Ao fundir os ideais de guerra e romaria, ele desvelava uma expedição que forjaria um caminho para a própria Terra Santa, e nela retomar a posse de Jerusalém, o lugar mais santo do cosmos cristão. Urbano evocou a santidade incomparável dessa cidade, esse “umbigo do mundo”, dizendo que a cidade era “a [fonte] de todo ensinamento cristão”, o lugar “onde Cristo viveu e sofreu”.³

Apesar da indubitável ressonância desses objetivos gêmeos, o papa, assim como qualquer comandante recrutando para a guerra, ainda precisava agregar à sua causa uma aura de legítima justificação e de energia inflamada, e foi onde ele encontrou um problema. A história recente não oferecia nenhum evento óbvio que servisse de foco e inspiração para gerar uma onda de entusiasmo por vingança. Sim, Jerusalém era comandada por muçulmanos, mas isso era fato desde o século VIII. E, se por um lado Bizâncio podia estar enfrentado uma ameaça mais profunda de agressão turca, a cristandade do Ocidente não estava prestes a ser invadida ou aniquilada pelas mãos do Islã do Oriente Próximo. Sem nenhuma atrocidade escandalosa ou ameaça imediata para usar, Urbano optou por cultivar um senso de urgência e incitar uma fome de guerra ao demonizar o inimigo da “cruzada” que propunha.

Os muçulmanos foram então retratados como selvagens subumanos decididos a abusar barbaramente dos cristãos. Urbano descreveu como os turcos “estavam massacrando e capturando muitos [gregos], destruindo igrejas e devastando o

reino de Deus”. Ele também garantiu que os peregrinos cristãos para a Terra Santa estavam sendo abusados e explorados pelos muçulmanos, com os ricos tendo suas fortunas dilapidadas por impostos ilegais e os pobres sendo submetidos a tortura:

A crueldade desses ímpios é tamanha que, pensando que os coitados haviam comido ouro ou prata, colocam escamônia em sua bebida e os forçam a vomitar ou evacuar, ou – e isso é inenarrável – abrem as barrigas de suas vítimas com um punhal e lhes rasgam os intestinos, revelando com essa horrível mutilação seja lá o que a natureza manteve em segredo.

Diziam que os cristãos vivendo sob a lei islâmica no Levante foram reduzidos a um estado de “escravidão” e sujeitos a tratamento na base “da espada, da extorsão e do fogo”. Vítimas de constante perseguição, esses infelizes sofriam circuncisão forçada, estripamento vagaroso ou imolação ritual. “Dentre as terríveis violações de mulheres”, refletiu o papa de acordo com relatos, “é mais terrível falar do que manter silêncio”. Urbano parecia ter feito uso extensivo desta forma de imagética explícita e incendiária, semelhante à que, nos moldes atuais, seria associada a crimes de guerra e genocídio. Suas acusações guardavam pouca ou nenhuma relação com a realidade do governo islâmico do Oriente Próximo, mas é impossível dizer se o papa acreditava na própria propaganda ou se entrou em uma campanha consciente de manipulação e distorção. Seja como for, sua explícita desumanização do mundo muçulmano serviu como catalisadora vital da causa da “cruzada”, habilitando-o assim a alegar que lutar contra um “estranho” era preferível à guerra entre cristãos dentro da Europa.⁴

A decisão do papa Urbano de condenar o Islã teria consequências sombrias e duradouras nos anos seguintes. Mas é importante reconhecer que, na realidade, a noção de conflito com o mundo muçulmano não estava no DNA das cruzadas. O que Urbano visualizava era uma romaria devocional sancionada por Roma, com foco direcionado, antes de tudo, à defesa e reconquista de território sagrado. De certa forma, sua escolha do Islã como inimigo foi quase acidental, e não há como sugerir que, antes de 1095, os latinos ou seus aliados gregos enxergassem realmente o mundo muçulmano como um inimigo jurado de morte.^a

A angustiante ideia de vingar os “abusos execráveis” cometidos pelos demonizados muçulmanos pode ter cativado o público de Urbano em Clermont, mas sua mensagem de “cruzada” continha outra sedução ainda mais poderosa, que atingia a própria natureza da existência medieval cristã. Fruto de uma visão de fé religiosa que enfatizava a ameaça imponente de pecado e danação, os latinos do Ocidente estavam enredados em um embate desesperado e perpétuo para purgar a mancha de corrupção de suas almas. Preparados para buscar a redenção, foram então cativados quando o papa declarou que essa expedição ao Oriente seria uma empreitada sagrada e que participar dela levaria ao “perdão de todos os seus pecados”. No passado, mesmo uma “guerra justa” (ou seja, violência que Deus aceitava como necessária) ainda era considerada inerentemente pecaminosa. Mas agora Urbano falava de um conflito que transcendia esses limites tradicionais. Sua causa tinha de ter uma qualidade santificada – ser uma guerra santa, não simplesmente tolerada pelo “Senhor”, mas ativamente promovida e endossada. De acordo com uma testemunha ocular, o papa chegou mesmo a afirmar que “Cristo ordenava” que os fiéis se alistassem.

A genialidade de Urbano consistia em construir a ideia de “cruzada” dentro do contexto da prática religiosa existente, garantindo assim que, ao menos em termos de século XI, a conexão que ele estabeleceu entre guerra e salvação fazia sentido, era racional. Em 1095, os cristãos romanos estavam acostumados à ideia de que punições por pecados seriam canceladas pela confissão e pela execução de penitências como a prece, o jejum ou a romaria. Em Clermont, Urbano fundiu a concepção de uma expedição salvífica com o conceito mais audacioso de lutar por Deus, convocando a todos, sem distinção de classe... cavaleiro ou soldado raso, ricos ou pobres eram chamados para se juntar ao que seria, em essência, uma romaria armada. Essa empreitada monumental, repleta de perigo e com a ameaça de sofrimento intenso, levou os participantes aos portões de Jerusalém, destino principal da romaria da cristandade. Como tal, ela prometia uma experiência imbuída de gigantesco potencial redentor; funcionando como uma “super” penitência, capaz de esquadrihar e expulsar do espírito qualquer transgressão.

Desde o estupro da Cidade Sagrada por um inimigo estrangeiro até a promessa de um novo caminho para redenção, o papa conjurou uma mistura persuasiva e emotiva de imagens e ideias em busca de apoio para seu chamado às armas. O efeito no público parece ter sido eletrizante, deixando “alguns de olhos marejados, [enquanto outros] tremiam”. Em um provável gesto pensado, Ademar, bispo de Le Puy, foi o primeiro a dar o primeiro passo para se

comprometer pela causa. No dia seguinte o bispo foi proclamado núncio papal (representante oficial de Urbano) para a expedição vindoura. Como seu líder espiritual, esperava-se que ele promovesse os interesses do papa, sobretudo a política de cessar-fogo com a Igreja Grega de Bizâncio. Ao mesmo tempo, mensageiros de Raimundo de Toulouse chegavam proclamando o apoio do conde à causa. O sermão de Urbano foi um sucesso retumbante, e nos sete meses seguintes ele o complementou com uma extensa turnê de pregação que viu sua mensagem atravessar a França.⁵

E mesmo assim, a despeito do fato de Clermont ter de ser considerada como palco da gênese da Primeira Cruzada, seria errado considerar Urbano II como único arquiteto do “ideal cruzado”. Historiadores já enfatizaram justamente essa dívida antes, não apenas em relação à pioneira exploração do papa Gregório VII da tese da guerra santa. Mas é igualmente importante reconhecer que o conceito da Primeira Cruzada – sua natureza, suas intenções e recompensas – passou por um desenvolvimento contínuo e amplamente orgânico ao longo da expedição. De fato, esse processo chegou a continuar após o evento, enquanto o mundo procurava interpretar e entender tão épico episódio. É fácil demais imaginar a Primeira Cruzada como um só exército bem organizado, conduzido a Jerusalém através da pregação apaixonada de Urbano. Na realidade, os meses e anos após novembro de 1095 foram cenário de desconjuntadas ondas de partidas. Mesmo o que comumente chamamos de “exércitos principais” da cruzada começaram a primeira fase de sua jornada não como força unitária, mas como uma forma de conglomeração tosca de contingentes menores, gradualmente sentindo o clima e o caminho para os objetivos compartilhados e sistemas de governança.

Um mês depois do primeiro sermão do papa, pregadores populares (e frequentemente não autorizados) haviam começado a proclamar o chamado para as cruzadas por toda a Europa. Em suas mãos demagogas, algumas das sutilezas cercando as recompensas espirituais associadas à expedição – que ficariam conhecidas como “a indulgência” das cruzadas – parecem ter erodido. Provavelmente Urbano pretendia que a remissão oferecida se aplicasse apenas à punição temporal para pecados confessos; o que era uma fórmula um tanto complexa, mas que cumpria os maneirismos da lei da Igreja. Eventos posteriores sugerem que muitos cruzados pensaram que lhes haviam dado garantias firmes de salvação celestial, e assim acreditavam que aqueles que morreram durante a campanha tornaram-se mártires sagrados. Essas concepções continuaram a formar o pensamento sobre a experiência das cruzadas ao longo dos séculos vindouros, estabelecendo um racha corrosivo entre concepções populares e

oficiais dessas guerras santas.

É de se observar que o papa Urbano II não inventou o termo “cruzada”. A expedição que ele lançou em Clermont era tamanha novidade, e de certa forma ainda tão embrionária em sua concepção, que não havia palavra para descrevê-la. Contemporâneos geralmente chamavam a “cruzada” simplesmente de *ter* (jornada) ou *peregrinatio* (peregrinação). A terminologia mais específica só foi desenvolvida depois do fim do século XII: a palavra *crucesignatus* (o signatário da cruz), para um “cruzado”, e a eventual adoção do termo francês *croisade*, que pode ser traduzido – grosso modo – como “o caminho da cruz”. Em nome da convenção e da clareza, historiadores adotaram o termo “cruzada” para as guerras santas cristãs lançadas a partir de 1095, mas devemos estar cientes de que isso empresta às primeiras “cruzadas” uma aura um tanto desnorteadora de coerência e conformidade.⁶

O chamado da cruz

Nos meses seguintes ao Conselho de Clermont, a mensagem das cruzadas se espalhou por todo o Oeste Europeu, evocando uma reação sem precedentes. Enquanto o papa Urbano divulgava sua mensagem por toda a França, bispos de todo o mundo latino que haviam comparecido ao sermão original transmitiram o chamado em suas próprias dioceses.

A causa também foi adotada por pregadores populares e demagogos, a maioria não autorizada e não regulada pela Igreja. O mais famoso e notável deles era Pedro, o Eremita. De origem pobre, provavelmente da região de Amiens (nordeste da França), ficou conhecido por seu estilo de vida austero e itinerante, sua aparência repulsiva e seus hábitos alimentares peculiares – um de seus contemporâneos escreveu que ele “vivía à base de vinho e peixe; e raramente, ou mesmo nunca, comia pão”. Pelos padrões modernos ele seria considerado um vagabundo, mas entre as classes mais pobres da França do século XI era reverenciado como um profeta. Tamanha era sua santidade que chegavam a coletar os pelos de sua mula, que eram considerados relíquias. Um contemporâneo grego escreveu: “como se ele tivesse feito ressoar uma voz divina nos corações de todos, Pedro, o Eremita, inspirou os francos de toda parte a juntar suas armas, cavalos e outros equipamentos militares”. Certamente foi um orador inspirado – com apenas seis meses em Clermont, conseguiu formar um exército de cerca de 15 mil homens, sendo a maioria uma ralé de pobretões. Historicamente esse grupo e outros tantos ficaram conhecidos como a “Cruzada Popular”. Incitados pelo fervor das cruzadas, seus vários elementos partiram para a Terra Santa na primavera de 1096, meses antes de qualquer outro exército, avançando de modo indisciplinado em direção a Constantinopla. Ao longo do caminho, alguns desses “cruzados” concluíram que também deviam combater os “inimigos de Cristo” perto de casa, e assim massacraram de modo terrível os judeus da Renânia. Eles foram aniquilados quase logo após atravessarem o território muçulmano. Mas Pedro, o Eremita, sobreviveu.⁷

Essa primeira onda das cruzadas pode ter terminado mal, mas no Oeste exércitos maiores estavam se formando. Encontros públicos, nos quais plateias enormes eram bombardeadas com retórica emotiva, alavancaram um fervoroso

recrutamento, e o entusiasmo pelas cruzadas também parece ter sido propagado mais informalmente entre grupos aparentados, redes de apoio papal e as conexões entre as comunidades monásticas e a nobreza. Historiadores continuam a discutir os números envolvidos, basicamente devido à falta de credibilidade das estimativas contemporâneas, fortemente exageradas (algumas das quais ultrapassam meio milhão de pessoas). Nossa melhor estimativa é de algo entre 60 mil e 100 mil cristãos romanos na Primeira Cruzada, dentre os quais uma média de sete mil a dez mil cavaleiros, talvez entre 35 mil e 50 mil em tropas de infantaria e as demais dezenas de milhares de não combatentes, mulheres e crianças. O certo é que a chamada à cruzada suscitou uma resposta extraordinária, cuja escalada deixou o mundo medieval boquiaberto. A última vez que forças dessa magnitude se uniram foi na época das remotas glórias do Império Romano.⁸

Os cavaleiros aristocráticos, elite marcial emergente da Idade Média, estavam no coração desses exércitos.^b O papa Urbano sabia muito bem da ansiedade desses guerreiros cristãos presos em uma profissão mundana imbuída de violência, mas que aprenderam com a Igreja que pecados de guerra levam à danação eterna. Um contemporâneo observou:

Deus estabeleceu as guerras santas em nosso tempo para que a ordem de cavaleiros e as muitas pessoas que os cercam [...] possam encontrar um novo modo de alcançar a salvação. E assim, aqueles que escolhem a vida monástica ou qualquer profissão religiosa não eram mais forçados a abandonar por completo as demandas seculares, como até então de costume, podendo alcançar algum nível de graça divina enquanto seguem com suas carreiras, com liberdade e trajados como de costume.

O papa havia estabelecido a ideia de uma romaria armada para, pelo menos em parte, abordar o dilema espiritual que ameaçava a aristocracia cavaleiresca. Além disso, ele também estava ciente de que, com a nobreza ao seu lado, comitivas de cavaleiros e infantaria também estariam, pois, apesar de a cruzada solicitar adesão voluntária, os grupos sociais aderiram a uma causa comum devido a uma intrincada teia de laços familiares e obrigações feudais. De fato, o papa desencadeou um efeito dominó no qual cada nobre que tomava a cruz

ficava no epicentro de uma onda de recrutamento em expansão.

Apesar de nenhum rei ter se juntado à expedição – a maioria já estava às voltas com suas próprias maquinações políticas –, o *crème de la crème* da cristandade latina tendia à empreitada. Membros da alta aristocracia da França, do oeste da Alemanha, dos Países Baixos, da Itália, da classe diretamente abaixo da realeza, que costumavam ter títulos de conde ou de duque e podiam, em alguns casos, até mesmo eclipsar o poder de reis. Certamente eles tinham um grau significativo de autoridade independente e, assim, enquanto grupo, podiam bem ser chamados de “príncipes”. Todas essas figuras de liderança comandavam seus próprios contingentes militares, mas também atraíram muitos bandos de seguidores mais livres e fluídos, baseados nos laços de nobreza e família, perpetuados pela ética comum ou por raízes linguísticas.

O conde Raimundo de Toulouse, o mais poderoso nobre secular do sudeste da França, foi o primeiro príncipe a se comprometer com a cruzada. Apoiador confesso da reforma papal e aliado de Ademar de Le Puy, já tinha sido convencido por Urbano II antes mesmo do sermão em Clermont. Em seus cinquenta e tantos anos, Raimundo era o mais velho estadista da expedição; orgulhoso e obstinado, ostentando fortuna, além de poder e influência de longo alcance, ele assumiu o comando dos exércitos da França provençal sulista. Uma lenda posterior sugeria que ele já havia feito campanha contra os mouros da Ibéria e até uma romaria a Jerusalém, durante a qual um de seus olhos fora arrancado da cabeça como castigo por se recusar a pagar um exorbitante imposto muçulmano para peregrinos latinos. De fato, diziam que o conde havia retornado ao Ocidente levando o próprio olho em um bolso como talismã de seu ódio pelo Islã. Por maior que tenha sido o apelo dessas histórias, Raimundo mesmo assim tinha experiência e, mais importante, os recursos para competir pelo comando geral secular da cruzada.⁹

O rival mais óbvio do conde para essa posição era um italiano normando do sul, de 44 anos, chamado Boemundo de Taranto. Filho de Roberto “Guiscard” (Roberto, o Astuto), um dos aventureiros normandos que conquistaram o sul da Itália durante o século XI, Boemundo recebeu uma educação militar impecável. Lutando ao lado do pai em uma campanha de quatro anos, nos Bálcãs, contra os gregos, ele aprendeu a realidade do comando no campo de batalha e de guerra de cerco. Na época da Primeira Cruzada ele tinha uma linhagem bélica sem par, levando um contemporâneo seu a descrevê-lo como “imbatível em destreza e conhecimento da arte da guerra”. Até seus inimigos bizantinos reconheciam que

ele tinha uma presença física magnética.

O surgimento de Boemundo foi, em suma, diferente do de qualquer outro homem que se via no mundo romano, fosse grego ou bárbaro. Sua presença transmitia admiração, e a menção de seu nome inspirava terror. Sua estatura era tamanha que ele quase olhava para baixo para fitar o mais alto dos homens. Ele era magro nos flancos e cintura, com peito e ombros largos, braços fortes. A pele do corpo inteiro era branca, exceto a face, que era branca e vermelha. Seu cabelo era castanho claro e não tão longo quanto o dos demais bárbaros (ou seja, não chegava a bater nos ombros). Seus olhos eram de tom azul-claro e davam indícios do espírito e da dignidade do homem. Havia certo charme nele, mas também uma qualidade dura e selvagem em seu aspecto completo, devido, supostamente, à sua altura e aos seus olhos; mesmo sua risada soava aos outros como uma ameaça.

Mas, apesar de sua estatura leonina, Boemundo não tinha boa saúde e foi deserdado pelo cobiçoso meio-irmão em 1085. Levado por uma ambição voraz, ele aceitou a cruz no verão de 1096 com pelo menos um olho no avanço pessoal, nutrindo sonhos de um novo levante nobre para chamar de seu. Boemundo foi acompanhado na cruzada pelo sobrinho, Tancredo de Hauteville. Com pouco mais de vinte anos e pouca experiência real em guerra, esse jovem principelho tinha, contudo, um dinamismo insaciável (dizem que sabia falar árabe), e logo assumiu a segunda posição no comando do exército relativamente pequeno, mas temível, de normandos do sudeste da Itália, que seguiu Boemundo rumo ao leste. Com o tempo, Tancredo se tornaria um dos maiores campeões da causa dos cruzados.¹⁰

Os líderes cruzados franceses do sul e normandos eram aliados da reforma papal, mas após 1095 até mesmo alguns dos mais amargos inimigos do papa se juntaram à expedição a Jerusalém. Um deles era Godofredo de Bouillon, da região de Lorena. Nascido por volta de 1060, segundo filho do conde de Boulogne, sua linhagem remetia a Carlos Magno (segundo uma lenda posterior, diziam até que ele teria nascido de um cisne), e diziam que ele era “mais alto do que os homens normais [...] dotado de força incomparável, com membros de constituição sólida e um peito robusto, de feições agradáveis, e barba e cabelo de

um louro mediano”. Godofredo detinha o título de duque da Baixa Lorena, mas se mostrou incapaz de avaliar sua real autoridade sobre essa região conhecida por sua volatilidade, e assim tomou a cruz como forma de recomeçar a vida na Terra Santa. Apesar de sua reputação por roubar propriedades da Igreja e de seu limitado passado militar, nos anos seguintes Godofredo demonstraria uma dedicação inabalável para o ideal das cruzadas e um pendor para comandar com clareza.

Godofredo liderava um conglomerado solto de tropas de Lorena, Lotaríngia e Alemanha e era acompanhado pelo irmão, Balduíno de Boulogne. Consta que Balduíno tinha cabelos escuros, mas pele mais clara do que Godofredo, além de olhar penetrante. Como Tancredo, ele emergiria de relativa obscuridade durante o curso da cruzada, demonstrando uma tenacidade de touro na batalha e um apetite quase insaciável por avanço.

Esses cinco príncipes – Raimundo de Toulouse, Boemundo de Taranto, Godofredo de Bouillon, Tancredo de Hauteville e Balduíno de Boulogne – desempenharam papéis fundamentais na expedição para retomar Jerusalém, liderando três das principais forças armadas francas e moldando a história inicial das cruzadas. Um quarto contingente final, feito de franceses do norte, também se juntou à campanha. Esse exército era dominado por um grupo de parentes muito unidos com três líderes nobres: o bem relacionado Roberto, duque da Normandia, filho mais velho de Guilherme, o Conquistador, e irmão de Guilherme, o Ruivo, reis da Inglaterra; Estêvão, cunhado de Roberto, conde de Blois; e seu primo e homônimo Roberto II, conde de Flandres.

Para esses soberanos, seus seguidores e talvez mesmo as classes mais pobres, o processo de ingressar na cruzada incluía uma cerimônia frequentemente dramática e sentimental. Cada indivíduo jurava viajar a Jerusalém de forma similar a uma romaria, e depois marcavam seu status costurando uma representação da cruz na roupa. Quando Boemundo de Taranto ouviu o chamado às armas, sua reação foi aparentemente imediata. “Inspirado pelo Espírito Santo, ordenou que seu manto mais valioso fosse cortado imediatamente e transformado em cruces, e a maioria dos cavaleiros que estavam lá começou a seguir seu exemplo de uma vez, pois estavam todos cheios de entusiasmo.” Alhures, alguns levaram esse ritual ao extremo, marcando a própria pele com o sinal da cruz ou escrevendo nos corpos e nas roupas com sangue.

O processo de identificação por meio de um símbolo visível deve ter servido

para separar e definir os cruzados como um grupo, e o voto de peregrino sem dúvida trazia aos cruzados uma série de proteções legais para suas propriedades e suas pessoas. A descrição contemporânea desses momentos de dedicação tende a enfatizar a motivação espiritual. Talvez duvidemos dessa evidência, considerando-se que ela é quase sempre oferecida por homens da igreja, a não ser pelo fato de ela ser sustentada por fartos documentos legais produzidos por ou a mando de homens colocando suas questões em ordem antes de partir para Jerusalém. O material serve para confirmar que muitos cruzados de fato viam suas ações em contexto devocional. Um cruzado, Bertrand de Montocontour, estava tão inspirado que decidiu doar terras que ele tomara ilegalmente de um monastério em Vendôme, pois acreditava que “o Caminho de Deus (a cruzada) de forma alguma o beneficiaria enquanto ele mantivesse consigo os produtos do roubo”.

As provas documentais também refletem uma atmosfera de medo e autossacrifício. Era visível que potenciais cruzados ficaram profundamente apreensivos quanto à longa e perigosa jornada que estavam abraçando, mas estavam ao mesmo tempo dispostos a vender praticamente todas as suas posses para custear sua participação. Até mesmo Roberto da Normandia foi forçado a hipotecar seu ducado ao irmão. É preciso descartar o então popular mito segundo o qual os cruzados eram jovens interesseiros, deserdados e ávidos por terra. Participar das cruzadas era uma atividade que podia trazer recompensas materiais e espirituais, mas em primeira instância era ao mesmo tempo intimidante e extremamente cara. A devoção inspirou as cruzadas na Europa, e nos longos anos seguintes os primeiros cruzados provaram repetidas vezes que sua arma mais poderosa era um senso de propósito compartilhado, além de determinação espiritual indestrutível.¹¹

BIZÂNCIO

De novembro de 1096 em diante, os principais exércitos da Primeira Cruzada começaram a chegar à grande cidade de Constantinopla (Istambul), antigo portal para o Oriente e capital do Império Bizantino. Pelos seis meses seguintes os vários contingentes da expedição passaram por Bizâncio a caminho da Ásia Menor e a fronteira com o Islã. Constantinopla era um cenário ideal para que se reunissem as diversas forças da cruzada, considerando-se que ela ficava na rota tradicional das romarias para a Terra Santa e que os francos haviam viajado para o leste com a expressa intenção de ajudar seus irmãos gregos.

A ambição de Aleixo

O imperador bizantino Aleixo I Comneno já havia testemunhado o colapso desordenado da Cruzada do Povo, e é comum o argumento de que ele encarava o advento da cruzada principal com igual desdém e suspeita. Sua filha e biógrafa Ana Comnena escreveu que Aleixo “temera [a chegada dos francos], pois conhecia bem sua incontrollável paixão, seu caráter errático e sua irresolução, para não falar de sua ambição”. Ela descrevia os cruzados alhures como “todos os bárbaros do Ocidente” e era particularmente contundente ao descrever Boemundo como “o típico patife”, “mentiroso por natureza”. Tomando por base essa retórica vituperativa, historiadores frequentemente retratam os primeiros encontros greco-latinos de 1096-7 como manchados por desconfiança arraigada e hostilidade intrínseca. Na verdade, o relato de Ana Comnena, escrito décadas depois do evento, hoje pode ser considerado muito comprometido. É certo que havia ciclos de desconfiança, mesmo de antipatia, pulsando sob a superfície das relações entre cruzados e bizantinos. Havia até ocasionais surtos de conflitos internos. Mas, pelo menos para começo de conversa, eles eram eclipsados por exemplos de cooperação construtiva.¹²

Para realmente entender a jornada dos primeiros cruzados por Bizâncio e além, os preconceitos de francos e gregos precisariam ser reconstruídos. Muitos imaginam que, em termos de riquezas, poder e cultura, a história da Europa sempre foi dominada pelo Ocidente. Mas no século XI o ponto focal de civilização ficava ao leste, em Bizâncio, herdeiro do poder e da glória greco-romana; continuador do império mais duradouro do mundo. Aleixo podia rastrear sua herança imperial e encontrar nomes como César, Augusto e Constantino, o Grande, e para os francos isso imbuía o imperador e seu reino de uma aura quase mística de majestade.

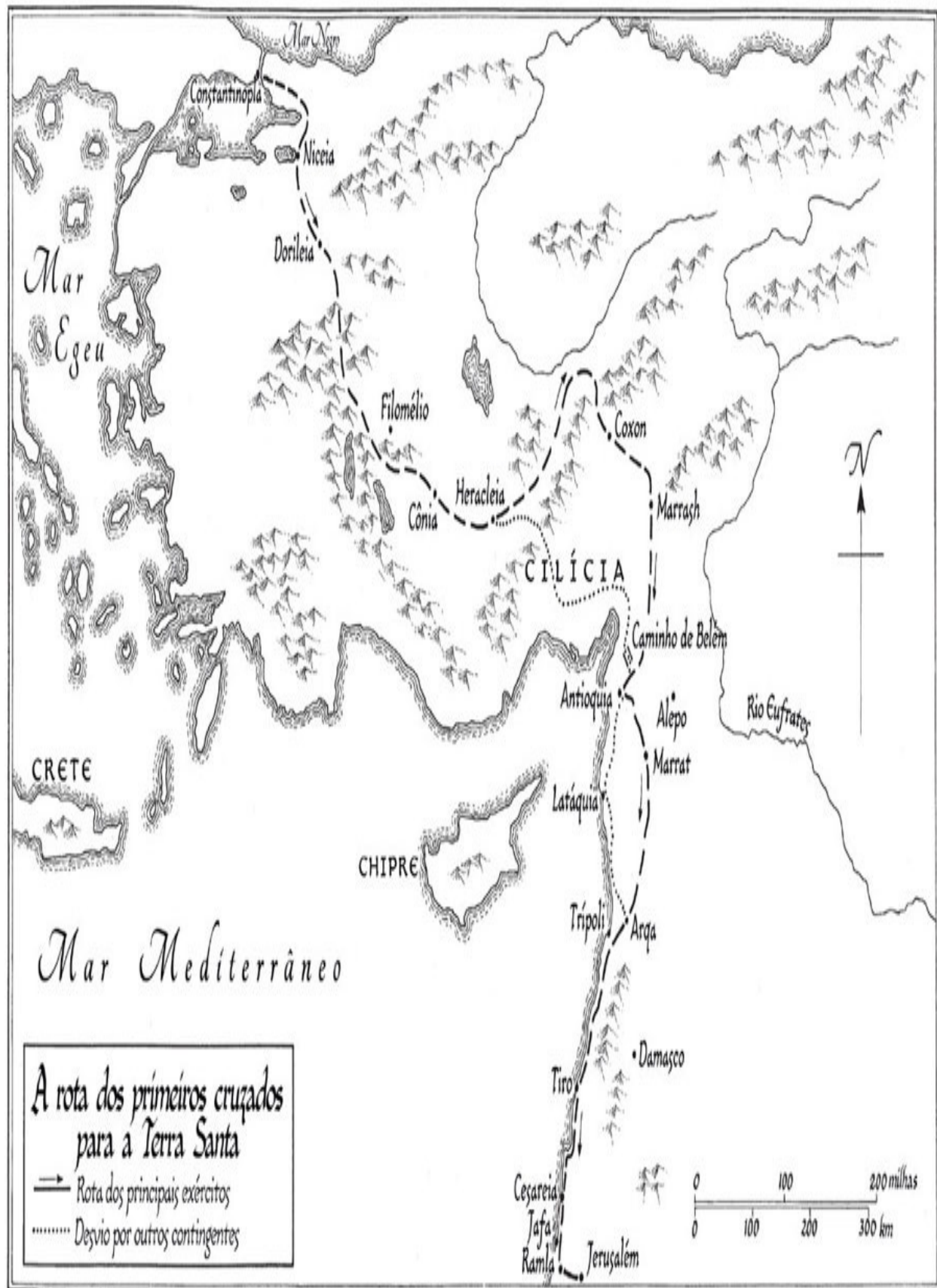
A chegada dos cruzados a Constantinopla serviu apenas para reforçar essa impressão. Quando se depararam com as colossais muralhas externas – mais de seis quilômetros de comprimento, quatro metros e meio de grossura e quase dezenove metros de altura – não lhes restou dúvida de que estavam diante do coração do grande, superpoderoso Império Cristão. Para quem teve a sorte de ter a entrada permitida para a capital, as maravilhas só se multiplicaram. Lar de

talvez milhões de cidadãos, essa metrópole era até dez vezes maior do que a maior cidade da Europa latina. Os visitantes podiam se maravilhar com a abobadada Basílica de Santa Sofia, a igreja mais espetacular da cristandade, e se embasbacar com as triunfantes estátuas gigantes dos legendários antepassados de Aleixo. Constantinopla também era lar de uma coleção sem igual de relíquias sagradas, incluindo a coroa de espinhos de Cristo, mechas do cabelo da Virgem Maria, pelo menos duas cabeças de João Batista e ossos de praticamente todos os apóstolos.

Não é de admirar que a maioria dos cruzados esperasse, bem naturalmente, que sua expedição comesse a serviço do imperador. Por sua vez, Aleixo oferecia aos exércitos francos uma recepção cautelosa, conduzindo-os das fronteiras do seu império até a capital, sempre de olho neles. Ele via a cruzada como um instrumento militar para ser usado em defesa de seu reino. Após pedir ajuda ao papa Urbano em 1095, ele agora confrontava um enxame de cruzados latinos. Mas mesmo com toda a suposta selvageria desregrada dos francos, ele reconhecia que sua vital brutalidade podia ser cooptada para os interesses do império. Tratada com cuidado e controle, a cruzada tendia a se revelar um instrumento decisivo em sua luta para reconquistar a Ásia Menor dos turcos seljúcidas. Tanto gregos quanto latinos estavam, então, preparados para uma colaboração, mas as sementes da discórdia estavam presentes de toda forma. A maioria dos francos esperava que o imperador assumisse pessoalmente o comando de seus exércitos, liderando-os como parte de uma grande coalizão rumo aos portões de Jerusalém. Aleixo não tinha esses planos. Ele tinha como prioridade as necessidades de Bizâncio, não as da cruzada. Ele proporcionaria ajuda aos latinos e tiraria vantagem de bom grado de qualquer sucesso que eles alcançassem, sobretudo se esse sucesso lhe permitisse repelir a ameaça do Islã, e talvez até mesmo reclamar a estrategicamente vital cidade síria de Antioquia. Mas ele jamais conduziria uma campanha prolongada na distante Terra Santa para não expor sua dinastia ao risco de um golpe, nem seu império ao risco de invasão. Essa disjunção de objetivos e expectativas viria a se mostrar portadora de trágicas consequências.

A serviço do imperador

Determinado a impor sua autoridade aos francos, Aleixo tirou vantagem máxima da natureza fragmentada do exército cruzado ao lidar individualmente com cada príncipe que chegava a Constantinopla. Ele também se valeu da imponente magnificência de sua grande capital para intimidar os latinos. Em 20 de janeiro de 1097, um dos primeiros príncipes a chegar, Godofredo de Bouillon, foi convidado juntamente com seus principais nobres para uma audiência com Aleixo no opulento Palácio Imperial de Blachernae. Ao que parece, Godofredo encontrou o imperador “sentado, como de costume, parecendo poderoso no trono de sua supremacia, sem se levantar para oferecer beijos de boas-vindas nem ao duque, nem a ninguém”. Mantendo o ar de régia majestade, Aleixo exigiu que Godofredo jurasse solenemente que “entregaria ao representante indicado pelo imperador qualquer cidade, país ou forte que ele viesse a conquistar e que tenha pertencido originalmente ao Império Romano”. Isso significava que qualquer território capturado na Ásia Menor e mesmo além seria entregue aos bizantinos. O duque então ofereceu ao imperador um voto de vassalagem, criando um laço recíproco de lealdade que confirmava o direito de Aleixo de dirigir a cruzada, mas também garantia a Godofredo ajuda e conselhos da parte do Imperador. Em uma típica exibição de munificência bizantina, o imperador adotou esse ato de capitulação cobrindo o príncipe franco de presentes de ouro e prata, além de preciosos tecidos púrpura e cavalos valiosos. Acordo feito, Aleixo prontamente levou Godofredo e seu exército pelo Estreito de Bósforo – o apertado curso de água que conecta o Mar Mediterrâneo ao Mar Negro, separando a Europa da Ásia – para evitar o crescimento potencialmente desestabilizador da quantidade de tropas latinas em frente à própria Constantinopla.



Nos meses seguintes, praticamente todos os líderes cruzados seguiram o exemplo do duque Godofredo. Em abril de 1097, Boemundo de Taranto aparentemente fez as pazes com seu ex-inimigo grego, aceitando de boa vontade se comprometer com o juramento. Ele foi regamente recompensado com um quarto inteiro repleto de tesouros, que, de acordo com Ana Comnena, quase fizeram os olhos de Taranto pularem das órbitas. Três nobres francos tentaram escapar da rede de Aleixo. Tancredo de Hauteville e Balduíno de Bolonha, príncipes ambiciosos e de menor importância, cruzaram imediatamente o Bósforo para evitar o juramento, mas foram posteriormente persuadidos. Raimundo, conde de Toulouse, teve a teimosia de ser o único a resistir às propostas do imperador, só aceitando por fim um pacto modificado no qual ele jurava não ameaçar o poder ou as posses de Aleixo.¹³

O cerco de Niceia

Os principais exércitos da Primeira Cruzada começaram a se juntar na costa da Ásia Menor em fevereiro de 1097, e nos meses seguintes eles gradualmente chegaram talvez a 75 mil, incluindo cerca de 7.500 cavaleiros totalmente armados e uma infantaria de 35 mil soldados, com equipamentos mais leves. O momento dessa chegada às portas do mundo muçulmano se mostrou o mais propício. Meses antes, Kilij Arslan, o sultão turco seljúcida da região, aniquilara a Cruzada do Povo com certa facilidade. Pensando que essa segunda onda de francos representava um perigo limitado, preparou-se para lidar com uma disputa territorial menor bem ao leste. Esse erro deixou os cristãos livres para atravessar o Bósforo e estabelecer uma cabeça de ponte sem atropelos ao longo da primavera.

O primeiro alvo muçulmano dos latinos foi definido por sua aliança com os gregos, e o objetivo básico de Aleixo era Niceia, a cidade banhada pelas margens do Bósforo que Kilij Arslan descaradamente declarou sua capital. Esse ponto de apoio turco na Ásia Menor ocidental ameaçava a segurança da própria Constantinopla, mas resistira teimosamente aos melhores esforços de reconquista do imperador. Agora Aleixo implantava sua nova arma: os “bárbaros” francos. Eles chegaram à Niceia em 6 de maio e se depararam com uma imponente fortaleza. Uma testemunha latina descreveu como “homens habilidosos cercaram a cidade com muros tão altos que não havia por que temer um ataque inimigo e nem a força de qualquer máquina que fosse”. Essas muralhas de dez metros de altura e cinco quilômetros de circunferência abrigavam mais de cem torres. Mais perturbador ainda era o fato de o limite ocidental da cidade ter sido construído diante das margens do enorme Lago Askanian, permitindo assim que a guarda turca, que provavelmente não passava de poucas centenas de soldados, recebesse suprimentos e reforços mesmo estando cercados em terra.

Os cristãos chegaram perto de sofrer uma reviravolta prejudicial no primeiro momento do seu cerco. Tendo agora reconhecida a ameaça a sua capital, Kilij Arslan retornou do leste da Ásia Menor no fim da primavera. Em 16 de maio ele tentou fazer um ataque surpresa nos exércitos situados antes de Niceia ao descer

das colinas íngremes e arborizadas rumo ao sul da cidade. A sorte dos francos é que eles capturaram em seu acampamento um espião turco que, ameaçado de tortura e morte, entregou os planos dos seljúcidas. Quando os muçulmanos começaram a atacar, os latinos estavam esperando e, bem mais numerosos, fizeram Kilij Arslan recuar. Ele escapou com a maior parte do exército intacta, mas seu prestígio militar e o moral das tropas de Niceia foram gravemente atingidos. Esperando acentuar o desespero do inimigo, os cruzados decapitaram centenas de turcos e desfilaram pela cidade exibindo as cabeças em estacas e até jogando algumas por cima do muro “para causar mais terror”. Esse tipo de guerra psicológica bárbara era comum em cercos medievais e sem dúvida não era exclusividade dos cristãos. Nas semanas seguintes, os turcos de Niceia retaliaram com macabra tenacidade, usando ganchos de ferro presos a cordas para içar corpos de francos que ficaram perto dos muros após as batalhas, e então, para “ofender os cristãos”, penduravam esses cadáveres nos muros para que apodrecessem.¹⁴

Após repelir o ataque de Kilij Arslan, os cruzados adotaram uma estratégia de cerco combinado para superar as defesas de Niceia, empregando dois estilos de cerco de guerra simultaneamente. Por um lado, eles estabeleciam um bloqueio na costa ao norte, ao leste e ao sul do muro na esperança de cortar o contato da cidade com o mundo externo, gradualmente forçando a rendição da tropa por meio de isolamento físico e psicológico. Mas, por ora, os francos não tinham condições de interromper as linhas de comunicação através do lago a oeste, então também buscavam estratégias mais agressivas de cerco e ataque. As primeiras tentativas de atacar a cidade usando escadas para escalar os muros não deram certo, de modo que resolveram concentrar esforços em criar uma brecha. Os cruzados construíram máquinas de atirar pedras, ou manganelas, mas elas tinham poder limitado, sendo incapazes de propulsionar mísseis de tamanho suficiente para causar significativo estrago em muralhas robustas. Por sua vez, os latinos se valeram de bombardeios leves para perturbar os turcos e, protegidos por esses ataques, tentar corroer os muros de Niceia a mão.

Foi um trabalho potencialmente letal. Para alcançar a base da muralha, as tropas tiveram que enfrentar uma chuva mortal de setas e pedras muçulmanas e, uma vez lá, eram expostos a ataques com piche e óleo ferventes vindos do alto. Os francos tentaram se defender experimentando vários tipos de tela de proteção para bombardeios, e o resultado foi variável. Uma dessas engenhocas, orgulhosamente batizada de “raposa” e feita a partir de barras de carvalho, desmoronou prontamente, matando vinte cruzados. Os sulistas franceses tiveram

mais sorte ao construir uma tela inclinada feito telhado que lhes permitiu alcançar a muralha e começar a miná-la. Sapadores cavaram um túnel sob o muro ao sul, tomando cuidado para reforçar a escavação com suportes de madeira e preenchendo o espaço vazio com gravetos e galhos. Ao entardecer de algo próximo de 1o de junho de 1097, eles tocaram fogo nessa madeira, deixando toda a estrutura desabar junto com uma pequena parte das defesas acima. Infelizmente para os francos, a guarda turca conseguiu consertar o estrago do dia para a noite e não houve mais avanços ali.

Em meados de junho, os cruzados não haviam feito qualquer progresso digno de nota, de modo que cabia aos bizantinos fazer pender a balança. Destacado a um dia de viagem ao norte, Aleixo havia mantido uma distância discreta, mas observadora, para vigiar os latinos. O mais notável dentre esses era Taticius, um veterano comedido, agregado da família imperial, nascido meio árabe, meio grego, conhecido por sua lealdade ao imperador.^c Só em meados de junho Aleixo contribuiu de modo determinante para a investida em Niceia. Em resposta a pedidos dos príncipes cruzados, ele transportou uma pequena frota de navios gregos mais de trinta quilômetros terra adentro até alcançar o Lago Askanian. No amanhecer de 18 de junho, sua flotilha navegou rumo ao lado oeste da muralha de Niceia, soando trompetes e tambores, enquanto os francos lançavam um ataque coordenado por terra. Inteiramente horrorizados, com a corda no pescoço, os homens das tropas seljúcidas teriam ficado quase “mortos de medo, e começaram a uivar e lamentar”. Dentro de horas eles fizeram um acordo de paz e Taticius e os bizantinos tomaram posse da cidade.

A captura de Niceia marcou o ponto alto da cooperação greco-francesa durante a Primeira Cruzada. Houve alguns resmungos iniciais entre os soldados rasos latinos devido à falta de saque, mas eles logo foram silenciados pela decisão de Aleixo de recompensar seus aliados com uma boa quantidade de dinheiro vivo. Crônicas ocidentais posteriores exageraram o nível de tensão que restou após a queda de Niceia, mas uma carta para casa escrita pelo líder cruzado Estêvão de Blois naquele mesmo verão deixava claro que havia uma atmosfera de amizade e cooperação. O imperador estava tendo uma audiência com os príncipes francos para discutir o próximo passo da campanha. A rota dos cruzados pela Ásia Menor deve ter sido aceita e a cidade de Antioquia foi identificada como um objetivo. O plano de Aleixo era seguir o caminho aberto pela expedição, fazer a limpa em qualquer território por ela conquistado e, na esperança de manter o controle dos eventos, orientou Taticius a acompanhar os latinos como seu representante oficial, junto com uma pequena guarda de tropas bizantinas.

Aleixo fortaleceu os latinos com conselhos e inteligência inestimáveis ao longo da primavera e do verão. Ana Comnena observou que Aleixo “avisou(-os) do que provavelmente ocorreria ao longo da viagem, (e) lhes deu conselhos lucrativos. Os latinos foram instruídos sobre os métodos normalmente usados pelos turcos em combate, aprenderam a elaborar uma linha de batalha e a fazer emboscadas, e foram aconselhados a não avançar muito longe quando os inimigos saíssem correndo em fuga”. Ele também aconselhou o líder cruzado a temperar a agressão direta ao Islã com elementos de diplomacia pragmática. Os latinos seguiram o conselho, procurando explorar a desunião política e religiosa dos muçulmanos ao despachar enviados por navio para o califado fatímida no Egito para discutir um possível acordo.¹⁵

Quando os cruzados partiram de Niceia na última semana de junho de 1097, Aleixo se viu satisfeito com os últimos meses. A horda franca havia atravessado seu império sem maiores incidentes e o seljúcida Kilij Arslan sofrera um duro golpe. Apesar dos ocasionais momentos de fricção, com a magistral presença próxima do imperador, os latinos se provaram tão conservadores quanto subservientes. A questão era quanto tempo duraria o encanto agora que a cruzada estava seguindo para a Terra Santa e se afastando do coração da autoridade bizantina.

ATRAVESSANDO A ÁSIA MENOR

Sem a liderança de Aleixo, os francos tiveram de lutar com problemas de comando e organização. Essencialmente seu exército era uma força mista, uma massa feita de muitas pequenas partes unidas por uma fé comum – o catolicismo romano –, mas oriundas de todo o Oeste Europeu. Muitos eram inimigos antes do começo da expedição. Chegaram mesmo a enfrentar grande barreira de comunicação: Fulquério de Chartres, um cruzado do norte da França, disse: “onde já se viu tamanha mistura de idiomas em um exército”?

Essa massa disparatada precisava ser guiada com mão firme. De fato, os ditames da lógica militar sugeriam que, sem um comandante único e definido, a cruzada sem dúvida estaria condenada à desintegração e ao colapso. Mas a partir do verão de 1097 a expedição não tinha líder único. O delegado papal, Ademar de Le Puy, podia clamar primazia espiritual, e o grego Taticius certamente oferecia orientação, mas na prática nenhum dos dois tinha poder total. A verdade é que os cruzados tinham que sentir seu caminho rumo a uma estrutura organizacional através de um processo de experimentação e inovação, contando fortemente com a influência unificadora do objetivo devocional comum. Contra todas as expectativas, alcançaram sucesso significativo. Discutir as decisões em grupo se revelou uma valiosa ferramenta, apesar de ser uma prática incomum em uma empreitada militar. A partir de então, um conselho formado pelos principais príncipes francos – homens como Raimundo de Toulouse e Boemundo de Taranto – passou a se encontrar para discutir e unificar suas políticas. Logo no começo, criaram um fundo no qual todos os saques seriam selecionados e redistribuídos. Também tiveram de decidir a melhor maneira de negociar a Ásia Menor.

Devido a seu vasto tamanho, a cruzada não podia avançar de forma realista como um só exército. Estendendo-se ao longo das estradas e rotas romanas de peregrinos adiante, uma só coluna de 70 mil pessoas pode levar dias para atravessar determinado ponto. Precisando de alimento e suprimentos como estavam precisando, os homens iam atacar os arredores como uma praga de gafanhotos. Mas os cristãos podiam se dar ao luxo de invadir com contingentes menores, viajando separadamente como fizeram na rota para Constantinopla,

pois Kilij Arslan e os turcos seljúcidas ainda representavam um perigo bastante real. Os príncipes acabaram optando por dividir suas forças em duas, mas mantendo contato relativamente próximo durante a marcha.¹⁶

A batalha de Dorileia

O exército de normandos do sul de Boemundo e Roberto da Normandia partiu em 29 de junho de 1097, seguido a certa distância por Godofredo de Bouillon, Roberto de Flandres e os franceses do sul. O plano era se encontrarem para uns quatro dias de marcha rumo a Dorileia, no sudeste, um acampamento militar abandonado. Kilij Arslan, contudo, tinha outras ideias. Após sua humilhação em Niceia, ele havia formado um exército completo e estava agora na intenção de emboscar os cruzados quando eles atravessassem suas terras. A divisão em dois exércitos lhe deu uma oportunidade de atacar. Na manhã de 1o de julho, Arslan atacou o exército de Boemundo e Roberto em uma área de campo aberto onde se juntam os dois vales perto de Dorileia. Um membro da tropa de Boemundo relembrou o horror do momento em que os turcos de repente surgiram e “começaram a uivar, grasnar e gritar juntos, berrando em seu idioma alguma palavra diabólica que eu não entendo [...] gritando como demônios”. Kilij Arslan surgiu com uma turba de seljúcidas pouco armados, mas ágeis, procurando espalhar o pânico entre as fileiras de cruzados mais lentos, cercand-os como redemoinhos e quebrando sua formação com uma incessante saraivada de projéteis. Os latinos sem dúvida ficaram chocados com as táticas dos oponentes. Uma testemunha que viu a batalha de perto escreveu: “Os turcos uivavam feito lobos e atiravam furiosamente uma nuvem de flechas. Ficamos perplexos com isso. Como estávamos de cara com a morte e muitos de nós havíamos sido feridos, não demoramos a fugir, e não há nada de memorável nisso, pois para todos nós essa guerrilha foi inesperada”.

Alguns podem ter fugido, mas, por incrível que pareça, Boemundo e Roberto foram capazes de juntar suas tropas e estabelecer um acampamento improvisado ao lado de um pântano. Em vez de uma retirada caótica, optaram por manter posição, estabelecer uma formação defensiva e aguardar reforços. Passaram metade do dia contando com a superioridade numérica e bélica para resistir ao incessante ataque turco. Para reforçar a determinação dos homens perante o bando de seljúcidas, os cruzados passavam adiante uma frase motivacional: “Fiquem bem juntos, acreditando em Cristo e na vitória da Santa Cruz. Que hoje possamos saquear bastante”. Ocasionalmente, contudo, tropas inimigas conseguiam abrir passagem:

Os turcos invadiram o acampamento com força, atirando flechas com seus arcos de chifre, matando peregrinos de todo tipo, sem distinção de idade: soldados rasos, crianças, mulheres e idosos. Atônitas e apavoradas com a crueldade dos assassinatos hediondos, as garotas mais delicadas e de berço nobre correram para se arrumar e se oferecer aos turcos, para que ao menos, excitados e domados pelo amor à beleza delas, os turcos talvez aprendessem a ter pena de seus prisioneiros.

Ainda assim, a linha cruzada manteve-se firme. Na Idade Média, o generalato eficaz dependia muito da força da personalidade, do poder de inspirar obediência, e há de se reconhecer o mérito de Boemundo e Roberto quanto ao controle de suas tropas ao encarar tamanha agressão. Após quatro horas assustadoras, a principal força cruzada chegou e Kilij Arslan teve de recuar. As perdas foram altas, de talvez até quatro mil cristãos e três mil muçulmanos, mas a tentativa de aterrorizar os cruzados e fazê-los recuar não dera certo. A partir daí, Kilij Arslan passou a evitá-los. Os seljúcidas nômades da Ásia Menor não haviam sido derrotados, mas sua resistência foi quebrada, abrindo a rota por Anatólia.¹⁷

Contatos e conquistas

Após Dorileia, os cruzados enfrentaram um tipo diferente de inimigo durante sua marcha de três meses a Antioquia. Foram atormentados por sede, fome e doença ao longo do verão de 1097, quando passaram por uma série de acampamentos abandonados pelos turcos. De acordo com um cronista, houve um momento em que a falta de água foi tão grave que:

Quinhentas pessoas chegaram a morrer derrotadas pela agonia da sede. Além disso, cavalos, burros, camelos, mulas, gado e muitos animais sofreram a mesma dolorosa morte por sede. Muitos homens, cada vez mais fracos pelo esforço e pelo calor, arfando boquiabertos, tentavam captar a mais ínfima névoa para aplacar a sede. Foi nesse momento, quando todos sofriam esse flagelo, que encontraram um rio há muito procurado. Estavam tão ansiosos para matar a longa sede que saíram correndo, todos querendo alcançar a água primeiro em meio à multidão. Beberam sem limite, a ponto de muitos cruzados e animais de carga, enfraquecidos, acabarem morrendo por beber água demais.

Salta aos olhos que as mortes de animais sejam descritas quase com a mesma riqueza de detalhes que as mortes de homens, mas todas as fontes contemporâneas compartilham essa obsessão com cavalos e animais de carga. O exército dependia desses para transportar equipamento e suprimentos, enquanto cavaleiros dependiam de suas montarias em batalha. Antigamente os historiadores enfatizavam as vantagens militares desfrutadas pelos cavaleiros cruzados devido a seus cavalos europeus, maiores e mais fortes, mas a verdade é que a maioria deles morreu antes de alcançar a Síria. Uma testemunha dentre os francos mais tarde observaria que, devido a isso, “muitos de nossos cavaleiros tiveram de seguir em condições de soldado raso, e por falta de cavalos, tivemos de montar bois”.¹⁸

Os cruzados ocasionalmente eram vítimas de perigos mais incomuns. Godofredo

de Bouillon, por exemplo, foi atacado e severamente ferido por um urso durante uma caçada. Ele teve sorte de ter sobrevivido. Esses perigos e provações aparentemente resultaram em melhor planejamento para a próxima fase da jornada. Ao alcançar o solo fértil do canto sudeste da Ásia Menor, os cruzados começaram a forjar alianças com a população, que até então vivera sob o domínio turco. Em Heráclea, Tancredo e Balduíno de Bolonha foram mandados para o sul rumo a Cilícia, enquanto a maioria das forças armadas tomou o rumo norte via Coxon e Marash. Os dois grupos fizeram contato com nativos armênios cristãos, mas Tancredo e Balduíno foram mais longe, estabelecendo um centro de fonte aliada que ajudava a suprir toda a cruzada pelos meses seguintes, e assegurando uma rota mais direta pela Síria adentro para os exércitos de reforço que os francos aguardavam que viessem a seu encontro em Antioquia.

Depois dessa expedição à Cilícia, Balduíno decidiu sair da cruzada maior para buscar sua fortuna nas fronteiras ao sul entre a Síria e a Mesopotâmia. Ele viu uma oportunidade de estabelecer sua soberania levantina e, partindo com o reduzido número de cem cavaleiros, começou uma campanha brutal de conquista e incessante autoprogressão que revelou seu talento não só de comandante militar como de ardiloso operador político. Fazendo o estilo “libertador” dos cristãos armênios da opressão turca, Balduíno rapidamente estabeleceu controle sobre uma faixa de território pelo leste até o rio Eufrates. Sua crescente reputação então lhe rendeu um convite para se aliar a Thoros, o soberano armênio de Edessa, que estava ficando velho, e cuja cidade ficava no Crescente Fértil, depois do Eufrates. Os dois na verdade se uniram como pai e filho adotivos em um curioso ritual público: despiram-se até a cintura e então Thoros abraçou Balduíno, prendendo-o junto ao seu peito despido, e uma comprida camisa foi colocada sobre eles para selar a união. Infelizmente para Thoros, essa cerimônia pouco adiantou para aplacar a ambição indomável de Balduíno. Dentro de poucos meses, o “pai” armênio já havia sido assassinado, provavelmente com a aceitação tácita de Balduíno. O franco então tomou o controle da cidade e dos arredores para criar o primeiro estado cruzado no Oriente Próximo: o condado de Edessa.¹⁹

Enquanto isso, os exércitos da Primeira Cruzada se reagruparam nas fronteiras do norte da Síria no começo de outubro de 1097; eles já haviam sobrevivido à travessia da Ásia Menor, apesar das muitas perdas. Os eventos do século seguinte provariam que isso, em si, já era uma conquista extraordinária, já que cruzados soçobraram sucessivamente nessa região. Mas agora pairava sobre eles uma tarefa hercúlea que eclipsaria até mesmo essas provações: o cerco de

Antioquia.

aÉ um equívoco recorrente pensar que as cruzadas foram uma forma de evangelismo forçado. Na verdade, pelo menos no início, a conversão religiosa não era um elemento essencial da ideologia cruzada.

bTipicamente, os primeiros cavaleiros cruzados usavam o que era considerado, pelos padrões de então, armadura pesada: um capacete de aço em forma de cone sobre uma coifa ou um capuz de cota de malha, e uma camisa de cota de malha até a coxa sobre um gibão estofado – tudo isso para conter golpes oblíquos, mas não cortes ou golpes sólidos. Por essa razão, um grande escudo de metal também era usado. Os típicos armamentos de uso na luta corpo a corpo eram a lança – levada escondida ou jogada sobre o braço – e uma longa espada de dois gumes de pouco menos de um metro de comprimento. Essas armas brancas pesadas e bem equilibradas eram mais úteis como instrumentos de espancamento do que como armas de corte afiado. Cavaleiros e soldados de infantaria também costumavam fazer uso de arcos – de cerca de dois metros de comprimento e capazes de atirar flechas a uma distância de cerca de 270 metros –, enquanto alguns também adotavam formas rudimentares de bestas.

cAo mesmo tempo eunuco e habilidoso general, diziam que Taticius teve o nariz cortado no começo de sua carreira militar e por isso usava uma réplica de ouro no lugar.

2. SUPLÍCIO SÍRIO

No começo do outono de 1097, os primeiros cruzados seguiram rumo ao norte da Síria, chegando a uma das grandes cidades do Oriente, a metrópole fortificada de Antioquia. Haviam finalmente chegado à fronteira da Terra Santa, e agora, ao sul, a talvez três semanas de marcha, acenava Jerusalém. Entretanto, a rota mais direta para a Cidade Sagrada, a antiga estrada dos peregrinos, atravessava Antioquia antes de contornar a costa do Mediterrâneo rumo ao Líbano e à Palestina, passando por uma sucessão de cidades e fortalezas muçulmanas potencialmente hostis.

Os historiadores sempre concordaram que os francos não tiveram opção a não ser tomar Antioquia antes de continuar sua jornada rumo ao sul – e que a cidade se mantinha como uma barreira invariável para o progresso da expedição. Isso não é totalmente verdadeiro. Eventos posteriores sugerem que os cruzados podiam, em tese, ter desviado da cidade, contornando-a. Se os cruzados estivessem focados em chegar a Jerusalém o mais rápido possível, teriam negociado uma trégua temporária para neutralizar a ameaça representada pela guarda muçulmana de Antioquia, deixando-os livres para avançar sem maiores distúrbios. O fato de os latinos optarem por cercar Antioquia diz muito sobre seu planejamento, estratégia e motivação.²⁰

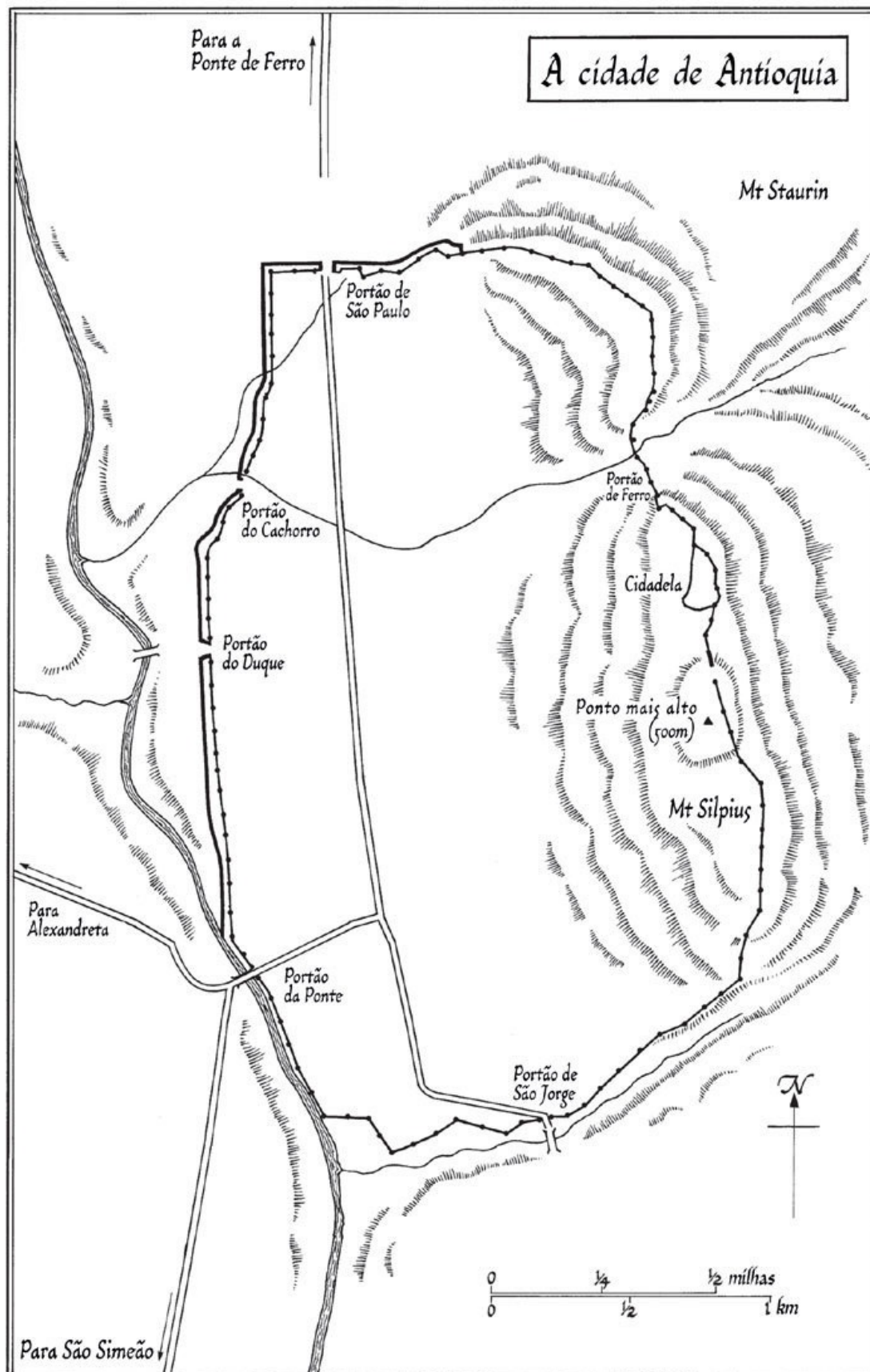
A cidade de Antioquia

Antes de tudo, Antioquia parece ter sido o alvo essencial da aliança entre cruzados e bizantinos. Fundada no ano 300 a.C. por Antíoco, um dos generais de Alexandre, o Grande, a cidade foi estrategicamente localizada para explorar o comércio transmediterrâneo. Famosa por ser um vibrante cruzamento entre leste e oeste, Antioquia se tornou a terceira cidade do mundo ocidental, um centro de comércio e cultura. Mas durante a primeira explosão de expansão islâmica no século VII d.C. p, esse bastião do império oriental foi perdido para os árabes. Uma ressurgente Bizâncio garantiu a reconquista de Antioquia em 969, mas com o advento dos violentos turcos seljúcidas viram a cidade mais uma vez escapar de controle em 1085. Bastante ciente dessa história complexa, Alexius I Comneno cobiçava Antioquia, sonhando com o dia em que essa cidade seria a pedra angular de uma nova era de domínio grego sobre a Ásia Menor. Foi por essa razão que ele continuou a apoiar os francos durante o verão de 1097 e além, na esperança de aproveitar o influxo sem precedentes de mão de obra cruzada e reivindicar o prêmio de Antioquia.

A decisão de atacar a cidade foi, portanto, uma expressão da cooperação greco-latina; entretanto, os cruzados não estavam simplesmente seguindo as ordens de seus aliados. Antioquia, como Jerusalém, tinha um significado espiritual profundamente enraizado. De acordo com a tradição, na cidade fora fundada a primeira igreja cristã de São Pedro, chefe dos apóstolos, além de abrigar uma majestosa basílica dedicada ao santo. Ela também era lar de um dos cinco patriarcas, principais poderes da cristandade. Sendo assim, sua libertação estava afinada com os ideais da expedição. Mas o tempo também viria a deixar claro que os líderes da cruzada, como Boemundo e Raimundo de Toulouse, nutriam ambições mais pessoais e seculares para Antioquia, aspirações que talvez colidissem com as expectativas bizantinas.

Além de problemas com as relações greco-latinas e a conquista de território, a tentativa de tomar Antioquia revela uma verdade profunda sobre os cruzados. Eles não eram, como imaginavam alguns comentaristas medievais e modernos, uma horda selvagem de bárbaros descontrolados, invadindo Jerusalém sem hesitação, como um enxame. Mas os eventos de 1097 provam que suas ações

foram, no mínimo, informadas por uma veia de planejamento estratégico. Eles se prepararam para a investida em Antioquia com certo cuidado, se apoderando de uma série de acampamentos satélites que serviam de centros logísticos de suprimentos e cultivando contatos marítimos para garantir a ajuda naval, algumas das quais aparentemente foram organizadas com meses de antecedência. Os francos também estavam contando com reforços em Antioquia das tropas gregas de Aleixo, bem como as ondas sucessivas de cruzados romanos, assegurando assim a rota mais segura e direta da Ásia Menor para a Síria, passando pelo Caminho de Belém. Tudo no comportamento dos francos no outono de 1097 indica que eles estavam determinados a conquistar Antioquia, apesar de reconhecerem que não seria tarefa fácil.



Mesmo assim, quando os cruzados marcharam para os muros da cidade no fim de outubro, foram desencorajados pelas meras dimensões de suas defesas. Um franco escreveu em uma carta para a Europa que, à primeira vista, a cidade parecia “incrivelmente fortificada, quase inexpugnável”. Antioquia estava aninhada entre o rio Orontes e o pé de duas montanhas, Staurin e Silpio. Muitos anos antes, os romanos incrementaram esses recursos naturais com um círculo de cerca de sessenta torres envolvidas por um muro maciço – quase cinco quilômetros de comprimento e pouco menos de vinte metros de altura – ao longo da margem do Orontes, e depois subindo pelos declives vertiginosos de Staurin e Silpio. A centenas de metros acima da cidade em si, perto do pico de Monte Silpio, uma formidável cidadela coroava as fortificações de Antioquia. No final do século XI, seu sistema de defesa estava desgastado pelo tempo e devastado por terremotos, mas ainda representava um formidável obstáculo para qualquer força atacante. De fato, uma testemunha dentre os francos foi levada a escrever que a cidade não temia “nem ataques de máquinas nem agressões de homens, mesmo que toda a humanidade se juntasse para tomá-la”.²¹

Os cruzados, não obstante, tinham uma vantagem: a Síria muçulmana se encontrava em um alarmante estado de desordem. Dilacerada pelas lutas por poder desde o colapso da unidade seljúcida no começo dos anos 1090, os potentados turcos da região estavam mais interessados em investir em suas próprias desavenças internas do que em oferecer qualquer forma de resposta islâmica rápida ou conjunta a essa inesperada incursão latina. Os dois jovens irmãos e rivais Ridwan e Duqaq comandavam as cidades principais, Alepo e Damasco, mas viviam presos a uma guerra civil. A própria Antioquia era governada por um acampamento semiautônomo de fronteira do hesitante sultanato seljúcida de Bagdá por Yaghi Siyan, um líder militar turco dissimulado de cabelo branco. Ele comandava uma guarda bem provisionada de talvez cinco mil tropas, o suficiente para as defesas da cidade, mas não para repelir os cruzados em campo aberto. Sua única opção era confiar nas fortificações e torcer para sobreviver ao advento da cruzada. Com a abordagem dos francos, ele enviou apelos de ajuda aos seus irmãos muçulmanos em Alepo e Damasco, bem como à própria Bagdá, na esperança de atrair reforços. Ele também passou a ficar de olho nos muitos gregos, armênios e sírios cristãos que faziam parte da cosmopolita população de Antioquia para evitar possíveis traições.

UMA GUERRA DE DESGASTE

Logo ao chegarem, os latinos tiveram de decidir uma estratégia. Desencorajados pelas proporções maciças das fortificações de Antioquia e sem os materiais e os artesãos necessários para construir armas para uma guerra de cerco – escadas de escalada, manganelas ou torres móveis –, os latinos rapidamente reconheceram que não estavam em posição de atacar a muralha. Porém, como em Niceia, uma guerra de desgaste apresentava suas dificuldades. O mero comprimento das muralhas de Antioquia, a topografia acidentada das montanhas ao redor e a presença de nada menos que seis portais principais para sair da cidade tornavam praticamente impossível um cerco completo. Sendo assim, um conselho de príncipes decidiu adotar uma estratégia de bloqueio parcial, e nos últimos dias de outubro seus exércitos tomaram posição diante dos três portões a noroeste. Passou-se um tempo e os cruzados começaram a policiar os dois acessos ao sul, e vários cercos improvisados ao forte fizeram aumentar a pressão. Mas uma entrada permanecia, o Portão de Ferro – encarapitado em um desfiladeiro rochoso entre Staurin e Silpio, fora do alcance dos cruzados. Desguarnecida, essa entrada ofereceu a Yaghi Siyan e seus homens uma tábua de salvação para o mundo exterior pelos longos meses a seguir.

A partir do outono de 1097, os francos se comprometeram com a esmagadora realidade de um cerco medieval completo. O cotidiano desse tipo de combate pode envolver pequenas escaramuças, mas, em essência, é mais um teste de resistência física e psicológica do que uma batalha de armas. Tanto os latinos quanto seus inimigos muçulmanos estavam com o moral baixo, e ambos os lados rapidamente adotaram uma série de táticas macabras para corroer a resiliência mental do oponente. Após vencer uma grande batalha no começo de 1098, os cruzados decapitaram mais de cem muçulmanos, espetaram suas cabeças em lanças e desfilaram alegremente com elas diante dos muros de Antioquia “para aumentar a dor dos turcos”. Após outra escaramuça, os muçulmanos saíram da cidade ao amanhecer para enterrar seus mortos, mas, de acordo com uma testemunha latina, quando os cristãos descobriram isso:

Eles ordenaram que os corpos fossem desenterrados e as tumbas destruídas, e que arrancassem os mortos das covas. Eles jogaram os corpos em um buraco, e cortaram suas cabeças e os levaram para os nossos acampamentos. Quando os turcos viram isso, ficaram muito tristes, quase a ponto de morrer de tão pesarosos, lamentavam-se o dia inteiro e não faziam nada a não ser chorar e gritar.

Por sua vez, Yaghi Siyan ordenou a execução pública da população cristã nativa de Antioquia. O patriarca grego, que residira na cidade em paz por longo período, foi pendurado nas ameias pelos pés e espancado com varas de ferro. Um latino recordava que “muitos gregos, sírios e armênios que viviam na cidade foram assassinados pelos turcos enlouquecidos. Diante dos olhares dos francos, os turcos atiravam pelo muro as cabeças dos homens que mataram com suas catapultas e fundas. Isso foi o que mais arrasou nosso pessoal”. Os cruzados feitos prisioneiros sofreram maus tratos semelhantes. O arqui-diácono de Metz foi flagrado “jogando dados” com uma jovem em um pomar perto da cidade. Ele foi decapitado na hora, já ela foi levada de volta para Antioquia, estuprada e assassinada. Na manhã seguinte, as cabeças de ambos foram catapultadas para o acampamento latino.

Paralelamente a essas interações dolosas, o cerco girava em torno de uma batalha por recursos. Esse deprimente jogo de espera, no qual cada lado lutava para sobreviver ao outro, dependia do suprimento de recursos humanos, material e, mais fundamentalmente ainda, comida. Com considerações logísticas essenciais, os cruzados estavam em posição mais fraca. O bloqueio incompleto significava que a guarda muçulmana ainda tinha acesso a recursos e ajuda de fora. O maior exército cruzado, contudo, rapidamente exauriu seus recursos imediatos e teve de adentrar ainda mais o território hostil atrás de provisões. À medida que a campanha prosseguia, o inverno pesado piorava a situação. Em uma carta para a esposa, o príncipe franco Estêvão de Blois reclamou: “Antes da cidade de Antioquia, ao longo de todo o inverno nós sofremos em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo com o frio excessivo e as enormes torrentes de chuva. O que alguns dizem sobre a impossibilidade de aguentar o calor do sol em toda a Síria não é verdade, pois o inverno daqui é bem semelhante ao inverno ocidental”. Um cristão armênio da época viria a recordar que, nas profundezas daquele terrível inverno, “a escassez de comida, a mortalidade e a angústia abalaram o exército franco a tal ponto que um entre cinco não resistiram e os

demais se sentiram abandonados e longe de sua terra”.²²

O sofrimento no acampamento franco chegou ao ápice em janeiro de 1098. Pereceram centenas, talvez até mesmo milhares, enfraquecidos por subnutrição e doença. Disseram que os pobres foram reduzidos a comer “cachorros e ratos [...] as peles dos animais e as sementes de cereais eram encontradas no lixo”. Desnorteados por essa situação desesperadora, muitos começaram a questionar por que Deus abandonara a cruzada, Sua empreitada sagrada. Em meio à atmosfera cada vez mais malévola de suspeita e recriminação, o clero latino proferiu uma resposta: a expedição fora manchada pelo pecado. Para combater essa poluição, o delegado papal Ademar de Le Puy prescreveu uma sucessão de rituais purgativos – jejum, prece, dar esmolas e fazer romarias. As mulheres, supostos repositórios de impurezas, foram expulsas dos acampamentos. Apesar dessas medidas, muitos cristãos fugiram para o norte da Síria, preferindo uma jornada de incertezas de volta a Europa a suportar as condições deploráveis do cerco. Até o demagogo Pedro, o Eremita, antes apaixonado e fervoroso porta-voz dos cruzados, tentou desertar. Flagrado tentando escapar na calada da noite, ele foi arrastado de volta sem a menor cerimônia por Tancredo. Mais ou menos na mesma época, Tatícius, guia grego dos cruzados, deixou a expedição, aparentemente em busca de reforços e provisões na Ásia Menor. Ele jamais retornou, mas os bizantinos de Chipre de fato enviaram alguns suprimentos para os francos nos arredores de Antioquia.

Um empedernido núcleo de cruzados sobreviveu às múltiplas privações daquele amargo inverno e, com a chegada da primavera, a balança do cerco começou a virar lentamente a favor deles. O sistema de centros de forrageamento estabelecido pelos francos desempenhou um papel importante na suavização da situação na Antioquia: os recursos chegavam de lugares tão longínquos quanto a Cilícia e, posteriormente, de Balduíno de Bolonha em Edessa. Mais significativa ainda foi a ajuda transportada pelo Mediterrâneo e removida nos portos sírios de Latáquia e São Simeão, agora ocupado pelos latinos. No dia 4 de março, uma pequena frota de navios ingleses chegou ao porto de São Simeão trazendo comida, material de construção, ferreiros e artesãos. Poucos dias depois, Boemundo e Raimundo de Toulouse conseguiram afastar essa carga valiosa da costa perante a forte oposição das tropas muçulmanas de Antioquia. O influxo resultante de materiais permitiu que os francos fechassem mais ainda o cerco.

Até esse ponto, os homens de Yaghi Siyan tinham se mostrado capazes de usar o Portão da Ponte com relativa impunidade, razão pela qual tinham controle das

estradas rumo a São Simeão e Alexandreta. Os cristãos agora haviam fortificado uma mesquita abandonada na planície em frente a essa entrada, criando um pequeno cerco ao forte, que eles batizaram La Mahomerie (A Maria Abençoada), de onde eles podiam policiar os arredores. O conde Raimundo se ofereceu para fazer o cerco militar nesse posto avançado a um custo exorbitante para seu tesouro, mas seus motivos eram inteiramente altruísticos. No começo do cerco, as tropas do sul da Itália haviam ocupado o terreno em frente ao Portão de São Paulo, estando assim preparados para fazer uma rápida invasão, se e quando Antioquia caísse. Isso dava a Boemundo uma boa chance de reivindicar a cidade alegando “direito de conquista” – segundo o qual determinada propriedade capturada pertencia ao primeiro reclamante ou ocupante. Ao posicionar seus próprios homens diante da outra entrada principal de Antioquia, o Portão da Ponte, Raimundo estava agora na posição ideal para desafiar o rival.

Dentro de um mês, os francos haviam improvisado outro cerco, um forte ao redor de um monastério perto do portal mais acessível de Antioquia, o Portão de São Jorge. Tancredo aceitou comandar esse posto, mas apenas mediante pagamento da vultosa quantia de quatrocentos marcos de prata. Apesar de ter começado a cruzada na segunda classe dos nobres, ofuscado pela fama do tio Boemundo, Tancredo agora começava a emergir como uma figura significativa por mérito próprio. Depois de suas aventuras na Cilícia, a honra de ser governador e a abastança que ela implicava serviam para aumentar seu status e agregar certo nível de autonomia.²³

TRAÍÇÃO

Em abril de 1098 os cruzados haviam apertado o cerco a Antioquia. Yaghi Siyan ainda estava conseguindo passar alguns suprimentos pelo Portão de Ferro, mas sua capacidade de afligir os francos fora severamente restringida. Agora era a guarda muçulmana que estava tendo de enfrentar isolamento, recursos em declínio e o fantasma do fracasso. Ao longo do cerco, contudo, os cruzados foram assombrados por um medo corrosivo: a perspectiva de um exército auxiliar muçulmano unificado marchando para acudir Antioquia, encurralando-os entre dois inimigos.

Os latinos já haviam se beneficiado do partidarismo devastador que abalara a Síria islâmica. Indispostos a deixar de lado suas diferenças – e talvez confundindo os cruzados com mercenários bizantinos –, Duqaq de Damasco e Ridwan de Alepo haviam respondido às súplicas de Yagi Siyan enviando forças separadas e descoordenadas para combater os francos em dezembro de 1097 e fevereiro de 1098. Se essas duas grandes cidades tivessem unido seus recursos naquele inverno, provavelmente teriam derrotado a Primeira Cruzada diante dos muros de Antioquia. Pois foi que os latinos repeliram sucessivamente ambos os exércitos, ainda que com perdas significativas.

Os cruzados também sabiam muito bem que o Islã do Oriente Próximo era separado por divisões ainda mais fundamentais – como a entre os sunitas e os xiitas – e, a conselho de Aleixo Comneno, procuraram explorar essa divisão ao estabelecer contato com os fatímidas xiitas do Norte da África já no verão de 1097. Essa abordagem suscitou uma reação no começo de fevereiro de 1098, quando uma representação diplomática de al-Afdal, vizir do Egito, chegou ao acampamento cristão nos arredores de Antioquia para discutir a possibilidade de alguma forma de acampamento negociado com os primeiros cruzados. A visita desses enviados muçulmanos não foi fugaz nem sigilosa. Eles ficaram no acampamento cruzado por pelo menos um mês, e sua presença foi amplamente noticiada por testemunhas latinas. E ainda, as boas-vindas a esses diplomatas aparentemente despertaram poucas ou nenhuma crítica. Estêvão de Blois, por exemplo, não se mostrou constrangido ao escrever para sua esposa que os fatímidas haviam “estabelecido a paz e a concordância entre nós”. Cruzados e

egípcios não chegaram a um acordo definitivo sobre Antioquia, mas os egípcios chegaram a fazer promessas de “amizade e tratamento favorável”, e, visando seguir esse entendimento, representantes latinos foram enviados de volta ao Norte da África, encarregados de “estabelecer um pacto amigável”.

Até o começo do verão de 1098, os cruzados haviam conseguido afastar um contra-ataque muçulmano direto por meio de diplomacia e intervenção militar preventiva. No final de maio, contudo, começou a circular um rumor temível: havia um novo inimigo no exterior. O sultão de Bagdá finalmente respondeu ao desesperado apelo de Antioquia por ajuda enviando generosos reforços. Em 28 de maio, sentinelas retornaram ao acampamento franco para confirmar que viram um “exército [muçulmano] espalhando-se por toda parte a partir das montanhas e diferentes estradas como areia na praia”. Era o temido general iraquiano Kerbogha de Mossul, liderando tropas sírias e mesopotâmicas de cerca de 40 mil homens, que estavam a menos de uma semana de Antioquia.²⁴

As notícias de que o Islã sunita havia finalmente se unido contra os cruzados deixou os príncipes latinos horrorizados. Procurando esconder essas notícias da população por medo de que incitassem pânico e deserção, eles reuniram um conselho de emergência para discutir um curso de ação. Não havia previsão de fim próximo do cerco à cidade, apesar de ele ter se intensificado e a resistência de Yaghi Siyan estar enfraquecendo. Os francos não estavam em posição de confrontar Kerbogha em uma batalha em grande escala – estavam em desvantagem numérica de dois para um, sem contar a severa falta de cavalos para organizar uma ofensiva montada. Após todos os amargos sacrifícios e combates dos meses anteriores, agora tudo indicava que o exército cristão acabaria sendo esmagado contra os muros de Antioquia pela onda vindoura de ataques muçulmanos.

Nesse momento de crise, com a cruzada enfrentando devastação, Boemundo deu um passo à frente. Ele alegou que, à luz de seu dilema, quem fosse capaz de engendrar a queda de Antioquia deveria ter o direito de ficar com a cidade, e após muito debate isso foi aceito de modo geral, com a ressalva de que ela deveria ser devolvida ao Imperador Aleixo se ele viesse a requisitá-la. Com a barganha acertada, o astuto Boemundo resolveu pôr as cartas na mesa. Ele revelou ter feito contato com um desertor dentro de Antioquia, um alto governador armênio chamado Firuz, que estava pronto para trair a cidade.

Poucos dias depois, na noite de 2-3 de junho, um pequeno grupo de homens de

Boemundo usou uma escada de couro de boi para subir em uma parte isolada do muro ao sudeste, onde Firuz aguardava. Mesmo com a ajuda do traidor, essa saída era tão arriscada que o próprio Boemundo optou por esperar embaixo, pois caso um alarme fosse dado, o grupo que abria caminho teria certamente sido chacinado. E eis que os guardas das três torres mais próximas foram rápida e silenciosamente despachados e abriu-se uma pequena porta abaixo. Até esse ponto, a descrição fora essencial, mas a abertura da primeira brecha fez Boemundo soar as cornetas para iniciar o segundo ataque, coordenado, à cidadela de Antioquia. O calmo ar noturno foi subitamente rompido quando os francos gritaram seu canto de guerra: “Deus assim quer! Deus assim quer!”. Enquanto o crescente tumulto perfurava a escuridão, a guarda da cidade foi lançada em um estado de completa confusão, e alguns dos cristãos do leste que ainda viviam em Antioquia acabaram se voltando contra seus soberanos muçulmanos e correram para abrir os demais portões da cidade.

Com a resistência se esfacelando, os cruzados adentraram Antioquia, esforçando-se para descarregar oito meses de raiva e agressão acumulados. A carnificina caótica começou em meio à penumbra que precede o amanhecer. Um contemporâneo latino observou que “eles não estavam poupando vidas muçulmanas nem de crianças, idosos ou mulheres, o chão estava coberto de sangue e cadáveres, sendo alguns de cristãos gregos, sírios e armênios. Não é de espantar, já que (no escuro) eles estavam totalmente incapacitados de saber a quem matar e a quem poupar”. Posteriormente, um cruzado descreveu como “todas as ruas da cidade ficaram tomadas por cadáveres, de modo que ninguém suportava ficar lá por causa do fedor, e só se conseguia andar pelos caminhos estreitos da cidade pisando nos corpos dos mortos”. Em meio a todo esse derramamento de sangue descontrolado e às pilhagens subsequentes, Boemundo fez questão de hastear seu estandarte ensanguentado sobre a cidade, como sempre apelando para seu método de reclamar direitos sobre propriedade invadida. Enquanto isso, Raimundo de Toulouse atravessava o Portão da Ponte às pressas para ocupar todos os edifícios da área, inclusive o palácio de Antioquia, estabelecendo uma relevante base provençal dentro da cidade. Apenas a cidadela, encarapitada bem no alto do Monte Silpio, permanecia em mãos muçulmanas, sob o comando do filho de Yaghi Siyan. O próprio governador fugiu, aterrorizado, mas foi capturado e decapitado por um camponês local.²⁵

O plano diabólico de Boemundo havia dado certo, terminando o primeiro cerco de Antioquia, mas havia pouca chance de comemorar. A dianteira do exército de

Kerbogha chegou em 4 de junho, apenas um dia após a queda da cidade. Com as tropas muçulmanas avançando, logo Antioquia estava cercada, deixando os cruzados presos dentro dela.

OS SITIADOS

O segundo cerco a Antioquia, em junho de 1098, foi a maior crise da cruzada. Os latinos haviam evitado a batalha em duas frentes, mas agora se encontravam cercados dentro dos muros de Antioquia. Desprovida de recursos durante a primeira investida, a cidade pouco tinha a lhes oferecer em termos de comida ou suprimentos militares. E com sua cidadela em mãos inimigas, suas majestosas defesas foram fatalmente comprometidas. Toda a expedição estava a um passo da destruição.

A única frágil centelha de esperança dos cruzados era que o longamente aguardado exército bizantino chegasse sob o comando de Aleixo Comneno para salvá-los. Sem que os francos soubessem, contudo, os eventos conspiraram para descartar até mesmo essa vaga perspectiva de libertação. Em 2 de junho, logo antes de Antioquia ceder aos latinos, o príncipe cruzado Estêvão de Blois julgou que os cristãos não tinham chance de sobrevivência e decidiu fugir. Fingindo doença, ele escapou para o norte e pôs-se a atravessar a Ásia Menor. Sua partida deve ter abalado enormemente o moral dos demais, e Estêvão causou dano ainda maior nas expectativas da expedição, e ao movimento cruzado como um todo.

No centro de Anatólia ele se deparou com o Imperador Aleixo, acampado com seu exército na cidade de Filomélio. Durante todo o cerco de Antioquia, os cruzados esperaram pelos reforços dos gregos, mas Aleixo estava preocupado em retomar a costa da Ásia Menor. Quando Estêvão reportou que os francos provavelmente já tinham sido derrotados, o imperador decidiu se retirar para Constantinopla. Nesse momento crucial, Bizâncio ficou em falta com a cruzada, e os gregos jamais foram totalmente perdoados. Estêvão retornou à França e foi chamado de covarde pela esposa.

Ou seja, os cruzados foram abandonados e tiveram de encarar sozinhos a horda de Kerbogha. O general de Mossul se mostrou um adversário formidável. Os francos o viam como comandante em chefe do exército do sultão de Bagdá, mas seria errado pensar que Kerbogha era um mero servo do califado abássida. Nutrindo suas próprias ambições de expansão, ele reconheceu que uma guerra contra os francos em Antioquia era a oportunidade perfeita para tomar o controle

da Síria para si mesmo. Kerbogha havia passado seis meses construindo cuidadosamente a base militar e diplomática para sua campanha, conectando uma coalizão muçulmana imensamente intimidante. Exércitos de toda a Síria e a Mesopotâmia se comprometeram com a causa, incluindo uma força vinda de Damasco, mas a motivação da maioria não era o ódio aos cristãos, tampouco devoção espiritual, mas sim medo de Kerbogha, um homem que agora parecia destinado a comandar o mundo seljúcida.

No começo de junho de 1098, Kerbogha abordou o segundo cerco de Antioquia com diligente e deliberada cautela. Ele estabeleceu seu principal acampamento a poucos quilômetros ao norte da cidade, fez contato com os muçulmanos no comando da cidadela e começou a juntar forças no interior e nos arredores da fortaleza, a leste, nas encostas menos íngremes do Monte Silpio. Também foram enviados soldados para bloquear o Portão de São Paulo, no norte da cidade. A estratégia inicial de Kerbogha se concretizou como um agressivo ataque frontal conduzido pela cidadela de Antioquia e suas imediações. Em 10 de junho ele já estava pronto para lançar um ataque abrasador. Kerbogha mandou tropas como ondas, uma atrás da outra, pelos quatro dias seguintes, enquanto Boemundo conduzia os francos em desesperada batalha corpo a corpo para retomar o controle dos muros a leste da cidade. Esse foi o combate mais intenso e implacável enfrentado pelos cruzados. Durando literalmente do amanhecer à noite, sem pausa; nas palavras de uma testemunha, “quem tinha comida não tinha tempo de comer, e quem tinha água não tinha tempo de beber”. Beirando a exaustão, inteiramente petrificados, alguns latinos chegaram ao limite de suas forças. Um cruzado viria a lembrar que “muitos perderam as esperanças e desceram às pressas do muro usando cordas; e entre os soldados urbanos que voltavam da batalha circulava o rumor de que em breve haveria decapitação de defensores”. O índice de deserção aumentava dia e noite, e logo estavam se juntando aos assim chamados “puxa-cordas” até mesmo cavaleiros de renome, como o cunhado de Boemundo. Em determinado momento começaram os boatos de que os próprios príncipes se preparavam para fugir, e Boemundo e Ademar de Le Puy foram forçados a barrar os portões da cidade para prevenir uma debandada geral.

Por meio de pura determinação e sangue-frio, aqueles que ficaram conseguiram se agarrar às suas posições. Até que, na madrugada de 13 para 14 de junho, uma estrela cadente pareceu cair do céu dentro do acampamento muçulmano. Os cruzados interpretaram isso como bom sinal, pois no dia seguinte os homens de Kerbogha foram vistos se retirando do Monte Silpio. Mas isso provavelmente foi

motivado por pura estratégia. Como já havia falhado em romper a resistência dos francos por meio de ataque frontal, Kerbogha passou a usar uma abordagem mais indireta. Escaramuças ainda ocorriam diariamente, mas a partir de 14 de junho os sitiadores concentraram sua energia em cercar Antioquia. A maior parte do exército abássida continuava no acampamento principal ao norte, mas grandes destacamentos de tropas estavam agora a postos para bloquear o Portão da Ponte e o Portão de São Jorge. Ao apertar esse cordão, cortando assim o contato dos latinos com o mundo externo, Kerbogha esperava forçar os latinos à submissão pela fome.

A comida andava escassa desde que os francos entraram em Antioquia. Agora, contudo, a precariedade da situação se intensificara e os latinos logo tiveram de enfrentar níveis de sofrimento sem precedentes. Um cristão da época descreveu esses dias de horror:

Com a cidade bloqueada por todos os lados, e [os muçulmanos] embarreirando todas as passagens, a fome cresceu tanto entre os cristãos que na falta de pão eles [...] chegavam a mastigar os pedaços de couro duros e podres que encontravam em casas e que foram largados três ou seis anos antes. O povo comum foi forçado a devorar couro de sapatos, de tanta que era a fome. Alguns, de fato, encheram suas barrigas infelizes com raízes de urtiga e outras plantas de mata que cozinhavam e amaciavam no fogo, e assim adoeceram e muitos morreram, aprofundando a desvantagem numérica.

Imobilizados pelo medo e pela fome, com o moral esfacelado, sem rota de escape à vista para os cruzados, havia pouca chance de sobrevivência. Nesses dias mais sombrios, a maioria acreditava que a derrota seria questão de tempo.²⁶

Historiadores já discutem há muito tempo que, a essa altura, o curso do segundo cerco de Antioquia, e mesmo a sorte de toda a cruzada, fora transformada em um só dramático evento. Em 14 de junho, um pequeno grupo de francos, liderados por um camponês vidente chamado Pedro Bartolomeu, começou a escavar na Basílica de São Pedro. Segundo Bartolomeu, uma aparição do apóstolo Santo André havia lhe revelado o local onde se encontrava uma arma espiritual extraordinariamente poderosa: a lança que perfurara o lado de Cristo na cruz.

Um dos homens que se juntou à busca por essa “Lança Sagrada”, Raimundo de Aguilera, fez o seguinte relato:

Estivéramos escavando a noite inteira quando alguns perderam a esperança de desenterrar a lança [...] mas o jovial Pedro Bartolomeu, ao ver a exaustão de nossos trabalhadores, despojou-se de suas roupas de cima e, só de camisa e descalço, entrou no buraco. Finalmente, o Senhor, em Sua misericórdia, nos mostrou Sua Lança e eu, Raimundo, autor deste livro, beijei a ponta da Lança que mal se projetava para fora do chão. Que grande alegria e exultação então encheu a cidade.

Por muito tempo foi atribuída à descoberta desse pequeno fragmento de metal, aparentemente uma relíquia da Paixão de Cristo, um efeito eletrizante nas mentes dos cruzados. Interpretada como indicação irrefutável do renovado apoio de Deus, uma garantia de vitória, a descoberta teria incitado os latinos a pegar em armas e confrontar Kerbogha em batalha aberta. Outra testemunha dentre os francos descreveu o impacto dessa Lança Sagrada: “E então [Pedro] encontrou a lança, como havia profetizado, e todos receberam a descoberta com grande alegria e respeito, e houve imenso regozijo pela cidade. Foi quando decidimos um plano de ataque, e todos os nossos líderes imediatamente formaram um conselho”.²⁷

Na verdade, a impressão que esse relato alimenta – a de que os cristãos, com seus espíritos subitamente revigorados por uma efusão extasiada de fé, agiram de forma urgente e imediata para atacar o inimigo – é profundamente enganosa. Duas semanas inteiras separavam a descoberta da Lança e a batalha que acabaria sendo travada contra Kerbogha.

A “descoberta” de Pedro Bartolomeu certamente teve algum efeito sobre o moral dos cruzados. Para sensibilidades modernas, a história de suas visões pode parecer fantasiosa, e alegar ter descoberto uma genuína relíquia que fez parte da vida de Jesus Cristo em pessoa pode soar fraudulento e até ridículo. Mas, para os francos do século XI, acostumados com os conceitos de santos, relíquias e intervenções miraculosas, as experiências de Pedro soavam autênticas. Condiçãoados por um sistema de crenças bem organizado, no qual os santos

mortos atuavam como mediadores entre Deus e os homens na Terra, canalizando Seu poder por meio de relíquias sagradas, a maioria das pessoas se dispunha a aceitar a autenticidade da Lança Sagrada. Entre os líderes da cruzada, apenas Ademar de Le Puy parecia hesitar, o que provavelmente se dava devido à baixa estatura social de Pedro. Mas, por mais que estivessem animados pelo advento da relíquia, os latinos continuaram paralisados pelo medo e pela incerteza ao longo da segunda metade de junho. A escavação da Lança não foi um poderoso catalisador de ação, e menos ainda uma virada nos destinos da Primeira Cruzada.²⁸

Em 24 de junho, os cruzados estavam à beira do colapso, de modo que mandaram dois enviados para negociar com Kerbogha. Os historiadores em geral tendem a seguir de modo acrítico a explicação dos próprios latinos sobre essa representação diplomática, caracterizando-a como um exercício de bravata. Na realidade, foi mais provavelmente uma tentativa desolada de negociar os termos da rendição. Uma fonte cristã apartidária descreveu como os francos “se viram ameaçados pela fome e resolveram obter de Kerbogha uma promessa de anistia sob a condição de entregarem a cidade em suas mãos e voltar para seu país”. Uma crônica árabe posterior parece sustentar essa versão dos eventos, afirmando que os príncipes cruzados “escreveram para Kerbogha para pedir salvo-conduto em seu território, mas ele recusou, dizendo que eles teriam de lutar para sair”.

E assim se evaporou qualquer chance de escapar de Antioquia. Reconhecendo que sua única esperança agora estava na batalha em campo aberto, a despeito do preço a pagar, os príncipes latinos iniciaram preparações para um suicida encontro final. Nas palavras de um latino da época, eles haviam decidido que era “melhor morrer em batalha do que perecer de fome, enfraquecendo dia a dia até morrer”.²⁹

Nesses dias finais os cristãos fizeram as derradeiras preparações. Procissões rituais, confissões e comunhões foram efetuadas à guisa de purgação espiritual. Enquanto isso, Boemundo, agora eleito comandante em chefe do exército, engendrava um plano de batalha. Em tese, os francos estavam irremediavelmente superados, chegando talvez a 20 mil, incluindo não combatentes. Sua força de elite de cavaleiros montados fortemente armados também havia sido mutilada com a morte de vários cavalos, forçando a maioria dos homens a lutar montando animais de carga ou a pé. Até o conde alemão Hartmann de Dillingen, antes um orgulhoso e próspero cruzado, fora reduzido a cavalgar um burro tão pequeno

que suas botas chegavam a se arrastar na terra. Boemundo então teve de desenvolver uma estratégia baseada na infantaria para confrontar o inimigo com o máximo de velocidade e ferocidade.

Apesar de grande, o exército de Kerbogha tinha dois pontos fracos em potencial. Com o grosso de sua força ainda cautelosamente acampada a alguma distância ao norte, as tropas ao redor de Antioquia se espalhavam de modo relativamente disperso. Ao mesmo tempo, aos homens de Kerbogha faltava algo que os latinos tinham de sobra, ou seja, um desesperado sentido de compartilhar a mesma causa, de união em nome da menor faceta de unidade que seja. Se os muçulmanos comesçassem a perder a confiança em seu general, as rachaduras começariam a aparecer.

Em 28 de junho de 1098, os cruzados estavam prontos para a batalha. Ao amanhecer daquele dia, puseram-se a marchar para fora da cidade enquanto o clero junto ao muro oferecia preces a Deus. A maioria acreditava marchar rumo à morte. Boemundo optara por começar a marcha a partir do Portão da Ponte, atravessando o Orontes para confrontar as tropas muçulmanas que guardavam as planícies adiante. Se não quisessem ser impedidos e reduzidos a um homem só, rapidez e coesão no destacamento eram fatores essenciais. Quando os portões se abriram, a guarda avançada de arqueiros latinos descarregou uma saraivada de flechas na força inimiga, abrindo caminho pela ponte. Então, com Boemundo segurando a retaguarda, os francos marcharam adiante em quatro grupos de batalha bastante coesos que se espalharam em um meio-círculo tosco e se fecharam para enfrentar os muçulmanos.

Assim que o Portão da Ponte se abriu, Kerbogha, acampado ao norte, foi alertado de que haviam hasteado uma bandeira negra sobre a cidadela governada por muçulmanos. Nesse momento ele poderia ter empregado sua principal força militar para pegar os cruzados na saída da cidade e espalhar sua formação. Acontece que ele hesitou. Isso porque, como rezaria a lenda, ele estaria frivolamente envolvido com um jogo de xadrez. Na verdade, Kerbogha pretendia dar um golpe matador, permitindo que os francos saíssem da cidade para destruí-los em massa, virando o jogo do cerco de Antioquia e alcançando uma conclusão triunfante. Essa estratégia tinha certo mérito, mas exigia sangue-frio. Pois justamente quando devia ter mantido sua posição, deixando os cruzados avançarem para lutar em terreno de sua escolha, o general perdeu a coragem. Sentindo que os latinos estavam ganhando uma pequena vantagem nas disputas ao lado da cidade, ele ordenou que todo seu exército avançasse de forma

desordenada e apavorada.

Seu senso de ocasião foi lamentável. Os francos haviam sobrevivido a uma sucessão de contra-ataques excruciantes das forças muçulmanas que estavam bloqueando Antioquia, inclusive uma carga potencialmente letal pelas costas das tropas que ficaram no sul, guardando o Portão de São Jorge. As baixas entre os cristãos se acumulavam, mas mesmo assim Boemundo avançou para tomar a iniciativa, e a resistência muçulmana começou a entrar em colapso. O principal grupo de Kerbogha chegou no momento em que os ventos da batalha estavam mudando de direção. Enervados por não conseguirem vencer o supostamente depauperado exército latino, os muçulmanos que lutavam perto da Ponte do Portão fugiram. Eles correram diretamente para as fileiras cerradas de seus camaradas que avançavam, gerando caos. Foi nesse momento decisivo da batalha que Kerbogha falhou em concentrar seus homens. Com sua formação esgarçada, os contingentes abássidas cortaram suas perdas e fugiram do campo de batalha. O choque brutal da determinação indomável dos cruzados expusera as fraturas internas do exército muçulmano. Um cronista árabe ultrajado viria a escrever o seguinte: “os francos, mesmo no limite da fraqueza, avançaram para lutar contra os exércitos do Islã, que estavam no ápice em força e números, e romperam as fileiras dos muçulmanos, espalhando seus grandes grupos”.³⁰

Kerbogha foi forçado a uma retirada humilhante, apesar de seu exército poderoso ter sofrido pouquíssimas baixas. Abandonando as riquezas de seu acampamento, caiu em desgraça e fugiu para a Mesopotâmia. Na sequência da batalha, a guarda muçulmana da cidadela se rendeu. A enorme cidade estava, enfim, verdadeiramente em mãos latinas. A batalha de Antioquia foi uma vitória estonteante. A cruzada jamais chegara tão perto da destruição e, ainda assim, contra todas as expectativas, a cristandade havia triunfado. Não é de surpreender que muitos tenham visto a mão de Deus operando, e foi relatada uma série de milagres espetaculares. Um exército de fantasmagóricos mártires cristãos, todos de branco e conduzidos por santos soldados, apareceu das montanhas para ajudar os francos. Alhures, o próprio Raimundo de Aguilera levou a Lança Sagrada em meio ao contingente dos franceses sulistas liderado pelo bispo Ademar. Posteriormente seria dito que a visão da relíquia paralisou Kerbogha. Com ou sem intervenção divina, a fé desempenhou um papel central nesses eventos. Os cruzados lutaram sem questionar em meio a uma atmosfera de fervorosa convicção espiritual, instaurada por sacerdotes que marchavam entre eles entoando e rezando preces. Acima de tudo, os latinos se uniram durante sua terrível confrontação devido à combinação de seu compartilhado senso de

missão devocional e uma percepção quase primitiva de desespero, e foi isso que os capacitou a resistir a seu temeroso inimigo e até mesmo repeli-lo.

ATRASSO E DISSIPACÃO

Logo após esse notável sucesso, cresceu a esperança de uma virada e de uma conclusão triunfante para a cruzada. Contudo, a expedição perdeu a direção e a dinâmica quando seus líderes brigaram pelo espólio da Síria. O calor do ápice do verão deu início a uma epidemia de doenças, e muitos no exército que haviam sobrevivido às privações dos meses anteriores estavam agora fenecendo.

Durante todo esse período, a expedição foi assolada por uma amarga disputa pelo futuro de Antioquia que acabou por estagnar qualquer progresso em direção à Palestina. Boemundo queria a cidade para si mesmo e estava agora fortemente decidido a fazer pressão nesse sentido. Foi ele quem engendrou a queda de Antioquia na hora de necessidade da cruzada, e era dele o estandarte hasteado nos muros da cidade no amanhecer de 3 de junho. Horas depois da derrota de Kerbogha, ele havia cimentado sua posição ao almejar o controle pessoal da cidadela, apesar dos melhores esforços de Raimundo de Toulouse para derrotá-lo e levar o prêmio. Boemundo agora queria dos demais príncipes reconhecimento indiscutível de seu direito de posse, apesar das promessas feitas ao imperador bizantino. Cientes do fato de que Aleixo os havia abandonado em Filomélio, a maioria aquiesceu, porém mais uma vez foi Raimundo quem se opôs, alardeando as excepcionais obrigações da expedição aos gregos. Um diplomata foi despachado para Constantinopla rogando ao imperador que reivindicasse Antioquia pessoalmente, o que não ocorreu, gerando assim um impasse.

Boemundo tem sido considerado o vilão desse episódio – sua ambição e sua cobiça contrastavam com a desapegada dedicação de Raimundo à justiça e à causa da cruzada. Apesar de Boemundo estar certamente de olho em vantagens pessoais, a situação não era tão inequívoca assim. Na ausência dos reforços das tropas gregas, um dos príncipes francos teria de ficar governando a Síria e garantindo Antioquia, senão o sangue franco derramado em nome dessa conquista teria sido em vão. Por um ponto de vista, era possível alegar que os cruzados tiveram sorte por Boemundo estar disposto a arcar com esse fardo, renunciando à conclusão imediata de sua romaria a Jerusalém. Ao mesmo tempo, Raimundo de Toulouse tinha uma reputação de altruísta que não resistiria a um exame mais rigoroso. Ele podia estar disposto a entregar Antioquia a

Bizâncio, mas também tinha seus sonhos de poder. O comportamento do conde durante o resto da cruzada se intercalou entre duas aspirações conflitantes: o desejo de conquistar um novo domínio próprio no Levante e a vontade concomitante de ser reconhecido como líder da cruzada.

Foi pensando nessa última que Raimundo cultivou uma aproximação com o vidente Pedro Bartolomeu e o culto da Lança Sagrada. Inspirado pela aparentemente autêntica devoção à relíquia, o conde provençal passou a proteger Pedro e se tornou o principal apoiador da Lança Sagrada. Nos meses seguintes, enquanto os cruzados relembavam os dramáticos eventos do segundo cerco a Antioquia e sua vitória contra Kerbogha, que mais parecia milagre, Raimundo e seus apoiadores ajudaram a promover a ideia de que a Lança desempenharia um papel essencial para que eles sobrevivessem. Ao mesmo tempo, Pedro continuava a relatar uma sucessão de visões e logo estava agindo como autoproclamado porta-voz de Deus. De acordo com o profeta camponês, Santo André havia lhe revelado que “o Senhor deu a Lança ao conde para indicar Raimundo como líder da Primeira Cruzada”.³¹

Em agosto, a evolução do culto da Lança e o consequente impulso na carreira política de Raimundo acabaram tomando um rumo macabro. Enquanto estava vivo, Ademar de Le Puy havia expressado hesitação quanto à autenticidade da Lança. Mas apenas dois dias depois da morte do delegado papal, Pedro Bartolomeu proclamou ter sido visitado pelo espírito de Ademar, e assim começou o processo de apropriação de sua memória. O bispo foi enterrado na Basílica de São Pedro, dentro do mesmo buraco no qual fora descoberta a Lança Sagrada. A fusão física dos dois cultos – um golpe de mestre da manipulação – foi reforçada quando Pedro começou a retransmitir as “palavras” de Ademar do além-túmulo, revelando que ele agora reconhecia a Lança como genuína e que sua alma havia sido severamente punida com chicotadas e queimaduras pelo pecado de ter duvidado da relíquia. Ao lado dessa aparente reviravolta na Lança Sagrada, o espírito do bispo começou a apoiar as ambições políticas de Raimundo. De fato, Ademar logo viria a “declarar” que seus antigos vassallos deveriam transferir sua fidelidade ao conde, e que Raimundo deveria ser autorizado a escolher o próximo líder espiritual da expedição.

Como a Primeira Cruzada perdeu tempo naquele longo verão sírio, o culto da Lança Sagrada ganhou força paralelamente à ascensão de Raimundo de Toulouse e Pedro Bartolomeu em termos de popularidade e influência. Mesmo assim, no começo do outono o conde ainda não havia conseguido expulsar Boemundo de

Antioquia, tampouco estava em posição de se declarar líder da cruzada assim, sem mais nem menos. Raimundo precisava aumentar sua influência. A partir do final de setembro ele iniciou uma série de campanhas na fértil região do planalto de Summaq, no sudeste. Essas operações têm sido frequente e erroneamente representadas como expedições em busca de alimentos, ou até mesmo como tentativas de adentrar a Palestina, mas na realidade o objetivo de Raimundo era estabelecer seu próprio enclave independente para enfrentar e ameaçar o controle de Boemundo em Antioquia.

Parte desse processo implicava a conquista de Marrat, maior cidade da região. A rendição veio após um árduo cerco de inverno, e Raimundo rapidamente iniciou um programa de cristianização e colonização, convertendo mesquitas e instalando uma guarda. Mas pouco depois as linhas de suprimento latinas falharam e alguns seguidores mais pobres do conde começaram a passar fome. Foi quando se deu uma das atrocidades mais apavorantes da cruzada. De acordo com um franco:

Nossos homens passavam por extrema fome. Estremeço ao dizer que muitos, terrivelmente atormentados pela loucura da fome, cortaram pedaços de carne dos traseiros dos sarracenos mortos. Eles assavam e comiam esses pedaços, devorando feito selvagens a carne insuficientemente assada.

Uma testemunha latina observou que “esse espetáculo revirou os estômagos tanto de cruzados quanto de estranhos”. Por mais desconfortável que seja reconhecer, esses atos de aterrorizante barbárie – criticados abertamente até por cronistas francos – trouxeram, de fato, benefícios imediatos aos francos. Entre os muçulmanos sírios, os cruzados ganharam reputação de selvagens, e nos meses subsequentes muitos emires locais procuraram negociar com seus temíveis novos inimigos em vez de correrem risco de extermínio.³²

Enquanto isso, os meses passavam em meio a litúgio e inércia; uma série de conselhos de príncipes latinos se mostrou incapaz de resolver a disputa por Antioquia, e o sentimento popular entre os cruzados de primeira hora começou a perder força. A pressão era cada vez maior para que os príncipes pusessem de lado suas diferenças e se concentrassem nos interesses da expedição como um

todo. Os eventos vieram à tona no começo de janeiro de 1099 com um extraordinário rompante de desobediência civil. Consternado pelo fato de até Raimundo de Toulouse, defensor da Lança Sagrada, preferir lutar pelo controle da Síria a marchar para Jerusalém, uma turba de francos pobres começou a demolir as fortificações de Marrat com as próprias mãos, derrubando os muros pedra por pedra. Raimundo reconheceu o protesto e finalmente percebeu que não podia querer liderar a cruzada e comandar Antioquia ao mesmo tempo. Em 13 de janeiro ele fez o gesto simbólico de sair de Marrat marchando descalço rumo ao sul, trajado simplesmente como um peregrino penitente que deixava para trás a cidade e suas expectativas de conquista. Enquanto isso, Boemundo permanecia na Antioquia. O sonho de alcançar o comando independente da cidade havia sido enfim realizado, mas sua ambição havia colaborado para meses de atraso destrutivo para a cruzada e, mais importante, causando dano severo e perene nas relações entre os latinos e o Império Bizantino.

Aparentemente priorizando a guerra santa, Raimundo desfrutou de uma onda de apoio e, por um tempo, tudo indicava que ele havia se tornado o líder oficial da cruzada. Ele deu o bem calculado passo de usar dinheiro vivo para garantir que sua nova movimentação rumo à Palestina recebesse o apoio dos outros príncipes. Nem todos aceitavam suborno – Godofredo de Bouillon, por exemplo, manteve distância –, mas Roberto da Normandia e até mesmo Tancredo agora passaram a se alinhar com o acampamento provençal por 10 e cinco mil solidi (moedas de ouro), respectivamente. Eles e muitos outros cristãos juntaram-se ao grupo que seguia para o sul, rumo ao Líbano.

A preeminência de Raimundo de Toulouse agora parecia garantida, e devia ter assim permanecido se ele tivesse continuado a se concentrar somente na tarefa de alcançar Jerusalém. Na verdade, contudo, sob a aparência de mera dedicação, o conde ainda ansiava por criar um novo reino provençal no leste. Em meados de fevereiro de 1099, ele comprometeu a cruzada em um cerco desnecessário e fútil da fortaleza libanesa de Arqa; as massas já estavam inquietas quando o prestígio de Raimundo sofreu um golpe desastroso.

A proximidade entre Pedro Bartolomeu e a Lança Sagrada fora decisiva para garantir seu reconhecimento como comandante da cruzada. Mas, com o passar dos meses, Pedro se mostrou um aliado cada vez mais volátil, dado a extremas e imprevisíveis experiências visionárias. Na primavera de 1099, seus desvarios estavam ganhando contornos ainda mais fantásticos, e quando, no começo de abril, ele relatou que Cristo o havia instruído a supervisionar a execução de

milhares de cruzados “pecadores”, o encanto se quebrou. Não foi surpresa quando o autoproclamado profeta e a relíquia que ele supostamente descobrira começaram a ser questionados abertamente, com um clérigo normando chamado Arnulfo de Chocques encabeçando as críticas, ávido para reafirmar a influência no norte da França.

Aparentemente convencido da realidade de suas experiências, Pedro se voluntariou a passar por um teste de fogo potencialmente letal para provar sua própria honestidade, bem como a da Lança. Ele passou quatro dias jejuando para purificar a alma antes do teste. Então, na Sexta-Feira Santa, diante de uma multidão de cruzados, trajando uma túnica simples e segurando a Lança Sagrada, Pedro caminhou para um verdadeiro inferno: “galhos de oliveiras em chamas empilhados em duas pilhas de pouco mais de um metro de altura, a cerca de um metro de distância uma da outra e com quatro metros de altura”.

Há diferentes relatos sobre o que teria acontecido em seguida. Os apoiadores de Pedro sustentavam que ele emergiu da conflagração ileso, mas morreu esmagado por uma multidão de curiosos enlouquecidos. Outros observadores mais céticos descreveram assim:

O descobridor da Lança correu por sobre a pilha em brasas para provar sua honestidade, conforme prometera. Quando o homem passou pelas chamas e emergiu, as pessoas viram que ele era culpado, pois ele estava com a pele queimada e perceptivelmente ferido de morte por dentro. Isso ficou evidente doze dias depois, quando ele morreu com a consciência pesada.

A despeito da origem dos ferimentos surgidos no dia de seu ordálio, foram eles que levaram Pedro Bartolomeu à morte. Seu falecimento destroçou a crença em suas profecias e suscitou grave dúvida sobre a eficácia da Lança Sagrada, além de abalar a reputação de Raimundo. Ele tentou se manter no poder, mas no começo de maio – quando até seus apoiadores do sul da França bradavam pelo prosseguimento da marcha rumo à Palestina – foi forçado a recuar e abandonar Arqa e seu projeto libanês. Quando os francos partiram para Trípoli em 16 de maio de 1099, foi o fim da fase de domínio provençal da cruzada; a partir de então Raimundo iria, na melhor das hipóteses, compartilhar o poder com os

demais príncipes. No final, depois de mais de dez meses de atraso e desilusão, a Primeira Cruzada começou seu avanço final rumo à Cidade Sagrada de Jerusalém.³³

3. A CIDADE SAGRADA

Ao começar a última fase da marcha rumo a Jerusalém, os primeiros cruzados foram possuídos por um novo senso de urgência. Qualquer ideia de conquistar outras cidades e portos na jornada pelo Líbano e Palestina foi abandonada, enquanto os francos, agora motivados pelo desejo firme de completar sua peregrinação à Cidade Sagrada, avançaram com resoluta rapidez. Não foi apenas devoção o combustível da velocidade dos francos; a necessidade estratégica também contribuiu para tal. Na primavera, durante o cerco a Arqa, a questão das relações diplomáticas com o Egito ressurgiu quando os emissários latinos que haviam sido enviados ao vizir al-Afdal um ano antes voltaram à expedição na companhia de representantes fatímidas. Muita coisa havia mudado durante esse intervalo. Aproveitando os tremores de medo que sacudiram o mundo seljúcida sunita após a derrota de Kerbogha em Antioquia, al-Afdal havia conquistado Jerusalém dos turcos em agosto de 1098. Essa transformação radical do equilíbrio do poder no Oriente Próximo estimulou os príncipes da cruzada a procurar um acordo negociado com os fatímidas, oferecendo uma parte do território conquistado em troca do direito à Cidade Sagrada. Mas as conversas azedaram quando os egípcios se recusaram categoricamente a ceder Jerusalém, o que deixou os francos tendo de encarar um novo inimigo na Palestina e uma corrida contra o tempo. Agora os cruzados tinham de cobrir com a máxima rapidez os mais de 320 quilômetros de peregrinação que ainda faltavam, antes que al-Afdal pudesse juntar um exército para interceptá-los e organizar adequadamente as defesas de Jerusalém.

A passagem dos cruzados que contornavam a costa sul do Mediterrâneo foi facilitada pela disposição de governantes muçulmanos locais semi-independentes em negociar tréguas de curto termo e até mesmo ocasionalmente oferecer mercados para que os cruzados pudessem comprar comida e suprimentos. Acovardados pela reputação de brutal invencibilidade que os latinos ganharam em Antioquia e Marrat, esses emires ficaram felizes de evitar confronto. Ao passar pelos principais acampamentos de Tiro, Acre e Cesareia, a resistência que os francos encontraram era limitada, e eles ficaram profundamente aliviados ao descobrir uma sucessão de estreitas passagens para a costa sem vigilância. No final de maio, a expedição voltou para o interior em Arsuf e cruzou as planícies, subindo em seguida para os montes da Judeia. Só

fizeram uma breve pausa quando estavam chegando a Ramla, o último real bastião na estrada para a Cidade Sagrada, mas encontraram a cidade abandonada pelos fatímidas. Por fim, em 7 de junho de 1099, avistaram Jerusalém. Um latino da época descreveu como “todas as pessoas explodiram em lágrimas de felicidade, pois estavam tão perto do local sagrado daquela cidade, pela qual sofreram tantas provações, tantos perigos, tantos tipos de morte e de fome”. A inércia de al-Afdal permitira que a expedição avançasse do sul para o Líbano um menos de um mês.³⁴

NO CÉU E NA TERRA

Após quase três anos e uma jornada de mais de 3.200 quilômetros, os cruzados chegaram a Jerusalém. A religião pulsava nessa antiga cidade, coração sagrado da cristandade. Para os francos, Jerusalém era o lugar mais sagrado na terra, onde Cristo sofrera sua Paixão. Dentro de seus grandiosos muros se encontrava o Santo Sepulcro, a igreja erguida no século IV sob o comando do imperador romano Constantino para encerrar os supostos locais do Gólgota e do túmulo de Jesus. Esse santuário específico encapsulava a própria essência do cristianismo: crucificação, redenção e ressurreição. Os cruzados marcharam do leste da Europa aos milhares para recuperar essa igreja – muitos acreditando que, se a cidade terrena de Jerusalém fosse recuperada, ela se tornaria uma só com a Jerusalém Divina, um paraíso cristão. Havia abundância de fervorosas profecias do iminente julgamento dos últimos dias na Cidade Sagrada, imbuindo uma aura apocalíptica à expedição latina.

Mas ao longo de mais de três mil anos de história, Jerusalém se tornara imutavelmente interligada a dois outros mundos religiosos: o judaísmo e o islamismo. Essas crenças também enriqueciam a cidade, reservando particular reverência para a área conhecida ou como Monte do Templo, ou como Haram as-Sharif, um cercado elevado a leste, contendo o Domo da Rocha e a Mesquita de Aqsa, perto do Muro das Lamentações. Para os muçulmanos, essa era a cidade na qual Maomé havia ascendido aos céus, o terceiro lugar mais santo do mundo islâmico. Mas Jerusalém também era o trono dos israelitas, onde Abraão ofereceu seu filho em sacrifício e os dois templos foram construídos.

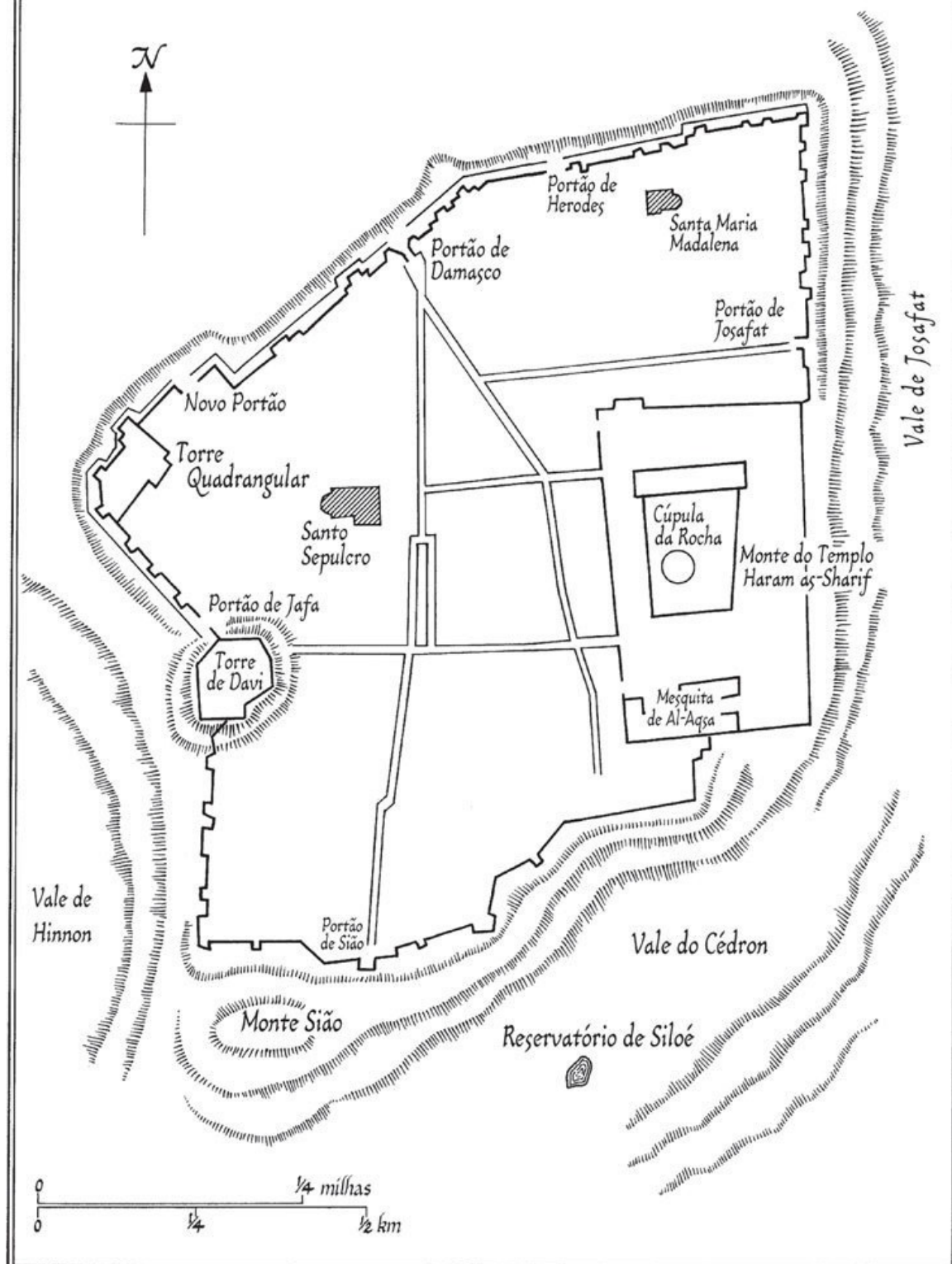
Jerusalém se tornou foco de conflito na Idade Média – e continua sendo até hoje – precisamente devido a sua santidade sem paralelo. O fato de a cidade ter significado devocional incisivo para os adeptos de três religiões diferentes, sendo que cada uma delas acreditava ter direito histórico inalienável à cidade, a torna quase predestinada a ser cenário de guerra.

A tarefa a realizar

A Primeira Cruzada agora encarava uma tarefa aparentemente impossível de cumprir: a conquista de uma das cidades mais terrivelmente fortificadas do mundo conhecido. Mesmo hoje em dia, em meio à expansão urbana moderna, Jerusalém consegue transmitir a grandeza de seu passado, pois seu centro abriga a “Cidade Velha”, cercada por muros otomanos muito parecidos com os originais, do século XI. Olhando do Monte das Oliveiras, a leste, despojando a cidade da confusão e do alvoroço do século XXI, é possível ver a Jerusalém que confrontou os francos em 1099.

A cidade fica isolada em meio às colinas da Judeia, em uma parte de solo elevado, com vales profundos a leste, sudeste e oeste, envolta em um circuito incrível de quatro quilômetros de muros de quase vinte metros de altura e três metros de espessura. Em termos realistas, a cidade só poderia ser atacada a partir do solo mais plano a norte e a sudoeste, mas nessas áreas os muros eram reforçados por uma cortina secundária em forma de muro e uma série de fossos secos. Cinco grandes portões, todos guardados por um par de torres, trespassavam esse sistema de defesa mais ou menos retangular. Jerusalém também possuía duas fortalezas principais. No canto noroeste ficava a formidável “Torre Quadrangular”, enquanto no meio do muro oeste se erguia a Torre de Davi. Um cronista latino descreveu como essa temida cidadela fora “construída a partir de grandes pedras quadradas seladas com chumbo derretido”, observando que se “bem suprida com alimento para os soldados, entre quinze ou vinte homens bastariam para defender a cidade de qualquer ataque”.³⁵

A cidade de Jerusalém



Assim que os cruzados chegaram a Jerusalém, um preocupante racha em suas fileiras se tornou evidente, pois seus exércitos se dividiram em dois. Desde o cerco de Arqa, a popularidade de Raimundo de Toulouse entrara em declínio, e agora, abandonado por Roberto da Normandia, o conde teve de lutar para manter até a lealdade dos franceses do sul. Raimundo posicionou suas forças remanescentes no Monte Sião, a sudoeste da cidade, para ameaçar o Portão de Sião, ao sul. Enquanto isso, o líder emergente da campanha, Godofredo de Bouillon, se movia para cercar a cidade a partir do norte, entre a Torre Quadrangular e o Portão de Damasco. Contando com o apoio de Arnulfo de Chocques, o pároco que havia ajudado a desacreditar a Lança Sagrada, Godofredo foi seguido pelos dois Robertos e por Tancredo. A divisão de tropas tinha seu mérito em termos estratégicos, pois expunha Jerusalém a ataques em duas frentes, mas também era produto de uma discórdia corrosiva.

Tudo ficava ainda mais complicado porque os francos não podiam se engajar em um cerco de longo termo a Jerusalém, como fizeram em Antioquia. Devido à vasta extensão do perímetro do muro da cidade e à limitada mão de obra à disposição, seria impossível fazer um bloqueio eficaz. Mais urgente ainda era a questão do tempo. Os cruzados fizeram uma aposta muito alta ao marchar em alta velocidade para o Líbano, sem fazer uma pausa para garantir a retaguarda e estabelecer uma rede confiável de suprimentos. Agora estavam a centenas de quilômetros dos aliados mais próximos, sem acesso a reforços, apoio logístico ou possibilidade de fuga. E eles sabiam o tempo todo que al-Afdal estava correndo para preparar as forças fatímidas, inclinado a proteger a Cidade Sagrada e erradicar a invasão cristã. A audácia quase suicida do avanço latino os deixou com apenas uma opção: quebrar o escudo de defesa de Jerusalém e lutar para invadir a cidade antes que o exército egípcio chegasse.

Nesta frágil fase final da expedição, os francos conseguiram juntar cerca de 15 mil guerreiros veteranos de batalhas, incluindo cerca de 1.300 cavaleiros, mas era um exército extremamente desprovido dos recursos materiais necessários para prosseguir com um cerco de ataque. Não se sabe o tamanho da guarda que enfrentaram, mas certamente estava na casa dos milhares e sem dúvida continha um núcleo de elite de pelo menos quatrocentos egípcios da cavalaria. Enquanto isso, o governador fatímida de Jerusalém, Iftikhar ad-Daulah, foi bastante diligente em se preparar para enfrentar uma ofensiva: ele envenenou poços e derrubou árvores, devastando os arredores, e expulsou muitos dos habitantes cristãos do lado leste da cidade para evitar traições internas. Quando os cruzados

lançaram seu primeiro ataque direto em 13 de junho, apenas seis dias depois de sua chegada, os defensores muçulmanos ofereceram empedernida resistência. A essa altura, os francos possuíam apenas uma escada – um arsenal precário –, mas o desespero associado ao estímulo profético de um eremita encontrado perambulando no Monte das Oliveiras os persuadiu a arriscar um ataque. Na verdade, Tancredo protagonizou um ataque violento nos baluartes do quadrante noroeste da cidade, e quase abriu uma brecha. Após conseguir levantar sua única escada, as tropas latinas subiram rapidamente ao topo dos muros, mas o primeiro homem a chegar teve a mão imediatamente cortada por um imponente punhal muçulmano, e assim começou o massacre.

Na sequência desse desanimador revés, os príncipes francos reconsideraram sua estratégia, decidindo postergar qualquer ofensiva até que construíssem as devidas armas de guerra. Começou uma busca frenética entre os francos por materiais, e os cruzados passaram a sentir os efeitos do causticante verão palestino. Pelo menos até aquele momento, comida não era motivo de grande preocupação, pois haviam trazido cereais de Ramla. As baixas reservas de água, sim, eram o problema que começou a enfraquecer a determinação dos latinos. Com todos os poços dos arredores poluídos, os cristãos foram forçados a vasculhar as imediações em busca de líquido potável. Um franco lembrou de forma bem taciturna: a situação era tão ruim que quando qualquer um levava água imunda em vasos para o acampamento, conseguia vender pelo preço que pedisse, e se qualquer um quisesse conseguir água limpa, cinco ou seis centavos não bastavam para obter água suficiente para matar a sede durante um só dia. O vinho, por outro lado, nunca ou quase nunca chegava a ser mencionado. A situação chegou a tal ponto que os pobres morriam após beber água suja do pântano com sanguessugas.³⁶

Para a sorte dos cruzados, quando essa escassez estava começando a se espalhar, chegou ajuda de um canto aparentemente inesperado. Em meados de junho uma frota de dezesseis navios genoveses ancorara em Jafa, na costa mediterrânea, cujo pequeno porto natural era o mais próximo de Jerusalém. A tripulação incluía artesãos qualificados que foram se juntar ao cerco à Cidade Sagrada levando uma variedade de equipamentos que incluíam cordas, martelos, pregos, machados, picaretas e cutelos. Ao mesmo tempo, os príncipes francos usaram informações obtidas de cristãos locais para encontrar uma série de florestas próximas e transportar madeira com camelos. Esses dois acontecimentos transformaram as perspectivas dos latinos e possibilitaram a construção do maquinário de cerco. Durante as três semanas seguintes, os latinos se dedicaram

furiosamente a um programa de construção no qual desenvolveram torres de cerco, catapultas, aríetes e escadas, quase sem pausa, mas sempre de olho na chegada do exército que estava a caminho para ajudar o vizir al-Afdal. Enquanto isso, no interior de Jerusalém, Iftikhar ad-Daulah contava com a chegada de seu mestre, enquanto conferia o fortalecimento dos muros e torres da cidade e supervisionava a montagem dos artefatos que projetara para atirar pedras.

Em meio a todas essas motivadas preparações, tanto os que cercavam quanto os que eram cercados faziam pausas apenas para trocar atos degradantes de barbárie. Cruzes de madeira foram regularmente arrastadas até os muros da cidade para serem profanados, cuspidas e até urinadas na frente dos cruzados revoltados. Os francos, por sua vez, fizeram questão de executar qualquer muçulmano capturado, normalmente através da decapitação, em frente à guarda de Jerusalém. Durante um episódio particularmente macabro, um dos cruzados levou essa tática a um novo extremo. Após desmascararem um espião muçulmano em meio a eles, os cristãos mais uma vez procuraram intimidar seu inimigo jogando-o de volta para dentro da cidade, do mesmo jeito que fizeram com outras vítimas em cercos anteriores. Mas, de acordo com um latino contemporâneo, nessa ocasião o infeliz cativo ainda estava vivo: ele foi colocado dentro da catapulta, mas seu corpo era pesado demais para chegar muito longe. Ele logo caiu sobre pedras pontudas perto dos muros, quebrou o pescoço e ossos, além de romper nervos, e dizem que sua morte foi instantânea.³⁷

No começo de julho, com a construção das armas do cerco quase no final, os francos ficaram sabendo que uma força de ajuda fatímida estava se formando, o que tornou ainda mais primordial a necessidade de alcançar uma vitória célere. Nesse momento de desespero, a revelação espiritual serviu mais uma vez para elevar o moral e fortalecer a expedição com um espírito de sanção divina. Um sacerdote vidente provençal, Pedro Desidério, agora profetizava que a Cidade Sagrada viria a sucumbir a um ataque se, antes dele, os cruzados passassem por um ritual de purificação de três dias. Assim como ocorreu em Antioquia, seguiu-se uma série de sermões, confissões públicas e missas. O exército chegou a fazer uma procissão solene ao redor dos muros da cidade, todos descalços e levando ramos de palmeira nas mãos, mas a guarda fatímida demonstrou pouco respeito pelo ritual, e assim que viram as fileiras de cruzados começaram as flechadas. No fim da segunda semana de julho, com o maquinário de cerco finalizado e os espíritos reforçados pelo fervor religioso, os cruzados estavam prontos para iniciar seu ataque.

O ATAQUE A JERUSALÉM

O ataque dos cruzados a Jerusalém começou com os primeiros raios do amanhecer de 14 de julho de 1099. No sudoeste, Raimundo de Toulouse e os provençais que ainda o apoiavam estavam posicionados no Monte Sião, enquanto o Duque Godofredo, Tancredo e os outros latinos guardavam o platô ao norte da cidade. Quando soaram as cornetas chamando os francos para guerra em ambas as frentes, as tropas muçulmanas que espreitavam à meia luz no parapeito ao norte subitamente se deram conta de que haviam sido enganados. Godofredo e seus homens haviam passado as três últimas semanas construindo uma enorme torre de cerco bem em frente à Torre Quadrangular da cidade. Claro que observar aquele monstro de três andares crescendo dia após dia até chegar aos vinte metros levou a guarda fatímida a reforçar suas defesas no canto noroeste da cidade. Era exatamente o que Godofredo esperava. Sua torre de cerco na verdade fora construída com uma refinada tecnologia secreta: ela podia ser separada em uma série de partes portáteis e depois rapidamente reerguida. Durante a madrugada de 13 para 14 de julho, o duque usou a capa da escuridão para mover seu edifício um quilômetro a leste, depois do Portão de Damasco, para ameaçar uma parte inteiramente nova do muro. De acordo com um cruzado:

Os sarracenos ficaram atordoados na manhã seguinte ao ver que os maquinários e tendas haviam mudado de posição. Dois fatores motivaram essa mudança. A superfície plana oferecia aos nossos instrumentos de guerra melhor acesso aos muros, e justamente devido à fragilidade e distância deste ponto ao norte, os sarracenos o deixaram desguardado.

Tendo conseguido enganar seu inimigo, a prioridade de Godofredo se tornou abrir passagem pelo muro baixo externo que protegia as principais muralhas de Jerusalém ao norte, pois, sem essa brecha, sua própria torre de cerco não poderia ser usada contra a cidade. Os francos haviam construído um monstruoso aríete de ferro para abrir caminho ferozmente pelas defesas externas, e agora, sob a

cobertura das manganelas dos latinos, dezenas de cruzados lutavam para empurrar adiante essa arma, ao mesmo tempo que enfrentavam os bombardeios vindos da guarda muçulmana. Mesmo sendo empurrado em uma plataforma com rodas, o aríete era desesperadoramente pesado, mas finalmente conseguiram manobrar e colocar a arma na posição correta após horas de empenho. Mais um poderoso ataque ao muro externo e os francos abriram uma enorme fissura – na verdade, o ímpeto do aríete foi tamanho que as tropas fatímidas nos baluartes temeram que os muros principais também tivessem sido abalados. Assim os fatímidas atacaram a temida arma de guerra com “fogo misturado a enxofre, piche e cera”, incendiando-a. De início, os cruzados correram para apagar as chamas, porém Godofredo logo reconheceu que os restos carbonizados do aríete acabariam bloqueando o avanço de sua grande torre de cerco. Então, em uma inversão de tática quase bizarra de tão cômica, os latinos passaram a queimar sua própria arma de guerra, enquanto os muçulmanos tentavam em vão preservar a maciça obstrução jogando água do alto dos baluartes. No final, os cristãos venceram e no fim do dia os francos do norte conseguiram penetrar a primeira linha de defesa, abrindo caminho para o ataque frontal nos muros principais.

No Monte Sião, sudoeste da cidade, os provençais não estavam tendo tanto êxito. Esse setor das ameias de Jerusalém era reforçado não por um muro, mas por um fosso seco. Semanas antes, Raimundo de Toulouse soube disso e se dispôs a pagar um centavo por cada três pedras atiradas na vala. Seu objetivo era preenchê-la e assim garantir a rápida neutralização do obstáculo. Enquanto isso, Raimundo supervisionava a construção de sua própria torre de cerco sobre rodas, e em 14 de julho essa colossal máquina de guerra foi utilizada junto com a ofensiva de Godofredo. As tropas do sul da França empurraram a torre lentamente até o muro, entrando na mira dos ataques inimigos e recebendo uma saraivada de projéteis atirados pelos fatímidas. Acreditando que o principal ataque dos francos viria do Monte Sião, Iftikhar ad-Daulah concentrara suas defesas nesse quadrante e seus homens se puseram a desencadear um bombardeio incessante. Uma testemunha latina descreveu “pedras cruzando o ar, atiradas de catapultas, e flechas chovendo como granizo” enquanto a torre de cerco avançava enfrentando o ataque feroz e efetivo de bombas incendiárias que misturavam piche, cera e enxofre a estopas e farrapos, além de pregos, para que ficassem pregadas onde caíssem. Como não conseguira chegar aos muros, Raimundo ordenou um humilhante recuo com a chegada do entardecer.³⁸

Após uma noite sem descanso devido ao medo e à ansiedade de atacantes e atacados, a batalha recomeçou. Os franceses do sul voltaram a empurrar sua

torre, mas depois de algumas horas a intensidade do contínuo bombardeio muçulmano acabou fazendo efeito e a engenhoca provençal começou a desabar e queimar. Com a ofensiva frustrada, os homens de Raimundo voltaram ao Monte Sião em um estado de “fadiga e desesperança”. Mas o simples fato de a guarda de Jerusalém ter enfrentado um ataque em duas frentes a esgarçou, de modo que os muros do norte ficaram vulneráveis. Lá, no segundo dia de luta, Godofredo e seus homens começaram a fazer progresso significativo. Como já haviam aberto uma brecha no muro externo, levantaram a torre sobre rodas em direção à abertura e às ameias além. Com o céu escurecido pela furiosa troca de projéteis, a altiva construção entulhada de francos avançou inexoravelmente. As baixas eram aterradoras. Um cronista latino recordava que “nos dois lados a morte era presente e súbita para muitos”. Empoleirado na torre superior para coordenar as operações, o próprio Godofredo estava extremamente exposto. Em determinado ponto, uma pedra atirada com manganela praticamente decapitou um cruzado que estava parado ao lado dele.

Bombas incendiárias eram catapultadas e voavam para adentrar a torre dos francos, mas esta estava protegida por grossas telas de varas trançadas, de modo que as bombas não cumpriam sua função e a engenhoca de guerra seguia firme, avançando pouco a pouco. Até que, perto do meio-dia, ela atravessou a fissura nas defesas externas e alcançou os muros principais. Com os cruzados agora a poucos metros das ameias e os dois lados se atacando freneticamente com projéteis de menor escala, os fatímidas apelaram para sua própria arma “secreta” como última tentativa de travar o avanço do inimigo. Eles haviam embebido em material combustível um enorme mastro de madeira, parecido com o fogo grego (um composto inflamável de nafta), que não se apaga com água. Acenderam o facho e o atiraram por sobre os muros para que caísse em frente à engenhoca de Godofredo como uma barreira flamejante. Para sua sorte, os latinos haviam sido alertados por cristãos locais sobre a única fragilidade desse fogo terrível e impenetrável: era possível extingui-lo com vinagre. Godofredo então abasteceu a torre com odres de vinho cheios de vinagre que foram usados para apagar a conflagração das chamas. Enquanto os francos no solo corriam para afastar a madeira em lenta combustão, o caminho que dava para as ameias estava finalmente aberto.

O sucesso da ofensiva latina agora dependia de alcançar uma posição segura nas muralhas da cidade. A imensa altura da torre de cerco deu aos francos uma vantagem significativa – agora os muros principais chegavam a uns quinze metros de altura –, permitindo que Godofredo e seus homens no andar de cima

desabassem sobre os defensores um fluxo de fogo supressório. Subitamente, no meio da intensa batalha, os cruzados perceberam que uma torre de defesa próxima e uma porção das ameias estavam em chamas. Seja catapultando projéteis em chamas ou setas de fogo, os francos conseguiram incendiar a principal estrutura de madeira do muro. O fogo produziu “tanta fumaça e tantas chamas que nenhum dos cidadãos da guarda conseguiu continuar por perto” – em pânico e confusão, os defensores diante da torre de cerco dos cruzados bateram em retirada. Ao perceber que essa abertura poderia durar poucos momentos, Godofredo desatou uma das telas de varas que protegiam a torre, improvisando assim uma ponte entre os baluartes. Quando o primeiro grupo de cruzados se espalhou pelos muros, um monte de francos correu para baixo da ponte com suas escadas e começou a subir para reforçar sua posição.

Depois que Godofredo e seus homens conseguiram essa primeira brecha dramática, a defesa muçulmana de Jerusalém entrou em colapso com chocante rapidez. Aterrorizados pela reputação brutal dos cruzados, aqueles que estavam de guarda ao norte do muro saíram correndo, horrorizados, quando avistaram os francos chegando às muralhas. Logo toda a guarda estava em estado caótico. Raimundo de Toulouse ainda estava lutando no Monte Sião, suas tropas aparentemente a um passo da derrota, quando chegou a incrível notícia da abertura. Subitamente os defensores muçulmanos do fronte ao sul, que poucos momentos antes lutavam com furor, começaram a abandonar seus postos. Alguns foram vistos até pulando dos muros, desesperados. Os provençais não perderam tempo em correr para dentro da cidade para se juntarem a seus companheiros cruzados, e assim começou o saque.³⁹

O horror da “libertação”

Pouco depois do meio-dia de 15 de julho de 1099, os primeiros cruzados concretizaram seu longamente cultivado sonho: a conquista de Jerusalém. Surgindo pelas ruas em bandos vorazes e com sede de sangue, eles invadiram a Cidade Sagrada. A pouca resistência muçulmana remanescente havia sumido da frente dos cruzados, mas a maioria dos francos não estava com vontade de fazer prisioneiros. Na verdade, os três anos de luta, privações e ansiedade serviram de combustível para uma torrente de gargalhadas barbáricas e indiscriminadas. Um dos cruzados relatou alegremente:

Com a queda de Jerusalém e suas torres, podemos ver trabalhos maravilhosos. Alguns dos pagãos foram misericordiosamente decapitados, outros foram furados por setas atiradas das torres, e mais outros foram torturados longamente, queimando até a morte em chamas agudas. Pilhas de cabeças, mãos e pés jaziam nas casas e ruas, e homens e cavaleiros corriam de lá para cá sobre os corpos.

Muitos muçulmanos fugiram rumo ao Haram as-Sharif, onde alguns se juntaram para formar uma inútil resistência. Uma testemunha latina descreveu: “todos os defensores recuaram pelos muros e pela cidade, e nossos homens foram atrás deles, abatendo-os até a Mesquita de Al-Aqsa, onde o massacre foi tamanho que nossos homens chafurdaram até as canelas em sangue inimigo”. Tancredo entregou seu estandarte a um grupo encolhido no telhado da mesquita, declarando-os prisioneiros, mas até esses foram assassinados a sangue frio por outros francos. Foi uma carnificina tão pavorosa que, de acordo com um latino, “até os soldados que executavam a matança mal aguentavam os vapores que emanavam do sangue quente”. Outros cruzados saíram pela cidade matando à vontade homens, mulheres e crianças, tanto muçulmanos quanto judeus, ao mesmo tempo que praticavam uma pilhagem predatória.⁴⁰

Nem as fontes latinas e nem as árabes se furtam de recordar o extremo horror

dessa pilhagem, os primeiros se glorificando, os últimos, chocados com tão brutal selvageria. Nas décadas seguintes, o islamismo do Oriente Próximo veio a considerar as atrocidades dos latinos em Jerusalém um ato de barbárie e aviltamento dos cruzados que exigia vingança urgente. No século XIII, o muçulmano iraquiano Ibn al-Athir estimou o número de muçulmanos mortos em 70 mil. Historiadores modernos por muito tempo consideraram esse número um exagero, mas aceitavam a acurácia da estimativa de dez mil baixas oferecida pelos latinos. Todavia, uma pesquisa recente descobriu testemunhos de hebreus que indicam que as baixas não devem ter passado de três mil e que um grande número de prisioneiros foi levado com a queda de Jerusalém. Isso sugere que, mesmo na Idade Média, a imagem da brutalidade dos cruzados em 1099 estava sujeita a hipérboles e manipulação de ambos os lados.

Mesmo assim, ainda temos de reconhecer a terrível desumanidade da sádica carnificina cometida pelos cruzados. É certo que alguns dos habitantes de Jerusalém foram poupados; Iftikhar ad-Daulah, por exemplo, se refugiou na Torre de Davi, e depois negociou os termos de libertação de Raimundo de Toulouse. Mas o massacre perpetrado pelos francos não foi simplesmente uma explosão feroz de raiva acumulada; foi uma campanha prolongada e insensível que durou pelo menos dois dias e deixou a cidade banhada em sangue e coberta por cadáveres. Com o calor do ápice do verão, o fedor logo se tornou insuportável, e os mortos foram arrastados para fora dos muros cidade, “empilhados em montes do tamanho de casas” e queimados. Seis meses depois, um latino em visita à Palestina pela primeira vez comentou que Cidade Sagrada ainda fedia a morte e deterioração.

A outra verdade incontestável sobre a conquista de Jerusalém é que os cruzados não foram simplesmente guiados por sede de sangue ou pilhagem; eles também se sentiam autorizados por sincera devoção, pela crença real de que estavam fazendo a vontade de Deus. Esse primeiro e horripilante dia de pilhagem e assassinato foi então concluído com um ato de devoção. Em um momento que resumia perfeitamente a extraordinária fusão de violência e fé da cruzada, o crepúsculo de 15 de julho de 1099 foi testemunha da reunião dos latinos, que, em lágrimas, davam graças a Deus. Uma testemunha latina regozijou-se ao relembrar que “rumo ao Sepulcro do Senhor e seu glorioso Templo, os clérigos e também os leigos, cantando uma nova canção perante o Senhor em voz alta de exultação, e fazendo oferendas e as mais humildes súplicas, visitavam alegremente o Santo Lugar como há tanto desejavam”. Após anos de desesperadores sofrimento e luta, o terrível trabalho dos primeiros cruzados

estava feito: Jerusalém estava em mãos cristãs.⁴¹

RESCALDO

Os cruzados logo voltaram seus pensamentos para o destino de sua nova conquista. Após viajar mais de trinta quilômetros para reivindicar Jerusalém para a Igreja Romana, estava claro para todos que a cidade agora teria de ser governada e defendida. O clérigo alegou que um local de santidade tão rarefeita não deveria ser submetido ao governo de um monarca secular, argumentando a favor da criação de um reino eclesiástico governado pela Igreja, tendo a Cidade Sagrada como capital. Mas, como o patriarca grego de Jerusalém havia morrido recentemente no exílio em Chipre, não havia candidato natural para defender essa causa. Raimundo de Toulouse estava de olho no cargo de rei latino, mas sua popularidade fora diminuindo desde Arqa e, em 22 de julho de 1099, Godofredo de Bouillon, arquiteto-chefe da vitória dos cruzados, tomou as rédeas do poder. Em um gesto de conciliação, o clérigo aceitou o título de “Defensor do Santo Sepulcro”, implicando que ele agiria meramente como um protetor de Jerusalém.⁴²

Com suas ambições mais uma vez frustradas, o conde Raimundo, furioso, fez uma tentativa abortada de deter o controle pessoal da Torre de Davi antes de abandonar a Cidade Sagrada em uma crise de melindre. Em sua ausência, o cruzado normando Arnulfo de Chocques, crítico da Lança Sagrada, foi designado novo patriarca de Jerusalém. A ideia de instalar um latino nesse posto sagrado passava por cima dos direitos da Igreja Grega, sinalizando um evidente rompimento da política de cooperação com Bizâncio. Até agora, a eleição de Arnulfo permanecia sem confirmação, estando sujeita à aprovação de Roma, mas isso não o impediu de engendrar uma atmosfera assaz vergonhosa de intolerância religiosa. Dentro de meses, os mesmos “irmãos” cristãos que os francos foram acusados de proteger durante a guerra santa foram sujeitos a perseguição, e assim armênios, coptas, jacobitas e nestórios foram expulsos da Igreja do Santo Sepulcro.

A nova ordem consolidou sua posição ao cultivar seu próprio culto a uma relíquia para banir a maculada memória da Lança Sagrada. Por volta de 5 de agosto, um pedaço da Verdadeira Cruz foi descoberto. Acreditavam que essa relíquia, provavelmente um crucifixo maltratado de ouro e prata, conteria um

pedaço da cruz na qual Cristo morrera. Ao que parece, ela esteve oculta por décadas de governo muçulmano pela população cristã nativa. Procurado por Arnulfo e seus apoiadores, essa suposta reminiscência da vida de Jesus logo se tornou o totem do novo reino latino de Jerusalém, um símbolo da vitória dos francos e da eficácia do ideal dos cruzados.

A última batalha

Nem o patriarca e nem Godofredo de Bouillon tiveram muita oportunidade de aproveitar seu status recém-conquistado. No começo de agosto foi noticiado que al-Afdal chegara ao Porto de Ascalão, no sul da Palestina, após juntar um exército de cerca de 20 mil norte-africanos ferozes, a poucos dias de marchar adiante para reivindicar Jerusalém para o Islã. Depois de todas as provações e sofrimentos, os francos, assolados pelo partidarismo e em lamentável desvantagem numérica, encaravam agora a possibilidade bastante real de aniquilação e desmoronamento de suas consideráveis conquistas.

Em vez de esperar para ser sitiado, Godofredo decidiu arriscar tudo em um ataque preventivo contra os fatímidas. Em 9 de agosto, ele deixou a Cidade Sagrada, marchando com suas tropas descalças como soldados penitentes de Cristo, acompanhados pelo Patriarca Arnulfo e com a relíquia da Verdadeira Cruz. Godofredo passou os dias seguintes tentando costurar uma relutante aliança latina, e assim Raimundo de Toulouse voltou à batalha. Juntas, as tropas da antes grandiosa máquina de guerra dos francos agora se reduziram a uma elite, um núcleo endurecido de sobreviventes cruzados, contando talvez 1.200 cavaleiros e nove mil homens de infantaria no total. Esse exército marchou para o sul em direção a Ascalão em 11 de agosto, mas, perto do fim do dia, capturaram um grupo de espiões egípcios que revelaram o plano de batalha de al-Afdal, bem como o tamanho e a disposição de suas forças. Reconhecendo que eles estariam em desvantagem numérica de dois para um, os cruzados optaram por se garantir com um elemento surpresa para equilibrar as coisas. Ao amanhecer do dia seguinte, fizeram um ataque súbito contra as tropas fatímidas ainda adormecidas, que estavam acampadas diante de Ascalão. Exageradamente confiante, al-Afdal falhara ao não colocar vigias a postos em número suficiente, deixando os francos livres para atacar fileiras de tropas muçulmanas atônitas. Enquanto os cavaleiros latinos seguiam para o coração de seu acampamento, procurando o estandarte pessoal de al-Afdal e a maioria de suas posses, a batalha rapidamente transformou-se em debandada:

Apavorados que estavam, os fatímidas subiram em árvores para se esconder, mas caíram dos galhos como aves quando nossos homens os furaram com flechas e os mataram com lanças. Depois os cristãos os decapitaram com espadas. Outros infiéis se atiraram ao chão e rastejaram, aterrorizados, aos pés dos cristãos. Então nossos homens os cortaram em pedaços da mesma forma que abatiam gado para o mercado de carne.⁴³

Horrorizado e em estado de choque, al-Afdal escapou para dentro de Ascalão e imediatamente zarpou para o Egito, deixando os cruzados com a função de esmagar qualquer resistência remanescente e fazer uma vultosa pilhagem, incluindo a preciosa espada do vizir. A Primeira Cruzada sobrevivera ao seu teste final, mas a mesquinha rivalidade que havia dividido os seus líderes por tanto tempo agora custava um preço alto. Aterrorizados e abandonados, os homens da guarda de Ascalão estavam mais do que prontos para se render naquele agosto, mas eles exigiam negociar com Raimundo de Toulouse, o único franco conhecido por cumprir suas promessas durante o saque de Jerusalém. Temendo que o conde provençal estabelecesse lá seu próprio domínio costeiro independente, Godofredo interferiu e as negociações se desfizeram. Essa oportunidade desperdiçada deixou Ascalão nas mãos do Islã. Nas décadas a seguir uma ressurgente armada fatímida provou-se capaz de defender sua base palestina, deixando o nascente Reino de Jerusalém perigosamente exposto ao ataque egípcio.

O retorno à Europa

Após a vitória em Ascalão, a maioria dos cruzados considerou sua tarefa cumprida. Contrariando todas as expectativas, eles haviam sobrevivido à tenebrosa peregrinação à Terra Santa, garantiram a “milagrosa” reconquista de Jerusalém e rebateram a força dos egípcios fatímidas. Dentre as dezenas de milhares que carregaram a cruz anos antes, apenas uma parte permaneceu, e agora a vasta maioria desses procurava voltar para casa, no oeste.

Poucos cruzados retornaram ricos à Europa (se é que algum conseguiu isso). A pilhagem acumulada em Jerusalém e Ascalão parece ter sido rapidamente consumida em despesas de viagem, e muitos chegaram a suas terras quase em situação de miséria, amofinados por doenças e exaustão. Muitos traziam diferentes formas de “tesouros” sacros – relíquias de santos, pedaços da Lança Sagrada e da Verdadeira Cruz, ou simples folhas de palmeira de Jerusalém, insígnia da peregrinação concluída. Pedro, o Eremita, por exemplo, chegou à França com relíquias de João Batista e do próprio Santo Sepulcro, e oportunamente foi acolhido com honras em um priorado agostiniano perto de Liège. Quase todos ganharam alguma graduação em reconhecimento por suas façanhas, e tornou-se comum que esses cruzados fossem celebrados com o apelido Hierosolymitani, ou “viajantes para Jerusalém”.

É claro que havia centenas, ou mesmo milhares de francos que não receberam boas-vindas como heróis; foi o caso daqueles que, como Estêvão de Blois, abandonaram a expedição antes do fim, deixando, portanto, de cumprir seus votos de peregrinos. Esses “desertores” foram recebidos com uma fulminante onda de opróbrio público. Estêvão foi abertamente castigado pela esposa, Adela. Ele, e muitos como ele, procuraram eliminar a mancha dessa ignomínia se alistando em uma nova empreitada: a cruzada de 1101. Desde 1096, o papa Urbano II vinha encorajando que ondas de reforços latinos se formassem para o Levante. Urbano morreu no verão de 1099, pouco antes de chegar a Roma a notícia da conquista de Jerusalém, mas seu sucessor, Pascoal II, logo aceitou o chamado e promoveu uma expedição de larga escala para levar ajuda militar às nascentes ocupações no leste. Balizada por histórias de vitórias dos primeiros cruzados, essa campanha teve um nível extraordinário de recrutamento,

baseando-se nas fileiras de desventurados e centenas de novos entusiastas. Exércitos no mínimo equivalentes ao tamanho dos que se juntaram entre 1096 e 1097 marcharam para Constantinopla, onde se juntou a eles o veterano príncipe Raimundo de Toulouse, recém-chegado a Bizâncio para renovar sua aliança com o imperador Aleixo.

Apesar de sua aparente força bélica, a cruzada de 1101 se mostrou um chocante fracasso. Ao desconsiderar os conselhos de Estêvão de Blois e Raimundo de Toulouse, a expedição ignorou a necessidade de ação coordenada. Assim, nada menos do que três exércitos separados partiram para a Ásia Menor, e todos foram destruídos por potentes coalizões locais de governadores turcos seljúcidas, que já estavam bem cientes da ameaça representada por uma invasão de cruzados. Após subestimar amplamente a escala da resistência inimiga, os cruzados de 1101 foram aniquilados em uma sucessão de encontros militares devastadores. Dentre os poucos sobreviventes, apenas um pequeno grupo (que incluía Estêvão e Raimundo) se arrastou até a Síria e a Palestina, e nem esse grupo conseguiu qualquer resultado relevante.⁴⁴

Por mais surpreendente que pareça, esses reveses pouco afetaram o entusiasmo na Europa latina pelo conceito das “cruzadas”. De fato, muitos contemporâneos chegavam a alegar que o fracasso da campanha de 1101 teria brotado do orgulho pecaminoso, o que simplesmente confirmaria a natureza milagrosa das conquistas da Primeira Cruzada. Ainda assim, apesar das tentativas do papa de experimentar essa nova forma de combate santificado e de associar a memória da Primeira Cruzada a diferentes cenas de conflito, o começo do século XII não foi marcado por nenhuma grande explosão de entusiasmo pelas cruzadas. Na verdade, apenas décadas depois o Ocidente latino viria a lançar expedições em defesa da Terra Santa em escala proporcional às que ocorreram entre 1095 e 1101. Isso deixava os latinos que haviam permanecido no Levante após a conquista de Jerusalém perigosamente isolados.

EM MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

O sucesso da Primeira Cruzada deixou a cristandade latina perplexa. Para muitos, apenas a mão de Deus poderia explicar a sobrevivência dos cruzados em Antioquia e seu supremo triunfo em Jerusalém. Se a expedição tivesse sido impedida no Oriente Próximo, o próprio conceito das cruzadas provavelmente teria caído no esquecimento. Mas a vitória alimentou por séculos o entusiasmo dessa nova forma de combate devocional, e assim a Primeira Cruzada tornou-se o evento talvez mais amplamente registrado da Idade Média.

Configurando a memória da cruzada na Europa latina

O trabalho de registrar a cruzada começou quase imediatamente, quando alguns dos participantes se dedicaram a documentar e celebrar a campanha nos primeiros anos do século XII. Dentre esses documentos, o mais influente, *Gesta Francorum* (As obras dos francos), foi escrito em Jerusalém por volta de 1100, muito provavelmente por um cruzado italiano sulista da Normandia, de berço nobre e alguma instrução. Se por um lado esse relato parece ter sido baseado nas experiências do seu autor anônimo, por outro não se pode considerá-lo pura prova testemunhal, equivalente a um diário. Pelo contrário, o autor de *Gesta Francorum* adotou uma nova abordagem para registrar o passado, uma tendência que apenas começava a surgir na Europa medieval como alternativa à tradicional crônica ano a ano. Destilando as experiências de milhares de participantes em uma só e generalizando demais a narrativa, o autor construiu a primeira História (narrativa histórica) da cruzada, recontando a história de alcance épico e dimensões heroicas. Outros veteranos, incluindo Raimundo de Aguilera, Fulquério de Chartres e Pedro Tudebode, usaram o *Gesta Francorum* como texto-base para a construção de suas próprias narrativas – uma forma de plágio muito comum na época. Acadêmicos modernos transformaram isso em corpo de provas, mesmo tratamento dado às cartas escritas pelos cruzados durante a campanha, para recriar uma perspectiva latina da expedição. E ao fazer referências cruzadas entre esse testemunho próximo e fontes não francas (muçulmanos, gregos, cristãos do Levante e judeus), procuraram construir um panorama tão preciso quanto possível do que teria realmente acontecido na Primeira Cruzada – o que poderia ser chamado de reconstrução empírica.⁴⁵

Na primeira década do século XII, contudo, alguns latinos que viviam na Europa começaram a escrever – ou, mais precisamente, reescrever – a história da cruzada. Dentre eles – Roberto de Reims, Guiberto de Nogent e Baldrico de Bourgueil – foram particularmente importantes devido à grande popularidade e representatividade dos relatos que escreveram. Todos os três eram monges beneditinos muito bem educados que viviam no norte da França, sem experiência direta com a guerra santa fora da Europa. Trabalhando quase ao mesmo tempo, mas aparentemente sem qualquer conhecimento um do outro, cada um dos três monges compôs novos relatos da Primeira Cruzada usando o

Gesta Francorum como base do seu trabalho. De acordo com suas próprias palavras, eles se dedicaram a essa tarefa porque consideravam que o Gesta fora escrito “de modo grosseiro” e que usava “linguajar sem elegância e nada rebuscado”. Ainda assim, Roberto, Guiberto e Baldrico foram muito além de simplesmente lapidar o latim medieval do Gesta. Eles acrescentaram novos detalhes à história, algumas vezes respingando informações extraídas de textos de outras “testemunhas oculares”, como era o caso do texto de Fulquério de Chartres, além de recorrer a testemunhos orais dos participantes ou talvez à própria imaginação. Crucialmente, em nível fundamental, todos os três também interpretaram a Primeira Cruzada.

Roberto de Reims, por exemplo, utilizou uma gama muito mais rica e erudita de alusões bíblicas do que as usadas no Gesta Francorum. Ele usou essas citações de, ou em paralelo com, o Velho e o Novo Testamentos para posicionar a cruzada dentro de um contexto cristão mais bem definido. Roberto também enfatizou a natureza miraculosa da expedição, argumentando que seu sucesso não foi alcançado devido aos esforços dos homens, mas sim graças à interferência direta da vontade de Deus. Para completar, Roberto recontou toda a história da cruzada. O Gesta reservava apenas uma referência oblíqua ao sermão de Urbano II sobre a campanha, além de ser estruturado de modo a apresentar o cerco e a conquista de Antioquia como o empreendimento máximo, cobrindo os eventos em Jerusalém quase como se fossem um adendo. Por sua vez, Roberto começava sua história com um relato extenso do sermão do papa em Clermont (que Roberto dizia ter assistido pessoalmente) e enfatizava muito mais a conquista da Cidade Sagrada. Dessa maneira, Roberto retratou a expedição como uma iniciativa instigada, dirigida e legitimada pelo papado, afirmando, inclusive, que o objetivo último da cruzada era devolver Jerusalém à cristandade.

É claro que a história de Roberto não alterava os eventos da Primeira Cruzada em nenhum sentido concreto; e o mesmo vale para os relatos de autoria de Guiberto e Baldrico. Mas esses trabalhos são de importância fundamental para a compreensão das cruzadas como um todo, pois, em comparação com textos como o Gesta Francorum, foram muito mais lidos pelo público da época. Sendo assim, essas reformulações beneditinas serviram para formatar a maneira como as pessoas se lembravam da cruzada nos séculos XII e XIII. A história de Roberto de Reims foi especialmente admirada – equivalente a um best-seller medieval entre a elite culta. Também foi usada como fonte para o mais famoso *chanson de geste* (poema épico) sobre a expedição, *Chanson d’Antioche*, cujos dez mil versos em francês antigo imortalizaram os cruzados como heróis cristãos

legendários. Escrito na forma popular de então, o cancionero – que rapidamente se tornou a forma mais amplamente disseminada na Europa Ocidental de recontar eventos “históricos” –, *Chanson d’Antioche* foi designado para ser recitado publicamente usando um vernáculo popular para atrair público. Dessa maneira, o poema fez muito para mudar a memória prévia da Primeira Cruzada entre a cristandade latina.

A começar pela primeira onda de relatos de “testemunhas”, passando por textos como *Historia*, de Roberto de Reims, e o poema *Chanson d’Antioche*, o processo de registrar as memórias das cruzadas teve um efeito gradual, porém de longo alcance, sobre a realidade imaginada dos eventos: promover Godofredo de Bouillon como único líder da expedição; encaixar a memória do impacto “miraculoso” da Lança Sagrada; e consolidar a ideia segundo a qual os cruzados “martirizados” contavam com recompensas celestiais. Talvez as reconfigurações e manipulações históricas mais pesadas tenham sido a dos eventos em Jerusalém de 15 de julho de 1099 em diante. O saque dos latinos à Cidade Sagrada poderia ser facilmente interpretado pelos contemporâneos cristãos como o momento decisivo de triunfo sancionado pela divindade, e pelos muçulmanos como um ato de selvageria sem par que revelou a barbárie inata dos francos. Realmente, é de chamar a atenção que relatos cristãos não tenham procurado limitar o número de infiéis mortos na queda de Jerusalém – pelo contrário, eles se vangloriavam do evento. E também se deleitavam com a cena de carnificina na Mesquita de Al-Aqsa. O *Gesta Francorum* relata que a carnificina fora tamanha que os cruzados ficaram chafurdando em sangue até os tornozelos. Todavia, outra “testemunha”, Raimundo de Aguilera, expandiu essa imagem. Valendo-se de uma citação do Livro do Apocalipse do Novo Testamento, ele declarou que os francos “ficaram com sangue chegando aos joelhos e às rédeas dos cavalos”. Essa imagem mais extrema foi amplamente aceita e repetida por várias histórias e crônicas do oeste da Europa ao longo do século XII. ⁴⁶

A Primeira Cruzada e o Islã

Apesar de suas conquistas violentas, a Primeira Cruzada gerou uma reação surpreendentemente contida dentro do mundo muçulmano. A campanha não gerou uma onda de testemunhos árabes reforçando os comentários fidedignos em textos cristãos latinos. De fato, as primeiras crônicas árabes de sobreviventes da cruzada a oferecer qualquer detalhe foram escritas apenas por volta da década de 1150. Até nesses trabalhos, escritos pelo alepino al-Azimi e o damasceno Ibn al-Qalanisi, a cobertura foi relativamente sucinta – pouco mais do que o resumo de um esqueleto de narrativa cobrindo a travessia da Ásia Menor e os eventos em Antioquia, Marrat e Jerusalém, com antioquenos “mortos, aprisionados e escravizados” quando a cidade caiu no começo de junho de 1098, e a observação de que “uma grande parte [da população de Jerusalém] foi morta durante o saque dos cruzados à Cidade Sagrada”.

Por volta da década de 1220, o historiador iraquiano Ibn al-Athir foi mais extravagante em sua censura, recordando que “na Mesquita de Al-Aqsa os francos mataram mais de 70 mil, dentre eles um número grande de imams, acadêmicos religiosos, homens justos e ascetas, muçulmanos que haviam deixado suas terras para viver uma vida santa nesse augusto lugar”. Ele então descreveu como os cruzados saquearam o Domo da Rocha e acrescentou que uma delegação de muçulmanos sírios foi ao califado abássida em Bagdá no final do verão de 1099 para implorar por ajuda contra os francos. Eles teriam narrado histórias de sofrimento nas mãos dos latinos, “levando lágrimas aos olhos e dor ao coração”, e realizado um protesto público durante a prece de sexta-feira, mas, a despeito de todas as suas súplicas, pouco foi feito, e o cronista concluiu que “os comandantes estavam todos em desacordo uns com os outros, e assim os francos conquistaram as terras”.⁴⁷

Como deve ser interpretada a aparente falta de interesse histórico na Primeira Cruzada por parte do Islã? No Oeste Europeu a expedição foi amplamente celebrada como um triunfo significativo e arrasador, mas, no mundo muçulmano do começo do século XII, o impacto foi quase imperceptível. Até certo ponto, isso pode ser atribuído ao desejo dos cronistas islâmicos de limitar referências aos fracassos muçulmanos, ou a um desinteresse geral em eventos militares por

parte de acadêmicos religiosos islâmicos. Mas mesmo assim é surpreendente que não haja ataques contundentes aos latinos ou clamores mais explícitos de vingança e retribuição nos relatos árabes mais contemporâneos.

Poucas vozes muçulmanas isoladas convocaram, sim, uma resposta coletiva à Primeira Cruzada nos anos seguintes à captura de Jerusalém, entre eles alguns dos poetas cujos versos árabes foram repetidos em coleções posteriores. Al-Abiwardi, que vivia em Bagdá e morreu em 1113, descreveu a cruzada como um “período desastroso” e proclamou: “isso é guerra, e a espada do infiel está nua em sua mão, pronta para ser novamente guardada dentro de pescoços e caveiras de homens”. Por volta da mesma época, o poeta damasceno Ibn al-Khayyat, que antes vivera em Trípoli, escreveu sobre como os exércitos francos haviam “crescido em uma aterradora torrente de extensão”. Seus versos expressavam lamento pela disposição dos muçulmanos de serem pacificados por subornos de cristãos e enfraquecido rivalidades internas. Ele também exortava seu público a ações violentas: “as cabeças dos politeístas já amadureceram, então não as negligencie como safra e colheita!”. A reação mais interessante foi a de Ali ibn Tahir al-Sulami, jurista muçulmano que lecionava na Grande Mesquita Omíada de Damasco. Por volta de 1105, ele parece ter feito várias palestras públicas sobre os méritos da jihad e a necessidade urgente de uma reação islâmica resoluta e coletiva contra a Primeira Cruzada. Seus pensamentos foram registrados em um tratado, o Livro da guerra santa (Kitab al-Jihad), do qual há trechos que sobreviveram até hoje. Entretanto, apesar da avaliação presciente sobre a ameaça representada pelos francos, nem ele e nem os poetas foram ouvidos em sua chamada à ação.⁴⁸

A gritante ausência de uma reação islâmica coletiva contra a iminência das cruzadas pode ser explicada de várias maneiras. Em geral, os muçulmanos do Oriente Médio e Próximo tinham conhecimento muito limitado de quem eram os primeiros cruzados e do motivo de terem ido para a Terra Santa. A maioria imaginava que os latinos seriam, na verdade, mercenários bizantinos envolvidos em uma incursão militar de curto termo, e não guerreiros motivados pela devoção a conquistar e colonizar o Levante. Esses equívocos ajudaram a embotar a reação islâmica aos eventos de 1097 a 1099. Se os muçulmanos tivessem reconhecido a verdadeira dimensão e a natureza da cruzada, teriam se inspirado a deixar de lado pelo menos algumas de suas próprias querelas para repelir um inimigo comum. Na prática, as divisões fundamentais permaneceram. Uma rachadura ainda muito profunda separava os sunitas da Síria e do Iraque e os xiitas fatímidas do Egito e de Alepo. E em Bagdá, o sultão seljúcida e o califa

abássida estavam preocupados com suas próprias batalhas de poder na Mesopotâmia.

Ao longo do próximo século, alguns desses problemas foram resolvidos, e o entusiasmo por uma jihad contra os francos invasores se espalhou pelo mundo muçulmano a leste do Mediterrâneo. Todavia, para começar, os latinos que invadiram o Levante não enfrentaram nenhum contra-ataque pan-islâmico. Isso deu à cristandade ocidental uma oportunidade crucial para consolidar seu poder na Terra Santa.

4. CRIANDO OS ESTADOS CRUZADOS

A Primeira Cruzada trouxe para a cristandade latina o controle de Jerusalém e de duas grandes cidades sírias: Antioquia e Edessa. Na sequência dessas conquistas impressionantes, nasceu um novo entreposto do Oeste Europeu no Oriente Próximo, com os francos expandindo e consolidando seu poder sobre a região que, durante a Idade Média, era também conhecida como Ultramar, a terra além-mar, enquanto hoje em dia as quatro principais ocupações que emergiram nas primeiras décadas do século XII – o reino de Jerusalém, o principado de Antioquia e os condados de Edessa e Trípoli – são frequentemente considerados “Estados cruzados”.⁴⁹

O âmago do movimento cruzado seria dominado pelos séculos seguintes pela necessidade de defender esses territórios isolados, essa ilha de cristandade ocidental no leste. O benefício da retrospectiva torna fácil demais esquecer que a sobrevivência básica dos Estados cruzados ficou na corda bamba nos anos seguintes à Primeira Cruzada. Essa expedição havia conseguido o impossível – a reconquista da Cidade Sagrada –, mas em meio ao impulso resultante voltado para aquele objetivo singular, os cruzados ignoraram largamente a necessidade de uma conquista sistemática. A primeira geração de ocupantes francos em Ultramar herdou, portanto, uma colagem malfeita de cidades e municípios de poucos recursos e seu frágil “novo mundo” estava à beira da extinção. Em 1100, o futuro dos Estados cruzados parecia desesperadamente incerto, e todos os triunfos sangrentos da cruzada corriam o risco de serem apagados.⁵⁰

PROTETOR DA CIDADE SAGRADA

Esse problema foi imediatamente identificado por Godofredo de Bouillon, o primeiro governador franco de Jerusalém. Suas perspectivas iniciais eram desoladoras: contava com poucos recursos humanos militares, ainda precisava conquistar a maior parte da Palestina e as forças islâmicas dos abássidas e fatímidas estavam intimidadas, porém longe de derrotadas. As prioridades iniciais de Godofredo eram expandir a base latina na Cidade Sagrada e garantir as comunicações marítimas com o oeste. Para alcançar os dois objetivos, mirou em Arsuf, pequena cidade portuária fortificada comandada por muçulmanos ao norte de Jafa. Contudo, apesar do cerco arduamente batalhado do outono de 1099, ele não conseguiu garantir sua conquista.

Godofredo retornou à Cidade Sagrada no começo de dezembro e logo foi confrontado por outro perigo – a guerra civil. Considerando-se a natureza discutível de sua posição e sua aparente decisão de abandonar títulos reais, a autoridade de Godofredo sobre os territórios francos na Palestina estava aberta a contestações. A presença constante de Tancredo já representava certo problema, mas a forte possibilidade de um golpe interno viria a se concretizar em 21 de dezembro de 1099 com o advento de uma poderosa delegação de “peregrinos” latinos. Boemundo de Taranto e Balduíno de Bolonha seguiram de Antioquia e Edessa para o sul para cumprir a promessa feita como cruzados de venerar os lugares sagrados. Foram acompanhados pelo novo delegado papal para o Levante, o arcebispo Dagoberto de Pisa, um homem impulsionado pela ambição pessoal e uma crença inabalável no poder da Igreja. Todos esses potentados nutriam esperanças de comandar Jerusalém, tanto no campo secular quanto no eclesiástico, e seu surgimento representou uma ameaça óbvia, ainda que não declarada. E ainda assim, através de pragmatismo político, Godofredo deu um jeito de tirar vantagem da chegada da delegação. Após celebrar a festa da Natividade em Belém, ele resolveu se virar contra Arnulfo de Chocques e passar para o lado de Dagoberto. Ao apoiar a candidatura do arcebispo para a sede patriarcal, Godofredo travou a ameaça imediata de Boemundo e Balduíno e garantia ainda o necessário apoio naval da frota de Pisa – 120 navios que acompanharam Dagoberto ao Oriente Próximo. Esse novo pacto teve seu preço –

a doação de uma parte da Cidade Sagrada ao patriarca, além da promessa de um quarteirão pisano no porto de Jafa.

Balduíno e Boemundo retornaram aos seus domínios ao norte em janeiro de 1100, sendo que este último passou os seis meses seguintes apoiando a autoridade franca na Síria à custa de Bizâncio ao expulsar o patriarca grego de Antioquia e instalar um franco em seu lugar. Todavia, no curso de uma campanha um tanto mal preparada além da fronteira norte de seu principado em julho de 1100, Boemundo foi emboscado e aprisionado pelos turcos anatolianos. O grande general cruzado passaria os três anos seguintes no cativeiro, dividindo seu tempo, de acordo com rumores posteriores, entre cortejar uma glamorosa princesa muçulmana chamada Melaz e rezando pela intervenção de São Leonardo, santo protetor dos prisioneiros.

Na Palestina, Godofredo desfrutou de sucesso moderado no começo de 1100 ao deslocar a frota pisana para intimidar Arsuf, Acre, Cesareia e Ascalão, ocupações costeiras governadas por muçulmanos que aceitaram fazer pagamentos de tributos aos francos. Enquanto isso, Tancredo estava ocupado conquistando seu próprio domínio semi-independente na Galileia, tomando Tiberíades dos muçulmanos com relativa facilidade. Com a partida da frota de Pisa na primavera e a chegada de uma nova frota veneziana na Cidade Sagrada em meados de junho, Godofredo passou a depender menos do patriarca Dagoberto. Mas antes que ele pudesse aproveitar essa nova oportunidade de exercer sua soberana autoridade, o duque caiu doente (tudo indica que após refestelar-se com laranjas enquanto era entretido pelo emir muçulmano de Cesareia). Houve certa suspeita de envenenamento, mas o mais provável é que Godofredo tenha contraído uma doença do tipo tifoide durante aquele que foi um verão escaldante mesmo para os padrões do Levante. Em 18 de julho, passou pelos rituais de confissão e comunhão pela última vez e então, nas palavras de um contemporâneo franco, “segurado e protegido por um escudo espiritual”, o cruzado conquistador de Jerusalém, ainda com pouco mais de quarenta anos, “foi levado desta luz”. Cinco dias depois, em respeito a seu status e suas conquistas, o corpo de Godofredo foi enterrado dentro da entrada do Santo Sepulcro.⁵¹

O REINO DE DEUS

A morte de Godofredo de Bouillon em julho de 1100 deixou o recém-nascido reino franco de Jerusalém em estado de turbulência. O desejo de Godofredo parece ter sido passar o comando da Cidade Sagrada para seu irmão mais novo, Balduíno de Bolonha, o primeiro conde latino de Edessa. Mas o patriarca Dagoberto continuou a nutrir seu próprio projeto para Jerusalém, no qual a cidade se tornaria a encarnação física do Reino de Deus na Terra, capital de um estado eclesiástico cujo chefe seria seu patriarca. Se ele estivesse presente no momento da morte de Godofredo, esse sonho talvez tivesse alguma chance de se realizar. Mas, na ocasião, Dagoberto estava participando do cerco ao Porto de Haifa. Apoiadores da linhagem de Godofredo, incluindo Arnulfo de Chocques e Geldemar Carpinel, aproveitaram a chance para agir, ocupando a Torre de Davi (chave estratégica do domínio de Jerusalém), e despacharam mensageiros ao norte para convocar Balduíno.

A notícia chegou a Edessa em meados de setembro. O conde, agora com seus trinta e poucos anos, era descrito como “muito alto e de complexão muito clara, com barba e cabelos castanhos escuros e nariz aquilino”, e diziam que seu porte régio só era levemente maculado pelo lábio superior e pelo queixo ligeiramente para dentro. Considerando-se a qualidade e a natureza de Balduíno – seu voraz apetite por poder e progresso, bem como sua genialidade para ações desumanas –, o convite da Palestina representou uma oportunidade espetacular. Até mesmo seu capelão Fulquério de Chartres, veterano da Primeira Cruzada, teve de admitir que Balduíno “lamentou com hesitação a morte do irmão, mas regozijou-se sem pensar duas vezes por causa da herança”. Nas semanas seguintes, Balduíno resolveu rapidamente as questões do condado. Para garantir que este, que era seu primeiro domínio levantino, permaneceria nas mãos dos francos e sujeito à sua própria autoridade, Balduíno nomeou como novo conde de Edessa seu primo e homônimo, Balduíno de Bourcq (pouco conhecido participante da Primeira Cruzada). Nessa época ele teria reconhecido Balduíno de Bolonha como seu soberano.⁵²

Partindo dos confins do Norte da Síria com apenas duzentos cavaleiros e setecentos homens de infantaria no começo de outubro, Balduíno viajou pela

Antioquia e depois rechaçou um grupo muçulmano de tamanho considerável liderado por Duqaq de Damasco, perto do rio do Cão, no Líbano. Ao chegar à Palestina, Balduíno agiu rápido: mandou na frente um de seus cavaleiros de maior confiança, Hugo de Fauquembergues, para puxar o tapete de Tancredo e Dagoberto, além de fazer contato com os apoiadores de Godofredo na Cidade Sagrada. Em 9 de novembro, Balduíno finalmente chegou a Jerusalém e foi recebido com um festejo tão eufórico quanto provavelmente fingido, repleto de apoiadores latinos, gregos e cristãos sírios. Dagoberto não podia fazer nada perante essa aparente onda de apoio popular. Escondido em um pequeno monastério no Monte Sião pouco depois das muralhas da cidade, o patriarca se absteve em 11 de novembro quando Balduíno foi declarado formalmente novo Comandante de Jerusalém.

Todavia, Balduíno até então não fora capaz de reivindicar o título de rei; primeiro ele teria de passar por uma coroação. O rito era uma tradição de séculos que costumava incluir o uso de uma coroa, mas isso não era, ao contrário do que muitos provavelmente imaginariam, o ponto principal da cerimônia. Essa honra era reservada ao ritual de unção, o momento em que um dos representantes de Deus na Terra, como um bispo, patriarca ou papa, despejava o óleo sagrado (crisma) na cabeça de um comandante. Esse ato tornava o rei algo separado dos demais homens e nele imbuía um luminoso poder divino. Para alcançar essa elevação, Balduíno precisava chegar a algum tipo de acordo com a Igreja.

Seu domínio começou com uma demonstração de vigorosa energia: uma campanha de invasão de um mês ao longo das fronteiras ao sul e ao leste, garantindo as rotas de peregrinos e atacando a guarda egípcia em Ascalão. Tanto seus súditos quanto seus vizinhos concordavam que Balduíno havia trazido novo senso de propósito e poder ao reino latino. Dagoberto devidamente reconheceu que era melhor ele se contentar com seu posto sob o novo regime do que correr o risco de ser deposto do trono patriarcal. Em 25 de dezembro de 1100, na Igreja da Natividade de Belém – uma data e lugar repletos de simbolismo –, o patriarca coroou e ungiu Balduíno de Bolonha, fazendo dele o primeiro rei franco de Jerusalém. Com esse ato, Dagoberto efetivamente encerrou qualquer ideia de fazer do reino cruzado uma teocracia. Sua submissão também evitou uma guerra civil que seria potencialmente catastrófica.

Mas o patriarca não foi mais salvo por sua concessão. Balduíno I agiu com calculada eficiência nos meses e anos seguintes para abafar qualquer contestação que ainda restasse à sua autoridade. Assim, realinhou a Igreja Latina a seu favor.

Felizmente para o rei, Tancredo – seu mais relevante rival secular – deixou a Palestina na primavera de 1101 para assumir o controle de Antioquia durante o período que Boemundo passou preso. Mais à frente nesse mesmo ano, Dagoberto foi deposto quando descobriram que ele havia desviado o dinheiro enviado de Apulia para financiar a defesa da Cidade Sagrada. Depois de um breve retorno ao poder em 1102, a fortuna de Dagoberto minguou e a cadeira do patriarca passou por uma sucessão de candidatos sancionados pelo papado, culminando em 1112 com a reintegração de Arnulfo de Chocques, aliado de longa data de Balduíno. Esses patriarcas nunca foram totalmente subservientes à coroa, mas estavam interessados em cooperação mútua e concreta com o rei no sentido de consolidar aos francos o controle da Palestina.

Um elemento-chave desta colaboração foi o manejo e cultivo de um culto associado à relíquia hierosolimita da Verdadeira Cruz descoberta pelos primeiros cruzados em 1099. Nos primeiros anos do século XII, a cruz tornou-se um totem de poder latino no Levante. Levada pelo patriarca ou por um de seus principais clérigos em uma sucessão de batalhas contra o Islã, não demorou a ganhar reputação de fazer intervenções miraculosas; até mesmo começaram a dizer que, na presença da Cruz do Senhor, os francos eram invencíveis.⁵³

Criando um reino

Após garantir a sua ascensão, Balduíno I foi confrontado por uma avassaladora dificuldade. O reino que ele comandava na verdade não passava de uma rede frouxa de fortins dispersos. Além de Jerusalém, os francos também comandavam lugares como Belém, Ramla e Tiberíades, mas em 1100 esses lugares eram apenas bolsões isolados de ocupações latinas. Mesmo aqui, os francos no poder estavam em grande desvantagem numérica em relação à população muçulmana local e às comunidades cristã e judaica do leste. A maior parte da Palestina permanecia não conquistada e nas mãos de potentados islâmicos semiautônomos. Pior ainda, os latinos mal haviam começado a exercer o controle da costa levantina, controlando apenas Jafa e Haifa, sendo que nenhuma das duas oferecia um porto natural ideal. A única maneira de Balduíno garantir os canais de comunicação com o Oeste Europeu, abrir o reino a peregrinos e ocupantes cristãos e aproveitar para iniciar um comércio potencialmente próspero entre leste e oeste seria subjugando os portos da Palestina. Portanto, segurança interna e necessidade de consolidação territorial eram essenciais.

Uma testemunha latina, Fulquério de Chartres, refletiu sobre essa situação:

No começo de seu reino, Balduíno possuía um tanto de cidades e povos. Até então, a rota por terra para a Palestina estava completamente bloqueada por nossos peregrinos, e os francos que puderam chegaram muito timidamente em um só barco, ou em esquadras de três ou quatro, passando por piratas hostis e pelos portos dos sarracenos. Alguns permaneceram nas cidades sagradas, outros voltaram para suas pátrias. Por essa razão, a terra de Jerusalém continuou despovoada e nós não tínhamos mais do que trezentos cavaleiros e o mesmo número de lacaios para defender o reino.

Os perigos associados a esses problemas foram refletidos no testemunho dos primeiros peregrinos cristãos a chegar ao Oriente Próximo. Saewulf, um

peregrino (muito provavelmente da Bretanha) que documentou sua jornada a Jerusalém bem no começo do século XII, descreveu em detalhes perturbadores a terra sem lei que eram os montes de Judá. A estrada entre Jafa e a Cidade Sagrada, observou, “era muito perigosa, pois os sarracenos estavam sempre de tocaia, dia e noite, sempre de olho para ver se tinha alguém para atacar”. Em sua rota, viu incontáveis cadáveres largados para apodrecer ou servir de banquete para animais selvagens, pois ninguém correria o risco de parar para organizar enterros de modo adequado. As coisas haviam melhorado um pouco por volta de 1107, quando o outro peregrino, um russo conhecido como Abade Daniel, visitou a Cidade Sagrada, mas, ainda assim, reclamou amargamente que seria impossível viajar pela Galileia sem a proteção de soldados.

Talvez a mais notável demonstração de que a Cidade Sagrada ainda tinha de ser devidamente conquistada veio no verão de 1103 quando, durante uma viagem curta de rotina perto da Cesareia, Balduíno foi atacado por um pequeno grupo de fatímidas que havia aparentemente adentrado território latino de propósito. O rei foi atingido por uma lança inimiga no ápice da batalha, e o certo é que os ferimentos foram graves, apesar de não se saber bem a natureza deles – segundo um relato, ele teria sido atingido nas costas, perto do coração, já outro diz que a lança o atingira entre a coxa e os rins. Um contemporâneo latino descreveu como “o sangue jorrava horivelmente do ferimento. Ele começou a ficar pálido e pouco depois caiu do cavalo como se estivesse morto”. Graças a um cuidadoso tratamento médico, após uma convalescência prolongada, Balduíno se recuperou, mas o ferimento continuou lhe atormentando pelo resto da vida.⁵⁴

Em última instância, Balduíno foi forçado a dedicar grande parte da primeira década do século XII à consolidação de seu poder sobre a Palestina, empregando uma mistura de flexibilidade pragmática e resolução férrea em sua lida com os habitantes muçulmanos da Cidade Sagrada. Ele recebeu um impulso inicial quando a frota genovesa chegou a Jafa, talvez ao lado dos navios de Pisa, pouco antes da Páscoa de 1101. Provavelmente os marinheiros foram para o leste pensando em ajudar na consolidação e defesa do Levante e, para explorar novas rotas de comércio, agregaram um elemento naval extremamente necessário à campanha de conquista de Balduíno, que lhes ofereceu em troca condições generosas: um terço de toda a pilhagem e um enclave de comércio semi-independente garantido “pela eternidade e pela hereditariedade”, dentro de qualquer ocupação conquistada com ajuda italiana. Fechado o acordo, Balduíno estava pronto para seguir com a ofensiva.

Seu primeiro alvo, Arsuf, resistiu firmemente a um ataque por terra de Godofredo de Bouillon em dezembro de 1099. Agora Balduíno podia pôr em prática um cerco a partir do mar e, após apenas três dias, a população muçulmana pediu paz em 29 de abril de 1101. O rei foi magnânimo; concedeu-lhes um salvo-conduto e permitiu que levassem o que pudessem de suas coisas, e o mesmo em Ascalão. O rei havia vencido, e sem nenhuma morte entre os cristãos.

Balduíno voltou sua atenção para a Cesareia, mais ao norte. Essa ocupação greco-romana, tão próspera no passado, vinha se encolhendo ao longo dos séculos sob o comando muçulmano; seus muros envelhecidos ainda estavam de pé, mas o celebrado porto da cidade havia sido destruído muito tempo atrás, e tudo que restava era um cais pequeno e raso. Balduíno enviou uma missão diplomática ao emir de Cesareia, exortando-o a capitular ou encarar um cerco inclemente; mas os habitantes muçulmanos da cidade, contando com reforços fatímidas, rejeitaram resolutamente qualquer ideia de rendição negociada. Em Arsuf, o rei latino demonstrara clemência a um inimigo submisso; aqui, perante tamanha obstinação e ousadia, ele resolveu fazer uma demonstração de brutalidade. Começando por volta de 2 de maio de 1101, ele bombardeou a Cesareia com manganelas. O exército da Cesareia resistiu bravamente por quinze dias, mas as tropas dos francos acabaram conseguindo derrubar as defesas claudicantes da cidade com a ajuda de escadas de abordagem. Balduíno agora permitiria que suas tropas despejassem sua fúria na aterrorizada população de Cesareia. Tropas cristãs vasculharam a cidade, rua por rua, casa por casa, sem piedade, assassinando a maioria da população masculina, escravizando as mulheres e crianças e saqueando tudo que pudessem encontrar. Um observador latino escreveu:

É impossível dizer a quantidade dos diferentes tipos de bens que eles encontraram, mas muitos de nossos homens que eram pobres ficaram ricos. Eu vi muitos dos sarracenos assassinados queimando em uma pilha de cadáveres. O fedor dos corpos nos incomodou profundamente. Os coitados foram queimados para que os invasores descobrissem as moedas de ouro que alguns haviam engolido.

O Levante não testemunhava tamanha barbaridade desde o ataque à Cidade Sagrada em 1099. A quantidade de bens confiscados foi substancial – só os genoveses, ao receber sua terça parte, chegaram a distribuir 48 solidi de Poitou e um quilo de temperos valiosos para cada um dos oito mil homens –, e os espólios também devem ter colaborado muito para reforçar o tesouro real. Além disso, os italianos ganharam uma tigela verde-esmeralda, o Sacro Catino, que já havia sido considerado o Santo Graal, e que continua até hoje na Catedral de São Lourenço, em Gênova. Enquanto isso, Balduíno I fez questão de poupar o emir e qadi (juiz) da Cesareia para garantir um robusto resgate em troca dele. Um clérigo também chamado Balduíno, notório por ter feito a marca de uma cruz na testa no começo da Primeira Cruzada, foi então designado o novo arcebispo latino da Cesareia.⁵⁵

Essa conquista mandou uma mensagem austera para os povoados muçulmanos na Palestina: resistência resultaria em aniquilação. Esse conceito já vinha sendo pavimentado nas conquistas mais significativas do começo do regime de Balduíno. Em abril de 1104, ele cercou o porto do Acre, quase vinte quilômetros ao norte de Haifa, onde ficava o maior e mais protegido cais da Palestina. Lutando ao lado de uma frota genovesa de setenta navios, o rei começou um cerco de ataque, e a guarda muçulmana, isolada de qualquer possível reforço fatímida, logo capitulou, pedindo os mesmos termos de rendição concedidos em Arsuf. Balduíno aquiesceu prontamente; na verdade, ele chegou até a permitir que cidadãos muçulmanos permanecessem em Acre em troca de pagamento em forma de impostos. Com poucas mortes, ele conquistara um prêmio valioso – um porto que oferecia ancoragem relativamente segura em todas as estações, que poderia servir de canal vital de comunicação e comércio marítimo com a parte oeste da Europa.⁵⁶ Acre não demorou a se tornar a capital comercial do reino latino.

Nos anos seguintes, Balduíno continuou a aumentar e consolidar gradualmente seu controle sobre o litoral mediterrâneo. Beirute foi conquistada em maio de 1110, desta vez com ajuda de navios genoveses e pisanos. No final desse ano, o novo alvo de Balduíno era Sídon, e por algum tempo havia subornado o rei franco com pródigos tributos em ouro para garantir imunidade. Balduíno contou com o competente apoio recém-chegado de um grande contingente de cruzados e peregrinos noruegueses ao comando de seu jovem rei, Sigurdo. Assim, cercou Sídon em outubro e forçou sua rendição no começo de dezembro, mais uma vez nos termos de salvo-conduto e ofertas que permitissem que alguns membros da população muçulmana continuassem em paz, trabalhando a terra sob o comando

latino.

Ao longo dessa primeira década, Balduíno I agregou um grau real de segurança territorial para seu reino nascente e forjou uma tábua de salvação crucial para o oeste cristão. Não obstante, duas cidades permaneceram fora de seu alcance. Ao norte, o intensamente fortificado porto de Tiro seguia sendo um teimoso fortim muçulmano, separando Acre de Sídon e Beirute; o porto sobreviveu a um cerco franco conjunto em 1111 em grande parte devido a seu emir ter passado a prestar vassalagem a Damasco e não mais ao Egito, o que garantiu reforços valiosos. Incapaz de conseguir tomar a cidade, Balduíno isolou Tiro construindo fortalezas em Toron e ao sul do litoral em um estreito penhasco conhecido como Scandelion.

Balduíno também estava perdendo o controle de Ascalão, no sul. Na primavera de 1111, ele ameaçou fazer um cerco à cidade, assustando seu último emir, Shams al-Khilafa, que acabou adotando uma notável estratégia de realinhamento político. Primeiro, o emir comprou a paz com a promessa de um tributo de sete mil dinares. Com o vizir fatímida do Egito, al-Afdal, murmurando suas objeções no Cairo, al-Khilafa decidiu que sua melhor esperança de sobrevivência política estava em uma dramática mudança de aliança. Então ele rompeu com o califado fatímida, viajou para Jerusalém para negociar um novo acordo com Balduíno I e, após jurar lealdade ao reino latino, ganhou poder ao ser nomeado comandante independente. Pouco depois, uma guarda cristã de trezentas tropas foi instalada em Ascalão e, durante alguns meses, parecia que o pragmatismo de Balduíno havia finalmente fechado a porta entre Egito e Palestina. O desafortunado Shams al-Khilafa não viveu muito além daquele verão. Um grupo de berberes ascalonitas ainda leal aos fatímidas atacou o emir quando ele estava cavalgando. Ele correu para casa, muito ferido, mas foi perseguido e assassinado. Antes que o rei Balduíno pudesse ajudá-lo, a guarda cristã foi despachada de modo semelhante. Al-Afdal recebeu a cabeça de al-Khilafa e rapidamente reconduziu os fatímidas ao controle de Ascalão.⁵⁷

Servos da coroa

Balduíno I parecia ter o dom da governança forçada em seu papel como rei de um reino em expansão. Ao longo da primeira fase de seu reino, tomou muito cuidado para garantir que o equilíbrio do poder na Palestina latina ficasse com a coroa e não com a nobreza. Assim, ele conseguiu uma vantagem específica sobre os demais monarcas do oeste, já que estava, ao menos relativamente, começando do zero. Não tendo de lidar com a aristocracia que incrustava e impregnava sistemas seculares de senhorio e propriedade familiar, Balduíno conseguiu moldar o novo reino de Jerusalém para favorecer a si mesmo.

Sua abordagem era a manutenção de um domínio real poderoso – o território possuído pela coroa e por ela diretamente administrado. Os reis da Europa podiam herdar reinos nos quais muitos dos territórios mais ricos e poderosos haviam sido distribuídos entre membros da nobreza para serem governados como feudos em nome da coroa, mas com comando semiautônomo. Balduíno I manteve muitos dos mais importantes povoamentos da Palestina sob seu domínio, incluindo Jerusalém, Jafa e Acre, criando pouquíssimos novos domínios. Frequentemente desbastada pelo alto índice de mortalidade do Levante tomado pela guerra, a aristocracia também teve pouca oportunidade de reclamar heranças dos feudos disponíveis. O rei também fez uso frequente de feudos pagos, retribuindo serviço com dinheiro em vez de terra.

O começo da história de dois domínios – Haifa e Tiberíades – ilustra particularmente bem o estilo de comando de Balduíno e sua postura para com seus principais vassalos. Assim que Tancredo partiu para Antioquia em 1101, Balduíno dividiu o poderosíssimo principado da Galileia em dois. Geldemar Carpinel, um cruzado do sul da França a serviço de Godofredo de Bouillon, ganhou Haifa em março de 1101, talvez em retribuição por seu apoio quando Balduíno reclamou o trono. Geldemar foi morto em batalha apenas seis meses depois e, pelos quinze anos seguintes, o domínio de Haifa passou pelas mãos de mais três homens que não tinham nenhuma ligação entre si. Dessa maneira, a autoridade sobre o porto reverteu consistentemente para a coroa, e em todas as ocasiões Balduíno pôde redistribuir a recompensa de seu feudo a seu gosto.

Tiberíades, por sua vez, foi dada a um dos seguidores próximos do rei, Hugo de Fauquembergues, o cavaleiro de Flandres que provavelmente se juntara a Balduíno durante a Primeira Cruzada. Hugo servia bem ao reino, mas logo se tornou vítima da insegurança militar da região: foi morto por uma flechada durante uma emboscada em 1106. Então passaram Tiberíades para Gervásio de Bazoches, um franco do norte que se tornou um dos favoritos de Balduíno e indicado senescal real (responsável pela administração financeira e pelo judiciário). Dentro de dois anos, entretanto, Gervásio seria capturado por tropas damascenas durante um ataque muçulmano na Galileia.

É claro que nem todos os vassallos de Balduíno I tiveram mortes abruptas ou tenebrosas. Ao longo da costa norte da Palestina, na fronteira com o Líbano e longe do alcance imediato de Jerusalém, o rei criou alguns novos domínios. Um deles, Sídon, foi dado para uma estrela em ascensão em seu reino, Eustáquio Grenier. Talvez de origem normanda, era dito que esse cavaleiro já servia a Balduíno em Edessa, e certamente lutou com ele contra os egípcios em 1105. Partindo de relativa obscuridade, Eustáquio rapidamente acumulou boa quantidade de domínios, incluindo a Cesareia e, através do casamento com Emma (a bem relacionada sobrinha do patriarca Arnulfo de Chocques), a cidade de Jericó. Eustáquio era, contudo, uma exceção. No geral, Balduíno parece ter criado uma classe nobre leal e eficaz que era também bastante subserviente à coroa.⁵⁸

ENCARANDO O ISLÃ

É claro que, nos primeiros anos de seu reinado, Balduíno I podia se dar ao luxo de se concentrar simplesmente na consolidação de seu poder na Palestina; sempre mantendo olhos atentos a seus vizinhos muçulmanos, mais especificamente os fatímidas xiitas do Egito. Seu vizir al-Afdal fora humilhado pelos primeiros cruzados, mas com o porto de Ascalão – ponto de partida entre Palestina e Egito – ainda em mãos fatímidas, a porta continuava aberta para um contra-ataque ao reino de Jerusalém.

As batalhas de Ramla

Em maio de 1101, logo depois da violenta conquista da Cesareia por Balduíno, chegaram notícias de uma invasão egípcia. Al-Afdal despachou o grande grupo que agora avançava pela Cidade Sagrada sob o comando de um de seus principais generais, o ex-governador de Beirute, Sa’ad al-Daulah. Balduíno foi às pressas para o sul, mas em vez de entrar no campo de batalha, preferiu ficar em Ramla, em relativa segurança, e esperar pelo próximo movimento dos fatímidas. Durante os três meses seguintes formou-se um tenso impasse, com Sa’ad esperando em Ascalão o momento certo de atacar e Balduíno, nervoso, patrulhando a região entre Jafa e Jerusalém. Finalmente, na primeira semana de setembro, com a temporada de guerra chegando ao final, os egípcios começaram a avançar de fato.

Evitando uma estratégia de defesa reativa, Balduíno resolveu confrontar o inimigo: ordenou mobilização imediata em Jafa. Foi uma decisão corajosa, considerando-se a preocupante escassez de lutadores à disposição. Mesmo após convocar tropas de todo o reino e ordenar que todos os escudeiros fossem nomeados cavaleiros, ele partiu com apenas 260 cavaleiros e novecentos homens a pé. As estimativas latinas das forças muçulmanas nesse ponto variam bastante – de 31 mil a 200 mil – e parecem grosseiramente aumentadas. Nenhuma testemunha árabe confiável sobreviveu, mas tudo indica que os francos estavam em enorme desvantagem numérica naquele outono.

Aparentemente tomados por um desesperado senso de determinação, os cristãos saíram de Jafa em 6 de setembro para interceptar os fatímidas nas planícies ao sul de Ramla. Entre eles estava o capelão do rei, Fulquério de Chartres, que viria a escrever: “preparamo-nos fervorosamente para morrer pelo amor [de Cristo]”, encontrando consolo na presença da relíquia que era a Verdadeira Cruz, que estava sendo levada com eles.

A atmosfera ao amanhecer do dia seguinte trazia ecos da Primeira Cruzada com as forças de Sa’ad al-Daulah – “as estradas de longe [...] cintilando na planície”. O rei aparentemente caiu de joelhos perante a Verdadeira Cruz, confessou seus pecados e comungou. Fulquério relembra o empolgante discurso de batalha do

seu monarca:

Venham, soldados de Cristo, estejam bem dispostos e não tenham medo de nada, [mas] lutem, eu rogo, pela salvação de suas almas [...] Se lá vocês forem mortos, certamente estarão entre os abençoados. A porta do reino dos céus já está aberta para vocês. Se sobreviverem, brilharão, gloriosos, como vencedores entre os cristãos. Se, de qualquer forma, quiserem fugir, não se esqueçam de que a França fica bem longe daqui.

Com isso, os francos começaram a avançar em alta velocidade e levaram a luta aos egípcios, arregimentando cinco ou seis divisões. Balduíno, montado em sua ligeira égua apropriadamente chamada Gazela, liderou uma força de reserva pronta para atacar assim que o formato da disputa se tornasse mais claro. Cavalgando perto de seu rei o tempo todo, Fulquério de Chartres viria a evocar o horror caótico da batalha que se seguiu, escrevendo que “os inimigos eram tão numerosos e o bando se infiltrou tão rapidamente que ninguém mais conseguia ver ou reconhecer ninguém”. A vanguarda latina foi logo dizimada – Geldemar Carpinel estava entre os mortos – e o exército inteiro foi velozmente cercado.

Com os cristãos à beira da derrota, Balduíno abriu mão de sua reserva, cavalgando ao lado da Verdadeira Cruz. Com a força de seu ataque, as tropas fatímidas foram cedendo, fileira após fileira. Fulquério testemunhou o rei furando a barriga de um emir egípcio com sua lança, e boa parte do exército muçulmano bateu em retirada. Foi provavelmente nesse ataque de choque que morreu Sa’ad al-Daulah. Um contemporâneo latino acreditava que a vitória foi garantida por um milagre associado à Verdadeira Cruz, no qual um governador muçulmano morreu estrangulado quando estava prestes a atacar o bispo que carregava a relíquia. Essa história parece ter circulado entre os militares, e certamente contribuiu para o florescente culto envolvendo a cruz, mas na realidade o confronto foi inconclusivo e rápido. Fulquério testemunhou que o campo ficou polvilhado de armas, armaduras e corpos muçulmanos e cristãos, estimando as perdas inimigas em cinco mil, mas reconhecendo que oitenta cavaleiros francos e um número maior da infantaria foram mortos. E se, por um lado, Balduíno conseguira retomar o controle da planície e das partes derrotadas da força fatímida que seguira rumo a Ascalão, por outro, os aterrorizados

sobreviventes da vanguarda latina que tentavam fugir para Jafa eram perseguidos por tropas muçulmanas que se acreditavam vitoriosas.

A confusão foi tão grande que dois francos que fugiram da batalha se declararam derrotados ao chegar a Jafa. Com cerca de quinhentas tropas fatímidas dando voltas no porto, a traumatizada rainha de Balduíno (que então residia em Jafa) rapidamente despachou o mensageiro para o norte de Antioquia por navio, rogando a Tancredo que trouxesse ajuda. Felizmente para os francos, o povo de Jafa rejeitou qualquer ideia de rendição imediata, e no dia seguinte chegou ao litoral o rei Balduíno, que havia acampado no campo de guerra em declaração de vitória. De início, os soldados fatímidas remanescentes nos arredores de Jafa pensaram que o exército que estava chegando era deles e correram para recebê-lo alegremente; mas ao perceberem o erro e o grave revés que se daria, fugiram. Um segundo mensageiro foi imediatamente mandado ao norte para declarar que o rei estava vivo e vitorioso.⁵⁹

Balduíno conseguira vencer através de uma mistura de decisão estratégica e boa sorte, mas a sensação de triunfo ou segurança não durou. Rico e próspero, o Egito oferecia a al-Afdal os recursos para preparar uma segunda invasão da Palestina quase imediatamente. Com a chegada da primavera de 1102 e o começo de nova temporada de guerra, outra guarda fatímida se formou em Ascalão, desta vez sob o comando do filho de al-Afdal, Sharaf al-Ma'ali. Em maio, os egípcios marcharam mais uma vez em Ramla, enfrentando os quinze cavaleiros guardiões de sua pequena torre fortificada e saqueando a Igreja de São Jorge em Lida, cidade próxima.

Balduíno I estava em Jafa a essa altura, se despedindo dos últimos membros da malfadada cruzada de 1101 que haviam pouco antes celebrado a Páscoa em Jerusalém. Guilherme de Aquitânia conseguiu pegar uma embarcação para o oeste, mas Estêvão de Blois, o conde Estêvão da Borgonha e muitos outros tiveram menos sorte: logo após zarpar, o vento ficou desfavorável e foram forçados a retornar. Estavam, portanto, ao lado do rei quando chegaram os rumores de sua última ofensiva egípcia, por volta de 17 de maio. Balduíno tomaria agora a decisão mais calamitosa de sua vida. Acreditando que as notícias de Ramla anunciavam a presença de uma pequena força expedicionária fatímida e não um exército de campanha inteiro, ele teve a imprudência de ordenar um ataque de retaliação sem pensar duas vezes. Em companhia de seus próprios agregados familiares e um pequeno grupo de cruzados – incluindo os dois Estêvãos, Hugo de Lusignan e Conrado, cônsul da Alemanha –, ele partiu de

Jafa, aparentemente cheio de autoconfiança. Sua força continha meros duzentos cavaleiros e nenhuma infantaria.

Ao chegar à planície de Ramla, Balduíno avistou o exército egípcio em sua imponente e se deu conta da terrível realidade: havia avaliado erroneamente a situação. Encarando milhares de tropas muçulmanas (uma das estimativas era de 20 mil), para os francos agora não havia esperança de vitória, e as chances de sobrevivência eram mínimas. Sharaf al-Ma'ali se apressou em atacar o minúsculo grupo do rei no momento em que o avistou. Balduíno foi corajoso e tentou atacar, mas não havia esperança; rapidamente cercado, a carnificina começou. Em questão de minutos, a maior parte da sua guarda foi assassinada. Entre os mortos estavam o primeiro cruzado Stabelo, que já tinha sido camareiro de Godofredo de Bouillon, e Gerbod de Windeke, cruzado de 1101. Em meio à confusão, outro veterano da Primeira Cruzada, Rogério de Rozoy, conseguiu escapar com pequeno grupo para Jafa. Enquanto isso, com o inimigo se aproximando para matá-lo, Balduíno recuou lutando para Ramla com mais alguns sobreviventes, onde se abrigaram na torre fortificada.

Naquela noite, Balduíno viu que estava em situação desesperadamente desagradável. Sabendo muito bem que o amanhecer traria um ataque esmagador dos fatímidas que seguramente terminaria em morte ou captura, tomou uma decisão bem angustiada: abandonar seu exército e fugir na calada da noite. Acompanhado de cinco dos seus serventes mais confiáveis e assustadores, ele saiu furtivamente do forte cercado, provavelmente graças a algum tipo de disfarce e passando por uma pequena porta, mas logo foi desafiado pelas tropas muçulmanas. Teve início então uma sangrenta e caótica peleja na escuridão. De acordo com um contemporâneo, um cavaleiro franco chamado Roberto “tomou a frente com a espada desembainhada e foi rapidamente derrotado”. Ao ver mais dois de seus companheiros caírem, Balduíno fugiu a todo galope em sua rápida Gazela. Tinha agora a seu lado um sobrevivente apenas, Hugo de Brulis (de quem não se soube mais nada).

Os egípcios rapidamente começaram uma caçada frenética pelo monarca fugitivo. Sentindo que estava próximo de ser capturado, o rei procurou abrigo e esconderijo em meio a um enorme canavial, mas seus perseguidores tocaram fogo na vegetação. Balduíno conseguiu escapar por pouco, sofrendo queimaduras sem gravidade. Passou os dois dias seguintes fugindo, tentando salvar sua vida. Desnortado, com a comida e a água acabando, ele primeiro tentou encontrar um caminho para Jerusalém no mato, pelas Montanhas da

Judeia, mas desistiu ao avistar numerosas patrulhas fatímidas vigiando a área. Em 19 de maio de 1102, seguiu para o noroeste para alcançar o litoral e acabou conseguindo chegar a Arsuf, onde ficou em relativa segurança. Durante esse período, Balduíno certamente foi torturado pela humilhação e pela incerteza; não tinha como saber o que o destino havia reservado para seus companheiros abandonados em Ramla, e nem se Jafa ou mesmo a Cidade Sagrada teriam capitulado em sua ausência. Uma das evidências do trauma físico e psicológico dos dias anteriores é que, ao chegar a Arsuf, sua primeira preocupação foi comer, beber e dormir. Como observou um contemporâneo latino, “foram as exigências do lado humano de sua natureza”.

O dia seguinte foi mais afortunado. Hugo de Fauquembergues, senhor de Tiberíades, chegou a Arsuf com oitenta cavaleiros após ficar sabendo do ataque egípcio. Alguém confiscou um navio pirata inglês ancorado por perto e seguiu para Jafa, ao sul, enquanto Hugo avançava na mesma direção por terra, junto ao litoral. Balduíno encontrou Jafa em estado alarmante, cercada em terra pelas forças de Sharaf al-Ma’ali e no mar por uma frota egípcia de trinta embarcações vindas de Ascalão, ao norte. Após ter a ousadia de exhibir no navio seu estandarte real para levantar o moral da guarda de Jafa, o rei se desviou por pouco da flotilha fatímida e chegou ao cais. Em terra, a notícia que encontrou foi das mais sombrias.

Jafa não se rendera por pouco. Sem saber do paradeiro do rei e do destino de seu exército em Ramla, e cercado por todos os lados, o povo do porto já estava em situação calamitosa. Foi quando Sharaf al-Ma’ali empregou uma tática ardilosa. Em vida, Gerbod de Windeke parecia ligeiramente com o rei. Os muçulmanos mutilaram o cadáver de Windeke, cortando-lhe a cabeça e as pernas e os envolvendo em tecidos com o púrpura da realeza, e então exibiram esses restos mortais perante os muros de Jafa, proclamando a morte de Balduíno e exigindo rendição imediata. Muitos, inclusive a rainha, que mais uma vez estava se abrigando em Jafa, caíram no estratagema e começaram a planejar uma fuga pelo mar. Foi exatamente nesse momento que o navio de Balduíno apareceu ao norte. A chegada do rei no momento perfeito levantou o moral dos seus, além de abalar a confiança de Sharaf. A maioria do exército fatímida havia agora recuado um pouco na direção de Ascalão, provavelmente para preparar o maquinário de cerco para um ataque com força total, mas com isso os francos tiveram um espaço inestimável que lhes permitiu retomar o fôlego para se reagruparem.

Balduíno havia chegado a tempo de salvar Jafa, mas tarde demais para intervir

nos eventos em Ramla. Na manhã seguinte à sua fuga, tropas muçulmanas invadiram a cidade e cercaram a torre fortificada que agora abrigava o restante dos homens de Balduíno. Os fatímidas começaram um cerco intenso à rudimentar estrutura, solapando seus muros e acendendo fogueiras para que a fumaça expulsasse os ocupantes da torre. Em 19 de maio, os francos encurralados se encontravam em uma situação impossível; abandonados pelo rei e encarando a derrota, eles optaram por, nas palavras de um contemporâneo latino, “serem destruídos se defendendo de modo honrado [a] uma desprezível morte por asfixia”. Os francos avançaram a cavalo de dentro da torre em um último ato suicida e quase todos foram prontamente chacinados. Um dos poucos a sobreviver foi Conrado da Alemanha, que lutou com tamanha ferocidade, cortando qualquer um que entrasse no raio de ação de sua comprida espada, que no final só restou ele cercado por mortos e moribundos. As tropas fatímidas ficaram perplexas e lhe ofereceram a chance de se render com a promessa de que ele seria poupado e levado como cativo ao Egito. Conrado deixou para trás muitos outros que não tiveram a mesma sorte, entre eles Estêvão de Blois, cuja morte em Ramla finalmente abafou a vergonha de sua covardia em Antioquia quatro anos antes.

O desastre em Ramla foi o fundo do poço para os francos naquele ano. No começo de junho de 1102 mobilizaram tropas de todo o reino, inclusive um contingente de Jerusalém, levando a Verdadeira Cruz. Seu exército também foi fortalecido pela chegada de uma considerável frota peregrina. Comandando agora um exército de campanha completo, Balduíno lançou o imediato contra-ataque aos mal preparados egípcios. O comando indeciso de Sharaf já havia lançado as sementes da insatisfação entre os fatímidas, e assim foram logo derrotados por esse súbito ataque dos francos. O número de perdas muçulmanas foi limitado e a coleta após a batalha foi parca – alguns camelos e burros –, mas o reino “cruzado” havia, não obstante, sido salvo.⁶⁰

Entre Egito e Damasco

Nesses frágeis anos de formação, os latinos de Jerusalém tiveram a imensa sorte de não verem uma aliança entre os xiitas egípcios e o grande poderio dos sunitas sírios de Damasco. Se Balduíno tivesse de enfrentar a combinação de ambos em 1101 ou 1102, é provável que seu reino de poucos recursos tivesse sido derrotado. Isso se deu porque Duqaq de Damasco adotou uma política moderada de boas relações com palestinos francos pelo resto da vida. Dilacerado pela memória da derrota no rio do Cão, mas contente por permitir que os cristãos bloqueassem as ambições fatímidas na Cidade Sagrada, Duqaq manteve uma postura de neutralidade. Não obstante, após sua morte prematura em 1104 com apenas 21 anos, Damasco viria a adotar uma nova política.

Após uma competição breve, mas feia, o atabegd Tughtegin, principal tenente de Duqaq, tomou o controle da cidade. Enquanto marido de Safwat, a manipuladora mãe viúva de Duqaq, ele havia esperado longamente nos bastidores; de fato, houve até rumores de que a morte prematura de Duqaq tinha sido resultado de envenenamento preparado pelo próprio Tughtegin. Agora, o que ajudou o atabeg a se projetar e ganhar poder foi seu dom para intrigas políticas diabólicas e sua atitude casual (e às vezes assustadoramente caprichosa) para com atrocidades. Em 1105 o atabeg aceitou uma proposta de cooperação militar com o Egito. Felizmente para os francos, todavia, essa coalizão sunita-xiita tinha seus limites. Talvez ainda desconfiado de seus novos aliados, Tughtegin quase organizou uma invasão damascena de ampla escala na Palestina. Mas resolveu, em vez disso, contribuir com uma força de 1.500 arqueiros quando al-Afdal enviou um terceiro exército, comandado por outro de seus filhos, para o norte de África no verão de 1105.

Com uma frota egípcia já arrasando Jafa, Balduíno I reconheceu que o porto logo seria sitiado e seu reino mais uma vez desestabilizado. Então tomou a iniciativa de convocar o patriarca de Jerusalém e a Verdadeira Cruz e atacar frontalmente o exército fatímida perto de Ramla. Nessa ocasião, comandou cerca de quinhentos cavaleiros e dois mil soldados de infantaria, mas mesmo assim é certo que estavam em significativa desvantagem numérica. Todavia, pela terceira vez em quatro anos, a indisciplina marcial egípcia permitiu que Balduíno

derrotasse o inimigo, ainda que com dificuldade. As perdas de ambos os lados foram mais ou menos equivalentes, mas o encontro, não obstante, teve efeito arrasador no moral dos fatímidas. O governador muçulmano de Ascalão foi assassinado na batalha; Balduíno ordenou a decapitação do emir e mandou levarem a cabeça a Jafa para exibi-la perante a frota egípcia, tentando assim encorajar que fossem embora às pressas.

O Egito continuou a ameaçar a Palestina dos francos, mas al-Afdal não lançou nenhuma outra ofensiva de larga escala e seguramente jamais alcançou sucesso expressivo. Por enquanto, Damasco estava parcialmente neutra. Tughtegin adotou uma abordagem mais flexível e predominantemente não agressiva ao lidar com Jerusalém. Ele certamente não era contra defender os interesses damascenos com força quando os considerava ameaçados, e também fazia incursões punitivas em território cristão. Mas, ao mesmo tempo, ele aceitava fazer uma série de pactos de tempo limitado com Balduíno, com a intenção básica de facilitar o caminho para um comércio mutuamente benéfico entre Síria e Palestina.

A consequência mais duradoura dessas transações foi a formulação de um armistício parcial (confirmado por um tratado por escrito) por volta de 1109. Esse memorável acordo relacionado à região ao leste do mar da Galileia (conhecida pelos francos como Terre de Sueth – terras negras – devido ao solo escuro de basalto) focava as terras férteis e cultiváveis de Hauran, que chegavam a adentrar as áreas ao norte das Colinas de Golã e ao sul do rio Yarmuk. Balduíno e Tughtegin concordaram em estabelecer o que era, em essência, uma zona parcialmente desmilitarizada nessa área, permitindo que fazendeiros muçulmanos e cristãos cooperassem na exploração da terra. Os produtos agrícolas da Terre de Sueth eram então divididos em três partes: uma delas ficava com os camponeses locais e as outras duas ficavam com Jerusalém e Damasco. Esse arranjo durou por quase todo o século XII.⁶¹

Contudo, a própria sobrevivência do rei Balduíno e de todo o seu reino estivera ameaçada nos primeiros cinco anos de seu reinado. Os latinos só prevaleceram por meio de momentos de liderança presenteada e devido à desunião dos muçulmanos e à incompetência militar dos fatímidas.

SÍRIA LATINA EM CRISE (1101-8)

Eram os primeiros e gelados cinco meses de 1105 e Tancredo, celebrado veterano da Primeira Cruzada, tinha todos os motivos para entrar em desespero. Ele estava no comando do principado latino de Antioquia em um momento em que esse reino recém-fundado parecia prestes a ser exterminado. A reputação de invencíveis dos francos se desfizera com a pavorosa e humilhante derrota que o exército de Antioquia sofreu nas mãos do Islã. Em resposta, o famoso tio de Tancredo e suposto príncipe de Antioquia, Boemundo, fugiu do Levante, exaurindo os recursos da cidade mesmo enquanto corria para navegar para o oeste. Com o principado desabando diante de seus olhos, assolado pela rebelião e pela invasão em todas as frentes, Tancredo encarou o fantasma da ruína. Sete anos antes, ele havia testemunhado em primeira mão o horror do cerco de Antioquia e o terrível custo de sua conquista pela cruzada. Agora parecia que o hesitante enclave franco criado por essa conquista estava fadado à queda.

Tancredo não podia ser responsabilizado por nada, ou quase nada, nessa crise. Ele viajou para a Palestina na primavera de 1101 para atuar como regente de Antioquia após a prisão de Boemundo. Nos dois anos seguintes, Tancredo rapidamente restaurou um senso de estabilidade e segurança no principado, demonstrando vigor e competência. Pouco depois de ser capturado, Boemundo deixou escapar do seu domínio a fértil planície da Cilícia, a noroeste de Antioquia. Na esperança de ter mais autonomia, a população de cristãos armênios da região fez uma aliança com o Império Bizantino, mas Tancredo os forçou a voltar atrás com uma campanha breve, porém feroz. Não contente em simplesmente recuperar as perdas do tio, Tancredo então procurou expandir o principado. Da mesma forma que o reino de Jerusalém, Antioquia precisava controlar os portos do litoral mediterrâneo, mas Latáquia, que abrigava o melhor porto natural da Síria, permanecia nas mãos dos gregos apesar dos intermitentes esforços de Boemundo. Após um cerco prolongado, entretanto, a cidade foi reconquistada por Tancredo em 1103.

Tancredo parece ter se deleitado com as recém-descobertas oportunidades e com a autoridade que sua posição oferecia, de modo que seguramente não fez nenhum esforço para orquestrar uma rápida libertação do tio. Essa tarefa foi

assumida pelo patriarca Bernardo, recente nomeação eclesiástica de Boemundo, e pelo novo conde de Edessa, Balduíno de Bourcq. Juntos, eles conseguiram levantar o vultoso resgate exigido pelo captor de Boemundo, o emir Danishmendid: 100 mil peças de ouro. O armênio Kogh Vasil, senhor de duas cidades no Alto Eufrates, deu um décimo dessa soma em troca de promessas de aliança, mas nas palavras de um contemporâneo cristão do leste que ficou bastante escandalizado, “Tancredo não deu nada”. Finalmente, em maio de 1103, Boemundo foi libertado. As consequências para Tancredo foram exasperantes: ele não apenas teve de entregar as rédeas do poder em Antioquia, como também foi forçado desistir de suas próprias conquistas em Cilícia e Latáquia.⁶²

A Batalha de Harã (1104)

Com sua própria liberdade e autoridade restauradas, Boemundo procurou reforçar sua amizade com o conde Balduíno II de Edessa. Ao longo dos doze meses seguintes, os dois se uniram em uma série de campanhas com a intenção de subjugar o território entre Antioquia e Edessa, além de isolar e assediar Aleppo. Provavelmente foi com o último objetivo em mente que eles lançaram uma expedição ao leste do Eufrates na primavera de 1104. Dominar essa região garantiria a segurança da fronteira ao sul do condado de Edessa e ao mesmo tempo prejudicaria a comunicação de Aleppo com a Mesopotâmia. O que encontraram foi uma oposição cerrada de um exército muçulmano de tamanho considerável liderado pelos governadores turcos seljúcidas de Mossul e Mardin.

A batalha se deu nas planícies do sul de Harã por volta de 7 de maio. Boemundo e Tancredo ficaram com o flanco direito, enquanto Balduíno II comandava as forças de Edessa à esquerda, junto com seu primo Juscelino de Courtenay (um aristocrata bem relacionado do norte da França que chegou ao Levante após 1101 e havia recebido um domínio cujo centro era a maior fortaleza da cidade de Tell Bashir). Na luta que viria a seguir, as tropas de Edessa se desconectaram do resto do exército – sobrecarregando-se para atacar, acabaram sendo vítimas de um contra-ataque feroz e foram derrotados. Balduíno e Juscelino foram levados como prisioneiros enquanto milhares de seus compatriotas foram mortos ou presos. Boemundo e Tancredo lideraram um acoimado recuo em direção a Edessa, onde o último ficara com a responsabilidade de defender a cidade.

Harã representou um chocante revés para os francos. As perdas em campo de batalha por morte ou aprisionamento foram significativas, mas o dano maior foi psicológico. Essa derrota mudou o equilíbrio do poder e a confiança nos recônditos ao norte do Levante; agora ocorria aos povos nativos da Síria que os latinos não eram invencíveis, no final das contas. Um quase contemporâneo muçulmano escrevendo em Damasco refletiu que “[Harã] foi uma grande vitória sem precedentes [...] que desencorajou os francos, diminuiu os seus números e rompeu seu poder ofensivo, enquanto os corações dos muçulmanos foram fortificados”. De fato, muçulmanos, gregos e armênios procuravam a oportunidade de virar a maré a seu favor, e não foi Antioquia, mas Edessa que

mais sofreu. Os bizantinos voltaram a ocupar Cilícia e Latácia, apesar de a cidadela da última ter permanecido nas mãos dos francos. No sudeste, as cidades da região de Summaq expulsaram suas guardas latinas e procuraram a liderança de Aleppo. A indignidade final veio com a perda do domínio da cidade estrategicamente fundamental de Artah. Guardiã da principal estrada romana, localizada a quase um dia de marcha do noroeste de Antioquia, Artah era considerada por contemporâneos o “escudo” da cidade. No final do verão de 1104, o principado havia sido dizimado; só restou de seu antigo reino emergente um pequeno núcleo do território ao redor da própria Antioquia.⁶³

No começo daquele outono, Boemundo tomou uma decisão inesperada. Chamou Tancredo, que estava em Edessa, e convocou um conselho na Basílica de São Pedro, anunciando sua intenção de deixar o Levante. Os verdadeiros motivos dessa atitude são difíceis de presumir. Publicamente, Boemundo declarou que, para salvar a Síria latina, pretendia recrutar um novo exército franco no oeste da Europa. Ele também deve ter expressado sua determinação em cumprir sua promessa a São Leonardo (a quem ele havia apelado quando estava preso) fazendo uma peregrinação ao templo de suas relíquias em Noblat, na França. Contudo, em privado, ele demonstrava pouca intenção de voltar tão cedo ao Ultramar, planejando, na verdade, juntar uma força para com ela atacar implacavelmente o Império Bizantino nos Bálcãs. Isso deve ter distraído Aleixo Comneno, talvez para evitar um ataque grego em Antioquia, mas a estratégia de Boemundo provavelmente tinha mais a ver com seu desejo de conquistar território novo no Adriático e no Egeu, bem como com seu sonho de sentar no trono da poderosa Constantinopla.

O desencanto de Boemundo com a fragilidade da posição de Antioquia viria a ficar mais evidente através de sua calculada apropriação do que restou de riquezas e mão de obra na cidade antes de partir. Até mesmo seu contemporâneo latino, o escritor Rudolfo de Caen, normalmente apoiador da causa de Boemundo, observou que “ele levou ouro, prata, pedras preciosas e roupas e deixou a cidade para Tancredo sem proteção, sem soldo e sem mercenários”. Boemundo partiu do litoral da Síria por volta de setembro de 1104. Ele havia treinado ao máximo seu gênio militar e sua astúcia avarenta durante a Primeira Cruzada, ao conquistar Antioquia. Agora, ao dar as costas ao Levante, ele sem dúvida sabia que estava abandonando seu velho prêmio em troca de um futuro incerto e sombrio.⁶⁴

À beira do colapso

Foi assim que Tancredo começou o ano de 1105: em estado de tortuosa penúria, príncipe regente de um reino fadado a ser destruído. No ápice da crise – desafio que definiu sua carreira –, ele provou sua impetuosidade. Misturando charme e coerção, ganhou o apoio da população nativa de Antioquia para um imposto de emergência, fortalecendo o tesouro e financiando um novo recrutamento de mercenários. Ele também procurou reabastecer seus recursos ao explorar plenamente a única consequência positiva do fracasso em Harã, domínio simbólico de Antioquia sobre o condado de Edessa. Chamando todos os homens cristãos do norte da Síria às armas, tirando quase toda a defesa de Edessa, Marash e Tell Bashir, ele conseguiu juntar no começo da primavera um exército de cerca de mil cavaleiros e nove mil soldados a pé. A inquebrantável decisão de Tancredo e a acuidade estratégica incisiva agora vinham à tona.

Encarando uma infinidade de inimigos, ele reconheceu que não podia lutar em todas as frentes, nem voltar à política de defesa inerte. Então optou por agressão proativa com alvo certo, selecionando suas presas com muita cautela. Em meados de abril, Tancredo marchou em Artah, manejando um confronto decisivo com Ridwan de Alepo. Foi uma aposta audaciosa. Vencer esse inimigo em uma batalha campal talvez lhe permitisse recuperar a iniciativa e reacender a autoridade marcial dos francos – mas ele certamente sabia que os exércitos alepinos gozavam de superioridade numérica, talvez na proporção de três para um, e que qualquer fracasso marcaria o fim do domínio latino sobre a Síria.

Antes de deixar Antioquia, os cristãos fizeram rituais de purificação espiritual, incluindo um jejum de três dias, purgando os pecados de suas almas em preparação para a morte que ecoava nas práticas dos cruzados. Então Tancredo cruzou o rio Orontes pela Ponte de Ferro e avançou para cercar Artah. Assim que Ridwan mordeu a isca, avançando com 30 mil soldados (de acordo com relatos), Tancredo recuou. A peça central de sua estratégia era tirar vantagem de seu conhecimento próximo do terreno local e explorar sua crescente apreciação das táticas muçulmanas. A rota entre Artah e a Ponte de Ferro passava por uma área de terreno plano, porém pedregoso, sobre o qual os cavalos não podiam cavalgar com facilidade, até chegar a uma planície aberta. Foi para essa segunda

zona que Tancredo recuou e, em 20 de abril de 1105, Ridwan foi atrás. Um contemporâneo latino descreveu a batalha que se seguiu:

Os cristãos mantiveram sua posição como se estivessem entorpecidos [...] então, quando os turcos haviam passado pelo terreno acidentado, Tancredo atacou no meio deles como se tivesse sido acordado bruscamente. Os turcos logo recuaram, esperando, como era de seu feitio, dar meia-volta enquanto atiravam. Todavia, suas esperanças e seus truques foram frustrados [...] as lanças dos francos os atingiram nas costas e o caminho dificultou sua fuga. Seus cavalos nada podiam fazer.

Na batalha subsequente, os latinos investiram contra as fileiras apinhadas de tropas muçulmanas aterrorizadas, matando os inimigos quase à vontade enquanto desmoronava a resistência de Aleppo. Horrorizado, Ridwan saiu correndo o mais rápido que podia em busca de segurança, perdendo seu estandarte no caminho, e Tancredo foi o vencedor no campo, enriquecido com espólio e glória.

A batalha de Artah foi um divisor de águas na história dos Estados cruzados do Norte. Pelos anos seguintes, Tancredo rapidamente recuperou as perdas sofridas depois de Harã. Artah foi imediatamente reocupada e o planalto de Summaq logo seguiu o mesmo rumo. Ridwan pediu paz, tentando se posicionar como aliado subserviente, e, com as zonas de fronteira entre Antioquia e Aleppo seguras, Tancredo podia direcionar sua atenção para qualquer lugar. Em 1110, ele havia efetivado um domínio antioqueno de longo termo na Cilícia e Latácia à custa dos gregos. Ao mesmo tempo, ele fortaleceu as defesas ao sul do principado contra outro vizinho muçulmano potencialmente agressivo, a cidade de Xaizar, ao tomar o antigo acampamento romano vizinho, Apamea. Em termos pessoais, o sucesso de 1105 também serviu para legitimar a posição de Tancredo; não tardou para ele comandar menos como regente de Boemundo e mais como príncipe em seu próprio direito. De todo modo, nisso ele também foi ajudado pelo concomitante declínio da fortuna de seu famoso tio.⁶⁵

A cruzada de Boemundo

Boemundo de Taranto zarpou da Europa no outono de 1104. Mais tarde correriam rumores entre os gregos de que ele empregara um tipo bizarro de fraude para não ser capturado pelos agentes bizantinos durante a viagem pelo Mediterrâneo. Fingindo-se de morto, Boemundo teria viajado para o oeste em um caixão perfurado por buracos disfarçados para respiração. Para completar o ardil, ele ficou ao lado da carcaça em processo de apodrecimento de um galo enforcado para garantir que seu suposto cadáver parecesse emitir um odor adequadamente nauseabundo. De fato, a filha do Imperador Aleixo, Ana Comnena, até se permitiu uma nota de admiração pelo “indomável espírito bárbaro” de Boemundo ao escrever: “fico me perguntando como ele conseguiu suportar tamanho ataque às suas narinas e continuar vivo”. Apesar de seu modo de transporte, a chegada de Boemundo na Itália no começo de 1105 foi saudada com amorosa efusão de adulação. O autoproclamado herói da Primeira Cruzada estava de volta. Logo ganhou o apoio do sucessor do papa Urbano, Pascoal II, para uma nova expedição cruzada, a qual Boemundo passaria a promover na Itália e na França pelos dois anos seguintes. No caminho, cumpriu a promessa de visitar o Templo de São Leonardo em Noblat, onde depositou uma oferenda de grilhões de prata em sinal de gratidão por sua soltura da prisão em 1103. Tudo indica que ele também tenha patrocinado a cópia e distribuição de uma empolgante narrativa sobre a Primeira Cruzada, semelhante ao *Gesta Francorum*, que promovia suas conquistas e ajudava a apagar o nome dos gregos. Com sua fama em ascensão e seus comícios de recrutamento atraindo multidões entusiasmadas, Boemundo conseguiu uma aliança matrimonial que o impeliu aos mais altos escalões da aristocracia franca. Na primavera de 1106, ele se casou com a princesa Constância, filha do rei da França, mais ou menos na mesma época em que uma das filhas bastardas do rei, Cecília, foi prometida a Tancredo. Boemundo usou suas próprias núpcias em Chartres para promover sua nova cruzada, planejando um ataque urgente contra seu proclamado inimigo, Aleixo Comneno – suposto traidor dos cruzados em 1098 e 1101, além de invasor de Antioquia.

No final de 1106, Boemundo havia retornado ao sul da Itália para supervisionar a construção de uma frota cruzada, após recrutar muitos milhares de homens para

sua causa. Apesar do tamanho da força que ele juntou em Apulia um ano depois – uns 30 mil homens a serem levados em mais de duzentas embarcações –, os historiadores vêm questionando há muito tempo a natureza dessa expedição. O consenso atual mantém que essa campanha, que tinha como alvo o império cristão greco-bizantino, não poderia ser considerada uma cruzada em seu pleno direito – no mínimo deveria ser entendida como uma distorção do ideal das cruzadas. A expedição obviamente guardava semelhanças notáveis com a Primeira Cruzada, com seus participantes fazendo promessas, levando o símbolo da cruz e esperando perdão para seus pecados. Mas o cerne do debate depende do envolvimento papal. É certo que, como se alega, o papa jamais concederia em sua consciência o status privilegiado de cruzada a uma expedição contra outros cristãos; na verdade teria sido Boemundo, perturbado pela ambição e pelo ódio, que enganou Pascoal II, fingindo que seus exércitos lutariam no Levante.

Essa visão dos eventos traz problemas significativos. A maioria das provas contemporâneas indica que o papa estava ciente das intenções de Boemundo e o apoiou mesmo assim, chegando mesmo a despachar um legado pontifício para acompanhar e endossar as campanhas de pregação na França e na Itália. Mesmo no improvável caso de o papa ter sido induzido ao erro, não há dúvida de que um grande número de recrutas leigos aceitou a ideia de se juntar a uma cruzada contra os gregos. De fato, a tendência a ofuscar a expedição de Boemundo como uma perversão das cruzadas é sintomática de um equívoco mais fundamental: a crença de que as ideias e práticas dos cruzados já haviam se unido para criar um ideal uniforme. Para a maioria das pessoas vivendo no oeste da Europa no começo do século XII, esse novo tipo de guerra devocional não tinha uma identidade finalizada e ainda era sujeita a um desenvolvimento contínuo e orgânico. Os cruzados não precisavam ser jogados contra os muçulmanos, e muitos rapidamente aceitaram a ideia de lutar em uma guerra santa contra Aleixo Comneno assim que ele foi considerado o inimigo da cristandade latina.

Seja qual for a ótica sobre as cruzadas de 1107 e 1108 contra Bizâncio, a expedição se mostrou um desastre estupendo. Os latinos atravessaram o Mar Adriático em outubro de 1107 e cercaram a cidade de Durazzo (na Albânia moderna), considerada pelos contemporâneos “o portão ocidental para o império [grego]”. Mas, apesar de sua linhagem militar, Boemundo foi ludibriado por Aleixo, que enviou suas forças para cortar as linhas de suprimento dos invasores ao mesmo tempo que tomava o cuidado de evitar um confronto direto. Enfraquecidos pela fome, incapazes de romper as defesas de Durazzo, os latinos capitularam em setembro de 1108. Boemundo foi forçado a aceitar um

humilhante acordo de paz, o Tratado de Devol. Nos termos desse acordo, ele deveria manter Antioquia pelo resto da vida como súdito do imperador, mas o patriarca grego deveria ser restaurado ao poder na cidade e o próprio principado seria emasculado pela cessão de Cilícia e Latáquia a Bizâncio.

Na verdade, este acordo não foi efetivado e, portanto, teve pouca influência sobre os eventos futuros, porque Boemundo nunca retornou ao Levante. Após navegar de volta ao sul da Itália no outono de 1108, ele passa a surgir apenas de relance em registros históricos, com a reputação destruída, seus grandes sonhos e ambições esfacelados. Constância lhe deu um filho – também chamado Boemundo – por volta de 1109, mas em 1111 aquele que um dia fora o grande comandante da Primeira Cruzada estava enfermo, e morreu em 7 de março, em Apulia. Em Antioquia, Tancredo permaneceu no poder, talvez ainda nominalmente como regente, mas com sua autoridade incontestável entre os francos. Da perspectiva do Ultramar, uma coisa positiva de fato surgiu no final da carreira de Boemundo: sua campanha nos Bálcãs desviou os recursos gregos do Levante, permitindo a Tancredo impor seu controle sobre Cilícia e Latáquia.⁶⁶

COMANDAR NO REINO SAGRADO

O mergulho de Tancredo para expandir o principado de Antioquia e aumentar sua fortuna e influência internacional ganhou impulso após 1108, e ele mostrou uma disposição implacável para usar todo e qualquer meio para concretizar suas ambições, mesmo que isso implicasse lutar contra outros latinos e fazer alianças com muçulmanos. Tancredo trabalhou de modo incansável pelos cinco anos seguintes, recorrendo a uma fonte de energia marcial que parecia inesgotável para empreender campanhas quase o tempo inteiro. Tancredo chegou perto de forjar um império antioqueno no Levante ao sitiar seus vizinhos e oponentes ao misturar conquista territorial, coerção política e exploração econômica.

Os condados de Edessa e Trípoli

Entre 1104 e 1108, Antioquia exerceu poder de comando sobre Edessa. Ao assumir o controle do principado no outono de 1104, Tancredo nomeou governador de Edessa o cunhado Ricardo de Salerno, também italiano do Sul, normando e veterano da Primeira Cruzada. Apesar da impopularidade de Ricardo, a influência antioquena seguiu ilesa enquanto o conde Balduíno II permaneceu em cativo.

Antioquia certamente não se esforçou para orquestrar a soltura do conde. No verão de 1104, quando os captores de Balduíno começaram a organizar os termos do seu resgate, até Boemundo fez objeções. Em vez de corresponder à energia que Balduíno empregou para garantir a liberdade do próprio Boemundo em 1113, o príncipe preferiu manter o controle dos consideráveis recursos agrícolas e comerciais de Edessa, estimados em mais de 40 mil besantes de ouro por ano. Uma vez no comando da Síria franca, Tancredo continuou a desfrutar desse faturamento e a ignorar os apelos de Balduíno.

Juscelino de Courtenay, soberano de Tell Bashir e parceiro do conde, foi resgatado em 1107 pelo povo daquela cidade, e no ano seguinte negociou com sucesso a soltura de Balduíno de Mossul. Foi Chavli, senhor de guerra turco, quem finalmente concordou com os termos; mas atento à fragilidade de sua própria posição e aos correntes embates internos do Islã do Oriente Próximo, ele não apenas exigiu dinheiro de resgate, mas também uma aliança militar.

Deu-se um intenso impasse quando Balduíno resolveu reivindicar Edessa no verão de 1108. Após desfrutar do acesso à fortuna e aos recursos do condado durante quatro anos, Tancredo não tinha intenção de simplesmente entregar um território que havia salvado de invasores, e assim começou a pressionar Balduíno a fazer um voto de subserviência. Afinal, alegava, historicamente Edessa prestava vassalagem ao ducado bizantino de Antioquia. O conde se recusou, até porque já havia jurado fidelidade a Balduíno de Bolonha em 1100. Como nenhuma das partes se dispunha a ceder, o conflito parecia inevitável.

No começo de setembro, os dois homens recrutaram seus exércitos. Menos de

dez anos após a conquista de Jerusalém, Balduíno e Tancredo – ambos latinos e veteranos de cruzada – agora estavam prontos para declarar guerra um contra o outro. Ainda mais chocante era o fato de Balduíno marchar para a batalha ao lado de seu novo aliado, Chavli de Mossul, e uma tropa de cerca de sete mil soldados muçulmanos. Quando se deu a batalha, provavelmente perto de Tell Bashir, Tancredo, apesar de estar em desvantagem numérica, conseguiu manter sua posição. Mas a morte de cerca de dois mil cristãos dos dois lados fez o patriarca Bernardo, soberano eclesiástico de Antioquia e Edessa, interferir para acalmar os ânimos e arbitrar. Depois que testemunhas declararam publicamente que na verdade Tancredo havia prometido a Boemundo em 1104 que renunciaria ao controle de Edessa quando Balduíno fosse solto, o governador antioqueno foi forçado a recuar a contragosto. A própria cidade de Edessa podia ter sido repatriada, mas o ódio incorporado e a rivalidade continuavam. Tancredo, obstinado, se recusava a ceder território ao norte do condado, e não demorou a pressionar Balduíno a pagar tributos em troca de paz com Antioquia.⁶⁷

Com essa disputa ainda latente, o olhar cobiçoso de Tancredo mirou no nascente condado de Trípoli. No rescaldo da Primeira Cruzada, seu antigo rival Raimundo de Toulouse tentou estabelecer seu próprio domínio no Levante centrado nas áreas ao norte que atualmente fazem parte do Líbano. O desafio para Raimundo era considerável, pois, ao contrário dos fundadores de outros assentamentos latinos, ele não tinha conquistas como cruzado em que se basear, e a cidade dominante da região, Trípoli, permanecia nas mãos dos muçulmanos.

Não obstante, Raimundo fez algum progresso ao tomar o porto de Tortosa em 1102 com a ajuda de uma frota genovesa e sobreviventes da cruzada de 1101. Dois anos depois, ele conquistou outro porto ao sul, Jubail, resplandecente com suas ruínas romanas. Enquanto isso, em um monte perto de Trípoli, Raimundo construía um forte resistente e batizava o Monte do Peregrino para garantir o controle efetivo dos arredores. Ainda assim, apesar de seus persistentes esforços, o conde morreu com sessenta e alguns anos em 28 de fevereiro de 1105 sem ver Trípoli ser conquistada.

Nos anos seguintes, dois homens disputaram o legado de Raimundo. Seu sobrinho, Guilherme Jordão, o primeiro a chegar a Ultramar, continuou a fazer pressão em Trípoli ao mesmo tempo que conquistava a cidade vizinha de Arqa. Contudo, em março de 1109, Bertrando de Toulouse, filho de Raimundo, chegou à Cidade Sagrada com a determinação de reivindicar seus direitos de herdeiro. Ele levou uma frota considerável para reforçar o cerco a Trípoli, e assim os dois

requerentes disputaram o direito à cidade, apesar de ela ainda ter de ser conquistada, e Guilherme Jordão renunciou ao Monte do Peregrino pelo norte. Tudo indicava que o emergente condado de Trípoli seria fundado em meio a uma amarga disputa dinástica.

Entretanto, a disputa pelo controle de Trípoli envolvia muito mais do que uma simples questão de herança; Trípoli se tornou a peça central de uma batalha mais ampla pelo domínio dos Estados cruzados. Ao perceber que precisaria de um aliado se quisesse ter alguma esperança de reivindicar Trípoli, Guilherme Jordão procurou Tancredo e se ofereceu para ser seu vassalo. Não foi surpresa Tancredo aproveitar essa súbita oportunidade para expandir a influência antioquena para o sul; se Trípoli ficasse sob sua influência e seus projetos para Edessa vingassem, o principado poderia reivindicar corretamente o título de grande potência de Ultramar. Análises históricas modernas têm persistentemente subestimado o significado desse episódio, partindo da presunção de que o reino de Jerusalém era automática e imediatamente reconhecido como soberano do Leste franco no começo do século XII. É verdade que a Cidade Sagrada foi o foco da Primeira Cruzada, e Balduíno de Bolonha foi o único governador latino no Levante a assumir o título de rei, no entanto seu reinado incluía a Palestina, não todo o Oriente Próximo. Todos os quatro Estados cruzados foram fundados com um regime independente e o status preeminente de Jerusalém sobre eles jamais foi ratificado formalmente. Uma corrente de rivalidade havia manchado as relações entre Balduíno e Tancredo desde que eles reivindicaram o controle da Cilícia em 1097; agora, em 1109, a impetuosa assertividade de Tancredo representava um desafio à autoridade de Balduíno que viria a determinar o equilíbrio de poder no Levante latino.

Ao longo dos próximos doze meses, o monarca de Jerusalém resolveu essa crise política com impressionante elegância, se revelando um jogador categoricamente superior a seu oponente. Há de se reconhecer que Balduíno não fez nenhuma tentativa de enfrentar a ambição antioquena apelando para as armas, preferindo na verdade promover e explorar o conceito de solidariedade entre os francos perante os adversários muçulmanos. Empregando diplomática astúcia, ele afirmou a supremacia hierosolimita mesmo enquanto avançava com a segurança e a defesa de Ultramar.

No verão de 1109, Balduíno chamou os governadores do Leste latino para auxiliar Bertrando de Toulouse no cerco a Trípoli. À primeira vista, parecia uma grande aliança entre os francos, dedicada a subjugar um fortim muçulmano

intransigente. O próprio rei marchou para o norte com cerca de quinhentos cavaleiros; Tancredo, acompanhado de setecentos cavaleiros, chegou acompanhado por seu novo aliado, Guilherme Jordão; Balduíno II de Edessa e Juscélino também levaram um reforço considerável. Ao lado da marinha provençal de Bertrando e da frota genovesa, isso representava um conjunto formidável. A animosidade entranhada, a desconfiança e a má vontade fervilhavam sob a superfície dessa coalizão.

É claro que o subtexto de todo o episódio – como todos os atores principais certamente sabiam – era a questão do poder entre os francos. Será que Balduíno I deixaria a crescente influência de Antioquia por isso mesmo? E caso não deixasse, que tipo de resposta o rei empregaria? Quando todos estavam reunidos, o rei decretou seu astuto esquema. Já tendo Bertrando de Toulouse debaixo da sua asa e depois de extrair um juramento de fidelidade pelo apoio de Jerusalém, ele agora convocou um conselho geral para resolver a disputa relacionada ao futuro de Trípoli. O golpe de mestre de Balduíno I foi não se comportar nem como um soberano raivoso e prepotente, nem como rival dissimulado de Tancredo, e sim como um imparcial árbitro de justiça. Nas palavras de um contemporâneo latino, o rei ouviu “todas as injúrias, de ambos os lados” ao lado de um júri de seus “homens leais” e, por fim, decretou a reconciliação. Os herdeiros de Raimundo de Toulouse “fizeram as pazes”, com Bertrando e assim ganharam o direito à maior parte do condado, incluindo Trípoli, o Monte do Peregrino e Jubail, enquanto Guilherme ficou com Tortosa e Arqa. Balduíno II e Tancredo ainda teriam, como disseram, chegado ao entendimento de que Antioquia renunciaria ao controle de todo o território remanescente de Edessa. Como compensação, Tancredo foi reconduzido ao poder como governador de Haifa e Galileia.

Tudo indicava que o rei havia chegado a um acordo justo, restaurando a harmonia em Ultramar. A coalizão de forças sem dúvida conseguira demandar o investimento de Trípoli com renovado vigor, enxotando violentamente a guarda muçulmana da cidade até a submissão em 12 de julho de 1109. Na realidade, contudo, Tancredo estava frustrado e humilhado. Ele não fez nenhum esforço para reivindicar seu domínio sobre o reino de Jerusalém, até porque isso envolvia um juramento de subserviência a Balduíno I. O rei, enquanto isso, apesar de manter a fachada de imparcialidade, estava cuidando de seus próprios interesses, protegendo sua relação com Edessa e nomeando seu favorito como novo governador de um condado tripolitano. Não é provável que ele tenha ficado muito acabrunhado quando, pouco após a capitulação de Trípoli, Guilherme

Jordão foi morto em um ataque secreto “com uma lança atravessada no coração”, deixando Bertrando em uma posição de autoridade incontestável.

Em maio de 1110, Balduíno I procurou uma oportunidade de consolidar ainda mais seu status como soberano do Levante latino. Naquela primavera, Mohamed, sultão seljúcida de Bagdá, finalmente reagiu à sujeição imposta pelos francos ao Oriente Próximo. Ele enviou um exército mesopotâmico para começar o trabalho de reivindicar a Síria sob o comando de Maudud, um competente general turco que havia chegado ao poder em Mossul recentemente. O primeiro alvo era o condado de Edessa. Os latinos se uniram perante a ameaça, e a rápida chegada de uma grande coalizão de exércitos de Jerusalém, Trípoli e Antioquia forçou Maudud a encerrar seu curto cerco a Edessa. O rei Balduíno I aproveitou a oportunidade que se apresentou com essa reunião da elite de governadores francos para convocar o segundo conselho de habitação se concentrando exclusivamente em abordar a corrente disputa entre Tancredo e Balduíno de Bourcq. De acordo com um contemporâneo cristão, uma solução tinha de ser alcançada “ou mediante um julgamento justo, ou mediante um acordo de um conselho de magnatas”. Ciente que era improvável que ele viesse a receber qualquer coisa parecida com um tratamento “justo”, Tancredo teve de ser persuadido por seus conselheiros mais próximos a comparecer e, assim que começou o conselho, seus medos logo se confirmaram. Com o rei Balduíno presidindo o julgamento, Tancredo foi acusado de incitar Maudud de Mossul a atacar Edessa e de se aliar aos muçulmanos. Essas acusações foram quase certamente forjadas e, por incrível que pareça, nenhuma menção foi feita à aliança do próprio Balduíno de Bourcq com Mossul em 1108, e nem aos negócios de Balduíno I com Damasco. Confrontado pelo opróbrio unânime do conselho e ameaçado de ostracismo na comunidade franca, Tancredo foi mais uma vez forçado a recuar. A partir daí, parou de exigir tributos de Edessa.

A submissão de Antioquia ainda não havia sido formalizada e, nos anos seguintes, o principado viria a tentar várias vezes declarar sua independência. Durante as primeiras décadas do século XII, a luta pelo círculo do poder também se refletiu em uma prolongada e amargurada querela pela jurisdição eclesiástica entre os patriarcas latinos de Antioquia e de Jerusalém. Não obstante, em 1110, o rei Balduíno havia, pelo menos até segunda ordem, reafirmado sua própria autoridade e situado Jerusalém como poder secular preeminente em Ultramar.⁶⁸

O legado de Tancredo

Apesar dos reveses políticos de 1109 e 1110, Tancredo teve algumas vitórias nos últimos anos de vida. Com vigor inexorável, ele dilatou as fronteiras do principado ao máximo e, lutando por meses a fio quase sem pausa, subjugou os vizinhos muçulmanos. Nesse período, Tancredo fez frente a um significativo dilema estratégico que tem sido amplamente ignorado pelos historiadores modernos. Para Tancredo, bem como para todos os governantes militares medievais, a topografia era uma questão chave. Em 1110 o principado havia expandido suas fronteiras até dois limites naturais. Ao leste, na fronteira entre Antioquia e Alepo, o poderio franco agora chegava ao pé das Montanhas de Belus, uma íngreme e árida coluna de montanhas de baixa altitude. Ao sul, em direção à muçulmana Xaizar, o principado se ampliou até o limite do planalto de Summaq e do vale do rio Orontes. Na prática, as barreiras físicas ao longo dessas duas zonas de fronteira ofereciam tanto para a Antioquia latina quanto para seus vizinhos muçulmanos um equilíbrio relativamente igual de poder e segurança.⁶⁹

Tancredo podia ter aceitado essa situação, permitindo que o status quo se mantivesse e engendrando a possibilidade de coexistência no longo termo. Mas no lugar disso, optou pelos riscos e pela potencial recompensa de continuar a expansão. Em outubro de 1110, atravessou as Montanhas de Belus para fazer uma expedição de cobrança de impostos no inverno que levou à conquista de uma série de assentamentos na região de Jazr (ao leste das Montanhas de Belus), inclusive al-Atharib e Zardana. Isso deixou mais de trinta quilômetros de planície aberta, sem defesa, entre o principado e Alepo. Assim, na primavera de 1111, Tancredo procurou aplicar mais ou menos o mesmo nível de pressão no sul, iniciando a construção de uma nova fortaleza em um monte perto de Xaizar. Pelo menos de início, Ridwan de Alepo e os governadores muçulmanos de Xaizar (o clã Munqidh) reagiram a essa agressão com conciliatória submissão, oferecendo o pagamento de 30 mil dinares de ouro em tributos para manter a paz.

Havia um precedente bem estabelecido para essa forma de exploração financeira. Na Ibéria do século XI, as forças cristãs do norte haviam gradualmente dominado as fraturadas cidades-estados muçulmanas do sul,

estabelecendo complexas redes de pagamentos anuais de tributos. Esse sistema ganhou fama ao culminar, em 1085, na ocupação pacífica da há muito perdida capital da península, Toledo (Espanha Central).

Tancredo pode muito bem ter nutrido planos similares para levar Alepo e Xaizar ao esgotamento, mas suas políticas tinham uma obliquidade perigosa. Aplicar pressão demais e exigir pagamentos muito exorbitantes por proteção pode acabar levando a vítima a arriscar uma retaliação. No caso de Alepo, a mistura de intimidação e exploração se mostrou eficaz e culminou em um período de submissão duradoura. Mas em 1111, Tancredo exagerou na pressão contra Xaizar, de modo que o clã Munqidh rapidamente se aliou a Maudud de Mossul naquele setembro, quando Maudud conduziu o segundo exército abássida Síria adentro. Ameaçado pela invasão da região de Summaq, Tancredo reuniu toda a força bélica antioquena possível. Além disso, pediu ajuda aos companheiros latinos e, apesar das tensões que haviam recentemente dividido suas fileiras, os exércitos de Jerusalém e Trípoli se juntaram mais uma vez. Essa força composta assumiu uma posição defensiva em Apamea e a manteve pacientemente, embotando assim as tentativas de Maudud de provocar uma batalha decisiva e por fim forçar seu recuo.

Tancredo havia mais uma vez afugentado uma ameaça à sobrevivência do principado, mas qualquer esperança de garantir a conquista de Alepo ou Xaizar deu em nada quando, após anos de campanha incansável, sua saúde lhe faltou aos 36 anos. Mateus de Edessa, historiador cristão armênio do começo do século XII, não poupou elogios elegíacos a Tancredo ao registrar sua morte em dezembro de 1112, escrevendo que “ele era um homem religioso e piedoso, dotado de uma natureza gentil e compassiva, sempre manifestando preocupação por todos os cristãos de fé; e, além disso, demonstrava um nível extraordinário de humildade ao lidar com o povo”. Esse panegírico oculta traços mais sombrios de Tancredo: sua fome insaciável por crescimento; seu dom para intrigas políticas e sua disposição para atrair ou guerrear contra todos ao seu redor em busca de poder. Foram essas qualidades, aliadas ao seu dinamismo ilimitado, que fizeram de Tancredo uma potência notável e lhe permitiram forjar um duradouro reino franco no norte da Síria. Se for feita justiça, a história considerará que foi Tancredo o fundador do principado de Antioquia, não seu infame tio Boemundo.⁷⁰

SOBERANO DE ULTRAMAR (1113-18)

A morte de Tancredo se deu em um momento de maior mudança geral na forma e no equilíbrio de poder no Oriente Próximo devido a uma mistura de sucessão dinástica e intriga política. Na própria Antioquia, o poder passou para o sobrinho de Tancredo, Rogério de Salerno, filho do Primeiro Cruzado Ricardo de Salerno. Rogério foi logo entrelaçado no tecido da sociedade franca quando uma série de alianças matrimoniais de alto nível uniu a elite que comandava Ultramar. Essa complexa teia de conexões familiares impulsionou uma nova fase de crescente interdependência entre os Estados cruzados. Rogério se casou com a irmã de Balduíno de Bourcq, conde de Edessa, enquanto Juscelino de Courtenay, soberano de Tell Bashir, era casado com a irmã de Rogério. A morte de Bertrando de Toulouse no começo de 1112 levou à ascensão de Pons, seu jovem filho, a conde de Trípoli. Ele logo se distanciou da política tradicional adotada por Toulouse de subserviência a Bizâncio e antipatia a Antioquia e, em algum momento entre 1113 e 1115, se casou com a viúva de Tancredo, Cecília da França. Pons continuou dependente de Jerusalém, mas o dote de Cecília trouxe um significativo domínio antioqueno no Vale Ruj, um dos dois acessos ao sul para Antioquia. Era duplo o significado mais amplo dessas trocas de recursos humanos e alianças: por um lado, eles prometiam engendrar uma nova era de cooperação franca diante das ameaças externas; por outro, reabriram velhas questões sobre o equilíbrio de poder em Ultramar e, mais notadamente, o relacionamento entre Antioquia e Edessa.

Força na união

Os laços que uniam os latinos não demoraram a ser testados pela corrente ameaça de invasão pelo Iraque. Em maio de 1113, Maudud de Mossul, agora principal comandante militar de Bagdá, conduziu um terceiro exército abássida pelo Oriente Próximo, e nessa ocasião deu as costas à Síria para invadir a Palestina. A frequência e a ferocidade da ameaça chegaram a Balduíno I em Acre, que despachou aos novos vizinhos, Rogério e Pons, um chamado urgente de reforços. Agora o rei tinha uma decisão difícil a tomar. Deveria esperar que se reunissem os aliados dos francos para estar com força total, deixando Maudud e Tughtegin livres para devastar o nordeste do reino, ou seria melhor arriscar um movimento imediato para reagir à invasão com recursos militares limitados? Optou pelo segundo curso de ação entre meados e fim de junho. O comportamento precipitado de Balduíno foi amplamente criticado por contemporâneos – de fato, até mesmo seu capelão observou que o rei havia sido denunciado por seus aliados por “correr atrás do inimigo em um surto desordenado, sem esperar nenhum aviso ou ajuda” –, e historiadores modernos vêm condenando Balduíno de forma análoga. Em defesa do rei, parece que ele não agiu com a mesma impetuosidade nociva demonstrada em 1102. Detalhes dos eventos do verão de 1113 são incertos, mas tudo indica que o rei partiu de Acre para estabelecer uma base avançada de onde patrulhar a Galileia, não com a intenção expressa de confrontar o inimigo no calor da batalha.

Infelizmente para ele, em 28 de junho seu exército foi massacrado por um ataque surpresa. Normalmente tão assíduo no uso de observadores e inteligência estratégica, Balduíno aparentemente acampou próximo da ponte de al-Sennabra, um cruzamento sobre o rio Jordão logo ao sul do mar da Galileia, sem se dar conta de que seus inimigos espreitavam por perto, no litoral leste. Quando os forrageadores muçulmanos descobriram a localização de Balduíno, Maudud e Tughtegin fizeram um ataque relâmpago. Eles se espalharam pela ponte, devastaram em passo acelerado os perplexos francos, matando entre mil e dois mil homens, incluindo cerca de trinta cavaleiros. O próprio rei caiu em desgraça; perdeu seu estandarte real e sua tenda, símbolos-chave de sua autoridade real.

Castigado, Balduíno recuou para as encostas do Monte Tabor, no alto de

Tiberíades, onde logo se juntou aos exércitos de Antioquia e Trípoli. A partir de então, passou a adotar uma estratégia bem mais cautelosa, guardando suas forças em posição defensiva, policiando a região, mas evitando confronto direto. Durante quase quatro semanas os dois lados permaneceram na área, testando a determinação um do outro, mas diante de uma força latina tão grande, Maudud e Tughtegin não podiam bancar uma marcha em massa ao sul de Jerusalém: só davam conta de realizar uma série de incursões mais amplas. Em agosto, os aliados muçulmanos atravessaram o rio Jordão, deixando, nas palavras de um cronista damasceno, o inimigo “humilhado, arrasado, derrotado e desalentado”. Como prova de seu triunfo, enviaram para o sultão de Bagdá, como presente de pilhagem, prisioneiros francos e cabeças dos cristãos que haviam matado. Balduíno sobrevivera, mas com um dano considerável em sua reputação.⁷¹

Maudud fatidicamente decidiu passar o começo de outono em Damasco. Após comparecer às preces de sexta-feira com Tughtegin na Grande Mesquita em 2 de outubro de 1113, o governador de Mossul estava caminhando por um jardim quando foi emboscado e mortalmente ferido por um atacante solitário. O agressor foi sumariamente decapitado e seu cadáver queimado, mas nem sua identidade e nem o motivo do crime foram determinados com precisão. Suspeitava-se ser ele adepto de um culto nizari secreto. Essa dissidência do ramo islâmico Isma’ali de Shi’a, que vinha do nordeste da Pérsia, havia começado a desempenhar um papel notável na política do Oriente Próximo do começo do século XII. Com recursos limitados, ganhavam poder e influência ao assassinar os inimigos e, como diziam seus adeptos, eram viciados em haxixe (daí que surge uma nova palavra para descrevê-los – assassinos). Enquanto Ridwan ibn Tutush era vivo, eles ganharam um ponto de apoio significativo em Alepo, mas foram afastados da cidade depois de sua morte em 1113. Os Assassinos então encontraram novo aliado em Tughtegin, e por isso o atabeg foi considerado cúmplice do assassinato de Maudud. Até onde Tughtegin se envolveu não está claro, mas o mero rumor bastou para afastá-lo de Bagdá e reaproximá-lo de Damasco e Jerusalém.⁷²

Para os francos, a crise de 1113 não deixou dúvidas sobre a necessidade de uma resistência unificada aos inimigos muçulmanos, além de reafirmar a sabedoria de uma cautelosa estratégia de defesa. Analisados em conjunto, os eventos de 1111 e 1113 estabeleciam um padrão de prática militar latina que viria a persistir pela maior parte do século XII: diante de uma força invasora potente, os francos se uniam; arregimentando em um local defensável, procuravam policiar a região ameaçada e impedir a liberdade de movimento do inimigo, tudo isso enquanto

evitavam ao máximo as incertezas de uma batalha aberta.

Foi precisamente essa abordagem que Rogério, príncipe de Antioquia, adotou inicialmente em 1115, quando enfrentou a primeira ameaça real aos seus domínios. A única diferença foi que, nessa ocasião, ele contou com o apoio não apenas de seus compatriotas latinos, mas também dos soberanos muçulmanos da Síria. Alepo se encontrava em estado de desordem, e o sultão de Bagdá viu nisso uma oportunidade de tomar o controle da cidade, reafirmando, por conseguinte, sua autoridade sobre o Oriente Próximo. Foi com esse objetivo que ele patrocinou uma nova expedição através do Eufrates, desta vez liderada por um comandante persa, Bursuq de Hamadan.

A perspectiva de uma intervenção direta provocou uma reação sem precedentes por parte dos governadores muçulmanos da Síria, que eram inimigos entre si. Tughtegin se aliou ao genro, Il-ghazi de Mardin, líder de uma dinastia romana conhecida como artúquida, que dominava a região de Diar Baquir do Alto Tigre. Juntos, Tughtegin e Il-ghazi tomaram o controle temporário de Alepo e despacharam uma representação diplomática a Antioquia para solicitar negociações de paz. De início, Rogério recebeu essa abordagem com certa desconfiança, mas logo foi convencido, talvez pelas súplicas de um de seus principais vassalos, Roberto fitz-Fulk, o Leproso, que detinha um dos principais domínios do principado na fronteira leste, e que havia desenvolvido uma amizade próxima com Tughtegin. Um tratado de cooperação militar foi devidamente selado no começo daquele verão e assim começaram as preparações para a invasão de Bursuq.

Ao chegar à Síria e descobrir que Alepo agora estava fechada para ele, Bursuq seguiu o exemplo de Maudud de Mossul em 1111 e pediu apoio a Xaizar para atacar a fronteira ao sul de Antioquia. Rogério, enquanto isso, respondia à altura marchando com uma tropa de dois mil soldados para manter posição em Apamea, provavelmente em companhia de Balduíno II de Edessa. Foi nesse mesmo local que se reuniu a extraordinária aliança panlevantina. Tughtegin, fiel à sua palavra, juntou-se a Rogério com cerca de dez mil homens, enquanto no final de agosto chegaram Balduíno I e Pons. Ao que tudo indica, essas forças armadas unidas – as mesmas que tantas vezes combateram umas às outras – não tiveram dificuldade para manter sua posição ao longo do verão com seu amálgama de tropas latinas e muçulmanas.

Ao se deparar com um exército inimigo entrincheirado tão grande, Bursuq fez de

tudo para provocar uma batalha aberta: enviou combatentes para assediar o acampamento inimigo e liderou ataques ao planalto de Summaq. Uma das provas da dificuldade de manter a disciplina perante tanta provocação é que Rogério ameaçou cegar qualquer soldado que saísse de formação. Os latinos, junto com seus companheiros damascenos, mantiveram a devida posição. Frustrado, Bursuq recuou para Xaizar e, como agora parecia que o perigo para a Síria tinha ficado para trás, a grande coalizão se desfez.

Rogério retornou a Antioquia, mas nos primeiros dias de setembro foi revelado que a retirada de Bursuq era uma farsa. Após recuar em direção a Hama para aguardar a dissolução do exército defensor, ele deu a volta, cortando um pedaço do norte de Summaq. Com o principado correndo risco real de ser tomado, Rogério, isolado de seus aliados, se viu em um desconcertante dilema. A única coisa que lembrava a força militar de um governante cliente de Antioquia eram as tropas de Balduíno de Edessa, que permaneceram no principado por todo o verão. Será que Rogério deveria esperar obedientemente que a coalizão latino-muçulmana se juntasse novamente, deixando Bursuq vagar pelo interior da Síria impunemente, ou deveria arriscar uma ação rápida e independente? Em essência, esse dilema replicava o que Balduíno I enfrentara dois anos antes e, a despeito das evidentes lições daquele embate, em 12 de setembro de 1115 o príncipe de Antioquia juntou sua guarda em Rugia e marchou para interceptar o inimigo. A atitude não passou de uma bravata imprudente. Liderando entre quinhentos e setecentos cavaleiros e talvez uns dois ou três mil soldados de infantaria, ele estava em desvantagem numérica de pelo menos dois para um. Apesar de os latinos aparentemente confiarem muito na relíquia antioquena da Verdadeira Cruz que era carregada pelo bispo de Jabala e no ritual de purificação espiritual que haviam realizado, Rogério não tinha como deixar de reconhecer que estava arriscando o futuro da Síria franca.

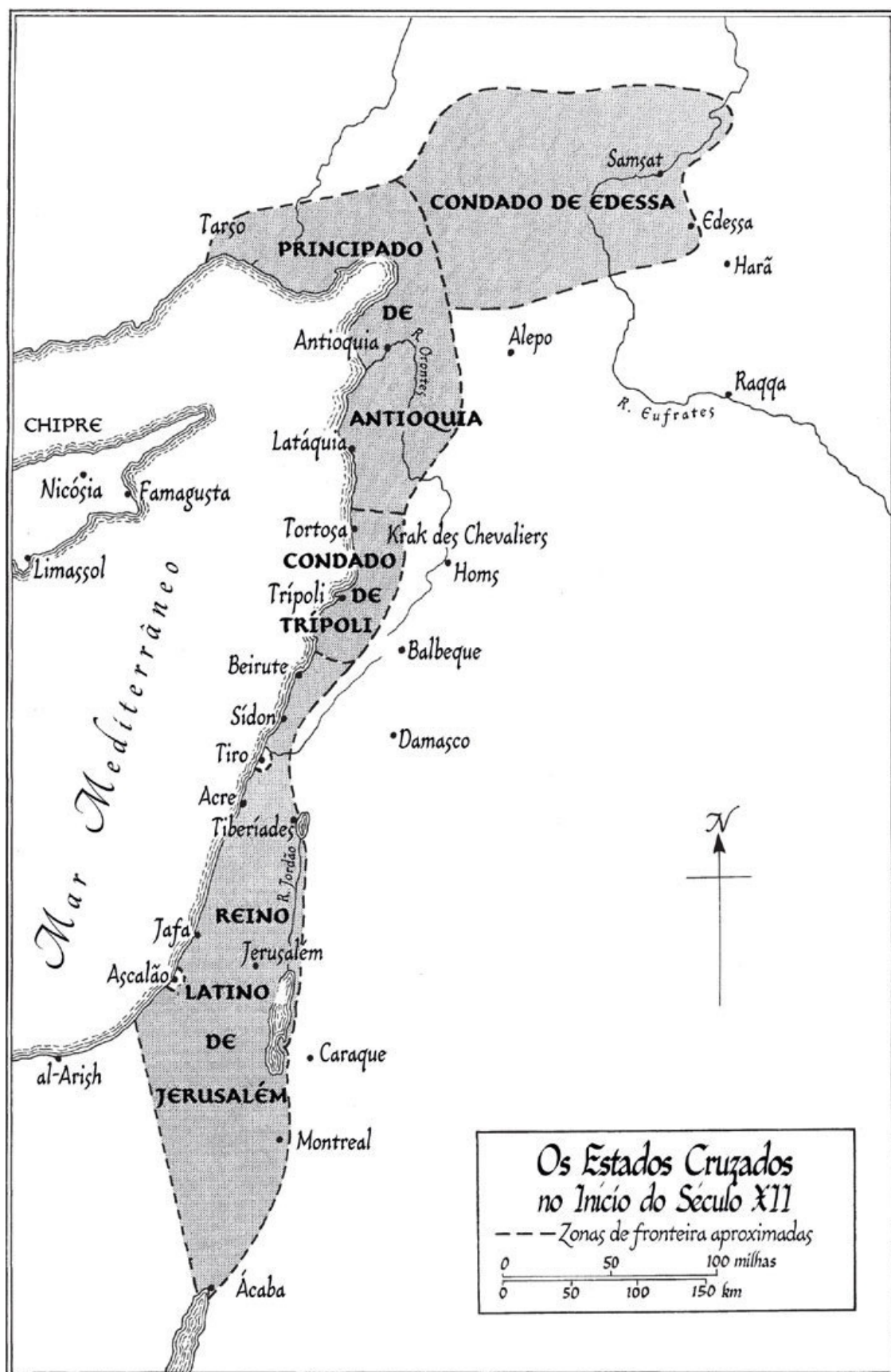
Foi, assim, a vez de os cristãos desfrutarem do benefício da sorte e da inteligência militar mais avançada. Seguindo pelo Vale Ruj, Rogério acampou em Hab enquanto procurava sinais do exército de Bursuq. Na manhã de 14 de setembro chegaram sentinelas avançadas com a notícia: o inimigo estava acampado perto do Vale do Sarmin e não sabia da proximidade dos latinos. Rogério fez um ataque surpresa e os muçulmanos recuaram, em pânico, para Tell Danith, cidade próxima onde pouco depois foram derrotados. Com a debandada de Bursuq, Rogério saboreou a vitória. A pilhagem no acampamento muçulmano foi tão farta que o príncipe vencedor precisou de três dias para distribuir aos seus homens sua parte. Rogério havia quebrado as regras de batalha e vencido; mas

com isso acabou estabelecendo um preocupante precedente de impetuosidade e furor.⁷³

Os últimos anos de Balduíno de Bolonha

O rei Balduíno I viria a reafirmar mais adiante, naquele mesmo outono, sua propensão a façanhas audaciosas e até mesmo visionárias. Havia ao leste uma região árida, inóspita e quase despovoada, depois das margens do rio Jordão e entre o Mar Morto e o Mar Vermelho. Hoje em dia ela mal se ajusta às fronteiras da Jordânia; no século XII a área ficou conhecida como Transjordânia. Por mais desolada que fosse, a região funcionava como um canal essencial de comércio e comunicação entre a Síria e cidades do Egito e da Arábia. Balduíno já havia se aventurado por lá nos anos de 1107 e 1113 em campanhas limitadas de exploração. Agora, quase no fim de 1115, ele fez uma tentativa ousada de iniciar uma colonização franca na área como primeiro passo para controlar o tráfego translevantino. Marchando com apenas duzentos cavaleiros e quatrocentos soldados de infantaria a um promontório local conhecido como Shobak, Balduíno construiu um castelo improvisado e o batizou Montreal, ou Montanha Real. Retornou à região no ano seguinte para estabelecer um pequeno posto avançado em Aqaba, na costa do Mar Vermelho. Ao tomar essas medidas, Balduíno começou um processo de expansão territorial que viria a beneficiar o reino nos anos seguintes.

Depois de uma severa crise de fraqueza no inverno de 1116-17, Balduíno passou meses convalescendo, mas no começo de 1118 estava pronto para contemplar novos empreendimentos militares. Em março, montou uma ambiciosa campanha de invasão ao Egito. Em pleno sucesso, de repente ele caiu seriamente doente; o antigo ferimento que sofrera em 1103, do qual jamais se recuperara por completo, estava agora reaberto. Profundamente entranhado em território inimigo, o grande rei estava sentindo uma dor tão terrível que não conseguiu cavalgar e teve de fazer uma torturante viagem de volta para a Palestina sobre uma maca improvisada. Poucos dias depois, em 2 de abril de 1118, chegou à diminuta colônia de fronteira em al-Arish, mas não conseguiu avançar e morreu ali mesmo, após confessar seus pecados.



O rei havia determinado expressamente que seu corpo não deveria ser deixado no Egito, portanto, após sua morte, as instruções que ele havia deixado para seu cozinheiro Addo foram cumpridas à risca, por mais macabras que fossem, para não deixar seu cadáver apodrecendo no calor:

Fizeram justo como ele havia resolutamente solicitado: cortaram-lhe a barriga, tiraram e enterraram os órgãos internos, seu corpo foi salgado por dentro e por fora, nos olhos, na boca, nas narinas e nos ouvidos, além de embalsamado com temperos e bálsamo, e então foi costurado em uma pele e enrolado em um tapete, e colocado nas costas de um cavalo, ao qual foi firmemente amarrado.

O funeral com seus restos mortais chegou a Jerusalém naquele Domingo de Ramos e, de acordo com seus últimos desejos, foi enterrado na igreja do Santo Sepulcro, ao lado de seu irmão Godofredo de Bouillon.⁷⁴

Apesar de os primeiros cruzados terem processado a invasão inicial do Levante, a verdadeira tarefa de conquistar o Oriente Próximo e criar Estados cruzados foi realizada pela primeira geração de colonos em Ultramar. As maiores contribuições individuais vieram, sem dúvida, do rei Balduíno I e do seu rival Tancredo de Antioquia. Juntos, esses dois governantes conduziram o Leste latino durante um período de extrema fragilidade em que se desfez o mito da invencibilidade franca em batalha, e quando vieram à tona os primeiros sinais intermitentes de uma reação dos muçulmanos. Entre 1100 e 1118, talvez ainda mais do que durante a Primeira Cruzada, o real significado da desunião islâmica ficou claro, pois nesses anos de estruturação o assentamento do leste europeu na Síria e Palestina poderia ter sido interrompido pelo ataque concentrado e conjunto dos muçulmanos.

Os sucessos de Balduíno e Tancredo foram construídos sobre uma flexibilidade de abordagem que misturava rudeza e pragmatismo. Assim, o trabalho de consolidação e subjugação não foi realizado meramente através de conquista militar direta, mas também através de diplomacia, exploração financeira e incorporação da população local não latina à estrutura dos estados francos. A sobrevivência latina era igualmente dependente da boa vontade de Balduíno, Tancredo e seus contemporâneos de equilibrar competições e confrontos

mortíferos com cooperação mediante ameaças externas. Havia alguns ecos da ideologia cruzada na luta pela defesa da Cidade Sagrada, vide o uso do ritual de purificação antes da batalha e a ascensão do culto da Verdadeira Cruz. Mas os primeiros colonos latinos ao mesmo tempo demonstraram intenção inequívoca de fazer parte do mundo do Oriente Próximo ao fazer pactos de comércio, tréguas de tempo limitado e até mesmo alianças militares em cooperação com seus vizinhos muçulmanos. É claro que essa variedade de abordagens simplesmente espelhava e aumentava a realidade da guerra santa vista durante a Primeira Cruzada. Os francos continuavam capazes de classificar os muçulmanos e até os gregos como inimigos declarados e ainda assim interagir em nível mais amplo com os povos locais do Levante de acordo com os costumes normalizados da sociedade franca.

dAtabegs eram normalmente nomeados guardiões dos príncipes, mas costumavam servir como governadores regionais ou comandantes em chefe.

5. ULTRAMAR

Pouco antes das primeiras luzes do amanhecer de 28 de junho de 1119, o príncipe Rogério de Antioquia já estava com seu exército de prontidão para a batalha. Seus homens se juntaram para ouvir um sermão, participar de uma missa e venerar a relíquia antioquena da Verdadeira Cruz – direcionando suas almas para a batalha a seguir nos dias anteriores a esse momento. Ele havia reagido com decisiva resolução ao ouvir a notícia de uma invasão muçulmana iminente. Após anos aguentando passivamente o expansionismo antioqueno e as incessantes exigências de tributos exorbitantes, Alepo havia subitamente passado para a ofensiva. O novo emir da cidade, o artúquida turco Il-ghazi, juntou uma força de talvez até dez mil homens e marchou para zona de fronteira com a Antioquia franca. Diante dessa ameaça, Rogério poderia ter esperado por reforços de seus vizinhos latinos, inclusive Balduíno de Bourcq (que havia assumido a coroa hierosolimita em 1118). Mas o príncipe resolveu reunir cerca de setecentos cavaleiros, três mil soldados de infantaria e uma unidade de turcoples (mercenários cristãos nascidos turcos) para atravessar os flancos a leste das Montanhas de Belus. Rogério acampou em um vale perto do pequeno assentamento de Sarmada –, que ele considerava bem defendido pelas montanhas rochosas que o cercavam – e naquela manhã estava prestes a iniciar um rápido avanço, na esperança de pegar os inimigos despreparados e repetir o sucesso de 1115. Mal sabia o príncipe, contudo, que na noite anterior espiões haviam revelado a Il-ghazi a posição dos cristãos. Baseando-se em conhecimento local do terreno ao redor, o comandante artúquida despachou tropas para o acampamento de Rogério a partir de três diferentes direções e, como atestou um cronista árabe, “assim que amanheceu os francos viram os estandartes muçulmanos avançando para cercá-los por completo”.⁷⁵

O CAMPO DE SANGUE

Com o som urgente da corneta chamando as tropas às armas, Rogério correu para organizar suas forças para o combate, tendo atrás de si um clérigo que carregava a Verdadeira Cruz. Os homens de Il-ghazi se aproximavam e não havia tempo para reunir os exércitos latinos além dos confins do acampamento. Com a vã esperança de retomar a ação, Rogério ordenou que os cavaleiros francos à sua direita atacassem pesadamente e, de início, parecia que eles haviam conseguido conter o avanço do exército de Alepo. Mas, à medida que mais homens foram se juntando à batalha, um contingente de turcopolos parou diante da ala esquerda, bloqueando-a, e a derrota fragmentou a formação latina. Cercados e em minoria, os antioquenos foram gradualmente derrotados.

Flagrado no olho do furacão, o príncipe Rogério ficou horivelmente exposto, mas “mesmo com seus homens caindo mortos por todo lado [...] ele jamais recuou nem olhou para trás”. Uma testemunha latina descreveu que o príncipe “lutou com muita energia [...] foi atingido pela espada de um muçulmano do meio do nariz até o cérebro, selando assim sua morte [e debaixo] da Sagrada Cruz [ele] entregou seu corpo para a terra e sua alma para o paraíso”. O infeliz sacerdote que levava a Verdadeira Cruz também morreu pela espada, apesar de dizerem depois que a relíquia teve sua miraculosa vingança por essas mortes ao levar todos os muçulmanos dos arredores a serem subitamente possuídos pela ganância do ouro e das pedras preciosas que possuíam e, por conseguinte, assassinares uns aos outros.

Com o colapso da resistência, uns poucos francos escaparam na direção oeste para as Montanhas de Belus, mas a maioria acabou sendo assassinada. Um muçulmano que vivia em Damasco descreveu essa como sendo uma das maiores vitórias do Islã, observando que “os cavalos do inimigo, chacinados e espalhados pelo chão, pareciam ouriços por causa da quantidade de flechas espetada em seus corpos”. Era tão grande o número de cristãos mortos que os antioquenos viriam apelidar o local de “Ager Sanguinis”, o Campo de Sangue.

O principado latino, desprovido de seu governador e de seu exército, estava aberto a outros ataques. Il-ghazi, não obstante, não tomou qualquer medida

concreta para conquistar Antioquia. Tradicionalmente, ele era bastante criticado por não aproveitar uma oportunidade ideal para capturar a capital dos francos. Mas a verdade é que Antioquia estava enfraquecida, porém longe de indefesa. Suas fortificações extraordinariamente formidáveis significavam que, mesmo com poucos homens na defesa, a cidade podia resistir a qualquer tentativa de invasão por inimigos externos. Il-ghazi não tinha tempo para investir em um cerco de rotina e nem homens para defender a cidade caso ela caísse. Ciente que os reforços dos francos do sul provavelmente chegariam dentro de semanas, e com os interesses estratégicos de Alepo priorizados em sua mente, Il-ghazi preferiu se concentrar na fronteira de Jazr a leste da área das Montanhas de Belus, retomando al-Atharib e Zardana. No começo de agosto ele ocupou essa zona neutra, salvaguardando a sobrevivência de Alepo enquanto poder muçulmano.

Enquanto isso, os exércitos latinos de Jerusalém e Trípoli chegaram a Antioquia, e o rei Balduíno II se preparou para um contra-ataque. Ele reuniu o que havia restado de lutadores no principado e, em 14 de agosto de 1119, enfrentou Il-ghazi em uma batalha inconclusiva perto de Zardana. O exército muçulmano, recentemente reforçado por tropas damascenas, foi levado a sair do campo e, hesitante, Il-ghazi encerrou a campanha. As perdas entre os cristãos foram altas, e entre os capturados estava Roberto fitz-Fulk, o Leproso, senhor de Zardana. Levado a Damasco, ele devia estar esperando clemência do amigo e ex-aliado Tughtegin, mas quando Roberto se recusou a negar sua religião, o atabeg teve um surto de raiva e o decapitou com um golpe de espada. Dizem que Tughtegin mandou colocar a caveira de Roberto em uma espalhafatosa taça banhada a ouro e incrustada de joias.⁷⁶

A chegada do rei Balduíno II no norte da Síria garantiu a sobrevivência imediata do principado franco, mas Ultramar como um todo agora tinha de confrontar o terrível rescaldo do Campo de Sangue. As perdas territoriais foram graves – além das conquistas de Il-ghazi, a cidade muçulmana Xaizar explorou a fraqueza cristã para dominar todo o planalto de Summaq, barrando o fortim em Apamea –, entretanto Antioquia havia se recuperado de uma situação ainda pior após a derrota em Harã, em 1104. O verdadeiro significado de 1119 estava na morte do príncipe. Nunca um governador latino incumbente havia morrido em batalha e, pior ainda, Rogério morreu sem filhos, deixando Antioquia em uma paralisante crise de sucessão. Com poucas opções disponíveis, Balduíno avançou para a brecha. Ressurgiu a alegação do filho de nove anos de Boemundo de Taranto, seu homônimo, e o rei concordou em atuar como regente até o jovem príncipe

nomeado completar quinze anos de idade, quando chegasse à maioridade.

Em um sentido mais amplo, o Campo de Sangue foi um choque profundamente desconcertante para a cristandade latina. Esse não foi o primeiro revés sofrido pelos francos. Ainda sob o efeito resplandecente da “milagrosa” Primeira Cruzada, fracassos anteriores já haviam formado suas sombras: o colapso da cruzada de 1101; a derrota de Balduíno I na segunda batalha de Ramla; a pancadaria em Harã. Mas depois de 1119 – a “tristeza das tristezas”, que “levou embora toda alegria e ultrapassou os limites e as medidas de toda a infelicidade” – não foi mais possível evitar uma questão transtornadora que chegava ao âmago do sistema de crenças que sustentava as cruzadas e o assentamento de Ultramar. Se a guerra santa era mesmo o trabalho de Deus, sancionado e reforçado por sua vontade divina, então como explicar a derrota? A resposta era o pecado – o sucesso do Islã na guerra pelo domínio do Levante era uma punição enviada dos céus para as transgressões dos cristãos. O pecador (ou bode expiatório) eleito no Campo de Sangue foi o príncipe Rogério, acusado agora de adultério e usurpação. No futuro, o conceito de pecado como causa de derrota voltaria a ganhar ainda mais adeptos, e outros indivíduos e grupos se tornariam alvo de quem exigia explicação dos caprichos de guerra.⁷⁷

COMBATENDO O INFORTÚNIO

Em certo sentido, o alarme causado pelo Campo de Sangue se mostrou infundado. A ameaça representada por Alepo logo perderia ímpeto e Il-ghazi morreria em 1122 sem conseguir mais nenhuma vitória significativa contra os francos. Ao longo das próximas duas décadas, o Islã do Oriente Próximo permaneceria desunido, tomado por lutas internas de poder – e, portanto, sem pensar muito em lutar uma jihad contra Ultramar. De fato, os latinos fizeram um número significativo de conquistas nesse período. Balduíno II recuperou as perdas de Antioquia em Summaq e no leste das Montanhas de Belus. Um ponto de apoio em outra zona de fronteira estrategicamente sensível – dessa vez entre Jerusalém e Damasco – foi garantido quando os francos ocuparam a cidade fortificada de Banyas, situada ao leste da nascente do rio Jordão, montando guarda sobre a Terre de Sueth. Em 1142, a coroa hierosolimita também apoiava a construção de um grande castelo na Transjordânia. Empoleirada sobre uma estreita cordilheira no meio do deserto jordaniano, a fortaleza de Kerak cresceu, se transformou em um dos maiores portos seguros cruzados do Levante e ganhou o status de centro administrativo da região.

Não obstante, os Estados cruzados foram castigados pela instabilidade nos anos seguintes ao Campo de Sangue. Isso se deu boa parte por azar, não por agressão muçulmana entrincheirada, já que o cativo e a morte prematura roubaram dos latinos uma série de líderes, o que gerou crises de sucessão e engendrou conflitos civis. Feito prisioneiro durante um ataque muçulmano aleatório em abril de 1123, o rei Balduíno II passou dezesseis meses no cativeiro até ser libertado mediante resgate, e durante esse tempo um golpe na Palestina foi evitado por pouco. Boemundo II chegou em 1126 para assumir o controle de Antioquia e se casou com Alice, filha de Balduíno II, mas o jovem príncipe acabou sendo morto em um ataque na Cilícia quatro anos depois, deixando herdeira uma filha pequena, Constância. Alice passou o começo dos anos 1130 tecendo intrigas de poder no principado. A morte do próprio Balduíno II por doença em 1131, seguida rapidamente pela morte do seu aliado e sucessor como conde de Edessa, Juscelino de Courtenay, também erradicou os últimos vestígios da velha guarda de Ultramar. Tornou-se cada vez mais urgente a necessidade de uma injeção de

força e apoio contra esse cenário de incipiente fraqueza.⁷⁸

As Ordens Militares

O nascimento de duas ordens religiosas combinando os ideais de cavalaria e monasticismo desempenhou um papel vital para reforçar o Levante franco. Por volta de 1119 havia um pequeno bando de cavaleiros, liderados pelo nobre franco Hugo de Payens, que se dedicou à caridosa tarefa de proteger os peregrinos cristãos a caminho da Cidade Sagrada. Em termos práticos, no início isso significava patrulhar a estrada de Jafa para Jerusalém, mas o grupo de Hugo logo ganhou amplo reconhecimento e o patrocínio do patriarca latino, que não tardou a conceder ao grupo o status de ordem espiritual. Além disso, o próprio rei lhes cedeu aposentos na Mesquita de Al-Aqsa em Jerusalém, conhecida pelos franceses como Templo de Salomão, e a partir do local a ordem ganhou seu nome: Ordem do Templo de Salomão, ou Templários. Como monges, eles faziam votos de pobreza, castidade e obediência, mas não viviam orando em abrigos de comunidades isoladas; em vez disso usavam espadas, escudos e armaduras para lutar pela cristandade e defender a Cidade Sagrada.

Como líder (ou mestre) dos templários, Hugo de Payens viajou para a Europa em 1127 em busca de validação e endosso para sua nova ordem. O reconhecimento formal da Igreja Romana veio em janeiro de 1129, em um grande conselho eclesiástico que se deu em Troyes (Champagne, França). Nos anos seguintes, esse selo de aprovação oficial ainda viria a ser coroado com o apoio papal e inúmeros privilégios e imunidades. Os templários também ganharam o apoio de um dos maiores luminares religiosos do mundo latino, Bernardo de Claraval. Abade de um mosteiro cisterciense, Bernardo era renomado por sua sabedoria, além de ser um conselheiro respeitado em todas as cortes do Ocidente. Combinava poder político e eclesiástico de modo sem precedentes, mas, em termos físicos, Bernardo era um desastre: precisava que cavassem uma vala para lhe servir de latrina perto de seu banco na igreja, podendo assim aliviar os sintomas de uma aterradora aflição intestinal crônica.

Por volta de 1130, Bernardo escreveu um tratado – intitulado *Em honra da Nova Cavalaria* – exaltando as virtudes do modo de vida dos templários. O abade declarou que a ordem era “digna de total admiração”, enalteceu sua confraria como “verdadeiros cavaleiros de Cristo lutando as batalhas do Senhor”, certos

do glorioso martírio em caso de morte. Essa exortação lírica desempenhou um papel central na popularização do movimento templário pela Europa latina ao conquistar aceitação para um ramo revolucionário da ideologia cruzada que, em muitas maneiras, era a destilação essencial e expressão máxima da guerra santa cristã.

O exemplo dado pelos templários encorajou a militarização de outra ordem religiosa de caridade fundada pelos latinos no Oriente Próximo. Desde o final do século XI, o bairro cristão de Jerusalém tinha um hospital fundado por mercadores italianos e dedicado a cuidar dos peregrinos e dos doentes. Com a conquista da Cidade Sagrada pelos primeiros cruzados e o resultante influxo de tráfego de peregrinos, a instituição dedicada a João Batista e até então conhecida como o Hospital de São João ganhou poder e importância. Os hospitalários, como ficaram conhecidos, foram aprovados como ordem religiosa pelo papa em 1113 e começaram a atrair patrocínio internacional de todas as partes. Conduzidos por seu mestre, Raimundo de Le Puy (1120-60), o movimento acrescentou um elemento marcial às suas correntes funções médicas, emergindo em meados do século XII como a segunda Ordem Militar.

Ao longo dos séculos XII e XIII, os templários e hospitalários ocuparam o coração da história das cruzadas, desempenhando papéis fundamentais na guerra pela Cidade Sagrada. No meio da Idade Média, nobres latinos laicos costumavam lutar para afirmar sua devoção a Deus dando esmolas a movimentos religiosos, frequentemente em forma de terra ou direitos sobre seus recursos. E, assim, a imprevisível popularidade das ordens militares lhes trouxe ricas doações em Ultramar e por toda a Europa. Apesar de suas origens relativamente humildes – imortalizadas no caso dos templários por seu selo, que mostrava dois cavaleiros pobres montando um só cavalo –, as duas ordens logo acumularam grande fortuna. Elas também atraíram um fluxo constante de recrutas, muitos dos quais se tornaram monges guerreiros altamente treinados e bem equipados (como sargentos subordinados ou cavaleiros). Os grupos de guerra europeus medievais eram compostos, na maioria, por indivíduos flagrantemente amadores, acostumados apenas a lutar em campanhas curtas e pontuais, além de serem, no geral, parcamente treinados e irregularmente armados. Os templários e hospitalários, por sua vez, faziam frente a forças militares profissionais: ambos formavam, de fato, o primeiro exército profissional da cristandade latina.

As Ordens Militares se tornaram movimentos supranacionais. Concentradas

primordialmente na proteção dos Estados cruzados, elas ainda assim desenvolveram uma gama de outros interesses europeus em termos militares, eclesiásticos e financeiros, inclusive desempenhando papel de destaque nas guerras contra o Islã na fronteira ibérica. No Levante, o poderio militar sem precedentes e a prosperidade econômica dessas ordens lhes garantiu um nível concomitante de influência política. As duas ordens gozavam de patrocínio papal, ganhando assim independência de jurisdições locais eclesiásticas e seculares, e tinham potencial para desestabilizar regimes soberanos. Como poderes fora da lei, podiam questionar ou mesmo revogar a autoridade da coroa, ignorar decretos patriarcais e instruções episcopais. No entanto, por enquanto esse perigo estava mais equilibrado do que os benefícios transformadores de seu envolvimento na defesa de Ultramar.

Juntos, os templários e os hospitalários trouxeram um influxo desesperadamente necessário de recursos humanos e conhecimento marcial para os Estados cruzados, famintos de recursos militares. E o crucial: também possuíam recursos financeiros para manter e depois aumentar a rede de fortes e castelos de Ultramar. A partir de 1130, os senhores laicos do Leste latino começaram a ceder o controle de locais fortificados para as ordens, frequentemente permitindo que elas desenvolvessem enclaves semi-independentes em zonas de fronteira. O comando do castelo de Baghras deu aos templários uma posição de domínio nos recônditos ao norte do principado antioqueno. Os direitos sobre Safad, na Galileia, e Gaza, no sul da Palestina, implicaram para a ordem responsabilidades e direitos semelhantes. Enquanto isso, os hospitalários ganhavam centros em Kerak, localizado acima do Vale Bouqia, entre Antioquia e Trípoli, e em Bethgibelin, um dos três fortes construídos no sul da Palestina para defender Jerusalém e exercer pressão militar sobre Ascalão, controlada por muçulmanos.⁷⁹

Recorrendo à cristandade

Após 1119, os francos levantinos também começaram a procurar ajuda além das próprias fronteiras. Ao menos em tese, os cristãos do leste deveriam ser uma fonte óbvia de assistência. Cercada pelo Islã e longe do Oeste Europeu, essa região cristã precisava de um vizinho aliado se quisesse sobreviver a longo prazo. Todavia, apesar de os Estados cruzados compartilharem a mesma fé cristã que o Império Bizantino – o superpoder mediterrâneo temido e respeitado pelo mundo muçulmano –, os gregos haviam contribuído muito pouco com a guerra na Cidade Sagrada desde a conquista de Jerusalém. A amarga disputa por Antioquia estava no cerne do fracasso em garantir apoio imperial, e esse era um problema que, caso não resolvido, podia acabar mutilando o Levante franco pelas próximas décadas. Em 1137, após longos anos de distração em algum lugar de Bizâncio, o filho e herdeiro de Aleixo I, o Imperador João II Comneno, marchou Síria adentro para reafirmar a influência grega sobre o que ele considerava a periferia leste de seu reino. João conseguiu impor uma suserania teórica sobre a Antioquia e, a partir daí, as relações do principado com o resto dos domínios latinos passaram a ser equilibradas por suas ligações com Constantinopla. No entanto, em termos militares, a contribuição do império era decepcionante, com expedições contra Alepo e Xaizar terminando em fracasso. João retornou ao leste no final do verão de 1142, provavelmente planejando criar um novo regime bizantino em Antioquia, comandado diretamente por seu filho mais novo, Manoel. Ocorreu então a morte do imperador em um acidente de caça na Cilícia em abril de 1143 – uma catástrofe inesperada que interrompeu de imediato a expedição grega.⁸⁰

De fato, as regiões agora cristãs do Levante apelaram com mais frequência à ajuda da cristandade ocidental após o Campo de Sangue. Em janeiro de 1120, em uma assembleia geral dos líderes seculares e eclesiásticos do reino de Jerusalém em Nablus (norte da Cidade Sagrada), foi discutida a crise enfrentada pelos Estados cruzados. Isso resultou no primeiro apelo direto ao papa Calisto II por uma nova cruzada em direção à Cidade Santa e outro pedido de ajuda a Veneza. A república mercantil italiana respondeu enviando uma frota de pelo menos setenta navios ao leste no outono de 1122 sob a bandeira cruzada. Com a ajuda veneziana, os francos hierosolimitas tomaram a extremamente fortificada cidade de

Tiro em 1124 – um dos últimos portos controlados por muçulmanos que ainda havia na Palestina e um dos maiores centros de navegação e comércio do Mediterrâneo.^f O rei Balduíno II procurou formar outra cruzada para um ataque projetado em Damasco em 1129, mas, apesar de recrutar um grupo considerável de cavaleiros do oeste, a campanha acabou sendo um fiasco.

Decididos a forjar conexões mais próximas com o Oeste latino e ávidos para resolver suas próprias crises de sucessão, os francos levantinos também procuraram assegurar maridos europeus disponíveis para suas herdeiras. Nos Estados cruzados, bem como na cristandade medieval, havia uma necessidade perceptível de comando masculino; esperava-se que senhores seculares, dos reis aos condes, liderassem ou, pelo menos, direcionassem seus exércitos em tempos de guerra, e o comando militar era geralmente considerado reserva natural masculina. O ideal era que os candidatos ao matrimônio fossem nascidos na alta aristocracia – homens dispostos a se comprometer com a defesa da Cidade Sagrada e que possuíam a posição social necessária para atrair novas fortunas e mão de obra para o leste. Uma dessas personalidades era Raimundo de Poitiers – segundo filho do duque de Aquitânia e parente do rei capetíngio da França –, que se casou com Constância de Antioquia em 1136, dando fim a um longo período de turbulência política no norte da Síria. Uma união ainda mais influente foi orquestrada no final da década de 1120. O rei Balduíno II tinha quatro filhas com Morfia, sua esposa armênia, mas não tinha filhos homens, de modo que buscava um parceiro para sua filha mais velha, Melisenda, e assim garantir a sucessão real. Depois de uma prolongada negociação, em 1129 a princesa estava devidamente casada com o conde Fulque V de Anjou, um dos mais eminentes potentados da França, ligado aos monarcas da Inglaterra e da França.

Depois da morte de Balduíno II, Fulque e Melisenda foram consagrados e coroados em 14 de setembro de 1131. Talvez com seus 22 anos de idade, a nova rainha foi a primeira comandante de Jerusalém de origem mista (latino-armênia). Como tal, ela era a prova viva de uma nova sociedade franca no leste. Por volta de 1134, todavia, a Palestina latina foi levada à beira da guerra civil por uma disputa sobre direitos de coroa. A aristocracia franca estabelecida em Jerusalém, ressentida pela decisão do novo rei de nomear para posições de fortuna e influência seus apoiadores escolhidos a dedo e por seu afastamento cada vez maior de Melisenda, tentou diminuir a autoridade de Fulque, forçando-o a governar em conjunto com a rainha. Após um período decididamente gélido, durante o qual o rei teria descoberto que “nenhum lugar era inteiramente seguro entre os parentes e partidários da rainha”, o casal real se reconciliou. A partir daí,

Melisenda começou a desempenhar um papel central no governo do reino, e sua posição foi ainda mais consolidada após a morte de Fulque em 1143, quando foi nomeada governante ao lado do filho mais novo, Balduíno III.

Em longo termo, esses eventos ajudaram a reformatar a natureza e a extensão da autoridade real na Palestina. Balduíno I e Balduíno II frequentemente comandaram quase como autocratas, mas à medida que o século XII progredia foi ficando claro que a nobreza latina tinha como limitar o poder absoluto da monarquia. Com o tempo, os comandantes coroados da Jerusalém franca passaram a consultar mais os líderes da nobreza, e o conselho dos donos de terra e eclesiásticos mais importantes, conhecido como Haute Cour (Alta Corte), se tornou o fórum mais importante da Palestina para a tomada de decisões legais, políticas e militares.⁸¹

UMA SOCIEDADE CRUZADA?

Um dos tesouros mais raros e bonitos a sobreviver à era das cruzadas é um pequeno livro de preces, considerado produto do reino de Jerusalém durante a década de 1130 e que agora se encontra na Biblioteca Britânica de Londres. O livro, encadernado em frente e verso de marfim decorado com entalhes de insuperável delicadeza, traz em suas páginas uma série de iluminuras profundamente sentimentais ilustrando a vida de Jesus. Resultado do trabalho de muitos artesãos, o livro é uma peça da mais alta qualidade possível e foi projetado como guia pessoal de vida cristã e observação religiosa – detalhando os dias de santos, dando a lista de preces –, que tecnicamente se chamaria saltério. Considerando-se meramente em seus próprios termos, trata-se de uma obra-prima da arte medieval.

Mas o que distingue essa notável reminiscência de uma era distante é sua proveniência. Considera-se que esse saltério tenha sido encomendado pelo rei Fulque de Jerusalém como presente para sua esposa, Melisenda, talvez até uma oferta de paz para curar as feridas abertas em 1134. Assim, o livro nos oferece uma conexão extraordinária e tangível com o mundo de Melisenda. É bastante comovente poder ver, talvez até mesmo tocar, uma peça que pertenceu à rainha, especialmente uma tão intimamente relacionada ao seu cotidiano.

Mas o saltério de Melisenda tem muito mais a nos dizer; na verdade, sua mera existência gera um debate furioso que alcança o coração da história das cruzadas. A construção e a decoração do livro indicam uma cultura artística na qual os estilos latino, grego, cristão do oeste e até mesmo islâmico se misturaram, fundindo-se para criar uma forma nova e única, que poderia ser chamada de “arte cruzada”. Pelo menos sete artesãos que trabalhavam na oficina da igreja do Santo Sepulcro colaboraram na produção do saltério (inclusive um artista com treinamento bizantino que atendia por Basílio, nome de sonoridade especialmente grega que assinou uma das imagens internas). As imagens forjadas nas capas de marfim são bastante bizantinas no formato, mas estão dentro de contornos geométricos densos que sugerem influência islâmica. Outros elementos do manuscrito exibem diferentes influências: o texto foi atribuído a algum autor francês; as numerosas letras maiúsculas decoradas que apresentam

as páginas são típicas do Oeste Europeu; e seu detalhado calendário, inglês.⁸²

Esse saltério refletiria maiores verdades sobre a natureza da vida no Levante franco? Será que a sociedade na qual vivia Melisenda e seus contemporâneos se distinguia em si mesma em caráter e qualidade, e seria esse mundo cruzado de guerra perpétua – uma comunidade fechada de intolerância religiosa e étnica – ou um caldeirão de intercâmbio cultural? Esse debate tem potencial para oferecer uma análise profundamente instrutiva sobre a realidade da vida medieval. E também é a discussão mais inflamada de toda a história das cruzadas. Nos últimos duzentos anos, os historiadores apresentaram visões radicalmente diferentes do relacionamento entre os cristãos francos e os povos nativos do Oriente Próximo, uns aplicando certa ênfase nas forças de integração, adaptação e aculturação, e outros descrevendo os Estados cruzados como regimes coloniais intolerantes e opressivos.

Considerando-se a relativa escassez de provas medievais autênticas que esclareçam o contexto social, cultural e econômico em Ultramar, não é surpresa que a imagem divulgada dos Estados cruzados tenha frequentemente revelado mais sobre as esperanças e preconceitos do nosso próprio mundo do que sobre a mentalidade e os costumes do passado medieval. Para quem acredita na inevitabilidade de um “choque de civilizações” e de uma conflagração global entre o Islã e o Ocidente, as sociedades cruzadas podem servir como triste prova da vocação nata da humanidade apelando para a selvageria, o fanatismo e a repressão tirânica do “outro”, o inimigo. Por outro lado, a evidência de fusão e de coexistência pacífica transcultural nos Estados cruzados pode ser aproveitada para reforçar o ideal de convivência (literalmente, “viver junto”), sugerindo que povos de diferentes origens étnicas e religiosas podem viver juntos em relativa harmonia.⁸³

Apesar de todas essas evidentes complexidades, o mundo de Ultramar é uma referência tão essencial a questões fundamentais da história das cruzadas que exige um exame próximo e cuidadoso, levantando duas questões prementes: a conquista e colonização do Oriente Próximo pelos francos teria sido incomum por ter ocorrido no contexto da guerra santa, ou na verdade não foi nada digno de nota? E teria a criação dos Estados cruzados mudado a história do Oeste Europeu – acelerando o contato e a difusão intercultural de conhecimento, servindo como solo fértil para aumentar a familiaridade e a compreensão entre os cristãos latinos e os muçulmanos?

A vida em Ultramar

Uma série de fatos elementares condicionou a natureza da vida nos Estados cruzados. A fundação de Ultramar não causou deslocamento generalizado da população nativa do Levante. Em vez disso, os colonos francos governaram de modo a refletir a diversidade histórica da região – uma mistura de muçulmanos, judeus e cristãos orientais. Este último grupo incluía um impressionante número de ritos, entre eles armênios, gregos, jacobitas, nestorianos e coptas; bem como cristãos “sírios” (ou melquitas), que eram gregos ortodoxos, mas falavam árabe. A distribuição e a relativa representação desses diferentes povos variavam consideravelmente nos Estados cruzados por causa dos padrões de ocupação estabelecidos: com uma preponderância de armênios no condado de Edessa e gregos no principado de Antioquia; e provavelmente uma proporção maior de muçulmanos no reino de Jerusalém.

Os latinos comandavam esses nativos como uma elite, mas em grande desvantagem numérica. A diferença linguística parece ter permanecido como um fator definidor e divisor. A língua comum falada pelos latinos era o francês arcaico (com o latim sendo usado em documentos formais), e, apesar de alguns colonos aprenderem o árabe e outras línguas do leste como grego, armênio, siríaco e hebraico, a maioria não fazia isso. Muitos francos residiam em comunidades urbanas e/ou costeiras – e, portanto, em relativo isolamento da população agrária nativa. Em ambientes rurais do interior, os senhores do oeste geralmente viviam em mansões à parte, sem contato com seus súditos, mas a necessidade pragmática de compartilhar recursos escassos como água às vezes impulsionava maiores contatos. No geral, pequenos assentamentos costumavam ter uma identidade devocional coerente, de modo que um povoado podia ser de maioria muçulmana, outro de gregos (o que continua valendo em partes do Oriente Próximo atual). Mas as grandes cidades eram mais multiculturais.

Assim, é evidente que os francos comandavam e, em alguns casos, viviam entre uma diversa gama de povos “orientais”. Será que os latinos ficavam afastados ou se integravam a esse cenário tão diversificado? De acordo com o que escreveu Fulquério de Chartres, capelão do rei Balduíno I, parece que na década de 1120 eles passaram por um alto nível de aculturação em passo acelerado:

Eu vos rogo que considerem e reflitam como em nosso tempo Deus transformou o Ocidente [oeste] no Oriente. Pois nós, que éramos ocidentais, nos tornamos orientais. Quem era romano ou franco nessa terra se transformou em galileu ou palestino. Quem era de Reims ou Chartres agora se tornou cidadão de Tiro ou Antioquia. Nós já nos esquecemos dos lugares onde nascemos.

É certo que Fulquério estava escrevendo o equivalente a um manifesto de recrutamento, procurando atrair novos colonos latinos para o leste. Mas mesmo com essa condição em mente, seu testemunho parece indicar abertura à ideia de assimilação. Ele se pôs a descrever outro modo de contato intercultural – misturas matrimoniais. Uniões entre francos e cristãos gregos e armênios do leste eram relativamente comuns, e às vezes serviam para solidificar alianças políticas. A própria rainha Melisenda de Jerusalém era produto de um desses casamentos. Homens francos também podiam se casar com mulheres muçulmanas convertidas ao cristianismo. Mas casamentos entre latinos e muçulmanos eram extremamente raros. Em um conselho ocorrido em Nablus em 1120, logo depois da crise causada pelo Campo de Sangue, a hierarquia franca instituiu uma série de leis proibindo explicitamente a confraternização. As punições para o sexo entre cristãos e muçulmanos eram severas: o homem seria castrado, a mulher que consentisse teria o nariz cortado. Esses foram os primeiros exemplos do tipo de proibição codificada no mundo latino. A mesma legislação também punia os muçulmanos pelo uso de roupas “ao modo franco”. A importância dessas regras é discutível, em parte porque nenhuma lei podia ser lida de forma positiva ou negativa. Será que os decretos de Nablus refletem um mundo de intensa segregação, onde atos desse tipo seriam inimagináveis? Ou será que essas leis foram criadas para restringir o que havia se tornado prática comum? Certamente, não há evidência que indique que esses editos tenham sido postos em prática, tampouco seguiram fazendo parte dos códigos de direito da região no século XIII.

No começo, quando capturaram cidades como Antioquia e Jerusalém e decidiram colonizar o Oriente Próximo, os latinos tiveram de desenvolver maneiras de comandar seus novos domínios estabelecendo enquadramentos administrativos. No geral, sua abordagem era importar muitas práticas do Ocidente, ao mesmo tempo adotando e adaptando alguns dos modelos

levantinos. Esse processo foi provavelmente impelido pela necessidade pragmática de rapidamente estabelecerem um sistema funcional, e não por qualquer desejo em particular de abraçar novas formas de governo. Considerações regionais também influenciaram as decisões. No principado de Antioquia, com sua história sob o comando grego, a principal autoridade oficial era um dux (duque), uma instituição extraída de um modelo bizantino; no reino de Jerusalém, um papel semelhante era desempenhado por um visconde de estilo franco.

Os cristãos do Oriente seguramente desempenharam algum papel no governo local e mesmo regional; e o mesmo também valia de vez em quando para os ismaelitas. Em sua maioria, os vilarejos muçulmanos aparentemente eram representados por um ra'is – equivalente a um chefe –, assim como quando eram comandadas pelos turcos ou pelos fatímidas. Através de uma só referência, é sabido que em 1181 os cidadãos muçulmanos de Tiro também tiveram seu próprio ra'is chamado Sadi. Outra evidência isolada semelhante indica que em 1188 o porto sírio de Jabala, comandado por latinos, tinha um qadi (juiz muçulmano). É impossível aferir a verdadeira extensão desse tipo de representação.⁸⁴

Talvez a mais fascinante fonte de provas da natureza da vida no Levante seja O livro da contemplação, de Usama ibn Munqidh, uma coleção de contos e histórias de um nobre árabe do norte da Síria que testemunhou o desdobramento da guerra pela Cidade Sagrada no século XII. O texto de Usama é repleto de comentários diretos (e detalhes incidentais) sobre o contato com os francos e a vida nos Estados cruzados. Seu interesse era quase sempre no bizarro e no peculiar, de modo que o material que ele registrou deve ser usado com certa cautela; não obstante, seu trabalho é fonte inestimável de informação. Sobre a questão dos latinos orientalizados, ele escreveu: “Há alguns francos que se aclimataram e são vistos em companhia de muçulmanos. Estes são melhores do que aqueles que simplesmente vieram de suas terras, mas são exceção e não podem ser tomados como regra”. Ao longo de sua vida, Usama encontrou francos que saíam para comer comida levantina e outros que frequentavam hammans (casas de banho) abertas tanto para latinos quanto para muçulmanos.

Uma das revelações mais surpreendentes a emergir dos escritos de Usama é a natureza normalizada, quase cotidiana de seus encontros com francos. Se por um lado alguns desses encontros ocorreram em contexto de combate, muitos deles foram amigáveis e corteses. Isso pode muito bem ter se dado devido à alta classe

social de Usama, mas está claro que os latinos de fato fizeram amizades entre os muçulmanos. Em um caso, ele escreveu como “um respeitado cavaleiro [do exército do rei Fulque] passou a gostar de estar sempre ao meu lado e se tornou minha constante companhia, me chamando de ‘meu irmão’. Entre nós havia laços de amizade e sociabilidade”. Não obstante, havia certa insinuação nessa história, e ela reverberou através de muitas das histórias contadas n’O livro da contemplação: uma sensação congênita de superioridade muçulmana em termos culturais e intelectuais. No caso de seu cavalheiresco amigo, isso veio à tona quando o franco ofereceu levar o filho de catorze anos de Usama com ele para a Europa a fim de que o garoto recebesse educação adequada e “adquirisse razão”. Ele pensou que a disparatada proposta revelava “a falta de inteligência dos francos”.

Outra associação aparentemente improvável da qual ele desfrutava era sua relação amigável com os templários. Segundo ele:

Quando visitei os locais sagrados em Jerusalém, fui à Mesquita de Al-Aqsa, ao lado da qual havia uma mesquita pequena que os francos haviam convertido em igreja. Quando entrei na Mesquita de Al-Aqsa – onde estavam os templários, que são meus amigos –, a pequena mesquita foi desocupada para que eu pudesse rezar nela.

Usama evidentemente não tinha dificuldade em fazer uma peregrinação até a Cidade Sagrada e nem em encontrar uma mesquita em território franco na qual pudesse fazer suas preces diárias canonicamente obrigatórias. Será que seu direito se estendia aos que viviam em lugares governados por latinos – aliás, será que a população não franca de Ultramar como um todo era tratada com igualdade, ou sofria opressão e abusos? Um fato está claro: no leste latino, a principal divisão não era entre cristãos e muçulmanos, mas entre francos (ou seja, cristãos latinos) e não francos (fossem cristãos do leste, judeus ou muçulmanos). Este segundo grupo de povos locais subjugados era composto basicamente de camponeses e alguns comerciantes.⁸⁵

Em termos legais, os não francos eram geralmente tratados como uma classe separada: em caso de violações graves da lei, ficavam sujeitos à corte “burguesa”

(como os latinos não nobres), e os muçulmanos tinham permissão para usar o Alcorão para fazer juramentos, mas casos civis eram submetidos à Cour de la Fonde (Tribunal Comercial), instituída especificamente para os não francos. A constituição desse organismo favorecia os cristãos do leste, pois era composto por um júri de dois francos e quatro sírios, sem nenhum muçulmano. O código de lei latino do Oriente aparentemente também previa punições mais graves a infratores muçulmanos.

Boa parte do debate histórico sobre o tratamento dos muçulmanos subjugados se concentrou em questões cotidianas de liberdade religiosa e exploração financeira. Nesse sentido, são muito esclarecedoras as provas oferecidas pelo viajante e peregrino muçulmano ibérico Ibn Jubayr. Ao longo de uma grande jornada no começo dos anos 1180 abrangendo o norte da África, a Arábia, o Iraque e a Síria, ele passou pelo reino de Jerusalém e visitou Acre e Tiro antes de pegar o navio para a Sicília. Sobre essa jornada pelo oeste da Galileia ele escreveu:

Durante a viagem de volta, passamos por várias fazendas e ocupações ordenadas, cujos habitantes eram todos muçulmanos vivendo confortavelmente com os francos. Deus nos proteja de tamanha tentação! Eles entregam a metade de sua colheita aos francos e também pagam um imposto de um dinar e cinco qirats por pessoa. Fora isso, ninguém lhes perturba, a não ser por um leve imposto sobre as frutas. Eles mantêm plena posse sobre suas casas e todos os seus pertences.

Esse relato parece indicar que havia uma grande e sedentária população muçulmana vivendo em relativa paz dentro da Palestina latina, pagando um imposto por cabeça (como os impostos que os governantes islâmicos exigiam de pessoas não muçulmanas) e o imposto sobre produtos agrícolas. De acordo com provas remanescentes, o nível dos impostos em estados islâmicos por volta da mesma época sugere que os camponeses e fazendeiros muçulmanos não tinham vida pior sob a lei franco-cristã. Na verdade, Ibn Jubayr chegou a sugerir que os muçulmanos tinham mais chances de receber tratamento “justo” por um senhorio franco e de sofrer mais “injustiça” nas mãos de “um senhorio da mesma fé”. Isso não significa que ele aprovava a coexistência pacífica e nem a abjeta submissão

ao governo latino. Em certo momento ele observa que “não pode haver desculpa aos olhos de Deus para um muçulmano ficar em qualquer condado infiel, a não ser que esteja de passagem”. Mas objeções éticas como essa na verdade davam mais crédito às observações positivas que ele optou por registrar.⁸⁶

Ibn Jubayr também relatou que os muçulmanos tinham acesso a mesquitas e direito à prece em Acre e Tiro. É impossível afirmar categoricamente, tomando por base esse fiapo de evidência, que todos os muçulmanos que viviam na Palestina gozavam da mesma liberdade religiosa. Em linhas gerais, o máximo que se pode sugerir é que os colonos francos, em desvantagem numérica, tinham interesse velado em manter seus súditos nativos contentes e in situ, e as condições de vida para os cristãos e os muçulmanos do leste não suscitaram descontentamento civil generalizado e nem migração. Pelos padrões do Oeste Europeu ou do Leste muçulmano da época, os não francos que viviam nos Estados cruzados provavelmente não eram especialmente oprimidos ou explorados e nem eram alvo preferencial de abusos.⁸⁷

Outro modo de contato que decisivamente uniu os francos levantinos e os muçulmanos foi o comércio. Havia sinais indiscutíveis de vibrantes empreitadas comerciais durante os primeiros cem anos de colonização latina. Mercadores italianos de Veneza, Pisa e Gênova desempenhavam papéis de liderança nesse processo, estabelecendo uma complexa rede de rotas de comércio transmediterrâneas. Essas pulsantes artérias de comércio que ligavam o Oriente Próximo ao Ocidente, permitindo que os produtos levantinos (como cana-de-açúcar e azeite de oliva) e produtos preciosos do Oriente Médio e da Ásia chegassem aos mercados da Europa. Até o momento, o grosso do comércio que vinha do leste ainda passava pelo Egito, mas, mesmo assim, o desenvolvimento econômico de Ultramar se mostrou extraordinariamente lucrativo: ele abriu caminho para cidades como Veneza se tornarem forças de liderança mercantil na Idade Média; e através das taxas e alfândegas, também ajudou a reforçar as finanças de Antioquia, Trípoli e Jerusalém. Isso não significa que as colônias latinas no leste devam ser consideradas tão exploradoras quanto as colônias europeias. Seu estabelecimento e sobrevivência podem ter dependido, em parte, de lugares como Gênova, mas essas colônias não foram estabelecidas a princípio como iniciativas econômicas. Tampouco serviram a interesses dos “países ocidentais”, pois a tendência era os benefícios financeiros acumulados pelo “estado” ficarem no leste.

O trânsito dos produtos do mundo muçulmano para os portos mediterrâneos

dominados pelo Levante franco foi crucial não apenas para os latinos. Essa movimentação também se tornou um dos eixos da economia mais ampla do Oriente Próximo: vital para a subsistência dos comerciantes muçulmanos navegando em caravana para o leste; essencial para a receita das grandes cidades islâmicas, Alepo e Damasco. Esses interesses compartilhados produziram interdependência e promoveram contato cuidadosamente regulado (e, portanto, essencialmente pacífico), mesmo em época de exaltado conflito político e militar. No final – mesmo em meio à guerra santa –, o comércio era importante demais para ser perturbado.

Os historiadores costumam apresentar 1120 como um ano de crise e tensão no Levante. Afinal, o Campo de Sangue estava fresco na memória, e foi neste ano que o conselho de Nablus determinou punições severas para confraternização intercultural. Mas nesse mesmo ano Balduíno II também instituiu intensa redução de impostos em Jerusalém. De acordo com Fulquério de Chartres (que estava então vivendo na Cidade Sagrada), o rei declarou que cristãos, bem como sarracenos, teriam liberdade de ir e vir para vender quando e para quem quisessem. De acordo com uma testemunha muçulmana, por volta da mesma época Il-ghazi – o vitorioso no Campo de Sangue – aboliu os pedágios em Alepo e aceitou os termos da trégua com os francos. O nível de coordenação entre esses dois supostos inimigos é impossível determinar, mas ambos estavam evidentemente fazendo tentativas estrídulas de estimular o comércio. Na verdade, o teor e o escopo dos contatos comerciais latino-muçulmanos aparentemente permaneceram intactos apesar da onda crescente de entusiasmo pela jihad dentro do Islã. Até mesmo Saladino, o “campeão” da guerra santa, forjou ligações próximas com comerciantes marítimos da Itália quando se tornou o governante do Egito muçulmano. Ávido em promover um comércio lucrativo e garantir o pronto suprimento de madeira para construção de navios (que era difícil de conseguir no norte da África), ele concedeu aos pisanos um enclave comercial protegido em Alexandria em 1173.⁸⁸

Conhecimento e cultura

Outra forma de troca que também ocorria em Ultramar durante o século XII era a transmissão de conhecimentos e de cultura de origem muçulmana e cristã entre membros da elite intelectual latina. A evidência dessa forma de diálogo em Jerusalém é limitada, mas em Antioquia, que tinha longa tradição acadêmica, a situação foi bem diferente.⁸⁹ A cidade e seus arredores eram lar de numerosas casas monásticas de cristãos do leste conhecidas como centros de vida intelectual desde antes das cruzadas. Aqui, algumas das grandes mentes do mundo cristão se reuniam para estudar e traduzir textos de teologia, filosofia, medicina e ciência que foram escritos em idiomas como grego, árabe, siríaco e armênio. Com a criação dos Estados cruzados, os intelectuais latinos naturalmente começaram a se congregar na cidade e ao redor dela. Por volta de 1114, o famoso filósofo e tradutor Adelardo de Bath fez uma visita à região, permanecendo ali por cerca de dois anos. Uma década depois, Estêvão de Pisa – tesoureiro latino da igreja de São Paulo – estava realizando estudos pioneiros. Ao longo dos anos 1120 ele produziu algumas das mais importantes traduções latinas feitas no Levante. Estêvão ficou muito famoso por sua tradução do Livro Real, de al-Majusi – um compêndio extraordinário de conhecimentos médicos –, que mais tarde ajudou a impulsionar a ciência na Europa Ocidental.⁹⁰

Até onde esse conhecimento médico influenciou a prática da medicina no Levante latino é discutível. Usama ibn Munquidh escreveu com prazer sobre as técnicas peculiares e às vezes particularmente assustadoras usadas pelos médicos francos. Em determinado caso, uma mulher doente foi diagnosticada como tendo “um demônio dentro da cabeça”. Usama, ao que tudo indica, assistiu enquanto o médico latino “primeiro raspou a cabeça da mulher e depois pegou uma navalha e fez um corte em sua cabeça no formato de uma cruz; então ele prontamente puxou a pele expondo o crânio, o qual ele esfregou com sal. A mulher morreu instantaneamente”. Usama concluiu secamente: “ao partir, havia aprendido coisas sobre medicina que jamais soube”. Colonos latinos nos Estados cruzados parecem ter reconhecido que muçulmanos e cristãos do leste eram dotados de conhecimento médico avançado; e alguns, como a família real franca em Jerusalém durante a segunda metade do século XII, usavam os serviços de médicos não latinos. Mas havia alguns centros de excelência operados por

cristãos do oeste, inclusive o enorme hospital em Jerusalém dedicado a São João e dirigido pela Ordem Militar Hospitalária.

A fusão artística do saltério de Melisenda reverberou em construções erguidas nos Estados cruzados por volta desta época, mas notoriamente no maciço programa de reconstrução realizado no Santo Sepulcro em Jerusalém, durante os reinos de Fulque e Melisenda. Quando os francos conquistaram a Palestina, essa igreja estava em certo estado de decadência até as décadas de 1130 e 1140, e os latinos reformaram esse local considerado dos mais sagrados, projetando uma estrutura adequadamente majestosa que, pela primeira vez, abrangeria todos os santuários associados à Paixão de Cristo: inclusive a capela do Calvário no suposto local de sua crucificação e seu túmulo ou sepulcro. A essa altura, a igreja já era intimamente associada aos governantes coroados francos de Jerusalém, sendo o local de coroações e funeral dos reis.

Em sua configuração geral, o novo plano para o Santo Sepulcro aderiu ao estilo romanesco do Oeste Europeu do começo da Idade Média, que trazia alguma semelhança com outras grandes igrejas latinas de peregrinos no oeste, inclusive a que se encontrava em Santiago de Compostela (noroeste da Espanha). A igreja cruzada de fato tinha algumas características peculiares – inclusive uma grande rotunda em forma de domo –, mas muitas dessas peculiaridades resultaram do cenário único da construção e da ambição de seus arquitetos de incorporar tantos “locais sagrados” debaixo de um só teto. A igreja do Santo Sepulcro que existe hoje ainda é, de modo geral, a mesma do século XII, mas quase toda decoração “cruzada” interna se perdeu (bem como as tumbas reais). Dentre os vários mosaicos latinos resta apenas um – quase escondido no teto, dentro dos confins obscuros da capela do Calvário –, representando Cristo em estilo bizantino. A entrada principal para o edifício, por um grandioso portal transepto no sul, foi coroada por dois lintéis luxuosamente esculpidos em pedra: um, à esquerda, mostrando cenas dos últimos dias de Jesus, incluindo a Última Ceia; o outro, uma complexa teia geométrica de videiras entrelaçadas, pontilhadas por imagens humanas e mitológicas. Esses lintéis permaneceram no local até os anos 1920, quando foram removidos para um museu próximo para serem preservados. A fachada sul da escultura incorpora influências francas, gregas, sírias e muçulmanas.

A nova igreja cruzada foi consagrada em 15 de julho de 1149, exatamente cinquenta anos depois da reconquista de Jerusalém. Essa construção buscava proclamar, honrar e venerar a santidade única do Santo Sepulcro – o epicentro

espiritual da cristandade. A igreja também representava uma declaração ousada de confiança latina, afirmando a permanência do comando franco e do poder de sua dinastia real; e como um monumento que celebrava as conquistas da Primeira Cruzada, ainda que também trouxesse em si um esplêndido testemunho da diversidade cultural de Ultramar.⁹¹

A terra de Deus: fé e devoção

A igreja “cruzada” do Santo Sepulcro foi apenas uma expressão da intensa reverência devocional ligada a Jerusalém e à Terra Santa como um todo. Para os francos, esse mundo levantino – através do qual o próprio Cristo havia caminhado – era em si mesmo uma relíquia sagrada, onde o ar e a terra estavam envolvidos de uma aura numinosa de Deus. Era inevitável que os monumentos religiosos construídos nessa terra santificada e as expressões de fé ocorridas entre seus muitos locais sagrados viessem a ser coloridos por uma devoção especialmente febril. Muitos povos nativos do Oriente Próximo – inclusive cristãos do leste, muçulmanos e judeus – compartilhavam esse senso de adoração zelosa, o que também afetou a vida religiosa latina.

Ao longo do século XII, os visitantes europeus ocidentais mais comuns em Ultramar não eram os cruzados, e sim os peregrinos. Eles vinham aos milhares da cristandade latina, chegando a portos como Acre – o equivalente humano de cargas preciosas embarcados de leste para oeste; outros vinham de lugares como a Rússia e a Grécia. Alguns ficavam como colonos ou se tornavam monges, freiras ou eremitas; apenas algumas poucas casas religiosas foram erguidas em lugares inteiramente não desenvolvidos, mas muitos outros abandonados foram revitalizados (como o convento beneditino de Santa Ana em Jerusalém), e monastérios latinos anteriores às cruzadas, como o de Notre Dame de Josafat (logo depois da Cidade Sagrada), desfrutaram de uma grande injeção de popularidade e apoio.

Atos de devoção também colocavam os francos em contato com os habitantes naturais do Levante. Alguns latinos procuravam se aproximar de Deus vivendo em isolamento como ascetas em áreas selvagens, como o Monte Carmelo (ao lado de Haifa) e a Montanha Negra (perto de Antioquia), onde se misturavam com os eremitas ortodoxos gregos em comunidades esparsas. Um dos exemplos mais notáveis de convergência religiosa ocorreu no convento de Nossa Senhora em Saidnaya (cerca de 25 quilômetros ao norte de Damasco). Localizada bem no interior do território muçulmano, essa casa religiosa de gregos ortodoxos abrigava uma imagem “miraculosa” da Virgem Maria que se transmutara de tinta em carne. Diziam que dos seios da imagem saía um óleo considerado valioso

devido às suas incríveis propriedades curativas. Saidnaya era um destino popular de peregrinos cristãos do leste e também de muçulmanos (que reverenciam Maria por ser mãe do profeta Jesus). A partir da segunda metade do século XII, o local também passou a receber peregrinos latinos – alguns dos quais recolham amostras em ampolas do óleo supostamente milagroso da Virgem e as levavam para a Europa –, e o templo se mostrou particularmente popular entre os templários.

Assim como os francos tinham permissão para passar por terras islâmicas para chegar a Saidnaya, também os peregrinos muçulmanos ocasionalmente tinham acesso a locais sagrados em Ultramar. No começo dos anos 1140, Unur de Damasco e Usama ibn Munqidh tiveram permissão para visitar o Domo da Rocha em Jerusalém. Por volta da mesma época, Usama também viajou para a cidade franca de Sebaste (perto de Nablus) para ver a cripta de João Batista (e, como previamente observado, ele dizia ter feito muitas viagens à Mesquita de Al-Aqsa). No começo dos anos 1180, o acadêmico muçulmano ‘Ali al-Harawi conseguiu fazer uma excursão completa por todos os locais religiosos islâmicos no reino de Jerusalém, e depois escreveu um guia para a região em árabe tomando por base esses poucos incidentes potencialmente isolados, contudo, sendo impossível avaliar a real extensão do trânsito de peregrinos muçulmanos.

Apesar dessas variadas formas de interação devocional, a atmosfera religiosa subjacente ainda se caracterizava por um nível marcante de intolerância. Escritores francos e muçulmanos continuavam a desqualificar a fé um do outro, normalmente com acusações de paganismo, politeísmo e idolatria. As relações entre os cristãos latinos e orientais também continuavam estremecidas por tensão e desconfiança. A conquista do Oriente Próximo pelos cruzados pôs um efetivo (e talvez permanente) fim à hierarquia eclesiástica ortodoxa grega estabelecida na região. Novos patriarcas latinos foram nomeados em Antioquia e Jerusalém, e arcebispos e bispos latinos foram instalados por toda Ultramar. Os líderes dessa Igreja Latina fizeram esforços estridentes para defender sua jurisdição eclesiástica e para conter o que consideravam o perigo da mútua contaminação entre ritos cristãos do leste e do oeste, particularmente no que diz respeito ao monasticismo.⁹²

O Leste franco – Cortina de ferro ou porta aberta?

Os Estados cruzados não eram sociedades fechadas, completamente isoladas do mundo do Oriente Próximo ao redor, e nem colônias europeias uniformemente opressivas e exploradoras. Mas tampouco se poderia retratar Ultramar como uma utopia multicultural – um paraíso de tolerância onde cristãos, muçulmanos e judeus eram capazes de viver juntos em paz. Na maioria das regiões do Leste latino do século XII, a realidade da vida estava em algum ponto entre esses dois extremos.

A minoria europeia ocidental dominante mostrava certa disposição pragmática de acomodar e incorporar os não francos no tecido legal, social, cultural e devocional de Ultramar. Imperativos econômicos – desde manter mão de obra nativa a facilitar o acesso ao comércio – também promoviam um nível de interação equitativa. Em tese, era possível esperar que os dois paradigmas conflitantes formatassem a sociedade “cruzada”: por um lado, a diminuição das antipatias iniciais ao longo do tempo, como resultado de uma familiaridade gradualmente mais intensa; e, por outro, a força potencialmente contrária do entusiasmo crescente que a jihad despertava no Islã. Na verdade, nenhuma das tendências se impôs claramente. Desde o começo, os francos e os muçulmanos se dispuseram a um diálogo diplomático, a negociar pactos e forjar laços comerciais; e continuaram assim pelo século XII afora, e, mesmo depois de décadas, escritores de todas as crenças persistiam em reforçar estereótipos tradicionais para expressar uma suspeita e um ódio aparentemente imutáveis pelo “outro”.⁹³

Os francos, os cristãos do leste e os muçulmanos que viviam no Oriente Próximo podem ter se conhecido um pouco melhor ao longo do século XII, mas isso não resultou em entendimento ou harmonia perene. Considerando-se as realidades prevaletentes do mundo como um todo, não deveria haver surpresa. O próprio oeste medieval foi assolado pela rivalidade entre os latinos e por intermináveis contendas marciais; além do que, estava em alta uma endêmica intolerância social e religiosa. Por esses padrões, a difícil mistura de contato pragmático e conflito latente que era visível no Levante não foi tão digna de nota. E apesar de ser possível que o espírito da guerra santa tenha influenciado a natureza da

sociedade franca, a Palestina latina não parece ter sido definida pelo ideal das cruzadas.

Por tudo isso, a colonização latina do Oriente Próximo de fato deu origem a uma sociedade extraordinária, ainda que não totalmente original – uma sociedade sujeita a uma diferente gama de forças e influências. Os padrões de vida na região mostram alguns sinais de aculturação, e as provas remanescentes de empreendimentos artísticos e intelectuais carregam a marca da fusão cultural. Mas é provável que isso tenha sido resultado de um desenvolvimento indireto e orgânico, não de uma assimilação deliberada.

ZENGUI – O TIRANO DO LESTE

Houve época em que era popular insinuar que as atitudes dos muçulmanos em relação a Ultramar passaram por uma radical mudança com a ascensão do déspota turco Zengui em 1128. Este foi sem dúvida um ano de muita mudança na política do Oriente Próximo. Tudo começou com a morte do governante damasceno Tughtegin, que, na época, foi sucedido por uma série de emires ineficazes da dinastia burida, colocando Damasco no caminho da decadência interna e do enfraquecimento. Em junho desse ano, Zengui, o atabeg de Mossul, explorou o partidarismo endêmico que afligia o norte da Síria para ganhar o controle de Alepo, dando início a uma nova era de governança segura e enérgica.

Descrito como “bonito, de pele marrom, com belos olhos”, Zengui era um indivíduo realmente notável. Mesmo em uma época brutal e regida por conflitos, sua capacidade de violência destemperada era legendária, e sua fome insaciável por poder era sem igual. Um cronista muçulmano fez uma descrição desoladora e deslumbrada do atabeg: “Ele tinha a personalidade de um leopardo. Era como um leão furioso, não recuava nem mesmo perante a maior severidade e desconhecia qualquer tipo de gentileza... era temido por seus ataques súbitos e evitado por sua grosseria; agressivo, insolente, ele era a morte dos seus inimigos e cidadãos”. Nascido por volta de 1084, filho de um proeminente senhor de guerra turco, Zengui cresceu em meio ao inferno da guerra civil. Sobrevivendo em um ambiente de combate quase constante e próspero em traição e assassinato, ele aprendeu a ser engenhoso, ardiloso e excepcionalmente impiedoso. Ganhou destaque nos anos 1120, quando recebeu o apoio do sultão seljúcida de Bagdá. Em 1127 foi nomeado governador de Mossul, além de conselheiro militar e comandante para os dois filhos do sultão.

Zengui tinha uma reputação merecida e, sem dúvida, cuidadosamente cultivada de brutalidade cruel, insensível e mesmo arbitrária. Ele acreditava piamente no poder do medo mais abominável, tanto para inspirar lealdade nos aliados quanto para submeter os inimigos. Um cronista árabe admitiu que o atabeg usava o terror para controlar suas tropas, observando que ele “era tirânico e atacava com indiscriminada negligência”, notando também que “quando ficava insatisfeito com um emir, Zengui o matava ou bania, e podia deixar os filhos do indivíduo

vivos, mas certamente os castrava”.⁹⁴

Considerando-se suas características temerárias, era de se esperar que Zengui transformasse a sorte do Islã na guerra pela Cidade Sagrada. Não resta dúvida de que no passado ele foi apresentado como uma figura de importância central na história das cruzadas – como o primeiro líder muçulmano a realizar um ataque decisivo contra os francos, o progenitor de uma contracruzada islâmica que reacendeu a chama da jihad, como um imponente mujahid (santo guerreiro) e campeão dessa nova era. Apesar de tudo isso, ao longo de sua carreira Zengui demonstrou mínimo interesse pelas cruzadas e pelo impacto real que nelas causou, o que poderia ser explicado meramente pela geopolítica. O atabeg dominou o Oriente Próximo e o Médio como um colosso, com um pé em Mossul e outro no oeste do Eufrates, em Alepo. Por pura necessidade, foi forçado a dividir seu tempo, energia e recursos entre essas duas esferas de influência – Mesopotâmia e Síria –, e assim nunca foi capaz de realmente se concentrar na luta contra os francos. Mas mesmo esse raciocínio, comumente alardeado para defender a credencial de jihadi de Zengui, é um pouco duvidoso, pois se baseia em duas falsas premissas.

Para senhores da guerra turcos como Zengui, o Oriente Próximo (inclusive a Síria e a Palestina) e o Oriente Médio (particularmente o Irã e o Iraque) não tinham valor político e significado equivalentes. A carreira do atabeg demonstra que, na primeira metade do século XII, o coração do Islã sunita permanecia na Mesopotâmia. E era em cidades como Bagdá e Mossul que havia as maiores riquezas e o maior poder a serem conquistados. Para Zengui e muitos de seus contemporâneos, a batalha contra os francos no oeste era semelhante a uma guerra de fronteira e, como tal, de interesse meramente intermitente e tangencial.

Ainda por cima, quando o atabeg se preocupou com questões levantinas, o objetivo básico era a conquista de Damasco e não a erradicação dos Estados cruzados. Ao longo dos anos 1130, entre longos períodos de ausência da Mesopotâmia, Zengui tentou várias vezes esticar a esfera da influência de Alepo para o sul, rumo a seu objetivo, procurando absorver povoados comandados por muçulmanos, como Hama, Homs e Balbeque, que haviam se tornado dependências damascenas. O tempo todo Zengui mostrou disposição para prontamente quebrar juramentos, se voltar contra aliados e aterrorizar inimigos para alcançar suas metas. Em 1139, a antiga cidade romana de Balbeque (no fértil Vale de Biqa, no atual Líbano) foi forçada a admitir a derrota após um ataque lancinante e finalmente se rendeu com a promessa de que suas tropas

seriam poupadas. Determinado a mandar uma mensagem de cruel clareza para qualquer muçulmano sírio que quisesse resistir a sua autoridade, Zengui renegou esses termos e crucificou a guarda de Balbeque. Então, para garantir a lealdade da cidade, nomeou outro membro em ascensão de sua equipe como governador, o guerreiro curdo Ayyub ibn Shadi, um homem cuja família ganharia cada vez mais destaque ao longo do século XII.

Durante esse mesmo período, Zengui apresentou uma mistura de intriga diplomática e extrema pressão militar ao lidar com Damasco, na esperança de engendrar a submissão da capital e enfim sua captura. Sua causa foi favorecida pela contenda caótica e sangrenta que dominou a cidade por boa parte dos anos 1130. Não obstante a sobrevivência da dinastia burida na forma de uma sucessão de testas de ferro medíocres, o verdadeiro poder em Damasco rapidamente recaiu sobre Unur – um comandante militar turco que havia servido a Tughtegin como mameluco (soldado escravo). Ele agora tinha que encarar o espectro da agressão de Zengui. Na sequência da feroz conquista de Balbeque, Zengui sitiou Damasco em dezembro de 1139, mantendo um cerco frouxo com ataques intermitentes pelos seis meses seguintes. Ele ficou relutante em lançar um ataque com força total contra uma cidade de tamanho e profundo significado histórico para o Islã – sua esperança era conseguir estrangular Damasco lentamente até a rendição.

Ainda assim, quando o nó apertou em 1140, Unur rejeitou os pedidos de rendição. Em vez de se submeter ao domínio de Zengui, ele procurou um poder não muçulmano para pedir ajuda, e despachou um embaixador a Jerusalém para selar uma nova aliança contra Alepo. Em uma audiência com o rei Fulque, Zengui foi retratado como “um inimigo cruel, igualmente perigoso para ambos (Palestina latina e Damasco)”, e um magnânimo tributo mensal de 20 mil peças de ouro foi prometido em troca da assistência dos francos em combater essa ameaça. Além disso, Banyas (que havia sido retomada pelos muçulmanos em 1132) seria cedida a Jerusalém.

Convencidos do valor desses termos extremamente generosos e dos benefícios de evitar que Zengui conquistasse a Síria, Fulque se pôs a conduzir um exército para o norte com o objetivo de ajudar Damasco. Com suas operações contra a cidade estagnadas, essa ameaça bastou para causar o recuo do atabeg. Ele retornou a Mossul, mais uma vez voltando sua atenção para as questões da Mesopotâmia.⁹⁵

Zengui contra os francos

Ao longo da década de 1130, Zengui mostrou pouco ou nenhum interesse em implementar uma jihad contra os francos, e qualquer ataque contra os latinos nesse período foi quase accidental ou relacionado ao seu avanço no sul da Síria. A única ofensiva digna de nota do atabeg contra Ultramar foi em julho de 1137, quando ele escolheu como alvo a fortaleza de Barin (a oeste de Hama e do rio Orontes). Mas mesmo essa campanha deve ser interpretada com cautela, já que a intenção básica de Zengui era usar Barin como ponto de paragem para sua agressão contra Homs. O atabeg tinha como preocupação principal a expansão para o sul rumo a Damasco, e não fazer um ataque mortal contra os Estados cruzados.

Durante o começo dos anos 1140, Zengui se concentrou quase exclusivamente em eventos a leste do Eufrates, procurando expandir sua base de poder no Iraque e consolidar relações com o sultão seljúcida de Bagdá. A partir de 1143 ele ficou particularmente preocupado com a subjugação dos príncipes artúquidas e dos senhores de guerra curdos de menor grandeza do norte, em Diar Baquir. Perante a agressão, um artúquida, Qara Arslan de Hisn Kaifa, forjou um pacto com Joscelino II de Edessa (que sucedeu o pai em 1131), oferecendo entregar o território aos francos em troca de ajuda. No outono de 1144, acreditando que seu condado estava a salvo de ataques, Joscelino enviou um grande exército para ajudar Qara Arslan. Esse gesto, nascido de uma avaliação imperfeita das ambições e capacidades de Zengui, teria profundo impacto na história do Ultramar.

Pouco depois da partida do conde, as poucas tropas que permaneceram em Edessa ao lado de seu arcebispo latino ficaram perplexas ao ver Zengui do outro lado dos muros. O atabeg já reconhecia há muito tempo o valor de um serviço de inteligência preciso e atualizado, e gastava de boa vontade uma pequena fortuna para manter uma extensa rede de espiões e informantes por todo o Oriente Médio e Próximo. Logo, ficou sabendo quase imediatamente da ausência de Joscelino e da vulnerabilidade da guarda de Edessa. Sentindo uma oportunidade rara e provavelmente inesperada, Zengui trocou de alvo; em vez de Diar Baquir, a cidade franca. Seu bando de guerreiros (já equipados com aparato bélico de

cerco) chegou à cidade em marcha cortada no final de novembro e iniciou imediatamente uma investida devastadora. Pelas quatro semanas seguintes, os cristãos da cidade conseguiram aguentar os repetidos ataques das torres blindadas e equipes de sapadores, mas sua situação era desesperadora.

Ao saber do ataque, Joscelino II tentou reunir reforços em Tell Bashir. Melisenda respondeu imediatamente aos apelos do conde e mandou tropas para o norte, porém, por razões que permanecem desconhecidas, Raimundo de Antioquia prevaricou. O conde ainda estava tentando desesperadamente preparar uma contraofensiva quando recebeu a péssima notícia da queda de Edessa. Em 24 de dezembro de 1144, os mineradores de Zengui derrubaram uma grande parte das altas fortificações da cidade. Com as tropas muçulmanas invadindo pela brecha, os cristãos fugiram aterrorizados em direção à cidadela. Em meio ao pânico, centenas de pessoas morreram pisoteadas, entre elas o arcebispo latino, enquanto os soldados do atabeg faziam seu terrível serviço. Um armênio da cidade escreveu que os muçulmanos “foram impiedosos e derramaram uma enorme quantidade de sangue, sem respeitar idosos nem se apiedar de crianças inocentes como cordeiros”. Os poucos que alcançaram o interior da fortaleza aguentaram por mais dois dias, mas em 26 de dezembro a cidade inteira estava nas mãos do Islã.

A conquista de Edessa por Zengui pode ter sido largamente oportunista, mas foi ainda assim uma catástrofe absoluta para os francos. As consequências estratégicas por si só já eram profundamente alarmantes. Ao perder sua principal cidade, os arredores do condado latino ficaram à beira da ruína total. Seus Estados cruzados mais ao norte caíam sem contato e a comunicação entre as forças muçulmanas na Mesopotâmia e na Síria ficaria bem mais fluente e segura. Nesse contexto, o futuro do principado de Antioquia parecia bastante incerto: seu vizinho e aliado ao norte virou seu inimigo; a cidade rival, Alepo, ressurgia. Era óbvio o perigo do efeito dominó, com a fraqueza e a vulnerabilidade, levando ao colapso sucessivo de todo regime latino. O cronista franco Guilherme de Tiro refletiu sobre o “desastre sinistro” de 1144, observando que agora era real a perspectiva de o leste inteiro ser invadido pelo mundo muçulmano.g

O impacto psicológico desse evento talvez tenha sido mais significativo ainda. Era a primeira vez que uma das quatro grandes capitais de Ultramar caía em mãos islâmicas. Edessa, a primeira cidade do leste a ser conquistada pelos cruzados, permanecera invicta por quase meio século. Sua perda súbita e pouco divulgada gerou uma onda de medo e apreensão que latejou por todo o Levante

latino, abalando severamente a confiança e o moral. O pouco que ainda restava da fama de invencíveis dos cristãos se evaporou; o sonho de um repovoamento permanente e divinamente forjado na Terra Santa se esfacelou. E para piorar as coisas, era de se esperar que Zengui, que há tanto tempo representava uma ameaça, se aproveitasse de sua vitória, estimulando o Islã a alcançar objetivos ainda maiores na guerra pelo domínio do Oriente Próximo.

Com a chegada da péssima notícia, o renomado abade Bernardo de Claraval reverberou essas terríveis preocupações, afirmando em uma carta que: “O mundo está abalado porque o Senhor do céu está perdendo sua terra... o inimigo da cruz começou a levantar sua sacrílega cabeça aqui também para devastar pela espada essa terra abençoada, essa terra de promessas”. Bernardo avisou que a sagrada Jerusalém, “a própria cidade do Deus vivo”, podia ser invadida. A única resposta para o Leste latino, e mesmo a cristandade ocidental como um todo, era lançar uma nova cruzada.⁹⁶

ePor volta desta época, a dinastia rubenida armênia cristã, que estava em ascensão, começou a se expandir para além de sua base de poder nas Montanhas Taurus. Eles acabariam se tornando um dos principais poderes do Levante, mas apesar da manutenção de relações em geral cordiais com Edessa, o desejo dos rubenidas de estabelecer um reino na Cilícia os levou a entrar em conflito com Antioquia.

fOs venezianos receberam uma impressionante variedade de concessões do reino de Jerusalém em troca de assistência. Entre elas, um terço da cidade e o comando de Tiro, mais um pagamento anual de trezentos besantes de ouro dos rendimentos de Acre; isenção de todas as tributações, salvo as devidas por levar peregrinos à Terra Santa; o direito de usar medidas venezianas no comércio; e uma parcela de propriedade em toda cidade do reino (constituída de uma rua e uma quadra, mais uma igreja, uma padaria e uma casa de banho) pela eternidade. Balduíno II depois conseguiu fazer alguns ajustes ao acordo – mais notadamente, que as terras dos domínios de Tiro ficariam como feudos venezianos, com serviço militar a mando da coroa – mas o acordo, não obstante, transformou Veneza na potência comercial do Levante franco.

gGuilherme de Tiro nasceu no Levante em 1130 e acabou se tornando chanceler do reino latino em Jerusalém e arcebispo de Tiro. Entre mais ou menos 1174 e 1184, Guilherme escreveu um relato em forma de narrativa inestimável sobre a

história de Ultramar a partir da Primeira Cruzada.

6. O RENASCIMENTO

DA CRUZADA

A queda de Edessa chocou o Levante. Enviados francos e armênios viajaram em 1145 para a Europa para divulgar a calamitosa notícia e para explicitar a ameaça de aniquilação que agora pairava sobre todos os cristãos do Oriente Próximo. Em resposta, o mundo latino lançou uma enorme expedição militar batizada de Segunda Cruzada.⁹⁷ Era a primeira vez que os reis ocidentais adotavam a luta e, em um verdadeiro surto de recrutamento, cerca de 60 mil soldados marcharam para o leste para salvar os Estados cruzados. Ao mesmo tempo, as guerras da cruz foram levadas para novos cenários de conflito na Ibéria e no Báltico. Foi uma explosão gigantesca e sem precedentes de entusiasmo pela cruzada – superando até mesmo a de 1095. Será que todo esse fervor garantiria o sucesso da empreitada? E como o renascimento da guerra santa cristã afetaria a história futura das cruzadas?

FAZENDO A CRUZADA NO COMEÇO DO SÉCULO XII

A fervorosa reação da Europa latina à pregação da Segunda Cruzada só pode ser compreendida apropriadamente no contexto dos acontecimentos relacionados a cruzadas no começo do século XII. A primeira conquista “miraculosa” da Terra Santa pelos primeiros cruzados em 1099 estabeleceu um frágil fortim latino no Levante e aparentemente forneceu provas conclusivas de que Deus endossava essa inédita fusão de peregrinação e guerra. Sob essas circunstâncias, é de se esperar que as décadas iniciais do século XII tenham sido marcadas por uma inundação de atividade “cruzada”, já que o Oeste Europeu correu para abraçar essa extensão da guerra santa cristã e defender a Terra Santa.

Mas não foi esse o caso. A memória da Primeira Cruzada sem dúvida brilhava ardentemente, mas os anos que levaram a 1144 testemunharam apenas um esporádico punhado de pequenas cruzadas esporádicas. Em parte isso se deu porque muitos consideravam a Primeira Cruzada um evento extraordinariamente singular que, em essência, não era possível de repetir. Baseando-se em séculos de retrospectiva, historiadores posteriores identificaram a peregrinação da massa armada estimulada pela pregação do papa Urbano II em 1095 como a primeira de uma sucessão de cruzadas e, portanto, o começo de um movimento. Mas esse “futuro” não era de forma alguma aparente no começo do século XII, e a ideia de uma cruzada ainda precisava coalescer.

Até certo ponto, é possível explicar a relativa falta de entusiasmo e o limitado refinamento ideológico através de fatores mitigadores. A habilidade do papado em controlar e desenvolver o movimento das cruzadas foi restringido por uma sucessão de reviravoltas paralisantes: o surgimento de um cisma papal entre 1124 e 1138, que viu a nomeação de uma série de antipapas alternativos, e também a pressão crescente sobre Roma vinda de poderes rivais da Alemanha imperial ao norte e do emergente reino normando da Sicília. Alguns desses problemas permaneceram até a época da Segunda Cruzada, e o papa sequer foi capaz de entrar em Roma em 1145. Convulsões parecidas afetaram a laicidade secular. A Alemanha sofria com as rivalidades internas – duas dinastias, os Hohenstaufen e os Welfs, lutavam pelo poder. Enquanto isso, a Inglaterra estava fora de controle devido à guerra civil durante o tumultuado reinado do rei

Estêvão (1135-54), filho do primeiro cruzado Estêvão de Blois. Sob a dinastia dos Capetos, a monarquia francesa desfrutou de grande estabilidade, mas apenas nessa época começava a manifestar sua autoridade além da área do território real centrado em Paris.

Uma característica da ideologia cruzada também pode ter servido para restringir o recrutamento. Pregadores da Primeira Cruzada podem ter jogado com um senso de obrigação espiritual ou social de retomar a Terra Santa, mas a expedição de 1095 reverberava essencialmente entre os cristãos latinos, pois era apresentada como uma empreitada pessoal intensamente devocional. Milhares tomaram a cruz e entraram na guerra santa em busca de redenção dos seus pecados. A cruzada era movida por devoção religiosa, porém em uma forma autocentrada. Considerando-se a natureza particularmente árdua, perigosa, assustadora e cara das peregrinações armadas ao leste, participar de uma cruzada representava um caminho extremo para a salvação. Muitos preferiam atividades de penitência mais óbvias e imediatas – prece, dar esmolas, fazer peregrinações localizadas. As décadas e os séculos seguintes provariam que, no geral, apenas catástrofes sísmicas combinadas a pregações vigorosas e envolvimento ativo da alta aristocracia eram capazes de produzir cruzadas em larga escala.

Isso não deve nos levar a imaginar que não houve cruzadas entre 1101 e 1145. Alguns membros da Igreja e da laicidade sem dúvida fizeram tentativas esporádicas de replicar ou imitar a Primeira Cruzada nesse período, pregando a participação na empreitada que incluíam algumas, ou mesmo todas as características que acabaram se tornando elementos mais estáveis na construção de uma cruzada: promulgação papal; o compromisso com voto definido e o símbolo da cruz; a promessa de recompensa espiritual (ou indulgência) em retorno pelo serviço militar. Mas, ao mesmo tempo, a natureza fundamental da cruzada permanecia relativamente fluida e mal definida. Questões básicas como quem detinha o poder de invocá-la, que recompensas seriam oferecidas aos participantes e contra quem se lutaria essa forma de guerra certificada foram deixadas amplamente sem solução.

Duas cruzadas significativas para a Terra Santa foram lançadas nos anos 1120, mas se por um lado a veneziana (1122-4) foi, sem dúvida, obra do papa Calisto II, a expedição a Damasco de 1129 parece ter sido pregada na Europa por Hugo de Payens com pouco ou nenhum envolvimento papal. Nesse mesmo período começaram as cruzadas em regiões geográficas fora do Levante, e contra outros inimigos que não os muçulmanos do Oriente Próximo. Cenário antigo do

conflito religioso, a península Ibérica logo testemunharia campanhas semelhantes às cruzadas. O líder de uma ofensiva conjunta de catalães e pisanos contra as ilhas Baleares (1113-15) levava o símbolo da cruz no ombro, enquanto o papa ofereceu absolvição total dos pecados para todos que morreram no ataque aragonês de 1118 em Saragoça. Calisto II, que havia sido delegado pontifício na Espanha e, portanto, estava familiarizado com questões ibéricas, deu um grande passo com a formalização do papel das cruzadas na península. Ele lançou uma carta papal em abril de 1123 encorajando recrutas a fazer o voto oficial de lutar na Catalunha com “o símbolo da cruz nas roupas” em troca da “mesma absolvição dos pecados que concedemos aos defensores da Igreja do leste”.

Os não muçulmanos também eram alvo. A cruzada de Boemundo de Taranto (1106-8) na verdade foi contra o Império Bizantino cristão. Em 1135, o papa Inocência II até tentou estender os privilégios da cruzada para aqueles que lutassem contra seus inimigos políticos, afirmando que a seus aliados seria concedida “a mesma absolvição... decretada pelo papa Urbano no conselho de Clermont para todos que fossem a Jerusalém para libertar os cristãos”.

Apesar de todas as referências à absolvição dos pecados dos primeiros cruzados, a formulação concreta da recompensa espiritual a ser oferecida continuava vaga e equívoca. Era preciso esclarecer questões capazes de constranger teólogos e até mesmo guerreiros – a participação na cruzada livraria a pessoa de todos os pecados ou apenas daqueles que foram confessados? O martírio era garantido para todos que morressem? Foi Bernardo de Claraval, apoiador dos templários, quem enfrentou uma das mais espinhosas consequências teológicas das cruzadas. Com a pregação da Primeira Cruzada, o papado de certa forma abriu sem querer a Caixa de Pandora. O chamado para a luta armada para manifestar a Vontade Divina de Deus na Terra acabava sugerindo que Deus, na verdade, precisava dos homens e, portanto, podia não ser totalmente onipotente – uma linha de pensamento de óbvio potencial explosivo. Bernardo equilibrou esse problema com sua típica agilidade intelectual. Ele argumentou que Deus apenas fingia precisar do homem em um gesto de caridade, deliberadamente engendrando a ameaça para a Terra Santa de modo que os cristãos pudessem ter outra chance de acessar esse novo modo de purificação espiritual. De uma só vez, o abade defendia a ideia da cruzada e promovia sua eficácia espiritual. Bernardo viria a desempenhar um papel central na promulgação da Segunda Cruzada, mas, em primeira instância, o trabalho de lançar a expedição foi realizado por outros.⁹⁸

LANÇANDO A SEGUNDA CRUZADA

Ao pedir ajuda à Europa em 1145, o Levante cristão tinha como alvo líderes eclesiásticos e seculares. Um dos destinatários dos apelos era o papa Eugênio III, monge cisterciense e protegido de Bernardo de Claraval, que havia acabado de ascender ao ofício papal naquele fevereiro. A situação de Eugênio não era ideal. Desde o começo de seu pontificado, o profundo envolvimento do novo papa em uma longa disputa com o povo de Roma sobre a governança secular da cidade o forçou a viver no exílio. Ao mesmo tempo que fazia planos de lançar uma grande nova cruzada, foi forçado a passar a maior parte de 1145 em Viterbo, a cerca de oitenta quilômetros ao norte do Palácio Lateranense.

Emissários de Ultramar também visitaram Luís VII, o monarca capetíngio franco – uma das áreas centrais de entusiasmo pelas cruzadas. Agora com seus vinte e tantos anos, Luís fora coroado em 1137, levando ao trono vitalidade e juventude. Por várias vezes ele foi definido elogiosamente como devoto. Na verdade, o começo do seu reinado foi marcado por disputas acaloradas com Roma pelas nomeações eclesiásticas francesas e uma disputa cáustica com o conde de Champagne. O predecessor do papa Eugênio de fato colocou as terras capetíngias sob interdição papal (temporariamente excomungando o reino inteiro). Em 1143, no ápice do conflito com Champagne, as tropas de Luís deram o brutal passo de incendiar completamente uma igreja em Vitry contendo mais de mil pessoas, uma atrocidade pela qual o rei parece ter demonstrado remorso. Em 1145, o jovem monarca havia se reconciliado com o papado, e seu tipo de devoção religiosa fervorosa tinha uma tendência penitente. Tocado pelas notícias do destino de Edessa, ele abraçou entusiasticamente a ideia de liderar um exército para reforçar os Estados cruzados.

Eugênio III e Luís VII aparentemente coordenaram os planos de iniciar uma cruzada, mas isso não foi o suficiente. A cúria papal (a corte administrativa) elaborou uma encíclica (carta geral de proclamação) anunciando um novo chamado às armas em 1 de dezembro de 1145, mas ele não alcançou Luís a tempo para atingir sua corte reunida para o Natal em Burges (na França central). Quando o monarca declarou sua intenção de tomar a cruz e fazer a guerra na Terra Santa, a reação foi moderada. Eugênio III relançou sua encíclica de forma

quase idêntica três meses depois, e sua mensagem foi transmitida com muito mais eficácia na segunda assembleia capetíngia em Vézelay, na Páscoa de 1146. A partir desse momento, a centelha de paixão pela cruzada foi reacendida e seguiu inflamando toda a Europa ao longo do ano seguinte. A carta oficial do papa – convencionalmente conhecida como *Quantum praedecessores* – teve muito mais precisão.

Um fato impressionante fica logo aparente a partir da encíclica de Eugênio – a memória da Primeira Cruzada era central para sua visão nessa nova campanha. Buscando legitimar e reforçar o poder de seu próprio chamado às armas, o papa fez várias referências à expedição de 1095. Ele se declarou inspirado a convocar a Segunda Cruzada pelo exemplo de “nosso predecessor de feliz memória, papa Urbano” e deixou claro que as recompensas espirituais agora oferecidas eram “exatamente as mesmas anteriormente instituídas por nosso citado predecessor”. Algumas das ideias empregadas por Urbano em Clermont foram igualmente reverberadas. Eugênio tomou cuidado para enfatizar repetidamente que detinha o mandato divino, “a autoridade que nos foi concedida por Deus”, para iniciar essa guerra santa. Ele também retratou a cruzada como tão somente uma resposta à agressão muçulmana: afirmou que Edessa havia sido “tomada pelos inimigos da cruz de Cristo”; descreveu como clérigos foram mortos e as santas relíquias “pisadas por pés infiéis”. Esses eventos foram retratados como “um grande perigo para toda a cristandade”.

Ao mesmo tempo, os temas da memória e do passado foram reposicionados em *Quantum praedecessores* de uma forma inovadora e extraordinariamente eficaz. O papa declarou que os cristãos deviam se entusiasmar a tomar a cruz em nome da memória dos antepassados que sacrificaram “o próprio sangue” para libertar Jerusalém da “imundície dos pagãos. “O que foi conquistado pelos esforços de seus pais deveria ser vigorosamente defendido por vocês”, exortou, pois, caso contrário, a bravura dos pais terá sido diminuída pelos filhos. Essa imagem potente aproveitava a memória coletiva da Primeira Cruzada e procurava atingir o senso de honra e de obrigação para com a família.

Apesar de projetar explicitamente essa nova campanha como uma recriação da primeira cruzada, a encíclica de Eugênio na verdade ajustava ou desenvolvia muitas das ideias de Urbano II. Alistar o tipo certo de cruzados (ou seja, aqueles capazes de lutar) em número suficiente já vinha se mostrando um problema óbvio desde o começo. A expedição de 1095 foi apresentada como uma forma de peregrinação, mas, como essa prática penitencial era tradicionalmente voluntária

e aberta a todos, o papado encontrou dificuldade em restringir o número de recrutas não combatentes – desde mulheres e crianças a monges e pobres. Já nas cruzadas do começo do século XII, tiveram de se esforçar para atrair recrutamento em massa. Na década de 1140 havia uma tensão evidente entre o elemento popular e extasiante da cruzada e o crescente impulso em direção às prescrições e o controle papal. A Igreja viria a lutar com esse dilema pelas próximas décadas, procurando conter e dirigir o entusiasmo sem acabar com o fervor. O *Quantum praedecessores* fez uma tentativa hesitante de abordar essa questão, aconselhando aos que estavam ao lado de Deus e especialmente os mais poderosos e nobres a se juntar à cruzada, mas a dificuldade de equilibrar seletividade e apelo popular permanecia basicamente sem solução.

Eugênio também refinou de modo significativo a gama de proteções e privilégios oferecidos àqueles que tomassem a cruz. Sua encíclica proclamava que, na ausência de um cruzado, a Igreja protegeria suas viúvas e filhos, seus bens e suas posses, enquanto processos legais relacionados à propriedade de um cruzado seriam banidos até que houvesse certeza absoluta de seu retorno ou morte. Igualmente, eram cancelados os juros sobre dívidas de um cruzado.

A área de maior avanço tinha a ver com a indulgência. Se faltava clareza na formulação de 1095 de Urbano II, o *Quantum praedecessores* oferecia informações específicas, afirmando que o papa “concederia remissão e absolvição dos pecados” dos participantes, explicando que “qualquer um que comece e complete com devoção essa jornada tão sagrada ou que nela morra obterá absolvição de todos os seus pecados confessados com coração humilde e contrito”. Eugênio não estava oferecendo uma garantia global de salvação, mas estava comunicando a certeza de que o benefício espiritual da cruzada ainda poderia ser desfrutado mesmo sem morte.

Através de sua precisa formulação e ampla disseminação, o *Quantum praedecessores* deu forma à Segunda Cruzada, ajudando a garantir mais uniformidade na pregação e avançando bastante no sentido de sedimentar a ideia de que uma cruzada legítima tinha de ser promulgada pelo papa. O documento talvez seja de importância ainda mais essencial para a história por causa do seu “após vida”. A cúria papal medieval era, por sua natureza, uma instituição que valorizava a retrospectiva. Quando os oficiais de Roma desejavam formular uma decisão ou enquadrar um pronunciamento, sempre procuravam um precedente. Nesse contexto, o *Quantum praedecessores* se tornou referência para as cruzadas, apresentando uma memória oficial do que o papa Urbano II havia

supostamente pregado em 1095 e consagrando certas ideias sobre a natureza da própria Primeira Cruzada. Da segunda metade do século XII em diante, a encíclica serviu para definir o escopo, a identidade e a prática da empreitada, pois futuros papas usariam o documento como exemplo. Muitos se basearam em seu estilo, formato e substância; outros simplesmente o copiaram sem alterações.

Considerando-se tudo isso, a encíclica de Eugênio era surpreendentemente obscura em uma questão chave: o objetivo preciso da Segunda Cruzada. O destino de Edessa foi destacado, mas não foi feita nenhuma demanda explícita de retomar a cidade e Zengui não foi chamado de inimigo. Na verdade, os cruzados eram exortados “a defender... a igreja do leste” e libertar “as muitas centenas de nossos irmãos cativos” que estavam em mãos muçulmanas. Essa falta de especificidade foi provavelmente resultado da incerteza sobre o objetivo estrategicamente realista em 1145 e 1146, mas ele expôs a expedição a futuras disputas de direção e foco.⁹⁹

Essa lacuna na formulação do Quantum praedecessores também refletia um problema mais profundo na relação entre a cruzada e os Estados cruzados. Os dois eram, de fato, tragicamente discordantes. As cruzadas eram expedições essencialmente devocionais e espiritualmente autocentradas de duração finita, conduzidas por indivíduos com suas próprias ambições, pautas ou objetivos (sobretudo para completar uma peregrinação aos lugares santos). Mas para sobreviver, os assentamentos francos no leste na verdade precisavam de reforços militares estáveis e obedientes, com disposição para executar a vontade dos governadores da Palestina latina.

A FALA DE UM SANTO – BERNARDO DE CLARAVAL E A SEGUNDA CRUZADA

A encíclica *Quantum Praedecessores*, do papa Eugênio III, proclamou a Segunda Cruzada. O texto dessa carta, deliberadamente projetado como instrumento de pregação que poderia ser facilmente traduzido do latim para os idiomas de vernáculo comum do oeste medieval, ocupava o âmago da mensagem da cruzada disseminada em 1146 e 1147. Ainda assim, incapaz sequer de controlar a Itália central, o papa não estava verdadeiramente em posição de lançar uma campanha de pregação extensa para o norte dos Alpes. Por isso, ele voltou seus olhos a Bernardo, abade de Claraval.

Bernardo foi o pregador mais potente e influente da Segunda Cruzada. Acima de todos os outros eclesiásticos, ele tem de receber o crédito por disseminar e popularizar a mensagem contida em *Quantum Praedecessores*. Nascido na Borgonha por volta de 1090, juntou-se a uma comunidade de monges beneditinos recém-formada em Cîteaux quando tinha 23 anos e desfrutou de uma meteórica ascensão à proeminência. Após apenas dois anos, foi instruído a estabelecer em Claraval um novo monastério cisterciense (ou seja, seguidor dos princípios estabelecidos em Cîteaux), e sua fama rapidamente se espalhou pelo Oeste latino. Renomado como orador e ávido correspondente – trocava cartas frequentes com muitos dos grandes políticos e eclesiásticos de sua época –, Bernardo emergiu como uma das figuras mais ilustres do século XII.

A influência do abade cresceu paralelamente à da ordem cisterciense à qual ele pertencia. Fundada em 1098, esse novo movimento monástico se espalhou por toda a Europa, defendendo uma interpretação fundamentalista da regra beneditina – que ditava a vida monástica – e que estimulou uma nova atmosfera de austeridade e simplicidade. Os cistercienses passaram por um crescimento vertiginoso: de duas casas em 1113 a 353 por volta de 1151. Em meados do século XII, Cîteaux podia desafiar e até mesmo superar a influência de formas mais estabelecidas de monasticismo, como a de Cluny. Esta mudança ficou totalmente aparente nas origens de cada papa, pois enquanto Urbano II tinha origem cluniacense, Eugênio III havia sido monge em Claraval antes de sua

eleição para o trono papal.¹⁰⁰

Bernardo pregou sobre a cruzada pela primeira vez durante a grande assembleia na Semana Santa, em Vézelay, no ano de 1146. O local do encontro, planejado em conjunto pelo papado e pela monarquia francesa para relançar a expedição, não foi por acaso. Aninhada no coração dos monasticismos cluniacense e cisterciense borgonhês, Vézelay era o lugar perfeito para um comício de recrutamento. Já intimamente associada com a prática da peregrinação como um dos pontos de partida para a jornada para Santiago de Compostela, a cidade também abrigou uma magnífica igreja abacial dedicada a Santa Maria Madalena.

A dimensão do encontro em Vézelay não tinha precedentes. Enquanto o conselho de Clermont em 1095 foi, em grande parte, um evento eclesiástico, em 1146 a fina flor da nobreza do noroeste da Europa compareceu em peso. O rei franco Luís VII apareceu com sua bela e voluntariosa esposa Leonor, herdeira de Aquitânia, um ducado imensamente poderoso. Os dois se casaram em 1137, quando ela tinha quinze anos de idade e ele estava prestes assumir o trono (aos dezessete), mas o calor inicial do casamento foi de certa forma arrefecendo à medida que crescia a religiosidade do rei. Tomada por uma notável sede de viver, Leonor acompanhou Luís na cruzada, apesar de serem falsas as histórias que viriam a circular posteriormente, segundo as quais ela teria liderado um exército de amazonas.

O irmão do rei, Roberto, conde de Dreux, também estava presente em Vézelay, bem como uma série de outros potentados francos, muitos dos quais tinham ligações históricas com a cruzada. Entre esses estavam o conde Thierry de Flandres, que provavelmente já havia feito uma peregrinação a Jerusalém no final da década de 1130, e o conde Afonso-Jordão de Toulouse, filho do líder cruzado Raimundo e parente de governadores latinos de Trípoli. Os grandes grupos de nobres foram acompanhados por tamanha turba que a assembleia teve de ser feita fora dos confins da igreja abacial. Do ponto de vista vantajoso de uma plataforma de madeira construída às pressas, Luís e Bernardo fizeram discursos empolgantes e apaixonados no Domingo de Páscoa. A roupa do rei da França já estava brasonada com uma cruz enviada para ele pelo papa e, de acordo com uma testemunha, quando o abade terminou seu comovedor discurso, “todo mundo começou a gritar pelas cruzes. Quando Bernardo distribuiu, ou talvez devamos dizer semeou, o monte de cruzes que ele havia preparado, foi forçado a rasgar suas roupas e distribuir ao povo”. O clamor parece ter sido tamanho que o palco de madeira desabou, apesar de, por sorte, ninguém ter se

machucado (o que por si só foi interpretado como um sinal de proteção divina).

Vézelay foi um enorme sucesso, promovendo um contagiante senso de entusiasmo e animação, mas mesmo assim, para a cruzada alcançar seu pleno potencial, o chamado às armas precisava ser veiculado para um público ainda maior. Tendo isso em mente, Bernardo tomou uma série de medidas. Pregadores adicionais foram convocados para espalhar a palavra por toda a França, enquanto dezenas de cartas exaltando as virtudes da cruzada foram enviadas para outras regiões, incluindo Inglaterra, norte da Itália e Bretanha. Nessas missivas, o abade quase adotou a linguagem de um comerciante para promover a cruzada. Em uma delas a expedição era caracterizada como uma oportunidade única para superar o pecado: “A era atual é como nenhuma outra na história; uma nova abundância de misericórdia divina vem dos céus; abençoados são aqueles que estão vivos neste ano para agradar ao Senhor, este ano de remissão (...). Digo-vos, o Senhor não fez isto por nenhuma geração anterior”. Outra carta encorajava os cristãos a “não deixar passar a chance de lutar por Deus e, por conseguinte, ser pago com a remissão de seus pecados e com a glória sempiterna”.¹⁰¹

Enquanto isso, apesar de estar com mais de cinquenta anos e fisicamente frágil, o próprio Bernardo embarcou em uma prolongada excursão ao nordeste da França, Flandres e Alemanha, gerando ondas de recrutamento em todos esses lugares. Em novembro de 1146, o abade encontrou Conrado III, rei da Alemanha, alegadamente o governante secular mais poderoso de toda a cristandade latina. Com cerca de cinquenta anos de idade, ele ainda não havia sido coroado pelo papa, estando, portanto, incapaz de reivindicar o título de imperador, desfrutado por seus predecessores, mas aparentemente era apenas uma questão de tempo para essa honraria lhe ser conferida. Durante a Primeira Cruzada, Roma e Alemanha haviam se envolvido em uma disputa acrimoniosa que pôs em xeque qualquer esperança de envolvimento imperial direto na expedição. Porém, em meados do século XII, as relações entre os dois poderes melhoraram consideravelmente. Conrado havia se mostrado um aliado papal sincero e valioso, sobretudo contra a agressão normanda siciliana na Itália; ele também havia demonstrado afinidade pela Terra Santa, tendo provavelmente visitado o Levante nos anos 1120. Não obstante, Conrado inicialmente relutou em aceitar a cruz, ciente de que, em sua ausência, rivais políticos – como a família Welf, do duque da Baviera – poderiam tentar tomar o poder. Em seu primeiro encontro em Frankfurt, o rei então declinou quando Bernardo sugeriu que ele se alistasse.

A resposta do abade foi se lançar em uma vigorosa campanha de pregação de inverno, fazendo sermões em lugares como Freiburg, Zurique e Basileia. Diziam que sua jornada foi acompanhada por uma variedade de milagres – mais de duzentos aleijados teriam sido curados, demônios teriam sido expulsos e um indivíduo teria até voltado dos mortos; apesar de Bernardo não falar alemão, e ter de discursar com a ajuda de um intérprete, suas palavras foram capazes de levar o público às lágrimas. Entre novembro e dezembro, centenas, ou talvez milhares, se comprometeram com a causa. Certamente não foi coincidência essa jornada ter levado o abade ao sul da Alemanha, território vizinho ao domínio da família Welf da Baviera, e nem ter culminado com o comprometimento do próprio duque de Welf com a cruzada.

Estimulado por essa conquista, Bernardo se reuniu a Conrado em Speyer em 24 de dezembro. No decorrer daquele Natal, o abade fez um sermão público e então, em 27 de dezembro, foi-lhe concedida uma audiência privada com o rei. No dia seguinte, Conrado finalmente aceitou a cruz. Historiadores continuam a discutir o nível de influência exercida por Bernardo nesse momento crítico, alguns argumentando que ele efetivamente incitou o rei a se juntar à cruzada contra sua vontade, enquanto outros defendem que a decisão de Conrado foi longamente premeditada. De fato, contemporâneos descreveram como o abade misturou sua costumeira gentileza com advertências funestas sobre um apocalipse iminente para convencer o rei, mas provavelmente foi o recrutamento de Welf da Baviera que se mostrou decisivo.

Não obstante esse debate, Bernardo de Claraval ainda tinha de ser considerado como força principal por detrás da pregação da Segunda Cruzada. O próprio abade comentou que, através de seus esforços, os exércitos latinos haviam se multiplicado “além do esperado”, e que havia quase um homem para cada sete mulheres deixadas nos povoados pelos quais ele passou. Havia, contudo, outros indivíduos e influências atuando nesse período. As noções de memória e herança familiar enfatizadas no *Quantum Praedecessores* evidentemente haviam causado um impacto no recrutamento. Luís VII tinha ligação sanguínea com a Primeira Cruzada – seu tio-avô, Hugo de Vermandois, havia participado da expedição. Análises de outros conhecidos por terem se juntado à Segunda Cruzada revelam que muitos tinham semelhantes linhagens em comum.¹⁰²

Devido à natureza medieval da evidência textual – que foi normalmente tomada na forma de documentos escritos por clérigos –, a imagem sobrevivente dominante da cruzada tende a ser intrinsecamente colorida por uma perspectiva

eclesiástica. De modo geral, historiadores que desejam reconstruir a história dessa época acabam se baseando, por necessidade, em escritos de clérigos e monges. E essas fontes estão sujeitas a evidentes caprichos de preconceito e omissão. Porém, os cruzados envolveram a Igreja e a laicidade, então como pode a perspectiva secular de cavaleiros e soldados ser aferida? Um caminho compensador é o estudo de canções populares cantadas, não em latim, mas nas línguas vulgares. Essas canções quase certamente desempenhavam um papel importante para inflamar o recrutamento e o moral desde o começo da era das cruzadas, mas as primeiras letras a sobreviver datam da década de 1140. Uma delas era a velha canção francesa “Cavaleiros, muitas são as promessas”, recitada por trovadores da corte (troubadours), nos meses seguintes à assembleia de Vézelay. O refrão e o primeiro verso eram assim:

Quem ao rei Luís acompanhar

Jamais o inferno temerá,

Sua alma para o paraíso seguirá

Onde os anjos do Senhor se encontram a habitar.

Edessa foi tomada, como sabem,

E os cristãos longa e amargamente sofreram.

Agora as igrejas de lá estão vazias,

E entre as massas não há mais cantorias.

Ó, cavaleiros, que isto devem considerar,

Vocês que nas armas dão o que falar,

E então que cada um se mostre pessoalmente oferecido

Em nome daquele que por vocês foi com espinhos coroados.

Esse raro vislumbre de canção laica celebrando e promovendo a cruzada enfatiza algumas das mensagens inerentes à pregação clerical: a promessa de recompensas espirituais; o sofrimento da cristandade do leste; lutar em serviço e imitação de Cristo. Mas a linguagem era mais direta, e as nuances, diferentes. Luís VII foi identificado como o líder central, sem menção ao papa. As complexidades da indulgência foram substituídas por uma garantia direta de um lugar no “paraíso”. E, em outro verso, Zengui foi nomeado como o principal inimigo do empreendimento. Apesar de a Igreja utilizar o Quantum Praedecessores e o abade Bernardo propagar o chamado às armas, o laicato era nitidamente capaz de moldar sua própria visão da Segunda Cruzada.¹⁰³

EXPANDINDO O IDEAL

A perda de Edessa provocou a Segunda Cruzada e, em 1147, os maiores exércitos comandados por Luís VII da França e Conrado III da Alemanha se prepararam para lutar no Levante. Mas o alcance da atividade cruzada no final dos anos 1140 não se limitava ao Oriente Próximo, pois nesse período as tropas latinas se engajaram em guerras santas semelhantes na Libéria e no Mar Báltico. Para alguns, era como se todo o Ocidente tivesse pegado em armas em uma cruzada pan-europeia. Até o papa Eugênio III escreveu, em abril de 1147, que “tamanha multidão de fiéis de diversas regiões que se preparam para lutar contra os infiéis (...) quase toda a cristandade está sendo convocada para essa grande tarefa”. Duas décadas depois, o cronista latino Helmond de Bosau (na região costeira alemã próxima ao mar Báltico) aparentemente reforçava esta perspectiva ao escrever que “para os iniciadores da expedição, uma parte do exército devia ser enviada para a (Cidade Sagrada), outra parte para a Espanha, e a terceira parte deveria combater os eslavos que viviam perto de nós”. Alguns contemporâneos então apresentaram a Segunda Cruzada como uma empreitada única e grandiosa, moldada e dirigida por seus visionários “iniciadores”, o papa Eugênio e o abade de Claraval. Em décadas recentes, historiadores modernos têm apoiado esse conceito para sugerir que o extraordinário alcance do empreendimento das cruzadas entre 1147 e 1149 resultou de planejamento consciente e proativo por parte da Igreja Romana. De acordo com essa narrativa dos eventos, o papado tinha o poder de moldar e definir a cruzada, e foi tão somente a força elementar da pregação da Segunda Cruzada – a sofisticação por encomenda da mensagem do Quantum Praedecessores e o carisma inspirador de Bernardo – que estimulou uma quantidade sem paralelo de atividade cruzada em novos cenários após 1146.

A luta na Ibéria e no Báltico talvez não tenham influenciado de modo imediato a guerra pela Terra Santa além de algum redirecionamento de homens e recursos. Mas as consequências dessa interpretação da Segunda Cruzada são fundamentais e de longo alcance, pois afetam a futura dimensão e a natureza da guerra santa cristã. Duas questões são imperativas. A Igreja Romana realmente tomou a iniciativa vital de expandir a cruzada como parte de um projeto premeditado, ou

esse desenvolvimento foi mais accidental? E, por extensão, o papa estava realmente no controle do movimento cruzado em meados do século XII?

A concepção de que as guerras travadas fora do Levante deviam ser santificadas certamente não era sem precedentes e, entre 1147 e 1149, outras zonas de conflito foram, sem dúvida, atraídas para o âmbito da Segunda Cruzada. No verão de 1147, cristãos saxões e dinamarqueses lutaram como cruzados contra seus vizinhos pagãos, os Wend, na região báltica do noroeste europeu. O impacto da Segunda Cruzada foi ainda mais poderosamente sentido na Ibéria. Uma frota de cerca de duzentos navios, com cruzados de Inglaterra, Flandres e Renânia, zarpou para o Levante partindo de Dartmouth em maio de 1147. Esses navios pararam en route em Portugal, e lá ajudaram o rei cristão Afonso Henriques a conquistar Lisboa dos muçulmanos em 24 de outubro. O rei Afonso VII, de Leão e Castela, propôs outra ofensiva cristã, com ajuda genovesa que desfrutou do status de cruzada. Isto culminou na captura de Almería, no extremo sudeste da Espanha, em outubro de 1147, e de Tortosa, no noroeste, em dezembro de 1148.

As tropas cristãs estavam lutando sob a insígnia cruzada em múltiplas frentes no final da década de 1140, mas é equivocada a ideia de que essas vertentes discrepantes estariam interligadas em uma só empreitada como parte de um plano abrangente e premeditado. O ramo báltico da Segunda Cruzada na verdade foi resultado da ação da Igreja, que sobrepôs a concepção da cruzada sobre um conflito preexistente. Na assembleia de Frankfurt, em março de 1147, uma delegação saxã indicou a Bernardo de Claraval que estavam relutando profundamente em ir para a Terra Santa. Esses guerreiros estavam dispostos a lutar mais perto de casa contra seus vizinhos pagãos, os Wend. O abade percebeu que os saxões não podiam ser persuadidos a participar da principal expedição ao Oriente Próximo, mas Bernardo ainda estava disposto a estender o poder e a influência papal sobre os eventos do Leste Europeu. Assim, ele projetou a campanha báltica para dentro da esfera cruzada, prometendo a seus participantes “os mesmos privilégios espirituais dos que foram para Jerusalém”, e em abril de 1147 o papa Eugênio lançou uma encíclica confirmando essa concessão.

Os elementos ibéricos da Segunda Cruzada também precisavam ser reavaliados. A contribuição cruzada para a tomada de Lisboa foi quase certamente resultado de uma decisão não planejada de parar para lutar em Portugal. As campanhas contra Almería e Tortosa aparentemente foram apropriadas para a causa. Participantes catalães, do sul da França e genoveses de fato pareciam se

considerar engajados em uma guerra santa com alguns paralelos com a Primeira Cruzada. Mas não existe prova concreta do envolvimento papal no planejamento ou instigação dessas guerras, e é bem provável que elas tenham sido concebidas e praticadas por governadores seculares cristãos da Ibéria. O endosso papal a essas empreitadas, que se deu em abril de 1148, foi quase uma reflexão tardia, projetada para trazer a Espanha para debaixo do guarda-chuva cruzado.

Os acadêmicos modernos aceitaram rápido demais a ideia de que a Segunda Cruzada foi uma expressão da habilidade papal de se expandir e dirigir o movimento cruzado. Na verdade, os eventos do final da década de 1140 sugerem que Eugênio, Bernardo e a cúria romana ainda estavam tendo dificuldades para dominar e controlar essa forma de guerra santa, mesmo enquanto procuravam afirmar a primazia de Roma no contexto da cristandade latina.¹⁰⁴

O TRABALHO DOS REIS

A concepção da Segunda Cruzada foi especialmente notável em um aspecto a mais. Até esse ponto, expedições cruzadas haviam sido conduzidas no campo por nobres de proeminência – condes, duques e príncipes – vindos das altas rodas da sociedade latina, mas nenhum monarca ocidental tomou a cruz.^h A decisão do rei Luís VII da França e do rei Conrado III da Alemanha de atender ao chamado às armas do Quantum Praedecessores estabeleceu então um importante precedente, acrescentando uma nova e duradoura dimensão à cruzada. As consequências imediatas foram notáveis. O recrutamento fluiu em parte através do poder do endosso e do exemplo da realeza, e também devido à natureza hierárquica da sociedade medieval, que impulsionou uma reação em cadeia de alistamento. O envolvimento da coroa também contribuiu com recursos materiais empregados em nome da cruz, pelo menos até certo ponto. Uma recente onda de colheitas ruins no Oeste Europeu significou que até homens da estatura de Luís e Conrado tiveram de lutar para fazer frente a todas as demandas financeiras de uma campanha tão longa e comprometida. Nenhum dos dois parece ter conseguido impor taxas gerais dentro de seus respectivos reinos, então procuraram levantar dinheiro com cidades e igrejas, mas isso se mostrou apenas parcialmente bem-sucedido e, a semanas da partida, o monarca franco estava com pouco dinheiro.

A participação da realeza veio com um preço considerável. No passado, a maioria dos cruzados havia procurado arranjar suas questões antes de partir, mas as múltiplas complexidades que envolviam o evento de um rei abandonar seu reino por meses, talvez anos, tinha o potencial de aumentar enormemente o alcance e a duração dessas preparações. Em 1147, regentes foram nomeados para proteger o trono e supervisionar o governo cotidiano, a lei, a ordem econômica: na França, o abade Suger de Saint-Denis, aliado capetíngio de longa data e tutor de Luís na infância, foi o escolhido; e na Alemanha, Henrique, filho de dez anos de idade de Conrado, foi nomeado seu herdeiro, e o reino, confiado a um líder clerical, o abade Wibaldo de Corvey e Stavelot.

A natureza turbulenta da política medieval europeia também significava que o envolvimento da coroa na cruzada se aprofundou e estendeu o potencial de um

antagonismo danoso entre os contingentes. A tensão entre o norte e o sul da França por si só já quase estagnou a Primeira Cruzada. Enquanto um senso inato de identidade nacional ainda precisava fazer efeito em ambos os reinos, em 1147, tropas da França e da Alemanha de fato viajaram para a Terra Santa em exércitos distintos liderados por seus respectivos monarcas. As suspeitas e a rivalidade internacional de longa data podiam facilmente ter minado a expedição. Para começar, pelo menos, os dois poderes exibiam sinais definitivos de cooperação, coordenação e comunicação. Luís se reuniu com os representantes de Conrado para discutir as preparações, na presença de Bernardo de Claraval, em um encontro em Châlons-sur-Marne em 2 de fevereiro de 1147. Os franceses e os alemães então fizeram assembleias de planejamento separadas em Étampes e Frankfurt.

A presença desses dois reis na cruzada também ameaçava romper o delicado equilíbrio diplomático que reinava na cristandade latina em meados do século XII. Essa questão foi de grande preocupação em relação a Rogério II da Sicília, chefe de um formidável reino ao sul da Itália normanda que estava rapidamente se tornando um dos grandes poderes do Mediterrâneo. Nos anos 1140, o papado e Bizâncio foram diretamente ameaçados pelas políticas expansionistas de Rogério e, portanto, procuraram seu aliado mútuo, a Alemanha, para conter a agressão siciliana. A decisão de Conrado de se juntar à cruzada ameaçou romper essa teia de interdependência, expondo Roma e Constantinopla a um ataque. As coisas se complicaram ainda mais com as relações relativamente amigáveis de Luís VII com o rei Rogério, um fato que desconcertava Eugênio III e fazia com que os gregos temessem um plano de invasão franco-siciliano. Manuel Comneno – que havia agora assumido o controle de Bizâncio – enviou emissários para Luís VII e Conrado III em uma tentativa de abrir caminho para uma colaboração pacífica com a cruzada, mas as dúvidas permaneciam na mente do imperador e o papa também devia estar relutante em ver Conrado deixar a Europa.

A diplomacia da realeza também teve um impacto prático na rota tomada pela expedição. Considerando-se o estado da tecnologia naval ocidental nos anos 1140, zarpar em direção ao Levante com a cruzada inteira talvez tenha sido impraticável. Não obstante, Rogério II se ofereceu para levar tropas francesas para o leste, mas no final isso foi recusado devido à tensão entre a Sicília e Bizâncio como ocorrido na Primeira Cruzada. Assim, a maioria da expedição de 1147 se preparou para tomar o rumo do Oriente Próximo por via terrestre, passando por Constantinopla e atravessando a Ásia Menor. Isso levaria a graves consequências.

Ainda havia mais uma questão: como dois dos líderes mais poderosos da cristandade latina iriam interagir com os governantes dos Estados cruzados? Será que Luís e Conrado se deixariam comandar por um príncipe de Antioquia, um conde de Edessa ou mesmo um rei de Jerusalém? Ou será que os monarcas franceses e alemães seguiriam mantendo sua própria independência, com suas ambições e pautas potencialmente conflitantes?

Por mais notáveis que fossem, os efeitos de curto prazo ou imediatos do envolvimento de Luís e Conrado na expedição de 1146 a 1149 não são nada em comparação com o significado histórico mais amplo da união entre os cruzados e a realeza medieval. Ambos seriam transformados por esse relacionamento íntimo, muitas vezes desconcertante, ao longo das décadas e séculos seguintes. O Ultramar e a cristandade ocidental estavam sujeitos aos mesmos problemas e possibilidades – fortuna concedida, recursos e homens; mas ainda assim paralisados pela desunião e prejudicados pela falta de ideais compartilhados. Cruzadas com a participação de reis se mostraram laboriosas e até mesmo inertes para com as necessidades do Oriente Próximo, e sempre foram capazes de desestabilizar as políticas europeias. Ao mesmo tempo, o ideal de guerra santa começou a influenciar a prática da realeza por todo o Oeste latino. O comprometimento com a causa cruzada se tornou um dever essencial para governantes cristãos, uma obrigação religiosa que servia para confirmar suas qualidades marciais, mas que também tinha de ser administrada junto com os negócios governamentais.¹⁰⁵

A CAMINHO DA TERRA SANTA

Desfrutando agora de mais segurança em Roma, o papa Eugênio III foi a Paris na Páscoa de 1147 para supervisionar os preparativos finais para a Segunda Cruzada. Naquele mês de abril, um grupo de cerca de cem cavaleiros templários também se juntou ao exército cruzado. Em 11 de junho de 1147, o papa, junto a seu mentor, o abade Bernardo, comandou uma cerimônia pública profundamente encenada na grandiosa igreja de Saint-Denis, distante poucos quilômetros ao norte de Paris, na qual Luís fez uma partida dramática e ritualizada para a Terra Santa. Esse encontro encapsulou a nova dimensão real da cruzada, mas também oferece uma autêntica percepção do nascente senso religioso e pessoal do jovem rei. A caminho do encontro em Saint-Denis, Luís decidiu que tinha de fazer uma turnê de improviso de duas horas ao leprosário local como demonstração de sua subserviência a Deus, deixando tanto sua glamourosa esposa, Leonor de Aquitânia, como o papa literalmente esperando no altar. Dizem que a rainha estava quase “desmaiando de emoção e calor”.

Quando Luís finalmente chegou a Saint-Denis, silenciosos grupos de nobres, apinhados em fileiras, observaram perplexos enquanto “ele humildemente se prostrou no chão e adorou seu santo patrono, Denis”. O papa presenteou o rei com seu bordão e alforje de peregrino, e Luís então levantou a antiga Auriflama, que acreditavam ter sido o estandarte de batalha de Carlos Magno, o próprio símbolo da monarquia francesa. Em dado momento, essa atuação apaixonada enviou uma sucessão de mensagens poderosas entrelaçadas: a cruzada era um ato de genuína devoção cristã; Luís era um rei verdadeiramente régio, e a Igreja Romana estava no centro do movimento cruzado.¹⁰⁶

Os principais exércitos da Segunda Cruzada começaram suas jornadas no começo do verão de 1147. A intenção deles era recriar as glórias da Primeira Cruzada, viajando para o leste por terra atravessando Bizâncio e a Ásia Menor. Após a cerimônia em Saint-Denis, Luís saiu de Metz com os franceses; Conrado III, já tendo reunido suas forças alemãs em Regensburg, partiu em maio. Essas partidas cambaleantes foram aparentemente coordenadas de propósito, talvez como resultado dos planos decididos em Châlons-sur-Marne, cujo objetivo era permitir que ambos os contingentes seguissem a mesma rota para Constantinopla

– através da Alemanha e da Hungria – sem exaurir os recursos locais. Mas, apesar dessa promessa inicial de cooperação e de todos os sonhos cuidadosamente nutridos de reviver explorações e conquistas do passado, a tentativa de alcançar a Terra Santa se mostrou um desastre quase impossível de mitigar.

Em grande parte isso se deu devido ao fracasso em colaborar efetivamente com o Império Bizantino. Meio século antes, Aleixo I Comneno ajudou a desencadear a Primeira Cruzada e então conseguiu aproveitar sua força para reconquistar o oeste da Ásia Menor. Em 1147, a posição e a perspectiva de seu neto, o imperador Manuel, eram consideravelmente diferentes. Manuel não tinha nenhum interesse em convocar esta nova expedição latina e sofreu perda de poder e influência agora que a expedição estava acontecendo. No Ocidente, a ausência de Conrado III liberou Rogério da Sicília para atacar o território grego, e a ideia de ter dois exércitos francos marchando pelo império, passando pela própria Constantinopla, horrorizou Manuel. Enquanto isso, ao leste, a nova cruzada parecia pronta para revitalizar Ultramar, decorrente do recente ressurgimento da autoridade bizantina no norte da Síria; uma preocupação que foi apenas exacerbada pelas ligações de família do rei Luís VII com o príncipe Raimundo de Antioquia. Para Manuel, a Segunda Cruzada era uma ameaça preocupante. Quando os exércitos franceses abordaram o império, as preocupações do imperador se aprofundaram tanto que ele decidiu defender sua fronteira ao leste ao concordar com uma trégua temporária com Ma'sud, o sultão seljúcida de Anatólia. Para os gregos, este era um passo lógico que permitia que Manuel se concentrasse nas milhares de tropas latinas se aproximando de suas fronteiras ocidentais. Mas quando souberam do acordo, muitos cruzados o entenderam como um ato de traição.

Os problemas começaram tão logo os francos cruzaram o Danúbio e entraram no império. O grande e pesado exército de Conrado marchou de forma indisciplinada para o sudeste, passando por Filipópolis e Adrianópolis, em um trajeto pontuado por surtos de pilhagem e conflito com tropas gregas. Desesperado para salvaguardar sua capital, Manuel correu para instigar os alemães a atravessar o Bósforo. Inicialmente, o avanço do pequeno contingente franco se deu mais pacificamente. Contudo, quando acamparam nos arredores de Constantinopla, os francos se tornaram cada vez mais beligerantes. As notícias do novo pacto de Manuel com Ma'sud foram recebidas com horror, escárnio e arraigada desconfiança. Godofredo, bispo de Langres, um dos clérigos líderes da cruzada, chegou a tentar incitar um ataque direto a Constantinopla, estratégia

rejeitada pelo rei Luís. O imperador de fato forneceu guias aos cruzados, mas até eles aparentemente ofereceram apenas assistência limitada.

Sem contar com pleno apoio de Bizâncio, os latinos precisavam acima de tudo reunir suas próprias forças contra o Islã assim que chegassem à Ásia Menor. Infelizmente, a coordenação entre os contingentes franco e alemão se rompeu no outono de 1147. Conrado tomou a nada sábia decisão de avançar sem Luís no final de outubro, marchando de seu ponto de paragem em Niceia em direção a um cenário árido e inóspito, controlado mal e parcamente pelos gregos. O plano era, mais uma vez, seguir uma rota semelhante à dos primeiros cruzados, mas os seljúcidas de Anatólia estavam mais bem preparados do que em 1097. A coluna alemã, desacostumada às táticas de batalha muçulmanas, logo sofreu repetidos e arrasadores ataques de bandos de turcos montados, esquivos e velozes. Passando por Dorileia em marcha manca, com perdas se acumulando e suplementos se esvaindo, os cruzados finalmente decidiram retornar. Quando recuavam para Niceia no começo de novembro, milhares haviam perecido e até mesmo o rei Conrado fora ferido. O moral estava esfacelado. Muitos dos sobreviventes desganhados tentaram diminuir as perdas seguindo de volta para a Alemanha.

Castigado, Conrado juntou forças com os franceses, que a essa altura haviam cruzado o Bósforo, para tentar um segundo avanço. Tiveram sucesso traçando uma rota diferente pelo sul em direção à antiga metrópole romana de Éfeso, onde o surgimento de doenças forçou o rei alemão a ficar para trás. No final de dezembro, com a chuva e a neve caindo, Luís abandonou o litoral, deixando o exército ao longo do Vale Meander em direção às terras altas de Anatólia. No começo, a disciplina militar conseguiu conter a situação e as primeiras ondas de ataques seljúcidas foram repelidas, mas por volta de 6 de janeiro de 1148 os cruzados se desestruturaram enquanto tentavam atravessar o imponente obstáculo físico que era o Monte Cadmus e sofreram um amargo ataque turco. As perdas foram pesadas e o próprio Luís foi cercado, escapando por pouco ao se refugiar em uma árvore. Abalado pela experiência, o rei agora pediu aos cavaleiros templários que se juntassem ao seu exército na volta para a França liderando os sobreviventes em uma marcha estritamente controlada do sul para o leste para o porto de Adália, controlado pelos gregos – uma decisão que ilustra tanto a situação periclitante dos cruzados quanto a reputação marcial já conquistada pela Ordem dos Templários. Luís depois enviou uma carta para o abade de Saint-Denis lembrando esses dias sombrios: “Havia emboscadas constantes de bandidos, graves dificuldades para viajar, batalhas diárias com os turcos... Nós mesmos vivíamos em constante perigo de vida, mas com a graça

de Deus nos libertamos de todos esses horrores e conseguimos escapar”. Exaustos e famintos, os franceses alcançaram a costa por volta de 20 de janeiro. Foi cogitado marchar adiante, mas Luís acabou decidindo zarpar para a Síria com uma parte de seu exército. Os que ficaram para trás tiveram a promessa de apoio bizantino, mas a maioria morreu de fome ou em algum dos ataques turcos. O rei franco chegou a Antioquia em março de 1148. Enquanto isso, após recuperar Constantinopla, Conrado também decidiu completar sua jornada ao leste por mar e navegou para Acre.

Os segundos cruzados que tomaram o rumo por terra para o Oriente Próximo, orgulhosamente esperando emular o heroísmo de seus antepassados, acabaram esmagados; milhares foram perdidos em combate por fome ou desertaram. A expedição fora arrasada antes mesmo de chegar à Terra Santa. Muitos culpavam os gregos por esse terrível revés, nivelando acusações de traição e deslealdade. Mas, apesar de Manuel de fato ter oferecido a Luís e Conrado apenas um apoio limitado, foi a própria imprudência dos latinos perante a intensificada agressão turca que precipitou o desastre. Tanto os alemães quanto os franceses estavam cercados e ignominiosamente derrotados, levando Guilherme de Tiro a concluir que os cruzados que uma vez tiveram “gloriosa reputação por sua bravura” agora jaziam em farrapos. “Doravante”, ele escreveu, “passou a ser nada mais que uma piada aos olhos daquelas pessoas impuras a quem um dia aterrorizaram”. Luís e Conrado haviam finalmente chegado ao Levante; a questão agora era se suas forças tão enfraquecidas poderiam ter esperança de conquistar qualquer resultado relevante e reacender a chama cruzada.¹⁰⁷

hSigurdo da Noruega, que fez campanha no Levante em 1110, era rei, mas compartilhava o trono norueguês com dois irmãos.

NOTAS

1 Apesar do significado histórico deste discurso, não sobreviveu nenhum registro preciso das palavras de Urbano. Numerosas versões de sua fala, inclusive três, feitas por testemunhas oculares foram escritas depois do fim da Primeira Cruzada, mas todas coloridas por uma visão em retrospectiva do papa e nenhuma pode ser considerada abalizada. Não obstante, comparando esses relatos com referências à “cruzada” em cartas escritas pelo papa em 1095-6, os traços principais de sua mensagem podem ser reconstruídos. Para as fontes primárias do relato sobre o sermão do papa Urbano II em Clermont, ver: Fulcher of Chartres, *Historia Hierosolymitana* (1095-1127) , ed. H. Hagenmeyer (Heidelberg, 1913), pp. 130-38; Robert the Monk, *Historia Iherosolimitana* , RHC Occ . III, pp. 727-30; Guibert of Nogent, *Dei gesta per Francos* , ed. R. B. C. Huygens, *Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis* , 127A (Turnhout, 1996), pp. 111-17; Baldric of Bourgueil, bishop of Dol, *Historia Jerosolimitana* , RHC Occ . IV, pp. 12-16. Para as cartas escritas por Urbano no período da Primeira Cruzada, ver: H. Hagenmeyer, *Die Kreuzzugsbriefe aus den Jahren 1088-1100* (Innsbruck, 1901), pp. 136-8; ‘Papsturkunden in Florenz’, ed. W. Wiederhold, *Nachrichten von der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen* , Phil.-hist. Kl. (Göttingen, 1901), pp. 313-14; *Papsturkunden in Spanien. I Katalonien* , ed. P.F. Kehr (Berlim, 1926), pp. 287-8. Na English translation of these accounts and letters is given in: L. and J.S.C. Riley-Smith, *The Crusades: Idea and Reality, 1095-1274* (Londres, 1981), pp. 37-53.

2 Sobre o papa Urbano II e o sermão de Clermont ver: A. Becker, *Papst Urban II. (1088-1099)* , *Schriften der Monumenta Germaniae Historica* 19 , 2 vols. (Stuttgart, 1964-88); H. E. J. Cowdrey, ‘Pope Urban II’s preaching of the irst Crusade’, *History* , vol. 55 (1970), pp. 177-88; P. Cole, *The Preaching of the Crusades to the Holy Land, 1095-1270* (Cambridge, Mass., 1991), pp. 1-36; J. S. C. Riley-Smith, *The First Crusaders, 1095-1131* (Cambridge, 1997), pp. 60-75. Mais em geral sobre a pregação e o progresso da Primeira Cruzada, ver: J. S. C. Riley-Smith, *The First Crusade and the Idea of Crusading* (Londres, 1986); J. France, *Victory in the East: A Military History of the First Crusade* (Cambridge, 1994); J. Flori, *La Première Croisade: L’Occident chrétien contre l’Islam*

(Bruxelas, 2001); T. Asbridge, *The First Crusade: A New History* (Londres, 2004). Para um relato datado e não muito confiável, mas bastante vivo, ver: S. Runciman, 'The First Crusade and the foundation of the kingdom of Jerusalem', *A History of the Crusades*, vol. 1 (Cambridge, 1951). As fontes primárias para a reconstrução da história da Primeira Cruzada são: *Gesta Francorum et aliorum Hierosolimitanorum*, ed. and trans. R. Hill (Londres, 1962); Fulcher of Chartres, *Historia Hierosolymitana* (1095-1127), ed. H. Hagenmeyer (Heidelberg, 1913); Raymond of Aguilers, *Le 'Liber' de Raymond d'Aguilers*, ed. J. H. Hill and L. L. Hill (Paris, 1969); Peter Tudebode, *Historia de Hierosolymitano itinere*, ed. J. H. Hill and L. L. Hill (Paris, 1977); Caffaro di Caschifellone, 'De liberatione civitatum orientis', ed. L. T. Belgrano, *Annali Genovesi*, vol. 1 (Genoa, 1890), pp. 3-75; Ekkehard of Aura, 'Hierosolimita', *RHC Occ.* V, pp. 1-40; Ralph of Caen, *Gesta Tancredi in expeditione Hierosolymitana*, *RHC Occ.* III, pp. 587-716; *Historia Belli Sacri*, *RHC Occ.* III, pp. 169-229; Albert of Aachen, *Historia Iherosolimitana*, ed. and trans. S. B. Edgington (Oxford, 2007); H. Hagenmeyer, *Die Kreuzzugsbriefe aus den Jahren 1088-1100* (Innsbruck, 1901); Anna Comnena, *Alexiade*, ed. and trans. B. Leib, 3 vols. (Paris, 1937-76), vol. 2, pp. 205-36, vol. 3, pp. 7-32; Ibn al-Qalanisi, *The Damascus Chronicle of the Crusades*, extracted and translated from the *Chronicle of Ibn al-Qalanisi*, trans. H. A. R. Gibb (Londres, 1932), pp. 41-9; Ibn al-Athir, *The Chronicle of Ibn al-Athir for the crusading period from al-Kamil fi'l-Ta'rikh*, trans. D. S. Richards, vol. 1 (Aldershot, 2006), pp. 13-22; Matthew of Edessa, *Armenia and the Crusades, Tenth to Twelfth Centuries: The Chronicle of Matthew of Edessa*, trans. A. E. Dostourian (Lanham, 1993), pp. 164-73. Para uma seleção de fontes traduzidas em inglês, ver: E. Peters (ed.), *The First Crusade: The Chronicle of Fulcher of Chartres and other source materials*, 2nd ed (Philadelphia, 1998). Para uma introdução sobre essas fontes, ver: S. B. Edgington, 'The First Crusade: Reviewing the Evidence', *The First Crusade: Origins and Impact*, ed. J. P. Phillips (Manchester, 1997), pp. 55-77. Ver também: S. D. Goitein, 'Geniza Sources for the Crusader period: A survey', *Outremer*, ed. B. Z. Kedar, H. E. Mayer and R. C. Smail (Jerusalem, 1982), pp. 308-12.

3Fulcher of Chartres, pp. 132-3; Robert the Monk, p. 729; Guibert of Nogent, p. 113; Baldric of Bourgueil, p. 13.

4Fulcher of Chartres, p. 134; Guibert of Nogent, p. 116; Hagenmeyer, *Kreuzzugsbriefe*, p. 136; Robert the Monk, pp. 727-8; B. Hamilton, 'Knowing the enemy: Western understanding of Islam at the time of the crusades', *Journal of the Royal Asiatic Society*, 3rd series, vol. 7 (1997), pp. 373-87.

5Hagenmeyer, *Kreuzzugsbriefe*, p. 136; Fulcher of Chartres, pp. 134-5; Baldric of Bourgueil, p. 15; J. A. Brundage, 'Adhémar of Le Puy: The bishop and his critics', *Speculum*, vol. 34 (1959), pp. 201-12; J. H. Hill and L. L. Hill, 'Contemporary accounts and the later reputation of Adhémar, bishop of Le Puy', *Mediaevalia et humanistica*, vol. 9 (1955), pp. 30-38; H. E. Mayer, 'Zur Beurteilung Adhemars von Le Puy', *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters*, vol. 16 (1960), pp. 547-52. Urbano parece ter tecido uma variedade de temas adicionais em sua mensagem "cruzadista": que aquela batalha em nome do papado enquanto "soldado de Cristo", infligia obrigações quase feudais para com Deus, senhor do "Reino dos céus"; que juntar-se à expedição permitiria seguir os passos de Cristo, imitando o sofrimento da sua Paixão; que os últimos dias estavam se aproximando e que apenas a conquista de Jerusalém poderia inaugurar o que fora profetizado no Apocalipse.

6Sobre Urbano como progenitor da cruzada, atitudes com relação ao martírio e o desenvolvimento do ideal cruzado, ver: C. Erdmann, *The Origin of the Idea of Crusade* (Princeton, 1977); J. T. Gilchrist, 'The Erdmann thesis and canon law, 1083-1141', *Crusade and Settlement*, ed. P.W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 37-45; E. O. Blake, 'The formation of the "crusade idea"', *Journal of Ecclesiastical History*, vol. 21 (1970), pp. 11-31; H. E. J. Cowdrey, 'The genesis of the crusades: The springs of western ideas of holy war', *The HolyWar*, ed. T. P. Murphy (Columbus, 1976), pp. 9-32; J. Flori, *La formation de l'idée des croisades dans l'Occident Chrétien* (Paris, 2001); J. S. C. Riley-Smith, 'Death on the First Crusade', *The End of Strife*, ed. D. Loades (Edinburgh, 1984), pp. 14-31; H. E. J. Cowdrey, 'Martyrdom and the First Crusade', *Crusade and Settlement*, ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 46-56; J. Flori, 'Mort et martyre des guerriers vers 1100. L'exemple de la Première Croisade', *Cahiers de civilisation médiévale*, vol. 34 (1991), pp. 121-39; C. Morris, 'Martyrs of the Field of Battle before and during the First Crusade', *Studies in Church History*, vol. 30 (1993), pp. 93-104; J. S. C. Riley-Smith, *What Were the Crusades?*, 3rd

edn (Basingstoke, 2002); C. J. Tyerman, 'Were there any crusades in the twelfth century?', *English Historical Review*, vol. 110 (1995), pp. 553-77; C. J. Tyerman, *The Invention of the Crusades* (Londres, 1998).

7Guibert of Nogent, p. 121; Anna Comnena, vol. 2, p. 207; E. O. Blake and C. Morris, 'A hermit goes to war: Peter and the origins of the First Crusade', *Studies in Church History*, vol. 22 (1985), pp. 79-107; C. Morris, 'Peter the Hermit and the Chroniclers', *The First Crusade: Origins and Impact*, ed. J. P. Phillips (Manchester, 1997), pp. 21-34; J. Flori, *Pierre l'Ermite et la Première Croisade* (Paris, 1999); Riley-Smith, *The First Crusade and the Idea of Crusading*, pp. 49-57; J. S. C. Riley-Smith, 'The First Crusade and the persecution of the Jews', *Studies in Church History*, vol. 21 (1984), pp. 51-72; R. Chazan, *European Jewry and the First Crusade* (Berkeley, 1987); Asbridge, *The First Crusade*, pp. 78-89, 100-103.

8Esta estimativa tende para os cálculos feitos por J. France, *Victory in the East*, pp. 122-42. Para outras recentes contribuições sobre esta questão controversa, ver: B. Bachrach, 'The siege of Antioch: A study in military demography', *War in History*, vol. 6 (1999), pp. 127-46; Riley-Smith, *The First Crusaders*, p. 109; J. S. C. Riley-Smith, 'Casualties and the number of knights on the First Crusade', *Crusades*, vol. 1 (2002), pp. 13-28.

9Guibert of Nogent, p. 87; J.H. and L.L. Hill, *Raymond IV, Count of Toulouse* (Syracuse, 1962).

[10 William of Malmesbury, *Gesta Regum Anglorum*, vol. 1, ed. and trans. R. A. B. Mynors, R. M. Thomson and M. Winterbottom, vol. 1 \(Oxford, 1998\), p. 693; Anna Comnena, vol. 3, pp. 122-3; R. B. Yewdale, *Bohemond I, Prince of Antioch* \(Princeton, 1917\); R. L. Nicholson, *Tancred: A Study of His Career and Work in Their Relation to the First Crusade and the Establishment of the Latin States in Syria and Palestine* \(Chicago, 1940\).](#)

11 J. C. Andressohn, The Ancestry and Life of Godfrey of Bouillon (Bloomington, 1947); P. Gindler, Graf Balduin I. von Edessa (Halle, 1901); C. W. David, Robert Curthose, Duke of Normandy , Cambridge, Mass., 1920); W. M. Aird, Robert Curthose, Duke of Normandy (Woodbridge, 2008); J. A. Brundage, 'An errant crusader: Stephen of Blois', Traditio , vol. 16 (1960), pp. 380-95; Gesta Francorum , p. 7; J. A. Brundage, Medieval Canon Law and the Crusader (Madison, 1969), pp. 17-18, 30-39, 115-21; J. A. Brundage, 'The army of the First Crusade and the crusade vow: Some reflections on a recent book', Medieval Studies , vol. 33 (1971), pp. 334-43; Riley-Smith, The First Crusaders , pp. 22-3, 81-2, 114; Mayer, The Crusades , pp. 21-3; Riley-Smith, The First Crusade and the Idea of Crusading , p. 47; France, Victory in the East , pp. 11-16; Asbridge, The First Crusade , pp. 66-76; Housley, Contesting the Crusades , pp. 24-47.

12 Anna Comnena, vol. 2, pp. 206-7, 233. Sobre a história bizantina, ver: M. Angold, The Byzantine Empire, 1025-1204: A Political History , 2nd edn (Londres, 1997). Sobre as relações cruzado-bizantino durante a Primeira Cruzada, ver: R.-J. Lilie, Byzantium and the Crusader States 1096-1204 , trans. J. C. Morris and J. E. Ridings (Oxford, 1993), pp. 1-60; J. H. Pryor, 'The oaths of the leaders of the First Crusade to emperor Alexius I Comnenus: fealty, homage, pistis , douleia ', Parergon , vol. 2 (1984), pp. 111-41; J. Shepard, 'Cross purposes: Alexius Comnenus and the First Crusade', The First Crusade: Origins and Impact , ed. J. P. Phillip (Manchester, 1997), pp. 107-29; J. Harris, Byzantium and the Crusades (Londres, 2006), pp. 53-71.

13 Albert of Aachen, p. 84; Anna Comnena, vol. 2, pp. 220-34; Asbridge, The First Crusade , pp. 103-13.

14 Raymond of Aguilers, pp. 42-3; Gesta Francorum , p. 15; Fulcher of Chartres, p. 187; Albert of Aachen, pp. 118-20.

15 Gesta Francorum , p. 15; Hagenmeyer, Kreuzzugsbriefe , pp. 138-40; Anna Comnena, vol. 2, pp. 230, 234.

16 Fulcher of Chartres, pp. 202-3; W. G. Zajac, ‘Captured property on the First Crusade’, The First Crusade: Origins and Impact , ed. J. P. Phillips (Manchester, 1997), pp. 153-86.

17 Gesta Francorum , pp. 18-21; Fulcher of Chartres, pp. 192-9; France, Victory in the East , pp. 170-85; Asbridge, The First Crusade , pp. 133-7.

18 Albert of Aachen, pp. 138-40. A citação foi abreviada. Gesta Francorum , p. 23.

19 T. S. Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch 1098-1130 (Woodbridge, 2000), pp. 16-19; France, Victory in the East , pp. 190-96; Albert of Aachen, p. 170.

20 Eu mesmo expus esta suposição em 2004. Asbridge, The First Crusade , pp. 153-7.

21 Hagenmeyer, Kreuzzugsbriefe , p. 150; Raymond of Aguilers, pp. 47-8.

22 Gesta Francorum , p. 42; Fulcher of Chartres, p. 221; Albert of Aachen, pp. 208-10, 236-8; Hagenmeyer, Kreuzzugsbriefe , p. 150; Matthew of Edessa, pp. 167-8.

[23 Fulcher of Chartres, pp. 224-6; Asbridge, The First Crusade , pp. 169-96. Sobre o debate relacionado com a partida de Tácio, ver: Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 33-7; J. France, ‘The departure of Tatikios from the army of the First Crusade’, Bulletin of the Institute of Historical Research , vol. 44 \(1971\), pp. 131-47; France, Victory in the East , p. 243. Sobre o primeiro certo de Antioquia, ver também: R. Rogers, Latin Siege Warfare in the Twelfth Century \(Oxford, 1992\), pp. 25-38.](#)

[24 Hagenmeyer, Kreuzzugsbriefe , p. 151; Raymond of Aguilers, p. 58. Sobre as relações dos primeiros cruzados com os muçulmanos do Oriente Próximo, ver: M. A. Köhler, Allianzen und Verträge zwischen frankischen und islamischen Herrschern in Vorderen Orient \(Berlim, 1991\), pp. 1-72; T. Asbridge, ‘Knowing the enemy: Latin relations with Islam at the time of the First Crusade’, *Knighthoods of Christ* , ed. N. Housley \(Aldershot, 2007\), pp. 17-25; Albert of Aachen, p. 268.](#)

[25 Fulcher of Chartres, p. 233; Albert of Aachen, pp. 282-4; Gesta Francorum , p. 48.](#)

[26 Gesta Francorum , p. 48; Peter Tudebode, p. 97; Albert of Aachen, pp. 298-300. Essa citação foi resumida.](#)

[27 28](#)

T. Asbridge, ‘The Holy Lance of Antioch: Power, devotion and memory on the First Crusade’, *Reading Medieval Studies*, vol. 33 (2007), pp. 3-36.

[29 Matthew of Edessa, p. 171; Ibn al-Athir, vol. 1, p. 16; Albert of Aachen, p.](#)

320.

30 Ibn al-Qalanisi, p. 46. Sobre a Batalha da Antioquia, ver: France, Victory in the East , pp. 280-96; Asbridge, The First Crusade , pp. 232-40.

31 Raymond of Aguilers, p. 75; C. Morris, 'Policy and vision: The case of the Holy Lance found at Antioch', War and Government in the Middle Ages: Essays in honour of J. O. Prestwich , ed. J. Gillingham and J. C. Holt (Woodbridge, 1984), pp. 33-45.

32 Fulcher of Chartres, pp. 266-7; Raymond of Aguilers, p. 101; T. Asbridge, 'The principality of Antioch and the Jabal as-Summaq', The First Crusade: Origins and Impact , ed. J. P. Phillips (Manchester, 1997), pp. 142-52. Para leituras alternativas destes eventos, ver: Hill, Raymond IV, Count of Toulouse , pp. 85-109; J. France, 'The crisis of the First Crusade from the defeat of Kerbogha to the departure from Arqa', Byzantion , vol. 40 (1970), pp. 276-308.

33 Raymond of Aguilers, pp. 120-24, 128-9; Fulcher of Chartres, pp. 238-41.

34 Albert of Aachen, p. 402.

35 Fulcher of Chartres, pp. 281-92. Sobre a Jerusalém medieval, ver: A. J. Boas, Jerusalem in the Time of the Crusades (Londres, 2001); J. Prawer, 'The Jerusalem the crusaders captured: A contribution to the medieval topography of the city', Crusade and Settlement , ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 1-16; France, Victory in the East , pp. 333-5, 337-43.

36 Raymond of Aguilers, pp. 139-41; Albert of Aachen, pp. 410-12. Sobre o cerco de Jerusalém, ver: France, Victory in the East , pp. 332-55; Rogers, Latin Siege Warfare , pp. 47-63; Asbridge, The First Crusade , pp. 298-316.

37 Raymond of Aguilers, pp. 141-2; Albert of Aachen, p. 422.

38 Raymond of Aguilers, pp. 146-8; Albert of Aachen, p. 416.

39 Raymond of Aguilers, pp. 148-9; Fulcher of Chartres, pp. 296-9.

40 Raymond of Aguilers, p. 150; Gesta Francorum , p. 91; Robert the Monk, p. 868.

41 Ibn al-Athir, pp. 21-2; Fulcher of Chartres, pp. 304-5; B. Z. Kedar, ‘The Jerusalem massacre of 1099 in the western historiography of the crusades’, Crusades , vol. 3 (2004), pp. 15-75.

42 Os historiadores continuam a debater a natureza precisa do título de Godofredo. Ele pode muito bem ter empregado “príncipe”, mas é relativamente certo que ele se intitulasse “rei de Jerusalém”. Sobre este debate, ver: J. S. C. Riley-Smith, ‘The title of Godfrey of Bouillon’, Bulletin of the Institute of Historical Research , vol. 52 (1979), pp. 83-6; J. France, ‘The election and title of Godfrey de Bouillon’, Canadian Journal of History , vol. 18 (1983), pp. 321-9; A. V. Murray, The Crusader Kingdom of Jerusalem: A Dynastic History 1099-1125 (Oxford, 2000), pp. 63-77.

43 Peter Tudebode, pp. 146-7; France, Victory in the East , pp. 360-65; Asbridge, The First Crusade , pp. 323-7.

44 Sobre a cruzada de 1101, ver: Riley-Smith, The First Crusade and the Idea of Crusading , pp. 120-34; J. L. Cate, ‘The crusade of 1101’, A History of the Crusades , ed. K. M. Setton, vol. 1, 2nd edn (Madison, 1969), pp. 343-67; A. Mullinder, ‘The Crusading Expeditions of 1101-2’ (unpublished Ph.D. thesis, University of Wales, Swansea, 1996).

45 Sobre o debate em evolução em torno da centralidade da Gesta Francorum como fonte para a Primeira Cruzada e sobre a identidade de seu autor, ver: A. C. Krey, ‘A neglected passage in the Gesta and its bearing on the literature of the First Crusade’, The Crusades and Other Historical Essays presented to Dana C. Munro by his former students , ed. L. J. Paetow (Nova York, 1928), pp. 57-78; K. B. Wolf, ‘Crusade and narrative: Bohemond and the Gesta Francorum ’, Journal of Medieval History , vol. 17 (1991), pp. 207-16; C. Morris, ‘The Gesta Francorum as narrative history’, Reading Medieval Studies , vol. 19 (1993), pp. 55-71; J. France, ‘The Anonymous Gesta Francorum and the Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem of Raymond of Aguilers and the Historia de Hierosolymitano Itinere of Peter Tudebode’, The Crusades and Their Sources: Essays Presented to Bernard Hamilton , ed. J. France and W. G. Zajac (Aldershot, 1998), pp. 39-69; J. France, ‘The use of the anonymous Gesta Francorum in the early twelfth-century sources for the First Crusade’, From Clermont to Jerusalem: The Crusades and Crusader Societies, 1095-1500 , ed. A. V. Murray (Turnhout, 1998), pp. 29-42; J. Rubenstein, ‘What is the Gesta Francorum and who was Peter Tudebode?’, Revue Mabillon , vol. 16 (2005), pp. 179-204.

46 Kedar, ‘The Jerusalem massacre of 1099’, pp. 16-30; La Chanson d’Antioche , ed. S. Duparc-Quioc, 2 vols. (Paris, 1982); The Canso d’Antiocha: An Occitan Epic Chronicle of the First Crusade , trans. C. Sweetenham and L. Paterson (Aldershot, 2003). Para uma discussão de Roberto, o Monge, ver: C. Sweetenham, Robert the Monk’s History of the First Crusade (Aldershot, 2005),

pp. 1-71. Sobre o papel da memória, ver: Asbridge, 'The Holy Lance of Antioch', pp. 20-26; S. B. Edgington, 'Holy Land, Holy Lance: religious ideas in the Chanson d'Antioche', *The Holy Land, Holy Lands and Christian History, Studies in Church History*, ed. R. N. Swanson, vol. 36 (Woodbridge, 2000), pp. 142-53; S. B. Edgington, 'Romance and reality in the sources for the sieges of Antioch, 1097-1098', *Porphyrogenita*, ed. C. Dendrinos, J. Harris, E. Harvalia-Crook and J. Herrin (Aldershot, 2003), pp. 33-46; Y. Katzir, 'The conquests of Jerusalem, 1099 and 1187: Historical memory and religious typology', *The Meeting of Two Worlds: Cultural Exchange between East and West in the Period of the Crusades*, ed. V. P. Goss (Kalamazoo, 1986) pp. 103-13; J. M. Powell, 'Myth, legend, propaganda, history: The First Crusade, 1140-c.1300', *Autour de la Première Croisade*, ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 127-41.

47 Ibn al-Qalanisi, pp. 44, 48; Ibn al-Athir, pp. 21-2; al-Azimi, pp. 372-3; C. Hillenbrand, 'The First Crusade: The Muslim perspective', *The First Crusade: Origins and Impact*, ed. J. P. Phillips (Manchester, 1997), pp. 130-41; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*, pp. 50-68.

48 Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*, pp. 68-74; J. Drory, 'Early Muslim reflections on the Crusaders', *Jerusalem Studies in Arabic and Islam*, vol. 25 (2001), pp. 92-101; D. Ephrat and M. D. Kahba, 'Muslim reaction to the Frankish presence in Bilad al-Sham: intensifying religious fidelity within the masses', *Al-Masaq*, vol. 15 (2003), pp. 47-58; W. J. Hamblin, 'To wage jihad or not: Fatimid Egypt during the early crusades', *The Jihad and its Times*, ed. H. Dajani-Shakeel and R. A. Mossier (Ann Arbor, 1991), pp. 31-40. Al-Sulami foi particularmente incomum, pois identificou com precisão que os francos estavam deslançando uma guerra santa por Jerusalém. Ele também via a cruzada como parte de uma ofensiva cristã mais ampla contra o Islã que incluía conflitos na Ibéria e Sicília. E. Sivan, 'La genèse de la contre-croisade: un traité Damasquin du début du XIIe siècle', *Journal Asiatique*, vol. 254 (1966), pp. 197-224; N. Christie, 'Jerusalem in the Kitab al-Jihad of Ali ibn Tahir al-Sulami', *Medieval Encounters*, vol. 13.2 (2007), pp. 209-21; N. Christie and D. Gerish, 'Parallel preaching: Urban II and al-Sulami', *Al-Masaq*, vol. 15 (2003), pp. 139-48.

49 O termo “Estados cruzados” é um tanto impreciso, pois dá a impressão de que esses assentamentos eram exclusivamente habitados por cruzados e e que sua história poderia ser interpretada como exemplo de uma atividade cruzada em movimento. A maioria dos homens da Primeira Cruzada voltaram para o Ocidente em 1099, deixando o Ultramar diante de uma perpétua falta de homens e dependente do influxo de novos colonos, a maioria dos quais não havia aceitado formalmente a cruz. A questão da continuada influência da ideologia cruzada sobre a história do Oriente latino é uma questão mais complexa. J. S. C. Riley-Smith, ‘Peace never established: the of the Kingdom of Jerusalem’, *Transactions of the Royal Historical Society* , 5th series, vol. 28 (1978), pp. 87-102.

50 Para uma visão geral dos Estados cruzados na primeira metade do século XII, ver: Mayer, *The Crusades* , pp. 58-92; Richard, *The Crusades* , pp. 77-169; Jotischky, *Crusading and the Crusader States* , pp. 62-102. Para um relato detalhado e vívido (embora nem sempre confiável) deste período, ver: S. Runciman, ‘The kingdom of Jerusalem and the Frankish East 1100-1187’, *A History of the Crusades* , vol. 2 (Cambridge, 1952). Para estudos regionais mais detalhados, ver: J. Prawer, *Histoire du Royaume Latin de Jérusalem* , 2nd edn, 2 vols. (Paris, 1975); J. Richard, *The Latin Kingdom of Jerusalem* , trans. J. Shirley, 2 vols. (Oxford, 1979); A. Murray, *The Crusader Kingdom of Jerusalem: A Dynastic History 1099-1125* (Oxford, 2000); C. Cahen, *La Syrie du Nord à l’époque des Croisades et la principauté Franque d’Antioche* (Paris, 1940); T. Asbridge, *The Creation of the Principality of Antioch* (Woodbridge, 2000); J. Richard, *La comté de Tripoli sous la dynastie toulousaine (1102-1187)* (Paris, 1945); M. Amouroux-Mourad, *Le comté d’Édesse, 1098-1150* (Paris, 1988); C. MacEvitt, *The Crusades and the Christian World of the East* (Philadelphia, 2008). As fontes básicas de crônicas e narrativas sobre a história primitiva do Ultramar são: Fulcher of Chartres, *Historia Hierosolymitana (1095-1127)* , ed. H. Hagenmeyer (Heidelberg, 1913); Albert of Aachen, *Historia Iherosolimitana* , ed. and trans. S. B. Edgington (Oxford, 2007); Walter the Chancellor, *Bella Antiochena* , ed. H. Hagenmeyer (Innsbruck, 1896); Orderic Vitalis, *The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis* , ed. and trans. M. Chibnall, vols 5 and 6 (Oxford, 1975); Guilherme de Tiro, *Chronicon* , ed. R. B. C. Huygens, *Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis* , 63-63A, 2 vols. (Turnhout, 1986); Ibn al-Qalanisi, *The Damascus Chronicle of the Crusades, extracted and translated from the Chronicle of Ibn al-Qalanisi* , trans. H. A. R.

[Gibb \(Londres, 1932\); Ibn al-Athir, The Chronicle of Ibn al-Athir. Part 1 , trans. D. S. Richards \(Aldershot, 2006\); Kemal ad-Din, La Chronique d'Alep , RHC Or . III, pp. 577-732; Anna Comnena , Alexiade , ed. and trans. B. Leib, vol. 3 \(Paris, 1976\); John Kinnamos, The Deeds of John and Manuel Comnenus , trans. C. M. Brand \(Nova York, 1976\); Matthew of Edessa, Armenia and the Crusades, Tenth to Twelfth Centuries: The Chronicle of Matthew of Edessa , trans. A. E. Dostourian \(Lanham, 1993\); Michael the Syrian, Chronique de Michel le Syrien, patriarche jacobite d'Antioche \(1166-1199\) , ed. and trans. J. B. Chabot, 4 vols. \(Paris, 1899-1910\); Anonymous Syriac Chronicle, 'The First and Second Crusades from an Anonymous Syriac Chronicle', ed. and trans. A. S. Tritton and H. A. R. Gibb, Journal of the Royal Asiatic Society , vol. 92 \(1933\), pp. 69-102, 273-306.](#)

[51 Albert of Aachen, p. 514. Murray, The Crusader Kingdom of Jerusalem , pp. 81-93; B. Hamilton, The Latin Church in the Crusader States. The Secular Church \(1980\), pp. 52-5.](#)

[52 Guilherme de Tiro, p. 454; Fulcher of Chartres, p. 353.](#)

[53 Sobre a fundação da Igreja Latina na Palestina e as relações entre o patriarca e o rei de Jerusalém, ver: Hamilton, The Latin Church in the Crusader States , pp. 52-85; K.-P. Kirstein, Die lateinischen Patriarchen von Jerusalem \(Berlim, 2002\). Sobre a Verdadeira Cruz de Jerusalém, ver: A. V. Murray, "‘Mighty against the enemies of Christ’: The relic of the True Cross in the armies of the kingdom of Jerusalem', The Crusades and Their Sources: Essays Presented to Bernard Hamilton , ed. J. France and W. G. Zajac \(Aldershot, 1998\), pp. 217-37.](#)

[54 Fulcher of Chartres, pp. 387-8, 460-61; J. Wilkinson \(trans.\), Jerusalem Pilgrimage 1099-1185 \(Londres, 1988\), pp. 100-101; Albert of Aachen, p. 664. Um clérigo do norte da França, Fulquério de Chartres, iniciou a Primeira Cruzada na companhia do conde Estêvão de Blois-Chartres, mas depois passou para o contingente de Balduíno de Bolonha, tornando-se seu capelão. Fulcher](#)

acompanhou Balduíno até Edessa e, depois, com ele deslocou-se para Jerusalém em 1100, continuando a ser residente da Cidade Santa pelas três décadas seguintes. Nos primeiros anos do século XII, Fulquério escreveu uma história da Primeira Cruzada (baseada, em parte, na Gesta Francorum). Mais tarde, ele ampliou seu relato para cobrir os eventos no Ultramar entre 1100 e 1127, quando sua crônica termina abruptamente. Como obra de uma testemunha bem informada, a Historia de Fulquério é uma fonte inestimável. V. Epp, Fulcher von Chartres: Studien zur Geschichtsschreibung des ersten Kreuzzuges (Düsseldorf, 1990).

55 Fulcher of Chartres, pp. 397, 403. Sobre as relações do Ultramar com as comunidades mercantis italianas, ver: M.L. Favreau-Lilie, Die Italiener im Heiligen Land vom ersten Kreuzzug bis zum Tode Heinrichs von Champagne (1098-1197) (Amsterdam, 1989).

56 Em 1103, a Acre muçulmana foi salva de um primeiro cerco franco quando da chegada oportuna de uma frota fatímida. É possível que os genoveses tenham feito uma pilhagem depois da queda de Acre em 1104.

57 Este incidente foi registrado por fontes latinas e muçulmanas: Albert of Aachen, pp. 808-10; Ibn al-Qalanisi, pp. 108-10.

58 Sobre a relação entre a coroa de Jerusalém e a aristocracia franca, ver: Murray, The Crusader Kingdom of Jerusalem , pp. 97-114; S. Tibble, Monarchy and Lordships in the Latin Kingdom of Jerusalem 1099-1291 (Oxford, 1989).

59 Fulcher of Chartres, pp. 407-24; Albert of Aachen, pp. 580-82. Sobre a primeira Batalha de Ramla e as duas campanhas que se seguiram em 1102 e 1105, ver: R. C. Smail, Crusading Warfare 1097-1193 (Cambridge, 1956), pp. 175-7; M. Brett, ‘The battles of Ramla (1099-1105)’, Egypt and Syria in the

Fatimid, Ayyubid and Mamluk Eras , ed. U. Vermeulen and D. De Smet (Leuven, 1995), pp. 17-39. Sobre as guerras fatímidas, ver: B. J. Beshir, ‘Fatimid military organization’, Der Islam , vol. 55 (1978), pp. 37-56; W. J. Hamblin, ‘The Fatimid navy during the early crusades: 1099-1124’, American Neptune , vol. 46 (1986), pp. 77-83.

60 William of Malmesbury, p. 467; Fulcher of Chartres, p. 446; Albert of Aachen, p. 644.

61 Um peregrino muçulmano da Península Ibérica, Ibn Jubayr, viajou pela Terre de Sueth setenta anos depois e deu testemunho ao fato de que a cooperativa exploração agrária latino-muçulmana dessa fértil região prosseguiu, aparentemente não afetada pela guerra entre Saladino e o reino de Jerusalém. Ibn Jubar descreveu como “o cultivo do vale é dividido entre os francos e os muçulmanos... Eles dividem as colheitas igualmente, e seus animais são misturados, mas nenhuma disputa ocorre entre eles.” Ibn Jubayr, The Travels of Ibn Jubayr , trans. R. J. C. Broadhurst (Londres, 1952), p. 315.

62 Matthew of Edessa, p. 192. Sobre os inícios da história da Antioquia francesa, ver: Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 47-58.

63 Ibn al-Qalanisi, p. 61; Ralph of Caen, p. 712; Smail, Crusading Warfare , pp. 177-8, no. 6.

64 Ralph of Caen, pp. 713-14. Sacerdote normando que se juntou à cruzada de Boemundo de 1107-08 e depois se estabeleceu no principado de Antioquia. Ralph de Caen escreveu uma história da Primeira Cruzada e dos Estados cruzados até c.1106. Seu relato centra-se nas carreiras de Boemundo e de Tancredo. Para uma introdução ao relato de Ralph, ver: B. S. Bachrach and D. S. Bachrach (trans.), The Gesta Tancredi of Ralph of Caen (Aldershot, 2005), pp. 1-

17.

65 Albert of Aachen, p. 702; Ralph of Caen, pp. 714-15; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 57-65.

66 Anna Comnena, vol. 3, p. 51. Até hoje, a obra padrão da aventura de Bohemond é: J. G. Rowe, ‘Paschal II, Bohemund of Antioch and the Byzantine empire’, Bulletin of the John Rylands Library , vol. 49 (1966), pp. 165-202. Os argumentos de Rowe estão no ponto para reavaliação. Ver também: Yewdale, Bohemond I , pp. 106-31.

67 É possível que Tancredo tenha lutado ao lado de Ridwan de Alepo num segundo conflito contra Chavli de Mossul e Balduíno de Edessa em 1109. Ibn al-Athir, vol. 1, p. 141; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch. pp. 112-14.

68 Albert of Aachen, pp. 782, 786, 794-6; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 114-21. Sobre os inícios da história da Igreja Latina no norte da Síria e a disputa eclesiástica entre Antioquia e Jerusalém, ver: Hamilton, The Latin Church in the Crusader States , pp. 18-51; J. G. Rowe, ‘The Papacy and the Ecclesiastical Province of Tyre 1110-1187’, Bulletin of John Rylands Library , vol. 43 (1962), pp. 160-89; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 195-213.

69 Os contemporâneos estavam cientes do obstáculo representado pelas Colinas Belus, com uma testemunha ocular latina, Walter o Chanceler (p. 79), comentando sobre a proteção oferecida a Antioquia pelas “montanhas (e) despenhadeiros, mas os historiadores modernos ignoraram amplamente o significados das Colinas Belus. Sendo de altitude tão limitada, elas raramente aparecem nos mapas da região. Eu tropecei (quase literalmente) com elas ao

viajar a pé por essa bela área, embora acidentada, uma experiência que me levou a reavaliar o impacto desta característica topográfica na história de Antioquia”. P. Deschamps, ‘Le défense du comté de Tripoli et de la principauté d’Antioche’, Les Châteaux des Croisés en Terre Sainte , vol. 3 (Paris, 1973), pp. 59-60; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , p. 50; T. Asbridge, ‘The significance and causes of the battle of the Field of Blood’, Journal of Medieval History , vol. 23.4 (1997), pp. 301-16.

70 Matthew of Edessa, p. 212; T. Asbridge, ‘The “crusader” community at Antioch: The impact of interaction with Byzantium and Islam’, Transactions of the Royal Historical Society , 6th series, vol. 9 (1999), pp. 305-25; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 65-7, 134-9.

71 Fulcher of Chartres, p. 426; Runciman, A History of the Crusades , vol. 2, p. 126; Smail, Crusading Warfare , p. 125; Richard, The Crusades , p. 135; Ibn al-Qalanisi, p. 137.

72 Sobre os Assassinos, ver: M. G. S. Hodgson, The Secret Order of the Assassins (The Hague, 1955); B. Lewis, The Assassins (Londres, 1967); B. Lewis, ‘The Isma‘ilites and the Assassins’, A History of the Crusades , ed. K. M. Setton, vol. 1, 2nd edn (Madison, 1969), pp. 99-132; F. Daftary, The Isma‘ilis: Their History and Doctrines (Cambridge, 1990).

73 Smail, Crusading Warfare , pp. 143-8, 178-9; Asbridge, The Creation of the Principality of Antioch , pp. 70-73.

74 Albert of Aachen, pp. 866-8. Em meio à sua doença no início de 1117, a capacidade do rei Balduíno de dominar a aristocracia franco-palestina foi freada. Não tendo produzido um herdeiro, ele foi obrigado pela nobreza latina a repudiar Adelaide, sua terceira esposa (e mãe viúva do jovem conde da Sicília, Rogerio

II) com base na bigamia, para evitar a possibilidade de um governante siciliano ascender ao trono de Jerusalém. Murray, *The Crusader Kingdom of Jerusalem*, pp. 115-17.

75 Kemal al-Din, p. 617; C. Hillenbrand, 'The career of Najm al-Din Il-Ghazi', *Der Islam*, vol. 58 (1981), pp. 250-92. O rei Balduíno II chegou ao poder em Jerusalém em 1118, após uma disputada sucessão na qual o irmão de Balduíno I, Eustácio de Bolonha, era um candidato alternativo. H. E. Mayer, 'The Succession of Baldwin II of Jerusalem: English Impact on the East', *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 39 (1985), pp. 139-47; A. Murray, 'Dynastic Continuity or Dynastic Change? The Accession of Baldwin II and the Nobility of the Kingdom of Jerusalem', *Medieval Prosopography*, vol. 13 (1992), pp. 1-27; A. Murray, 'Baldwin II and his Nobles: Baronial Faction and Dissent in the Kingdom of Jerusalem, 1118-1134', *Nottingham Medieval Studies*, vol. 38 (1994), pp. 60-85.

76 Walter the Chancellor, pp. 88, 108; Ibn al-Qalanisi, pp. 160-61; Smail, *Crusading Warfare*, pp. 179-81.

77 Walter the Chancellor, p. 78; Asbridge, 'The significance and causes of the battle of the Field of Blood', pp. 301-16. Pode ter havido algo de verdadeiro nas acusações de impropriedade sexual – até seu apoiador Walter o Chanceler insinuou esse delito –, mas, por outro lado, Rogério parece ter governado incontestemente como legítimo príncipe. A ideia de que ele tenha ilegalmente privado Boemundo II de sua herança foi provavelmente disseminada postumamente, devido à morte do ofensor e para validar a posição do jovem príncipe designado. Infelizmente para Rogério, a difamação se consolidou e, desde então, ele geralmente tem sido pintado como regente malfadado e ambicioso. Sobre as atitudes com relação ao status e à moral de Robério, ver: Asbridge, *The Creation of the Principality of Antioch*, pp. 139-43; T. Asbridge and S. E. Edgington (trans.), *Walter the Chancellor's The Antiochene Wars* (Aldershot, 1999), pp. 12-26.

78 Murray, The Crusader Kingdom of Jerusalem , pp. 135-46; H. E. Mayer, 'Jérusalem et Antioche au temps de Baudoin II', Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Nov.-Déc. 1980 (Paris, 1980); T. Asbridge, 'Alice of Antioch: a case study of female power in the twelfth century', The Experience of Crusading 2: Defining the Crusader Kingdom , ed. P. W. Edbury and J. P. Phillips (Cambridge, 2003), pp. 29-47.

79 ' Liber ad milites Templi de laude novae militiae ', Sancti Bernardi Opera , vol. 3, ed. J. Leclercq and H.M. Rochais (Rome, 1963), pp. 205-39. Para uma coleção de fontes primárias relacionadas aos templários traduzidas em inglês, ver: M. Barber and K. Bate (trans.), The Templars: Selected Sources Translated and Annotated (Manchester, 2002). Sobre a história dos templários e hospitalários, ver: M. Barber, The New Knighthood. A History of the Order of the Templars (Cambridge, 1994); H. Nicholson, The Knights Templar (Londres, 2001); J.S.C. Riley-Smith, The Knights of St John in Jerusalem and Cyprus, 1050-1310 (Londres, 1967); H. Nicholson, The Knights Hospitaller (Woodbridge, 2001); A. Forey, The Military Orders. From the Twelfth to the Early Fourteenth Centuries (Londres, 1992). Sobre os castelos nos Estados cruzados durante o século XII, ver: Smail, Crusading Warfare , pp. 204-50; H. Kennedy, Crusader Castles (Cambridge, 1994); R. Ellenblum, 'Three generations of Frankish castle-building in the Latin kingdom of Jerusalem', Autour de la Première Croisade , ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 517-51.

80 Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 109-41; Harris, Byzantium and the Crusades , pp. 74-92.

81 Guilherme de Tiro, p. 656; H. E. Mayer, 'The Concordat of Nablus', Journal of Ecclesiastical History , vol. 33 (1982), pp. 531-43. Sobre as relações do Ultramar com a Europa Ocidental no período, ver: J. P. Phillips, Defenders of the Holy Land. Relations between the Latin West and East, 1119-87 (Oxford, 1996). Sobre o progresso e as consequências da disputa entre o rei Fulco e a rainha Melisenda, ver: H. E. Mayer, 'Studies in the History of Queen Melisende of Jerusalem', Dumbarton Oaks Papers , vol. 26 (1972), pp. 93-183; H. E. Mayer,

'Angevins versus Normans: The New Men of King Fulco of Jerusalem', Proceedings of the American Philosophical Society , vol. 133 (1989), pp. 1-25; H. E. Mayer, 'The Wheel of Fortune: Seignorial Vicissitudes under Kings Fulco and Baldwin III of Jerusalem', Speculum , vol. 65 (1990), pp. 860-77; B. Hamilton, 'Women in the Crusader States. The Queens of Jerusalem (1100-1190)', Medieval Women , ed. D. Baker (Studies in Church History , Subsidia , 1) (1978), pp. 143-74; J. S. C. Riley-Smith, 'King Fulco of Jerusalem and "the Sultan of Babylon"', Montjoie: Studies in Crusade History in Honour of Hans Eberhard Mayer , ed. B. Z. Kedar, J. S. C. Riley-Smith and R. Hiestand (Aldershot, 1997), pp. 55-66.

82 Melisende Psalter, Egerton 1139, MS London, British Library; J. Folda, The Art of the Crusaders in the Holy Land, 1098-1187 (Cambridge, 1995), pp. 137-63; L.-A. Hunt, 'Melisende Psalter', The Crusades: Na Encyclopaedia , ed. A. Murray, vol. 3 (Santa Barbara, 2006), pp. 815-17. Sobre arte cruzada em geral, ver: J. Folda, Crusader Art in the Twelfth Century (Oxford, 1982); J. Folda, The Nazareth Capitals and the Crusader Shrine of the Annunciation (University Park, PA, 1986); J. Folda, The Art of the Crusaders in the Holy Land, 1098-1187 (Cambridge, 1995); J. Folda, 'Art in the Latin East, 1098-1291', The Oxford Illustrated History of the Crusades , ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 141-59; J. Folda, 'Crusader Art. A multicultural phenomenon: Historiographical reflections', Autour de la Première Croisade , ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 609-15; J. Folda, Crusader Art in the Holy Land, 1187-1291 (Cambridge, 2005); J. Folda, Crusader Art: The Art of the Crusaders in the Holy Land, 1099-1291 (Aldershot, 2008); H.W. Hazard (ed.), Art and Architecture of the Crusader States (History of the Crusades , vol. 4) (Madison, Wis., 1977); L.-A. Hunt, 'Art and Colonialism: The Mosaics of the Church of the Nativity at Bethlehem and the Problem of Crusader Art', Dumbarton Oaks Papers , vol. 45 (1991), pp. 65-89; N. Kenaan-Kedar, 'Local Christian Art in Twelfthcentury Jerusalem', Israel Exploration Journal , vol. 23 (1973), pp. 167-75, 221-9; B. Kühnel, Crusader Art of the Twelfth Century (Berlim, 1994); G. Kühnel, Wall Painting in the Latin Kingdom of Jerusalem (Berlim, 1988).

83 No século XIX e início do XX, os Estados cruzados eram comumente interpretados, sob um aspecto positivo, como forma de protocolonialismo.

Particularmente entre os eruditos franceses, como Emmanuel Rey, as forças de integração, adaptação e aculturação eram enfatizadas, e o Ultramar pintado como uma gloriosa nação franco-síria. Em contraste, em meados do século XX, a visão oposta foi defendida por nomes como o acadêmico israelense Joshua Prawer: os Estados cruzados foram apresentados como regimes coloniais opressores e intolerantes, em que os conquistadores latinos exploravam o Levante para seu próprio benefício material e de seus países na Europa Ocidental, enquanto mantinham ferrenhamente sua própria identidade franca pela imposição de uma separação semelhantes ao apartheid da população indígena. E. G. Rey, *Les Colonies Franques de Syrie au XIIe et XIIIe siècles* (Paris, 1883); J. Prawer, 'Colonisation activities in the Latin Kingdom of Jerusalem', *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, vol. 29 (1951), pp. 1063-1118; J. Prawer, *The Latin Kingdom of Jerusalem: European Colonialism in the Middle Ages* (Londres, 1972); J. Prawer, 'The Roots of Medieval Colonialism', *The Meeting of Two Worlds: Cultural Exchange between East and West during the Period of the Crusades*, ed. V. P. Goss (Kalamazoo, 1986), pp. 23-38. Para o registro de um simpósio esclarecedor sobre esta questão, realizado em 1987, ver: 'The Crusading kingdom of Jerusalem – The first European colonial society?', *The Horns of Hattin*, ed. B. Z. Kedar (Jerusalem, 1992), pp. 341-66. Para visões mais atualizadas, ver: Jotischky, *Crusading and the Crusader States*, pp. 123-54; Ellenblum, *Crusader Castles and Modern Histories*, pp. 3-31.

84 Fulcher of Chartres, p. 748. Em circunstâncias excepcionais, os nobres muçulmanos podiam receber terras num Estado cruzado. Uma dessas figuras, Abd al-Rahim, ganhou a amizade de Alon, senhor de al-Atarib depois de 1111, e foi-lhe garantida a posse de uma vila das vizinhanças, tendo servido como administrador na fronteira oriental do principado de Antioquia. R. Ellenblum, *Frankish Rural Settlement in the Latin Kingdom of Jerusalem* (Cambridge, 1998); H. E. Mayer, 'Latins, Muslims and Greeks in the Latin Kingdom of Jerusalem', *History*, vol. 63 (1978), pp. 175-92; B. Z. Kedar, 'The Subjected Muslims of the Frankish Levant', *Muslims under Latin Rule*, ed. J. M. Powell (Princeton, 1990), pp. 135-74; Asbridge, 'The "crusader" community at Antioch', pp. 313-16; J. S. C. Riley-Smith, 'The Survival in Latin Palestine of Muslim Administration', *The Eastern Mediterranean Lands in the Period of the Crusades*, ed. P. Holt (Warminster, 1977), pp. 9-22.

85 Usama ibn Munqidh, *The Book of Contemplation*, trans. P. M. Cobb (Londres, 2008), pp. 144, 147, 153. Sobre a vida e obra de Usama, ver: R. Irwin, 'Usamah ibn-Munqidh, an Arab-Syrian gentleman at the time of the crusades', *The Crusades and Their Sources: Essays Presented to Bernard Hamilton*, ed. J. France and W. G. Zajac (1998), pp. 71-87; P.M. Cobb, *Usama ibn Munqidh: Warrior-Poet of the Age of the Crusades* (Oxford, 2005); P. M. Cobb, 'Usama ibn Munqidh's *Book of the Staff*: Autobiographical and historical excerpts', *Al-Masaq*, vol. 17 (2005), pp. 109-23; P. M. Cobb, 'Usama ibn Munqidh's *Kernels of Refinement* (Lubab al-Adab): Autobiographical and historical excerpts', *Al-Masaq*, vol. 18 (2006); N. Christie, 'Just a bunch of dirty stories? Women in the memoirs of Usamah ibn Munqidh', *Eastward Bound: Travel and Travellers, 1050-1550*, ed. R. Allen (Manchester, 2004), pp. 71-87. Ao lado desta adoção de costumes, parece ter havido uma certa adaptação à maneira de vestir adaptada ao clima levantino – incluindo o uso maior de seda pela aristocracia e o alto clero – mas isto não foi universal. Enviados franceses do Ultramar visitando o grande líder muçulmano Saladino em fevereiro de 1193 parecem ter assustado o filho pequeno do sultão devido a seus “queixos barbeados e suas cabeças com cabelos cortados curtos, além das roupas incomuns que usavam”. Baha al-Din Ibn Shaddad, *The Rare and Excellent History of Saladin*, trans. D. S. Richards (Aldershot, 2001), p. 239.

86 Ibn Jubayr, pp. 316-17, 321-2. Deve-se observar, contudo, que Ibn Jubayr viajou apenas por um pequeno canto do Ultramar, e que esta seção de sua viagem levou apenas algumas semanas; assim, seu testemunho pode não ser totalmente representativo. Também fica claro que ele escreveu seu relato em parte para advogar um tratamento mais justo dos camponeses muçulmanos sob o governo mouro da Espanha, de modo que ele pode ter abrandado sua descrição do governo latino.

87 Em 1978, Hans Mayer concluiu que “os muçulmanos (certamente no Reino de Jerusalém) não tinham liberdade de culto” (Mayer, 'Latins, Muslims and Greeks in the Latin Kingdom of Jerusalem', p. 186), mas sua análise tem sido rebatida de maneira convincente (Kedar, 'The Subjected Muslims of the Frankish Levant', pp. 138-9). Nem todos os muçulmanos residentes no Ultramar eram camponeses ou fazendeiros: em Nablus, por exemplo, Usama ibn Munqidh

ficou numa estalagem comandada por muçulmanos. Contudo, alguns muçulmanos agricultores hambalis vivendo perto de Nablus (e sob a autoridade de Balduíno de Ibelin) decidiram deixar o território franco como refugiados e se reinstalarem em Damasco na década de 1150. O cronista muçulmano Diya al-Din registrou que Balduíno aumentou os impostos dos agricultores ("de um para quatro dinares" e que "também costumava mutilar-lhes as pernas". Vale observar, contudo, que os hambalis tinham opiniões drásticas com relação aos francos e até Diya al-Din reconhecia que o líder do grupo "foi o primeiro a imigrar temendo por sua vida e porque não podia praticar sua religião". J. Drory, 'Hanbalis of the Nablus region in the eleventh and twelfth centuries', *Asian and African Studies*, vol. 22 (1988), pp. 93-112; D. Talmon-Heller, 'Arabic sources on Muslim villagers under Frankish rule', *From Clermont to Jerusalem. The Crusades and Crusader Society, 1095-1500*, ed. A. Murray (Turnhout, 1998), pp. 103-17; D. Talmon-Heller, 'The Shaykh and the Community: Popular Hanbalite Islam in 12th-13th Century Jabal Nablus and Jabal Qasyun', *Studia Islamica*, vol. 79 (1994), pp. 103-20; D. Talmon-Heller, "'The Cited Tales of the Wondrous Doings of the Shaykhs of the Holy Land" by Diya' al-Din Abu 'Abd Allah Muhammad b. 'Abd al-Wahid al-Maqdisi (569/1173-643/1245): Text, Translation and Commentary', *Crusades*, vol. 1 (2002), pp. 111-54.

88 Fulcher of Chartres, pp. 636-7; Ibn al-Qalanisi, pp. 162-3, 246. Zengui também concordou com um "armistício" com a Antioquia franca que aparentemente permitiu que centenas de "mercadores, homens muçulmanos e comerciantes de Alepo operassem no principado latino. Este pacto de comércio valeu até 1138, quando foi rompido pelo príncipe Raimundo (talvez devido à chegada do exército imperial bizantino no norte da Síria). Sobre negócios e comércio nos Estados cruzados, ver: E. Ashtor, *A Social and Economic History of the Near East in the Middle Ages* (Londres, 1976); J. H. Pryor, *Commerce, Shipping and Naval Warfare in the Medieval Mediterranean* (Londres, 1987); D. Jacoby, 'The Venetian privileges in the Latin kingdom of Jerusalem: Twelfth-and thirteenth-century interpretations and implementation', *Montjoie: Studies in Crusade History in Honour of Hans Eberhard Mayer*, ed. B. Z. Kedar, J. S. C. Riley-Smith and R. Hiestand (Aldershot, 1997), pp. 155-75. Para uma seleção de artigos do mesmo autor, ver: D. Jacoby, *Studies on the Crusader States and on Venetian Expansion* (Londres, 1989); D. Jacoby, *Commercial Exchange across the Mediterranean* (Aldershot, 2005).

89 C. Burnett, ‘Antioch as a link between Arabic and Latin culture in the twelfth and thirteenth centuries’, *Occident et Proche-Orient: contacts scientifiques au temps des croisades*, ed. I. Draelants, A. Tihon and B. van den Abeele (Louvain-la-Neuve, 2000), pp. 1-78. Guilherme de Tiro, o historiador latino do Ultramar, certamente ficou intrigado pelo Islã. Por volta da década de 1170, pesquisou e escreveu uma história detalhada do mundo muçulmano, mas provavelmente não soubesse ler persa ou árabe e tivesse que confiar em tradutores. Infelizmente, nenhum manuscrito deste texto sobreviveu – mas isto pode sugerir que a obra só conquistou uma audiência limitada no Ocidente. P. W. Edbury and J. G. Rowe, *Guilherme de Tiro: Historian of the Latin East* (Cambridge, 1988), pp. 23-4.

90 C. Burnett, ‘Stephen, the disciple of philosophy, and the exchange of medical learning in Antioch’, *Crusades*, vol. 5 (2006), pp. 113-29. O Livro Real de Al-Majusi detalhava uma notável gama de tratamentos médicos, alguns deles práticos até pelos padrões modernos, alguns surpreendentemente bizarros. A seção “Sobre o adorno do corpo” inclui conselhos sobre como remover os pelos e lidar com rachaduras nos lábios e nas mãos, moderar o crescimento dos seios e dos testículos e lidar com o odor corpóreo. A seção “Sobre o regime dos viajantes por terra e por mar” era uma mina de informações úteis para os peregrinos: a insolação podia ser aliviada jogando água de rosas fresca na cabeça; as partes do corpo afetadas pelas frieiras deviam ser friccionadas com óleos e pele de esquilo cinzento; e a cura para o enjoo marítimo era um xarope feito de uvas azedas, romã, hortelã, maçã e tamarindo. A sugestão de que uma infestação de piolhos podia ser resolvida esfregando o corpo com um cataplasma de mercúrio não era tão sensata.

91 Vale a pena lembrar o que essa evidência efetivamente revela sobre o Ultramar no século XII. Será que os patronos que comissionavam obras exigiam expressamente peças que refletissem a variada cultura do Oriente; será que eles empregavam artesãos latinos que absorviam os estilos e as técnicas orientais, por meio do estudo deliberado ou por transmissão orgânica? Se assim for, poder-se-ia sugerir razoavelmente que uma cultura artística florescente e imersiva estava se desenvolvendo no Levante franco. É possível, contudo, que considerações

[mais práticas também estivessem em ação; que os patronos latinos simplesmente empregavam os melhores artesãos disponíveis. Usama ibn Munqidh, pp. 145-6; S. Edgington, 'Administrative regulations for the Hospital of St John in Jerusalem dating from the 1180s', *Crusades*, vol. \(2005\), pp. 21-37. Sobre a Igreja do Santo Sepulcro, arquitetura cruzada e cultura material no Ultramar, ver: Folda, *The Art of the Crusaders*, pp. 175-245; A. Boas, *Crusader Archaeology: The Material Culture of the Latin East* \(Londres, 1999\); N. Kenaan-Kedar, 'The Figurative Western Lintel of the Church of the Holy Sepulchre in Jerusalem', *The Meeting of Two Worlds, Cultural Exchange between East and West during the Period of the Crusades*, ed. V. P. Goss \(Kalamazoo, 1986\), pp. 123-32; N. Kenaan-Kedar, 'A Neglected Series of Crusader Sculpture: the ninety-six corbels of the Church of the Holy Sepulchre', *Israel Exploration Journal*, vol. 42 \(1992\), pp. 103-14; D. Pringle, 'Architecture in the Latin East', *The Oxford Illustrated History of the Crusades*, ed. J. S. C. Riley-Smith \(Oxford, 1995\), pp. 160-84; D. Pringle, *The Churches of the Latin Kingdom of Jerusalem*, 3 vols. \(Cambridge, 1993-2007\).](#)

[92 B. Hamilton, 'Rebuilding Zion: the Holy Places of Jerusalem in the Twelfth Century', *Studies in Church History*, vol. 14 \(1977\), pp. 105-16; B. Hamilton, 'The Cistercians in the Crusader States', *Monastic Reform, Catharism and the Crusade* \(1979\), pp. 405-22; B. Hamilton, 'Ideals of Holiness: Crusaders, Contemplatives, and Mendicants', *International History Review*, vol. 17 \(1995\), pp. 693-712; A. Jotischky, *The Perfection of Solitude: Hermits and Monks in the Crusader States* \(University Park, PA, 1995\); A. Jotischky, 'Gerard of Nazareth, Mary Magdalene and Latin Relations with the Greek Orthodox Church in the Crusader East in the Twelfth Century', *Levant*, vol. 29 \(1997\), pp. 217-26; B. Z. Kedar, 'Gerard of Nazareth, a neglected twelfth-century writer of the Latin East', *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 37 \(1983\), pp. 55-77; B. Z. Kedar, 'Multidirectional conversion in the Frankish Levant', *Varieties of Religious Conversion in the Middles Ages*, ed. J. Muldoon \(1997\), pp. 190-97; B. Z. Kedar, 'Latin and Oriental Christians in the Frankish Levant', *Sharing the Sacred: Contacts and Conflicts in the Religious History of the Holy Land*, ed. A. Kofsky and G. Stroumsa \(1998\), pp. 209-22; B. Z. Kedar, 'Convergences of Oriental Christian, Muslim and Frankish worshippers: the case of Saydnaya and the knights Templar', *The Crusades and the Military Orders*, ed. Z. Hunyadi and J. Laszlovszky \(Budapest, 2001\), pp. 89-100.](#)

93 Até Ibn Jubayr – fonte de tantas revelações dos encontros transculturais – pontilhou seu testemunho com a linguagem do ódio e do preconceito: ao descrever Balduíno IV de Jerusalém como “o rei amaldiçoado” e um “porco”, além de caracterizar Acre como um viveiro fétido de “descrença e de impiedade” que ele esperava que Deus destruísse (pp. 316, 318). Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 257-429.

94 C. Hillenbrand, ‘Abominable acts: the career of Zengi’, *The Second Crusade: Scope and Consequences* , ed. J. P. Phillips and M. Hoch (Manchester, 2001), pp. 111-32; Holt, *The Age of the Crusades* , pp. 38-42; H. Gibb, ‘Zengi and the fall of Edessa’, *A History of the Crusades* , vol. 1, ed. K. M. Setton and M.W. Baldwin (Philadelphia, 1958), pp. 449-62.

95 Em 1140 Zengui ganhou uma menção a seu nome na khutba (oração de sexta-feira) como suserano de Damasco, mas esta era, na verdade, um título honorífico vazio. Guilherme de Tiro, p. 684.

96 Matthew of Edessa (Continuação), p. 243; Guilherme de Tiro, p. 739; Bernard of Claraval, ‘Epistolae’, *Sancti Bernardi Opera* , vol. 8, ed. J. Leclercq and H. M. Rochais (Rome, 1977), pp. 314-15.

97 Sobre a história e o significado de se atribuírem números às expedições cruzadas, ver: Constable, ‘The Historiography of the Crusades’, pp. 16-17.

98 Calixtus II, *Bullaire* , ed. U. Roberts (Paris, 1891), vol. 2, pp. 266-7; D. Girgensohn, ‘Das Pisaner Konzil von 1153 in der Überlieferung des Pisaner Konzils von 1409’, *Festschrift für Hermann Heimpel* , vol. 2 (Göttingen, 1971), pp. 1099-100; Bernard of Claraval, ‘Epistolae’, p. 435.

99 Para o texto de *Quantum praedecessores*, ver: R. Grosse, 'Überlegungen zum kreuzzugeaufreuf Eugens III. von 1145/6. Mit einer Neueedition von JL 8876', *Francia*, vol. 18 (1991), pp. 85-92. Sobre a história da Segunda Cruzada, ver: V. Berry, 'The Second Crusade', *A History of the Crusades*, vol. 1, ed. K. M. Setton and M. W. Baldwin (Philadelphia, 1958), pp. 463-511; G. Constable, 'The Second Crusade as Seen by Contemporaries', *Traditio*, vol. 9 (1953), pp. 213-79; M. Gervers (ed.), *The Second Crusade and the Cistercians* (Nova York, 1992); A. Grabois, 'Crusade of Louis VII: a Reconsideration', *Crusade and Settlement*, ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 94-104; J. P. Phillips and M. Hoch (eds), *The Second Crusade: Scope and Consequences* (Manchester, 2001); J. P. Phillips, *The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom* (Londres, 2007). As duas fontes primárias para o elemento Oriente Próximo da Segunda Cruzada são: Odo of Deuil, *De profectione Ludovici VII in Orientem*, ed. and trans. V. G. Berry (Nova York, 1948); Otto of Freising, *Gesta Frederici seu rectius Chronica*, ed. G. Waitz, B. Simon and F.-J. Schmale, trans. A. Schmidt (Darmstadt, 1965); Guilherme de Tiro, pp. 718-70; John of Salisbury, *Historia Pontificalis*, ed. and trans. M. Chibnall (Londres, 1956), pp. 52-9; John Kinnamos, *The Deeds of John and Manuel Comnenus*, trans. C. M. Brand (Nova York, 1976), pp. 58-72; Niketas Choniates, *O' City of Byzantium: Annals of Niketas Choniates* (Detroit, 1984), pp. 35-42; Ibn al-Qalanisi, pp. 270-89; Ibn al-Athir, *The Chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading Period from al-Kamil fi'l-Ta'rikh*, trans. D. S. Richards, vol. 2 (Aldershot, 2007), pp. 7-22; Sibte ibn al-Jauzi, 'The Mirror of the Times', *Arab Historians of the Crusades*, trans. F. Gabrieli, pp. 62-3; Michael the Syrian, *Chronique de Michel le Syrien, patriarche jacobite d'Antioche(1166-1199)*, ed. and trans. J. B. Chabot, vol. 3 (Paris, 1905); Anonymous Syriac Chronicle, 'The First and Second Crusades from na Anonymous Syriac Chronicle', ed. and trans. A. S. Tritton and H. A. R. Gibb, *Journal of the Royal Asiatic Society*, vol. 92 (1933), pp. 273-306.

100 Sobre São Bernardo e os cistercienses, ver: G. R. Evans, *Bernard of Clairaval* (Nova York, 2000); C. H. Berman, *The Cistercian Evolution* (Philadelphia, 2000).

101 Odo of Deuil, pp. 8-9; Bernard of Clairvaux, ' Epistolae ', pp. 314-15, 435; Phillips, The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom , pp. 61-79.

102 ' Vita Prima Sancti Bernardi ', Patrologia Latina , J. P. Migne, vol. 185 (Paris, 1855), col. 381; Tyerman, God's War , p. 280; J. Phillips, 'Papacy, empire and the Second Crusade', The Second Crusade: Scope and Consequences , ed. J. P. Phillips and M. Hoch (Manchester, 2001), pp. 15-31; G. A. Loud, 'Some reflections on the failure of the Second Crusade', Crusades , vol. 4 (2005), pp. 1-14. Apesar da convincente refutação de Graham Loud dos argumentos apresentados por Jonathan Phillips em 2001, Phillips fez uma tentativa um tanto imprudente em 2007 de defender sua sugestão de que o papa Eugênio estivesse envolvido no recrutamento de Conrado. Em contraste, as observações de Phillips sobre o impacto da memória e da consanguinidade sobre o recrutamento são persuasivas (Phillips, The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom , pp. 25, 87-98, 99-103, 129-30).

103 'Chevalier, Mult es Guariz', The Crusades: A Reader , ed. S. J. Allen and E. Amt (Peterborough, Ontario, 2003), pp. 213-14. Para uma introdução sobre as canções das cruzadas, ver: M. Routledge, 'Songs', The Oxford Il Illustrated History of the Crusades , ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 91-111.

104 Helmold of Bosau, Chronica Slavorum , ed. and trans. H. Stoob Darmstadt, 1963), pp. 216-17; Eugenius III, ' Epistolae et privilegia ', Patrologia Latina , J. P. Migne, vol. 180 (Paris, 1902), col. 1203-4; Constable, 'The Second Crusade as Seen by Contemporaries', pp. 213-79; A. Forey, 'The Second Crusade: Scope and Objectives', Durham University Journal , vol. 86 (1994), pp. 165-75; A. Forey, 'The siege of Lisbon and the Second Crusade', Portuguese Studies , vol. 20 (2004), pp. 1-13; Phillips, The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom , pp. 136-67, 228-68.

105 Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 142-69; Phillips, Defenders

of the Holy Land , pp. 73-99; P. Magdalino, The Empire of Manuel Komnenos, 1143-1180 (Cambridge, 1994).

106 Odo of Deuil, pp. 16-17.

107 Suger, ‘ Epistolae ’, Recueil des historiens des Gaules et de la France , ed. M. Bouquet et al., vol. 15 (Paris, 1878), p. 496; Guilherme de Tiro, pp. 751-2.

THOMAS ASBRIDGE

A reação do Islã



↪ns

THOMAS ASBRIDGE

A REAÇÃO DO
ISLÃ



São Paulo, 2021

A reação do Islã

The Crusades – The War for the Holy Land

Copyright © Thomas Asbridge, 2010

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz • Vitor Donofrio • João Paulo Putini

TRADUÇÃO: Johann Heyss • Valter Lellis Siqueira

PREPARAÇÃO: Samuel Vidilli

REVISÃO: Agnaldo Alves • Equipe NS

DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio

CAPA: Ygor Moretti

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057**

Asbridge, Thomas

A reação do Islã

Thomas Asbridge ; tradução de Johann Heyss, Valter Lellis Siqueira

Barueri, sp: Novo Século Editora, 2021.

(As Cruzadas; vol 2)

Bibliografia

ISBN: 978-65-5561-335-3

Título original: The Crusades : The War for the Holy Land

1. Cruzadas 2. Cristianismo e outras religiões 3. História da Igreja - 600-1500 – Idade Média 4. Oriente Médio – História 5. Europa – História da Igreja i. Título ii. Heyss, Johann iii. Siqueira, Valter Lellis iv. Série

21-3677 CDD-909.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Cruzadas

ins

uma marca do
grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

SUMÁRIO

[II. A reação do islã](#)

[7. O renascimento muçulmano](#)

[Zengui – O campeão do Islã](#)

[O advento de Nur al-Din](#)

[Combatendo a cruzada](#)

[O condado de Edessa desmembrado](#)

[8. A luz da fé](#)

[A batalha de inab](#)

[A estrada para Damasco](#)

[Damasco – Paraíso do Oriente](#)

[Desafios](#)

[Ameaças externas](#)

[Julgamento e triunfo](#)

[O sonho de Jerusalém](#)

[9. A riqueza do Egito](#)

[Egito medieval](#)

[O novo campo de batalha](#)

[As campanhas egípcias de Shirkuh ibn Shadi](#)

[O retorno ao Nilo](#)

[Saladino, senhor do Egito \(1169-74\)](#)

[Desafios](#)

[Tenente ou comandante](#)

[10. Herdeiro ou usurpador?](#)

[Um herói para o Islã](#)

[A reboque de nur al-din](#)

[A ocupação de Damasco](#)

[O assédio a Alepo](#)

[O Velho da Montanha](#)

[O sonho aiúbida de saladino](#)

[O rei leproso](#)

[A infância e a minoridade de Balduíno IV](#)

[O início do reinado de Balduíno IV](#)

[Confronto](#)

[A Batalha do Monte Gisard](#)

[O fardo de sangue](#)

[A Casa da Dor](#)

[11. O sultão do Islã](#)

[Guiar para dominar](#)

[As campanhas de Saladino contra Alepo e Mossul \(1182-3\)](#)

[A guerra contra os francos](#)

[A incitação da agressão latina](#)

[Uma crescente onda de conflito?](#)

[Transformação](#)

[Encarando a mortalidade](#)

[A carreira de Saladino até 1186](#)

[12. O guerreiro santo](#)

[O Islã unido?](#)

[Um reino desfeito](#)

[Para os chifres de hattin](#)

[A queda da cruz](#)

[Para Jerusalém](#)

[As intenções de Saladino em setembro de 1187](#)

[Jerusalém retomada](#)

[O feito de Saladino](#)

[Notas](#)

[Colofão](#)

II. A REAÇÃO DO ISLÃ

7. O RENASCIMENTO MUÇULMANO

O meio século entre o advento da Primeira Cruzada e a Segunda viu poucos sinais de uma reação islâmica unida ou determinada contra a conquista cristã da Terra Santa. Jerusalém – a cidade mais sagrada do mundo muçulmano depois de Meca e Medina – permanecia em mãos latinas, assim como a divisão elementar entre o Iraque sunita, a Síria e o Egito xiitas. Tirando ocasionais vitórias muçulmanas, mais notadamente no Campo de Sangue em 1119, o começo do século XII foi dominado pela expansão e agressão franca. Mas nos anos 1140 parecia que a maré estava virando, pois o atabeg de Mossul e Alepo e sua família (a dinastia Zengida) tomaram a tocha da jihad.

ZENGUI – O CAMPEÃO DO ISLÃ

A tomada de Edessa por Zengui em 1144 representou um triunfo para o Islã: foi o que uma crônica muçulmana descreveu como a “vitória das vitórias”. Quando suas tropas tomaram a cidade de assalto em 24 de dezembro, o atabeg inicialmente permitiu que a pilhagem e a chacina corressem soltas. Mas, após essa primeira onda de violência, ele aplicou uma abordagem que foi, pelo menos para seus padrões, relativamente moderada. Os francos sofreram – todos os homens foram executados e todas as mulheres feitas escravas –, mas os cristãos orientais sobreviventes foram poupados e tiveram permissão para permanecer em seus lares. Igualmente, as igrejas latinas foram destruídas, mas as armênias e sírias permaneceram intactas.

De posse de Edessa, o atabeg podia nutrir esperanças de unificar uma vasta faixa de território sírio e mesopotâmico, abarcando de Alepo a Mossul. E para o mundo muçulmano do Oriente Próximo e do Oriente Médio, sua assustadora conquista parecia prometer o alvorecer de uma nova era, na qual os francos seriam expulsos do Levante. O ano de 1144 foi, sem dúvida, aquele que marcou um ponto de mutação para o Islã na guerra pela Cidade Sagrada. Igualmente, é evidente que Zengui fez esforços enérgicos no sentido de divulgar seu sucesso como o golpe desferido por um mujahid zeloso em nome de todos os muçulmanos.

Dentro da cultura islâmica, a poesia árabe tem um papel longamente estabelecido no sentido de influenciar e refletir a opinião pública. Os poetas muçulmanos costumavam compor trabalhos para recitação pública, às vezes diante de enormes multidões, misturando reportagem e propaganda para comentar eventos da atualidade. Os poetas que se juntaram à corte de Zengui (alguns deles sírios refugiados do jugo latino) eram autores de trabalhos que celebravam as conquistas do atabeg e o retratavam como o vencedor de um movimento jihadista mais amplo. Ibn al-Qaysarani (de Cesareia) enfatizou a necessidade de Zengui reconquistar toda a linha costeira síria (o Sahil), argumentando que esse era o motivo básico da guerra santa. “Diga aos governantes infiéis que se rendam (...) que entreguem todos os seus territórios”, ele escreveu, “pois esta é a pátria de Zengui”. Ao mesmo tempo, essa noção de

conquista panlevantina era entrelaçada com um objetivo mais preciso, que possuía um foco devocional imediato – Jerusalém. Edessa ficava a centenas de quilômetros ao norte da Palestina, mas sua tomada foi, não obstante, apresentada como o primeiro passo na trilha da recuperação da Cidade Sagrada. “Se a conquista de Edessa é o alto mar”, Ibn al-Qaysarani afirmou, “Jerusalém e o Sahil são sua praia”.

Muitos contemporâneos muçulmanos aparentemente aceitaram essa projeção do atabeg como um guerreiro jihadi. O califa abássida de Bagdá conferiu a ele o imponente título de “Auxiliar do Comandante dos Fiéis, o Rei Apoiado pelo Divino”. Considerando-se que os zênquidas ainda eram, até certo ponto, forasteiros – senhores de guerra turcos arrivistas, sem direito inato a governar hierarquias árabes e persas já estabelecidas no leste –, esse endosso do califa ajudou a legitimar a posição de Zengui. A ideia de que a carreira do atabeg havia de certa forma sido construída sobre esta única conquista também ganhou força. Até mesmo um cronista baseado na rival Damasco declarou que “Zengui sempre cobiçou Edessa e observou, esperando pela chance de alcançar sua ambição. Edessa nunca esteve fora de seus pensamentos ou longe de sua mente”. Tomando por base sua vitória em 1144, cronistas islâmicos posteriores o rotularam de “shahid”, ou mártir, uma honra reservada para aqueles que morreram “no caminho de Deus” se engajando na jihad.

Isso não implica sugerir que Zengui reconhecia o valor político de desposar os princípios da guerra santa apenas depois de seu súbito sucesso em Edessa. Uma inscrição datada de 1138 de uma madrassa (escola religiosa) damascena patrocinada pelo atabeg já o havia descrito como “o lutador da jihad, o defensor da fronteira, o domador dos politeístas e o destruidor dos hereges”, e os mesmos títulos foram usados novamente quatro anos depois em uma inscrição em Alepo. Os eventos de 1144 permitiram que Zengui enfatizasse e expandisse essa faceta de sua carreira, mas mesmo assim a jihad contra os francos permanecia sendo mais um problema entre tantos. Dentro de seu próprio tempo de vida, o atabeg lutou, antes de qualquer coisa, para se apresentar como governante de todo o Islã; uma inspiração enfatizada por sua decisão de empregar uma gama de títulos de honra adaptados a diferentes necessidades (e diferentes idiomas) da Mesopotâmia, Síria e Diar Baquir. Em árabe ele era frequentemente denominado como Imad al-Din Zangi (“Zengui, o pilar da religião”), mas em persa ele podia se apresentar como “o guardião do mundo” ou “o grande rei do Irã”, e em turco nômade como o “príncipe falcão”.¹

Existe bem pouca evidência no sentido de sugerir que Zengui priorizava à jihad a todas as outras coisas antes, ou mesmo depois, de 1144. Ele tomou as medidas para consolidar seu poder sobre o condado de Edessa no começo de 1145: tomou a cidade de Saruj dos francos e derrotou os reforços que os latinos conseguiram reunir em Antioquia. Mas não demorou, e ele foi encontrado novamente lutando contra os muçulmanos no Iraque. No começo de 1146 houve rumores de que Zengui estava preparando uma nova ofensiva contra a Síria. Começaram a construir armamento de cerco e, apesar de as obras serem oficialmente para a jihad, um cronista de Alepo admitiu que “algumas pessoas achavam que ele pretendia atacar Damasco”.

Zengui já estava agora com 62 anos de idade e ainda gozava de uma notável saúde de ferro. Mas na noite de 14 de setembro de 1146, durante o cerco à fortaleza muçulmana de Qalat Ja’bar (às margens do rio Eufrates), ele sofreu um ataque súbito e inesperado. Os detalhes do terrível ataque são nebulosos. Zengui, de acordo com o que disseram, manteve numerosas sentinelas de guarda para não ser assassinado, mas de alguma forma conseguiram passar por eles, e o atabeg foi morto em sua própria cama. O agressor viria a ser descrito de formas variadas, como um eunuco de confiança, um escravo, um soldado, e também, o que não era de surpreender, viriam a circular rumores de que o gesto sangrento teria sido instigado por Damasco. A verdade provavelmente jamais virá à tona. Um serviçal que encontrou Zengui seriamente ferido relembra a cena:

Tinham tentando matá-lo. Ele gesticulou para mim com o dedo indicador, como se apelando. Eu parei diante dele, pasmado, e disse: “Meu Deus, quem lhe fez isso?”, mas ele não conseguiu falar e morreu naquele momento (Deus tenha piedade dele).²

A despeito de sua vitalidade animalesca e sua ambição inabalável, a carreira tumultuada do atabeg fora interrompida. Zengui, senhor de Mossul e Alepo, conquistador de Edessa, estava morto.

O advento de Nur al-Din

O fim de Zengui foi um episódio esqualido, brutal e ignominioso. Em meio ao choque do momento, até mesmo seus parentes pouco se preocuparam em prestar honras ao falecido; o cadáver do atabeg foi enterrado sem cerimônias e “suas reservas de dinheiro e tesouros foram espoliadas”. As atenções então se voltaram para questões de poder e sucessão.

Os herdeiros de Zengui agiram rápido: seu filho mais velho, Saif al-Din, tomou Mossul – afirmando que a Mesopotâmia ainda era vista como o verdadeiro berço do Islã sunita; enquanto isso, Nur al-Din Mahmud, filho mais novo do atabeg, viajou para o oeste para assumir o controle das terras sírias de seu pai. Essa divisão do território de Zengui teve consequências notáveis. Sem interesse direto no Iraque, Nur al-Din – novo emir de Alepo – viria a se concentrar em questões levantinas, para assim, quem sabe, melhorar a localização de engajamento na jihad. Ao mesmo tempo, todavia, sem acesso às riquezas e recursos do Crescente Fértil, a força de seu reino sírio acabaria se esvaziando.

Nur al-Din chegou ao poder por volta dos 28 anos de idade. Diziam que ele era um homem alto, moreno, que usava barba mas não bigode, que tinha uma testa bonita e aparência agradável realçada pelos olhos belos e calorosos. Com o tempo ele ganharia poder para eclipsar até mesmo o do pai, emergindo como o mais temido e respeitado adversário da cristandade latina no Oriente Próximo – um governante que nutria e dava energia à causa da guerra santa islâmica. Até mesmo Guilherme de Tiro viria a descrevê-lo como “um homem sábio e prudente e, de acordo com as tradições supersticiosas de seu povo, um homem temente a Deus”. Mas em 1146 a posição do emir era precária, e a tarefa que ele tinha pela frente era nada menos que intransponível.³

Na sequência do assassinato de Zengui, a Síria afundou no caos. A brutal eficácia do despotismo do atabeg agora ficou visível com a ilegalidade generalizada em grandes faixas do Levante muçulmano. Até mesmo um contemporâneo damasceno reconheceu que todas as cidades estavam entregues à confusão e que as estradas ficaram inseguras após um apreciado período de segurança. Ainda faltava Nur al-Din provar que tinha o direito e a capacidade de

governar, e alguns tenentes leais a Zengui realinharam seus interesses. Sofrendo pressão de Unur, o governante de facto de Damasco, o senhor de guerra curdo Ayyub ibn Shadi, rendeu Balbeque e para lá mudou a capital síria. Nur al-Din Manteve o apoio a Sawar, o governante zênguida, e o respaldo do irmão de Shirkuh, irmão de Ayyub, mas no geral a perspectiva de sucesso ou mesmo de sobrevivência do jovem emir eram precárias.

Na condição de emir de Alepo, Nur al-Din se encontrou no controle de uma das grandes cidades do Oriente Próximo. Alepo tinha, já no século XII, uma história ancestral quase inimaginável – era um local de assentamento humano havia pelo menos sete mil anos. Em termos físicos, a metrópole de 1146 governada por Nur al-Din era dominada por uma impressionante cidadela murada, que brotava do coração da cidade, acima de uma escarpada colina natural de sessenta metros. Um visitante quase contemporâneo observou que essa “fortaleza é conhecida por sua inexpugnabilidade e, vista de longe devido a sua grande altura, sem par entre os castelos” – mesmo ainda hoje domina a cidade moderna. A grande Mesquita de Alepo, cuja distância do oeste não era das mais longas, foi fundada por volta de 715 pelos omíadas, aos quais os seljúcidas haviam acrescentado um chamativo minarete quadrado no fim do século XI. A cidade também era famosa como polo comercial, lar de uma rede de souqs (mercados) cobertos. Alepo pode não ter sido a primeira cidade da Síria do século XII, no entanto era um poderoso centro militar, político e econômico – e como tal, oferecia a Nur al-Din uma plataforma fundamental sobre a qual ele podia construir sua carreira.⁴

Em 1146, em meio ao caótico vácuo de poder que veio após a morte de Zengui, Nur al-Din precisava afirmar sua autoridade. Uma oportunidade para tal logo se apresentou com a chegada de notícias urgentes de uma súbita crise. O conde franco de Edessa, Joscelino II, estava fazendo uma tentativa desesperada de recuperar sua capital. Liderando uma força rapidamente reunida, ele marchou para a cidade em outubro de 1146 e, com o conluio do seu povo cristão, passou a noite nas defesas externas de Edessa. A guarda muçulmana correu para a fortemente protegida cidadela e os soldados se encontravam agora cercados.

Nur al-Din reagiu com urgente resolução, determinado a evitar a perda de Edessa para os francos e qualquer possibilidade de expansão a oeste para seu irmão Saif al-Din. O emir arregimentou milhares de tropas alepinas e guerreiros turcomanos, empenhando-se em uma fulminante marcha forçada dia e noite, viajando em ritmo tão intenso “que (os cavalos dos) muçulmanos caíam pelas estradas de exaustão”. A velocidade gerou bons resultados. Carentes de mão de

obra e de mecanismos de cerco para dominar a cidadela, as tropas de Joscelino ainda oscilavam no interior da cidade baixa quando chegou Nur al-Din. Preso entre as duas forças, o conde imediatamente abandonou a cidade, no entanto as perdas entre os latinos foram pesadas. Com Edessa novamente em sua posse, o emir resolveu fazer uma contundente demonstração de sua implacável vontade. Dois anos antes, Zengui havia poupado na cidade os cristãos do leste; mas agora, a título de punição por sua “conivência” com os francos, eles foram açoitados em Edessa por seu filho e herdeiro. Todos os homens foram mortos, e as mulheres e crianças foram escravizadas. Um cronista muçulmano observou que a espada apagou a existência de todos os cristãos, enquanto um chocado cristão da Síria descreveu como, na sequência desse massacre, a cidade ficou despojada de vida: uma visão aterradora, envolvida em uma nuvem negra, embebida em sangue, infectada por cadáveres de seus filhos e filhas. Aquela que um dia fora uma vibrante metrópole continuou sendo um fim de mundo pelos séculos seguintes.⁵

A demonstração de força de Nur al-Din ajudou a pavimentar sua autoridade sobre Alepo, não obstante seu impacto lúgubre em Edessa. Nessa ocasião, o emir havia seguido a liderança do pai ao contar com a força bruta e com o medo para impor sua autoridade. Todavia, com o tempo, Nur al-Din se mostrou capaz de empregar modos de governança mais sutis – desde políticas consensuais a formação da opinião pública –, conjugados a uma determinação de aço. Assim como Zengui, ele tinha como aspiração a união de Alepo e Damasco, mas para começar, pelo menos, o emir cultivou uma atmosfera de renovada cooperação com seu vizinho ao sul da Síria. Uma aliança matrimonial foi arranjada entre Nur al-Din e Ismat, filha de Unur de Damasco. O emir alepino também fez o gesto magnânimo de libertar uma jovem escrava capturada por Zengui em Balbeque em 1138, que já havia sido amante de Unur. Na opinião de um cronista muçulmano, essa foi “a razão mais importante da amizade entre Nur al-Din e o damasceno”.

Com o reequilíbrio do poder que se deu após a morte de Zengui, Alepo e Damasco estavam lentamente começando um novo relacionamento. Não mais temendo uma iminente invasão zênghuida, Unur teve sua autoridade revigorada e começou a romper relações com governantes que eram clientes dos francos. Quando Altunsah de Bosra, um de seus dependentes, procurou formar uma aliança separatista com o reino de Jerusalém na primavera de 1147, Unur interveio. Nur al-Din foi para o sul a fim de dar apoio e juntos os dois derrotaram uma tentativa latina de ocupar Bosra. Esse extraordinário sucesso

rendeu a Unur o reconhecimento dos califas rivais de Bagdá e Cairo – ambos lhe enviaram robes de honra e diplomas de investidura. Perante esse pano de fundo, foi Damasco, e não Aleppo, que se destacou como principal governo muçulmano sírio em 1147.

Nur al-Din passou aquele verão consolidando sua posição ao norte e fazendo campanha na zona oeste de fronteira com Antioquia. O emir reagiu às notícias alarmantes se colocando em posição defensiva. Havia rumores segundo os quais um exército latino “inumerável” estaria “a caminho da terra do Islã”; disseram que tantos cristãos haviam se juntado ao enorme exército que o oeste ficara vazio e sem defesa. Alarmados com essas novidades, Aleppo e todos os seus vizinhos muçulmanos começaram a se preparar para a Segunda Cruzada e para a chegada de uma nova guerra.⁶

COMBATENDO A CRUZADA

Ao longo dos seis meses seguintes, os relatos das experiências de cruzados alemães e franceses foram gradualmente chegando ao Oriente Próximo. Um damasceno ouviu que “vários deles pereceram” na Ásia Menor por “assassinato, doença ou fome”, e no começo de 1148 era evidente que Ma’sud, o sultão seljúcida de Anatólia, havia causado graves baixas entre os francos. Para Nur al-Din e Unur, que esperavam ansiosamente em Alepo e Damasco, essas notícias foram certamente bem-vindas, além, claro, de um alívio. Seus vizinhos turcos ao noroeste – mais costumeiramente rivais do que aliados em décadas mais recentes – embotaram a cruzada cristã antes mesmo que ela chegasse ao Levante.

Ainda assim, o perigo não havia passado. Naquela primavera, sobreviventes latinos (cujo número ainda estava na casa das centenas) começaram a chegar aos portos da Síria e da Palestina. A questão agora era uma só: onde deveriam atacar? Nur al-Din preparou Alepo para um ataque e seu irmão, Saif al-Din, trouxe reforços no final daquele verão. Ainda assim, ao contrário do que se esperava, quando chegou a ofensiva franca no mês de julho de 1148, foi afinal direcionada ao sul, contra Damasco.

Chegando a Antioquia em março daquele ano, o rei Luís VII da França havia brigado com Raimundo de Antioquia. A recente devastação de Edessa havia aniquilado qualquer possibilidade de tentar sua imediata reconquista; assim, Raimundo defendeu uma campanha tendo como alvo Alepo e Xaizar. O plano tinha mérito considerável, oferecendo uma oportunidade de atacar o poder zênghida enquanto Nur al-Din ainda estava consolidando sua autoridade sobre o norte da Síria, mas o rei franco rejeitou o esquema e prontamente se pôs a marchar para o sul, rumo à Palestina. As razões da decisão de Luís haviam sido longamente debatidas. Ele talvez estivesse com poucas reservas, além de ávido para completar sua peregrinação a Jerusalém. A questão central, contudo, era provavelmente um tórrido escândalo. Ao chegar a Antioquia, a jovem e carismática Leonor de Aquitânia, esposa de Luís, passou bastante tempo em companhia de seu tio, o príncipe Raimundo. Houve rumores de que os dois haviam começado a viver um apaixonado e incestuoso romance. Humilhado e perplexo, o monarca franco foi forçado a tirar a esposa da cidade contra a

vontade dela, em um gesto que azedou o relacionamento dos dois de modo irreparável e pôs fim a qualquer expectativa de cooperação entre Antioquia e os cruzados.

Conrado chegou à Terra Santa em abril daquele ano, e os contingentes da França e da Alemanha se reagruparam no norte da Palestina no começo do verão. Em 24 de junho, aconteceu perto de Acre um conselho de líderes cruzados latinos e da Suprema Corte de Jerusalém com o objetivo de debater um futuro curso de ação, e Damasco foi escolhida como novo alvo. Essa decisão já foi vista por alguns estudiosos quase como um ato de insanidade, levando em consideração a recente aliança da cidade muçulmana com a Palestina franca, bem como sua resistência à ascensão zêngrida. Mas essa visão foi justamente desafiada tomando por base que a morte de Zengui em 1146 acabou redesenhando o equilíbrio de poder na Síria muçulmana. Damasco, que um dia fora um dócil brinquedo de Jerusalém contra Alepo, agora, em 1148, se tornara um vizinho bem mais ameaçador e agressivo. Como tal, sua neutralização e conquista eram objetivos razoáveis, e a tomada da cidade transformaria as perspectivas de sobrevivência no longo termo para Ultramar.⁷

Em meados do verão de 1148, os reis cristãos da Europa e de Jerusalém avançaram para Banyas e depois marcharam para Damasco. Unur fez o que pôde para preparar a cidade, reforçando as defesas e organizando as tropas e a milícia. Pedidos de ajuda foram despachados para seus vizinhos muçulmanos, incluindo os zêngridas. Em 24 de julho, os francos chegaram aos densos e fartamente irrigados jardins a sudoeste de Damasco. Essa mata densa, cercada por muros baixos de barro, se estendia até mais ou menos oito quilômetros do subúrbio da cidade. Transponível apenas por vias estreitas, esses jardins já vinham servindo há muito tempo como primeira linha de defesa natural. Os muçulmanos fizeram o que puderam para impedir o avanço dos latinos, lançando ataques de escaramuça e incessantes saraivadas de flechas de torres de observação e pontos de vantagem ocultos entre as árvores, mas o inimigo persistiu.

No fim do dia os francos haviam estabelecido um acampamento em terreno aberto em frente à cidade, de onde tinham acesso às águas do rio Barada; em contraste com Antioquia e Jerusalém, Damasco não possuía grandes fortificações, mas era protegida principalmente por um muro externo baixo e pelo emaranhado de seus subúrbios mais remotos. Com os cristãos agora esperando nas cercanias, a metrópole parecia terrivelmente vulnerável. Unur ordenou que fossem feitas barricadas nas ruas com grandes toras de madeira e

pilhas de escombros e, para levantar o moral, um grande encontro se deu na Grande Mesquita de Umayyad. Um dos tesouros mais sagrados de Damasco, uma referenciada cópia do Alcorão que já tinha pertencido ao califa Uthman (um dos primeiros sucessores de Maomé), foi exibida para a multidão, “e as pessoas salpicaram cinzas em suas cabeças e derramaram lágrimas de súplica”.

Pelos três dias seguintes ocorreu uma batalha desesperadora na qual os muçulmanos lutaram para conter os francos, e os dois lados sofreram pesadas baixas em um combate penoso. Reforços do Vale de Biqa robusteceram a resistência muçulmana e, com a chegada de Nur al-Din e Saif al-Din antecipada, Unur ganhou tempo. Ao que parece, ele havia prometido renovar os pagamentos de tributos em retorno pelo fim das hostilidades. Ciente das rivalidades cujo veneno corria debaixo da superfície e da coalizão cristã, Unur também procurou, de modo assaz tortuoso, semear as sementes da dúvida e da desconfiança. Ao que tudo indica, uma mensagem teria sido enviada para os reis cruzados avisando da chegada dos zênquidas ao mesmo tempo que um emissário isolado teria entrado em contato com os francos do Levante, observando que sua aliança com os ocidentais apenas culminaria na criação de um novo adversário no leste, pois, “você sabe, se eles tomarem Damasco, tentarão tomar as terras costeiras que estão em suas mãos”. As tropas cristãs certamente foram atormentadas por tensões internas, enquanto, por outro lado, as fontes latinas confirmam que os francos começaram a discutir quem teria direito sobre a cidade caso ela caísse.

Como não houve muito progresso e surgiam cada vez mais dúvidas, os francos fizeram um conselho de guerra na noite de 27 de julho, e uma decisão um tanto alterada pelo pânico foi feita: ir para o leste da cidade, de onde, acreditavam, um ataque direto seria mais fácil de realizar. Na verdade, essa área de Damasco se mostrou fortemente defendida, e os cristãos agora se encontravam acampados em uma posição exposta e sem água. Debaixo do sol causticante do verão, as pessoas acabaram se descontrolando. De acordo com uma testemunha muçulmana, “os francos receberam relatos de várias fontes sobre o rápido avanço dos exércitos muçulmanos que se engajaram em uma guerra santa contra eles, e ficaram convencidos de sua própria destruição e do desastre iminente”. Fontes latinas murmuraram sobre traição dentro do exército, subornos por parte de Unur e acusações graves de todos os lados. Em 28 de julho, a coalizão de cruzados e francos levantinos deu início a uma retirada terrivelmente humilhante, atormentados por batedores damascenos enquanto fugiam. O rei Conrado viria a escrever que os cristãos haviam “se retirado com o pesar de um cerco fracassado”, enquanto Guilherme de Tiro descreveu os cruzados como

sujeitos “cobertos de confusão e medo”. Os reis da França e da Alemanha falaram sobre planos de lançar um segundo ataque a Damasco, mais bem equipado, ou uma possível campanha contra a fatímida Ascalão, mas não houve nenhuma ação concreta. Conrado zarpou para a Europa em setembro e, após visitar os lugares sagrados, Luís seguiu pelo mesmo rumo na primavera de 1149. Com alívio, um cronista muçulmano declarou que “Deus salvou os crentes (em Damasco) de seu demônio”.⁸

No que tange aos francos, o grande impulso levantino para a Segunda Cruzada havia terminado em execrável derrota. Após preparações então grandiosas e régias, os planos cristãos deram em nada e o próprio conceito de guerra sagrada latina agora estava sendo questionado. As consequências desse grave golpe na popularidade e na prática da cruzada seriam sentidas durante muito tempo. A despeito do debate prolongado de que seria sábia a decisão dos francos de cercar Damasco, os historiadores normalmente têm subestimado o impacto da cruzada sobre o Islã do Oriente Próximo. Na superfície, o equilíbrio de poder não demonstrava mudanças – Unur continuava no controle de Damasco; os cristãos haviam sido repelidos. Mas quando o perigo extrapolou o que eles eram capazes de suportar, os damascenos foram forçados a apelar a Alepo e Mossul. Por um breve momento em meados dos anos 1140, Unur parecera capaz de controlar a ascensão zênghida; agora, no rescaldo da Segunda Cruzada, ele teve de aceitar uma relação cada vez mais subserviente com Nur al-Din.

O ataque latino a Damasco em 1148 também contribuiu para endurecer o sentimento antifrancos entre a população damascena como um todo. Não demorou muito para Unur e a elite dominante burida retomarem os canais diplomáticos com o reino de Jerusalém, mas o apoio local para a política de aliança com a Palestina agora se encontrava em declínio terminal.

O condado de Edessa desmembrado

Alepo havia escapado da Segunda Cruzada incólume e, quando muito, a expedição latina havia reforçado a posição de Nur al-Din no norte da Síria. Certamente, a cruzada nada fizera para reverter as conquistas zênquidas no condado de Edessa. Nos anos seguintes, as sobras dispersas daquele que tinha sido o primeiro Estado cruzado foram gradualmente recolhidas pelo Islã. Encarando pressão que vinha de três fontes – pois tanto Nur al-Din quanto Ma'sud de Konya e os artúquidas queriam conquistar territórios em Edessa –, o conde Joscelino II tentou comprar uma medida de segurança ao concordar com uma trégua submissa com Alepo. Mas quando o condado foi tomado em 1150, Nur al-Din não deu muita atenção ao suposto status de Joscelino de cliente-aliado; o franco foi para a prisão (possivelmente após ser cegado) e permaneceu em confinamento até sua morte nove anos mais tarde.

Os apoiadores dos zênquidas aproveitaram ao máximo quando Joscelino perdeu o poder. Descrevendo-o como “um demônio intransigente, implacável e cruel contra os muçulmanos”, um cronista muçulmano observou que “a captura do conde foi um golpe em toda a cristandade”. Elaborando o assunto, o poeta Ibn al-Qaysarani (agora membro da corte de Nur al-Din) afirmou que a própria Jerusalém em breve seria “purificada”.⁹

Com Joscelino na prisão, sua esposa Beatriz vendeu o que restou do condado latino para os bizantinos, suscitando a fuga de uma torrente de refugiados cristãos francos e do leste para Antioquia. A condessa ficou na Palestina, onde seus filhos – Joscelino III e Agnes – depois se tornaram figuras políticas de destaque. Até mesmo os gregos se mostraram incapazes de defender esses entrepostos isolados e, com a queda de Tell Bashir perante as forças de Nur al-Din no ano de 1151, o condado de Edessa chegou a seu fim. Os zênquidas haviam erradicado um dos quatro Estados cruzados.

8. A LUZ DA FÉ

Nur al-Din emergiu como um dos principais líderes muçulmanos do Oriente Próximo na sequência da Segunda Cruzada. Ao longo de sua carreira, Nur al-Din viria a unir a Síria, estendendo o poder zênghida Egito adentro e acumulando uma série de vitórias contra os francos cristãos. Ele se tornou um dos maiores luminares do Islã medieval, celebrado como um robusto defensor da ortodoxia sunita e um campeão da jihad contra o Ultramar latino. De fato, a denominação pela qual ele é conhecido historicamente, “Nur al-Din”, significa literalmente “a Luz da Fé”.

Cronistas muçulmanos da época geralmente apresentavam Nur al-Din como o próprio arquétipo de um governante islâmico perfeito – profundamente religioso, clemente e justo; humilde e austero, apesar de culto; valente e habilidoso em batalha; e comprometido com a guerra pela Terra Santa. Essa visão foi expressa de forma mais poderosa pelo grande historiador iraquiano Ibn al-Athir (d, 1233), escrevendo em Mossul no começo do século XIII, quando a cidade ainda era governada por membros da dinastia zênghida de Nur al-Din. Entre seus muitos trabalhos, Ibn al-Athir compôs um volumoso relato da história humana, começando pela criação, e mesmo nessa crônica Nur al-Din era apresentado como o principal protagonista. Diz o texto que “a fama de sua boa governança e justiça alcançaram o mundo inteiro” e que “suas boas qualidades eram numerosas e suas virtudes abundantes, mais do que pode conter este livro”.¹⁰

Historiadores modernos tentaram, com variados níveis de sucesso, ultrapassar esse panegírico para reconstruir uma visão autêntica de Nur al-Din, produzindo imagens dramaticamente divergentes. Uma questão central desse processo tem sido a tentativa de apontar um momento de transformação ou epifania espiritual na vida do emir, após a qual ele tomou o manto de mujahid.¹¹ No contexto das cruzadas, duas questões entrelaçadas são determinantes. Nur al-Din passou uma boa parte da vida lutando contra companheiros muçulmanos – mas estaria ele agindo por um bem maior, unificando o Islã em preparação para a jihad, ou seria a guerra santa simplesmente um veículo conveniente por trás do qual ele poderia construir um império zênghida? E Nur al-Din teria começado como um senhor de guerra turco ambicioso e egoísta e, em algum momento, vivenciado um aprofundamento de sua convicção religiosa e uma aceleração de seu desejo de se

engajar na guerra santa? Em parte, essas perguntas podem ser respondidas seguindo o rastro da carreira de Nur al-Din – examinando quando e por que ele lutou contra os latinos; e avaliando suas relações com os muçulmanos sunitas da Síria, os fatímidas xiitas do Egito e os gregos de Bizâncio.

A BATALHA DE INAB

No verão de 1149, Nur al-Din lançou uma ofensiva contra o principado cristão de Antioquia, procurando consolidar sua autoridade emergente sobre o norte da Síria. Desde o final de 1148 suas tropas haviam se chocado com forças antioquenas em alguns encontros de pequena escala, mas sem alcançar nenhum resultado conclusivo. Em junho de 1149, Nur al-Din aproveitou a recente reaproximação com Unur de Damasco para pedir reforços, reunindo um exército invasor formidável, encabeçado por seis mil guerreiros a cavalo. Os historiadores pouco se esforçaram para entender as motivações do governante de Alepo, preferindo presumir que ele estava simplesmente procurando entrar em confronto com o príncipe Raimundo de Antioquia. Mas, assim como seu predecessor Il-ghazi em 1119, as atitudes de Nur al-Din provavelmente tiveram propósito estratégico mais definido.

Em 1149, Nur al-Din partiu para conquistar dois entrepostos latinos – Harim e Apamea. O vilarejo fortificado de Harim ficava às margens das Montanhas Belus, em uma posição de destaque, com vista ampla para a planície antioquena. Harim ficava a apenas vinte quilômetros de Antioquia e estava nas mãos dos latinos desde a época da Primeira Cruzada. Fazia muito tempo que as Montanhas Belus vinham desempenhando um papel determinante no conflito entre Alepo e o principado. Tempos antes, no século XII, quando Antioquia estava em ascensão, os francos haviam ocupado territórios a leste dessas encostas escarpadas, representando uma ameaça direta à segurança de Alepo. O primeiro a recuar foi Il-ghazi, depois Zengui fez o mesmo, restabelecendo assim uma fronteira que seguia a barreira natural das Montanhas Belus. Mas Nur al-Din não ficou contente com esse estado de equilíbrio. Ele queria tomar Harim e ganhar um porto seguro depois da barreira das Montanhas Belus e, por conseguinte, minando a integridade da defesa da fronteira oriental de Antioquia.

Nur al-Din também almejava Apamea, na fronteira ao sul do planalto de Summaq. No passado, o domínio de Antioquia sobre o Summaq ameaçava as principais rotas de comunicação entre Alepo e Damasco, mas Zengui havia recapturado boa parte dessa área no final da década de 1130. Por volta de 1149, o território dos francos se resumia a um exíguo corredor que abraçava o sul do

Vale de Orontes até o entreposto mais solitário de Apamea. O principal objetivo de Nur al-Din em 1149 parece ter sido a conquista desse vilarejo fortificado, erradicando a insistente presença latina na região do Summaq. Falharam todas as tentativas recentes de tomar diretamente Apamea, que ficava empoleirada em um imponente montículo antigo. Mudando de tática, Nur al-Din agora procurou isolar a cidade – cortando sua principal linha de comunicação com Antioquia ao tomar o controle da ponte ash-Shogur, que cruzava o rio Orontes.

Em junho ele avançou pela vizinhança e começou as operações com um cerco ao pequeno forte de Inab. Quando essa notícia chegou a Antioquia, o príncipe Raimundo reagiu rapidamente, talvez até de modo impetuoso. Reza a tradição latina posterior que ele teria partido imediatamente para liberar Inab, “sem esperar pela escolta da própria cavalaria, correndo às pressas para aquele lugar”, mas pode ter havido um pouco de exagero, pois, de acordo com os cálculos de um contemporâneo muçulmano que vivia em Damasco, os francos chegaram com quatro mil cavaleiros e mil soldados de infantaria. O grupo de Raimundo também incluía um contingente dos Assassinos, liderados pelo seu aliado muçulmano curdo, ‘Ali ibn Wafa. Nur al-Din reagiu à abordagem de Antioquia em 28 de junho com cautela, retirando-se de Inab para avaliar a força do inimigo, mas seus olhos estavam abertos para qualquer chance de lançar um contra-ataque, e foi justamente essa a oportunidade que se apresentou.

Chegando aos arredores de Inab, Raimundo presumiu, muito otimista, ter espantado as forças de Nur al-Din e assegurado o controle da região. Ele resolveu acampar naquela noite em terreno aberto em vez de se retirar para um local mais reservado – um erro fatal. Tendo na verdade avançado apenas uma distância curta, Nur al-Din reuniu informações sobre os números francos e sua posição exposta e imediatamente rastreou seus passos na calada da noite. Ao amanhecer de 29 de junho de 1149, os latinos se viram cercados. Sentindo que uma famosa vitória agora estava ao seu alcance, o senhor de Alepo não perdeu tempo e tirou vantagem, “atacando o acampamento como se estivesse sitiando uma cidade”, segundo as palavras de um cristão. De acordo com a Crônica de Damasco, o príncipe Raimundo lutou em vão para reanimar seus homens e montar uma defesa, “mas os muçulmanos se dividiram em grupos que atacaram de variadas direções, como um enxame”. Houve ferozes lutas corpo a corpo e, com a intensificação dos ventos, a tempestade de areia aumentou a confusão. Em desvantagem numérica e cercados, os francos logo cederam, mas, mesmo com a fuga de setores inteiros de seu exército, Raimundo aguentou firme, lutando até o fim. Um texto árabe da época descrevia como “as espadas do Islã deram a

palavra final (e) quando a névoa se dispersou, (os cristãos) jaziam no chão prostrados e sujos de terra”.

Os muçulmanos haviam ganhado, e a plena extensão de seu triunfo se tornou nítida quando os homens de Nur al-Din começaram a vasculhar o campo de batalha. Foi onde encontraram o governante antioqueno Raimundo “esticado no chão entre sua guarda e seus cavaleiros; ele foi reconhecido e sua cabeça cortada foi levada a Nur al-Din, que recompensou o portador com um belo presente”. Houve rumores segundo os quais o príncipe fora abatido por um golpe de espada do senhor de guerra curdo Shirkuh. Nur al-Din aparentemente mandou colocar a cabeça do franco em uma estante de troféus de prata e partiu para Bagdá para comemorar a vitória sobre o inimigo que, de acordo com os muçulmanos, havia “adquirido reputação especial pelo horror que causava com sua grande severidade e excessiva ferocidade”. Fontes latinas confirmam que o cadáver de Raimundo foi decapitado, acrescentando a macabra porém prática observação de que, quando os antioquenos finalmente retornaram para recuperar seu corpo mutilado, só puderam identificá-lo através de “certas marcas e cicatrizes”.¹²

O significado da Batalha de Inab em 1149 fazia paralelo com o Campo de Sangue de trinta anos antes. O principado franco estava novamente carente de um governante potente e não havia o menor sinal de algum herdeiro adulto à vista, de modo que o principado continuou sem líder, logo, vulnerável. Nur al-Din estava agora em posição dominante, mas suas ações após a Batalha de Inab foram reveladoras. O crucial é que ele não fez nenhuma tentativa determinada de subjugar Antioquia propriamente, preferindo enviar uma grande parte de suas forças armadas para Apamea, no sul. Nur al-Din conduziu o que restou de suas tropas para a capital do principado, mas após um breve cerco concordaram em deixar a cidade intacta em troca do pagamento de um considerável tributo em ouro e tesouros. Viajando para o litoral, ele fez o gesto simbólico de se banhar no Mediterrâneo – um ato de afirmação, indicando que o poder islâmico agora se expandia para o oeste pelo mar.

O verdadeiro trabalho de conquista começou por volta de meados de julho, com um ataque em Harim. Como a guarda latina da cidade estava enfraquecida depois da Batalha de Inab, a cidade caiu rapidamente e foram tomadas medidas imediatas para fortalecer suas defesas. Perto do fim desse mesmo mês, Nur al-Din marchou para o sul rumo a Apamea. Expulsos de Antioquia, sem esperança de resgate, os francos que lá estavam se renderam em troca de terem suas vidas poupadas.

Como Il-ghazi em 1119, Nur al-Din aproveitou a derrota dos antioquenos para alcançar objetivos estratégicos específicos – neste caso, a neutralização de Antioquia e a asserção do domínio de Alepo sobre as terras a leste do rio Orontes. Ele também abandonou uma oportunidade potencial para tomar Antioquia, possivelmente, em parte, por lhe faltarem recursos humanos e materiais para vencer as imensas fortificações da cidade, e também por ele estar ciente de que em breve chegariam reforços vindos da Palestina para ajudar os francos. É certo que a conquista de Antioquia não foi um objetivo prioritário em 1119, tampouco em 1149.

Não obstante essas semelhanças evidentes, a Batalha de Inab não foi uma simples repetição do Campo de Sangue. Em 1119, o rei Balduíno II de Jerusalém correu para ajudar o principado e, ao longo dos anos seguintes, recuperou os territórios que havia perdido. Seu neto, o rei Balduíno III, também viajou para o norte da Síria no verão de 1149, mas se mostrou incapaz de reviver plenamente a sina de Antioquia. Apamea jamais foi recuperada, e uma breve tentativa de retomar Harim fracassou. Com os soldados de Nur al-Din resguardados a uma grande distância da capital, diminuía bastante a capacidade do principado de ameaçar Alepo. Mais tarde naquele verão, os latinos foram pressionados a aceitar um tratado humilhante com Nur al-Din, que ao confirmar os direitos de Alepo sobre o planalto de Summaq e o território a leste das Montanhas Belus, reconheceu tacitamente a emasculação de Antioquia.

As motivações e intenções subjacentes de Nur al-Din em 1149 também eram fundamentalmente diferentes das de Il-ghazi e isso, por si só, expunha uma verdade mais profunda sobre o instável equilíbrio de poder na Síria. O Campo de Sangue havia sido uma expressão da rivalidade entre antioquenos e alepinos, uma tentativa desesperada de conter a implacável maré de expansão territorial franca para o leste. Em agudo contraste, e a despeito das aparências iniciais, a campanha que culminou na Batalha de Inab foi, na verdade, conduzida por um desafeto intermuçulmano. O objetivo de Nur al-Din ao partir para ocupar Apamea não era o de refutar a agressão dos francos, mas sim abrir uma rota clara e incontestável para o sul, partindo de Alepo rumo à cidade de Damasco, que era seu verdadeiro alvo e estava nas mãos dos buridas. Recuando para além do rio Orontes, os antioquenos não estariam em posição de interferir nesse jogo maior.

Gerações de historiadores modernos interpretaram erroneamente as causas e o significado de Inab, alguns até mesmo assegurando que essa vitória marcava um momento de mudança vital para Nur al-Din, que se transformara em um

dedicado guerreiro jihadi. Para ter certeza, o senhor de Alepo celebrou o seu sucesso contra os cristãos. Um cronista muçulmano observou que “os poetas teceram muitas loas a Nur al-Din, parabenizando-o por sua vitória, pois a morte do príncipe Raimundo teve um grande efeito em ambos os lados”, e seguiu citando este verso de autoria de Ibn al-Qaysarani:

Suas espadas fizeram os francos tremer de pavor

O que fez os corações de Roma acelerarem

Você lhes esmagou o chefe com golpe esmagador

O que lhe destruiu o sustentáculo e fez a cruz quedar

A terra inimiga do sangue deles você limpou

Em uma limpeza que a toda espada poluiu.

Mas aceitar essa propaganda ao pé da letra seria ignorar a realidade do foco estratégico de Nur al-Din em 1149: Damasco. Eventos futuros viriam a demonstrar que ele estava plenamente satisfeito em deixar Antioquia nas mãos vacilantes dos francos porque, neutralizados enquanto ameaça no teatro do conflito levantino, o principado latino servia como Estado amortecedor entre Alepo e a Bizâncio grega. De fato, nesses primeiros anos do seu governo, a preocupação principal de Nur al-Din era a conquista de Damasco.

Os eventos de agosto de 1149 inicialmente pareceram oferecer a Nur al-Din a

oportunidade perfeita para aumentar sua influência dentro da Síria muçulmana. Após um jantar particularmente caloroso, seu ora aliado, ora rival Unur de Damasco foi “atacado por um afrouxamento dos intestinos que se degingolou em uma debilitante crise de disenteria”. No fim do mês, Unur estava morto e Damasco desmoronou em uma caótica luta por poder. No entanto, qualquer esperança de tirar proveito desse infortúnio se evaporou em 6 de setembro, com a chegada da notícia de outra morte, desta vez a do irmão mais velho de Nur al-Din, Saif al-Din. Nur al-Din correu para o Iraque, tentou brevemente reivindicar Mossul, mas finalmente se reconciliou a contragosto com o irmão mais novo, o herdeiro designado Qutb al-Din Maudud. Ele havia perdido a chance de tomar o controle de Damasco. O hesitante governo burida perdurava na cidade, mas não demoraria muito para o olhar de Nur al-Din se voltar novamente para o sul de Aleppo.¹³

A ESTRADA PARA DAMASCO

Em 1150, a Terra Santa latina foi assolada pela adversidade. É possível dizer que nunca houve momento mais propício para os senhores do Islã do Oriente Próximo – e para Nur al-Din em particular – atacarem o coração dos Estados cruzados, enxotando os francos para o Mediterrâneo. Os cristãos haviam sofrido, em rápida sucessão, o fracasso da Segunda Cruzada, a derrota em Inab e a dissolução do condado de Edessa. Após 1149, suas dificuldades só se aprofundaram. Foram feitos chamados em pânico para o oeste da Europa convocando para uma nova cruzada, mas a recente humilhação seguia fresca na memória, de modo que não houve resposta para os chamados. Em Antioquia, a súbita morte do príncipe Raimundo catapultou mais uma sucessão de crises, pois seu filho e herdeiro, Boemundo III, tinha apenas cinco anos de idade, e sua viúva Constância rejeitou os planos de seu primo, o rei Balduíno III, de casá-la com alguém de sua escolha. Assim como sua mãe Alice, Constância procurava ter controle sobre o próprio destino, mas isso deixou o principado sem um comandante militar masculino por quatro anos, e selou Balduíno III com a supervisão de Antioquia. As responsabilidades do jovem rei toram multiplicadas ainda mais em 1152, com a morte de Raimundo II de Trípoli por um bando de Assassinos. Enquanto o filho do conde e homônimo, Raimundo III, tinha apenas doze anos de idade, Balduíno estava novamente sendo forçado a assumir o manto do guardião.

Ainda com apenas vinte e poucos anos, Balduíno III de Jerusalém agora se via incumbido de governar todos os três Estados cruzados sobreviventes. Para piorar ainda mais as coisas, seu relacionamento com Melisenda, sua mãe, estava se esfacelando. Juntos eles haviam exercido um governo conjunto em Jerusalém desde 1145 (quando o jovem rei alcançou sua maioridade com quinze anos de idade), e no começo a sabedoria e a experiência da rainha haviam sido uma fonte bem-vinda de segurança e continuidade. Mas à medida que Balduíno foi ficando adulto, a presença da mãe ao seu lado começou a parecer mais sufocante do que reconfortante. Melisenda, por sua parte, não tinha nenhuma intenção de renunciar ao poder e ainda desfrutava de apoio dentro do reino. A partir de 1149, as relações entre os dois cogovernantes azedaram, e por volta de 1152 a Palestina

latina estava quase destruída pela guerra civil. No final das contas, Balduíno foi forçado a levar Melisenda de suas terras em Nablus e inclusive a cercar a rainha na Cidade Sagrada para forçar sua abdicação e garantir seu direito a governar de modo independente.

A despeito da endêmica fraqueza de seu suposto inimigo, Nur al-Din pouco fez para conduzir diretamente os interesses da jihad contra os cristãos. Na verdade, ele continuou a direcionar o máximo de sua energia e recursos em direção à conquista de Damasco. Aqueles que procuravam promover Nur al-Din como herói de uma guerra santa islâmica – desde as crônicas muçulmanas medievais aos historiadores modernos – tem alegado que esse foco obstinado em dominar a Síria não passava de uma forma de chegar a outro objetivo; que apenas evitando que Damasco caísse em mãos cristãs e unindo o Islã o governante de Alepo poderia finalmente esperar conseguir uma vitória na batalha maior contra os francos.¹⁴ Zengui havia olhado para o prêmio de Damasco, mas muitas vezes era atraído pelos assuntos da Mesopotâmia. Pelos próximos cinco anos, Nur al-Din perseguiu esta presa com maior determinação, trazendo uma variedade de nuances de táticas. As armas primárias de seu pai sempre foram intimidação e medo. Ele havia massacrado a população de Balbeque depois de prometer poupar suas vidas se eles se rendessem, na vã esperança de aterrorizar Damasco em submissão. Nur al-Din talvez tenha aprendido a lição desse fracasso. Ele adotou uma nova abordagem, preocupando-se com a batalha por corações e mentes, bem como a força das armas.

O poder em Damasco agora jazia nas mãos de Abaq, outro membro da vacilante dinastia burida, e em seu círculo interno de conselheiros, mas seu controle sobre a cidade estava longe de ser total. Em abril de 1150, Nur al-Din respondeu a notícias de incursões latinas no Hauran, a zona de fronteira entre Jerusalém e Damasco, chamando Abaq para se juntar a ele a fim de repelir os francos, e então marcharam rumo ao sul da Síria, avançando para além de Balbeque. Justamente como ele esperava, Abaq prevaricava com “argumentos e dissimulação”, ao mesmo tempo que despachava enviados para forjar um novo pacto com o rei Balduíno III.

Agora acampado ao norte de Damasco, Nur al-Din tomou muito cuidado para continuar disciplinando suas tropas, evitando que elas “saqueassem e causassem danos nos vilarejos”, apesar de ele ter aumentado a pressão diplomática sobre Abaq. Chegaram mensagens em Damasco repreendendo o governante por se aliar aos francos e a eles pagar tributos monetários “roubados dos pobres e dos

fracos entre os damascenos”. Nur al-Din garantiu a Abaq que não tinha intenção de atacar a cidade, mas que havia sido agraciado por Alá com poder e recursos “para trazer ajuda aos muçulmanos e para me engajar na guerra santa contra os politeístas” – e a resposta muito direta de Abaq foi que “não há nada entre nós a não ser a espada”. A abordagem firme e ao mesmo tempo contida de Nur al-Din parece, contudo, ter dado frutos, considerando-se que a opinião pública dentro de Damasco começou a ficar favorável a ele. Um residente muçulmano chegou mesmo a observar que “preces são continuamente oferecidas para ele pelo povo de Damasco”.

Nur al-Din recuou de seu intercâmbio inicial, tendo feito ganhos apenas relativamente parcos, e apesar de toda sua postura hostil, Abaq acabou concordando com uma trégua renovada com Alepo, oficialmente reconhecendo Nur al-Din suserano e ordenando que seu nome fosse recitado toda sexta-feira durante a prece, além de colocado em moedas damascenas. Por mais simbólicos que esses gestos possam ter sido, o trabalho fragmentado de subjugar Damasco com um mínimo de derramamento de sangue tinha começado. Ao longo dos anos seguintes, Nur al-Din manteve a pressão diplomática e militar sobre os buridas ao mesmo tempo que ainda buscava evitar um ataque direto a sua cidade. Sua “escrupulosa aversão à matança de muçulmanos” continuava a ser notada por aqueles que viviam em Damasco, e em 1151 muitos estavam rejeitando o chamado de Abaq para ajudá-lo contra Alepo.

Por volta dessa época, Ayyub, irmão de Shirkuh ibn Shadi, começou a atuar como agente de Nur al-Din na cidade. Ayyub havia transferido sua lealdade para a dinastia burida em 1146, mas agora decidira, com típica flexibilidade política, retornar ao rebanho zênghuida, tornando-se uma voz valiosa de apoio dentro da corte damascena, enquanto também ganhava as milícias locais. Com passos lentos, Nur al-Din estava transformando Damasco em um estado-cliente. Em outubro de 1151, Abaq havia de fato viajado para o norte de Alepo para declarar sua lealdade, tacitamente admitindo sujeição na esperança de evitar a conquista plena. Nur al-Din usou isso como desculpa para entregar propaganda ainda mais desonesta e facciosa – escrevendo repetidamente, fazendo-se passar por um preocupado suserano, para avisar a Abaq que vários membros de sua própria corte damascena estavam fazendo contato com Alepo para tramar a rendição de Damasco.

No inverno entre os anos 1153 e 1154, Nur al-Din finalmente intensificou sua campanha, avançando para impedir que embarcações com grãos chegassem ao

norte de Damasco. A falta de comida logo fez efeito. Na primavera, com o descontentamento interno crescendo cada vez mais, ele enviou uma força para o sul sob a liderança de Shirkuh, então, no final de abril de 1154, fechou pessoalmente a cidade. Uma judia, segundo consta, baixou uma corda sobre os muros, permitindo que algumas tropas de Alepo escalassem suas muralhas a leste e levantassem o estandarte de Nur al-Din. Enquanto Abaq fugia da Cidadela, horrorizado, o povo de Damasco abriu os portões da cidade, oferecendo rendição incondicional.

Paciência e moderação trouxeram a Nur al-Din controle do assento histórico de poder muçulmano – ele agora cuidava de manter esses princípios. Abaq, a despeito dos medos, foi tratado com equanimidade e recompensado com o feudo de Homs em troca do controle de Damasco; ele posteriormente se mudou para o Iraque. Uma abundância de comida começou a fluir para dentro da cidade, e a generosidade de Nur al-Din foi confirmada pela “abolição das taxas no mercado de vegetais”.

Quando Nur al-Din conquistou Damasco em 1154, foi uma vitória e tanto. Com esse ato, ele emergiu da sombra do pai, conseguindo sucesso onde Zengui fracassara várias e várias vezes. Nur al-Din podia agora reivindicar o domínio de quase toda a Síria muçulmana; pois pela primeira vez desde que começaram as cruzadas, havia união entre Alepo e Damasco. E tudo isso fora conquistado sem derramamento gratuito de sangue muçulmano.

A conquista de Damasco tem sido frequentemente retratada como uma das glórias máximas da sua carreira. Ciente do que isso representava, Nur al-Din começou a fazer vasto uso do título al-Malik al ‘Adil (O Rei Justo). Também se tornou comum a ideia de que a sua derrubada de outras políticas islâmicas era prenúncio necessário da guerra santa que seria empreendida contra os francos. Um cronista de Alepo viria a escrever que “a partir daí, Nur al-Din passou a se dedicar à jihad”.

Essa visão dos eventos não resiste a um exame mais rigoroso. Nur al-Din provavelmente tinha mesmo real aversão a matar companheiros muçulmanos, mas ele também parecia estar muito ciente do valor de sua clemência em termos práticos e propagandísticos. Mais importante ainda, a despeito de haver se aproveitado do sentimento antilatino para legitimar e dar poder à sua campanha contra os buridas de Damasco, Nur al-Din não lançou nenhuma ofensiva jihadi após 1154. A retórica sugeria que, com o reino de Jerusalém diante de si, o emir

desengataria uma fervorosa onda de agressão contra os francos. Na verdade, testemunhos árabes contemporâneos revelam que Nur al-Din de fato seguiu sua ocupação de Damasco aceitando novos acordos de paz com a Palestina latina. Em 28 de maio de 1155, “foi firmado um tratado de trégua” de um ano com Jerusalém. Em novembro de 1156, o pacto foi renovado por mais um ano, dessa vez com a estipulação de que um tributo de oito mil dinares de Tiro seria pago por Damasco aos francos. Longe de se concentrar na guerra santa, em 1154 Nur al-Din, na verdade, passou a maior parte do tempo adquirindo mais territórios dos muçulmanos – conquistando Balbeque e aproveitando a morte de Ma’sud, o sultão seljúcida de Anatólia, para absorver terras ao norte. Os tratados e tributos pagos aos cristãos, tão menosprezados anos antes, agora serviam para garantir as terras damascenas de Nur al-Din.¹⁵

Damasco – Paraíso do Oriente

A tomada de Damasco por Nur al-Din pode não haver gerado um renascimento imediato da jihad, no entanto marcou a história zêngrida. A dinastia agora governava a maior cidade da Síria – aquela que um peregrino muçulmano do século XII descreveria como “o paraíso do Oriente... o selo das terras do Islã”. Damasco é um dos povoados mais antigos permanentemente habitados na Terra, com uma história que data do ano 9000 a.C.

No coração de Damasco ficava a Grande Mesquita Umayyad – talvez a construção muçulmana mais deslumbrante da época. Construída no local de uma igreja cristã romana dedicada a João Batista (que por sua vez havia substituído um enorme templo de Júpiter), a Grande Mesquita foi construída por ordem do califa al-Walid no começo do século VIII ao extraordinário custo de sete anos de rendimentos do tesouro damasceno. Localizada dentro de um composto retangular murado de grandes proporções – medindo cerca de 150 por 90 metros –, o profusamente decorado salão de preces era alcançado através de um extenso quintal cujos muros exibiam mosaicos de quadros vivos sem igual em tamanho e magnitude: quarenta toneladas de vidro foram usadas em sua criação. Apesar de ter sido um tanto alterada por séculos de danos e de reconstruções (especialmente depois de sofrer um incêndio que resultou em danos significativos em 1893), a Grande Mesquita ainda pode ser visitada nos dias de hoje. O peregrino muçulmano ibérico do século XII Ibn Jubayr escreveu lírica e longamente sobre a “perfeição da construção em sua maravilhosa e suntuosa decoração e ornamentação”, descrevendo o mirhab (o nicho de orações) como “o mais lindo de todo o Islã em sua beleza e refinada arte”.

Enquanto lar dessa admirável mesquita, a cidade de Damasco era reverenciada como um lugar de particular significado devocional dentro do Islã. A santidade da cidade foi incrementada pela presença próxima de muitas grutas-santuários – inclusive uma que se supõe ter sido local de nascimento de Abraão, e outra que dizia ter sido visitada por Moisés, Jesus, Ló e Jó (todos conhecidos no Islã como profetas). Os membros da família de Maomé e seu círculo íntimo também foram enterrados em Damasco, e, ainda mais, alguns acreditavam que o próprio Messias desceria na Terra no dia do julgamento pelo minarete branco da cidade

sobre o portão leste.

Imbuída como estava de significado histórico e espiritual, a Damasco conquistada por Nur al-Din em 1154 necessitava de rejuvenescimento. O emir se pôs a trabalhar, fortificando a cidadela seljúcida, a leste da Grande Mesquita (que datava originalmente do final do século XI), e reformou e consolidou os muros da cidade. Com o advento do estável governo zênghida, a população damascena, que havia caído em número para cerca de 40 mil pessoas, logo começou a aumentar. O comércio também foi estimulado e o visitante árabe al-Idrisi agora observava que:

Damasco contém todos os tipos de coisas boas, as ruas com vários artesões, com mercadores vendendo todos os tipos de seda e brocados de belíssima raridade e maravilhosa mão de obra... Aquilo que é produzido aqui é transportado a todas as cidades, e levado de navio a todos os cantos, a todas as capitais, de perto e de longe... A cidade em si é a mais linda de toda a Síria, e a mais perfeita em sua beleza.¹⁶

Não é de admirar que, com o tempo, Nur al-Din tenha gradualmente passado a sede do poder de Alepo para Damasco. Assim, enquanto Shirkuh havia sido nomeado inicialmente governador da cidade, após 1157 Damasco foi confirmada como nova capital do reino em expansão de Nur al-Din, e promovida como ponto focal da ortodoxia sunita abássida.

DESAFIOS

A década de 1150 viu pouco avanço material para o Islã na jihad contra os francos. Mesmo quando Nur al-Din tentava subjugar Damasco, os latinos estavam desfrutando de sua própria sorte renovada. Agora confirmado como único governante, o rei Balduíno III rapidamente alcançou uma vitória profundamente significativa para Jerusalém. O porto de Ascalão havia passado os últimos cinquenta anos em mãos fatímidas, oferecendo aos governantes muçulmanos do Egito uma base econômica e estratégica no sul da Palestina. Em 1150, Balduíno supervisionou a construção de uma fortaleza ao sul de Ascalão, sobre as ruínas de um antigo povoado de Gaza, separando a comunicação por terra entre o porto muçulmano e o Cairo. Em janeiro de 1153, um jovem rei juntou a plena força de seus exércitos para enfrentar a própria Ascalão, finalmente assegurando sua rendição após um cerco árduo de oito meses. O que já fora um dia um portal fatímida para a Terra Santa havia agora se transformado em trampolim para maiores expansões das ambições latinas rumo ao sul e ao próprio Egito. As consequências dessa vitória seriam sentidas de modo agudo nos anos seguintes.

O Principado de Antioquia também havia passado por um rejuvenescimento. Após quatro anos de reinado solitário, a jovem princesa Constância de Antioquia finalmente arrumou um marido, apesar de seu escolhido não ser rico e nem poderoso como ela. Na primavera de 1153, ela se casou com Reinaldo de Châtillon, um belo e jovem cavaleiro franco, cruzado de origem aristocrática, mas com recursos materiais limitados. Após lutar ao lado de Balduíno III nos primeiros estágios do cerco de Ascalão, ele ganhou a permissão do rei, na qualidade de seu suserano e guardião de Constância, para a união. O novo príncipe de Antioquia logo revelou sua natureza instável. Já tendo previamente estimulado interesses bizantinos ao ir de encontro ao poder ascendente do senhor de guerra armênio rubenida Thoros (filho de Leon I), na Cilícia, Reinaldo prontamente se aliou a Thoros para liderar um ataque cruel à ilha de Chipre, governada pelos gregos. Muito criticado por historiadores contemporâneos e modernos por sua ambição indomável, falta de diplomacia e brutalidade tempestuosa, Reinaldo não obstante provou-se um guerreiro formidável que, em

sua época, ofereceria oposição implacável ao Islã.

A revitalização de Jerusalém e Antioquia resultou em Nur al-Din recebendo pressão de duas zonas de fronteira essenciais. Ao norte, os eventos se concentravam em Harim. O controle que Nur al-Din tinha sobre esse entreposto – que ficava a apenas um dia de marcha de Antioquia – desde 1149 havia praticamente neutralizado o principado franco enquanto ameaçava Alepo. Em 1156, os latinos começaram a conduzir ataques em seus subúrbios, mas por enquanto estavam sendo refutados com sucesso. Nur al-Din chegou a ter o mórbido prazer de desfilar, triunfante, com as cabeças dos cristãos arrancadas nesses confrontos pelas ruas de Damasco. Enquanto isso, ao sul, Balduíno III rompe a sua trégua com Nur al-Din em 1157, esperando estender a autoridade de Jerusalém sobre a Terre de Sueth. Deu-se então uma série de desentendimentos sem conclusão, especialmente em Banya, tendo à frente os francos, apesar de o rei latino escapar por pouco de ser raptado em junho de 1157, quando foi apanhado em uma emboscada.

Por volta dessa época, contudo, os eventos conspiraram para restringir Nur al-Din. Sempre houve tendência a terremotos na Síria, e agora, no final da década de 1150, a região estava sujeita a uma sucessão de severos tremores que acabou danificando gravemente muitos vilarejos muçulmanos na área entre Alepo e Homs. Um cronista da época em Damasco descreveu como “sucessivos terremotos e tremores (...) causaram a destruição de castelos, fortalezas e habitações muçulmanos em seus distritos e marchas”. Ao longo desse período tenebroso, Nur al-Din foi forçado a empregar grande parte de seus recursos em trabalhos de reconstrução, muitos dos quais foram frustrantemente desfeitos por repetidas atividades sísmicas.

Então, em outubro de 1157, Nur al-Din foi abatido por uma doença grave enquanto estava em Summaq. A natureza exata da doença é desconhecida, mas foi tão extrema que o grande emir logo começou a temer por sua vida. Carregado de maca a Alepo, ele rapidamente fez arranjos para seu testamento, designando um de seus irmãos, Nusrat al-Din, como seu herdeiro e senhor de Alepo, enquanto Shirkuh ficaria com Damasco. Apesar dessas medidas, distúrbios civis logo se deflagraram pela Síria muçulmana, e a situação de saúde de Nur al-Din foi se deteriorando durante o outono. Apesar de ele ter sobrevivido ao ataque, sua saúde permaneceu frágil e, no final de 1158, ele voltou a ficar de cama por meses, muito doente, dessa vez em Damasco. Infelizmente, nos faltam testemunhas oculares para avaliar com precisão o impacto desses encontros

próximos à morte no estado mental de Nur al-Din. Dizem que ele passou por um despertar espiritual nesses anos, doravante adotando um estilo de vida ascético e usando vestimentas mais simples. É verdade que, a despeito das tensões correntes em relação ao Levante, ele arrumou tempo para executar a Hajj, a peregrinação a Meca, no final de 1161.¹⁷

Ameaças externas

Notícias sobre a debilidade de Nur al-Din – rumores teriam se espalhado de que ele talvez já estivesse morto – chegavam através de diversos espiões, e os francos não perderam tempo; aproveitaram para explorar a confusão que se instalou nas terras do emir. Seu exército foi reforçado pela presença do conde Thierry de Flandres, um poderoso nobre do oeste e veterano da Segunda Cruzada que mais uma vez havia tomado a cruz rumo ao leste. No outono de 1157, suas tropas se juntaram a um exército cristão amalgamado – com elementos de Antioquia, Trípoli, Jerusalém e uma força armênia liderada por Thoros – em marcha rumo a Xaizar. A torre mais baixa caiu após um breve cerco e os aliados pareciam prestes a tomar a cidadela quando explodiu uma acrimoniosa discussão acerca do controle da fortuna de Thierry e dos recursos para defesa de Ultramar. Balduíno III havia prometido ao conde domínio hereditário de Xaizar, mas Reinaldo de Châtillon questionou a legalidade do plano, alegando que a cidade pertencia a Antioquia. Como nenhum dos dois lados se mostrava disposto a ceder, a ofensiva cristã foi contida e, em meio a recriminações mútuas, os aliados abandonaram o cerco, desperdiçando uma rara oportunidade de reafirmar a autoridade franca sobre o sul de Orontes. Não obstante esse contratempo, os latinos conseguiram se reagrupar no começo de 1158. Reunidos em Antioquia, rumaram para Harim e, após um cerco intenso, forçaram a cidadela a se render. Nessa ocasião não houve qualquer discussão sobre direitos e a cidade foi devolvida ao principado, restaurando, por conseguinte, uma medida de segurança em suas fronteiras ao leste.

Bizâncio também emergiu como uma força bélica no Oriente Próximo no mesmo período. A influência grega na região estivera em suspenso desde a morte do Imperador João Comneno em 1143. O poder havia passado ao seu filho Manuel, que, depois do desastre da Segunda Cruzada, andava às voltas com questões relativas à Itália e aos Bálcãs. No final da década de 1150, Manuel procurou restaurar as relações com os francos depois do estranhamento e desconfiança engendrados entre 1147 e 1148 – reafirmando a autoridade imperial em Antioquia e Cilícia, e estabelecendo relações mais próximas com a Palestina franca. As alianças matrimoniais foram a pedra fundamental desse processo. Em setembro de 1158, o rei Balduíno III casou-se com Teodora, sobrinha de Manuel

e membro de alta colocação da dinastia bizantina. Ela trouxe consigo um generoso dote em ouro. O imperador então tratou de casar a irmã de Boemundo III, Maria de Antioquia, em dezembro de 1161.

Para Nur al-Din, a implicação dessas uniões era ao mesmo tempo óbvia e inquietante: Bizâncio, antigo oponente oriental cristão dos muçulmanos, estaria novamente direcionando sua legendária força para o Levante. E se por um lado os latinos representavam ao mesmo tempo uma ameaça e uma irritação para suas ambições, o senhor de Alepo e Damasco parece ter visto nos gregos uma ameaça mais constante e intratável. Perplexidade, apreensão e determinação fundiram-se então para condicionar a reação de Nur al-Din quando Manuel Comneno conduziu um enorme exército pelo norte da Síria em outubro de 1158.

Foi nesse outono que o imperador recebeu a submissão de Reinaldo de Châtillon, aceitando sua penitência pelo recente ataque a Chipre, e domou os cada vez mais independentes armênios rubenidas.

Em abril de 1159, com seus súditos recalcitrantes intimidados, Manuel adentrou a cavalo, em plena majestade, os portões de Antioquia, cercado por sua resplandecente guarda varangiana, acompanhado de seu servo, o príncipe Reinaldo. Até mesmo o rei Balduíno mostrou sua humildade ao seguir mantendo certa distância, montado, mas não adornado com nenhum símbolo oficial. A mensagem era óbvia: como comandante do superpoder cristão do leste do Mediterrâneo, a iminência de Manuel era sem paralelo. Se ele quisesse, podia deixar um rastro de destruição por toda a Síria.

Nur al-Din, que só se recuperou da sua segunda enfermidade prolongada na primavera de 1159, aceitou o desafio de coração e convocou tropas de longe, até mesmo de Mossul, para lutar sob o estandarte da jihad, reforçando as fortificações de Alepo. Ainda assim, quando os exércitos cristãos se reuniram em Antioquia no mês de maio sob a liderança de Manuel, preparando-se para um ataque direto à própria Alepo, os muçulmanos certamente estavam em significativa inferioridade numérica. À beira de um confronto tão terrível, um senhor seljúcida extremamente belicoso da laia dos Zengui já teria simplesmente aceitado a luta iminente com orgulho e desafio, e provavelmente acabaria sendo dizimado. Entretanto, ao lidar com Damasco, Nur al-Din mostrou talento para as sutilezas da diplomacia. Agora ele estava determinado a testar o compromisso de Manuel com o prosseguimento de uma campanha custosa na fronteira ao extremo leste de Bizâncio. Nur al-Din enviou representantes para propor uma

trégua, oferecendo a libertação de seis mil prisioneiros latinos capturados durante a Segunda Cruzada e o apoio ao império grego contra os seljúcidas de Anatólia. Para a consternação de seus aliados francos, o imperador rapidamente aceitou os termos e ordenou a interrupção imediata da campanha.

Essa alarmante reviravolta dos eventos revela muito. O comportamento de Manuel talvez pudesse ter sido previsto – mais uma vez os interesses de Bizâncio haviam sido priorizados, postos acima dos interesses de Ultramar. Mas a conduta de Nur al-Din revelou que não era um jihadi ideologicamente intransigente, cegamente buscando entrar em conflito com a cristandade. Na verdade, ele estava tentando agir de modo pragmático para desarmar um confronto com um dos verdadeiros rivais globais do Islã; os Estados cruzados pareciam quase um espetáculo insignificante e isolado em meio às negociações entre Nur al-Din e Manuel.

Ao longo desses anos, as atitudes de Nur al-Din sugeriam que, não obstante seu aparente despertar espiritual e emergente alinhamento à propaganda da jihad, ele continuava a encarar o Ultramar latino como um mero oponente dentre muitos na emaranhada e complexa matriz da política do poder no Oriente Próximo e Médio.

No começo dos anos 1160, ele não fez qualquer tentativa concentrada de exercer pressão direta militar ou diplomática sobre os francos – a bem da verdade, o emir deixou passar duas oportunidades. Em 1160, Reinaldo de Châtillon foi capturado por um dos tenentes de Nur al-Din e encarcerado em Alepo (onde continuaria pelos próximos quinze anos). No entanto, em vez de explorar um período de fraqueza de Antioquia quando o jovem Boemundo III chegou ao poder, Nur al-Din decidiu aceitar uma nova trégua de dois anos com Jerusalém. Depois, no começo de 1163, quando o rei Balduíno III morreu de doença com apenas 33 anos de idade, Nur al-Din novamente deixou de tomar uma atitude. Um cronista latino atribuiu isso ao senso inato de honra do emir, sobre o qual escreveu o seguinte:

Quando lhe sugeriram que, enquanto estávamos ocupados com as cerimônias fúnebres, ele devia invadir e devastar a terra de seus inimigos, dizem que ele respondeu: “devemos demonstrar empatia por sua dor e poupá-los por piedade, pois eles já perderam um príncipe do tipo que o resto do mundo não tem nos dias

de hoje”.

Essa citação de Guilherme de Tiro reflete a admiração profundamente arraigada que o arcebispo nutria por Balduíno III, mas fontes árabes não apresentam qualquer indicação de que a decisão de Nur al-Din tenha sido influenciada por compaixão naquele momento. Sua falta de atitude pode ser explicada em parte pelo fato de ele ter começado, como veremos, a voltar sua atenção para o sul, em direção ao Egito. Mas também foi em decorrência de sua persistente preocupação com a Ásia Menor e a Mesopotâmia, e de seu insucesso em priorizar a jihad contra os francos.¹⁸

JULGAMENTO E TRIUNFO

No entanto, a partir da primavera de 1163, a percepção que Nur al-Din tinha do seu próprio papel na guerra pela Terra Santa parece ter mudado, desencadeando um aprofundamento de seu compromisso com a causa. Em maio, o emir liderou um grupo de ataque que invadiu o condado de Trípoli pelo norte e montou acampamento no Vale de Al-Bouqia – a ampla planície entre as Montanhas Ansariyah ao norte e o Monte Líbano ao sul. As notícias de seu paradeiro se espalharam, e os francos de Antioquia, recentemente reforçados por um grupo de peregrinos de Aquitânia e por soldados gregos, decidiram lançar um ataque sob comando do templário Gilberto de Lacy.

Indiferente a essa ameaça, um grupo avançado de tropas zênquidas ficou em choque ao ver um grande exército cristão a partir dos contrafortes da faixa de Ansariyah. Após uma breve escaramuça, foram afugentados e voltaram correndo para o principal acampamento de Nur al-Din, inflamadamente perseguidos pelos inimigos. Um cronista muçulmano viria a descrever como as duas forças “chegaram juntas”, ou seja, flagrados de surpresa, “os muçulmanos não conseguiram montar seus cavalos e pegar suas armas antes de serem invadidos pelos francos, que mataram e capturaram muitos”. Um latino da época registrou que “o exército de Nur al-Din foi quase aniquilado enquanto o próprio príncipe, lutando desesperadamente pela vida, fugiu totalmente desnortado. Toda a bagagem e mesmo a sua espada foram abandonadas. Descalço e montado em um burro de carga, ele escapou por pouco de ser capturado”. Fontes muçulmanas confirmam a escala de sua derrota e a ignomínia da retirada de Nur al-Din, acrescentando que, em seu desespero, ele montou um cavalo que ainda estava mancando de uma perna e foi salvo apenas pela bravura de um de seus curdos, que correu para cortar a corda, arriscando a própria vida.

Atônito e humilhado, Nur al-Din fugiu para Homs com um punhado de sobreviventes. O horror desse pouco divulgado desastre aparentemente deixou uma cicatriz em sua psique, e a natureza de sua reação ao longo dos meses seguintes é reveladora. Tomado pela raiva e por apaixonada determinação, dizem que ele jurou: “em nome de Deus, eu não mais me abrigarei debaixo de teto nenhum até vingar a mim e ao Islã”. É provável que isso não passe de invectiva

pura, mas depois das palavras veio a ação prática. A um custo significativo, Nur al-Din pagou pela substituição de todos os armamentos, equipamentos e cavalos, tudo do próprio bolso – uma responsabilidade não muito comum entre os senhores de guerra muçulmanos –, de modo que “o exército foi restaurado como se não tivesse sofrido nenhuma derrota”. Ele também ordenou que as terras de qualquer soldado morto fossem passadas para suas famílias, ao invés de retornarem ao seu controle. O mais impressionante foi quando o emir se recusou categoricamente a aceitar uma trégua quando os francos o procuraram no final daquele ano.¹⁹

Nur al-Din procurava agora construir uma coalizão com os muçulmanos do Iraque e de Jazira, juntando um exército imponente para executar um ataque de retaliação contra os latinos. Comentários de sua dedicação sincera ao hábito de jejuar e orar se espalharam por todo o Oriente Próximo, e ele também começou a recrutar ativamente o apoio de ascetas e homens santos da Síria e da Mesopotâmia, estimulando-os a tornar público os múltiplos crimes cometidos pelos latinos contra o Islã. O impulso da deflagração da jihad estava ganhando força.

No verão seguinte, Nur al-Din estava pronto para atacar, e seus objetivos estratégicos eram audaciosos. Estimativas numéricas de suas forças talvez não tenham sobrevivido ao tempo, mas sabemos que ele foi acompanhado por tropas de seus próprios territórios sírios, bem como as de cidades do leste, como Mossul, Diar Baquir, Hisn Kifr e Mardin. Ele certamente estava muito confiante acerca da força de seu exército, pois ele se preparou para fazer conquistas territoriais e para atrair os cristãos para uma batalha decisiva. Nur al-Din avançou para Harim, que havia permanecido sob domínio de Antioquia desde 1158, fazendo um cerco à sua cidadela e iniciando uma campanha com maquinário para tal. Como ele provavelmente já previa, os francos não demoraram a revidar. No começo de agosto de 1164, um exército de aproximadamente dez mil homens, incluindo seiscentos cavaleiros, marchou de Antioquia sob comando do príncipe Boemundo III, do conde Raimundo III de Trípoli e de Joscelino III de Courtenay, ao lado de Thoros da Armênia e do governador grego da Cilícia.

Ao saber que eles estavam se aproximando, Nur al-Din marchou com seu exército para Artah, na planície da Antioquia, o mais próximo assentamento comandado por latinos, na esperança de afastar o inimigo da segurança de Antioquia. Então, em 11 de agosto, quando os aliados cristãos faziam uma finta

nervosa em direção a Harim, Nur al-Din levou as forças inimigas a um enfrentamento em campo aberto. No começo da batalha, o flanco direito de Nur al-Din simulou uma retirada, provocando os cavaleiros latinos para que fizessem um ataque precipitado. A infantaria cristã foi deixada em situação de isolamento e vulnerabilidade, tendo de enfrentar um ataque arruinador, sendo submetida a uma derrota rápida. Com a maré da batalha virando a favor dos muçulmanos, a elite franca montada reverteu seu avanço impetuoso. Mas então os guerreiros se viram cercados, pois o flanco direito de Nur al-Din parou de fingir que fugia, “para espanto geral”, e seu centro voltou pronto para atacar no corpo a corpo. Um cronista árabe escreveu como “o moral dos cristãos desabou e eles viram que estavam perdidos, abandonados no meio do caminho, cercados por muçulmanos por todos os lados”. Consternado, um contemporâneo latino reconheceu que: “subjugados e destroçados pelas espadas do inimigo, os francos foram vergonhosamente dizimados como oferendas perante o altar (...) a despeito da honra, todos baixaram as armas precipitadamente e imploraram ignominiosamente por suas vidas”. Thoros “fugiu do campo para salvar sua vida, ainda que pagando o preço da vergonha e do opróbrio”; Boemundo, Raimundo e Joscelino se renderam; “acorrentados como os mais inferiores escravos, foram conduzidos ignominiosamente para Alepo, onde foram aprisionados e se tornaram a diversão dos infiéis”.

A vitória de Nur al-Din foi absoluta, uma doce vingança por Bouqia. Ele espancou os francos sírios, em uma colheita sem precedentes de cativos de alto nível. Em questão de dias ele estava de volta a Harim, que, agora sem qualquer esperança de reforços, rendeu-se prontamente. A partir de então a cidade permaneceria em mãos muçulmanas, deixando o principado de Antioquia encolhido atrás de uma fronteira ao leste que havia sido definitivamente reconduzida ao rio Orontes. Assim como em 1149, após seu triunfo em Inab, Nur al-Din optou por não atacar a cidade de Antioquia em si. O cronista Ibn al-Athir explicaria posteriormente que o emir foi desencorajado pela força da cidadela e, o que é mais revelador, por sua relutância em provocar um contra-ataque do suserano de Antioquia, o Imperador Manuel – de acordo com o cronista, Nur al-Din teria dito: “acho preferível ter Boemundo como vizinho a ser vizinho do governante de Constantinopla”. Tendo isso em mente, Nur al-Din não demorou a autorizar a soltura do jovem príncipe de Antioquia em troca de um substancial resgate; no entanto, ele se recusou a conceder a liberdade a Raimundo de Trípoli e a Joscelino de Courtenay, bem como a seu outro príncipe prisioneiro, Reinaldo de Châtillon.²⁰

Em outubro de 1164, Nur al-Din voltou sua atenção para a fronteira ao sul com Jerusalém. Lá ficava a crucial cidade de Banyas, que estava vulnerável porque seu senhor, o condestável Hunfredo de Toron, estava no Egito com o rei de Jerusalém. O emir entrou com pesado armamento de cerco e começou uma investida, adotando uma combinação de bombardeio incessante e destruição de alicerces para, além de minar a fortaleza, abalar a força de vontade de sua pequena guarda. Também é possível que o comandante de Banya tenha sido corrupto. Dentro de poucos dias foi providenciada uma rendição em termos de salvo-conduto, e então Nur al-Din instalou suas próprias tropas, muito bem abastecidas. Assim como em Harim, a conquista de Banyas acabou sendo uma aquisição permanente para o Islã. O significado dessa reviravolta no equilíbrio de poder da região se refletiu nos termos punitivos que Nur al-Din impôs aos francos da Galileia – uma parte dos rendimentos de Tiberíades e o pagamento de um imposto anual. Três anos depois, o emir deu prosseguimento a esse sucesso destruindo a fortaleza latina em Chastel Neuf. Com isso, um novo corredor para a Palestina franca se abriu pela área de colinas íngremes conhecida como Marj Ayun, entre o vale Litani e o Alto Jordão. Não restava mais dúvida de que Nur al-Din era uma ameaça real para Ultramar.

O SONHO DE JERUSALÉM

As ações de Nur al-Din nos anos 1160 sugerem que ele havia adotado uma postura mais determinada e agressiva ao lidar com os francos, assumindo e promovendo uma jihad atuante contra eles. Desde que ocupara Damasco em 1154, ele vinha financiando um monumental programa de construção dentro da cidade, rejuvenescendo e reafirmando seu status como um dos grandes centros de poder e civilização do Oriente Próximo. O programa começou de modo quase imediato com a construção de um novo hospital, o Bimaristan – que logo se tornaria um dos centros de ciência e tratamento médico de maior destaque do mundo – e uma sofisticada casa de banho, Hammam Nur al-Din, que continua sem maiores alterações e ainda hoje pode ser visitada.

A partir do final da década de 1150, contudo, esses trabalhos públicos eram cada vez mais imbuídos de uma dimensão devocional inspirada por e/ou projetada para declarar o senso de religiosidade de Nur al-Din (que se aprofundava paulatinamente) e sua preocupação com a ortodoxia sunita. Em 1163, ele financiou a construção de uma nova Casa da Justiça, onde viria a receber seus súditos dois dias por semana para ouvir suas reclamações. Depois disso viria a construção do Dar al-hadith al-Nuriyya – um novo centro dedicado ao estudo da vida e tradições associadas a Maomé –, capitaneado por Ibn ‘Asakir, renomado erudito e amigo próximo, que o atendia pessoalmente.

Para promover Damasco como núcleo do Islã sunita, Nur al-Din construiu um novo subúrbio, a oeste da cidade, para abrigar peregrinos a caminho de Meca, e em 1159 ele fundou a cidade de al-Salahiyya, a pouco mais de um quilômetro e meio ao norte, para abrigar refugiados da Palestina. A corte damascena de Nur al-Din não tardou a convocar especialistas de todo o mundo muçulmano nas áreas de governança, lei e guerra. Entre eles estava o intelectual persa Imad al-Din al-Isfahani, que viria a escrever algumas das histórias árabes mais líricas e elucidativas dessa era. Educado em Bagdá, ele se juntou ao emir como katib (secretário/acadêmico) em 1167, e viria a descrever seu novo patrono como “o mais casto, piedoso, sagaz, puro e virtuoso dentre os reis”.

Durante esse período, Nur al-Din projetou uma imagem de si mesmo como

muçulmano devoto, revigorador da lei e da ortodoxia sunita. É revelador que o mais potente e portátil instrumento de propaganda disponível para si – as moedas por ele cunhadas – trouxessem a inscrição “O Rei Justo”. A partir do começo da década de 1160, entretanto, há indicações de que ele empregou maior ênfase no papel de jihad durante sua administração, proclamando suas virtudes de herói mujahid em inscrições que adornavam monumentos públicos. A posição proeminente de Jerusalém dentro do contexto da ideologia da jihad também começou a se cristalizar nesse período. Seu colega, o emir Ibn ‘Asakir, ajudou a revitalizar a tradição de escrever textos exaltando as virtudes da cidade sagrada e levando esses trabalhos para serem recitados em grandes reuniões em Damasco. Poetas da corte de Nur al-Din compuseram trabalhos amplamente divulgados que enfatizavam a necessidade não apenas de atacar os latinos, mas também reconquistar a terceira cidade islâmica. Um deles escreveu encorajando seu patrono a declarar guerra contra os francos, “até podermos ver Jesus fugindo de Jerusalém”. Ibn al-Qaysarani, que também havia servido a Zengui, anunciou o seu desejo de que “a cidade de Jerusalém seja purificada pelo derramamento de sangue”, proclamando que “Nur al-Din nunca esteve mais forte e o ferro de sua lança está apontando para Aqsa”. O próprio emir escreveu para o califa de Bagdá sobre seu desejo de “banir da mesquita de Al-Aqsa os adoradores da cruz”.

Outra prova atesta o papel central e paulatino de Jerusalém, tanto dentro da ideologia propagada por Nur al-Din como por suas próprias ambições mais profundas. Entre 1168 e 1169, ele encarregou o mestre carpinteiro al-Akharani de esculpir um minbar (púlpito de madeira) fabulosamente adornado que o emir pretendia colocar na mesquita de Aqsa assim que a cidade sagrada fosse retomada. Alguns anos mais tarde, o viajante muçulmano ibérico Ibn Jubayr observou a extraordinária beleza do púlpito quando passou pelo Levante, declarando que sua grandeza estava acima de todos os demais no mundo medieval. Não resta dúvida de que esse minbar foi projetado como uma declaração de intenções potente e pública, até por trazer em seus adornos uma descrição do emir como “o lutador da jihad em seu caminho, aquele que defende o povo da fronteira contra os inimigos de sua religião, o rei justo, Nur al-Din, o Pilar do Islã e dos muçulmanos, o distribuidor de Justiça”. Não obstante, em alguns aspectos, o minbar também deve ser visto como uma oferenda a Deus de caráter intensamente pessoal, quase humilde, pois nele também estavam escritas as seguintes palavras, simples e emotivas: “Que o Senhor conceda a vitória a Nur al-Din, e em suas mãos”. Assim que o púlpito ficou pronto, o emir o instalou na Grande Mesquita de Alepo, onde, de acordo com Imad al-Din, permaneceu “embrulhado como uma espada no coldre”, aguardando o dia da

vitória, quando Nur al-Din alcançaria o sonho da recuperação de Jerusalém.²¹

Como então devemos considerar Nur al-Din? Seriam seus ataques aos francos após a humilhação em Bouqia e sua disseminação da ideologia jihad provas de seu compromisso inequívoco para com a guerra santa? Será que as palavras do emir – registradas na Crônica de Damasco – deveriam ser interpretadas ao pé da letra? Dizem que ele teria declarado:

Não quero nada além de fazer o bem aos muçulmanos e guerrear contra os francos... [Se] nos ajudamos mutuamente a lutar a guerra santa, e as coisas forem arranjadas harmoniosamente e com um único olho para o bem, meu desejo e propósito terão sido alcançados plenamente.²²

Havia uma diferença marcante entre a abordagem de Nur al-Din, seu foco nos anos 1140 e suas atividades nos anos 1160. A comparação com os métodos e conquistas de seu pai, Zengui, é notável. No entanto permanecem alguns pontos de interrogação e ressalvas. Considerando-se o contexto e as complexidades da natureza humana, é errado alimentar qualquer expectativa de uma solução singular – seja Nur al-Din tendo se motivado por sua total dedicação à jihad ou por estar meramente servindo aos próprios interesses. Assim como os primeiros cruzados cristãos aparentemente se motivaram por uma mistura de religiosidade e cobiça, Nur al-Din pode muito bem ter reconhecido o valor político e militar de fazer uma campanha por uma causa religiosa, e ainda assim ser impelido por uma fé autêntica. Da mesma forma que os orgulhosos senhores de guerra turcos no mundo do Oriente Próximo e Médio eram sustentados pelas elites árabes e persas, a necessidade que os zênguidas tinham de legitimação social, religiosa e política certamente deve ter exercido pressão.

Ao longo do século XII se enraizou no Levante a concepção de renascimento da jihad islâmica, e esse processo se acelerou de modo quase exponencial durante a carreira de Nur al-Din. Em 1105, quando o pregador damasceno al-Sulami exaltou as virtudes da guerra santa, a repercussão foi baixíssima. No final da década de 1160, a atmosfera em Damasco e Alepo havia passado por uma transformação – Nur al-Din bem pôde ter cultivado e inspirado esse fervor; no mínimo, ele entendia que uma mensagem enfatizando a dimensão espiritual das

batalhas contra os inimigos do Islã sunita agora encontraria público receptivo.

9. A RIQUEZA DO EGITO

Durante a maior parte dos anos 1160, o conflito entre o Islã zênghida e os francos levantinos foi centrado no Egito, pois ambos os poderes tentavam ganhar controle sobre a região do Nilo. Em termos estratégicos, dominar o Egito permitiria que Nur al-Din efetivamente circundasse Ultramar – com o controle de Alepo e Damasco garantido, acrescentar o Cairo desestabilizaria a balança do poder no Oriente Próximo irrevogavelmente a seu favor. Já fazia muito tempo que a divisão entre a Síria sunita e o Egito xiita minava qualquer esperança de motivação conjunta para derrotar os latinos. Se houvesse maneira de superar essa rixa, o mundo islâmico estaria unido pela primeira vez desde o advento das cruzadas.

A fabulosa riqueza do Nilo era outra tentação. A grande cheia anual de agosto do grande rio trazia enorme fertilidade à terra árabe ao longo de suas margens por todo o Delta do Nilo. Em um ano bom, o Egito desfrutava de uma agricultura tão abundante que aumentava bastante o faturamento com impostos. A região também desfrutava de um comércio emergente entre o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo, pois a rota imprescindível por terra conectava o Egito de um lado a outro. Popular entre mercadores italianos e bizantinos, a região do Nilo se tornou um dos maiores centros comerciais do mundo.

EGITO MEDIEVAL

O Egito é frequentemente caracterizado como tendo sido território muçulmano na época das cruzadas, mas essa é uma simplificação que induz ao erro. A região foi conquistada no ano 641 da era cristã, durante a primeira onda da expansão islâmica, mas a elite árabe dominante estava vastamente concentrada em dois centros: a cidade portuária de Alexandria, fundada por Alexandre, o Grande, cerca de 1500 anos antes; e o novo assentamento de Fustat, estabelecido pelos árabes na cabeça do Delta do Nilo. Nos demais lugares, predominava a população cristã autóctone do Egito. Ao longo de séculos, os coptas foram arabizados no sentido cultural, como quando assimilaram o idioma árabe, mas sua aceitação da fé islâmica foi bem mais gradual. Até mesmo no século XII ainda existia uma espécie de subclasse rural cristã copta.

O Egito foi governado a partir de 969 pela dinastia fatímida xiita que rompeu com os governantes abássidas sunitas de Bagdá. Os fatímidas construíram uma força naval formidável, com a qual vieram a dominar a navegação no Mediterrâneo. Eles também construíram uma nova cidade capital ao norte de Fustat que acabou sendo chamada de Cairo (que significa “O Conquistador”), e estabeleceram um califa xiita rival (“sucessor” do profeta muçulmano Maomé), desafiando a autoridade universal do califa sunita em Bagdá. No século XII, a cidade do Cairo era o coração político do Egito. Nela, dois labirínticos e fabulosamente nababescos palácios de califa serviram de testemunha da riqueza sem limites – abrigando coleções de animais exóticos e hordas de eunucos da corte. A cidade também era lar da Mesquita al-Azhar, do século X, conhecida como centro de erudição e estudo teológico islâmico, enquanto no final de um canal que corria para o Nilo, na pequena ilha de Roda, ficava o Nilômetro, uma estrutura cuidadosamente calibrada para permitir que as cheias do grande rio fossem medidas com precisão e assim fosse possível prever a colheita.

O Cairo se tornou o trono do poder fatímida, mas a antiga Alexandria manteve seu status de ponto focal da economia egípcia na era das cruzadas. Esse porto, localizado na costa mediterrânea a oeste do Delta do Nilo e imbuído pela grande magnificência do seu farol, estava perfeitamente posicionado para explorar o comércio de produtos de luxo, como temperos e sedas que vinham da Ásia,

passando pelo Mar Vermelho até chegar à Europa. Um latino que vivia na Palestina à época observou que “Alexandria está sempre repleta de pessoas do leste e do oeste; é um mercado público para ambos os mundos”.

Na época das cruzadas, a habilidade dos califas fatímidas de exercer poder real sobre a região do Nilo havia diminuído e, em sua maior parte, o Egito era governado pelo administrador-chefe do califa, seu vizir. Após a morte do vizir al-Afdal em 1121, contudo, esse sistema político esmoreceu e o Cairo logo foi tomado pela intriga. Um ciclo tóxico de conspiração dissoluta somado a brutalidade e assassinatos desenfreados acabou deixando o Egito fatímida de joelhos. Como observou um cronista muçulmano, “o vizirado no Egito era o prêmio de qualquer um que fosse mais forte. Os califas eram deixados por detrás do véu e os vizires eram governadores de facto [...] era raro que alguém alcançasse algum cargo de poder a não ser lutando e matando e por meios semelhantes”. Assolado pela instabilidade política, a região do Nilo entrou em declínio, e deixaram que se degradasse a antes tão grandiosa frota fatímida. Nesse contexto de fraqueza endêmica, não era de admirar que os poderes dominantes da Síria e da Palestina comessem a considerar o Egito como alvo principal.²³

O NOVO CAMPO DE BATALHA

No começo dos anos 1160, o Egito estava mergulhando cada vez mais fundo no caos. Em 1163, o poder nominal estava nas mãos de um garoto de onze anos de idade, o califa al-Adid (1160-71), enquanto o vizirado era mantido pelo ex-governador do norte do Egito, Shawar. Ele chegou ao poder no começo de 1163, mas oito meses depois foi deposto por seu camareiro árabe, Dirgham. Shawar conseguiu escapar com vida para Síria e, como tantos dos usurpadores antes dele, Dirgham “executou muitos dos emires egípcios para exterminar das terras qualquer rival”. Após décadas de lutas internas, o país havia agora praticamente exterminado sua elite dominante. Com esse Estado enfraquecido, o Egito estava desesperadamente vulnerável ao predatismo dos vizinhos cristãos e muçulmanos.

Fazia alguns anos que o reino de Jerusalém vinha demonstrando um interesse crescente na região. A conquista de Ascalão em 1153 abriu a estrada no litoral para o sul da Palestina – conhecida como a Via Maris – e em 1160 o rei Balduíno III ameaçou invadir, contudo suspendeu os planos com a promessa do pagamento de um tributo anual de 160 mil dinares de ouro. Então, mediante sua morte prematura em 1163, o rei (que não tinha filhos) foi sucedido por seu irmão mais novo, Amalrico. O grande historiador latino de Ultramar, Guilherme de Tiro, que ganhou destaque com o apoio desse novo rei, escreveu um perfil sobre o novo monarca de uma franqueza intrigante. Amalrico, que estava com 27 anos de idade, foi descrito como “um homem de prudência e discrição”, que não tinha o charme e a eloquência de seu antecessor, em parte porque sofria de uma leve gagueira. Fisicamente, tinha “peso considerável”, “olhos reluzentes”, “barba bem farta” e cabelo louro com leves entradas. Guilherme elogiou seu porte “régio”, mas reconheceu que, a despeito de seu consumo extremamente moderado de comida e vinho, o rei “era gordo demais, com seios iguais aos das mulheres, e alcançando a cintura”.²⁴

Um dos primeiros objetivos de Amalrico como monarca foi reafirmar o domínio de Jerusalém sobre o Egito, com um cerco – ainda que frustrado – à cidade de Bilbais, que fica às margens de um dos afluentes do Nilo. Apesar de os latinos terem sido forçados a recuar, ao longo dos anos seguintes o rei franco dedicaria

boa parte de sua energia e de seus recursos na disputa pelo poder no Egito.

As campanhas egípcias de Shirkuh ibn Shadi

A atenção de Nur al-Din também estava se voltando para o sul. Mais para o fim de 1163, Shawar, o vizir deposto, chegou a Damasco com a esperança de garantir apoio político e militar para um contragolpe. Alguns historiadores às vezes elogiam a decisão de Nur al-Din de apoiá-lo como sendo visionária, alegando que ele aceitou prontamente a oportunidade de fazer uma nova guerra a distância contra os latinos em solo egípcio, isso enquanto ele sonhava com o momento em que o governo de Aleppo, Damasco e Cairo fosse um só, cercando, portanto, a Palestina franca.

De fato, no começo Nur al-Din foi reticente. Ciente de que um prolongado envolvimento no norte da África consumiria recursos enquanto estaria lutando para consolidar seu poder sobre a Síria, duvidava da confiabilidade de Shawar enquanto aliado (apesar de Shawar ter prometido recompensar Nur al-Din com um terço dos rendimentos do Egito com grãos). Mas, após alguns meses, o emir foi persuadido a agir. A escolha de Nur al-Din foi tomada em parte por imperativos estratégicos, pois, se deixados sem resistência, os francos hierosolimitanos podiam ganhar um inexpugnável ponto de apoio na região do Nilo, com consequências desastrosas para o equilíbrio geral do poder no Levante. Entretanto, ele também estava correspondendo às ambições de seu tenente curdo de longa data, Shirkuh, uma espécie de veterano deformado, que se juntou a Zengui na década de 1130 e depois permaneceu fiel a Nur al-Din. Até mesmo um latino contemporâneo reconheceu que, apesar de cego de um dos olhos por causa de uma catarata, “de baixa estatura, muito robusto, gordo e de idade já avançada”, Shirkuh era temido e respeitado como um “guerreiro capaz e enérgico, com fome de glória e ampla experiência em questões militares”. Esse astuto veterano já havia ascendido a uma posição de poder dentro do círculo interno de Nur al-Din, mas no Egito ele viu maiores oportunidades de desenvolvimento. Cronistas muçulmanos o descreviam como tendo “grande avidez” de liderar as forças norte da África adentro, e ele desempenhou um papel decisivo para reanimar e formatar o envolvimento zênghida na região durante os anos seguintes.²⁵

Em abril de 1164, Nur al-Din confiou a Shirkuh o comando de uma força bem

equipada e de porte considerável, instruindo-o a “reconduzir Shawar ao poder”. No início, a campanha rapidamente invadiu o Egito, tentando tomar o controle da cidade de Fustat, ao sul do Cairo. Ao final de maio, Dirgham estava morto, atingido por uma flecha perdida de um de seus próprios homens durante uma batalha, e o califa restabeleceu Shawar ao cargo de vizir. Mas após esse sucesso inicial, as relações entre os aliados se deterioraram. Shawar tentou subornar Shirkuh a deixar o Egito com a promessa de 30 mil dinares de ouro, mas o comandante curdo não aceitou.

O vizir recém-empossado agora demonstrava justamente o tipo de fidelidade elástica que Nur al-Din havia temido, convidando Amalrico de Jerusalém para acudir o Egito com a promessa de generosas recompensas financeiras. O rei franco aquiesceu de boa vontade, marchando para se juntar a Shawar em meados do verão de 1164 e cercou Shirkuh, que havia se refugiado em Bilbais. A cidade estava parcamente fortificada, tinha muros baixos e não tinha fosso, no entanto Shirkuh organizou uma defesa disciplinada e durante três meses se deu o cerco. Até que em outubro, Amalrico recebeu notícias das vitórias de Nur al-Din em Harim e Banyas, e correu para negociar a interrupção das hostilidades no Egito, de modo que tanto latinos quanto sírios tiveram permissão para retornar para suas próprias terras em paz, e Shawar ficou com o controle do Cairo.

Dizem que, nos anos seguintes, Shirkuh “continuou falando sobre o projeto de invadir (o Egito)”. Em 1167, o senhor de guerra curdo já havia reunido uma força invasora para derrotar Shawar. Shirkuh estava agora agindo de modo cada vez mais independente e, apesar de Nur al-Din ter enviado vários senhores de guerra para acompanhá-lo, o emir aparentemente “não gostou do plano” de atacar o Egito. Também se juntou à campanha um astro em ascensão na corte damascena, o sobrinho de 29 anos de Shirkuh, Yusuf ibn Ayyub. Conhecido como um dos parceiros de polo favoritos de Nur al-Din, Yusuf pode ter lutado na Batalha de Harim em 1164 e foi, no ano seguinte, nomeado shihna de Damasco (o equivalente a um chefe de polícia), e foi nesse posto que ele adquiriu a reputação de firme cumpridor da lei e, talvez sem tanta certeza, por extorquir dinheiro de prostitutas.

Em janeiro de 1167, Shirkuh conduziu suas forças armadas pela Península do Sinai. Essa ameaça instigou Shawar a fazer da Palestina mais um apelo por ajuda, prometendo, em seu extremo desespero, pagar aos francos a impressionante soma de 400 mil dinares de ouro. Amalrico marchou devidamente para o Egito em fevereiro, e assim o norte da África mais uma vez

se tornou um campo de batalha alternativo em uma luta mais ampla entre a Síria muçulmana e o Ultramar. Os dois lados se chocaram em uma batalha inconclusiva naquele mês de maio em al-Babayn, no deserto bem ao sul do Cairo, e Yusuf mais tarde provou sua competência como comandante militar durante um cerco extenuante a Alexandria, mas nem os francos e nem os sírios conseguiram conquistar uma vitória definitiva.

Exatamente como havia ocorrido em 1164, Shirkuh se arrastou de volta para a Síria com poucos resultados de seus esforços a mostrar. Shawar se manteve no poder, e os eventos recentes só haviam servido para aumentar a influência dos francos na região, pois Amalrico concordou com o novo pacto com o vizir que garantia um tributo anual de 100 mil dinares, e a nomeação de um prefeito latino, bem como a formação de uma guarda latina dentro do próprio Cairo. O Egito era agora um estado-cliente do reino de Jerusalém. Mas longe de punir Shirkuh por seu fracasso, Nur al-Din o recompensou com o comando de Homs e concedeu a Yusuf ibn Ayyub terras dos arredores de Alepo. Pelo menos por enquanto, o senhor de Damasco estava evidentemente disposto a redirecionar as energias desses dois comandantes curdos em direção a questões relacionadas à Síria, mantendo-os por perto para monitorar qualquer tendência à independência.

Essa situação podia muito bem ter perdurado, para a suprema frustração das ambições egípcias de Shirkuh, se não fosse a excessiva autoconfiança de Amalrico. Fazia alguns anos que o rei vinha tentando forjar laços mais próximos com Bizâncio, em parte para garantir a participação da Grécia em uma invasão conjunta ao norte da África, e os primeiros frutos dessa diplomacia vieram no final de agosto de 1167, quando ele se casou com Maria Comnena, sobrinha do Imperador Manuel.

Planos detalhados para uma expedição conjunta foram discutidos, e Guilherme de Tiro foi enviado como representante especial a Constantinopla para finalizar os termos. Quando ele retornou no outono de 1168, contudo, Amalrico já havia agido. O rei havia apostado que poderia prevalecer sem ajuda dos gregos e, assim, prevenir qualquer necessidade de dividir as riquezas do Egito com Manuel. Descontente com o status de cliente do Egito, Amalrico tentou conquistar o Nilo. Contando com o apoio declarado dos hospitalários, ele lançou uma invasão de surpresa no final de outubro, marchando de Ascalão para atacar Bilbais. A cidade caiu poucos dias depois, em 4 de novembro, e os francos começaram um saque sangrento e transitório, poupando poucos dentre a população e pilhando o quanto queriam.

Na sequência dessa vitória de abertura, contudo, a ofensiva latina se revelou. Amalrico talvez tenha tido a esperança de que um ataque súbito e brutal fosse destroçar a resistência egípcia, mas na verdade sua traição da trégua com Cairo e o choque causado pela ferocidade desenfreada dos francos em Bilbais endureceu a oposição muçulmana ao longo da região do rio Nilo. Para piorar a situação, o rei agora havia diminuído o passo da invasão, talvez acreditando que o vizir Shawar fosse se render prontamente, e Amalrico se deixou bloquear para ofertas de negociação e promessas de novos tributos. Na verdade, toda a estratégia do rei no final de 1168 tinha sido baseada em um terrível erro de cálculo. Acreditando que os eventos de 1167 haviam levado a uma divisão entre Cairo e Damasco, ele pensou que Shawar estaria desprovido de aliados e, portanto, vulnerável, mas havia subestimado a agilidade diplomática do vizir e a ambição zênghida.

O retorno ao Nilo

Quando os francos atacaram o Egito, Shawar enviou uma enxurrada de mensagens a Nur al-Din, implorando por assistência e, não obstante seu receio de antes acerca do envolvimento em questões do norte da África, o emir agora reagia com deliberação célere e certa. No começo de dezembro de 1168, uma força armada expedicionária síria plena – incluindo sete mil soldados a cavalo e mais centenas de homens de infantaria – se reuniu no sul de Damasco. Shirkuh recebeu comando geral, um orçamento de guerra de 200 mil dinares e patrocínio total do tesouro para equipar seu exército. Mas, para restringir a capacidade curda de ações independentes em benefício próprio, Nur al-Din também tratou de mandar alguns senhores de guerra de confiança, incluindo o turco Aun al-Daulah. Independentemente de sua ligação familiar, parece que Nur al-Din também confiava consideravelmente no sobrinho de Shirkuh, Yusuf ibn Ayyub, que, ao que tudo indica, só retornou ao Nilo após muita persuasão, assombrado que estava por memórias sombrias do cerco a Alexandria.

Quando Amalrico ficou sabendo que Shirkuh estava marchando pelo Sinai liderando “uma quantidade incalculável de homens”, o rei latino ficou horrorizado. Apressando-se para reunir suas forças armadas em Bilbais, Amalrico marchou para o leste deserto adentro no final de dezembro, na esperança de interceptar os sírios antes que eles juntassem forças com Shawar. No entanto, chegou tarde demais. Observadores relataram na época que Shirkuh já havia atravessado o Nilo, e Amalrico, pensando que agora se encontrava em assombrosa desvantagem numérica, tomou a difícil e humilhante decisão de se retirar à Palestina de mãos vazias.²⁶

O Egito, pelo menos, estava aberto para Shirkuh, e ele não precisou perder muito tempo afirmando sua posição vantajosa. Nos primeiros dias de janeiro de 1169, Shawar fez desesperadas tentativas de negociar os termos, mas sua base de apoio político e militar era vacilante. Sua política de aliança com os francos – que havia incluído a profundamente impopular, até mesmo escandalosa, concessão de abertura do Cairo para soldados latinos – estava arruinada. Shirkuh representava a Síria sunita, tradicional inimiga dos fatímidas xiitas, mas para muitos na capital egípcia ele era mesmo assim preferível aos cristãos de

Jerusalém, e em 10 de janeiro o califa al-Adid parece ter informado em privado seu apoio ao curdo. Em uma manhã nebulosa oito dias depois, um confiante Shawar saiu a cavalo para continuar as conversas no acampamento de Shirkuh e foi atacado; teve o cavalo tomado por Yusuf ibn Ayyub e por outro sírio, Jurdik. Dentro de poucas horas, o vizir havia sido executado, e sua cabeça, colocada perante o califa. Contudo, ainda agora, o sucesso da Síria não estava garantido. Quando estava viajando pelo Cairo para ser nomeado primeiro-ministro de al-Adid, Shirkuh foi confrontado por uma multidão furiosa. Preso entre as ruas estreitas da Cidade Velha, dizem que ele “teve medo de morrer”, mas em um momento de pensamento rápido e sagaz, ele redirecionou o grupo ensandecido para que saqueassem a mansão do falecido Shawar, conseguindo assim alcançar o palácio do califa em segurança.

Em tese, a elevação de Shirkuh ao cargo de vizir fatímida confirmava o poder zênghida na região do Nilo, anunciando uma nova era de unidade muçulmana na qual Alepo, Damasco e Cairo juntariam forças para lutar a jihad contra os francos. Fontes muçulmanas contemporâneas indicavam que, pelo menos em público, Nur al-Din celebrou as conquistas de Shirkuh, ordenando que sua “conquista do Egito” fosse proclamada através da Síria, apesar de o emir se preocupar com a futura lealdade de seu tenente. Na verdade, as verdadeiras intenções de Shirkuh nunca foram externadas, pois quase dois meses depois ele morreu de uma infecção aguda supurante na garganta após se fartar de carnes duvidosas.

Registros de detalhes sobre a emergência do sucessor de Shirkuh – tanto enquanto comandante da expedição síria como enquanto vizir – são confusos e contraditórios. Shirkuh havia deixado seu sobrinho curdo, Yusuf ibn Ayyub, veterano de al-Babayn e Alexandria, que devia contar com o apoio da maioria da entourage militar pessoal do tio (ou askar), composta de quinhentos mamelucos (escravos soldados). Mas havia outros requerentes, talvez mais evidentemente poderosos, incluindo o turco pró-zênghida Ayn al-Daulah, e um dos tenentes de Shirkuh, o talentoso guerreiro curdo al-Mashtub. Depois de um dia de debate e intriga, foi Yusuf quem saiu vitorioso. Demonstrando um dom notável para as sutilezas da política da corte, o sobrinho de Shirkuh manipulava os demais candidatos sírios uns contra os outros, usando de sugestão e insinuações, emergindo assim como o candidato do acordo. Seu porta-voz e advogado durante todo esse processo foi Isa, um eloquente jurista e imã curdo. Apenas Ayn al-Daulah permanecia implacável, retornando a Damasco com a promessa de que jamais serviria a um pretensioso como ele. Ao mesmo tempo, Yusuf mostrou

ao califa e a seu círculo interno de conselheiros egípcios uma face diferente – e que os levou a acreditar que, como primeiro-ministro, ele se mostraria maleável e ineficaz, um forasteiro que, mais tarde, devia ser prontamente deposto para dar vez a um renascimento fatímida. No final de março de 1169, seu comando das tropas sírias e nomeação como vizir de al-Adid foram devidamente confirmados.²⁷

Qualquer que fossem as expectativas do califa do Egito, Yusuf ibn Ayyub logo revelou suas verdadeiras qualidades, quebrando uma tentativa de golpe e suprimindo brutalmente uma revolta militar com apenas poucos meses no cargo. De fato, nos anos seguintes, ficou claro que suas ambições iam bem além das do seu tio, Shirkuh. Capaz, por sua vez, de extrema inclemência e magnanimidade baseada em princípios, dotado de acuidade política e militar, as conquistas de Yusuf eclipsariam mais ainda as de seu suserano Nur al-Din, oportunamente conquistando para ele a grande denominação pela qual é mais amplamente conhecido na história: Salah al-Din, “o deus da fé”, ou, no modo ocidental, Saladino.

SALADINO, SENHOR DO EGITO (1169-74)

Apesar do impacto sísmico que ele teria na história e na guerra pela Terra Santa, nenhuma descrição física de Saladino sobreviveu. Em 1169, poucos imaginariam que esse guerreiro curdo de 31 anos de idade estabeleceria os aiúbidas (cujo nome vem de Ayyub, pai de Saladino) como novo poder em ascensão dentro do Islã. Alguns cronistas medievais e muitos historiadores modernos sugeriram que a relação de Saladino com seu suserano sírio Nur al-Din azedou tão logo o primeiro assumiu o cargo de vizir egípcio, que as sombras de conflito iminente entre Cairo e Damasco ficaram imediatamente aparentes. Na realidade, apesar de um nível limitado de fricção durante um período de ajuste inicial, há provas de sobra indicando cooperação contínua e poucas indicações de atitude inicial por parte de Saladino em afirmar independência. O equilíbrio de poder e o entrosamento entre os dois potentados – campões das dinastias zênghida e aiúbida – se transformaria, com o tempo, em uma questão importantíssima, mas em 1169 Saladino tinha preocupações mais urgentes.²⁸

Desafios

Após suceder o tio como vizir do califa fatímida al-Adid, as perspectivas de sobrevivência de Saladino eram poucas. Durante os quinze anos anteriores o vizirado havia mudado de mãos nada menos do que oito vezes; partidarismo amargurado, perfídia, traição e assassinato eram características difundidas e arraigadas da política do Cairo. Saladino chegou a esse ambiente volátil e letal como um forasteiro isolado – um curdo sunita em um mundo xiita –, contando com forças armadas e recursos financeiros limitados. É improvável que muitos tenham esperado que ele saísse ganhando.

Na primavera de 1169, o primeiro instinto de Saladino foi reunir prontamente ao seu redor um núcleo interno de apoiadores leais e capazes. Ao longo de sua carreira, ele parece ter depositado grande confiança na fidelidade do sangue; sozinho por completo no Egito, recorreu à família, pedindo a Nur al-Din que permitisse que membros da linhagem aiúbida trocassem a Síria pelo Nilo. Em questão de meses, Saladino foi acompanhado por seu irmão mais velho, Turan-Shah, e o sobrinho Taqi al-Din. Mais tarde outros se juntaram a eles, inclusive o pai de Saladino, al-Adil. Como vizir, Saladino confiou posições chave de poder no Egito aos parentes, mas também conquistou muitos dos askares do falecido tio Shirkuh, que era conhecido como Assadiyya – um jogo com seu nome inteiro, Asad al-Din Shirkuh ibn-Shadi.

Entre eles se encontrava o companheiro curdo al-Mashtub, que havia se candidatado ao vizirado; o mameluco contundente e direto Abu'l Haija, o Gordo, que viria a ficar tão obeso que tinha dificuldade de ficar em pé; e o astuto, mas demasiadamente brutal Qaragush, eunuco caucasiano. Nos anos seguintes, esses homens provariam estar entre os tenentes mais fiéis de Saladino. Ele também começou a formar seu próprio askar, o Salahiyya. Saladino chegou até a encontrar alguns aliados dentro da própria fracionada corte fatímida. Al-Fadil, escriba, poeta e administrador, nativo de Ascalão, que havia sido empregado por vários vizires, agora passava a servi-lo como seu secretário e confidente pessoal mais próximo. Al-Fadil era um ávido correspondente, e cópias de suas cartas hoje em dia servem como uma coleção vital de provas históricas.

A poucos meses de assumir o vizirado, Saladino necessitou do apoio desses aliados de confiança ao se deparar com uma série de ataques no cargo que ocupava. Ele também revelou uma capacidade de operação política sujeita a nuances ao lidar com essas ameaças – e isso se tornou uma marca típica de sua carreira. Quando necessário, Saladino agia com determinação indômita, mas também era capaz de se valer de cuidado e diplomacia. No começo do verão de 1169, Mutamin, o eunuco líder no palácio do califa, lutou para engendrar um golpe contra Saladino, abrindo canais de negociação com o reino de Jerusalém na esperança de provocar mais uma invasão franca no Egito para derrubar os aiúbidas. Um enviado secreto foi mandado ao Cairo, disfarçado de pedinte, mas ao passar perto de Bilbais um turco sírio observou que ele estava usando sandálias novas, cuja boa qualidade não combinava com sua aparência esfarrapada. Levantadas as suspeitas, o agente foi preso e as cartas aos francos foram descobertas, costuradas dentro dos seus calçados, revelando o plano. Saladino restringiu a independência da corte fatímida, executou o eunuco Mutamin em agosto e o substituiu por Qaragush, que a partir de então presidiu todos os assuntos palacianos.²⁹

A severa intervenção de Saladino suscitou um surto de agitação entre a guarda militar do Cairo. A cidade estava lotada com cerca de 50 mil soldados negros do Sudão, cuja lealdade ao califa os tornava inimigos perigosos da autoridade aiúbida. As tropas se revoltaram por dois dias pelas ruas, marchando em direção à posição de Saladino no palácio do vizir. Abu'l Haija, o Gordo, foi enviado para conter o avanço da tropa, mas Saladino sabia que ele não tinha a força humana necessária para prevalecer em combate aberto, e logo adotou táticas menos diretas. A maioria dos sudaneses vivia com suas famílias no quarteirão al-Mansura do Cairo. Saladino ordenou que toda a área fosse incendiada, de acordo com o contemporâneo muçulmano, “para queimar as posses, os filhos e as mulheres dos soldados rebeldes”. Com o moral despedaçado por essa atrocidade inominável, ou sudaneses concordaram em fazer uma trégua, que supostamente garantia passagem segura para fora da cidade em direção ao sul. Partindo em grupos menores e desorganizados, eles sofreram ataques traiçoeiros de Turan-Shah e foram, assim, praticamente aniquilados.

Saladino continuou a usar de retaliação a sangue-frio quando achava que a situação assim exigia, mas com frequência adotava métodos mais sutis e pacíficos de lidar com seus oponentes. Uma vez empossado como vizir fatímida, Saladino se deparou com a constante pressão que vinha tanto do califa de Bagdá quanto de Nur al-Din em Damasco, no sentido de depor o califa xiita do Egito,

que aos olhos da ortodoxia sunita não passava de um herege. Mas Saladino resistiu, e não fez nenhum movimento descuidado para derrubar al-Adid, pelo contrário, cultivou uma aliança à época benéfica com o jovem governante – uma aliança que talvez tenha sido sombreada por algum nível de real amizade. A posição de Saladino na região do Nilo era precária demais para arriscar uma revolução dinástica direta. Para perdurar como vizir, ele reconheceu que, para começo de conversa, precisava da medida da estabilidade e, mais importante ainda, da abundante vantagem financeira que acompanhava o apoio do califa.

Essa política mostrou o seu valor no final do verão de 1169. Ainda ressentindo com a humilhação de sua retirada do Egito no inverno anterior, o rei Amalrico de Jerusalém escolheu esse momento para desencadear outro ataque, desta vez tendo como alvo o porto de Damietta, nos recônditos ao leste do Delta do Nilo, com a ajuda de uma monumental frota bizantina. Esse ataque representou uma grande ameaça a Saladino, que se mostrou mais capaz de encarar o desafio do que o esperado. Ele criou e equipou uma enorme força armada, financiada por uma colossal soma de um milhão de dinares de ouro do tesouro de al-Adid. Em vez de comandar a ajuda a Damietta em pessoa, deixando o Cairo como presa fácil de uma revolta, Saladino teve a sabedoria de convocar seu sobrinho, Taqi al-Din, enquanto permanecia na capital. Quando sua força armada se juntou com as tropas sírias enviadas por Nur al-Din, Amalrico viu que estava em desvantagem numérica e, incapaz de coordenar adequadamente as operações militares latinas e gregas, sua ofensiva desabou. Essa vitória muçulmana efetivamente encerrou a disputa pelo controle do Egito, travada contra os latinos durante a década de 1160. Os francos continuaram a sonhar com a conquista do Nilo, mas por enquanto essa região permanecia nas garras do Islã e de Saladino.³⁰

Após suportar os desafios iniciais de seu primeiro ano como vizir, Saladino – repetindo a abordagem de Nur al-Din ao exercício do poder – iniciou programas de rejuvenescimento religioso e civil. As fortificações de Alexandria foram reforçadas, enquanto no Cairo e no subúrbio de Fustat, ao sul, novos centros da lei islâmica sunita foram erguidos. Saladino depois aboliu a taxa não corânica do comércio no Egito (apesar de ele ter aumentado outras formas de imposto para compensar a queda na entrada de dinheiro). Em novembro de 1170, ele aparentemente também tomou o manto de mujahid, liderando sua primeira invasão à Palestina franca. Comandando um exército de tamanho considerável, Saladino atacou a pequena fortaleza latina de Darun, bem ao sul de Gaza, entrando em conflito com a mal ajambrada força de ajuda do rei Amalrico antes

de marchar para a costa do Mar Vermelho para ocupar o porto de Aqaba. Apesar de os ataques terem sido evidentemente voltados para os cristãos durante essa campanha, o objetivo primário de Saladino pode ter sido fortalecer a rota por terra entre a região do Nilo e Damasco, e provavelmente seria errado considerar esta empreitada como o primeiro florescer de sua dedicação à guerra santa.

TENENTE OU COMANDANTE

À medida que o controle de Saladino se solidificava no Egito, sua continuada falta de independência ganhou foco mais incisivo. Ele era um senhor de guerra sunita, seu poder e seus recursos estavam crescendo, no entanto ele ainda era apenas o segundo na linha de comando do califa xiita, e estava preso por laços de subserviência a Nur al-Din. A cautela fez bem a Saladino até este ponto, mas no final do verão de 1171, com seu poder sobre o Cairo garantido, ele estava pronto para expulsar os fatímidas. Entretanto, ele ainda se movia com notável restrição, renunciando largamente às aberrações tradicionais da política egípcia – golpes de estado sangrentos e assassinatos em massa. Tal abordagem era, em parte, possível devido à saúde fraca do jovem califa al-Adid. Por volta do final de agosto ele contraiu uma doença severa e, apesar de mal ter chegado aos vinte anos de idade, logo estava às portas da morte.³¹

Na sexta-feira de 10 de dezembro de 1171, Saladino deu seu primeiro passo cauteloso em direção à autonomia. Durante séculos, o nome do califa xiita ecoara pelas mesquitas egípcias durante a prece de sexta-feira, recitado em reconhecimento e honra de sua autoridade fatímida. Nesse dia, em Fustat, entretanto, o nome de al-Adid foi substituído pelo do califa abássida sunita de Bagdá. Saladino estava sentindo o clima, aferindo se viria a seguir uma rebelião aberta antes de mostrar sua mão no próprio Cairo, mas não houve nenhuma rebelião. No dia seguinte, ele comandou uma imponente parada militar na capital; toda a pujança de seus exércitos ocupou as ruas em marcha, levando seu secretário al-Fadil a registrar que “nenhum rei do Islã jamais possuiu uma força armada como essa”. Para seus súditos egípcios, embaixadores gregos e latinos que por acaso estavam visitando o Cairo nesse momento, a mensagem foi inequívoca: Saladino agora era o senhor do Egito. Notícias desses eventos alcançaram al-Adid em seu leito de morte e ele implorou a Saladino, ainda nominalmente seu vizir, que fosse à cabeceira de sua cama, na esperança de poupar seus familiares. Temendo um plano contra si, Saladino se recusou a ir – apesar de, segundo relatos, ele mais tarde ter se arrependido dessa dura decisão –, e o califa faleceu em 13 de setembro. Saladino acompanhou seu corpo no enterro de modo espetaculoso e não tomou nenhuma medida para eliminar seus

filhos. Ao contrário, foram abrigados e cuidados dentro do palácio do califa, mas foram proibidos de ter filhos para que assim sua linhagem morresse ali. A despeito dessa natureza casuística, as consequências dessa revolução foram dramáticas. Os dias dos fatímidas estavam chegando ao fim, o cisma religioso e político que havia dividido o Egito do resto dos muçulmanos do Oriente Próximo desde o século X retrocedeu, deixando Saladino colocar-se como o grande defensor da ortodoxia sunita.

Considerando-se a reputação quase legendária do califa de ter uma saúde fabulosa, um dos benefícios imediatos da morte de al-Adid para Saladino deve ter sido uma grande entrada de dinheiro vivo. Mas ao ocupar o palácio fatímida, Saladino encontrou um estoque surpreendentemente modesto de dinheiro. Boa parte das reservas havia sido utilizada para custear os exorbitantes tributos do falecido vizir Shawar a Jerusalém e Damasco, além da própria defesa que Saladino fez de Damietta em 1169. Os tesouros que ele de fato encontrou – uma “montanha” de rubis, uma enorme esmeralda e uma coleção de pérolas gigantes – foram rapidamente leiloados.

A abolição do califado fatímida por Saladino e a sujeição do Egito em 1171 foram, pelo menos em tese, não apenas vitórias pessoais, mas também um triunfo para seu suserano, Nur al-Din, cujo reino podia agora se dizer que abarcava do Egito à Síria e além. Certamente, os dois homens receberam esplêndidas vestes cerimoniais de vitória do califa de Bagdá naquele outono. Mas por detrás da fachada de unidade e ascendência sunita, sinais de tensão entre o senhor e seu tenente ainda mais poderoso estavam ficando aparentes. Com a unificação de Aleppo, Damasco e Cairo, e o resultante cerco do reino franco de Jerusalém, Nur al-Din devia ter esperado tirar vantagem da riqueza e dos recursos do Nilo, bem como apoio militar de Saladino, para lançar uma ofensiva máxima contra a Palestina. A partir do outono de 1171, entretanto, como novo senhor do Egito, Saladino começou a agir como o governante soberano em seu próprio direito. Desde os dias das aventuras de Shirkuh no norte da África, o envolvimento aiúbida na região sempre fora ornado por interesse próprio e, em última instância, a conquista do Egito tinha dependido sobretudo das próprias qualidades de Saladino: sua visão política e militar precisa, sua paciência, astúcia e impiedade. Agora ele podia alegar ser um igual e aliado de Nur al-Din, não seu vassalo.

O que impedia o conflito aberto era, em parte, o fato de Nur al-Din estar mais preocupado com outras partes de seu reino. A Síria e a Palestina foram mais uma

vez atingidas por uma série de terremotos que causaram muitos danos no começo dos anos 1170, forçando desvios de recursos em extensos programas de reconstrução. No Iraque, a morte do irmão e, em seguida, a perda do califa abássida impeliram Nur al-Din a mais uma vez se envolver em questões da Mesopotâmia, enquanto em Jazira e Anatólia havia novas oportunidades de expansão territorial lhe chamando a atenção. Então, em 1172, uma disputa com os francos por causa dos direitos comerciais ao longo da costa síria provocou uma série de ataques surpresa contra Antioquia e o condado de Trípoli.

Apesar dessas distrações, Nur al-Din procurou, de fato, o apoio de Saladino em um crucial teatro de conflito, a área de deserto controlada pelos latinos a leste do rio Jordão conhecida como Transjordânia. Essa região era certamente um prêmio valioso: anexada no começo do século XII para a construção de castelos francos em Montreal e Kerak, ela deu aos latinos um controle pelo menos parcial sobre a rota principal de Damasco para Meca ou para Medina, as cidades sagradas da península arábica. Saladino havia sido acusado por cronistas medievais e alguns acadêmicos modernos de deixar de cooperar plenamente em duas tentativas de conquistar essa zona de fronteira no começo dos anos 1170. Essa “perfídia” supostamente revelou que Saladino era mais motivado por ambição pessoal do que pelo desejo de promover interesses islâmicos mais amplos. Mas será que ele realmente deu as costas a Nur al-Din, destruindo uma oportunidade de triunfar na guerra pela Terra Santa?

No final de setembro de 1171, logo depois da abolição do califado fatímida, Saladino marchou Transjordânia adentro com a aparente intenção de lançar uma operação conjunta com Nur al-Din. Como este partiu de Damasco para o sul, Saladino fez um cerco a Montreal, mas após um curto período ele subitamente decidiu se retirar para o Egito, e os dois exércitos muçulmanos nunca se encontraram. O historiador de Mossul Ibn al-Athir, que apoiava a dinastia zênghida de Nur al-Din, viu nesses eventos um momento definitivo de divisão entre Saladino e seu suserano, deixando claro que havia uma “profunda diferença de energia entre eles”. Ele continuou afirmando que, após chegar a Montreal, Saladino foi avisado por seus conselheiros sobre a real estratégia e as consequências políticas da conquista da Transjordânia. Aconselhado de que a abertura de uma rota segura de Damasco ao Egito levaria à conquista por Nur al-Din da região do Nilo, e advertido de que, “se Nur al-Din vier lhe procurar aqui, você terá de encontrá-lo e então ele exercerá sua autoridade sobre você como desejar”, Saladino fugiu.

O problema com o relato de Ibn al-Athir é que ele é baseado na concepção de Saladino como um comandante ingênuo, desprovido de antevisão. Ainda assim, à luz de seus notáveis sucessos no Egito, Saladino não era inocente, e sim um operador astuto e dotado de visão de longo alcance. Ele certamente teria reconhecido antecipadamente maiores ramificações do empreendimento da Transjordânia, muito antes de concretamente chegar a Montreal em si. Chega a ser frustrante que as outras fontes sobreviventes lancem pouca luz a mais sobre esses eventos. De acordo com o relato, Saladino se eximiu argumentando que a rebelião estava fermentando no Egito, enquanto o outro contemporâneo árabe simplesmente observou que “alguma coisa aconteceu” para causar essa precipitada volta ao Cairo.

Ibn al-Athir seguiu acusando Saladino de abandonar uma segunda empreitada conjunta antes que Nur al-Din pudesse chegar, desta vez contra Kerak, no começo do verão de 1173. Se por um lado Saladino certamente cercou aquela fortaleza naquele momento, por outro ele estava provavelmente agindo independentemente de Damasco, pois Nur al-Din estava ocupado com assuntos do norte da Síria e não estava em posição de liderar tropas para invadir a Transjordânia.³²

No final das contas, as provas contra Saladino referentes ao período entre 1171 e 1173 são inconclusivas. Não se pode afirmar categoricamente que ele tenha traído Nur al-Din, nem tampouco foi o único culpado pelo fracasso na jihad. Pelo menos em público, Saladino afirmou sua incessante subserviência à dinastia zênghida após o fim do governo fatímida em 1171 – Nur al-Din foi incluído na prece de sexta-feira e moedas egípcias foram forjadas com seu nome ao lado do nome do califa abássida.

Na realidade, qualquer hostilidade que estivesse se formando entre Damasco e Cairo no começo dos anos 1170 provavelmente não tinha relação primária com a questão da ação militar unificada, mas na verdade era questão de dinheiro vivo. Acima de tudo, Nur al-Din queria ter acesso às riquezas do Egito e começou a exigir um tributo anual da região com essa finalidade. Além disso, ele enviou um oficial de Damasco para levar a cabo uma auditoria completa de todo o rendimento do Egito no final de 1173. Como a investigação financeira seguiu rapidamente no Egito durante os primeiros meses de 1174, a tensão foi aumentando. Tanto Nur al-Din quanto Saladino mobilizaram tropas, apesar de não haver certeza se isso foi uma preparação para um confronto direto ou mais uma tentativa de colaboração. O mais provável é que os dois homens estivessem

fazendo uma demonstração de força como prelúdio de questões diplomáticas intensas, cientes de que isso iria crescer até explodir em conflito aberto. A discórdia sem dúvida estava no ar, pois o próprio Saladino viria a admitir a seu biógrafo: “ouvimos dizer que talvez Nur al-Din nos ataque no Egito. Vários de nossos camaradas aconselharam a resistir abertamente a ele, sua autoridade deve ser rejeitada e sua força armada deve ser encarada em batalha para ser repelida se esse movimento hostil se transformar em realidade”. Ao que parece ele teria acrescentado, de modo um tanto inconvincente, que “apenas eu discordei deles, enfatizando que não era certo dizer nada do tipo”.³³

O destino interveio para prevenir o que potencialmente teria sido uma imensamente prejudicial guerra civil sunita. Enquanto esperava o relato de seu auditor sobre o Cairo, Nur al-Din caiu doente na primavera de 1174. Enquanto jogava polo em Damasco, no dia 6 de maio ele sofreu alguma forma de surto e, quando retornou à cidadela, estava nitidamente mal. Sofrendo do que aparentemente seria uma angina, de início ele foi teimoso e se recusou a chamar imediatamente o médico da corte, al-Rahbi. E quando ele chegou, Nur al-Din estava encolhido em uma pequena sala de preces, bem nas profundezas da cidadela, “perto da morte (...) sua voz mal dava para se ouvir”. Quando foi sugerido que lhe fizessem sangramentos, Nur al-Din recusou asperamente, dizendo que “não se sangra um homem de sessenta anos de idade”, e quando esse grande governante dizia alguma coisa, ninguém discutia.

Em 15 de maio de 1174, Nur al-Din morreu, e seu corpo depois foi sepultado em uma das escolas religiosas que ele havia construído em Damasco. Mesmo entre os francos, seus inimigos, ele era reverenciado como um “poderoso perseguidor do nome e da fé cristã (...) um príncipe justo e corajoso”. Ele foi o primeiro líder muçulmano desde o advento das cruzadas a unir Alepo e Damasco. Sua visão e seu veloz senso de devoção instauraram uma nova era de rejuvenescimento religioso dentro do mundo sunita, ressuscitando a ideia da jihad contra os inimigos do Islã como sendo uma causa emblemática e imperativa. Ainda assim, por ocasião de sua morte, os francos permaneciam não conquistados e a cidade santificada de Jerusalém continuava nas mãos da cristandade.³⁴

10. HERDEIRO OU USURPADOR?

A morte de Nur al-Din em março de 1174 pareceu a oportunidade perfeita para Saladino ofuscar a soberania da Síria zênghida, permitindo que um tenente se tornasse líder, garantisse seu direito de governar de modo pleno e independente e tomasse para si o manto de campeão da guerra santa do Islã contra os francos. É muito simplista imaginar a história do Islã do Oriente Próximo no século XII como uma era de progressão linear na qual uma onda crescente de ressurgimento da jihad escalou sob o comando de Zengui, Nur al-Din e, finalmente, Saladino – com a tocha da liderança sendo passada suavemente, e quase e inevitavelmente, de um “herói” muçulmano para outro. Essa foi certamente a impressão fomentada e energicamente promovida por alguns islâmicos da época.

UM HERÓI PARA O ISLÃ

Saladino assumiu esse último objetivo com singular dedicação e vigor. A questão fundamental – semelhante à que foi feita a Nur al-Din – era o porquê. Será que Saladino procurava poder, forjando um império islâmico panlevantino despótico para satisfazer sua ambição pessoal e egoísta? Ou teria sido ele compelido por uma causa maior, buscando a unificação muçulmana como um meio para atingir uma finalidade – o necessário precursor para ter sucesso na jihad contra os francos cristãos? Alguma tentativa de entender os motivos e a mentalidade de Saladino tinha de ser feita, até por sua profunda importância enquanto figura histórica, particularmente na cultura islâmica. No mundo moderno, Saladino passou a ser considerado como supremo campeão muçulmano da era das cruzadas, um talismã extraordinariamente poderoso do passado islâmico, e considerado por muitos um herói a ser reverenciado. A tarefa de despojar as camadas da lenda, da propaganda e da parcialidade para explorar a realidade de sua carreira é, portanto, particularmente sensível e exige cuidado escrupuloso e assíduo.

Em termos relativos, as fontes contemporâneas da vida de Saladino são fartas, mas também problemáticas. Uma série de testemunhas muçulmanas escreveu sobre suas conquistas admiráveis, incluindo dois de seus principais apoiadores – seu secretário Imad al-Din al-Isfahani (em 1174) e seu conselheiro Baha al-Din Ibn Shaddad (em 1188) –, mas ambos apresentavam biografias pasteurizadas de seu mestre após o evento. Seus trabalhos se baseiam na premissa de que Saladino foi impulsionado por sincera devoção religiosa para servir o Islã e lutar contra os francos. De acordo com Baha al-Din, a convicção espiritual de Saladino se aprofundou depois que ele assumiu o poder sobre o Egito em 1169, renunciando “ao vinho e dando as costas à frivolidade”, e a partir daí ele supostamente passou a ser tomado por religiosa “paixão, constância e zelo”. Seu compromisso para com a guerra santa era tido como absoluto:

Saladino era muito diligente e entusiasta em se tratando da jihad. Se alguém jurasse que ele não havia gastado uma só moeda em nada que não fosse a jihad

ou seu sustento, não estaria faltando com a verdade. A jihad tomou seu coração e todo seu ser com seu amor e sua paixão por ela, tanto que ele não falava e não pensava em nada a não ser em como realizá-la.

Essa descrição altamente favorável é balanceada, até certo ponto, por outra prova. O cronista iraquiano Ibn al-Athir, apoiador da dinastia rival zênghida, ofereceu um ponto de vista mais imparcial sobre Saladino. Também sobreviveram cópias manuscritas de correspondências públicas e privadas escritas para Saladino por seu escriba e confidente al-Fadil. Esse crucial (ainda que relativamente pouco explorado) corpo de provas oferece percepções inestimáveis sobre o pensamento de Saladino e seu uso desenfreado de propaganda, bem como seu interesse na criação de uma imagem.³⁵

Também é imperativo contextualizar qualquer julgamento sobre o caráter e a carreira de Saladino. Enquanto governante medieval, ele operava dentro de um ambiente político violento e venenoso – para sobreviver e avançar seria praticamente impossível para ele sempre agir com pura nobreza, honra, justiça e clemência. Na verdade, poucos dos grandes governantes da história, seja qual for a época em que viveram, podem reivindicar essas qualidades – se é que houve algum que possa.

É de fato evidente que Saladino não era simplesmente um tirano sanguinário. Ao tentar usurpar o poder dos herdeiros de Nur al-Din, ele podia ter seguido o exemplo dado por Zengui, usando de medo e brutalidade para acumular e manter poder. Em vez disso, Saladino optou por investir em políticas que imitavam bastante as de seu antigo suserano – de fato, nesse sentido pelo menos, era possível dizer que era ele o verdadeiro sucessor de Nur al-Din. A tarefa de Saladino em 1174 foi essencialmente recriar as conquistas dos zênghidas, mas em reverso, subjugando Damasco, Alepo e Mossul. Para cumprir essa tarefa, ele empregou uma fusão de poderio militar e manipulação política. E, ao longo do processo, ele deu grande importância a conceitos de legitimidade e justa causa. Essa necessidade de validação foi ampliada pela origem social e étnica de Saladino. O que tinha sido verdade para os turcos zênghidas o era duplamente para os aiúbidas enquanto senhores de guerra mercenários curdos – seria muito fácil caracterizá-los como forasteiros arrivistas em um Oriente Próximo e Médio historicamente dominado pelas elites governantes árabes e persas.

Por toda a década de 1170 e daí por diante, Saladino procurou legitimar sua ascensão ao poder e proeminência enfatizando seus papéis como defensor do Islã e da ortodoxia sunita. Como suposto servo do califa abássida de Bagdá, ele também usou a ideia da jihad para justificar a necessidade de unidade islâmica obedecendo a um só governante. Assim como o papa Urbano II se valera do poder de um inimigo muçulmano temido e ameaçador para unir o Oeste Europeu na Primeira Cruzada, da mesma forma Saladino não hesitou em apresentar os francos levantinos como adversários ameaçadores e inimitáveis.

Ao mesmo tempo, era evidente que ele aspirava aumentar seu próprio poder e criar uma dinastia duradoura. Nos anos 1170, ele começou a posar de “sultão” (rei ou governante), um título que reflete autoridade autônoma. Ele também estava ocupado criando uma nova geração de potenciais herdeiros. Poucos detalhes sobreviveram sobre as numerosas esposas e escravas que lhes deram filhos, mas em 1174, aos 36 anos de idade, ele já tinha cinco filhos, o mais velho deles, al-Afdal, nascido em 1170.

A REBOQUE DE NUR AL-DIN

A partir do verão de 1174, Saladino não era mais o único a explorar o vácuo de poder que ficou no Oriente Próximo com a morte de Nur al-Din. Membros da corte do falecido emir e parentes distantes – da dinastia zênghida – procuraram garantir ou a própria independência, ou o direito de agir efetivamente como sucessores. Em questão de meses, o reino zênghida, tão pacientemente construído ao longo de 28 anos, despedaçou-se quase a ponto de ficar irreconhecível, o que levou uma desconcertante gama de protagonistas ao palco.

A leste da Mesopotâmia, dois sobrinhos de Nur al-Din estavam no poder – Saif al-Din, em Mossul e, na cidade próxima de Sinjar, Imad al-Din Zengui. Ambos agora competiam pelo controle do território oeste rumo ao Eufrates. Na Síria, o jovem filho de Nur al-Din, al-Salih, tornou-se um peão político enquanto várias facções alegavam ser “protetora” dele. O garoto acabou misteriosamente dispensado para Alepo, onde o eunuco Gumushtegin emergira através de sanguinolenta intriga como força dominante. Enquanto isso, em Damasco, um grupo de emires, liderado pelo comandante militar Ibn al-Muqaddam, queria obter poder. Não foi surpresa que os latinos também vissem uma chance de ação naquele verão. O objetivo básico do rei Amalrico era a reconquista de Banya, o assentamento de fronteira perdido para Damasco uma década antes. Amalrico fez um cerco à cidade que durou semanas, mas problemas de saúde o impediram de fazer pressão para conseguir alguma vantagem, e assim ele concordou com uma trégua com Ibn al-Muqaddam em troca de um pagamento em dinheiro e a libertação de alguns cativos cristãos.

Essa enxurrada urgente de atividade tomou conta da Síria, mas no Egito Saladino esperou o momento certo: no meio do verão, uma frota siciliana atacou Alexandria, enquanto no Alto Egito emires fatímidas sobreviventes tentavam incitar uma rebelião. Essas ameaças foram prontamente repelidas, mas Saladino ainda abordava a questão da sucessão do reino de Nur al-Din com grande cautela. Plenamente ciente da necessidade de rebater acusações de usurpação despótica, Saladino abandonou as armas de invasão e supressão violenta, optando desta vez por empregar uma diplomacia maliciosa em um cenário de resoluta propaganda. Um de seus primeiros atos foi escrever para al-Salih

declarando sua lealdade, afirmando que o nome do jovem governante havia devidamente substituído o de Nur al-Din durante a prece de sexta-feira no Egito, e que Saladino estava pronto e disposto, como “servo”, a defender al-Salih de seus rivais. Em outra carta, proclamou que lutaria “como uma espada contra os inimigos de al-Salih”, avisando que a Síria estava cercada por inimigos “em todos os lados”, como os francos, que tinham de ser combatidos.

Esses dois documentos revelam que, em questão de semanas após a morte de Nur al-Din, Saladino estava divulgando a agenda oficial sob a qual ele viria a operar por boa parte dos anos 1170. Nesse período, ele tentou, com quase infalível tenacidade, aumentar sua autoridade pessoal sobre o que restava do destroçado reino de Nur al-Din. Mas essa sôfrega busca pelo poder era sempre imobilizada debaixo da declaração pública de princípios geminados: enquanto estava como guardião oficial de al-Salih, Saladino trabalhava incansavelmente, sem pensar em recompensa para si mesmo, com o intuito de preservar a autoridade zênghuida; esse ímpeto em direção à unidade islâmica foi de suma importância precisamente porque o mundo muçulmano estava engajado em uma batalha histórica contra um inimigo cristão implacável que ainda continuava com a posse da cidade sagrada de Jerusalém.³⁶

É claro que muitos dos oponentes contemporâneos ao sultão estavam perfeitamente cientes de que Saladino na verdade queria mesmo construir seu próprio império, ainda que acima dos interesses da jihad, e estavam sempre dispostos a divulgar seus medos e acusações. Sob essas circunstâncias, Saladino contou com a política do medo para fortalecer seu programa de dissimulação. Se as coisas ocorressem de modo pacífico na Síria, o sultão não teria desculpa para intervir – de modo um tanto irônico, em 1174 Saladino esperava então que seus rivais agissem contra os interesses de al-Salih e que os francos partissem para a ofensiva.

A ocupação de Damasco

Concedida sua base de operação no Egito, o primeiro objetivo de Saladino na busca por reconsolidar os domínios de Nur al-Din a seu próprio governo tinha de ser Damasco. Aproveitando a decisão de Ibn al-Muqaddam de comprar a paz com o rei de Jerusalém em Banyas, o sultão agora levantava acusações de fraqueza contra a corte damascena, citando seu fracasso em praticar a guerra santa como provável causa para intervir nas questões sírias. O ex-secretário de Nur al-Din, o escriba e acadêmico persa Imad al-Din al-Isfahani, registrou a troca de correspondência que se seguiu. Ibn al-Muqaddam repreendeu Saladino, escrevendo “que não seja dito que você tem projetos envolvendo a casa daquele que o estabeleceu, pois isso não combina com um bom caráter”. O sultão respondeu com uma afirmação enérgica de suas intenções:

Escolhemos para o Islã e seu povo apenas aquilo que os una, e para a casa zênghida apenas o que preserva sua raiz e seus galhos (...) Eu estou em um vale, e aqueles que pensam mal de mim estão em outro (...) Se fôssemos inclinados para qualquer outro caminho, não teríamos escolhido o caminho da consulta e da escrita.

Foi essa mensagem que Saladino quis que fosse divulgada por toda a Síria. No entanto, por mais provocantes que suas palavras fossem, era improvável que elas tivessem efeito político por si mesmas. O mais provável é que tenha sido por medo de uma possível aliança entre Mossul e Alepo que, no final do verão, Ibn al-Muqaddam resolveu ficar do lado de Saladino, convidando-o para vir em socorro de Damasco. Esta era precisamente a oportunidade que o sultão vinha esperando. Saladino deixou o irmão al-Adil governando o Egito e marchou para a Síria em outubro de 1174 equipado com dois armamentos: uma força armada para derrotar qualquer bolsão de resistência e, talvez mais importante ainda, dezenas de milhares de dinares de ouro para comprar apoio. Sua entrada na antiga cidade em 28 de outubro acabou sendo um evento pacífico.

Um dos biógrafos contemporâneos de Saladino descreveu o dia, tomando o cuidado de enfatizar a conexão pessoal do sultão com Damasco, lar de sua juventude, escrevendo que “ele foi direto para sua casa e as pessoas o cercaram em regozijo”. Sua extravagante generosidade foi enfatizada: “Naquele mesmo dia ele distribuiu grandes somas de dinheiro para o povo e se mostrou contente e encantado com os damascenos, e vice-versa. Ele subiu até a cidadela e seu poder foi firmemente estabelecido”. Para enfatizar a qualidade ortodoxa e a magnanimidade de seu governo, Saladino foi rezar na Grande Mesquita de Umayyad, ordenou revogação imediata de impostos não oriundos do Alcorão e proibiu a pilhagem. Mais tarde ele viria a justificar sua ocupação da cidade como um passo na estrada para retomar Jerusalém, argumentando que “fugir da guerra santa é um crime sem desculpa”. Mas muitos continuavam achando que as alegações de Saladino não eram convincentes – Jurdik, seu aliado no Egito, por exemplo, ficou do lado de Alepo; até mesmo os francos que viviam na Palestina estavam cientes da incipiente luta por poder, e um contemporâneo latino observou que a ocupação de Saladino em Damasco infringia “a lealdade que ele devia a seu senhor e mestre (al-Salih)”.³⁷

Não obstante, nos meses finais de 1174, uma série de potentados muçulmanos da Síria decidiu apoiar Saladino – considerando que seria essa sua melhor chance de sobrevivência –, e o sultão foi capaz de aumentar sua autoridade ao Norte em uma série de campanhas no geral sem derramamento de sangue, tomando o controle de Homs, Hama e Balbeque (onde Ibn al-Muqaddam foi devidamente recompensado por seu apoio com a nomeação para um cargo de comando). Mais uma vez, Saladino tomou muito cuidado para justificar essas conquistas. Após tomar Homs, ele escreveu em uma mensagem pública para o Egito que “nossa ação não foi feita para tomar o reino para nós mesmos, mas sim com o objetivo de estabelecer o padrão da guerra santa”. Seus oponentes na Síria, de acordo com ele, haviam “se tornado inimigos ao impedir a conquista de nosso propósito no que diz respeito a essa guerra”. Ele também enfatizou que havia tomado cuidado para não danificar a cidade de Homs em si, “sabendo o quão perto estava dos infiéis”. Entretanto, em uma carta mais pessoal, escrita por volta da mesma época para seu sobrinho Farrukh-Shah (um tenente em rápida ascensão), parece oferecer uma visão menos dourada dos eventos. Aqui Saladino criticava duramente as “mentes medíocres” da população de Homs e reconheceu que cultivar sua reputação de adepto da justiça e da clemência foi “a chave para as terras”. Ele chegou até a fazer piada sobre seus prospectos futuros. Agora seu objetivo primordial era Alepo, cujo nome em árabe (Halab) também significa “leite”. Saladino previu a queda iminente da cidade, escrevendo que “basta

fazermos a ordenha e Aleppo será nossa”.³⁸

O assédio a Aleppo

No começo de 1175, Saladino sem dúvida estava em posição de ameaçar Aleppo, mas apesar de sua ousada previsão, a cidade se mostrou um obstáculo difícil, protelando a imposição de sua autoridade sobre a Síria nos anos seguintes.

Aleppo e sua formidável cidadela, bem como sua guarda forte, faziam com que qualquer tentativa de ataque de cerco requeresse paciência e vastos recursos militares. Mas mesmo se não tivesse sucesso, essa abordagem direta provavelmente levaria a um conflito sanguinolento e prolongado, o tipo de conquista que não combinava muito com a imagem preferida de Saladino – a de humilde guardião do islamismo. O sultão deve ter esperado que seus oponentes dessem motivos para atacar a cidade, abusando de al-Salih ou mesmo assassinando-o, mas Gumushtegin era astuto demais para tomar uma atitude tão obviamente despropositada. O jovem herdeiro zênghida, a semente da legitimidade, era mais valioso vivo como governante fantoche dentro de Aleppo. De fato, Gumushtegin chegou até a persuadir o rapaz a fazer um discurso emotivo e lacrimoso para a população da cidade, rogando por sua proteção contra a tirania de Saladino.

Para agravar os problemas de Saladino, os governantes de Aleppo e Mossul deixaram de lado suas diferenças e se uniram contra a onda ameaçadora do controle aiúbida. Por mais de um ano e meio, Saladino permaneceu na Síria, lutando em uma série de cercos limitados e vastamente inconclusos a Aleppo e seus assentamentos-satélites. Em abril de 1175, e novamente um ano depois, em abril de 1176, ele se deparou com as forças armadas de Aleppo e Mossul em inflamada batalha, e venceu de modo convincente ambas as ocasiões. Esses dois confrontos inflamaram a reputação nascente do sultão de líder geral do Islã, enquanto provava a marcante superioridade de suas forças armadas egípcias e damascenas, cada vez mais experientes. Mas em termos práticos, elas se mostraram não decisivas. Convencido de que o domínio duradouro da Síria não poderia ser conquistado se manchado com sangue muçulmano, Saladino lutou para limitar o nível do real combate intermuçulmano que se dava, contando com a disciplina da tropa mais do que com a ferocidade marcial para prevalecer, e reduzindo qualquer empreitada de seus inimigos, que estavam fugindo do campo

de guerra. Seus oponentes puderam então lamber as feridas e se reagrupar.

No verão de 1176, a combinação de agressão militar temperada e propaganda incessante havia, pelo jeito, se esgotado. Gumushtegin permaneceu no controle de Aleppo, ao lado de al-Salih, enquanto Saif al-Din continuou a governar Mossul, mas esses aliados foram forçados, pouco a pouco, a concordar com algumas concessões. O direito de Saladino de governar o território sírio que ele dominava ao sul de Aleppo foi reconhecido em maio de 1175, e sua posição, formalizada subsequentemente por um diploma de investidura do califa emitido em Bagdá. Quando a paz foi selada em julho de 1166, Saladino reconheceu que ele não podia mais alegar ser o único guardião legal de al-Salih (apesar de o sultão continuar se apresentando como servo zênguida), mas a essa altura Aleppo havia concordado, ainda que em termos vagos, em contribuir com tropas para guerra santa.

Ao longo desse período, Saladino tentara, com algum sucesso, prejudicar as reputações de Gumushtegin e Saif al-Din ao repetidamente acusá-los de negociar com os latinos. Saladino escreveu com frequência para o califa reclamando que eles haviam forjado pactos ameaçadores com os cristãos selados pela troca de prisioneiros. Isso reverberou sua condenação à trégua submissa com Jerusalém de Ibn al-Muqaddam, em 1174. O sultão estava tentando apresentar suas campanhas sírias como uma batalha apaixonada e ideológica para unir o Islã contra o sinistro inimigo franco. De fato, isso era pura retórica ofensiva, pois o próprio Saladino havia aceitado duas tréguas com os latinos nesse período.³⁹

O Velho da Montanha

As tentativas de Saladino de subjugar a Síria na metade da década de 1170 foram dificultadas por emaranhamentos com os Assassinos. Nessa época, a ala síria desta ordem secreta se encontrava firmemente resguardada nas Montanhas Ansariyah e florescia sob a liderança de um iraquiano formidável, Rashid al-Din Sinan, popularmente conhecido como o Velho da Montanha. Comandando a ordem por quase três décadas no final do século XII, a reputação de Sinan de “homem de inteligência sutil e brilhante” ganhara ampla divulgação tanto entre muçulmanos quanto entre cristãos. Guilherme de Tiro acreditava que Sinan comandava a lealdade e a obediência absolutas de seus seguidores, observando que “não há nada que eles considerem duro ou difícil demais, e estão sempre prontos para aceitar as tarefas mais perigosas sob seu comando”.⁴⁰

Os Assassinos eram uma força incrustada, independente e vastamente imprevisível nos assuntos do Oriente Próximo, e sua principal arma – o assassinato político – continuava a provar sua eficácia. O ímpeto de Saladino em dominar a Síria, e mais especificamente suas campanhas contra Alepo, o colocaram na órbita dos Assassinos. No começo de 1175, Sinan decidiu fazer de Saladino seu alvo, provavelmente, pelo menos em parte, estimulado pelo governante de Alepo, Gumushtegin. Com o sultão parado em frente a Alepo, um grupo de trinta Assassinos brandindo facas conseguiu penetrar o coração do seu acampamento e fazer um ataque. Os guarda-costas de Saladino vieram acudir, derrubando um dos agressores justo quando ele ia atacar o próprio sultão. Apesar de o ataque ter sido frustrado, houve baixas entre os Salahdiyya. Pouco depois, Saladino escreveu alertando seu sobrinho Farrukh-Shah para ficar de olhos abertos o tempo inteiro, e não demorou muito para se tornar prática padrão colocar as tendas do próprio sultão dentro de um cercado fortificado e muito bem guardado, isolado do resto do acampamento.

A despeito dessas precauções, os Assassinos conseguiram atacar novamente em maio de 1176. Enquanto Saladino estava visitando a tenda de um de seus emires, quatro homens o atacaram, e desta vez chegaram perigosamente perto de completar sua missão homicida. Na primeira súbita agitação, o sultão foi atingido e apenas sua armadura o salvou de um ferimento severo. Mais uma vez

seus homens partiram para cima dos matadores, executando-os até restar apenas um deles, mas Saladino ficou ensanguentado por causa de um corte na bochecha e estava muito abalado. A partir daí, qualquer membro da comitiva que ele não conhecesse pessoalmente era dispensado.

Em agosto de 1176, Saladino decidiu lidar com essa ameaça problemática. Ele fez um cerco ao principal castelo Assassino de Masyaf, mas após menos de uma semana, desistiu da empreitada e se retirou para Hama. O motivo da partida do sultão e os detalhes de qualquer acordo negociado com Sinan permanecem um mistério. Uma série de relatos de muçulmanos repete a história de que, sob ameaça de uma incessante campanha dos Assassinos para matar membros da família aiúbida, Saladino aceitou o pacto de não agressão mútua com o Velho. Um cronista de Alepo ofereceu uma explicação ainda mais arrepiante, descrevendo como o sultão foi visitado pelo enviado de Sinan. Após ser revistado, o mensageiro foi recebido em audiência com Saladino, mas insistiu em falar com ele a sós. O sultão acabou aceitando dispensar dois de seus mais habilidosos e confiáveis guarda-costas – homens que ele considerava como “seus próprios filhos”.

O enviado então se voltou para os dois guardas e disse: “se eu lhes ordenasse que, em nome do meu mestre, matassem esse sultão, vocês o fariam?”. E eles responderam que sim, e puxaram suas espadas dizendo: “ordene o que quiser”. Saladino ficou atônito, e o mensageiro partiu levando os dois homens. E a partir de então ele se inclinou a ficar em paz com (Sinan).⁴¹

É possível duvidar da autenticidade dessa história – se os Assassinos tivessem mesmo agentes tão próximos de Saladino, sem dúvida teriam conseguido matá-lo em 1175 ou 1176 –, mas a mensagem implícita da história era válida. Era impossível se proteger permanentemente dos Assassinos. De todo modo, Saladino e Sinan evidentemente chegaram a algum tipo de acordo em 1176, pois o sultão nunca mais atacou o enclave montanhoso da ordem e não sofreu mais nenhuma tentativa de assassinato.

O SONHO AIÚBIDA DE SALADINO

No final do verão de 1176, Saladino acabou com quase dois anos de campanha contra Alepo. Com a trégua em vigor consagrando sua posse de Damasco e da maior parte da Síria, ele perpetuou de boa vontade a ficção de subserviência a al-Salih. Em todos os domínios de Saladino, o nome do jovem governante continuava a aparecer em moedas e a ser recitado na prece de sexta-feira. Porém o sultão de fato procurou conferir legitimidade a sua autoridade ao se casar com Ismat, viúva de Nur al-Din, filha de Unur, governante falecido tempo antes. Tratava-se antes de qualquer coisa de uma união política, pois desposá-la permitia que Saladino se conectasse às duas dinastias governantes históricas, mas tudo indica que tenha surgido uma verdadeira amizade, quem sabe até amor, entre o casal. Nessa época o sultão havia tomado outras medidas para se apropriar do aparelho governamental zênguida.

Em setembro de 1176, Saladino voltou ao Egito. Esse deslocamento ofereceu-lhe certo alívio dos perigos e confrontos dos meses recentes – ele parou em Alexandria com al-Afdal, seu filho de seis anos, durante três dias, em março de 1177, para ouvir as narrativas da vida do Profeta Maomé –, mas isto também refletia uma nova realidade na vida do sultão. Comandando um reino que se estendia do Nilo ao Orontes, na Síria, ele agora encarava todas as dificuldades práticas de governar um reino geograficamente tão extenso para a Idade Média. Uma questão prioritária era a comunicação. Ao encarar o mesmo problema, Nur al-Din havia suplementado sua rede de correios e mensageiros a cavalo com o uso intensificado de pombos-correio, e agora Saladino seguiu seu exemplo. Ele também manteve espiões e batedores na Síria e na Palestina em seu serviço de inteligência. Mesmo assim, não importava como fossem transportadas, as mensagens sempre estavam sujeitas a uma possível interceptação inimiga, e o sultão, por vezes, recorria à escrita em código. Uma verdade importante para a vida desta época, tanto para muçulmanos quanto para cristãos, era que, mesmo entre os grupos aliados, a transferência de informação era altamente imprecisa, enquanto o conhecimento das intenções e dos movimentos do inimigo amiúde se baseava na pura adivinhação. A ignorância, o erro e a desinformação serviam para moldar a tomada de decisões e, nos anos que se seguiram, Saladino sempre

lutou para manter o conhecimento dos fatos em todo o mundo muçulmano, bem como para obter uma compreensão, ainda que parcial, dos planos e ações dos franceses. Nessa situação, os papéis de al-Fadil e Imad al Din como correspondentes, comunicadores e propagandistas eram de suprema importância.

A união entre o Cairo e Damasco sob o poderio aiúbida também forçou Saladino a adotar o uso de lugares-tenentes para governar em sua ausência. Ao longo de toda sua carreira, o sultão voltou-se primeiro para suas relações de sangue para preencher esses postos e, por vezes, esse sistema de confiar em sua família funcionou bem. No outono de 1176, ao voltar, ele verificou que seu irmão al-Adil e seu sobrinho Farrukh-Shah tinham governado o Egito com atenta prudência. Na Síria, entretanto, suas disposições demonstraram ser menos satisfatórias. Deixado como governante de Damasco, o irmão mais velho de Saladino, Turan-Shah, demonstrou ser incompetente. Dado à excessiva liberalidade financeira – deixando uma infame dívida pessoal de cerca de 200 mil dinares de ouro ao morrer –, ele também apreciava as distrações mais dissolutas. Com a Síria castigada por uma prolongada seca no fim da década de 1170, ficou cada vez mais claro que Turan-Shah teria de ser substituído. Em 1178, Saladino admitiu, com desespero, que “podemos passar por cima de pequenas falhas e manter silêncio quanto às questões menores, mas quando toda a terra é devastada... isso abala os pilares do Islã”.

O sultão obteve maiores sucessos em suas tentativas de equilibrar o uso de recursos físicos e financeiros nas terras que agora comandava. Em 1177, priorizou a região do Nilo, fortalecendo as defesas de Alexandria e Damietta e iniciando a construção de uma poderosa muralha para cercar o Cairo e o subúrbio sul de Fustat. Também tomou a custosa (embora sábia) decisão de reconstruir a outrora famosa frota egípcia. Materiais de construção de navios e marinheiros foram trazidos da Líbia, mas a busca de Saladino pelo melhor tipo de madeira levou-o a estabelecer laços comerciais com Pisa e Gênova. Esse foi apenas um exemplo do crescente comércio internacional de material e tecnologia militar (além de armas) entre o Islã aiúbida e o Ocidente, que prosseguiu mesmo quando a guerra santa se intensificou. O investimento do sultão teve notáveis consequências estratégicas, pois em poucos anos ele passou a controlar uma marinha de sessenta galeras e vinte navios de transporte. Há muito desprovido de qualquer poder efetivo sobre o transporte marítimo no Mediterrâneo, o Oriente Próximo islâmico pôde, mais uma vez, controlar esse mar.⁴²

O REI LEPROSO

No momento em que Saladino estava consolidando seu poder sobre o Egito e Damasco, um novo rei latino de Jerusalém estava preparando sua estratégia. Em 1174, o rei Amalrico havia escapado do cerco de Banyas queixando-se de uma doença. Na verdade, ele havia contraído um caso extremo de disenteria e, em julho, com a idade de 38 anos, o soberano estava morto. Ele foi sucedido por seu filho, Balduíno IV, um jovem monarca cujo reinado seria obscurecido pela tragédia e uma profunda crise. A condição de Balduíno no momento de sua precipitada elevação ao trono era peculiar. Em 1163, Amalrico havia concordado, por insistência da Alta Corte, com renunciar à sua esposa, Inês de Courtenay (filha do conde Joscelino II, de Edessa), antes de assumir a coroa de Jerusalém. As justificativas oficiais para a anulação de seu casamento eram consanguíneas – eles eram primos em terceiro grau –, mas a verdadeira causa pode ter sido a suspeita de que Inês buscava promover os interesses do clã Courtenay, agora bastante desprovido de terras na Palestina, à custa dos proprietários aristocratas. Amalrico e Inês já tinham tido dois filhos, Balduíno e Sibila, e foi acordado que a legitimidade deles seria respeitada, embora Amalrico logo tornasse a se casar com a princesa bizantina Maria Comnena.

A infância e a minoridade de Balduíno IV

Com apenas dois anos de idade em 1163, Balduíno cresceu num ambiente familiar desagregado. Sua mãe também tornou a se casar quase imediatamente e, como se ausentasse bastante da corte, pouco ou nada representou para a criação de Balduíno, enquanto sua madrasta Maria conservava uma distância fria com relação a ele, mais preocupada com ampliar os interesses de seus próprios filhos com Amalrico. Até a irmã mais velha, a princesa Sibila, era efetivamente uma estranha para o jovem príncipe, sendo educada em meio às reclusas paredes do convento de sua tia Iveta, em Betânia.

No final, um dos companheiros mais próximos de infância de Balduíno foi o clérigo e historiador da corte Guilherme de Tiro. Nomeado tutor do jovem príncipe por volta de 1170, Guilherme foi incumbido de “treinar (o herdeiro designado) na formação do caráter, bem como instruí-lo no conhecimento das letras” e numa série de estudos acadêmicos. A história de Guilherme do Oriente latino oferece um relato comovente e íntimo do caráter de Balduíno como menino. Tendo uma marcada semelhança física com o pai, repetindo-lhe até o modo de andar e seu tom de voz, o príncipe foi descrito como “uma bela criança para sua idade”, de pensamento ágil, com uma memória excelente e amando estudar e cavalgar. Contudo, Guilherme também escreveu, com total honestidade, sobre um momento de terrível revelação na vida de Balduíno.

Um dia, quando ele estava com nove anos de idade e morando na casa de Guilherme, o príncipe brincava com um grupo de meninos de origem nobre. Eles estavam competindo num teste popular de resistência, “beliscando-se e cravando as unhas nos braços e nas mãos, como fazem as crianças muitas vezes” para ver quem chorava de dor. Apesar de seus esforços, ninguém foi capaz de fazer com que Balduíno revelasse o menor sinal de desconforto. A princípio, presumiu-se que isso fosse apenas um sinal de sua real persistência, mas Guilherme escreveu:

Depois de isto acontecer várias vezes e vierem me contar... eu comecei a lhe fazer perguntas (e) percebi que metade de seu braço e de sua mão estava morta,

de modo que ele não sentia nenhum beliscão ou mesmo mordida. Comecei a ficar com a mente angustiada... contei a seu pai, e depois de os médicos terem sido consultados, foram feitas cuidadosas tentativas de ajudá-lo, com cataplasmas, unguentos e até feitiços, mas foi tudo em vão. Então, com o passar do tempo, compreendemos mais claramente que isso marcava o início de uma doença mais séria e totalmente incurável. É impossível conter as lágrimas quando se fala deste grande infortúnio.⁴³

Balduíno, de fato, já estava sofrendo os primeiros estágios da doença. É improvável que um diagnóstico definitivo tenha sido feito a essa altura. Os melhores médicos foram chamados para cuidar do príncipe, incluindo o árabe cristão Abu Sulaiman Dawud, e, por certo tempo, parece não ter havido uma deterioração séria da condição do paciente. Assim, para que Balduíno pudesse aprender o combate a cavalo, a arte cavaleiresca por excelência, o irmão de Abu Sulaiman foi contratado como tutor do menino. Treinado para controlar uma montaria apenas com os joelhos, deixando o braço esquerdo livre para manejar uma arma, o príncipe tornou-se um cavaleiro notavelmente habilidoso.

No início da década de 1170, Amalrico buscava um marido adequado para a princesa Sibila, na esperança de garantir uma linha de sucessão se uma alternativa a Balduíno fosse necessária. Mas na época da morte inesperada do rei, em 1174, nenhum parceiro para Sibila ainda havia sido encontrado, e o único filho que sobrevivera de seu casamento com Maria Comnena era outra menina, a infanta Isabel. Em julho de 1174, o príncipe Balduíno estava longe de ser um candidato ideal para o trono. Nascido de uma união posteriormente dissolvida, ele só tinha treze anos de idade (e, portanto, dois anos abaixo da maioridade segundo as leis do reino) e era conhecido por sofrer de uma doença debilitante. Não obstante, a Alta Corte concordou com sua elevação, e Balduíno foi devidamente coroado pelo patriarca de Jerusalém no Santo Sepulcro em 15 de julho, o auspicioso aniversário da conquista da cidade pelos primeiros cruzados.

Os historiadores costumam avaliar o reino de Balduíno IV como um quase autêntico desastre para o Oriente latino. Enquanto Saladino subia ao poder, emergindo do Egito para unificar o mundo muçulmano, a Palestina francesa era posta de joelhos por um monarca fraco e doente. Balduíno foi criticado por egoisticamente reter a coroa muito além do ponto em que deveria ter abdicado, bem como pela responsabilidade de provocar uma era de divisão em facções

amargas e injuriosas, em que a nobreza do Ultramar tramava para obter influência e poder.

A reputação do jovem rei tem sido um pouco reabilitada em anos recentes, com uma nova ênfase no fardo que ele carregava devido à deterioração de sua saúde, bem como na relativa vitalidade do início de seu reinado e em seus esforços determinados por defender o reino e encontrar um sucessor viável. Uma verdade, contudo, permanece imutável. Os Estados cruzados haviam sido frequentemente assolados por crises de sucessão, amiúde da maneira mais deletéria quando um governante morria repentinamente em batalha, ferimento ou doença. O caso de Balduíno era diferente, e o dano provocado durante seu reinado era mais profundo, precisamente porque ele não morreu. Permanecendo no trono, amiúde exigindo a autoridade executiva a ser exercida por uma forma de regência durante as piores fases da extrema enfermidade, o governo vacilante do rei leproso deixou Jerusalém num precário e vulnerável estado de abandono.⁴⁴

Durante os dois primeiros anos de seu reinado, Balduíno era menor de idade, e boa parte do trabalho de governar coube a um de seus primos, o conde Raimundo III, de Trípoli, agindo como regente. Agora com pouco mais de trinta anos, Raimundo havia sido libertado depois de nove anos numa prisão muçulmana, e suas possíveis qualidades eram desconhecidas. Figura de estatura relativamente diminuta, de pele trigueira e olhar penetrante, a postura rígida do conde aliava-se a um comportamento um tanto distante. Cauteloso por natureza, era, contudo, guiado pela ambição, e seu casamento com a mais indicada herdeira do trono, a princesa Esquiva, da Galileia, fez dele o maior vassalo de Jerusalém. Como regente, adotou uma postura conciliatória em suas relações com a Alta Corte, evitando o confronto direto com Saladino e concordado com os termos de uma trégua em 1175, durante o avanço do sultão contra Alepo.

A principal preocupação de Raimundo nesses anos todos foi a sucessão, pois logo depois da coroação a saúde de Balduíno IV entrou em terrível declínio. Talvez agravada pela chegada da puberdade, sua doença evoluiu para a forma lepromatosa mais grave, e logo sinais reveladores dela eram inconfundíveis, com suas “extremidades e rosto particularmente atacados, de modo que seus fiéis seguidores eram tomados pela compaixão quando olhavam para ele”. Com o tempo, ele não conseguia mais falar e enxergar, mal podendo caminhar, pois estava condenado a um declínio inexorável para a incapacidade física, pontuado pelos azares da doença grave e debilitadora. O estigma religioso e social com relação à lepra era imenso. Comumente percebida como uma praga de Deus,

indicativa do desfavor divino, também se acreditava que a doença era extremamente contagiosa, normalmente provocando o afastamento dos doentes da sociedade.⁴⁵ A situação de Balduíno era profundamente problemática – como monarca, ele era passível de crítica e incapaz de oferecer um governo estável; em termos dinásticos, não podia perpetuar a linhagem real, em parte porque os contemporâneos acreditavam que o contato sexual transmitia a lepra, mas também porque a enfermidade o tornara infértil.

De muitos modos, as esperanças no futuro concentravam-se em Sibila, a irmã de Balduíno. Sua juventude e a educação num convento significavam que ela não se qualificava a seguir os passos de sua avó Melisenda, que tratou de garantir sozinha a autoridade real. Assim, Raimundo de Trípoli ocupava-se com a busca por um marido adequado para Sibila. O candidato que acabou sendo escolhido foi Guilherme de Montferrat, um nobre da Itália do norte que era primo de dois dos monarcas mais poderosos da Europa, o rei Luís VII, da França, e o imperador alemão Frederico Barbarroxa (ou Barba-Ruiva, sobrinho do rei cruzado Conrado III, da Alemanha). Sibila e Guilherme de Montferrat casaram-se no final de 1176, mas em junho de 1177 ele caiu doente e morreu, deixando-a viúva e grávida. Ela deu à luz o filho Balduíno (V) em dezembro de 1177 ou em janeiro de 1178, e ele se tornou o herdeiro potencial do trono de Jerusalém.

Em meados da década de 1170, Raimundo de Trípoli também apoiou a carreira de Guilherme de Tiro, supervisionando sua nomeação como chanceler real e, em seguida, arcebispo de Tiro, e isso, em parte, pode explicar o relato bastante positivo da carreira de Raimundo na crônica de Guilherme. Foi dessa posição privilegiada, no centro da hierarquia política e eclesiástica do reino latino, que Guilherme observou e registrou a história do Ultramar.

O início do reinado de Balduíno IV

No verão de 1176, Balduíno IV atingiu a maioridade, e a regência do conde Raimundo teve fim. O jovem monarca lançou-se com entusiasmo à tarefa de reinar, apesar do gradativo agravamento de sua lepra, e deixou sua marca imediatamente. Revertendo a política diplomática de reaproximação praticada por Raimundo, Balduíno recusou-se a renovar a trégua com Damasco, e no início de agosto conduziu uma incursão de surpresa ao vale libanês de Biga, derrotando Turan-Shah num combate menor. Esta mudança de política com relação ao Islã foi acompanhada por um declínio da influência do conde de Trípoli e, durante o restante da década, Balduíno procurou orientação e apoio em outrem. Agora de volta à corte, sua mãe, Inês de Courtenay, parece ter estabelecido uma ligação próxima com o filho que antes ignorara. Ela certamente tornou-se uma influência significativa em sua vida, e em pouco tempo seu irmão Joscelino III foi nomeado senescal real, o mais alto cargo governamental do reino, com acesso ao tesouro e às propriedades reais. Depois de longos anos em uma prisão muçulmana, Joscelino havia sido recentemente libertado por Gumushtegin, de Alepo, como parte de um tratado para garantir o apoio da Antioquia francesa.

Esse mesmo pacto garantiu a liberdade a outro nobre destinado a moldar a história de Jerusalém, Reinaldo de Châtillon. Ele havia sido capturado por Nur al-Din em 1161, quando príncipe de Antioquia, mas muito havia mudado durante os quinze anos de seu encarceramento. A morte de sua esposa Constância e a ascensão de seu enteado Boemundo III em 1163 impediram Reinaldo de governar o principado sírio, mas, ao mesmo tempo, o casamento de sua enteada Maria de Antioquia com o imperador bizantino outorgou-lhe uma aura de prestígio. Assim, ele saiu da prisão como veterano bem relacionado e endurecido pelas batalhas, embora tecnicamente não dispusesse de terras. Essa anomalia logo foi resolvida pelo casamento de Reinaldo, abençoado pelo rei Balduíno, com Estefânia de Milly, a dama da Transjordânia, que lhe trouxe a posse de Kerak e Montreal, bem como uma posição na linha de frente da luta contra Saladino. Como príncipe sírio, Reinaldo tinha a fama de violência indomável, granjeada por seu ataque ao Chipre então controlado pelos gregos e suas infames tentativas, por volta de 1154, de extorquir dinheiro do patriarca latino de

Antioquia, Aimery de Limoges. O infortunado prelado uma vez chegou a ser surrado, arrastado para a cidadela e forçado a ficar sentado um dia inteiro debaixo de um sol abrasador, com mel besuntando-lhe a pele nua para atrair enxames de incômodos insetos. No final da década de 1170, contudo, Reinaldo tornou-se um dos mais confiáveis aliados de Balduíno, fornecendo-lhe apoio nos campos de batalha, na diplomacia e na política.

Com o Egito e Damasco unidos sob Saladino e a saúde de Balduíno IV declinando, os francos palestinos fizeram repetidas tentativas, embora infrutíferas, de garantir ajuda estrangeira. Durante o inverno de 1176/1177, Reinaldo de Châtillon foi mandado como enviado real a Constantinopla para negociar uma aliança renovada com o imperador grego Manuel Comneno. Em setembro de 1176, os bizantinos tinham sido fragorosamente derrotados na Batalha de Myriokephalon (no oeste da Ásia Menor) pelo sultão seljúcida da Anatólia, Kilij Arslan II (que havia sucedido a Ma'sud em 1156). Em termos de homens e territórios, as perdas infligidas aos gregos como resultado desse revés foram relativamente limitadas. Mas um grande dano foi feito no prestígio bizantino na Europa e no Levante, com Manuel gastando boa parte do restante da década restringindo seus gastos. Na esperança de restabelecer a influência grega no cenário internacional, o imperador concordou com a proposta de Reinaldo de Châtillon, prometendo prover apoio naval para uma nova ofensiva aliada contra o Egito aiúbida. Em troca, o reino latino devia aceitar a condição de sujeição a um protetorado bizantino e um patriarca cristão ortodoxo reinstalado em Jerusalém.

Por certo tempo, pareceu que essa associação poderia gerar frutos. No final do verão de 1177, uma frota grega chegou a Acre, e isso coincidiu com o advento, no Levante, do conde Filipe de Flandres, filho do empenhado cruzado Thierry de Flandres, no comando de um grande contingente militar. Filipe aderira à cruzada em 1175 em resposta a apelos cada vez mais frequentes dos latinos do Ultramar por cruzados europeus ocidentais para a Terra Santa. Contudo, apesar de suas boas intenções, a expedição de Filipe acabou sendo um fiasco. Com os preparativos finais em andamento para um assalto ao Egito, discussões mesquinhas irromperam quanto a quem teria direitos à região do Nilo caso esta caísse e, entre recriminações mútuas, a projetada campanha entrou em colapso.

Desmantelada e alienada, a esquadra bizantina rumou para Constantinopla. Em setembro de 1177, o conde Filipe uniu forças com Raimundo III, de Trípoli, e, juntos, passaram o inverno tentando, sem sucesso, capturar primeiro Hama e, em

seguida, Harim. Uma oportunidade real de quebrar, e talvez até de superar, a posição de Saladino no Egito havia sido desperdiçada. Tendo reunido uma imensa força defensiva para conter a esperada invasão cristã, o sultão de repente descobriu que não estava mais sob ameaça.

CONFRONTO

No final do outono de 1177, Saladino deu início à sua primeira campanha militar significativa contra o reino latino de Jerusalém desde a morte de Nur al-Din. Apesar da importância dessa expedição – a salva de abertura do sultão em seu papel autoproclamado de novo campeão jihadi do Islã –, seus precisos motivos e objetivos são um tanto obscuros. Com toda certeza, a ofensiva de 1177 não foi planejada como invasão em escala total da Palestina, objetivando a reconquista de Jerusalém, mas como ataque oportunista. Com seus exércitos já reunidos para se defenderem contra um esperado ataque, Saladino aproveitou a oportunidade para fazer uma afirmação prática de seu comprometimento com a guerra santa, buscando afirmar seu domínio marcial sobre os francos, ao mesmo tempo provendo um contrapeso a seu ataque no norte da Síria.

Saladino saiu do Egito à frente de mais de 20 mil cavaleiros, estabelecendo um comando avançado no assentamento fronteiriço de al-Arish. Deixando para trás sua pesada bagagem, ele avançou para o norte em direção à Palestina, alcançando Ascalão por volta de 22 de novembro. Ali, encontrou um assustado Balduíno IV. Com boa parte de seus soldados ao norte, ao lado de Filipe de Flandres e Raimundo III, o rei reuniu apressadamente na costa as tropas que conseguiu. Como observou um cristão oriental contemporâneo, “todos se preocuparam com a vida do rei doente, já meio morto, mas ele recorreu à sua coragem e cavalgou ao encontro de Saladino”. A Balduíno juntaram-se Reinaldo de Châtillon, seu senescal Joscelino de Courtenay, uma força de cerca de seiscentos cavaleiros e alguns homens de infantaria, além do bispo de Belém carregando a Verdadeira Cruz. O exército fez uma breve tentativa de confrontar o avanço muçulmano, mas, incrivelmente superados em número, os francos logo se retiraram para dentro das muralhas de Ascalão, deixando Saladino livre para avançar em direção à Judeia.⁴⁶

A Batalha do Monte Gisard

O sultão então cometeu um erro de cálculo fatal. Aparentemente julgando que os franceses permaneceriam intimidados dentro de Ascalão, ele permitiu que suas forças se espalhassem, atacando assentamentos latinos como Ramla e Lida, não deixando para trás nenhuma rede eficiente de batedores para monitorar os movimentos de Balduíno. O jovem rei, encorajado e ajudado por Reinaldo de Châtillon, contudo, não estava disposto a ficar inoperante enquanto seu reino era atacado. Juntando-se a oitenta cavaleiros templários estacionados em Gaza com seu mestre, Odo (ou Eudes) de Saint-Amand, Balduíno tomou a ousada (e talvez tola) decisão de confrontar Saladino. Como escreveu Guilherme de Tiro, “(o rei) achou que era mais prudente tentar a duvidosa oportunidade de batalha com o inimigo a expor seu povo à rapina, ao fogo e ao massacre”. Esta era uma aposta potencialmente mortal.

Na tarde de 25 de novembro, o sultão avançava para o leste de Ibelin, com boa parte de seu exército espalhado pela vizinha planície costeira, quando o exército latino fez um aparecimento súbito e não anunciado. As tropas restantes de Saladino estavam margeando um pequeno rio perto da colina conhecida como Monte Gisard. Quando Reinaldo de Châtillon lançou uma quase imediata e pesada carga de cavalaria sobre suas fileiras desmanteladas, o sultão mostrou-se incapaz de organizar uma defesa eficiente, e sua força numericamente superior logo foi posta em retirada. Um muçulmano contemporâneo admitiu que “a debandada (...) foi total. Um franco avançou para Saladino, quase o alcançando, mas foi morto diante dele. Os franceses o cercaram, e ele tratou de fugir”.

Enquanto o sultão mal conseguia escapar do campo, um feroz combate prosseguia. Tratando de salvar suas vidas, os soldados abandonaram armaduras e armas, enquanto os latinos os atormentavam perseguindo-os por mais de quinze quilômetros, até que a caída da noite finalmente ofereceu certo alívio aos muçulmanos. Houve pesadas baixas de ambos os lados, pois mesmo os triunfantes cristãos sofreram 1.100 delas, enquanto outros 750 feridos foram depois levados para o Hospital de São João em Jerusalém. Mas, embora a escala exata das perdas muçulmanas não seja clara, o sério abalo psicológico infligido é inquestionável. Saladino foi profundamente humilhado em Monte Gisard. Isa,

seu amigo íntimo e conselheiro, foi feito prisioneiro pelos franceses e passou alguns anos em cativeiro antes de ser finalmente resgatado pela elevada soma de 60 mil dinares de ouro. O sultão foi forçado a fugir de cena, com a triste viagem de volta ao Egito demorando dez dias sucessivos de chuva fria e incomumente intensa, além da descoberta de que os erráticos beduínos haviam saqueado seu acampamento em al-Arish. Tendo sofrido com a falta de comida e água, Saladino finalmente venceu claudicante o Sinai no início de dezembro de 1177, abatido e esfarrapado.

A inevitável verdade é que sua própria negligência incauta havia exposto o exército à derrota e que, como consequência, sua reputação de segura liderança militar havia sido maculada. Em público, Saladino fez o que pôde para limitar o estrago, argumentando em correspondência que os latinos haviam, na verdade, perdido mais homens na batalha e explicando que a lentidão de sua volta ao Cairo se explicava porque “nós carregávamos os fracos e os feridos, avançando lentamente para que os retardatários pudessem (alcançar-nos)”. Ele também gastou tempo e dinheiro recompondo seu exército. Contudo, Monte Gisard havia deixado suas cicatrizes íntimas. Imad al-Din admitiu que havia sido “um evento desastroso, uma terrível catástrofe”, e, por mais de uma década, a dolorosa memória desse “terrível revés” permanecia, com o sultão reconhecendo que havia sido “uma grande derrota”.⁴⁷

O fardo de sangue

Qualquer perspectiva imediata de vingar esse revés foi reprimida pela necessidade de enfrentar a exasperante questão da inépcia de Turan-Shah. Saladino retornou a Damasco em abril de 1178, afastando seu irmão do governo, mas sendo então forçado a uma situação embaraçadora e intratável. Como compensação por sua destituição, Turan-Shah exigiu o governo de Balbeque – a rica e antiga cidade romana do Líbano, localizada no fértil vale de Biga. O problema era que o sultão já havia outorgado aquelas terras a Ibn al-Muqaddam em sinal de gratidão por sua ajuda na negociação da rendição de Damasco em 1174, e o emir agora se mostrava compreensivelmente relutante em abrir mão de seu prêmio. O deslindar da questão durante os meses que se seguiram foi revelador. Por um lado, ela enfatizou um problema consistente que perturbou Saladino durante toda sua carreira. Para construir seu “império”, o sultão geralmente confiava em sua família, em vez de selecionar lugares-tenentes por mérito, mas essa confiança por vezes mostrava-se equivocada. Incompetentes, não confiáveis e até potencialmente desleais, figuras como Turan-Shah eram passivas – capazes de danificar gravemente o grande sonho de dominação aiúbida –, mas reiteradas vezes Saladino se mostrava relutante em se voltar contra seus parentes de sangue. Ao tentar resolver o dilema de Balbeque, o sultão também demonstrou que, para ampliar seus objetivos, ele de bom grado abraçaria uma manobra política intrincada e enganosa.

Depois de um verão de fracassos diplomáticos, Saladino foi para Balbeque no outono de 1178. Segundo Imad al-Din, ele começou a “lisonjear Ibn al-Muqaddam, apesar de sua idade, como se faz com uma criança”, mas como isso não produziu resultado, o sultão bloqueou a cidade até a chegada do inverno. Ao mesmo tempo, Saladino iniciou um programa de intensa propaganda para justificar sua intervenção. Ibn al-Muqaddam foi declarado dissidente e acusado amplamente, em cartas a Bagdá, de empregar uma “escória de ignorantes para defender a fronteira contra os franceses”, e, mais tarde, de realmente estar em contato traiçoeiro com esses inimigos cristãos. Na primavera seguinte, o senhor “rebelde”, com sua reputação abalada, foi forçado à submissão e um acordo foi acertado. Turan-Shah recebeu a Balbeque escolhida, mas seu governo ali parece ter sido incompetente e logo ele foi mandado para o Egito, onde morreu em

1180. Nesse ínterim, tendo sido submetido à vontade de Saladino, Ibn al-Muqaddam foi recebido de volta à congregação. Ricamente agraciado com terras ao sul de Antioquia e Alepo, ele permaneceu leal ao sultão pelo resto de sua carreira.⁴⁸

A Casa da Dor

Enquanto ainda estava engajado na disputa por Balbeque, Saladino soube de um acontecimento alarmante na zona fronteira entre Damasco e o reino de Jerusalém. Procurando tirar proveito do entusiasmo pela vitória em Monte Gisard, Balduíno IV dera início a um esquema extremamente ameaçador, com o propósito de reforçar as defesas da Palestina e desestabilizar o domínio aiúbida da Síria.

Para entendermos o significado desses eventos, precisamos de algum conhecimento de como as fronteiras funcionavam no século XII. Em comum com a maior parte do mundo medieval, o território muçulmano e franco no Levante raramente era dividido pelo equivalente literal de uma fronteira moderna, mas era toscamente delineado por zonas fronteiriças – áreas de influência política, militar e econômica que se sobrepunham, onde nenhum dos dois lados exercia total soberania. O posicionamento dessas áreas de controle contestado, aparentadas com as terras de ninguém entre os reinos, amiúde estava intimamente relacionado com as características topográficas/geográficas, fossem montanhas, rios, densas florestas ou até desertos. E as tentativas de um governo de consolidar ou ampliar sua influência nessas regiões podiam ter profundas consequências sobre a estabilidade local e o equilíbrio geral do poder entre rivais.

No início do século XII, um desses casos foi o do principado latino de Antioquia, que procurou ampliar sua esfera de influência e autoridade para o leste, para além da zona fronteira natural com Aleppo, as baixas e pedregosas colinas de Belus. A ameaça intensificada contra a sobrevivência de Aleppo acabou por provocar a retaliação muçulmana, culminando na Batalha do Campo de Sangue em 1119. No final da década de 1170, um confronto similar ocorreu entre Balduíno IV e Saladino. Durante esse período, a crítica zona fronteira entre seus respectivos reinos ficava ao norte do mar da Galileia e correspondia em grande parte ao curso superior do rio Jordão. Anteriormente, o epicentro da luta pelo controle do local ficava a nordeste, na fortaleza de Banyas. Mas depois que ela foi capturada por Nur al-Din em 1164, a influência latina a leste do Jordão diminuiu, e o status quo resultante favorecia os muçulmanos de

Damasco.

Em outubro de 1178, Balduíno IV imaginou um novo e ousado plano de controlar a zona fronteira no curso superior do rio Jordão. Seu alvo não era a reconquista de Banyas, mas a construção de uma fortificação inteiramente nova na margem ocidental do Jordão, ao lado de uma antiga travessia conhecida pelos franceses como Vau de Jacó e, em árabe, Bait al-Ahzan, a Casa da Dor (onde, segundo se afirmava, Jacó tinha ido lamentar a suposta morte de seu filho). Com pântanos rio acima e corredeiras ao sul, esse vau era a única travessia do Jordão ao longo de quilômetros e, como tal, funcionava como importante acesso entre a Palestina latina e a Síria muçulmana, oferecendo acesso à fértil região da Terre de Sueth. E o crucial era que o Vau de Jacó também ficava a apenas um dia de marcha de Damasco.

Balduíno esperava poder reequilibrar a balança do poder regional em favor dos franceses ao construir um grande castelo no local. Ele teve como sócios os templários, que já controlavam um território ao norte da Galileia, e juntas, a coroa e ordem envolveram-se seriamente com o projeto. Entre outubro de 1178 e abril de 1179, Balduíno chegou a mudar sua sede de governo para o local da construção para que pudesse agir como supervisor e protetor, estabelecendo uma cunhagem para a produção de moedas especiais para pagar a imensa mão de obra e emitindo cartas-patentes reais no local.

Esse castelo punha em risco o crescimento do Império Aiúbida, pois prometia servir aos franceses como arma defensiva e ofensiva. As fortalezas raramente conseguiam – se é que o faziam – selar ou bloquear totalmente uma fronteira, pois os exércitos que as atacavam podiam marchar ao seu redor ou, com homens e recursos suficientes, acabar por abrir caminho por suas defesas. Mas os castelos realmente ofereciam um local relativamente seguro para estacionar forças armadas, e estas podiam ser empregadas para impedir qualquer invasão inimiga. A presença de um forte templário no Vau de Jacó com certeza prejudicaria a capacidade do sultão de atacar o reino latino. Sua guarnição também estaria em condições de atacar o território muçulmano, saquear caravanas comerciais e ameaçar a própria Damasco. E com sua capital sob ameaça, os ambiciosos planos de Saladino de ampliar sua autoridade sobre Alepo e a Mesopotâmia provavelmente ficariam comprometidos. O perigo representado pela fortaleza em construção ao lado do Jordão, portanto, não podia ser ignorado. Infelizmente, com suas tropas entrincheiradas em Balbeque, um ataque militar direto ao Vau de Jacó não era algo possível; inicialmente, o sultão

buscou usar o suborno em lugar da força bruta. Ele ofereceu aos francos, primeiramente 60 mil e, em seguida, 100 mil dinares se eles suspendessem o trabalho de construção e abandonassem o local. Mas, apesar da fortuna oferecida, Balduíno e os templários a recusaram.

À primeira vista, toda a evidência escrita que sobreviveu parece sugerir que o castelo no Vau de Jacó foi terminado em abril de 1179, quando o rei leproso passou o comando da fortaleza para os templários. Guilherme de Tiro certamente a descreveu como “completa em todas as suas partes”, depois de tê-la visto com seus próprios olhos naquela primavera. Testemunhas oculares muçulmanas também confirmaram esse fato, com uma fonte árabe descrevendo suas muralhas como “uma impugnável barreira de pedra e ferro”. Até a década de 1990, os historiadores sempre entenderam que isso significava que um castelo concêntrico completamente cercado – com uma muralha interna e uma externa – tinha sido construído no Vau de Jacó e era uma fortaleza incrivelmente extraordinária. Mas, em 1993, o estudioso israelense Ronnie Ellenblum redescobriu a localização dessa fortaleza franca há muito perdida. Sua investigação arqueológica do sítio, à frente de uma equipe internacional de especialistas e ainda em andamento, reformulou nossa compreensão dos fatos e a interpretação das fontes escritas. Escavações comprovaram de modo conclusivo que, em 1179, o Vau de Jacó não era um castelo concêntrico – na verdade, ele só tinha uma muralha em seu perímetro e uma única torre, e ainda estava efetivamente em construção. Isso sugere que, para Guilherme de Tiro e seus contemporâneos, uma fortaleza “completa” era cercada e defensável, e não totalmente formada, e que este castelo em particular na verdade ainda estava com suas obras em andamento.

Para Saladino, isso significava, de maneira decisiva, que o Vau de Jacó ainda era relativamente vulnerável e, a partir da primavera de 1179, com Balbeque sob controle, ele voltou para Damasco para enfrentar o problema dessa fortaleza. Os meses que se seguiram viram uma série de escaramuças inconclusivas, com os dois lados avaliando um ao outro. Saladino comandou uma força expedicionária para testar o poderio do Vau de Jacó, mas logo bateu em retirada quando um de seus comandantes foi morto por uma flecha dos templários. Não obstante, durante duas outras investidas as tropas do sultão bateram as forças de Balduíno em batalhas menores. Em uma delas, o condestável do rei – seu principal conselheiro militar – foi morto; em outra, o mestre templário Odo foi feito prisioneiro com outros 270 cavaleiros. Essas vitórias romperam a estrutura do comando militar dos cristãos e, de alguma forma, reabilitaram a humilhação

muçulmana em Monte Gisard. Quando o prato da balança tornou a se inclinar em favor de Saladino, o rei Balduíno bateu em retirada para Jerusalém para se reorganizar, enquanto o sultão solicitava reforços do norte da Síria e do Egito.

No final de agosto de 1179, Saladino estava pronto para lançar um ataque em escala total ao Vau de Jacó. No dia 24, um sábado, ele deu início a um cerco baseado no assalto, com a intenção de penetrar no castelo o mais rapidamente possível. Não houve tempo para um cerco prolongado, pois o rei leproso agora estava estacionado perto de Tiberíades, às margens do mar da Galileia, a apenas meio dia de marcha para o sudoeste. Assim que as notícias do ataque chegaram a ele, o rei começou a reunir um exército de libertação, de modo que o cerco foi uma verdadeira corrida, em que os muçulmanos lutavam para romper as defesas da fortaleza antes que os latinos chegassem. Em seu conjunto, os registros escritos contemporâneos e a evidência arqueológica sendo agora descoberta oferecem um quadro vívido do que aconteceu nos sinistros cinco dias seguintes. Saladino começou a bombardear a fortaleza com flechas vindas do leste e do oeste – centenas dessas pontas foram recuperadas nessas duas frentes –, buscando desmoralizar a guarnição dos templários. Ao mesmo tempo, mineiros especializados, provavelmente da Alepo síria, receberam a incumbência de cavar um túnel sob o canto nordeste das muralhas, na esperança de derrubá-las por meio da técnica do solapamento. Um túnel foi rapidamente escavado e enchido com madeira, mas quando esta foi incendiada, percebeu-se que o túnel era pequeno demais para provocar uma ruptura nas muralhas acima. Em desespero, o sultão ofereceu um dinar de ouro para cada soldado que carregasse uma pele de cabra com água do rio para apagar as chamas, e o trabalho prosseguiu noite e dia para aumentar o túnel. Nesse ínterim, Balduíno estava se preparando para sair de Tiberíades.

No alvorecer do dia 29 de agosto, o rei leproso partiu com seu exército para liberar a fortaleza. Sem que ele soubesse, naquele exato momento fogueiras estavam sendo acesas no túnel ampliado do assédio de Saladino. Os suportes de madeira foram devidamente queimados, e a passagem, escavada, derrubando as muralhas. Saladino posteriormente escreveu que, à medida que as chamas se espalhavam, o castelo parecia “um navio à deriva num mar de fogo”. Quando suas tropas avançaram pelas fendas abertas nas muralhas, ocorreu um desesperado combate homem a homem, enquanto a guarnição de elite dos templários tentava uma resistência que se revelou inútil. Num último ato desesperado de bravura, o comandante da guarnição dos templários montou em seu cavalo e avançou pela brecha em chamas; uma testemunha ocular

muçulmana mais tarde descreveu como “ele se atirou em um buraco cheio de fogo sem medo do intenso calor e, deste braseiro, ele se lançou imediatamente a outro: o do Inferno”.

Com as defesas do castelo rompidas, a guarnição latina foi finalmente derrotada, seguindo-se um saque sanguinário. Os restos humanos recentemente escavados ao longo do perímetro da muralha dão testemunho da ferocidade do assalto. Um esqueleto masculino exibe a prova de três cortes de espada em separado, dos quais o último abriu-lhe a cabeça, esmagando o cérebro. Outro soldado teve o braço decepado acima do cotovelo antes de ser morto. Com boa parte do local agora em chamas, Saladino executou mais da metade da guarnição, reunindo uma montanha de saques, incluindo mil armaduras. Ao meio-dia daquela quinta-feira, avançando em direção norte, Balduíno teve o primeiro vislumbre desesperado de fumaça no horizonte – evidência reveladora da destruição do Vau de Jacó. Ele estava atrasado apenas seis horas.

Nas duas semanas seguintes, Saladino desmantelou o castelo do Vau de Jacó, derrubando pedra por pedra. Na verdade, ele mais tarde afirmou que havia rasgado os alicerces com as próprias mãos. A maioria dos latinos mortos, juntamente com seus cavalos e mulas, foram atirados na enorme cisterna da fortaleza. Foi uma péssima decisão, pois logo irrompeu uma “peste”, devastando o exército muçulmano e tirando a vida de dez dos comandantes de Saladino. Em meados de outubro, com seu principal objetivo alcançado, o sultão decidiu deixar o local aparentemente amaldiçoado, e o Vau de Jacó tornou-se uma ruína abandonada e esquecida.⁴⁹

Os triunfos de Saladino no verão de 1179 interromperam o impulso marcial dos francos que vinha ocorrendo desde o Monte Gisard. A tentativa dos latinos de tomar a iniciativa na zona fronteiriça do curso superior do Jordão e de pressionar Damasco foi bloqueada. O sultão havia protegido sua unificação do Egito com a Síria. Mas a obra de unificação do Islã pela subjugação de Alepo e Mossul permanecia inconclusa.

alIsmat morreu em janeiro de 1186 quando o próprio Saladino estava sofrendo de uma terrível enfermidade. Os conselheiros mais próximos do sultão esconderam dele a notícia da morte da esposa durante dois meses por medo de lhe causar choque e angústia.

11. O SULTÃO DO ISLÃ

Embora Saladino tivesse obtido uma série de vitórias contra os francos em 1170, no início da década de 1180 ele voltou a se ocupar da construção do império, devotando a maior parte de sua energia e recursos à consolidação de seu controle sobre o Egito e Damasco, bem como à expansão de sua autoridade sobre os muçulmanos de Alepo e Mossul. Na primavera de 1180, com a Síria sofrendo os efeitos da fome e de uma seca prolongada, ele concordou com uma trégua de dois anos com os latinos – um pacto evidentemente considerado vantajoso para os dois lados, visto que nenhum deles pagava um tributo em dinheiro para garantir a paz. Este acordo deixou Saladino livre para se ocupar de uma série de questões do mundo muçulmano.

GUIAR PARA DOMINAR

Uma das prioridades de Saladino foi neutralizar o crescente poder de Kilij Arslan II, o sultão seljúcida de Anatólia. Kilij Arslan tinha mostrado uma disposição agressiva desde que derrotou os bizantinos em Myriokephalon em 1176, afirmando, com certa justificativa, ser o verdadeiro campeão em ascensão da jihad islâmica. Saladino distribuiu uma propaganda destinada a desacreditar o líder seljúcida, argumentando que ele se opunha à unidade muçulmana – Saladino até explicou sua trégua com os francos de Jerusalém em 1180 a Bagdá, afirmando que não podia se ocupar simultaneamente das graves ameaças de Kilij Arslan e dos cristãos latinos. No verão de 1180, Saladino deixou seu sobrinho Farrukh-Shah no controle de Damasco e levou tropas para o norte, fazendo alianças com algumas cidades da região do curso superior do Eufrates para conter as ambições de Kilij Arslan com relação à Ásia Menor. Saladino também usou a pressão militar para forçar o mais recente governante armênio da Cilícia, Ruben III, a aceitar um pacto de não agressão, assim neutralizando de modo eficiente os cristãos armênios como opositores à expansão aiúbida.

Por volta dessa época, uma série de mortes alterou o cenário político. Em 1180, o imperador bizantino Manuel Comneno faleceu, deixando como herdeiro um filho de onze anos de idade que, dois anos depois, foi suplantado pelo primo de Manuel, Andrônico Comneno. Esse período foi marcado por um declínio gradativo das relações entre os gregos e os Estados cruzados, o que serviu aos interesses de Saladino. Em 1181, os bizantinos firmaram um tratado de paz com o sultão, um primeiro sinal de seu realinhamento com a neutralidade no Levante. A tomada do poder por Andrônico em 1182 foi acompanhada por um massacre de latinos que viviam e exerciam o comércio em Constantinopla, e o novo imperador pouco se esforçou para restabelecer os laços de cooperação com o Ultramar.

Mudanças similares ocorreram no Oriente. Em 1180, o califa abássida e seu vizir também morreram. Ciente de que isso poderia anunciar um perigoso declínio no apoio de que gozava em Bagdá, Saladino tratou de estabelecer laços cuidadosos com o novo califa al-Nasir. Os zênquidas também sofreram suas perdas. No verão de 1180, Saif al-Din, de Mossul, morreu e foi sucedido por seu irmão mais

jovem, Izz al-Din. O final de 1181 viu a morte por doença do filho de Nur al-Din e seu herdeiro oficial, al-Salih, com apenas dezenove anos de idade. Esse evento foi de total importância para as futuras ambições de Saladino. Nessa altura, al-Salih começara a surgir como oponente potencialmente formidável, especialmente após a morte de Gumushtegin como resultado de uma intriga da corte de Aleppo. Como figura de proa da legitimidade zêngrida, al-Salih representava a promessa de continuidade da dinastia e gozava da abjeta lealdade do populacho de Aleppo. Se tivesse sobrevivido, al-Salih poderia ter representado um sério desafio para a ascendência dos aiúbidas; no mínimo, sua presença continuada teria enfraquecido a alegação de Saladino de ser o único campeão, por direito, do Islã, e provavelmente posto fim às esperanças do sultão de absorver o norte da Síria sem apelar para a guerra declarada. Embora o poder em Aleppo logo passasse para o irmão mais velho de Saif al-Din, Imad al-Din Zengui de Sinjar, a morte de al-Salih presenteou Saladino com uma oportunidade há muito aguardada de ampliar seu poder dentro do mundo muçulmano.⁵⁰

Saladino fez cuidadosos preparativos para uma nova campanha contra os zêngridas de Aleppo e Mossul. Tendo passado a maior parte de 1181 e do início de 1182 ocupando-se do governo do Egito, Saladino partiu para a Síria na primavera de 1181, deixando al-Adil e Qaragush no controle da região do Nilo. Alarmado pelas notícias de que o sultão passaria pela Transjordânia em maio, e particularmente temeroso de que a colheita de cereais da região, prestes a ser realizada, pudesse ser destruída, Reinaldo de Châtillon convenceu Balduíno IV a reunir a total força militar do reino em Kerak. Saladino, na verdade, fez suas tropas passarem pelo castelo em ordenada formação, mas sem atacá-lo, e nenhuma batalha foi travada.

A trégua acordada com os francos em 1180 agora caducara, e nesse verão os aiúbidas fizeram várias tentativas de ataque ao reino latino de Jerusalém. Quando Saladino marchava pela Transjordânia, de sua base em Damasco Farrukh-Shah explorou o fato de a Galileia latina estar desprovida de tropas, capturando a pequena caverna-fortaleza de três andares, a sudeste do Mar da Galileia, conhecida como Caverna de Sueth, seu último posto avançado fortificado na Terre de Sueth. Então, em julho e agosto o sultão comandou duas expedições contra os franceses. A primeira, uma invasão da Baixa Galileia e um breve cerco da fortaleza de Bethsan, permitiu que o rei Balduíno tornasse a reunir seu exército em Séforis. Esse ponto, a meio caminho entre Acre e Tiberíades, que contava com uma fonte abundante de água e belas pastagens, era um local natural para a reunião do exército cristão. Um embate militar

inconclusivo ocorreu perto de Bethsan, travado sob um escaldante sol de verão em 15 de julho. Abrasado, o clérigo latino que carregava a Verdadeira Cruz morreu de insolação, enquanto os homens de Saladino, mesmo depois de terem cruzado novamente o Jordão, acharam seu primeiro acampamento insuportável; segundo uma testemunha ocular, a água salobra e o ar pestilento significavam que “o ofício dos médicos teve um incrível incremento”, e uma nova retirada para Damasco logo foi feita.⁵¹

Em agosto de 1182, Saladino voltou a atacar, e desta vez seu objetivo era a cidade costeira de Beirute. A marinha egípcia renovada já havia sido posta em uso em 1179-80, atacando cargueiros latinos em torno de Acre e Trípoli, mas o sultão agora usou sua esquadra para lançar uma ofensiva em duas frentes, assediando Beirute por terra e por mar. Durante três dias seus arqueiros castigaram a cidade, enquanto sapadores procuravam minar suas muralhas, mas quando o socorro de Balduíno se aproximou, Saladino interrompeu o assalto, atacando os campos circunvizinhos enquanto retrocedia para território muçulmano.

Nenhuma dessas campanhas de 1182 foi de fato determinante, mas constituíram incursões oportunistas, destinadas a minar a força e a reação dos franceses, enquanto infligiam dano e se apossavam de recursos territoriais e materiais a risco e custo mínimos. Assim, elas estabeleceram o padrão para os anos futuros. Essas demonstrações de aparente compromisso com a jihad também permitiram que Saladino justificasse suas tentativas em andamento de subjugar a Síria muçulmana e a Mesopotâmia – de maneira óbvia, sua real prioridade. Uma série de cartas enviadas por Saladino ao califa de Bagdá revela os protestos e argumentos intrincados dos aiúbidas deste período. O sultão se queixava de que havia demonstrado sua boa vontade de se juntar à guerra santa contra os latinos, mas era constantemente desviado dessa intenção pela ameaça de agressão zênghuida – a urgente necessidade exigia unidade islâmica, e Saladino sugeriu que deveria ter o poder de subjugar quaisquer muçulmanos que se recusassem a se juntar a ele na jihad. Ao mesmo tempo, os governantes zênghuidas de Alepo e Mossul eram caracterizados como inimigos rebeldes do estado. Eram acusados de tomar o poder com base na sucessão hereditária, quando, por lei, o comando dessas cidades deveria ter sido uma concessão do califa. Dizia-se que Izz al-Din, de Mossul, havia concordado com uma trégua submissa de onze anos com Jerusalém (assim rompendo o limite prescrito de dez anos para os pactos entre muçulmanos e não muçulmanos), prometendo pagar aos cristãos um tributo anual de dez mil dinares. Acusações similares foram posteriormente igualadas às

feitas a Imad al-Din Zengui por suas negociações com Antioquia. Cortejando o apoio califal e a grande parte da opinião pública com esse bombardeio de propaganda, Saladino preparava o terreno para uma grande ofensiva contra os zênquidas.

A sinalização para a ação veio no final do verão de 1182, enquanto ele ainda estava engajado no breve cerco de Beirute, ao chegar uma mensagem de Keukburi, de Harã, um senhor da guerra turco que até então tinha apoiado os zênquidas e lutado contra Saladino em 1176. Keukburi agora convidava os aiúbidas a cruzarem o Eufrates, assim proclamando efetivamente sua disposição de mudar de lado.⁵² Em resposta, o sultão reuniu um exército e partiu naquele outono para uma campanha no Iraque, sem renovar nenhuma trégua com Jerusalém.

As campanhas de Saladino contra Alepo e Mossul (1182-3)

No final de setembro de 1182, Saladino usou o convite de Keukburi como pretexto para lançar uma expedição, marchando para leste a fim de se juntar ao senhor de Harã perto do Eufrates, e dali avançar por Jazira. Nos meses que se seguiram, o sultão fez esforços extenuantes para limitar os embates declarados com seus rivais muçulmanos, preferindo a coerção, a diplomacia e a propaganda à espada. Em breve começou a solicitar fundos adicionais de Damasco e do Egito com que pudesse comprar seus oponentes. Até Guilherme de Tiro estava ciente de que o sultão usava o suborno escandaloso para subjugar rapidamente “quase toda a região... anteriormente sob o controle de Mossul”, incluindo Edessa.⁵³

Em novembro, Saladino marchou para ameaçar a própria Mossul. Apesar do incentivo de Keukburi, o sultão mostrava-se relutante em se comprometer com um assédio difícil e sanguinário da cidade, mas suas esperanças de atemorizar Izz al-Din para obter sua submissão não se concretizavam. Ainda num impasse com a vinda do inverno, chegaram enviados do califa al-Nasir, na esperança de negociar a paz. Para a decepção de Saladino, eles adotaram uma posição neutra, não favorecendo nem os aiúbidas nem os zênguidas, e diante do pequeno progresso obtido o sultão se retirou. Em dezembro, ele marchou cerca de 120 quilômetros para leste, em direção a Sinjar, onde forçou a principal cidade murada a se render e, depois de uma breve pausa devido às péssimas condições climáticas do inverno, avançou para Diar Baquir, a nordeste, no início da primavera de 1183, capturando a supostamente impugável capital em abril; depois desse sucesso, o governante artúquida de Mardin concordou com uma aliança de submissão. Em seis meses, Saladino havia isolado, mas não enfraquecido, Mossul, conquistando boa parte de Jazira e Diar Baquir por meio de um misto de força e persuasão. Em toda parte, os zênguidas pouco puderam fazer em resposta. Izz al-Din e Imad al-Din tentaram organizar um contra-ataque no final de fevereiro, mas lhes faltaram recursos e coragem para realizá-lo.

Saladino havia feito um progresso satisfatório, mas Mossul permanecia além de seu alcance. Nessa primavera ele iniciou uma investida diplomática cada vez mais agressiva, na esperança de colocar Bagdá a seu favor. Suas cartas ao califa

acusavam os zênquidas de incitar os franceses a atacarem território aiúbida na Síria e até de patrocinar o esforço de guerra cristão. O sultão também apelou para o desejo do califa al-Nasir de poder político e espiritual, declarando que os aiúbidas forçariam a Mesopotâmia a reconhecer a autoridade califal. Saladino acrescentou ousadamente que apenas se Bagdá endossasse sua reivindicação de Mossul ele teria condições de conquistar Jerusalém, Constantinopla, a Geórgia e o Marrocos. Por volta da mesma época, o sultão tentou insidiosamente interromper a solidariedade zênquida, contatando Imad al-Din Zengui para adverti-lo de que Izz al-Din, de Mossul, havia supostamente se oferecido para uma aliança com os aiúbidas contra Alepo.

A partir do final da primavera, Saladino deslocou o foco de sua campanha para Alepo, tornando a atravessar o Eufrates para estacionar tropas em torno da cidade em 21 de maio de 1183. Mais uma vez, o sultão esperava evitar o conflito aberto, mas os habitantes de Alepo rapidamente demonstraram sua disposição de defender o que lhes pertencia, lançando ataques diários e ferozes contra suas tropas. Para a sorte de Saladino, Imad al-Din Zengui mostrou-se mais maleável. Concluindo que o domínio aiúbida sobre a Síria agora era imbatível e que sua posição isolada era, portanto, insustentável, o governante zênquida negociou secretamente com o sultão. No dia 12 de junho, ele concordou com os termos, abrindo as portas da cidadela de Alepo para as tropas de Saladino, para grande choque da população local. Como forma de compensação, Imad al-Din Zengui recebeu uma parcela de território da Jazira, incluindo sua antiga soberania em Sinjar, ao mesmo tempo que prometia fornecer tropas ao sultão sempre que solicitado. Jurdik – o senhor da guerra turco que havia ajudado Saladino a prender o vizir egípcio Shawar em 1169 – também foi vencido naquele verão. Desde 1174, Jurdik havia permanecido ferrenhamente leal a Alepo, recusando-se a apoiar os aiúbidas. Agora, por fim, ele entrou para o serviço do sultão, tornando-se dos seus mais devotados e capacitados lugares-tenentes.

Uma vez no controle de Alepo, Saladino imediatamente procurou limitar a inquietação civil e engendrar uma atmosfera de unidade. Os impostos não corânicos foram abolidos e, ainda naquele verão, uma lei foi promulgada ordenando que os não muçulmanos da cidade usassem roupas que os diferenciasssem, uma medida aparentemente destinada a promover a coesão entre os sunitas e xiitas de Alepo e apressar sua aceitação do governo aiúbida.

A ocupação de Alepo foi uma grande realização para Saladino. Depois de quase uma década ele havia unificado a Síria muçulmana e agora podia reclamar o

domínio de uma faixa de território entre o Nilo e o Eufrates. Algumas cartas que sobreviveram revelam a maneira pela qual o sultão celebrou e alardeou seu sucesso. Como sempre, também tomou o cuidado de justificar sua conquista, declarando que de bom grado compartilharia o comando do Islã se pudesse, mas acrescentando que, na guerra, apenas um homem podia assumir o comando. A subjugação de Alepo foi descrita como um passo adiante no caminho para a recaptura de Jerusalém, e ele declarou orgulhosamente que “o Islã agora despertou para afugentar o fantasma noturno da descrença”.⁵⁴

Contra o pano de fundo dessa retórica, ficava óbvio, no sinal do verão de 1183, que Saladino tinha, até certo ponto, cumprido a promessa implícita em sua propaganda de atacar os francos. Para assegurar as defesas do norte da Síria, concordou com uma trégua com Boemundo III, de Antioquia, garantindo termos extremamente favoráveis para o Islã – incluindo a libertação de prisioneiros muçulmanos e concessões territoriais – antes de viajar para o sul em direção a Damasco para orquestrar uma exibição de força contra o reino de Jerusalém.

A GUERRA CONTRA OS FRANCOS

O equilíbrio do poder na Palestina franca havia se modificado de modo significativo nos anos recentes. No final da década de 1170, com a saúde do rei Balduíno IV se agravando, uma aliança matrimonial fora planejada entre Sibila, sua irmã viúva, e o eminente nobre Hugo III, duque da Borgonha. A morte do rei Luís VII da França em 1180, deixando seu jovem filho Filipe Augusto como herdeiro do trono, interferiu nesse esquema, pois a iminente luta pelo poder na França significava que Hugo não se mostrava disposto a deixar seu ducado. Um novo marido para Sibila, portanto, tinha que ser encontrado. Nesse ponto, Raimundo III, de Trípoli, e Boemundo III, de Antioquia, parecem ter decidido que, no interesse de suas próprias ambições e no da continuada segurança de Jerusalém, Balduíno IV precisava ser afastado do poder. Na Páscoa de 1180, os dois tentaram orquestrar o que, na essência, era um golpe de estado, forçando Sibila a se casar com o aliado por eles escolhido, Balduíno de Ibelin, membro da cada vez mais poderosa dinastia dos ibelinos. Se esse casamento tivesse ocorrido, o rei leproso poderia não ter sido importunado, mas Balduíno IV não estava disposto a abrir mão de sua influência quanto à sucessão. Com o incentivo de sua mãe e tio, Joscelino de Courtenay, ele assumiu a iniciativa. Antes que Raimundo e Boemundo pudessem intervir, o rei casou Sibila com o candidato de sua preferência, Guy de Lusignan, um cavaleiro da nobreza de Poitou, recentemente chegado ao Levante.

Em parte, a escolha de Balduíno foi orientada pela necessidade, pois Guy era o único homem solteiro adulto de nascimento suficientemente nobre então presente na Palestina. A ligação de Guy com Poitou – uma região governada pelo rei angevino Henrique II da Inglaterra – também pode ter sido um fator, pois com a França capetúgia em desalinho, a importância da Inglaterra como aliada foi incrementada. Não obstante, o surgimento de Guy como principal ator político foi, ao mesmo tempo, súbito e inesperado. Com seu casamento com Sibila, ele se tornou o herdeiro designado do trono de Jerusalém. Também se esperava que ele assumisse o papel de regente se Balduíno IV ficasse incapacitado devido à doença. A questão era se a precipitada elevação de Guy alienaria ou desagradaria outros importantes membros da corte, inclusive

Raimundo de Trípoli e os ibelinos. As qualidades de Guy como líder político e militar também permaneciam desconhecidas, bem como sua disposição de refrear suas próprias ambições pela coroa enquanto Balduíno IV vivesse, para chegar ao poder.⁵⁵

A incitação da agressão latina

A decisão de Saladino de lançar uma ofensiva contra a Palestina latina no outono de 1183 não foi deslanchada apenas por um desejo de afirmar suas credenciais da jihad. Até certo ponto, seus ataques também foram uma resposta retaliatória à recente agressão franca. No final de 1182, durante a ausência do sultão no Iraque, os francos atacaram as regiões em torno de Damasco e Bosra, retomando a Caverna de Sueth.

Ao sul, na Transjordânia, Reinaldo de Châtillon iniciou uma campanha mais deliberadamente beligerante, um ataque para o qual ele se preparara (provavelmente em acordo com o rei) por uns dois anos. O serviço de inteligência de Saladino havia advertido que o senhor de Kerak estava planejando um ataque, mas o sultão pressupôs erroneamente que esse ataque se concentraria na rota que cortava o Sinai, ligando o Egito a Damasco, e assim incumbiu al-Adil de incrementar as fortificações no contingente-chave de al-Arish. Na verdade, o esquema de Reinaldo era muito mais ousado e corajoso, mesmo sendo, em termos estratégicos, menos ponderado. No final de 1182 para o início de 1183, cinco galeras, construídas por partes em Kerak, foram transportadas em lombo de camelos para o Golfo de Aqaba, montadas e lançadas no Mar Vermelho. Esta foi a primeira vez em séculos que navios cristãos singravam aquelas águas. Reinaldo dividiu sua frota, com dois navios bloqueando o porto de Aqaba, controlado pelos muçulmanos, que ele próprio atacou por terra, e os três navios restantes foram mandados para o sul, equipados com navegadores árabes e manejados por soldados. Aparentemente, as notícias das extraordinárias proezas dessa flotilha de três navios nunca chegaram aos francos. Uma única fonte latina registrou que, depois de seu lançamento, “nada se ouviu deles e ninguém sabe o que houve com eles”, e, tendo infligido alguns danos a Aqaba, Reinaldo voltou para casa.

No mundo muçulmano, entretanto, a chocante expedição sem precedentes ao Mar Vermelho causou indignação. Durante semanas, as três galeras cristãs causaram destruição nos desavisados portos do Egito e da Arábia, atingindo peregrinos e mercadores, além de ameaçar o coração espiritual do Islã, as cidades sagradas de Meca e Medina. Chegou-se a dizer que os cristãos

tencionavam roubar o cadáver de Maomé. Foi só quando al-Adil levou sua própria frota do Cairo para o Mar Vermelho que os navios cristãos foram perseguidos. Forçada a aportar seus navios na costa arábica, a tripulação cristã fugiu para o deserto, mas, depois de encurralada, 170 de seus homens se entregaram, provavelmente em troca da promessa de um salvo-conduto. No final, contudo, suas vidas não foram poupadas.

Informado dos eventos enquanto estava no Iraque, Saladino insistiu que um exemplo fosse dado: oficialmente, argumentou que os infiéis que conhecessem os caminhos para as cidades mais sagradas do Islã não poderiam continuar vivos; em particular, é claro, ele devia estar muito consciente de uma verdade pouco confortável. Nesse exato momento de crise infame, o autoproclamado campeão da fé estava ausente, lutando contra muçulmanos. Assim, apesar do evidente mal-estar de al-Adil, o sultão exigiu retribuição pela “enormidade sem paralelo” dos crimes dos prisioneiros latinos e, segundo um testemunho árabe, insistiu que “a terra deve ser purgada de sua sujeira e o ar de seu hálito”. A maioria dos cativos foi enviada, individualmente ou em pares, para várias cidades e assentamentos do reino aiúbida e executados em público, mas dois foram poupados para um destino ainda mais chocante. Quando do Hajj seguinte, foram levados a um local nos arredores de Meca, onde animais são tradicionalmente oferecidos em sacrifício e sua carne entregue para alimentar os pobres; ali os dois infortunados cativos foram trucidados “como animais para o sacrifício” diante de uma ululante multidão de peregrinos. A conspiração da Arábia havia sido punida, e a imagem do sultão como resoluta defensor do Islã, confirmada, mas a lembrança amarga da “escandalosa campanha francesa no Mar Vermelho permaneceu, e seu arquiteto, Reinaldo de Châtillon, então se tornou uma figura desprezada e odiada.⁵⁶

Uma crescente onda de conflito?

Quando o ataque de Saladino ao reino de Jerusalém finalmente aconteceu, no outono de 1183, a profunda debilidade da Palestina cristã foi colocada à mostra. Naquele verão, a saúde de Balduíno IV voltou a se deteriorar. Nessa altura, a lepra já havia deixado seu corpo em ruína, pois “sua vista falhava e suas extremidades estavam cobertas de ulcerações, de modo que ele era incapaz de usar as mãos ou os pés”. Incapacitado de percorrer qualquer distância a cavalo, ele se acostumara a se deslocar numa liteira. Não obstante, até este ponto, Guilherme de Tiro atestava que “embora fisicamente fraco e impotente, ele se mostrava mentalmente vigoroso, e, muito acima de suas forças, lutava por esconder sua doença e se ocupar dos negócios do reino”. Agora em 1183, contudo, uma espécie de infecção secundária o atormentava e, “atacado por (uma) febre... perdera toda esperança de vida”. Devastado pela enfermidade, desesperadamente temeroso de que Saladino deslanchasse um novo ataque, embora desconhecendo completamente onde isso ocorreria, o jovem rei estava num terrível dilema. Convocando as forças de Jerusalém, mais as de Trípoli e Antioquia, para se reunirem em Séforis, ele se retirou para Nazaré e temporariamente transferiu o poder executivo para seu cunhado, o herdeiro aparente, Guy de Lusignan.

Como regente, Guy assumiu o cargo de comandante em chefe latino quando Saladino invadiu a Galileia no final de setembro de 1183. Ele estava à frente das maiores forças francas já reunidas na Palestina – com cerca de 1.300 cavaleiros e 15 mil soldados de infantaria –, embora ainda diminutas se comparadas com as forças muçulmanas. Com pouca ou nenhuma experiência de comandar um exército dessa envergadura em meio a uma guerra total, as habilidades de Guy certamente seriam postas à prova, mas em termos da ciência militar ele desempenhou um papel eficiente, embora ainda nada apresentando de espetacular. Quando Saladino mais uma vez pilhou Bethsan, Guy avançou de maneira ordenada, usando a infantaria como anteparo de seus cavaleiros durante a marcha e, impedindo confrontos menores, evitou o envolvimento em uma batalha apressada. Na esperança de tentar os latinos a romperem formação, Saladino retirou-se a uma curta distância para o norte, mas nenhuma perseguição aconteceu e os dois lados assumiram posições defensivas, distantes seiscentos

metros um do outro, perto da vila de Ayn Jalut. Um impasse se prolongou por quase duas semanas, apesar dos esforços do sultão de provocar um ataque, e em meados de outubro o exército muçulmano retrocedeu para a outra margem do Jordão. Os francos haviam sobrevivido à tempestade.

Durante a campanha, Guy seguiu os princípios consagrados da estratégia defensiva “cruzada” ao pé da letra, mantendo a disciplina da tropa, procurando limitar a mobilidade do inimigo por meio de ameaça de avanço, embora sempre evitando o risco do confronto. Contudo, a despeito dessa cautelosa forma de agir, ele foi duramente criticado por seus rivais da corte por permitir que Saladino atacasse o reino sem impedimento, e repreendido por exibir uma timidez indigna da cultura cavaleiresca. A verdade é que, por mais segura que parecesse em termos táticos, a inação cautelosa era raramente popular entre os soldados latinos. Até os soberanos experimentados e os comandantes veteranos de guerra acabavam por dar ordens que aparentemente pareciam humilhantes e covardes – em 1115 Rogério de Salerno ameaçou cegar seus homens para mantê-los em linha, e, anos depois, Ricardo Coração de Leão experimentou dificuldades similares no controle das tropas. Guy era um general inexperiente, recém-nomeado regente, cujo direito ao trono estava aberto à dúvida. O que mais lhe seria conveniente naquele outono de 1183 era uma firme demonstração de postura marcial, talvez até mesmo uma audaciosa vitória militar, para convencer os que duvidavam dele e silenciar seus críticos. No mínimo, tinha que demonstrar que possuía a força de vontade para dominar a aristocracia independente de Jerusalém. Na verdade, ao fazer o que era correto para a defesa do reino, Guy prestou a si mesmo um grave desserviço. Não é de surpreender que seus inimigos políticos se valessem dessa oportunidade para manchar sua reputação.⁵⁷

Depois de uma breve pausa, no final de outubro de 1183 Saladino deslocou-se para o sul da Transjordânia para tomar Kerak. Este foi um ataque mais determinado, pois se equipou com as pesadas armas de assédio, incluindo algumas máquinas para atacar o castelo, mas também foi uma conveniente oportunidade de encontrar seu irmão al-Adil, que tinha viajado do Egito para assumir o governo do recém-conquistado território aiúbida ao norte da Síria. A investida do sultão contra Kerak também coincidiu, talvez de maneira deliberada, com a celebração de um alardeado casamento franco entre Hunfredo IV, de Toron, e a meia-irmã do rei, Isabel, presidido por Reinaldo de Châtillon, sua esposa Estefânia de Milly e a mãe de Isabel, Maria Comnena. Saladino pôde ter ficado à espreita de capturar um grupo muito importante de nobres cristãos,

pois seu resgate seria uma verdadeira dádiva.^b Posteriormente circulou uma história de que, mesmo em meio ao cerco, a dama Estefânia gentilmente enviou comida do banquete nupcial para o sultão que, em retribuição, prometeu não atacar a parte da fortaleza ocupada pelos recém-casados. Se há algo de verdade nessa história (que não é mencionada pelas fontes muçulmanas), então a aparente galanteria de Saladino poderia ser, em parte, motivada pelo desejo de preservar as vidas de tão valiosos reféns.

As notícias do cerco de Kerak chegaram à corte latina de Jerusalém no momento em que os francos já estavam envolvidos nas disputas pela sucessão. Contrariando as expectativas, a febre do rei leproso baixou e um mínimo de forças voltou ao corpo enfraquecido de Balduíno. Em sequência aos eventos ocorridos em Ayn Jalut, ele e Guy de Lusignan brigaram ruidosamente pelos direitos sobre o reino e, talvez com sua mente envenenada pela opinião de Raimundo III e dos irmãos Ibelin, o jovem monarca virou-se contra Guy, rescindindo sua regência. Enquanto Kerak ainda estava sob cerco, Balduíno convocou um conselho para discutir a escolha de um novo herdeiro e, no final, a escolha recaiu sobre o filho de Sibila com seu primeiro marido – o sobrinho homônimo do rei: Balduíno (V). Em 20 de novembro de 1183, este menino de cinco anos de idade tornou-se o herdeiro designado, coroado e ungido como cogovernante do Santo Sepulcro. Até Guilherme de Tiro teve que admitir que “as opiniões dos sábios sobre esta grande mudança foram muitas e variadas... pois os dois reis eram limitados, um pela doença e o outro pela tenra idade, e tudo foi completamente inútil”. O arcebispo, contudo, expressou sua própria opinião, ainda que velada, concluindo que esse arranjo tinha, pelo menos, suprimido toda esperança que Guy, o “inteiramente incompetente”, ainda tivesse de ascender ao trono um dia.⁵⁸

Com esse novo acordo selado, Balduíno IV partiu para a Transjordânia, na esperança de libertar Kerak. Devido à continuada fragilidade do rei, ele teve que ser transportado numa liteira, e Raimundo de Trípoli foi escolhido como comandante do exército franco. Apesar da postergada reação dos latinos, Saladino não foi capaz de vencer o amplo fosso seco de Kerak e, com o exército cristão se aproximando, o sultão abandonou o cerco em 4 de dezembro de 1183. No geral, seu ataque tinha se mostrado tímido, e ele certamente não estava disposto a enfrentar os francos em campo aberto. O rei leproso pôde então entrar na fortaleza abandonada à guisa de salvador vitorioso.

Naquele inverno, um desentendimento declarado irrompeu entre Balduíno IV e

Guy de Lusignan, e durante toda a primeira metade de 1184 o reino latino foi um estado enfraquecido pela desunião. Saladino, contudo, concentrou-se na luta diplomática por Mossul e nada fez que assustasse os francos até o final do verão. Em 22 de agosto, ele deu início a outro cerco a Kerak, mas depois de o rei leproso ter reunido o que lhe restava de forças para reunir uma armada de resgate, o sultão bateu novamente em retirada, estabelecendo um acampamento bem defendido alguns quilômetros ao norte. Como os latinos não fizeram nenhum esforço por atacar, ele prosseguiu. Depois de uma campanha de curta duração no vale do Jordão e um breve ataque a Nablus, Saladino retirou-se para Damasco.

Ao longo de suas duas expedições contra o reino de Jerusalém em 1183 e 1184, Saladino observou uma estratégia de cautelosa agressão, continuando a pressionar e testar os franceses, assumindo mínimos riscos e evitando a batalha quando o inimigo se recusava a lutar segundo seus termos e no local de sua escolha. Esses encontros têm sido amiúde apresentados como etapas criteriosas e gradativamente escaladas do caminho da invasão máxima, mas também poderiam ser interpretados como alfinetadas de uma luta que era, até então, apenas de importância secundária para o sultão. É admirável que, por todo o início dos anos 1180, as ofensivas jihadistas de Saladino contra os latinos tenham se concentrado quase exclusivamente em duas regiões específicas que eram de significância estratégica, política e econômica para o reino aiúbida: a Transjordânia, a crucial rota terrestre que ligava o Egito e Damasco e que também era usada tanto pelas caravanas comerciais como para o tráfego de peregrinos rumo à Arábia; e a Galileia, a região controlada pelos latinos e que representava a maior ameaça para Damasco.

A verdade é que, nesse período, Saladino não demonstrou determinação alguma de realizar uma invasão decisiva da Palestina e não fez nenhuma tentativa obstinada de confrontar os franceses em batalha. Em termos reais, o domínio latino de Jerusalém permanecia incontestado. O sultão lançou uma guerra contra o Ultramar, mas seus esforços parecem, pelo menos em parte, terem sido provocados pela necessidade de substanciar publicamente sua declarada dedicação à jihad – por vezes, seus ataques quase parecem gestos simbólicos. Valendo-nos da visão em retrospectiva, fica evidente que, devido à extrema vulnerabilidade dos francos, uma séria ofensiva aiúbida contra o reino de Jerusalém poderia ter levado Saladino a uma vitória absoluta, particularmente em 1183-4. Em defesa do sultão, contudo, é muito incerto que ele realmente conhecesse a verdadeira e impeditiva extensão da dissensão e fraqueza a que os

cristãos tinham sido levados.

Também é importante reconhecer que, embora as crônicas e biografias árabes e latinas relacionadas aos eventos políticos e militares passem uma sensação de crescente tensão entre o Ultramar cristão e o Islã aiúbida na década de 1180, outras fontes oferecem uma perspectiva diferente. O peregrino e viajante ibérico muçulmano Ibn Jubayr passou pela Terra Santa nesse preciso período, juntando-se a uma caravana comercial muçulmana de Damasco a Acre no outono de 1184, e testemunhou certo grau de contatos e coexistência interculturais que achou extraordinários:

Uma das coisas surpreendentes de que se fala é que, apesar de o fogo da discórdia arder entre as duas partes, muçulmanos e cristãos, seus dois exércitos podendo encontrar-se e se dispor em ordem de batalha, os viajantes muçulmanos e cristãos, então, passam de um lado para o outro sem interferência. Nesse sentido, vimos Saladino (partir) com todas as tropas muçulmanas para assediar a fortaleza de Kerak, um dos maiores castelos dos cristãos, situado na estrada (para Meca e Medina) e dificultando a passagem por terra dos muçulmanos...

Este sultão investiu contra essa fortaleza e a colocou em apuros, com um longo e prolongado cerco, mas mesmo assim as caravanas passavam sucessivamente do Egito para Damasco, através das terras dos francos sem qualquer impedimento. Da mesma forma, os muçulmanos continuamente viajavam de Damasco para Acre (através de território franco), e os mercadores cristãos tampouco eram detidos ou incomodados (em território muçulmano).

Essa evidência fascinante e reveladora sugere que uma pulsante corrente comercial prosseguia intensa durante todos esses anos, ligando os mundos cristão e muçulmano. O testemunho de Ibn Jubayr parece desmentir qualquer noção de que essas duas potências rivais estivessem em oposição num conflito veemente e implacável. Se sua visão do mundo levantino era representativa – e devemos lembrar que Ibn Jubayr era um forasteiro que passou apenas alguns meses na região –, então o aparente insucesso de Saladino de priorizar urgentemente a jihad talvez fique mais compreensível.⁵⁹

Qualquer que fosse a profundidade da inimizade entre o Islã e os francos, no ano que se seguiu a crise de liderança no reino de Jerusalém se aprofundou. No outono de 1184, a condição de Balduíno IV tornou a se deteriorar e, por fim, ficou claro que ele estava morrendo. Apesar de sua continuada apreensão quanto à lealdade de Raimundo de Trípoli, Balduíno nomeou o conde como regente – sendo que a única alternativa realista para o posto era Reinaldo de Châtillon, que estava atentamente engajado na defesa da Transjordânia. Em meados de maio de 1185, Balduíno IV morreu com apenas 23 anos e foi sepultado, ao lado de seu pai Amalrico, no Santo Sepulcro. Durante a maior parte de seu conturbado reinado, Balduíno lutou com uma situação de pesadelo – cômico de que era incapaz de um governo efetivo, tampouco de assegurar uma substituição aceitável ou orquestrar uma transferência bem-sucedida de poder, mesmo com o aumento da ameaça de uma invasão muçulmana. O tempo todo ele exibiu uma coragem física para enfrentar sua incapacidade. Mesmo assim, não conseguiu conter ou controlar as ambições de seus súditos mais poderosos e cometeu vários erros de julgamento, principalmente em sua decisão de recuar no apoio de Guy de Lusignan no final de 1183. Ele deve ser lembrado como uma figura trágica – alguém que lutou por defender a Terra Santa, embora governando durante uma década de perigoso declínio.

TRANSFORMAÇÃO

Em 1185, Saladino mais uma vez voltou sua atenção para a sujeição da Mesopotâmia muçulmana. Repetidas tentativas de conseguir um acordo negociado com Mossul no início de 1184 haviam fracassado, embora o sultão continuasse a exercer sua influência sobre a região, ganhando o apoio dos assentamentos iraquianos vizinhos por meio de um misto de intimidação, persuasão e suborno declarado. Em 1185, contudo, ficou claro que uma segunda expedição para além do Eufrates seria necessária se a autoridade aiúbida tivesse que realmente ser imposta, com Mossul curvado à sua vontade. Com a Síria e o Egito garantidos por uma margem de proteção graças a um acordo de trégua de um ano com Raimundo de Trípoli naquela primavera, Saladino partiu de Alepo para o leste com um grande exército e na companhia de Isa e al-Mashtub, aos quais mais tarde juntou-se Keukburi.

Ainda preocupado com garantir sua imagem como defensor e unificador dos muçulmanos, Saladino despachou enviados a Bagdá para justificar sua campanha, apelando para toda uma série familiar de alegações. A princípio, pareceu que Izz al-Din, de Mossul, estava disposto a negociar um acordo, mas suas tentativas diplomáticas mostraram-se incoerentes e provavelmente só objetivavam abrandar o ímpeto militar aiúbida. Pouco depois, o sultão empreendeu um segundo cerco a Mossul em meio ao verão escaldante. Esta se mostrou uma empreitada em grande parte sem incidentes – na verdade, o progresso foi tão lento que Saladino até pensou em um plano extremamente ambicioso de dobrar os habitantes de Mossul desviando o poderoso rio Tigre para longe da cidade, assim cortando seu suprimento de água. Em agosto, ele se deslocou para o norte para obter conquistas mais fáceis na região de Diar Baquir, no curso superior do Tigre, e no outono a maioria dos potentados muçulmanos da Mesopotâmia tinha sido incorporada à sua causa ou forçada à submissão. Como sempre, Izz al-Din mostrou-se indômito, mas sua resistência parecia estar refluindo.

Encarando a mortalidade

Foi neste ponto, em 3 de dezembro de 1185, que o sultão caiu doente com uma febre e se retirou para Harã. À medida que as semanas se transformavam em meses, sua força se esvaía, e a preocupação dos que o cercavam aumentava. Durante todo esse período, Imad al-Din, que havia ido para leste com Saladino, trocou uma torrente de cartas ansiosas com al-Fadil, que estava em Damasco. Suas palavras expressavam a profunda preocupação, medo e confusão que agora atormentavam o mundo aiúbida. Por duas vezes, pareceu que a saúde do sultão voltava, e que o perigo havia passado – a certa altura, al-Fadil até comunicou alegremente que havia recebido uma nota escrita pela mão de Saladino –, mas nas duas ocasiões o sultão teve uma recaída. Os médicos da corte, recém-chegados da Síria, ficaram discutindo os possíveis tratamentos, enquanto a mente de Saladino alternava períodos de lucidez e ausência, e seu corpo definhava. Em sua cabeceira o tempo todo, Imad al-Din escreveu que “enquanto a dor (do sultão) aumentava, também crescia sua esperança de auxílio divino”, observando com tristeza que “a propagação de más notícias... não podia ser evitada, especialmente quando os médicos (saíram) e disseram que não havia mais esperança... então, as pessoas eram vistas despachando seus tesouros”. No início de 1186, al-Fadil escreveu que em Damasco “os corações (estão) palpitando e as línguas (estão) cheias de boatos”, implorando que o sultão fosse levado das fronteiras de suas terras para a segurança da Síria.

Em janeiro, Saladino ditou seu testamento e, em meados de fevereiro, al-Adil chegou de Alepo para oferecer seu apoio, mas também para estar preparado para assumir as rédeas do poder se fosse necessário. Nesse ínterim, outro aiúbida escapuliu de Alepo para fomentar a rebelião. Nasir al-Din, filho de Shirkuh, parecia ter desenvolvido o câncer do ciúme com relação à ascensão do poder de seu primo Saladino no Egito, uma região que ele poderia ter reclamado como herdeiro de seu pai em 1169. Ter recebido Homs só produziu uma lealdade ressentida na década de 1170, mas com a morte aparentemente iminente do sultão, Nasir al-Din agora viu uma chance de ascender. Rapidamente reunindo tropas na Síria, engendrou planos furtivos para a captura de Damasco. Sua escolha do momento revelou-se desastrosa. Nos últimos dias de fevereiro, a condição do sultão sofreu uma reviravolta e ele começou a ter uma recuperação

lenta, porém firme. Em 3 de março, Nasir al-Din estava morto. Oficialmente, ele havia sucumbido a uma doença que avançara “num piscar de olhos”, mas se dizia à boca pequena que havia sido envenenado pelos agentes de Saladino em Damasco.

Saladino ficara cara a cara com sua própria mortalidade no início de 1186. Já se sugeriu muitas vezes que ele ressurgiu como homem mudado, tendo feito uma pausa para avaliar sua vida, sua fé e suas vitórias nas muitas guerras travadas contra os franceses e seus irmãos muçulmanos. Com certeza, alguns contemporâneos representaram esse momento como o de uma profunda transformação na carreira do sultão, depois da qual ele se dedicou à causa da jihad e à retomada de Jerusalém. No auge de sua doença, ele aparentemente jurou concentrar toda sua energia nessa finalidade, sem levar em conta o sacrifício humano e financeiro que seria necessário. Imad al-Din escreveu que essa aflição havia sido divinamente ditada, “para despertar (Saladino) do sono do esquecimento”, e observou que o sultão subsequentemente consultou os juristas e teólogos islâmicos a respeito de suas obrigações espirituais. Al-Fadil, que se opusera à campanha de Mossul, agora procurava convencer Saladino a renunciar à agressão contra os muçulmanos. Em termos práticos, a enfermidade de Saladino forçou-o a aceitar uma conciliação com Mossul em março de 1186. O governante zênghida Izz al-Din permaneceu no poder, mas reconhecia o sultão como suserano, incluindo seu nome na prece de sexta-feira e prometendo contribuir com tropas para a guerra santa.⁶⁰

A carreira de Saladino até 1186

Para os modernos estudiosos – principalmente na clássica biografia política de Saladino escrita por Malcolm Lyons e David Jackson, publicada em 1982 –, o embate do sultão com a morte mostrou-se revelador em outro sentido, pois levantou a questão de como ele poderia ser visto pela história se seu destino tivesse sido outro, pondo fim à sua vida em Harã no início de 1186. A forte conclusão de Lyons e Jackson de que Saladino seria lembrado como “um soldado moderadamente bem-sucedido (e) um dinasta que usou o Islã para atender a seus próprios interesses” é esclarecedora, embora um pouco contundente. Até esse ponto, o sultão tinha feito apenas uma contribuição limitada à jihad, passando cerca de 33 meses lutando contra muçulmanos desde 1174 e apenas onze combatendo os francos. Ele foi um usurpador com um apetite óbvio de poder e uma notável facilidade para acumulá-lo – um autocrata agressivo que repetidamente apossou-se de território muçulmano sobre o qual não tinha verdadeiro direito e fez uso total da propaganda para justificar suas ações e manchar os nomes de seus oponentes. É claro que nem todos os historiadores aceitam essa visão de Saladino. Alguns ainda persistem na sugestão de que ele foi obcecado com a guerra santa contra os francos ao longo de toda sua carreira – sempre avançando em direção a um ataque em grande escala contra o reino de Jerusalém e sempre buscando trazer seus inimigos cristãos para a batalha –, mas, na média, a evidência contemporânea sugere que esses estão equivocados.⁶¹

Não é de surpreender que os objetivos de Saladino até 1186 continuem a ser debatidos, pois até seus contemporâneos fizeram isso. Alguns louvaram o sultão. Escrevendo um pouco antes de sua morte (provavelmente em 1185), Guilherme de Tiro acreditava que o governante aiúbida representou uma grave e imediata ameaça para a sobrevivência continuada do Ultramar, mas, não obstante, louvou-o como “um homem sábio em seus conselhos, valente em batalha e generoso além da medida”.⁶² Contudo, outros oponentes e apoiadores – do cronista iraquiano pró-zênghida Ibn al-Athir a al-Fadil, secretário pessoal do sultão – sabiam muito bem que faltava a Saladino uma sincera devoção à jihad, o que o deixou perigosamente exposto às acusações de tirar proveito da construção do império. Se o sultão tivesse morrido no início de 1186, a questão de suas

intenções teria permanecido sem resposta. Mas ele continuou vivo, com o apelo da guerra santa soando em seus ouvidos.

bÉ claro que, dada a enraizada inimizade já existente entre Saladino e Reinaldo de Châtillon, e à luz do posterior tratamento dispensado a ele pelo sultão, é provável que, no caso do senhor de Kerak, o sultão não deve ter tido nenhuma intenção de obter um resgate por Reinaldo.

12. O GUERREIRO SANTO

Na primavera de 1186, tendo passado a pior fase de sua doença, Saladino – agora com cerca de 48 anos de idade – voltou a Damasco. Boa parte do restante do ano foi dedicada à sua prolongada convalescença, com recreações mais calmas, como debates teológicos, falcoaria e caça, enquanto sua vitalidade física lentamente se refazia. Naquele verão, uma grande preocupação foi provocada pela previsão da aproximação do apocalipse. Durante décadas, os astrólogos haviam previsto que, no dia 16 de setembro de 1186, um significativo alinhamento planetário provocaria uma devastadora tempestade de ventos, varrendo a vida da Terra. Esta lúgubre profecia circulava igualmente entre muçulmanos e cristãos, mas o sultão a achava ridícula. Ele a desafiou dando uma festa ao ar livre na suposta noite do desastre, enquanto “os simplórios escondiam-se em cavernas e abrigos subterrâneos”. Desnecessário dizer, a noite passou sem que nada acontecesse; na verdade, um dos companheiros do sultão observou sarcástico que “nunca vimos uma noite tão calma como aquela”.

Com sua saúde melhorando gradativamente, Saladino procurou reorganizar o equilíbrio e a distribuição do poder no que ele agora podia chamar de seu Império Aiúbida. Uma das prioridades foi designar seu filho mais velho, al-Afdal, como seu principal herdeiro. O jovem príncipe, então com cerca de dezesseis anos, foi levado do norte do Egito para a Síria. Entrando em Damasco em meio a celebrações dignas de um sultão, al-Afdal tornou-se o senhor nominal da cidade, embora, nos anos que se seguiram, Saladino amiúde o mantivesse a seu lado, instruindo-o nas artes da liderança, da política e da guerra. Dois dos filhos mais jovens de Saladino foram similarmente gratificados. Uthman, com catorze anos, foi nomeado governante do Egito, e o irmão em que o sultão depositava total confiança, al-Adil, retornou de Alepo para a região do Nilo para ser o guardião e orientador do jovem sobrinho. Alepo, por sua vez, passou para al-Zahir, o filho de treze anos do sultão. O único problema provocado por essa grande redistribuição era o sobrinho de Saladino, Tagi al-Din. Como governador do Egito desde 1183, ele havia demonstrado preocupantes tendências a agir de modo independente. Com a ajuda de Qaragush (a quem Saladino havia nomeado supervisor da corte caiota em 1169), Tagi al-Din havia feito planos de uma campanha em direção ao oeste, ao longo da costa norte-africana, que teria privado o sultão de valiosas tropas. Também abundavam rumores de que,

durante a doença do sultão, ele havia se preparado para declarar sua autonomia. No outono de 1186, Isa, o sempre diplomata, recebeu a delicada missão de persuadi-lo a abrir mão do poder no Egito e retornar à Síria. Chegando inesperadamente ao Cairo, Isa foi inicialmente saudado com prevaricação, mas então aparentemente aconselhou Tagi al-Din: “Vá para onde você quiser”. Esta frase aparentemente neutra tinha um gelado substrato ameaçador, e o sobrinho de Saladino logo partiu para Damasco, onde foi bem-vindo de volta à congregação e recompensado com sua antiga soberania sobre Hama, além de mais terras na região recém-subjugada de Diar Baquir.⁶³

A questão da continuada subserviência de Tagi al-Din refletia uma questão mais ampla. Para sustentar seu império florescente, Saladino dependia do suporte de sua família como um todo, mas o sultão também estava determinado a proteger o interesse de seus filhos, os perpetuadores diretos da linhagem dos aiúbidas. Saladino tinha que conseguir um delicado equilíbrio – precisava controlar o ímpeto e a ambição de parentes como Tagi al-Din, pois a energia deles era vital para dar prosseguimento à preservação e à expansão do reino; mas, ao mesmo tempo, sua independência tinha que ser refreada. No caso de Tagi al-Din, Saladino esperava garantir a lealdade do sobrinho oferecendo-lhe a perspectiva de um avanço continuado na Mesopotâmia Superior.

O ISLÃ UNIDO?

As tentativas de Saladino de moldar os destinos dinásticos do Império Aiúbida em 1186 eram, até certo ponto, uma função direta do poder e do território expandidos que ele havia acumulado. Desde que emergiu como força política e militar em 1169, ele havia comandado a subjugação do Oriente Próximo islâmico, estendendo sua autoridade sobre o Cairo, Damasco, Alepo e grandes trechos da Mesopotâmia. A abolição do califado fatímida havia posto um fim à paralisante divisão entre a Síria sunita e o Egito xiita, levando a uma nova era de acordo muçulmano panlevantino. Essas realizações, sem paralelo na história recente, ultrapassam até as de Nur al-Din. Aparentemente, Saladino tinha unido o Islã do Nilo ao Eufrates; as moedas por ele cunhadas, circulando por todo seu reino e muito além dele, agora traziam a inscrição “o sultão do Islã e dos muçulmanos”, uma contundente proclamação de sua autoridade, quase hegemônica, que tudo abrangia. Esta imagem tem muitas vezes sido aceita pelos historiadores modernos – uma atitude tipificada pela recente afirmativa de um estudioso de que, depois de 1183, “o comando de toda a Síria e do Egito estava nas mãos (de Saladino)”.⁶⁴

Contudo, a noção de que ele agora presidia um mundo de completa e duradoura unidade muçulmana é profundamente enganadora. Seu “império”, construído por meio de um misto de conquista direta e diplomacia coerciva, era, na verdade, meramente um amálgama quebradiço de governantes-clientes, cuja lealdade podia facilmente titubear. Mesmo no Cairo, em Damasco e Alepo – as chaves do reino –, o sultão dependia da continuada fidelidade e cooperação de sua família, uma virtude nem sempre garantida. Em outros locais, como em Mossul, na Ásia Menor e em Jazira, a supremacia aiúbida era bastante efêmera, dependendo de alianças frouxas e matizadas por uma antipatia mal disfarçada.

Em 1186 a magia funcionou. Mas isso só ocorreu porque Saladino tinha sobrevivido à sua enfermidade e ainda possuía saúde, força e influência para manifestar sua vontade. Nos anos que se seguiram, a obra de sustentar e governar um império tão geograficamente extenso e politicamente incongruente pareceu testar o sultão até a exaustão. E a luta para contra-atacar as forças centrífugas arraigadas que poderiam rapidamente dissolver o Império Aiúbida

provou-se constante e desgastante.

Mesmo depois de uns dezessete anos de luta incansável, a obra de Saladino ainda não estava completa. Em meio à guerra santa que estava por vir, ele podia convocar um exército dedicado, leal e destemido, mas quase o tempo todo o sultão estava à frente de uma coalizão frágil e amiúde inquieta, sempre consciente de que seu reinado poderia ser interrompido pela insurreição, rebelião ou cedência. Esse fato era de suprema importância, pois deu forma a boa parte de seu pensamento e de sua estratégia, forçando-o frequentemente a seguir o caminho da resistência mínima para buscar vitórias rápidas e autoperpetuadoras. Os historiadores contemporâneos e modernos têm por vezes criticado as qualidades de Saladino como comandante militar nesta fase tardia de sua carreira, argumentando que lhe faltava a ousadia para buscar custosos e prolongados assédios. De fato, ele dependia da velocidade da ação e do sucesso em andamento para manter o impulso, o que lhe ficava claro pelo conhecimento de que, se a máquina de guerra muçulmana ficasse estagnada, ela poderia muito bem entrar em colapso.

Num nível fundamental, o império de Saladino também havia sido forjado contra o pano de fundo da jihad; a cada etapa ele justificava a extensão da autoridade aiúbida como meio para atingir um fim. A unidade por trás de seu estandarte poderia ter sido comprada a um elevado preço, mas ele argumentava que era direcionada para um único propósito: a jihad para expulsar os francos da Palestina e libertar a Cidade Santa. Esse impulso ideológico havia comprovado ser um instrumento enormemente poderoso, inflamando e legitimando o motor da expansão, mas só ocorreu a um custo quase inevitável. A menos que Saladino desejasse ser revelado como déspota fraudulento, suas promessas de inflexível devoção à causa agora deviam ser cumpridas, e a guerra tão aguardada, por fim, travada. Com certeza, no período que se seguiu à sua doença, e que pode ter sido de espiritualidade aprofundada, a promulgação da jihad pelo sultão tornou-se mais ativa. Respeitados estudiosos islâmicos como os irmãos Ib Qudama e Abd al-Ghani, ambos proponentes da causa de Saladino desde muito tempo, estavam entre os que contribuíram para acelerar o fanatismo religioso. Em Damasco, e por todo o reino, panfletos religiosos e poemas sobre a fé, a obrigação da jihad e o significado preponderantemente devocional de Jerusalém eram todos recitados em enormes reuniões públicas com crescente regularidade. No final de 1186, parece que o sultão não só tinha reconhecido a necessidade política de um assalto total contra os latinos, mas também abraçado em nível pessoal a luta que se aproximava. Isso é comprovado pelo testemunho de um dos poucos críticos

entre os comentadores muçulmanos contemporâneos, o historiador de Mossul Ibn-al-Athir. Registrando um conselho de guerra do início de 1187, o cronista escreveu:

Um dos emires (de Saladino) disse a ele: “O melhor plano, em minha opinião, é invadir o território deles (e) se alguma força franca se opuser a nós, devemos enfrentá-la. Os do Ocidente nos amaldiçoam e dizem: “Ele desistiu de combater os infiéis e voltou sua atenção para combater muçulmanos”. (Deveríamos) assumir uma ação que nos vingasse e calasse a boca das pessoas.

A intenção de Ibn al-Athir era censurar o expansionismo aiúbida enquanto evocava a maré da pressão e a expectativa pública que acompanhava o sultão. Mas ele prosseguiu sugerindo que Saladino experimentou um breve, embora significativo, momento de autorrealização em meio a essa reunião. De acordo com Ibn al-Athir, o sultão declarou sua determinação de ir à guerra e então observou lamentoso que “as coisas não acontecem pela decisão do homem (e) não sabemos o quanto resta de nossas vidas”. Talvez fosse o próprio senso de mortalidade do sultão que o tenha levado à ação; qualquer que tenha sido o motivo, a mudança parece ter ocorrido. As verdadeiras questões ainda dizem respeito à verdadeira extensão de sua determinação de combater os francos nos longos anos entre 1169 e 1186, mas apesar do que havia feito antes, em 1187 Saladino reuniu toda a força de seu império para enfrentar o reino de Jerusalém. Agora ele estava totalmente decidido a levar os cristãos a uma batalha total e decisiva.⁶⁵

UM REINO DESFEITO

Esse aumento da agressão aiúbida coincidiu com uma crise profunda na Palestina latina. Em algum momento em meados de setembro de 1186, o jovem rei Balduíno V, de Jerusalém, veio a falecer, e irrompeu uma acirrada disputa pela sucessão. O conde Raimundo de Trípoli, que vinha agindo como regente, montou um esquema para tomar o trono, mas foi suplantado por Sibila (a irmã de Balduíno IV) e seu marido, Guy de Lusignan. Tendo conseguido o apoio do patriarca Heráclio, de grande parte da nobreza e das Ordens Militares, Sibila e Guy conseguiram ser coroados e ungidos como rainha e rei. Raimundo tentou engendrar uma guerra civil, proclamando Hunfredo de Toron e sua esposa Isabel como os monarcas de direito de Jerusalém. Mas, talvez ciente do terrível estrago que poderia produzir com essa proclamação, voltou atrás.

Como rei, um dos primeiros passos de Guy foi ganhar tempo para restaurar certo senso de ordem no reino renovando o tratado com Saladino até abril de 1187, em troca de cerca de 60 mil bezantesc de ouro. Guy era uma figura que provocava divisões – Balduíno de Ibelin ficou tão desgostoso com sua elevação que desistiu de sua suserania e se mudou para Antioquia – e, como rei, a política de Guy de colocar membros de sua família de Poitou em cargos de poder provocou ainda mais desconforto. Para lidar com seu poderoso inimigo Raimundo de Trípoli, Guy parece ter engendrado um plano para se apoderar da suserania da Galileia à força. Mas, em resposta, Raimundo tomou a atitude drástica de procurar proteção com Saladino. Fontes muçulmanas indicam que muitos dos conselheiros do sultão mostraram-se desconfiados dessa aproximação, mas que Saladino acertadamente julgou ser uma honesta oferta de aliança, produto da desesperada aflição que agora atingia os franceses. Para o horror declarado de muitos de seus contemporâneos latinos, Raimundo saudou a entrada de tropas muçulmanas em Tiberíades para reforçar a guarnição da cidade, e deu permissão às forças aiúbidas para cruzarem as terras galileias sem qualquer perturbação. Nesse pior momento, o conde perpetrou um ato de traição, engendrando uma desunião ainda maior entre os cristãos.

Então, nos meses de inverno de 1186 e 1187, Reinaldo de Châtillon, senhor de Kerak, rompeu a trégua com os aiúbidas atacando uma caravana muçulmana que

atravessava a Transjordânia em seu caminho do Cairo para Damasco. Seus motivos ainda estão abertos ao debate, mas a ambição básica provavelmente se combinou com o reconhecimento de que Saladino estava tramando uma grande ofensiva para obrigar Reinaldo a entrar em ação. Com certeza, nas semanas que se seguiram, ele não fez nenhum esforço para reparar as relações, recusando sem rodeios as exigências do sultão de que devolvesse as mercadorias roubadas. Mesmo sem o ataque de Reinaldo, Saladino quase com certeza se recusaria, naquela primavera, a renovar a trégua com a Palestina francesa, de modo que a outrora alegação popular de que o senhor de Kerak efetivamente desencadeou a guerra provavelmente deveria ser descartada. Não obstante, as proezas de Reinaldo reforçaram seu status como inimigo odiado do mundo muçulmano. Elas também deram a Saladino uma causa clara para que a guerra inflamasse ainda mais o coração do Islã.

PARA OS CHIFRES DE HATTIN

Na primavera de 1187, Saladino começou a reunir suas forças para uma invasão da Palestina. Trazendo tropas do Egito, da Síria, da Jazira e de Diar Baquir, ele formou um exército enorme, com cerca de 12 mil soldados profissionais de cavalaria em seu centro, apoiados por cerca de 30 mil voluntários. Uma testemunha ocular muçulmana comparou-os a uma alcateia de “velhos lobos (e) leões dilacerantes”, enquanto o próprio sultão descrevia como uma nuvem de poeira se levantou quando esse formigueiro humano marchou, “escurecendo o olho do sol”. Comandar essa força imensa já era um feito em si mesmo – um ponto de reunião foi escolhido na fértil região de Hauran, ao sul de Damasco, e, com soldados vindos de tão longe, a mobilização levou meses para se completar. A tarefa foi supervisionada pelo filho mais velho de Saladino, al-Afda, em sua maior função de comando até então.⁶⁶

Durante os primeiros estágios da campanha de 1187, a estratégia muçulmana seguiu, em grande parte, o padrão estabelecido pelos ataques aiúbidas em anos anteriores. Em abril, o sultão marchou para a Transjordânia para se juntar às forças que avançavam do norte da África, enquanto executava uma série de ataques punitivos a Kerak e Montreal, incluindo uma generalizada destruição de colheitas. Mas os franceses ofereceram pouca ou nenhuma reação a essa provocação. Nesse ínterim, em 1º de maio, al-Afdal participou de uma missão combinada de reconhecimento e ataque do outro lado do Jordão, testando as defesas de Tiberíades, enquanto Keukburi comandava uma força montada de ataque de cerca de sete mil cavaleiros para reconhecer o ponto de concentração preferido dos franceses em Séforis. Naquela noite eles foram avistados pelas sentinelas de Nazaré, e um pequeno grupo de templários e hospitalários, então passando pela Galileia e comandado pelos mestres de ambas as ordens, decidiu entrar em combate. Uma sangrenta escaramuça se seguiu junto às fontes de Cresson. Superados enormemente em número, cerca de 130 cavaleiros cristão e trezentos homens da infantaria foram mortos ou capturados. O mestre templário Geraldo de Ridefort foi um dos poucos que conseguiu escapar, mas seu colega hospitalário estava entre os mortos. Um primeiro golpe havia sido desfechado, elevando o moral dos muçulmanos e abalando os soldados cristãos. No que se

seguiu a essa chocante derrota, com a esmagadora ameaça aiúbida agora impossível de ser ignorada, o rei Guy e Raimundo de Trípoli se reconciliaram a contragosto, e o conde interrompeu o contato com Saladino.

No final de maio, o próprio sultão marchou para Hauran e, com a chegada dos últimos contingentes de suas tropas, avançou para o posto avançado de Ashtara, por volta de um dia de marcha ao sul da Galileia. A ele então se juntou Tagi al-Din, que voltava do norte da Síria, onde uma série de implacáveis ataques havia forçado o príncipe franco Boemundo III a concordar com os termos de uma trégua que salvaguardou Alepo de ataques. Ao longo de junho, Saladino fez seus planos e preparações finais, organizando suas tropas cuidadosamente e supervisionando as formações de batalha, de modo que seu imenso exército pudesse funcionar com o máximo de disciplina e eficiência. Três contingentes principais foram formados, com os flancos direito e esquerdo sob o comando de Tagi al-Din e Keukburi, respectivamente, e uma força central sob seu comando pessoal. Por fim, numa sexta-feira, dia 27 de junho de 1187, os muçulmanos estavam prontos para a guerra. A travessia do Jordão foi feita bem ao sul do Mar da Galileia, e a invasão da Palestina começou.

Em resposta ao terrível espectro do ataque islâmico, Guy de Lusignan havia seguido o protocolo franco padrão, reunindo o exército cristão em Séforis. Dada a escala sem precedentes das forças de Saladino, o rei havia tomado a drástica decisão de emitir uma convocação geral às armas, reunindo praticamente até o último dos homens em condição de lutar na Palestina e usando dinheiro enviado pelo rei Henrique II da Inglaterra para a Terra Santa (em lugar de uma cruzada de verdade) para pagar os reforços necessários de mercenários. Um membro do séquito do sultão escreveu que os latinos “chegaram em números que desafiavam a contagem, numerosos como seixos, 50 mil ou até mais”, mas, na realidade, Guy provavelmente reuniu em torno de 1.200 cavaleiros e entre 15 mil e 18 mil soldados de infantaria e turcopolosd. Este foi o maior exército já reunido sob a Verdadeira Cruz – o símbolo totêmico dos franceses, de valor marcial e devoção espiritual – mas foi, não obstante, enormemente ultrapassado em número pelas hordas muçulmanas. Ao reunir esse exército, o rei cristão também assumiu um risco considerável, deixando as fortalezas da Palestina guardadas por um número mínimo de soldados. Se esse conflito terminasse em uma retumbante derrota para os latinos, o reino de Jerusalém ficaria totalmente indefeso.⁶⁷

O objetivo preponderante de Saladino era obter uma vitória decisiva, levando os

franceses da segurança de Séforis para um combate em escala total no terreno que ele escolhesse. Mas toda sua experiência da guerra com Jerusalém sugeria que o inimigo não seria facilmente levado a um avanço imprudente. Nos últimos dias de junho, o sultão saiu do vale do Jordão para os planaltos da Galileia, acampando na pequena vila de Kafr Sabt – cerca de dez quilômetros a sudoeste de Tiberíades e dezesseis quilômetros a leste de Séforis, em meio a uma paisagem de amplas planícies e colinas onduladas, salpicadas por ocasionais florações rochosas. Ele começou a testar o inimigo, despachando pequenos grupos de ataque para o interior da região, enquanto reconhecia pessoalmente o acampamento de Guy a distância. Depois de alguns dias, ficou claro que, como se esperava, uma reação latina só seria obtida por uma provocação mais ousada.

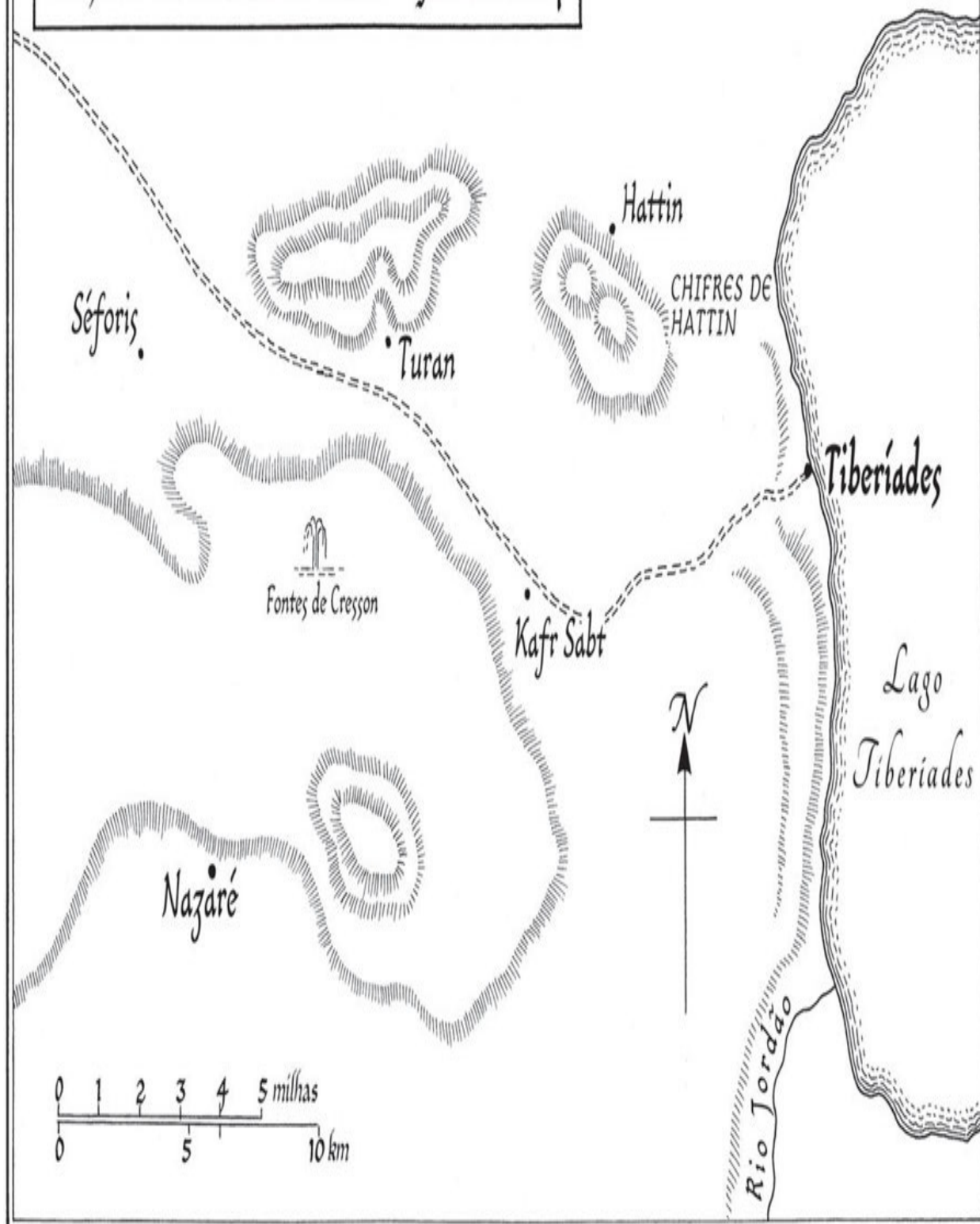
Em 2 de julho de 1187, Saladino preparou sua armadilha, comandando um ataque ao amanhecer à cidade de Tiberíades, fracamente defendida e onde a resistência cristã logo cederia. Só a cidadela resistiu, oferecendo um precário refúgio a Lady Eschiva, a esposa de Raimundo de Trípoli. Estas notícias logo chegaram a Séforis (na verdade, o sultão provavelmente permitiu que os mensageiros de Eschiva saíssem da cidade levando pedidos de socorro). Saladino esperava que a situação de Tiberíades forcesse Guy a agir. Quando a noite caiu, o sultão ficou aguardando que a isca atraísse seu peixe.

Alojados a 26 quilômetros de distância, os francos estavam imersos num debate. Numa reunião dos principais nobres do reino, presidida pelo rei Guy, o conde Raimundo parece ter aconselhado cuidado e paciência. Ele argumentou que o risco de confronto direto com um exército muçulmano tão formidável devia ser evitado, mesmo ao custo da queda de Tiberíades e de sua própria captura. Com o passar do tempo, o exército de Saladino se dividiria, como tantas outras forças islâmicas antes dele, obrigando o sultão a bater em retirada; então, a Galileia poderia ser recuperada, e o resgate de Eschiva acertado. Outros, incluindo Reinaldo de Châtillon e o mestre templário Geraldo de Ridefort, tinham uma opinião diferente. Aconselhando Guy a ignorar o conde traiçoeiro e não confiável, advertiram quanto à vergonha de ficar numa inação covarde e incitaram à imediata libertação de Tiberíades. De acordo com uma das versões dos fatos, o rei inicialmente preferiu ficar em Séforis, mas, durante a noite, foi persuadido por Geraldo a voltar atrás em sua resolução. Na verdade, o fator mais decisivo da proposta de estratégia latina provavelmente foi a experiência de Guy. Diante de uma escolha quase idêntica quatro anos antes, ele teve que se recusar a lutar com Saladino e, em consequência, enfrentou o desprezo e a degradação. Agora, em 1187, ele abraçou a combatividade ousada e, na manhã de 3 de julho,

seu exército marchou para Séforis.

Assim que chegaram a Saladino as notícias do avanço franco, ele imediatamente subiu as colinas da Galileia, deixando um pequeno destacamento para garantir a posição obtida em Tiberíades. O inimigo avançava pelo leste em fileiras cerradas, quase certamente pela larga estrada romana que ia de Acre ao Mar da Galileia, com Raimundo de Trípoli à frente, os templários na retaguarda e a infantaria dando proteção à cavalaria. Uma testemunha ocular muçulmana descreveu como “ondas após ondas” dos cristãos começaram a surgir, observando que “o ar se encheu de poeira, a luz diminuiu (e) o deserto ficou atordoado” com o avanço deles. É difícil pressupor os objetivos precisos de Guy de Lusignan naquele dia, mas ele esperava, de maneira bastante otimista, chegar a Tiberíades ou, pelo menos, às margens do Mar da Galileia. O sultão estava determinado a impedir qualquer uma dessas eventualidades. Enviando soldados para provocar escaramuças com a coluna cristã, conservou o grosso das tropas no planalto aberto ao norte de Kafr Sabt, bloqueando a passagem dela.

Campanha de Saladino em Hattin - julho de 1187



Saladino acertadamente percebeu que o acesso à água desempenharia um papel crucial no conflito. No auge do verão, soldados e cavalos cruzando um terreno tão árido poderiam fácil e perigosamente ficar desidratados. Com isso em mente, ele ordenou que todos os poços da região imediata fossem preenchidos, enquanto se assegurava de que suas tropas seriam bem supridas pela fonte de Kafr Sabt e com água trazida por camelos do vale do Jordão. Sobrou apenas a grande fonte da vila de Hattin, na borda norte da escarpa, e os acessos a ela foram cuidadosamente vigiados. O sultão havia criado o que era, na prática, uma vasta zona de matança.⁶⁸

Ao meio-dia do dia 3 de julho, os francos se detiveram para um breve descanso ao lado da vila de Turan, cuja pequena fonte temporariamente lhes aplacou a sede, mas não era adequada para as necessidades de muitos milhares de homens. Guy teve ter acreditado que ainda podia prosseguir para Tiberíades e, por ora, deu as costas para esse santuário insubstancial, prosseguindo com sua marcha rastejante em direção oeste. Mas ele havia subestimado o grande peso dos números à disposição de Saladino. Mantendo seu contingente central em posição para bloquear e desbaratar o avanço cristão, o sultão enviou as divisões de flanco de Keukburi e Tagi al-Din para que se apossassem rapidamente de Turan, barrando qualquer possibilidade de retirada latina. Prosseguindo em sua marcha, os franceses entraram na área do planalto que havia sido cuidadosamente preparada por Saladino para a batalha e a vitória. A armadilha estava pronta.

Quase no fim do dia, o rei cristão hesitou. Um ataque frontal, a leste, em direção ao Mar da Galileia, ou a nordeste, em direção a Hattin, ainda poderia ter alguma possibilidade de sucesso, possibilitando aos latinos o acesso à água. Mas, em vez disso, Guy tomou a decisão desesperada de acampar em um local completamente sem água e indefensável, numa atitude que equivalia a admitir a derrota que se aproximava. Naquela noite, a atmosfera dos dois exércitos não poderia ter sido mais diferente. Com os soldados muçulmanos “tão próximos que até poderiam falar com eles” e numa posição tão cerrada que nem “um gato (em fuga)... poderia ter escapado”, os francos estavam em total escuridão, a cada hora mais enfraquecidos por uma sede terrível. Do outro lado, as tropas do sultão saturavam o ar com cantos de Allahu akhbar (Alá é grande) e sua coragem se fortalecia, “já farejando o triunfo”, enquanto seu líder fazia os últimos preparativos para desferir seu golpe de misericórdia.

A batalha total não aconteceu com o amanhecer do dia 4 de julho. Em vez disso,

Saladino permitiu que os cristãos fizessem um avanço dolorosamente lento, quase certamente rumo ao leste, ao longo da principal estrada romana. Ele aguardava pelo calor do dia que estava por começar, para que se iniciassem os efeitos devastadores da desidratação no inimigo. Então, para aumentar sua agonia, as tropas de Saladino começaram a incendiar o capim, levantando nuvens de fumaça sufocante entre as titubeantes fileiras latinas. O sultão posteriormente comentou que essa conflagração foi “um lembrete do que Deus havia preparado para eles no outro mundo”; com certeza, foi suficiente para que bolsões da infantaria e até de renomados cavaleiros se rendessem. Uma testemunha ocular muçulmana observou: “Os francos ansiavam por uma interrupção do combate, e seu exército, em desespero, buscou uma forma de escapar. Mas eram barrados por toda parte e atormentados pelo calor da guerra sem poderem ter um descanso”.⁶⁹

Até então, os soldados muçulmanos encarregados das escaramuças continuavam a atormentar o inimigo, mas a arma mais mortal de Saladino ainda não havia sido empregada. Na noite anterior, ele havia distribuído cerca de quatrocentos feixes de flechas entre seus arqueiros, e então, por volta do meio-dia, ordenou que se iniciasse um ataque total e devastador. Enquanto “os arcos zumbiam e suas cordas cantavam”, as flechas voavam pelo ar “como uma nuvem de gafanhotos”, matando homens e cavalos, “abrindo grandes lacunas nas fileiras (francas)”. Com a infantaria em pânico e desfazendo sua formação, Raimundo de Trípoli lançou uma carga contra o contingente de Tagi al-Din a noroeste, mas as tropas muçulmanas simplesmente se dividiram para conter a força de seu avanço. Encontrando-se além da luta, Raimundo, Reinaldo de Sídon, Balian de Ibelin e um pequeno grupo de cavaleiros que os acompanhava acharam melhor voltar para a batalha e conseguir fugir. Um muçulmano contemporâneo escreveu:

Quando o conde fugiu, (a coragem) dos latinos entrou em colapso, já estando prestes a se render. Então, compreenderam que só seriam salvos da morte se a encarassem com coragem, de modo que desferiram sucessivos ataques, o que quase afastou os muçulmanos de suas posições, apesar de seu número, se não fosse a graça de Deus. Contudo, os francos não voltaram a atacar e se retiraram sem sofrer baixas, mas ficaram gravemente enfraquecidos... Os muçulmanos os cercaram como um círculo em torno de seu ponto central.⁷⁰

Em desespero, Guy fez uma última tentativa seguindo um caminho a noroeste que levava a um terreno mais alto, em que dois afloramentos rochosos – os Chifres de Hattin – se elevavam sobre uma sela e uma cratera em formato de tigela. Ali, dois mil anos antes, homens da Idade do Ferro haviam erguido um forte rudimentar, e suas antigas paredes em ruínas ainda podiam oferecer aos franceses certa proteção. Reunindo suas tropas desafiadoramente junto à Verdadeira Cruz, o rei montou sua real tenda vermelha e preparou aqueles cavaleiros remanescentes para um desesperado ataque final. A única esperança dos cristãos era atacar diretamente o coração do exército aiúbida – o próprio Saladino, pois, se o estandarte amarelo do sultão caísse, a maré da batalha poderia virar.

Anos depois, al-Afdal descreveu como ficou observando espantado, ao lado do pai, quando por duas vezes os francos atacaram pesadamente o sopé dos Chifres, incitando os cavalos em sua direção. Na primeira ocasião, eles mal foram contidos, e o príncipe se voltou e viu que seu pai “estava tomado pela tristeza... o rosto pálido”. Outra testemunha ocular descreveu o pavoroso estrago infligido aos latinos quando retornavam aos Chifres, enquanto “as lanças flexíveis dos muçulmanos que os perseguiam dançavam (e) penetravam em suas entranhas” e suas “espadas arrebatavam suas vidas e os afugentavam para as encostas das colinas”. Mesmo assim, como lembrou al-Afdal:

Os francos se reagruparam e voltaram a atacar como antes, empurrando os muçulmanos de volta para meu pai (mas nós) os forçamos a bater em retirada para as colinas mais uma vez. Eu gritei: “Nós os derrotamos!”, mas meu pai se voltou para mim e disse: “Fique quieto! Nós só os teremos derrotado depois que a tenda cair”. Enquanto ele falava comigo, a tenda caiu. O sultão desmontou e se prostrou rendendo graças a Deus Todo-Poderoso e chorando de alegria.

Com a posição do rei suplantada, a Verdadeira Cruz foi capturada e os últimos resquícios da resistência cristã, esfacelados. Guy e todos os nobres do reino latino, com exceção dos poucos que haviam fugido, foram tomados prisioneiros, juntamente com milhares dos sobreviventes francos. Outros milhares haviam

sido mortos.⁷¹

Quando o clamor da batalha silenciou, Saladino sentou-se na entrada de sua imponente tenda de campanha – boa parte da qual ainda estava sendo rapidamente erguida – para receber e inspecionar seus cativos mais importantes. A convenção sugeria que fossem tratados com honra e, com o tempo, talvez remidos, mas o sultão convocou dois deles em particular para uma audiência pessoal: seu adversário, o rei de Jerusalém; e seu inimigo convicto, Reinaldo de Châtillon. Com os dois sentados a seu lado, Saladino voltou-se para Guy, “que estava morrendo de sede e tremendo como bêbado”, oferecendo-lhe uma taça de ouro cheia de julepo gelado. O rei deu um longo trago desse elixir revigorante, mas quando passou a taça para Reinaldo, o sultão interveio, afirmando calmamente por meio de seu intérprete: “Você não tem minha permissão para dar de beber a ele, de modo que o seu oferecimento não implica que ele esteja seguro como meu prisioneiro”. Pois, segundo a tradição árabe, o ato de oferecer algo a um convidado equivalia a uma promessa de proteção. Segundo um contemporâneo muçulmano, Saladino então se voltou para Reinaldo, “lamentando seus pecados e... atos traiçoeiros”. Quando o franco recusou com firmeza um convite a se converter ao Islã, o sultão “ergueu-se para encará-lo e lhe decepou a cabeça... Depois de ele ser morto e levado embora, (Guy) tremeu de medo, mas Saladino acalmou-o”, assegurando-lhe que não teria destino similar, e o rei de Jerusalém foi levado dali como prisioneiro.⁷²

Imad al-Din, o secretário pessoal do sultão, invocou toda sua capacidade de lembrar os fatos para descrever a cena que testemunhou quando naquela noite a escuridão caía sobre a Galileia. “O sultão”, escreveu ele, “estava acampado na planície de Tiberíades como um leão no deserto ou a lua em seu total esplendor”, enquanto “os mortos se espalhavam pelas montanhas e vales. Hattin dava de ombros às suas carcaças, e o perfume da vitória misturava-se ao fedor que subia deles”. Abrindo caminho por um campo de batalha que “tinha se tornado um mar de sangue”, com a poeira “tingida de vermelho”, Imad al-Din testemunhou todo o horror da carnificina perpetrada naquele dia.

Passei por eles e vi os membros nus dos mortos no campo de batalha, espalhados aos pedaços por todo o local do encontro, lacerados e desarticulados, as cabeças abertas, as gargantas cortadas, as espinhas quebradas, os pescoços dilacerados, os pés aos pedaços, os narizes mutilados, as extremidades arrancadas, os

membros perdidos, as partes retalhadas.

Mesmo dois anos depois, quando um muçulmano iraquiano passou pela cena do combate, os ossos dos mortos, “alguns deles empilhados e outros espalhados por toda parte”, podiam ser vistos de longe.

No dia 4 de julho de 1187, o exército da Palestina franca foi esmagado. A captura da Verdadeira Cruz representou um golpe fatal para o moral cristão por todo o Oriente Próximo. Imad al-Din proclamou que “a cruz foi um prêmio sem igual, pois era o objeto supremo da fé cristã”, e ele acreditava que “sua captura foi para eles mais importante que a perda do rei e foi o golpe mais grave que suportaram naquela batalha”. A relíquia foi fixada, de cabeça para baixo, numa lança e levada para Damasco.⁷³

Tantos prisioneiros latinos foram feitos que os mercados da Síria ficaram inundados deles, e o preço de um escravo caiu para três dinares de ouro. Com exceção de Reinaldo de Châtillon, os únicos prisioneiros a serem executados foram os guerreiros das Ordens Militares. Esses mortíferos “tições” franceses eram tidos como perigosos demais para serem poupados e eram considerados completamente inúteis como reféns, pois normalmente se recusavam a tentar um resgate para sua libertação. Segundo Imad al-Din, “Saladino, com o rosto alegre, estava sentado em seu estrado” no dia 6 de julho, quando de cem a duzentos templários e hospitalários foram reunidos diante dele. Alguns aceitaram uma oferta final de conversão ao Islã; o restante foi atacado por um bando em farrapos de “estudiosos e sufise... homens devotos e ascéticos”, não acostumados com atos de violência. Imad al-Din ficou observando enquanto o massacre começava.

Alguns golpeavam e cortavam com precisão, assim recebendo agradecimentos; alguns que se recusaram a participar do massacre foram dispensados; alguns se fizeram de tolos e outros tomaram seus lugares... Eu vi como (eles) matavam os descrentes para dar vida ao Islã e destruíam o politeísmo para estabelecer o monoteísmo.

A vitória de Saladino sobre as forças da cristandade latina tinha sido absoluta. Apenas seis dias depois ele escreveu uma carta revivendo sua façanha e afirmando que “o brilho da espada de Deus aterrorizou os politeístas” e “o domínio do Islã foi ampliado”. “Foi”, afirmou ele, “um dia de graça, em que o lobo e o abutre agiram juntos, enquanto a morte e a escravidão por sua vez se seguiam”; um momento em que “a aurora (irrompeu) na noite dos descrentes”. Com o tempo, ele erigiu uma cúpula triunfal nos Chifres de Hattin, cujos contornos imprecisos e em ruínas podem ser vistos até hoje.⁷⁴

A QUEDA DA CRUZ

Na sequência ao triunfo em Hattin, a porta permaneceu aberta para maiores sucessos muçulmanos. A enorme baixa de soldados cristãos em 4 de julho deixou o reino de Jerusalém num estado de extrema vulnerabilidade, pois suas cidades, vilas e fortalezas tinham sido todas desprovidas de suas guarnições. Não obstante, a imensa vantagem obtida para o Islã ainda poderia ter sido desperdiçada se Saladino não tivesse demonstrado tamanha concentração de determinação e se colocado numa posição que recorria a um profundo poço de recursos. Assim, durante todo aquele verão, a Palestina franca entrou em colapso quase sem dar um gemido.

Tiberíades capitulou quase imediatamente e, em menos de uma semana, Acre – o centro econômico do Ultramar – fez a mesma coisa. Nas semanas e meses que se seguiram, Saladino direcionou a maior parte de seus esforços para a varredura dos assentamentos e portos da costa palestina, e de norte a sul locais como Beirute, Sídon, Haifa, Cesareia e Arsuf caíram quase um após o outro. Nesse ínterim, o irmão do sultão, al-Adil, que foi alertado imediatamente após Hattin, dirigiu-se do Egito para o norte para capturar o porto vital de Jafa, enquanto outras expedições obtinham êxito no interior. Ascalão ofereceu pouca resistência, mas em setembro até esse porto foi forçado à submissão, e a queda de Darun, Gaza, Ramla e Lida se seguiu. Até os templários acabaram por abrir mão da fortaleza de Latrun, no sopé das Montanhas da Judeia, no caminho para Jerusalém, em troca da libertação de seu mestre, Geraldo de Ridefort.

A velocidade mercurial e a amplitude desses sucessos foram devidas, em parte, ao peso do número de soldados e ao conjunto de confiáveis lugares-tenentes, como al-Adil e Keukburi, à disposição de Saladino. Isso permitiu a ação de grupos aiúbidas de guerreiros por todo o reino, aumentando significativamente a escalada e o ritmo das operações, o que levou um contemporâneo latino a observar que os muçulmanos se espalharam “como formigas, cobrindo toda a face do país”. Na verdade, contudo, a forma assumida pelos eventos daquele verão foi em grande parte determinada pela estratégia de Saladino. Sabendo que a unidade islâmica só poderia ser preservada pelo entusiasmo da vitória, procurou disseminar a resistência aos cristãos adotando uma política de

clemência e conciliação. Desde o começo, generosos termos de capitulação foram oferecidos aos franceses – por exemplo, até fontes latinas admitem que “aos habitantes de Acre” foi oferecida a oportunidade de permanecerem na cidade, vivendo sob o governo muçulmano “sãos e salvos, pagando o imposto costumeiro que é cobrado entre cristãos e sarracenos”, enquanto os que desejavam ir embora “receberam o prazo de quarenta dias para partir com suas esposas, filhos e pertences”.⁷⁵

Termos similares parecem ter sido oferecidos a qualquer cidade ou fortaleza pela capitulação sem resistência e, de maneira decisiva, foram aceitos. Mantendo sua palavra, sem simplesmente saquear o Levante, Saladino rapidamente fez crescer sua fama de integridade e honra. Esta provou ser uma arma poderosa, pois, quando confrontada com a opção de uma resistência inútil ou de garantia de sobrevivência, a maioria das guarnições inimigas se rendia. Assim, o reino de Jerusalém foi conquistado com incrível rapidez e a um custo mínimo de recursos. Contudo, esse procedimento não deixou de conhecer seus fracassos. De julho de 1187 em diante, grandes porções da população latina transformaram-se em refugiados e, fiel a suas promessas, o sultão garantiu-lhes salvo-conduto para um porto, de onde, esperava-se, poderiam partir, talvez para a Síria ou para o Ocidente. Na verdade, centenas, e depois milhares, de francos buscaram santuário no que se tornou o único porto franco remanescente na Palestina – a cidade de Tiro, pesadamente fortificada.

Saladino agora se viu confrontado por uma escolha importante. Boa parte da costa e do interior havia sido subjugada, mas, à medida que o verão terminava, ficou claro que apenas mais um impulso final em direção à conquista seria possível antes que a chegada do inverno pusesse fim à temporada de lutas. Um objetivo básico precisava ser identificado. Em termos estritamente estratégicos, Tiro era a prioridade óbvia: fortalecendo-se a cada dia, um verdadeiro bastião da resistência latina, ela oferecia uma linha vital de comunicação marítima com os remanescentes do Ultramar ao norte e com o mundo cristão mais amplo além dele. Assim, sua continuada resistência oferecia ao inimigo um ponto de apoio ferrenho, a partir do qual, com o tempo, poderia ser lançada uma tentativa de reconstruir o reino cruzado destruído. Não obstante, o sultão preferiu deixar Tiro intacta, passando duas vezes pelo porto em suas viagens para o norte e o sul. O cronista iraquiano Ibn al-Athir achou oportuno criticar tal decisão, argumentando que “Tiro permanece aberta e sem defesa contra os muçulmanos, e se Saladino a tivesse atacado (ainda neste verão), ele a teria tomado facilmente”, e alguns historiadores modernos apoiaram essa ideia, sugerindo

uma falta de previsão da parte do sultão. Previsões como esta dependem, em grande parte, de uma inata percepção retrospectiva. No início de setembro de 1187, Saladino reconheceu que um prolongado cerco a Tiro poderia levar toda sua campanha a um duro impasse, fazendo com que a coalizão islâmica comandada pelos aiúbidas se estilhaçasse. Em vez de assumir esse risco, o sultão deu prioridade a seu objetivo ideológico central, voltando-se para o interior para conduzir a força total de seu exército para o leste, em direção a Jerusalém.⁷⁶

Para Jerusalém

Isolada em meio às colinas da Judeia, o valor da Cidade Santa como objetivo militar era limitado. Mas décadas de pregação e propaganda, engendradas por Nur al-Din e Saladino, haviam reafirmado o status de Jerusalém como o sítio mais sagrado do Islã fora da Arábia. A atração espiritual, quase mesmérica, pela cidade agora compelia os muçulmanos a avançar sobre ela. Para uma guerra reivindicada a partir da noção da jihad, ela era o objetivo máximo e inevitável. Tendo sabiamente levado a frota egípcia para o norte para defender Jafa de um contra-ataque cristão, e com os postos avançados latinos na defesa dos ataques orientais à Judeia rapidamente se inibindo, os exércitos de Saladino chegaram a Jerusalém em 20 de setembro de 1187. O sultão tinha vindo com dezenas de milhares de soldados e pesadas armas de assédio, pronto para um confronto prolongado, mas, apesar de repleta de refugiados, a cidade estava desesperadamente desprovida de guerreiros. Dentro dela, a rainha Sibila e o patriarca Heráclio ofereciam algum controle, mas o verdadeiro fardo da liderança recaiu sobre Balian de Ibelin. Depois de escapar do desastre de Hattin, Balian havia se refugiado em Tiro, mas Saladino depois lhe garantiu passagem segura para a Cidade Santa, de modo que Balian pôde levar sua esposa Maria Comnena e os filhos para a segurança. O acertado foi que Balian ficaria em Jerusalém apenas uma noite, mas, ao chegar, ele foi rapidamente persuadido a renegar esse acordo e ficar para organizar a resistência. Com apenas um punhado de cavaleiros à sua disposição, Balian apelou para o expediente de armar cavaleiro todo homem nobre de nascimento e acima de dezesseis anos, além de mais outros trinta, escolhidos entre os cidadãos mais ricos de Jerusalém. Também procurou incrementar as fortificações da cidade onde fosse possível. Apesar de seus esforços, a superioridade numérica dos muçulmanos era esmagadora.

Saladino começou sua ofensiva com um ataque à muralha ocidental, mas depois de cinco dias de luta inconclusiva pela Torre de Davi mudou seu foco para o setor norte, mais vulnerável, ao redor da Porta de Damasco – talvez repetindo insensatamente o exemplo dado pelos primeiros cruzados. Em 29 de setembro, diante da feroz, embora inútil, resistência, os sapadores muçulmanos conseguiram abrir uma grande brecha nas muralhas de Jerusalém. A Cidade

Santa agora estava completamente sem defesa. No aguardo de um milagre, as mães francas raspavam as cabeças dos filhos como forma de expiação, e os clérigos realizaram procissões com pés descalços pelas ruas, mas, em termos práticos, nada podia ser feito; a conquista era inevitável.

As intenções de Saladino em setembro de 1187

A reação do sultão a essa situação e a maneira precisa de subjugar Jerusalém são de imenso significado, pois foram decisivas para a definição da reputação de Saladino pela história e pelo imaginário popular. Alguns fatos, atestados por fontes muçulmanas e cristãs, são irrefutáveis. As tropas aiúbidas não saquearam a Cidade Santa. Em vez disso, provavelmente em 30 de setembro, os termos da rendição latina foram acordados entre o sultão e Balian de Ibelin, e, sem mais derramamento de sangue, Saladino entrou em Jerusalém em 2 de outubro de 1187. Ao longo dos séculos, um grande peso foi atribuído a essa ocupação “pacífica”, e duas noções interconectadas têm recebido generalizada aceitação. Esses eventos demonstram uma profunda diferença entre o Islã e a cristandade latina, pois a conquista da Primeira Cruzada de 1099 envolveu um massacre brutal, enquanto o momento de triunfo dos aiúbidas parece revelar uma capacidade de temperança e compaixão humana. Também tem sido amplamente sugerido que Saladino tinha plena consciência da comparação com a Primeira Cruzada, ciente de que uma rendição negociada poderia significar para a imagem do Islã, para as percepções contemporâneas de sua carreira e para a marca que ele deixaria na história.⁷⁷

O problema dessas visões é que não são endossadas pelo testemunho contemporâneo mais importante. Duas evidências são vitais – o relato escrito por Imad al-Din, o secretário de Saladino, que chegou a Jerusalém em 3 de outubro de 1187; e uma carta de Saladino para o califa de Bagdá, datando de pouco depois da rendição de Jerusalém. A questão não é que este material deve ser levado em consideração apenas porque seus autores participaram dos eventos descritos, mas porque oferece uma visão de como o próprio sultão concebia e desejava apresentar o que acontecera na Cidade Santa naquele outono.

As duas fontes indicam que, no final de setembro de 1187, Saladino tencionava saquear Jerusalém. De acordo com Imad al-Din, o sultão disse a Balian em seu primeiro encontro: “Você não vai receber nem anistia nem misericórdia! Nosso único desejo é lhe infligir perpétua sujeição... Vamos matar e capturar o seu comércio, derramar o sangue dos homens e reduzir os pobres e as mulheres à escravidão”. Isso é confirmado pela carta de Saladino, que observa que, em

resposta aos primeiros pedidos de acordo dos francos, “nós os recusamos terminantemente, desejando apenas derramar o sangue dos homens e reduzir as mulheres e as crianças à escravidão”. Nesse ponto, contudo, Balian ameaçou que, a menos que condições equitativas de rendição fossem acordadas, os latinos lutariam até o último homem, destruindo os lugares sagrados de Jerusalém e executando os milhares de prisioneiros muçulmanos que mantinham no interior da cidade. Foi um início de conversa desesperado, mas convenceu o sultão, que relutantemente concordou com um arranjo. As fontes de testemunhas oculares revelam uma consciência subjacente de que esse acordo poderia ser percebido como fraqueza dos aiúbidas. Em sua carta, Saladino justificou cuidadosamente sua decisão, enfatizando que seus emires o haviam convencido a aceitar um acordo para evitar mais perdas desnecessárias de vidas muçulmanas e garantir uma vitória já conquistada. Imad al-Din reiterou essa ideia, descrevendo com detalhes um “conselho”, durando o qual o sultão buscou o aconselhamento de seus principais lugares-tenentes.⁷⁸

Esta evidência oferece um vislumbre da mentalidade de Saladino em 1187. Ela sugere que sua principal intenção não era se apresentar como um vencedor justo e magnânimo. Ele tampouco estava preocupado em equiparar suas ações às dos primeiros cruzados ou, por meio de um grande gesto, revelar o Islã como uma força voltada para a paz. Na verdade, nem a carta do sultão nem o relato de Imad al-Din fazem qualquer referência explícita ao massacre de 1099. Em vez disso, Saladino na verdade sentiu a necessidade de explicar e justificar não ter massacrado os francos dentro de Jerusalém depois que foi aberta uma brecha nas defesas da cidade. Isso ocorreu, acima de tudo, porque ele temia um ataque à sua imagem como guerreiro dedicado à jihad – como governante que havia forçado o Islã a aceitar a dominação aiúbida com a promessa de guerra contra os francos.

Tal revelação pode causar uma reavaliação do caráter e das intenções de Saladino, mas não deve permitir que o pêndulo se incline para uma total posição oposta. O comportamento do sultão deve ser julgado em seu devido contexto histórico, com relação aos padrões contemporâneos. Por esse critério, a conduta de Saladino no outono de 1187 foi relativamente leniente.⁷⁹ Segundo os costumes bélicos medievais – que, falando de maneira geral, eram compartilhados e reconhecidos igualmente pelos muçulmanos do Levante e pelos cristãos francos –, os habitantes de uma cidade sitiada que se recusassem teimosamente a capitular até o momento em que suas fortificações sofressem brechas ou fossem suplantadas podiam esperar o pior dos tratamentos. De maneira típica, numa situação dessas, a oportunidade de os defensores

negociarem já havia passado, e seus homens seriam mortos, com suas mulheres e crianças sendo escravizadas. Mesmo que o ataque final a Jerusalém tenha sido bastante influenciado pelas ameaças de Balian, pelas normas do dia os termos com que Saladino concordou foram generosos – e, o que é ainda mais importante, foram honrados.

O sultão também agiu com um notável grau de cortesia e clemência ao tratar com seus aristocratas “iguais” entre os francos. Balian de Ibelin foi perdoado por quebrar sua promessa de não ficar em Jerusalém, e uma escolta até foi providenciada para levar Maria Comnena a Tiro. A viúva de Reinaldo de Châtillon, Estefânia de Milly, foi igualmente libertada sem qualquer pedido de resgate. As condições da rendição estabelecidas por volta de 30 de setembro continham um certo número de prescrições básicas. A população cristã de Jerusalém teve quarenta dias para comprar sua liberdade ao custo de dez dinares para os homens, cinco para as mulheres e um para as crianças. Além disso, deveriam receber um salvo-conduto para os postos avançados latinos de Tiro ou Trípoli, com o direito de levar seus pertences pessoais. Só cavalos e armas deveriam ser deixados. Depois de quarenta dias, os que não pudessem pagar o resgate seriam feitos cativos. No geral, esse acordo foi seguido e, em alguns casos, Saladino demonstrou uma generosidade ainda maior. Balian, por exemplo, pôde, em troca de uma polpuda soma de 30 mil dinares, garantir a libertação de sete mil cristãos, e parece ter havido a tentativa de obter uma anistia geral para os pobres.

Uma vez em vigor, os termos da capitulação resultaram numa corrente quase constante de refugiados saindo de Jerusalém, enquanto grupos de francos desarmados eram escoltados até a costa. Na prática, o sistema de resgate acabou se revelando um pesadelo administrativo para os funcionários de Saladino. Imad al-Din admitiu que a corrupção, incluindo o suborno, tornou-se corriqueira e lamentou o fato de que apenas uma fração do dinheiro devido acabou indo parar no tesouro do sultão. Muitos latinos aparentemente conseguiram escapar ao controle: “Algumas pessoas desceram as muralhas por meio de cordas, algumas carregando bagagem escondida, outras trocaram as roupas e escaparam vestidas como soldados (muçulmanos)”. A disposição do sultão de permitir que os francos partissem com seus pertences também limitou a quantidade dos saques. O patriarca Heráclio aparentemente deixou a cidade lotado de tesouros, mas “Saladino não opôs nenhuma dificuldade, e quando o aconselharam a sequestrar tudo para o Islã, ele respondeu que não voltaria atrás com sua palavra. Ele tomou apenas os dez dinares de (Heráclio) e o deixou partir para Tiro com uma forte

escolta”. No fim dos quarenta dias estipulados, afirma-se que um total de sete mil homens e oito mil mulheres não conseguiram pagar o resgate e foram levados como cativos e escravizados.⁸⁰

Em última análise, não se pode dizer que Saladino tenha agido com uma clemência de santo naquele outono, mas tampouco se pode acusá-lo de impiedosa barbárie ou duplicidade. Na versão dos eventos que divulgou para o mundo muçulmano, o sultão se apresentava claramente como um mujahid disposto, e até ansioso, por passar os francos de Jerusalém pelo fio da espada, mas é impossível determinar se essa era sua verdadeira intenção. Como acabou acontecendo, uma vez confrontado com as ameaças de Balian, Saladino preferiu a negociação ao confronto e procurou demonstrar um considerável grau de contenção em suas negociações com os latinos.

A triunfante reconquista de Jerusalém marcou o apogeu da carreira de Saladino até aquele ponto. De maneira crucial, ele agora podia valer-se dessa realização histórica para legitimar sua unificação do Islã e refutar toda acusação de um despotismo que o favorecesse pessoalmente. Esses dois temas de incrível vitória e “inocência” declarada permeiam sua carta para o califa – eles também formam a espinha dorsal de outras setenta cartas escritas por Imad al-Din naquele outono, fazendo propaganda dos sucessos dos aiúbidas.⁸¹

Jerusalém retomada

O dia da rendição formal de Jerusalém foi escolhido com cuidado, de modo a enfatizar a imagem do sultão como comprovado campeão da fé. Séculos antes, dizem que o próprio Maomé fez sua Jornada Noturna até Jerusalém, de lá subindo para o céu no dia 2 de outubro. Estabelecendo claros paralelos entre sua vida e a do Profeta, Saladino escolheu essa mesma data em 1187 para marcar sua entrada triunfal. Uma vez dentro das muralhas da Cidade Santa, a obra transformadora de islamização começou imediata e apressadamente. Muitos santuários e igrejas cristãs foram despojados de seus tesouros e fechados; alguns foram transformados em mesquitas, madrassas (colégios de ensino) ou conventos religiosos. O destino do Santo Sepulcro foi intensamente debatido, com alguns advogando sua total destruição. As vozes mais moderadas prevaleceram, argumentando que os peregrinos cristãos continuariam a reverenciar o local mesmo que ele fosse completamente arrasado, e lembraram a Saladino que Umar, o primeiro conquistador muçulmano de Jerusalém, havia deixado a igreja intocada.

A dimensão espiritual do feito de Saladino foi manifestada de maneira clara no assíduo cuidado com que ele e seus homens “purificaram” os lugares santos de Jerusalém. Os dois principais desses sítios estavam no Haram as-Sharif (agora também conhecido como Monte do Templo) – o Domo da Rocha e a mesquita de Al-Aqsa. Aos olhos do Islã, os francos haviam reduzido essas duas construções sagradas à mais grave das profanações. Isso foi agora devidamente reparado. Sob o domínio latino, o Domo – construído pelos muçulmanos no final do século VII e tido como abrigo da rocha sobre a qual Abraão se preparou para sacrificar o filho e da qual Maomé ascendeu aos céus durante sua Viagem Noturna – fora transformado no Templum Domini (Igreja de Nosso Senhor), e sua resplandecente cúpula dourada, adornada com uma enorme cruz. Este símbolo foi destruído imediatamente, o altar cristão e todas as pinturas e estátuas do interior, removidos, e água de rosas e incenso purificaram toda a estrutura. Depois disso, uma testemunha ocular muçulmana orgulhosamente afirmou que “a Rocha foi purificada da sujeira dos infiéis com as lágrimas dos pios”, emergindo num estado de pureza como “uma jovem noiva”. Mais tarde, uma inscrição foi colocada sobre a cúpula, comemorando o feito do sultão: “Saladino

purificou esta casa sagrada dos politeístas”.

Um trabalho similar foi realizado na mesquita de Al-Aqsa, que os francos haviam usado primeiro como palácio real, tendo depois sido reformulada como parte do quartel dos templários. Uma parede cobrindo o mihrab (um nicho indicando a direção da oração) foi removida, e o edifício, todo reformado, de modo que, nas palavras de Imad al-Din, “a verdade triunfou, e o erro foi apagado”. Aqui, a primeira oração de sexta-feira foi realizada em 9 de outubro, e a honra de proferir o sermão nesse dia foi avidamente disputada por oradores e homens santos. Saladino acabou por escolher Ibn al-Zaki, um imã de Damasco, para falar diante da multidão que se comprimia ansiosa. O sermão de Ibn al-Zaki parece ter destacado três temas interconectados. A noção de conquista como forma de purificação foi enfatizada, com Deus louvado pela limpeza “de Sua Casa Santa da sujeira do politeísmo e suas impurezas”, e pediu-se à congregação que “purificasse o resto da terra dessa sujeira que enfurecera Deus e Seu Apóstolo”. Ao mesmo tempo, o sultão foi prodigamente louvado, aclamado como “o campeão e protetor da terra sagrada (de Deus)”, seus feitos comparados aos do próprio Maomé, e a eficaz natureza da jihad exortada com as palavras: “Mantenham a guerra santa; ela é o melhor meio que tendes de servir a Deus, a mais nobre ocupação de vossas vidas”.⁸²

O feito de Saladino

O verão de 1187 trouxe a Saladino duas retumbantes vitórias. Aproveitando-se do momento após a Batalha de Hattin, ele reconquistou Jerusalém, eclipsando os feitos de todos seus predecessores muçulmanos da época das cruzadas. Décadas antes, seu mestre Nur al-Din havia ordenado a construção de um púlpito esculpido e de extraordinária beleza, imaginando que ele um dia pudesse supervisionar sua instalação na sagrada Al-Aqsa. Agora, num ato final e revelador de apropriação, o sultão realizou o sonho do predecessor e assumiu seu legado, trazendo o púlpito de seu local de descanso em Alepo para a grande mesquita de Jerusalém, onde permaneceria por oito séculos.

De maneira reveladora, até o crítico muçulmano Ibn al-Athir, contemporâneo de Saladino, reconheceu a glória insuperável das realizações do sultão em 1187: “Este feito abençoado, a conquista de Jerusalém, é algo só conseguido por Saladino... desde o tempo de Umar”. Al-Fadil, escrevendo ao califa de Bagdá, enfatizou a natureza transformadora da derrota imposta pelo sultão aos francos: “De seus locais de oração, ele derrubou a cruz e estabeleceu o chamado à oração... o povo do Alcorão sucedeu ao povo da cruz”⁸³ Oitenta e oito anos depois do surpreendente triunfo da Primeira Cruzada, Saladino havia reconquistado a Cidade Santa para o Islã, desferindo um golpe significativo contra o Ultramar. Ele havia reformulado o Oriente Próximo e agora parecia pronto para conseguir uma última e duradoura vitória na guerra pela Terra Santa. Mas à medida que as notícias desses extraordinários eventos reverberavam pelo mundo muçulmano e para além dele, provocando o choque e o espanto, a cristandade latina foi motivada à ação. Um desejo vingativo de guerra santa despertou no Ocidente e, mais uma vez, vastos exércitos partiram para o Levante. Logo Saladino seria forçado a defender suas conquistas obtidas com dificuldade contra a Terceira Cruzada, com um novo e feroz campeão da causa cristã: Ricardo Coração de Leão.

cDurante a Idade Média, o termo bezante (do francês antigo besant , do latim bizantius aureus) era usado na Europa Ocidental para descrever diversas moedas de ouro provenientes do Oriente. O termo latino, por sua vez, provém do grego

Bizantion , antigo nome da capital do Império Bizantino. (N.T.)

dTropas recrutadas localmente pelos estados cristãos do Mediterrâneo Oriental durante as cruzadas. Com frequência, eram filhos de pais de diferentes religiões. (N.T.).

ePraticantes do sufismo, uma corrente mística e contemplativa do Islã. Procuram desenvolver uma relação direta com Deus por meio de práticas espirituais prescritas por Maomé, como orações e jejuns. (N.T.)

NOTAS

1Ibn al-Qalanisi, p. 266; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 112-16; Hillenbrand, 'Abominable acts: the career of Zengi', pp. 111-32; C. Hillenbrand, ' Jihad propaganda in Syria from the time of the First Crusade until the death of Zengi: the evidence of monumental inscriptions', *The Frankish Wars and Their Influence on Palestine* , ed. K. Athamina and R. Heacock (Birzeit, 1994), pp. 60-69; H. Dajani-Shakeel, ' Jihad in twelfth-century Arabic poetry', *MuslimWorld* , vol. 66 (1976), pp. 96-113; H. Dajani-Shakeel, ' Al-Quds : Jerusalem in the consciousness of the counter-crusade', *The Meeting of Two Worlds* , ed. V. P. Goss (Kalamazoo, 1986), pp. 201-21.

2Ibn al-Athir, vol. 1, p. 382; Hillenbrand, 'Abominable acts: the career of Zengi', p. 120.

3Ibn al-Qalanisi, pp. 271-2; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 222; Guilherme de Tiro, p. 956. Sobre a carreira de Nur al-Din's, ver: H. Gibb, 'The career of Nur ad-Din', *A History of the Crusades* , vol. 1, ed. K. M. Setton and M. W. Baldwin (Philadelphia, 1958), pp. 513-27; N. Elisséeff, *Nur al-Din: um grand prince musulman de Syrie au temps des Croisades* , 3 vols. (Damascus, 1967); Holt, *The Age of the Crusades* , pp. 42-52; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 117-41.

4Ibn al-Qalanisi, p. 272; Ibn Jubayr, p. 260. Nos séculos anteriores à era das cruzadas, Alepo foi governada primeiro pelos selêucidas durante o período helenístico (que se seguiu às conquistas de Alexandre, o Grande), e então prosperou durante seis séculos sob os romanos antes de passar para os árabes em 637 d.C., assumindo uma espécie de papel secundário com relação a Damasco. Os destinos da cidade foram rejuvenescidos sob a dinastia iraquiana dos hamadânidas e, quando conquistada pelos turcos seljúcidas em 1070, funcionou

como bastião da fronteira com Bizâncio.

5Ibn al-Qalanisi, pp. 274-5; Michael the Syrian, vol. 3, p. 270; Matthew of Edessa, Continuation, pp. 244-5; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 8.

6Ibn al-Athir, vol. 1, p. 350; Ibn al-Qalanisi, pp. 280-81.

7Ibn al-Qalanisi, pp. 281-2. O estimado historiador alemão Hans Mayer chegou a descrever o ataque a Damasco como “incrivelmente estúpido” e até “ridículo” (Mayer, *The Crusades*, p. 103). Sobre este debate, ver: M. Hoch, *Jerusalem, Damaskus und der Zweite Kreuzzug: Konstitutionelle Krise und äussere Sicherheit des Kreuzfahrerkingreiches Jerusalem, AD 1126-54* (Frankfurt, 1993); M. Hoch, ‘The choice of Damascus as the objective of the Second Crusade: A re-evaluation’, *Autour de la Première Croisade*, ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 359-69; Phillips, *The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom*, pp. 207-18.

8Sibt ibn al-Jauzi, p. 62; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 22; Ibn al-Qalanisi, p. 286; ‘Die Urkunden Konrads III. und seines Sohnes Heinrich’, ed. F. Hausmann, *Monumenta Germaniae Historica, Diplomata*, vol. 9 (Vienna, 1969), n. 197, p. 357; Guilherme de Tiro, pp. 760-70; A. Forey, ‘The Failure of the Siege of Damascus in 1148’, *Journal of Medieval History*, vol. 10 (1984), pp. 13-24; M. Hoch, ‘The price of failure: The Second Crusade as a turning point in the history of the Latin East’, *The Second Crusade: Scope and Consequences* (Manchester, 2001), pp. 180-200; Phillips, *The Second Crusade: Extending the Frontiers of Christendom*, pp. 218-27.

9Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 39-40; Lilie, *Byzantium and the Crusader States*, pp. 163-4.

10 10. Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 1-4, 222-3. Uma fonte que oferece um mínimo de equilíbrio é de autoria de Ibn al-Qalanisi (m. 1160), que escreveu sua Crônica de Damasco quando morava nessa cidade durante meados do século XII, mas acabou de escrevê-la sob o governo dos zênquidas. Ibn al-Qalanisi exerceu duas vezes o cargo de ra'is – líder cidadãos e chefe da milícia urbana (Ibn al-Qalanisi, pp. 7-14). Sobre as fontes árabes para este período, ver: F. Gabrieli, 'The Arabic historiography of the crusades', *Historians of the Middle East*, ed. B. Lewis and P. M. Holt (Londres, 1962), pp. 98-107; D. S. Richards, 'Ibn al-Athir and the later parts of the Kamil', *Medieval Historical Writing in the Christian and Islamic Worlds*, ed. D. O. Morgan (Londres, 1982), pp. 76-108; A. M. Eddé, 'Claude Cahen et les sources arabes des Croisades', *Arabica*, vol. 43 (1996), pp. 89-97.

11 Para Sir Hamilton Gibb, o renomado erudito britânico, estudioso de história árabe, a mudança ocorreu em 1149. Gibb declarou que esta foi “a virada no conceito (de Nur al-Din) de sua missão e na história da Síria muçulmana. Aos olhos de todo o Islmã ele se tornara o campeão da fé, e agora se propôs conscientemente a cumprir os deveres desse papel” (Gibb, 'The career of Nur ad-Din', p. 515). Uma década depois, em 1967, Nikita Elisséeff publicou uma importante biografia em três volumes do “grande príncipe da Síria”, aprimorando esta visão. Elisséeff afirmou que foi só depois de 1154 que Nur al-Din foi realmente movido pela autêntica devoção à jihad e um incontido desejo de reconquistar Jerusalém (Elisséeff, *Nur al-Din*, II, p. 426). Em 1991, Michael Köhler adotou um tom menos compreensivo, sugerindo que Nur al-Din nunca se dedicou verdadeiramente à luta pela recuperação da Cidade Santa, mas usou a propaganda pela jihad depois de 1157 para amplificar seus objetivos políticos (Köhler, *Allianzen und Verträge*, pp. 239, 277). Sobre esta questão, ver: Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*, pp. 132-41.

12 Sobre a batalha de Inab, ver: Ibn al-Qalanisi, pp. 288-94; Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 31-2; Guilherme de Tiro, pp. 770-74; John Kinnamos, p. 97; Matthew of Edessa, *Continuation*, p. 257; Michael the Syrian, vol. 3, pp. 288-9; Abu Shama, 'Le Livre des Deux Jardins', *RHC Or.* IV-V, pp. 61-4.

13 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 31-2, 36; Ibn al-Qalanisi, p. 295; Gibb, ‘The career of Nur ad-Din’, pp. 515-16; Holt, The Age of the Crusades , p. 44; Mayer, The Crusades , pp. 107-8; Richard, The Crusades , p. 171; Jotischky, Crusading and the Crusader States , p. 111.

14 O apoiador zêngruida Ibn al-Athir mais tarde afirmou que, no início da década de 1150, “Nur al-Din não tinha nenhuma rota para confundir (os francos) porque Damasco era um obstáculo entre (eles)”. Temia-se, segundo o cronista, que os francos logo ocupassem a antiga metrópole, pois estavam sugando-a de suas riquezas pela cobrança de um tributo anual que “seus agentes costumavam entrar na cidade para recolher... da população”. (Ibn al-Athir, vol. 2, p. 71). Nur al-Din estava muito ciente do poder desses argumentos e se engajou ativamente numa guerra de propaganda contra Damasco, patrocinando a composição de poesia menosprezando a política da cidade de se aliar aos francos. Sobre o Reino de Jerusalém neste período, ver: Mayer, ‘Studies in Queen Melisende’, pp. 95-183; M. W. Baldwin, ‘The atin states under Baldwin III and Amalric I 1143-74’, A History of the Crusades , vol. 1, ed. K. M. Setton and M. W. Baldwin (Philadelphia, 1958), pp. 528-62.

15 Ibn al-Qalanisi, pp. 296-327. Elisséeff repete a ideia de que Nur al-Din priorizou a guerra santa depois da ocupação de Damasco, afirmando que depois de 1154 o emir agiu exclusivamente “em nome da jihad contra os cruzados e para ajudar a revitalização do Islã sunita” (Elisséeff, Nur al - Din , II, p. 426). Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , p. 134.

16 Ibn Jubayr, pp. 271-2, 279; R. Burns, Damascus (Londres, 2004), p. 169. Damasco desenvolveu-se em torno de um oásis formado por um delta do rio Barada que nasce nas montanhas do Líbano. Os muçulmanos conquistaram a cidade no século VII d.C, durante a primeira onda de expansão árabe-islâmica, e permaneceu como capital do Império Omíada e sede do califado até 750.

17 Ibn al-Qalanisi, p. 340; B. Hamilton, 'The Elephant of Christ: Reynald of Châtillon', Studies in Church History , vol. 15 (1978), pp. 97-108.

18 Guilherme de Tiro, pp. 860-61; Phillips, Defenders of the Holy Land , pp. 100-39; Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 163-87.

19 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 141-2; Guilherme de Tiro, pp. 873-4.

20 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 146-50; Guilherme de Tiro, pp. 874-7; Cahen, La Syrie du Nord , pp. 408-9.

21 Em outros locais de seu reino, Nur al-Din promoveu um programa de construção similar: em 1159 ele patrocinou a construção da the Madrasa al - Shu'aybiyya em Alepo, uma das 42 escolas de ensino islâmico construídos na cidade durante seu governo, metade das quais gozava de seu patrocínio pessoal. O púlpito de Nur al-Din sobreviveu intacto por oitocentos anos. Mas em 1969 foi destruído por um incêndio provocado por um fanático australiano. Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 118-67; D. S. Richards, 'A text of Imad al-Din on twelfth-century Frankish-Muslim relations', Arabica , vol. 25 (1978), pp. 202-4; D. S. Richards, 'Imad al-Din al-Isfahani: Administrator, litterateur and historian', Crusaders and Muslims in Twelfth-Century Syria , ed. M. Shatzmiller (Leiden, 1993), pp. 133-46; E. Sivan, 'The beginnings of the Fada'il al - Quds literature', Israel Oriental Studies , vol. 1 (1971), pp. 263-72; E. Sivan, 'Le caractère sacré de Jérusalem dans l'Islam aux XIIe-XIIIe siècles', Studia Islamica , vol. 27 (1967), pp. 149-82; N. Elisséeff, 'Les monuments de Nur al-Din', Bulletin des Études Orientales , vol. 12 (1949-51), pp. 5-43; N. Elisséeff, 'La titulaire de Nur al-Din d'après ses inscriptions', Bulletin des Études Orientales , vol. 14 (1952-4), pp. 155-96; I. Hasson, 'Muslim literature in praise of Jerusalem: Fada'il Bayt al - Maqdis ', The Jerusalem Cathedra (Jerusalem, 1981), pp. 168-84; Y. Tabbaa, 'Monuments with a message: propagation of jihad under Nur al-Din', The Meeting of Two Worlds , ed. V. P. Goss (Kalamazoo, 1986), pp. 223-40.

22 Ibn al-Qalanisi, p. 303.

23 Guilherme de Tiro, p. 903; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 62; C. F. Petry (ed.), Cambridge History of Egypt: Islamic Egypt, 640-1517 (Cambridge, 1998); Y. Lev, State and Society in Fatimid Egypt (Leiden, 1991); Y. Lev, 'Regime, army and society in medieval Egypt, 9th-12th centuries', War and Society in the Eastern Mediterranean, 7th-15th Centuries, ed. Y. Lev (Leiden, 1997), pp. 115-52.

24 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 138; Guilherme de Tiro, pp. 864-8. Para a perspectiva latina das campanhas egípcias da década de 1160, ver: Mayer, The Crusades, pp. 117-22; Phillips, Defenders of the Holy Land, pp. 140-67.

25 Guilherme de Tiro, p. 871; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 144; M. C. Lyons and D. E. P. Jackson, Saladin. The Politics of the Holy War (Cambridge, 1979), pp. 6-9.

26 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 144, 163; Guilherme de Tiro, p. 922; Lyons and Jackson, Saladin, pp. 9-25; Smail, Crusading Warfare, pp. 183-5.

27 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 175, 177; Lyons and Jackson, Saladin, pp. 25-9.

28 Holt, The Age of the Crusades, pp. 48-52; Mayer, The Crusades, p. 122; Jotischky, Crusading and the Crusader States, pp. 115-16; Madden, The New Concise History of the Crusades, p. 68. Sobre o governo de Saladino no Egito, ver: Y. Lev, Saladin in Egypt (Leiden, 1999); Lyons and Jackson, Saladin, pp. 31-69.

29 Esta colorida história é uma bela narrativa e, embora pudesse ser factual, só é registrada por fontes aiúbidas e, assim, permanece não corroborada. É possível que alguns de seus detalhes possam ter sido inventados para justificar uma repressão da corte fatímida. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 33-4.

30 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 180. Sobre as relações do Ultramar com Bizâncio e o Ocidente neste período, ver: J. L. La Monte, ‘To What Extent was the Byzantine Emperor the Suzerain of the Latin Crusading States?’, Byzantion , vol. 7 (1932), pp. 253-64; R. C. Smail, ‘Relations between Latin Syria and the West, 1149-1187’, Transactions of the Royal Historical Society , 5th series, vol. 19 (1969), pp. 1-20; Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 198-209; Phillips, Defenders of the Holy Land , pp. 168-224.

31 Um cronista árabe sugeriu que al-Adid foi envenenado, mas ainda que Saladino estivesse envolvido na trama da morte oportuna do califa, uma forma mais sutil de assassinato era preferida ao tradicional banho de sangue egípcio. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 44-8.

32 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 46-9, 61-5; Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 197-200, 213-14.

33 Baha al-Din Ibn Shaddad, The Rare and Excellent History of Saladin , trans. D. S. Richards (Aldershot, 2001), p. 49.

34 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 221-2; Guilherme de Tiro, p. 956.

35 Baha al-Din, p. 28; Imad al-Din al-Isfahani, Conquête de la Syrie et de la Palestine par Saladin , trans. H. Massé (Paris, 1972); Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 223-409; Abu Shama, ‘Le Livre des Deux Jardins’, IV, p. 159-V, p. 109; Gabrieli, Arab Historians of the Crusades , pp. 87-252; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 435-6. Sobre as fontes para a vida de Saladino, ver: R. Gibb, ‘The Arabic sources for the life of Saladin’, Speculum , vol. 25.1 (1950), pp. 58-74; D. S. Richards, ‘A consideration of two sources for the life of Saladin’, Journal of Semitic Studies , vol. 25 (1980), pp. 46-65. Sobre a carreira de Saladino a partir de 1174, ver: S. Lane-Poole, Saladin and the Fall of the Kingdom of Jerusalem (Londres, 1898); H. Gibb, ‘Saladin’, A History of the Crusades , vol. 1, ed. K. M. Setton and M. W. Baldwin (Philadelphia, 1958), pp. 563-89; H. A. R. Gibb, ‘The armies of Saladin’, Studies in the Civilization of Islam , ed. S. J. Shaw and W. R. Polk (Londres, 1962), pp. 74-90; H. A. R. Gibb, ‘The Achievement of Saladin’, Studies in the Civilization of Islam , ed. Shaw and Polk, pp. 91-107; H. A. R. Gibb, The Life of Saladin (Oxford, 2006); A. Ehrenkreutz, Saladin (Albany, 1972); Lyons and Jackson, Saladin , pp. 71-374; H. Möhring, ‘Saladins Politik des Heiligen Krieges’, Der Islam , vol. 61 (1984), pp. 322-6; H. Möhring, Saladin: The Sultan and His Times 1138-1193 , trans. D. S. Bachrach (Baltimore, 2008); Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 171-95. Sobre a adoção do título de “sultão”, ver: P. M. Holt, ‘The sultan as idealised ruler: Ayyubid and Mamluk prototypes’, Suleyman the Magnificent and His Age , ed. M. Kunt and C. Woodhead (Harrow, 1995), pp. 122-37.

36 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 73-4.

37 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 79-84; Baha al-Din, p. 51; William of Tyre, p. 968.

38 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 85-6.

39 A primeira trégua foi aparentemente concluída em segredo com o conde de Trípoli na primavera de 1175 (um pouco antes da primeira batalha contra a

coalizão Alepo-Mossul), para prevenir a abertura de uma segunda frente contra os cristãos. Em julho desse mesmo ano, o sultão entrou em um diálogo mais público com um diplomata de alto nível do Reino de Jerusalém. Sem dúvida, fontes muçulmanas e latinas parecem concordar que Saladino levou a melhor nessas negociações, prometendo libertar alguns prisioneiros francos de Homs em troca da firme garantia de que não haveria mais oposição às suas campanhas contra Alepo. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 86-110.

40 Guilherme de Tiro, pp. 953-4.

41 Lewis, The Assassins , pp. 116-17.

42 Lyons and Jackson, Saladin , p. 130; S. B. Edgington, ‘The doves of war: the part played by carrier pigeons in the crusades’, Autour de la Première Croisade , ed. M. Balard (Paris, 1996), pp. 167-76; D. Jacoby, ‘The supply of war materials in Egypt in the crusader period’, Jerusalem Studies in Arabic and Islam , vol. 25 (2001), pp. 102-32.

43 Guilherme de Tiro, pp. 961-2.

44 B. Hamilton, ‘Baldwin the leper as war leader’, From Clermont to Jerusalem , ed. A. V. Murray (Turnhout, 1998), pp. 119-30; B. Hamilton, The Leper King and His Heirs: Baldwin IV and the Crusader Kingdom of Jerusalem (2000).

45 Guilherme de Tiro, p. 961. Piers Mitchell publicou um estudo útil sobre a lepra de Balduíno IV como apêndice à biografia de Bernard Hamilton do rei leproso. (Hamilton, The Leper King , pp. 245-58).

46 Anonymi auctoris Chronicon ad AC 1234 pertinens , ed. I. B. Chabot, trans. A. Abouna, 2 vols. (Louvain, 1952-74), p. 141.

47 Guilherme de Tiro, p. 991; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 253; Baha al-Din, p. 54; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 121-6; Hamilton, The Leper King , pp. 132-6.

48 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 130-33.

49 A escavação do castelo de Vau de Jacó, trabalho pioneiro do professor Ronnie Ellenblum da Universidade Hebraica de Jerusalém, representa um enorme avanço no campo dos estudos cruzados. Essa escavação oferece uma visão incrivelmente detalhada do mundo cruzado – o equivalente a uma imagem congelada do século XII –, pois o Vau de Jacó é o primeiro castelo a ser descoberta como era em 1179, com sua guarnição assassinada ainda dentro de suas muralhas. Muitas das descobertas físicas e materiais no sítio podem ser datadas com incrível precisão da manhã de quinta-feira, 29 de agosto de 1179, a partir da camada sob os edifícios que foram queimados e desmoronaram quando a fortaleza caiu. De modo um tanto irônico, o fato de que a fortaleza não estava completa na verdade só aumenta seu valor arqueológico, pois o que restou fornece uma visão inestimável das técnicas de construção dos construtores de castelos medievais. Guilherme de Tiro, p. 998; M. Barber, ‘Frontier warfare in the Latin kingdom of Jerusalem: the campaign of Jacob’s Ford, 1178-9’, The Crusades and Their Sources: Essay Presented to Bernard Hamilton , ed. J. France and W. G. Zajac (Aldershot, 1998), pp. 9-22; R. Ellenblum, ‘Frontier activities: the transformation of a Muslim sacred site into the Frankish castle of Vadum Jacob’, Crusades , vol. 2 (2003), pp. 83-97; Hamilton, The Leper King , pp. 142-7; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 133-43.

50 Lilie, Byzantium and the Crusader States , pp. 211-30. Não é de surpreender que, dadas as óbvias vantagens da morte de al-Salih para Saladino, alguns

rumores circulassem sugerindo que agentes aiúbidas haviam envenenado o herdeiro zênguida. Contudo, a reação inicialmente lenta e relativamente inapta de Saladino à morte de al-Salih (que permitiu que Imad al-Din Zengui assumisse o poder em Alepo) provavelmente indique que o sultão não estava envolvido. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 143-60.

51 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 165-70; Hamilton, The Leper King , pp. 172-5.

52 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 170-75; Hamilton, The Leper King , pp. 175-7.

53 Guilherme de Tiro, p. 1037.

54 Esta expansão territorial permitiu que Saladino redistribuísse o poder e as responsabilidades em seu reino. Seu irmão al-Adil, que desde 1174 tinha governado o Egito, foi chamado à Síria para tomar posse de Alepo – talvez com a sugestão de que ele pudesse buscar a expansão semi-independente da Jazira. O sobrinho do sultão, Taqi al-Din, foi promovido, assumindo a responsabilidade pela região do Nilo. O outro sobrinho de confiança de Saladino havia morrido por problemas graves de saúde no final de 1187, e foi então substituído em Damasco por Ibn al-Muqqadam. Lyons and Jackson, Saladin , p. 202.

55 Já foi comum sugerir que a nobreza latina do Reino de Jerusalém estava, nesta época, dividida em suas facções distintas e em oposição, brigando pelo poder e influência à medida que a saúde de Balduíno IV minguava. De um lado, os “Senhores Nativos”, inclusive o conde Raimundo III de Trípoli e os ibelinos, que estavam familiarizados com as realidades políticas e militares da vida no Levante e, portanto, dispostos a adotar uma atitude cautelosa em suas negociações com Saladino e o Islã; e, de outro lado, o arrivista e agressivo

“Partido da Corte”, incluindo Guy de Lusignan e Sibila, Agnes e Joscelino de Courtenay e Reinaldo de Châtillon, que supostamente eram recém-chegados obstinados. O problema deste quarto, entusiasticamente apresentado por estudiosos como Steven Runciman na década de 1950, foi que tinha pouca relação com a realidade. A constituição e as políticas dessas “facções” nunca foram bem definidas, assim como os membros do “Partido da Corte” não eram recém-chegados mal-informados – Reynald de Châtillon e os Courtenays, por exemplo, eram figuras bem estabelecidas no Ultramar. Esta imagem tradicional da endêmica facção política na década de 1180 também é suspeita, pois tende, de maneira não crítica, a incorporar as ideias e preconceitos de Guilherme de Tiro, que também estava envolvido nos acontecimentos e era um ardente apoiador de Raimundo de Trípoli. P.W. Edbury, ‘Propaganda and Faction in the Kingdom of Jerusalem: The Background to Hattin’, in *Crusaders and Muslims in Twelfth-Century Syria*, ed. M. Shatzmiller (1993), pp. 173-89; Hamilton, *The Leper King*, pp. 139-41, 144-5, 149-58.

56 Ernoul, *La Chronique d’Ernoul*, ed. L. de Mas Latrie (Paris, 1871), pp. 69-70; Abu Shama, p. 231; Lyons and Jackson, *Saladin*, pp. 185-8; Hamilton, ‘*The Elephant of Christ*’, pp. 103-4; Hamilton, *The Leper King*, pp. 179-85.

57 Estes incluíam Raimundo de Trípoli, que, depois da tentativa de golpe de 1180, havia passado dois anos no condado de Trípoli (efetivamente num estado de exílio da Palestina) antes de se reconciliar com Balduíno IV na primavera de 1182. Guilherme de Tiro, pp. 1048-9; R. C. Smail, ‘The predicaments of Guy of Lusignan, 1183-87’, *Outremer*, ed. B. Z. Kedar, H. E. Mayer and R. C. Smail (Jerusalem, 1982), pp. 159-76.

58 Guilherme de Tiro, p. 1058.

59 Ibn Jubayr também ofereceu uma descrição detalhada das taxas comerciais impostas por muçulmanos e latinos sobre os comerciantes “estrangeiros”. Em circunstâncias normais, os mercados muçulmanos que passavam pela

Transjordânia ou Galileia pagavam um pedágio aos francos. Isto levanta possibilidade de que Saladino tivesse por objetivo essas duas regiões, em parte para abri-las ao comércio livre das taxas cristãs. Ibn Jubayr, pp. 300-301.

60 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 234-9. Segundo Ibn al-Athir (vol. 2, p. 309), Nasir al-Din “bebeu vinho, permitindo-se excessos, e pela manhã estava morto”. Alguns relataram – e a responsabilidade por isto é deles – que Saladino contratou um homem chamado al-Nasih, que era de Damasco, para ir até ele, farrear com ele e lhe dar uma bebida envenenada. Pela manhã, al-Nasih não era visto em lugar nenhum.

61 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 239-41; Ehrenkreutz, Saladin , p. 237; Ellenblum, Crusader Castles and Modern Histories , pp. 275ff.

62 Guilherme de Tiro, p. 968. Por essa mesma época, Ibn Jubayr (p. 311) aplaudiu “os feitos memoráveis de Saladino nos negócios mundanos e da religião, e seu zelo em lançar a guerra santa contra os inimigos de Deus”, observando que “seus esforços pela justiça, e suas posições em defesa das terras islâmicas são numerosos demais para se contar”. Esta evidência é significativa porque não foi colorida por eventos posteriores.

63 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 243-6.

64 P. Balog, The Coinage of the Ayyubids (Londres, 1980), p. 77; N. Jaspert, The Crusades , p. 73.

65 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 320; Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 175-85.

66 Imad al-Din, p. 22; C. P. Melville and M. C. Lyons, ‘Saladin’s Hattin Letter’, The Horns of Hattin , ed. B. Z. Kedar (Jerusalem, 1992), pp. 208-12.

67 Imad al-Din, p. 23. Sobre a derrota que Saladino impôs aos francos, ver: Libellus de expugnatione Terrae Sanctae per Saladinum , Radulphi de ggeshall Chronicon Anglicanum , ed. J. Stevenson, Rolls Series 66 (Londres, 1875), pp. 209-62. Uma tradução deste texto é encontrada em J. A. Brundage, The Crusades: A Documentary Survey (Milwaukee, 1962), pp. 153-63. Sobre a Badtalha de Hattin, ver: Smail, Crusading Warfare , pp. 189-97; P. Herde, ‘Die Kämpfe bei den Hörnen von Hittin und der Untergang des Kreuzritterheeres’, Römische Quartalschrift für christliche Altertumskunde und Kirchengeschichte , vol. 61 (1966), pp. 1-50; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 255-66; B. Z. Kedar, ‘The Battle of Hattin revisited’, The Horns of Hattin , ed. B. Z. Kedar (Jerusalem, 1992), pp. 190-207.

68 Imad al-Din, p. 25. Minha experiência de caminhar por Israel da fronteira libanesa até Jerusalém em julho de 1999 me fez perceber como a água seria vital numa campanha em meados do verão. Meu consumo de água chegou ao extraordinário número de dezesseis litros por dia! Por sorte, pude encher minhas garrafas de água várias vezes – em 1187 os latinos não tiveram tanta sorte.

69 Eracles, ‘L’Etoire de Eracles empereur et la conquete de la Terre d’Outremer’, RHC Occ. II (Paris, 1859), pp. 62-5; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 321; Imad al-Din, p. 26.

70 Imad al-Din, p. 26; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 322.

71 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 323; Imad al-Din, p. 26.

72 Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 323-4. Este famoso episódio foi registrado por numerosos relatos muçulmanos e cristãos, com pequenas variações sobre a atitude de Reinaldo (com algumas fontes ocidentais afirmando que ele permaneceu desafiador até o fim) e se Saladino matou Reinaldo com suas próprias mãos. Por exemplo, ver: Melville and Lyons, ‘Saladin’s Hattin Letter’, p. 212; Imad al-Din, pp. 27-8; Baha al-Din, pp. 74-5; La Continuation de Guillaume de Tyr (1184-1197) , ed. M. R. Morgan (Paris, 1982), pp. 55-6.

73 Imad al-Din, pp. 28-9; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 324.

74 Imad al-Din, p. 31. Um espetáculo similarmente horrível de carnificina estúpida tinha sido apresentado para o entretenimento de espectadores em 1178. Nessa ocasião o próprio Imad al-Din foi solicitado por Saladino para que participasse de uma execução em massa de cativos cristãos, mas se recusou quando descobriu que a vítima que lhe cabia não passava de um menino. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 131-2. Melville and Lyons, ‘Saladin’s Hattin Letter’, pp. 210, 212; Z. Gal, ‘Saladin’s Dome of Victory at the Horns of Hattin’, The Horns of Hattin , ed. B. Z. Kedar (Jerusalem, 1992), pp. 213-15.

75 ‘ Historia de expeditione Friderici Imperatoris ’, Quellen zur Geschichte derKreuzzuges Kaiser Friedrichs I , ed. A. Chroust, Monumenta Germaniae Historica: Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum (Berlim, 1928), pp. 2-4; La Continuation de Guillaume de Tyr , pp. 56-8. A imensa riqueza de Acre e as valiosas propriedades foram distribuídas entre três dos mais proeminentes lugares-tenentes de Saladino – al-Afdal, Taqi al-Din e Isa –, embora até Imad al-Din mais tarde admitisse que o sultão poderia ter sido mais bem aconselhado a reter pelo menos parte desse butim para o o seu próprio tesouro. Sobre a estratégia de Saladino depois de Hattin, ver: W. J. Hamblin, ‘Saladin and Muslim military theory’, The Horns of Hattin , ed. B. Z. Kedar (Jerusalem, 1992), pp. 228-38.

76 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 328; Runciman, A History of the Crusades , vol. 2, p. 471.

77 Estas ideias grandemente influentes podem ser identificadas em pesquisas mais modernas. Na década de 1950, Hamilton Gibb escreveu que Jerusalém se entregou “segundo termos que confirmaram – se é que a continuação era necessária – da reputação (de Saladino) por sua ilimitada cortesia e generosidade” (‘Saladin’, p. 586). Por essa mesma época, Steven Runciman – cujo relato em três volumes da cruzada amiúde é marcado pela imprecisão histórica, mas continua a ser amplamente lido – argumentou que o sultão mencionou especificamente os eventos de 1099 em suas negociações. Runciman acrescentou que “Saladino, desde que seu poder fosse reconhecido, estava pronto a ser generoso e desejava que Jerusalém sofresse o menos possível”, e o historiador prossegue com o contraste entre os muçulmanos “humanos” e os francos que tinham “chafurdado no sangue de suas vítimas” (A History of the Crusades , vol. 2, pp. 465-6). Em 1988, Hans Mayer fez eco a esses sentimentos afirmando que os habitantes de Jerusalém “tinham motivo para agradecer por estarem à mercê de um inimigo misericordioso” (The Crusades , pp. 135-6). E Carole Hillenbrand, em seu estudo dos cruzados (que se tornou uma referência) do ponto de vista islâmico (1999), enfatizou a magnanimidade de Saladino, afirmando que para os cronistas muçulmanos “o valor da propaganda da conquista sem derramamento de sangue de Jerusalém por Saladino contou muito mais que a tentação, logo superada, de exigir vingança” (The Crusades: Islamic Perspectives , p. 316).

78 Imad al-Din, Arab Historians of the Crusades , pp. 156-8. O texto de Massé afirmava neste ponto (p. 46, n. 2) que o relato de Imad al-Din foi replicado por Abu Shama (embora esse não seja o caso) e, portanto, Massé não apresentou essa parte do texto. Por esse motivo, a tradução de Gabrieli foi aqui citada. Baha al-Din, pp. 77-8; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 273-6; Richard, The Crusades , p. 210. As referências ao precedente estabelecido pela Primeira Cruzada aparecem apenas em fontes posteriores: Ibn al-Athir, vol. 2, p. 332; La Continuation de Guillaume de Tyr , pp. 66-7.

79 Saladino pode ter buscado a rendição negociada de Jerusalém no início de setembro, enquanto estava ocupado com o cerco de Ascalão, mas os francos recusaram. La Continuation de Guillaume de Tyr , pp. 61-3; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 271-2.

80 Imad al-Din, Arab Historians of the Crusades , p. 158; Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 333-4. O Hospital de Jerusalém também recebeu permissão para continuar aberto por um ano, para não prejudicar seus pacientes, mas depois desse prazo foi transformado numa escola de lei islâmica. Em resposta à pressão de Isa, Saladino concordou com a permissão para os cristãos “orientais” permanecerem na Cidade Santa se aceitassem a condição de súditos e pagassem um resgate mais a costumeira taxa devida pelos não muçulmanos vivendo sob um governo islâmico.

81 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 275-6.

82 Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 188-92, 286-91, 298-301, 317-19.

83 Ibn al-Athir, vol. 2, p. 335; Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , p. 316.

THOMAS ASBRIDGE

O desafio dos campeões



THOMAS ASBRIDGE

O DESAFIO DOS
CAMPEÕES



São Paulo, 2021

O desafio dos campeões

The Crusades – The War for the Holy Land

Copyright © Thomas Asbridge, 2010

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz • Vitor Donofrio • João Paulo Putini

TRADUÇÃO: Johann Heyss • Valter Lellis Siqueira

PREPARAÇÃO: Samuel Vidilli

REVISÃO: Agnaldo Alves • Equipe NS

DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio

CAPA: Ygor Moretti

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057**

Asbridge, Thomas

O desafio dos campeões

Thomas Asbridge ; tradução de Johann Heyss, Valter Lellis Siqueira

Barueri, sp: Novo Século Editora, 2021.

(As Cruzadas; vol 3)

Bibliografia

ISBN: 978-65-5561-335-3

Título original: The Crusades : The War for the Holy Land

1. Cruzadas 2. Cristianismo e outras religiões 3. História da Igreja - 600-1500 – Idade Média 4. Oriente Médio – História 5. Europa – História da Igreja i. Título ii. Heyss, Johann iii. Siqueira, Valter Lellis iv. Série

21-3678 CDD-909.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Cruzadas

ins

uma marca do
grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

SUMÁRIO

III. O desafio dos campeões

13. Chamado à cruzada

A pregação da Terceira Cruzada

Um motivo para o choro

Propagando a palavra

Coração de leão

Ricardo, conde de Poitou, duque da Aquitânia

Ricardo e a cruzada

A aceitação da cruz

Frederico Barbarroxa e a cruzada alemã

Atrasos na Inglaterra e na França

Ricardo I, rei da Inglaterra

Preparações, finanças e logística

Para a Terra Santa

14. O conquistador desafiado

Após a vitória

Empurrando os francos para o mar

Varrendo os peões

[A perda do foco](#)

[O grande cerco de Acre](#)

[Primeiros encontros](#)

[A primeira batalha](#)

[Hiato](#)

[A tormenta da guerra](#)

[A batalha pelo mar](#)

[A luta em terra](#)

[O destino da cruzada alemã](#)

[Empate](#)

[Provações](#)

[15. A chegada dos reis](#)

[Viajando para a Terra Santa](#)

[O impacto dos reis](#)

[A chegada de Filipe Augusto](#)

[O Coração de Leão em Acre](#)

[Rivalidade ou união?](#)

[A estratégia de cerco dos cruzados](#)

[O destino de Acre](#)

[Negociação](#)

[Rendição](#)

O efeito da queda de Acre

O único rei

A sangue frio

16. Coração de leão

A melhor hora

A marcha começa

A batalha de Arsuf

O significado de Arsuf

17. Jerusalém

Decisões e decepções

A caminho de Jerusalém

Conversando com o inimigo

Objetivo: tomar a Cidade Santa

Reagrupando-se

Crise e transformação

18. Resolução

A estratégia aiúbida no início de 1192

O segundo avanço dos cruzados contra Jerusalém

Indecisão

A ameaça apresentada

A escolha

[O fracasso franco](#)

[Estágio final](#)

[O resultado da Terceira Cruzada](#)

[O longo caminho termina](#)

[A carreira tardia do Coração de Leão](#)

[Notas](#)

[Colofão](#)

III. O DESAFIO DOS CAMPEÕES

13. CHAMADO

À CRUZADA

No final do verão de 1187, com o Ultramar ainda cambaleante devido ao cataclismo de Hattin e o rápido desmantelamento da Palestina francesa por Saladino, o arcebispo Joscius de Tiro zarpou para o Ocidente. Ele levava as notícias da calamitosa derrota dos cristãos ao fragilizado papa Urbano III, que logo morreu devido ao choque e à tristeza. Nas semanas e meses que se seguiram, as notícias devastadoras correram a Europa, provocando pânico, angústia e indignação – e desencadeando uma nova convocação às armas para a campanha conhecida pela história como a Terceira Cruzada. Os homens mais poderosos do mundo latino abraçaram a cruz, de Frederico Barbarroxa, o poderoso imperador da Alemanha, a Filipe Augusto, o astuto e jovem rei da França. Mas foi Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra – um dos maiores guerreiros da era medieval –, que se ergueu como campeão da causa cristã, contestando o domínio da Terra Santa por Saladino. Acima de tudo, a Terceira Cruzada tornou-se uma disputa entre esses titãs, rei e sultão, cruzado e mujahid. Depois de quase um século, a guerra pela Terra Santa levou esses heróis à luta num confronto épico: testando os dois homens até um ponto de saturação; um confronto em que lendas foram forjadas, e sonhos, destruídos.¹

A PREGAÇÃO DA TERCEIRA CRUZADA

As feridas sofridas pela cristandade em Hattin e Jerusalém em 1187 levaram o Ocidente latino à ação, reacendendo o fogo do fervor das cruzadas que estivera dormente há décadas. Depois do fracasso da Segunda Cruzada no final da década de 1140, o entusiasmo da Europa cristã pela guerra santa havia declinado bastante. Na época, alguns começaram a questionar a pureza do papado e dos cruzados. Um cronista alemão descreveu a Segunda Cruzada em termos condenatórios: “Deus deixou que a Igreja Ocidental, em virtude de seus pecados, fosse humilhada. Na verdade, surgiram pseudoprofetias, filhos de Belial, e testemunhas do Anticristo, que seduziram os cristãos com palavras vazias”. Mesmo Bernardo de Claraval, arquipropagandista e apaixonado advogado das cruzadas, pôde oferecer pouco consolo, meramente observando que os reveses experimentados pelos francos faziam parte dos designios incógnitos de Deus. O pecado dos cristãos também foi lembrado como explicação para a punição divina – e, mais do que nunca, os franceses supostamente dissolutos que viviam no Levante foram tidos como transgressores.²

Não é de surpreender que muitas tentativas de expedições cruzadas depois de 1149 tenham fracassado. A força e a unidade muçulmana no Oriente Próximo cresceram sob Nur al-Din e Saladino, enquanto o Ultramar encarava uma sucessão de crises: a morte do príncipe Raimundo, de Antioquia, na batalha de Inab; a derrota em Harim em 1164; a incapacitação de Balduíno, o Rei Leproso. O tempo todo os franceses levantinos faziam apelos de ajuda cada vez mais desesperados e frequentes ao Ocidente, e, embora poucos viessem defender a Terra Santa em campanhas menores, no geral os apelos ficavam sem resposta.

Nesse ínterim, os monarcas ocidentais, agora cruciais para qualquer aventura cruzada, tinham seus próprios reinos a preservar e defender – tarefas, segundo o que se acreditava amplamente, que lhe eram divinamente confiadas. Envolvidos com as preocupações da política, da guerra, do comércio e da economia, a perspectiva de passar meses ou até anos no Oriente numa cruzada não era nada convidativa. A inércia, e não a ação, predominava.

Esse problema foi exacerbado pelas profundas rivalidades entre as principais

potências da Europa latina. Em 1152, o poder na Alemanha passou para Frederico Barbarroxa (ou Barba-Ruiva), da dinastia de Hohenstaufen, um veterano da Segunda Cruzada. Frederico assumiu o título de imperador três anos depois, mas passou décadas tentando subjugar facções em luta em seu próprio reino e buscando assegurar o controle do norte da Itália, enquanto também se enredava num rancoroso conflito com o papado e a Sicília normanda. Na França, a dinastia capetíngia retinha a coroa, mas em termos de domínio territorial e controle político a verdadeira autoridade exercida pelo rei Luís VII e seu filho e sucessor Filipe II Augusto (a partir de 1180) ainda era rigorosamente constricta. Os capetíngios foram desafiados, acima de tudo, pela ascensão dos condes de Anjou. Em 1152, apenas alguns anos depois dos desapontamentos da Segunda Cruzada, a esposa de Luís VII, Leonor de Aquitânia, insistiu na anulação de seu casamento – sua união havia produzido duas filhas, mas nenhum filho, e Leonor escarnecia do incoerente apetite sexual de Luís, equiparando-o a um monge. Oito semanas depois, ela se casou com o conde Henrique de Anjou, mais vigoroso, um homem doze anos mais novo que ela, que já havia adicionado o ducado da Normandia a seus domínios. Em 1154, ele ascendeu ao trono da Inglaterra como rei Henrique II, e o casal criou um novo e extenso “império” angevino, unindo a Inglaterra, a Normandia, Anjou e a Aquitânia. Controlando a maior parte do território que hoje é a França, seu poder e sua riqueza ultrapassavam de longe os do rei franco, embora, pelo menos nominalmente, ainda fossem súditos do monarca capetíngio em função de seus territórios continentais. Sob essas circunstâncias, foi inevitável que as casas dos angevinos e dos capetíngios se tornassem inimigas ferrenhas. E durante os meados e o fim do século XII, a exasperante antipatia e o ressentimento entre essas duas dinastias impediram drasticamente a participação na guerra pela Terra Santa. Tolhido por essa luta, Henrique II da Inglaterra revelou-se indisposto ou incapaz de honrar repetidas promessas de partir numa cruzada, usualmente fornecendo apoio financeiro ao Ultramar como forma de compensação.³

Somente os eventos verdadeiramente históricos de 1187 romperam esse impasse, propiciando o engajamento real. As velhas disputas não foram esquecidas – na verdade, a inimizade angevinos-capetíngios teve um profundo efeito no curso da Terceira Cruzada. Mas as terríveis notícias do Oriente Próximo provocaram tamanha indignação que os governantes da cristandade latina não se mostraram apenas cautelosos com relação ao chamado às armas; desta vez eles se ativeram a suas promessas e partiram de fato para a guerra.

Um motivo para o choro

Com a morte do papa Urbano III em 20 de outubro de 1187, substituiu-o Gregório VII, e no final do mês uma nova encíclica *papel – Audita Tremendi* – foi promulgada, proclamando a Terceira Cruzada. Como sempre, tomou-se o cuidado de estabelecer uma justificativa para a guerra santa. O desastre de Hattin foi descrito como “um grande motivo de lamentação (para) todo o povo cristão”; o Ultramar, segundo o que se afirmava, havia sofrido um “terrível e severo julgamento”; e os “infiéis” muçulmanos eram descritos como “bárbaros selvagens sedentos de sangue cristão e de (profanação) dos Lugares Santos”. A encíclica concluía afirmando que qualquer homem não “que não chorar diante desse motivo com certeza deve ter perdido sua fé e sua humanidade”.

Dois novos temas foram acrescentados a essa exortação familiar, ainda que particularmente apaixonada. Pela primeira vez, o mal era personificado. Anteriores apelos às armas haviam apresentado os muçulmanos como oponentes sádicos, embora sem rosto. Agora, Saladino era nomeado especificamente como o inimigo e associado ao Demônio. Esta exortação mostrava maior familiaridade com o Islã e com a escala gigantesca do golpe desferido pelos “crimes” do sultão. Os francos que viviam no Levante foram identificados como os principais transgressores, não tendo se mostrado penitentes depois da queda de Edessa, mas os cristãos que viviam na Europa também eram culpados. “Todos nós (devemos) expiar nossos pecados... e nos voltarmos para Deus, nosso Pai, com penitências e obras piedosas”, declarava a encíclica, “(e só) então voltarmos nossa atenção para a traição e a malícia do inimigo”. Alinhados a esse tema de contrição, os cruzados eram incentivados a se alistar não apenas “por dinheiro ou glória mundana, mas de acordo com a vontade de Deus”, viajando com roupas simples, sem “cães ou aves”, prontos a fazer penitência em vez de “exibir uma pompa vazia”.

A *Audita Tremendi* referia-se aos “infortúnios... recentemente caídos sobre Jerusalém e a Terra Santa”, mas talvez pelo fato de as notícias da verdadeira conquista da Cidade Santa por Saladino ainda não terem chegado ao Ocidente, uma ênfase especial foi dada à perda física em Hattin da Verdadeira Cruz – a relíquia da cruz de Cristo. A partir deste ponto, a recuperação do venerado totem

da fé tornou-se um dos objetivos básicos dos cruzados.

Em comum com as encíclicas cruzadas anteriores, as seções finais da proclamação de 1187 detalhavam as recompensas espirituais e temporais oferecidas aos participantes. Era-lhes garantida total remissão dos pecados confessados, e aos que morressem em campanha era prometida a “vida eterna”. Pela duração da expedição, eles gozariam de isenção de processos legais e de juro de dívida, e seus bens e suas famílias ficariam sob a proteção da Igreja.⁴

Propagando a palavra

A escala e o significado sem precedentes dos desastres sofridos pelos francos em 1187 apenas garantiu uma resposta monumental do Ocidente. Mesmo em sua forma mais simplificada, as notícias levadas à Europa por Joscius de Tiro tiveram o poder de horrorizar e inspirar – na verdade, antes de se reunir com o papa, o arcebispo primeiro fez uma parada no reino normando da Sicília e imediatamente convenceu seu governante, Guilherme II, a enviar uma frota de navios para defender o Ultramar.

Não obstante, a Audita Tremendi estabeleceu o tom para boa parte da pregação da Terceira Cruzada. De fato, todo o processo de disseminação da mensagem cruzada foi ficando cada vez mais sujeito ao controle eclesiástico e secular centralizado, e os métodos usados para incentivar o recrutamento, cada vez mais refinados e sofisticados. O papa nomeou dois delegados papais – Joscius de Tiro e o cardeal Henrique de Albano, antigo abade de Claraval – para orquestrar o chamado à cruz na França e na Alemanha, respectivamente. Os recrutamentos em grande escala também foram ajustados para coincidir com as principais festas cristãs, com concentrações durante o Natal de 1187 em Estrasburgo, e na Páscoa de 1188 em Mogúncia (Mainz) e Paris, quando multidões já estavam reunidas e preparadas para uma mensagem devocional.

A pregação nas terras angevinas da Inglaterra, Normandia, Anjou e Aquitânia foi cuidadosamente planejada em conferências realizadas em Le Mans em janeiro de 1188 e em Geddington, em Northamptonshire, em 11 de fevereiro. Nesta segunda reunião, Balduíno, arcebispo da Cantuária, outro antigo abade cisterciense, empunhou a cruz e acabou por alistar três mil galeses “habilidosos no uso de flechas e lanças”.⁵

Deste ponto em diante, o ato de aderir à cruzada parece ter atingido uma identidade mais distinta, embora não fique claro se isso foi uma resposta ao controle centralizado ou simplesmente um subproduto do gradativo reconhecimento e definição ao longo do tempo. Enquanto os cruzados anteriores tinham sido peregrinos, viajantes ou soldados de Cristo, agora, pela primeira vez, os documentos começaram a descrevê-los como *crucesignatus* (alguém

assinalado pela cruz) – a palavra que acabou por levar aos termos “cruzado” e “cruzada”.

A Terceira Cruzada também se propagandeou e popularizou na sociedade secular. Ao longo do século XII, os trovadores (cantores da corte que muitas vezes também eram nobres) passaram a desempenhar um papel cada vez mais importante nos círculos aristocráticos, e as noções da vida cortesã e da cavalaria começaram a se desenvolver, particularmente em regiões como o sudoeste da França. Quarenta anos antes, os primeiros traços de comentário cortesão sobre a Segunda Cruzada já haviam se manifestado. Agora, depois de 1187, as canções dos trovadores sobre a guerra santa que se aproximava começaram a jorrar, baseadas, e em cada vez mais lugares, na mensagem inerente à *Audita Tremendi*.

Conon de Béthune, um cavaleiro da Picardia que aderiu à Terceira Cruzada, compôs um desses poemas em francês arcaico entre 1188 e 1189. Nele, ressoam vários temas familiares – o lamento pela captura da Verdadeira Cruz e a observação de que “todo homem deve estar abatido e tristonho”. Mas, em outras partes, uma nova ênfase foi dada às noções de honra e obrigação. Conon escreveu: “Agora veremos quem será o bravo de verdade... (e) se permitirmos que nossos mortais inimigos permaneçam (na Terra Santa), nossas vidas se encherão de vergonha para sempre”, acrescentando que os que são “saudáveis, jovens e ricos não podem ficar para trás sem conhecer a vergonha”. A Terra Santa também foi retratada como o patrimônio (ou a autoridade) de Deus em perigo. Isso implicava que, da mesma forma que um vassalo era obrigado a proteger a terra e a propriedade de seu senhor, os cristãos, como servos de Deus, agora deveriam correr para a defesa de seu território sagrado.⁶

O chamado à cruzada levou dezenas de milhares de cristãos latinos a se alistarem. Segundo um cruzado, “tamanho era o entusiasmo pela nova peregrinação que já (em 1181) não era uma questão de quem havia recebido a cruz, mas de quem ainda não havia feito isso”. Isso é um pouco exagerado, pois ficaram no Ocidente muitos mais que os que partiram para a Terra Santa, mas a expedição, contudo, provocou um surpreendente alvoroço na sociedade europeia. Particularmente na França, porções totais da aristocracia local conduziram contingentes armados à guerra. O envolvimento dos reis provou ser crucial, como já havia acontecido na década de 1140, provocando uma reação em cadeia de recrutamento por todo o Ocidente latino, por meio dos laços de vassalagem e obrigação. Em 1189, o cruzado Gauclem Faidit comentou sobre esse fenômeno, declarando em uma canção que: “É necessário que todos pensem

em ir para lá, ainda mais os príncipes, pois estão numa alta posição, e não existe ninguém que possa afirmar ter fé e ser obediente a ele se não ajudar (seu senhor) nesta empreitada”.⁷

Contudo, mesmo antes de as nefastas notícias das vitórias de Saladino se espalharem, diante da febre de entusiasmo que se formou, um líder se comprometeu imediatamente com a causa. Em novembro de 1187, Ricardo Coração de Leão tomou a cruz em Tours – o primeiro nobre a fazê-lo ao norte dos Alpes.

CORAÇÃO DE LEÃO

Hoje, Ricardo Coração de Leão é uma das figuras mais amplamente lembradas da Idade Média, recordado como o grande rei-guerreiro da Inglaterra. Mas quem era ele? Esta é uma pergunta controversa, pois mesmo em vida ele se tornou uma espécie de lenda. Ricardo certamente tinha consciência do extraordinário poder da reputação e buscou ativamente promover um culto à sua personalidade, incentivando comparações com as grandes figuras do passado mítico, como Rolando, o flagelo dos mouros ibéricos, e o rei Artur. Ricardo chegou até a sair para a cruzada com uma espada chamada Excalibur, embora ele mais tarde a tenha vendido para pagar por navios extras. Em meados do século XIII abundavam histórias de seus feitos épicos. Um autor tentou explicar a famosa atração por Ricardo explicando que ele certa vez fora forçado a combater um leão com as mãos limpas. Tendo agarrado a fera pela garganta e arrancado seu coração ainda pulsando, Ricardo supostamente comeu com gosto o órgão que sangrava.

Uma testemunha ocular contemporânea e seu ardente admirador ofereceu um retrato vibrante de sua aparência física:

Ele era alto, de constituição elegante; a cor de seus cabelos estava entre o vermelho e o dourado; seus membros eram flexíveis e retos. Seus braços eram bastante longos, o que era particularmente conveniente para desembainhar a espada e manejá-la com eficiência. Suas longas pernas harmonizavam-se com a disposição de todo seu corpo.

A mesma fonte afirmou que Ricardo havia sido dotado por Deus “de virtudes que pareciam mais pertinentes a uma época anterior. Nesta presente época, quando o mundo está envelhecendo, essas virtudes não se manifestam em ninguém, como se todos fossem cascas vazias”. Em comparação:

Ricardo possui a coragem de Heitor, o heroísmo de Aquiles; ele não era inferior a Alexandre... Além disso, o que é muito incomum para alguém tão renomado como cavaleiro, a retórica de Nestor e a sabedoria de Ulisses capacitam-no a exceder os outros em toda empreitada, tanto na fala quanto na ação.⁸

Talvez não seja de surpreender que os estudiosos nem sempre tenham aceitado essa imagem surpreendente do Coração de Leão como herói quase sobre-humano. Já no século XVIII, historiadores ingleses criticavam Ricardo como monarca e como homem – acusando-o de explorar a Inglaterra para proveito próprio e por possuir um caráter bruto e impulsivo. Em décadas recentes, o excepcional intelectual da Universidade de Londres John Gillingham reformulou a percepção e a compreensão da carreira do Coração de Leão. Gillingham confirmou que Ricardo mal passou um ano em dez na Inglaterra durante seu reinado, mas contextualizou esse fato, destacando que ele não era apenas rei da Inglaterra, mas o governante do Império Angevino num momento de crise na cristandade. Da mesma forma, a natureza voluntariosa do Coração de Leão foi reconhecida, mas sua imagem como bruto, selvagem e tempestuoso foi derrubada. Ricardo agora é geralmente visto como tendo sido um governando bem-educado, adepto da política e da negociação, e, acima de tudo, um homem de ação, amante da guerra e imbuído de um instinto visionário do comando militar. Embora muito dessa reavaliação seja verdade, ao buscar reatualizar a reputação do Coração de Leão Gillingham pode ter exagerado alguns dos feitos do rei na Terceira Cruzada, poupando-o de crítica quando esta se justificava.⁹

Ricardo, conde de Poitou, duque da Aquitânia

O Coração de Leão pode ter se tornado rei da Inglaterra, mas ele, com toda certeza, não era inglês nem de nascimento nem de formação. Sua língua nativa era o francês arcaico, seu patrimônio, o de Anjou e Aquitânia. Ele nasceu em Oxford em 8 de setembro de 1157, filho do rei Henrique II da Inglaterra e de Leonor de Aquitânia. Com esses pais, o jovem príncipe estava quase predestinado a deixar sua marca na história, mas Ricardo não se destinava a herdar o vasto reino angevino; essa glória recaiu sobre seu irmão mais velho, conhecido pela história como Henrique, o Jovem. Para começar, Ricardo, no mínimo foi treinado para ser lugar-tenente, e não comandante. Na Europa do século XII, contudo, elevadas taxas de mortalidade infantil e adolescente significavam que uma mudança de perspectiva sempre era possível.

Quando criança, Ricardo estava associado à Aquitânia. Na expectativa de que ele não herdaria o trono da Inglaterra e talvez por influência de sua mãe, o jovem príncipe foi designado governante de uma vasta região do sudoeste da França. Em 1169, Ricardo rendeu homenagem ao rei franco Luís VII em nome de seus domínios e, então, em 1172, com a idade de quinze anos, foi formalmente instalado como duque da Aquitânia (com o título associado de conde de Poitou). Ricardo foi ainda mais envolvido pela complexa rede de relações entre as dinastias dos angevinos e dos capetíngios ao ficar noivo, em 1169 de Alice, a filha do rei Luís – embora a princesa francesa passasse seu tempo, a partir disso, na corte do rei Henrique II, e não com Ricardo, tendo se tornado a suposta amante do então rei.

A Aquitânia era das regiões mais ricas e cultas da França – um florescente centro de música, poesia e arte; esses fatores parecem ter deixado suas marcas em Ricardo. Ele era um generoso protetor dos trovadores, além de cantor habilidoso e autor de canções e poemas. Também possuía um excelente conhecimento de latim e uma índole afável, embora acerba. Seu ducado também era famoso por suas associações com as lendárias guerras santas contra o Islã travadas na Espanha durante o tempo de Carlos Magno. Igrejas dessa região afirmavam abrigar o corpo de Rolando, o poderoso herói da campanha, e a trompa que ele buscara tocar para reunir ajuda contra os muçulmanos.

Apesar de toda essa aparência de civilidade, a Aquitânia era um viveiro conflituoso de anarquia e discórdia civil – na verdade, era apenas uma débil reunião de territórios ferozmente independentes, habitados por famílias recalcitrantes, como os Lusignan. Em vista disso, Ricardo parecia destinado a governar uma unidade política praticamente ingovernável, mas ele comprovou ser notoriamente competente. Durante as décadas de 1170 e 1180, ele não apenas impôs a ordem, sufocando numerosas rebeliões, mas também conseguiu expandir o território do ducado à custa do condado de Toulouse. Esses desafios proveram o Coração de Leão de uma valiosa experiência militar, particularmente no campo da arte do assédio, e ele revelou uma notável aptidão para a guerra.

Ricardo também teve que enfrentar a realidade recalcitrante da política contemporânea. No início de sua carreira, foi envolvido numa luta pelo poder complexa e constantemente instável dentro da dinastia angevina – com Henrique II habilmente defendendo sua posição contra o crescente poderio de seus filhos e de sua ambiciosa esposa, embora o Coração de Leão e seus irmãos brigassem pela herança dos angevinos com a mesma frequência com que se uniam contra o pai. Já em 1173, Ricardo viu-se envolvido numa rebelião em grande escala contra Henrique II junto com seus irmãos. A condição do Coração de Leão foi transformada em 1183, quando, no meio de outra rebelião, seu irmão Henrique, o Jovem, morreu, deixando-o como seu herdeiro designado. Longe de resolver a disputa interna, isso apenas tornou Ricardo um alvo mais claro para os ataques e a intriga, enquanto Henrique buscava retomar a posse da Aquitânia e a redistribuição do território angevino em favor de João, seu filho mais novo. Ricardo, com certeza, não prevaleceu em todas essas complexas maquinações, mas, de modo geral, manteve-se firme em suas próprias artimanhas contra Henrique II.

Como angevino, Ricardo também participou da continuada rivalidade com a monarquia capetíngia e frequentemente se viu atraído para as disputas com o rei Luís VII e, depois de 1180, seu herdeiro Filipe Augusto. A demorada questão do noivado de Ricardo com Alice da França também estava em jogo, pois Henrique continuava a usar a proposta união como ferramenta diplomática e nenhum casamento ocorrera até então. Esse modelo de confronto parece ter prosseguido até junho de 1187, quando o rei Filipe invadiu o território angevino de Berry, levando Henrique II e Ricardo a se unirem num contra-ataque. Uma grande batalha parecia iminente, mas, no último instante, uma aproximação foi conseguida, resultando numa trégua de dois anos. Mas, assim que esse acordo foi finalizado, Ricardo repentinamente mudou de lado, voltando a Paris com

Filipe numa demonstração deliberadamente pública de amizade. Essa foi uma ágil manobra diplomática que nem o agora envelhecido Henrique havia previsto, e sua mensagem era clara. Se o monarca angevino tentasse privar Ricardo da Aquitânia em seu testamento, o Coração de Leão mostrava-se mais que disposto a romper com sua família e se colocar ao lado do inimigo capetíngio. Vencido, Henrique imediatamente procurou restabelecer relações com Ricardo, confirmando todos os seus direitos territoriais. O velho rei ganhou o filho de volta para a dinastia angevina e, por enquanto, havia se alcançado um equilíbrio precário, mas as nuvens de um confronto mais decisivo envolvendo Henrique, Ricardo e Filipe ainda estavam se formando.

Ricardo e a cruzada

Pouco depois de uma semana, Saladino derrotou os francos de Jerusalém em Hattin, no dia 4 de julho de 1187. Em novembro do mesmo ano, Ricardo tomou a cruz em Tours, evidentemente sem consultar o pai. Devido às circunstâncias, a decisão do Coração de Leão era extraordinária. Em 1187, Ricardo estava profundamente imerso nas políticas envolvendo o poder na Europa Ocidental, tendo demonstrado uma determinação absoluta de conservar o ducado de Aquitânia e assumir o controle do Império Angevino após a morte de Henrique II. E de repente aderiu à cruzada, aparentemente sem considerar as consequências – uma atitude que ameaça suas próprias perspectivas e as de sua dinastia. O rei Henrique ficou furioso pelo que considerava um ato insano mal pensado e não aprovado. Filipe Augusto também ficou perplexo diante da perspectiva de um aliado potencialmente decisivo aderir à guerra santa. O alistamento do Coração de Leão na Terceira Cruzada prometia comprometer em muito a rede delicadamente equilibrada do poder e da influência na Inglaterra e na França. Diante disso, Ricardo pouco tinha a ganhar, e tudo a perder.

Então, como esse fato aparentemente anômalo pode ser explicado? Sabedores, com o benefício da visão em retrospectiva, de que o Ocidente logo seria varrido pelo entusiasmo da cruzada – na verdade, de que Henrique II e Filipe Augusto também tomariam a cruz em poucos meses –, os estudiosos passaram batidos pela decisão de Ricardo, apresentando-a como normativa e inevitável. Contudo, considerada em seus próprios termos e contexto, a escolha dele foi bem o oposto disso.

Talvez uma multiplicidade de fatores estivesse em ação. A impulsividade provavelmente desempenhou seu papel. Se o Coração de Leão tinha uma fraqueza, tratava-se de sua autoconfiança exagerada e sua arrogância imprudente. Até um dos seus seguidores admitia que “ele podia ser acusado de ações irrefletidas”, mas explicava que “tinha um espírito irredutível, não suportava um insulto ou uma injúria, e seu inato espírito nobre o compelia a buscar seus devidos direitos”. Além disso, ele deve muito bem ter ficado comovido, como tantos outros cruzados antes dele, tomado por um sincero e autêntico senso de devoção religiosa. Esses sentimentos com certeza teriam sido

intensificados por suas conexões familiares e senhoriais com a Palestina franca, já que era bisneto de Fulque de Anjou, rei de Jerusalém (1131-42), primo da rainha Sibila e antigo senhor feudal do pontevino Guy de Lusignan. O Coração de Leão também estava em luta para sair das sombras de seus progenitores. Boa parte de sua vida havia sido devotada a imitar e eclipsar as realizações de seu pai (e, até certo ponto, as de sua mãe). Antes de 1187, a conquista desse objetivo tinha estado na defesa da Aquitânia e na sucessão do reino angevino. Mas Hattin e o lançamento da Terceira Cruzada abriram outro caminho para a grandeza – uma nova chance de deixar uma marca permanente na história como líder de homens e comandante militar, numa guerra santa muito além dos confins da Europa. A cruzada também deve ter atraído Ricardo como ardoroso guerreiro, nascido num mundo em que as ideias a respeito da honra e da conduta cavaleiresca começavam a coalescer. Pois a campanha que se apresentava serviria como prova máxima de bravura e valor.¹⁰

O verdadeiro equilíbrio entre esses diferentes estímulos é impossível de ser determinado. Provavelmente, o próprio Ricardo teria sido incapaz de definir um motivo ou ambição singular que moldasse suas ações no final de 1187. Com certeza, nos anos seguintes, ele exibiu momentos de raiva e impetuosidade. Também ficou claro que ele lutava contra uma profunda crise de identidade e intenção – tentando reconciliar seus papéis como cruzado, rei, general e cavaleiro.

A ACEITAÇÃO DA CRUZ

O choque do alistamento de Ricardo na Terceira Cruzada propiciou uma crise política, com Filipe da França ameaçando invadir o território angevino a menos que Henrique II fizesse concessões territoriais e insistisse que o Coração de Leão desposasse a irmã de Filipe, Alice da França. Em 21 de janeiro de 1188, os monarcas capetúgio e angevino, Filipe e Henrique, reuniram-se perto do castelo fronteiriço de Gisors, em companhia de seus principais barões, para discutir um acordo. Mas o arcebispo Joscius de Tiro também assistiu à assembleia. Ele tratou de pregar um sermão arrebatado sobre a situação periclitante da Terra Santa e os méritos da cruzada, falando “de uma maneira (tão) maravilhosa (que ele) convenceu seus corações a aceitarem a cruz”. Nesse momento, uma imagem em forma de cruz foi supostamente vista no céu – um “milagre” que levou muitos outros grandes senhores do norte da França a se juntarem à expedição, incluindo os condes de Flandres, Blois, Champagne e Dreux.¹¹

Em meio a uma onda de entusiasmo pela cruzada, Henrique II e Filipe Augusto fizeram declarações públicas de sua determinação de lutar na guerra santa levantina. Não se sabe qual dos reis demonstrou primeiro sua disposição, assim forçando o outro a imitá-lo. O que se sabe é que, no final da reunião, os dois haviam se comprometido. A natureza efetivamente simultânea deste engajamento era reveladora, pois refletia uma determinação mais ampla de apenas agir lado a lado. O angevino e o capetúgio haviam jurado empreender a cruzada no Oriente, mas logo ficou óbvio que nenhum dos dois deixaria a Europa sem o outro. Agir assim seria equivalente ao suicídio político – o abandono de um dos reinos às privações impostas por um arqui-inimigo desprezado. A absoluta necessidade de ação coordenada e de uma partida sincronizada teve um efeito profundo na Terceira Cruzada, contribuindo para uma série de intermináveis adiamentos, pois o monarca inglês e o franco viam um ao outro com suspeita e desconfiança.

Frederico Barbarroxa e a cruzada alemã

Em 1187, Frederico Barbarroxa, o imperador Hohenstaufen da Alemanha, era o estadista mais idoso da Europa. Por meio de um misto de incansáveis campanhas militares e ardilosas manobras políticas, ele impusera um grau de autoridade centralizada sem precedente sobre os barões de mentalidade notoriamente independente da Alemanha e obteve vantajosos acordos com o norte da Itália e o papado. Agora com sessenta e poucos anos, Frederico podia reclamar domínio sobre uma faixa de território que ia da costa báltica ao Adriático e o Mediterrâneo. Em termos de riqueza, recursos militares e prestígio internacional, seu poder ultrapassava facilmente o dos angevinos e capetíngios. Naturalmente, a maioria dos contemporâneos esperava que ele desempenhasse um papel de liderança na Terceira Cruzada.

A primeira convocação às armas na Alemanha foi feita em 1187 na corte de inverno de Barbarroxa em Estrasburgo. Isso garantiu uma torrente de recrutas ansiosos, mas o imperador agia sem pressa, avaliando a escalada do apoio público à expedição, antes de aceitar a cruz numa segunda grande assembleia em Mogúncia, em 27 de março de 1188, e anunciando sua firme intenção de partir em apenas um ano. Frederico então fez preparativos relativamente rápidos, porém assíduos, para tal: exilou seu inimigo político Henrique, o Leão; deixou seu filho mais velho, Henrique VI, na Alemanha, como seu herdeiro designado, mas levando seu segundo filho, Frederico da Suábia, com ele para a cruzada. Barbarroxa mobilizou seus próprios recursos financeiros, estabelecendo um significativo tesouro imperial de guerra, mas, por outro lado, compartilhou a responsabilidade financeira do financiamento da expedição com os cruzados individuais, exigindo que cada participante levasse seu próprio dinheiro para o Oriente. Alguns cruzados alemães zarparam para o Levante – incluindo os de Colônia, da Frísia e, eventualmente, os comandados pelo duque Leopoldo V da Áustria – mas Frederico dispôs-se a comandar a maioria ao longo da rota terrestre usada por expedições anteriores. Na esperança de facilitar a viagem rumo leste, iniciou contatos diplomáticos com a Hungria, Bizâncio e até com Kilij Arslan II, o governante muçulmano seljúcida da Anatólia. No dia 11 de maio de 1189, apenas um pouco após o que havia planejado, ele partiu de Ratisbona à frente de um enorme exército, incluindo onze bispos, cerca de 28

condes, uns quatrocentos cavaleiros e dezenas de soldados de infantaria.

Os cruzados alemães fizeram um bom avanço com sua marcha até alcançarem Bizâncio no final de junho. Ali, o imperador Isaac II Ângelo havia rejeitado as tentativas de Frederico de negociar a passagem livre pelo território grego. Isaac já havia feito um pacto com Saladino, concordando em deter o avanço dos cruzados, e também se mostrava nervoso com relação às negociações de Barbarroxa com Kilij Arslan, suspeitando de que os dois pudessem tentar lançar uma ofensiva combinada contra Constantinopla. Movendo-se para sudeste, Frederico ocupou a cidade de Filipópolis e, em seguida, marchou para Adrianópolis em novembro de 1189, em meio à guerra declarada com os gregos. Barbarroxa poupou seu exército dos rigores do inverno, mas deixou em aberto a ameaça de um ataque direto à capital bizantina. Em fevereiro de 1190, contudo, um compromisso foi obtido junto a Isaac. Mantendo-se distantes de Constantinopla, os alemães dirigiram-se para Galípoli e dali cruzaram o Helesponto para a Ásia Menor no final de março, com a ajuda de navios de pisanos e gregos. A experiência de Frederico como calejado guerreiro demonstrou seu valor. Decisivo e formidável como líder e férreo partidário da disciplina da tropa, ele conseguiu guiar a cruzada alemã até a borda do mundo muçulmano.¹²

ATRASOS NA INGLATERRA E NA FRANÇA

Embora tivessem se alistado meses antes de Frederico Barbarroxa, os monarcas da Inglaterra e da França levaram muito mais tempo para partir para a cruzada. De fato, mais de dois anos e meio se passaram, e os principais exércitos angevinos e capetíngios sequer haviam partido de seus países. Os preparativos para a expedição foram iniciados no início de 1188, mas depois de um breve descanso as duas dinastias retomaram os trabalhos. Para piorar as coisas, Ricardo ocupou-se com uma rebelião na Aquitânia e uma guerra com o condado de Toulouse.

Daquela primavera em diante, o Coração de Leão enfrentou uma série de ataques inquisitivos de Filipe Augusto, enquanto Henrique esperava nos bastidores, pouco fazendo para intervir, feliz por deixar seus dois rivais mais jovens brigarem entre si. Mas, no final do outono de 1188, Ricardo não aguentou mais o jogo duplo do pai e sua deliberada prevaricação quanto ao processo de sucessão. Convencido de que o velho rei estava prestes a declarar João seu herdeiro – o príncipe, numa postura um tanto crítica, não aceitara a cruz –, o Coração de Leão trocou de lado, mais uma vez unindo forças com Filipe e fazendo uma dramática exibição pública de sua lealdade ao monarca capetíngio em novembro. Desta vez, não haveria reconciliação com Henrique II.

Ao longo daquele inverno, a saúde ruim imobilizou o velho rei exatamente no momento em que ele precisava provar que ainda conseguia dominar o campo. Com o equilíbrio do poder se deslocando inexoravelmente, grupos de outrora apoiadores leais entre a aristocracia angevina começaram a prestar lealdade a Ricardo. Quando o Coração de Leão e Filipe lançaram uma empolada ofensiva contra a Normandia em junho de 1189, varrendo vários castelos e também Le Mans e Tours, Henrique ficou apenas com a opção de aceitar a paz. Numa conferência de 4 de julho de 1189, ele aceitou todos os termos, confirmando Ricardo como seu sucessor, concordando em pagar a Filipe um tributo de 20 mil marcos e prometendo que, juntos, eles três partiriam numa cruzada na Quaresma seguinte. Mas agora Henrique estava fisicamente acabado – mal conseguindo montar seu cavalo –, mas se dizia que ele teria poupado suas energias para uma ferroadinha final e vituperativa. Inclinando-se para selar o acordo conferindo o beijo

ritual da paz a seu filho, Henrique aparentemente sussurrou: “Que Deus garanta que eu não morra sem ter me vingado de você”. Então, ele foi levado para Chinon numa liteira, onde faleceu dois dias depois.¹³

Ricardo I, rei da Inglaterra

Os eventos do início de julho de 1189 transformaram Ricardo Coração de Leão, de príncipe intrigante e cruzado intencional, num monarca e governante real da poderosa dinastia angevina. Em Rouen, no dia 20 de julho de 1189, ele foi declarado duque da Normandia e, então, no dia 3 de setembro de 1189, coroado rei da Inglaterra na Abadia de Westminster, em Londres. Ricardo realizou sua ambição por meio da intriga e da traição, mas, uma vez no poder, assumiu uma dignidade mais real, comportando-se com sóbria maturidade. Visitando a igreja da abadia de Fontevraud, onde o corpo de seu pai estava sepultado, afirma-se que Ricardo não deu a menor demonstração de emoção. Naquele verão, ele fez questão de recompensar não apenas seus apoiadores de confiança, homens como André de Chauvigny, mas também os que haviam permanecido o tempo todo leais a Henrique II, como o afamado cavaleiro Guilherme Marshal. Os que haviam se afastado do velho rei em seus meses finais receberam favores menores.

A elevação de Ricardo provocou uma profunda mudança no teor de suas relações com Filipe Augusto. Como aliados, a dupla havia derrotado Henrique II. Agora, com Ricardo como chefe da dinastia angevina, um se lançou contra o outro como adversário. O potencial de rancor foi incrementado pelas peculiaridades de suas respectivas posturas. Ricardo estava acanhado em seu trigésimo segundo aniversário, quando se tornou rei, seis anos mais velho que Filipe. Mas o Coração de Leão havia recém-ascendido ao trono, enquanto o jovem capetíngio tinha experiência, tendo suportado o fardo da monarquia por quase uma década. Como soberanos, ambos eram iguais, mas na realidade Ricardo possuía o reino mais poderoso, embora oficialmente fosse vassalo de Filipe devido às terras angevinas na França, tais como a Normandia, Anjou e a Aquitânia. Ricardo era um homem de guerra e ação que, não obstante, também se mostrava politicamente astuto. Filipe era mais limitado em sua dedicação à coroa capetíngia, sutil e cauteloso.

A partir do verão de 1189, os dois governantes encararam uma questão assoberbante: quando deveriam partir para a cruzada? O problema era que nenhum dos dois reis queria partir sem a firme garantia de que haveria uma

trégua com o outro e de uma partida cuidadosamente coordenada e simultânea. No final, demorou quase mais de um ano para que eles iniciassem a jornada. Durante esse tempo, um considerável número de cruzados franceses, incluindo Jaime de Avesnes e Henrique da Champagne, partiram na frente.

Os anos perdidos com a postergação graças à rivalidade e a disputa certamente tiveram um impacto marcante no curso da Terceira Cruzada, e seria fácil censurar o governante angevino e o capetíngio por não deixarem de lado suas diferenças no interesse maior da cristandade e da cruzada. Na verdade, contudo, Ricardo e Filipe fizeram significativos sacrifícios e assumiram riscos verdadeiros para lutar na guerra santa. Como rei recém-coroadado, o Coração de Leão deveria ter tido a sensatez de permanecer no Ocidente para consolidar sua autoridade. Em vez disso, tentou um perigoso ato de equilíbrio: partir por um longo período no Oriente, deixando apoiadores de confiança, incluindo sua mãe, Leonor da Aquitânia, e Guilherme de Longchamp, para a guarda do reino angevino. O rei inglês também confiou num fluxo quase constante de correspondência para se manter informado dos acontecimentos na Europa. Filipe podia ter cancelado sua cruzada em meados de março de 1190, quando sua esposa faleceu durante o parto, juntamente com um casal de gêmeos. Isso deixou num estado precário os arranjos para a garantia da sucessão capetíngia, com Luís, seu filho de apenas três anos, como o único herdeiro existente, mas, mesmo assim, Filipe deixou a França para trás.

PREPARAÇÕES, FINANÇAS E LOGÍSTICA

Os angevinos e os capetíngios podem ter demorado em iniciar a cruzada, mas, pelo menos, fizeram preparativos detalhados e amplos para a campanha. Isso significava que Ricardo deixaria a Europa com o exército cruzado mais organizado e com os maiores recursos do século XII. Logo após aceitar a cruz em janeiro de 1188, Henrique II e Filipe Augusto impuseram um imposto especial para as cruzadas na Inglaterra e na França, com o objetivo de reunir a fortuna necessária para financiar suas expedições. Conhecido como o Dízimo de Saladino, esta taxa de 10% sobre todos os bens móveis foi imposto sob a ameaça de excomunhão. Membros dos templários e dos hospitalários também foram convocados para ajudar a recolher o imposto.

Entre os que ficaram no Ocidente, este imposto sem precedente ficou extremamente impopular, com loquazes queixas da sociedade secular e também da hierarquia eclesiástica. Mas no império angevino, pelo menos, o imposto funcionou. Antes de morrer, Henrique II conseguiu juntar cerca de 100 mil marcos. Ricardo então intensificou e ampliou seus esforços para o levantamento de fundos. Segundo uma testemunha ocular, na Inglaterra, “ele pôs à venda tudo o que possuía, escritórios, títulos feudais, baronatos, cargos de xerife, castelos, cidades, terras, tudo”. O Coração de Leão parece ter dito, jocosamente, que, se pudesse, teria vendido Londres.¹⁴

A montanha de dinheiro obtida teve um impacto direto sobre o destino da Terceira Cruzada. Em parte, isso foi devido ao fato de que se esperava que Ricardo e Filipe pagassem o soldo dos soldados durante a duração da expedição, de modo que esse dinheiro disponível seria crítico para a manutenção do moral e do entusiasmo militar. O Coração de Leão também fez um uso intenso, embora judicioso, de seus recursos fiscais antes de deixar a Europa, para garantir as bases logísticas da campanha. Graças à atitude incomumente minuciosa com o registro dos fatos na Inglaterra, alguns detalhes dessas preparações podem ser recuperados. No ano financeiro de 1189-90 (avaliado a partir da Festa de São Miguel, em 29 de setembro), Ricardo gastou por volta de 14 mil libras – o equivalente a mais da metade da renda anual da coroa recolhida em toda Inglaterra. Ele também encomendou 60 mil ferraduras da Floresta de Dean e em

Hampshire, 14 mil porcos curados, um abundante suprimento de queijos do Essex e feijões de Kent e de Cambridgeshire, bem como milhares de flechas e bestas.

Filipe Augusto obteve menor sucesso na implementação do Imposto de Saladino. Faltou-lhe a absoluta autoridade real gozada pelos reis ingleses desde o tempo da Conquista Normanda, sem tampouco poder dispor da máquina governamental e administrativa à disposição de Henrique e de Ricardo. Assim, embora o direito de Filipe de criar e fazer impostos serem aceitos em Paris em março de 1188, dentro de um ano ele teve que retirá-lo e, na verdade, se desculpar por tê-lo decretado. O monarca capetúgio começou a cruzada com um fundo consideravelmente menor, embora pareça que o Coração de Leão tenha pago os 20 mil marcos que seu pai prometera a Filipe no acordo de julho de 1189. Cuidadosos planejamentos econômicos e preparativos fizeram-se igualmente imperativos, pois os angevinos e os capetúgios decidiram viajar de navio para o Levante. Essa forma de transporte era potencialmente mais rápida e eficiente. Dados os gastos envolvidos, ela também limitava a possibilidade de não combatentes pobres e mal equipados seguirem na cruzada. Esses fatores convinham aos planos de Ricardo e Filipe de levarem exércitos mais competentes e profissionais para o Oriente, bem como de minimizar o espaço de tempo passado longe de seus respectivos reinos. Contudo, o aluguel de navios era caro, envolvendo gasto total antecipado antes de a campanha ter devidamente começado. E o transporte naval também envolvia riscos consideráveis – tais como dificuldades de navegação e coordenação, além da sempre presente ameaça de naufrágio.

Era preciso estar atento para a manutenção da disciplina militar durante uma viagem marítima confinada, desconfortável e perigosa. Com isso em mente, Ricardo emitiu uma série detalhada de regulamentos em 1190, impondo pesadas penas em caso de desordem: o soldado que cometesse assassinato seria atado ao corpo de sua vítima e lançado ao mar (e se a ofensa ocorresse em terra, ele seria amarrado ao corpo e enterrado vivo); atacar alguém com uma faca custaria a mão do atacante, enquanto bater em alguém com o punho faria com que o agressor fosse mergulhado no mar três vezes; os ladrões teriam a cabeça raspada e lhes seriam jogados piche quente e penas em suas cabeças “para que (eles) fossem reconhecidos”.¹⁵

No decorrer da Terceira Cruzada, Ricardo I e Filipe Augusto conseguiram, de maneira geral, negociar todos os problemas potenciais envolvendo o transporte

naval. Ao proceder assim, eles estabeleceram um importante precedente e, a partir desse ponto, tornou-se comum os exércitos cruzados dependerem da viagem por mar para atingirem seus objetivos.

PARA A TERRA SANTA

Ricardo I e Filipe Augusto reuniram-se para discutir os preparativos finais para a cruzada em 30 de dezembro de 1189 e mais uma vez em 16 de março de 1190. Por fim, no dia 24 de junho, o Coração de Leão tomou seu alforje e cajado de peregrino numa cerimônia pública em Tours, enquanto o rei franco realizava idêntico cerimonial no mesmo dia em St. Denis (seguindo os passos de seu pai Luís VII). No dia 2 de julho, os dois monarcas se encontraram em Vézelay e concordaram em compartilhar todas as aquisições feitas durante a campanha que se aproximava. Então, em 4 de julho, exatamente três anos depois da derrota latina em Hattin, os principais exércitos cruzados angevinos e capetíngios partiram juntos. Para bem distinguir as duas hostes, decidiu-se que os homens de Filipe usariam cruzes vermelhas, enquanto os de Ricardo portariam cruzes brancas. Essas duas forças separaram-se em Lyon, acertando de se reagruparem em Messina, na Sicília, antes de navegar para o Levante.

Ricardo conseguira reunir e equipar um grande exército – usando os recursos do reino angevino em expansão e as riquezas acumuladas graças ao Imposto de Saladino. Ele provavelmente partiu de Vézelay com um contingente real de cerca de seis mil soldados, embora, ao deixar a Europa, possa ter acumulado uma força total de 17 mil homens. O Coração de Leão foi para o sul, em direção a Marselha, de onde desceu a costa italiana para chegar a Messina no dia 23 de setembro, enquanto parte de seu exército rumava diretamente para a Terra Santa, sob o comando do arcebispo Balduíno da Cantuária. Ricardo também conseguiu preparar sua frota de cerca de uma centena de navios da Inglaterra, Normandia, Britânia e Aquitânia, que contornaram a Península Ibérica para encontrar o rei na Sicília. O contingente pessoal de Filipe Augusto parece ter sido bem menor. De Lyon, ele marchou para Gênova e lá negociou os termos do transporte para a Sicília e o Oriente Próximo, pagando um aluguel de 5.850 marcos por navios carregando 650 cavaleiros e 1.300 soldados. O reino capetíngio chegou a Messina em meados de setembro.

Com o inverno se aproximando rapidamente e os mares se tornando mais traiçoeiros, decidiu-se que a viagem de prosseguimento até o Levante teria que aguardar a chegada da primavera. De qualquer modo, Ricardo tinha problemas

políticos a resolver. Guilherme II, rei da Sicília e cunhado do Coração de Leão pelo casamento com sua irmã Joana, falecera em novembro de 1189, deixando a Sicília em meio a uma luta pela sucessão que, ao chegar, Ricardo rapidamente resolveu. Uma vez restaurada a paz, os cruzados passaram o inverno revendo sua frota e armazenando mais armas e equipamento – Ricardo, por exemplo, garantiu um suprimento de imensas pedras para catapultas. Nesse período, o Coração de Leão também conheceu Joaquim de Fiore, um abade cisterciense que estava adquirindo uma notável reputação devido a suas profecias. Joaquim prontamente anunciou uma visão prevendo a captura de Jerusalém por Ricardo e o iminente ocorrer do Último Julgamento, aparentemente afirmando que “o Senhor lhe dará a vitória contra seus inimigos e exaltará seu nome acima de todos os príncipes da Terra” – palavras que serviram meramente para reforçar a autoconfiança do Coração de Leão.¹⁶

O problema pendente do noivado de Ricardo com a irmã de Filipe II, Alice da França, também foi resolvido. O Coração de Leão tinha evitado a questão depois que assumiu a coroa inglesa, apesar dos repetidos pedidos do rei franco para que o casamento ocorresse. Agora, com a jornada para a Terra Santa se iniciando e Filipe comprometido com a campanha, Ricardo revelou suas intenções. Ele não tinha nenhuma vontade ou intenção de desposar Alice. Em vez disso, uma nova aliança matrimonial havia sido arranjada com Navarra – um reino cristão ibérico cujo apoio protegeria o sul do Império Angevino contra o conde de Toulouse durante a ausência de Ricardo. Em fevereiro de 1191, a herdeira navarense, a princesa Berengária, chegou ao sul da Itália, acompanhada pela infatigável mãe do Coração de Leão, Leonor de Aquitânia, que agora já estava com seus setenta e poucos anos.

Filipe Augusto se viu diante de um *fait accompli*. Quando Ricardo ameaçou apresentar testemunhas que comprovariam que Alice havia sido amante de Henrique II e tinha dado um filho ilegítimo ao velho rei, o monarca capetíngio abriu mão de sua insistência. Em troca de dez mil marcos, ele liberou o Coração de Leão de seu noivado. O conflito aberto havia sido evitado, mas Filipe foi humilhado, e a sórdida questão reacendeu sua fervilhante hostilidade contra o rei angevino.

Por fim, com a chegada da primavera, os caminhos marítimos se reabriram, e os reis cruzados deram início à última etapa de sua viagem até a Terra Santa. Filipe lançou-se ao mar em 20 de março de 1198, e em 10 de abril a frota de Ricardo o seguiu, com Joana e Berengária entre seus passageiros. Quase quatro anos

havam se passado desde a Batalha de Hattin. Nesse tempo, muita coisa havia mudado no Levante.

aA casa de Hohenstaufen, também conhecida como dinastia dos Staufer, foi uma importante família nobre suábia, que nos séculos XII e XIII dominou o Sacro Império Romano-Germânico e de onde provieram os principais imperadores, reis e príncipes alemães. (N. do T)

14. O CONQUISTADOR DESAFIADO

A captura de Jerusalém em 2 de outubro de 1187 foi a glória que coroou a carreira de Saladino – o cumprimento de uma apaixonada ambição pessoal e a realização de uma campanha de jihad publicamente afirmada e obstinadamente perseguida. O reino latino estava à beira da extinção, seu governante, preso, seus exércitos, dizimados. É fácil imaginar que, na esteira dessa vitória titânica, o mundo muçulmano se mobilizaria como nunca pela causa do sultão, unido em admiração por suas realizações, agora quase abjeto em sua aceitação de seu direito de comandar o Islã. Será que Saladino havia obtido uma breve pausa para rever tudo o que tinha conseguido, para celebrar enquanto o primeiro vento gelado do outono varria a Cidade Santa? Na verdade, a conquista de Jerusalém lhe trouxe pouco ou nenhum descanso, mas, em vez disso, engendrou novos fardos e novos desafios.

APÓS A VITÓRIA

A retomada de Jerusalém foi um triunfo, mas não marcou o fim da guerra contra a cristandade. Agora Saladino tinha de contrabalançar as responsabilidades de governar seu império expandido e completar a destruição dos assentamentos franceses no Oriente, enquanto se preparava para defender a Terra Santa contra o enfurecido enxame de cruzados ocidentais que, ele acertadamente adivinhava, logo buscaria vingar Hattin e retomar Jerusalém. Mesmo assim, Saladino deveria estar em ascensão em 1187. Na verdade, a partir desse ponto sua força começou gradativamente a retroceder. Entre os amargos desafios que estavam por vir, ele amiúde parecia estranhamente isolado – um outrora grande general acabrunhado, abandonado por seus exércitos, lutando para sobreviver à tormenta da Terceira Cruzada.

Impérios sempre se mostraram mais fáceis de construir que de governar, mas Saladino encarou uma profusão de dificuldades depois de outubro de 1187. Os recursos eram de suprema importância. Naquele outono, os súditos e os aliados de Saladino estavam exauridos, e os recursos financeiros mal administrados do sultão já estavam se esgotando devido aos custos da intensa campanha. Nos anos que se seguiram, enquanto o rio de riqueza das novas conquistas se transformava de torrente em gotejamento, o tesouro aiúbida lutava por saciar os ávidos seguidores de Saladino, demonstrando uma crescente dificuldade na manutenção dos enormes exércitos nos campos.

A captura da Cidade Santa teve outras consequências menos óbvias. Saladino havia reunido uma coalizão islâmica sob a égide da jihad. Mas, com o objetivo central da luta tendo sido obtido, os ciúmes, as suspeitas e as hostilidades que jaziam dormentes no mundo muçulmano começaram a ressurgir. Com o tempo, o senso de objetivo que havia brevemente unido o Islã antes de Hattin acabou por se dissolver. O histórico êxito de Jerusalém também levou alguns a se perguntarem onde Saladino pousaria a seguir seu olhar de conquistador – temendo que ele se comprovasse um déspota tirânico, inclinado a subverter a ordem estabelecida, varrendo para longe o califado abássida para forjar uma nova dinastia e um novo império.

Como forasteiro curdo que usurpou a autoridade dos zênquidas, Saladino nunca chegou a gozar do apoio inequívoco dos muçulmanos turcos, árabes e persas. Ele tampouco podia alegar algum direito divino de governar. Em vez disso, o sultão havia construído cuidadosamente sua imagem pública como defensor da ortodoxia sunita e de dedicado mujahid. Seguindo o conselho de assessores como al-Fadil e Imad al-Din, Saladino também tratara de cultivar o apoio do califa abássida al-Nasir, de Bagdá, pois esse apoio trouxe-lhe o selo da legitimidade. Depois de 1187, o sultão perseverou em sua política de demonstrar deferência para com al-Nasir, mas, com os aiúbidas agora aparentemente inatacáveis, as relações tornaram-se crescentemente tensas.¹⁷

Empurrando os francos para o mar

A principal preocupação estratégica de Saladino no final de 1187 era varrer os postos avançados latinos que ainda restavam no Levante, blindando o Oriente Próximo contra qualquer cruzada lançada da Europa Ocidental. Mas a obra de erradicar os vestígios remanescentes do poderio franco não prometia ser rápida ou fácil. Na esteira da vitória de Hattin, boa parte da Palestina havia sido conquistada, e os importantes portos de Acre, Jafa e Ascalão agora estavam em mãos muçulmanas, mas alguns bastiões franceses na Galileia e na Transjordânia ainda resistiam. Em outros locais, os estados cristãos de Trípoli e Antioquia, ao norte, ainda estavam intactos, embora um dos potenciais oponentes de Saladino, o conde Raimundo III, de Trípoli, tivesse morrido de causas naturais naquele setembro, tendo escapado do campo de batalha de Hattin e buscado refúgio no norte do Líbano.

A questão mais premente era Tiro. Ao longo do verão de 1187, a cidade portuária tinha se tornado um foco de resistência latina na Palestina, e Saladino havia permitido que milhares de refugiados cristãos se abrigassem em suas muralhas. Tiro podia ter caído diante dos exércitos do sultão logo após Hattin se o comando de sua guarnição e de suas defesas não tivesse sido assumido por Conrado, o marquês de Montferrat. Nobre do norte da Itália e irmão do falecido Guilherme de Montferrat (o primeiro marido de Sibila de Jerusalém e pai de Balduíno V), Conrado havia servido ao último imperador bizantino, Isaac II Ângelo, em Constantinopla. Mas depois de assassinar um dos inimigos políticos de Isaac no início do verão de 1187, o marquês decidiu se redimir e fez uma peregrinação à Terra Santa, chegando à Palestina em julho de 1187 – coincidentemente apenas alguns dias depois de Hattin.

Conrado encontrou Tiro num estado lamentável. A chegada do marquês acabou sendo uma grande dádiva para os francos e uma intrusão sem precedentes para Saladino. Conrado era profundamente ambicioso – ardiloso e inescrupuloso como agente político, competente e autoritário como general –, e ele aproveitou a oportunidade representada pela situação de Tiro, rapidamente assumindo seu controle. Incitando o povo da cidade à ação, ele reforçou imediatamente as suas já formidáveis fortificações. A decisão de Saladino de canalizar sua energia para

o cerco de Jerusalém em setembro de 1187 deu ao conde uma valiosa oportunidade de ação; ele se aproveitou bem dela, obtendo o apoio das Ordens Militares e das frotas de Pisa e Gênova para preparar Tiro para o ataque.

No início de novembro, quando Saladino finalmente marchou sobre Tiro, encontrou uma cidade invulnerável. Construída numa ilha e com acesso por terra apenas por uma estreita passarela construída por mãos humanas, essa fortaleza compacta era protegida por muralhas duplas. Um peregrino muçulmano que a visitou alguns anos antes elogiou sua “(maravilhosa) força e inexpugnabilidade”, observando que qualquer um “que tentasse conquistá-la não conseguiria derrotá-la ou humilhá-la”. Tiro também era renomada por um excelente ancoradouro de águas profundas, com seu porto interno ao norte sendo protegido por muralhas e uma corrente.¹⁸

Por mais de seis semanas, em meio aos rigores do inverno, cercou Tiro por terra e por mar, na esperança de obrigar Conrado à submissão. Catorze catapultas foram erguidas pelos muçulmanos, “e noite e dia (o sultão as fazia) arremessar pedras para dentro (da cidade)”. Saladino também recebeu reforços de importantes membros de sua família: seu irmão e mais precioso aliado, al-Adil; al-Afdal, o filho mais velho do sultão, herdeiro presumível do Império Aiúbida; e al-Zahir, um de seus filhos mais novos, então designado como governante de Alepo, que teve em Tiro sua primeira experiência militar. A frota aiúbida, por seu lado, foi enviada do Egito para bloquear o porto. Contudo, apesar dos enormes esforços do sultão, pouco progresso foi obtido. Por volta de 30 de dezembro, os francos obtiveram uma notável vitória, iniciando um ataque naval surpresa e capturando onze galeras muçulmanas. Esse revés parece ter abalado profundamente o moral dos aiúbidas. Posteriormente, um templário escreveu em um despacho para a Europa que o próprio Saladino ficou tão abatido que “cortou as orelhas e caudas de seu cavalo e cavalgou em meio a todo seu exército à vista de todos”. Com o moral em queda de seu exército exaurido, o sultão decidiu arriscar tudo numa ofensiva final. Em 1º de janeiro de 1188, lançou um empolado ataque frontal pela passarela, mas foi repellido. Tendo chegado a um impasse, Saladino suspendeu o cerco, deixando Tiro em posse de Conrado. Saladino frequentemente é criticado por esse fracasso. O iraquiano contemporâneo Ibn al-Athir ofereceu um elogio acanhado da conduta do sultão como general, observando que: “este era o costume de Saladino. Quando uma cidade resistia, ele se cansava dela e do cerco e partia... ninguém, além de Saladino, pode ser culpado neste caso, pois foi ele que enviou exércitos franceses a Tiro”. Em parte, a decisão do sultão pode ser justificada pelas

inerentes fraquezas de seu regime militar. No final de 1187, depois de meses de campanha, com os recursos aiúbidas chegando quase à exaustão e a lealdade de alguns de seus aliados vacilando, Saladino estava obviamente lutando para manter os soldados em ação. Julgando que sua base de apoio dependia de sua continuada capacidade de pagar e recompensar suas tropas, relutando em insistir naquele ataque e correr o risco de insurreição, ele preferiu partir para uma presa menos intratável. Na verdade, contudo, a flagrante humilhação de Tiro era reveladora. A antiga resolução do sultão, tomada em setembro de 1187, de priorizar o objetivo devocional e político de Jerusalém tivera certa lógica. Mas ao virar as costas para a Tiro não conquistada em janeiro de 1188, o sultão deixou expostas suas limitações. Apesar de toda a energia exercida para unir o Islã, de todos os preparativos para a guerra santa, em última instância Saladino não possuía nem a vontade nem os recursos para completar a conquista do litoral da Palestina. Pela primeira vez desde Hattin, parecia que os conquistadores aiúbidas incontestes poderiam falhar na tentativa de varrer os francos para o mar.¹⁹

Varrendo os peões

Saladino passou o resto daquele inverno descansando em Acre. Ansioso devido à perspectiva de uma contraofensiva cristã, ele considerou a possibilidade de arrasar a cidade para impedir que ela caísse em mãos inimigas, mas acabou por preferir deixar intacta essa “fechadura das terras costeiras”, encarregando Qaragush, do Egito, para supervisionar a defesa de Acre. A partir da primavera de 1188, Saladino começou a marchar pela Síria e a Palestina, procurando povoações latinas, postos avançados e fortalezas vulneráveis, obtendo conquistas relativamente fáceis. Passando por Damasco e o vale de Biga, naquele verão ele lançou ataques ao principado da Antioquia e os limites norte do condado de Trípoli. Latáquia, o principal porto sírio, foi capturado, enquanto costa abaixo o gadi (juiz religioso) muçulmano de Jabala, em mãos latinas, tratava da rendição do porto. O sultão também tomou castelos como os de Baghras e Trapesac, nas Montanhas Amanus, ao norte de Antioquia, e Saone e Bourzey, ao sul das Montanhas Ansariyah.

Saladino obteve conquistas significativas nos Estados cruzados ao norte, mas se mostrou profundamente relutante em se comprometer com investimentos prolongados. Os imponentes castelos dos hospitalários e templários em Krak des Chevaliers, Margab e Safita foram todos evitados, e nenhum esforço foi feito para ameaçar as capitais de Trípoli e Antioquia – com Saladino acertando uma trégua de oito meses com esta última (embora com condições punitivas) antes de retornar a Damasco. O sultão, em seguida, empenhou-se numa campanha de inverno na Galileia, garantindo a capitulação os últimos bastiões franceses da região: Safad, pertencente aos templários, e Belvoir, de posse dos hospitalários. Por essa mesma época, tropas aiúbidas capturaram Kerak, na Transjordânia, e seis meses depois, Montreal, nas vizinhanças. O fator principal desses sucessos foi o isolamento latino. Cercadas e situadas bem no centro do que agora era território muçulmano, as guarnições de todos esses poderosos castelos “cruzados” viram-se em situação desesperadora. Sem a possível perspectiva de resistir indefinidamente, depuseram as armas, permitindo que Saladino consolidasse seu domínio sobre a Palestina. Varrendo o Levante, o sultão manteve o ímpeto marcial por todo o ano de 1188, mas ao custo de deixar Antioquia inviolada e o condado de Trípoli intacto.

Durante a campanha desse ano, Baha al-Din ibn Shaddad juntou-se ao círculo íntimo de conselheiros de Saladino. Intelectual religioso de grande erudição, nativo de Mossul e treinado em Bagdá, Baha al-Din havia atuado como negociador para os zênquidas em 1186, quando, no início da grave doença do sultão, negociou os termos de um acordo com Izz al-Din, de Mossul. Em 1188, Baha al-Din aproveitou-se da recente conquista muçulmana da Terra Santa, fazendo uma peregrinação a Meca e Jerusalém. Foi então que Saladino o convidou para integrar a corte aiúbida, evidentemente impressionado pela devoção, intelecto e sabedoria de Shaddad. Quando os dois se encontraram, Baha al-Din presenteou o sultão com uma cópia do novo tratado de sua autoria *As virtudes da Jihad*, sendo nomeado gadi do exército. Ele rapidamente se tornou um dos conselheiros mais próximos e mais confiáveis de Saladino, ficando com ele quase constantemente durante os anos que se seguiram. Mais tarde, Baha al-Din escreveu uma biografia detalhada de seu mestre, que agora serve como fonte histórica de importância crucial, particularmente com relação ao período que se segue a 1188.²⁰

A perda do foco

Apesar de ter feito planos para deslanchar novas e mais determinadas ofensivas contra Trípoli e Antioquia com o início da nova etapa de lutas, Saladino não conseguiu voltar para o norte em 1189. Em vez disso, aparentemente cansado pelo peso do governar e da campanha quase incessante, o sultão tornou-se, de um modo que não lhe era característico, indeciso e ineficaz. A cada mês, crescia a perspectiva de uma retaliação do Ocidente. Com certeza, Saladino tinha consciência de que a Terceira Cruzada estava para acontecer – numa carta escrita ainda nesse ano, seu conselheiro Imad al-Din demonstrava uma compreensão incrivelmente detalhada e precisa do escopo, organização e objetivos da cruzada. No entanto, o sultão não fez nenhuma tentativa desesperada para superar a resistência de Tiro antes que caísse a tempestade inevitável. Em vez disso, ele inexplicavelmente passou a primavera e o início do verão de 1189 em prolongadas negociações com relação ao destino de Beaufort, uma fortaleza latina relativamente insignificante e isolada, aninhada nas montanhas do sul do Líbano, bem acima do rio Litani.

Outra decisão questionável revelou-se ainda mais custosa. Como vencedor da batalha em Hattin em julho de 1187, Saladino tomara Guy de Lusignan, o rei latino de Jerusalém, como prisioneiro. No verão de 1188, o sultão decidiu libertar Guy do cativeiro (aparentemente depois de repetidos apelos de Sibila, a esposa de Guy). O motivo por trás desse ato de magnanimidade aparentemente imprudente é difícil de adivinhar. Talvez Saladino julgasse que Guy fosse uma força superada, incapaz de sublevar os franceses, ou possivelmente esperasse que ele pudesse causar disputa e dissensão entre os cristãos, desafiando o crescente poder de Conrado de Montferrat em Tiro. Quaisquer que fossem suas razões, o sultão provavelmente não esperava que Guy honrasse as promessas que havia feito por sua liberdade – renunciar a toda reivindicação ao reino latino e partir imediatamente do Levante, promessas que Guy renegou assim que foi libertado.²¹

Se Saladino considerava Guy um homem acabado, estava redondamente enganado. A princípio, o rei latino lutou para impor sua vontade aos franceses, e duas vezes Conrado recusou sua entrada em Tiro. Mas no verão de 1187 Guy

estava preparando uma jogada inesperadamente ousada e corajosa.

O GRANDE CERCO DE ACRE

O calor sufocante de meados do verão de 1187 encontrou Saladino ainda ocupado com a conquista da obstinada fortaleza de Beaufort. Mas no final de agosto chegaram-lhe notícias, quando ele estava nas colinas dos planaltos libaneses, que despertaram um sentimento de medo e suspeita – os francos tinham partido para a ofensiva. Em 1187-8, Conrado de Montferrat havia desempenhado um papel crucial na defesa de Tiro contra o Islã, embora ainda hesitasse em aceitar a ideia de uma agressiva guerra de reconquista. Seguro dentro das muralhas da sua cidade, Conrado parecia se contentar em aguardar o advento da Terceira Cruzada e dos grandes monarcas da Europa latina – preferindo, de modo geral, esperar pela guerra que se aproximava, aguardando por sua oportunidade de agir.

Então, a mais improvável das figuras decidiu tomar a iniciativa.

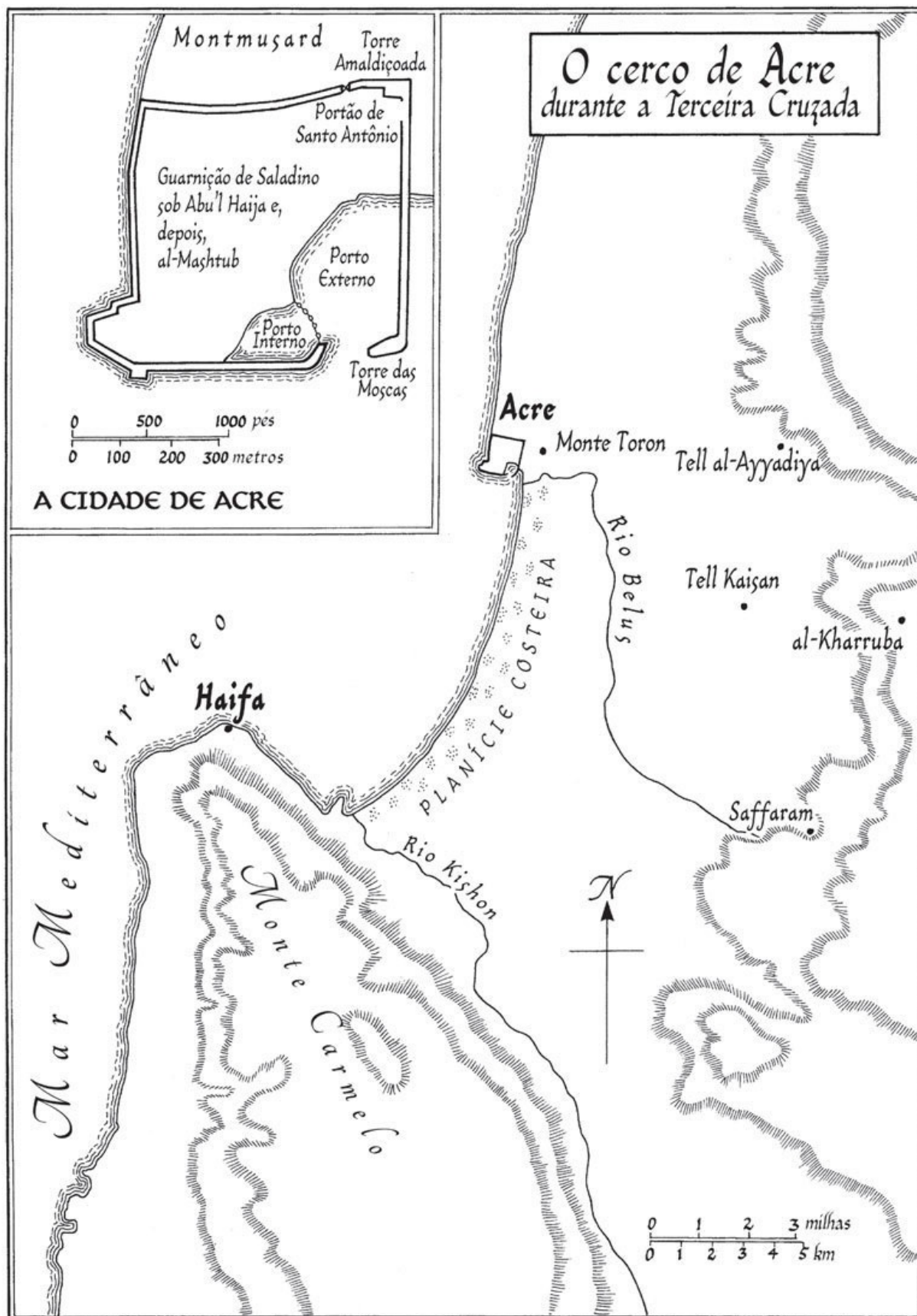
O rei em desgraça de Jerusalém, Guy de Lusignan, cuja vergonhosa derrota em Hattin havia condenado seu reino à virtual aniquilação, resolveu tentar o impensável. Na companhia de seu temível irmão, Godofredo de Lusignan, um recém-chegado ao Levante, bem como de um grupo de templários e hospitalários e alguns milhares de homens, Guy começou a marchar do sul de Tiro para Acre, a cidade em posse dos muçulmanos. Ele parecia estar fazendo uma tentativa suicida de retomar seu reino. A princípio, Saladino recebeu essa ação com ceticismo. Acreditando que se tratava de um mero artifício para afastá-lo de Beaufort, ele não arredou o pé. Isso permitiu que o rei Guy negociasse a estreita Passagem de Scandelion, onde, como escreveu um franco, “nem todo o ouro da Rússia” poderia tê-los salvo se os muçulmanos bloqueassem seu avanço. Percebendo seu erro, Saladino deu início a um cuidadoso avanço para o sul, em direção a Marj Ayun e o Mar da Galileia, esperando atingir o próximo deslocamento dos cristãos virando para oeste, em direção à costa. Beneficiando-se da circunspeção do inimigo, Guy seguiu a estrada sul para chegar a Acre no dia 28 de agosto de 1189.²²

Acre era um dos maiores portos do Oriente Médio. Sob a dominação franca, havia se tornado uma importante residência real – um centro comercial vibrante,

populoso e cosmopolita, e o principal ponto de chegada para os peregrinos cristãos latinos que visitavam a Terra Santa. Em 1184, um viajante muçulmano descreveu-o como “um porto convocatório de todos os navios”, observando que “suas estradas e ruas estão apinhadas pela aglomeração das pessoas, de modo que é difícil colocar o pé no chão” e admitindo que “(a cidade) fede e é suja, cheia de refugio e excremento”.

Construída num promontório triangular projetando-se para o Mediterrâneo, Acre era fortemente defendida por um circuito quadrado de muralhas. Um cruzado mais tarde observou que “mais de um terço de seu perímetro, a sul e a oeste, é fechado pelas ondas fluidas”. A nordeste, as muralhas se encontram numa fortificação principal, conhecida como a Torre Amaldiçoada (onde, afirmava-se, “foi feita a prata em troca da qual Judas, o Traidor, vendera o Senhor”). No canto sudeste da cidade, as muralhas avançavam para o mar, criando um pequeno porto interno e um porto externo, protegido por uma muralha maciça estendendo-se de norte a sul até um afloramento natural de rocha – local de uma pequena fortificação conhecida como Torre das Moscas. A cidade ficava na extremidade norte de uma grande baía ao sul de Haifa e do Monte Carmelo, cercada por uma planície costeira relativamente não acidentada e aberta, com cerca de 32 quilômetros de extensão e entre um quilômetro e meio e seis quilômetros e meio de largura. Cerca de um quilômetro e meio ao sul do porto, o pouco profundo rio Belus alcançava a costa.

A cidade ficava na entrada da Palestina – um bastião contra qualquer invasão cristã provinda do norte, por terra ou por mar. Aqui, a resistência de Saladino, seu gênio militar e sua dedicação à jihad seriam testados até o limite, quando muçulmanos e cristãos foram envolvidos em um dos mais extraordinários cercos das cruzadas.²³



Primeiros encontros

Quando o rei Guy chegou a Acre, suas perspectivas eram incrivelmente desanimadoras. Um franco contemporâneo observou que ele havia disposto sua parca força “entre o martelo e a bigorna”; outro observou que ele precisaria de um milagre para prevalecer. Nem a guarnição muçulmana aparentemente sentiu medo e começou a vaiar do alto das muralhas de Acre ao avistar o “punhado de cristãos” que acompanhava o rei. Mas Guy demonstrou de imediato que desenvolvera um senso mais refinado de estratégia; tendo sondado o acampamento naquela noite, sob a proteção do manto da escuridão, ele se posicionou no topo de uma colina atarracada conhecida como Monte Toron. Com aproximadamente 35 metros de altura, cerca de oitocentos metros a leste da cidade, este posto oferecia aos franceses uma proteção natural e uma vista geral da planície de Acre. Em alguns dias, um grupo de navios de Pisa chegou. Apesar do cerco punitivo que se seguiria, muitos dos cruzados italianos a bordo tinham trazido suas famílias. Estes bravos homens, mulheres e crianças desembarcaram na praia ao Sul de Acre, ali acampando.²⁴

O avanço premeditadamente contido de Saladino em direção à costa quase teve consequências desastrosas. Suplantado em números e exposto do lado externo de Acre como estava, Guy decidiu arriscar um imediato assalto frontal à cidade, embora não tivesse catapultas ou outros materiais de assédio. No dia 31 de agosto os latinos atacaram, escalando as muralhas com escadas, protegidos apenas por seus escudos, e poderiam ter vencido as muralhas não fosse o aparecimento dos batedores do sultão na planície à volta da cidade, o que provocou uma retirada em pânico. Depois de poucos dias, Saladino chegou com o restante de suas tropas, e todas as esperanças dos latinos de forçar uma rápida capitulação de Acre se evaporaram; em vez disso, encararam a terrível perspectiva de uma guerra em duas frentes – e a quase certeza da destruição nas mãos do vencedor de Hattin.

Contudo, no exato momento em que Saladino teve que agir com segurança decisiva, ele vacilou. Ter permitido que Guy chegasse a Acre demonstrou ter sido um equívoco, mas o sultão agora cometeu um erro de avaliação ainda maior. Realmente, faltava a Saladino uma grande superioridade numérica, mas

ele ainda suplantava os francos e, por meio de um ataque cuidadosamente coordenado em conjunção com a guarnição de Acre, poderia ter cercado e devastado suas posições. Mas achou que uma investida rápida seria arriscada demais e, em vez disso, tomou uma posição cautelosa nas encostas de al-Kharruba, cerca de nove quilômetros a sudeste, com uma visão de toda a planície de Acre. Sem o conhecimento dos latinos, conseguiu infiltrar um destacamento de homens (presumivelmente acobertados pela escuridão da noite) na cidade para reforçar suas defesas e, enquanto grupos para provocar escaramuças eram regularmente enviados para o acampamento de Guy no Monte Toron, Saladino preferiu segurar o grosso de suas forças e esperar pacientemente pelo reforço de seus aliados. Nessa ocasião, essa precaução, marca tão frequente da estratégia do sultão, foi inapropriada, produto de uma leitura equivocada do quadro estratégico. Um fator crucial significava que Saladino não podia se dar ao luxo de desperdiçar tempo: o mar.

Quando Saladino chegou a Acre no início de setembro de 1189, a cidade estava sendo atacada pelo exército de Guy e pelos homens de Pisa. Mas no que se seguiu a Hattin e à queda de Jerusalém, foi quase inevitável que o assédio franco deste porto se tornasse um foco central da raiva retaliatória da Europa latina. Se fosse um cerco no interior, as forças do rei poderiam ter sido prontamente isoladas, sem receber suprimentos e reforços, e a circunspeção de Saladino teria feito sentido. Em Acre, o Mediterrâneo funcionava como uma artéria pulsante e instável, ligando a Palestina ao Ocidente, e enquanto o sultão aguardava que seus exércitos se reunissem, navios começaram a chegar pululando de tropas cristãs para dar apoio ao cerco. Imad al-Din, então no acampamento de Saladino, mais tarde descreveu que, olhando para a costa, via-se um fluxo aparentemente constante de navios franceses chegando a Acre e uma crescente frota alinhava-se ao longo da costa “como um matagal intrincado”. Esse espetáculo enervava os muçulmanos dentro e fora do porto, e, para levantar o moral, Saladino aparentemente fez circular uma história de que os latinos na verdade estavam levando seus navios embora a cada noite e “quando estava claro... (voltando) como se estivessem acabando de chegar”. Na realidade, a prevaricação do sultão ofereceu a Guy um período de alívio desesperadamente necessário para reunir homens.²⁵

Um grupo importante de reforços chegou por volta do dia 10 de setembro – uma frota de cinquenta navios carregando cerca de doze mil cruzados frísios e dinamarqueses, assim como cavalos. Fontes ocidentais descrevem sua chegada como um momento de salvação, um ponto de reviravolta da situação, que

permitiria aos sitiadores latinos por fim terem alguma chance de sobrevivência. Entre as novas tropas estava Jaime de Avesnes, um renomado guerreiro de Hainaut (uma região na moderna fronteira entre a França e a Bélgica). Saudado por um contemporâneo como “Alexandre, Heitor e Aquiles”, um habilidoso veterano da arte da guerra e da política do poder, Jaime havia sido um dos primeiros cavaleiros ocidentais a aceitar a cruz em novembro de 1187.

Durante o mês de setembro, cruzados continuaram a chegar, inflando as fileiras do exército franco. Entre eles havia potentados extraídos das camadas superiores da aristocracia europeia. Filipe de Dreux, bispo de Beauvais, era tido como “um homem mais devotado às batalhas que aos livros”, e seu irmão Roberto de Dreux provinha do norte da França, bem como Everardo, conde de Brienne, e seu irmão André. A eles se juntou Luís III da Turíngia, um dos mais poderosos nobres da Alemanha. No final do mês, até Conrado de Montferrat havia decidido, aparentemente por insistência de Luís, sair de Tiro e se dirigir para o sul, a fim de se juntar ao cerco, trazendo cerca de mil cavaleiros e 20 mil soldados de infantaria.²⁶

Saladino também estava recebendo um influxo de tropas. Na segunda semana de setembro, o grosso das forças convocadas para a cidade de Acre havia chegado. Contando com al-Afda, al-Zahir, Tagi al-Din e Keukburi, o sultão avançou para a planície de Acre, posicionando-se num arco que ia de Tell al-Ayyadiya, ao norte, passando por Tell Kaysan (local que mais tarde ficou conhecido como o Toron de Saladino), até o rio Belus, a sudoeste. Assim que ele assumiu essa nova posição, os francos tentaram estabelecer um semicírculo em torno de Acre – da costa norte, passando pelo Monte Toron e o Belus (que servia como supridor de água), até as praias arenosas do sul. Saladino repeliu essa primeira tentativa latina de bloqueio com relativa facilidade. Até então, faltavam aos cruzados os recursos para selar de maneira efetiva cada abordagem da cidade, e um assalto combinado à guarnição de Acre e um destacamento de tropas sob o comando de Tagi al-Din rompeu a parte mais fraca de suas linhas ao norte, permitindo que uma caravana de camelos com suprimentos entrasse na cidade pelo Portão de Santo Antônio num sábado, dia 16 de setembro.

No meio da manhã desse dia, o próprio Saladino entrou em Acre, subindo as muralhas para examinar o acampamento inimigo. Olhando das ameias para o apinhado acampamento cruzado espalhado pela planície lá embaixo, agora cercado por um mar de guerreiros muçulmanos, ele deve ter sentido uma sensação de segurança. Com a cidade salva, seu exército pacientemente reunido

podia se voltar para a tarefa de aniquilação dos francos que, de maneira tão arrogante, pensaram em ameaçar Acre, e a vitória seria alcançada. Mas o sultão havia esperado demais. Nos três dias seguintes, suas tropas repetidamente procuraram romper as posições latinas ou atrair o inimigo para uma batalha decisiva em campo aberto, sem nenhum êxito. Nas semanas que se seguiram à chegada do rei Guy, as engrossadas fileiras cruzadas tinham firmado suas posições e agora repeliavam todos os ataques. Uma testemunha muçulmana descreveu-as erguendo-se “como uma parede por trás de seus manteletes, escudos e lanças, com as bestas niveladas”, recusando-se a romper sua formação. Como os cristãos se aferrassem com teimosa tenacidade à sua base de apoio fora de Acre, a tensão da situação começou a afetar Saladino. Um de seus médicos revelou que o sultão estava tão atormentado pela preocupação que mal comeu durante dias. A bravura dos francos logo provocou indecisão e dissensão no círculo íntimo de Saladino. Com alguns conselheiros argumentando que seria melhor esperar a chegada da frota egípcia, e outros advogando que o inverno que se aproximava provocaria estragos entre os cruzados, o sultão oscilava, e os ataques às linhas cristãs ficaram num impasse. Uma carta para o califa de Bagdá ofereceu um sumário positivo dos eventos – os latinos tinham chegado como uma torrente, mas “um caminho havia sido aberto até a cidade através de suas gargantas” e eles agora estavam derrotados –, mas, na realidade, Saladino deve ter começado a perceber que o cerco de Acre poderia ser difícil de superar.²⁷

A primeira batalha

As semanas seguintes viram escaramuças intermitentes, enquanto os navios franceses continuavam a trazer mais e mais cruzados para o cerco. No dia 5 de outubro de 1189, uma quarta-feira, os cristãos eram suficientemente numerosos para tentar partir para a ofensiva, deslanchando um ataque sobre o acampamento de Saladino no que foi a primeira batalha em escala total da Terceira Cruzada. Deixando seu irmão Godofredo para defender o Monte Toron, o rei Guy reuniu o grosso das forças francas no sopé da colina, cuidadosamente estabelecendo uma ampla linha de batalha com a ajuda das Ordens Militares e dos potentados como Everardo de Brienne e Luís da Turíngia. Com soldados da infantaria e arqueiros nas fileiras da frente, formando uma proteção para os cavaleiros em seus cavalos, os cristãos começaram a cruzar a planície aberta em direção aos muçulmanos, marchando em formação cerrada e em passo lento. Esse não seria um ataque leve, mas um avanço disciplinado em que os cruzados tentariam enfrentar o inimigo em massa, protegidos por sua formação estritamente controlada. Inspeccionando o campo de seu ponto elevado de Tell al-Ayyadiya, Saladino teve bastante tempo para distribuir suas forças pela planície, entremeando esquadrões com comandantes de confiança, como al-Mashtub e Taqi al-Din, com tropas relativamente inexperientes, como as de Diar Baquir no curso superior do Tigre. Ocupando o centro com Isa, mas procurando desempenhar um papel de comando móvel, o sultão preparou-se para enfrentar os francos.

Ao amanhecer, a cena no exterior de Acre era espetacular e inquietante. Por mais de duas horas, milhares de cruzados em fileiras cerradas, erguendo resplandecentes estandartes, avançaram em passo lento, aproximando-se dos homens de Saladino para entrar em batalha. Os soldados dos dois lados devem ter lutado para controlar os nervos. Então, por fim, na metade da manhã, a luta começou quando o flanco esquerdo dos cristãos alcançou as linhas muçulmanas ao norte, onde Taqi al-Din estava estacionado. Na esperança de enganar os francos, obrigando-os a uma formação de carga total, Taqi al-Din despachou alguns soldados provocadores de escaramuças e, então, fingiu uma retirada limitada. Infelizmente, sua manobra foi tão convincente que Saladino acreditou que seu sobrinho estava sendo realmente ameaçado e despachou tropas do centro

de sua formação para reforçar o norte. Esse desequilíbrio de formação favoreceu os cruzados. Avançando com rígida disciplina, eles atacaram o flanco direito da divisão de Saladino “como se fossem um só homem, a cavalo e a pé”, rapidamente colocando o inexperiente guerreiro de Diar Baquir lá estacionado em fuga total. O pânico se generalizou, e a metade direita da divisão central do sultão desmoronou. Por um instante, Saladino pareceu estar à beira da derrota. Com o caminho até o acampamento muçulmano subitamente aberto em Tell al-Ayyadiya, os franceses correram colina acima. Um destacamento de cruzados chegou a alcançar a tenda pessoal do sultão, e um empregado encarregado de seu vestuário foi morto. Mas o entusiasmo da vitória e, é claro, o desejo de saquear provocaram uma reviravolta na situação. Na agitação do momento, a formação dos cruzados, preservada com cuidado até então, dissolveu-se: muitos se voltaram para o saque, enquanto os templários perseguiram obstinadamente os muçulmanos que batiam em retirada, mas descobriram que, sem apoio, haviam se separado da força principal. Enquanto tentavam uma retirada desesperada, Saladino reuniu suas tropas. Acompanhado por apenas cinco guardas, ele avançou com resolução fortalecida e lançou um ataque aos templários que batiam em retirada. No embate que se seguiu, os irmãos daquela orgulhosa ordem foram dizimados. Seu mestre, Geraldo de Ridefort, o veterano de Hattin, se viu encurralado no meio da luta. Com “suas tropas sendo massacradas por todos os lados”, ele recusou-se a fugir para buscar segurança e foi morto.

Com o resultado da batalha já se definindo em favor de Saladino, dois eventos selaram o destino dos cristãos. Enquanto o combate se desenvolvia na planície entre o Monte Toron e Tell al-Ayyadiya, a guarnição muçulmana de Acre saiu da cidade e atacou, ameaçando o acampamento dos cruzados e a retaguarda de seu exército. Sentido que logo estariam cercados, lutando por manter uma aparência de formação, os francos estavam à beira do pânico. Um pequeno incidente infeliz foi a gota d’água. Um grupo de alemães ainda engajados na pilhagem do acampamento de Saladino perdeu o controle de um de seus cavalos e, quando o animal disparou em direção a Acre, eles foram atrás dele. A visão de outro destacamento cruzado aparentemente em fuga total provocou no exército cristão uma completa desordem; enquanto o medo se espalhava pelas fileiras, uma total debandada teve início. Com milhares de soldados agora correndo para a relativa segurança das trincheiras cristãs, implacavelmente perseguidos pelos homens de Saladino, o caos se instalou. “A matança prosseguiu sem cessar”, escreveu a testemunha ocular Baha al-Din, “até que os fugitivos que sobreviveram alcançassem o acampamento inimigo”. André de Brienne tombou cortado por lâminas enquanto tentava conter a debandada, e embora pedisse socorro ao

irmão que passava, o conde Everardo estava aterrorizado demais para se deter. Em outro local, Jaime de Avesnes perdeu seu cavalo, mas um dos cavaleiros ofereceu-lhe sua montaria para que pudesse escapar e, então, voltou-se para encarar a morte. Chegou-se a afirmar que o rei Guy salvou Conrado de Montferrat quando o marquês se viu cercado por muçulmanos.

Saladino não se mostrou capaz de tirar proveito de sua vantagem à medida que a batalha se aproximava do fim. Tropas latinas estacionadas no acampamento cruzado resistiram ferozmente às tentativas muçulmanas de romper suas posições, e, talvez o que tenha sido mais importante, o acampamento do sultão ainda estava em total confusão. Quando os cruzados lutaram para abrir caminho até as encostas do Tell al-Ayyadiya, grupos de servos do exército muçulmano decidiram tirar proveito da situação, saqueando o que puderam e batendo em retirada. Justamente quando Saladino precisou direcionar o peso total de seu poderio militar contra os francos que batiam em retirada, vários setores de seu exército estavam engajados na perseguição de seus servos ladrões.

Não obstante, a julgar por tudo isso, esta foi uma vitória para o Islã. Naquela manhã, os cristãos tinham vindo em busca de uma batalha e foram derrotados, deixando de três mil a quatro mil de seus homens mortos ou moribundos nas planícies de Acre quando a noite começou a cair. O horror e a humilhação dos acontecimentos do dia chegaram ao conhecimento do exército cruzado quando uma figura mutilada e seminua se arrastou até o acampamento no meio da noite. O pobre infeliz, um cavaleiro chamado Ferrand, foi mutilado no curso da luta, escondendo-se entre os camaradas tombados, para ser despojado de suas roupas pelos saqueadores muçulmanos e deixado entre os mortos. Quando por fim chegou à segurança das linhas francas, “estava tão desfigurado por seus ferimentos que seu pessoal não o reconheceu e ele mal conseguiu persuadi-los a deixá-lo entrar”. Na manhã seguinte, Saladino decidiu enviar uma mensagem curta e grossa a seus inimigos: tendo reunido os mortos cristãos, ele lançou seus corpos no Belus para que flutuassem corrente abaixo até o acampamento latino. Dizem que o fedor do grande número de corpo permaneceu no ar muito tempo depois de terem sido enterrados.²⁸

Apesar disso, a batalha de 4 de outubro provocou um dano duradouro nas perspectivas de Saladino. Em termos de mortos e feridos, as baixas muçulmanas tinham sido mínimas, mas os membros do exército do sultão que fugiram no campo de batalha naquele dia não retornaram – na verdade, dizia-se que alguns deles não pararam de correr até chegar ao Mar da Galileia – e sua substituição

não foi fácil. E o que foi pior, a debandada do acampamento de Saladino abalou o moral e semeou a desconfiança. Baha al-Din observou que, na pilhagem, “as pessoas perderam grandes somas” e que “isso foi mais desastroso que a própria debandada”. O sultão fez sinceros esforços para recuperar o máximo possível dos pertences perdidos, juntando uma vasta quantidade de pilhagem em sua tenda que podia ser reclamada se as pessoas jurassem que se tratava de seus pertences, mas o dano psicológico já estava feito.

Após a batalha, Saladino decidiu rever sua estratégia. Depois de cinco dias na linha de frente, suas tropas se queixavam de exaustão, enquanto ele próprio começava a padecer de uma doença. Por volta de 13 de outubro, suas forças e bagagens começaram a voltar do conturbado campo de batalha para o cerco mais distante de al-Kharruba esperando a chegada de al-Adil. Esta foi uma tácita admissão de fracasso; um reconhecimento de que, nesta primeira e crucial fase do cerco, Saladino tinha sido incapaz de desalojar a força cruzada. Pela lógica da ciência militar, os francos haviam conseguido o impossível – o bem-sucedido estabelecimento de uma investida, penetrando profundamente no território inimigo, embora enfrentando um exército opositor. Os historiadores têm se mostrado consistentemente perplexos quanto a essa aparente anomalia. Contudo, uma explicação fica clara: a natureza costeira do cerco certamente forneceu aos francos uma via de importância vital, mas, o que é mais importante, os primeiros embates desse conflito confirmaram a profunda crise de poder de combate enfrentada por Saladino enquanto expunha sua própria incapacidade de comandar com determinação. Insistindo em sua tática habitual de evitar o confronto em escala total quando lhe faltava uma esmagadora superioridade militar, o sultão acreditava estar seguindo o rumo mais seguro. Mas nessa conjuntura crítica, fazia-se necessária a ação, e não a cautela. Comprometer-se com um ataque frontal às posições dos cruzados no início do cerco de Acre pode ter sido uma aposta, a qual Saladino tinha uma grande chance de ganhar, embora a um custo considerável. Com a decisão de retroceder, tomada em outubro, a chance de eliminar a ameaça cristã antes que ela se enraizasse completamente escapuliu das mãos do sultão. Essa chance não voltaria.²⁹

Capitalizando o tempo para respirar que lhes fora concedido, os cruzados trataram de garantir suas posições fora de Acre. Em meados de setembro, começaram a construir defesas rudimentares. Agora, com a ameaça de uma ofensiva imediata, “ergueram muralhas de terra e cavaram trincheiras profundas de mar a mar para defender as tendas”, criando um elaborado sistema de fortificações semicirculares que fechavam Acre e ofereciam maior proteção

contra o assalto muçulmano, fosse da guarnição da cidade ou de Saladino. Para impedir os atacantes a cavalo, a terra de ninguém para além das trincheiras foi salpicada com o equivalente medieval das minas – covas profundas, escondidas e cheias de espigões, destinadas a nocautear cavalo e cavaleiro. Refletindo sobre essas medidas, o crítico por vezes irônico de Saladino, Ibn al-Athir, observou com sarcasmo: “Agora ficou claro como fizeram bem em aconselhar Saladino a se retirar”. Ao mesmo tempo, durante todo o mês de outubro, patrulhas muçulmanas registravam o influxo quase diário de reforços latinos, o que levou Saladino a escrever ao califa de Bagdá afirmando que os cristãos estavam sendo supridos por navios mais numerosos que as ondas e lamentando o fato de que, para cada cruzado morto, mil tomavam seu lugar.³⁰

Hiato

A chegada do inverno em dezembro de 1189 trouxe uma pausa maior ao cerco. Enfrentando mares agitados e sem acesso à salvaguarda do porto interno de Acre, a frota latina foi forçada a navegar rumo norte, em direção a Tiro e para além desse ponto, em busca de abrigo. Conrado de Montferrat também voltou para Tiro. A piora do tempo forçou uma pausa nas hostilidades à medida que a chuva transformou o terreno entre as trincheiras dos cruzados e o acampamento de Saladino em al-Kharruba em um verdadeiro lamaçal, através do qual era impraticável lançar qualquer ataque. O sultão mandou o grosso de suas tropas para casa, mas permaneceu no local, enquanto os francos se acocoravam para esperar o fim do inverno, na esperança de sobreviver às predações da doença e da fome, dedicando sua energia na construção de máquinas de assédio.

De acordo com seu confidente Baha al-Din, Saladino agora reconhecia “quanta importância os francos... atribuíam a Acre, e como a cidade se tornou o alvo para o qual seus planos determinados eram dirigidos”. A decisão de invernar fora da cidade indica que o sultão agora a considerava o campo de batalha crítico daquela guerra. Ele pode não ter tido a coragem de um assalto total ao acampamento cruzado no início daquele outono, mas pelo menos mostrou uma nova e firme determinação de perseverar na campanha. Tendo passado os dois anos que se seguiram a Hattin obtendo conquistas fáceis, evitando confrontos pesados, ele evidentemente decidiu que era preciso traçar uma linha em Acre e que o avanço latino tinha que ser detido. Sabendo muito bem da devastação que cairia sobre Acre na primavera que se aproximava, o sultão começou “(a enviar) provisões, suprimentos, equipamentos e homens suficientes para fazê-lo se sentir confiante de que a cidade estava segura”. Foi provavelmente nesse ponto que Saladino nomeou Abu'l Haija, o Gordo, como comandante militar da cidade, juntamente com Qaragush. Até os cruzados ficaram impressionados com essas medidas, com um deles posteriormente comentando que “nunca houve um castelo ou cidade que tivesse tantas armas, tamanha defesa, tamanhos estoques de alimentos, a esse custo”. Em meio à agitação dessa atividade, o sultão sofreu uma grave perda pessoal quando Isa, seu amigo íntimo e esperto conselheiro, morreu de doença em 19 de dezembro de 1189.³¹

Os longos meses de impasse não foram domínio apenas de troca de olhares duros e frenética preparação. O inverno ofereceu as primeiras oportunidades de confraternização e o surgimento de uma familiaridade que permaneceria um traço oculto da campanha. Um dos últimos navios latinos a chegar em 1189 tinha trazido um reforço diferente: “trezentas adoráveis francas, cheias de juventude e beleza, reunidas no além-mar para (se oferecerem) para o pecado”. O secretário de Saladino, Imad al-Din, sentiu certo prazer escandalizado em descrever como essas prostitutas, que estabeleceram seus locais de atendimento fora de Acre, “subiam suas meias prateadas até encontrarem os brincos de ouro (e) se faziam de alvos para as setas dos homens”, mas observou, com evidente repugnância, que alguns muçulmanos também “escapavam” para compartilhar de seus encantos.

Outra testemunha ocular muçulmana observou que os inimigos cristãos e muçulmanos eventualmente “chegavam a se conhecer e nos dois lados conversavam e partiam para a luta. Por vezes, alguns cantavam e outros dançavam, de tão familiares que haviam se tornado”. Nos períodos posteriores, a grande proximidade dos dois lados entrincheirados deve ter contribuído para essa familiaridade, pois se afirmava que os muçulmanos estavam “frente a frente com o inimigo... com as fogueiras dos dois acampamentos visíveis umas para as outras. Podíamos ouvir o som de seus sinos e eles podiam ouvir nossos chamados à oração”. A guarnição da cidade, pelo menos, ganhou o respeito invejoso dos cruzados, com um soldado comentando que “nunca houve alguém tão bom na defesa quanto esses subordinados do diabo”. Esta imagem de florescente amizade e conhecimento não deve ter ido muito longe. Recentes pesquisas desenterraram um intrigante relato latino das forças reunidas por Saladino em Acre, provavelmente escrito durante o cerco. Caracterizado por uma mistura de conhecimento de qualidade irregular e animosidade, esse documento oferece detalhes precisos das características da tropa e do armamento muçulmanos, entremeados por uma persistente difamação e fantasia. Afirma-se que os árabes “circuncidavam” as orelhas, enquanto os turcos aparentemente eram renomados por se entregarem à homossexualidade e à bestialidade, tudo de acordo com os supostos preceitos de Maomé.

As “regras” informais de envolvimento que gradativamente foram se formando entre esses inimigos entrincheirados por vezes eram transgredidas. Parece ter havido a compreensão de que os que saíam da segurança de seu acampamento para se aliviar não podiam ser atacados. Os cruzados, portanto, ficaram horrorizados quando, certa ocasião, “(um cavaleiro) fazendo o que todos têm que

fazer... foi ao chão” quando um turco a cavalo saiu correndo de sua linha de frente para perfurá-lo com sua lança. Totalmente inadvertido do perigo, o cavaleiro foi prevenido no último segundo pelos gritos de “Corra, senhor, corra”, provindos das trincheiras. Ele “se levantou com dificuldade... tendo terminado sua necessidade”, mal conseguindo esquivar-se do primeiro ataque, para, então, encarando seu inimigo desarmado, derrubar o cavaleiro lançando uma pedra certa contra ele.³²

A TORMENTA DA GUERRA

Com a chegada da “suave estação da primavera”, a guerra aberta voltou, e a primeira batalha a ser travada foi pelo domínio do mar. No final de março de 1190, pouco depois da Páscoa, chegaram notícias a Acre de que cinquenta navios latinos estavam se aproximando de Tiro. Durante o inverno, Conrado havia concordado com uma reconciliação parcial com Guy, tornando-se o “homem de confiança do rei” em troca de direitos sobre Tiro, Beirute e Sídón. A frota que ele agora comandava em direção sul buscava restabelecer o controle cristão sobre o litoral do Mediterrâneo para reconectar a vida dos cruzados com o mundo exterior. Esta era uma luta que Saladino não admitia perder, talvez por sua esperança de que uma vitória total em Acre dependesse de isolar os sitiados francos. Ele resolveu resistir aos navios que chegavam a toda a costa, preparando um dos mais espetaculares engajamentos navais do século XII.

A batalha pelo mar

Quando a frota latina apareceu, levada ao longo da costa por um vento norte, cerca de cinquenta dos navios de Saladino saíram do porto de Acre em pares para encontrá-la, ostentando pavilhões verdes e dourados. Os francos possuíam dois tipos principais de navios: galeões “longos, estreitos e baixos”, equipados com aríetes e movidos por dois bancos de remos (um abaixo e um no convés); e “galeotas”, navios mais curtos, mais manobráveis, com um único banco de remos. À medida que a frota se aproximava, paredes protetoras eram levantadas nos conveses, e os navios cristãos entraram em formação em cunha (V), com os galeões na ponta. Com uma cacofonia de trombetas soando em ambos os lados, as duas forças rumaram uma contra a outra, e a batalha teve início.

O combate marítimo ainda era relativamente rudimentar em 1190. Navios maiores podiam tentar acertar o inimigo com aríetes e afundá-lo, mas, no geral, a luta ocorria com uma distância pequena entre as naves e consistia na troca de projéteis de curta distância e tentativas de puxar os navios inimigos com ganchos para abordá-los. O maior dos horrores, para os marinheiros, era o fogo grego, pois não podia ser apagado com água, e nessa luta os dois lados contavam com esse recurso. A frota muçulmana se aproximou o suficiente para assumir a liderança do combate em várias ocasiões. Um galeão franco foi bombardeado com fogo grego e abordado, fazendo com que seus remadores se lançassem apavorados no mar. Um pequeno número de cavaleiros, atrapalhados pelo peso das armaduras e que, de todo modo, não sabiam nadar, preferiram ficar em seus postos “em total desespero” e conseguiram reassumir o controle do navio meio queimado. No final, nenhum dos lados conseguiu uma vitória arrebatadora, mas a frota muçulmana sofreu o pior, sendo forçada a voltar para o porto de Acre. Um de seus galeões ficou encalhado e foi saqueado, com sua tripulação reunida na praia e sumariamente morta e decapitada por um implacável grupo de mulheres latinas armadas de facas. Num aparte lúgubre, um cruzado mais tarde observou que a “fraqueza física das mulheres prolongou a agonia da morte”, pois levou mais tempo para que elas decapitassem seus inimigos.

Esta batalha custou a Saladino o controle do mar pelo resto de 1190. Os cruzados puderam policiar as águas em torno de Acre, encurralando os navios

remanescentes do sultão dentro do porto e impedindo todas as tentativas da guarnição da cidade de receber suprimento. Durante os seis meses seguintes, os habitantes de Acre viveram à beira da morte pela fome. No final da primavera, seus suprimentos estavam exauridos, e eles foram forçados a comer “todos seus animais, cascos e entranhas, pescoços e cabeças”, expulsando todo prisioneiro velho ou fraco (os jovens foram mantidos para carregar as catapultas). Saladino fez repetidas tentativas de romper o cordão naval, com variados graus de sucesso. Em meados de junho, parte de uma frota de 25 navios conseguiu abrir caminho. No final de agosto, o sultão providenciou um navio de transporte de casco redondo para ser carregado com quatrocentas sacas de trigo, bem como queijo, milho, cebolas e carneiros. Para vencer o bloqueio, a nave saiu de Beirute disfarçada. Sua tripulação estava “vestida como francos, tendo até raspado a barba”, enquanto porcos eram colocados no convés em plena vista e cruzes eram alçadas. Os cruzados foram enganados, e o navio passou pelo bloqueio. Mas essas foram vitórias magras, pois a cidade precisava de suprimentos quase constantes. No início de setembro, Qaragush conseguiu enviar uma carta a Saladino, informando que em duas semanas Acre ficaria inteiramente sem comida. O sultão ficou tão alarmado que manteve o segredo sobre isso por medo de que o moral de seu exército fosse abalado. Outros três navios carregados de suprimentos partiram do Egito, mas ventos desfavoráveis retardaram seu avanço. Baha al-Din descreveu como, em 17 de setembro, Saladino se colocou na praia “como uma mãe enlutada... o coração pesado”, observando quando eles chegariam a Acre, sabendo muito bem que a cidade cairia se não conseguissem chegar. Depois de uma árdua luta, “os navios chegaram a salvo no porto, sendo recebidos como a chuva depois da seca”.³³

Uma verdadeira graça em meio a todas essas lutas foi que os cruzados nunca conseguiram assumir o controle do porto interno de Acre. Se tivessem conseguido, a posição da guarnição logo ficaria insustentável. No final do verão de 1190, os francos fizeram um esforço concertado para tomar a Torre das Moscas, o forte construído sobre um afloramento rochoso na baía de Acre que controlava a corrente que guardava o porto. Eles fortificaram dois ou três navios, criando elaboradas torres de cerco flutuantes, mas seu assalto falhou quando elas foram queimadas pelo fogo grego.

Com exceção desse ataque, os francos nunca tentaram um assalto naval contra Acre e, na realidade, de sua perspectiva a batalha pelo mar funcionava como uma plataforma e um adendo ao cerco em terra. O acesso ao apoio naval era totalmente indispensável no sentido de que continuava a fornecer aos cruzados

reforços, provisões e materiais militares, e o bloqueio de Acre certamente acrescentou um importante elemento de atrito a seu investimento, mas na maior parte de 1190 sua estratégia geral foi baseada na guerra em terra.

A luta em terra

Em terra, o período de lutas recomeçou a sério no final de abril e começo de maio de 1190. Com a primavera, Saladino convocou suas tropas da Síria e da Mesopotâmia. Em 25 de abril, deslocou seu acampamento de volta para a linha de frente em Tell Kaysan, com o apoio do filho al-Afdal. Durante os dois meses seguintes, houve o reforço de destacamentos de locais como Alepo, Harã e Mossul. Ao mesmo tempo, é claro, com o mar aberto o campo cruzado foi mais uma vez inundado por novos recrutas, muitos dos quais faziam parte das primeiras levadas dos exércitos dos reis de França e Inglaterra. Dentre eles destacava-se Henrique II de Champagne, conde de Troyes, sobrinho de Ricardo I e de Filipe Augusto. Henrique chegou a Acre em agosto na companhia de seus tios, o conde Teobaldo V de Blois, e Estêvão, conde de Sancerre, juntamente com cerca de dez mil guerreiros, assumindo imediatamente o comando militar do cerco. Um grande contingente de cruzados ingleses chegou no final de setembro, comandados pelo arcebispo Balduíno da Cantuária, o formidável Hubert Walter, bispo de Salisbury, e o tio desse, Ranulfo de Glanville, que já fora um dos conselheiros mais próximos do rei Henrique II da Inglaterra.³⁴

Apesar do renovado influxo de cruzados ocidentais, Saladino deveria ter o número de homens para contrabalançar, talvez até para suplantar, os sitiados cristãos durante o longo período de lutas de 1190. Mas um fator o continha: a vinda dos alemães. Já no outono de 1189, Saladino havia recebido notícias de que o imperador Frederico Barbarroxa estava marchando para a Terra Santa à frente de um quarto de milhão de cruzados – notícias que, de modo não surpreendente, “perturbaram grandemente o sultão e causaram-lhe ansiedade”. A ameaça iminente representada pela aguardada chegada dessa horda significou que, de abril a setembro, o sultão não foi capaz de direcionar o poder total de seus recursos militares, nem de focar seu pensamento estratégico, para o problema de Acre. Convencido de que o vasto exército do imperador chegaria pelo sul, através da Síria e do Líbano, como uma onda incontrolável, Saladino tratou de se preparar para uma guerra implacável em duas frentes. Quase no mesmo momento em que as tropas do sultão chegaram a Acre naquela primavera, ele começou a enviá-las para reforçar as defesas do Norte. As cidades do interior receberam ordens de armazenar as colheitas em caso de cerco,

enquanto ao longo da costa Saladino julgou que era provável que Latáquia e Beirute não tivessem chance de resistir a Frederico, assim ordenando que suas muralhas fossem arrasadas para impedir que se tornassem baluartes latinos. Essas medidas faziam completo sentido em termos estratégicos – na verdade, Saladino estava louco por ignorar a aproximação de Barbarroxa –, mas também serviram para comprometer os esforços muçulmanos em Acre, ao forçar um total redirecionamento de recursos. Desse modo, mesmo antes de porem o pé no Levante, os alemães fizeram uma contribuição significativa à Terceira Cruzada.³⁵

Enfraquecido e absorto, Saladino teve que adotar uma abordagem grandemente reativa para a defesa de Acre. Ele podia ter esperanças de frustrar a tentativa dos francos de tomar a cidade, mas todos os planos efetivamente feitos para uma tentativa concertada de aniquilar os sitiados foram mais uma vez postos de lado. Nos primeiros dias de maio, o sultão havia restabelecido uma posição de linha de frente, confinando os cruzados entre seus exércitos e as muralhas de Acre. Isto permitiu a Saladino montar contra-ataques quase instantâneos a qualquer assalto latino à cidade, forçando os cruzados a drenar suas forças, lutando em duas frentes. Nesse ínterim, o sultão buscou manter contato com Qaragush e sua guarnição, mas, com a cidade sujeita a um bloqueio por terra e mar, esta não foi uma tarefa simples. Pombos-correios foram um dos principais meios de comunicação e de um sistema de inteligência que cobria o vasto Império Aiúbida, mas em Acre eles desempenhavam um papel limitado, talvez por serem um alvo fácil demais para os arqueiros inimigos. Assim, Saladino preferiu confiar num grupo de mensageiros astuciosos e corajosos que procurariam nadar até o porto interno de Acre disfarçados pelas trevas e carregando cartas, dinheiro e até frascos de fogo grego selados em sacos de pele de lontra. Era uma tarefa perigosa. Em uma missão, um nadador experiente chamado Isa, que “costumava mergulhar e emergir no lado oposto dos navios inimigos”, desapareceu, para aparecer afogado no porto alguns dias depois, com sua consignação de mensagens e ouro ainda presos em torno da cintura.³⁶

Na maior parte do ano de 1190, Saladino enfrentou um inimigo animado por um único objetivo – o rompimento das defesas terrestres de Acre. Faltando-lhes um líder universalmente reconhecido (com o poder alternando-se entre o rei Guy, Jaime de Avesnes e Henrique de Champagne), seus ataques pecavam pela falta de resolução, mas, mesmo assim, a ameaça por eles representada era grande. Os francos adotaram uma estratégia de cerco baseada no assalto, procurando vencer as muralhas da cidade por meio de combinação de bombardeio, escalada e solapamento. Tendo construído certo número de catapultas durante o inverno,

eles agora deram início a uma barragem quase diária de mísseis de pedra. Essas máquinas parecem ter sido de alcance bastante limitado, incapazes de lançar grandes pedras, de modo que os ataques provavelmente se destinavam tanto a atormentar e ferir a guarnição muçulmana quanto a enfraquecer as muralhas de Acre. É claro que isto não era uma atividade unilateral. Dentro da cidade, Qaragush tinha seu próprio arsenal de armas pesadas com que buscava destruir as máquinas de assédio dos cruzados, frequentemente com grande sucesso. Uma delas parecia ser particularmente grande, capaz de lançar pedras que, com o impacto, se enterravam cerca de trinta centímetros no chão. As muralhas terrestres de Acre eram cercadas por um fosso seco, projetado para travar qualquer assalto terrestre e impedir que as torres de assédio de grande escala fossem arrastadas até as ameias. Os cruzados fizeram árduas tentativas de preencher partes desse fosso com cascalho, muitas vezes sob a cobertura de bombardeios aéreos. A guarnição fez o que pôde para desbaratar esses esforços, despejando flechas sobre os trabalhadores, mas eles estavam determinados. Uma mulher franca, mortalmente ferida enquanto carregava pedras, chegou a pedir que seu corpo fosse atirado no fosso para funcionar como preenchimento. No início de maio de 1190, para horror dos muçulmanos, um caminho para o pé das muralhas havia sido aberto.

O pânico agora começou a se espalhar. Durante semanas, Qaragush e Saladino haviam observado um frenesi de construção no acampamento dos cruzados, com três enormes máquinas de assédio gradativamente se elevando nos ares. Construída com madeira especialmente trazida da Europa, com uma altura de cerca de vinte metros, esses gigantes de três andares e dotados de rodas foram empapados com vinagre para tolher o efeito do fogo e cobertos por uma rede de cordas para amortecer o impacto dos ataques com catapulta. Uma testemunha ocular muçulmana escreveu que, erguendo-se acima das muralhas de Acre, “(elas) pareciam montanhas”. Em 2 de maio, o rei Guy, Jaime de Avesnes e Luís da Turíngia preencheram-nas com homens – besteiros e arqueiros no topo, espadachins e lanceiros abaixo – e começaram a levar as máquinas lentamente em direção à cidade. Este terrível espetáculo apavorou os muçulmanos. No acampamento de Saladino “todos entraram em desespero pela cidade e o ânimo dos defensores abateu-se”, enquanto dentro de Acre “Qaragush estava fora de si devido ao medo”, preparando-se para negociar uma rendição. Um nadador foi rapidamente despachado para avisar o sultão que o colapso era iminente, e Saladino rapidamente lançou um contra-ataque. De maneira simultânea, a guarnição começou a lançar sobre as torres frascos de fogo grego assim que elas se mostravam ao alcance, mas nada disso deteve seu inexorável avanço.

O dia foi salvo por um jovem metalúrgico anônimo de Damasco. Fascinado pelas propriedades do fogo grego, ele desenvolveu uma variante de sua fórmula que prometia queimar com intensidade ainda maior. Qaragush mostrou-se cético, mas acabou por concordar em tentar essa nova invenção, e o metalúrgico “misturou os ingredientes que havia reunido com um pouco de nafta em cubas de cobre, até a mistura parecer um carvão em brasa”. Ainda naquele dia, tentativas infrutíferas de usar o fogo grego padrão haviam feito os franceses dançarem e fazerem pilhérias no alto de suas torres, mas quando um pote de barro da nova fórmula as atingiu, eles ficaram em silêncio. “O pote mal havia atingido o alvo quando explodiu em chamas e tudo se transformou numa montanha de fogo”, escreveu um observador muçulmano. As duas torres remanescentes logo tiveram destino similar. Os cruzados encurralados nos níveis superiores morreram na conflagração, enquanto os de baixo que conseguiram escapar viram suas grandes máquinas “se transformarem em cinzas”. Por enquanto, pelo menos, Acre estava salva.³⁷

Nos meses que se seguiram, o domínio superior que os muçulmanos tinham da tecnologia da arma combustível mostrou ser algo decisivo. Em agosto, quando os francos procuraram intensificar seu bombardeio, operando em turnos dia e noite, construindo catapultas cada vez mais poderosas, Qaragush e Abu'l Haija lançaram uma ofensiva salvadora, enviando “especialistas em fogo grego” para queimarem as máquinas do inimigo, matando setenta cavaleiros cristãos na ação. Em setembro, um enorme lançador de pedras, construído sob as ordens de Henrique de Champagne, ao custo de 1.500 dinares de ouro, foi similarmente destruído em questão de minutos. Não é de surpreender que os cruzados tenham desenvolvido um intenso ódio pelo fogo grego. Assim, um infausto emir turco pagou um alto preço quando ficou ferido numa escaramuça junto a uma torre de assédio franca. Ele estava carregando um recipiente com fogo grego, na esperança de destruir o aparelho, mas então um cavaleiro latino “jogou-o no chão, esvaziando o conteúdo do recipiente em suas partes íntimas, de modo que sua genitália foi queimada”.³⁸

Outras batalhas, mais insidiosas, grassaram naquele verão. O cuidado para manter o moral elevado do exército e a luta para quebrar a determinação do inimigo há muito eram características das guerras medievais quando se tratava de um sítio. E, embora os eventos em Acre não pareçam ter sido marcados por repetidos atos de brutalidade ou barbarismo deliberadamente insensíveis dos dois lados, a guarnição de Qaragush ocasionalmente empregou essas táticas. Os mortos latinos já pendiam das ameias de Acre em novembro de 1189, numa

tentativa de enraivecer os cruzados. Agora, em 1190, as tropas muçulmanas ocasionalmente arrastavam cruzes e imagens da veneração cristã ao parapeito para submetê-las à conspurcação pública. Isto envolvia bater nelas com paus, cuspir e até urinar nelas, embora um soldado que tentou essa última ofensa tenha sido morto com uma flechada na virilha por um besteiro franco.

As questões recorrentes em sítios prolongados – a fome e a doença – também lançaram suas sombras sobre Acre em 1190. A fome e a insatisfação parecem ter levado as seções mais pobres do exército cruzado a lançarem um ataque indisciplinado e, em última instância, infrutífero contra o acampamento de Saladino em busca de comida em 25 de julho, ao custo de pelo menos cinco mil vidas. Com seus cadáveres apodrecendo ao calor do verão e grandes enxames de moscas baixando sobre eles e tornando a vida insuportável nos dois lados, a doença inevitavelmente se espalhou pelas planícies de Acre.

Mais uma vez Saladino procurou limpar o campo de batalha atirando os cadáveres dos cristãos no rio, mandando uma horrível mistura de “sangue, corpos e gordura” rio abaixo, em direção aos cruzados. A tática funcionou. Um latino descreveu como “não foi um pequeno número (de cruzados) que morreu logo depois devido ao ar empestado, poluído com o fedor de corpos, exauridos pelas noites ansiosas passadas em guarda e destroçados por outras adversidades e necessidades”. A combinação letal de desnutrição e condições sanitárias atrozes envenenou o campo durante o resto da estação, e a taxa de mortalidade disparou. As perdas entre os pobres foram severas, mas nem os nobres ficaram imunes: Teobaldo de Blois “não sobreviveu mais que três meses”, enquanto seu compatriota Estêvão de Sancerre “também morreu sem proteção”. Ranulfo de Glanville durou apenas três semanas. Acre estava se tornando rapidamente o cemitério da aristocracia europeia.³⁹

O destino da cruzada alemã

Em outra parte do Oriente Próximo, outra morte devia mudar o rumo da cruzada. No final de março de 1190, o imperador Frederico Barbarroxa fez um acordo com os bizantinos e conduziu a cruzada alemã pelo Helesponto (hoje Dardanelos) até a Ásia Menor. Os alemães abriram uma rota sudeste através do território grego, cruzando a Anatólia Turca no final de abril. Lutas internas pelo poder no sultanato seljúcida de Cônia significavam que as tentativas anteriores de Frederico de negociar passagem livre através da Síria tiveram um impacto limitado, e os cruzados logo encontraram uma concertada resistência muçulmana. Apesar da falta de suprimentos, Barbarroxa conseguiu manter a disciplina entre seus homens – fontes muçulmanas afirmam que ele ameaçou cortar a garganta de qualquer cruzado que ousasse desobedecer suas ordens –, e a marcha da coluna alemã continuou avançando. No dia 14 de maio, um grande ataque turco foi repellido, e Frederico avançou para atacar Cônia, ocupando a cidade baixa da capital seljúcida e forçando os turcos a uma submissão temporária.

Com a travessia da Ásia Menor quase completa, Barbarroxa dirigiu-se para o sul, ao longo da costa e do território cristão da Armênia cilícia. A cruzada alemã havia sofrido baixas substanciais em termos de homens e cavalos, mas, no geral, Frederico havia conseguido um notável sucesso, prevalecendo onde os cruzados de 1101 e 1147 haviam fracassado. Então, quando as piores dificuldades pareciam superadas, o desastre aconteceu. Aproximando-se de Silifke em junho de 1190, o imperador decidiu impacientemente vadear o rio Selph à frente de suas tropas. Seu cavalo perdeu o pé no meio da travessia, lançando Frederico no rio – num dia escaldante, a água estava incrivelmente fria e, incapaz de nadar, o imperador alemão se afogou. Seu corpo foi trazido para a margem, mas nada pôde ser feito. O mais poderoso monarca da Europa Ocidental, o mais forte governante a aceitar a cruz, estava morto.

Esse cataclismo não anunciado e inesperado chocou latinos e muçulmanos. Um cronista franco observou que “a cristandade foi muito abalada pela morte (de Frederico)”, enquanto, no Iraque, outro contemporâneo alegremente anunciou que “Deus nos livrou do mal por ele representado”. Os cruzados alemães foram

assolados por uma crise de liderança e moral abatido. O filho mais novo de Barbarroxa, Frederico da Suábia, tentou salvar a expedição. Assumindo o comando, mandou envolver e embalsamar o corpo do imperador, e então conduziu o grupo para o norte da Síria. Mas, no caminho, “a doença e a morte caíram sobre eles (deixando-os) parecidos com alguém que tivesse sido exumado do túmulo”. Milhares morreram, enquanto outros desertaram. Em Antioquia, parte dos restos de Barbarroxa foi enterrada na Basílica de São Pedro, junto ao sítio da descoberta da Santa Lança; seus ossos foram então fervidos e colocados num saco, na esperança de que pudessem encontrar repouso em Jerusalém (na verdade, foram por fim enterrados na Igreja de Santa Maria, em Tiro). Frederico da Suábia desceu claudicando a costa da Síria com o que sobrara do exército alemão, enfrentado ataques das tropas aiúbidas estacionadas ao norte.⁴⁰

Não se sabe com precisão quando a notícia da morte de Barbarroxa chegou a Saladino – segundo Baha al-Din, ele foi informado do fato por uma carta de Basílio de Ani, chefe da Igreja Cristã Armênia, mas nenhuma data é mencionada. A novidade foi certamente celebrada entre os muçulmanos. Um cruzado escreveu que “dentro de Acre... houve danças e o toque de tambores”, e lembrou que membros da guarnição aiúbida escalaram alegremente as ameias para gritar muitas vezes, em voz alta: “Seu imperador se afogou”. Contudo, o sultão ainda estava despachando tropas para defender a Síria até 14 de julho de 1190, e a força total de seus exércitos só foi reagrupada em Acre no início do outono. Assim, embora a morte de Barbarroxa tenha aleijado a cruzada alemã, Saladino perdeu recursos militares vitais naquele verão. Frederico da Suábia por fim chegou a Acre no início de outubro de 1190, na companhia de, talvez, cinco mil soldados. Saladino parece ter esperado que, apesar de suas baixas, a chegada dos alemães revigorasse o cerco cruzado, mas, em termos reais, ela pouco fez para o progresso da causa franca.⁴¹

EMPATE

Num certo sentido, as lutas de 1190 tinham sido um sucesso para Saladino. Acre tinha repellido todos os assaltos latinos, com sua guarnição replicando o artifício da tecnologia militar experimental dos francos. O sultão conseguira, embora com certa dificuldade, manter os canais de comunicação e suprimento da cidade, enquanto posicionava suas tropas para acossar e inquietar os cruzados. Depois de doze meses de investida, a cidade ainda se mantinha imbatível. Não obstante, num sentido mais amplo, Saladino havia fracassado. Forçado a usar seus recursos militares para enfrentar a ameaça da cruzada alemã, faltaram-lhe os homens para tomar a iniciativa em Acre. Com exércitos com sua força total, naquele verão ele poderia ter arriscado um assalto frontal concertado contra as posições francas e expulsado os cruzados da Palestina. Mas quando suas tropas se reagruparam em Acre no início de outubro, Saladino parece ter decidido que, pelo menos por ora, a oportunidade da intervenção decisiva havia passado. Isso, combinado com a ocorrência de uma “febre biliosa”, levou-o a deslocar seu exército de volta para um distante acampamento de inverno em Saffaram (cerca de dezesseis quilômetros a sudeste de Acre) em meados de outubro, efetivamente pondo um fim à temporada de lutas. Com sua confiança evidentemente abalada, ele ordenou a demolição de Cesareia, Arsuf e Jafa – os principais portos ao sul de Acre –, e até ordenou o desmantelamento das muralhas de Tiberíades. Nos meses que se seguiram, Saladino enfrentou uma luta constante para manter suas forças em campo. Alguns chefes militares, como os senhores de Jazirat e Sinjar, repetidamente solicitavam a devolução de suas terras; outros, como Keukburi, foram despachados para supervisionar a governança dos interesses negligenciados do sultão na Mesopotâmia e foram perdidos para a jihad.⁴²

Ao retroceder da linha de frente, como fizera um ano antes, Saladino contava com os contratempos naturais para enfraquecer o inimigo, esperando para ver se os cruzados sobreviveriam a um segundo inverno rigoroso acampados fora de Acre. Logo a mudança de estação começou a incomodar.

Como em 1189, o fim do outono anunciou o fechamento das rotas marítimas de longa distância e o efetivo isolamento do exército franco. Em novembro, os

suprimentos dos cruzados já estavam escasseando, forçando-os a tentar uma expedição para recolher alimento ao sul, na direção de Haifa, que foi obrigada a voltar apenas dois dias depois.

Provações

No final de novembro, Saladino finalmente dispensou o exército para o inverno, mais uma vez ficando pessoalmente com apenas uma pequena força para vigiar Acre, enquanto o “mar se encapelava (e as chuvas) se tornavam pesadas e incessantes”. Do ponto de vista dos muçulmanos, os meses que se seguiram mostraram-se muito mais rigorosos e desafiadores que o inverno de 1189. A guarnição da cidade estava titubeante, enquanto Saladino e seus homens mostravam-se exaustos e de mau humor. Com as linhas de suprimento intermitentes, havia uma escassez generalizada de comida e armas, bem como pouquíssimos médicos disponíveis para lidar com os frequentes surtos de doenças. “O Islã lhe pede ajuda”, escreveu o sultão em uma carta suplicante ao califa, “como um homem que se afoga e grita por socorro”. E, contudo, esses problemas não eram mais que um pálido reflexo dos tormentos enfrentados pelos cruzados. Uma testemunha ocular muçulmana admitiu isso, escrevendo que devido “à planície (de Acre) ter-se tornado muito insalubre” e “o mar estar fechados para eles”, houve “uma grande mortandade entre o inimigo”, com cem a duzentos homens perecendo a cada dia.

O sofrimento dos latinos pode ter sido óbvio para os espectadores, mas a vista que se tinha dentro do acampamento cristão era ainda mais angustiante. Isolados do mundo exterior, os estoques de comida dos cruzados simplesmente se esgotaram. No final de dezembro, as pessoas começaram a esfolar “bons cavalos”, comendo-lhes a carne e as entranhas com apetite. À medida que a fome se intensificava, um cruzado escreveu que havia “os que haviam perdido o senso de vergonha devido à fome, os (que), à vista de todos, comiam a comida abominável que calhavam de achar, por mais suja que fosse, coisas que nem deveriam ser mencionadas. Suas bocas tenebrosas devoravam o que não é permitido que os humanos comam, como se fosse uma coisa deliciosa”. Isto pode ser uma indicação de que houve casos de canibalismo.

Enfraquecidos pela fome, os francos tornaram-se vítimas de doenças como o escorbuto e a boca de trincheira:

Uma doença se espalhou pelo exército... resultado das chuvas que caíam como nunca, de modo que todo o exército ficou meio afogado. Todos tossiam e estavam roucos; suas pernas e rostos se incharam. Num único dia morreram mil (homens); seus rostos estavam tão inchados que os dentes lhes caíam das bocas.

A mortandade atingiu uma escala nunca vista desde o cerco de Antioquia, durante a Primeira Cruzada. Milhares morreram, entre eles potentados como o arcebispo Balduíno da Cantuária, Teobaldo de Blois e até Frederico da Suábia. Um cruzado comentou que “não existe raiva como a provocada pela fome”, observando que, em meio a esse horror, a raiva e o desespero provocavam a perda da fé e a deserção. “Muitos dos nossos foram até os turcos e se tornaram renegados”, escreveu ele; “eles negaram (o Cristo), a Cruz e o batismo – tudo”. Recebendo esses apóstatas, Saladino deve ter esperado que o cerco de Acre logo fracassasse.

Mas os cruzados ainda resistiam. Alguns passaram a comer grama e ervas “como animais”, outros começaram a comer as desconhecidas alfarrobas, nativas da região, que eles achavam “doce ao paladar”. Hubert Walter, bispo de Salisbury, desempenhou um papel importante na manutenção de uma certa aparência de ordem ao acampamento atingido pelo caos, organizando coletas entre os ricos para que o alimento pudesse ser distribuído aos pobres. Quando vários cruzados famintos pecaram ao comer o pouco de carne que conseguiram durante a Quaresma, Hubert impôs-lhes uma penitência – três golpes nas costas com um bastão, administrados pelo próprio bispo, “mas não golpes pesados”, pois ele os “castigava como um pai”. Por fim, no final de fevereiro ou começo de março, o primeiro pequeno navio cristão de suprimentos, trazendo grãos, chegou ao acampamento, para ser saudado com uma grande celebração, e com a primavera a crise de suprimentos teve um fim. Tendo passado por uma tempestade de morte e miséria, os francos ainda estavam junto a Acre.⁴³

Para o Islã, a tenacidade dos cruzados significava um desastre. Como havia feito um ano antes, Saladino procurou usar o inverno para fortalecer Acre, mas desta vez seus esforços obtiveram menor sucesso. Al-Adil foi enviado para organizar um depósito de suprimentos em Haifa, que podiam ser enviados do Egito, subindo a costa até a guarnição. Em 31 de dezembro de 1190, sete navios completamente carregados chegaram ao porto de Acre, mas se despedaçaram contra as rochas e afundaram devido ao mar traiçoeiro. Comida, armas e

dinheiro que podiam ter sustentado a cidade durante meses foram perdidos. Então, em 5 de janeiro de 1191, uma intensa tempestade fez com que uma parte da muralha exterior de Acre desmoronasse, repentinamente expondo a cidade ao ataque. Atormentados pela fome e a doença, os cruzados não estavam em condições de tirar proveito dessa oportunidade, e os homens de Saladino apressaram-se em restaurar a muralha, mas as perspectivas do Islã eram sombrias. Com crescente apreensão, o sultão procurou reorganizar as defesas de Acre. Abu'l Haija, o Gordo, foi dispensado do comando militar do porto em 13 de fevereiro, sendo substituído por al-Mashtub, embora Qaragush tenha sido mantido em seu posto de governador. As tropas exauridas da guarnição também foram substituídas, mas o secretário de Saladino, Imad al-Din, mais tarde criticou essa medida, observando que uma força de 20 mil homens e sessenta emires foi trocada por apenas vinte emires e muito menos tropas, pois Saladino esforçava-se por conseguir voluntários que desejassem servir na cidade.

A frustração do sultão fica aparente em uma carta enviada ao califa naquele mesmo mês, em que ele adverte que o papa poderia estar vindo comandar os cruzados e lamentou o fato de que, quando as tropas muçulmanas chegaram a Acre dos confins do Oriente Próximo, a primeira pergunta de seu comandante tenha sido quando eles poderiam partir. Ao mesmo tempo, as muitas pressões para manter seu enorme reino enquanto estava preso na luta em Acre começaram a pesar. Em março, Saladino, relutantemente, assentiu às repetidas demandas de Tagi al-Din para ser nomeado governante das cidades nordestinas de Harã e Edessa. Embora o sultão não pudesse exatamente deixar que seu sobrinho saísse da jihad, precisava garantir o controle sobre o Eufrates superior ou se arriscar a desmembrar seu império.⁴⁴

Em abril de 1191, as perspectivas de Saladino, assim como as de Acre, pareciam quase desesperançadas. Por um ano e meio o sultão tinha sido imobilizado pelo sítio da cidade pelos cruzados, incapaz de consolidar completamente suas vitórias de 1187, limitado por uma estratégia de defesa reativa. Ele buscara reverter a onda de vingança que se estendeu da Europa Ocidental até as praias da Palestina e fracassara. A morte súbita de Frederico Barbarroxa, em junho de 1190, tinha sido extraordinariamente providencial, mas em Acre Saladino tivera menos sorte, enfrentando um inimigo franco aparentemente indomável. A cidade estava se aguentando, e o mesmo ocorria com o cerco latino. Contidos, mas não vencidos, os cruzados haviam obtido um surpreendente feito militar: a manutenção de um cerco bem no interior do território inimigo, enquanto enfrentavam um exército opositor no campo de batalha.

Num aspecto importante, o modo com que Saladino lidou com a luta titânica fora de Acre foi louvável. Pela primeira vez na guerra pela Terra Santa, ele se recusara a se retirar de um prolongado e enraizado confronto militar, mostrando uma obstinada determinação durante um ano e meio e dois invernos rigorosos. Contudo, apesar de todos os obstáculos enfrentados, a inabilidade do sultão em esmagar os cristãos entre 1189 e 1191 deve ser severamente criticada. Pois ele sabia que todo o poderio franco concentrado em Acre e toda a força das armas lançada contra suas muralhas eram apenas tremores antes do terremoto que ocorreria com a chegada dos reis da Inglaterra e da França. Ainda assim, faltaram a Saladino a vontade e a visão para agir. Agora, com o portão para a Terra Santa escancarado, o Islã teria que enfrentar a força total do ódio cruzado da cristandade latina.

15. A CHEGADA DOS REIS

Descendo a costa da Palestina na manhã do sábado de 8 de junho de 1191, o rei Ricardo I da Inglaterra teve um primeiro vislumbre do terrível espetáculo que era o cerco de Acre. As torres e muralhas da cidade apareceram; depois surgiu o enxame de dezenas de milhares de cruzados, saídos de “toda nação cristã debaixo do céu”, “a flor do mundo”, cercando sua presa. Por fim, “ele viu as encostas das montanhas, os vales e as planícies, cobertos de tendas turcas e de homens que tinham em seu coração o objetivo de agredir a cristandade”, com Saladino no meio deles. Longos três anos e meio depois de assumir a cruz, Ricardo havia finalmente chegado à Terra Santa. Os francos saudaram seu aparecimento com ruidosa celebração. Um membro do exército escreveu sobre as festividades que se seguiram naquela noite:

Grande era a alegria, a noite estava clara. Não creio que nenhum homem tenha visto ou falado de tamanha exaltação quanto a do exército expressando-se pela presença do rei. Sinos e trombetas todos soaram. Belas canções e baladas foram cantadas. Todos estavam cheios de esperança. Tantas luzes e velas (foram acesas) que pareceu aos turcos do exército oponente que o vale todo estava em chamas.

No acampamento de Saladino, um dos conselheiros do sultão registrou que “o maldito rei da Inglaterra chegou (com) grande pompa, (à frente) de 25 galeões cheios de homens, armas e suprimentos... ele era sábio e experiente, e sua vinda teve um impacto terrível e assustador nos corações dos muçulmanos”. O Coração de Leão havia chegado.⁴⁵

VIAJANDO PARA A TERRA SANTA

Ricardo tinha obtido uma notável vitória antes mesmo de alcançar o Oriente Próximo. Os exércitos cruzados da França e da Inglaterra partiram da Sicília na primavera de 1191. Filipe II Augusto deixou Messina no dia 20 de março e chegou ao Levante um mês depois. Ricardo I, nesse ínterim, partiu para Creta em 10 de abril com uma frota que crescera e incluía mais de duzentos navios. Mas depois de três dias uma tempestade tirou do curso cerca de 25 desses navios, levando-os para Chipre – uma ilha governada desde 1184 pelo bizantino Isaac Comneno como território grego independente. Uma dessas naves levava a irmã do Coração de Leão, Joana, e sua noiva Berengária. Três navios naufragaram perto de Chipre, e os que conseguiram chegar a terra foram maltratados pela população local. Também foi feita uma tentativa de aprisionar as duas princesas latinas enquanto estavam ancoradas perto de Limassol, na costa sul.

Depois de chegar a Rodes por volta de 22 de abril, o rei Ricardo soube desses fatos e decidiu lançar um imediato ataque naval a Chipre, a despeito de sua condição de político cristão e seu papel como cruzado. Assim, fez um ousado desembarque em Limassol em 5 de maio e prontamente rechaçou as tropas de Isaac, forçando os gregos a se retirarem para Famagusta, na costa leste. Durante a trégua que se seguiu, Ricardo e Berengária se casaram na capela de São Jorge em Limassol, no dia 12 de maio.

Isaac então fez alguns pouco convincentes acenos de paz, mas Ricardo por fim partiu para Famagusta, derrotou os gregos em batalha uma segunda vez e tratou de subjugar a ilha inteira com notável eficiência. Isaac rendeu-se no dia 1º de junho e foi prontamente preso com algemas de prata especialmente encomendadas (o Coração de Leão havia prometido que não o colocaria a ferros).

Assim, Ricardo começou sua campanha cruzada com uma grande vitória, embora contra um território igualmente cristão. A conquista de Chipre permitiu que o exército angevino recebesse um enorme fluxo de riqueza e recursos. O rei cobrou um imposto de 50% da população cipriota e, então, algumas semanas

depois de sua partida, vendeu a ilha para os templários por 100 mil bizâncios de ouro (embora só tenha conseguido receber o pagamento inicial de 40 mil). A ilha também serviu como ponto de apoio decisivo ao longo da cruzada. Em longo prazo, a ocupação latina de Chipre se revelaria de profunda importância para a história futura das cruzadas e dos Estados cruzados.

Em meio a essa campanha, o rei inglês recebeu um embaixador de Guy de Lusignan. O Coração de Leão, como conde de Poitou, era o senhor feudal da dinastia de Lusignan e Guy agora procurava tirar proveito dessa ligação, suplicando a Ricardo que lhe desse apoio na luta pelo poder contra Conrado de Montferrat. Também começaram a chegar notícias da Palestina, insinuando que Filipe Augusto estava fazendo um progresso efetivo em Acre. De acordo com um cruzado, “quando o rei (angevino) ouviu isso, deu um grande e profundo suspiro, (e disse) ‘Deus não permita que Acre seja conquistada em minha ausência’”. Incitado à ação, o Coração de Leão partiu de Chipre em 5 de junho de 1191 e, ao desembarcar na Síria, mandou aprisionar Comneno no castelo dos hospitalários em Margab. Ricardo foi para o sul, mas a guarnição de Conrado de Montferrat recusou-lhe entrada em Tiro; assim ele partiu e chegou a Acre em 8 de junho.⁴⁶

O IMPACTO DOS REIS

A chegada de Ricardo Coração de Leão, juntamente com a de Filipe Augusto, transformou as expectativas dos latinos. A chegada desses dois monarcas revitalizou a cruzada, trazendo novo vigor e determinação à investida contra Acre, suprimindo uma poderosa injeção de recursos – financeiros, humanos e materiais – que prometiam levar esse cerco ferozmente disputado a um final vitorioso.

A chegada de Filipe Augusto

Num certo sentido, os boatos que Ricardo ouviu em Chipre estavam certos: o rei Filipe havia feito um progresso significativo em Acre desde sua chegada em 20 de abril de 1191. Observando que ele chegara à cidade com uma frota modesta de apenas seis navios, Baha al-Din admitiu que o monarca franco era “um grande homem e um líder respeitado, um de seus grandes reis ao qual todos os pertencentes ao exército deveriam prestar obediência”. Ele chegou com boa parte dos poderosos remanescentes da nobreza francesa; homens como o cruzado veterano conde Filipe de Flandres (que sobreviveu apenas até 1º de junho) e o orgulhoso e poderoso conde Hugo da Borgonha. Embora escritores contemporâneos partidários do Coração de Leão tendessem a subestimar as realizações do rei franco em Acre, na realidade Filipe fez sentir sua presença imediatamente, trabalhando para intensificar a pressão militar sobre a guarnição na cidade, enquanto consolidava a posição franca.

Tendo “ordenado a seus besteiros e arqueiros que atirassem continuamente, de modo que ninguém pudesse mostrar um dedo acima das muralhas da cidade”, o rei supervisionou a construção de sete enormes máquinas de atirar pedras e fortaleceu a paliçada que cercava as trincheiras dos cruzados. Em 30 de maio, com suas catapultas prontas para a ação, Filipe iniciou uma resoluta campanha de bombardeios de tal intensidade que “as pedras choviam sobre (Acre) dia e noite”, forçando Saladino a movimentar suas tropas de volta à linha de frente. Chegando a Tell al-Ayyadiya em 5 de junho, o sultão lançou ataques diários às trincheiras latinas, esperando interromper sua ofensiva aérea, mas nada parece ter detido as máquinas de assédio francesas. Ao mesmo tempo, os cruzados preparavam-se para um ataque frontal por terra, fazendo renovadas tentativas de preencher partes do fosso seco de Acre para ter acesso às muralhas. Com os francos atirando cavalos mortos e até restos mortais humanos dentro do fosso, a guarnição muçulmana ficou com a desesperada tarefa de tentar esvaziá-lo mais rapidamente do que os latinos conseguiam enchê-lo. Uma testemunha muçulmana descreveu como os defensores foram separados em três grupos: um “descendo até o fosso e cortando cadáveres e cavalos para ficar mais fácil carregá-los”, outro transportando esse lúgubre fardo até o mar e um terceiro na defesa contra o ataque cristão. Afirmou-se que “nenhum homem forte de coração

poderia suportar” um trabalho tão pavoroso, “e, contudo, eles o estavam fazendo”, pelo menos por ora. Um quase contemporâneo pró-franco mais tarde observou que, com o crescente entusiasmo por um assalto franco, o rei Filipe “poderia facilmente ter tomado a cidade se quisesse”, mas preferiu esperar a chegada de Ricardo para que ambos pudessem compartilhar a vitória. Isso pode ter sido um exagero, há de se duvidar de que Filipe realmente tenha demonstrado tamanha indulgência, mas é muito fácil, em meio ao brilho da lenda do Coração de Leão, esquecer que era o monarca capetíngio, e não o angevino, que trouxe uma nova e revigorante vida para Terceira Cruzada.⁴⁷

O Coração de Leão em Acre

Mesmo assim, a grandiosa e triunfal chegada de Ricardo a Acre em 8 de junho realmente serviu para deslocar o equilíbrio do poderio militar em favor dos latinos. Comparando os dois monarcas cristãos, uma testemunha ocular muçulmana observou: “(O rei inglês) tinha muita experiência de luta e era intrépido em batalha, e, contudo, aos olhos deles era inferior ao rei da França em status real, embora fosse mais rico e mais renomado por sua habilidade militar e por sua coragem”. O Coração de Leão chegou ao Oriente Próximo com muitos dos mais poderosos nobres da Inglaterra e da Normandia, tais como Roberto IV, conde de Leicester, e Rogério de Tosny – homens que possuíam grandes propriedades dos dois lados do Canal da Mancha. Ele também se fazia acompanhar por um círculo íntimo de familiares, ou cavaleiros da família – guerreiros impetuosamente leais, como André de Chauvigny.⁴⁸

Ricardo chegou à Terra Santa com mais homens, reservas financeiras e frota muito maiores do que o rei Filipe. Na verdade, à frente dos 25 navios de sua frota, o monarca inglês conseguiu seu primeiro sucesso militar contra Saladino antes mesmo de pôr o pé no Levante. Partindo de Tiro e se dirigindo para o sul, a caminho de Acre, Ricardo cruzou com um grande navio muçulmano de suprimentos na região de Sídón. Esse navio tinha saído de Beirute, em poder dos aiúbidas, levando sete emires, setecentos homens de uma tropa de elite, comida, armas e muitos frascos de fogo grego, bem como duzentas “cobras muito mortais”, que “(os muçulmanos) pretendiam soltar em meio ao exército (cristão)”. Com uma diminuição do vento, Ricardo conseguiu alcançar essa embarcação e, vendo que sua tripulação tentava se passar por franca, lançou um ataque. Encontrando feroz resistência, incapaz de abordar e capturar o navio intacto, Ricardo apelou para o aríete e o afundou para garantir que sua preciosa carga nunca chegasse ao inimigo. Para aproveitar ao máximo o efeito desmoralizante dessa derrota, um único prisioneiro foi depois mutilado e enviado para Acre levando a notícia do desastre.

Ao chegar ao cerco, Ricardo montou seu acampamento ao norte da cidade, já que Filipe se colocara na posição leste. O Coração de Leão imediatamente tratou de verificar “como a cidade poderia ser tomada no menor tempo possível”, ou

seja, que artimanha e que máquinas de assédio deveriam ser empregadas. Mas quando estava se preparando para a guerra, apenas uma semana depois de ter posto os pés na Terra Santa, o rei foi abatido pela doença. Em notável contraste com seu triunfo naval e a majestade de sua chegada, Ricardo repentinamente se viu confinado em sua tenda durante dias devido a uma doença semelhante ao escorbuto chamada de arnaldia por seus contemporâneos; logo seus dentes e unhas começaram a ficar moles e chumaços de cabelo começaram a cair. A humilhação deve ter sido difícil de aguentar, em especial porque podia ser facilmente interpretada como sinal do desfavor divino. No acampamento de Saladino, o sofrimento do rei foi visto como uma bênção, pois “desencorajou (os francos) de fazerem seus ataques”. Contudo, mesmo enfermo, Ricardo provou ser capaz de levar adiante a causa dos cruzados.⁴⁹

Exibindo uma sutileza que parecia negar sua reputação de áspera belicosidade, o monarca inglês se pôs imediatamente a abrir canais diplomáticos de comunicação com Saladino. A experiência no Ocidente havia ensinado ao Coração de Leão que, no mundo medieval, a vitória brindava os que sabiam harmonizar as disciplinas da política e da guerra. Ele não mostrou absolutamente nenhum pejo ao empregar a negociação como arma na luta contra o suposto “infiel”, embora, ao menos por ora, esses contatos fossem mantidos ocultos do exército cruzado. Ricardo começou, mesmo antes do início de sua doença, a buscar um encontro pessoal com Saladino. Um enviado foi despachado para solicitar uma negociação, mas o sultão respondeu com uma negativa cortês, porém firme: “Os reis não se reúnem, a menos que um acordo tenha sido alcançado”, teria ele respondido; “não é bom que eles lutem depois de ter se encontrado e comido juntos”.

Ricardo logo voltou à carga com uma proposta de troca de presentes e, no dia 1º de julho, libertou um norte-africano “que eles tinham capturado há muito tempo” como sinal de boa vontade. Pouco depois, Saladino recebeu a visita de três enviados angevinos solicitando “fruta e sorvete” para seu rei. Ricardo parece ter sentido prazer em pedir essas guloseimas, possivelmente como parte de um enganoso jogo diplomático, talvez para avaliar até que ponto poderia levar os limites da hospitalidade, mas também porque simplesmente parecia ter desenvolvido um gosto pelas coisas finas do Oriente, notoriamente por pêssegos e peras. Saladino, também um arguto praticante das artes diplomáticas, levou os três francos para uma volta no mercado de seu acampamento para que pudessem se surpreender com sua espetacular quantidade de lojas, banhos e mercadorias. Baha al-Din, que como parte do círculo íntimo de Saladino estava a par desses

primeiros contatos, observou sobriamente que esses embaixadores na verdade estavam em missão de espionagem, destinada a sondar o nível do moral muçulmano, e que foram aceitos para se obter a mesma informação do inimigo. Ricardo não estava sozinho na busca por uma negociação com o Islã em Acre. Filipe Augusto manteve suas próprias conversas particulares com os comandantes da guarnição da cidade, embora também tivessem sido de pouca substância. Mas o próprio fato de dois reis competirem no campo da diplomacia sugeria que a enraizada rivalidade que tanto retardara sua chegada à Terra Santa ainda fervilhava.⁵⁰

Rivalidade ou união?

Os sinais iniciais da chegada de Ricardo a Acre sugeriam que a unidade de propósito poderia superar a discórdia. Filipe foi pessoalmente saudar o Coração de Leão quando este desembarcou, com os dois monarcas “mostrando um ao outro todo respeito e deferência”. O rei franco chegou a disfarçar sua raiva devido ao casamento de Ricardo com Berengária, a última confirmação da rejeição de sua irmã. Ricardo tratou de provar que sua riqueza excedia a de seu colega franco, oferecendo quatro besantes de ouro por mês para “qualquer cavaleiro, de qualquer país, que desejasse aceitar sua oferta”, depois de Filipe ter oferecido apenas três. Isso pode ter beirado a pura vontade arrogante de se mostrar melhor que os outros, mas teve o efeito prático de ampliar ainda mais o contingente do exército do Coração de Leão, assim assegurando que ele mantivesse o equilíbrio do poderio militar entre os cruzados.⁵¹

A espinhosa questão do futuro político do reino de Jerusalém também serviu para perpetuar a rivalidade entre angevinos e capetíngios. Desde sua desastrosa derrota e captura em Hattin em 1187, o direito ao trono de Jerusalém de Guy de Lusignan ficou aberto a contestação. Conrado, marquês de Montferrat, bravo defensor de Tiro, salvador do Oriente latino, a muitos parecia a escolha natural para o trono. Quando Conrado recusou o acesso de Guy a Tiro, depois da libertação do rei de seu cativeiro, a disputa passou para campo aberto. A crise então se aprofundou no início do outono de 1190, quando a rainha Sibila (a irmã de Balduíno IV) e suas duas filhas menores sucumbiram à doença enquanto estavam no acampamento cruzado em Acre. Suas mortes foram um duro golpe para a segurança política de Guy, pois eliminaram sua única ligação de sangue com o trono de Jerusalém. Com a legalidade do direito de Guy à coroa agora aberta ao questionamento, boa parte da nobreza sobrevivente do reino latino decidiu apoiar Conrado.

Em novembro de 1190, uma solução política um tanto abjeta foi engendrada. A linha sanguínea do trono de Jerusalém agora recaiu sobre Isabel, a bela irmã mais jovem de Sibila, de modo que uma coalizão dos inimigos de Guy arranjou seu casamento com Conrado. Havia poucos detalhes a serem acertados antes que essa união fosse realizada. Dizia-se que, no mínimo, uma das duas esposas

anteriores de Conrado ainda estava viva em algum lugar do Ocidente. E, o que era pior, Isabel já tinha marido: Hunfredo de Toron. Na verdade, o casal estava acampado entre os cruzados junto a Acre. Raptada de sua tenda e intimidada por sua mãe, Maria Comnena, a fim de aceitar uma anulação dúbia, Isabel finalmente concordou em se casar com Conrado. Décadas depois, uma comissão papal condenaria esse casamento como bigamo e incestuoso (pois a irmã de Isabel tinha sido casada com o irmão de Conrado), mas de momento a necessidade de uma forte liderança militar suplantava as sutilezas da lei. Conrado evitou ser coroado com Isabel diante de Guy, preferindo retirar-se para Tiro e deixando a autoridade “real” em frangalhos.

No verão de 1191, o caso todo precisava desesperadamente de uma solução. Sem surpreender ninguém, Ricardo e Filipe terminaram por apoiar diferentes campos. Como conde de Poitou, o Coração de Leão era suserano da família Lusignan, de modo que se esperava que Ricardo tenderia a apoiar Guy, fato confirmado quando este último chegou a Chipre em maio, suplicando o apoio do rei antes de ele chegar a Acre. Nesse ínterim, Filipe promovia os interesses de seu parente Conrado, que agora voltara ao cerco. Diante de Acre, em 7 de maio de 1191, o rei franco foi cossignatário de uma carta-patente – comprando o apoio dos venezianos em troca de privilégios comerciais – em que Conrado audaciosamente se intitulava “rei eleito”. Com os genoveses já aliados aos franceses e os habitantes de Pisa comprados por Ricardo, uma complexa teia de facções que se sobrepunham e de disputas inter-relacionadas parecia dividir a Terceira Cruzada. E, contudo, as chamas de um conflito aberto nunca arderam de verdade. Com o apoio de Ricardo, Godofredo de Lusignan acusou Conrado de traição no final de junho, mas o marquês preferiu fugir para Tiro diante de uma possível prisão, e a disputa, por ora, foi deixada de lado.⁵²

Na verdade, a despeito da tensão e da má vontade manifestas entre Ricardo e Filipe, eles conseguiram estabelecer uma cooperação suficiente, ainda que relutante, para garantir que houvesse progresso na frente militar. Durante todo o mês de junho e início de julho de 1191, as tropas angevinas e capetíngias coordenaram e alternaram seus ataques – uma força mantendo as trincheiras contra Saladino enquanto a outra atacava a cidade. No final de junho, Filipe ficou impaciente com a protelação causada pela continuada doença de Ricardo e decidiu preparar seu próprio assalto frontal a Acre, um ataque que teve pouco sucesso. Mas mesmo nessa ocasião, os aliados de Ricardo ajudaram a defender o acampamento cruzado, com Godofredo de Lusignan matando sozinho dez muçulmanos com seu machado de batalha.

A estratégia de cerco dos cruzados

Com cerca de 25 mil cruzados estacionados em torno de Acre no início do verão de 1191, Ricardo e Filipe implementaram uma estratégia de cerco baseada no assalto relativamente coerente e coordenado. Equipes de sapadores foram posicionadas para escavar minas sob as muralhas da cidade na esperança de pôr abaixo suas ameias, e também foram feitas tentativas intermitentes de atacar as muralhas de Acre pelo assalto direto. Ao longo de todo o mês de junho, contudo, o plano de batalha dos dois monarcas centrou-se no uso de incessantes bombardeios aéreos para despedaçar as defesas físicas de Acre e a resistência psicológica de sua guarnição. Juntos, os reis circundaram a cidade com um poderoso arsenal de catapultas atiradoras de pedras. Uma força tão terrível e destruidora nunca tinha sido testemunhada no conflito cruzado, e a campanha de Acre marcou uma espécie de mudança na prática de guerra de cerco.

É claro que o bombardeio tinha sido marca dos cercos nessas guerras santas desde o início, com atacantes e defensores usando vários tipos de máquinas de lançar pedras. Até agora, contudo, a relativa fraqueza dessas máquinas tinha limitado o tamanho e o peso dos projéteis que podiam ser lançados e seu alcance efetivo. Os sitiados, assim, podiam usar a catapulta de fogo para ferir e desmoralizar uma guarnição inimiga, mas normalmente havia pouca expectativa de que apenas o bombardeio pudesse demolir as muralhas ou as torres de um alvo bem fortificado. Ricardo I (talvez também Filipe Augusto) parece ter trazido formas mais avançadas da tecnologia de catapultas para serem usadas durante o cerco de Acre, empregando máquinas capazes de lançar projéteis maiores, a uma distância maior e com mais precisão. O tempo maior de ataque aéreo estabelecido por Filipe foi intensificado depois da chegada de Ricardo, com mais e mais seções da cidade sofrendo bombardeio quase contínuo. Os cruzados haviam batizado a catapulta francesa mais poderosa de “Mal Voisine”, ou “Vizinha Ruim”, e apelidaram a lançadora de pedras muçulmana que a tinha por alvo em seu contrabombardeio de “Mal Cousine”, ou “Prima Ruim”. Repetidas vezes, a guarnição de Acre conseguiu danificar a “Vizinha Ruim”, mas Filipe simplesmente mandou reconstruí-la, concentrando seu fogo na Torre Amaldiçoada, no canto nordeste da cidade. Os francos pagaram por outra máquina, chamada de “A catapulta de Deus”, com um fundo comunitário – “um

padre, um homem de grande probidade, sempre ficava junto dela”, observou um contemporâneo, “pregando e recolhendo dinheiro para o seu contínuo reparo e para contratar pessoal para juntar pedras, sua munição”. Entre os atiradores de pedras operados pelos homens de Ricardo havia duas máquinas recém-construídas “feitas com habilidade e materiais tão notáveis” que podiam lançar as enormes pedras que o rei havia trazido de Messina. Dizia-se entre os francos que um único desses mísseis matou doze dos homens de Acre e, mais tarde, foi enviado para ser inspecionado por Saladino, mas isso soa mais como falatório para elevar o moral do acampamento, não tendo sido confirmado por testemunhos muçulmanos. Outra das máquinas do Coração de Leão possuía tamanho poderio que conseguiu lançar um míssil no coração da cidade, no Beco dos Açougueiros, uma rua que aparentemente levava ao porto.⁵³

No final de junho, a força dessa intensa ofensiva cruzada estava começando a dar o que falar. No acampamento de Saladino, um observador notou que o “constante bombardeio das muralhas da cidade” pelos francos significava que as fortificações começaram a “tremar” e os cruzados podiam ver que “balançavam”. “Os defensores da cidade”, escreveu ele, “havam ficado muito fracos, e o laço em torno deles começava a apertar”. A falta de soldados dentro de Acre significava que não podiam ser revezados ou ter folga numa base regular, e a maioria ficava sem dormir por dias e noites. Começaram a chegar mensagens ao acampamento do sultão avisando que a guarnição, exaurida pela luta constante, estava titubeando.

Saladino fez o que pôde para aliviar a pressão, lançando contra-ataques regulares sobre as trincheiras latinas. Ao longo de todo o final da primavera e início do verão, as fileiras de seu exército aumentaram, à medida que tropas vindas de vários pontos do império chegavam a Acre. Na verdade, no final de junho, exércitos consideráveis chegaram da Mesopotâmia e do Egito. Mas a essa altura os cruzados estavam firmemente entrincheirados em suas posições. De vez em quando, grupos de ataque muçulmanos conseguiam entrar no acampamento inimigo – em certa ocasião, chegaram a roubar as panelas dos franceses –, mas eram sempre repelidos. À noite, Saladino tentava usar táticas mais sutis. Ladrões furtivos recebiam a incumbência de se esgueirar pelas sentinelas latinas e, uma vez entre as tendas, selecionavam uma vítima. Baha al-Din descreveu como “eles atacavam os homens com facilidade chegando a eles enquanto dormiam, colocando uma faca em suas gargantas, para depois despertá-los e dizer-lhes por meio de gestos: ‘Se você falar, eu lhe corto a garganta’”, levando-os embora como prisioneiros e para serem interrogados. Mas, em última instância, essas

tentativas desesperadas de deter a ofensiva cristã e destruir o moral cruzado acabaram por fracassar. No início de julho, ficou claro que Acre estava à beira do colapso. Supervisionando as defesas da cidade a cavalo, uma testemunha ocular muçulmana disse que Saladino estava horrorizado: “Lágrimas desciam-lhe dos olhos... enquanto ele se voltava para o Acre e via a tormenta em que a cidade se encontrava”. Muito abalado, “ele passou esse dia sem comer nada, (mas) apenas bebeu algumas taças de uma beberagem aconselhada por seu médico. (Ele estava) subjugado pelo cansaço, pelo desânimo e pela tristeza”.⁵⁴

O DESTINO DE ACRE

Por volta de 2 de julho de 1191, os cruzados retificaram sua estratégia. Tendo levado Acre à beira da submissão, eles agora buscavam explorar o estrago provocado nas defesas da cidade. A Torre Amaldiçoada tinha sido enfraquecida e uns dez metros da muralha vizinha estavam começando a ruir; ao norte, uma segunda grande torre estava prestes a desmoronar. Com os sapadores latinos intensificando seus esforços por minar esses alvos, acima do solo a barragem aérea diminuiu e a atenção se voltou para a execução de um assalto frontal, à medida que os francos se dispunham “com grande seriedade de propósito” a entrar em Acre.

Depois do primeiro dia desses ataques, Saladino recebeu uma mensagem importante de Qaragush e al-Mashtub afirmando que “amanhã, se o senhor não tiver nenhuma tarefa para nós, vamos buscar um acordo e entregar a cidade”. Uma testemunha ocular no acampamento muçulmano registrou que “o sultão ficou devastado”. Abalado pelo iminente desastre, ele ordenou a al-Adil que fizesse outro ataque frenético contra o acampamento cristão em 3 de julho, mas “a infantaria franca se colocou atrás de suas defesas como uma parede sólida com suas armas, suas bestas, arcos e flechas”. Ao mesmo tempo, perto da Torre Amaldiçoada, sapadores terminaram um túnel. Depois de incendiada, essa mina escavada cheia de madeira desmoronou, pondo abaixo boa parte do parapeito acima. Grupos de francos desceram a barreira arruinada com escadas, enquanto a guarnição muçulmana subia nos escombros, preparando-se para o combate corpo a corpo.

O primeiro latino a subir numa das escadas foi Aubery Clements, marechal de França, um dos principais cavaleiros de Filipe. Mais tarde se disse, entre as forças cristãs, que, antes de escalar a brecha, Aubery havia declarado em tom desafiador: “Ou morro hoje ou, se Deus quiser, entro em Acre”. Ao chegar ao topo, a escada de Aubery desmoronou sob o peso dos cruzados que ruidosamente o seguiram, e o assalto franco fracassou. Completamente isolado, dizem que Aubery teve que lutar sozinho com “excepcional valor”, deixando seus compatriotas que caíram observando enquanto “os turcos o cercaram e o massacraram, apunhalando-o até a morte”. Essa, pelo menos, foi a versão cruzada

dos eventos. Testemunhas muçulmanas confirmaram que Aubery fez uma tentativa patética de implorar por sua vida, oferecendo-se para providenciar uma retirada de toda a cruzada, antes de ser assassinado por um zeloso curdo. O ataque latino pode ter naufragado, mas tinha sido uma tentativa quase vitoriosa, e o perigoso estado das defesas de Acre espalhou uma onda de medo e pânico por toda a cidade. Naquela noite, três emires fugiram em pequenos botes disfarçados pelas sombras da noite; um deles cometeu um erro ao buscar refúgio no acampamento de Saladino, sendo imediatamente posto a ferros. Mas, na realidade, suas ações meramente refletiam uma verdade que agora era óbvia para todos: Acre estava prestes a cair.⁵⁵

A brecha definitiva aconteceu na seção norte das defesas na mira de Ricardo I. O rei adoentado, ainda fraco demais para caminhar, era carregado até a linha de frente numa maca real, coberto “por uma grande colcha de seda”. Atirando de trás da proteção de um anteparo de cerco, ele matava soldados muçulmanos com seu arco, entre eles um guerreiro que tivera a ideia infeliz de usar a armadura de Aubery Clements. Em 5 de julho seus sapadores explodiram outra mina, derrubando a torre norte e provocando a desintegração parcial das muralhas adjacentes. Como no caso da Torre Amaldiçoada, os cruzados agora se viram diante de uma fissura cercada de escombros, através da qual seria difícil realizar um assalto decisivo. A resposta de Ricardo demonstrou sua engenhosidade e seu gosto pelas realidades básicas da guerra. Sabendo, como observou secamente um contemporâneo, que “todos são atraídos pelo cheiro do dinheiro”, o rei ofereceu duas moedas de ouro a todos que tirassem uma pedra da muralha abalroada. Este foi um trabalho quase suicida: flechas e setas atiradas por bestas tinham que ser evitadas, no confronto com a furiosa defesa corpo a corpo da brecha pelos muçulmanos. Contudo, muitos se fizeram voluntários, principalmente porque o Coração de Leão elevou a oferta para três, e depois para quatro moedas de ouro. Apesar do máximo esforço da guarnição, nos cinco dias que se seguiram o truque de Ricardo deu resultado: em 11 de julho uma substancial abertura nas muralhas havia sido feita, apesar do elevado custo financeiro e em vidas humanas. Em outros locais, as catapultas dos cruzados foram novamente postas em ação, aumentando a pressão a tal ponto que, em desespero, alguns muçulmanos preferiram buscar a morte se jogando das muralhas.⁵⁶

Negociação

Com a derrota agora aparentemente iminente e inevitável, os comandantes da guarnição de Acre começaram a explorar a opção da rendição, embora uma luta encarniçada prosseguisse. Os detalhes exatos e a cronologia da capitulação da cidade são confusos. É possível que al-Mashtub e Qaragush tenham aberto canais de conversação já em 4 de julho e, assim, seria errôneo atribuir mais crédito a Ricardo que a Filipe por finalmente ter obtido a bem-sucedida conclusão do cerco. Foi o poderio combinado dos exércitos angevino e capetíngio que acabaram por impor a submissão a Acre. O que fica claro é que a guarnição havia chegado aos limites de sua capacidade física e psicológica. Uma testemunha ocular cruzada resumiu a situação dos muçulmanos:

Eles temiam o milagre que agora presenciavam, como o mundo inteiro viera aniquilá-los; eles viram suas muralhas atacadas, perfuradas e destruídas; viram seu povo ferido, morto e esquartejado. Na cidade permaneceram seis mil homens (...) mas que não foram suficientes.

Enquanto isso, no acampamento de Saladino, um muçulmano observava, com surpreendente clareza, que a guarnição de Acre “viu a morte de frente” naquele julho. Temendo ser massacrados depois que a cidade foi atacada, os muçulmanos preferiram a submissão e a vida. Por volta de 6 de julho, Ricardo e Filipe deram permissão aos enviados muçulmanos para que deixassem a cidade ostentando um salvo-conduto, de modo que pudessem discutir os termos da rendição com Saladino, mas não se chegou a nenhum acordo. O sultão ainda nutria esperanças de que a derrota total ainda poderia ser prevenida. Foi elaborado um plano para fazer a guarnição sair da cidade durante a noite, mas o esquema foi denunciado aos cristãos por um mameluco renegado que desertou do exército aiúbida. Prevenidos do ataque, os cruzados colocaram guardas extras em vigília e, embora as tropas de Saladino passassem toda a noite em armas, não se conseguiu obter nenhuma brecha nas linhas francesas. Ao mesmo tempo, outros reforços

sírios chegaram ao acampamento muçulmano, incitando desejos de um contra-ataque desesperado.

Porém, nas trincheiras cruzadas, Ricardo e Filipe sabiam que estavam no controle da situação. Nos dias que se seguiram, eles adotaram uma ferrenha posição de barganha, recusando terminantemente qualquer oferta que não atendesse às suas exigências ambiciosas. A natureza precisa do envolvimento de Saladino nessas negociações não fica clara. Testemunhas oculares muçulmanas trataram de distanciá-lo de todo o processo, lutando por manter sua aura de invencibilidade. Chegou-se até a dizer que, ao receber o esboço dos termos finais, o sultão “expressou sua grande desaprovação”, mas que sua planejada condenação da rendição foi prejudicada pela precipitada capitulação de Acre. Contudo, contemporâneos cristãos testemunharam que Saladino “concordou com a capitulação da cidade quando ela não mais pôde ser defendida”, permitindo a seus comandantes que “estabelecessem os melhores termos de paz que conseguissem”. É certamente improvável que os reis cruzados tenham buscado conversações de paz sem as firmes garantias de que o sultão honraria um acordo final.⁵⁷

Rendição

De qualquer modo, em 12 de julho de 1191 chegou-se a um acordo que punha fim ao cerco de Acre. A cidade e tudo o que continha nela deveriam ser entregues aos francos, que poupariam a vida dos muçulmanos que lá estavam. A guarnição cativa seria mantida como refém, como garantia contra o não cumprimento dos seguintes termos punitivos: o pagamento de 200 mil dinares de ouro; a devolução da relíquia da Verdadeira Cruz capturada em Hattin; e a libertação de cerca de 1.500 prisioneiros francos “de origem comum, sem nada de insigne”, bem como de cem a duzentos cativos de alta linhagem. Concessões dessa magnitude assinalavam uma vitória categórica para a cristandade latina.

Depois de quase dois anos de luta renhida, a batalha pela conquista de Acre não terminou num saque feroz, manchado pelo sangue, mas numa súbita paz. Com a trégua acordada, um arauto foi enviado aos exércitos cruzados para anunciar o fim imediato das hostilidades, ordenando que “ninguém deverá ousar fazer ou dizer qualquer insulto ou provocação contra nenhum turco; tampouco deverão ser lançados quaisquer mísseis contra as muralhas ou qualquer turco que possa ser visto nas muralhas”. Uma estranha calma desceu sobre a cena, enquanto “os cristãos observavam com olhos muito curiosos enquanto os turcos vagavam pelo topo das muralhas naquele dia”. Os portões da cidade foram finalmente escancarados, e a guarnição marchou para fora para executar sua submissão. Testemunhando esse espetáculo, muitos cruzados ficaram surpresos: o inimigo sem rosto dos meses recentes se revelava, não como uma turba selvagem, mas como “homens de admirável bravura (e) excepcional valor... inalterados pela adversidade, de expressão resoluta”. Alguns francos mostraram menos equanimidade, lamentando a profanação das igrejas “quebradas e desfiguradas” de Acre por essa “raça maldita”, mas de modo geral a rendição ocorreu sem nenhum incidente violento.⁵⁸

Como seus inimigos muçulmanos, os soldados da Terceira Cruzada haviam demonstrado enorme resistência em Acre, mantendo tenazmente seu cerco sob o calor escaldante e o frio cortante, enfrentando a fome, a doença e a luta incessante. Milhares, talvez mesmo dezenas de milhares, pereceram nessa empreitada – nenhuma estimativa precisa do número total de mortos é possível.

Entre a aristocracia, mais prontamente identificada, as perdas foram sem precedentes: um patriarca, seis arcebispos e doze bispos; cerca de quarenta condes e quinhentos grandes nobres. Os reis da Inglaterra e da França não tinham iniciado essa luta, mas boa parte do crédito pela obtenção de sua triunfante resolução era deles. Antes de sua chegada, os combatentes tinham chegado a um impasse. Os recursos e o renovado vigor que Ricardo e Filipe injetaram permitiram que a balança pendesse em favor da cruzada. Em última instância, essa foi uma vitória que os dois monarcas podiam reclamar como deles – e assim o fizeram. Com a guarnição da cidade desarmada, eles reclamaram seu prêmio.

De volta ao Ocidente, Ricardo e Filipe concordaram em dividir igualmente suas conquistas na Terra Santa. Assim, seus estandartes foram hasteados juntos em Acre, com Ricardo ocupando o palácio real e tomando a custódia de al-Mashtub e metade dos prisioneiros, enquanto Filipe ficou com as antigas instalações dos templários, juntamente com Qaragush e os prisioneiros remanescentes. Contudo, sua ganância pouco deixou como espólio para os outros. Numa atitude para confirmar os direitos reais, Ricardo tirou das paredes um estandarte pertencente ao duque Leopoldo V da Áustria, um cruzado que havia chegado a Acre naquele abril. Tal fato tem sido frequentemente citado pelos historiadores como prova da natureza esquentada e brutal do Coração de Leão, mas isso significa prestar-lhe um desserviço. Ricardo com certeza ainda viveu para lamentar o mal-estar provocado por esse episódio, mas na época sua mente estava ocupada com a resoluta defesa de seus direitos inalienáveis, e o tratamento que dispensou a Leopoldo recebeu a tácita aprovação de Filipe. Havia bolsões de insatisfação entre os cruzados quanto ao ínfimo compartilhamento dos espólios recebidos; mas, para boa parte do exército franco, o gosto da vida, agora livre da ameaça da morte, era doce. “Dançando de alegria”, eles entraram em Acre, onde, conforme observou um contemporâneo latino, de um modo um tanto afetado, sentiram-se “agora livres para se divertir e se recompor com um descanso bastante desejado”. De fato, em breve a maioria havia se perdido nas tradicionais recreações soldadescas da bebida, do jogo e da prostituição.⁵⁹

O efeito da queda de Acre

A captura de Acre não representou de modo algum o fim da cruzada, mas foi um passo significativo na reconquista da Terra Santa. Em parte, isso se deveu ao fato de o porto agora poder ser usado como praça de armas para os exércitos do Ocidente cristão, mas essa noção de Acre como o “portão vital para a Palestina” não deveria ser exagerada. Tiro, ao norte, permanecia em mãos latinas e, se Acre não tivesse caído, poderia ser usada como ponto de apoio secundário no interior do Levante. O real significado da queda de Acre jazia em outra parte.

A frota egípcia de Saladino, a joia de seu arsenal militar, ficou presa no protegido porto interno de Acre. Tão essencial como linha de salvação para a cidade, o grosso da marinha do sultão – cerca de setenta navios no total – havia sido gradativamente encurralada no porto cercado à medida que o sítio avançava. Os cruzados então tomaram posse dessa armada, aumentando em muito sua própria força naval e, num único golpe, pondo fim às esperanças de Saladino de desafiar o controle cristão do Mediterrâneo. Durante o restante da Terceira Cruzada os francos gozariam de inquestionável supremacia marítima.

A captura de Acre também teve efeitos menos tangíveis. Como estímulo ao moral latino, ela foi oportuna e potencialmente energizante. Talvez agora os cruzados pudessem acreditar que tinham virado uma página: que os horrores de 1187, de Hattin e da queda de Jerusalém tinham ficado para trás; que eles podiam novamente triunfar na guerra de Deus. A tarefa de canalizar essa florescente confiança e convicção para a conquista da Cidade Santa tocou a Ricardo I e Filipe Augusto.

Em contraste, Saladino se viu confrontado por uma realidade totalmente mais desoladora. Durante 21 meses ele havia se dedicado à preservação de Acre, mobilizando os recursos de seu vasto império na busca desse ideal. Sempre à frente na jihad, ele havia se mostrado relutante em se comprometer com a premente atrição da guerra de cerco. Mas ali ele tinha tomado uma posição. E, confrontado pelos aparentemente inumeráveis exércitos da Terceira Cruzada, o sultão havia fracassado. Em momentos críticos – principalmente no outono de 1189 e no verão de 1190 –, sua liderança havia se mostrado indecisa.

Fisicamente, ele se enfraquecera pela doença reticente. Ao longo de toda a campanha de Acre, lutou para movimentar homens e recursos necessários, distraíndo-se das exigências do império e da necessidade de defender a Síria contra os alemães, lutando esse tempo todo para galvanizar o mundo muçulmano esgotado por longos anos de guerra santa.

Em termos da perda de guerreiros, mesmo em termos da estratégica significância de Acre como porto, esse revés foi algo longe de decisivo. Mas o dano à reputação militar de Saladino, à sua imagem como o triunfante campeão do Islã, foi incomensurável. Foi sua aura de piedosa invencibilidade, cultivada a tão duras custas, que havia unido o Islã; o mito de Salah al-Din al-Nasir (o Defensor), o mujahid idolatrado, que mantinha seus exércitos em campo. As rachaduras nessa fachada agora se aprofundaram. Cercado pelos “gritos, lamentos, choros e uivos” de suas tropas em choque, Saladino ordenou uma retirada geral para Saffaram, para lá reconstruir sua reputação e pensar numa vingança.⁶⁰

O ÚNICO REI

Dias depois da conquista de Acre, o papel de Ricardo Coração de Leão na Terceira Cruzada se transformou. Ele deixara o Ocidente como rei recém-coroadado, que excedia Filipe Augusto em idade, riqueza e poderio militar, embora ainda se visse como operando parcialmente à sombra do monarca capetúgio. Mas em meados de julho de 1191, começaram a surgir rumores de que Filipe estava se preparando para deixar a Terra Santa. Em 22 de julho, depois de Ricardo ter buscado publicar uma proclamação conjunta confirmando que os dois governantes permaneceriam no Oriente por três anos ou até que Jerusalém tivesse sido reconquistada, o rei franco foi claro. Com Acre conquistada, ele considerava que sua cruzada estava cumprida e agora voltaria para a França a toda pressa. “Louvado seja Deus! Que reviravolta!”, escreveu um cruzado.

Decifrar os motivos por trás da chocante decisão de Filipe não é tarefa fácil, com o testemunho contemporâneo inundado por contradição e polarização partidária. Diferentes fontes afirmam que Filipe estava desesperadamente doente; que Ricardo engendrou um boato malicioso de que o filho e herdeiro do monarca capetúgio havia morrido na Europa; ou que o rei franco covarde e insensivelmente abandonara a cruzada, deixando seu exército sem um centavo. Na verdade, uma consideração preponderante parece ter moldado o pensamento de Filipe: ele era rei, em primeiro lugar, e cruzado, em segundo. A guerra santa podia ser a obra de Deus, e Filipe desejava desempenhar seu papel na luta, mas seu coração sempre se dedicara à preservação, ao governo e ao aumento de seu reino. Com esse último tópico em mente, uma óbvia oportunidade se apresentava. O conde Filipe de Flandres havia morrido em Acre naquele mês de junho, deixando o rei Filipe como herdeiro de uma porção de seu condado, a próspera região de Artois. Para fazer valer esse direito, o soberano franco precisava estar na Europa Ocidental. De modo bastante racional, Filipe priorizou os interesses de seu reino acima daqueles da cruzada.

Qualquer que seja a realidade da motivação de Filipe, uma coisa era óbvia. Sua partida foi humilhante. Até alguns dos críticos mais ásperezos de Ricardo I na Europa denunciaram a fuga do rei franco. Para piorar as coisas, a maioria da aristocracia francesa preferiu ficar na Terra Santa, com apenas Filipe de Nevers

juntando-se ao êxodo do soberano. A retirada de Filipe Augusto pode ter acumulado uma generalizada condenação entre seus contemporâneos, o que levou um moderno comentador a declarar que “seu registro como cruzado ficou sendo uma mancha permanente em sua reputação”, mas isso não deve nos desviar do fato de que ele fez uma efetiva contribuição à Terceira Cruzada. Muitos foram os reis da cristandade latina que repudiaram seus juramentos cruzados nesse período medieval, para nunca porem os pés no Ultramar – entre eles, o próprio pai de Ricardo, o tão celebrado Henrique II da Inglaterra. Talvez Filipe não tenha chorado, como um de seus apoiadores remanescentes quis que acreditássemos, quando seu navio finalmente zarpou para o Ocidente. Mas ele tinha, não obstante, feito progredir a causa da guerra santa.⁶¹

Para Ricardo I, o anúncio da iminente partida de Filipe foi, em muitos aspectos, uma bênção. É verdade que ele ficaria com o fardo financeiro de toda a expedição, mas seus bolsos eram suficientemente fundos para isso. Com a partida do rei franco, o Coração de Leão finalmente teria o controle incontestado da cruzada. E, como praticamente todo o contingente dos cruzados franceses permaneceria no Levante, sob o comando de Hugo da Borgonha, o exército latino não se enfraqueceria. Presenteado com esta oportunidade para forjar sua lenda no grande palco da guerra santa, Ricardo não perdeu tempo em tomar a iniciativa.

Ele começou por buscar a solução mais satisfatória para a disputa do futuro do reino de Jerusalém. Com Filipe para partir, um Conrado de Montferrat politicamente isolado foi forçado a aceitar uma contrariada submissão ao rei inglês em 26 de julho, concordando com aguardar a decisão de um conselho de reconciliação que inevitavelmente favoreceria os interesses de Ricardo. Dois dias depois, os monarcas angevino e capetíngio proclamaram esse acordo. Guy de Lusignan deveria permanecer rei enquanto vivesse. As rendas de seu reino seriam compartilhadas com Conrado, após a morte de Guy, com a coroa passando para o marquês. Conrado, nesse ínterim, seria recompensado imediatamente com Tiro, Beirute e Sídón, para se conservar no direito hereditário. Se ambos (Guy e Conrado) morressem, o reino seria delegado a Ricardo.

Com esse acordo feito, Ricardo voltou-se para uma das principais dificuldades provocadas pela volta de Filipe à Europa. Os dois monarcas tinham se empenhado tanto na cruzada precisamente porque ambos desconfiavam que o outro poderia invadir suas terras em sua ausência. Assim que o rei franco

chegasse ao Ocidente latino, o angevino estaria ameaçadoramente exposto. Ricardo fez o que pôde para minimizar o perigo, convencendo Filipe a fazer um detalhado juramento de paz em 29 de julho. Numa atitude muito apreciada nessa época, o rei capetíngio segurou uma cópia dos Evangelhos numa das mãos e tocou relíquias santas com a outra, tudo para reforçar a natureza sagrada e de compromisso de suas promessas. Nenhum ataque a forças ou terras angevinas seria feito enquanto Ricardo ainda estivesse na cruzada. Depois da volta do Coração de Leão à Europa, haveria um aviso de quarenta dias antes da retomada das hostilidades. Para maior confirmação, Hugo da Borgonha e Henrique da Champagne deveriam ser as garantias desse acordo.

Em 31 de julho de 1191, Filipe zarpou rumo norte em direção a Tiro com Conrado, levando com ele metade dos prisioneiros da guarnição de Acre, e alguns dias depois o rei franco deixou a Terra Santa e a Terceira Cruzada. Com juramento ou não, Ricardo continuou com profundas suspeitas com relação às intenções de Filipe, despachando imediatamente um grupo de seus mais fiéis seguidores para que acompanhassem o rei em sua viagem de volta e avisá-lo de sua volta à França, à Inglaterra ou outras partes. Uma carta escrita por Ricardo em 6 de agosto para um de seus principais oficiais ingleses oferece um vislumbre de seu estado mental nesse ponto, seu desejo de aproveitar a retirada de Filipe, que, ao mesmo tempo, provocava novos receios:

Quinze dias depois (da queda de Acre), o rei da França deixou-nos para voltar a seu país. Nós, contudo, colocamos o amor a Deus e Sua honra acima do nosso e da aquisição de muitas terras. Vamos restaurar o (reino latino) em sua condição original o mais rápido possível, e só então voltaremos a nossas terras. Mas você pode ter certeza de que zarparemos na próxima Quaresma.

Até esse ponto, Ricardo fora capaz de se concentrar no objetivo da Terceira Cruzada. Com Filipe a seu lado, tinha gozado de um grau de confiança quanto à segurança do reino ocidental. De agora em diante, suas preocupações aumentariam – cada dia passado no Oriente representava tempo ofertado a seu rival. Nunca mais o Coração de Leão conseguiria se concentrar apenas na busca da reconquista da Terra Santa.⁶²

A SANGUE FRIO

A primeira preocupação de Ricardo, agora que ele tinha o comando único da cruzada, foi garantir o cumprimento dos termos da rendição de Acre para que a reconquista do Oriente latino pudesse continuar. À medida que o tempo avançava, uma questão agora inflamada tornava-se crucial. Faltavam pouco menos de dois meses para o fim da temporada normal de lutas, de modo que uma marcha para o sul quase imediata seria necessária para se obter a vitória total antes da chegada do inverno. Ricardo precisava de algumas semanas para reconstruir as fortificações de Acre para garantir que a cidade ficasse defensável em sua ausência, mas, ao mesmo tempo, começou a pressionar Saladino por um cronograma preciso para a implementação dos termos do tratado de paz.

Os dois lados então entraram numa delicada dança diplomática, embora potencialmente mortal. O sultão sabia que, para Ricardo, a velocidade era essencial. Mas enquanto o rei ainda mantivesse milhares de prisioneiros e um acordo imensamente rentável a ser cumprido, ele ficaria literalmente imobilizado. Se as negociações pudessem ficar em suspenso, os cruzados poderiam até ficar atolados em Acre ao longo do outono e do inverno. O Coração de Leão também estava bastante ciente de que seu oponente procuraria empregar essas táticas de postergação. Tanto ele quanto Saladino reconheciam que estavam jogando um jogo; o que ainda não conseguiam avaliar era o temperamento do adversário. As regras do jogo seriam aceitas e, na verdade, suas respectivas regras seriam as mesmas? E que riscos e sacrifícios o outro estaria preparado a enfrentar?

Para as duas partes, os perigos inerentes a uma avaliação errada eram graves. Ricardo poderia perder uma fortuna considerável em resgates e abrir mão da repatriação de mais de mil prisioneiros latinos e da mais reverenciada relíquia do Ultramar. Mas, o que era mais importante, se permitisse que o adiamento e a procrastinação virassem procedimentos rotineiros, estaria arriscando o colapso de toda a cruzada. Pois, sem um avanço, a expedição seguramente afundaria sob o peso da desunião, da indolência e da inércia. A equação com que Saladino se confrontava talvez fosse mais simples: as vidas de cerca de três mil prisioneiros muçulmanos pesavam contra a necessidade de sufocar a cruzada.

O pacto acordado em 12 de julho originalmente estipulava um prazo de trinta dias para o cumprimento de seus termos. Embora Saladino mostrasse boa vontade para atender às exigências francas – permitindo que um grupo de enviados latinos visitasse Damasco para inspecionar os prisioneiros e que um outro examinasse a relíquia da Verdadeira Cruz –, ele parecia igualmente determinado a conseguir mais tempo. Ricardo, inundado por delegações de negociadores muçulmanos de fala doce e portadores de muitos presentes, pareceu ceder em 2 de agosto. Embora suas forças estivessem prontas para sair de Acre, o Coração de Leão concordou com um compromisso: os termos da rendição seriam agora cumpridos em duas ou três parcelas, a primeira das quais providenciaria o retorno de 1.600 prisioneiros latinos e da Verdadeira Cruz, além do pagamento de metade do dinheiro prometido, 100 mil dinares. Saladino poderia muito bem ter interpretado isso como uma indicação de que o rei inglês tendia a ser manipulado, mas, se era assim que pensava, estava redondamente enganado. Na verdade, Ricardo tinha seus próprios motivos para aceder a um breve adiamento nos procedimentos – com Conrado de Montferrat teimosamente se recusando a devolver a parte dos prisioneiros muçulmanos tocante a Filipe Augusto, agora ocultos em Tiro, o Coração de Leão, no momento, não estava em condições de dar fim à devolução.

Contudo, em meados de agosto, essa dificuldade foi contornada, com o marquês forçado a ceder por Hugo da Borgonha, e os prisioneiros foram devolvidos. Com tudo no lugar, Ricardo agora estava ansioso por prosseguir. Desse ponto em diante, a evidência contemporânea desse episódio se torna cada vez mais confusa, com testemunhas oculares latinas e muçulmanas salpicando seus relatos com mútua recriminação, obscurecendo os detalhes exatos dos eventos. Parece, contudo, que Saladino julgou erroneamente seu oponente. Comentadores modernos amiúde têm sugerido que o sultão estava com dificuldade para juntar o dinheiro e os prisioneiros exigidos, mas isso não é confirmado pelo testemunho muçulmano contemporâneo. Parece mais provável que, com o prazo final da primeira parcela – 12 de agosto – já passado, ele começou deliberadamente a manobrar. Para o evidente descontentamento de Ricardo, os negociadores de Saladino agora buscavam inserir novas condições no acordo, exigindo que toda a guarnição fosse libertada mediante o cumprimento da primeira parcela, com reféns trocados como garantias de que o pagamento posterior das remanescentes 100 mil dinares fosse feito. Quando o rei respondeu com resoluta recusa, criou-se um impasse.

Instalado em seu acampamento em Saffaram, o sultão deve ter imaginado que

ainda havia espaço para negociações, que Ricardo toleraria maior postergação na esperança de uma eventual resolução. Ele estava errado. Na tarde de 20 de agosto, Ricardo saiu de Acre com um exército, estabelecendo um acampamento temporário para além das velhas trincheiras nas planícies de Acre. Observando de seu ponto de vantagem em Tell al-Ayyadiya, a guarda avançada de Saladino ficou intrigada por essa súbita agitação. Eles se retiraram para Tell Kaisan, despachando uma mensagem urgente para o sultão. Ricardo então exibiu sua determinação. O grosso da guarnição muçulmana de Acre – cerca de 2.700 homens – foi levado para fora da cidade, todos os homens amarrados com cordas. Reunidos no terreno vazio para além das tendas francas, eles se amontoaram cheios de medo e confusão. Seriam enfim libertados?

Então, como se fossem um só homem, (os francos) caíram sobre eles, e com punhaladas e golpes de espada mataram-nos a sangue frio, enquanto a guarda avançada muçulmana observava, sem saber o que fazer.

Sendo tarde demais para interferir, as tropas de Saladino montaram um contra-ataque, mas foram logo rechaçadas. Com o sol se pondo, Ricardo voltou para Acre, deixando o chão manchado de sangue e coberto de corpos massacrados. Sua mensagem para o sultão era de total clareza. Era assim que o Coração de Leão jogaria o jogo. Esta era a impiedosa determinação que imporia à guerra pela Terra Santa.

Nenhum evento na carreira de Ricardo tem levantado mais controvérsia ou crítica que essa calculada carnificina. Descrevendo uma busca da planície feita pelas tropas muçulmanas na manhã seguinte, Baha al-Din, o conselheiro de Saladino, refletiu sobre o acontecido:

(Eles) encontraram os mártires onde haviam tombado e conseguiram reconhecer alguns deles. Grande tristeza e aflição tomaram-nos de assalto, pois o inimigo havia poupado apenas os homens importantes e de posição, ou quem fosse forte e capaz de trabalhar em suas obras públicas. Várias razões foram dadas para o massacre. Dizia-se que eles haviam sido mortos por vingança por seus homens que haviam sido mortos, ou que o rei da Inglaterra havia decidido marchar sobre

Ascalão para assumir controle da cidade e não achou prudente deixar para trás aquele número de prisioneiros. Deus é que sabe.

Baha al-Din observou que o Coração de Leão “agiu traiçoeiramente com os prisioneiros muçulmanos”, tendo recebido sua rendição “com a condição de que eles teriam suas vidas poupadas, não importa o que ocorresse”, quando muito enfrentando a escravidão se Saladino deixasse de pagar seu resgate. O sultão recebeu as execuções com um misto de choque e raiva. Com certeza, nas semanas que se seguiram, ele começou a ordenar a execução sumária de qualquer cruzado que tivesse a má sorte de ser capturado. Mas também, em 5 de setembro, sancionou o restabelecimento de contato diplomático com o rei inglês, e alguns membros de seu séquito partiram para formar relações estreitas, quase cordiais, com Ricardo. No geral, ele e Saladino pareciam ter considerado o sombrio episódio e o que provavelmente ele tinha sido: um ato de conveniência militar, destinado a transmitir uma mensagem brutal e contundente de intenções. De maneira mais geral, o massacre parecer ter espalhado uma onda de medo e horror por todo o Islã do Oriente próximo. Saladino reconheceu que, no futuro, as guarnições deveriam abandonar seus postos em vez de enfrentar um cerco e uma possível captura. Mas até para os contemporâneos muçulmanos, os eventos de 20 de agosto não provocaram o vilipêndio universal ou absoluto do rei inglês. Ele continuou sendo “o homem maldito” e o “Melec Ric”, ou “Rei Ric”, o guerreiro e general espetacularmente realizado. Com o tempo, o massacre assumiu seu lugar entre outras atrocidades cruzadas, como o saque de Jerusalém em 1099, como um crime que, na realidade, não provocou uma fogueira de ódio que não podia ser apagada, mas conseguiu prontamente lembrar os interesses de se promover a jihad.⁶³

É claro que o tratamento que Ricardo deu a seus prisioneiros também teve um impacto sobre sua imagem na cristandade ocidental, de alguma forma com um efeito muito mais duradouro e poderoso. Calculadas ou não, suas ações podiam ser apresentadas como infrações aos termos acordados quando Acre se rendeu. Se Ricardo fosse visto como alguém que quebrou sua promessa, ele poderia ficar aberto à censura, como transgressor das noções populares concernentes à cavalaria e à honra. O temor dessa crítica pode ser detectado na maneira comedida e cuidadosamente conduzida com que o rei e seus apoiadores procuraram apresentar as execuções.

A questão dominante era a justificativa. Na carta do próprio Ricardo para o abade de Claraval, datada de 1º de outubro de 1191, ele enfatizou a prevaricação de Saladino, explicando que, por causa dela, “o limite de tempo expirou, e, como o pacto que ele havia feito conosco se tornasse inteiramente vazio, nós, de maneira adequada, mandamos que os sarracenos em nossa custódia – cerca de 2.600 deles – fossem executados”. Alguns cronistas latinos igualmente buscaram desviar a culpa para o sultão – afirmando que Saladino começara a matar seus prisioneiros cristãos dois dias antes da execução em massa de Ricardo – e também explicaram que o Coração de Leão só agira depois de reunir um conselho, e com a concordância de Hugo da Borgonha (que agora comandava os francos). Apesar de alguns poucos traços de censura no Ocidente – o cronista alemão Ansbert, por exemplo, denunciou a barbaridade do ato de Ricardo –, o rei inglês parece ter escapado à condenação generalizada.

Entretanto, as avaliações dos modernos historiadores têm flutuado ao longo do tempo. Escrevendo na década de 1930, quando a visão geral do Coração de Leão como monarca impetuoso e destemperado ainda prevalecia, René Grousset caracterizou o massacre como bárbaro e estúpido, concluindo que Ricardo foi levado a agir pela raiva incontida. Mais recentemente, a erudição enérgica e de enorme influência de John Gillingham muito fez para recuperar a reputação do rei. Na reconstrução que Gillingham faz dos eventos em Acre, o Coração de Leão surge como comandante calculista e de cabeça fria; alguém que reconheceu que os recursos para alimentar e vigiar os milhares de prisioneiros muçulmanos eram altos demais e, assim, tomou uma decisão sensata, levado pela conveniência militar.⁶⁴

Na verdade, os motivos e a mentalidade de Ricardo em agosto de 1191 não podem ser recuperados com precisão. Uma explicação lógica para suas ações existe, mas ela, por si mesma, não elimina a possibilidade de que ele tenha sido motivado pela ira e a impaciência.

16. CORAÇÃO DE LEÃO

O rei Ricardo I da Inglaterra agora estava livre para conduzir a Terceira Cruzada à vitória: as muralhas de Acre tinham sido reconstruídas e sua guarnição muçulmana brutalmente eliminada; Ricardo havia garantido o apoio de muitos líderes cruzados, inclusive o de seu sobrinho Henrique II, conde de Champagne; até Hugo de Borgonha e Conrado de Montferrat haviam demonstrado, pelo menos, uma aceitação nominal do direito do Coração de Leão ao comando, embora Conrado continuasse escondido em Tiro.⁶⁵ Agora, o próximo objetivo da expedição tinha que ser determinado. Pouco ou nada seria conseguido com a permanência em Acre, mas sair da cidade por terra exporia a cruzada à total ferocidade das tropas de Saladino. Na Idade Média, um exército ficava totalmente vulnerável quando se movia em território inimigo. A única alternativa de Ricardo para obter um avanço era pelo mar, mas aparentemente ele rejeitou prontamente a ideia de uma estratégia baseada somente no poderio naval. Sendo assim, com o grande tamanho de sua frota, o transporte de todo o maquinário militar da cruzada seria um tremendo desafio; e, o que era mais preocupante, se ele não conseguisse capturar um porto adequado ao sul, toda a ofensiva entraria em colapso. O Coração de Leão, por fim, concordou com uma estratégia combinada – uma marcha de guerra que abraçaria o litoral do Mediterrâneo, seguida e apoiada de perto pela marinha latina. Isso excluiria de antemão um avanço sobre Jerusalém, mas, de qualquer modo, a rota óbvia para a Cidade Santa corria ao longo da costa sul em direção a Jafa e, em seguida, desviava-se para leste no sentido das colinas da Judeia – um caminho similar ao tomado pela Primeira Cruzada quase um século antes.

Contudo, as intenções estratégicas de Ricardo no verão de 1190 não ficaram claras. A Terceira Cruzada havia sido lançada para recuperar Jerusalém, mas era bem pouco provável que esse fosse o primeiro objetivo do rei naquele agosto. Ele pode muito bem ter planejado o uso do porto de Jafa como trampolim para um avanço direto sobre a Cidade Santa. Mas uma alternativa mais oblíqua também se apresentava; a cidade de Ascalão, ao sul, interrompendo as linhas de comunicação de Saladino com o Egito. Dada a dependência do sultão com relação à riqueza e os recursos dessa região, essa segunda alternativa prometia imobilizar a máquina militar muçulmana, abrindo a porta para a eventual reconquista de Jerusalém, ou, talvez, à captura do próprio Delta do Nilo.

É claro que a falta de clareza que cercava os planos de Ricardo era, em parte, resultado direto da ambiguidade deliberada do rei. Para ele, fazia total sentido esconder sua estratégia de Saladino, pois isso forçaria o sultão a diluir seus recursos ao se preparar para a defesa de duas cidades em vez de uma. Fontes muçulmanas certamente indicam que, até certo ponto, este estratagema funcionou. No final de agosto, Saladino ouvira rumores de que os cruzados marchariam sobre Ascalão, mas sabia que, uma vez tendo alcançado Jafa, eles poderiam facilmente atacar o interior. Discretamente informado por um de seus generais de que Ascalão e Jerusalém exigiriam guarnições de 20 mil homens, o sultão acabou por concluir que uma das duas teria que ser sacrificada.

De fato, é bastante possível que Ricardo ainda não tivesse se decidido por um objetivo definitivo. O grosso de seu exército podia ter os olhos fixos na Cidade Santa, mas ele talvez procurasse uma flexibilidade de abordagem, na esperança de alcançar o objetivo intermediário de Jafa, para então se decidir. Isso poderia parecer uma estratégia sensata na época, mas, na verdade, o rei estava meramente armazenando problemas para o futuro.

A MELHOR HORA

A intenção imediata de Ricardo era descer com os exércitos da Terceira Cruzada – algo entre dez mil e 15 mil homens – pela costa da Palestina, pelo menos até o porto de Jafa. Mas não era a conquista territorial (nem mesmo o desejo de batalha), que dominava a visão tática do Coração de Leão ao deixar a relativa segurança de Acre. Em vez disso, a sobrevivência era o princípio que o guiava – a preservação do poderio humano e os recursos militares, para garantir que a máquina de guerra cruzada chegasse intacta a Jafa. Essa tarefa apresentava enormes desafios. Ricardo sabia que, enquanto avançasse, seu exército ficaria terrivelmente vulnerável, sujeito a ferozes e quase constantes ataques por parte dos soldados inimigos que agora desejavam, com ira vingadora, o sangue dos francos. Ele também podia esperar que Saladino procurasse atrair os cruzados para a batalha em um campo aberto de sua escolha. Com tudo isso em mente, pode-se imaginar, à primeira vista, que a velocidade fosse a resposta. Ou seja, a melhor chance de Ricardo estava em cobrir os 95 quilômetros de marcha até Jafa o mais rapidamente possível, na esperança de evitar o inimigo. Afinal, tal distância podia ser coberta em quatro ou cinco dias, e o rei não dispunha de tempo. De fato, Ricardo resolveu avançar a partir de Acre num ritmo incrivelmente calculado, quase enfadonho. A lógica militar latina da época ditava que o controle era a chave para uma marcha bem-sucedida: as tropas precisavam manter uma formação compacta e rígida, confiando na força dos números e na proteção oferecida pela armadura para aguentar a chuva das cargas inimigas e os incessantes ataques feitos com projéteis. Ricardo levou essa teoria aos limites extremos.

Os historiadores têm sido pródigos em elogios à liderança do Coração de Leão nessa fase da expedição, descrevendo a marcha a partir de Acre como “uma clássica demonstração das táticas militares francas em seu auge” e elogiando a “admirável disciplina e o autocontrole” dos cruzados. De muitas formas, essa foi a melhor fase de Ricardo como comandante militar. Um de seus maiores feitos teve a ver com a formulação de uma estratégia para coordenar a marcha por terra com o avanço para o sul de sua marinha. Com o Mediterrâneo Oriental agora firmemente sob controle, o rei buscou maximizar a utilidade de sua frota. Um

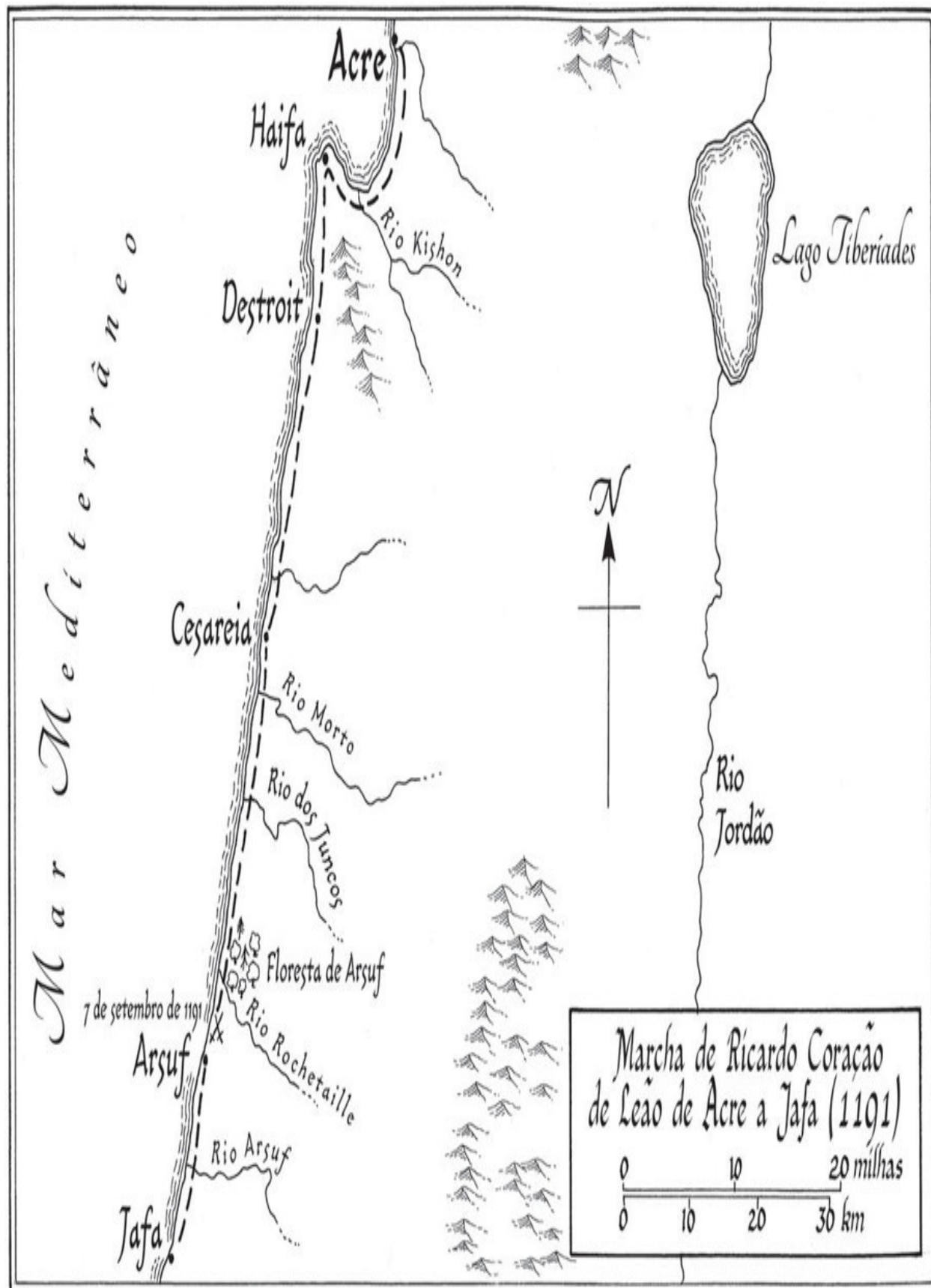
exército engajado na marcha para a batalha não conseguiria suportar o fardo de uma grande bagagem, mas tampouco podia correr o risco de ficar sem comida ou armas. Assim, enquanto a força terrestre carregava o suprimento de rações básicas para dez dias, composto por “biscoitos e farinha, vinho e carne”, o grosso dos recursos militares da cruzada era transportado por navios conhecidos como “merendeiros”. Estes deveriam encontrar a marcha em quatro pontos ao longo da costa – Jafa, Destroit, Cesareia e Jafa –, enquanto barcos menores, com cargas mais leves, navegariam mais perto da praia, na velocidade do exército, para oferecer um apoio quase constante. Um cruzado escreveu: “Então, disseram que eles avançariam com dois exércitos, um por terra e o outro por mar, pois ninguém poderia conquistar a Síria de outro modo enquanto os turcos a controlassem”. A rota sul ao longo da costa de Ricardo também prometia oferecer às suas tropas proteção do cerco do inimigo. Onde fosse possível, os cruzados avançariam com os soldados do flanco direito praticamente caminhando junto ao mar, assim eliminando qualquer possibilidade de ataque por esse flanco. Com essas medidas, Ricardo esperava minimizar o impacto negativo da marcha através do território inimigo. Esse esquema sofisticado era produto evidente do planejamento antecipado e, em parte, provavelmente dependia do conhecimento local das Ordens Militares. O sucesso dependeria da manutenção da disciplina militar e, nesse sentido, a força da personalidade de Ricardo e sua coragem inabalável seriam decisivas.

Apesar disso tudo, nem as realizações do Coração de Leão nem a precisão mecânica dessa marcha deveriam ser exageradas. Mesmo nessa fase da cruzada, ele enfrentou dificuldades, geralmente ignoradas por comentaristas modernos. Na realidade, seu primeiro problema – o verdadeiro início da marcha – não deixou de ser um embaraço. Poder-se-ia esperar que, como único monarca remanescente da expedição, a autoridade de Ricardo fosse inquestionável; afinal, ele até se preocupava em recompensar cruzados francos potencialmente intratáveis, como Hugo de Borgonha, com o intuito de garantir sua lealdade. Não obstante, o rei inglês teve uma série imoderada de problemas para efetivamente convencer seus colegas francos a deixar Acre. O problema era que o porto tinha se tornado um refúgio confortável, e até tentador, contra os horrores da guerra santa. Lotada “de tanta gente que mal conseguia abrigar todo mundo”, a cidade tinha se transformado numa verdadeira espelunca, oferecendo todos os tipos de prazeres ilícitos. Um cruzado reconheceu que ela “era deliciosa, com bons vinhos e mulheres, algumas muito bonitas”, com quem os cruzados latinos estavam “tendo seus prazeres insensatos”. Nessas condições, Ricardo teve que trabalhar duro para conseguir obediência. Um dia depois de seu massacre dos

prisioneiros muçulmanos, ele estabeleceu um posto de vigília nas planícies a sudeste do porto, pouco depois das velhas trincheiras cruzadas. Um de seus apoiadores admitiu que o Coração de Leão teve que recorrer a um misto de bajulação, oração, suborno e força para reunir uma força viável, e mesmo assim muitos ainda permaneceram em Acre. Realmente, durante todo o primeiro estágio da marcha, retardatários continuaram a se juntar ao exército principal. Para começar, pelo menos o ritmo comedido do avanço de Ricardo – agora tão admirado pelos historiadores militares – parece ter sido adotado basicamente para permitir que esses recrutas alcançassem a marcha.⁶⁶

A marcha começa

O exército principal partiu em direção sul numa terça-feira, 22 de agosto de 1191. Para eliminar todo o “relaxamento” entre suas tropas, Ricardo ordenou que todas as mulheres ficassem para trás em Acre, embora uma exceção fosse feita para as peregrinas idosas que, segundo se afirmou, “lavavam as roupas e as cabeças (dos soldados) e eram tão boas quanto os macacos para espantar as moscas”. Nos dois primeiros dias, Ricardo cavalgou na retaguarda de suas forças, garantindo a manutenção da ordem, mas a despeito das expectativas só encontrou uma resistência negligenciável. Saladino, incerto quanto às intenções do Coração de Leão e talvez temendo um ataque direto a seu acampamento em Saffaram, reuniu apenas uma força de sondagem simbólica nessas alturas. Tendo coberto meros dezesseis quilômetros em dois dias, os cruzados atravessaram o rio Belus e acamparam, descansando durante todo o dia 24 de agosto e “esperando por aquele povo de Deus que era difícil fazer sair de Acre”.⁶⁷



Na alvorada do dia seguinte, Ricardo partiu para cobrir a distância que restava até Haifa. O exército foi dividido em três – o rei assumindo a vanguarda, um corpo central de cruzados ingleses e normandos, com Hugo de Borgonha e os franceses fechando a retaguarda. Por enquanto, a coordenação entre esses grupos era limitada, mas eles por fim se uniram diante da visão do estandarte real de Ricardo tremulando acima do centro da marcha. À medida que a cruzada avançava para o sul, o mesmo acontecia com o estandarte que ostentava o dragão do rei no coração do exército, afixado a um enorme mastro de ferro, armado numa plataforma de madeira sobre rodas e protegido por uma guarda de elite. Visível a todos, inclusive o inimigo (que o associou a “um enorme farol”), enquanto hasteado esse totem marcaria a continuada sobrevivência dos francos, ajudando os homens a conter seu medo diante do ataque muçulmano. Naquele domingo, essa contenção seria dolorosamente necessária.

Para chegar a Haifa, Ricardo levou a cruzada à praia arenosa ao sul de Acre. Sem que os latinos soubessem, Saladino havia levantado acampamento naquela manhã (25 de agosto), despachando sua bagagem em segurança e ordenando que seu irmão al-Adil testasse a força e a coesão da marcha dos cristãos. Um confronto estava se aproximando. No final do dia, uma atmosfera de palpável mal-estar acometeu o exército cruzado em sua lenta marcha. À sua esquerda, entre as dunas ondulantes, tropas muçulmanas surgiram, seguindo sua marcha, observando e esperando. Então, um nevoeiro desceu, e o pânico começou a se espalhar. Na confusão, a retaguarda francesa, contendo as carroças de suprimento leve, diminuiu o passo, perdendo contato com o resto do exército: nesse momento al-Adil atacou. Um cruzado descreveu o súbito ataque muçulmano que se seguiu:

Os sarracenos desceram sobre nós, visando as carroças, matando homens e cavalos; levaram muita bagagem, pondo em fuga os que comandavam (o comboio), perseguindo-os até o mar espumante. Ali lutaram de tal modo que cortaram a mão de um soldado chamado Evrart (um dos homens do bispo Hubert Walter); ele não deu atenção a isso e não fez nenhum alarde... mas, empunhando a espada com a mão esquerda, manteve-se firme.

Com a retaguarda “levada à paralisação” e o desastre iminente, notícias do ataque chegaram até Ricardo. Reconhecendo que a intervenção direta e imediata seria necessária para evitar um mortal cerco, o Coração de Leão foi para trás em disparada. Uma testemunha ocular cristã descreveu como “galopando contra os turcos, (o rei) foi para o meio deles, mais rápido que o raio”, derrotando os atacantes muçulmanos com total força das armas e reconectando a retaguarda com o corpo principal do exército. Com o inimigo escondendo-se nas dunas, o exército latino ficou abalado, porém intacto. Tendo sobrevivido a esse primeiro desafio, os cruzados chegaram naquela noite ou bem cedo na manhã seguinte, lá acampando durante os dias 26 e 27 de agosto.⁶⁸

Ficou claro que os cruzados teriam que se reagrupar. Estudos modernos enfatizaram a habilidade com que Ricardo organizou e manteve os francos marchando em formação ao sair de Acre. Mas isso ignora o fato de que, até um ponto significativo, o Coração de Leão e seus homens na verdade tiveram que aprender com seus erros. Um cruzado escreveu que, depois das experiências de 25 de agosto, os francos “fizeram grandes esforços e se conduziram de maneira mais sensata”. Enquanto continuava a esperar que o exército estivesse completamente reunido – pois soldados ainda estavam chegando de Acre, agora principalmente de navio –, o rei se propôs a reordenar suas forças. O equipamento foi reduzido; os pobres em especial tiveram que começar a marcha sobrecarregados “de alimento e armas”, de modo que “um certo número deles teve que ser deixado para trás para morrer de calor e sede”. Ao mesmo tempo, uma ordem de marcha muito mais estruturada foi estabelecida e isso parece ter sido seguido durante o restante da jornada para o sul.

Os cruzados continuavam, sempre que possível, a se conservar junto ao litoral, mantendo um contato ainda mais próximo com a frota. A elite, os templários e hospitalários enrijecidos pelas batalhas receberam a tarefa crucial de se ocuparem da vanguarda e da retaguarda, enquanto o rei e um grande grupo central de cavaleiros foram protegidos no flanco esquerdo exposto por densas filas de soldados de infantaria com boas armaduras. Uma testemunha ocular muçulmana que observou o exército alguns dias depois descreveu essa última unidade como uma “parede” impenetrável. Protegidos por “uma armadura completa e bem-feita”, invulneráveis ao fogo leve dos mísseis, “as flechas caíam sobre eles sem nenhum efeito”, de modo que ele viu “francos com dez flechas encravadas nas costas continuando a agir despreocupadamente”. Esses homens de infantaria podiam usar arco e besta para deter atacantes que provocavam escaramuças, mas no geral concentravam-se em manter constante seu avanço

inexorável. Reconhecendo que essa tática “de escudo” custaria um enorme desgaste físico e psicológico, Ricardo dividiu a infantaria em duas unidades, alternando períodos de atividade e de descanso, deixando o grupo que descansava se recuperar enquanto marchava no flanco direito protegido e junto ao mar, juntamente com o grupo do exército carregando bagagem leve.⁶⁹

Adaptando essa formação, os cristãos deixaram Haifa em 28 de agosto, sabendo que, desse ponto em diante, encarariam uma provocação intensa e incessante das tropas de Saladino. Ricardo agora tomou grande cuidado em conservar a energia de seu exército, seguindo cada etapa da marcha com um ou até mesmo dois dias de descanso. As forças muçulmanas certamente acompanhavam cada um de seus passos, chegando mesmo a vigiar os acampamentos dos latinos à noite, o tempo todo buscando qualquer oportunidade de romper sua marcha ordenada. O que permaneceu obscuro, contudo, foi se o sultão tentou desafiá-los numa batalha em escala total. Os historiadores têm julgado erroneamente e de maneira uniforme as intenções de Saladino nesse sentido, sugerindo que ele, desde o começo, tinha se instalado num local adequado ao sul, perto de Arsuf. O testemunho ricamente detalhado de Baha al-Din, que esteve com o sultão durante todo esse período, apresenta um quadro muito diferente. Parece que Saladino ficou bastante surpreso com as táticas de Ricardo. Tomado de surpresa pela inesperada decisão do rei de ter repetidos dias de descanso, o sultão avaliou mal a velocidade do avanço dos francos e, portanto, o espaço de tempo que suas tropas teriam que ficar no campo, prevendo escassez de alimento. De momento, Saladino parecia ter sido vencido no jogo pelo Coração de Leão, forçado a adotar uma estratégia reativa imbuída de desespero. Soldados estavam efetivamente sendo despachados para rondar os cristãos, mas o sultão também deu início a uma frenética busca por um campo de batalha adequado, reconhecendo pessoalmente a rota costeira sul e avaliando a vulnerabilidade dos possíveis locais de acampamento dos cruzados. Durante todo esse período ele esteve atentamente procurando formas de deter a marcha dos latinos.

Durante oito dias, os cruzados fizeram um avanço lento e árduo. Avançando da fortificação arruinada de Destroit para Cesareia no dia 20 de agosto, uma sexta-feira, eles começaram a titubear sob o escaldante sol de verão. Um latino que marchava no exército descreveu como:

O calor era tão intolerável que alguns morriam devido a ele; estes foram

enterrados imediatamente. Os que não conseguiam prosseguir, os exauridos e exaustos, dos quais amiúde havia muitos, os indispostos e enfermos, o rei sabiamente havia levado para as galeras e os pequenos barcos para a etapa seguinte.

No dia seguinte, a caminho do rio Morto, de nome sombrio, os francos obtiveram um notável sucesso durante uma prolongada escaramuça. Entre os inimigos desse dia estava Ayas, o Alto, um dos mais célebres e ferozes mamelucos de Saladino, assolando todos os que se punham em seu caminho com uma enorme lança. Quando um golpe de sorte derrubou seu cavalo, Ayas, pesado demais por causa de sua armadura, foi atacado e morto. Baha al-Din admitiu que “os muçulmanos muito lamentaram por ele”, mas, o que talvez seja mais importante, a vitória ajudou a levantar o moral cristão. Igualmente o fez o ritual cristão de todas as noites, quando se entoava em massa “Santo Sepulcro, ajuda-nos” antes de se recolherem para obter algumas poucas horas de sono agitado. Mas a indubitável chave para seu autocontrole continuado diante dessa pressão implacável era a presença do Coração de Leão, irredutível, sempre pronto a interferir numa rixa, a reforçar as linhas. Ricardo parece ter tido o grande cuidado de monitorar o humor de seus homens, procurando se assegurar de que não estava forçando demais a resistência deles. No começo de setembro, com a falta de comida começando a preocupar, as discussões irromperam. Os homens da infantaria giravam em torno das carcaças dos “mais gordos cavalos mortos” que haviam tombado durante a marcha de cada dia, brigando por sua carne, para o desgosto dos cavaleiros que tinham sido seus proprietários. O rei intercedia, afirmando que substituiria toda montaria perdida desde que a carne do animal morto fosse oferecida a “homens de armas dignos”. Francos agradecidos “comiam (a) carne dos cavalos como se fosse de caça. Temperada com a fome, e não com molhos, eles a achavam deliciosa”.⁷⁰

É claro que os benefícios da presença visível envolviam um risco considerável. Marchando para além do rio Morto em 3 de setembro, um trecho “selvagem” da costa forçou os cruzados a se moverem para o interior por algum tempo. Saladino havia escolhido esse momento para buscar a luta, comandando pessoalmente três divisões de tropas contra as pesadas fileiras dos cruzados. Repetidamente, os muçulmanos bombardearam os cristãos com flechas e então atacaram suas linhas. Baha al-Din observou os repetidos ataques acontecendo:

Vi (Saladino) realmente cavalgando entre os soldados enquanto as flechas inimigas passavam por ele. Dois pajens o acompanhavam, com duas montarias extras, e isso era tudo, cavalgando de divisão em divisão e incitando-as a avançar, ordenando-lhes que pressionassem com força o inimigo e o obrigasse a lutar.

O sultão retornou ileso, mas Ricardo teve menos sorte. Como sempre no empenho da luta, o rei foi subitamente atingido de lado por um golpe de besta. Felizmente, ele conseguiu se manter na sela enquanto o combate prosseguia à sua volta. Desta vez tivera sorte: sua armadura havia absorvido a maior parte do impacto, e “ele não ficou seriamente ferido”. Mas o episódio evidenciou os riscos imensos, embora necessários, que ele corria como rei-guerreiro medieval par excellence. Se nesse dia ele tivesse tombado, toda a cruzada poderia ter entrado em colapso. Contudo, da mesma forma, sem sua presença tangível, aparentemente indestrutível, na linha de frente, a resistência franca provavelmente também teria entrado em colapso. Sendo como foi, ele e Saladino sobreviveram a esse primeiro confronto. No final do dia, um exército cristão um tanto abalado chegou ao rio dos Juncos. Enquanto montavam acampamento em suas margens, parecem ter ignorado que, a apenas um quilômetro e meio rio acima, os muçulmanos também estavam montando suas tendas. Baha al-Din comentou com certa ironia que “nós estávamos bebendo das águas mais altas, enquanto o inimigo bebia das mais baixas”.⁷¹

A BATALHA DE ARSUF

Ricardo agora estava a apenas quarenta quilômetros de Jafa. Embora a marcha tivesse sido tão exaustiva, também se revelara um maravilhoso sucesso. Mas o rei deve ter suspeitado que Saladino agora iria empregar todos os seus recursos para deter o avanço franco, pois a perda de Jafa seria um grave golpe para o Islã. A rota à frente passava pela Floresta de Arsuf e levava a um óbvio local de acampamento junto ao rio Rochetaille, mas depois desse ponto abria-se uma planície arenosa antes que a pequena cidade de Arsuf fosse alcançada. Corriam rumores no exército latino de que algum tipo de emboscada ou ataque era iminente. Ricardo deixou que suas tropas descansassem junto ao rio dos Juncos em 4 de setembro, mas naquela noite deu um golpe de mestre. O imprevisível ritmo da marcha cruzada já havia lançado sementes de confusão e dúvida na mente de Saladino, comprometendo seu ímpeto de tomar a iniciativa. Agora o Coração de Leão jogou uma inesperada e engenhosa cartada, despachando enviados à guarda avançada dos muçulmanos para solicitar conversações de paz com al-Adil. O sultão havia passado o dia rapidamente patrulhando a floresta e a planície ao sul, buscando um campo de batalha, antes de voltar velozmente em direção norte. Na verdade, ele se deslocou com tanta pressa que, quando caiu a noite, muitos de seus homens “ficaram para trás, espalhados pela floresta”. Saladino estava começando a perder o controle de seu exército. Quando as notícias do pedido de Ricardo chegaram-lhe naquela noite, ele acedeu, instruindo seu irmão a “estender as conversações”. Com o tempo, o sultão poderia ser capaz de mobilizar suas forças e montar uma ofensiva.

Contudo, mais uma vez, o rei da Inglaterra havia engabelado completamente seu oponente. Ricardo não estava disposto a uma negociação de verdade; em vez disso, havia convocado o encontro para enganar Saladino quanto às suas intenções e, talvez, recolher alguma informação sobre os planos e preparativos dos muçulmanos. O Coração de Leão efetivamente reuniu-se com al-Adil no amanhecer do dia 5 de setembro num encontro privado, mas a conversa entre eles não foi nem prolongada nem cordial. O rei exigiu sem rodeios a devolução da Terra Santa e a retirada de Saladino para território muçulmano. Não foi surpresa que al-Adil se sentisse ultrajado, mas assim que as conversas foram

interrompidas, Ricardo ordenou a seu exército que avançasse para a Floresta de Arsuf. Pego completamente desprevenido, o sultão não foi capaz de responder, com suas tropas desalinhadas. A maioria dos cruzados ainda entrou na floresta num estado de ansiedade, “pois se dizia que (os muçulmanos) a incendiariam, provocando um fogo tão grande que o exército (cristão) seria assado”. Mas graças à habilidosa dissimulação de seu líder, eles passaram sem impedimento e ilesos até chegar ao Rochetaille. Ricardo deixou que seus homens descansassem em 6 de setembro – aproveitando esta última oportunidade de tomar fôlego antes de enfrentar o desafio de Arsuf e para além desse local. Saladino, nesse ínterim, manteve uma conversa fechada com al-Adil, buscando furiosamente um estratagema que pudesse evitar o desastre.⁷²

Ao acordar no sábado, 7 de setembro, o Coração de Leão deve ter sabido que o inimigo usaria o espaço oferecido pela planície aberta à frente para montar outro assalto furioso. Ele talvez até pressentisse que o confronto seria numa escala maior que o enfrentado em 3 de setembro. Para os cruzados, aquele sábado começou como qualquer outro dia de março desde que deixaram Haifa, com a rigorosa estrutura de formação da tropa. A essa altura, o exército contava com cerca de 15 mil homens, dos quais entre mil e dois mil eram cavaleiros montados. Um cruzado registrou que “Ricardo, o valoroso rei da Inglaterra, que sabia tanto sobre a guerra e o exército, estabeleceu, segundo seu critério, quem iria à frente e quem iria atrás”. Os templários, como de costume, assumiam a liderança, enquanto seus irmãos hospitalários fechavam a retaguarda com uma poderosa força de arqueiros e besteiros. Com um grupo misto de poitevinos, normandos e ingleses garantindo o centro e Henrique de Champagne comandando o flanco esquerdo, do lado interior, Ricardo e Hugo de Borgonha deviam comandar uma reserva móbil que podia avançar por todo o exército, reforçando os pontos fracos sempre que necessário. Como sempre, uma formação ordenadamente fechada era de suprema importância; na verdade, dizia-se que os francos deixaram as margens do Rochetaille “em tal ordem, lado a lado e tão próximos uns dos outros que uma maçã (atirada no meio deles) não deixaria de atingir um homem ou um animal”.

Mas de acordo com o cruzado Ambrósio havia alguma coisa diferente nos preparativos daquele dia. Em seu relato, o rei estava preparando suas tropas não apenas para uma marcha, mas para uma batalha. Ambrósio, que seguira Ricardo para o Oriente na cruzada e que mais tarde compôs um épico em francês antigo com versos contando a história da expedição, descreveu o dia 7 de setembro de 1191 como de deliberada confrontação; um dia de glória numa escala quase

homérica. Seu herói, o Coração de Leão, foi mostrado tomando a decisão consciente e proativa de desafiar Saladino de cabeça erguida. Percebendo com uma antevisão quase sobrenatural “que eles não poderiam avançar sem uma batalha”, o rei planejou empregar a mais poderosa arma dos cristãos – a carga de cavalaria pesada – no momento em que o sultão houvesse sobrecarregado suas forças. O tempo deveria ser crucial, mas tendo à sua disposição apenas as formas medievais rudimentares de comunicação no campo de batalha, Ricardo tinha que confiar num sinal aural para iniciar o ataque. Ambrósio descreveu como “seis trombetas (foram) colocadas em três diferentes locais do exército, que soariam quando eles devessem se virar contra os turcos”.

O relato de Arsuf feito por Ambrósio tem sido de grande influência: amplamente copiado por seus contemporâneos, amiúde regurgitado sem crítica por historiadores modernos. A imagem épica daquela manhã de sábado na costa da Palestina engendrada por sua descrição há muito tem se imposto: o resplandecente exército cruzado começando sua marcha, em seu apogeu, praticamente ansiando pela luta, tal como uma flecha encaixada, segura com mão trêmula no arco, pronta para ser disparada. Mas apesar dos detalhes, do colorido e do fascínio da visão de Ambrósio, outros relatos de testemunhas oculares põem em xeque sua narrativa. O principal dentre eles é uma carta – que tem sido extraordinariamente subestimada pelos historiadores – escrita pelo próprio rei Ricardo I. Tal missiva, um despacho efetivo direto das linhas de frente para Garnier de Rochefort, abade cisterciense de Claraval, foi escrita apenas três semanas depois da Batalha de Arsuf, em 1º de outubro de 1191. Sua descrição breve, quase de passagem, dos eventos de 7 de setembro, sugere que a principal preocupação do Coração de Leão naquele dia era alcançar a relativa segurança dos pomares de Arsuf com seu exército intacto e não buscar um confronto definitivo com Saladino.

Na época dos cruzados, as batalhas direcionadas eram extremamente raras. Os riscos envolvidos e o elemento do acaso significavam que generais tarimbados evitavam o conflito aberto a todo custo, a menos que estivessem de posse de uma enorme superioridade numérica. A prioridade total de Ricardo nesta fase da cruzada era alcançar Jafa, e de lá ameaçar Ascalão e Jerusalém. Buscar uma luta decisiva com Saladino quando comandava uma força militar igual, ou talvez até maior, e podia escolher seu próprio terreno, seria equivalente a jogar com o destino de toda a guerra santa numa rodada de dados. Talvez o rei realmente tivesse preparado seus homens para a batalha em Arsuf, se devemos confiar nele – sua carta não diz nada –, mas, ainda assim, existe uma diferença significativa,

embora sutil, entre a preparação para o conflito e o empenho nele.

Para Saladino, em contraste, um confronto decisivo era essencial. Enfrentando o avanço latino aparentemente incontrolável, ele sabia que, sem ação, seria forçado, em apenas alguns dias, a encarar uma abjeta impotência à medida que o Coração de Leão se aproximava de Jafa. Chegar depois do conquistador de Acre teria consequências estratégicas e políticas horrendas, pois o controle da Palestina pelo Islã seria gravemente desestabilizado e sua própria reputação como mujahid ficaria seriamente maculada. Os francos precisavam ser detidos ali, na planície poeirenta de Arsuf. Como afirmou Baha al-Din sem rodeios: “(O sultão tinha) toda intenção de trazer o inimigo para a batalha direta naquele dia”.⁷³

Quando os cruzados marcharam para além do Rochetaille, logo após o alvorecer, foram saudados por uma visão ameaçadora: lá, onde as colinas cobertas de bosques desciam para o limite esquerdo da planície, Saladino havia disposto a força total de seu exército. Linha após linha de tropas estendiam-se diante deles, “empilhadas, como uma cerca espessa”. Encarando cerca de 30 mil guerreiros muçulmanos, os francos agora estavam suplantados em número, numa relação, no mínimo, de dois para um. Por volta de nove horas da manhã, a primeira onda de dois mil inimigos desceu em direção a eles e a luta começou. Enquanto a manhã avançava, Saladino empregou praticamente toda sua força, conservando apenas uma unidade de elite de cerca de mil homens da Guarda Real para servir como ponta de lança de um ataque, assim que surgisse uma brecha na formação latina. Hora após hora, com o sol escaldante brilhando sobre eles, os cristãos continuaram a marchar, agora fustigados pela matança incessante.

Um cruzado descreveu a impressionante cacofonia do campo de batalha – um amontoado de tropas “uivando, gritando (e) ladrando”, com os trombeteiros e tamborileiros inimigos pulsando o terrível ritmo do combate – de modo que “não se conseguia ouvir nem Deus trovoando, devido à balbúrdia que se fazia”. A principal arma dos muçulmanos era um bombardeio aéreo de incrível velocidade: “nunca a chuva, a neve ou o granizo, no coração do inverno, caíram tão densamente quando as flechas que vinham matar nossos cavalos”, lembrou uma testemunha ocular, observando que braçadas de flechas podiam ter sido reunidas como se fossem o trigo cortado nos campos. Também entre o inimigo havia tropas que poucos soldados já haviam enfrentado: aterrorizantes negros africanos. Uma testemunha ocular latina declarou que “eles eram chamados de ‘negros’ – esta é a verdade – (provenientes) de terras selvagens, medonhos e

mais escuros que a fuligem... um povo que era muito rápido e ágil”. O horror do implacável assalto daquela manhã foi quase insuportável.

Os francos acharam que suas linhas seriam rompidas (e) não esperavam sobreviver mais de uma hora ou sair dali vivos; na verdade, (alguns) covardes não resistiram a lançar seus arcos e flechas por terra, buscando refúgio entre o inimigo... Nenhum homem estava tão confiante que não desejasse, do fundo do coração, que tivesse dado um fim à sua peregrinação.⁷⁴

A prioridade do rei Ricardo em todo esse episódio foi manter a disciplina da tropa e manter seu exército avançando em formação para Arsuf. Qualquer pausa ou interrupção da linha seria letal, mas a tentação entre seus homens de lançar um contra-ataque era quase irresistível. Um mensageiro saiu da retaguarda dos hospitalários, implorando permissão para retaliar, mas o Coração de Leão a recusou. Por enquanto, pelo menos, a ordem era aguardar. Foi um teste para a força de vontade e o carisma do rei como general que, por tanto tempo, mantivera sua autoridade diante de uma pressão extraordinária como essa. Os cristãos agora estavam “cercados, como um rebanho de ovelhas, pelas mandíbulas dos lobos, de modo que não conseguiam ver nada além do céu e seus terríveis inimigos por todos os lados”. E, contudo, seu avanço prosseguia.

Com a vanguarda dos templários se aproximando dos pomares de Arsuf, o próprio mestre deles, Garnier de Nablus, cavalgou na frente para fazer um segundo pedido ao rei, reclamando da vergonha da inação, porém mais uma vez o rei objetou. De maneira crucial, a própria carta de Ricardo de 1º de outubro indica que as linhas de frente da marcha agora atingiam os limites de Arsuf e “montavam acampamento”, fato confirmado por Baha al-Din, que escreveu que “os primeiros destacamentos da infantaria (cristã) chegaram às plantações de Arsuf”. Esse documento desmente a ideia de que Ricardo, ao longo de todo o 7 de setembro, estivesse maquinando uma grande estratégia, contendo suas forças apenas para que pudessem ser lançadas à batalha aberta. Como já tinha sido durante toda a jornada desde Acre, sua prioridade em Arsuf era a segurança e a sobrevivência. Com esse objetivo tão perto de sua concretização, a mão do Coração de Leão foi forçada.⁷⁵

Olhando em retrospectiva, Ricardo subitamente descobriu que uma carga contra a cruzada havia começado. Sem avisar, dois cavaleiros da retaguarda – o marechal dos hospitalários e Balduino de Carew – haviam rompido fileiras. Levados por um misto de raiva, humilhação e sede de sangue, “eles irromperam pela linha (e), com cavalos a todo galope, atacaram os turcos”, gritando o nome de São Jorge. Uma onda de entusiasmo se espalhou pelo exército e, em poucos momentos, milhares de cruzados haviam se voltado para seguir seu líder. A guarda hospitalária da retaguarda correu para a batalha. Então, enquanto Ricardo observava horrorizado, Henrique de Champagne, Jaime de Avest e Roberto, conde de Leicester, também investiram com o flanco esquerdo e o centro do exército.

Esse foi o momento da decisão. Ricardo pode não ter desejado a batalha, mas sem nenhuma esperança de reconvocar suas tropas, agora era a vez dele. Não reagir seria catastrófico, mas o Coração de Leão não mostrou hesitação: “Ele esporou seu cavalo para fazê-lo galopar mais rápido que uma flecha lançada de seu arco”, comandando o remanescente de suas forças. Não é de surpreender que o suposto sinal de trombeta de Ambrósio nunca tenha soado.⁷⁶

Uma cena de carnificina agora se abria diante do rei. A primeira carga dos cruzados havia resultado num caótico banho de sangue, à medida que as frentes do exército de Saladino começaram a se assustar e se pôr em fuga. Os feridos gritavam, “enquanto outros, chafurdando no próprio sangue, davam o último suspiro. Um grande número era apenas de corpos sem cabeça pisoteados igualmente pelos iguais e pelos inimigos”. Mas enquanto Ricardo corria para a confusão, o sultão reuniu suas tropas e montou um contra-ataque. A contribuição do rei para a batalha não fica clara. Ricardo subestimou seu talento, oferecendo esse conciso relato do encontro em sua carta ao abade de Claraval:

Nossa vanguarda estava avançando e já estava montando acampamento em Arsuf, quando Saladino e seus sarracenos fizeram um violento ataque à nossa retaguarda, mas pela graça da favorável misericórdia de Deus foram postos em fuga por apenas quatro esquadrões que os enfrentaram.

Outros contemporâneos latinos, Ambrósio entre eles, pintaram uma cena mais

emocionante de heroísmo da realeza, em que o Coração de Leão praticamente ganhou o dia sozinho:

O rei Ricardo perseguiu os turcos com singular ferocidade, caiu sobre eles e os dispersou (e) onde ele fosse sua espada desembainhada abria um largo caminho dos dois lados... Ele abateu aquela raça indizível como se estivesse ceifando a colheita com uma foice, de modo que os corpos dos turcos que tinha matado cobriam o chão por toda a parte no espaço de oitocentos metros.⁷⁷

Talvez sua bravura militar não alcançasse uma escala tão épica, mas a contribuição pessoal de Ricardo pode ainda ter sido o fator decisivo que alterou o equilíbrio do encontro. Repetidas vezes, na Idade Média, os reis-guerreiros, vistos por seus homens no auge da luta, viravam a maré da batalha, assegurando a vitória. Qualquer que seja a explicação, os francos em Arsuf conseguiram repelir um ou talvez até dois contra-ataques muçulmanos. No final, com a maioria de suas tropas em debandada, Saladino foi forçado a uma vergonhosa retirada. Obstinadamente perseguido, com ele e o restante de suas tropas cercados, os muçulmanos fugiram para as florestas da redondeza, deixando a vitória, do jeito que estava, para os cristãos.

Os francos exauridos pela batalha reuniram-se para se arrastar até Arsuf, finalmente montando um acampamento seguro. A maioria estava caindo de exaustão, mas como sempre havia alguns lixeiros, “ávidos por ganho”, que saíam para saquear os mortos e os moribundos. Quando a noite começou a cair, contaram 32 emires muçulmanos entre as baixas, bem como cerca de setecentos soldados inimigos, a maioria dos quais tinha sido morta no primeiro ataque latino. Nesse ínterim, numa primeira avaliação, as baixas latinas pareciam ser mínimas.

Naquela noite, contudo, um boato inquietante se espalhou pelo exército. Jaime de Avesnes, o respeitado cavaleiro cruzado de Hainaut, tinha desaparecido. No amanhecer do dia seguinte, um grupo de buscas dos templários e hospitalários vasculhou o campo de batalha e, por fim, entre os mortos cristãos e islâmicos, localizaram seu corpo mutilado. Disseram que no calor da batalha seu cavalo tinha caído; lançado fora da sela, Jaime lutou como um leão, mas à medida que a

maré da batalha virava, seu antigo companheiro de armas, o conde Roberto de Dreux, ignorou seus pedidos de ajuda. Abandonado, Jaime fez seus últimos esforços desesperados, matando quinze homens do inimigo, antes de ser perpassado. Ele foi encontrado em meio aos mortos muçulmanos, o “rosto tão coberto de sangue coagulado que mal o reconheceram antes de o lavarem com água”. Com grande reverência, seu corpo foi levado de volta para Arsuf e enterrado numa cerimônia assistida pelo rei Ricardo e Guy de Lusignan. “Todos gemiam, choravam e lamentavam” por sua morte; a Terceira Cruzada havia perdido um de seus guerreiros mais antigos e renomados.⁷⁸

O significado de Arsuf

A batalha de Arsuf há muito tem sido vista como um histórico triunfo cruzado. Ao procurar construir uma imagem de Ricardo I como o monumental herói da guerra santa, Ambrósio apresentou esta luta como um confronto crítico e ensaiado entre o Coração de Leão e Saladino – um encontro em que Ricardo buscou ativamente, e conseguiu, uma retumbante vitória. Esse relato de Arsuf tem sido amplamente aceito, e o sucesso de Ricardo em 7 de setembro de 1191 tornou-se uma das pedras angulares de sua reputação militar. Jean Flori, um recente biógrafo do Coração de Leão, afirmou que a batalha revelou “a habilidade do rei na ‘ciência da guerra’”, acrescentando que ela “foi lutada nos termos de Ricardo”, com o monarca angevino “já tendo preparado seu exército em ordem de batalha”.⁷⁹

Na verdade, a reconstrução das batalhas medievais é uma tarefa fenomenalmente imprecisa, e as intenções de Ricardo não podem ser definidas com acurácia. Na média, contudo, a evidência no mínimo torna provável que Ricardo não desejasse travar uma grande batalha em Arsuf. Ele podia ter esperado um ataque muçulmano em 7 de setembro, mas parece ter se concentrado em seu principal objetivo – alcançar o proposto local de acampamento em Arsuf para depois prosseguir para Jafa. Na ocasião, quando a retaguarda cruzada rompeu suas fileiras para deslanchar um ataque, a resposta rápida, resoluta e valente do Coração de Leão evitou o desastre, em última instância garantindo uma vitória oportunista, mas de moral elevado. De maneira crucial, sua habilidade militar foi reativa, e não proativa. Na época, o rei Ricardo não afirmou ter planejado a batalha – essa noção só parece ter surgido após a Terceira Cruzada –, mas sua carta de 1º de outubro efetivamente afirma que os muçulmanos foram bastante atingidos em Arsuf. Ela dizia:

A matança entre os mais nobres sarracenos de Saladino não foi tão grande, mas ele perdeu mais naquele dia perto de Arsuf (que) em qualquer outro dia dos quarenta anos anteriores... (Desde) aquele dia, Saladino não ousa batalhar contra os cristãos. Em vez disso, fica à espera a distância, fora das vistas como um leão

em seu covil, (esperando para matar) os amigos da cruz como ovelhas.

Fontes árabes reconhecem que os aiúbidas sofreram uma desastrosa derrota em Arsuf. Baha al-Din, que presenciou a batalha, registrou que muitos “tiveram a morte dos mártires” e admitiu que, embora al-Adil e al-Afdal tivessem lutado bem, este último ficou “abalado por esse dia”. Em termos reais, contudo, as perdas humanas dos muçulmanos não foram decisivas – Saladino tinha sido batido no campo de batalha, mas a guerra santa prosseguiria. Depois de alguns dias, o sultão estava escrevendo para seus “territórios distantes”, solicitando reforços. O dano revelador, como em Acre, era psicológico. Enquanto Saladino lutava para reimpor o controle sobre seus exércitos, diziam que seu “coração” estava “cheio de sentimentos que só Deus poderia saber (e) as tropas também estavam feridas no corpo ou no coração”. A correspondência do sultão desse período esforçou-se por apresentar um relato positivo dos eventos, declarando que os ataques muçulmanos tinham diminuído o avanço franco a tal ponto que eles levaram dezessete dias para percorrer uma jornada de dois dias e celebrando o assassinato de “Sir Jaki” (Jaime de Avesnes). Mesmo assim, a verdade mal podia ser escondida. Mais uma vez, Saladino havia tentado e falhado em deter a Terceira Cruzada em seu caminho.⁸⁰

Em 9 de setembro de 1191, os francos retomaram sua marcha, chegando ao rio Arsuf sem muita dificuldade. No dia seguinte, Ricardo chegou às ruínas de Jafa – as muralhas do porto tinham sido demolidas por ordem de Saladino no outono de 1190. A devastação era tanta que todo o exército latino teve que se aquartelar nos bosques de oliveiras e jardins que cercavam a cidade, mas os cruzados se alegraram por encontrar uma grande abundância de comida, incluindo uvas, figos, romãs e amêndoas. Logo os navios cristãos começaram a chegar, trazendo suprimentos de Acre, e uma posição defensiva foi estabelecida na costa palestina. Ricardo Coração de Leão havia conduzido a Terceira Cruzada à beira da vitória, e Jerusalém agora ficava a apenas 64 quilômetros em direção ao interior.

17. JERUSALÉM

No final do verão de 1191, o rei Ricardo I da Inglaterra procedeu a uma marcha notavelmente controlada e implacavelmente eficiente em direção ao sul, saindo de Acre para Jafa, sujeitando Saladino a uma derrota, se não arrasadora, pelo menos humilhante ao longo do caminho. Desde sua chegada à Terra Santa, o Coração de Leão havia galvanizado a Terceira Cruzada; não mais atolada e inerte nos confins do nordeste da Palestina, a expedição agora parecia prestes a cruzar o umbral da vitória. O sucesso dependia de um entusiasmo – só a ação imediata e resoluta preservaria a frágil coalizão franca e manteria pressão sobre um inimigo cambaleante. Mas justamente quando o compromisso centralizado num claro objetivo militar se fazia necessário, Ricardo hesitou.

DECISÕES E DECEPÇÕES

Por volta de 12 de setembro de 1191, apenas alguns dias depois da chegada a Jafa, relatos preocupantes vindos do sul começaram a se infiltrar no acampamento cruzado. Saladino, afirmava-se, havia ido para Ascalão e agora estava arrasando o porto mantido pelos muçulmanos. Com esses rumores despertando um misto de incredulidade, horror e suspeita, o rei enviou Godofredo de Lusignan (que havia sido apontado como conde titular da região) e o confiável cavaleiro Guilherme de L'Estang para investigarem. Velejando para o sul, eles logo vislumbraram a cidade, e, à medida que se aproximam dela, uma cena de espantosa devastação. Ascalão estava tomada pelas chamas e a fumaça, com sua população aterrorizada fugindo numa evacuação forçada, enquanto os homens do sultão se esparramavam pelas poderosas defesas do porto, destruindo muralha e torre.

Esse triste espetáculo era produto do recente e resolutivo tratamento da guerra por Saladino. Ainda se ressentindo da humilhante derrota em Arsuf, o sultão havia reunido seus conselheiros em Ramla no dia 10 de setembro para reavaliar a estratégia aiúbida. Tendo buscado e não conseguido confrontar os cruzados de frente durante sua marcha para o sul a partir de Acre, Saladino decidiu adotar uma postura mais defensiva. Se Ricardo não podia ser esmagado em batalha aberta, então providências drásticas seriam tomadas para deter seu avanço – uma política de arrasar a terra para prejudicar o movimento franco, envolvendo a destruição das principais fortalezas. O objetivo crítico era Ascalão, ao sul do principal porto da Palestina e a um passo do Egito. Se os francos capturassem a cidade intacta, o Coração de Leão teria a cabeça de ponte perfeita para ameaçar Jerusalém e a região do Nilo. Saladino percebeu que lhe faltavam recursos para uma guerra em duas frentes e, priorizando a proteção da Cidade Santa, ordenou que as muralhas de Ascalão fossem arrasadas. Esta não deve ter sido uma decisão fácil – dizia-se que o sultão teria afirmado: “Por Deus, eu preferiria perder todos meus filhos a ter que demolir uma única pedra” –, mas era necessário. O tempourgia, pois se Ricardo continuasse a avançar, ele poderia tomar o porto. Portanto, Saladino enviou al-Adil para observar os cruzados em Jafa, e então correu para o sul com al-Afdal para supervisionar a triste tarefa,

pondo seus soldados para trabalhar em um ritmo feroz, dia e noite, temeroso da chegada do Coração de Leão.⁸¹

Quando Godofredo e Guilherme trouxeram notícias do que tinham visto em Jafa, o rei Ricardo ainda tinha uma oportunidade de agir. Durante todo o final do verão, ele havia sido deliberadamente evasivo quanto a seus objetivos, mas agora uma decisão definitiva tinha que ser tomada. Para o Coração de Leão, a opção parecia clara: a captura de Ascalão era o próximo passo lógico para a cruzada. Como general, ele reconhecia, até então, que as realizações da expedição haviam dependido da superioridade naval. Enquanto a cruzada continuasse a abraçar a linha costeira, o domínio latino do Mediterrâneo poderia evitar o isolamento e a aniquilação oferecendo uma linha de suprimentos e reforços. Até então, os cristãos não tinham efetivamente lutado a Terceira Cruzada em território inimigo; quando eles marchassem para o interior, a verdadeira batalha começaria. A captura de Ascalão e a reconstrução de sua fortaleza prometiam desestabilizar um maior controle da Palestina por Saladino, criando um enclave costeiro seguro, enquanto mantinham as opções de Ricardo de um eventual ataque a Jerusalém ou ao Egito.

Ricardo chegou a Jafa aparentemente esperando que, como rei e comandante, sua vontade fosse acatada; que a marcha para o sul pudesse prosseguir quase sem pausa. Mas ele cometeu um sério erro de cálculo. Como modalidade de guerra, a cruzada era governada não apenas pelos ditames da ciência militar ou pelas noções de política, diplomacia ou economia. Tratava-se de um modelo de conflito sustentado pela ideologia religiosa – dependendo do fascínio irresistível e devocional de um alvo como Jerusalém, para criar uma unidade de propósito em um exército desigual. E para a maioria dos que compunha o amalgamado exército cruzado de Ricardo, marchar para o sul saindo de Jafa era equivalente a passar ao largo das portas da Cidade Santa.

Em um conselho reunido fora de Jafa em meados de setembro de 1191, o Coração de Leão se viu confrontado por essa realidade. Apesar de seus melhores esforços para pressionar por um ataque a Ascalão, muitos nobres latinos resistiram – entre eles Hugo de Borgonha e outros franceses –, argumentando, em vez disso, em favor da reconstrução da fortaleza de Jafa e um ataque mais direto no interior, em direção a Jerusalém. No final, como afirmou um cruzado, “a alta voz do povo prevaleceu”, e a decisão foi de ficar em Jafa. Parece que, na época, Ricardo não o reconheceu, mas não havia sido aprovado em um teste decisivo. Os eventos em Jafa expuseram uma fatídica deficiência em suas

habilidades como líder. O Coração de Leão havia sido educado nos procedimentos da guerra desde a infância; a partir de 1189 suas habilidades e autoridade como rei começaram a florescer. Mas, até então, ele não conhecera a realidade da cruzada.

Com a decisão de permanecer em Jafa, a cruzada perdeu seu ímpeto. Começaram os trabalhos para a reconstrução do porto e suas defesas, enquanto Saladino completava a destruição de Ascalão. Os cruzados, fragilizados pelos horrores da marcha de Acre, agora se compraziam no súbito intervalo das hostilidades. Entre o constante fluxo de navios de suprimento, naves lotadas de prostitutas logo começaram a aparecer. Com sua chegada, queixava-se uma testemunha ocular cristã, o exército novamente se poluiu pelo “pecado e a sujeira, más ações e luxúria”. À medida que os dias se transformavam em semanas, até a vontade de invadir a Cidade Santa diminuiu, e a expedição começou a se fragmentar. Alguns francos chegaram a velejar até Acre para desfrutar de confortos mais requintados, e, eventualmente, Ricardo teve que viajar para o norte em pessoa para incentivar esses ausentes a voltarem à ação.⁸²

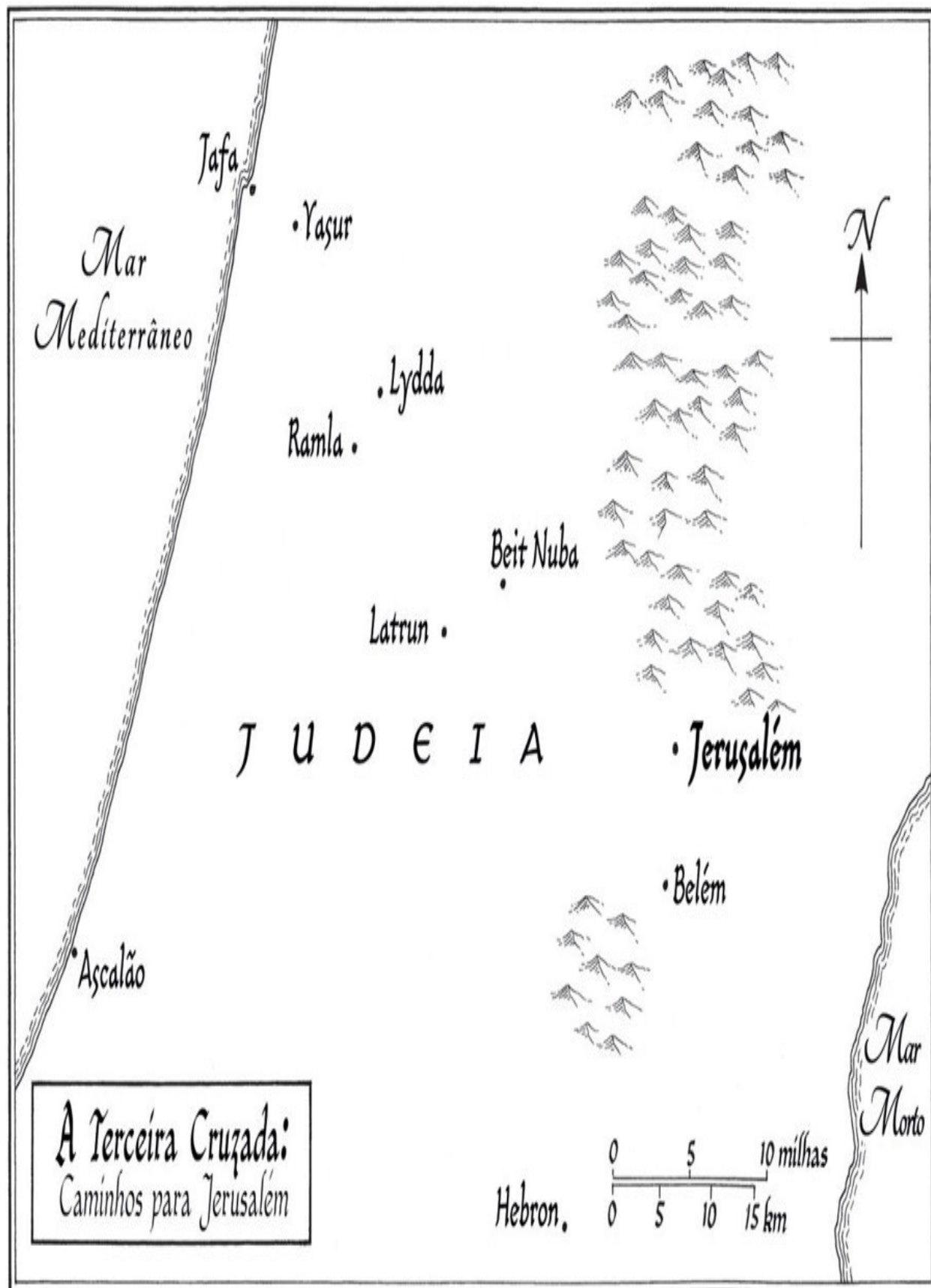
A caminho de Jerusalém

No final, a Terceira Cruzada permaneceu estagnada em torno de Jafa e seus arredores por quase sete semanas. Essa demora deu tempo a Saladino de ampliar sua estratégia de destruição, demolindo a rede de fortificações que ia da costa até Jerusalém. Ricardo passou boa parte de outubro de 1191 reunindo seu exército e, apenas nos últimos dias desse mês, com a temporada natural de lutas se fechando, foi que a expedição começou a avançar para Jerusalém. Ela então enfrentou um desafio diferente de qualquer outro conhecido pelas cruzadas anteriores. Em 1099, os primeiros cruzados haviam marchado sobre a Cidade Santa sem encontrar grandes obstáculos, e em seu cerco subsequente, por mais duro que tenha sido, os francos haviam enfrentado uma força inimiga relativamente pequena e isolada. Agora, quase um século depois, os latinos podiam esperar o enfrentamento de uma resistência mais inflexível.

O poderio de Saladino pode ter se enfraquecido depois de 1187, mas ele ainda possuía formidáveis recursos militares com que acossar e se opor a toda aproximação cristã da Cidade Santa. E se os cruzados alcançassem Jerusalém, sua verdadeira conquista apresentava inúmeras dificuldades. Protegidas por uma guarnição total e resistentes fortificações físicas, as defesas da cidade seriam insuperáveis, e qualquer exército sitiante sem dúvida enfrentaria ferozes contra-ataques das forças muçulmanas adicionais no campo de batalha. Ainda mais problemática era a questão do abastecimento e do reforço: depois que a Terceira Cruzada deixasse a costa para trás, teria que depender de uma frágil linha de comunicação com Jafa; se rompida, Ricardo e seus homens enfrentariam o isolamento e, provavelmente, a derrota.

O principal objetivo do Coração de Leão no outono de 1191 era o estabelecimento de uma confiável corrente de apoio logístico avançando para o interior. A principal estrada para Jerusalém cruzava a planície costeira a leste de Jafa, atravessando Ramla rumo a Latrun, antes de se voltar para o nordeste até Beit Nuba, nos sopés das Colinas da Judeia, para antes se desviar para o leste até a Cidade Santa (embora houvesse alternativas, como a rota mais ao norte, via Lydda). Ao longo do século XII os francos haviam construído uma linha de fortalezas para defender o acesso a Jerusalém. Muitas delas haviam sido

controladas pelas Ordens Militares, mas todas tinham caído em poder do Islã depois de Hattin.



A recente mudança de estratégia por parte de Saladino havia deixado a estrada à frente dos cruzados num estado de desolação. Todos os sítios fortificados importantes – incluindo Lydda, Ramla e Latrun – tinham sido desmantelados. No dia 29 de outubro, Ricardo seguiu marcha pelas planícies a leste de Jafa e começou, com enorme sacrifício, o lento trabalho de reconstruir uma série de sítios que avançavam pelo interior, começando com dois fortes perto de Yasur. Em termos militares, a guerra agora descambara para uma série de escaramuças. Mobilizando suas forças em Ramla, Saladino procurou atormentar os francos, impedindo seus esforços de construção enquanto evitava o confronto em larga escala. Uma vez começado o avanço para Jerusalém, o Coração de Leão com frequência se lançara nesse tipo de luta. No início de novembro de 1192, uma expedição de rotina foi destruída quando um grupo de templários foi atacado e superado numericamente. Quando as notícias chegaram a ele, o rei correu em seu socorro sem hesitação, acompanhado por André de Chauvigny e Roberto, conde de Leicester. O Coração de Leão chegou “rugindo” com sede de sangue, atacando como um “raio” e logo forçou os muçulmanos a baterem em retirada.

Testemunhas latinas sugerem que alguns dos companheiros do rei realmente questionaram se as ações daquele dia tinham sido prudentes. Repreendendo-o por ter arriscado sua vida tão prontamente, eles protestaram que “se algum mal lhe acontecer, a cristandade será morta”. Dizem que Ricardo ficou enfurecido. “O rei mudou de cor. Então disse: ‘Mandei (estes soldados) aqui e lhes pedi que fossem à luta (e) se eles morrerem lá sem mim então nunca mais vou querer portar o título de rei’”. Este episódio revela a determinação do Coração de Leão de agir como rei-guerreiro na linha de frente do conflito, mas também sugere que, a essa altura, ele estava assumindo riscos que preocupavam até seus colaboradores mais próximos. Com certeza havia perigos reais envolvidos nessas escaramuças. Apenas algumas semanas depois, André de Chauvigny quebrou o braço direito enquanto enfrentava um oponente muçulmano durante uma peleja perto de Lydda.⁸³

Conversando com o inimigo

Por mais ousado que o envolvimento de Ricardo possa ter sido nessas incursões pelo interior, sua ofensiva militar foi apenas uma faceta de uma estratégia combinada. Durante todo o outono e o começo do inverno de 1191, o rei buscou usar a diplomacia juntamente com a ameaça militar, talvez esperando que, quando usadas em conjunto, essas duas armas pudessem trazer Saladino à submissão, evitando a necessidade de um assalto direto a Jerusalém.

De fato, o Coração de Leão havia reaberto os canais de comunicação com o inimigo apenas alguns dias depois da Batalha de Arsuf. Por volta de 12 de setembro, ele enviou Hunfredo de Toron, o ex-marido de Isabela, para requisitar uma retomada das discussões com al-Adil. Saladino aceitou, dando a seu irmão “permissão para realizar as conversas e o poder de negociar por sua própria iniciativa”. Um dos confidentes do sultão explicou que “(Saladino) achou que as reuniões fossem de nosso interesse porque viu nos corações dos homens que estavam cansados e desiludidos com a luta, com as dificuldades e o peso das dívidas sobre suas costas”. Provavelmente Saladino também estava procurando ganhar tempo e conseguir informações sobre o inimigo.⁸⁴

Nos meses que se seguiram, o serviço de inteligência provou ser de preciosa serventia, e espiões parecem ter se infiltrado nos dois acampamentos. No final de setembro de 1191, Saladino conseguiu evitar por pouco um vazamento potencialmente perigoso quando um grupo de cristãos orientais viajando pelas colinas da Judeia foi detido e revistado. Descobriu-se que estavam carregando documentos extremamente importantes – cartas do governador aiúbida de Jerusalém para o sultão, detalhando sua preocupação com a falta de grãos, equipamento e homens na Cidade Santa –, que tinham a intenção de apresentar ao rei Ricardo. Nesse ínterim, para fornecer um suprimento regular de cativos francos para interrogatório, Saladino contratou trezentos ladrões beduínos de má fama para capturar prisioneiros durante a noite. Contudo, para os latinos e os muçulmanos, o conhecimento dos movimentos do inimigo e de suas intenções era sempre falível. Saladino, por exemplo, aparentemente fora informado de que Filipe Augusto tinha morrido em outubro de 1191. E, o que talvez tenha sido mais significativo, o Coração de Leão persistiu em superestimar o poderio

militar de Saladino durante boa parte do restante da cruzada.

Durante todo o outono e o início do verão de 1191, Ricardo aguardou ansiosamente por manter um diálogo regular com al-Adil, e, para dizer o mínimo, esse contato parece ser sido ocultado dos exércitos francos. Em parte, o rei deve ter sido levado à negociação pelo boato de que Conrado de Montferrat havia aberto seu próprio canal diplomático com Saladino. Como sempre, a disposição do Coração de Leão de discutir os caminhos para a paz com o inimigo não indicou uma preferência pacifista por evitar o conflito. A negociação era uma arma de guerra, uma arma que podia gerar um acordo quando combinada com uma ofensiva militar; uma arma que, com certeza, traria um serviço secreto vital; e, de maneira decisiva nesta fase da cruzada, uma arma que oferecia a oportunidade de semear dissensão entre as fileiras do Islã.

Mesmo antes de sair de Jafa, Ricardo entrou num intenso período de comunicação com al-Adil entre 18 e 23 de outubro. Inicialmente, o rei tratou de avaliar a atitude do inimigo com relação a Jerusalém. Ele queria explorar a possibilidade de que Saladino pudesse renunciar à posse de uma cidade sobre a qual Ricardo afirmou sem rodeios “ser o centro de nossa fé a que nunca renunciaremos, mesmo que reste apenas um de nós”. Mas al-Adil deu uma resposta inequívoca do sultão, enfatizando a referência do Islã pela Cidade Santa e exortando o Coração de Leão “a não imaginar que vamos desistir dela, pois não podemos revelar uma palavra dessas entre os muçulmanos”.

Ricardo, então, fez uma audaciosa mudança de tática – que surpreendeu seus adversários na época e ainda confunde os modernos historiadores. O rei já havia feito a proposta de cultivar uma relação amigável com al-Adil, aparentemente descrevendo-o como “meu irmão e amigo” numa conversa. Ele agora deu o passo maior de propor uma extraordinária aliança de casamento entre a cristandade latina e o Islã, em que al-Adil deveria se casar com Joana, a irmã do próprio Ricardo. Esta união formaria a base de um acordo de paz em que “o sultão daria a al-Adil todas as terras costeiras que ele dominava e o faria rei da (Palestina), com Jerusalém servindo “como sede do reino (do casal real)”. Esta nova unidade política continuaria a ser parte do império de Saladino, mas os cristãos teriam livre acesso à Cidade Santa. Al-Adil e Joana comandariam os castelos da região, enquanto as Ordens Militares Cristãs assumiriam o controle de suas vilas. O pacto seria selado por uma troca de prisioneiros e a devolução da Verdadeira Cruz. Com uma exibição de aparente magnanimidade, o Coração de Leão proclamava que a aceitação desse acordo poria um fim imediato à

cruzada e propiciaria seu retorno para o Ocidente.

Como essa oferta não foi registrada por nenhuma fonte cristã sobrevivente (sendo mencionada apenas em textos árabes), fica difícil saber com certeza como esse acordo aparentemente ultrajante possa ter sido recebido pelos compatriotas francos de Ricardo. O Coração de Leão parece ter mantido a coisa toda em segredo, inicialmente até para sua irmã, mas se ele levou a ideia a sério ou se sua intenção era apenas a de funcionar como ardil, permanece obscuro. O que é certo é que al-Adil a encarou como uma proposta genuína. Em termos diplomáticos, a proposta de Ricardo possuía uma sutileza de mestre. Alerta para as potenciais tensões entre Saladino e al-Adil – sendo a posição deste último como irmão de confiança contrabalanceada pela ameaça que ele representava ao filho e herdeiro do sultão –, o rei inglês fez uma oferta que al-Adil não podia ignorar, mas uma oferta que também o fazia parecer alguém com ambições pessoais. Profundamente cômico dessa implicação, al-Adil recusou-se a levar o esquema de Ricardo a Saladino em pessoa, incumbindo Baha al-Din de fazê-lo, e instruindo-o a falar com extrema cautela.

Saladino, na verdade, concordou com os termos, embora possa ter acreditado que Ricardo nunca levaria o plano adiante e só estivesse tentando “zombar dele e enganá-lo”. Efetivamente, em alguns dias o Coração de Leão mandou dizer que sua irmã não poderia se casar com um muçulmano e então sugeriu que al-Adil se convertesse ao cristianismo, deixando “a porta aberta para negociações”.⁸⁵

Algumas semanas depois, com a Terceira Cruzada agora retardando seu avanço sobre a Judeia, Ricardo mais uma vez solicitou um encontro. Ele e al-Adil encontraram-se em uma tenda opulenta, levantada pouco além da linha de frente muçulmana em Ramla, em 8 de novembro de 1191. A atmosfera foi quase cordial. Os dois trocaram “alimentos, objetos de luxo e presentes”, comendo petiscos de suas respectivas culturas; Ricardo pediu para ouvir música árabe, e uma mulher foi devidamente enviada para entretê-lo, cantando e tocando harpa. Tendo conversado o dia todo, “eles partiram”, nas palavras de uma testemunha ocular muçulmana, “em amizade e animados como bons amigos”, embora os insistentes pedidos do Coração de Leão por uma reunião direta com Saladino fossem recusados.

Agora, pela primeira vez as negociações do rei com o inimigo tornaram-se de conhecimento público no acampamento cruzado, provocando uma crítica considerável. Uma testemunha ocular cristã observou que Ricardo e al-Adil

“pareceram desenvolver uma espécie de amizade mútua”, trocando presentes, inclusive sete camelos e uma excelente tenda. O sentimento geral entre os francos parece ter sido de que essa diplomacia era equivocada. Dizia-se que o Coração de Leão havia sido enganado pela fachada da generosidade e da boa vontade para que retardasse o avanço sobre Jerusalém – um erro “pelo qual ele foi muito responsabilizado e muito criticado” – e manobrado pelo irmão de Saladino, que “imobilizou o rei abertamente crédulo com sua astúcia”. Esta imagem de Ricardo como peão atordoado, manipulado pelo astucioso agente político al-Adil, não bate com a descrição do Coração de Leão como diplomata em fontes muçulmanas. Na verdade, al-Athir, o cronista de Mossul, elogiou Ricardo abertamente, observando que “o rei (encontrou-se com al-Adil) como forma de um habilidoso estratagema”.

De fato, o rei inglês parece ter sido um negociador capcioso. Um homem diferente teria se sentido travado pela contínua recusa de Saladino de diálogo direto, mas Ricardo procurou transformar este fator em vantagem. Em 9 de novembro enviou ao sultão uma mensagem engenhosa, capitalizando as concessões feitas semanas antes: “Você disse que garantia essas terras costeiras para seu irmão. Quero que você seja o árbitro entre ele e eu para dividir essas terras entre (nós)”. Os cristãos precisariam “de um certo controle sobre Jerusalém”, mas ele queria que “nenhuma crítica recaísse sobre (al-Adil) por parte dos muçulmanos, e nenhuma crítica sobre mim por parte dos francos”. A intenção indireta e sub-reptícia de Ricardo era desviar toda a base das negociações, incentivando Saladino a se achar um árbitro magnânimo, e não um arquioponente. Pelo menos alguns dos conselheiros do sultão “ficaram muito impressionados com esta (atitude)”.⁸⁶

No campo da maquinação diplomática, contudo, Saladino era, no mínimo, igual a Ricardo. Por todo o outono, o sultão estivera em contato com Conrado de Montferrat, um fato que ele não fez nenhum esforço para esconder do Coração de Leão – na verdade, o enviado de Conrado ocasionalmente até “cavalgava com al-Adil, observando os francos enquanto os muçulmanos os engajavam em batalha”, um espetáculo que, acreditava ele, motivou o rei inglês a redobrar seus próprios esforços na negociação. Procurando explorar a rixa entre Ricardo e o marquês, Saladino apelou para uma “exibição de hostilidade aberta para com os francos do além-mar”, prometendo que, se Conrado atacasse Acre, ocupada pelos cruzados, ele seria recompensado com um principado independente incluindo Beirute e Sídon. O sultão manipulou as negociações com Ricardo e Conrado com desenvoltura, chegando a alojar seus respectivos enviados em

partes diferentes de seu acampamento no mesmo dia, sempre objetivando, segundo as palavras de um de seus conselheiros “causar dissensão entre eles”.

Em 11 de novembro, contudo, com os cruzados agora ameaçando Ramla, Saladino se mostrou disposto a negociar com seriedade. Ele reuniu seus conselheiros para debater os méritos relativos de forjar uma trégua com Conrado ou Ricardo. A força do marquês com certeza estava crescendo – ele agora tinha o apoio de boa parte da nobreza do antigo Reino latino –, mas, em última instância, era visto como menos confiável que o Coração de Leão. Em vez disso, o conselho apoiou um acordo com o rei inglês baseado numa divisão equitativa da Palestina que veria al-Adil e Joana casados e “sacerdotes cristãos nos santuários de Jerusalém”. No final, talvez acreditando que tinha encurralado Saladino, Ricardo respondeu a essa oferta significativa com prevaricação. Para que a união fosse permitida, argumentou ele, o papa teria que dar sua bênção, e isso levaria três meses. Enquanto a mensagem estava sendo entregue, o Coração de Leão já estava preparando suas tropas para avançar contra Ramla e para além dela.⁸⁷

OBJETIVO: TOMAR A CIDADE SANTA

No início de novembro de 1191, o trabalho de refortificar a região em torno de Yasur tinha sido terminado. Ricardo deu o próximo passo em direção a Jerusalém em 15 de novembro, levando o exército cruzado para uma posição entre Lydda e Ramla. Saladino retirou-se antes dele, deixando os dois locais – com suas defesas destruídas – para os francos e, nas semanas que se seguiram, retirou-se primeiro para Latrun e, em seguida, por volta de 12 de dezembro, refugiou-se na própria Jerusalém. Embora as forças muçulmanas continuassem a atormentar os latinos durante todo esse período, num certo sentido, pelo menos, o caminho para os portões da Cidade Santa agora estavam abertos.

Mas, mesmo com seus homens apressadamente reconstruindo Ramla, o Coração de Leão teve que enfrentar um novo inimigo: o inverno. Na planície aberta, seu início provocou uma terrível mudança no tempo. Açoitados pela chuva, congelando sob temperaturas que despencavam, os cruzados passaram seis semanas miseráveis estocando comida e armas em Ramla, garantindo a linha de suprimentos até Jafa, antes de prosseguir seu caminho primeiro a Latrun e, então, tentando alcançar a pequena e desmantelada fortaleza perto de Beit Nuba, no sopé das colinas da Judeia, logo depois do Natal. Eles agora estavam a apenas 36 quilômetros de Jerusalém.

As condições do exército naquele dezembro eram aterradoras. Uma testemunha ocular escreveu:

Estava frio e nublado... A chuva e o granizo nos açoitavam, fazendo cair nossos dentes. Perdemos muitos cavalos no Natal e, tanto antes como depois, muitos biscoitos foram perdidos, encharcados de água, muita carne de porco se estragou com as tempestades; as armaduras de escamas enferrujaram de tal modo que mal podiam ser limpas; as roupas apodreciam; as pessoas sofriam de inanição, de modo que estavam muito abatidas.

E, contudo, segundo todos os relatos, o moral entre os soldados rasos estava elevado. Depois de longos meses de luta, em alguns casos anos, agora estavam praticamente com seu objetivo diante dos olhos. “Eles tinham um desejo indescritível de ver a cidade de Jerusalém e completar sua peregrinação”, observou um contemporâneo latino, enquanto um cruzado do exército relembrou: “Ninguém estava zangado ou triste... em todo lugar havia alegria e felicidade e (todos) diziam uns para os outros ‘Meu Deus, agora nós estamos no caminho certo, guiados por vossa graça’”. Um compromisso duradouro com a causa da guerra santa parece tê-los inspirado, mesmo em meio à angústia de uma campanha de inverno. Como seus antepassados cruzados de 1099, estavam prontos, até desesperados, para sitiar a Cidade Sagrada, apesar do risco e da privação envolvidos.⁸⁸

A questão era se o rei Ricardo compartilhava desse fervor. Quando o novo ano de 1192 se iniciou, ele tinha uma decisão crucial a tomar. A cruzada levava quase dois meses para avançar apenas 48 quilômetros em direção a Jerusalém. A linha de comunicação com a costa ainda estava em ação, mas sujeita a ataques muçulmanos quase diários. Montar um cerco da cidade nessas condições, no rigor do meio do inverno, seria uma empresa gigantesca e uma enorme aposta. E, contudo, o grosso do exército latino claramente esperava que se fizesse um ataque.

Por volta de 10 de janeiro, o Coração de Leão convocou um conselho para debater a melhor maneira de agir. A chocante conclusão foi a de que a Terceira Cruzada deveria se retirar de Beit Numa, dando as costas para Jerusalém. Oficialmente, foi um poderoso lobby de templários, hospitalários e barões latinos nativos do Levante que persuadiu Ricardo. Os riscos de empreender um cerco enquanto Saladino ainda possuísse um exército de campo eram grandes demais, argumentaram eles, e, de qualquer modo, faltavam aos francos homens num número adequado para guarnecer a Cidade Santa mesmo se ela, por algum milagre, caísse. “(Estes) sábios não eram da opinião de que deveriam aquiescer aos desejos imprudentes das pessoas comuns (de sitiar Jerusalém)”, lembrou um contemporâneo, e, em vez disso, aconselharam que a expedição “deveria retornar e fortificar Ascalão”, cortando a linha de suprimentos de Saladino entre a Palestina e o Egito. Na verdade, o rei provavelmente tenha chamado como maioria desse conselho homens simpáticos às suas próprias opiniões e sabia muito bem quais seriam as recomendações. Por enquanto, pelo menos, Ricardo não estava com disposição de pôr em risco o destino de toda a guerra santa como decorrência de uma campanha arriscada. No dia 13 de janeiro, ele transmitiu a

ordem de bater em retirada de Beit Nuba.

Esse foi um pronunciamento chocante, mas na pesquisa acadêmica recente a decisão de Ricardo tem sido vista de uma perspectiva positiva. Defendido por autores como John Gillingham, que considerava Ricardo um general astuto cuja tomada de decisões era governada pela realidade militar, e não pela fantasia piedosa, essa opinião sobre o Coração de Leão tem sido amplamente aceita, louvando-o por sua cautela estratégica. Hans Mayer, por exemplo, concluiu que “em vista da tática de Saladino, (a decisão de Ricardo) foi acertada”.⁸⁹

A verdade sobre essa questão nunca será conhecida. Uma testemunha cruzada mais tarde concluiu que os francos perderam uma enorme oportunidade de capturar Jerusalém porque não levaram em consideração “a aflição, o sofrimento e a fraqueza” das forças muçulmanas que guarneciam a cidade, e, até certo ponto, ela estava certa. Lutando por manter suas tropas exaustas em campo, Saladino havia sido forçado a debandar a maioria de seu exército depois de 12 de dezembro, deixando a Cidade Sagrada perigosamente pouco guardada.

Passaram-se dez dias antes que Abu'l Haija, o Gordo, chegasse com reforços egípcios. Durante todo esse período, um movimento decisivo e determinado de realizar um assalto a Jerusalém poderia ter derrubado a vontade de Saladino, fraturando seu já frágil controle da aliança muçulmana e mergulhando no caos o Oriente Próximo islâmico. Na média, contudo, Ricardo provavelmente estivesse certo em abrir mão dessa aposta imensa.

Mesmo assim, o Coração de Leão não escaparia da reprovação por sua conduta nessa fase da cruzada. Até hoje os historiadores têm ignorado uma característica fundamental de suas tomadas de decisão. Se em janeiro de 1192 era tão óbvio para os conselheiros militares de Ricardo, e provavelmente para o próprio rei, que a Cidade Santa era inconquistável e inatingível, por que essa mesma realidade não ficara aparente meses antes, antes mesmo de a cruzada deixar Jafa? O rei – o suposto mestre da ciência militar – com certeza teria reconhecido em outubro de 1191 que Jerusalém era um alvo militar quase impossível, que nunca poderia ser conservado. Escrevendo no início do século XIII, Ibn al-Athir tentou recompor o pensamento do Coração de Leão em Beit Nuba. Ele idealizou uma cena em que Ricardo pediu para ver um mapa da Cidade Santa; depois de se sentir conhecedor de sua topografia, o rei supostamente concluiu que Jerusalém não poderia ser tomada enquanto Saladino ainda comandasse um exército de campo. Mas isso é pouco mais que uma reconstrução imaginativa. O caráter e a

experiência de Ricardo sugerem que ele teria cuidadosamente montado o quadro mais completo possível de inteligência estratégica antes de montar o avanço a partir de Jafa.

O Coração de Leão provavelmente pôs o pé na estrada para Jerusalém no final de outubro de 1191 com pouca ou nenhuma intenção de realmente efetuar um ataque à cidade. Isso significa que seu avanço foi efetivamente uma simulação – o componente militar de uma ofensiva combinada em que uma demonstração de agressão militar aumentaria o intenso contato diplomático. Ricardo, naquele outono e inverno, procurou testar a resolução e os recursos de Saladino, mas esteve sempre disposto a retroceder da borda da situação se uma oportunidade clara de vitória não se materializasse. Em tudo isto, o rei agiu segundo os melhores preceitos medievais de comando militar, mas não levou em conta a natureza distinta da guerra de cruzada.

O impacto da retirada sobre o moral dos cristãos e as perspectivas gerais da cruzada foi catastrófico. Até Ambrósio, o feroz apoiador do Coração de Leão, reconheceu que:

(Quando) se percebeu que o exército devia retornar (não vamos chamar isso de retirada), então o exército, que estivera tão ansioso em seu avanço, ficou tão desanimado, que, desde quando Deus criou o tempo, não se viu um exército tão abatido e tão deprimido... Nada restou da alegria que eles tinham quando estavam para ir ao (Santo) Sepulcro... Todos amaldiçoaram o dia em que haviam nascido.

Agora uma turba desalinhada e assombrada, o exército se arrastou de volta para Ramla. Dali, a depressão e a desilusão dividiram a expedição. Hugo de Borgonha e muitos dos francos a abandonaram. Alguns voltaram a Jafa, outros para Acre, onde havia abundância de comida e prazeres materiais. Ricardo ficou para comandar uma força severamente enfraquecida em direção a Ascalão, a sudoeste.⁹⁰

REAGRUPANDO-SE

O Coração de Leão chegou ao porto arruinado em 20 de janeiro de 1192, debaixo de uma terrível tempestade que abateu ainda mais o moral da tropa. Enquanto os cruzados lutavam por aceitar sua retirada de Jerusalém, Ricardo fez o que pôde para se recuperar do primeiro fracasso real de sua campanha. Ele colocou as tropas remanescentes para reconstruir Ascalão, determinado a resgatar algo daquele lúgubre inverno fazendo um avanço prático e visível na costa. Henrique de Champagne havia permanecido leal a seu tio e emprestou-lhe ajuda para o projeto, mas refortificar uma cidade tão devastada era um trabalho hercúleo – uma tarefa que, em última instância, exigiria cinco meses de trabalho duro e custaria uma fortuna a Ricardo.

No final de fevereiro, uma crise irrompeu no norte da Palestina – e revelou divisões duradouras entre os francos. Embora a guerra pela Terra Santa estivesse longe de terminada, os latinos começaram a lutar abertamente pelo controle de Acre. Marinheiros genoveses tentaram assumir o controle da cidade, provavelmente com a conivência de Conrado de Montferrat e Hugo de Borgonha, e foi só com a resistência ferrenha dos aliados de Ricardo provenientes de Pisa que se impediu que o porto fosse unido a Tiro. Enfurecido pelo que viu como um deslavado ato de traição, Ricardo viajou ao norte para parlamentar com Conrado, e os dois se encontraram a meio caminho entre Acre e Tiro. “Longas discussões” foram aparentemente realizadas, mas nenhum acordo duradouro pôde ser arquitetado, e o marquês voltou para Tiro.⁹¹

A fortuna militar de Ricardo havia sofrido um revés nas colinas da Judeia, e agora, na costa norte, seu talento para a diplomacia de pés no chão também pareceu desertá-lo. Frustrado por não ter colocado Conrado em submissão, o Coração de Leão imediatamente instituiu uma assembleia e fez com que o marquês fosse oficialmente privado da partilha dos ganhos do reino de Jerusalém a ele acordada no verão de 1191. Na verdade, porém, este foi pouco mais que um gesto vazio. Conrado tinha duas vantagens reveladoras: um inatacável centro de poder em Tiro e um crescente grupo de apoio entre os remanescentes barões francos do Ultramar, como Balian de Ibelin. O marquês pode ter sido um oportunista desonesto que só pensava nele mesmo, disposto a negociar com

Saladino contra os interesses da cruzada, mas seu casamento com Isabela de Jerusalém deu-lhe o direito a reclamar o trono. Ele também tinha se mostrado um líder mais forte que Guy de Lusignan (seu rival pela coroa do Reino latino) e, ao contrário de Ricardo, mostrava todos os sinais de estar comprometido com uma carreira permanente no Levante. Naquele fevereiro, o Coração de Leão preferiu ignorar o óbvio, mas acabou por reconhecer a realidade incômoda. Conrado não podia ser nem vencido nem dobrado e, portanto, teria que ser acomodado em algum posto político e militar duradouro do Oriente Próximo.

Por essa época, os canais de negociação entre Ricardo e Saladino foram reabertos. O sultão, mais uma vez, foi representado por seu irmão al-Adil, enquanto Hunfredo de Toron falou em favor do Coração de Leão. As reuniões foram realizadas perto de Acre no final de março e, num certo ponto, pareceu que os termos – incluindo uma partilha de Jerusalém – poderiam realmente ser acordados. No início de abril, contudo, Ricardo interrompeu o diálogo e velejou para o sul para passar a Páscoa em Ascalão. O motivo dessa súbita mudança de política é incerto, mas é provável que o rei tivesse ouvido rumores de que os exércitos exauridos de Saladino estavam mostrando sinais de insubordinação e que o sultão também estava enfrentando uma insurreição muçulmana na Mesopotâmia. Aproveitando-se dessa possível vulnerabilidade, Ricardo parece ter se convencido de que agora não precisava concordar com mais nada além dos termos mais vantajosos. Uma vez de volta a Ascalão, começou a se preparar para lançar uma nova ofensiva.

CRISE E TRANSFORMAÇÃO

Em 15 de abril de 1192, Roberto, prior de Hereford, chegou a Ascalão depois de velejar da Europa para o Oriente. Ele trazia notícias que arruinaram todos os planos de Ricardo. Guilherme de Longchamp, assistente e representante do rei, havia sido exilado da Inglaterra pelo príncipe João, e o ambicioso irmão de Ricardo agora estava tratando de incrementar seu poder no reino. Depois de dez meses de cruzada na Terra Santa, isso foi um forte lembrete dos deveres e obrigações de Ricardo como monarca do reino angevino. O Coração de Leão reconheceu imediatamente que, com a crise aumentando no Ocidente, não deveria permanecer no Levante; mas ele tampouco desejava abandonar a cruzada e voltar para casa como fracassado. Ricardo parece ter julgado que tinha tempo para dedicar mais uma temporada de lutas pela causa da cruz. Mas para levar a guerra palestina a uma conclusão rápida e bem-sucedida, precisaria unificar as disparatadas forças latinas espalhadas pela Terra Santa.

Reconciliado com o consenso, o Coração de Leão convocou um conselho de nobres cruzados em 16 de abril. Ele anunciou que, à luz dos eventos na Inglaterra, logo poderia ter que partir e instruiu a assembleia a resolver a questão da coroa de Jerusalém. Uma decisão unânime foi alcançada, quase com a tácita e certa aprovação de Ricardo, para oferecer o reino a Conrado de Montferrat. Guy de Lusignan, por seu lado, deveria ser compensado satisfatoriamente pela perda de seu status – Ricardo providenciou que os templários vendessem a Guy a ilha de Chipre por 40 mil besantes, um golpe que permitiu que a dinastia Lusignan estabelecesse uma poderosa e duradoura autoridade no Mediterrâneo Oriental. Henrique de Champagne foi despachado de navio para Tiro a fim de informar o marquês de sua súbita promoção e, o que era mais importante, persuadi-lo a unir suas forças, mais as de Hugo de Borgonha, ao exército cruzado reunido em Ascalão, para que a guerra santa pudesse ser travada.

Em pouquíssimos dias, Conrado recebeu as notícias e ficou totalmente extasiado. Depois de meses de espera nas coxias, sempre procedendo com cuidado e astúcia, seus sonhos de construir um caminho para o poder real tinham se realizado. A despeito de sua antiga intransigência e hesitação, o marquês iniciou imediatamente os preparativos para uma campanha militar. Sem que Ricardo e

os francos soubessem, também enviou uma mensagem urgente a Saladino, explicando que um acordo inesperado tinha sido alcançado entre os latinos, e ameaçando que, a menos que Saladino finalizasse “um acordo (com Conrado) nos próximos dias”, um confronto em escala total se seguiria. Segundo testemunhas muçulmanas da corte do sultão, Saladino levou essa possibilidade tremendamente a sério. Ameaçado por uma iminente agitação social na Mesopotâmia, “o sultão acreditou... que o melhor plano era acertar a paz com o marquês”, e no dia 24 de abril despachou um enviado para Tiro para finalizar os termos. Nos últimos dias de abril de 1192, o rei Ricardo e Saladino acreditavam que tinham descoberto maneiras de concluir a guerra pela Terra Santa: um, por meio da batalha renovada; o outro, por meio da paz. Os planos de ambos estavam centrados em Conrado de Montferrat.⁹²

Na tarde de 28 de abril, Conrado viajou para a residência do cruzado franco Filipe, bispo de Beauvais, em Tiro, para jantar. Os dois pareciam ter estabelecido uma amizade ao longo da cruzada, e Conrado estava num estado de espírito relaxado e celebratório. Voltando para casa através da cidade tarde da noite, protegido por dois guardas, o marquês passou pelo prédio do Câmbio e entrou numa rua estreita.

(Lá) dois homens estavam sentados em cada lado da rua. À medida que (Conrado) se pôs no meio deles, eles se levantaram para encontrá-lo. Um deles se aproximou e mostrou-lhe uma carta; o marquês estendeu a mão para apanhá-la. O homem sacou uma faca e a enterrou em seu corpo. O outro homem, que estava do outro lado, pulou em seu cavalo por trás e o apunhalou de lado, e ele caiu morto.

Descobriu-se posteriormente que os dois atacantes de Conrado eram membros da ordem dos Assassinos, enviados por Sinan, o Velho da Montanha. Um deles foi decapitado imediatamente; o outro foi capturado, interrogado e, em seguida, arrastado pelas ruas até morrer. Mas, embora sua ligação com os Assassinos tivesse sido estabelecida, o mandante original do ataque permaneceu incerto. Hugo de Borgonha e os franceses de Tiro espalharam o boato de que o rei Ricardo havia encomendado o assassinato, enquanto em algumas partes do mundo muçulmano dizia-se que Saladino estava envolvido. Dados os

acontecimentos recentes, contudo, nenhum dos dois governantes na verdade teria muito a ganhar com a morte de Conrado. Neste caso, a verdade é impossível de ser determinada – Sinan pode até ter agido independentemente para eliminar o marquês, por considerá-lo uma ameaça de longo prazo ao equilíbrio de poder no Levante.⁹³

A situação política entre os latinos estava em desarranjo. Hugo de Borgonha tentou assumir o controle de Tiro, mas parece ter sido frustrado por Isabela, a viúva de Conrado, herdeira do reino de Jerusalém. Com a ameaça de outra luta interna, um novo acordo foi rapidamente arranjado. O conde Henrique de Champagne foi escolhido como candidato de consenso – pois como sobrinho do rei Ricardo e de Filipe Augusto, representava os interesses de angevinos e capetíngios – e em uma semana casaram-no com Isabela e ele foi eleito monarca titular da Palestina franca.

A extensão exata do envolvimento do Coração de Leão no engendramento dessa rápida solução não fica clara. De modo geral, contudo, a nova ordem adequava-se a seus interesses e aos da Terceira Cruzada. A indicação de Henrique de Champagne finalmente uniu todos os exércitos latinos da Palestina – dos francos nativos do Ultramar às tropas francesas de Hugo de Borgonha e as forças angevinas de Ricardo. Dada a recente história de aliança, também havia uma boa chance de os dois conseguirem cooperar de maneira efetiva.

Durante o mês de maio de 1192, o Coração de Leão tratou de reforçar sua presença no sul da Palestina, conquistando a fortaleza de Darun do controle dos muçulmanos, enquanto o trabalho de refazer as fortificações de Ascalão se aproximava do fim e o conde Henrique e o duque Hugo reuniam exércitos ao norte. Com o moral cristão revigorado, o palco parecia estar pronto para o início de uma campanha decisiva – embora, dada a recente expansão de Ricardo pela costa sul em direção ao Egito, o objetivo de qualquer aventura ainda pudesse estar sujeito ao debate.

Em 29 de maio, contudo, outro mensageiro angevino chegou da Europa com um despacho confirmando os piores temores do Coração de Leão. Desde que seu rival Filipe Augusto, da França, havia deixado a cruzada em meados do verão de 1191, Ricardo estivera profundamente preocupado com a possibilidade de os capetíngios ameaçarem o território angevino em sua ausência. Ele agora soube que o rei Filipe havia feito contato com o príncipe João, e que, juntos, os dois estavam tramando algo. O enviado advertiu que, a menos que alguma coisa fosse

feita “(para deter) essa abominável traição, havia o perigo de que, muito em breve, a Inglaterra escaparia da autoridade de Ricardo”. Dizem que o Coração de Leão ficou “perturbado a ouvir essa notícia e... se sentou por um longo tempo em silêncio, revolvendo as coisas em sua mente e pesando o que deveria ser feito”. Em abril, ele havia resolvido permanecer na Terra Santa, mas essa última notícia grave do Ocidente reabriu a questão. Segundo seu apoiador Ambrósio, Ricardo ficou “melancólico, abatido e entristecido... com o pensamento confuso”.⁹⁴ O grande guerreiro da cristandade havia atingido o momento crítico de decisão – ele continuaria a lutar como cruzado, ou atenderia o chamado de seu reino angevino e voltaria a ele como rei?

18. RESOLUÇÃO

Com a aproximação do verão de 1191, Saladino começou a reunir seus exércitos, preparando o Islã para uma renovada ofensiva contra os cristãos. Nos tempos anteriores, o sultão havia enfrentado uma série de reveses desastrosos. Havia observado em impotente humilhação a queda de Acre em 12 de julho de 1191, e então sofrera o choque da execução a sangue frio da guarnição muçulmana da cidade pelo rei Ricardo em 20 de agosto. Todos os esforços para deter a marcha do Coração de Leão para o sul, a partir de Jafa, haviam fracassado e, em 7 de setembro, em Arsuf, os exércitos de Saladino haviam sido afugentados do campo de batalha. Forçado a reconsiderar sua estratégia, o sultão partiu para a defensiva, demolindo as fortalezas ao sul da Palestina, seguindo o avanço dos cruzados para o interior, embora, no final, tivesse que se confinar em Jerusalém por volta de 12 de dezembro, para lá aguardar o ataque.

Desde a glória de suas vitórias em Hattin e na Cidade Santa em 1187, Saladino havia permanecido resoluto em seu compromisso com a jihad – com sua dedicação tendo aumentado. Mas ainda assim, ele foi gradativamente perdendo a iniciativa para os francos. Debilitado pela doença recorrente, paralisado pelo abatimento do moral e pela exaustão física de suas tropas, o sultão fora lentamente levado para a beira da derrota. Então, em 12 de janeiro de 1192, os cruzados bateram em retirada de Beit Nuba, oferecendo ao Islã um novo alento de esperança e presenteando Saladino com a oportunidade de se reagrupar e recuperar.

A ESTRATÉGIA AIÚBIDA NO INÍCIO DE 1192

Tendo sobrevivido ao avanço cristão sobre Jerusalém, Saladino avaliou sua posição nos primeiros meses de 1192. O reino aiúbida estava num preocupante estado de ruína. Depois de anos negligenciando o gerenciamento de seu tesouro, os recursos financeiros do sultão eram na realidade superestimados, e sem um pronto suprimento de dinheiro ele lutava para pagar os homens e os materiais necessários para a guerra. A continuada prosperidade do Egito oferecia uma corda de salvação, mas a reocupação de Ascalão por Ricardo impunha uma ameaça considerável às comunicações entre a Síria e a região do Nilo.

Estes contratempos econômicos estavam ligados a uma segunda preocupação: a diminuída disponibilidade e a evanescente lealdade de seus exércitos. Durante a quase constante campanha dos quatro anos precedentes, Saladino havia feito enormes solicitações de tropas provenientes de seus domínios no Egito, na Síria e em Jazira. Da mesma forma, ele havia solicitado demais de seus aliados na Mesopotâmia e Diar Baquir. Era um testemunho do notável carisma de Saladino como líder, da eficiência de sua propaganda política e religiosa e do apelo devocional da jihad que até rivais potenciais como o zênghuida Izz al-Din, de Mossul, e Imad al-Din Zengui, de Sinjar, continuassem a honrar seus compromissos com a guerra santa, respondendo aos chamados às armas do sultão aiúbida. Mas essas solicitações não podiam ser atendidas indefinidamente. Se o conflito na Palestina prosseguia intenso, seria apenas uma questão de tempo antes que os laços de lealdade e propósito comum que uniam o mundo muçulmano comesçassem a se romper. Foi por isso que Saladino assumiu o risco de debandar seu exército em dezembro de 1192.

Para o desencanto do sultão, esses muitos problemas eram provocados pelas primeiras centelhas de deslealdade dentro de sua própria família. Já em março de 1191, Saladino havia permitido que seu sobrinho Taqi al-Din, de sua confiança e homem capaz, tomasse posse de uma parcela do território da Jazira, a leste do Eufrates, que incluía as cidades de Edessa e Harã. Em novembro desse mesmo ano, no meio do avanço latino contra a Cidade Santa, o sultão ficou profundamente entristecido pela notícia da morte de Taqi al-Din devido a uma doença. No início de 1192, contudo, al-Mansur Muhammad, o filho adulto de

Taqi al-Din, começou a exhibir o que um dos auxiliares de Saladino descreveu como “sinais de rebelião”. Temendo que pudesse ser privado de parte da herança, al-Mansur começou a bajular seu tio-avô, o sultão, para confirmar seus direitos às terras da Jazira ou garantir outro território na Síria. Essa aproximação com o tio implicava uma ameaça evidente de que, em caso de frustração, al-Mansur incitaria uma insurreição contra o poder aiúbida no nordeste do reino.

Saladino ficou apavorado com essa falta de fidelidade de um membro de sua própria linhagem de sangue, e seu humor não melhorou quando al-Mansur tentou usar al-Adil como mediador – na verdade, a tática de conivência aparentemente deixou o sultão “tomado pela ira”. O assunto revelou-se uma distração problemática, que ribombou até o início do verão de 1192. Saladino inicialmente respondeu enviando seu filho mais velho al-Afdal para subjugar a Jazira em abril, dando-lhe o poder de pedir mais ajuda a seu irmão al-Zahir em Aleppo, se necessário. No final de maio, contudo, o sultão acedeu. Al-Adil pareceu ter aplicado uma certa pressão como árbitro, e o emir Abu'l Haija também advogou criticamente em favor da leniência durante uma assembleia reunida para discutir o caso, observando que não era possível lutar contra irmãos muçulmanos e “infiéis” ao mesmo tempo. Saladino garantiu as terras de al-Mansur ao norte da Síria e garantiu direitos a al-Adil sobre Harã e Edessa. Contudo, essa reconciliação um tanto abrupta provocou certa discordância por parte de al-Afdal. Enraivecido pela hesitação do pai e pela decisão de recompensar al-Adil, al-Afdal mostrou uma notável relutância em voltar à Palestina, permanecendo primeiro em Aleppo e depois em Damasco, privando Saladino de guerreiros.⁹⁵

No início de 1192, o sultão enfrentou a insegurança financeira, diminuição de tropas e rebeliões. Não é de surpreender que ele tenha aprimorado sua abordagem da guerra santa. Durante o outono anterior, ele havia adotado uma estratégia mais defensiva, evitando confrontos decisivos com os francos, mas ainda mantendo um contato relativamente estreito com o inimigo. A partir da primavera de 1192, o sultão retirou quase todos os seus soldados do campo de batalha. Impedindo escaramuças ocasionais e ataques oportunistas, os exércitos aiúbidas mantiveram-se em posições defensivas por toda a extensão da Palestina, esperando repelir qualquer ataque cristão. Numa atitude relacionada a essa, Saladino instituiu um amplo programa de trabalho para reforçar suas principais fortalezas e as muralhas de Jerusalém.

Esses preparativos refletiam uma mudança fundamental de atitude. Em 1192

Saladino evidentemente concluiu que não mais podia esperar, de maneira realista, conseguir a vitória plena contra a Terceira Cruzada. Essa conclusão levou-o a retomar o processo diplomático – estabelecendo o diálogo com Ricardo I e Conrado de Montferrat. Ela também forçou o sultão a reavaliar sua posição de negociador. Um acordo baseado numa divisão da Terra Santa, em que os latinos teriam o controle de uma faixa costeira do território, agora parecia aceitável. Contudo, Saladino ainda tinha duas firmes exigências: o Islã devia conservar o domínio de Jerusalém; e Ascalão, o portão para o Egito, devia ser abandonado.

A predominante estratégia de defesa e diplomacia de Saladino agora se apoiava em um único objetivo: sobreviver à Terceira Cruzada. Ele sabia que os cristãos latinos que tinham vindo do Ocidente aos milhares para lutar uma guerra de reconquista um dia voltariam para suas casas. O rei Ricardo, em particular, não podia se dar ao luxo de ficar no Levante indefinidamente. O objetivo de Saladino era suportar a tormenta: limitar suas baixas onde fosse possível, evitar o confronto decisivo a todo custo; mas levar a guerra palestina a uma conclusão rápida, antes que a máquina de guerra aiúbida entrasse em colapso. Então, depois que os cruzados velejassem de volta às praias ocidentais, o sultão poderia se voltar aos pensamentos de recuperação e reconquista.

O SEGUNDO AVANÇO DOS CRUZADOS

CONTRA JERUSALÉM

Saladino fez o que pôde para se preparar para um ataque contra Jerusalém ou Egito. No final de maio e início de junho de 1192, tropas de todo o Oriente Médio começaram a se reunir na Cidade Santa. O sultão também organizou alguns grupos de batedores, um deles sob o comando de Abu'l Haija, para monitorar os movimentos dos francos, que agora tinham sua base na região de Ascalão.

Indecisão

Em 6 de junho Saladino recebeu um alarme urgente de que os cruzados estavam marchando em massa, a partir de Ascalão, na direção nordeste – um movimento que obviamente anunciava um avanço contra Jerusalém. Parecia que Ricardo e os latinos tinham resolvido fazer uma segunda tentativa para cercar e capturar a Cidade Santa. De fato, Ricardo tinha passado os primeiros dias de junho num torturado estado de indecisão. Muito abalado pela perspectiva de uma aliança na Europa entre seu ganancioso irmão e Filipe Augusto, o Coração de Leão estava dividido entre retornar ao Ocidente e permanecer no Levante para cumprir seu voto de cruzado. O dilema do rei inglês também envolvia a espinhosa questão de Jerusalém, mas Ricardo ainda considerava que a cidade era um alvo não realista. Em alguns aspectos, os francos estavam em melhor situação para uma campanha no interior que seis meses antes. Agora unidos, eles podiam contar com um tempo estável de verão e usar uma rede de fortificações reconstruídas estabelecida no final de 1191. Mas, em todos os outros aspectos, a proposição não havia mudado – o desafio permanecia quase insuperável, com riscos imensos. Mesmo se, por algum milagre, o ataque fosse bem-sucedido, Jerusalém seria quase impossível de conservar. Ricardo, portanto, preferia um ataque ao Egito: um golpe que ameaçaria as próprias bases do Império Aiúbida, e também forçar Saladino a concordar com uma paz nos termos estabelecidos pelo Coração de Leão. Em termos militares, o plano de Ricardo fazia sentido, mas ignorava a dimensão de impulso devocional da guerra de cruzada. Se o rei pressionasse por sua estratégia – conquistando os corações e mentes dos cristãos, persuadindo os francos de que o caminho para a vitória final passava pelo Nilo –, ele não poderia recorrer a nenhum dos equívocos presenciados no outono e inverno de 1191. Ele teria que oferecer uma liderança clara e convincente, comandando com visão inabalável e força de vontade.

Em vez disso, depois de 29 de maio, Ricardo vacilou, retirando-se para uma contemplação privada para ruminar suas opções e estratégias. E, enquanto fazia isso, os eventos começaram a sobrepujá-lo. A opinião corrente no exército cruzado estava se cristalizando. Na ausência do Coração de Leão, um grupo de nobres latinos, presumivelmente comandado por Hugo de Borgonha, realizou um conselho em 31 de maio e decidiu marchar sobre Jerusalém com ou sem o

monarca angevino. A notícia dessa deliberação vazou, provavelmente de propósito, espalhando-se de imediato pelo exército e provocando uma reação “selvagememente alegre” que fez as tropas dançarem até depois da meia-noite.

Até o mais ardente defensor de Ricardo, Ambrósio, admitiu que o rei ficou paralisado a essas alturas, afirmando que ele “não ficou nem um pouco feliz, mas prostrado, muito aborrecido com as notícias que tinha acabado de ouvir”, acrescentando que “ele continuamente ponderava (os acontecimentos na Inglaterra) em sua tenda e se entregava a essa ponderação”. Enquanto o Coração de Leão vacilava e os dias se passavam, uma potente onda de entusiasmo varreu o acampamento, com um pensamento em seu bojo: o chamado de Jerusalém. Segundo Ambrósio, Ricardo experimentou uma forma de epifania espiritual no dia 4 de junho, tendo lutado com sua consciência. Como resultado, o rei abruptamente proclamou que “ficaria na (Terra Santa) até a Páscoa (1193) sem voltar e que todos se preparassem (para lançar o cerco) a Jerusalém”. Talvez o Coração de Leão realmente tenha tido uma forte mudança de determinação, mas é muito mais provável que, diante da crescente pressão pública, ele tenha se inclinado diante do sentimento popular. Ele certamente parece ter tido, até então, ambições por uma campanha egípcia e continuava a ter profundas dúvidas quanto à viabilidade de um assalto à Cidade Santa. Não obstante, concordou em avançar pela Judeia. Essa capitulação assinalava, pelo menos de momento, que Ricardo havia perdido o controle da Terceira Cruzada. Assim, mesmo com Saladino interpretando a mobilização franca como sinal de consenso de um novo intento em 6 de junho, graves fissuras estavam começando a aparecer na estrutura do comando cristão.⁹⁶

A ameaça apresentada

Uma vez iniciada, a marcha dos cruzados para Jerusalém avançou com notável rapidez. Em 9 de junho, os francos tinham chegado em Latrun e, no dia seguinte, continuaram para Beit Nuba. No outono de 1191, os cristãos tinham levado meses para chegar a esse mesmo ponto. Agora, depois de apenas cinco dias, mais uma vez eles estavam a uma surpreendente distância da Cidade Santa, a meros dezenove quilômetros de suas santificadas muralhas. Saladino ordenou aos grupos de ataque muçulmanos que dificultassem a quase constante corrente de comboios latinos de suprimentos que entrava pelo interior a partir de Jafa, mas, com exceção de assaltos intermitentes, não fez nenhuma tentativa séria de ameaçar o principal campo avançado dos cruzados em Beit Nuba. Em vez disso, o sultão começou a posicionar suas tropas dentro de Jerusalém antes do ataque iminente.

Depois do primeiro ímpeto de movimento, contudo, a ofensiva franca parecia ter estagnado. Na verdade, esse atraso foi inicialmente causado pela decisão dos latinos de esperar que Henrique de Champagne trouxesse mais reforços de Acre. Mas, à medida que os dias passavam, as profundas divisões entre os cruzados que haviam permanecido submersas em Ascalão começaram a aflorar, e os francos logo estavam travados num furioso debate sobre estratégia e liderança.

Em 20 de junho, os batedores de Saladino informaram que um grande contingente de cruzados tinha saído de Beit Nuba. Isso levantou suspeitas no sultão, pois naquele mesmo momento ele estava esperando a iminente chegada de uma enorme caravana de suprimentos do Egito. Preocupado com que os francos pudessem tentar interceptar essa coluna e se apropriar dos recursos vitais que ela continha, Saladino imediatamente despachou tropas para advertir o comboio muçulmano. Os dois grupos aiúbidas se reuniram com sucesso e avançaram cuidadosamente para o interior em direção a Hebron, quando, pouco depois do romper da aurora do dia 24 de junho, Ricardo I lançou um ataque intenso. Como Saladino temera, o Coração de Leão tinha sido alertado dos movimentos da caravana por um de seus espiões e, animado pela perspectiva de uma rica pilhagem, imediatamente correu em direção sul. O rei angevino passou três dias seguindo a pista da caravana por meio de sua rede de informantes locais

e então lançou um preciso ataque surpresa. Depois de uma violenta luta, os latinos prevaleceram. O grosso da escolta muçulmana escapou, mas deixou para trás um verdadeiro amontoado de espólio: mercadorias preciosas, incluindo especiarias, ouro, prata e sedas; armas e armaduras; tendas; suprimentos de alimento, inclusive biscoitos, trigo, farinha, pimenta, açúcar e canela; além de “um grande número de bebidas alcoólicas e remédios”. E, o que talvez tenha sido mais significativo, os cristãos também tomaram posse, literalmente, de milhares de camelos, dromedários, cavalos, mulas e asnos.

As notícias do desastre causaram um verdadeiro alarme em Jerusalém. Saladino não só havia perdido uma pletora de suprimentos muito necessários – que agora favoreceriam o inimigo –, como também reconhecia que os latinos podiam usar o influxo de animais de carga para levar mais recursos para o interior a partir de Jafa. Quando a força expedicionária cruzada voltou a Beit Nuba em 29 de junho, o sultão começou “a preparar os meios para suportar um cerco”. Baha al-Din, que então estava na Cidade Santa, registrou que seu mestre “começou a envenenar as fontes de água fora de Jerusalém, destruindo os poços e cisterna, de modo que não restasse água potável em torno de Jerusalém”, acrescentando que o sultão também “reuniu tropas de todo seus rincões e terras”.⁹⁷

A escolha

Nos primeiros dias de julho de 1192, parecia não haver dúvida na mente de Saladino de que os francos estavam para iniciar seu assalto final contra Jerusalém. O momento do confronto decisivo – a crise que ele tanto quisera evitar – estava diante dele. No dia 2 de julho, uma quinta-feira, o sultão reuniu seus emires mais confiáveis para discutir um plano de ação. A reunião teve um caráter solene e de rostos fechados, com Saladino cercado pelos comandantes e conselheiros que o haviam servido durante longos anos de guerra e conquista. Abu'l Haija, o Gordo, estava lá, embora sua lendária corpulência agora tivesse atingido tal estado que ele tinha dificuldade para caminhar e precisava de “um banquinho para se sentar quando estava na presença do sultão”.

Baha al-Din também estava presente, e, de acordo com seu relato, Saladino tratou de instilar um sentimento de total determinação entre seus lugares-tenentes, lembrando-os repetidamente de seus deveres e responsabilidades: “Saibam hoje que vocês são o exército do Islã e seu baluarte... Só vocês, entre os muçulmanos, podem enfrentar o inimigo, (e) os muçulmanos de todas as terras dependem de vocês”. Em resposta, os emires afirmaram sua disposição de lutar até a morte por Saladino, seu senhor e mestre, e afirmaram que o coração do sultão ficou “muito alegre”.

Ainda naquele dia, contudo, depois de a reunião ter se dissolvido, Saladino recebeu uma missiva particular de Abu'l Haija advertindo-o de que, sob a aparência de lealdade e união, a insurreição estava fermentando. Muitos, dentro do exército, opunham-se a “preparar(-se) para um cerco, temerosos de que a catástrofe de Acre pudesse se repetir”. Também havia o perigo real de que o longo ressentimento entre os curdos e turcos do exército de Saladino pudesse se transformar em conflito aberto. O conselho de Abu'l Haija era de que o sultão tirasse o grosso de seus exércitos da Cidade Santa enquanto ele ainda tinha essa oportunidade, deixando para trás apenas uma guarnição simbólica.

Naquela noite, o sultão convocou Baha al-Din e revelou o conteúdo da mensagem de Abu'l Haija. Baha al-Din lembrou que “Saladino sentia uma preocupação por Jerusalém que poderia mover montanhas e que ele estava

angustiado devido a essa mensagem. Eu fiquei em vigília com ele naquela noite, uma noite inteiramente gasta com as preocupações da guerra santa”. Quando a aurora se aproximava, Saladino finalmente decidiu, com o coração pesado, deixar Jerusalém – “ele havia sido tentado a ficar pessoalmente, mas então seu bom senso rejeitou essa ideia devido ao risco para o Islã que ela envolvia”. A escolha havia sido feita; pela manhã, no dia 3 de julho, uma sexta-feira, as preparações para o êxodo tiveram início. Saladino aproveitou a oportunidade para visitar o al-Haram al-Sharif,^b e lá comandar uma última oração de sexta-feira na sagrada mesquita de Al-Aqsa, onde cerca de quatro anos antes ele havia supervisionado a instalação do glorioso púlpito triunfante de Nur al-Din. Baha al-Din escreveu: “Eu vi o sultão se prostrar e dizer algumas palavras, enquanto suas lágrimas tombavam sobre o tapete de oração”.

Mas, então, à medida que a noite se aproximava, surpreendentes e inesperadas notícias chegaram – notícias que mudaram os planos de Saladino e reformularam toda a guerra pela Terra Santa. Jurdik, o emir sírio no comando da guarda avançada aiúbida, informou que os francos estavam num evidente estado de confusão. Sua mensagem descreveu como, naquele dia, “o inimigo aumentado estava a cavalo no campo e, então, voltou para suas tendas”, acrescentando que “enviamos espiões para descobrir o que eles pretendem”. Na manhã seguinte, 4 de julho de 1192, cinco anos depois da Batalha de Hattin, os exércitos da Terceira Cruzada levantaram acampamento, deram as costas para Jerusalém e começaram a bater em retirada em direção a Ramla. Em meio a grande “prazer e alegria”, ficou claro que a Cidade Santa tinha sido salva.⁹⁸

O fracasso franco

A partida dos cruzados deixou os muçulmanos num estado de alegre descrença. O que teria causado essa súbita reviravolta? Os agentes de Jurdik só conseguiram estabelecer uma versão confusa dos eventos, registrando uma disputa entre Ricardo e os francos. De fato, as sementes da retirada franca já haviam sido lançadas em Ascalão, quando Ricardo perdeu o controle dos cruzados e aceitou as exigências populares de um segundo avanço para o interior. Quando a expedição alcançou Beit Nuba em 10 de junho, logo ficou evidente que o Coração de Leão não tinha nenhuma real intenção de sitiar Jerusalém, embora os francos estivessem determinados a tentar um ataque. Em 17 de junho, os líderes cruzados se reuniram para debater a questão. Até duas fontes cristãs, de testemunhas oculares, que tendiam totalmente em favor de Ricardo I, admitiram francamente que o rei se opunha de maneira feroz a qualquer novo avanço. O Coração de Leão aparentemente apresentou três argumentos convincentes de que o cerco não era realista; a vulnerabilidade da linha de suprimentos latina até a costa; a enorme proporção das defesas da Cidade Santa; e o acesso de Saladino a detalhes com relação ao poderio e os movimentos dos cristãos. O rei também afirmou sem rodeio que não tinha absolutamente vontade alguma de levar os exércitos cruzados à “terrível desgraça” pela qual ele seria “para sempre responsabilizado, execrado e menos amado”. Essa notável admissão sugere que Ricardo não estava simplesmente considerando os grandes interesses dos cruzados, mas era movido basicamente pelas preocupações com sua própria reputação. O rei tinha obviamente formulado essa opinião quando ainda estava em Ascalão, pois agora advogava uma mudança de estratégia, recomendando que os latinos se comprometessem imediatamente com uma campanha no Egito – convenientemente, ele já tinha uma frota aguardando em Acre para levar suprimentos até o Nilo, e ele prometeu pagar setecentos cavaleiros e dois mil soldados de seu próprio bolso, e oferecer apoio financeiro a quaisquer outros participantes. Esse era o esquema que Ricardo poderia ter promovido em Ascalão se não tivesse sido perturbado pela hesitação e a dúvida.

Entretanto, o Coração de Leão agora havia permitido que o exército cruzado se pusesse em marcha a apenas algumas horas de Jerusalém. Nesta situação,

qualquer tentativa de colocar o realismo militar acima da dedicação piedosa encontraria dificuldade. Mesmo assim, ele tentou impor seu plano, instituindo o que se revelou um conselho manipulado que, sem nenhuma surpresa, concluiu que “o maior bem seria conquistar (o Egito)”. Quando Hugo de Borgonha e os francos rejeitaram esse anúncio, declarando que “eles só avançariam se fosse para sitiar Jerusalém”, um impasse se criou.⁹⁹

Tendo permitido que a Terceira Cruzada chegasse a esse terrível impasse, a resposta do Coração do Coração de Leão foi espantosamente ineficaz. Num ato de débil petulância, ele simplesmente renunciou à posição de comandante em chefe, afirmando que permaneceria com a expedição, mas não mais a comandaria. Talvez fosse um malabarismo político, destinado a surpreender e silenciar as vozes dissidentes, mas se essa era a intenção, não produziu efeito. Em muitos aspectos, ao abjurar suas responsabilidades naquela crítica conjuntura, Ricardo talvez estivesse meramente reconhecendo uma realidade acachapante – o grande rei angevino agora não possuía nem o poder nem a visão para controlar a Terceira Cruzada.

No dia 20 de junho, o serviço de inteligência da caravana aiúbida vinda do Egito incentivou a ação e uma breve pausa na discórdia, mas assim que a força expedicionária voltou a Beit Nuba em 29 de junho, o confronto foi retomado. Testemunhas oculares latinas descreveram como “as pessoas (estavam) gemendo e se lamentando”, “aflitas” devido à continuada recusa de se marchar sobre a Cidade Santa. No início de julho, o prolongado tumulto havia efetivamente imobilizado a cruzada. Os francos parecem ter feito uma última tentativa desesperada de iniciar um avanço em 3 de julho, mas sem o apoio de Ricardo isso não aconteceu. Sem avançar de forma alguma, o exército cristão aceitou o inevitável e deu início a uma desanimada retirada. Segundo Ambrósio, quando se espalhou pelo exército a notícia de que “eles não poderiam adorar no Santo Sepulcro, que estava a apenas quatro léguas de distância, seus corações se encheram de tristeza e eles voltaram as costas tão desanimados e infelizes que nunca se viu um povo escolhido tão deprimido e consternado”.¹⁰⁰

Esse revés marcou o ponto mais baixo da carreira de Ricardo como cruzado. Naquele verão, ele foi culpado de um calamitoso fracasso de liderança. Seu erro não foi a decisão de não efetuar o cerco de Jerusalém – como em janeiro de 1192, ele seguiu corretamente os ditames da ciência militar e avaliou que os riscos de um ataque à Cidade Santa seriam inaceitáveis. O erro foi não manifestar esse conhecimento enquanto ainda estava em Ascalão, não querendo

assumir o firme controle da expedição, bem como então permitir que os exércitos latinos mais uma vez se aproximassem à distância de um dia da Cidade Santa. As perspectivas de sucesso da Terceira Cruzada já haviam sido severamente comprometidas pelo mau gerenciamento de Ricardo da primeira marcha prematura contra Jerusalém no final de 1191. Agora, em julho de 1192, esse segundo revés teve um efeito desastroso no moral franco e infligiu um golpe letal da sorte da cristandade na guerra pela Terra Santa.

ESTÁGIO FINAL

No verão de 1192, o conflito entre Saladino e Ricardo tinha chegado a um impasse. O sultão havia sobrevivido ao segundo avanço dos cruzados pelo interior e permanecera em posse de Jerusalém, mas seus exércitos muçulmanos estavam totalmente exaustos, e o Império Aiúbida praticamente a ponto de entrar em colapso. A Terceira Cruzada, por seu lado, não havia sofrido nenhuma derrota mortal, mas sua energia marcial havia sido dilapidada pela liderança irresoluta. A unidade franca – recentemente tão desequilibrada pela eleição de Henrique de Champagne como rei titular da Palestina latina – agora estava irrevogavelmente despedaçada, e as forças da coalizão latina, dispersas (com Hugo de Borgonha e a congregação franca em Cesareia). Privado dos requisitos de homens e recursos, o plano do Coração de Leão de abrir uma nova frente no Egito foi por fim abandonado. Ao mesmo tempo, a ansiedade devido aos eventos na Europa continuava a se impor pesadamente no pensamento de Ricardo. Com as forças da cristandade e do Islã incapazes de ganhar a guerra palestina, tudo o que realmente restava era definir um caminho para a paz.

Boa parte daquele verão foi dedicada a prolongar a negociação enquanto cada um dos lados chicanava em busca dos termos mais favoráveis, sempre atento à oportunidade de obter alavancagem diplomática. Uma delas surgiu no final de julho de 1192, quando Saladino buscou capitalizar a ausência temporária de Ricardo, comandando uma força de ataque contra Jafa. O sultão esteve algumas horas de conquistar o posto, mas o Coração de Leão chegou de navio (depois de ser alertado do ataque) para aliviar a guarnição franca. Desembarcando, o rei encabeçou um contra-ataque destemido, rechaçando o assalto muçulmano. Ricardo estabeleceu um acampamento fora de Jafa e, nos dias que se seguiram, reprimiu com desprezo todas as tentativas de fazê-lo abandonar sua posição, apesar de estar bastante suplantado em termos numéricos. Assistido por um pequeno grupo de leais seguidores – incluindo Henrique de Champagne, Roberto de Leicester, André de Chauvigny e Guilherme de L’Estang –, dizem que o rei “brandia a espada em rápidos golpes, avançando em meio ao ataque inimigo, cortando os adversários em dois quando os encontrava, primeiro deste lado, depois daquele”. Quaisquer que tivessem

sido seus recentes fracassos como comandante cruzado, o Coração de Leão continuava a ser um guerreiro de inquestionável habilidade e de reputação de coragem. Segundo uma testemunha muçulmana, por volta de 4 de agosto Ricardo chegou a avançar sozinho, lança em riste, diante das linhas aiúbidas, num ato de desafio aberto, “mas ninguém foi contra ele”. Logo depois, Saladino ordenou a retirada, completamente exasperado pela profunda resistência de suas tropas de confrontar essa força da natureza apesar de suas exortações ao ataque.

Na verdade, a ira do sultão – e a incomum recalcitrância de seus soldados fora de Jafa – pode ser explicada, pelo menos parcialmente, pelo fato de Ricardo ter recorrido às mais intrincadas táticas na guerra da diplomacia. Para a irritação de Saladino, seu rival angevino fazia tentativas incansáveis e de sucesso cada vez maior de fazer amizade com os emires aiúbidas. Já em 1191, o Coração de Leão havia mostrado interesse em explorar o potencial de rivalidade e suspeita entre o sultão e seu irmão al-Adil. Agora, na segunda metade de 1192, à medida que o ritmo e a intensidade das negociações aumentavam, Ricardo ampliou este artil – restabelecendo linhas de comunicação com al-Adil, mas também forjando contatos com muitos outros potentados muçulmanos do círculo íntimo de Saladino. Os homens que ele objetivava não eram necessariamente de total deslealdade para com o sultão, mas, como quaisquer outros, eles podiam sentir que a cruzada estava chegando a um final. Assim, eles reconheciam que seu papel em qualquer acordo futuro poderia ser marcadamente aprimorado se servissem como mediadores e corretores da paz.

Ricardo conduziu deliberadamente boa parte desse contato em público – com a intenção aparente de demonstrar a Saladino que o apetite de seus emires por um conflito endurecido estava diminuindo. Nos arredores de Jafa, em 1º de agosto, Ricardo convidou um grupo de comandantes aiúbidas do alto escalão para visitar seu acampamento durante um intervalo da luta. Ele passou a tarde os recebendo e gracejando com eles, falando de “coisas sérias e banais”. Infelizmente para Ricardo, a vantagem conseguida por esse esquema foi em grande parte delapidada quando ele caiu gravemente doente em meados de agosto. Até esse ponto, ele havia teimosamente insistido que Ascalão – reconstruída com muita dificuldade graças a seus próprios esforços apenas alguns meses antes – devia permanecer em mãos cristãs, sempre acrescentando que tinha toda a intenção de ficar no Levante até a Páscoa de 1193. No final de agosto, contudo, com o Coração de Leão debilitado pela febre, o regateio cessou.¹⁰¹

Por meio do complexo e longo diálogo diplomático, os termos de uma trégua de

três anos foram por fim acertados em 2 de setembro de 1192, uma quarta-feira. Saladino devia conservar o controle de Jerusalém, concordou com permitir aos peregrinos cristãos acesso irrestrito ao Santo Sepulcro. Os francos deviam conservar a estreita faixa costeira entre Jafa e Tiro conquistada durante a cruzada, mas as fortificações de Ascalão deveriam ser novamente demolidas. Estranhamente, nenhuma discussão envolvendo o destino da Verdadeira Cruz parece ter ocorrido – de qualquer modo, a reverenda relíquia cristã permaneceu em mãos aiúbidas.

Mesmo nesse momento final de acordo, Saladino e Ricardo não se encontraram. Al-Adil levou o tratado escrito – cujo texto em árabe foi escrito por Imad al-Din, o escriba do sultão – para Ricardo em Jafa. O rei doente estava fraco demais até para ler o documento e limitou-se a oferecer as mãos como sinal de trégua. Henrique de Champagne e Balian de Ibelin então fizeram o juramento de respeitar os termos, e os mestres (tanto o templário como o hospitalário) também indicaram sua aprovação. No dia seguinte, em Ramla, a delegação latina, que incluía Hunfredo de Toron e Balian, foi levada à presença de Saladino. Lá, “eles tomaram sua nobre mão e receberam seu juramento de observar a paz nos termos acordados”. Os principais membros da família de Saladino – al-Adil, al-Afdal e al-Zahir – e um certo número de emires então proferiram seus juramentos. Por fim, com os elaborados rituais concluídos, a paz foi alcançada.¹⁰²

No mês que se seguiu, três delegações de cruzados fizeram a viagem até Jerusalém – conseguindo por meio da trégua o que lhes havia sido negado na guerra. Entre os que cumpriram seus votos de peregrino estavam André de Chauvigny e Hubert Walter, bispo de Salisbury. Mas Ricardo I não fez nenhuma tentativa de viajar à Cidade Santa. Pode ser que sua prolongada enfermidade o tenha impedido; ou talvez ele tenha avaliado que a perspectiva de visitar o Santo Sepulcro enquanto Jerusalém ainda permanecia em mãos muçulmanas fosse vergonhosa demais para suportar. Em 9 de outubro de 1192, depois de seis meses no Levante, o Coração de Leão iniciou sua viagem de volta à Europa. Enquanto sua frota real enfunava as velas, o rei teria oferecido uma oração a Deus para que um dia pudesse retornar.

O RESULTADO DA TERCEIRA CRUZADA

No final, nem Saladino nem Ricardo Coração de Leão puderam cantar vitória na guerra pela Terra Santa. O rei angevino havia fracassado em retomar Jerusalém ou recuperar a Verdadeira Cruz. Mas, graças a seus esforços e de seus colegas cruzados, a cristandade cristã conservava um pé na Palestina, e a subjugação franca de Chipre oferecia um raio de esperança da sobrevivência do Ultramar.

Depois de levar o Islã à vitória em 1187, Saladino enfrentou uma série de reveses humilhantes durante a Terceira Cruzada – em Acre, Arsuf e Jafa. Apesar da constante devoção à causa da jihad, ele também fora totalmente incapaz de impedir a reconquista franca da costa. No sítio e na batalha Ricardo havia prevalecido, enquanto na arte da diplomacia o Coração de Leão havia, no mínimo, comprovado ser igual ao sultão. Contudo, embora batido, Saladino permaneceu não derrotado. Jerusalém tinha sido defendida para o Islã; o Império Aiúbida continuou a existir. E agora, o fim da cruzada e a partida do rei Ricardo ofereciam a perspectiva de futuros triunfos – a oportunidade de completar a obra iniciada em Hattin.

O longo caminho termina

Assim que a notícia da partida do rei Ricardo da Terra Santa foi confirmada, Saladino finalmente se sentiu capaz de dissolver seus exércitos. Ele chegou a pensar numa peregrinação a Meca, mas as necessidades do império logo tiveram precedência. Depois de percorrer os territórios palestinos, Saladino voltou à Síria para passar um inverno chuvoso descansando em Damasco. Despedindo-se de al-Zahir, dizem que ele teria aconselhado a seu filho que não se familiarizasse demais com a violência, advertindo que “o sangue nunca dorme”.

No início de 1193, a saúde de Saladino estava em declínio e ele começou a mostrar preocupantes sinais de exaustão. Baha al-Din observou que “era como se seu corpo estivesse cheio e havia nele uma lassidão”. Em 20 de fevereiro, o sultão caiu doente, tendo febre e náuseas. Nos dias que se seguiram, sua condição se deteriorou. Juntos, Baha al-Din e al-Fadil visitaram os aposentos de seu mestre na cidadela toda manhã e noite, e al-Afdal também ficou em permanente vigília. No início de março, a febre de Saladino se intensificou de tal modo que o suor descia de seu colchão para o chão, e ele começou a ter falha de consciência. Baha al-Din descreveu como em 3 de março de 1193:

A doença do sultão ficou pior e suas forças diminuíram... (um imã) foi chamado para passar a noite na cidadela, de modo que, caso a agonia começasse, ele estaria com o sultão, (capaz) de receber sua profissão de fé e manter Deus em sua mente. Isto foi feito e nós deixamos a cidade, cada um disposto a oferecer sua própria vida para salvar a do sultão.

Logo após o amanhecer, enquanto o imã recitava o Corão ao lado dele, Saladino faleceu. Seu corpo foi depositado para o descanso eterno num mausoléu dentro do conjunto da Grande Mesquita dos Omíadas de Damasco. Ele permanece lá até hoje.¹⁰³

No início de sua carreira, Saladino fora motivado pela ambição pessoal e uma necessidade de renome para usurpar o poder dos zênquidas e forjar um novo e amplo Império Aiúbida. Ele também demonstrou uma pronta disposição a difamar seus inimigos, muçulmanos e cristãos, pelo uso da propaganda. A dedicação do sultão à jihad – uma notável característica de sua carreira somente após sua enfermidade de 1186 – foi sempre matizada por uma determinação de comandar o Islã na guerra santa, e não de servir como lugar-tenente.

Não obstante, Saladino parece ter sido efetivamente inspirado pelo autêntico fervor religioso e uma genuína crença na santidade de Jerusalém. Sugeriu-se recentemente que, passado o ano de 1187, depois de o tremendo objetivo da recaptura da Cidade Santa ter sido alcançado, “o compromisso emocional de Saladino com a jihad começou a titubear”. Na verdade, sua devoção a essa causa no mínimo se fortaleceu durante a Terceira Cruzada, mesmo diante do fracasso e da derrota. Também é verdade que o senso de unidade muçulmana por ele engendrado, embora não absoluto, não teve paralelo no século XII. Com certeza, no mundo das cruzadas, adversários e aliados reconheciam que o sultão era um notável líder de homens. O grande historiador iraquiano e simpatizante dos zênquidas Ibn al-Athir, embora por vezes crítico do sultão, escreveu que:

Saladino (que Deus tenha piedade dele) era generoso, indulgente, de bom caráter, humilde, disposto a tolerar algo que o desagradasse (e) muito dado a ignorar as falhas de seus seguidores... Em suma, era um indivíduo raro em sua época, com muitas boas qualidades e bons feitos, poderoso na jihad contra os infiéis, como comprovam suas conquistas.¹⁰⁴

Acima de tudo, uma questão fundamental perpassa toda tentativa de julgar a vida e a carreira de Saladino: ele lutou pela causa da jihad, que era conquistar e defender Jerusalém, em busca de sua própria glória e proveito ou pensando nos interesses mais amplos do Islã? No final, talvez até mesmo o próprio sultão não tivesse certeza dessa resposta.

A carreira tardia do Coração de Leão

Enquanto o sultão aiúbida falecia, seu flagelo Ricardo Coração de Leão estava enfrentando uma nova luta. Mal tendo evitado o desastre quando seu navio naufragou devido a uma tempestade perto de Veneza, o rei prosseguiu sua viagem para casa por terra, disfarçado para evitar seus inimigos europeus. Foi, contudo, capturado em Viena por seu velho rival do cerco de Acre, o duque Leopoldo da Áustria – aparentemente, a tentativa de Ricardo de se passar por um mero cozinheiro fracassou por ele ter se esquecido de tirar seu anel fabulosamente ajaezado.

Confinado num elevado castelo com vista para o Danúbio, o Coração de Leão foi mantido prisioneiro por mais de um ano, causando um escândalo político em todo o Ocidente, sendo libertado em fevereiro de 1194 só depois de prolongada negociação e do pagamento de um enorme resgate. No final do século XIII, contudo, uma história mais romântica entrou em circulação, na qual o fiel menestrel do rei, Blondel, procurou obstinadamente pela Europa por seu mestre supostamente “desaparecido”, parando em inúmeros castelos para cantar uma canção que ele e Ricardo haviam escrito juntos. O rei efetivamente compôs pelo menos dois lamentos dolentes enquanto esteve cativo (que sobrevivem até hoje), mas a história de Blondel é pura ficção – mais uma camada de mito na lenda do Coração de Leão.

Apesar de todos os seus temores e da prolongada ausência, Ricardo voltou para descobrir que o reino angevino permanecia sob seu controle – seus leais apoiadores haviam frustrado as tentativas de rebelião de João. Filipe Augusto, contudo, conseguiram tirar certa vantagem – apoderando-se de alguns castelos ao longo da fronteira com a Normandia – e Ricardo dedicou boa parte de seus cinco anos seguintes na campanha contra os capetíngios. Envolvido pelos negócios europeus, ele nunca voltou à Terra Santa. No final do século XII, o gosto do Coração de Leão pelo combate na linha de frente finalmente pôde ser realizado. Enquanto sitiava o pequeno castelo de Chalus, no sul da França, foi atingido no ombro pelo disparo de uma besta e ficou seriamente ferido. O ferimento gangrenou, e Ricardo morreu em 6 de abril de 1199, com a idade de 41 anos. Seu corpo foi enterrado em Fotevraud, ao lado de seu pai Henrique II,

enquanto seu coração foi enviado para Rouen.¹⁰⁵

Os contemporâneos lembravam-se do Coração de Leão como guerreiro ímpar e cruzado superlativo: o rei que pôs o poderoso Saladino de joelhos. Em grande parte, Ricardo pode receber o crédito de ter salvado o Ultramar. Valoroso e astuto, perito em batalha, ele comprovou ser um igual no desafio do confronto com o sultão aiúbida. Mas, apesar de todas as suas realizações na guerra santa, o rei angevino sempre lutou por conciliar seus vários deveres e obrigações – dividido entre a necessidade de defender seu reino ocidental e o desejo de forjar uma lenda na Palestina. De maneira decisiva, ele também falhou em compreender a natureza e o desafio distintos da guerra de cruzada, e assim foi incapaz de conduzir a Terceira Cruzada à vitória.

bO Monte do Templo (em hebraico: הר הבית , transl. Har Ha-Bayit), em alusão ao antigo templo, conforme é conhecido pelos judeus e cristãos, também chamado Nobre Santuário (الحرم الشريف , transl. al-Ḥ aram al-Sharīf) pelos muçulmanos. (N.T.)

Notas

1A Terceira Cruzada é a primeira expedição à qual os modernos historiadores têm total acesso e detalhadas fontes de testemunho ocular de cristãos latinos e de muçulmanos. Entre os observadores ocidentais estavam Ambrósio, um clérigo normando que foi para a cruzada com Ricardo Coração de Leão e, então, entre 1194 e 1199, escreveu um poema épico em francês arcaico recontando a expedição – A história da guerra santa –, com mais de 12 mil versos. O relato de Ambrósio parece ter sido usado por outro cruzado, Ricardo de Templo, para escrever sua narrativa em latim da cruzada, o *Itinerarium Peregrinorum et Gesta* (Itinerário dos peregrinos e fatos do rei Ricardo). Os relatos narrativos, biografias e cartas escritos por três altos funcionários da corte de Saladino – Imad al-Din, Baha al-Din e o Qadi al-Fadil – oferecem visões valiosas da perspectiva que os muçulmanos tinham da cruzada. Também podem ser utilmente comparados com o testemunho do historiador de Mossul Ibn al-Athir, que não era partidário dos aiúbidas. Apesar desta abundância de fontes materiais básicas, há uma surpreendente escassez de erudição moderna respeitada focando especificamente a Terceira Cruzada. Portanto, devotei a terça parte da presente obra à Terceira Cruzada. As principais fontes básicas para esta expedição incluem: Baha al-Din, pp. 78-245; Imad al-Din, pp. 63-434; Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 335-409; Abu Shama, ‘Le Livre des Deux Jardins’, RHC Or. IV, pp. 341-522, V, pp. 3-101; Ambroise, *The History of the Holy War: Ambroise’s Estoire de la Guerre Sainte*, ed. and trans. M. Ailes and M. Barber, 2 vols. (Woodbridge, 2003) (todas as referências a Ambrósio que se seguem estão relacionadas com a edição em verso em francês arcaico no volume I). *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, *Chronicles and Memorials of the Reign of Richard I*, vol. 1, ed. W. Stubbs, Rolls Series 38 (Londres, 1864). Para uma tradução em inglês e uma introdução útil às complexidades que cercam este texto, ver: *Chronicle of the Third Crusade: A Translation of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, trans. H. Nicholson (Aldershot, 1997). *La Continuation de Guillaume de Tyr*, pp. 76-158. Para uma tradução deste texto em inglês e algumas outras fontes relacionadas, ver: P.W. Edbury (trans.), *The Conquest of Jerusalem and the Third Crusade: Sources in Translation* (Aldershot, 1996). Para mais leitura sobre estas fontes, ver: C. Hanley, ‘Reading the past through the present: Ambroise, the minstrel of Reims and Jordan Fantosme’, *Mediaevalia*, vol. 20

(2001), pp. 263-81; M. J. Ailes, 'Heroes of war: Ambroise's heroes of the Third Crusade', *Writing War: Medieval Literary Responses*, ed. F. Le Saux and C. Saunders (Woodbridge, 2004); P. W. Edbury, 'The Lyon Eracles and the Old French Continuations of William of Tyre', *Montjoie: Studies in Crusade History in Honour of Hans Eberhard Mayer*, ed. B. Z. Kedar, J. S. C. Riley-Smith and R. Hiestand (Aldershot, 1997), pp. 139-53. Secondary works that do shed light on the Third Crusade include: S. Painter, 'The Third Crusade: Richard the Lionhearted and Philip Augustus', *A History of the Crusades*, vol. 2, ed. K. M. Setton (Madison, 1969), pp. 45-85; Lyons and Jackson, *Saladin*, pp. 279-363; H. Möhring, *Saladin und der dritte Kreuzzug* (Wiesbaden, 1980); J. Gillingham, *Richard I* (New Haven e Londres, 1999); Tyerman, *God's War*, pp. 375-474.

2' *Annales Herbipolenses* ', *Monumenta Germaniae Historica*, *Scriptores*, ed. G. H. Pertz et al., vol. 16 (Hanover, 1859), p. 3.

3E. Haverkamp, *Medieval Germany, 1056-1273* (Oxford, 1988); E. Hallam, *Capetian France, 987-1328*, 2nd edn (Harlow, 2001); W. L. Warren, *Henry II* (Londres, 1973); J. Gillingham, *The Angevin Empire*, 2nd edn (Londres, 2001).

4' *Historia de expeditione Friderici Imperatoris* ', pp. 6-10. The text of *Audita Tremendi* is also translated in: Riley-Smith, *The Crusades: Idea and Reality*, pp. 63-7.

5Gerald of Wales, *Journey through Wales*, trans. L. Thorpe (Londres, 1978), p. 204. Sobre a pregação da Terceira Cruzada, ver: C. J. Tyerman, *England and the Crusades* (Chicago, 1988), pp. 59-75; Tyerman, *God's War*, pp. 376-99. Segundo uma testemunha muçulmana, os pregadores latinos da Europa também fizeram uso de um quadro representando as atrocidades muçulmanas – inclusive a profanação do Santo Sepulcro – para incendiar as audiências e incentivar o alistamento. Baha al-Din, p. 125; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 363. Esta informação não é corroborada por fontes ocidentais.

6Routledge, 'Songs', p. 99. Outros poetas ampliaram estas ideias. Em particular, os que não aceitavam a cruz eram acusados de covardia e relutância à luta. Em alguns círculos, tornou-se comum humilhar os não cruzados dando-lhes "lã e fuso", as ferramentas para fiar, para sugerir que eles só estavam preparados para o trabalho feminino.

7Itinerarium Peregrinorum , p. 33; Routledge, 'Songs', p. 108.

8Itinerarium Peregrinorum , pp. 143-4.

9Gillingham, Richard I , pp. 1-23. Em 1786, o historiador inglês David Hume criticou Ricardo por negligenciar a Inglaterra, mas a onda de crítica realmente começou com William Stubbs, que em 1867 descreveu o Coração de Leão como "mau filho, mau marido, governante egoísta e homem violento" e "um homem de sangue... familiarizado demais com a carnificina". Na França, a obra de René Grousset de 1936 endossou essa opinião, caracterizando Ricardo como "cavaleiro brutal e sem educação", enquanto a história da Inglaterra medieval de A. L. Poole (1955) observa que "ele usou a Inglaterra como banco para sacar o quanto quis para financiar suas explorações ambiciosas em outras partes". Em 1974, o acadêmico americano James Brundage declarou que Ricardo tinha sido "uma máquina de matar de incomparável eficiência... (mas) na câmara do conselho ele era um desastre total", concluindo confiantemente que ele foi "certamente um dos piores governantes que a Inglaterra já teve". Durante a era vitoriana, pelo menos, essa condenação foi contraposta pela romantização popular do reinado de Ricardo, promovida em obras de ficção como as de Walter Scott. Em meados do século XIX, uma monumental estátua de bronze do Coração de Leão sobre seu cavalo foi erigida nas Casas do Parlamento em Londres – um tributo ao "grande herói inglês", pago por subscrição pública. Outros estudos acadêmicos sobre Ricardo incluem: J. L. Nelson (ed.), Richard Coeur de Lion in History and Myth (Londres, 1992); J. Gillingham, 'Richard I and the Science of War', War and Government: Essays in Honour of J. O. Prestwich , ed. J. Gillingham and J. C. Holt (Woodbridge, 1984), pp. 78-9; R. A.

Turner and R. Heiser, *The Reign of Richard the Lionheart: Ruler of the Angevin Empire* (Londres, 2000); J. Flori, *Richard the Lionheart: Knight and King* (Londres, 2007). Além da evidência apresentada em Ambrósio e no *Itinerarium Peregrinorum*, as principais fontes básicas para a carreira de Ricardo I e a cruzada incluem: Roger of Howden, *Gesta Regis Henrici II et Ricardi I*, 2 vols., ed. W. Stubbs, *Rolls, Chronica*, vols. 3 and 4, ed. W. Stubbs, *Rolls Series 51* (Londres, 1870). Sobre Howden, ver: J. Gillingham, 'Roger of Howden on Crusade', *Medieval Historical Writing in the Christian and Islamic Worlds*, ed. D. O. Morgan (Londres, 1982). Richard of Devizes, *The Chronicle of Richard of Devizes of the Time of Richard the First*, ed. and trans. J. T. Appleby (Londres, 1963); William of Newburgh, *Historia Rerum Anglicarum*, *Chronicles of the Reigns of Stephen, Henry II and Richard I*, vol. 1, ed. R. Howlett, *Rolls Series 82* (Londres, 1884); Ralph of Coggeshall, *Chronicon Anglicanum*, ed. J. Stevenson, *Rolls Series 66* (Londres, 1875); Ralph of Diceto, *Ymagines Historiarum*, *The Historical Works of Master Ralph of Diceto*, vol. 2, ed. W. Stubbs, *Rolls Series 68* (Londres, 1876).

[10 *Itinerarium Peregrinorum*, p. 143.](#)

[11 Roger of Howden, *Gesta*, vol. 2, pp. 29-30. Sobre Filipe Augusto, ver: J. Richard, 'Philippe Auguste, la croisade et le royaume', *La France de Philippe Auguste: Le temps des mutations*, ed. R.-H. Bautier \(Paris, 1982\), pp. 411-24; J. W. Baldwin, *The Government of Philip Augustus: Foundations of French Royal Power in the Middle Ages* \(Berkeley e Londres, 1986\); J. Bradbury, *Philip Augustus, King of France 1180-1223* \(Londres, 1998\); J. Flori, *Philippe Auguste, roi de France* \(Paris, 2002\).](#)

[12 Sobre Frederico Barbarroxa e sua cruzada, ver: P. Munz, *Frederick Barbarossa: A Study in Medieval Politics* \(Londres, 1969\); F. Oppl, *Friedrich Barbarossa* \(Darmstadt, 1990\); E. Eickhoff, *Friedrich Barbarossa im Orient: Kreuzzug und Tod Friedrichs I* \(Tübingen, 1977\); R. Chazan, 'Emperor Frederick I, the Third Crusade and the Jews', *Viator*, vol. 8 \(1977\), pp. 83-93; Lilie, *Byzantium and the Crusader States*, pp. 230-42; H. E. Mayer, 'Der Brief](#)

Kaiser Friedrichs I an Saladin von Jahre 1188', Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters , vol. 14 (1958), pp. 488-94; C. M. Brand, 'The Byzantines and Saladin, 1185-92: Opponents of the Third Crusade', Speculum , vol. 37 (1962), pp. 167-81. Já se chegou a achar que Frederico contatou o próprio Saladino neste ponto, mas duas cartas latinas que eram tidas como cópias de sua correspondência hoje são vistas como falsas. Contudo, é provável que Barbarroxa tenha estabelecido alguma forma de contato diplomático com Saladino nos anos 1170.

13 Gerald of Wales, ' Liber de Principis Instructione ', Giraldi Cambriensis Opera , vol. 8, ed. G. F. Warner, Roll Series 21 (Londres, 1867), p. 296.

14 O dízimo teve um impacto adicional no recrutamento, pois todos aqueles que se juntavam à cruzada ficavam isentos do tributo; como resultado, Roger de Howden observou que “todos os homens ricos (do reino angevino), tanto clérigos quanto leigos, correram em multidões para pegar a cruz”. Roger of Howden, Gesta , vol. 2, pp. 32, 90.

15 Roger of Howden, Gesta , vol. 2, pp. 110-11. Sobre a questão do transporte naval, ver: J. H. Pryor, Geography, Technology and War: Studies in the Maritime History of the Mediterranean 649-1571 (Cambridge, 1987); J. H. Pryor, 'Transportation of horses by sea during the era of the crusades: eighth century to 1285 A.D., Part I: To c. 1225', The Mariner's Mirror , vol. 68 (1982), pp. 9-27, 103-25.

16 Roger of Howden, Gesta , vol. 2, pp. 151-5; Gillingham, Richard I , pp. 123-39.

17 Lyons and Jackson, Saladin , pp. 277, 280-81.

18 Ibn Jubayr, p. 319; D. Jacoby, 'Conrad, Marquis of Montferrat, and the kingdom of Jerusalem (1187-92)', *Dai feudi monferrini e dal Piemonte ai nuovi mondi oltre gli Oceani* (Alessandria, 1993), pp. 187-238.

19 Roger of Howden, *Gesta*, vol. 2, pp. 40-41; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 337.

20 Imad al-Din, p. 108. Para uma discussão da carreira de o Baha al-Din, ver: a introdução de Donald Richards à sua própria tradução de *History of Saladin* (Baha al-Din, pp. 1-9). Ver também: Richards, 'A consideration of two sources for the life of Saladin', pp. 46-65.

21 Lyons and Jackson, *Saladin*, pp. 296, 307.

22 Ambroise, pp. 44-5, indicando que Guy estava acompanhado por quatrocentos cavaleiros e sete mil soldados de infantaria. *Itinerarium Peregrinorum*, p. 61, confirmando setecentos cavaleiros e uma força total de nove mil homens.

23 Ibn Jubayr, p. 318; *Itinerarium Peregrinorum*, pp. 75-6. Sobre o cerco de Acre e as armas do cerco, ver: Rogers, *Latin Siege Warfare*, pp. 212-36, 251-73. Sobre a geografia de Acre, ver: D. Jacoby, 'Crusader Acre in the thirteenth century: Urban layout and topography', *Studia Mediaevali*, 3rd series, vol. 10 (1979), pp. 1-45; D. Jacoby, 'Montmusard, suburb of crusader Acre: The first stage of its development', *Montjoie: Studies in Crusade History in Honour of Hans Eberhard Mayer*, ed. B. Z. Kedar, J. S. C. Riley-Smith and R. Hiestand (Aldershot, 2000), pp. 205-17.

24 La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 89; Ambroise, p. 45. Monte Toron também é conhecido como Tell al-Musallabin ou Tell al-Fukhkhar.

25 Abu Shama, pp. 412-15; Itinerarium Peregrinorum , p. 67.

26 Ambroise, p. 46; Itinerarium Peregrinorum , p. 67.

27 Imad al-Din, p. 172; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 301-2.

28 Baha al-Din, p. 102-3; Itinerarium Peregrinorum , pp. 70, 72.

29 Baha al-Din, p. 104; Tyerman, God's War , pp. 353-4.

30 Itinerarium Peregrinorum , p. 73; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 369.

31 Baha al-Din, pp. 107-8; Ambroise, p. 52.

32 Imad al-Din, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli, pp. 204-6; Baha al-Din, pp. 27, 100-101; Ambroise, pp. 55, 58; B. Z. Kedar, 'A Western survey of Saladin's forces at the siege of Acre', Montjoie: Studies in Crusade History in Honour of Hans Eberhard Mayer , ed. B. Z. Kedar, J. S. C. Riley-Smith and R. Hiestand (Aldershot, 2000), pp. 113-22.

33 Ambroise, pp. 52, 55; Itinerarium Peregrinorum , pp. 80, 82; Baha al-Din, pp. 124, 127.

34 A Saladino juntaram-se seu filho al-Zahir, de Alepo, e Keukburi, de Harã, em 5 de maio; Imad al-Din Zanki, senhor de Sinjar, em 29 de maio; Sanjar Shah, senhor de Jazirat, em 13 de junho; as tropas de Mossul sob o comando de ‘Ala al-Din, filho de Izz al-Din Masud, em 15 de junho; e Zayn al-Din, de Irbil, no final de junho e início de julho. Baha al-Din, pp. 109-12.

35 Baha al-Din, p. 106. Lyons and Jackson, Saladin , pp. 312-13, 316. Saladino mandou tropas para Manbij, Kafartab, Balbeque, Xaizar, Alepo e Hama. Entre os que deixaram os arredores de Acre estava al-Zahir.

36 Baha al-Din, p. 124.

37 Baha al-Din, pp. 110-11; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 373; Ambroise, p. 55.

38 Baha al-Din, p. 123; Ambroise, p. 59.

39 La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 105; Itinerarium Peregrinorum , p. 74; Ambroise, p. 56.

40 La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 98; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 375.

41 Ambrósio, pp. 52, 61-3. A presença de Frederico da Suábia, como governante

a que faltavam combatentes, levou incômodas questões sobre a liderança e o status do rei Guy. Baha al-Din (pp. 128-31) acreditava que, logo depois de sua chegada, Frederico lançou uma nova ofensiva contra Acre, empregando tecnologia militar experimental. Esta envolvia o equivalente medieval de um tanque – uma grande estrutura com rodas, coberta com folhas de metal, abrigando um enorme aríete com pontas de ferro. Mas uma testemunha ocular latina atribuiu todo o crédito por esta iniciativa aos franceses, e, de qualquer modo, assim que o “tanque” chegou ao pé das muralhas, foi rapidamente esmagado sob uma cascata de rochas e fogo grego.

42 Baha al-Din, pp. 130, 132; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 318-20. Por volta desta mesma época, o trabalho de reforçar as defesas de Alexandria e Damietta avançava rápido no Egito, e instruções eram espalhadas por toda a Síria para se armazenar grãos da recente colheita em caso de uma invasão.

43 Baha al-Din, pp. 140, 143; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 323-4; Itinerarium Peregrinorum , pp. 127, 129-30; Ambroise, pp. 68-71, 73.

44 Baha al-Din, pp. 141-2; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 323-5.

45 Ambroise, p. 38; Baha al-Din, p. 150.

46 Itinerarium Peregrinorum , pp. 204-5; P. W. Edbury, The Kingdom of Cyprus and the Crusades, 1191-1374 (Cambridge, 1991), pp. 1-12.

47 Baha al-Din, pp. 145, 149-50; La Continuation de Guillaume de Tyr , pp. 109, 111.

48 Baha al-Din, p. 146; R. Heiser, ‘The Royal Familiares of King Richard I’, Medieval Prosopography , vol. 10 (1989), pp. 25-50.

49 Itinerarium Peregrinorum , pp. 206, 211; Baha al-Din, p. 155.

50 Baha al-Din, pp. 153, 156, 159.

51 Itinerarium Peregrinorum , p. 211; Ambroise, p. 74.

52 Codice Diplomatico della repubblica di Genova , ed. C. Imperiale di Sant’ Angelo, 3 vols. (Genoa, 1936-42), ii, n. 198, pp. 378-80; J. S. C. Riley-Smith, The Feudal Nobility and the Kingdom of Jerusalem 1174-1277 (Londres, 1973), pp. 112-17.

53 Itinerarium Peregrinorum , pp. 218-19. Os detalhes precisos destas armas de assédio – suas origens e desenho exato – não ficam claros, pois as fontes contemporâneas mostram-se frustrantemente imprecisas. É possível que tenha sido feito um certo uso da tecnologia de contrapeso nesses lançadores de pedras (sendo os aparelhos de tração a norma estabelecida). Também é possível que a tecnologia e os materiais dessas máquinas tenham sido levados da Europa, ou que máquinas capturadas contribuíram para seu desenvolvimento. A datação do assalto independente de Filipe é problemática e pode ter ocorrido entre 17 de junho e 1º de julho. Hugo de Borgonha, os templários e os hospitalários parecem ter manipulado suas próprias catapultas. Ricardo parece ter realmente construído uma torre de assalto em Acre, protegida por “couro, cordas e madeira”, mas esta estrutura não parece ter desempenhado um papel importante no assalto.

[54 Baha al-Din, pp. 155-7.](#)

[55 Baha al-Din, pp. 156-7; Itinerarium Peregrinorum , pp. 223-4.](#)

[56 Ambroise, p. 80; Itinerarium Peregrinorum , p. 225.](#)

[57 Ambroise, pp. 82, 84; Baha al-Din, p. 161; La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 125.](#)

[58 Baha al-Din, p. 161; Imad al-Din, p. 318; Itinerarium Peregrinorum , p. 233; Ambroise, p. 84.](#)

[59 Itinerarium Peregrinorum , pp. 233-4.](#)

[60 Baha al-Din, p. 162; Lyons and Jackson, Saladin , p. 331; Gillingham, Richard I , p. 162; Pryor, Geography, Technology and War , pp. 125-30.](#)

[61 Ambroise, p. 85; Rigord, ‘ Gesta Philippi Augusti ’, Oeuvres de Rigord et de Guillaume le Breton , ed. H. F. Delaborde, vol. 1 \(Paris, 1882\), pp. 116-17; Howden, Gesta , vol. 2, pp. 181-3; Gillingham, Richard I , p. 166.](#)

[62 ‘ Epistolae Cantuarienses ’, Chronicles and Memorials of the Reign of Richard I , ed. W. Stubbs, vol. 2, Rolls Series 88 \(Londres, 1865\), p. 347.](#)

63 Baha al-Din, pp. 164-5; Imad al-Din, p. 330; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 390; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 331-3.

64 Howden, Chronica , vol. 3, pp. 127, 130-31; Howden, Gesta , vol. 2, pp. 187, 189; Ambroise, pp. 87-9; Itinerarium Peregrinorum , pp. 240-43; La Continuation de Guillaume de Tyr , pp. 127-9; ‘ Historia de expeditione Friderici Imperatoris ’, p. 99; R. Grousset, Histoire des Croisades , 3 vols. (Paris, 1936), vol. 3, pp. 61-2; Gillingham, Richard I , pp. 166-71.

65 Ricardo também tinha a significativa vantagem de manter relações estreitas com os líderes das duas principais ordens militares. Roberto de Sablé, que foi nomeado para o cargo vago de mestre dos templários em 1191, foi um dos vassalos líderes de Coração de Leão no vale de Sarthe e serviu como um dos cinco comandantes da frota durante a viagem ao Levante. Garnier de Nablus, eleito mestre hospitalário no fim de 1189 ou início de 1190, era o ex-prior da Inglaterra e grande comandante da França. Ele viajou para o Oriente Médio com o contingente de Ricardo.

66 Smail, Crusading Warfare , p. 163; Gillingham, Richard I , p. 174; J. F. Verbruggen, The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages (Woodbridge, 1997), pp. 232-9; Ambroise, pp. 91-2.

67 Ambroise, p. 92.

68 Baha al-Din, p. 170; Ambroise, p. 93.

69 Ambroise, p. 94; Baha al-Din, p. 170.

70 Ambroise, p. 96; Itinerarium Peregrinorum , pp. 253, 258-9; Baha al-Din, p. 171.

71 Ambroise, p. 97; Baha al-Din, pp. 171-2.

72 Baha al-Din, pp. 172-3; Ambroise, p. 98; Lyons and Jackson, Saladin , p. 336.

73 Ambroise, pp. 99-107; Itinerarium Peregrinorum , pp. 260-80; Howden, Chronica , vol. 3, pp. 130-33; Baha al-Din, pp. 174-6; Imad al-Din, p. 344.

74 Ambroise, pp. 100-101, 103.

75 Itinerarium Peregrinorum , p. 264; Howden, Chronica , vol. 3, p. 131; Baha al-Din, p. 175.

76 Itinerarium Peregrinorum , pp. 268-9; Ambroise, p. 104.

77 Itinerarium Peregrinorum , p. 270; Howden, Chronica , vol. 3, pp. 129-31. Ricardo escreveu outra carta nesse mesmo dia (desta vez endereçada em geral ao povo de seu reino), que tinha ainda menos a dizer sobre a batalha, comentando simplesmente que “enquanto nos aproximávamos de Arsuf, Saladino caiu sobre nós”.

78 Itinerarium Peregrinorum , pp. 274-7; Ambroise, pp. 107-9. Ricardo I descreveu Jaime de Avesnes como o “melhor dos homens, cujos méritos tornaram-no caro a todo o exército” e como o “pilar” da cruzada. (Howden, Chronica , vol. 3, pp. 129-31). Ambroise lembrou as circunstâncias da morte de Jaime, observando que “houve os que não vieram em seu socorro, o que deu muito o que falar; este fora um barão da França, diziam eles, o conde de Dreux, ele e seus homens. Ouvi tantos falarem mal disto, que a história não poderá negá-lo”. Infelizmente, não se ofereceu mais nenhuma explicação para o fato de Roberto de Dreux não ter socorrido Jaime.

79 Flori, Richard the Lionheart , pp. 137-8. Muitos historiadores têm expressado uma visão similar, sugerindo que Ricardo buscou ativamente batalhar em Arsuf. Estes incluem: Gillingham (Richard I , pp. 173-8), que reconheceu que seu relato de Arsuf baseou-se no testemunho de Ambrósio e descreveu a batalha como o “auge da fama de Ricardo”, caracterizando o modo como o rei tratou o encontro como “coisa de mestre”; Verbruggen (The Art of Warfare , p. 232), que descreveu Arsuf como “o último grande triunfo dos cristãos no Oriente Médio”; e S. Runciman (‘The kingdom of Acre and the later crusades’, A History of the Crusades , vol. 3 (Cambridge, 1954), p. 57), que aplaudiu a “suprema habilidade de comandar” do Coração de Leão. Tyerman (God’s War , pp. 458-9) minimizou a importância da batalha, mas, não obstante, confirmou que Ricardo queria levar Saladino ao combate e deslanchou um pesado ataque da cavalaria. Outros, como J. P. Phillips (The Crusades 1095-1197, Londres, 2002, pp. 146, 151), louvaram a “brilhante liderança de Ricardo em Arsuf”, embora ignorando a questão de o rei ter ou não buscado a batalha deliberadamente. Smail (Crusading Warfare , p. 163) descreveu Arsuf como um evento natural que meramente fez parte do processo de uma marcha de combate, mas ainda acreditando que Ricardo tinha planejado o ataque cruzado (pp. 128-9).

80 Baha al-Din, pp. 175-7; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 338-9.

81 Baha al-Din, p. 178; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 338-42.

82 Itinerarium Peregrinorum , p. 284; Ambroise, p. 114. Há pouca dúvida de que Ricardo estivesse pensando na campanha no Egito a partir do outono, pois cartas aos genoveses datadas de outubro de 1191 referem-se a planos para “apressar nossas forças no Egito” no verão seguinte “para vantagem” da Terra Santa. Codice Diplomatico della repubblica di Genova , vol. 3, pp. 19-21. Ricardo demonstrou uma habilidade diplomática para garantir o apoio dos genoveses, embora mantendo o apoio de seus aliados tradicionais, os pisanos. Favreau-Lilie, Die Italiener im Heiligen Land , pp. 288-93.

83 Itinerarium Peregrinorum , p. 293; Ambroise, pp. 118-19; Gillingham, ‘Richard I and the Science of War’, pp. 89-90; D. Pringle, ‘Templar castles between Jaffa and Jerusalem’, The Military Orders , vol. 2, ed. H. Nicholson (Aldershot, 1998), pp. 89-109.

84 Baha al-Din, p. 179.

85 Baha al-Din, pp. 185-8; Imad al-Din, pp. 349-51. Gillingham, Richard I , pp. 183-5; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 342-3. A Continuação de Guilherme de Tiro (La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 151), em francês antigo, mencionava a união proposta entre al-Adil e Joana, mas este texto (também conhecido como Eracles) teve origem no século XIII. Não é claro o motivo da recusa de Joana. Baha al-Din registrou que ela fugiu enfurecida quando Ricardo finalmente lhe apresentou seu plano. Imad al-Din, contudo, acreditou que ela quisesse essa união, mas foi levada a recusar pelo clero latino.

86 Baha al-Din, pp. 193-5; Imad al-Din, pp. 353-4; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 392; Itinerarium Peregrinorum , p. 296; Ambroise, p. 120. Imad al-Din viu as tentativas de aproximação de Ricardo como um jogo duplo. Baha al-Din, nesse ínterim, argumentou que o verdadeiro “objetivo de Saladino era minar as negociações de paz”. Ele registrou uma conversa pessoal em que o sultão enfatizou que a paz não poria um fim ao perigo para o Islã. Prevendo o colapso da unidade muçulmana depois de sua morte e um ressurgimento do poder franco,

Saladino aparentemente afirmou: “Nossa melhor atitude é apegar-nos à jihad até expulsarmos todos da costa ou morrermos”. Baha al-Din concluiu que “esta era sua opinião, e foi só contra sua vontade que se deixou persuadir a buscar a paz”. Contudo, isto provavelmente tenha sido propaganda destinada a manter a imagem de Saladino como um mujahid imbatível.

87 Baha al-Din, pp. 194-6.

88 Ambroise, pp. 123-4; Itinerarium Peregrinorum , p. 304.

89 Itinerarium Peregrinorum , p. 305; Ambroise, p. 126; Mayer, The Crusades , p. 148; Gillingham, Richard I , p. 191; Phillips, The Crusades , p. 151.

90 Ambroise, p. 126; Ibn al-Athir, vol. 2, p. 394.

91 Itinerarium Peregrinorum , p. 323; D. Pringle, ‘King Richard I and the walls of Ascalon’, Palestine Exploration Quarterly , vol. 116 (1984), pp. 133-47.

92 Baha al-Din, p. 200.

93 La Continuation de Guillaume de Tyr , p. 141. Ricardo certamente lutou para se eximir de culpa e suspeita, com sua cultura sendo amplamente registrada nas cortes europeias. Por fim, seus apoiadores pensaram em uma solução que exonerava o Coração de Leão – escrevendo uma carta em 1194, supostamente do próprio Velho Sinan (mas quase com certeza uma falsificação), afirmando que os Assassinos tinham agido devido a uma antiga rusga com o marquês. Gillingham,

Richard I , pp. 199-201.

94 Itinerarium Peregrinorum , p. 359; Ambroise, p. 153.

95 Baha al-Din, pp. 199-202; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 346-8.

96 Ambroise, p. 153.

97 Itinerarium Peregrinorum , p. 390; Baha al-Din, pp. 208-9.

98 Baha al-Din, pp. 209-12.

99 Ambroise, pp. 163-5; Itinerarium Peregrinorum , pp. 379-82.

100 Itinerarium Peregrinorum , p. 393; Ambroise, p. 172. Muitos cristãos latinos contemporâneos ficaram decepcionados por esta segunda retirada. Testemunhas oculares, como Ambrósio, reconheceram claramente que foi o rei Ricardo que desistiu da tentativa de assediar Jerusalém. No Ocidente, contudo, outros cronistas apresentaram uma versão diferente dos fatos, isentando o Coração de Leão de culpa. Roger de Howden (Chronica , vol. 3, p. 183) chegou a registrar que Ricardo estava determinado a capturar a Cidade Santa, mas foi desestimulado pelos francos, que se mostravam relutantes em participar porque o rei da França havia lhes ordenado que voltassem à Europa. Ralph de Coggeshall (pp. 38-40), por sua vez, afirmou que Ricardo estava prestes a conduzir seu exército a Jerusalém quando Hugo da Borgonha, os templários e os franceses se recusaram a lutar, temendo que Filipe Augusto ficasse enfurecido com eles se

ajudassem o rei angevino a capturar a Cidade Santa. Ralph acrescentou que mais tarde se descobriu que Hugo tinha feito uma vergonhosa aliança secreta com Saladino. Ironicamente, a noção de que os francos tinham boicotado as tentativas do Coração de Leão de conquistar Jerusalém acabou por pegar e, em meados do século XIII, já estava enraizada na memória popular. Gillingham, Richard I , pp. 208-10; Lyons and Jackson, Saladin , pp. 353-4. M. Markowski (‘Richard the Lionheart: Bad king, bad crusader’, Journal of Medieval History , vol. 23 (1997), pp. 351-65) criticou a conduta de Ricardo durante a Terceira Cruzada, rotulando-o de “fracasso como líder cruzado”, mas por outros motivos – ou seja, de que “qualquer bom líder cruzado deveria ter feito o que o exército esperava”, lançando um assalto a Jerusalém, fosse ele militarmente viável ou não.

101 Itinerarium Peregrinorum , p. 422; Baha al-Din, pp. 223, 225-6. Os mais influentes novos aliados do Coração de Leão eram: al-Mashtub – o emir curdo que havia servido Saladino desde 1169, comandou a guarnição do Acre em 1191 e recentemente (e talvez deliberadamente) tinha sido solto por Ricardo; e outros comandantes de Saladino, Badr al-Din e Dildirim al-Yaruqi. Ambos tinham servido como mediadores no verão de 1192.

102 Baha al-Din, p. 231; Imad al-Din, pp. 388-91. Sobre as consequências deste acordo, ver: J. H. Niermann, ‘Levantine peace following the Third Crusade: a new dimension in Frankish-Muslim relations’, Muslim World , vol. 65 (1975), pp. 107-18.

103 Baha al-Din, pp. 235, 239, 243.

104 Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , p. 195; Ibn al-Athir, vol. 2, pp. 408-9. Ver também: Lyons and Jackson, Saladin , pp. 361-74; Möhring, Saladin: The Sultan and his Times , pp. 88-104.

105 Sobre o final da carreira de Ricardo I, ver: Gillingham, Richard I , pp. 222-348. Sobre as lendas em torno da vida de Ricardo, ver: B. B. Broughton, The Legends of King Richard I (The Hague , 1966).

THOMAS ASBRIDGE

A luta pela sobrevivência



↪ns

THOMAS ASBRIDGE

A LUTA PELA
SOBREVIVÊNCIA



São Paulo, 2021

A luta pela sobrevivência

The Crusades – The War for the Holy Land

Copyright © Thomas Asbridge, 2010

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz • Vitor Donofrio • João Paulo Putini

TRADUÇÃO: Johann Heyss • Valter Lellis Siqueira

PREPARAÇÃO: Samuel Vidilli

REVISÃO: Agnaldo Alves • Flavia Araujo

DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio

CAPA: Ygor Moretti

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057**

Asbridge, Thomas

A luta pela sobrevivência

Thomas Asbridge ; tradução de Johann Heyss, Valter Lellis Siqueira

Barueri, sp: Novo Século Editora, 2021.

(As Cruzadas; vol 4)

Bibliografia

ISBN: 978-65-5561-335-3

Título original: The Crusades: The War for the Holy Land

1. Cruzadas 2. Cristianismo e outras religiões 3. História da Igreja - 600-1500 – Idade Média 4. Oriente Médio – História 5. Europa – História da Igreja i. Título ii. Heyss, Johann iii. Siqueira, Valter Lellis iv. Série

21-3679 CDD-909.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Cruzadas

ins

uma marca do
grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Sumário

[IV. A luta pela sobrevivência](#)

[19. Rejuvenescimento](#)

[Transformação no Ocidente Latino](#)

[O Papa Inocêncio III](#)

[A visão de Inocêncio com relação à autoridade papal](#)

[Convocando uma cruzada](#)

[A quarta cruzada](#)

[Digressões para o desastre](#)

[Causas e consequências](#)

[Controlando o incêndio](#)

[O ultramar no século XIII](#)

[O equilíbrio de poder no Oriente franco](#)

[O destino do Império Aiúbida](#)

[As ordens militares](#)

[Castelos cruzados](#)

[Comércio e economia do Ultramar](#)

[20. Novos caminhos](#)

[A quinta cruzada](#)

[O cardeal Pelágio](#)

[Impasse](#)

[Para obter a vitória](#)

[A cruzada de Frederico II](#)

[Stupor mundi](#)

[Cruzado imperial, rei de Jerusalém](#)

[Frederico II no Oriente Próximo](#)

[Um novo horizonte](#)

[A Cruzada dos Nobres](#)

[A ruína da Palestina](#)

[21. Um santo na guerra](#)

[O Rei Luís IX da França](#)

[Os preparativos para a guerra](#)

[Atacando o nilo](#)

[O assalto à praia](#)

[O declínio aiúbida](#)

[Mamelucos – as espadas do Islã](#)

[Para conquistar o Egito](#)

[A Batalha de Mansura](#)

[Entre a vitória e a derrota](#)

[O preço da indecisão](#)

[O rei penitente](#)

[No despertar da adversidade](#)

[Notas](#)

[Colofão](#)

IV. A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

19. REJUVENESCIMENTO

No despertar da Terceira Cruzada, ansiosas questões sobre a validade e a eficácia da guerra santa cristã começaram a surgir no Ocidente. Os “horrores” de 1187 – a derrota dos francos em Hattin e a reconquista muçulmana de Jerusalém – propiciaram que a Europa lançasse a maior e mais bem organizada expedição da história ao Oriente. Os maiores reis da cristandade haviam conduzido dezenas de milhares de cruzados à batalha. E, contudo, a Cidade Santa permanecia nas mãos do Islã, bem como a mais venerada das relíquias cristãs, a Verdadeira Cruz. Tendo em vista os sacrifícios físicos, emotivos e financeiros feitos entre 1188 e 1192, bem como o chocante fracasso em conseguir a vitória final, era inevitável que a cristandade ocidental fosse levada a pensar novamente em cruzadas – olhando para o interior de si mesma para reconsiderar e reformular a ideia e a prática da luta em nome de Deus.

TRANSFORMAÇÃO NO OCIDENTE LATINO

Mudanças de rumo fundamentais na Europa latina também ajudaram a acender essa “transformação” na guerra santa cristã. A ideia da cruzada havia nascido e tinha sido moldada no mundo do século XI e do início do século XII, mas por volta de 1200 muitas características essenciais da sociedade ocidental estavam em ação: a aceleração da urbanização estava alterando os modelos da população, estimulando a mobilidade social e o fortalecimento de uma classe negociante, e a autoridade monárquica centralizada estava se fortalecendo em regiões como a França. Ainda mais significativas foram as mudanças associadas ao quadro intelectual e espiritual da Europa. Desde o início, o entusiasmo pelas cruzadas havia sido apoiado pelo fato de que quase todos os latinos sentiam uma necessidade arrebatadora de buscar a redenção de seus pecados. Mas, ao longo do século XII, as atitudes com relação à prática penitencial e devocional evoluíram, e novas ideias quanto ao que uma “boa vida cristã” podia realmente implicar e significar começaram a se infiltrar por todo o Ocidente.

Uma mudança gradativa viu uma crescente ênfase nas formas interiores da espiritualidade, em lugar das manifestações externas de piedade. Pela primeira vez na Idade Média, o que realmente se pensava, sentia e acreditava estava se tornando tão ou mais importante do que aquilo que se dizia ou era feito em público. Num desenvolvimento paralelo e relacionado, a relação do homem com Deus e o Cristo passou a ser vista em termos mais pessoais, diretos e “internalizados”. Estas noções tinham o potencial de derrubar os padrões estabelecidos da religião medieval. Um ritual salvador como a peregrinação física – uma das pedras angulares da atitude cruzada – fazia muito menos sentido, por exemplo, se o que realmente importava era a sincera contrição. E se, como muitos teólogos começavam a sugerir, a graça de Deus era onipresente em todos e em tudo, então por que era necessário viajar através de meio mundo para buscar Seu perdão em um local como Jerusalém? Ainda se passariam muitos anos antes que a total força transformadora dessa revolução ideológica fosse sentida na cristandade ocidental, mas os primeiros sinais de sua influência foram evidentes durante o século XIII.

A cristandade latina também encarou desafios mais imediatos e urgentes por

volta de 1200. O primeiro foi a heresia. A Europa já fora um bastião de ortodoxia e conformidade religiosas, mas durante uma centena de anos o Ocidente havia experimentado uma explosão de crenças e movimentos “heréticos” de proporções quase epidêmicas. Tais movimentos iam de desvios relativamente inócuos, mas capazes de agitar as massas conduzidas por desornados demagogos, até a promoção de crenças alternativas cuidadosamente concebidas e impactantes – como a dos cátaros dualistas, que acreditavam em dois deuses: um bom e o outro mau, e negavam que Cristo tivesse vivido sob forma corpórea (e assim rejeitando os dogmas latinos básicos da Crucificação, Redenção e Ressurreição). Ao lado dos condenados como heréticos pela Igreja Romana havia outros com desvio desesperadamente próximo da linha oficial, mas que, não obstante, conseguiam obter a aprovação papal. Estes incluíam os frades mendicantes – franciscanos e dominicanos – que advogavam a pobreza despojada e se dedicavam a levar a palavra de Deus ao povo com novo vigor e clareza. A Igreja logo buscou absorver o dinamismo oratório dos frades, no mínimo para revigorar a pregação em favor da cruzada. Mas o entusiasmo evangélico dos mendicantes também teve o poder de afetar os objetivos de uma guerra santa: entremear uma linha de conversão no fundo familiar da conquista e da defesa.¹

O mundo do século XIII era de novas ideias e desafios inéditos, em que lutar uma cruzada significava desempenhar papéis diferentes e assumir novas formas. A questão crítica – logo patente para os contemporâneos – era como isso seria traduzido para a gênese de mais uma guerra na Terra Santa.

O PAPA INOCÊNCIO III

Um homem que pelejou apenas com esta questão foi o papa Inocêncio III – talvez o pontífice romano mais poderoso e influente da história medieval; com certeza, o patrono mais ativo e entusiasta das cruzadas durante a Idade Média central. Eleito papa em 8 de janeiro de 1198, ele imediatamente trouxe um novo alento de exuberante vitalidade ao seu cargo. Durante os dezessete anos precedentes, não menos que cinco papas idosos haviam morrido assim que foram elevados ao trono pontifício. Inocêncio, em contraste, tinha apenas 37 anos de idade, transbordante de vigor, ardendo de ambição. No fundo, ele se adequava perfeitamente a esse novo papel. Tendo nascido na aristocracia romana, possuía excelentes ligações políticas e eclesiásticas com o centro da Itália. Também havia sido educado nos melhores centros de estudo da Europa, especialmente em Direito Eclesiástico em Bolonha e Teologia em Paris.

Além disso, o momento da ascensão de Inocêncio ao poder foi fantasticamente propício. Desde os dias do papa Gregório VII e do movimento de reforma do século XI, a autoridade papal havia sido persistentemente contestada pelos combativos ataques do império alemão dos Hohenstaufen. E a situação de Roma deteriorou-se mais ainda em 1194, quando o imperador Henrique VI (filho e herdeiro de Frederico Barbarroxa) também se tornou rei da Sicília por meio do casamento, assim cercando os Estados Papais de Norte a Sul. Mas em setembro de 1197, Henrique VI morreu inesperadamente de malária, deixando como herdeiro Frederico, seu filho de apenas três anos de idade. O mundo dos Hohenstaufen subitamente mergulhou numa paralisante crise dinástica que se arrastaria por décadas. Isto deu ao papado, sob o comando de Inocêncio III, uma extraordinária oportunidade de atuar no cenário europeu relativamente sem impedimento.²

A visão de Inocêncio com relação à autoridade papal

O papa tinha notável confiança na autoridade essencial – e, em sua opinião divinamente sancionada – investida no papado. Inocêncio se via realmente como o vigário (ou representante) de Cristo na Terra. Pontífices anteriores podem ter sonhado em atingir um domínio significativo, mais do que simplesmente teórico, de toda a Igreja Latina; as aspirações de Inocêncio iam muito além da esfera eclesiástica ou espiritual. Na verdade, em sua opinião, o papa deveria ser o senhor de toda a cristandade ocidental, talvez até de todos os cristãos da Terra; um árbitro da vontade de Deus, cujo poder superava o dos governantes temporais, capaz de fazer (e destronar) reis e imperadores. Inocêncio também possuía uma visão clara do que desejava atingir com esse poder absoluto: a reconquista de Jerusalém. Ele parece ter sentido uma ligação sincera e autêntica com a Cidade Santa; boa parte de seu pontificado seria dedicada, de uma forma ou de outra, a garantir sua reconquista. Mas como muitos ocidentais de sua geração, o novo papa havia se decepcionado com as conquistas limitadas da Terceira Cruzada. Em sua mente, o fracasso da expedição em retomar Jerusalém podia ser atribuído a duas causas preponderantes e ele tinha uma solução para cada uma delas.

Evidentemente, Deus permitiu que os francos fossem derrotados no Levante como punição pelos pecados manifestos de toda a cristandade latina. Portanto, o trabalho de reforma e purificação do Ocidente devia ser redobrado. Toda a Europa teria que ser trazida – pela força, se necessário – a um novo estado de perfeição, unificada espiritual e politicamente sob a justa autoridade de Roma e assim purgada da mancha terrível e corruptora da heresia. E os fiéis deveriam ser encaminhados para uma vida de virtude; receberiam toda oportunidade possível de se redimir de suas transgressões, para que pudessem encontrar o caminho da salvação. Por esses meios, o mundo latino poderia ser limpo, de forma que o Senhor pudesse conduzir a cristandade à vitória na guerra pela Terra Santa.

O papa Inocêncio também acreditava que a própria prática da cruzada deveria ser urgentemente alterada, e concluiu, assim, que medidas funcionais levariam ao rejuvenescimento espiritual. Com esse intuito, ele tratou de refinar o gerenciamento e a operação da guerra santa, de modo a fortalecer os

participantes para agirem com maior pureza de intenções. Voltando seu olhar para o século anterior, o papa percebeu três problemas fundamentais: demasiadas pessoas erradas (especialmente não combatentes) estavam aceitando a cruz; as expedições foram mal financiadas; e também estiveram sujeitas a um comando ineficiente. Não é de surpreender que Inocêncio estivesse certo de que sabia como resolver essas dificuldades – a Igreja Latina tomaria a dianteira, reafirmando seu “direito” de comandar o movimento cruzado, assumindo o controle do recrutamento, do financiamento e da liderança. A beleza de todo esse esquema, como pensava o papa, era que os cruzados lutando numa guerra santa “aperfeiçoada” não teriam apenas uma oportunidade melhor de expulsar o Islã de Jerusalém; o próprio envolvimento desses latinos numa expedição penitenciária serviria simultaneamente para expiar seus pecados, assim ajudando toda a cristandade ocidental a trilhar o caminho da retidão.

Com tudo isso em mente, Inocêncio buscou lançar uma nova cruzada para a Terra Santa assim que se tornou papa, emitindo um chamado às armas em 15 de agosto de 1198. Ele vislumbrou um glorioso empenho – a pregação, a organização e a busca do que estaria sob seu controle direto – imaginando que uma expedição tão ordenada e sagrada não poderia deixar de receber a divina aprovação.

Convocando uma cruzada

Durante os primeiros anos de seu pontificado, Inocêncio III tratou de concentrar o mecanismo e o maquinário da cruzada em Roma, na esperança de institucionalizar a guerra santa como um empreendimento regido pelo papado. Entre 1198 e 1199, ele introduziu um pacote de reformas inovadoras que formaram a espinha dorsal de sua política de cruzada enquanto esteve em seu cargo. Sob seu papado, a recompensa espiritual (ou indulgência) oferecida aos cruzados foi reconfigurada e reforçada. Os que a tomavam recebiam a firme promessa de “perdão total de seus pecados” e a garantia de que seu serviço militar os dispensaria de qualquer punição na Terra ou na eternidade. Contudo, exigia-se dos cruzados que mostrassem “penitência na voz e no coração” por suas transgressões – ou seja, remorso exterior e interior. A indulgência de Inocêncio também se distanciou cuidadosamente da força purificadora da guerra santa das obras físicas do ser humano: não mais se sugeria que o sofrimento e a dificuldade suportados na campanha servissem para salvar a alma; em vez disso, os benefícios espirituais obtidos pela indulgência eram dados como presente, misericordiosamente garantidos por Deus como justa recompensa por atos meritórios. Esse foi um desvio sutil, mas que procurou acalmar algumas dificuldades teológicas levantadas pela cruzada (como a relação de Deus com o homem). Essa formulação da indulgência tornou-se o “padrão de ouro” da Igreja Latina, permanecendo praticamente imutável ao longo de toda a Idade Média e depois dela.

Inocêncio também tentou criar um novo sistema financeiro que deixasse para a Igreja o ônus da cruzada. Isto incluía um imposto de um quarto sobre quase todos os aspectos da renda eclesiástica por um ano e um imposto de 10% sobre a receita papal. O novo papa mandou colocar urnas de doação em igrejas por toda a Europa, nas quais os paroquianos leigos deviam doar esmolas em apoio aos esforços de guerra. De maneira crucial, o sumo-pontífice sugeriu que essas ofertas em dinheiro, por si mesmas, trariam a seus autores uma indulgência similar àquela oferecida aos cruzados verdadeiros. Com o tempo, essa concepção remodelaria a ideologia cruzada e traria enormes consequências para toda a história da Igreja Romana.

Inocência afirmou, com todas as letras, que o oneroso fardo de seus deveres em Roma tornava-lhe impossível liderar uma cruzada em pessoa, mas nesses primeiros anos nomeou um certo número de legados papais para representar seus interesses e supervisionar a guerra santa. Ele também estabeleceu limites precisos quanto a quem tinha permissão de pregar a cruzada, apontando o renomado evangelizador franco Fulco de Neuilly para fazer esse chamado. Ao mesmo tempo, o papa buscou impor um mínimo de termos estritos de serviço aos que se tornariam cruzados, declarando que só depois de um determinado período de tempo lutando pela cruz é que a indulgência seria concedida (começou com dois anos, mas posteriormente baixou para um ano).

Tudo isso parecia maravilhosamente eficiente. Contudo, a despeito da verve e da garantia da visão de Inocência, todos os seus esforços multifacetados evocavam uma única resposta em surdina: os antecipados alistamentos de hordas de entusiasmados guerreiros não ocorreram (embora muitos pobres o tivessem feito); as doações nas urnas espalhadas pelo Ocidente não conseguiram enchê-las. A primeira encíclica cruzada de Inocência havia apelado para o início de uma expedição em março de 1199, mas essa data logo chegou e se foi sem nenhum sinal de ação e, eventualmente, um segundo apelo foi feito em dezembro de 1199. Por essa época, o controle do que se tornaria a Quarta Cruzada já estava lhe escapando pelos dedos.

Na verdade, o conceito de cruzada de Inocência era fundamentalmente inócuo. Absolutista no tom, não fez nenhuma previsão de colaboração interativa entre a Igreja e os líderes seculares da sociedade leiga. O papa imaginou que simplesmente dobraria os reis e os senhores da cristandade latina à sua vontade, como meros instrumentos dos propósitos de Deus. Mas isto se mostrou totalmente fora da realidade. A partir da Primeira Cruzada, os nobres leigos da Europa tinham sido absolutamente essenciais para o movimento cruzado. Era o entusiasmo febril deles que podia desencadear expansivas ondas de recrutamento pelas redes sociais do parentesco e da vassalagem, e a liderança militar que tinham podia direcionar a guerra santa. Inocência certamente esperara alistar os cavaleiros, senhores e até reis em sua cruzada, mas apenas como peões obedientes, e não iguais ou aliados.

Os historiadores costumavam sugerir que o papa deliberadamente limitou o grau de envolvimento real na cruzada, mas isso não é inteiramente verdadeiro. Para começar, pelo menos, ele buscou intermediar um acordo de paz entre a Inglaterra angevina e a França capetíngia, e fez algumas tentativas de convencer o rei

Ricardo I a aceitar a cruz. Mas, quando o Coração de Leão faleceu em 1199, esses planos nebulosos de incluir a monarquia latina na “cruzada papal” se evaporaram. Depois da morte de Ricardo, seu irmão João estava ocupado demais lutando para assumir o controle da Inglaterra e do reino angevino para pensar em uma guerra santa. O rei Filipe Augusto da França deixou claro que, antes que a sucessão angevina fosse resolvida, ele não sairia da Europa. E a luta pelo poder em andamento na Alemanha impedia qualquer participação direta dos Hohenstaufen. Mas mesmo quando ficou óbvio que não haveria nenhum envolvimento da coroa desses três reinos, Inocêncio não tentou consultar ou recrutar líderes seculares da grande aristocracia. Ele provavelmente acreditava que os membros dessa classe adeririam à sua causa por vontade própria, ávidos por servir ao seu desejo – mas ele estava enganado, e este lapso de julgamento teria trágicas consequências para a cristandade.³

A QUARTA CRUZADA

Contrariando as esperanças e expectativas do papa Inocêncio III, a Quarta Cruzada foi em grande parte moldada pela laicidade, ficando sujeita à liderança secular e à influência das preocupações mundanas. O verdadeiro entusiasmo e o generalizado recrutamento para a expedição entre a elite dos guerreiros europeus só ocorreram depois que dois proeminentes senhores do norte da França – o conde Teobaldo III de Champagne e seu primo Luís, conde de Blois – aceitaram a cruz num torneio de cavaleiros em Écry (ao norte de Rheims) no final de novembro de 1199. Em fevereiro de 1200, o conde Balduíno de Flandres seguiu o exemplo. Os três homens pertenciam ao alto escalão da nobreza latina, ligados às casas reais da Inglaterra e da França. Cada um possuía uma inestimável “linhagem cruzada”, visto que múltiplas gerações de suas respectivas famílias haviam lutado na guerra pela Terra Santa. Contudo, embora eles pareçam ter conhecido bem a pregação sobre a cruzada de Fulco de Neuilly, não há evidências de que foram diretamente contatados ou incentivados a se alistar por qualquer representante do papa. Com certeza, como os cruzados mais antigos, eles se viam como cristãos que atendiam ao chamado às armas emitido e sancionado pelo papado, mas não parecem ter sentido nenhuma necessidade especial de trabalhar com Roma no planejamento ou na execução de sua expedição. Isso resultou numa preocupante disjunção entre o ponto de vista deles e as noções idealizadas propostas por Inocêncio III.

Digressões para o desastre

Em abril de 1201, um grupo de enviados cruzados – representando Teobaldo, Luís e Balduíno – negociou um malfadado tratado com Veneza, a superpotência naval e comercial da Itália. O acordo previa a construção de uma vasta frota para transportar 33.500 cruzados e 4.500 cavalos pelo Mediterrâneo em troca de um pagamento de 85 mil marcos de prata. Esta enorme encomenda permitiu que os venezianos suspendessem temporariamente seus interesses comerciais mais amplos, investindo toda sua energia na construção do requisitado número de navios em tempo recorde.

Esse esquema foi insano desde o início. A ideia de usar o transporte marítimo para chegar à Terra Santa se popularizara durante a Terceira Cruzada, com os contingentes ingleses e franceses velejando para a guerra. O problema das viagens marítimas, porém, estava no custo e, em comparação com a marcha por terra, exigiam um imenso gasto inicial em dinheiro vivo. A frota usada pela Terceira Cruzada precisou ser financiada por tesouros reais, e mesmo assim os fundos não foram facilmente reunidos. Sem contar com o apoio ou o envolvimento real, a Quarta Cruzada inevitavelmente lutou para pagar a conta devida a Veneza. O tratado de 1201 também foi assinado segundo a suposição irreal de que todos os latinos que haviam aceitado a cruz concordariam em zarpar do mesmo porto numa data específica, embora não houvesse precedente para este tipo de partida sistemática e nenhum compromisso disso ocorrer em Veneza estivesse incluso no voto do cruzado. O plano poderia muito bem ter funcionado se a liderança secular tivesse coordenado seus esforços com o papado para orquestrar um contingente geral – como aconteceu, Inocêncio aparentemente sequer foi consultado sobre o acordo com Veneza. Percebendo que estava rapidamente perdendo todo o controle sobre a expedição, o papa relutantemente confirmou o tratado. Desse ponto em diante, Inocêncio viu-se gradativamente preso entre impulsos conflitantes: o desejo de pôr a cruzada de joelhos retirando seu apoio e a persistente esperança de que a campanha ainda encontraria uma maneira de cumprir a vontade de Deus.

As perspectivas da Quarta Cruzada sofreram um grave golpe quando, em maio de 1201, Teobaldo de Champagne, que mal tinha completado vinte anos de

idade, caiu doente e morreu. A liderança geral passou para Bonifácio de Montferrat, um nobre do norte da Itália que, por meio de seus irmãos Guilherme e Conrado, possuía seu próprio e notável “linhagem de cruzado”, mas a morte de Teobaldo, não obstante, enfraqueceu o recrutamento no norte da França. Quando os cruzados começaram a se reunir em Veneza a partir de junho de 1202, ficou rapidamente óbvio que havia um problema. Em meados do verão de 1201, apenas cerca de 13 mil soldados tinham chegado. Muito menos francos que os previstos haviam aceitado a cruz, e, dos homens alistados, muitos preferiram embarcar para o Oriente de outros portos, como Marselha.

Mesmo juntando todos os recursos disponíveis, os líderes cruzados ficaram com um enorme rombo financeiro. Os venezianos haviam cumprido sua parte no trato – a grande armada estava pronta – mas ainda lhes eram devidos 34 mil marcos. A expedição foi salva do colapso imediato pela intervenção do venerável líder de Veneza, o doge Enrico Dandolo. Octogenário sábio e meio cego, cujo caráter espirituoso e infundável energia desmentiam sua idade, Dandolo possuía uma visão perspicaz da guerra e da política e era motivado por uma absoluta determinação de ampliar os interesses venezianos. Ele então se ofereceu para comutar a dívida dos cruzados e prometeu que suas próprias tropas se juntariam à guerra no Levante, desde que os cruzados primeiro ajudassem Veneza a derrotar seus inimigos. Ao concordar com o trato, a Quarta Cruzada desviou-se de seu caminho para a Terra Santa. Em alguns meses a expedição havia saqueado a cidade cristã de Zara, na costa dalmática, a rival política e econômica de Veneza. Inocêncio ficou consternado quando soube dessa afronta e reagiu excomungando a cruzada inteira. A princípio, este ato de censura – a máxima sanção espiritual à disposição do papa – pareceu imobilizar a campanha. Mas Inocêncio, um tanto insensatamente, acedeu às promessas de contrição dos cruzados franceses e posteriormente rescindiu sua punição (embora os venezianos, que nada fizeram para obter o perdão, continuassem excomungados). Nessa época, vozes dissidentes dentro do exército cruzado começaram a questionar o rumo tomado pela expedição; alguns francos chegaram a partir para a Terra Santa por conta própria. A maioria, contudo, continuou a seguir o conselho e a liderança oferecidos por homens como Bonifácio de Montferrat e o doge Dandolo.

Quando o botim conseguido pela conquista de Zara mostrou-se insuficiente, a cruzada virou-se para Constantinopla e o Império Bizantino. A “justa causa” citada para decisão extraordinária foi que os cruzados planejavam restabelecer o herdeiro “legítimo” de Bizâncio, o príncipe Aleixo Ângelo (filho do deposto

imperador Isaac II Ângelo), que então pagaria a dívida com Veneza e financiaria um ataque ao Oriente Próximo muçulmano. Porém, havia um subtexto mais sombrio em ação. Os gregos tinham suprimido as ambições venezianas de dominar o comércio mediterrâneo havia décadas. No mínimo, Dandolo esperava instalar um imperador “dócil” no trono, mas talvez ele já tivesse uma conquista mais direta em mente – o doge, com certeza, só ficou feliz ao conduzir a cruzada a Constantinopla.

Uma vez lá, a expedição rapidamente perdeu de vista seu objetivo “sagrado” de reconquistar Jerusalém. Depois de uma breve ofensiva militar, o regime imperial existente foi derrubado em julho de 1203 – a apenas um custo limitado de sangue grego –, e Aleixo foi proclamado imperador. Mas quando ele se mostrou incapaz de cumprir suas pródigas promessas de recompensar os latinos, as relações se estremeceram. Em janeiro de 1204, o controle do poder por Aleixo titubeou, e ele foi derrubado (e depois estrangulado por um membro da família rival Ducas, apelidado de Murtzurphlus (ou “sobrancelha-pesada”, devido às suas sobrancelhas proeminentes). A despeito de seu estranhamento com relação ao falecido imperador, os cruzados interpretaram essa deposição como golpe e caracterizaram Murtzurphlus como um usurpador tirânico que também deveria ser deposto. Envolvidos nesta causa da guerra, os latinos prepararam um assalto em escala total contra a grande capital de Bizâncio.

Em 12 de abril de 1204, milhares de cavaleiros ocidentais irromperam na cidade e, a despeito de seus votos de cruzados, sujeitaram sua população cristã a três dias de violência, estupro e saques. Durante esse horrível ataque, a glória de Constantinopla foi esmagada, a cidade despojada de seus maiores tesouros – entre eles relíquias sagradas como a Coroa de Espinhos e a cabeça de João Batista. O doge Dandolo apoderou-se das imponentes estátuas de bronze de quatro cavalos e as despachou para Veneza, onde foram colocadas acima da entrada da Basílica de São Marcos como totem do triunfo veneziano. Lá permanecem até hoje.

Os homens da Quarta Cruzada nunca zarparam para a Palestina. Em vez disso, permaneceram em Constantinopla, fundando um novo império latino, que chamaram de România. Imitando a prática bizantina, seu primeiro soberano, Balduíno, conde de Flandres, colocou as elaboradas vestes incrustadas de joias do governante imperial em 16 de maio de 1204 e foi ungido imperador na monumental Basílica de Santa Sofia – o epicentro espiritual da cristandade ortodoxa grega. Para além do Estreito de Bósforo, na Ásia Menor, a aristocracia

grega sobrevivente estabeleceu seu próprio império no exílio em Niceia, aguardando vingança.

Causas e consequências

Os comentadores contemporâneos e mesmo os modernos se questionam sobre o que levou a Quarta Cruzada à antiga capital do Império Bizantino. Já se sugeriu, por exemplo, que esse desvio foi a expressão total de uma exasperada desconfiança e ojeriza que havia sido uma característica cada vez mais crescente dos cruzados – ou seja, as relações com Bizâncio durante o século XII. Afinal, elementos da Segunda Cruzada haviam pensado em atacar a capital grega, e a Terceira Cruzada testemunhou a forçada captura do Chipre, um protetorado bizantino. Alguns até insinuaram que a expedição foi verdadeiramente parte de uma completa conspiração antigrega – que a captura de Constantinopla sempre teve esse objetivo, deliberadamente buscado pelos cruzados desde o início. Não é provável que isto tenha sido verdade – no mínimo porque todo o empreendimento caracterizou-se por uma evidente falta de organização efetiva.

Na verdade, a Quarta Cruzada somente foi posta em movimento pelo mal alinhavado tratado com Veneza e, quase com certeza, chegou às muralhas de Constantinopla por meio de uma sucessão de decisões não planejadas e pragmáticas, bem como por uma série de desvios cumulativos. Pode não ter havido um grande desígnio em ação, mas isso não quer dizer que a eventual conquista sanguinária de Constantinopla pelos latinos não tenha seguido os interesses venezianos ou aumentado as ambições de alguns dos líderes cruzados. A expedição também confirmou o abominável fracasso do grande projeto de “cruzada papal” de Inocêncio III. Os eventos demonstraram que ele era singularmente incapaz de impor sua vontade a partir de Roma. Em junho de 1203, quando ele soube do desvio para Constantinopla, o papa escreveu aos líderes cruzados proibindo explicitamente qualquer ataque à metrópole cristã, mas tal proibição foi ignorada. E foi assim que, um pouco antes de novembro de 1204, Inocêncio recebeu uma carta do novo imperador latino Balduíno, anunciando a captura da capital bizantina. A missiva do monarca evidentemente oferecia um relato dos eventos bastante saneado, celebrando a conquista como um grande triunfo para a cristandade e, a despeito de preocupações anteriores, o papa inicialmente respondeu com júbilo. Parecia que, por meio da vontade inimitável de Deus, as Igrejas do Oriente e do Ocidente haviam sido agora gloriosamente unidas sob o domínio romano, e que, com a fundação da nova

unidade política latina, poder-se-ia levar socorro aos Estados cruzados levantinos. Só mais tarde surgiram os detalhes da bruta avidez dos cruzados, transformando a alegria de Inocência em desgosto, fazendo-o rescindir sua aprovação inicial e condenando o resultado da expedição como uma paródia vergonhosa.⁴

CONTROLANDO O INCÊNDIO

Inocência ficou indignado pela forma com que a Quarta Cruzada escapou do controle, mas logo sua visão inatamente pragmática e seu otimismo natural fizeram-no renovar seu interesse por atrelar-se ao poder da guerra santa. Durante a década seguinte, ele fez repetidas tentativas de utilizar e controlar a cruzada. Durante esse período, contudo, redirecionou essa arma da política papal para novos palcos do conflito e contra inimigos diferentes. Em parte, essa foi uma resposta a ameaças emergentes; assim, expedições foram lançadas contra os pagãos livonianos do Báltico e os mouros almóadas da Espanha. E apesar de suas preocupações quanto às circunstâncias de sua formação, Inocência também reconheceu que o recém-formado Império Latino de Constantinopla precisaria de proteção se fosse desempenhar algum papel significativo na luta mais ampla pela reconquista da Terra Santa. Outros cruzados, portanto, foram incentivados a reforçar esse novo domínio. O papa também concluiu que as cruzadas poderiam desempenhar um papel importante e direto em sua busca por purificar a Europa Ocidental. Em 1209, lançou a chamada Cruzada Albigense contra os heréticos cátaros no sudeste da França, mas as campanhas que se seguiram demonstraram-se brutais e grandemente ineficientes, sendo sujeitas aos desejos de aquisições pessoais para os participantes do norte da França.

Uma explosão popular de piedade arrebatada foi testemunhada em 1212, quando, por razões que permanecem incertas (mas talvez estivessem relacionadas com a pregação da Cruzada Albigense), grandes grupos de crianças e jovens, no norte da França e na Alemanha, começaram espontaneamente a declarar sua dedicação a libertar Jerusalém. Na “Cruzada das Crianças” que se seguiu, dois meninos, um pastorzinho franco de Vendôme chamado Estêvão de Cloyes e um certo Nicolau de Colônia, aparentemente fizeram surgir hordas de jovens seguidores, prometendo que Deus velaria a jornada até o Levante e, então, atribuiria a eles o poder miraculoso de derrotar o Islã, retomar Jerusalém e recuperar a Verdadeira Cruz. Sendo inocentes, argumentavam, as crianças seriam capazes de cumprir os desígnios divinos de uma maneira impossível para os adultos, contaminados pelo estigma do pecado. Poucas evidências confiáveis sobreviveram com relação ao destino desses “cruzados”, mas para os

contemporâneos da França, Alemanha e Itália – incluindo Inocêncio III – tal acontecimento serviu como lembrete salutar de que o chamado da cruz ainda conseguia comover os corações e as mentes das massas.⁵

Em 1213, o papa percebeu que a ampliação do foco da guerra santa tinha, na verdade, servido para enfraquecer o Oriente latino – desviando o Ocidente da promessa da Terra Santa – e, então, lançou-se a repensar sua política de forma mais abrangente. Retirando o status de cruzada dos conflitos na Espanha, no Báltico e no sul da França, ele recanalizou a força total do entusiasmo cruzado para a reconquista de Jerusalém, proclamando uma nova e grande expedição: a Quinta Cruzada. Ao mesmo tempo, fez renovadas tentativas de assegurar o total controle da organização e do processo da violência santificada.

Ele começou por fazer esforços ainda mais extenuantes para regularizar a pregação dessa Quinta Cruzada. Inocêncio escolheu a dedo os clérigos que deveriam espalhar o apelo às armas, além de administradores regionais para supervisionar as campanhas de recrutamento. Também incentivou a produção de manuais de pregação contendo modelos de sermões, e estabeleceu guias específicos sobre a conduta dos pregadores. Embora a cruzada atraísse poucos recrutas na França – o tradicional coração do entusiasmo – em outras partes a resposta foi dramática. Arrebatados por oradores habilidosos, como o clérigo franco Jaime de Vitry ou o pregador alemão Olivier de Paderborn – cujos sermões eram frequentemente acompanhados por eventos “miraculosos”, como o aparecimento de cruzes brilhantes no céu – centenas de habilidosos cavaleiros da Hungria, Alemanha, Itália, Países Baixos e Inglaterra aceitaram a cruz. As iniciativas de Inocêncio na esfera do financiamento da cruzada tiveram consequências mais problemáticas. Até então, ele tinha argumentado de forma consistente que somente guerreiros treinados poderiam aceitar a cruz, acreditando que isso criaria um exército cruzado compacto e eficiente. Em 1213, propiciou o que pareceu uma reviravolta, declarando que o maior número possível de pessoas deveria ser incentivado a se alistar, sem se levar em consideração sua adequação para a guerra santa. Esta abertura das comportas pode ter sido provocada, em parte, pela então recente Cruzada das Crianças, que demonstrou de forma tão patente a amplitude e a profundidade do entusiasmo cruzado do Ocidente. Não obstante, o esquema de Inocêncio teve outra reviravolta. Anos antes, quando lançou a Quarta Cruzada, o papa havia sugerido que doações financeiras de ajuda à guerra santa poderiam ser recompensadas com uma indulgência. Agora, ele aprimorava e ampliava essa ideia. Inocêncio esperava que muitos milhares se alistassem em sua nova campanha, mas

anunciou que qualquer um que aceitasse a cruz e provasse ser incapaz de lutar pessoalmente poderia prontamente redimir seu voto de cruzado fazendo um pagamento em dinheiro e recebendo uma recompensa religiosa. Esta reforma extraordinária pode ter sido bem-intencionada – destinada a trazer à cruzada recursos financeiros e militares, bem como a ampliar o poder redentor da guerra santa para um público mais amplo, mas acabou por abrir um precedente extremamente perigoso. A ideia de que o mérito espiritual podia ser comprado com dinheiro gerou o desenvolvimento de um amplo sistema de indulgências, talvez a característica mais amplamente crítica do catolicismo latino medieval tardio e fator-chave para o surgimento da Reforma. Essas iminentes consequências de longo prazo não ficaram aparentes em 1213, mas, mesmo assim, a inovação de Inocêncio provocou uma crítica escandalizada entre alguns contemporâneos e, ao longo do século XIII, levou a graves abusos do movimento cruzado.

Contudo, o papa não abriu mão de seu objetivo. A convocação de uma nova cruzada à Terra Santa foi novamente divulgada em 1215 num enorme concílio eclesiástico (o Quarto Concílio de Latrão) convocado por Inocêncio para discutir a situação da cristandade. Essa espetacular assembleia – na época a maior de sua espécie – afirmou a elevação do poder papal conseguido durante o pontificado corrente. Sempre obcecado pelo desejo de levantar fundos para a guerra santa, ele renovou o imposto da Igreja, dessa vez com a taxa ainda mais acachapante de um vigésimo por três anos, e nomeou comissões para garantir seu cuidadoso recolhimento.

Menos de um ano depois, em 16 de julho de 1216, o papa Inocêncio III morreu de uma febre – supostamente contraída enquanto ele pregava a cruzada debaixo de chuva perto de Perúgia (centro da Itália) – mesmo antes que a Quinta Cruzada começasse.⁶ Ao longo de seu pontificado ele abraçara a guerra santa, embora as campanhas lançadas sob seu comando só tivessem obtido limitado sucesso. A vontade de Inocêncio de apoiar e modificar o movimento cruzado muito fez para revigorar uma causa que, de outra forma, teria se dissipado. Em muitos sentidos, ele reformulou a cruzada da forma que ela assumiria no século seguinte e para além dele. Contudo, também é verdade que a monumental ambição de Inocêncio excedeu a realidade da autoridade papal, e que suas tentativas de exercer o controle eclesiástico direto das expedições cruzadas foram mal concebidas e fora da realidade.

O ULTRAMAR NO SÉCULO XIII

No início do século XIII, à medida que o papado buscava dar forma e controlar o poderio da cruzada, o equilíbrio de poder no Oriente Próximo passava por uma série de mudanças convulsivas. Depois da Terceira Cruzada e da morte de Saladino, francos e muçulmanos foram igualmente enfraquecidos e abalados pela erupção de uma complexa sucessão de crises na Palestina, Síria e Egito. Os cristãos latinos que lutavam pela sobrevivência no Levante – nutrindo esperanças de reconquista e expansão – tiveram que adotar outras práticas de defesa do Ultramar e sua interação com o Islã.

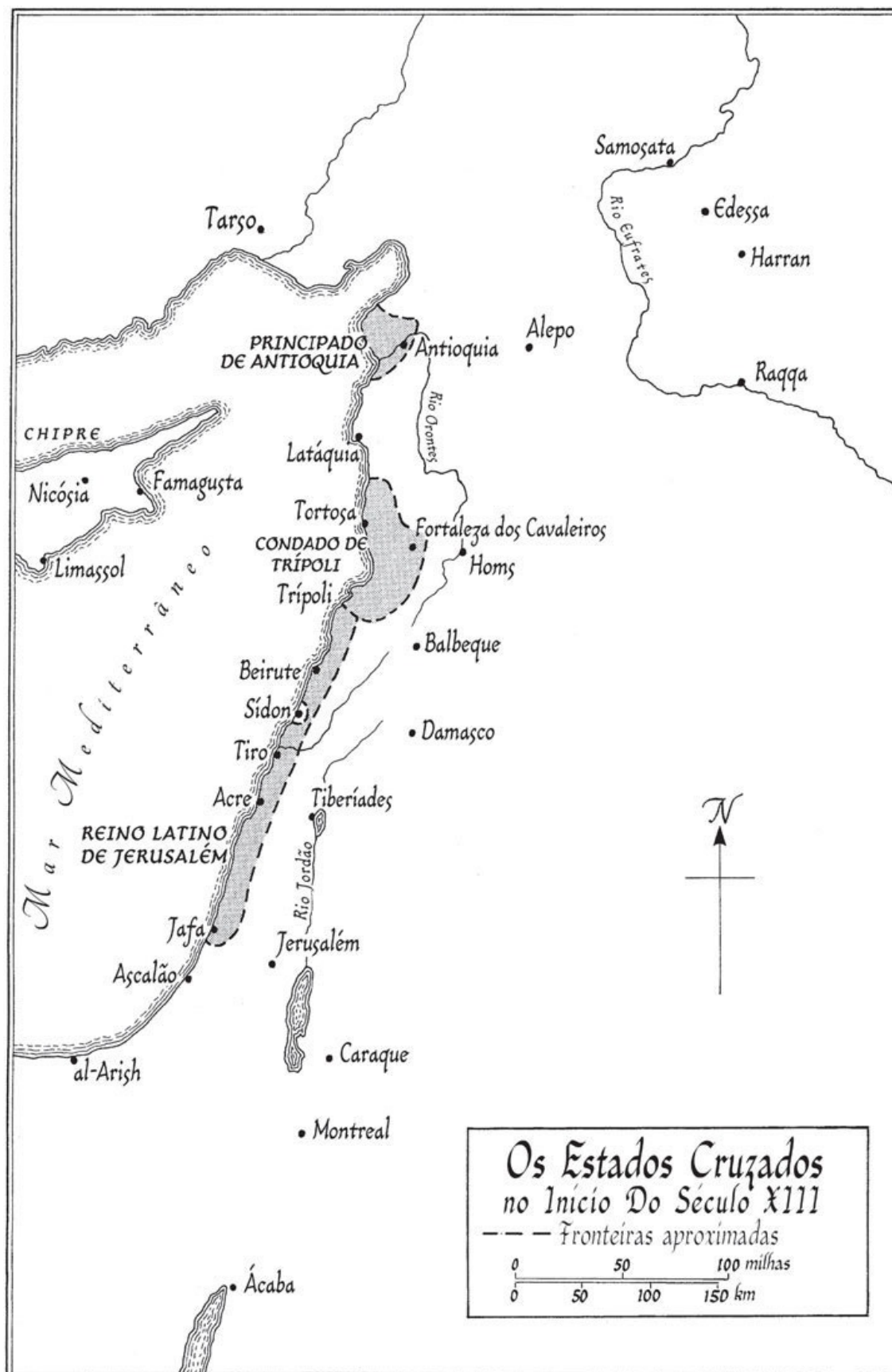
No verão de 1216, o clérigo franco Jaime de Vitry tinha importantes negócios com que lidar no centro da Itália. Talvez com pouco mais de cinquenta anos de idade, Jaime era um erudito e ardente reformador, com o dom natural da oratória. Ele já havia obtido notoriedade como pregador das campanhas albigenses e da Quinta Cruzada – seus sermões também podem ter ajudado a insuflar vida à chamada Cruzada das Crianças. Jaime também foi autor de um valioso conjunto de material escrito relacionado com as cruzadas, indo de cartas e relatos históricos a coleções de “modelos” de sermões. Mas em 1216 ele foi eleito o novo bispo de Acre e, antes que pudesse viajar para o Levante, precisava da confirmação e da consagração papal. Jaime esperava se encontrar com o papa Inocêncio III, mas chegou a Perúgia em 17 de julho, um dia após a morte do pontífice. Entrando na igreja em que estava o corpo de Inocêncio em solene exibição antes do enterro, Jaime descobriu que, do dia para a noite, saqueadores haviam destituído o corpo do grande papa de suas ricas vestes; tudo o que sobrara era um cadáver seminu e em decomposição, já fedendo no calor de meados do verão. “Quão breve é a enganadora glória deste mundo”, observou Jaime ao descrever o espetáculo.

No dia seguinte, o papa Honório III foi eleito como sucessor de Inocêncio e Jaime acabou por receber sua confirmação. Naquele outono o bispo tomou um navio de Gênova para o Oriente – uma perigosa jornada de cinco semanas, durante a qual ele suportou as severas tempestades do final do outono que deixaram os passageiros a bordo “(sem) comer nem beber com medo da morte”. Ele chegou a Acre no início de novembro de 1216 e, nos meses que se seguiram,

realizou uma extensa viagem de pregação pelo Ultramar, na esperança de rejuvenescer o fervor espiritual de sua população cristã, numa preparação da Quinta Cruzada. O mundo do Oriente Próximo que ele encontrou era de crônica instabilidade política, em que velhas rivalidades fervilhavam, mesmo o surgimento de novos detentores do poder.⁷

O equilíbrio de poder no Oriente franco

Em termos territoriais, os Estados cruzados eram uma mera sombra do que haviam sido. Jerusalém e as regiões do interior da Palestina estavam nas mãos dos muçulmanos, e o Reino Latino de “Jerusalém” agora poderia ser mais propriamente chamado de reino de Acre, com suas terras confinadas a uma estreita faixa costeira que se estendia de Jafa, ao sul, até Beirute, ao norte – esta última cidade tendo sido recuperada com a ajuda de um grupo de cruzados alemães em 1197. Na verdade, quando Jaime de Vitry chegou ao Oriente, a monarquia de Jerusalém havia adotado Acre como sua nova capital. Costa acima, o Condado de Trípoli retinha um bastião no Líbano, enquanto algumas fortalezas templárias e hospitalárias, de alguma forma, ampliavam o domínio franco para o norte, mas como os muçulmanos continuavam a controlar a região em torno de Latáquia, não havia ligação por terra com o Principado de Antioquia, e esta outrora formidável unidade política havia sido reduzida a uma pequena parcela de terra centrada na cidade de Antioquia.



A vulnerabilidade de cada um dos Estados cruzados sobreviventes era grande, também, por conta de uma série de amargas disputas sucessórias. Henrique de Champagne, o governante da Palestina franca nomeado no final da Terceira Cruzada, sobreviveu até 1197, quando morreu num infeliz acidente – caiu de uma janela do palácio em Acre quando a grade cedeu. Único membro sobrevivente da linhagem real, Isabel (viúva de Henrique), casou-se com Amalrico, um membro da dinastia Lusignan, que então governou até 1205, quando também morreu – desta vez por comer peixe demais. Isabel o seguiu ao túmulo logo depois. Desse ponto em diante, o título real recaiu sobre o filho que tivera de seu casamento anterior com Conrado de Montferrat, e a sucessão de Jerusalém evoluiu para uma desnorteante e complexa rede de casamentos, minoridades e regências que persistiu durante a maior parte do século XIII – uma situação que legou grande poder e autoridade aos nobres francos. Nas primeiras décadas, duas figuras principais emergiram do tumulto.

João de Ibelin (filho de Balian de Ibelina) serviu como regente para a herdeira entre 1205 e 1210, tornando-se o mais importante nobre latino da Palestina. Apesar da perda das terras ancestrais em Ibelin e Ramla para os muçulmanos, a fortuna da dinastia Ibelin prosperou nesse período. João recebeu o valioso título de senhor de Beirute, e sua família gozou de proeminente ligação com o Chipre franco. A influência de Ibelin foi desafiada pelo novato João de Brienne, um cavaleiro franco de Champagne, nascido na média aristocracia. João se casou com Maria em 1210 e, então, quando ela morreu em 1212, serviu como regente e governante de fato para Isabel II, sua filha ainda criança. Provavelmente em torno dos quarenta anos de idade, João era um militar experiente, com linhagem de cruzado, mas faltavam-lhe riqueza e ligações reais com o Ocidente. Ele passou por parte de sua carreira buscando garantir seu direito à coroa de Jerusalém – intitulando-se rei a despeito das objeções da nobreza local. João também buscou ganhar proeminência ao norte em 1214, quando se casou com a princesa Estefânia, herdeira do reino armênio cristão da Cilícia.

Sob a astuta condução de seu falecido líder rubenida, o rei Leão I (governando como príncipe Leão II entre 1187 e 1198, e então como rei entre 1198 e 1218), o reino cristão oriental da Cilícia tornou-se uma força dominante na política do norte da Síria e da Ásia Menor durante o século XIII. Por meio de um misto de confronto militar e endogamia, a dinastia rubenida de Leão tornou-se intimamente ligada à história da Antioquia latina e de Trípoli. Seguindo-se à morte do conde Raimundo III de Trípoli de 1187, as linhas de sucessão do

condado e do principado se entrelaçaram, e uma luta pelo poder entre reclamantes francos e armênios (ainda mais labiríntica que a testemunhada pela Palestina) ribombou até 1219, quando Boemundo IV assegurou o controle de Antioquia e de Trípoli.⁸

Esses prolongados conflitos internos enfraqueceram e inquietaram os cristãos do Ultramar nas primeiras décadas do novo século, restringindo severamente quaisquer tentativas de reconquista (e, de fato, problemas similares ocorreriam ao longo de todo o século). Mas o perigo representado por essas brigas mesquinhas foi mitigado, pelo menos em alguma medida, pela discórdia que igualmente afligia o Islã.

O destino do Império Aiúbida

Depois da morte de Saladino em 1193, o reino dos aiúbidas, que ele havia construído ao longo de duas décadas, fragmentou-se quase do dia para a noite. O sultão tinha a intenção de que o grosso de seu território fosse dividido entre seus três filhos sob a forma de uma confederação, com o mais velho, al-Afdal, responsável por Damasco e autoridade geral sobre as terras aiúbidas. Al-Zahir devia comandar Alepo, e Uthman governaria o Egito a partir do Cairo. Na verdade, o equilíbrio de poder logo se deslocou em favor de al-Adil, o astuto irmão de Saladino. Ele ficara com o controle da Jazira (noroeste da Mesopotâmia), mas suas habilidades e tramoias diplomáticas como estrategista político e militar possibilitaram que manobrasse os sobrinhos. A ascensão de al-Adil também foi facilitada pela incompetência de al-Afdal no governo de Damasco, que logo alienou muitos dos mais confiáveis conselheiros de seu pai e em 1196 já não estava em posição de governar a Síria. Agindo, pelo menos oficialmente, como representante de Uthman, al-Adil tomou o poder em Damasco naquele ano – deixando que al-Afdal partisse para um exílio impotente na Jazira. Quando Uthman morreu em 1198, al-Adil assumiu o controle total do Egito e, por volta de 1202, al-Zahir reconheceu a supremacia de seu tio.

Na primeira metade do século XIII, a parte do leão do mundo aiúbida estava, portanto, nas mãos de al-Adil e seus descendentes diretos, enquanto al-Zahir e sua linhagem retinham o controle de Alepo. Al-Adil governou como sultão, instalando três de seus filhos como emires regionais: al-Kamil no Egito, al-Mu'azzam em Damasco e al-Ashraf em Jazira. Jerusalém desempenhava apenas um papel menor dos negócios aiúbidas e, com certeza, não funcionava como nenhum tipo de capital. Apesar de seu significado espiritual, a posição isolada da Cidade Santa nas colinas da Judeia significava que seu valor político-econômico era limitado. Embora al-Adil e seus sucessores fizessem esforços intermitentes para manter e beatificar os Lugares Santos, a cidade era geralmente negligenciada. De maneira similar, a ideia de desencadear a jihad contra os francos ficou em suspensão, embora os aiúbidas ainda reclamassem seus títulos com a retórica da guerra santa.

Na verdade, al-Adil adotou uma postura altamente pragmática em seus negócios

com o Ultramar, em parte devido às ameaças mais urgentes representadas por outros rivais: os muçulmanos zênquidas da Mesopotâmia e os turcos seljúcidas da Anatólia, além dos cristãos orientais da Armênia e da Geórgia. Uma vez no poder, al-Adil concordou com uma série de tréguas com os francos que ficaram quase intactas ao longo dos primeiros anos do século XIII (1198-1204, 1204-10, 1211-17) e foram amplamente preservadas. Como sultão, al-Adil também forjou laços comerciais mais estreitos com as potências econômicas de Veneza e Pisa.

A despeito da natureza relativamente branca das relações muçulmano-latinas, os aiúbidas provavelmente teriam buscado mais ganhos territoriais à custa do Ultramar se não fosse por um certo número de considerações adicionais sustentando a história dos Estados cruzados e o Oriente Próximo mais amplo.⁹

As ordens militares

Ao longo do século XIII, os movimentos religiosos que combinavam as profissões de cavaleiro e monge – as Ordens Militares – assumiram papéis cada vez mais predominantes e essenciais na história do Ultramar. O problema que havia perturbado os Estados cruzados desde seu início, o de isolamento com relação ao Ocidente e falta de recursos humanos e materiais, só se aprofundou depois da Terceira Cruzada.

A ampliação do ideal cruzado para locais como a Península Ibérica e o Báltico, as guerras santas contra os inimigos do papa e os heréticos, bem como o desvio de recursos para defender a nova unidade política do Império Latino de Constantinopla serviram todos para exacerbar a situação do Levante franco. O mesmo se pode afirmar com relação à endêmica facção política nos Estados cruzados sobreviventes.

Contra esse fundo, os templários e hospitalários entraram em ascensão; e a estas duas ordens bem estabelecidas juntou-se um importante terceiro grupo – os Cavaleiros Teutônicos. Este movimento foi fundado durante a Terceira Cruzada, quando os cruzados alemães estabeleceram um hospital de campo fora de Acre por volta de 1190. Em 1199 o papa Inocêncio III confirmou seu status como nova ordem de cavalaria, e eles passaram a gozar de uma associação particularmente íntima com a dinastia Hohenstaufen e a Alemanha. Nos anos que se seguiram, os cavaleiros teutônicos, como os templários e hospitalários antes deles, assumiram um papel cada vez mais militarizado. Nesse ponto, virou costume entre os templários usar um manto branco brasonado com uma cruz vermelha, enquanto os hospitalários usavam uma cruz branca sobre um fundo negro. Os cavaleiros teutônicos, em contraste, adotaram um manto branco com uma cruz negra.

Como resultado de seu crescente poderio militar, político e econômico, essas três ordens se tornaram os alicerces do Oriente latino, e sua contribuição fundamental para a continuada sobrevivência do Ultramar já ficou aparente quando Jaime de Vitry chegou a Acre. A influência gozada por cada uma das ordens estava intimamente relacionada com o apoio papal que continuavam a

receber, pois preservava a independência delas em relação à jurisdição eclesiástica e política local, bem como as isentava de pagar dízimos. As ordens também possuíam uma incrível capacidade de atrair doações de nobres da Europa cristã, assim adquirindo grandes porções de terra no Ocidente. As três ordens também adquiriram terras na ilha de Chipre.

A popularidade e o status supranacional característicos capacitaram as Ordens Militares a recrutar novos membros (assim, suprindo o Ultramar com combatentes) e a canalizar riquezas do Ocidente para a guerra pela Terra Santa – com uma taxa de um terço, ou “responso”, de seus ganhos enviada para o Oriente. No final do século XII, as ordens tinham desenvolvido um sistema internacional de administração financeira tão elaborado e seguro que se tornaram efetivamente os banqueiros da Europa e do movimento cruzado. Com o que pode ser considerado, essencialmente, o primeiro uso de um cheque na história, tornou-se possível depositar dinheiro no Ocidente e receber uma nota de crédito que podia ser resgatada na Terra Santa.

O caráter marcial das Ordens Militares também se tornou mais enraizado. Os templários e os hospitalários podiam ambos pôr em campo cerca de trezentos cavaleiros no Levante, além de algo em torno de dois mil sargentos (membros de status inferior). Em termos numéricos, isso significava que eles amiúde contribuíam com metade ou mais das forças de combate francas em tempos de guerra. Suas tropas altamente treinadas e bem-equipadas também estavam dispostas e tinham a capacidade de servir ao longo de todo o ano e não apenas por períodos limitados como um exército formado por um recrutamento feudal normal. Cópias remanescentes das “Regras” (ou regulamento escrito) comandando as vidas dos membros indicam quanta ênfase era colocada sobre a disciplina militar estrita e absoluta no campo. A Regra Templária, por exemplo, fornecia um guia detalhado de tudo, de marchar a montar acampamento e saquear, sempre com forte ênfase na rígida obediência a uma cadeia de comando e uma unidade de ação – os pré-requisitos críticos para o sucesso e a sobrevivência entre tropas pesadamente armadas. As transgressões eram punidas severamente. Os infratores podiam ser temporariamente privados de seus hábitos e postos a ferro, ou até expulsos da ordem.

Ao lado da indubitável força das três principais Ordens Militares, houve algumas dificuldades e perigos a serem encarados ao longo do século XIII. Com o enfraquecimento da autoridade real e principesca em locais como Acre e Antioquia, a capacidade de as ordens buscarem seus próprios objetivos e anseios

aumentou, bem como o potencial de uma danosa rivalidade entre os três movimentos – os templários e hospitalários, por exemplo, apoiaram partidos diferentes durante a disputa pela sucessão em Antioquia. O papel maior das ordens em outros palcos de conflito, incluindo os intensos compromissos dos cavaleiros teutônicos na fronteira báltica, também funcionaram como dreno nos esforços de guerra levantinos.

Com o tempo, grupos como os templários também sofreram um declínio gradativo no fluxo de doações de patronos latinos, em parte relacionado às mudanças de atitude com a vida religiosa e à diminuição do interesse pelo destino do Ultramar. Devido ao fato de eles terem se colocado na linha de frente da guerra santa durante décadas, os recebedores dessa extraordinária generosidade por parte da população cristã latina, as Ordens Militares também tiveram que enfrentar uma crítica significativa, e até mesmo severa, quando ocorriam os reveses na luta contra o Islã. No todo, estas últimas considerações só ocorreram a partir de 1250. Mas, mesmo assim, os templários, hospitalários e cavaleiros teutônicos ainda retinham acesso a enormes reservas de soldados e riquezas.¹⁰

Castelos cruzados

Ao longo dos séculos XII e XIII, as Ordens Militares ficaram intimamente associadas às grandes fortalezas “cruzadas” do Oriente Próximo, visto que em 1200 eram os únicos latinos com poder no Levante para arcar com os exorbitantes custos associados à construção e manutenção de castelos, e que também tinham os homens necessários para guarnecer essas fortalezas. Com a imensa perda de territórios sofrida depois de 1187, os castelos passaram a desempenhar um papel ainda mais vital na defesa contra o remanescente fragmentado e exposto dos Estados cruzados. E um número cada vez menor de francos no Levante aumentou ainda mais a dependência das defesas físicas oferecidas por essas fortificações.

Nenhum castelo medieval era totalmente inexpugnável, e tampouco podia deter um exército invasor em sua trilha. Mas as fortalezas efetivamente ajudaram as Ordens Militares a dominar porções do território e defender as fronteiras. Também serviram como postos avançados relativamente seguros a partir dos quais se podiam lançar ataques e ofensivas, bem como funcionaram como centros administrativos. No século XIII, contudo, com muito menos terra sob seu controle, os cristãos contavam com de menos fortalezas que se posicionavam próximas ao mar (para facilitar o apoio) ou que possuíam sistemas de defesa altamente evoluídos. Nessas condições, só as Ordens Militares podiam construir e conservar castelos de tamanho e força necessários.

Na primeira metade do século XIII, as três principais ordens destinaram vastas quantias de dinheiro e energia para modificar e ampliar castelos existentes, ou, no caso da poderosa fortaleza teutônica de Montfort (no interior, partindo de Acre), para projetar e construir novas fortalezas. A partir da década de 1160, os francos começaram a construir fortalezas com mais de um conjunto de muralhas – os chamados “castelos concêntricos” – mas esse procedimento alcançou novos patamares depois de 1200. Grandes avanços também foram feitos nas técnicas de cantaria, a capacidade de erigir formas arredondadas de torres de defesa mais resistentes (embora mais complexas do ponto de vista arquitetônico), bem como o emprego de muralhas inclinadas para impedir o solapamento. Além disso, melhorias nos projetos de tetos abobadados possibilitaram aos latinos construir

enormes depósitos e estábulos – essenciais para o suprimento de grandes guarnições, durante essa era de ouro da construção de castelos, as Ordens Militares ergueram algumas das fortificações mais avançadas da era medieval.^b

Depois de chegar ao Levante, Jaime de Vitry, o novo bispo de Acre, percorreu muitas dessas fortalezas no início de 1217, descrevendo suas visitas numa carta naquela primavera. A fortaleza mais impressionante incluída no itinerário de Jaime foi o Krak des Chevaliers, na extremidade sul das Montanhas de al-Ansariyah, acima do vale de al-Bouqia. Propriedade dos hospitalários desde 1144, o Krak era considerado desde muito tempo como uma formidável fortaleza. Isso era devido, também, às suas defesas naturais – estava posicionado no ponto mais alto de uma cadeia de montanhas. Saladino nunca fez uma tentativa sequer de sitiar o local depois de sua vitória em Hattin. No início do século XIII, os hospitalários empreenderam um grande programa de reconstrução (provavelmente em continuidade quando da visita de Jaime), e, quando essas reformas e melhorias ficaram prontas, Krak tornou-se uma fortaleza quase perfeita, capaz de abrigar uma guarnição de dois mil homens. Ainda em pé nos dias de hoje, o castelo é, sem dúvida, o monumento mais espetacular da época das cruzadas. Talhado em pedra calcária, possui uma elegante beleza de proporções; sua feitura, sem paralelo na região, faz frente à dedicação, impecável precisão e excelência arquitetônica encontradas em fortalezas na Europa Ocidental dessa mesma época. Seu elaborado sistema defensivo inclui duas linhas de muralhas, com um fosso interno e um circuito externo de torres arredondadas e mâchicoulis (protuberâncias que davam aos arqueiros e outros defensores linhas de fogo mais fáceis). Para entrar no castelo é preciso percorrer um túnel de inclinação ascendente, reforçado por numerosos buracos assassinos e portões. E por toda parte a qualidade da alvenaria é extraordinária – os blocos de calcário foram cortados com tal precisão que praticamente não se vê nenhuma argamassa.¹¹

Comércio e economia do Ultramar

Tanto as Ordens Militares quanto os castelos como o Krak des Chevaliers ajudavam a sustentar a integridade defensiva do Ultramar, mas a continuada sobrevivência dos Estados cruzados na verdade pode ser atribuída, acima de tudo, a outro fator, para além da esfera da guerra: o comércio. Os francos que se estabeleceram no Oriente haviam mantido contatos comerciais com o mundo levantino por todo o século XII, mas depois da Terceira Cruzada, o escopo, extensão e significado desses laços aumentaram. Com o tempo, o poder latino e o islâmico do Oriente Próximo desenvolveram laços tão estreitos de interdependência comercial que os muçulmanos da Síria e do Egito preferiam permitir que os cristãos mantivessem os escassos apoios ao longo da costa a arriscar qualquer interrupção do comércio e do fluxo de renda.

O controle franco dos portos da Síria e da Palestina – os portões do comércio mediterrâneo – provou ser vital nesse sentido. Outras forças mais amplas também cooperavam para a vantagem do Ultramar. Até o século XIII, o porto egípcio de Alexandria operou como o centro do comércio entre o Oriente e o Ocidente. Entretanto, depois de 1200, o modelo e o fluxo das transações comerciais foram mudando gradativamente. A conquista latina de Constantinopla em 1204 afetou a distribuição de mercados e, o que foi ainda mais decisivo, o advento dos mongóis revitalizou as rotas terrestres de comércio da Ásia. O Ocidente latino era a rede beneficiária de todos esses processos, enquanto o Egito lentamente perdia sua posição dominante. Alexandria continuou a desfrutar de um intenso comércio de mercadorias de alto valor vindas das Índias, incluindo especiarias como pimenta, canela e noz-moscada, além de drogas "medicinais" como gengibre, aloé e as folhas de sena. O Egito também continuava a ser o maior fornecedor para a Europa de alume (ingrediente essencial para o curtume). Mas na maioria dos outros casos, o Ultramar tornou-se o principal centro de comércio do Levante. O simples fato de os latinos terem se estabelecido no Oriente por mais de um século tinha lhes dado tempo para solidificar as complexas redes de transporte e comunicação necessárias para explorar essa oportunidade. E a vitalidade econômica dos Estados cruzados havia sido ampliada nesse mesmo período pelo investimento e aperfeiçoamento da enormemente lucrativa produção de bens como cana-de-

açúcar, seda e algodão, além de objetos de vidro que podiam ser manufaturados nos territórios latinos remanescentes e então embarcados e vendidos para o Ocidente.

Isso tudo significava que, no decorrer do século XIII, as cidades francas como Antioquia, Trípoli, Beirute e Tiro desfrutavam de notável prosperidade. Sem dúvida, contudo, o principal centro de comércio do Ultramar era Acre. Depois da Terceira Cruzada, esse porto tornou-se a nova capital da Palestina franca e local da residência real. Dentro da cidade “velha” do século XII, cada um dos principais poderes do reino tinha suas próprias sedes – desde templários, hospitalários e cavaleiros teutônicos aos mercadores italianos de Veneza, Pisa e Gênova – e muitos deles tornaram-se enclaves murados, compreendendo edifícios de vários andares. A cidade também continha numerosos mercados, alguns dos quais eram cobertos e ofereciam abrigo contra o intenso calor do verão, e ainda outros edifícios dedicados à indústria. A usina de açúcar de Acre havia sido desmantelada pelos aiúbidas em 1187, mas as oficinas de vidro e metal permaneciam, bem como a rua dos curtumes, enquanto uma fábrica que produzia sabão de alta qualidade situava-se no bairro genovês.

Antes de 1193 ocorreu uma grande expansão do circuito das muralhas da cidade, particularmente nas áreas que davam para o interior ao norte e a leste, longe do promontório e das docas mais movimentadas, junto ao mar. Agora, Acre rapidamente se tornava intensamente urbanizada e populosa, o que eventualmente levou à expansão das principais muralhas ao norte para incorporar o subúrbio conhecido como Montmusard. E apesar de muitas partes da cidade terem desenvolvido sistemas de esgoto notoriamente avançados, esse intenso crescimento significava que a metrópole populosa ia acabar sujeita a horrendos níveis de poluição e aos riscos associados a doenças e epidemias. Boa parte dos dejetos de Acre, inclusive os provindos do matadouro real e do mercado de peixes, era despejado no porto, que ficou conhecido como “lordemer” (o mar imundo). Em meados do século XIII, a situação ficou tão extrema que uma igreja do bairro veneziano teve suas principais janelas com vista para o porto vedadas, para impedir que a brisa com o odor dos refugos chegasse ao altar.

Foi nessa capital movimentada que Jaime de Vitry se estabeleceu depois de 1216, como o novo bispo latino. Ele achou Acre um verdadeiro covil de iniquidade – “uma segunda Babilônia”, “cidade horrível... cheia de incontáveis atos vergonhosos e maus feitos”, e as pessoas “totalmente devotadas aos

prazeres da carne”. Jaime ficou surpreso com o caráter cosmopolita do porto. O francês arcaico ainda era a principal língua do comércio, mas pelas ruas de Acre uma pletora de outras línguas ocidentais – provençal, inglês, italiano e alemão – misturava-se às línguas do Levante, algumas faladas por visitantes, outras por residentes cristãos orientais e judeus.

Acre era o mais importante ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente no século XIII. Isto se devia em grande parte à nova função da cidade como principal entreposto do Mediterrâneo – o armazém do Levante, para o qual mercadorias de todo o Ultramar, do Oriente Próximo e além eram trazidas antes de serem embarcadas para o Ocidente. Acre também se tornou o portal para o crescente volume de retorno de comércio da Europa para o Oriente.

Uma variedade de diferentes mercadorias passava pela cidade. Matérias-primas, como fibras de seda, algodão e linho chegavam em fardos dos centros locais de produção da Palestina e de terras muçulmanas próximas, enquanto os produtos manufaturados, como a seda produzida em Antioquia, também eram comercializados. Muitas mercadorias eram beneficiadas ou de certa forma tratadas ali e exportadas para mercados distantes: cana-de-açúcar das plantações palestinas; vinho da Baixa Galileia, de Laodiceia e de Antioquia; tâmaras do vale do Jordão. Soda cáustica – produzida pela queima de plantas em área de alta concentração salina (como as regiões costeiras) para fornecer cinzas alcalinas – era usada para tingir tecidos e fabricar sabão; também era essencial para a produção de vidro (o que era manufaturado localmente fazia uso da areia de excelente qualidade proveniente do rio Belus). Uma notável realização do século XIII foi o aumento do tráfico comercial do Ocidente para o Oriente. Tornava-se cada vez mais comum que mercadores latinos viajassem para o território muçulmano, comercializando lã (especialmente as peças produzidas em Flandres) e açafrão (a única especiaria ocidental a encontrar mercado no Oriente) em locais como Damasco, antes de retornarem a Acre com uma nova carga de sedas, pedras preciosas e semipreciosas.

Num ano normal, Acre passava por dois períodos de intensa atividade – pouco antes da Páscoa e no final do verão – quando o grosso dos navios chegava do Ocidente, trazendo hordas de comerciantes e viajantes. Nessas épocas, as docas ficavam cheias de cambistas e camelôs que se ofereciam para ajudar os recém-chegados a encontrar acomodação ou servir como guia em passeios pela cidade. O porto já tinha uma longa história como o principal ponto de chegada para os peregrinos cristãos à Terra Santa, mas, com o acesso a Jerusalém e outros locais

sagrados restringidos depois da Terceira Cruzada, Acre surgiu como destino de peregrinação próprio. A cidade possuía cerca de setenta igrejas, relicários e hospitais para atender às necessidades desses visitantes, e um ativo comércio de objetos devocionais localmente produzidos, que incluíam ícones pintados. A cidade também se tornou o mais importante centro de produção de livros no Oriente latino, com um escritório empregando alguns dos melhores escribas do período medieval, que copiavam obras de história e literatura, e uma rica clientela cosmopolita.¹²

Sustentado por essa gama de atividade comercial, Acre era um dos pontos principais da vida no Oriente latino. A história da cidade também comprova o fato de que o comércio internacional era o pilar central a sustentar o Ultramar ao longo do século XIII.

aBalian de Ibelin foi um nobre do Reino de Jerusalém no século XII, filho mais novo de Barisano de Ibelin, irmão de Hugo de Ibelin e Balduíno de Ibelin. Seu pai tinha sido cavaleiro no Condado de Jafa, e foi recompensado com o título de Senhor de Ibelin após a revolta de Hugo II de Le Puiset. (N.T.)

bA fortaleza mais importante dos templários, o Castelo dos Peregrinos (ou Athir), foi iniciada em 1218 com a ajuda e iniciativa de peregrinos latinos, e se dizia que podia comportar quatro mil homens. A fortaleza agora está em ruínas, mas serve como base militar israelense e, portanto, não pode ser visitada. A ordem também reconstruiu o importante castelo de Safad, no interior, ao norte da Galileia, durante o início do século XIII.

cBuracos no teto de uma entrada ou da casa de guarda em uma fortificação, através dos quais os defensores poderiam disparar, lançar ou despejar substâncias ou objetos nocivos, como rochas, flechas, água escaldante, areia quente, cal virgem, alcatrão ou óleo fervente sobre os atacantes. (N.T.)

20. NOVOS CAMINHOS

Enquanto as forças do comércio continuavam a moldar a vida no Ultramar, a Europa Ocidental se preparava para outra grande ofensiva na guerra pela Terra Santa, programada para coincidir com o fim da última trégua com os aiúbidas em 1217 – a campanha concebida e anunciada pelo papa Inocêncio III antes de sua morte, conhecida como a Quinta Cruzada. De longe, o mais poderoso recrutado para essa expedição era Frederico II da Alemanha (neto de Frederico Barbarroxa, participante da Terceira Cruzada). Nascido em 1194 como herdeiro da dinastia Hohenstaufen, ele reivindicava o poderoso Império Alemão e o opulento Reino da Sicília. Mas a morte inesperada de seu pai Henrique VI, em 1197, deixou o príncipe infante numa espécie de limbo (ele cresceu na Sicília, enquanto outros candidatos contestavam a geograficamente distante sucessão alemã).

Frederico foi elevado ao trono siciliano quando atingiu a maioridade em 1208. Julgando que o jovem monarca era confiável e uma peça manobrável, Inocêncio III decidiu apoiar sua candidatura como governante da Alemanha, e ele foi proclamado como novo rei em 1211. Seu status real mais tarde foi reforçado por uma cerimônia de coroação em Aachen (ou Aquisgrana, a tradicional sede do poder, antiga capital de Carlos Magno) em 1215. Neste ponto, Frederico fez duas promessas: assumir o voto de cruzado e não exercer o poder conjunto da Alemanha e da Sicília, outorgando este último para seu próprio filho Henrique (VII), ainda menino. Desta forma, o papa Inocêncio acreditava ter garantido inestimável apoio à sua guerra santa e salvaguardado Roma da ameaça de cerco pelos Hohenstaufen. Até sua morte o papa acreditou que este acordo duraria, mas os fatos provariam que ele estava redondamente enganado. Logo ficou claro que Frederico tinha toda intenção de criar um reino Hohenstaufen unificado – na verdade, ele aspirava governar um grande e expansivo império cristão, cuja força e escala ultrapassariam qualquer coisa vista na Idade Média. Sua carreira surpreendente lançaria uma longa sombra sobre o movimento cruzado.¹³

Em 1216, com Inocêncio III morto e seu sucessor, Honório III, no poder, Frederico começou a manobrar para obter vantagens próprias. Seu objetivo inicial foi assegurar o título imperial – algo que exigiria o envolvimento papal em sua coroação – sem ter que ceder o controle da Sicília. Para persuadir

Honório dos méritos dúbios deste arranjo, o rei usou seu voto de cruzado como alavanca, deixando claro que só embarcaria na campanha depois de ungido imperador. Delicadas e prolongadas negociações se seguiram, deixando a sedutora e potencialmente dividida perspectiva do envolvimento de Frederico pairando sobre a Quinta Cruzada.

A QUINTA CRUZADA

Enquanto Frederico II e o papa Honório regateavam seus termos, os primeiros contingentes de tropas cruzadas da Áustria e Hungria começaram a chegar à Palestina. Em 1217, os latinos promoveram três incursões inconclusivas em território aiúbida, mas esses primeiros simulacros foram apenas precursores da expedição principal. Com a chegada, no verão de 1217, de cruzados frísios e alemães – entre eles o pregador e erudito alemão Olivier de Paderborn – o palco estava montado para um ataque total. João de Brienne (agora reclamando o título de rei de Jerusalém), as Ordens Militares, os nobres francos do Levante e Jaime de Vitry, bispo de Acre, juntaram-se à empreitada. Em 1218, a Quinta Cruzada estava pronta para pôr os olhos em um novo alvo.

O objetivo declarado da campanha ainda era retomar Jerusalém do sultão aiúbida al-Adil, mas os francos preferiram não marchar contra a Palestina muçulmana. Em vez disso, nas palavras de Jaime de Vitry: “Nós planejamos avançar até o Egito, que é uma terra fértil e a mais rica do Oriente, da qual os sarracenos extraem o poder e a riqueza que lhes capacitam o poder sobre nossa terra, e, depois de termos capturado essa terra, poderemos facilmente recuperar todo o Reino de Jerusalém”. Esta estratégia fazia eco aos planos formulados por Ricardo Coração de Leão no início da década de 1190 e, segundo alguns de seus líderes, a Quarta Cruzada também tencionava atacar o Egito antes de ser redirecionada para Constantinopla. Na verdade, uma ofensiva egípcia provavelmente tivesse figurado desde o início na concepção que o papa Inocêncio III fizera dessa nova cruzada.¹⁴

O principal objetivo dos cristãos era a cidade de Damietta, distante cerca de 160 quilômetros do Cairo – um posto avançado que Olivier de Paderborn descreveu como “a chave para todo o Egito”. Os cruzados chegaram de navio à costa norte-africana em maio de 1218, desembarcando na margem oeste de um dos importantes braços do delta do Nilo, de onde corria para o Mediterrâneo. A cidade pesadamente fortificada de Damietta ficava a uma curta distância para o interior, entre a margem oriental do Nilo e uma grande porção interna de água salgada conhecida como Lago Mansallah. Segundo Olivier, a metrópole era protegida por três linhas de muralhas, com um largo e profundo fosso situado

para além da primeira muralha e um circuito de vinte e oito torres reforçando a segunda.

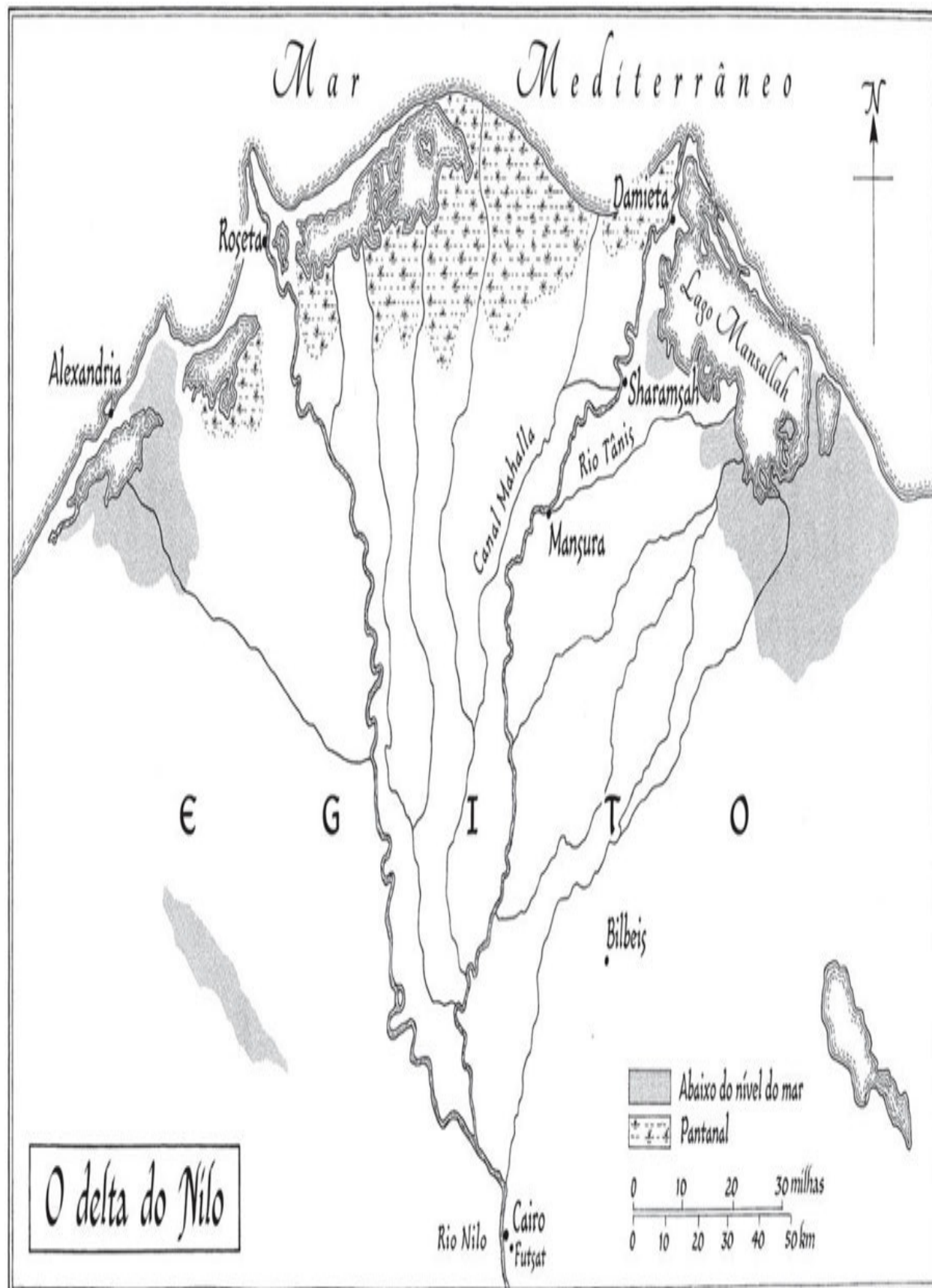
Tendo declarado João de Brienne como líder, os cruzados montaram acampamento na margem ocidental do rio, em oposição à cidade. Enquanto isso, al-Kamil, emir do Egito e filho de al-Adil, marchava para o norte a partir do Cairo e posicionava suas forças para vigiar Damietta na margem oriental do Nilo. O primeiro desafio dos francos foi conseguir livre acesso ao rio. Seu caminho foi bloqueado por uma vigorosa corrente colocada entre a cidade e uma ilha fortificada, conhecida como a Torre da Corrente, no meio do Nilo, que impedia qualquer navio de subir o rio (e o trecho do Nilo entre a torre e a margem ocidental se tornara muito limoso e, portanto, intransponível). Durante o verão, os cruzados fizeram várias tentativas infrutíferas de capturar esse posto avançado, usando navios incendiários e bombardeios. Por fim, o imaginativo Paderborn construiu uma engenhosa torre de assédio aquática a partir de dois navios, com pontes levadiças controladas por um sistema de polias e roldanas – que ele descreveu como “um trabalho de madeira que nunca antes havia sido construído no mar” – e os francos usaram essa fortaleza flutuante para lançar um ataque bem-sucedido em 24 de agosto de 1218. Cortando a corrente, os cruzados assumiram o controle do rio.

Os francos pareciam controlar a situação naquele verão. O ataque ao Egito pegara al-Adil de surpresa. Essa campanha também coincidiu com uma tentativa perturbadora, embora totalmente ineficaz, de al-Afdal, o filho exilado de Saladino, de assumir o controle de Alepo com a ajuda dos seljúcidas da Anatólia. Tendo passado o verão estabilizando a Síria, al-Adil estava prestes a voltar para o Egito quando caiu doente e faleceu em 31 de agosto. Quando os cruzados souberam de sua morte, acharam que o choque de seu recente sucesso na torre o havia matado, e Olivier concluiu alegremente que o falecido sultão seria “enterrado no inferno”. Al-Adil tinha sido um grande defensor da causa aiúbida, porém, embora sua morte tivesse enfraquecido o Islã, ela não provocou um colapso da resistência muçulmana. Al-Kamil estava bem preparado para ocupar o vazio deixado por seu pai – a única questão era se os seus irmãos, al-Mu’azzam em Damasco e Al-Ashraf na Jazira, lhe dariam total apoio. Se não fosse assim, al-Kamil poderia decidir quais seriam suas prioridades: resistir aos cruzados ou assegurar sua supremacia sobre o reino dos aiúbidas.¹⁵

O cardeal Pelágio

De uma posição fortalecida no final do verão de 1218, a Quinta Cruzada perdeu rapidamente o ímpeto. Grande parte disso se deveu a uma nova característica da campanha. Graças às reformas administrativas e financeiras introduzidas pelo papa Inocêncio III, a expedição estava relativamente bem equipada em termos financeiros e apoiada por uma ampla frota. Isso significava que os cruzados poderiam voltar para a Europa sem muita dificuldade, quando novos contingentes chegassem ao Oriente para substituí-los. Aparentemente, essa prática parecia bastante razoável, pois permitia que a campanha se renovasse com a introdução de novos contingentes humanos. Na realidade, contudo, isso teve um efeito prejudicial para o moral dos francos que permaneciam na linha de frente e impediu o desenvolvimento de laços de confiança e familiaridade entre os cruzados, características que haviam demonstrado ser tão essenciais para as expedições anteriores.

As idas e vindas de contingentes latinos também provocaram mudanças na liderança e outras associadas ao pensamento estratégico. Enquanto o verão de 1218 se aproximava do fim, um grande número de alemães e frísios partiu para a luta. Ao mesmo tempo, o clérigo espanhol Pelágio, cardeal-bispo de Albano, chegou ao acampamento cruzado com forças vindas da França, Inglaterra e Itália. Pelágio – um personagem enérgico e obstinado – veio para o cerco de Damietta como legado papal, na esperança de realizar a ambição de Inocêncio III de uma cruzada comandada pela Igreja. Alguns historiadores modernos atribuíram ao cardeal uma pressão atrofiante, com um estudioso afirmando que ele era de uma “falta de visão irremediável (e) também incomumente teimoso”. Também já se sugeriu que ele assumiu imediatamente o comando geral da Quinta Cruzada. Nenhuma dessas opiniões é precisa. Na verdade, a autoridade e a influência de Pelágio só foram crescendo gradativamente e ele, no mínimo, cooperou efetivamente com outras proeminentes figuras, como João de Brienne. A liderança eclesiástica do cardeal também ajudou a engendrar um renovado senso de devoção religiosa no exército, elevando os espíritos e o moral. Isso se mostraria um importante fator diante das provações que estavam por vir.



Nos meses que se seguiram à chegada de Pelágio, os latinos enfrentaram um desafio que outros cruzados antes deles tinham conhecido: um cerco do inverno. Reunidos na margem ocidental do Nilo, do outro lado de Damietta, eles enfrentaram os mais variados tormentos. Na noite de 29 de novembro, um mar encapelado provocou ondas que invadiam a terra, inundando o acampamento franco, de modo que os cruzados acordaram com peixes em suas tendas. A dieta pobre levou a um surto de escorbuto. Olivier de Paderborn descreveu como “a carne corrompida cobria as gengivas e os dentes” dos que a doença afligia “anulando a capacidade de mastigar (e causando) um horrível enegrecimento das canelas”, enquanto Jaime de Vitry lembrava ter visto cruzados padecendo desta doença devastadora imersos num coma mortal, “como os que caem adormecidos”. Dizia-se que todos os cristãos ficavam doentes com a visão da areia, só desejando contemplar campos de vegetação verde. É claro que a população de Damietta também sofria, bem como al-Kamil em seu acampamento ao sul. No início de 1219 ele foi forçado a voltar ao Cairo para comandar um golpe, mas a bem-vinda chegada de seu irmão al-Mu’azzam evitou o perigo, e al-Kamil pôde voltar ao cerco antes que os francos obtivessem uma vantagem significativa.¹⁶

Impasse

Os primeiros oito meses de 1219 decorreram num impasse. Os cruzados estavam suficientemente entrincheirados em seu lado do Nilo para ficarem a salvo de ataques, mas lhes faltavam homens e recursos para superar as defesas de Damietta ou afastar al-Kamil do campo. A posição dos latinos piorou quando novas ondas de tropas retornaram para o Ocidente em maio. Durante boa parte desses períodos, havia grandes esperanças da chegada iminente de Frederico II. Todos os cruzados, inclusive Pelágio, esperavam que o governante Hohenstaufen aparecesse à frente de um exército amplo e indomável – que dobrasse toda a resistência aiúvida. O problema era que Frederico ainda estava na Europa, discutindo com Roma sobre sua coroação, e por fim chegou ao Egito a má notícia de que ele não se juntaria à campanha, no mínimo, antes de 1220. Jaime de Vitry relembrou o clima do exército quando escreveu: “A maioria de nossos homens estava tomada pelo desespero”.¹⁷

O período testemunhou um dos visitantes mais inusitados de um palco de guerra cruzada. No verão de 1219, o venerando São Francisco de Assis – que advogava os princípios medicantes de extrema pobreza e evangelismo arrebatado – chegou ao acampamento cristão. Ele fizera a viagem ao Egito portando os farrapos de um homem santo, na crença de que traria paz ao mundo (e sucesso para os cruzados) convertendo os muçulmanos ao cristianismo. Cruzando as linhas do conflito sob os termos de uma negociação, o irmão Francisco implorou aos atônitos soldados egípcios que o levassem até al-Kamil. Tomando-o por um mendigo louco, porém inofensivo, eles concordaram. Na bizarra audiência que se seguiu, al-Kamil educadamente recusou a oferta de Francisco de demonstrar o poder do Deus cristão caminhando sobre uma fogueira, e o santo acabou voltando de mãos abanando.

A despeito desse notável espetáculo, o cerco prosseguiu, e o final do verão trouxe novos problemas. O relativo sucesso das colheitas egípcias sempre tinha sido intimamente associado às menores flutuações da cheia anual do Nilo. Naquele ano o rio não transbordou em muitas áreas e isso causou enormes aumentos no preço dos grãos e falta de alimento. Em setembro, al-Kamil reconheceu que a exaurida guarnição de Damietta estava à beira de um colapso

e, portanto, ofereceu uma trégua aos cruzados. Em troca do término do cerco, ele prometia devolver Jerusalém e a maior parte da Palestina aos francos, e até mesmo se comprometeu a devolver a Verdadeira Cruz. Os castelos de Kerak e Montreal, na Transjordânia, permaneceriam em mãos aiúbidas, mas como compensação os muçulmanos pagariam um belo tributo anual.

Essa extraordinária proposta confirmava que as verdadeiras prioridades dos aiúbidas estavam no Egito e na Síria, e não na Palestina. A proposta também parecia recolocar a Terra Santa sob controle cristão, insuflando nova vida ao Reino de Jerusalém e todo o Ultramar. Contudo, nessa conjuntura crítica, o primeiro sinal claro de dissensão entre os líderes da expedição começou a aparecer. João de Briene e a Ordem Teutônica expressaram apoio informal para o pacto, assim como muitos cruzados. Mas, no final, as opiniões do cardeal Pelágio – endossadas por templários, hospitalários e venezianos – prevaleceram, e a oferta de al-Kamil foi recusada. Foram expressas preocupações legítimas com relação à viabilidade defensiva de um reino franco desprovido de suas fortalezas transjordanianas – embora, de maneira realista, Kerak e Montreal fossem essenciais para as esperanças de al-Kamil de manter linhas seguras de comunicação entre o Egito e Damasco. Os venezianos também poderiam estar mais interessados no potencial comercial de Damietta que na recuperação de Jerusalém. Mas a consideração básica por trás da decisão de Pelágio era a sincera crença de que a eventual chegada de Frederico II facilitaria ganhos ainda maiores e mais decisivos. Com o fechamento das negociações, o final do verão trouxe um novo e desordenado círculo de partidas e chegadas para o exército cruzado. No início de novembro de 1219, al-Kamil fez uma última tentativa de desalojar os francos, lançando uma grande ofensiva, mas suas tropas foram rechaçadas. Neste ponto, a população de Damietta estava num estado desesperador. Na noite de 5 de novembro, alguns cruzados italianos perceberam que uma das torres parcialmente em ruínas da cidade havia sido deixada indefesa. Avançando rapidamente com uma escada, escalaram as muralhas e logo chamaram outras tropas. Lá dentro, os latinos se depararam com um espetáculo sinistro. Olivier descreveu como eles “encontraram (as) ruas cheias dos corpos dos mortos, abatidos pela peste e a fome”; quando as casas foram revistadas, enfraquecidos muçulmanos foram encontrados deitados em camas ao lado de cadáveres. O investimento de dezoito meses dos cruzados havia cobrado um preço horivelmente alto dos defensores da cidade – dezenas de milhares haviam perecido. Não obstante, os francos celebraram seu sucesso há tanto aguardado, pilhando grandes quantidades de ouro, prata e sedas. Jaime de Vitry, nesse ínterim, supervisionava o batismo imediato das crianças muçulmanas

sobreviventes.¹⁸

Quando al-Kamil percebeu que Damietta havia caído, bateu apressadamente em retirada, sessenta quilômetros ao sul do Nilo, para fixar posição em Mansura. Agora ele tinha mais que tempo suficiente para preparar suas defesas, pois, animada pelo sucesso, a Quinta Cruzada estava paralisada pela indecisão. A primeira questão contenciosa foi o destino de Damietta. João de Brienne pensou em reclamá-la – e mais tarde chegou a cunhar moedas afirmando seu direito sobre a cidade –, mas Pelágio desejava conservá-la (e a parte que cabia à Igreja dos espólios recolhidos) para os interesses do papado e Frederico II. Um compromisso temporário foi finalmente acertado, permitindo que João ficasse com a cidade até o rei alemão aparecer.

Ainda mais problemática foi a questão da futura estratégia. A cruzada havia atacado Damietta como meio de conseguir um objetivo, mas agora surgiam questões intratáveis quanto ao próximo passo. A cidade deveria ser usada como moeda de barganha para garantir o retorno da Terra Santa em termos ainda mais favoráveis que os já oferecidos? Ou a Quinta Cruzada deveria considerar um ataque em escala total sobre o Egito, subindo o Nilo para esmagar al-Kamil e conquistar o Cairo?

Para obter a vitória

Numa atitude sem precedente de indecisão angustiante, a Quinta Cruzada passou o ano e meio seguinte escondida em Damietta considerando essas questões – sempre assombrada pelo espectro da prometida chegada de Frederico II. João de Brienne deixou o Egito, em parte para reclamar a coroa do Reino Armênio da Cilícia, após a morte do rei Leão I, mas também para supervisionar a defesa da Palestina contra os renovados ataques de al-Mu’azzam. Contudo, à medida que os meses passavam, João começou a encarar uma crítica generalizada devido à sua ausência da cruzada.

De volta a Damietta, Pelágio assumiu o controle dos exércitos francos remanescentes e fez o que pôde para manter a ordem. Foi por essa época que o cardeal fez traduzir um misterioso livro em árabe – supostamente mostrado aos cruzados pelos cristãos sírios –, que foi lido em voz alta para os soldados. O texto era uma suposta coleção de profecias escrita no século IX, relatando a revelação de São Pedro, o Apóstolo. O livro parecia “prever” os eventos da Terceira Cruzada, bem como a queda de Damietta. Também nele se afirmava que a Quinta Cruzada chegaria à vitória sob a liderança de “um grande rei do Ocidente”. O episódio todo parecia totalmente fantástico, mas Olivier de Paderborn e Jaime de Vitry levaram as “previsões” desse livro muito a sério. Pelágio, com certeza, usou-as para justificar sua continuada negativa de negociação com os aiúbidas e sua paciência determinada na espera da chegada de Frederico II.¹⁹

Finalmente, em 22 de novembro, o papa Honório III cedeu às exigências de Frederico e o ungiu como imperador da Alemanha que, em troca, renovou seu voto de cruzado. A chegada da primavera de 1221, portanto, pareceu anunciar uma nova aurora para a Quinta Cruzada. Nesse mês de maio, a primeira onda de cruzados dos Hohenstaufen chegou sob o comando de Luís da Baviera e, estimulado por esses reforços, Pelágio finalmente tomou a decisão de avançar para o sul e atacar o acampamento, agora reforçado, de al-Kamil em Mansura. Infelizmente para os francos, o prosseguimento da campanha foi escandalosamente inepto. Mesmo depois de a decisão ter sido tomada, os cristãos foram lentos em sua ação, e o avanço só começou em 6 de julho de

1221. No dia seguinte, João de Brienne voltou ao Egito e juntou-se às forças de Pelágio e Luís. Uma parte do exército cruzado foi deixada para a defesa de Damietta, mas os latinos ainda reuniram cerca de 1.200 cavaleiros, mais ou menos quatro mil arqueiros e muitos soldados de infantaria. Sua marcha para o sul pela margem oriental do Nilo também foi acompanhada por uma considerável frota cristã.

O problema era que Pelágio tinha pouco conhecimento do terreno em torno de Mansura e parece ter sido inteiramente ignorante da hidrologia do Delta do Nilo. Em contraste, al-Kamil havia escolhido a localização de seu novo acampamento com grande cuidado e previsão. Posicionado bem ao sul de uma junção do Nilo com um afluente secundário – o rio Tânis – que corria para o Lago Mansallah, a base aiúbida era praticamente inacessível. Além disso, qualquer exército que a atacasse ficaria encalacrado entre dois cursos d'água. A cheia anual do Nilo de agosto também se aproximava com rapidez. Isto significava que, se os cruzados demorassem, seu ataque poderia ser detido não pelas espadas muçulmanas, mas pelas incontáveis águas do grande rio.

Talvez tenha sido em vista dessa demora que al-Kamil então renovou sua oferta de trégua nos mesmos termos propostos em 1219. O adiamento das hostilidades também servia aos seus interesses, pois ele esperava ansiosamente a chegada de reforços sob os comandos de al-Ashraf e al-Mu'azzam. Mas, apesar de um certo debate – e advertência por parte dos templários e hospitalários sobre a crescente concentração de forças aiúbidas no Egito –, Pelágio novamente declinou de negociar, e os cruzados fizeram pressão. É impossível julgar se al-Kamil honraria algum acordo estabelecido nesse estágio tardio.

Em 24 de julho os francos chegaram ao povoado de Sharamsah, a apenas alguns dias de Mansura. Ali repeliram um ataque muçulmano e o moral cristão parece ter se animado. Mas, devido à iminente cheia do Nilo, João de Brienne aconselhou uma retirada imediata para Damietta. Seu conselho foi rebatido por Pelágio, que agora parecia estar convencido de que os latinos podiam chegar à vitória. Na verdade, eles estavam marchando para uma armadilha muito bem preparada. Prosseguindo para o sul, os francos ignoraram um pequeno afluente que desembocava no Nilo vindo do oeste. Este foi um grave erro. O “afluente” aparentemente inócuo era, na verdade, o canal Mahalla, um curso de água que desembocava no Nilo ao sul de Mansura. Depois que o exército cruzado passou com sua armada, al-Kamil enviou um grupo de seus navios para subir o canal, entrar no Nilo e bloquear toda tentativa de saída, chegando a afundar quatro

navios para garantir que o rio ficasse intransitável. Em 10 de agosto, os cristãos haviam se posicionado diante de Mansura, na bifurcação entre o Nilo e o Tânis. Nessa mesma época, contudo, al-Ahraf e al-Mu'azzam chegaram ao Egito e movimentaram suas tropas para nordeste, assim bloqueando uma possível retirada por terra. Logo depois, a cheia do Nilo começou.

A posição dos cruzados tornou-se rapidamente insustentável. Com a subida das águas, ficou impossível controlar a frota, e navios sobrecarregados começaram a afundar. Pensou-se em montar um acampamento fortificado e esperar reforços, mas na noite de 26 de agosto o total desespero da situação levou a uma súbita e caótica retirada, com apenas os soldados templários na retaguarda mantendo a disciplina. Neste ponto, al-Kamil ordenou que as comportas usadas para controlar a cheia do Nilo fossem abertas, inundando os campos e isolando ainda mais seu exército – o terreno ficou tão lamacento e encharcado que os francos afundavam até a cintura. Depois de um dia agonizante tentando prosseguir para o norte, Pelágio aceitou a irremediável realidade da posição cristã e concordou com os termos de uma rendição em 28 de agosto de 1221.

Tendo duas vezes recebido a oferta da Cidade Santa de Jerusalém, o cardeal e seus cruzados agora tiveram que aceitar a humilhação de uma derrota abjeta. Al-Kamil tratou os francos com notório respeito – disposto a levar o triste incidente a uma rápida conclusão, de modo que pudesse finalmente consolidar seu controle do Egito – mas, não obstante, exigiu o imediato retorno a Damietta e a libertação de todos os prisioneiros muçulmanos. A única concessão foi que a trégua de oito anos entre a cristandade latina e os aiúbidas não seria estendida ao recém-ungido imperador Frederico II. Em 8 de setembro, al-Kamil entrou em Damietta, reclamando o domínio do Nilo, e nas semanas que se seguiram, os francos saíram do Egito de mãos vazias.

A CRUZADA DE FREDERICO II

O esmagador revés sofrido pelos homens da Quinta Cruzada acendeu a crítica por toda a cristandade no início da década de 1220. O cardeal Pelágio foi acusado de liderança inatuaente e equivocada – para alguns, seus fracassos no Egito demonstravam a subjacente loucura da visão idealizada de Inocêncio III de uma cruzada conduzida pela Igreja. João de Brienne também foi censurado por negligenciar seu papel como comandante e por permitir que a cruzada permanecesse imóvel em Damietta durante 1220 e para além desse ano. Mas talvez os ataques mais violentos tenham sido dirigidos contra Frederico II, o grande imperador que nunca chegou ao norte da África, apesar de todas as suas promessas. Em 1221 ele mais uma vez postergou sua partida – para se ocupar de uma explosão de agitação política na Sicília – e no final do verão, com o desastre no Nilo e o fim da cruzada, a hora de agir havia passado.²⁰

Frederico tinha demonstrado que sua absoluta prioridade era a defesa, consolidação e expansão do Império Hohenstaufen. Estas não eram preocupações incomuns para um monarca medieval. Os mesmos fardos do governo da coroa haviam tido impacto sobre as carreiras de cruzados de Henrique II, Ricardo I da Inglaterra e Filipe Augusto da França. Na verdade, de uma certa perspectiva, a dedicação e a ambição determinadas de Frederico eram louváveis. Mas, ao despertar da Quinta Cruzada, o novo imperador foi ficando sujeito a uma crescente pressão para honrar seus votos e entrar na guerra pela Terra Santa. Essa compulsão derivava, em parte, do opróbrio popular, mas era comandada de modo mais enfático pelo papado. Honório III estava desesperadamente preocupado com a renovação da campanha pela recuperação de Jerusalém e aliviar sua própria culpa pelo resultado decepcionante da expedição de Damietta. Ele também reconhecia que Frederico representava uma clara ameaça à soberania romana, cercando efetivamente os Estados Papais. A cruzada podia ser um meio útil e eficaz de controlar esse inimigo potencial.

Stupor mundi

Frederico II foi uma das figuras mais controversas da história medieval. No século XIII era louvado por seus seguidores como *stupor mundi* (a maravilha do mundo), mas condenado por seus inimigos como a “besta do apocalipse”; os historiadores de hoje continuam a debater se ele era um déspota tirânico ou um gênio visionário, esse que é considerado o primeiro praticante do conceito renascentista de realeza. Barrigudo, careca e com visão deficiente (fisicamente falando), Frederico era desinteressante. Mas, na década de 1220, era o mais poderoso governante do mundo cristão, ostentando os títulos de imperador da Alemanha e rei da Sicília.

Algumas vezes já se sugeriu que Frederico tinha uma atitude distintamente antimedieval e esclarecida para com a governança, a religião e a vida intelectual, e que trouxe esta perspectiva revolucionária para a atividade cruzada, transformando a guerra santa e o destino do Ultramar com um aceno de sua poderosa mão. Na realidade, ele não era assim tão radical, como monarca ou como cruzado. Por ter crescido na Sicília – com sua própria população local árabe e a rede de contatos há muito estabelecida com os muçulmanos –, estava familiarizado com o Islã, conhecia um pouco da língua árabe, mantinha os serviços de um grupo leal de guarda-costas muçulmanos e até possuía um harém. Também tinha uma mente inquisitiva, um ávido interesse pela ciência e uma paixão absoluta pela falcoaria. Contudo, ele não era o único monarca a manter uma corte real aculturada. Os reis cristãos ibéricos de Castela talvez estivessem muito mais abertos à influência muçulmana nesse período. E Frederico nem sempre se mostrava tolerante em sua atitude com relação à fé e ao dogma cristão, tendo suprimido violentamente uma rebelião árabe-siciliana entre 1222 e 1224, além de se opor aos heréticos em seus domínios.

Comentadores contemporâneos e modernos também alegaram que esse imperador Hohenstaufen mostrava-se notoriamente desinteressado pela guerra santa. Contudo, a despeito de não ter lutado na Quinta Cruzada, Frederico, com o tempo, comprovaria ser guiado por um autêntico compromisso com a causa. Contudo, sua atitude com relação à luta pelo domínio da Terra Santa estava condicionada a uma crença firmemente estabelecida de que ele se destinava a

expandir sua autoridade imperial por toda a cristandade. Ao comandar uma cruzada, Frederico buscou cumprir o que considerava sua obrigação natural como imperador cristão e exercer seu direito igualmente inato de recuperar e comandar a sacratíssima cidade de Jerusalém.²¹

Cruzado imperial, rei de Jerusalém

Em meados da década de 1220, o papa Honório III buscou repetidamente ligar Frederico a uma nova empreitada cruzada. Inicialmente, a campanha deveria se iniciar em 1225, mas em março de 1224 o imperador requisitou um novo adiamento devido à dificuldade momentânea de manter a ordem na Sicília. Com a paciência do papa agora esgotada, um novo acordo foi formalizado em San Germano (no noroeste da Itália) em junho de 1225. O tratado continha um certo número de provisões estritas: Frederico deveria recrutar um exército de mil cavaleiros e custear o deslocamento para a Terra Santa durante dois anos; além disso, deveria providenciar 150 navios para transportar os cruzados para o Oriente e fornecer ao mestre da Ordem Teutônica, Hermann von Salza (um íntimo aliado dos Hohenstaufen), 100 mil onças de ouro. E o que era mais importante, o imperador prometeu, sob pena de excomunhão, partir para a cruzada em 15 de agosto de 1227. Frederico aceitou esses termos parcialmente, devido à sua própria vontade e determinação de iniciar uma campanha oriental, mas também de obter apoio no reino Hohenstaufen a um imposto para a cruzada – uma taxa que se tornaria impopular devido ao fato de muitos temerem, baseados em experiências passadas, que tal arrecadação terminaria no tesouro imperial. Ao concordar com o Tratado de San Germano, Frederico estava assinalando categoricamente que, desta vez, redimiria seus votos. A atitude rendeu a ele o apoio de seus súditos, mas também o deixou ligado a um cronograma perigosamente preciso.

Nessa época, o imperador havia começado a estabelecer bases diplomáticas para sua expedição ao Oriente Próximo. Isso o colocou em contato com dois governantes levantinos – João de Brienne e al-Kamil –, que, evidentemente acreditavam poder manipular Frederico cada um para seu próprio proveito. Eles não contavam com as astutas habilidades do imperador como político e negociador que conseguia fundir pragmatismo com força resoluta. No início da década de 1220, João de Brienne ainda reclamava o título de “rei de Jerusalém” devido ao papel como regente de sua filha Isabel II, ainda mais diante de uma crescente batalha por garantir sua legitimidade contra os nobres francos de pensamento independente do Ultramar, que estavam cada vez mais adeptos do uso de leis e costumes do reino para limitar a autoridade real. Em 1223, portanto,

João concordou com uma aliança matrimonial entre Isabel e o imperador Frederico, imaginando que o apoio do Hohenstaufen finalmente consolidaria sua posição como rei. A união foi devidamente formalizada em novembro de 1225 numa cerimônia em Brindisi (sul da Itália), assistida por João e os principais membros da aristocracia de Jerusalém. Para a surpresa e desagrado de João, assim que o casamento terminou, Frederico confirmou seu direito de governar sobre a Palestina franca e intimidou os nobres latinos reunidos para que se submetessem à sua autoridade. Tal manobra deixou o então sogro do imperador desapontado e privado de direitos, mas também reescreveu as regras da liderança cruzada – preparando o palco para que a expedição que se aproximava fosse dirigida por um indivíduo que combinava, de maneira única, as funções de cruzado, Hohenstaufen e rei de Jerusalém.

Frederico também estabeleceu um diálogo com al-Kamil, o sultão aiúbida do Egito por volta de 1226, embora não fique claro que lado deu início à comunicação. O muçulmano parece ter estado ciente da planejada expedição do imperador e, para dispersar qualquer ameaça à região do Nilo, propôs um pacto incomum. Como seu pai al-Adil antes dele, o novo sultão estava muito mais interessado em chegar a uma acomodação diplomática com os francos – assim salvaguardando seus interesses comerciais comuns – do que lançar uma jihad sangrenta e desordenada. A posição de al-Damil como senhor da confederação aiúbida também estava sob ameaça nessa época. Na esteira da Quinta Cruzada, as relações com seu irmão al-Mu'azzam, emir de Damasco, haviam estremecido, e al-Mu'azzam dera um passo drástico ao se aliar com os corásmios – um bando de ferozes turcos mercenários, expulsos da Ásia central pelo advento dos mongóis e agora operando a partir do norte do Iraque. Para equilibrar este perigo, al-Kamil convidou Frederico a trazer seus exércitos para a Palestina e, em troca da promessa de ajuda contra al-Mu'azzam, ofereceu a devolução de Jerusalém aos latinos. Para acertar os detalhes deste acordo inédito, o sultão despachou um de seus mais confiáveis lugares-tenentes, Fakhr al-Din, como enviado à corte Hohenstaufen. Lá, ele e Frederico estudaram juntos os termos amigáveis, e o imperador chegou a nomear Fakhr al-Din cavaleiro, como sinal de sua amizade.²²

Em 1227, Frederico II estava pronto para comandar sua cruzada: dotado de uma autoridade militar e política sem precedente, reforçada por um promissor pacto com os aiúbidas. Suas forças cruzadas alemãs e sicilianas reuniram-se no porto de Brindisi naquele agosto, em preparação para a partida para a Terra Santa, mas então ocorreu um desastre. Em meio ao calor do verão, uma doença virulenta

(talvez cólera) começou a se espalhar pelo exército. Enfrentando uma ameaça de excomunhão, o imperador sabia que não podia se dar ao luxo de uma demora e, assim, o embarque começou como planejado. Frederico zarpou no dia 8 de setembro, em companhia do importante nobre alemão Luís IV da Turíngia, mas em alguns dias eles também caíram doentes. Temendo por sua saúde, o imperador retornou, desembarcando em Otranto (ao sul de Brindisi). Não há dúvida de que o pânico era verdadeiro, e o adiamento necessário – Luís morreu da doença ainda no mar. Frederico declarou que reiniciaria sua viagem em maio de 1228 depois de convalescer no sul da Itália e mandou o mestre teutônico Von Salza para o Oriente Próximo para supervisionar o exército cruzado. Consciente de como esses eventos poderiam ser interpretados em Roma, o imperador também despachou um mensageiro para o papa.²³

Honório III havia morrido em março daquele ano, e seu sucessor, o papa Gregório IX, era um reformador de linha dura e defensor das prerrogativas papais, com pouca ou nenhuma simpatia pela causa Hohenstaufen. Já suspeitando dos motivos de Frederico, Gregório recebeu as notícias com uma ação drástica em vez de compreensão. Aproveitando a oportunidade de frear o que considerava como poder excessivo do império, anulou imediatamente os termos do tratado de San Germano e excomungou Frederico em 29 de setembro. Este foi um severo ato de censura, particularmente se levarmos em conta o suposto status do imperador como monarca divinamente ungido; em teoria, pelo menos, ele seccionou Frederico do corpo da comunidade cristã, levando-o a ser desprezado pelos fiéis. O papa provavelmente esperava que Frederico buscasse uma reconciliação e uma absolvição – submeter-se a Roma e fazer o que seria uma tácita aceitação da supremacia papal.

Na verdade, Frederico não fez nada disso. Recusando-se a reconhecer sua excomunhão, enviou para a Palestina Ricardo Filangeri, um de seus principais oficiais militares, com quinhentos cavaleiros em abril de 1228. Em 28 de junho, o imperador o seguiu, zarpando de Brindisi com uma frota de cerca de setenta navios. Ele estava assumindo um risco enorme, deixando a Sicília, em particular, exposta à predação de um papa ambicioso e inescrupuloso –, mas Frederico agora parecia estar determinado a finalmente cumprir seu voto de cruzado. Ele chegaria à Terra Santa como o líder mais poderoso a portar o sinal da cruz, mas também como um desterrado, cortado do seio da Igreja.

Frederico II no Oriente Próximo

Nos meses precedentes, os fatos haviam conspirado para diminuir ainda mais as chances de sucesso do imperador no Levante. Duas mortes reformularam suas perspectivas. No final de 1227, al-Mu'azzam morreu de uma crise de disenteria, anulando efetivamente a projetada aliança do imperador com al-Kamil. Então, em maio de 1228, a jovem esposa de Frederico, a rainha Isabel II de Jerusalém, também faleceu, logo após dar à luz um menino. Este garoto, Conrado, tornou-se o herdeiro do Império Hohenstaufen e – pela linhagem de sangue da mãe – do Reino de Jerusalém. Em termos legais, este fato enfraqueceu a autoridade de Frederico na Palestina. Ele não mais agiria como marido de uma rainha viva, mas como regente de seu novo herdeiro.

Tais reveses significativos mal provocaram uma interrupção no ritmo do imperador. Ele chegou a Chipre em 21 de julho de 1228 e tratou de reafirmar o domínio Hohenstaufen sobre a ilha – um direito estabelecido por seu pai no final do século XII. Frederico tirou João de Ibelin (que vinha agindo como regente do jovem rei Henrique II) do poder, acusando-o de corrupção financeira, e assegurou os direitos imperiais às rendas reais de Chipre antes de zarpar para Tiro e, em seguida, até Acre, ao sul, no início de setembro.

Uma vez em terra firme, a condição de excomungado de Frederico só lhe causou um grau limitado de dificuldade. O patriarca latino Gerold revelou-se claramente relutante, e os templários e hospitalários também demoraram a apoiar a campanha do imperador, mas isto provavelmente fosse resultado do ressentimento declarado pelo favoritismo do Hohenstaufen com relação à Ordem Teutônica. Mais comprometedora foi a diminuição dos recursos militares sofrida naquele outono. Tendo passado o verão ajudando os cavaleiros teutônicos na construção de seu novo castelo de Montfort nas colinas a leste de Acre, uma boa parte do exército cruzado havia embarcado de volta para a Europa. Sem poder recorrer a uma enorme força militar, Frederico preferiu voltar-se para a negociação, reabrindo os canais de comunicação com al-Kamil e o diálogo direto com seu representante Fakhr al-Din.

Devido à morte de al-Mu'azzam e o resultante desequilíbrio de poder no mundo

aiúbida, al-Kamil mostrou-se relutante em honrar suas promessas ao imperador, assim se arriscando a provocar crítica do Islã por ter feito concessões desnecessárias aos francos. Ao mesmo tempo, contudo, a grande prioridade do sultão era garantir o controle total de Damasco e não se envolver numa guerra custosa com Frederico. Para afastar a incipiente ameaça de conflito, o imperador fez suas forças remanescentes marcharem do sul de Acre até Jafa no início de 1229 – repetindo a manobra de Ricardo Coração de Leão em 1191. A pressão continuou a se revelar, e enquanto as conversas prosseguiram, Frederico empregou todos os artifícios e argumentos para garantir um acordo favorável e a devolução da Cidade Santa. A certa altura se dispôs até a discutir questões culturais, envolvendo ciência e filosofia, mas depois mudou o tom para uma ameaça de guerra; argumentou que, para os muçulmanos, Jerusalém na verdade era apenas uma ruína desolada, mas que sua santidade para os cristãos era descomunal. Vencido por esses argumentos, e com os olhos na Síria e não na Palestina, al-Kamil acabou por ceder.

No dia 18 de fevereiro de 1229, Frederico acertou os termos com o sultão aiúbida. Em troca de uma trégua de dez anos e a proteção militar de Frederico contra todos os inimigos, mesmo os cristãos, al-Kamil entregou Jerusalém, Belém e Nazaré, juntamente com um corredor terrestre ligando a Cidade Santa com a costa. Os muçulmanos deveriam conservar o acesso ao al-Haram al-Sharif, com seu próprio gadi para supervisionar esta área sagrada, mas, por outro lado, teriam que abandonar a cidade. Pela primeira vez em quarenta anos, o Santo Sepulcro voltaria para as mãos dos cristãos – um imperador excomungado tinha alcançado o que nenhum cruzado havia conseguido desde 1187, e tudo sem derramar uma única gota de sangue.

À primeira vista, esse feito impressionante poderia parecer uma extraordinária ruptura com a tradição – um ato que derrubava os princípios estabelecidos da campanha cruzada: a adesão à paz; a rejeição da espada. Foi certamente assim que a recuperação de Jerusalém por Frederico foi apresentada por alguns historiadores modernos – como prova de que o imperador era dotado de uma visão e de uma sensibilidade muito à frente de seu tempo. Essa visão provém da simplificação e da distorção. Embora seja verdade que Frederico foi o primeiro líder cruzado a assegurar ganhos tão valiosos por meio da diplomacia, a negociação tinha desempenhado um papel proeminente nas campanhas anteriores. Na verdade, os métodos e objetivos do Hohenstaufen podem bem ser comparados com os empregados por Ricardo Coração de Leão durante a Terceira Cruzada. Também vale observar que, como o rei inglês, Frederico precisava

mesclar suas conversas de trégua com a intimidação militar. Ele parece ter se voltado para a diplomacia não por um desejo sincero de evitar o derramamento de sangue, mas porque era o meio então disponível para atingir seu objetivo.

Uma vez fechado o acordo em 1229, os eventos se precipitaram. Um cronista muçulmano escreveu que “depois da trégua, o sultão emitiu uma proclamação para que os muçulmanos deixassem Jerusalém e a entregassem aos francos. Os muçulmanos partiram entre gritos, gemidos e lamentos”. Frederico entrou em Jerusalém em 17 de março de 1229, visitando o Domo da Rocha e a mesquita de Al-Aqsa na companhia de um guia muçulmano. Na Igreja do Santo Sepulcro ele orgulhosamente pousou a coroa imperial em sua cabeça com as próprias mãos, numa afirmação cerimonial de sua majestade insuperável. Para divulgar e glorificar este feito, naquele mesmo dia o imperador escreveu uma carta ao rei Henrique III da Inglaterra. Nessa missiva, Frederico comparava-se ao rei Davi do Velho Testamento e declarava que “(Deus) elevou-nos acima dos príncipes do mundo”. Depois dessa rápida visita, o imperador voltou a Acre.²⁴

Se Frederico achava que seu sucesso seria saudado com júbilo, estava enganado. Em sua carta, o patriarca Gerold condenou a conduta do imperador como “deplorável”, afirmando que suas ações tinham sido “em grande detrimento da causa de Jesus Cristo”. Em parte, sua cólera foi incitada porque o acordo unilateral de Frederico com os aiúbidas havia sido formulado “depois de longas e misteriosas conferências, e sem ter consultado nenhum (franco nativo)”. Com os templários e os hospitalários, Gerold também se queixou do fracasso em garantir o controle de um número suficiente de castelos para defender a Terra Santa (muitos dos quais anteriormente tinham pertencido às Ordens Militares) e observava que o imperador tampouco tinha feito alguma coisa para a refortificação de Jerusalém. Por trás de todos esses ataques, contudo, havia o crescente temor de que Frederico agora estivesse em posição de asseverar sua autoridade sobre o reino latino.

O imperador pode ter pensado em impor sua vontade, mas perturbadoras notícias do Ocidente começaram a chegar a seus ouvidos. Em sua ausência, o papa Gregório IX havia empreendido uma invasão empolada ao sul da Itália, objetivando a captura da Sicília e assim pôr término ao cerco Hohenstaufen de Roma. Mesmo à luz da excomunhão de Frederico, este foi um ardil cínico buscando o proveito próprio – e que mais tarde provocou uma censura generalizada na Europa. Para piorar as coisas, o papa procurou incentivar o recrutamento para tal campanha oferecendo aos participantes recompensas

espirituais que pareciam fazer eco àquelas prometidas aos cruzados. Entre os que encabeçaram a causa de Gregório estavam dois rivais da Quinta Cruzada: o cardeal Pelágio e João de Brienne, agora reconciliados.

Com a ameaça a seu império ocidental aumentando, Frederico rapidamente chegou a um acordo com a nobreza latina do Reino de Jerusalém. Em vez de escolher um dos seus, concordou em eleger dois nobres nativos para governar a Palestina em sua ausência. Isso não passava de um expediente temporário, mas que permitiu ao imperador partir apressadamente para a Itália. Mesmo assim, o ressentimento contra as táticas arrogantes de Frederico estava aumentando entre um grande número de francos levantinos. Consciente da atmosfera inflamada, o imperador tentou se afastar de Acre em 1º de maio de 1229 com um mínimo de cerimônia e pegar um navio ao amanhecer. Mas segundo um cronista latino, o então rei sofreu uma afronta final quando um grupo de “carniceiros e velhacos das ruas” o avistou a caminho das docas, e essa multidão enraivecida “correu atrás dele atirando-lhe tripas e pedaços de carne”. O imperador Hohenstaufen tinha recuperado a Cidade Santa para a cristandade, mas parece ter deixado o Oriente Próximo como homem “odiado, amaldiçoado e vilipendiado”.²⁵

UM NOVO HORIZONTE

Frederico II voltou para o sul da Itália a tempo de expulsar as forças que lutavam em nome do papa Gregório IX. Apesar de uma atmosfera de ódio e má vontade, os dois lados reconheceram que, pelo menos momentaneamente, a reconciliação atendia aos seus interesses. Em 1230 a excomunhão do imperador foi anulada, Gregório aceitou a legalidade do tratado firmado com al-Kamil no Oriente e uma tensa reaproximação ocorreu. Nesse ínterim, na Palestina, os francos gradativamente começavam a voltar para Jerusalém. Apesar de todas suas antigas queixas, o patriarca Gerold, os templários e os hospitalários voltaram a se estabelecer na cidade, e teve início um lento trabalho de reconstrução de suas fortificações. Com os aiúbidas ainda presos a uma luta mortífera pela supremacia, os termos da trégua de 1229 prevaleceram e os latinos deixaram de ser ameaçados.

Logo, contudo, os cristãos se envolveram em suas próprias intrigas. Em sua pressa por voltar para o Ocidente em 1229, Frederico tinha sido forçado a comprometer sua ideia de uma hegemonia dos Hohenstaufen na Terra Santa. Mas com a campanha na Itália, enviou Ricardo Filangeri para reclamar direitos imperiais sobre Chipre e a Palestina em 1231. Autocrata obstinado, Filangeri acabou por se mostrar profundamente impopular entre boa parte da nobreza franca nativa e entrou em conflito aberto com João de Ibelin, que então se tornou a figura de frente da resistência anti-Hohenstaufen. Durante o restante da década e até depois dela, a luta para resistir à autoridade imperial fervilhou – levando a população local de Acre ao extremo de declarar sua cidade uma comuna independente, separada do Reino de Jerusalém. Ocupados com essa infeliz pendenga, os latinos fizeram poucos esforços para consolidar seus recentes ganhos territoriais ou explorar a fraqueza dos aiúbidas.

Para completar a situação, a mal contida animosidade entre Frederico II e Gregório IX tornou a aflorar em 1239. O imperador foi novamente excomungado e, desta vez, o papa invocou uma luta total contra seu oponente – agora difamado como inimigo do cristianismo e aliado do Islã. Outra cruzada contra o imperador foi anunciada em 1244 e isto levou a um declarado estado de guerra que ribombou até a morte de Frederico II em dezembro de 1250. Resoluto

em seu desejo de preservar e aumentar a força da Igreja, o papado tinha finalmente abraçado a ideia de brandir a arma da guerra santa contra seus inimigos políticos. Chamados às armas similares se seguiriam durante décadas, e até séculos. Estes acontecimentos provocaram um certo clamor e, ocasionalmente, até uma condenação feroz, mas, não obstante, muitos recrutas aceitaram a cruz voluntariamente – contentes por lutar em solo latino contra cristãos iguais em troca de uma indulgência. De todas as críticas dirigidas ao papado pelos contemporâneos devido a esta diluição do “ideal cruzado”, a mais eloquente foi a frequente queixa de que o verdadeiro campo de batalha da guerra santa ficava no Oriente. Com certeza é verdade que, com o passar do tempo, o redirecionamento dos exércitos cruzados por parte de Roma – na Europa Ocidental e em outros palcos de conflito na Península Ibérica, no Báltico e na hesitante Constantinopla latina – serviram para isolar e enfraquecer ainda mais o Ultramar franco.

A Cruzada dos Nobres

Tais desenvolvimentos não levaram repentinamente o papado a abandonar o Oriente latino. Em vez disso, o Levante tornou-se uma frente entre muitas, e em diversas ocasiões coube aos líderes seculares priorizar os interesses dos Estados cruzados sobreviventes. Este foi o caso, entre 1239 e 1241, quando duas expedições de relativa pequena escala (por vezes chamadas de Cruzada dos Nobres) foram comandadas por Teobaldo IV de Champagne – membro de uma das mais importantes dinastias cruzadas do Ocidente – e por Ricardo da Cornualha, irmão do rei Henrique III da Inglaterra. Suas empreitadas gozaram de um marcante grau de sucesso, em parte porque adotaram a técnica de Frederico II da diplomacia forçada, mas basicamente foram resultado da nova espiral de insegurança aiúvida causada pela morte de al-Kamil em 1238. Com vários membros da família do falecido sultão brigando pelo controle do Egito e da Síria, Teobaldo e Ricardo puderam jogar os aiúvidas rivais uns contra os outros, recuperando a Galileia e refortificando o posto avançado de Ascalão, na costa sul.

Na esteira desses sucessos, a nobreza franca do Reino de Jerusalém finalmente se livrou do jugo do domínio Hohenstaufen, recusando-se a reconhecer a autoridade de Conrado, o filho e herdeiro de Frederico, por volta de 1243. Ligado aos eventos na Europa, a melhor resposta que o imperador podia dar foi instalar um novo representante em Trípoli. Deste ponto em diante, a coroa de Jerusalém passou para linhagens reais do Chipre latino, mas em termos exatos o poder continuou com a aristocracia.²⁶

Em 1244, a sorte da Palestina franca parecia rejuvenescida. Grandes porções do território haviam sido recuperadas, e Jerusalém, embora ainda parcialmente habitada, estava em mãos cristãs. Parecia que o reino retornaria à posição de relativo poder e segurança de antes dos desastres de 1187. Mas, na verdade, esses sinais de vitalidade foram ilusórios e efêmeros: os latinos estavam em uma situação desesperadamente vulnerável. Tendo se alienado do império Hohenstaufen, o potencial militar levantino dependia quase inteiramente das Ordens Militares e da ajuda direta do Ocidente, sob a forma de cruzadas – uma corrente de apoio que poderia muito bem diminuir. Acima de tudo, os recentes

sucessos dos francos foram consequência direta da fraqueza dos aiúbidas. Se a dinastia muçulmana se recuperasse ou, talvez pior, fosse substituída por outra força, as consequências para o Ultramar poderiam ser catastróficas.

A ruína da Palestina

Em meio ao tumulto do início da década de 1240, um aiúbida se destacou: al-Salih Ayyub, o filho mais velho de al-Kamil. Em 1244, al-Salih tinha garantido sua posição no Egito, mas, ao fazê-lo, perdeu Damasco para seu tio Ismail. Visando a reafirmar sua autoridade sobre a Síria, al-Salih – como outros governantes aiúbidas antes dele – procurou se aproveitar da brutalidade dos quarismianos, que agora estavam sob o comando de seu chefe, Berke Khan. Em resposta aos chamados de al-Salih, Berke comandou sua horda mercenária de cerca de dez mil homens devastadores pela Palestina no início do verão de 1244. Aparentemente agindo por vontade própria, os quarismianos fizeram um ataque inesperado a Jerusalém. À sua aproximação, milhares de cristãos fugiram da cidade, na esperança de alcançar segurança na costa, deixando para trás uma pequena guarnição de defensores. Os refugiados sofreram terrivelmente, à medida que avançavam para o leste. Sofreram ataques de bandidos muçulmanos nas colinas da Judeia e muitos foram mortos por escoltas quarismianas nas planícies perto de Ramla, só quase trezentos deles chegaram a Jafa.

Na Cidade Santa, a situação era ainda pior. Os francos remanescentes chegaram a opor certa resistência, mas foram irremediavelmente suplantados em número. Em 11 de julho de 1244, os homens de Berke Khan invadiram Jerusalém e deram início a um caos. Segundo um cronista latino, os quarismianos “encontraram cristãos que haviam se recusado a partir com os outros na Igreja do Santo Sepulcro. Foram todos estripados diante do Sepulcro de Nosso Senhor; cortaram as cabeças dos padres que estavam paramentados e celebravam missas nos altares”. Tendo posto abaixo a estrutura de mármore que fechava o Sepulcro, vandalizaram e saquearam as tumbas dos grandes reis francos da Palestina – como Godofredo de Bulhão e Balduíno I. Dizem que “cometeram muitos atos mais vergonhosos, sujos e destrutivos contra Jesus Cristo, os Lugares Santos e a cristandade que todos os infiéis daquela terra já haviam feito na paz ou na guerra”. Com a obra de destruição e profanação terminada, Berke Khan conduziu suas forças para um encontro perto de Gaza (no sul da Palestina) com um exército de cerca de cinco mil guerreiros do Egito.²⁷

O choque dessas atrocidades incentivou os francos à ação. Garantindo uma

aliança com Ismail de Damasco e outro muçulmano dissidente, o emir de Homs, eles marcharam para o sul para enfrentar a coalizão egípcio-quarismiana. Arrecadando recursos entre a nobreza franca e as Ordens Militares, os cristãos conseguiram reunir dois mil guerreiros e talvez outros dez mil soldados de infantaria. Esse exército – o maior já reunido no Oriente desde a Terceira Cruzada – representava a força humana de guerra total do reino latino. Contudo, mesmo tendo se juntado a seus aliados muçulmanos, ele mal excedia o do inimigo. Houve considerável debate sobre a melhor estratégia a ser empregada. O emir de Homs, que já havia lutado e derrotado os quarismianos certa vez, aconselhou paciente precaução e a construção de um acampamento bem defendido, sugerindo que os homens de Berk Khan logo se aborreceriam com qualquer demora e se dispersariam. Contudo, os latinos ansiosos e superconfiantes rejeitaram esse sábio conselho. Em 18 de outubro de 1244, lançaram um ataque e a batalha ocorreu nas planícies arenosas próximas da vila de La Forbie (nordeste de Gaza).

Para os francos e seus aliados, o caos que se seguiu foi um desastre sem tamanho. Faltando-lhes uma clara superioridade numérica, eles tiveram que confiar na ação estritamente coordenada e uma dose de sorte – mas não se beneficiaram de nenhuma das duas. A princípio, os latinos e os soldados de Homs pareciam ter lutado bem, defendendo seu terreno. Mas diante de um inexorável ataque quarismiano, as tropas damascenas perderam a coragem e fugiram. Com sua formação de batalha partida, os aliados franco-sírios rapidamente se renderam, e, embora tenham lutado bravamente, mesmo com as baixas aumentando, o dia terminou em derrota. As perdas ocorridas em La Forbie eram surpreendentes: dos dois mil soldados de Homs, 1.720 foram mortos ou capturados; somente 36 cavaleiros templários escaparam, de um total de 348; a Ordem Teutônica perdeu todos, com exceção de três cavaleiros, de uma força de 440 homens. O mestre dos templários foi capturado; seu colega hospitalário foi assassinado. Esta foi uma calamidade equiparável àquela sofrida em Hattin em 1187 – um golpe esmagador que desmantelou a formação militar remanescente do Ultramar. Nos meses que se seguiram, meio século de gradual recuperação territorial seria apagado.

Num estado de terror, os poucos sobreviventes francos reagruparam-se em Acre naquele outono, “chorando, gritando e soluçando enquanto caminhavam, de modo que dava tristeza ouvi-los”. Encaminhando advertências a Chipre e Antioquia, eles enviaram o bispo Galeran de Beirute “para entregar solenes mensagens ao papa e aos cavaleiros da França e da Inglaterra (e para enfatizar)

que, se rápidas decisões não fossem tomadas com relação à Terra Santa, ela em breve estaria completamente perdida”.²⁸ Os graves reveses de 1244 que produziram esse sincero apelo espelhavam os que, cinco décadas antes, haviam provocado o entusiasmo da Terceira Cruzada. Mas, nessa época, as bases da guerra santa cristã começaram a tomar outros rumos: costumes e práticas haviam mudado, o entusiasmo havia se desvanecido ou fora reconsiderado. Em meio a essa nova realidade do século XIII, uma questão óbvia deve ter atormentado as mentes dos francos levantinos: será que o Ocidente latino tornaria a montar uma poderosa cruzada para salvar a Terra Santa?

21. UM SANTO

NA GUERRA

O bispo Galeran de Beirute chegou ao Ocidente em 1245, trazendo notícias de La Borbie e da destruição do exército franco. No final de junho, ele assistiu a um concílio da Igreja convocado pelo novo papa, Inocêncio IV, em Lyon (sudeste da França), uma vez que a corte papal fugira da Itália devido ao conflito com o imperador Frederico II da Alemanha. Com a perigosa situação do Ultramar, o papa e seus prelados acharam que outras questões eram mais prementes: ou seja, sua própria sobrevivência. A excomunhão de Frederico foi confirmada e, desta vez, ele foi oficialmente deposto de seu direito às coroas da Alemanha e da Sicília – uma jogada que provocou o romper de uma beligerância aberta entre o papado e o Império Hohenstaufen. Inocêncio IV também estava preocupado com o envio de recursos para o Império Latino de Constantinopla, que cada vez mais beirava o colapso. O papa concordou em proclamar uma nova cruzada ao Oriente Próximo, nomeando o cardeal-bispo franco Odo de Châteauroux como legado papal à campanha, mas era evidente que a causa levantina ainda era uma prioridade relativamente pequena.

As esperanças do bispo Galeran de garantir o apoio dos grandes monarcas da Europa latina também pareciam desanimadoras. O imperador Frederico obviamente não estava em posição de deixar o Ocidente. Henrique III da Inglaterra estava preocupado com a tarefa de dobrar os joelhos de seus poderosos nobres, e chegou a proibir Galeran de pregar a cruzada em solo inglês. Só um rei se destacaria nesse oceano de preocupação e indiferença, respondendo ao chamado do Ultramar, um soberano devotado à guerra pela Terra Santa: Luís IX da França, um homem que seria canonizado pela Igreja Romana como santo.

O REI LUÍS IX DA FRANÇA

Em 1244, Luís tinha cerca de trinta anos de idade. Era alto, de constituição fraca, pele pálida e cabelos loiros. Por ancestralidade, o sangue real estava instilado com o impulso pela cruzada, já que ele nascera numa linhagem ininterrupta – que remontava a Luís VII e Filipe II – de reis capetíngios que haviam lutado a guerra santa. Luís também herdara o reino da França, que tivera sua posição de debilidade transformada no início do século XII. O longo Filipe II comprovava ser um burocrata talentoso, e seu reinado de 33 anos viu imensas melhoras na regulamentação governamental e na administração financeira. Da mesma forma, o sucesso havia sido alcançado na luta com a Inglaterra, culminando na conquista da Normandia e de vastas porções de território angevino no oeste da França.

Depois da morte de Filipe em 1223, contudo, seu filho Luís VIII sobreviveu apenas três anos. Assim, Luís IX só tinha doze anos quando chegou ao trono. Sua voluntariosa mãe, Branca de Castela, assumiu a regência, governando com segura competência; na verdade, mesmo adulto, aos trinta anos, o rei ainda tinha que emergir da sombra autoritária dela.

Luís parece ter sido um cristão devoto. Ele ganhou fama por assistir à missa diariamente e por seu grande interesse pelos sermões. Em 1238, comprou a Coroa de Espinhos, que se acreditava ter sido usada por Jesus na cruz, roubada da Constantinopla bizantina e então vendida pelo falido governante de Constantinopla. Na década seguinte, Luís construiu uma nova e magnífica capela no coração de Paris para abrigar a relíquia da Paixão de Cristo – a Sainte-Chapelle – uma notável obra-prima do tecnologicamente avançado estilo “gótico” de arquitetura que dominou a Europa Ocidental. Era também um generoso patrono das instituições religiosas espalhadas pela França. Em seus contatos com o papado, o soberano capetíngio exigia a devida deferência e respeito para com a Igreja Latina, mas não em detrimento de sua autoridade real ou suas crenças religiosas. Assim, ele permitiu que a excomunhão de Frederico II fosse anunciada na França, mas proibiu a pregação de uma cruzada contra o imperador em solo franco.

O início do reinado de Luís ensinou-lhe alguma coisa sobre a guerra, mas ele ainda tinha que revelar uma centelha de gênio militar ou de visão estratégica aparentada à que havia possuído Ricardo Coração de Leão. O capetíngio era capaz, contudo, de inspirar lealdade e fidelidade às suas tropas, principalmente pelo assíduo cuidado em lhes garantir bem-estar e moral elevado. Na verdade, a atitude de Luís com a atividade da monarquia e do comando militar foi profundamente influenciada pelas noções de honra, justiça e obrigação. Esses princípios estavam no cerne dos códigos de conduta cavaleiresca que tinham se solidificado no final do século XII e início do XIII, e que agora orientavam quase todos os aspectos da cultura da cavalaria cristã. Os ideais nascentes da cavalaria desempenharam um papel nas cruzadas desde o início e certamente formaram um pano de fundo para a Terceira Cruzada. Mas na década de 1240 tais ideais eram uma das grandes forças dominantes, moldando tanto a teoria como a prática na guerra santa.

Para Luís IX e os que o seguiam, a cruzada era um meio de pagar uma dívida do serviço devido a Deus e uma luta em que a reputação de um homem poderia ser preservada e desenvolvida. O renome acalantado devia ser obtido por valores feitos de armas, embora, é claro, o perigo da covardia ou do fracasso – e, portanto, a ameaça da vergonha deletéria – também pairava no ar. Os cruzados continuavam a ser atraídos pela recompensa espiritual de uma indulgência, mas, enquanto muitos ainda se viam como peregrinos, essa ideia de guerra santa como jornada devocional estava sendo cada vez mais contrabalançada, ou mesmo eclipsada, pela imagem da cruzada como empreitada cavaleiresca. Essa mudança teria notáveis consequências no campo de batalha, provocadas pela inerente tensão entre a busca da glória pessoal e o cumprimento de ordens.

Luís deve ter pensado em se juntar a uma cruzada na década de 1230, e deu apoio financeiro à Cruzada dos Nobres, mas no final de 1244 sua determinação de aceitar a cruz estava se consolidando. A essa altura, notícias da captura de Jerusalém pelos quarismianos provavelmente estavam circulando no Ocidente, mas o bispo Galeran ainda não havia relatado a esmagadora derrota de La Forbie. Nesse inverno, o rei franco caiu doente com uma forte febre e em dezembro estava acamado em Paris, “tão próximo da morte que um de (seus servos) quis puxar o lençol sobre seu rosto, afirmando que estava morto”. Em meio à aflição dessa grave enfermidade, Luís declarou sua inquebrantável determinação de comandar uma cruzada, e dizem que teria constantemente “pedido que lhe dessem a cruz”. A cruzada tornou-se o empreendimento pelo qual ele afirmou sua maturidade e emancipação e a causa à qual dedicaria sua

vida.²⁹

OS PREPARATIVOS PARA A GUERRA

Passaram-se quase quatro anos antes que Luís IX partisse em sua cruzada. Tal demora não foi resultado de deliberada prevaricação, mas sim consequência da meticulosa precisão com que o rei procurou se preparar para a guerra santa. A expedição deveria ser dominada pelos franceses. O conflito entre o Império Hohenstaufen e o papado excluiu o envolvimento dos alemães e dos italianos, embora Frederico II tivesse posto à disposição os portos e mercados da Sicília ao monarca capetíngio. Alguns destacados nobres ingleses também aceitaram a cruz, apesar dos temores de Henrique III – pois dentre eles estava Guilherme Espada Longa, meio-irmão do rei.

Na França, o ardente entusiasmo de Luís e os esforços do legado papal Odo de Châteauroux promoveram o generalizado alistamento. Todos os três irmãos do rei se apresentaram: Roberto de Artois, Afonso de Poitiers e Carlos de Anjou. Uma grande assembleia realizada em Paris em outubro de 1245 terminou com muitos outros destacados condes, duques e prelados comprometendo-se com a expedição. O conde de Champagne estava ocupado no norte da Espanha, mas muitos membros importantes de sua casa se alistaram, entre eles um cavaleiro de vinte e três anos de idade, João de Joinville, que havia herdado o título de senescal de Champagne (nessa época, um cargo cerimonial solene). Como participante da cruzada em preparativos, Joinville passou a conhecer bem o rei Luís e testemunhou a guerra santa em primeira mão. Anos mais tarde, o senescal escreveu um vívido relato do que viu e experimentou, embora retratando o monarca franco sob uma luz heroica. O relato de Joinville em francês arcaico – uma mistura de memórias pessoais e biografia real (por vezes até uma hagiografia) – oferece uma das mais viscerais e esclarecedoras visões da experiência humana da cruzada.³⁰ O testemunho de Joinville, além de uma riqueza de outras evidências contemporâneas, deixa muitíssimo claro que Luís IX se dedicou aos preparativos para a expedição com enorme energia. As elaboradas medidas tomadas revelam um louvável grau de previsão e um olho para o detalhe. Também fica claro que a atitude do rei para com o planejamento desenvolveu-se a partir de uma crença de que o sucesso dos cruzados dependia de considerações tanto práticas quanto espirituais.

Luís adotou uma abordagem notoriamente clínica da questão da preparação logística, acessando a crescente sofisticação administrativa da França do século XIII. Ele não tinha nenhuma intenção de comandar uma força descoordenada ao Oriente. Escolhendo Chipre como seu posto avançado, o rei tratou de formar um suprimento de comida, armas e recursos necessários à guerra. Depois de dois anos de estocagem de mercadorias na ilha, à espera do exército, vastas pilhas de trigo e cevada pareciam colinas, enquanto pilhas de barris de vinho, vistas à distância, poderiam facilmente ser confundidas com celeiros. Aigues-Mortes, um novo porto fortificado na costa sudeste da França, serviu como base de operações europeia para a expedição.

Essa atividade febril custou uma fortuna. A monarquia capetíngia assumiu um extraordinário compromisso financeiro com a cruzada, e Luís reuniu um considerável fundo de guerra para financiar a campanha. Relatos da corte sugerem que seu gasto durante os dois primeiros anos totalizou dois milhões de livres tournois (“libras” de ouro do peso aceito em Tours), boa parte do qual para pagar soldos ou subsídios para os cavaleiros franceses. Como a renda total da coroa não passava de 250 mil livres tournois por ano nesse período, o esforço econômico para montar a campanha foi imenso. Para ajudar a pagar a conta, Luís recebeu do papa um vigésimo de todos os ganhos eclesiásticos na França. Oficiais da coroa também extorquiram dinheiro dos heréticos e dos judeus, e, no geral, Luís não se importava em implorar, tomar emprestado e roubar em nome da guerra santa. Além disso, ele incentivou outros líderes cruzados a recorrer a seus próprios fundos e contribuir para a organização do transporte.³¹

Muitas cruzadas anteriores haviam sido prejudicadas pelas rivalidades internas que assolavam a cristandade latina. Esse ambiente de política hostil havia levado monarcas a postergar ou abandonar seus planos de guerrear no Levante, devido à ansiedade causada pelas potenciais consequências de uma ausência prolonga. Porém, embora Luís IX estivesse consciente de seus compromissos com o reino da França, ele evidentemente achou que eles deveriam ser contrabalanceados pela absoluta prioridade de comandar uma cruzada. Assim, antes de partir para o Oriente, o rei conferiu a regência de seu domínio capetíngio a Branca, sua mãe experiente. Da mesma forma, fez o que pôde para acalmar os assuntos políticos da Europa: desde tentar obter um acordo entre o papado e Frederico II a incentivar a paz com a Inglaterra. Mas mesmo quando essas empreitas atingiram um sucesso negligenciável (como no conflito dos Hohenstaufen com Roma) e as ameaças à segurança da França e da própria posição de Luís como rei continuavam a existir, ele se recusou a postergar sua partida ou comutar seu

voto.

Além de seus esforços em levar harmonia – e, como ele a via, a irmandade cristã – para o Ocidente, num sentido mais pessoal o rei capetíngio tratou de conseguir a paz, tanto para seu povo como para sua alma. Luís acreditava claramente que sua cruzada não prevaleceria por meio de obras humanas, mas que deveria ser conduzida dentro de um espírito de contrita devoção, com o coração puro. Ele deu o passo inovador de instituir uma série de indagações, conduzida, no geral, pelos frades mendicantes, para resolver as principais disputas legais dentro de seu reino, e extirpar toda corrupção e injustiça causadas por ele mesmo, seus oficiais ou mesmo seus ancestrais. Já na Primeira Cruzada, alguns dos que aceitaram a cruz haviam buscado colocar seus negócios em ordem e resolver disputas antes da partida, mas nunca nesta escala.

A cruzada de Luís começou em Paris em 12 de junho de 1248, com uma cerimônia pública comovente e ritualizada, destinada a fazer eco à piedade de seus antepassados cruzados. O rei recebeu os símbolos do peregrino cruzado – o embornal e o cajado – na catedral de Notre Dame e, então, caminhou descalço até a igreja real de San Denis para receber a Auriflama, o histórico estandarte de batalha da França. De lá, foi para o Sul, até a costa, partindo com seu exército de Aigues-Mortes e Marselha no final de agosto.

As melhores estimativas sugerem que Luís comandou uma força total de 20 mil a 25 mil homens. Estes incluíam cerca de 2.800 cavaleiros, 5.600 sargentos montados e dez mil homens da infantaria. Além disso, algo em torno de cinco mil arqueiros lutaram nessa cruzada; significativos avanços na precisão e no poder dos arcos permitiram que esses soldados desempenhassem um importante papel na campanha que, certamente, não era constituída por um grande contingente, mas o rei parece ter tomado a decisão consciente de ir para a guerra com uma força seleta, em vez de uma horda desconexa – ele chegou a deixar para trás muitas centenas de soldados e não combatentes que, na esperança de se juntar à expedição, haviam se reunido em Aigues-Mortes por conta própria.

Seguindo a prática agora estabelecida, a cruzada fez sua jornada ao Oriente Próximo por mar. Luís viajava a bordo de uma grande nave real, chamada de Montjoie, ou “Monte da Alegria”, nome dado ao local a partir do qual os peregrinos rumo a Jerusalém tinham sua primeira visão da Cidade Santa. Mas, para a maioria dos francos, a viagem para o Mediterrâneo Oriental foi assustadora e extremamente desconfortável. A embarcação normal tinha cerca de

140 metros quadrados de espaço no deque (aproximadamente a metade do tamanho de uma moderna quadra de tênis, mas precisava carregar cerca de quinhentos passageiros, e por vezes muitos mais. Não é de surpreender que um cruzado tenha comparado a viagem marítima a estar encerrado numa prisão. Os deques inferiores amiúde eram usados para levar cavalos, embora Luís também tenha encomendado transporte especialmente construído para essa preciosíssima carga de animais, essencial para o estilo preferido dos latinos de guerra equestre.

João de Joinville descreveu a experiência da partida de Marselha no final de agosto de 1248. Tendo embarcado no navio, ele observou os cavalos sendo levados para os deques inferiores através de uma porta no casco. Essa porta era então cuidadosamente calafetada “como se faz com um barril antes de mergulhá-lo na água, pois quando o navio estiver em alto-mar, essa porta ficará completamente submersa”. Incentivados pelo capitão do navio, toda a tripulação e passageiros entoaram um hino muito popular entre os cruzados, “Veni, Creator Spiritus” (Vinde, espírito criador), enquanto as velas se desfraldavam e a viagem começava. Porém, mesmo com seu moral elevado, Joinville admitiu sentir o efeito da intensa oscilação durante a viagem por mar, observando que ninguém “sabe, quando vai dormir à noite, se não estará deitado no fundo do mar na manhã seguinte”. Na ocasião, seus medos mostraram-se infundados, e o senescal chegou a Chipre cerca de três semanas depois, onde o rei Luís já havia chegado no dia 17 de setembro.³²

ATACANDO O NILO

Ao chegar a Chipre, Luís IX não fez nenhum movimento precipitado para iniciar uma campanha militar; em vez disso, dedicou o inverno e a primavera seguintes para mobilizar suas tropas e completar sua estratégia. À expedição juntaram-se contingentes da Palestina latina – inclusive muitos importantes nobres francos e forças substanciais extraídas de cada uma das três principais Ordens Militares – e o venerável patriarca de Jerusalém, Roberto de Nantes (que diziam estar com quase oitenta anos de idade), que, com o legado papal Odo de Châteauroux, supervisionou o cuidado espiritual com o exército. Apesar desses acréscimos, a reivindicação de Luís quanto ao supremo comando da cruzada parece ter sido inquestionável.

Uma firme decisão foi tomada nesse estágio (talvez até antes): realizar uma campanha contra o Egito, devido à continuada vulnerabilidade do regime aiúbida do sultão al-Salih. O objetivo de Luís parecia ser a conquista de toda a região. No lugar de se envolver em negociações, antes de iniciar um assalto ou depois de ganhos territoriais terem sido feitos, ele pretendia esmagar o centro do poder aiúbida e então usar a região do Nilo como nova base a partir da qual saltar para a recaptura do restante da Terra Santa. Era um plano ambicioso, mas não inteiramente fora da realidade. Depois de algum debate, avaliados os méritos relativos de atacar Alexandria ou Damietta, a segunda opção acabou por ser eleita e a cruzada de Luís foi posta em curso para seguir os passos da Quinta Cruzada.

A expedição emergiu após meses de nervosa antecipação no Chipre com um líder reconhecido e a concordância de um objetivo – dois indicadores promissores. Mas a demora também teve o seu preço. Saber da chegada de Luís permitiu que al-Salih preparasse suas defesas no Egito. A doença (talvez a malária) também custou a vida de cerca de 260 nobres e cavaleiros latinos – cerca de um décimo da força total – mesmo antes de a campanha ter efetivamente começado. Para outros, o prolongado período de inatividade solapou seus recursos financeiros: como muitos de seus compatriotas, Joinville quase ficou sem dinheiro para pagar seus cavaleiros e foi contratado pelo rei Luís.

No final da primavera, contudo, os preparativos estavam completos. No dia 13 de maio de 1249, uma poderosa armada de cerca de 120 grandes galeões e talvez outras mil naves menores zarpou do Chipre. Joinville escreveu que “era como se o mar inteiro, até onde a vista podia alcançar, estivesse coberto com as lonas das velas dos navios”. Tempestades e ventos difíceis dispersaram parte do comboio naval, e foram necessários vinte e três dias para chegar à costa egípcia. Quase no final da viagem, os cruzados depararam-se com um grupo de galeras muçulmanas. Três foram prontamente afundadas com flechas incendiárias e pedras lançadas de catapultas montadas nos deques dos francos, mas um navio escapou, ainda que seriamente danificado, e parece ter emitido uma advertência aos muçulmanos posicionados na costa norte da África.³³

No início de junho, os latinos ancoraram próximo de Damietta. A Quinta Cruzada tinha conseguido desembarcar nas margens ao norte da cidade e a oeste do Nilo despercebida – mas os homens de Luís não desfrutariam desse luxo. Dispostas ao longo do litoral estavam milhares de tropas aiúbidas sob o comando de Fakhr al-Din, o emir que havia negociado com Frederico II na década de 1220 e agora ascendera à posição de um dos principais generais de al-Salih. A foz no Nilo também estava guardada por uma flotilha muçulmana. Confrontado por essa oposição entrincheirada, Luís convocou um conselho de guerra no Montjoie, chegando-se à decisão de lançar um desembarque em massa na manhã seguinte. O rei e seus conselheiros certamente sabiam que estavam prestes a fazer uma enorme aposta – tentar o mais audacioso assalto anfíbio da história das cruzadas. Qualquer falta de coordenação entre os navios chegando à praia poderia deixar os guerreiros francos isolados para serem aniquilados. E se a força bruta do assalto inicial falhasse e nenhum posto avançado fosse conquistado na costa, toda a expedição poderia entrar em colapso devido a essa primeira ofensiva.

O assalto à praia

Ao nascer do sol do sábado, 5 de junho de 1249, milhares de latinos amontoaram-se em seus navios para rezar. Todos haviam sido instruídos a fazer suas confissões durante a noite. No Montjoie, Luís assistiu à missa, como fazia toda manhã. Então, por toda a frota, iniciou-se o difícil trabalho de deslocamento dos grandes navios de transporte para barcos menores, apropriados para águas mais rasas. João de Joinville e seus homens saltaram para um escaler, que ficou tão superlotado que quase afundou. Mais tarde ele observou um infeliz cavaleiro que avaliou mal seu salto para um bote enquanto “este se afastava, de modo que ele caiu no mar e se afogou”.

Joinville descreveu a cena na costa do delta com vívida clareza: “Todo o contingente das forças do sultão (estava) disposto ao longo da praia. Era uma visão de encantar os olhos, pois os (estandartes) do sultão eram todos de ouro, e onde o sol os atingia brilhavam resplandecentes. O alarido que esse exército fazia com seus tambores e trombetas sarracenas era de aterrorizar o ouvido”. Em torno deles, centenas de barcos estavam desembarcando na praia, muitos deles brilhantemente pintados com brasões de armas, avançando com seus pendões, com seus remadores esforçando-se por avançar.

O escaler de João de Joinville foi dos primeiros a alcançar terra, bem diante de um grupo de cavaleiros muçulmanos, que imediatamente atacou. Ele descreveu como, saltando para a água rasa, “enterramos o lado pontudo de nossos escudos na areia e fixamos nossas lanças firmemente no chão com as pontas na direção do inimigo”. O erigido círculo de metal de proteção salvou Joinville e seus homens, “pois no momento em que (o inimigo que atacava) viu as lanças prestes a perfurar-lhes o ventre, deu meia-volta e fugiu”. Tendo sobrevivido ao primeiro encontro, o grupo de João fixava sua posição enquanto milhares de outros latinos alcançavam a praia.³⁴

Acima e abaixo da costa irrompeu um feroz embate, à medida que os muçulmanos lançavam fulminantes blocos de flechas e lanças contra os barcos que aportavam. Logo ficou claro que nem todos os botes francos eram suficientemente rasos para alcançar as areias. Nesse terrível momento houve a

possibilidade real de que o ataque poderia ser retardado, mas foram emitidas ordens urgentes para que os homens saltassem e vadeassem até a praia. Alguns saltaram cedo demais “em sua fervorosa ansiedade” e se afogaram; outros se viram imersos até a cintura ou até o peito, mas começaram a avançar imediatamente. Muitos cavaleiros esforçaram-se para desembarcar seus cavalos para que pudessem lutar montados, enquanto os besteiros cristãos procuravam dar cobertura, deslanchando uma chuva de setas que, segundo um cruzado, foi “tão densa e tão rápida que era uma maravilha de se ver”. Ferozes escaramuças irromperam por toda a costa, mas os cavaleiros francos com pesadas armaduras logo formaram unidades bem-ordenadas e, depois que essas tropas formadas se estabeleceram em terra firme, os ataques muçulmanos foram se tornando cada vez mais ineficazes.

Enquanto o ataque se voltava a favor dos latinos, Luís IX ficou observando de seu próprio bote, ao lado de Odo de Châteauroux. O plano era que o rei ficasse a bordo em segurança, mas quando o soberano capetíngio viu seu estandarte real, a Auriflama, cravada nas areias do Egito, sua resignação se desvaneceu. A despeito das inflamadas objeções do legado papal, Luís saltou para a água que lhe chegava até o peito e avançou, “com seu escudo pendurado no pescoço, o elmo na cabeça e a lança em punho, até se juntar ao pessoal da praia”. Ali, com o sangue fervendo, o rei teve de ser impedido de entrar em combate.

Bolsões de combate prosseguiram até o meio-dia, mas a defesa aiúbida estava mal orquestrada e lhe faltava determinação. Fakhr al-Din por fim bateu em retirada para o interior, na direção de Damietta. Dizem que os muçulmanos perderam quinhentos homens, incluindo três emires e muitos cavalos, enquanto os francos sofreram apenas baixas limitadas. O desembarque havia sido um brilhante sucesso. Muitos cruzados sentiram claramente que tinham sido levados à vitória pela graça de Deus, com um deles escrevendo numa carta que os latinos lutaram “como fortes campeões do Senhor”.³⁵

Uma sorte maior deveria se seguir. O rei Luís, ao ter esperado e se preparado para um cerco determinado de Damietta, estava ciente do árduo investimento de dezoito meses empreendido pela Quinta Cruzada. Quando o dia começou a findar, ele ordenou o envio de suprimentos para a praia, preparando-se para fortificar sua posição e, se necessário, repelir um contra-ataque. Mas nesse mesmo dia, os francos ficaram surpresos ao descobrir que Damietta havia sido abandonada. Colunas de fumaça eram vistas se erguendo da cidade, e batedores voltaram com a notícia de que sua guarnição havia fugido, alguns por terra,

outros descendo o Nilo. Com um único golpe, Luís havia conquistado o primeiro objetivo de sua campanha, estabelecendo um posto avançado no Nilo e abrindo as portas do Egito. Era o feito inicial mais surpreendente de qualquer cruzada. No escaldante calor do verão norte-africano, ver os aiúbidas fugindo das praias e abandonando Damietta parece ter inflamado a mente de Luís e de seus compatriotas. Para eles, era uma imagem a ser saboreada – que parecia mostrar um mundo muçulmano à beira do colapso e prenunciar a total vitória cristã.

O DECLÍNIO AIÚBIDA

Os cruzados acharam que seu sucesso no início de junho de 1249 nascera de sua superioridade militar e da condição enfraquecida do Islã. Mas, embora essas ideias contivessem mais que uma ponta de verdade, elas também escondiam a realidade subjacente da situação. A decisão de Fakhr al-Din de abandonar o campo de batalha em 5 de junho não parece, em primeiro lugar, ter sido uma resposta à ferocidade latina. Na verdade, ele abandonou o litoral e marchou prontamente para o acampamento do exército egípcio ao sul, depois de Damietta, pois suas reais ambições estavam em outra parte. A cidade tinha sido protegida por um regimento conhecido como os quinânias, renomados por sua bravura: mas horrorizados por se descobrirem abandonados, eles também se retiraram durante a noite. Correndo para o sul, essas forças se reagruparam no principal acampamento aiúbida, onde o sultão al-Salih mantinha um poder em declínio terminal.

Depois do triunfo muçulmano em La Forbie em 1244, al-Salih dera as costas para os quarismianos. Achando que essa horda de incontroláveis mercenários era perigosa demais para se confiar, ele impediu que seus antigos aliados entrassem no Egito. Deixados para trás para devastar a Palestina e a Síria com pouco propósito coerente, a selvageria devastadora que animava os quarismianos acabou por se extinguir e, em 1246, eles foram totalmente derrotados por uma coalizão de muçulmanos sírios. Nos anos que se seguiram, al-Salih tratou de assumir o controle de Damasco e ocupar outras partes da Palestina. Por essa época, contudo, o sultão caiu gravemente enfermo com tuberculose. Em 1249 sua saúde estava se deteriorando rapidamente e ele só conseguia viajar carregado numa liteira. Em um certo sentido, portanto, a cruzada do rei Luís IX estava devidamente sincronizada, pois coincidiu com um período de séria debilidade do alto comando aiúbida. Contudo, embora al-Salih estivesse morrendo, havia outros muçulmanos ansiosos por assumir seu lugar, entre os quais Fakhr al-Din. Assim, foi por isso que o emir abandonou prontamente seu posto em Damietta no início do verão de 1249, preocupado com a ideia de que um envolvimento prolongado na costa poderia fazê-lo perder a oportunidade de assumir o poder quando o sultão morresse. O resultado dos eventos no Delta do Nilo enfureceu o

debilitado al-Salih. Ele parece ter suspeitado do verdadeiro motivo por trás da retirada de Fakhr al-Din, mas lhe faltava a confiança para punir abertamente um emir tão proeminente. Os quinarias não tiveram tanta sorte, e o sultão fez enforcar todo o regimento.³⁶

Essa brutalizada atmosfera de desconfiança, traição e rivalidade era apenas uma expressão de um mal-estar mais amplo que afetava todo o reino aiúbida no Levante. Depois de longas décadas de domínio, a dinastia estabelecida por Saladino e seu irmão al-Adil estava se arrastando para a desintegração – afetada pela liderança ineficiente e paralisada pela intriga interna. Mas isto não significava que a conquista franca do Egito ou da Terra Santa continuaria sem oposição. Na verdade, para além dos sonhos de glória de Fakhr al-Din, outra força extraordinariamente potente estava ganhando destaque no Egito: os mamelucos.

Mamelucos – as espadas do Islã

Os mamelucos, ou soldados-escravos, tinham sido usados pelos governantes muçulmanos do Levante durante séculos, desempenhando papéis significativos nos exércitos zênquidas e aiúbidas nos séculos XII e XIII. Esses guerreiros ferozmente leais e altamente profissionais eram produto de um elaborado sistema de escravidão e de treinamento militar. A maioria deles era composta de etnias turcas que vivam nas estepes russas de Quipchaque, para além do norte do Mar Negro, capturados quando meninos (normalmente entre os oito e doze anos de idade), escravizados e bem organizados em grupos para depois serem vendidos a potentados islâmicos no Oriente Próximo e no Médio para então serem doutrinados na fé muçulmana além de treinados na arte da guerra.

Os mamelucos eram valorizados não apenas por sua habilidade marcial incomparável, mas também por sua fidelidade. Como seu bem-estar e sobrevivência estavam diretamente ligados a apenas um mestre, eles tendiam a ser notoriamente fiéis – uma qualidade incomum no lodaçal conivente da política do poder medieval dos islâmicos. Comentando sua louvável confiabilidade, um governante seljúcida do século XI observou que “um escravo obediente é melhor que trezentos filhos; pois estes últimos desejam a morte do pai, mas os primeiros invocam a vida longa para seu mestre”. Por mais estranho que possa parecer, tal lealdade também era produto da perspectiva de uma vida relativamente tranquila, pois muitos mamelucos proeminentes chegaram a papéis de comando, à liberdade e à prosperidade. Governantes de Nur al-Din a al-Kamil empregaram mamelucos em posições que iam de guarda-costas “reais” a generais de campo, mas nenhum sultão recorreu mais a seus serviços que al-Salih. Depois de 1240, ele foi ficando cada vez mais desconfiado da fidelidade de seus outros empregados e soldados. Sendo assim, formou um exército muito maior apenas de mamelucos. A elite central dessa força era um regimento de mil homens conhecido como a Bahriyya (nome derivado de sua guarnição perto do Cairo, numa ilha do Nilo, que em árabe era conhecida como bahr al-Nil, ou “o mar do Nilo”). Um contemporâneo muçulmano registrou que a Bahriyya rapidamente “se tornou uma força poderosa, de extrema coragem e ousadia, da qual os muçulmanos tiraram o maior proveito”. Até certo ponto, a criação desse grupo selecionado por al-Salih, mais o uso maior de outras unidades mamelucas,

fazia perfeitamente sentido. A contínua sobrevivência de seu cambaleante regime político logo se tornou dependente do duradouro apoio da Bahriyya. Mas, se e quando al-Salih morresse, sua lealdade a um sucessor aiúbida poderia vacilar – na verdade, os mamelucos poderiam até começar a questionar se deveriam passar a comandar ao invés de serem comandados.

Nesse momento, porém, o equilíbrio se mantinha. Al-Salih continuou vivo no verão e no outono de 1249, estabelecendo uma base bem protegida de operações para seu exército ao lado da cidade fortificada de Mansura – a mesma posição assumida por seus predecessores aiúbidas na época da Primeira Cruzada. Com o exército muçulmano assim posicionado e suas fileiras ampliadas pela presença da Bahriyya, era evidente que a cruzada do rei Luís encontraria uma resistência muito maior que a encontrada em Damietta se ele ousasse avançar para o sul ao longo do Nilo.³⁷

PARA CONQUISTAR O EGITO

A ocupação de Damietta pelos francos foi seguida por outro período de cautelosa inatividade da parte de Luís. O soberano capetíngio não tinha o menor interesse em usar Damietta como troféu de barganha para conseguir concessões territoriais na Palestina – em vez disso, ele aspirava conquistar todo o Egito aiúbida e, então, com a resistência muçulmana despedaçada, voltar-se para o leste, em direção a Jerusalém. Essa estratégia significava que, em algum ponto, a cruzada teria que marchar pelo interior. O rei parecia ciente de alguns dos problemas enfrentados no Egito pelo cardeal Pelágio e por João de Brienne 28 anos antes, e algumas testemunhas oculares cristãs presentes em Damietta em 1249 referiam-se explicitamente aos reveses experimentados pela Quinta Cruzada. Com certeza, com a cheia do Nilo pendente, Luís não fez nenhuma tentativa imediata de marchar para o sul. Em vez disso, a expedição aguardou o verão.

Durante esses meses, Luís e seus conselheiros debateram o passo seguinte da campanha. O porto de Alexandria foi considerado alvo possível, mas um dos irmãos do rei, Roberto de Artois, aparentemente recomendou uma invasão direta rumo sul, argumentando que “para matar a serpente, primeiro é preciso esmagar-lhe a cabeça”. Com o exército aiúbida de al-Salih agora aquartelado em Mansura, a cruzada de Luís, portanto, deveria encarar um desafio estratégico similar ao confrontado por Pelágio. Mas a experiência do desembarque em Damietta apontava para a fraqueza muçulmana, e se o sucesso pudesse ser obtido no Nilo, os ganhos seriam espetaculares. Um cronista muçulmano reconheceu o perigo, observando que “se o exército (aiúbida) em Mansura fosse rechaçado para apenas um estágio da retaguarda, todo o Egito seria conquistado em pouquíssimo tempo”.³⁸

Por volta de novembro de 1249, quando a cheia retrocedeu, o exército começou a avançar ao longo da margem oriental do Nilo. Em comparação com Pelágio, o rei tinha uma compreensão melhor – ainda que não fosse perfeita – da topografia do delta e uma avaliação mais completa do desafio a enfrentar. Ele tratou de traçar a rota do sul do rio, avançando paralelamente a ele com uma frota de “barcos muito grandes e pequenos, carregados com alimentos, armas, máquinas, armaduras e tudo o que era necessário para a guerra”. O avanço foi lento, em

parte devido a um vento soprando do Sul que dificultava a navegação contra a corrente do Nilo, além de alguns ataques prematuros e experimentais dos aiúbidas, que foram facilmente rechaçados. Mesmo assim, os cristãos se aproximaram inexoravelmente de Mansura.

Nos estágios finais da jornada, Luís – como Pelágio antes dele – deve ter avançado para além do ponto onde o canal Mahalla junta-se ao Nilo, mas esse curso d'água crítico não foi mencionado em nenhum dos relatos cristãos do avanço, e parece que os francos não fizeram nenhuma tentativa de bloquear ou guardar seu curso. À primeira vista, isso parecer ter sido total insanidade, dado o papel decisivo do canal, desempenhado em 1221. Mas, com toda probabilidade, nem Luís e seus contemporâneos, nem os próprios homens da Quinta Cruzada, chegaram a entender totalmente como al-Kamil conseguiu posicionar uma frota nos limites ao norte do Nilo. E mesmo que o rei franco tivesse tempo de reconhecer o canal em 1249, fora da principal cheia de verão, suas águas rasas eram provavelmente consideradas impróprias para a navegação.

De qualquer modo, os francos completaram sua marcha em 21 de dezembro, assumindo uma posição idêntica à ocupada pela Quinta Cruzada, ao norte da bifurcação entre os rios Nilo e Tânis. Os aiúbidas haviam erguido um acampamento com tendas no lado oposto, na margem sul do Tânis, enquanto aquartelavam o grosso de suas forças um pouco mais ao sul. Os mamelucos da Bahriyya, nesse ínterim, haviam se aquartelado em Mansura (que, desde 1221, havia passado de um acampamento para um sítio fortificado permanente). Durante a marcha de Luís, vindo de Damietta, os eventos na corte aiúbida avançaram. Depois de uma longa e paralisante batalha contra a doença, al-Salih morreu em 22 de novembro. Fakhr al-Din, então, Fakhr al-Din forjou uma aliança com uma das viúvas do falecido sultão, Shajar al-Durr. Segundo fontes muçulmanas, o par se esforçou ao máximo para esconder a morte de al-Salih: guardaram seu corpo, cuidadosamente envolto com uma mortalha, em um caixão; forjaram sua assinatura em documentos que transferiam o comando geral do exército para Fakhr al-Din; e até mantiveram a ordem de pôr a mesa para o jantar toda noite, afirmando que o sultão estava doente demais para fazer a refeição.

No tocante a Shajar al-Durr, o engodo destinava-se a preservar a aparência da unidade aiúbida diante do avanço dos cruzados, bem como a permitir que a sucessão do sultanato fosse definida. Para esse fim, Aqtay – comandante dos mamelucos de elite da Bahriyya – foi enviado à Mesopotâmia para convidar al-

Mu'azzam Turanshah, filho e herdeiro de al-Salih, a assumir o controle do Egito. Fakhr al-Din concordou com esse plano, para evitar suspeitas e porque o esquema removia o próprio Aqtay (um possível rival) do campo. Em particular, contudo, Fakhr al-Din parece ter esperado que, dadas as distâncias envolvidas e as terras inimigas a serem cruzadas, a mensagem não chegaria ou Turanshah não faria nenhuma tentativa de chegar ao norte da África. Nas palavras de um cronista muçulmano, Fakhr al-Din “objetivava um governo único e arbitrário”.

Apesar de toda essa intriga complicada, a notícia da morte de al-Salih acabou por vazar, provocando alarme e inquietação no Cairo. Logo Luís IX também descobriu, como afirmou mais tarde, que “o sultão do

Egito tinha terminado sua vida miserável” – novidades que somente aumentaram as esperanças de vitória do rei.³⁹

O principal desafio dos cruzados agora era romper a barreira física do rio Tânis, que transbordava rapidamente. O estratagema de Luís, aparentemente formulado em Damietta, era construir uma passagem “de madeira e terra” sobre o rio. Para atingir esse objetivo, o rei instruiu seu engenheiro-chefe, Joscelino de Cornaut, para supervisionar um plano em dois estágios.

Um par de “casas de gato” – torres móveis com telas protetoras, estendidas – foi erguido, sob o qual os trabalhadores poderiam construir a passagem. Ao mesmo tempo, cerca de dezoito máquinas de lançar pedras foram trazidas da costa e montadas para garantir o fogo de cobertura. Depois que todas essas geringonças foram montadas e posicionadas, a segunda fase, mais perigosa, a da construção da passagem, de fato teve início.

Infelizmente para os francos, o exército egípcio também tinha seu próprio arsenal bélico na margem sul do Tânis. Assim que os cruzados tomaram posição, Frakhr al-Din iniciou um bombardeio incessante, “usando um revezamento de homens dia e noite” para garantir uma constante barragem de “pedras, lanças, flechas de arcos (e) bestas que caíam tão pesadas quanto a chuva”. Como muitos exércitos muçulmanos antes deles, os aiúbidas posicionados em Mansura também tinham uma vantagem tecnológica mortal sobre os inimigos cristãos: um suprimento de fogo grego altamente inflamável (ou, como apropriadamente chamou um franco, “fogo do inferno”). Fakhr al-Din tinha por alvo as “casas de gato” de madeira dos latinos, lançando torrentes de fogo grego sobre elas, com um efeito devastador. João de Joinville recebeu a ordem de tripular uma dessas

torres vulneráveis por diversas noites, e mais tarde ele descreveu o terror absoluto que ele e seus homens experimentaram, observando frascos de fogo grego voando pelo céu escuro como “dragões voando pelo ar”, com longas “caudas de fogo caindo atrás” deles. Um dia, no início de 1250, quando João não estava em seu posto, a barragem aiúbida finalmente funcionou, e as torres foram abaixo em chamas. Agradecido por isso não ter ocorrido enquanto ele estava em seu posto, Joinville escreveu: “eu e meus cavaleiros louvamos a Deus por nos ter poupado desse acidente”.⁴⁰

Mesmo com as “casas de gato”, as tentativas de construir uma passagem tinham fracassado porque a rápida correnteza do rio erodia a estrutura. Na primeira semana de fevereiro, Luís cancelou os inúteis esforços, e o moral do acampamento decaiu, pois parecia que se tinha chegado a um impasse. Nessa mesma época, contudo, um traidor muçulmano – por vezes descrito como beduíno ou desertor do exército egípcio – contou aos latinos sobre um vau descendo uma curta distância do Tânis que lhes daria acesso à margem sul do rio. Brindado com esse inesperado lampejo de esperança, o rei franco decidiu imediatamente usar essa informação para montar um ataque direto ao acampamento aiúbida.

Ciente dos terríveis riscos envolvidos nessa operação e das consequências letais de ser apanhado e cercado do outro lado do Tânis, Luís formulou suas táticas com cuidado. Para evitar ser detectada, a travessia devia começar antes do alvorecer. A profundidade do vau e a necessidade de agir rapidamente excluía o envolvimento da infantaria; assim, apenas cavaleiros e sargentos montados foram selecionados. E atento à manutenção da estrita disciplina, esses homens foram selecionados entre os contingentes franceses de confiança do rei, bem como entre os das Ordens Templária e Hospitalária. Os francos do Ultramar e os cavaleiros teutônicos deviam permanecer em formação, defendendo o norte do acampamento. Acima de tudo, era imperativo que toda a força de ataque alcançasse a margem sul e se reagrupasse antes que qualquer ofensiva fosse montada. Com isso em mente, Luís “ordenou a todos eles – grandes e pequenos – que ninguém ousasse sair de sua posição”.⁴¹

A Batalha de Mansura

Antes da aurora, numa terça-feira, 8 de fevereiro de 1250, o plano do rei foi posto em ação. Os cruzados templários abriram caminho, seguidos de perto por uma porção dos cavaleiros comandados pelo irmão de Luís, o conde Roberto de Artois, entre eles o inglês Guilherme Espada Longa, duque de Salisbury. Logo ficou claro que o vau era mais fundo que o esperado, exigindo que os cavalos nadassem em meio à corrente, e as margens íngremes e lamacentas dos dois lados fizeram que os cruzados caíssem de suas montarias e se afogassem. Não obstante, centenas de francos começaram a alcançar a outra margem. Então, quando o sol estava se levantando, Roberto de Artois tomou a súbita e inesperada decisão de lançar um ataque, comandando seus homens contra a base dos aiúbidas na margem do rio. Na confusão, os templários foram logo atrás, deixando Luís e o núcleo da força de ataque no meio do vau. Nesse instante, toda esperança de uma ofensiva ordenada se evaporou. É impossível saber o que levou Roberto a agir tão precipitadamente: talvez ele visse ali a oportunidade de um ataque surpresa escapular, ou talvez a promessa de glória e renome o tivesse incentivado. Enquanto ele avançava, os que ficaram para trás – inclusive o rei – devem ter experimentado uma mistura de choque, espanto e raiva.

Mesmo assim, à primeira vista parecia que a audácia de Roberto poderia salvar o dia. Penetrando no acampamento muçulmano que nada suspeitava e onde muitos ainda dormiam, a força combinada do conde com cerca de seiscentos cruzados e templários encontrou apenas uma resistência limitada. Fakhr al-Din, que fazia sua ablução matinal, vestiu-se rapidamente, montou em seu cavalo e partiu, desarmado, para o tumulto. Interceptado por um grupo de templários, foi atacado e morto por dois fortes golpes de espada. Em outras partes do acampamento, a matança era indiscriminada. Um relato franco descreveu como os latinos estavam “matando todos, sem poupar ninguém”, observando que “na verdade era triste ver tantos cadáveres e tanto sangue derramado, exceto que se tratava de inimigos da fé cristã”.⁴²

Esse tumulto brutal tomou conta do acampamento aiúbida e, se Roberto tivesse optado por garantir o campo, reordenar suas forças e aguardar a chegada de Luís, uma incrível vitória poderia estar à disposição. Mas não foi assim. Com os

retardatários muçulmanos correndo para Mansura, o conde de Artois tomou a decisão totalmente insensata de persegui-los. Enquanto ele se preparava para iniciar uma segunda carga, o comandante templário recomendou prudência, mas Roberto o repreendeu por sua covardia. Segundo um relato cristão, o templário replicou: “Nem eu nem meus irmãos estamos com medo, mas deixe-me dizer-lhe que nenhum de nós deve retroceder, nem você, nem nós”.

Juntos, eles e seus homens cavalgaram por uma curta distância para o sul, em direção a Mansura, e penetraram na cidade. Lá, a loucura de sua decisão corajosa, porém suicida, ficou imediatamente aparente. Na planície aberta, mesmo no acampamento aiúbida, os cristãos conseguiram ter a liberdade de manobrar e lutar em grupos bem unidos. Mas entre as ruas e becos apertados da cidade, esse estilo de guerrear mostrou-se impossível. Pior ainda, ao entrarem em Mansura, os francos se viram diante do regimento Bahriyya, de elite, aquartelado na cidade. Esse seria o primeiro encontro mortal dos latinos com esses “leões da batalha”. Um cronista muçulmano descreveu como os mamelucos lutaram com total implacabilidade e resolução. Cercando os cruzados “por todos os lados”, atacando com lanças, espadas e arcos, eles “viraram suas cruzes de cabeça para baixo”. Dos cerca de seiscentos que entraram em Mansura, apenas um punhado escapou. Roberto de Artois e Guilherme Espada Longa foram mortos.⁴³

De volta às margens do Tânis, ainda sem saber do horrível massacre que estava se iniciando em Mansura, Luís fez uma valente tentativa de conservar o controle de suas tropas remanescentes, mesmo quando esquadrões de mamelucos começaram a avançar num contra-ataque. Um cruzado descreveu como “um tremendo ruído de trombetas, cornetas e tambores rompeu os ares” à medida que se aproximavam; “os homens gritavam, os cavalos relinchavam; era horrível ver ou ouvir”. Mas no meio do tumulto o rei manteve a calma e lentamente abriu caminho para estabelecer uma posição na margem sul do rio, oposta ao acampamento cruzado. Ali, os francos recuperaram a Auriflama e fizeram uma tentativa desesperada de se manterem firmes, enquanto os mamelucos lançavam “densas nuvens de projéteis e flechas”, correndo para se engajarem no combate corpo a corpo. Os danos provocados nesse dia foram espantosos. Um dos cavaleiros de Joinville recebeu um golpe de “lança entre os ombros, que provocou um ferimento tão grande que o sangue escorria de seu corpo como o vinho pelo buraco de um barril”. Outro recebeu um golpe de uma espada muçulmana no meio do rosto que “lhe penetrou o nariz de tal forma que este ficou pendurado sobre seus lábios”. Ele continuou a lutar, apenas para depois

morrer de seus ferimentos. Quanto a ele mesmo, João escreveu: “Eu só fui ferido pelas flechas inimigas em cinco lugares, embora meu cavalo tenha sido ferido em quinze”.

Os cruzados estavam próximos da derrota – alguns tentaram atravessar o Tânis a nado, e uma testemunha ocular “viu o rio coberto de lanças e escudos, e cheio de homens e cavalos se afogando na água”. Para os que lutavam ao lado do rei, parecia haver uma torrente infindável de inimigos a enfrentar e “para cada (muçulmano) morto, outro aparecia imediatamente, fresco e vigoroso”. Mas em meio a isso tudo, Luís se mantinha firme, recusando-se a ceder. Inspirados por sua resistência, os cristãos suportaram onda após onda de ataque, até que por fim, por volta das três horas da tarde, a ofensiva muçulmana arrefeceu. Quando a noite caiu, os francos ainda dominavam o campo de batalha.⁴⁴

Fontes latinas descreveram a Batalha de Mansura como uma grande vitória cruzada, e, num certo sentido, fora um triunfo. Resistindo aos horrendos golpes da sorte, os francos haviam estabelecido uma cabeça de ponte ao sul do Tânis. Mas o custo desse feito foi imenso. As mortes de Roberto de Artois e seu contingente, além de uma grande parte do exército templário, privaram a expedição de muitos de seus mais bravos guerreiros. Em batalhas ainda por vir, tais perdas seriam amargamente sentidas. E apesar de os cruzados terem atravessado o rio, a cidade de Mansura erguia-se diante deles, barrando-lhes o avanço.

ENTRE A VITÓRIA E A DERROTA

No que se seguiu imediatamente à Batalha de Mansura, Luís IX foi confrontado por um urgente dilema estratégico. Em teoria, o rei tinha duas opções: desconsiderar suas baixas e atravessar o Tânis; ou se fixar na margem sul, na esperança de, de alguma forma, suplantar o inimigo aiúbida. Escolher a primeira teria sido equivalente a admitir a derrota, pois, embora essa tática cautelosa pudesse, permitir que a cruzada se reagrupasse, as chances de montar uma segunda ofensiva cruzando o rio, agora com um exército enfraquecido, eram limitadas. Luís também deve ter reconhecido que a vergonha e a frustração de abandonar uma cabeça de ponte conquistada pelo sacrifício de tantas vidas cristãs abateria os espíritos francos de uma forma provavelmente irreparável. Nessa noite, ou no início da manhã seguinte, o rei poderia ter ordenado uma retirada, mas ao não fazer isso ele assinalou o fracasso da estratégia egípcia, marcando efetivamente o fim da cruzada.

Considerando-se a sincera crença de Luís de que sua empreitada gozava da sanção e do apoio divinos, além da constante pressão moral para ater-se aos princípios da cavalaria e honrar as realizações de seus ancestrais cruzados, não é de surpreender que ele tenha rejeitado todo pensamento de retirada. Em vez disso, começou imediatamente a consolidar sua posição ao sul do rio, recolhendo materiais do acampamento muçulmano atacado – incluindo madeira das treze máquinas remanescentes – para improvisar uma paliçada, enquanto também mandava cavar um fosso defensivo raso. Ao mesmo tempo, alguns barcos pequenos foram unidos para criar uma ponte através do Tânis, ligando o antigo acampamento ao norte e a nova posição dos cruzados. Com essas medidas, os francos procuravam se preparar para o tempestuoso ataque que com certeza ocorreria. E, de momento, Luís parecia apegar-se à lembrança da súbita vitória em Damietta, convencido de que a resistência aiúbida estava para cair.

Três dias depois, as esperanças do rei sofreram um primeiro golpe. Na sexta-feira, 14 de fevereiro, os mamelucos iniciaram um intenso ataque comandado pela Bahriyya, que durou da aurora ao anoitecer. Milhares de muçulmanos cercaram o acampamento cruzado, com o intuito de desalojar os francos por meio do bombardeio aéreo aliado a um sangrento combate corpo a corpo. Os

cristãos mais tarde declararam que eles atacaram de uma forma “tão persistente, tão horrível e apavorante” que muitos latinos do Ultramar “disseram que nunca tinham visto um ataque tão ousado e violento”. A ferocidade desenfreada dos mamelucos aterrorizou os cruzados, um dos quais escreveu que eles “mal pareciam humanos, mas eram como animais, frenéticos de raiva”, acrescentando que “eles claramente não pensavam em morrer”. Muitos francos sofreram ferimentos da Batalha de Mansura – Joinville, por exemplo, não mais conseguia vestir a armadura devido a seus ferimentos – mas, não obstante, lutaram com virilidade, ajudados pela chuva de flechas lançadas do velho acampamento do outro lado do rio. Mais uma vez, Luís manteve a calma, e os cristãos conseguiram aguentar, mas só pelo sacrifício de centenas de mortos e feridos, dentre eles o próprio mestre templário, que havia perdido um olho em 8 de fevereiro e nesse instante perdeu o outro, logo falecendo devido a tantos ferimentos.

Os latinos demonstraram uma imensa determinação nos dois terríveis encontros ocorridos naquela semana. Também afirmaram ter matado cerca de quatro mil muçulmanos nesse segundo encontro, mas, mesmo se forem exatas, essas baixas parecem ter comprometido a surpreendente superioridade numérica dos aiúbidas. O exército cruzado havia sobrevivido, embora num estado terrivelmente enfraquecido. Desse ponto em diante, deve ter ficado óbvio que eles não estavam em posição de montar uma ofensiva própria. No máximo, podiam ter esperança de reter sua posição precária na margem sul. E se Mansura não fosse atacada, como a guerra poderia ser ganha?

Nos dias e semanas que se seguiram, esta pergunta foi ficando cada vez mais imperativa. Os egípcios continuavam seus ataques regulares, mas, por outro lado, estavam satisfeitos por confinar os cristãos dentro de sua paliçada. Mas no final de fevereiro, sem nenhuma indicação de progresso na campanha, a atmosfera no acampamento começou a ficar pesada, e a situação dos cruzados foi se complicando ainda mais por conta da deflagração de uma doença. Isso estava em parte ligado ao enorme número de mortos empilhados na planície e flutuando na água. Joinville afirmou ter visto vários corpos descendo o Tânis com a correnteza, até se enroscarem contra a ponte de barcos dos francos, de modo que “todo o rio estava cheio de corpos, de uma margem à outra, e corrente acima até a distância que se podia atingir atirando uma pequena pedra”. A falta de alimento também começava a grassar, e isso levou ao escorbuto.⁴⁵

Nessa situação, a cadeia de suprimentos que descia o Nilo até Damietta tornou-se

essencial. Até então, a frota cristã estivera livre para levar as mercadorias aos acampamentos de Mansura, mas isso estava para mudar. No dia 25 de fevereiro de 1250, depois de longos meses de viagem a partir do Iraque, o herdeiro aiúbida do Egito, al-Mu'azzam Turanshah, chegou ao Delta do Nilo. De imediato, ele trouxe novo ímpeto à causa muçulmana. Com a cheia do Nilo há muito reduzida, o Canal Mahalla continha pouca água para ser acessado pela extremidade sul, mas Turanshah tinha cerca de cinquenta barcos carregados por terra no norte do canal. De lá, essas embarcações podiam descer o Nilo, evitando a frota franca em Mansura. Joinville admitiu que essa dramática jogada “atingiu nosso pessoal como um grande choque”. O ardil de Turanshah foi praticamente idêntico à armadilha contra a Quinta Cruzada, o que para a expedição de Luís significou o desastre.

Nas semanas que se seguiram, navios aiúbidas interceptaram dois comboios de suprimento cristãos saindo de Damietta em direção sul. Interceptados por esse bloqueio, os cruzados logo se viram numa posição irremediável. Um contemporâneo latino descreveu a terrível sensação de desespero que tomou conta do exército: “Todos esperavam morrer, supunha suponha que fosse escapar. Era difícil encontrar um único homem em toda aquela grande hoste que não estivesse lamentando a morte de um amigo, ou uma única tenda ou abrigo sem um doente ou um morto”. A essa altura, as feridas de Joinville haviam se infectado. Ele mais tarde lembrou-se de estar deitado em sua tenda ardendo em febre; lá fora, “cirurgiões-barbeiros” removiam as gengivas apodrecidas dos atacados pelo escorbuto, para que pudessem comer. Joinville podia ouvir os gritos dos que suportavam a terrível cirurgia soando pelo acampamento, e os comparou aos “de uma mulher em trabalho de parto”. A fome também começou a cobrar um preço alto de homens e cavalos. Muitos francos consumiam com prazer a carniça de cavalos, burros e mulas mortos, e mais tarde passaram a comer gatos e cachorros.⁴⁶

O preço da indecisão

No início de março de 1250, as condições no principal acampamento cristão na margem sul do Tânis eram insuportáveis. Uma testemunha ocular admitiu que “os homens diziam abertamente que tudo estava perdido”. Luís foi responsável em grande parte por essa situação. Em meados de fevereiro, ele não conseguiu fazer uma avaliação estratégica realista dos riscos e possíveis ganhos envolvidos na manutenção do acampamento sul dos cruzados, apegando-se à enganosa esperança da desintegração aiúbida. Ele também subestimou grosseiramente a vulnerabilidade de sua linha de suprimento pelo Nilo e o número de tropas necessário para suplantar o exército egípcio em Mansura.

Alguns desses erros poderiam ter sido mitigados se o rei agora tivesse agido com resolução decisiva – reconhecendo que sua posição era totalmente insustentável. As únicas escolhas lógicas remanescentes eram a retirada imediata ou a negociação, mas durante todo o mês de março Luís não adotou nenhuma delas. Em vez disso, enquanto suas tropas se enfraqueciam e morriam ao seu redor, o monarca franco parece ter ficado paralisado pela indecisão – incapaz de encarar o fato de que sua grande estratégia egípcia havia sido frustrada. Foi só no início de abril que Luís finalmente resolveu agir, mas já era tarde demais. Buscando garantir os termos de uma trégua com os aiúbidas, ele parece ter oferecido a troca de Damietta por Jerusalém (estabelecendo mais um paralelo com a Quinta Cruzada). Um acordo desse tipo poderia ter sido aceito em fevereiro de 1250, talvez até em março, mas em abril o jugo muçulmano era claro para todos. Turanshah sabia que estava em clara vantagem e, sentindo que a vitória estava à mão, recusou a proposta de Luís. Agora tudo o que restava aos cristãos era tentar uma retirada para o Norte, através de 64 quilômetros em campo aberto até Damietta.⁴⁷

Em 4 de abril foram passadas ordens pelas linhas do exaurido exército latino. As centenas, talvez milhares, de doentes e feridos tiveram que ser levados para os navios e transportados Nilo abaixo na vã esperança de que algum recurso pudesse romper o bloqueio muçulmano. Os cruzados remanescentes que estavam em condições tiveram que marchar por terra até a costa. A essa altura, o próprio Luís estava padecendo de disenteria. Muitos líderes francos instaram-no a fugir,

de navio ou a cavalo, para evitar a captura. Porém, em uma valente (se não tola) demonstração de solidariedade, o rei se recusou a abandonar seus homens. Ele os tinha levado ao Egito; agora tinha a esperança de guiá-los de volta em segurança. Um plano mal concebido foi feito para escapar sob o manto da escuridão, deixando as tendas montadas no acampamento sul para não advertir os muçulmanos de que um êxodo estava para acontecer. Luís também ordenou que seu engenheiro, Joscelino de Cornaut, cortasse as cordas que seguravam a ponte de barcos no lugar depois de o Tânis ter sido cruzado.

Infelizmente, todo o esquema se desmoronou rapidamente. A maioria dos cruzados voltou para a margem norte ao crepúsculo, mas um grupo de batedores aiúbidas percebeu o que estava acontecendo e deu o alarme. Com as tropas inimigas caindo sobre sua posição, Joscelino parece ter perdido a coragem e fugiu – a ponte, com certeza, permaneceu no lugar, e muitos soldados muçulmanos a cruzaram para perseguir os cristãos. À luz que diminuía, o pânico se espalhou e o caos começou. Uma testemunha ocular muçulmana descreveu como “nós os seguimos em sua fuga; a espada não parou de golpear suas costas a noite toda. A vergonha e a catástrofe foram a sorte que os aguardava”.

Ainda naquela noite, João de Joinville e dois de seus cavaleiros sobreviventes chegaram a um navio e aguardavam por partir. Ele então pôde observar como os feridos, deixados em meio à confusão à própria sorte no antigo acampamento norte, se arrastavam até as margens do Nilo, tentando desesperadamente chegar a algum navio. Ele escreveu: “Enquanto eu ordenava aos marinheiros que nos tirassem dali, os sarracenos entraram no acampamento (norte) e vi à luz das fogueiras que estavam trucidando os pobres homens na margem”. O navio de Joinville entrou pelo rio e, com a corrente levando a embarcação rio abaixo, ele conseguiu escapar.⁴⁸

Ao romper do dia 5 de abril de 1250, a total extensão do desastre ficou aparente. Em terra, grupos desordenados de francos estavam sendo implacavelmente perseguidos por soldados mamelucos que não tinham o menor interesse em mostrar clemência. Nos dias que se seguiram, muitas centenas de cristãos que bateram em retirada foram mortos. Um grupo deles chegou a um dia de Damietta, mas foram cercados e capitularam. No exército, os grandes símbolos do orgulho indomável dos francos tombaram: a Auriflama “ficou em frangalhos” e o estandarte templário “foi pisoteado”.

Cavalgando em direção norte, o idoso patriarca Roberto e Odo de Châteauroux

de alguma forma conseguiram evitar a captura, mas, depois das primeiras vinte e quatro horas, exauridos por seus esforços, não conseguiram prosseguir. Roberto mais tarde descreveu numa carta como, por acaso, deram com um pequeno barco preso à margem e, por fim, alcançaram Damietta. Poucos tiveram a mesma sorte. A maioria dos navios carregando os doentes e feridos foi saqueada ou queimada na água. O barco de João de Joinville desceu lentamente o rio, enquanto ele assistia às terríveis cenas de carnificina nas margens, mas sua embarcação foi finalmente vista. Com quatro navios muçulmanos vindo contra eles, Joinville virou-se para seus homens e lhes perguntou se deviam chegar à margem e tentar abrir caminho até a segurança lutando ou ficar na água e serem capturados. Com desarmada honestidade, ele descreveu como um de seus homens declarou: “Devemos nos deixar ser mortos, pois assim iremos para o paraíso”, mas admitiu que “nenhum de nós seguiu seu conselho”. Na verdade, quando seu navio foi abordado, Joinville mentiu para impedir sua execução, dizendo que era primo do rei. Como resultado, foi feito prisioneiro.⁴⁹

Em meio a toda essa desordem, o rei Luís se viu separado da maior parte de suas tropas. Ele agora estava tão atacado pela disenteria que um buraco foi aberto em seus calções. Um pequeno grupo de seus seguidores mais leais fez uma brava tentativa de conduzi-lo à segurança, e por fim se refugiaram numa pequena vila. Ali, acuada e meio morto numa esquálida cabana, o poderoso rei da França foi capturado. Sua ousada tentativa de conquistar o Egito chegava ao fim.

O REI PENITENTE

Os erros de avaliação de Luís IX em Mansura – talvez principalmente sua incapacidade de aprender com os erros da Quinta Cruzada – agora se juntavam à sua própria prisão. Nunca dantes um rei do Ocidente latino tinha sido tomado prisioneiro durante uma cruzada. Este desastre sem paralelo colocou Luís e os depauperados remanescentes de seu exército numa posição enormemente vulnerável. Dominados pelo inimigo de modo inequívoco, sem nenhuma chance de obter condições para a rendição, os francos se viram à mercê do Islã. Saboreando o triunfo, uma testemunha muçulmana escreveu:

Foi feito um inventário do número de cativos, e eles eram mais de 20 mil; os que haviam se afogado ou tinham sido mortos chegavam a sete mil. Eu vi os mortos, e eles cobriam a face da terra em sua profusão... Era um dia nunca visto pelos muçulmanos; eles tampouco tinham ouvido falar de tal fato.

Os prisioneiros foram jogados em campos através do Delta e distribuídos por graduação. Segundo um testemunho árabe, Turanshah “ordenou que os soldados rasos fossem decapitados”, e instruiu um de seus lugares-tenentes iraquiano para supervisionar as execuções – o lúgubre trabalho aparentemente avançou com a média de trezentas execuções por noite. A outros francos foi oferecida a escolha entre a conversão e a morte, enquanto os nobres de alta posição, como João de Joinville, foram conservados em separado devido a seu valor econômico como reféns. Joinville sugeriu que o rei Luís foi ameaçado com tortura, e lhe mostraram um horrível instrumento de madeira “dotado de uma engrenagem dentada” usado para esmagar as pernas da vítima, mas isto não foi mencionado em nenhum outro lugar. Apesar da doença e das ignominiosas circunstâncias de sua captura, o monarca parece ter conservado sua dignidade.⁵⁰

Na verdade, as circunstâncias de Luís foram marcadamente melhoradas pela posição cada vez mais incerta de Turanshah por essa época. Desde sua chegada

em Mansura, o herdeiro aiúbida tinha favorecido seus soldados e oficiais, assim alienando muitos membros da hierarquia do exército egípcio – incluindo seu comandante mameluco Aqtay e o regimento Bahriyya. Disposto a garantir um acordo que consolidasse seu controle sobre a região do Nilo, Turanshah concordou em negociar e, de meados para o fim de abril, os termos foram acertados. Uma trégua de dez anos foi declarada. O rei franco seria libertado em troca da imediata rendição de Damietta. Um enorme resgate de 800 mil besantes de ouro (ou 400 mil livres tournois) foi estabelecido para os outros 12 mil cristãos sob custódia aiúbida.

No começo de maio, contudo, pareceu de repente que mesmo o cumprimento dessas condições punitivas não daria liberdade aos cristãos, pois o golpe aiúbida – tão esperado por Luís em Mansura – finalmente aconteceu. Em 2 de maio Turanshah foi assassinado por Aqtay e um perverso jovem mameluco do regimento Bahriyya, chamado Baybars. A luta pelo poder que se seguiu viu Shajar al-Durr escolhida como figura de proa do Egito aiúbida. Na realidade, contudo, um grande abalo sísmico agora estava a caminho – algo que levaria à gradual, embora inexorável, ascensão dos mamelucos.

A despeito dessas insurreições dinásticas, a retomada muçulmana de Damietta prosseguiu como planejada, e Luís foi libertado em 6 de maio de 1250. Ele então tratou de angariar os fundos para fazer o pagamento inicial de metade do resgate – 200 mil livres tournois – 177 mil das quais foram levantadas do fundo de guerra do rei, e o restante veio dos templários. Esta enorme soma levou dois dias para ser pesada e contada. No dia 8 de maio, Luís tomou um navio para a Palestina com seus principais nobres, entre eles seus dois irmãos sobreviventes, Afonso de Poitiers e Carlos de Anjou, além de João de Joinville. Até então, a grande maioria dos cruzados permanecia em cativeiro.

No despertar da adversidade

Todas as esperanças de Luís IX de subjugar o Egito e vencer a guerra pela Terra Santa tinham terminado em fracasso. Mas de muitas formas a verdadeira e notável profundidade do ideal de cruzado do rei franco só ficou aparente após sua humilhante derrota. Em circunstâncias similares, envergonhados por esse fiasco absoluto, muitos monarcas cristãos teriam voltado correndo para a Europa, dando as costas para o Oriente Médio. Luís fez o oposto. Percebendo que seus homens provavelmente ficariam apodrecendo como prisioneiros dos muçulmanos, a menos que ele continuasse a pressionar o regime egípcio a libertá-los, o rei optou por ficar na Palestina pelos quatro anos seguintes.

Nesse tempo, Luís serviu como suserano do Ultramar e, em 1252, havia garantido a liberação de suas tropas. Trabalhando incessantemente, ele se dedicou a pouca atrativa tarefa de reforçar as defesas costeiras do Reino de Jerusalém – supervisionando a intensa fortificação de Acre, Jafa, Cesareia e Sídon. Também estabeleceu uma guarnição permanente de uma centena de cavaleiros francos em Acre, pagos pela coroa francesa ao custo anual de cerca de quatro mil livres tournois.

Considerando-se a típica autopromoção ardorosa de outros líderes cruzados – de Ricardo Coração de Leão a Frederico II da Alemanha – Luís também exibiu uma extraordinária disposição de assumir a responsabilidade pelos enormes reveses sofridos no Egito. Os apoiadores do rei fizeram de tudo para transferir a culpa para Roberto de Artois, enfatizando que fora por conselho dele que ocorreu a marcha sobre Mansura no outono de 1249 e criticando o comportamento imprudente do conde no fatídico 8 de fevereiro de 1250. Mas numa carta escrita em agosto de 1250, o próprio Luís louvou a bravura de Roberto, descrevendo-o como “nosso mui querido e ilustre irmão de honrosa memória”, e expressando a esperança e a crença de que ele havia sido “coroadado como mártir”. No mesmo documento, o rei explicou o fracasso da cruzada e seu próprio encarceramento como punições divinas, infligidas “como nossos pecados exigiram”.⁵¹

Por fim, em abril de 1254, Luís voltou à França. Branca, sua mãe, havia morrido dois anos antes, e o reino capetúgio foi ficando cada vez mais instável. O rei

voltou da Terra Santa como um homem mudado, e sua vida depois disso foi marcada pela extrema piedade e austeridade – usando cilício, ele só comia poucas porções de alimentos leves e estava constantemente em prece. Num certo ponto, Luís chegou a pensar em renunciar à coroa e entrar para um mosteiro. Também acalantou o desejo sincero e persistente de lançar outra cruzada, para assim, talvez, conseguir a redenção.

A expedição ao Egito remodelou sua vida, mas os eventos no Nilo também tiveram um efeito mais amplo sobre a Europa latina. A cruzada de 1250 havia sido cuidadosamente planejada, financiada e suprida; seus exércitos conduzidos por um paradigma da realeza cristã. E mesmo assim fora submetida a uma humilhante derrota. Depois de um século e meio de fracassos quase ininterruptos na guerra pela Terra Santa, este último revés provocou uma onda de dúvida e desespero no Ocidente. Alguns chegaram a dar as costas à fé cristã. Na segunda metade do século XIII – enquanto a força do Ultramar continuava a se diluir e novos inimigos aparentemente invencíveis surgiam no Levante –, as possibilidades de montar outra cruzada para o Oriente pareciam realmente remotas.

Notas

1Morris, *Papal Monarchy* , pp. 358-86, 452-62, 478-89; B. Z. Kedar, *Crusade and Mission. European Approaches towards the Muslims* (Princeton, 1984); R. I. Moore, *The Formation of a Persecuting Society. Power and Deviance in Western Europe, 950-1250* , 2nd edn (Oxford, 2007); M. D. Lambert, *Medieval Heresy: Popular Movements from the Gregorian Reform to the Reformation* , 3rd edn (Oxford, 2002); C. H. Lawrence, *The Friars: The Impact of the Early Mendicant Movement on Western Society* (Londres, 1994).

2H. Roscher, *Innocenz III und die Kreuzzüge* (Göttingen, 1969); H. Tillman, *Pope Innocent III* (Amsterdam, 1980); J. Sayers, *Innocent III: Leader of Europe* (Londres, 1994); B. Bolton, *Innocent III: Studies on Papal Authority and Pastoral Care* (Aldershot, 1995); J. C. Moore, *Pope Innocent III: To Root Up and to Plant* (Leiden, 2003); J. M. Powell (ed.), *Pope Innocent III: Vicar of Christ or Lord of the World?* (Washington, DC, 1994); Morris, *Papal Monarchy* , pp. 417-51. Henrique VI morreu antes que pudesse participar de uma cruzada planejada à Terra Santa. Não obstante, alguns cruzados alemães lutaram no Oriente Próximo em 1197-8. C. Naumann, *Die Kreuzzug Kaiser Heinrichs VI* (Frankfurt, 1994).

3Innocent III, *Die Register Innocenz' III* , ed. O. Hageneder and A. Haidaicher, vol. 1 (Graz, 1964), p. 503.

4M. Angold, 'The road to 1204: the Byzantine background to the Fourth Crusade', *Journal of Medieval History* , vol. 25 (1999), pp. 257-68; M. Angold, *The Fourth Crusade: Event and Context* (Harlow, 2003); C. M. Brand, 'The Fourth Crusade: Some recent interpretations', *Mediaevalia et Humanistica* , vol. 12 (1984), pp. 33-45. Harris, *Byzantium and the Crusades* , pp. 145-62; J. Pryor, 'The Venetian fleet for the Fourth Crusade and the diversion of the crusade to Constantinople', *The Experience of Crusading: Western Approaches* , ed. M.

Bull and N. Housley (Cambridge, 2003), pp. 103-23; D. Queller and T. F. Madden, *The Fourth Crusade: The Conquest of Constantinople, 1201-1204*, 2nd edn (Philadelphia, 1997).

5J. R. Strayer, *The Albigensian Crusades* (Ann Arbor, 1992); M. D. Costen, *The Cathars and the Albigensian Crusade* (Manchester, 1997); M. Barber, *The Cathars: Dualist Heretics in Languedoc in the High Middle Ages* (Londres, 2000); G. Dickson, *The Children's Crusade: Medieval History, Modern Mythistory* (Basingstoke, 2008).

6J. M. Powell, *Anatomy of a Crusade 1213-1221* (Philadelphia, 1986), pp. 1-50.

7James of Vitry, *Lettres*, ed. R. B. C. Huygens (Leiden, 1960), pp. 73-4, 82; James of Vitry, ' *Historia Orientalis* ', *Libri duo quorum prior Orientalis ... inscribitur*, ed. F. Moschus (Farnborough, 1971), pp. 1-258; James of Vitry, *Historia Occidentalis*, ed. J. Hinnebusch (Freiburg, 1972); C. Maier, *Crusade Propaganda and Ideology: Model Sermons for the Preaching of the Cross* (Cambridge, 2000).

8Sobre os Estados cruzados na primeira metade do século XIII, ver: Mayer, *The Crusades*, pp. 239-59; J. S. C. Riley-Smith, *The Feudal Nobility and the Kingdom of Jerusalem, 1174-1277* (Londres, 1973); P.W. Edbury, *John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem* (Woodbridge, 1997); Cahen, *La Syrie du Nord*, pp. 579-652.

9Sobre o mundo aiúbida depois de Saladino, ver: Holt, *The Age of the Crusades*, pp. 60-66; Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*, pp. 195-225; R. S. Hunfredos, *From Saladin to the Mongols: The Ayyubids of Damascus 1193-1260* (Albany, 1977); R. S. Hunfredos, 'Ayyubids, Mamluks and the Latin East in the thirteenth century', *Mamluk Studies Review*, vol. 2 (1998), pp. 1-18; E.

Sivan, 'Notes sur la situation des Chrétiens à l'époque Ayyubide', *Revue de l'Histoire des Religions* , vol. 172 (1967), pp. 117-30; A.-M. Eddé, *La principauté ayyoubide d'Alep (579/1183-658/1260)* (Stuttgart, 1999).

10 Em termos gerais, o modelo comum em todas as três ordens era uma divisão entre cavaleiros totais, que deviam possuir entre três e quatro cavalos; sargentos, menos bem equipados e subordinados aos cavaleiros; e os irmãos-sacerdotes, clérigos ordenados não envolvidos na luta, responsáveis pela supervisão do bem-estar espiritual dos irmãos cavaleiros. Normalmente, também era possível entrar para as ordens por períodos temporários, tais como um ano. A. Forey, 'The Military Orders, 1120-1312', *The Oxford Illustrated History of the Crusades* , ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 184-216; J. Upton-Ward (trans.), *The Rule of the Templars* (Woodbridge, 1992).

11 P. Deschamps, 'Le Crac des Chevaliers', *Les Châteaux des Croisés en Terre Sainte* , vol. 1 (Paris, 1934); Kennedy, *Crusader Castles* , pp. 98-179; C. Marshall, *Warfare in the Latin East, 1192-1291* (Cambridge, 1992).

12 James of Vitry, *Lettres* , pp. 87-8; D. Jacoby, 'Aspects of everyday life in Frankish Acre', *Crusades* , vol. 4 (2005), pp. 73-105; D. Abulafia, 'The role of trade in Muslim-Christian contact during the Middle Ages', *Arab influence in Medieval Europe* , ed. D. A. Agius and R. Hitchcock (Reading, 1994), pp. 1-24; D. Abulafia, 'Trade and crusade, 1050-1250', *Cross-cultural Convergences in the Crusader Period* , ed. M. Goodich, S. Menache and S. Schein (Nova York, 1995), pp. 1-20.

13 D. Abulafia, *Frederick II: A Medieval Emperor* (Londres, 1988); W. Stürner, *Friedrich II* , 2 vols. (Darmstadt, 1994-2000).

14 James of Vitry, *Lettres* , p. 102. Sobre a Quinta Cruzada, ver: Powell,

Anatomy of a Crusade , pp. 51-204; J. Donavan, Pelagius and the Fifth Crusade (Philadelphia, 1950); T. C. Van Cleve, 'The Fifth Crusade', A History of the Crusades , vol. 2, ed. K. M. Setton (Madison, 1969), pp. 377-428.

15 Olivier of Paderborn, 'The Capture of Damietta', Christian Society and the Crusades 1198-1229 , ed. E. Peters, trans. J. J. Gavigan (Philadelphia, 1971), pp. 65, 70, 88.

16 Mayer, The Crusades , p. 223; Olivier of Paderborn, p. 72; James of Vitry, Lettres , p. 116.

17 James of Vitry, Lettres , p. 118.

18 Olivier of Paderborn, p. 88.

19 J. M. Powell, 'San Francesco d'Assisi e la Quinta Crociata: Una Missione di Pace', Schede Medievali , vol. 4 (1983), pp. 69-77; Powell, Anatomy of a Crusade , pp. 178-9.

20 Powell, Anatomy of a Crusade , pp. 195-204.

21 Abulafia, Frederick II , pp. 251-89; F. Gabrieli, 'Frederick II and Muslim culture', East and West (1958), pp. 53-61; J.M. Powell, 'Frederick II and the Muslims: The Makings of a Historiographical Tradition', Iberia and the Mediterranean World of the Middle Ages , ed. L. J. Simon (Leiden, 1995), pp. 261-9.

22 Abulafia, Frederick II , pp. 148-201; T. C. Van Cleve, ‘The Crusade of Frederick II’, A History of the Crusades , vol. 2, ed. K. M. Setton (Madison, 1969), pp. 429-62; R. Hiestand, ‘Friedrich II. und der Kreuzzug’, Friedrich II: Tagung des Deutschen Historischen Instituts in Rom im Gedenkjahr 994 , ed. A. Esch and N. Kamp (Tübingen, 1996), pp. 128-49; L. Ross, ‘Frederick II: Tyrant or benefactor of the Latin East?’, Al-Masaq , vol. 15 (2003), pp. 149-59.

23 H. Kluger, Hochmeister Hermann von Salza und Kaiser Friedrich II (Marburg, 1987).

24 IbnWasil, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli (Londres, 1969), p. 270. Sibte ibn al-Jauzi (pp. 273-5) descreveu uma explosão de tristeza desta forma: “a notícia da perda de Jerusalém se espalhou por Damasco, e o desastre atingiu as terras do Islã. Foi uma tragédia tão grande que cerimônias públicas de luto foram instituídas”. Roger of Wendover, Flores Historiarum , ed. H. G. Hewlett, 3 vols, Rolls Series 84 (Londres, 1887), vol. 2, p. 368.

25 Matthew Paris, Chronica Majora , ed. H. R. Luard, 7 vols, Rolls Series 57 (Londres, 1872-83), vol. 3, pp. 179-80. Sobre a autenticidade desta carta, ver: J. M. Powell, ‘Patriarch Gerold and Frederick II: The Matthew Paris letter’, Journal of Medieval History , vol. 25 (1999), pp. 19-26. Philip of Novara, Mémoires , ed. C. Kohler (Paris, 1913), p. 25; B. Weiler, ‘Frederick II, Gregory IX and the liberation of the Holy Land, 1230-9’, Studies in Church History , vol. 36 (2000), pp. 192-206.

26 Os reis da linhagem foram tidos como ausentes até 1268. M. Lower, The Barons’ Crusade: A Call to Arms and its Consequences (Philadelphia, 2005); P. Jackson, ‘The crusades of 1239-41 and their aftermath’, Bulletin of the School of Oriental and African Studies , vol. 50 (1987), pp. 32-60.

27 Rothelin Continuation, 'Continuation de Guillaume de Tyr de 1229 à 1261, dite du manuscrit de Rothelin', RHC Occ . II, pp. 563-4. Este texto está disponível em tradução inglesa: J. Shirley (trad.), Crusader Syria in the Thirteenth Century (Aldershot, 1999), pp. 13-120.

28 Rothelin Continuation, p. 565.

29 Matthew Paris, Chronica Majora , vol. 4, p. 397. Sobre a carreira de Luís IX e a cruzada, ver: J. Richard, Saint Louis: Crusader King of France , trans. J. Birrell (Cambridge, 1992); W.C. Jordan, Louis IX and the Challenge of the Crusade: A Study in Rulership (Princeton, 1979); J. Strayer, 'The Crusades of Louis IX', A History of the Crusades , vol. 2, ed. K.M. Setton (Madison, 1969), pp. 487-518; C. Cahen, 'St Louis et l'Islam', JournalAsiatique , vol. 258 (1970), pp. 3-12. Sobre a devoção de Luís, ver: E.R. Labande, 'Saint Louis pèlerin', Revue d'Histoire de l'Église de France , vol. 57 (1971), pp. 5-18.

30 John of Joinville, Vie de Saint Louis , ed. J. Monfrin (Paris, 1995). Esse texto está disponível em tradução inglesa: C. Smith (trans.), Chronicles of the Crusades: Joinville and Villehardouin (Londres, 2008). Ver também: C. Smith, Crusading in the Age of Joinville (Aldershot, 2006). Uma coleção admiravelmente rica de fontes primárias ocidentais e árabe adicionais está disponível em tradução inglesa em: P. Jackson (trans.), The Seventh Crusade, 1244-1254: Sources and Documents (Aldershot, 2007). Ver também: A.-M. Eddé, 'Saint Louis et la Septième Croisade vus par les auteurs arabes' Croisades et idée de croisade à la fin du Moyen Âge, Cahiers de Recherches Médiévales (XIIIe-XVe s) , vol. 1 (1996), pp. 65-92.

31 Jordan, Louis IX and the Challenge of the Crusade , pp. 65-104.

32 John of Joinville, p. 62; J. H. Pryor, 'The transportation of horses by sea during the era of the Crusades', Commerce, Shipping and Naval Warfare in the Medieval Mediterranean , ed. J. H. Pryor (Londres, 1987), pp. 9-27, 103-25.

33 John of Joinville, p. 72.

34 John of Joinville, pp. 72-6.

35 Matthew Paris, Chronica Majora , vol. 6, Additamenta , p. 158; Rothelin Continuation, p. 590; John of Joinville, p. 78; P. Riant (ed.), 'Six lettres aux croisades', Archives de l'Orient Latin , vol. 1 (1881), p. 389.

36 Hunfredos, From Saladin to the Mongols , pp. 239-307.

37 Nizam al-Mulk, The Book of Government or Rules for Kings , trans. H. Darke (Londres, 1960), p. 121; Ibn Wasil, The Seventh Crusade , trans. P. Jackson, p. 134; D. Ayalon, 'Le régiment Bahriyya dans l'armée mamelouke', Revue des Études Islamiques , vol. 19 (1951), pp. 133-41; R. S. Hunfredos, 'The emergence of the Mamluk army', Studia Islamica , vol. 45 (1977), pp. 67-99.

38 John of Joinville, p. 90; Ibn Wasil, The Seventh Crusade , trans. P. Jackson (Aldershot, 2007), p. 141.

39 Rothelin Continuation, p. 596; Ibn Wasil, The Seventh Crusade , pp. 133-40; Historiae Francorum Scriptores ad Ipsius Gentis Origine , ed. A. du Chesne, vol. 5 (Paris, 1649), p. 428.

40 Rothelin Continuation, p. 600; Matthew Paris, Chronica Majora , vol. 6, Additamenta , p. 195; John of Joinville, pp. 100-102.

41 Rothelin Continuation, p. 602.

42 Rothelin Continuation, pp. 603-4.

43 Rothelin Continuation, pp. 604-5; Ibn Wasil, The Seventh Crusade , p. 144.

44 Rothelin Continuation, p. 606; John of Joinville, pp. 110, 116.

45 Rothelin Continuation, p. 608; John of Joinville, pp. 142-4.

46 John of Joinville, pp. 144, 150; Rothelin Continuation, p. 609.

47 Rothelin Continuation, p. 610. Talvez seja possível que, nesses dias sombrios, o rei Luís IX, levado para além da tomada de decisões racionais, tenha se voltado para Deus, orando por um milagre. Esta circunstância está longe de inconcebível no contexto de uma cruzada. Mas dadas as opiniões de Luís sobre a necessidade de contrabalançar a ajuda divina com a responsabilidade prática humana, é improvável que ele tenha simplesmente confiado na intervenção sobrenatural.

48 Sibte ibn al-Jauzi, The Seventh Crusade , trans. P. Jackson (Aldershot, 2007), p. 159; John of Joinville, p. 150.

49 Matthew Paris, Chronica Majora , vol. 6, Additamenta , p. 195; John of Joinville, pp. 156-8.

50 Sibte ibn al-Jauzi, The Seventh Crusade , p. 160; John of Joinville, p. 166.

51 Historiae Francorum Scriptores ad Ipsius Gentis Origine , p. 429.

THOMAS ASBRIDGE

Vitória no Oriente



↪ns

THOMAS ASBRIDGE

VITÓRIA NO
ORIENTE



São Paulo, 2021

Vitória no Oriente

The Crusades – The War for the Holy Land

Copyright © Thomas Asbridge, 2010

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz • Vitor Donofrio • João Paulo Putini

TRADUÇÃO: Johann Heyss • Valter Lellis Siqueira

PREPARAÇÃO: Samuel Vidilli

REVISÃO: Agnaldo Alves • Manoela Alves

DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio

CAPA: Ygor Moretti

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057**

Asbridge, Thomas

Vitória no Oriente

Thomas Asbridge; tradução de Johann Heyss, Valter Lellis Siqueira

Barueri, sp: Novo Século Editora, 2021.

(As Cruzadas; vol 5)

Bibliografia

ISBN: 978-65-5561-335-3

Título Original: The Crusades : The War for the Holy Land

1. Cruzadas 2. Cristianismo e outras religiões 3. História da Igreja - 600-1500 – Idade Média 4. Oriente Médio – História 5. Europa – História da Igreja i. Título ii. Heyss, Johann iii. Siqueira, Valter Lellis iv. Série

21-3680 CDD-909.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Cruzadas

ins

uma marca do
grupo novo século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Sumário

[V. Vitória no Oriente](#)

[22. O leão do Egito](#)

[Novas forças no Oriente próximo](#)

[A Batalha de Ayn Jalut](#)

[Baybars e o sultanato mameluco](#)

[O protetor do Islã](#)

[O poder centralizado no estado mameluco](#)

[A diplomacia mameluca](#)

[Aperfeiçoando a máquina militar mameluca](#)

[A guerra contra os francos](#)

[Um caminho de destruição](#)

[Dobrando os francos](#)

[O destino de Antioquia](#)

[23. A Terra Santa reclamada](#)

[A Segunda Cruzada do Rei Luís](#)

[Apertando o laço](#)

[A fortaleza impugável](#)

[Lorde Eduardo da Inglaterra](#)

[Mudança de enfoque](#)

[Baybars – o flagelo dos francos](#)

[Testes e triunfos](#)

[Qalawun e o sultanato mameluco](#)

[Voltando-se para o Ultramar](#)

[1291 – O cerco de Acre](#)

[A última batalha](#)

[Conclusão - O legado das cruzadas](#)

[Causas e resultados](#)

[Um conflito diferente de todos os outros?](#)

[Contabilizando vitória e derrota](#)

[Consequências para o mundo medieval](#)

[O Mediterrâneo Oriental](#)

[A Europa Ocidental](#)

[A sombra mais longa](#)

[Percepções da Baixa Idade Média e do início da era moderna](#)

[As cruzadas na história e na memória do Ocidente](#)

[O Islã moderno e as cruzadas](#)

[Os princípios do “paralelismo cruzado”](#)

[O nacionalismo árabe e o islamismo](#)

[As cruzadas na história](#)

[Agradecimentos](#)

[Cronologia](#)

[Notas](#)

[Colofão](#)

V. VITÓRIA NO ORIENTE

22. O LEÃO DO EGITO

Por mais de um século e meio depois da morte de Saladino, em 1193, os membros de sua dinastia aiúbida dominaram o Islã do Oriente Próximo. Saladino havia levado a condenação e a derrota aos francos cristãos que moravam no Levante, reconquistando Jerusalém e rechaçando a Terceira Cruzada de Ricardo Coração de Leão. Mas envolvidos em suas mesquinhadas rivalidades, mais tarde os aiúbidas mostraram-se dispostos a viver em relativa paz com os remanescentes estados cristãos. E com os muçulmanos e cristãos dispostos a manter laços comerciais mutuamente proveitosos, a negociação, a acomodação e a trégua tornaram-se ordem do dia. Os governantes islâmicos de Damasco, Cairo e Alepo ainda se proclamavam campeões da jihad, mas sua luta tornou-se interna, a ser expressa em obras de purificação espiritual e patrocínio religioso. Em vez de abraçar a forma militarista externa, travando a guerra santa, os aiúbidas buscavam, no geral, limitar o conflito – sempre conscientes de que a agressão poderia provocar uma cruzada perigosa e desordenada da Europa Ocidental.

Este *modus vivendi* de delicado equilíbrio seria dramaticamente derrubado quando duas superpotências orientais – os mamelucos e os mongóis – ganharam proeminência no Levante. Cada uma delas contava com temerosa força militar, ao contrário de qualquer outra coisa testemunhada na idade das cruzadas, e seu impacto monumental reformulou o destino da Terra Santa e a história das cruzadas. Obscurecido para esses dois enormes monstros, o Ultramar latino tornou-se o terceiro, por vezes quase incidental, desafiante da luta pelo domínio do Oriente.

NOVAS FORÇAS NO ORIENTE PRÓXIMO

Uma nova dinastia islâmica – o sultanato mameluco –, governado por membros dessa elite militar (soldados escravos), tomou o poder no Egito na esteira da cruzada fracassada do rei Luís IX da França. Uma luta pelo poder intrincada e brutal atormentou toda a década de 1250, à medida que os líderes mamelucos procuravam derrubar os últimos vestígios da autoridade aiúbida na região do Nilo. A elite do regimento Bahriyya foi forçada a fugir do Egito em 1254, quando seu comandante Aqtay foi assassinado pelo feroz senhor da guerra Qutuz, ponta de lança de uma facção mameluca rival. Três anos depois, Shajar al-Durr – viúva do último grande sultão aiúbida al-Salih – foi executada, e Qutuz gradativamente assumiu o controle do Egito, enquanto ainda governava em nome do jovem sultão-títere al-Mansur Ali.

Enquanto isso, os soldados Bahriyya foram exilados sob a liderança de Baybars – um dos conspiradores no assassinato, em 1250, de Turanshah, o herdeiro aiúbida. Nascido por volta de 1221, Baybars era um turco alto e de pele escura, oriundo do grupo quipchaque, o forte e belicoso povo das estepes russas, conhecidos no mundo antigo como cumanos. Dizem que ele possuía uma voz notoriamente poderosa, mas sua característica mais marcante estava em seus olhos azuis, um dos quais exibía uma pequena, embora visível, mancha branca do tamanho da cabeça de um alfinete. Levado como escravo com catorze anos de idade, Baybars começou o treinamento como mameluco e, assim, passou pelas mãos de diversos donos antes de eventualmente ser recrutado para o novo regimento Bahriyya de al-Salih em 1246. Ali, sua habilidade marcial e de liderança logo foi reconhecida, e ele lutou contra os cruzados do rei Luís IX na Batalha de Mansura em 1250.

De meados para o final da década de 1250, Baybars e o Bahriyya serviram a uma sucessão de emires aiúbidas ineficientes que tentavam desesperadamente se agarrar ao poder na Síria, Palestina e Transjordânia. Entre eles estava al-Nasir Yusuf, o governante nominal de Alepo e Damasco – um emir nascido numa linhagem nobre, sendo neto de Saladino, mas singularmente incapaz de enfrentar os violentos desafios desta era turbulenta de lealdades oscilantes e potências mundiais emergentes. Durante este período, Baybars aprimorou suas habilidades

como comandante militar, conseguindo um certo número de sucessos impressionantes, mas também sofrendo algumas derrotas humilhantes. Nisso tudo, ele foi muito apoiado por um amigo mameluco e por Qalawun, outro turco quipchaque e talvez seu mais próximo amigo e companheiro de armas. Com um olho sempre atento para os eventos no Egito, Baybars tentou duas vezes invadir a região do Nilo e depor Qutuz, mas, superado pesadamente em termos numéricos, mostrou-se incapaz de obter uma vitória significativa.

Em 1259, Baybars já havia se mostrado um general experiente com um apetite óbvio para o avanço, mas até então não tivera a oportunidade de realizar suas ambições ou mostrar seu evidente potencial. Essa oportunidade viria para ele e todo o regime militar mameluco com o aparecimento de uma nova e devastadora horda no Oriente Próximo muçulmano.¹

Por volta do ano de 1206, um senhor da guerra chamado Temüjin uniu as tribos mongóis nômades da vasta área das estepes asiáticas da Mongólia e assumiu o título de Chinggis, ou Gengis Khan (literalmente “governante inflexível”). Gengis e seus seguidores eram movidos por uma fome incomensurável de guerra e acreditavam, dentro dos fundamentos de sua fé pagã, que os mongóis haviam sido destinados por um decreto divino a conquistar o mundo inteiro. Pela obstinada força de vontade, Gengis transformou as tribos mongóis feudais em um exército incontável, aproveitando-se da inata resistência de seu povo e suas incomparáveis habilidades como cavaleiros e arqueiros.

Nos cinquenta anos seguintes, primeiro sob Gengis Khan e depois, após sua morte em 1227, sob seus filhos, os mongóis explodiram pela face da Terra. Eram uma força sem paralelos no mundo medieval (talvez em toda a história humana). Incansáveis e totalmente intransigentes em seu tratamento da guerra, esperavam que seus inimigos mostrassem submissão imediata ou encarassem a aniquilação total. E por volta de 1250 seus domínios estendiam-se da China à Europa, do Oceano Índico às terras vazias da Sibéria. Esta expansão exponencial inevitavelmente pôs os mongóis em contato com o mundo cristão e o muçulmano.

Tendo subjugado a China, os mongóis começaram seu avanço para o oeste em 1229, esmagando os governantes islâmicos do norte do Irã – um avanço que provocou a fuga dos corásmios para o norte do Iraque e acabou culminando com a invasão corásmia da Terra Santa em 1244. Entre 1236 e 1239, a horda mongol derrotou os cristãos orientais da Geórgia e da Grande Armênia; em 1243

invadiu a Ásia Menor, subjugando a dinastia turca seljúcida que havia governado a região desde o século XI. Na década de 1230, os exércitos mongóis também conquistaram as estepes ao sul da Rússia, estabelecendo uma forma de governo que ficou conhecida como a Horda Dourada. Ironicamente, isso fez que muitos dos turcos quipchaques nativos da região se tornassem refugiados. Deslocando-se para o sul, caíram nas garras dos comerciantes de escravos e assim incrementaram enormemente a disponibilidade de recrutas mamelucos para os muçulmanos do Egito.

Avançando para o Ocidente, os mongóis acabaram por encontrar os cristãos latinos da Europa, onde seu advento foi saudado com uma mistura de medo, confusão e incerteza. Notícias de que os muçulmanos do Irã tinham sido derrotados por uma força desconhecida de terras distantes do Oriente chegaram aos homens da Quinta Cruzada no Egito em 1221, fazendo muitos francos imaginarem que os mongóis poderiam, na verdade, ser valiosos aliados. A princípio, esta opinião ganhou credibilidade, pois os nebulosos orientais foram associados com a antiga lenda do Preste João – um poderoso rei cristão de uma antiga profecia: ele surgiria no Oriente na hora mais negra da cristandade para apoiá-la. Com o tempo, também ficou claro que os cristãos nestorianos (uma seita há muito estabelecida na Ásia central) haviam conseguido exercer certa influência entre os mongóis, chegando a converter as esposas de alguns dos principais senhores da guerra.

Mas a cristandade latina lentamente percebeu que os mongóis, ou tártaros, como ficaram conhecidos na Europa, não eram meramente um poder estrangeiro distante, mas uma ameaça imediata e potencialmente letal. Em 1241, o exército mongol avançou a partir da Rússia e passou o ano seguinte pilhando e aterrorizando a Polônia, a Hungria e o leste da Alemanha, provocando uma destruição indescritível. Mesmo diante dessa devastadora incursão, os governantes da região – envolvidos em suas próprias disputas – demoraram a reagir, e muitos continuaram a nutrir ideias de acomodação ou aliança. A partir do final da década de 1240, o papado romano enviou duas embaixadas missionárias aos mongóis, comandadas por grupos de frades. Estes enviados francos viajaram milhares de quilômetros para visitar a extravagante corte mongol em Karakorum (na Mongólia), na esperança de converter o Grande Khan ao cristianismo; eles voltaram com um ríspido ultimato instruindo Roma a se submeter à autoridade tártara. Durante o tempo em que ficou no Chipre, Luís IX também fez contato com eles. Em 1249, enviou seus próprios representantes aos mongóis no Irã, mas quando essa embaixada retornou em 1241, encontrou

Luís na Palestina, e lhe trouxe uma dura exigência: que se comesse a lhes pagar um tributo anual, que, não é necessário dizer, o rei franco ignorou.

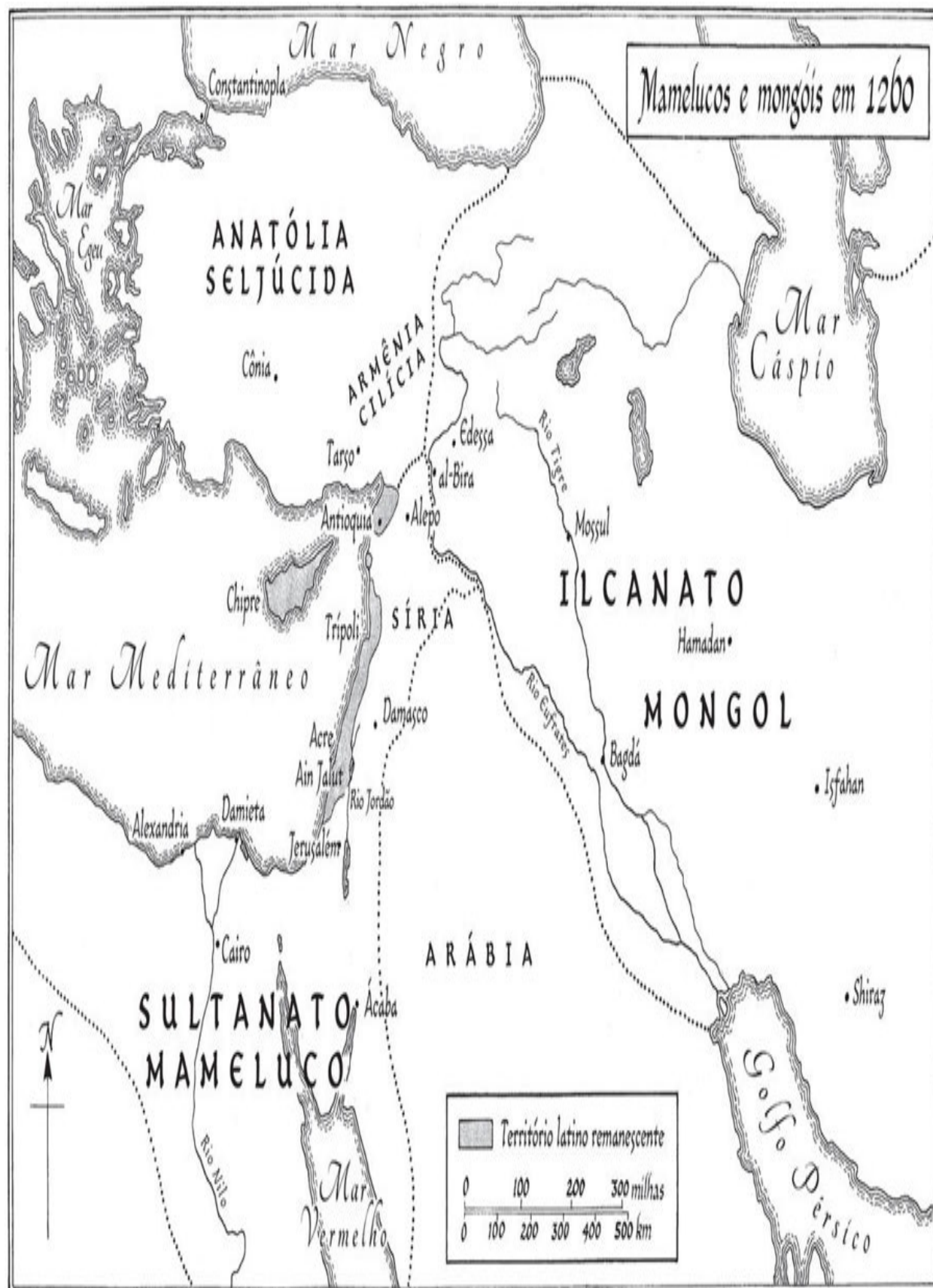
A despeito desses intransigentes apelos à diplomacia, o Império Mongol começou efetivamente a se decompor na segunda metade do século XIII, corroído por uma luta dinástica e pelos problemas inerentes ao governo de um domínio tão imenso. Não obstante, eles continuaram a ser uma força que inspirava o pavor. Na década de 1250, o novo Grande Khan Möngke (neto de Gengis Khan) iniciou uma renovada onda de expansão pelo mundo muçulmano do Oriente Próximo e para além dele, colocando seu irmão Hulagu no comando de uma enorme horda de dezenas de milhares de guerreiros, junto com o general mongol Kitbuqa. Marchando pelo sul do Irã em 1256, este poderoso exército voltou-se para Bagdá, onde um enfraquecido membro da dinastia Abássida ainda reclamava o título de califa sunita. Em fevereiro de 1258, Hulagu esmagou Bagdá passando 30 mil muçulmanos pelo fio da espada e destruindo boa parte da outrora grande capital. Ele prosseguiu para subjugar a maior parte da Mesopotâmia, estabelecendo o que ficou conhecido como o Ilcanato Mongol da Pérsia (estendendo-se do Iraque às fronteiras da Índia). Hulagu então cruzou o Eufrates para chegar às fronteiras da Síria e da Palestina em 1259.

Não é de surpreender que a chegada dos mongóis tenha aterrorizado os povos do norte da Síria. Os cristãos continuavam a alimentar a esperança de que Hulagu poderia se revelar um aliado contra o Islã, incentivados pelo fato de que sua esposa era nestoriana. O rei Hethum, da armênia Cilícia havia se submetido ao jugo mongol já em 1246, recebendo a permissão de reter uma autoridade parcial em troca do pagamento de um tributo anual. Ele também convenceu seu genro Boemundo VI (governante do principado de Antioquia e do condado de Trípoli) a se aliar com o exército de Hulagu. Al-Nasir, o governante aiúbida de Alepo e de Damasco, também pagava tributo aos mongóis desde 1251, na esperança de impedir uma invasão direta, mas no outono de 1251, com a horda agora marchando sobre a Síria, as limitações da política de apaziguamento tornaram-se aparentes.²

A Batalha de Ayn Jalut

Embora o advento dos mongóis tivesse trazido pânico e caos a boa parte do Oriente Próximo muçulmano, sua chegada infundiu no mundo mameluco um novo senso de unidade e propósito. Em novembro de 1259, Qutuz usou a ameaça mongol para justificar o fato de ter derrubado do poder o jovem sultão e se proclamado novo governante do Egito. Ao mesmo tempo, o controle do poder de al-Nasir estava fraquejando. Estacionado perto de Damasco, o emir aiúbida parece ter ficado totalmente imobilizado pelo medo quando os mongóis avançaram para Alepo – com certeza, ele nada fez para reagir, enquanto torrentes de refugiados se espalhavam pelo sul da Síria até as fronteiras com a Pérsia.

No início de 1260, Hulagu sitiou Alepo com a ajuda de Hethum e Boemundo VI, e no final de fevereiro, a cidade foi capturada e submetida a uma orgia de violência de seis dias. Boemundo VI ateou fogo pessoalmente na principal mesquita da cidade e, embora mais tarde fosse excomungado pela Igreja Latina por ajudar os mongóis, o príncipe obteve significativos ganhos territoriais como resultado do pacto de 1260, incluindo a confirmação do controle franco sobre o porto de Laodiceia. Hulagu saiu de Alepo para conquistar Harim e Homs, e logo obteve o domínio total do norte da Síria. As notícias desses eventos fizeram al-Nasir fugir de Damasco, e a população da cidade preferiu se render aos mongóis a enfrentar o destino de Alepo. Assim, em março de 1260, o general mongol Kitbuqa chegou para ocupar a antiga capital síria do Islã. O acuado al-Nasir logo foi capturado e enviado a Hulagu – pelo qual, de momento, foi tratado como refém valioso –, mas chegaram notícias da morte de Möngke, e Hulagu decidiu sair da Síria com o grosso de seu exército, voltando para o leste para supervisionar a sucessão de seu irmão Kublai como Grande Khan. Isto deixou Kitbuqa no comando da Síria mongol que, apesar de ter à sua disposição um exército bastante reduzido, mesmo assim recebeu a rendição da Transjordânia aiúbida naquele verão.



Com os mongóis tendo varrido a Terra Santa quase sem encontrar oposição, desfazendo o mundo aiúbida, agora era questionável que algum poder levantino tivesse a vontade e os recursos para conter tal avanço. Os francos do Reino de Jerusalém não compartilhavam da disposição de Boemundo VI de Antioquia de se pôr ao lado dos mongóis, cômnicos do fato de que fazer isso poderia simplesmente significar a troca de um inimigo muçulmano por outro oponente pagão ainda mais perigoso. Na esperança de evitar um confronto direto, os latinos adotaram uma política de neutralidade.³

Em meados de 1260, portanto, restava apenas uma força que poderia ser capaz de se opor à horda mongol: o Egito mameluco. Por esta época, Baybars reconheceu que seus mestres aiúbidas seriam incapazes de resistir aos mongóis e, assim, negociou uma reaproximação com Qutuz, viajando com os membros restantes do Bahriyya ao Cairo em março. Houve uma concordância tensa, mas uma corrente de animosidade e suspeita mútuas se agitava sob a superfície desse acordo. Os dois homens estavam cientes da ambição um do outro, e o papel de Qutuz no assassinato de Aqtay ainda estava na memória de Baybars. Um cronista muçulmano reconheceu que o profundo ódio que um nutria pelo outro ficava claro em seus olhos.

Os mamelucos agora enfrentavam uma questão definidora: confrontar ou aplacar os mongóis. Neste ponto, pelo menos, Qutuz e Baybars estavam em total concordância. No início daquele verão, uma embaixada de Hulagu chegou ao Cairo exigindo a rendição mameluca. Os enviados foram sumariamente executados, seus corpos cortados pela metade e as cabeças penduradas em um portão do Cairo. Com esta extraordinariamente desafiadora afirmação de intenção, os mamelucos foram à guerra. Em vez de esperar no Egito, na esperança de repelir uma invasão em terreno próprio, eles preferiram confrontar Kitbuqa de cabeça erguida, embora seu exército ainda estivesse enfraquecido. Se alcançasse sucesso, essa ousada estratégia prometia oferecer aos mamelucos o domínio quase total do Oriente Próximo. Mas os riscos eram colossais, pois envolviam o confronto direto com os mongóis – invencíveis até então, diante dos quais nenhum outro exército havia vencido.

Em meados do verão de 1260, os mamelucos saíram do Egito, incorporando algumas tropas muçulmanas adicionais que antes haviam servido aos aiúbidas. Baybars foi apontado comandante da vanguarda mameluca e, com Qutuz, formulou um plano de ataque. Foram feitas algumas tentativas de atrair os

francos para uma aliança ativa. Eles se recusaram, apegando-se à política de neutralidade, mas permitiram que o exército muçulmano marchasse para o norte, pelo território latino, até Acre. Notícias desse avanço trouxeram Kitbuqa, então baseado em Balbeque (Líbano), para o sul, com tropas adicionais recrutadas na Geórgia, na Cilícia e na Homs muçulmana.

A grande batalha que decidiria o destino do Oriente Próximo ocorreu em Ayn Jalut, na Galileia – onde Saladino confrontou os francos em 1183. Comandando a vanguarda, Baybars encontrou o exército mongol acampado junto a este pequeno assentamento, no sopé do Monte Gilboa. Ele e Qutuz então levaram seu exército mameluco para o sudeste, descendo o vale de Jizreel e lançaram um ataque a 3 de setembro de 1260. Os exércitos em oposição parecem ter praticamente se igualado em números – algo entre dez mil a 12 mil soldados em cada lado –; assim, pelas normas da guerra medieval, ambos estavam fazendo uma aposta perigosa. Qutuz e Baybars demonstraram habilidade e bravura no comando, suportando dois enormes ataques, e, num momento-chave, os muçulmanos de Homs se posicionaram na ala esquerda dos mongóis. Isto fez que a batalha pendesse em favor dos mamelucos, que conseguiram cercar os mongóis e matar Kitbuqa. Em um dos momentos marcantes da história, a onda aparentemente incontrolável da expansão mongol foi detida pelos novos campeões do Islã.

Só um braço do grande império mongol havia sido derrotado, e o espectro da retaliação permanecia – embora incapaz de retornar ao Oriente Próximo, um Hulagu enfurecido respondeu às notícias do revés executando al-Nasir. Mas a vitória em Ayn Jalut mostrou-se decisiva para selar a futura ascendência do sultanato mameluco. Imediatamente após a batalha, Qutuz assumiu o controle de Damasco e Alepo, instalando dois de seus aliados como governadores. As ambições e expectativas de Baybars foram ignoradas por essa atitude, pois Qutuz quebrou a promessa de recompensá-lo com o governo de Alepo (talvez compreensivelmente, visto que seria loucura estabelecer um rival no poder tão longe do Egito). Juntos, o sultão e seu decepcionado general iniciaram uma triunfante viagem de volta ao Egito.⁴

Em 22 de outubro de 1260, Qutuz e seus emires estavam cruzando o deserto egípcio a caminho do Cairo quando o sultão pediu que a marcha se detivesse para que pudesse desfrutar de seu passatempo favorito – a caça à lebre. Baybars e um pequeno grupo de mamelucos concordaram em acompanhá-lo na caçada, mas assim que ficaram distantes do acampamento principal, assassinaram Qutuz.

Numerosos e variados relatos do golpe sobreviveram, mas parece que Baybars pediu um favor ao sultão (provavelmente uma escrava de presente), e quando Qutuz aceitou, procurou beijar a mão do sultão. Nesse momento, Baybars agarrou os braços de Qutuz para impedi-lo de desembainhar uma arma, enquanto outro emir o feria no pescoço com a espada. Depois deste primeiro ataque, os outros conspiradores correram, e o sultão morreu sob uma cascata de golpes. Baybars parece ter sido o planejador do golpe, mas sua posição ainda não estava garantida. Voltando ao acampamento, um conselho de todos os principais emires mamelucos foi convocado no pavilhão real. Como todos compartilhavam de raízes turcas tribais, houve um grande consenso entre essa elite de mamelucos e a expectativa de que qualquer novo líder deveria ser escolhido entre seus pares. Para que não fosse rejeitado, Baybars declarou que, como assassino de Qutuz, ele havia conquistado o direito ao poder, enquanto adoçava seu pedido com promessas de recompensa e patrocínio para quem o apoiasse. Por estes meios – pelo sangue e a persuasão –, Baybars emergiu como o novo sultão mameluco, o homem que agora seria responsável pela liderança do Oriente Próximo muçulmano contra os mongóis e os latinos.⁵

BAYBARS E O SULTANATO MAMELUCO

No outono de 1260, Baybars estava plenamente consciente da fragilidade de seu controle do sultanato. Ele tratou rapidamente de assumir a autoridade no Cairo, ocupando a grande cidadela – sede do poder, construída por Saladino – e recompensando um amplo círculo de emires com postos e riqueza. Além disso, os mamelucos sobreviventes do Bahriyya foram escolhidos como seus guarda-costas pessoais. Seu velho quartel regimental no Nilo foi mais tarde reconstruído e posto sob o comando dos emires de maior confiança do sultão, incluindo Qalawun.

As preocupações mais urgentes de Baybars eram a legitimação de seu poder e um entrincheiramento mais amplo do poder mameluco no Egito. Mas o novo sultão também possuía a visão política e estratégica para reconhecer, e a ela se adaptar, de uma nova ordem do mundo levantino. Em décadas passadas, os líderes muçulmanos haviam buscado unir o Islã e, em alguns casos, tentado ativamente combater os francos na Terra Santa. Agora, o imperativo havia mudado e um paradigma diferente fora criado. Depois de 1260, as fronteiras críticas ficavam ao norte e a leste da Síria, de onde o grande inimigo – o império mongol – poderia buscar mais uma vez a destruição do Islã. Para combater tal ameaça, essas fronteiras precisavam ser protegidas, e o Oriente Próximo transformado em um estado unido, tal como uma fortaleza impenetrável.

Os cristãos latinos eram um segundo perigo. Geograficamente, seus assentamentos remanescentes ficavam no território sírio, libanês e palestino que Baybars agora desejava unificar e assegurar contra os mongóis. Ele avaliava acertadamente que, na esteira de reveses como a Batalha de La Forbie, os francos do Ultramar estavam efetivamente enfraquecidos. Em si mesmos, representavam pouco motivo de preocupação. Mas como aliados de uma força externa – fosse sob a forma de uma horda mongol ou de uma cruzada ocidental –, poderiam abrir uma segunda frente problemática e perturbadora nos confins do Oriente Próximo. Assim, os Estados cruzados eram incômodos enraizados que precisavam ser neutralizados.

Sabedor desses desafios, Baybars dedicou parte do início da década de 1260 a

reformular radicalmente o Oriente Próximo muçulmano, fundando um regime poderoso e autoritário. Ao mesmo tempo, tratou de preparar o estado muçulmano para uma guerra – contra o inimigo mongol ou o cristão. Com estes meios, o novo sultão passou seus primeiros anos no poder preparando-se assiduamente para o que esperava ser a vitória definitiva na luta pelo controle da Terra Santa.

O protetor do Islã

A princípio, a detenção do poder por Baybars era relativamente precária: ele herdara um estado mameluco apenas parcialmente formado e estivera envolvido no assassinato dos dois sultões anteriores, Turanshah e Qutuz. Contra esse fundo relativamente maculado, uma insurreição ou um contragolpe eram ameaças, e a lealdade de seus emires mamelucos estava longe de garantida. Mas no final de 1260 o novo sultão também tratou de se beneficiar de algumas vantagens significativas. No que se seguiu à invasão mongol e à Batalha de Ayn Jalut, os vestígios remanescentes do poder aiúbida na Síria e na Palestina estavam em frangalhos, e a Terra Santa estava pronta para o domínio mameluco. Assim, em contraste com, entre outros, Nur al-Din e Saladino, que trabalharam durante décadas para unir o Oriente Próximo, Baybars foi capaz de confirmar seu controle sobre Damasco e Alepo nos primeiros anos de seu reinado, instalando governadores regionais que respondiam ao Cairo.

Além disso, Baybars conseguiu recorrer ao triunfo obtido em Ayn Jalut para legitimar sua reivindicação do poder. Apresentando-se como o salvador do Islã, fez erguer um monumento no campo de batalha e mandou demolir o túmulo de Qutuz para minimizar qualquer sugestão de que o falecido sultão tivesse desempenhado um papel “heroico” no confronto. Anos depois, o chanceler e biógrafo oficial de Baybars, Abd al-Zahir, reconfigurou a história da batalha em seu relato da vida do sultão, apresentando-a como uma vitória obtida quase exclusivamente por Baybars. O sultão também procurou promover seu próprio culto da personalidade, representado por seu leão emblemático (representando um leão caminhando para a esquerda, com uma pata dianteira levantada). Este recurso heráldico distinto foi colocado nas moedas cunhadas por Baybars e usado para marcar pontes e variados edifícios públicos construídos em seu nome. E embora seja verdade que o Estado mameluco era ameaçado por poderosas forças inimigas na década de 1260, esses perigos evidentes permitiram a Baybars pôr em prática um programa sem precedente de militarização e a gozar de uma autoridade autocrática sem comparação.⁶

Baybars fez uma série de jogadas de mestre para consolidar sua detenção do sultanado. Para firmar o novo regime mameluco no quadro da tradicional

hierarquia legal e espiritual do Islã, ele reestabeleceu o califado abássida sunita. Em junho de 1261, Baybars afirmou ter encontrado um dos poucos membros sobreviventes da dinastia Abássida. A linhagem do homem foi cuidadosamente avaliada por um comitê selecionado de juristas, teólogos e emires caiotas, sendo então confirmado como o novo califa al-Mustansir. Baybars fez então um voto ritual de lealdade ao califa, com o juramento de preservar e defender a fé; de reinar com justiça, segundo a lei; de servir como protetor da ortodoxia sunita; e de lançar a jihad contra os inimigos do Islã. Em troca, al-Mustansir investiu Baybars como o único e todo-poderoso sultão de todo o mundo muçulmano, um ato que não apenas confirmou seus direitos ao Egito, Palestina e Síria, mas também forneceu autorização para uma intensa campanha de expansão. Numa última afirmação pública da legitimidade de seu regime, Baybars foi investido com a indumentária do sultanato: um turbante negro redondo do tipo normalmente usados pelas abássidas; uma túnica violeta; sapatos adornados com fivela de ouro; e uma espada cerimonial. Portando esses refinamentos, ele e o califa cavalgaram, numa procissão solene, pelo coração do Cairo. Deste ponto em diante, Baybars tomou o grande cuidado de endossar a autoridade califal, desde que ela não afetasse seu próprio poder. O califa e o sultão tiveram seus nomes mencionados na oração de sexta-feira; da mesma forma, as moedas cunhadas ostentavam os nomes dos dois.

Para reforçar a aura de tradição e continuidade em torno do sultanato, Baybars procurou conscientemente ligar-se a dois governantes muçulmanos. O primeiro, al-Salih Ayyub (o antigo mestre de Baybars), foi agora apresentado como o último e legítimo sultão aiúbida, com Baybars como seu herdeiro direto e por direito – uma ágil manipulação do passado que convenientemente ignorava o tumulto sangrento da década de 1250. O sultão também se modelou à imagem de Saladino, o conquistador dos francos e mujahid idealizado. Imitando sua afamada generosidade do defensor da fé, Baybars tratou de restaurar a agora dilapidada mesquita al-Azhar do Cairo. Além disso, ergueu uma nova mesquita no Cairo e uma madrassa ao lado do túmulo de al-Salih. O sultão também visitou Jerusalém e lá restaurou o Domo da Rocha e a mesquita al-Aqsa – ambos haviam sido um tanto abandonados durante o governo aiúbida. Ecos similares se fizeram presentes em medidas civis adotadas nesses primeiros anos. Mostrando-se como o arquetípico “governante justo”, Baybars aboliu os tributos de guerra impostos por Qutuz, estabeleceu tribunais de justiça no Cairo e em Damasco, além de ordenar preços justos a serem pagos a mercadores por mercadorias apreendidas pelo estado. Com estes diversos meios, o sultão engendrou um amplo apoio popular entre seus súditos do Oriente Próximo, e isto ajudou a

isolar sua posição contra outros desafiantes mamelucos.⁷

O poder centralizado no estado mameluco

Enquanto trabalhava para legitimar o sultanato mameluco e sua reivindicação do poder, Baybars também tomou decisões ousadas com relação à centralização governamental e administrativa. O Cairo mameluco foi transformado na capital inquestionável do Oriente Próximo muçulmano, e o ofício do sultão foi imbuído de um grau de autoridade nunca antes testemunhado pela era medieval. Em acentuado contraste com muitos de seus predecessores, Baybars monitorou cuidadosamente as finanças estatais e controlou o tesouro mameluco – medidas que lhe forneceram a riqueza para pagar pelas reformas decisivas.

Como sultão, Baybars esperava que sua vontade fosse obedecida sem hesitação em todo o mundo mameluco, e ele fez pronto uso da força direta e da propaganda para garantir a submissão e a concordância por parte dos governadores regionais. Os emires que deixassem de cumprir a ordem sumária de recrutar tropas para a guerra, por exemplo, eram suspensos pelas mãos durante três dias. Quem fosse suficientemente insensato para tentar a insurreição podia esperar uma punição sumária, com castigos que iam da cegueira ou desmembramento até a crucificação. Como outros governantes antes dele – inclusive Nur al-Din e Saladino –, Baybars usou o temor da ameaça externa para justificar seu comportamento autocrático, mas nova ênfase foi dada aos mongóis como principais inimigos do estado. Assim, quando o sultão desejou remover o insignificante príncipezinho aiúbida al-Mughith do poder na Transjordânia em 1263, acusações de associação com o ilcanato da Pérsia foram levantadas, e supostas cartas de Hulagu para al-Mughith, apresentadas como prova. Mas além da fraude e da brutalidade, a verdadeira pedra angular da autoridade de Baybars no Oriente Próximo era a comunicação. Ele foi o primeiro muçulmano, na Idade Média, a ter a tarefa de governar um império panlevantino a partir do Egito, pois fez enormes investimentos em redes de distribuição de mensagens. Muitos séculos antes, os bizantinos e os primeiros abássidas haviam feito uso de uma estrutura postal baseada em mensageiros, mas depois disso ela caiu em desuso. Baybars tinha seu próprio *barid*, ou sistema postal, usando mudas de mensageiros a cavalo, escolhidos a dedo e bem recompensados por sua confiabilidade. Mudando de montaria em postos cuidadosamente mantidos e posicionados ao longo das rotas-chave do reino mameluco, esses homens

podiam rotineiramente levar uma mensagem de Damasco ao Cairo em quatro dias, ou três em caso de emergência. O uso do barid limitava-se estritamente ao sultão, as cartas eram sempre trazidas diretamente a Baybars, não importa o que ele estivesse fazendo – numa ocasião, ele chegou a receber um mensageiro enquanto estava no banho. Para garantir a transferência fluida e rápida de informações, as principais estradas e pontes eram cuidadosamente mantidas, e o barid também era complementado por pombos-correios e um sistema de fogueiras sinalizadoras. Esta organização notável (e admitidamente dispendiosa) permitiu que Baybars mantivesse contato com os mais distantes rincões do estado mameluco – em particular as fronteiras norte e leste com os mongóis – e significou que ele podia reagir a ameaças militares e à desordem civil numa velocidade sem precedente.⁸

Aliado à marca de governo particularmente potente e cheia de energia de Baybars, esse conjunto de reformas práticas e administrativas serviu para consolidar o estado mameluco e cimentar o poder “real” em meados da década de 1260. Contudo, o regime de Baybars não deixava de ter suas falhas. O sucesso desta maneira de governar intensamente centralizada dependia enormemente das qualidades e habilidades pessoais do sultão, e isto levantava óbvias dúvidas se seria possível passá-las prontamente a um sucessor. Buscando anular a noção de que um sultão mameluco deveria ser eleito, Baybars tentou lançar os alicerces de sua própria dinastia familiar em agosto de 1264 ao apontar Baraka, seu filho de quatro anos de idade, como cogovernante. Dada a ênfase no mérito, e não na herança, entre a elite mameluca, seria preciso esperar para ver se seu plano se concretizaria.

Baybars também estabeleceu uma associação potencialmente perturbadora com o sufi (homem santo) místico Khadir al-Miharani nesses primeiros anos. Suposto profeta, mas visto por muitos da corte mameluca como uma fraude, Khadir tornou-se amigo de Baybars em 1263, durante uma das visitas do sultão à Palestina. Impressionado pelas previsões do sufi de numerosas futuras conquistas mamelucas (muitas das quais mais tarde se concretizaram), Baybars logo o recompensou com propriedades no Cairo, Jerusalém e Damasco. Khadir obteve acesso irrestrito ao círculo íntimo do sultão e dizia-se que estava familiarizado com os assuntos de estado, para a mortificação dos principais lugares-tenentes mamelucos de Baybars. Esta estranha relação sugere que até um déspota frio como Baybars podia ser seduzido pela bajulação – sendo também uma fissura em suas defesas que, com o tempo, teria que ser selada.

A diplomacia mameluca

Considerando-se o tempo e os recursos que Baybars gastou no Levante muçulmano construindo seu estado mameluco no início dos anos 1260 – e o estridente militarismo evidente no final de sua carreira –, seria fácil imaginar que o sultão teria adotado uma abordagem insular do mundo exterior, desprezando a diplomacia. Na verdade, ele foi um ativo e apto ator na cena internacional. Baybars usava a negociação para buscar seus objetivos interligados: impedir qualquer possibilidade de uma aliança entre o Ocidente latino e os mongóis; semear a dissensão entre as fileiras mongóis para incentivar a rivalidade entre a Horda Dourada e o ilcanato persa; e manter acesso a pronto suprimento de escravos recrutados nas estepes russas.

Em seu primeiro ano no poder, Baybars estabeleceu contato com o falecido filho bastardo do imperador Frederico II, o rei Manfredo da Sicília (1258-66). Procurando perpetuar a tradição de relações estreitas entre o Egito e os Hohenstaufen, bem como de apoiar as políticas antipapais de Manfredo, o sultão despachou enviados para a corte siciliana com presentes exóticos, incluindo um grupo de prisioneiros mongóis, completado com seus cavalos e armas – um testemunho de sua arruinada reputação de invencibilidade. Depois da morte de Manfredo, Baybars renovou contato com seu rival e sucessor, Charles de Anjou, o cobiçoso irmão do rei Luís IX da França.

O sultão também abriu canais de negociação com a Horda Dourada em 1261. O governante mongol dessa região, Berke Khan (1257-66), havia se convertido ao Islã e agora estava engajado numa acalorada luta pelo poder com o ilcanato da Pérsia. Baybars elogiou a afiliação religiosa de Berke incluindo seu nome nas orações de sexta-feira em Meca, Medina e Jerusalém, e estabelecendo relações equitativas, manteve o acesso aos mercados de escravos das estepes na Horda Dourada e garantindo as fronteiras norte do sultanato mameluco com a Ásia Menor. Para garantir a passagem segura e eficiente de escravos quipchaques do Mar Negro para o Egito, o sultão também forjou pactos com os genoveses – os principais transportadores de carga escrava na bacia do Mediterrâneo. Esses mercadores italianos haviam recentemente perdido a chamada “Guerra de São Sabas” – uma luta de dois anos com Veneza pela preeminência econômica e

política em Acre e na Palestina. Quando esta irascível guerra civil terminou com a derrota dos genoveses em 1258, eles se relocaram em Tiro e, ao longo da década de 1260 e depois dela, ficaram muito satisfeitos por comercializaram com os mamelucos. Para garantir que os navios genoveses continuassem a gozar de livre acesso ao Estreito de Bósforo, Baybars estabeleceu contatos adicionais com o recém-reinstalado imperador bizantino Miguel VIII Paleólogo, que havia retornado a Constantinopla em 1261 com o colapso final da România latina.⁹

Para um mameluco familiarizado com a arte da guerra, e não com as intrigas da política e da corte, o sultão Baybars controlava essa intrincada rede de interesses diplomáticos com mão surpreendentemente hábil e segura – enquanto manobrava para isolar o ilcanato mongol e o Ultramar latino.

Aperfeiçoando a máquina militar mameluca

Entre 1260 e 1265, Baybars esteve fenomenalmente ativo nos campos da diplomacia e da administração do estado. Mas sempre atento à necessidade de empreender urgentes e amplos preparativos para a guerra, ele simultaneamente colocou o estado mameluco na rota para a militarização. O objetivo subjacente do sultão era empreender a jihad contra os mongóis e os francos levantinos – obtendo vitórias que concretizariam sua posição e reputação, conseguindo conquistas que garantiriam o domínio muçulmano sobre o Levante.

Desde o início, o trabalho andou rápido para fortalecer as defesas físicas do mundo mameluco. No Egito, as fortificações de Alexandria foram reforçadas, e a foz do Nilo em Damietta foi parcialmente selada para impedir nova incursão naval delta acima como aquela montada por Luís IX. Na Síria, muralhas destruídas pelos mongóis em locais como Damasco, Balbeque e Xaizar foram reparadas. A nordeste, ao longo do curso do Eufrates – agora a efetiva fronteira com o ilcanato persa –, o castelo de al-Bira tornou-se um pivô estratégico. A fortaleza foi reforçada e pesadamente vigiada, com sua segurança monitorada de perto por Baybars via barid. Al-Bira provou seu valor no final de 1264, quando resistiu com sucesso à primeira ofensiva séria de forças ilcanidas. Este ataque, provocado por uma pausa na guerra entre a Horda Dourada e a Pérsia mongol, fez que o sultão levasse suas forças para a guerra, mas enquanto ele se preparava para sair do Egito chegaram notícias de que os ilcanidas já haviam levantado seu cerco infrutífero a al-Bira e batido em retirada.

Contudo, acima da confiança nos castelos, o sultão Baybars via o exército como o alicerce do estado mameluco. Adotando e ampliando o sistema existente de recrutamento mameluco, ele comprou milhares de jovens escravos, provindos dos turcos quipchaques e, mais tarde, do Cáucaso. Esses meninos eram treinados e doutrinados como soldados mamelucos, e então, com a idade de dezoito anos, libertados para servirem seus mestres dentro do sultanato mameluco. Este procedimento criou uma força militar constantemente autorrejuvenescedora – o que um historiador moderno chamou de “nobreza de uma geração” – pois as crianças nascidas de mamelucos não eram vistas como parte da elite militar, embora lhes fosse permitido o alistamento das reservas halgas, de segunda

classe.

Baybars investiu imensas reservas financeiras na construção, treinamento e refinamento do exército mameluco. No total, o número de mamelucos havia quadruplicado, chegando a 40 mil soldados montados. O núcleo desta força era o regime mameluco real, composto por quatro mil homens – a nova elite de Baybars, treinada e refinada numa unidade prática na cidadela do Cairo. Ali, era ensinada aos recrutas a arte da esgrima – aprendendo a desferir golpes precisos por meio da repetição do mesmo movimento até mil vezes por dia – e o tiro de arco a cavalo com poderosos arcos recurvos compostos. O sultão enfatizava a disciplina rígida e o rigoroso comportamento militar em todas as seções do exército mameluco. Durante seu reinado, dois imensos hipódromos foram construídos no Cairo – arenas de treinamento onde as habilidades essenciais da cavalaria e do combate podiam ser aperfeiçoadas. Sempre que estava na capital, o próprio Baybars ia diariamente praticar a arte da guerra, estabelecendo um padrão de profissionalismo e dedicação. Seus mamelucos eram incentivados a fazer experiências com novas armas e técnicas, com alguns arqueiros até tentando atirar flechas embebidas em fogo grego de seus cavalos.¹⁰

Tendo alcançado a idade adulta, os mamelucos eram pagos, mas também se esperava que mantivessem seus próprios cavalos, armaduras e armas. Para garantir que suas tropas estavam devidamente preparadas, Baybars instituiu revistas, nas quais o exército inteiro, em total uniforme marcial, desfilava diante do sultão num único dia (em parte para garantir que o equipamento não estava sendo desperdiçado). Deixar de assistir a essas demonstrações era punível com a morte. O medo também era usado para manter a ordem enquanto se estivesse em campanha. O consumo de vinho era proibido em muitas expedições, e o soldado apanhado desobedecendo a essa proibição era sumariamente enforcado.

Para reforçar o componente humano das forças armadas mamelucas, Baybars investiu em certas formas de armamento mais pesado. Grande atenção foi dedicada ao desenvolvimento de armas de assédio, inclusive catapultas de contrapeso, ou trabucos.^b Estas máquinas tornaram-se o suporte principal do arsenal mameluco de assédio. Podendo ser desmontadas, levadas até a um alvo e então prontamente remontadas, as maiores podiam lançar pedras pesando mais de duzentos quilos. Além do poder militar bruto, Baybars também atribuiu grande valor a um serviço de inteligência preciso e atualizado. Assim, manteve uma extensa rede de espiões e batedores por todo o Oriente Próximo e recebia relatórios de agentes infiltrados entre os mongóis e os francos. O sultão também

ofereceu um generoso patronato aos beduínos árabes do Levante, assim contando com seu valioso apoio, tanto nos conflitos militares quanto na obtenção de informações. Com esses diferentes métodos, Baybars construiu o mais formidável exército muçulmano da era das cruzadas; uma força mais numerosa, disciplinada e feroz que qualquer outra já enfrentada na guerra pela Terra Santa – a perfeita máquina militar de sua época.¹¹

Tendo legitimado e consolidado cuidadosamente seu controle do poder, o sultão voltou-se, em 1265, para um estado islâmico unido para empregar essa arma mortífera em nome da jihad.

A GUERRA CONTRA OS FRANCOS

Ao contrário de seus predecessores aiúbidas, o sultão Baybars demonstrou pouco ou nenhum interesse por um acordo com o Ultramar. Em vez de apaziguar os francos para preservar os laços comerciais e impedir uma cruzada da Europa Ocidental, ele pura e simplesmente procurou erradicar a presença latina no Levante. Baybars calculou que, desta forma, o fluxo de comércio seria forçado a retroceder através do Egito mameluco e que, sem nenhuma cabeça de ponte na Terra Santa, qualquer tentativa do Ocidente de montar uma invasão sem dúvida fracassaria. O sultão estava sempre ciente da necessidade de se manter atento à ameaça mongol, mas isto não o impediu de iniciar uma série de impiedosos ataques contra os Estados cruzados.

Enquanto o trabalho de preparação avançava a passos rápidos no mundo mameluco durante todo o início da década de 1260, Baybars empreendeu alguns ataques incidentais exploratórios na Palestina franca, dos quais o único resultado notável foi a destruição da igreja de Nazaré. Para impedir qualquer explosão prematura de hostilidades em escala total, o sultão concordou com algumas tréguas limitadas com várias facções do reino latino – um reino que agora se mostrava incrivelmente desunido e enfraquecido. O pacto mais útil foi feito com João de Ibelin, conde de Jafa, um dos últimos grandes nobres do Ultramar. Em 1261, Baybars aceitou as súplicas de João pela paz, e em troca usou o porto de Java para transportar suprimentos de grão do Egito aos territórios mamelucos da Palestina. Em 1265, contudo, com o assédio mongol de al-Bira tendo fracassado, a ofensiva de Baybars contra os francos começou a sério.

Um caminho de destruição

Durante os três anos seguintes, o sultão Baybars realizou uma campanha brutal de conquista e devastação, lançando a guerra numa escala não testemunhada desde os dias de Hattin em 1187. Para oferecer uma justificativa formal de seu ataque, o sultão acusou os francos de incentivo à recente invasão mongol do território mameluco ao norte. Então, no início de 1265, empreendeu seu próprio assalto. No passado, o primeiro objetivo de Baybars pode ter sido confrontar o exército dos francos, mas agora apenas sobrara um remanescente em frangalhos dessa força. Assim, o sultão estava livre para dar início à tarefa de eliminar os assentamentos latinos relativamente sem resistência.

Em fevereiro, o exército mameluco acampou nos bosques perto da cidade costeira fortificada de Arsuf. Baybars fez erguer uma enorme tenda ao lado do pavilhão real, dentro da qual três trabucos foram reunidos secretamente. Com o aparato de assédio preparado, o exército marchou contra o porto latino de Cesareia em 27 de fevereiro. Aparecendo subitamente, os muçulmanos rapidamente garantiram o controle da cidade baixa, enquanto a população cristã fugia para a cidadela – uma das que haviam sido recentemente refortificadas com a ajuda do rei Luís IX. O sultão posicionou seus trabucos, dando início a um pesado bombardeio com pedras e fogo grego, enquanto uma torre de assédio era erguida, em cima da qual ele lutou em pessoa. Em 5 de março, os defensores atormentados fugiram em alguns navios enviados de Acre, abandonando Cesareia, e Baybars ordenou que a cidade e a cidadela fossem totalmente arrasadas.

Mais uma vez, sem anunciar seu alvo, o sultão deslocou-se em direção sul em 19 de março e cercou Arsuf, que nessa época era circundado por um grande fosso e possuía um resistente torreão. A princípio, as unidades mamelucas sob o comando de Qalawun tentaram abrir caminho até as muralhas de Arsuf enchendo partes de seu fosso com grandes quantidades de madeira (tiradas das florestas locais), mas os defensores conseguiram queimar essas pilhas de troncos durante a noite. Depois desse revés inicial, Baybars atacou a cidade com um incessante bombardeio aéreo, e a guarnição finalmente capitulou em 30 de abril de 1265 e foi feita prisioneira. Diante dessa aterrorizante ofensiva, os francos

baseados em Acre, bastante superados em números, ficaram completamente impotentes. Mesmo quando o governante nominal do Reino de Jerusalém, Hugo de Lusignan, chegou de Chipre em 23 de abril com um pequeno reforço, nenhuma ação foi tomada para conter a invasão mameluca. No início de maio, Baybars instruiu suas tropas a demolir Arsuf e, em triunfo, levou seus prisioneiros cristãos para o Egito, forçando-os a entrar no Cairo com cruzes quebradas penduradas nos pescoços. Nesse verão, o sultão escreveu para informar Manfredo da Sicília sobre esses sucessos. Numa total demonstração da indiferença casual pelo futuro do Ultramar que agora prevalecia em alguns círculos ocidentais, Manfredo respondeu com o envio de presentes congratulatórios ao Egito. Outros, inclusive o papado, começaram a pensar numa ação quando tomaram conhecimento da agressão mameluca.

Nesta primeira onda de ataque, Baybars arremeteu com velocidade e eficiência. Seus métodos e sucessos revelaram o domínio mameluco da técnica do assédio e sua surpreendente supremacia numérica e tecnológica. O sultão também havia exibido a habilidade de empregar a dissimulação de modo a impedir que seu inimigo latino se preparasse para um ataque. Em campanhas futuras Baybars tomou todo o cuidado para manter esse elemento surpresa. Sempre suspeito de espiões e batedores inimigos, usou mensageiros para entregar ordens a seus generais, com detalhes sobre o próximo alvo, com quem somente deveriam lidar depois de iniciada a marcha. E, acima de tudo, o sultão havia demonstrado que, no caso de Cesareia e Arsuf, sua intenção era a destruição, e não a ocupação. Ao longo de toda a costa Mediterrânea, sua política seria varrer os portos latinos da face da Terra Santa, fechando, uma a uma, as portas que ligavam o Ultramar com o Ocidente.

Dobrando os francos

Baybars renovou seus ataques na primavera de 1266. Um exército de cerca de 15 mil homens foi enviado a norte sob o comando de Qalawun para devastar o condado de Trípoli, onde algumas fortalezas menores foram arrasadas. Ainda naquele verão, uma segunda força mameluca foi despachada, desta vez para punir os cristãos armênios da Cilícia por sua aliança com os mongóis. O exército muçulmano invadiu em agosto de 1266 e começou a destruir uma sucessão de povoações armênias. Esta campanha inexorável deixou o reino cilício de Hethum num estado tremendamente enfraquecido.

Nesse ínterim, o sultão comandou o grosso de suas forças numa série de ataques devastadores costa acima, aplicando uma estratégia de terra arrasada a locais como Acre, Tiro e Sídon. O exército mameluco então se voltou para o interior para atacar a grande fortaleza templária de Safad na Galileia, o último baluarte latino no interior da Palestina. Segundo o chanceler de Baybars, este castelo foi atacado porque “era uma pedra no sapato da Síria e um obstáculo para que o peito do Islã respirasse”. O cerco começou em 13 de junho de 1266, com uma mistura de bombardeio e sapa, e embora os defensores templários oferecessem uma forte resistência, foram eventualmente forçados a se render em 23 de julho. Condições da rendição foram acordadas supostamente permitindo aos francos um salvo-conduto até a costa, mas nunca foram cumpridas. Por descarada enganação ou porque se descobriu que os templários ainda estavam armados quando começaram a sair de Safad, Baybars ordenou a execução da guarnição. Cerca de 1.500 cristãos foram devidamente levados a uma colina próxima – local em que os templários tinham tradicionalmente executado cativos muçulmanos – e todos foram decapitados. Um único franco foi poupado e enviado a Acre para levar as notícias desses eventos, assim inspirando medo.¹²

Na esteira desse massacre, Baybars refortificou Safad com grande cuidado e com um considerável gasto, e guarneceu a fortaleza com tropas muçulmanas. Além de fortalecer as muralhas, duas mesquitas também foram construídas em seu interior. Isto estabelecia um segundo braço da estratégia do sultão: a retenção das mais importantes fortalezas do interior como centros de administração mameluca e dominação militar. Nos meses que se seguiram, ele destruiu uma série de

outros castelos e povoados na Palestina, inclusive Ramla. No final do verão, o interior da Galileia e da Palestina estavam sob controle mameluco.

Tendo sofrido dois anos de absoluta derrota, os latinos do Ultramar ficaram em total desordem, inseguros de como reagir a esse inimigo aparentemente incontrolável. Em outubro de 1266, Hugo de Lusignan tentou bravamente conduzir um exército de 1.200 homens à Galileia, mas quase metade dele foi massacrada pela força muçulmana agora estacionada em Safad. A partir de então, os francos começaram a pedir que os mamelucos garantissem termos de paz, por mais punitivos que fossem. Em alguns casos, Baybars contentou-se com neutralizar e isolar potenciais oponentes enquanto a obra de conquista e destruição avançava em outras partes. Em 1267, por exemplo, o mestre dos hospitalários concordou com um humilhante tratado de dez anos cobrindo os castelos de Krak des Chevaliers e Margab, concordando em abrir mão dos tributos tradicionalmente cobrados dos muçulmanos locais e reconhecendo o direito de Baybars de anular o tratado quando bem desejasse. Contudo, quando os francos de Acre desesperadamente tentaram negociar uma trégua em março desse mesmo ano, Baybars recusou-a totalmente e, em maio, fez outra incursão destruidora aos arredores da cidade, aterrorizando a população e queimando as plantações. Segundo um cronista latino, os mamelucos “mataram mais de quinhentas das pessoas comuns” feitas prisioneiras nos campos, e então “arrancaram-lhes o couro cabeludo desde a parte inferior das orelhas”. Estes escalpos foram então supostamente pendurados numa “corda em torno da grande torre de Safad”. Esta história não é confirmada por nenhuma fonte muçulmana, mas indica claramente o nível de horror experimentado ou imaginado pelos cristãos durante os terríveis assaltos de Baybars.¹³

O destino de Antioquia

Os assíduos preparativos de Baybars no início da década de 1260 produziram alguns frutos consideráveis. Os postos avançados do Reino de Jerusalém estavam sendo eliminados praticamente à vontade, e o poder da Armênia Cilícia tinha sido completamente eliminado. Mesmo assim, os mamelucos ainda tinham que conquistar uma das grandes cidades do Ultramar – para esmagar o Estado cruzado e enviar a mensagem de que os dias do domínio latino no Levante estavam terminando. Em 1268, como os mongóis ilcanidas ainda não davam sinais de lançar uma nova invasão, o sultão decidiu que a hora disso havia chegado. Como alvo, escolheu o território de Boemundo VI, senhor de Trípoli e Antioquia – o príncipe franco que havia se aliado aos mongóis em 1260.

Com vistas firmemente para o norte, Baybars saiu do Egito naquela primavera. Fez uma breve pausa em Jafa. A trégua acordada com João de Ibelin havia terminado (o próprio João morreria em 1266), e o sultão recusou-se bruscamente a renovar os termos de paz. O porto caiu prontamente a seu ataque de um dia e meio, sendo logo demolido. Depois desta breve interrupção, Baybars levou seus exércitos ao condado de Trípoli, marchando costa acima no início de maio e deixando uma trilha de destruição atrás deles. Uma testemunha muçulmana contemporânea descreveu como “as igrejas (foram) varridas da face da terra... com os mortos empilhados nas praias como ilhas de cadáveres”.

Boemundo VI estava escondido em Trípoli, preparando-se para resistir a um cerco, mas os mamelucos passaram direto pela cidade. O objetivo de Baybars era Antioquia. Avançando em direção norte via Apamea, ele chegou aos arredores da cidade em 15 de maio de 1268. O poderio de Antioquia como Estado cruzado havia desaparecido há muito, mas suas grandes muralhas ainda estavam de pé, contendo uma população de dez mil pessoas. O sultão, a princípio, parece ter incentivado os habitantes da cidade a negociar os termos de uma capitulação, mas eles ousadamente se recusaram, preferindo confiar nas mesmas muralhas que haviam repellido numerosos senhores de guerra muçulmanos, de Il-ghazi a Saladino. Isto se revelou uma loucura e um erro fatal. O exército mameluco cercou a cidade em 18 de maio e, em um dia, as tropas de Baybars chegaram perto da cidadela no Monte Silpius. Seguiu-se um massacre sangüinário e

selvagem, fazendo eco àquele realizado pelos francos no momento de sua própria conquista, quase exatamente 170 anos antes. Em retribuição por sua teimosa recusa em se submeter, o sultão trancou os portões de cidade, de modo que ninguém podia escapar.

Jactando-se do triunfante horror desse momento, Baybars escreveu a Boemundo VI para relatar o saque de Antioquia. Em termos sarcásticos, congratulou o governante franco por não ter estado na cidade, “pois, caso contrário, estaria morto ou aprisionado”, e descreveu, como, se ele estivesse presente, “teria visto seus cavaleiros prostrados debaixo dos cascos dos cavalos... as chamas se espalhando por seus palácios, seus mortos queimando neste mundo, antes de irem para o fogo do outro mundo”. A queda da cidade ofereceu aos mamelucos uma grande pilhagem – afirmou-se que eles levaram dois dias simplesmente para dividir o saque – mas, depois que a limparam, os homens de Baybars deixaram Antioquia em total ruína, da qual ela não se recuperaria por séculos. Os poucos postos avançados dos templários remanescentes a norte foram imediatamente abandonados, enquanto o patriarca teve a permissão de permanecer em seu castelo em Cursat (um pouco ao sul) por mais alguns anos, mas apenas como súdito mameluco. O principado de Antioquia – outrora o grande bastião norte do Ultramar – havia sido devastado, reduzido a um enclave minúsculo e isolado no porto de Latáquia. Agora restavam apenas as ameaçadas carcaças de dois Estados cruzados: o condado de Trípoli e o Reino de Jerusalém.¹⁴

Em três anos de feroz campanha, o sultão Baybars havia demonstrado a força incomparável da máquina militar mameluca, desnudado sua fome de conquistar e de empreender a jihad, além de expor a lamentável fraqueza dos francos. Em 1269, ele permitiu que seus exércitos vitoriosos fizessem uma pausa para respirar e, naquele verão, permitiu-se o luxo de fazer o hajj, embora tenha viajado incógnito para não deixar o sultanato vulnerável a alguma ameaça, externa ou interna. Com esta afirmação de sua fé islâmica realizada, Baybars voltou à Síria e começou a visitar seus domínios durante todo o outono. Neste momento, ele aparentemente exibia absoluta confiança em sua capacidade, para finalmente eliminar os últimos vestígios dos assentamentos latinos e resistir a qualquer ameaça renovada de invasão mongol.

Mas, então, notícias da devastação do Ultramar e da emergência do terrível flagelo mameluco do Levante começaram a chegar ao Ocidente. Velhos e novos campeões estavam aceitando a cruz, com os olhos voltados a uma última oportunidade de reclamar a Terra Santa.

aO Império Corásmio ou Corasmo foi uma dinastia muçulmana sunita de influência persa iniciada por turcomanos de origem mameluca. (N.T.)

bÀs vezes chamadas de trabucos de contrapeso, para distingui-las de outra arma, o trabuco de tração, inventado antes do trabuco de contrapeso. (N.T.)

cEm árabe : حَجَّ ; transl .: Hajj ou Hadj) é o nome dado à peregrinação a Meca que todo muçulmano adulto com condições físicas e financeiras deve fazer pelo menos uma vez na vida. (N.T.)

23. A TERRA SANTA RECLAMADA

No final da década de 1260, pouco restava dos outrora poderosos assentamentos cruzados no Ultramar. Os francos estavam agora confinados a uma faixa costeira que começava ao norte no Castelo dos Peregrinos dos Templários (ao sul de Haifa), passando por Acre, Tiro, Trípoli e Margat e ia até o posto avançado de Laodiceia. Só um punhado de castelos ainda se erguia no interior, incluindo o quartel da Ordem Teutônica em Montfort e a temível fortaleza templária, o Krak des Chevaliers. A rivalidade interna grassava entre os latinos, com vários reclamantes contestando o trono de Jerusalém, os mercadores italianos de Veneza e Gênova brigando pelos direitos comerciais e até as Ordens Militares se envolvendo em rusgas políticas mesquinhas. A autoridade centralizada havia se desenvolvido de tal forma que cada cidade franca funcionava como unidade política independente. O choque da conquista de Antioquia em 1268 nada fez para conter essa descida espiralada para a desunião e a decadência.

Nesse ínterim, o sultão Baybars havia obtido grandes vitórias contra os cristãos, afirmando de modo manifesto seu compromisso com a jihad. Seu impiedoso tratamento da guerra santa havia reduzido os Estados cruzados a uma posição de quase total vulnerabilidade. Mas o sultão tinha que estar atento à ameaça representada pelos mongóis. Os problemas que, durante anos, os paralisaram na Mesopotâmia, Ásia Menor e Rússia – incluindo prolongadas disputas dinásticas e a declarada hostilidade entre a Horda Dourada e o Ilcanato da Pérsia –, agora começavam a diminuir. Abaqa, o enérgico novo ilkhan, chegou ao poder em 1265 e imediatamente tentou garantir uma aliança contra os mamelucos com a Europa Ocidental. Havia a ameaça de um destrutivo assalto ilcanida contra o Islã. Contudo, na primavera de 1270, quando Baybars procurava controlar essa ameaça vinda do Norte, chegaram-lhe notícias em Damasco de que os franceses estavam, no Ocidente, se preparando para uma cruzada. Lembrando-se muito bem do estrago no Egito provocado pela última invasão latina em 1249, o sultão imediatamente voltou ao Cairo para preparar as defesas muçulmanas.

A SEGUNDA CRUZADA DO REI LUÍS

De volta a Roma, o papa Clemente IV ficou profundamente alarmado pela feroz campanha mameluca que começara em 1265. Reconhecendo que a guerra pela Terra Santa estava sendo perdida, em agosto de 1266 Clemente IV começou a formular planos para uma cruzada relativamente pequena, mas rapidamente organizada com cuidado. Ele recrutou muitas tropas, principalmente dos Países Baixos – instruindo-as a zarpar, no máximo, até abril de 1267 – e abriu negociações para uma coalizão com Abaga e o imperador bizantino Miguel VIII. No final do verão de 1266, contudo, o rei Luís IX da França tratou de assumir a expedição. Veterano da guerra santa, agora com cinquenta e poucos anos, cada vez mais apegado às suas devoções religiosas, ele achou que essa era uma chance de apaziguar as conturbadas lembranças de Mansura. Naquele setembro informou ao papa, em particular, seu desejo de se juntar à cruzada. Em certo sentido, o alistamento de Luís – confirmado publicamente por um voto de cruzado em 25 de março de 1267 – foi uma dádiva, pois prometia resultar numa campanha muito maior e mais poderosa. Com isto em mente, Clemente IV postergou a iniciativa menor em que havia originalmente pensado. De um modo um tanto irônico, este adiamento (resultado do entusiasmo do rei) deixou Baybars livre para esmagar Antioquia em 1268.

Como já havia feito na década de 1240, Luís IX fez cuidadosos preparos financeiros e logísticos para essa segunda empreitada. O recrutamento para esta campanha não foi tão entusiasmado – João de Joinville, o velho companheiro de armas do rei, foi um que não se alistou. Mas dados os reveses sofridos pelas expedições anteriores e as preocupações expressas em alguns setores quanto ao aparente abuso papal do ideal cruzado, o número de participantes foi surpreendentemente substancial. A figura mais notável a aceitar a cruz foi lorde Eduardo, futuro rei da Inglaterra. Recém-saído vencedor da guerra civil que havia ameaçado os domínios de seu sitiado pai, o rei Henrique III, lorde Eduardo comprometeu-se com a cruzada em junho de 1268 e, deixando de lado toda animosidade com a França, concordou em coordenar sua expedição com a do rei Luís IX.

Contudo, em novembro de 1268 Clemente IV faleceu, e devido às divisões na

Igreja quanto às relações de Roma com o ambicioso (e segundo alguns relatos, não tão confiável) Carlos de Anjou (o irmão sobrevivente de Luís IX e agora rei da Sicília), nenhum sucessor do papa foi escolhido até 1271. Durante este interregno, o senso de urgência que Clemente IV procurara instilar nos cruzados rapidamente se dissipou. Com o ímpeto perdido, a partida foi postergada até o verão de 1270. E enquanto isso, renovadas tentativas foram feitas para contatar o ilkhan mongol Abaga, e em março de 1270 Carlos de Anjou acabou por aceitar a cruz.

Depois que finalmente embarcou em Aigues-Mortes em julho de 1270, essa cruzada mostrou-se um patético anticlímax da anterior. Por motivos que nunca foram satisfatoriamente explicados, mas podem muito bem ter relação com as maquinações de seu intrigante irmão Carlos, Luís IX desviou-se de sua rota declarada para a Palestina. Em vez disso, zarpar para Túnis (na moderna Tunísia), que era então governada por um senhor da guerra muçulmano independente, Abu Abdallah. O rei franco chegou ao norte da África aparentemente na esperança de que Abdallah se convertesse ao cristianismo e colaborasse em um ataque ao Egito mameluco. Quando ele se recusou a fazê-lo, foram feitos planos para atacar Túnis – o que por fim nunca aconteceu. No calor de meados do verão, a doença caiu sobre o acampamento cruzado e, no início de agosto, o próprio rei ficou doente. Em três semanas, suas forças o abandonaram. Em 25 de agosto de 1270, o piedoso monarca cruzado Luís IX falecia, com seu ato final tendo sido uma infrutífera campanha muito distante da Terra Santa. A lenda afirma que suas últimas palavras foram: “Jerusalém, Jerusalém”. Os sonhos do rei de recuperar aquela cidade sagrada deram em nada, mas sua sincera devoção era inequívoca. Em 1297 Luís IX foi canonizado santo.¹⁵

Após a morte de Luís IX, foram feitos esforços, em meados de novembro, de zarpar para o Levante, mas quando uma boa parte da esquadra afundou em meio a uma grande tempestade, a maioria dos francos voltou para a Europa. Só Carlos de Anjou acabou lucrando com a empreitada, ao assinar um tratado com Abu Abdallah que produziu o pagamento de ricos tributos à Sicília. Lorde Eduardo da Inglaterra, sozinho na liderança dos cruzados, recusou-se a abrir mão de seu propósito e insistiu em prosseguir viagem para o Oriente Próximo com uma pequena frota de treze navios.

APERTANDO O LAÇO

Cerca de seis meses antes, em maio de 1270, Baybars havia retornado ao Cairo para preparar o Egito contra a esperada invasão do rei Luís IX. Ele levou essa ameaça a sério, colocando a região do Nilo em alerta máximo, e depois demoliu as muralhas de Ascalão e encheu seu porto com pedras e troncos para torná-lo inutilizável. Mas, no outono, a notícia da morte do rei franco chegou ao Cairo, trazendo alívio e deixando o sultão livre para preparar o exército mameluco para outra campanha.

A fortaleza impugnável

No início de 1271, Baybars marchou em direção norte para atacar os remanescentes postos avançados latinos na parte sul dos Montes Ansariyah – que outrora haviam sido a zona fronteira entre Antioquia e Trípoli. Esta área era dominada por um castelo hospitalário supostamente impugnável: o Krak des Chevaliers. Desde que as cruzadas começaram, nenhum comandante muçulmano havia feito uma tentativa séria de investir contra essa fortaleza, empoleirada num espinhaço íngreme e dominando a região à sua volta. Significativamente fortalecida por um intenso programa de construção no início do século XIII, as defesas de Krak agora se erguiam como perfeita expressão da vanguarda da tecnologia franca de construção de castelos. Contudo, mesmo diante desse desafio aparentemente intransponível, Baybars não se deteve. Chegando com a força de um arsenal balístico, cercou a fortaleza em 21 de fevereiro.

Krak só permitia a aproximação pelo sul do espinhaço, e foi ali que os hospitalários haviam posicionado suas defesas mais resistentes: muralhas duplas, alinhadas com robustas torres redondas; um fosso interno, levando a um talude (parede de pedra inclinada) para impedir a solapamento. Contudo, os mamelucos concentraram seu bombardeio neste setor e, depois de mais de um mês, a barreira eventualmente cedeu, provocando o desmoronamento das muralhas externas do lado sul. Isto não foi o fim do problema, pois os hospitalários conseguiram se retirar para a área interna – uma cidadela compacta que era praticamente indestrutível. Percebendo que vencer esse obstáculo provavelmente custaria a vida de muitos soldados muçulmanos e certamente resultaria num dano à própria estrutura do castelo, Baybars mudou de tática. No início de abril, forjou uma carta apresentada ao comandante da guarnição latina. A missiva, supostamente do mestre dos hospitalários, instruía os cavaleiros a buscar os termos de uma rendição. Não se sabe exatamente se eles foram enganados pelo ardil do sultão ou se meramente aproveitaram a oportunidade para capitular com um mínimo de honra. De qualquer modo, os hospitalários se entregaram em 8 de abril de 1271 e foi-lhes garantida passagem livre até Trípoli. Em maio, os muçulmanos caíram sobre alguns fortes afastados e, com confiança, Baybars novamente escreveu a Boemundo VI, desta vez para advertir o conde de Trípoli de que as correntes estavam prontas para o seu aprisionamento. O sultão ordenou

o principal avanço em 16 de maio, mas, ao mesmo tempo, recebeu a notícia da chegada de lorde Eduardo a Acre com um exército cruzado. Incerto quanto ao nível preciso da ameaça contra a Palestina, Baybars cancelou a invasão de Trípoli e acedeu prontamente aos pedidos de Boemundo VI de uma trégua, concordando com uma paz de dez anos.¹⁶

Lorde Eduardo da Inglaterra

Viajando via Damasco, o sultão chegou ao norte da Palestina, pronto para conter um ataque dos cruzados de lorde Eduardo vindo de Acre. Contudo, logo ficou claro que o lorde inglês tinha chegado apenas com um contingente limitado de tropas. Livre para agir, Baybars prontamente sediou o castelo de Montfort – o quartel da Ordem Teutônica, nas colinas a leste de Acre. Mais uma vez, a vitória logo se seguiu. Depois de três semanas de bombardeio pesado e solapamento, a fortaleza se rendeu em 12 de junho e, neste caso, foi demolida em seguida. Em julho de 1271, lorde Eduardo montou uma incursão de pouca duração ao território muçulmano a leste de Acre, mas logo deu meia-volta quando seus soldados caíram doentes, desacostumados com o calor e a comida local. Este tipo de incursão fugaz causou pouca preocupação ao sultão. Sua maior preocupação era a possibilidade de uma aliança entre os cruzados ingleses e os mongóis ilcanidas. De fato, fontes cristãs deixam claro que, ao chegar ao Levante, lorde Eduardo despachou imediatamente enviados a Abaga, mas parece que nenhuma resposta foi obtida. Mesmo assim, naquele outono, por coincidência ou planejamento, os mongóis e os latinos conseguiram lançar ofensivas mais ou menos simultâneas. Em outubro, tropas ilcanidas marcharam contra o norte da Síria e devastaram a região em torno de Harim. Enquanto isso, no final de novembro, lorde Eduardo montava uma segunda expedição punitiva à área sudeste de Cesareia. Contudo, nenhum desses ataques foi feito com resolução, nem houve nenhuma demonstração real de determinação, e, em vez de comandar pessoalmente, Abaga enviou um de seus comandantes. Baybars foi forçado a preparar algumas divisões mamelucas, mas dominou facilmente essas duas incursões menores. Com recursos tão limitados à sua disposição, não havia muito mais que lorde Eduardo pudesse fazer. Quando lutou no Ocidente, ele provara ser um hábil general e um guerreiro frio – qualidades que se destacariam durante seu período como rei da Inglaterra –, mas na Palestina não teve uma oportunidade verdadeira de exercer esses talentos. Mesmo assim, a cruzada inglesa beneficiou o Ultramar, suspendendo o ataque a Trípoli e levando Baybars a reavaliar suas prioridades estratégicas. A recente ofensiva ilcanida foi repelida, mas parecia pressagiar uma nova era de agressão mongol e expunha os perigos potenciais de uma aliança entre Abaga e os francos. Com tudo isto em mente, o

sultão decidiu negociar a segurança na Palestina, concordando com uma trégua de dez anos com o Reino de Jerusalém em 21 de abril de 1271. O acordo deu aos latinos pequenas concessões territoriais e uma promessa de acesso a Nazaré para os peregrinos. Baybars estava disposto a usar a negociação para neutralizar o Reino de Jerusalém, mas já havia decidido empregar meios mais violentos para lidar com a lenta e imprevisível ameaça representada pelo lorde Eduardo.

Em algum momento durante os meses precedentes, o sultão havia contratado um assassino para matar o cruzado inglês. Utilizando um embuste lento e cuidadoso, este muçulmano conseguiu entrar em Acre – dizendo querer ser batizado – e então se infiltrou no serviço a Eduardo. Numa noite de maio, ele pegou o cruzado desprotegido em seus aposentos e o atacou repentinamente com um punhal. Reagindo instintivamente, Eduardo desviou-se do golpe e a lâmina provocou-lhe apenas um pequeno ferimento, talvez na virilha. O atacante foi espancado até a morte e, temendo que houvesse veneno envolvido no atentado, o príncipe inglês recebeu imediatamente um antídoto. Esta pode ter sido uma medida desnecessária; de qualquer modo, depois de algumas semanas de convalescença, Eduardo recuperou a saúde. Tendo sobrevivido a este embate com a morte, ele deixou o Oriente Próximo no final de setembro de 1272.¹⁷

Mudança de enfoque

Com os tratados de paz com os francos na Palestina e em Trípoli, Baybars voltou sua atenção para os mongóis. No final de 1272, Abaqa lançou outra ofensiva, mais concertada, que só foi repelida depois de uma série de embates travados com dificuldade em que Qalawun se destacou. O sultão agora estava resolvido a tratar do problema ilcanida diretamente. Em vez de esperar outras invasões, decidiu enfrentar o inimigo – voltando ao Egito, começou a fazer planos para a campanha mais ambiciosa de sua carreira.

Em 1273 Baybars enfrentou dois problemas. Durante anos, seu desacreditado confidente sufi Khadir al-Midrani tinha sido motivo de irritação e suspeita por parte dos principais emires do sultão. Khadir ganhou uma reputação de descontrolado desvio sexual e de adúltero voraz; também era dado à profanação dos lugares sagrados de outras religiões – provocando danos significativos em locais como o Santo Sepulcro. Em maio de 1273, os emires finalmente o acuaram sob as acusações irrefutáveis de desfalque e forçaram o sultão a reconhecer os crimes de seu confidente em um tribunal do Cairo. A pena de morte foi prescrita, mas logo comutada para aprisionamento quando Khadir profetizou que sua própria morte seria imediatamente seguida pela de Baybars. Em julho desse mesmo ano, o sultão também se voltou contra os Assassinos. A Ordem Isma'ili havia mantido uma presença enfraquecida nos flancos ocidentais das Montanhas Ansariyah durante o século XIII. Apesar de ter recorrido a seus serviços em 1272, Baybars agora achou que sua continuada independência era inaceitável. Forças mamelucas foram então instruídas a tomar posse das fortalezas remanescentes dos Assassinos, incluindo Masyaf, e deste ponto em diante os remanescentes da Ordem foram controlados pelo sultanato.

Para além dessas preocupações menores, Baybars pôs em dia a força total de sua energia e de seus recursos em meados da década de 1270 para os preparativos de um ataque ao território ilcanida. Rejeitando um golpe frontal ao Iraque – provavelmente devido ao fato de que as forças mamelucas e mongóis estavam bastante equilibradas para essa estratégia obtusa –, o sultão lançou cuidadosamente as bases para uma invasão da Ásia Menor (então um protetorado ilcanida). No início de 1277, ele conduziu seus exércitos do norte da

Síria para a Anatólia e lá obteve uma série de incríveis sucessos – derrotando, em abril, os mongóis estacionados na Ásia Menor em Elbistan. Deixando para trás cerca de sete mil inimigos mortos, Baybars imediatamente se autoproclamou sultão da Anatólia, mas sua vitória teve pouca duração. Com outro grande exército ilcanida a caminho, os mamelucos ficaram perigosamente isolados e encararam a possibilidade de ficarem sem comunicação com a Síria. Num reconhecimento tácito de que havia sobrecarregado suas forças, o sultão ordenou uma rápida retirada. Ele havia provado que a ameaça mongol podia ser contida, mas também teve que aceitar que não podiam ser decisivamente derrotados em seu próprio território.

A determinação de Baybars de imobilizar a Pérsia ilcanida o havia levado para longe da guerra contra os francos. Essa luta ainda poderia ser completada, mas ao retornar a Damasco em meados de junho de 1277, o sultão contraiu uma severa disenteria. Um de seus últimos atos foi despachar um mensageiro, ordenando a libertação do adivinho Khadir. Em 28 de junho, Baybars, o Leão do Egito, morreu. Sua mensagem chegou devidamente ao Cairo, mas o perdão chegara tarde demais. Khadir já tinha sido estrangulado por Baraka, filho e herdeiro de Baybars. Seja devido ao acaso ou ao desejo supersticioso de Baraka de apressar a morte do pai, a previsão de Khadir tinha se concretizado.¹⁸

Baybars – o flagelo dos francos

O sultão Baybars nunca conseguiu a vitória total na luta pelo domínio da Terra Santa. Mas durante sua surpreendente carreira, ele havia defendido o sultanato mameluco e o Islã contra os mongóis e infligido o mais sério dano aos Estados cruzados, provocando ferimentos que com certeza se comprovariam fatais. Há muito os historiadores reconheceram as realizações de Baybars na jihad, destacando o forte desvio da política preconizada por seu reino: a derrubada do apaziguamento e da détente dos aiúbidas; a busca intransigente pela guerra, ainda que em duas frentes. Menores esforços têm sido feitos para situar o sultão no contexto da era cruzada mais ampla e julgar seus métodos e realizações em comparação àqueles dos líderes muçulmanos do século XII.

Num certo sentido, Baybars fundiu e aperfeiçoou os modos de governar adotados por esses antecessores. Como o atabeg Zengui, empregou o medo para pacificar seus subordinados e manter a disciplina militar. Mas Baybars também buscou garantir o apoio e a lealdade de seus súditos selando o poder inspirador da devoção religiosa e empregando a propaganda manipuladora – técnicas utilizadas por Nur al-Din e Saladino. Em comum com esses três predecessores, Baybars, como mameluco quipchaque, era um forasteiro; como eles, procurou legitimar seu governo e dinastia, bem como cultivar a reputação de supremo mujahid do Islã.

Mesmo assim, em muitos sentidos, as qualidades e sucessos de Baybars suplantaram os de Zengui, Nur al-Din e até de Saladino. O sultão mameluco foi um administrador mais disciplinado e atento, de uma forma como Saladino nunca fora para as realidades financeiras do estado e da guerra. Quando muito, os zênquidas e os aiúbidas impuseram uma frágil aparência de unidade ao Islã do Oriente Próximo – mas Baybars conseguiu um poder quase hegemônico sobre o Levante e criou um exército muçulmano incomparável e obediente. As circunstâncias e as oportunidades sem dúvida desempenharam seu papel, mas talvez, acima de tudo, tenham sido os traços pessoais de Baybars que o distinguiram. Durante os dezessete anos de seu sultanato, sua incansável energia o fez viajar por cerca de 40 mil quilômetros, agindo em 38 campanhas. O gênio militar trouxe-lhe mais de vinte vitórias contra os latinos. E, o que foi mais

importante, o sultão foi um adversário incansavelmente impiedoso, cuja ambição não era abrandada pela humanidade ou pela compaixão testemunhadas sob Saladino. Indubitavelmente um déspota brutal e até indiferente, Baybars, contudo, levou o Islã mais próximo que nunca ao triunfo na guerra pela Terra Santa.

TESTES E TRIUNFOS

Baybars tencionava passar o sultanato mameluco para Baraka, seu filho e suposto cogovernante, mas este se mostrou um sucessor inepto, alienando o círculo mais próximo dos emires mamelucos. Uma incontrolável luta pelo poder se seguiu, que viu Baraka derrubado e Qalawun emergir do conflito interno para reclamar o título de sultão em novembro de 1279. Contudo, mesmo assim Qalawun não foi capaz de garantir o controle total do Oriente Próximo muçulmano antes de 1281.¹⁹

Qalawun e o sultanato mameluco

Durante seu primeiro ano de governo, Qalawun assistiu a uma acelerada onda de agressão mongol. O ilkhan Abaqa tirou vantagem da desordem que afligia os mamelucos para enviar uma considerável força de ataque ao norte da Síria em 1280, provocando a evacuação geral de Aleppo. Em 1281 ficou claro que a invasão em escala total, sempre temida por Baybars, estava para começar em breve. Esse lúgubre espectro na verdade possibilitou que Qalawun impusesse um maior grau de união no reino mameluco, mas também o forçou a renovar a trégua com os francos. O sultão chegou a concordar com um tratado de paz com os hospitalários em Margat, apesar de eles terem usado a oportunidade da ofensiva mongol de 1280 para pilhar o território muçulmano.

Com agentes mamelucos infiltrados no ilcanato persa avisando que Abaqa estava preparando seu exército, Qalawun manteve suas tropas em Damasco a partir da primavera de 1281. Um enorme exército ilcanida cruzou o Eufrates naquele outono – talvez incluindo 50 mil mongóis da região, além de outros 30 mil aliados georgianos, armênios e turcos seljúcidas. Mesmo depois de ter posto quase todos os regimentos mamelucos disponíveis no campo de batalha, Qalawun provavelmente tenha sido suplantado numericamente; não obstante, tomou-se a decisão de marchar para Homs, ao norte, e confrontar o inimigo. A batalha aconteceu nas planícies ao norte da cidade em 29 de outubro de 1281. Confiante na disciplina temerosa e na habilidade com as armas, instiladas na máquina de guerra mameluca por Baybars, Qalawun obteve uma segunda vitória histórica sobre os mongóis – fazendo eco às glórias de Ayn Jalut – e a horda ilcanida suplantada bateu em retirada para o outro lado do Eufrates. Com a supremacia mameluca confirmada, o perigo imediato de um ataque mongol se reduziu. Qalawun passou os anos seguintes consolidando seu poder sobre o sultanato, mas em meados da década de 1280 estava livre para redirecionar sua atenção para o aniquilamento do Ultramar.²⁰

Voltando-se para o Ultramar

Apesar das recentes dificuldades mamelucas, os francos levantinos continuavam num estado de vulnerabilidade e desunião. O reino latino de Jerusalém estava despedaçado por disputas pela liderança que culminaram com locais como Beirute e Tiro declarando sua independência. No condado de Trípoli, Boemundo VII (que chegou ao trono depois da morte de seu pai em 1275) estava em conflito declarado com os templários – irritado com o poderio excessivo da ordem em Tortosa – e encarava uma rebelião no porto de Jubail, ao sul. Nesse ínterim, os Estados mercantis italianos estavam às turras em mais outra amarga guerra comercial, desta vez envolvendo Veneza, Pisa e Gênova. Em 1280, os genoveses saíram dessa disputa como força dominante e começaram a impor uma camisa de força ao comércio do Mediterrâneo Oriental.

Os Estados cruzados podiam ter pouca esperança de receber ajuda do Ocidente. No início da década de 1270, enquanto Baybars estava com a atenção concentrada nos mongóis, um novo papa, Gregório X, fora finalmente eleito como sucessor de Clemente IV. No tempo da cruzada do lorde Eduardo e antes de sua elevação ao trono papal, Gregório X tinha visitado Acre e assim estava sabendo dos problemas do Ultramar. Uma vez instalado em Roma, tratou de energizar o Ocidente latino e enfrentar as críticas generalizadas contra as cruzadas. Estas incluíam a condenação dos ataques dos soldados da cruz contra cristãos, o cinismo quanto à redenção do voto de cruzado em troca de dinheiro e a inquietação com a excessiva carga do imposto especial para as campanhas. Além disso, algumas vozes dissidentes sugeriam que os francos levantinos realmente precisavam de ajuda para ter uma força de luta profissional permanente, financiada pelo Ocidente, e não expedições cruzadas mal definidas e intermitentes. O papa Gregório fez algumas indagações quanto ao estado do movimento cruzado, mas também estava determinado a ajudar o esforço de guerra no Oriente Próximo. Tendo convocado o Segundo Concílio de Lyon em maio de 1274, ele anunciou planos para uma nova campanha começando em 1278. Pela força de vontade, garantiu o apoio da França, da Alemanha e de Aragão (reino ao norte da atual Espanha), propondo financiar a empreitada taxando a Igreja em um décimo por seis anos. Mas, apesar de toda sua amplitude, o grande esquema do papa deu em nada. Quando Gregório morreu

em 1276, esse projeto entrou em colapso, e a preocupação com o destino do Ultramar mais uma vez ficou em segundo plano, entre as emaranhadas intrigas da vida política da Europa Ocidental.²¹

Qalawun, portanto, pôde atacar os remanescentes postos avançados dos francos com relativa impunidade a partir de meados dos anos 1280. Ansioso por explorar toda oportunidade de cancelar os tratados já acordados com os cristãos, o sultão condenou os hospitalários por atacarem terras muçulmanas e lançou sua campanha contra Margate em maio de 1285. Sapadores mamelucos conseguiram pôr abaixo uma das torres da fortaleza, e os defensores abriram mão do segundo grande castelo sírio de sua ordem. Como no caso do Krak des Chevaliers, Margat foi reparado e nele se instalou uma guarnição mameluca. Em abril de 1287 Qalawun manteve a pressão ao norte capturando Laodiceia, afirmando que o porto “antioqueno” não era coberto por seu pacto com Trípoli. Naquele outono o condado estava enfraquecido pelas contínuas crises sucessórias que se seguiram à morte de Boemundo VII. Uma guerra civil irrompeu, em que os genoveses procuraram assumir o controle da cidade e assim estabelecer um novo centro comercial no Líbano. Isto culminou, na realidade, com um grupo rival de italianos apelando para a intervenção de Qalawun. Feliz por ter sido presenteado com uma pronta desculpa para invadir Trípoli e impedir que os genoveses desafiassem o ressurgente poder econômico de Alexandria, o sultão reuniu suas forças. Os francos continuaram com suas brigas insignificantes, esquecendo o perigo iminente. Só o mestre dos templários, Guilherme de Beaujeu – que, evidentemente, tinha seus próprios informantes no mundo mameluco –, reconheceu que Qalawun estava prestes a montar um grande cerco, mas suas advertências foram grandemente ignoradas.

O exército mameluco se reuniu no Krak des Chevaliers e então investiu contra Trípoli, iniciando um cerco em 25 de março de 1289. Depois de um mês de bombardeios, a cidade foi invadida em 27 de abril e um saque sanguinário teve início. Centenas, talvez até milhares de homens foram massacrados, enquanto as mulheres e crianças eram escravizadas. Alguns latinos escaparam em navios descendo a costa. Outros, em embarcações menores, se refugiaram na minúscula ilha de São Tomás, perto do continente, mas foram impiedosamente perseguidos pelos soldados de Qalawun e logo massacrados. Lutando no exército mameluco, um nobre de Hama chamado Abu'l Fida mais tarde escreveu: “Depois de saquear (a cidade), fui de barco até a ilha e a encontrei com pilhas de corpos em putrefação; era impossível desembarcar lá devido ao fedor”.

Com a conquista de Trípoli, Qalawun ordenou que a cidade fosse arrasada e que um novo assentamento fosse construído nas proximidades, numa jogada talvez destinada a insinuar sua disposição de erradicar toda lembrança dos francos. Nas semanas que se seguiram, os últimos poucos postos avançados do condado de Trípoli caíram em rápida sucessão; o governador latino de Jubail teve a permissão de ficar, mas só em troca do pagamento de um pesado tributo. Como Baybars antes dele, Qalawun havia destruído um Estado cruzado. Seu olhar então se voltou na direção sul, para os últimos vestígios de assentamentos francos na Palestina – a cidade de Acre – e tiveram início os preparativos para um ataque total à capital do Ultramar latino.²²

1291 – O CERCO DE ACRE

O choque da queda de Trípoli finalmente fez que alguns cristãos latinos reconhecessem que o desastre estava se aproximando. Na Europa, o papa Nicolau IV fez ruidosos esforços para reativar os planos de Gregório X para uma grande cruzada. Nicolau IV também procurou oferecer ajuda imediata, enviando quatro mil livres tournois ao patriarca latino de Jerusalém e fornecendo treze galeras para ajudar na defesa de Acre. Em fevereiro de 1290, o papa convocou uma nova cruzada que tinha o otimista objetivo de conseguir a “liberação total da Terra Santa”. Proibindo todo contato comercial com os mamelucos, Nicolau anunciou a data de partida da expedição para junho de 1294. Em resposta, o rei Jaime II de Aragão prometeu enviar tropas ao Levante, enquanto Eduardo I, agora rei da Inglaterra, enviava um contingente militar a Acre em 1290, sob o comando de Oto de Grandson, veterano da campanha anterior, no início dos anos 1270. Na Páscoa de 1290, um contingente de cerca de 3.500 cruzados italianos também zarparam para a Palestina. Mas além destes sinais de atividade, outras providências estavam em andamento. Apesar de suas garantias ao papa, Jaime de Aragão negociou um tratado com os mamelucos, prometendo não ajudar a cruzada em troca da promessa de que peregrinos aragoneses teriam permissão de visitar Jerusalém. Qalawun também se reconciliou com os genoveses.²³

A esta altura, os mamelucos estavam ocupados com os preparativos para a campanha, mas Qalawun ainda procurava um pretexto para rescindir o tratado com Acre ainda em validade. Isto ocorreu em agosto de 1290, quando alguns dos cruzados italianos recém-chegados atacaram um grupo de mercadores muçulmanos em Acre. Depois de os francos se recusarem a entregar os culpados à justiça sumária, o sultão declarou guerra. Nesse outono, o exército mameluco estava para sair do Egito quando Qalawun caiu doente e morreu em 10 de novembro de 1290, mas seu herdeiro al-Ashraf Khalil estava pronto para assumir o poder sem maiores dificuldades. Depois de uma breve interrupção, Khalil finalmente tratou de concluir a obra iniciada por seu pai.

A última batalha

Qalawun e Khalil reconheceram que a cidade de Acre – pesadamente fortificada, com duas linhas de muralhas e numerosas torres, além de densamente guarnecida –, não seria um alvo fácil. A operação muçulmana, portanto, foi planejada com grande cuidado e premeditação. A estratégia mameluca baseava-se em dois princípios: uma surpreendente superioridade numérica, com dezenas de milhares de cavaleiros mamelucos assistidos por esquadrões de infantaria e equipes especializadas de sapadores, além de um extraordinário arsenal de máquinas de guerra construídas desde o sultanato de Baybars. Nos últimos dias do inverno de 1291, Khalil ordenou que cerca de cem máquinas balísticas que estavam espalhadas pelo Levante mameluco fossem levadas a Acre. Algumas dessas armas eram realmente de escala e poder monstruosos. Abu'l Fida estava no comboio de assédio que contava com uma centena de carros de bois transportando as peças de um enorme trabuco apelidado de “Vitorioso”, que antes se encontrava no Krak des Chevaliers. Ele se queixou de que, marchando embaixo de chuva e de neve, a coluna pesadamente carregada levou um mês para cobrir uma distância que normalmente era vencida em oito dias.

Em 5 de abril de 1291, as tropas do sultão Khalil cercaram Acre a partir da costa norte acima de Montmusard até a parte sudeste do porto, e o assédio teve início. Nesta ocasião, a cidade continha muitos membros das Ordens Militares – incluindo os mestres dos templários e hospitalários – e, com o tempo, a gravidade da ameaça agora imposta à cidade trouxe outros reforços por mar, entre eles o rei Henrique III (monarca titular de Jerusalém), com duzentos cavaleiros e quinhentos soldados de infantaria de Chipre. Mesmo assim, os cristãos foram desesperadamente suplantados em números. Khalil lançou-se à tarefa de esmagar Acre com uma metódica determinação. Com suas forças dispostas mais ou menos num semicírculo em torno da cidade, teve início uma barreira aérea. Os maiores trabucos, como o “Vitorioso” e outro, conhecido como “Furioso”, foram montados e agora estavam esmurrando as muralhas da cidade com enormes pedras. Enquanto isso, grupos de dispositivos balísticos menores unidos a esquadrões de arqueiros foram dispostos atrás das telas de assédio para fazer cair uma chuva de mísseis sobre os francos. De escala imensa, incessante em sua intensidade, este bombardeio não se parecia com nada já

testemunhado pelas cruzadas. Grupos de soldados mamelucos trabalhavam em quatro turnos cuidadosamente coordenados dia e noite. E, a cada dia, Khalil ordenava que suas forças fizessem um pequeno avanço – apertando gradativamente o laço em torno de Acre, até chegaram a seu fosso externo. Uma testemunha ocular latina sugeriu que, à medida que esses esforços avançavam, possíveis termos de rendição eram discutidos. O sultão aparentemente ofereceu a permissão para que os cristãos partissem com o que pudessem transportar, desde que a cidade ficasse intocada. Mas os enviados francos parecem ter recusado, preocupados com a desonra que seria sofrida pelo rei Henrique graças a uma absoluta aceitação da derrota.

Enquanto os mamelucos golpeavam Acre, os cristãos fizeram algumas tentativas vãs de lançar contra-ataques. Estacionado na costa norte, Abu'l Fida descreveu como “um navio (latino) chegou com uma catapulta nele montada, que lançou projéteis sobre nós e nossas tendas a partir do mar”. Guilherme, o mestre dos templários, e Oto de Grandson também tentaram um ousado ataque noturno, na esperança de provocar estrago no acampamento inimigo e incendiar um dos enormes trabucos mamelucos. A empreitada malogrou quando alguns cristãos tropeçaram nas cordas de sustentação das tendas muçulmanas, provocando uma confusão. Alertados, grupos de mamelucos correram para a agitação, afugentaram os francos, matando dezoito cavaleiros. Um desafortunado latino “caiu no fosso da latrina de um dos destacamentos do emir e foi morto”. Na manhã seguinte, os muçulmanos orgulhosamente apresentaram as cabeças dos inimigos abatidos ao sultão.²⁴

Em 8 de maio, o avanço inexorável de Khalil tinha levado as linhas mamelucas suficientemente perto da cidade para os sapadores começarem a trabalhar para derrubar as muralhas externas. Eles rapidamente usaram a rede de esgotos de Acre em seu favor, fazendo dessas saídas o começo de seus túneis. Como no cerco à mesma cidade durante a Terceira Cruzada, em 1191, o trabalho de solapamento concentrou-se particularmente no canto nordeste da cidade, mas com Acre agora protegida por duplas muralhas, existiam mais linhas de defesa a serem rompidas. A primeira ruiu perto da Torre do Rei, numa terça-feira, dia 15 de maio, e na manhã seguinte as tropas de Khalil assumiram controle desta seção das muralhas externas. Com o pânico aumentando na cidade, mulheres e crianças começaram a ser evacuadas em navios.

O sultão agora preparava os mamelucos para um assalto frontal, com todo seu poderio, pela brecha da Torre do Rei em direção às muralhas internas e à Torre

Amaldiçoada. No alvorecer de 18 de maio de 1291, uma sexta-feira, o sinal de ataque foi dado – os troantes tambores de guerra que criavam “um ruído terrível, aterrador” – e milhares de muçulmanos, correndo, começaram a avançar. Alguns atiravam frascos de fogo grego, enquanto arqueiros lançavam flechas “numa nuvem espessa (que) parecia cair como chuva dos céus”. Devido à força surpreendente deste ataque, os mamelucos arrebataram por dois portões perto da Torre Amaldiçoada e começaram a correr para a cidade propriamente dita. Com as defesas de Acre rompidas, os francos tentaram um único e desesperado lance para conter a incursão, mas uma testemunha ocular admitiu que atacar a horda muçulmana era como se arremessar “contra uma parede de pedra”. No calor da luta, o mestre templário Guilherme de Beaujeu foi mortalmente ferido quando uma lança perfurou-lhe o lado. Já João de Villiers, mestre hospitalário, recebeu uma lança entre os ombros enquanto lutava. Gravemente ferido, foi arrastado para longe das muralhas.

Em breve, os defensores cristãos foram derrotados, e o saque de Acre começou. Um latino, então na cidade, escreveu que o “dia era terrível de se encarar; (os habitantes civis da cidade) fugiam pelas ruas, com os filhos nos braços, chorando e se desesperando, correndo em direção aos marinheiros para que fossem salvos da morte”. Porém, caçados sem piedade, centenas foram massacrados. As crianças, abandonadas, acabaram pisoteadas. Abu’l Fida confirmou que “os muçulmanos mataram grande número de pessoas e juntaram imensas (quantidades) de pilhagem” depois que Acre caiu. Enquanto os mamelucos se espalhavam pela cidade, centenas de latinos desesperados tentavam escapar em qualquer barco remanescente, e um caos total se instalou nas docas. Alguns conseguiram fugir, inclusive o rei Henrique III e Oto de Grandson. Meio morto, João de Villiers foi carregado para um barco e posto em segurança. Mas o patriarca latino caiu na água e se afogou quando seu barco superlotado ficou instável. Em outras partes, os latinos preferiram ficar e encarar o destino. As tropas de Khalil encontraram um grupo de frades dominicanos cantando “Veni, Creator Spiritus” – o mesmo hino entoado por Joinville em 1248 – em seu convento. Apenas um religioso sobreviveu.²⁵

Muitos cristãos buscaram refúgio nas dependências fortificadas das três principais Ordens Militares, e alguns conseguiram resistir durante dias. A robusta cidadela templária foi eventualmente solapada e ruiu em 28 de maio, matando os que nela estavam. Os que se abrigaram no prédio dos hospitalários se entregaram diante da promessa de Khalil de lhes dar um salvo-conduto, mas crônicas muçulmanas testemunham o fato de que o sultão quebrou

deliberadamente essa promessa, levando os prisioneiros cristãos para fora da cidade e para as planícies ao redor dela. Quase exatamente cem anos antes, Ricardo Coração de Leão também havia quebrado sua promessa de clemência à guarnição aiúbida de Acre, executando cerca de 2.700 cativos. Agora, em 1291, Khalil reuniu os latinos em grupos e “os massacrou da mesma maneira que os francos haviam feito com os muçulmanos. Assim, Deus Todo-Poderoso foi vingado em seus descendentes”.

A queda de Acre foi um desastre final e fatal para os cristãos latinos do Ultramar. Lembrando o saque da cidade, uma testemunha ocular franca que fugiu de barco declarou que “ninguém poderia reproduzir adequadamente as lágrimas e a dor daquele dia”. O mestre hospitalário João de Villiers sobreviveu para escrever uma carta à Europa descrevendo suas experiências, embora admitisse que seu ferimento tornava difícil a escrita:

Eu e alguns de nossos irmãos escapamos, segundo os desígnios de Deus, a maioria ferida e abatida sem esperança de cura, e fomos levados para a ilha de Chipre. No dia em que esta carta foi escrita, ainda estávamos lá, com grande aflição nos corações, prisioneiros de uma tristeza avassaladora.

Em contraste com isso, para os muçulmanos a gloriosa vitória de Acre confirmou a eficácia da fé, selando o triunfo na guerra pela Terra Santa. Uma testemunha descreveu com espanto como “depois da captura de Acre, Deus colocou o desespero nos corações de outros francos deixados na Palestina”. A resistência cristã ruiu. Em um mês, os últimos postos avançados de Tiro, Beirute e Sídon tinham sido evacuados ou abandonados pelos francos. Naquele agosto, os templários saíram de suas fortalezas de Tortosa e do Castelo dos Peregrinos. Com isto, os dias do Ultramar – os assentamentos cruzados do interior do Levante – chegaram ao fim. Refletindo sobre a maravilha deste evento, Abu'l Fica escreveu:

Estas conquistas (significaram que) toda a Palestina estava agora em mãos muçulmanas, resultado que ninguém ousaria esperar ou desejar. Assim, a (Terra Santa foi) purificada dos francos, que outrora estiveram a ponto de conquistar o

Egito e subjugar Damasco e outras cidades. Deus seja louvado!²⁶

dO termo “il-Khan” significa “subordinado khan ” e refere-se à deferência inicial a Mōngke Khan e ao seu sucessor do império mongol . O título “ilkhan”, carregado pelos descendentes de Hūlagū e depois outros príncipes Borjigin na Pérsia, só se materializa nas fontes depois de 1260. (N.T.)

eMargat, também conhecido como Marqab em árabe: Qalaat al-Marqab é um castelo perto de Baniyas, na Síria, bastião dos cruzados e uma das principais fortalezas dos hospitalários. (N.T.)

CONCLUSÃO

O LEGADO DAS CRUZADAS

Com a queda de Acre e a perda das últimas fortalezas remanescentes do Ultramar, a presença militar e política da cristandade latina no interior do Levante chegou a um fim definitivo. A conquista final dos Estados cruzados ajudou ainda mais a validar a autoridade mameluca, e o poder do sultanato no Oriente Próximo durou mais de dois séculos. No Ocidente, contudo, o colapso do Reino de Jerusalém causou um choque e uma ansiedade generalizados. Não é de surpreender que explicações tenham sido buscadas e recriminações levantadas. Os francos levantinos foram escarnecidos por seus pecados e propensão às facções, as Ordens Militares criticadas por perseguirem interesses internacionais em vez de se concentrarem na defesa da Terra Santa.

Os contatos comerciais entre a Europa e o Oriente Próximo muçulmano continuou até bem depois de 1291, e Chipre permaneceu sob controle franco até o século XVI. Mas o Levante continuou a ser um objetivo da guerra santa. A partir dos anos 1290, muitos tratados detalhados foram feitos na Europa, propondo vários planos e métodos para garantir a reconquista de Jerusalém. Novas expedições ao Oriente Próximo foram discutidas, algumas até lançadas – uma chegou a culminar com uma breve captura do porto egípcio de Alexandria em 1365. Durante o século XIV e para além dele, muitas outras cruzadas foram pregadas, e guerras travadas contra outros heréticos, como os turcos otomanos e os inimigos políticos do papado. Os templários foram dissolvidos por uma ordem em 1312, depois de acusações de abusos e negligência lançadas por um ambicioso monarca franco, mas outras Ordens Militares sobreviveram por toda a Idade Média. Os hospitalários estabeleceram novos quartéis, primeiro em Chipre, depois em Rodes e, mais tarde, em Malta, enquanto a Ordem Teutônica instalava seu próprio estado independente no Báltico. Contudo, apesar disso tudo, nenhuma cruzada voltou a reclamar a Terra Santa, e o domínio do Islã sobre o Levante só se enfraqueceu no início do século XX.²⁷

CAUSAS E RESULTADOS

Para começar, as cruzadas podem ser consideradas, no mínimo, tanto atos de agressão cristã como guerras de defesa. Certamente é verdade que o Islã havia iniciado sua onda de invasões e expansão não provocada a partir do século VII, mas o vigor mercurial desse massacre há muito havia se abrandado. A Primeira Cruzada não foi lançada em resposta a uma ameaça impressionante e iminente, nem se tratou do resultado imediato de uma perda catastrófica. Jerusalém, o objetivo declarado da campanha, havia sido conquistada pelos muçulmanos cerca de quatro séculos antes – longe, portanto, de um dano que pudesse ser considerado à época. As acusações de abuso, generalizado ou sistemático, de súditos ou peregrinos cristãos pelos senhores islâmicos do Levante também parecem, na verdade, ter pouca base. Depois do aparente sucesso miraculoso da Primeira Cruzada e a fundação dos Estados cruzados, a guerra pela Terra Santa foi perpetuada por ciclos de violência, vingança e reconquista, em que cristãos e muçulmanos igualmente perpetraram atos de selvageria e brutalidade.

Um conflito diferente de todos os outros?

Por dois séculos, diversas forças se combinaram para incitar e propulsar esta luta: da ambição dos papas em obter a primazia eclesiástica de Roma “divinamente ordenada” às aspirações econômicas dos mercadores italianos; as noções sociais de obrigação social e laços de parentesco a um emergente senso de dever cavaleiresco. Os líderes – muçulmanos e cristãos, seculares e espirituais – perceberam que os ideais da guerra santa podiam ser usados para justificar desde programas de unificação e militarização, até facilitar a imposição de uma governança autocrática. Neste sentido, as guerras cruzadas pertencem a um paradigma comum a muitos períodos da história humana – a tentativa de controlar e direcionar a violência, ostensivamente pelo bem comum, mas amiúde para servir aos interesses das elites governantes.

No caso das cruzadas latino-cristãs e a jihad islâmica, contudo, esse bem-estar “público” estava imbuído de uma convincente dimensão religiosa. Isto não levou necessariamente a um conflito marcado unicamente por atos bárbaros de violência ou inimizade particularmente enraizada. Mas significou efetivamente que muitos desses envolvidos no contexto de controle da Terra Santa acreditavam sinceramente que suas ações eram impregnadas de preocupações espirituais. Papas como Urbano II e Inocêncio III pregaram cruzadas para afirmar sua própria autoridade, mas também fizeram isso na esperança de ajudar os cristãos a encontrar um caminho para a salvação. Os cruzados venezianos podem ter tido um olho no lucro material, mas como outros participantes dessas guerras santas, parecem ter sido movidos por um sincero desejo de obter uma recompensa espiritual. Mesmo um senhor da guerra faminto de poder como Saladino – contente em explorar a luta para atender a seus próprios objetivos – evidentemente experimentou um estimulante senso de piedosa dedicação à reconquista e defesa de Jerusalém. É claro que nem todos os cruzados, colonos francos ou guerreiros muçulmanos sentiram essas motivações religiosas em igual medida, mas o pulsar da fé, pungente e duradouro, ressoou ao longo da batalha de dois séculos de duração pelo Levante. Este elemento devocional infundiu a essas guerras um caráter distinto, inspirando notáveis feitos de resistência, coragem e, algumas vezes, intolerância. Também ajuda a explicar como e por que dezenas de milhares de cristãos e muçulmanos continuaram a participar

dessa luta prolongada durante tantas décadas. O entusiasmo do Islã do Oriente Próximo é mais facilmente entendido. A jihad era uma obrigação devocional, e não uma forma voluntária de penitência. Graças a isso, gerações de muçulmanos encontraram inspiração numa crescente sucessão de vitórias zênguidas, aiúbidas e mamelucas. O apelo permanente da cruzada na Europa Ocidental fica mais surpreendente se o considerarmos contra um pano de fundo de uma interminável sequência de derrotas deprimentes e do redirecionamento das guerras santas para novos palcos de conflito. O próprio fato do recrutamento continuado, ao longo dos séculos XII e XIII e para além deles, ilustra o fascínio convincente da aceitação da cruz – em participar de uma empreitada que fundia os ideais do serviço militar e da penitência – e, em última instância, da purificação da alma dos pecados. A partir de 1095, os cristãos latinos aceitaram totalmente a ideia de que a cruzada era uma forma permissível e eficaz de devoção. Não existe praticamente nenhum sinal de preocupação com a união de violência e religião entre os contemporâneos medievais. E mesmo quando a crítica do movimento cruzado ganhava fôlego, ela se levantava quando relacionada a questões como a oscilação entre compromisso e finanças, e não o princípio de que Deus apoiava e recompensava as guerras travadas em seu nome.²⁸

Contabilizando vitória e derrota

Assim como a continuada atração pela cruzada, a sobrevivência associada do Ultramar franco por quase 200 anos é algo notável. Mesmo assim, não há como escapar do fato que, no final das contas, os latinos perderam a guerra pela Terra Santa. O caminho iniciado com o sucesso da Primeira Cruzada em 1099 até a queda de Acre em 1291 não foi de modo algum uma simples espiral de derrota e decadência. Mas, da mesma forma, do fracasso da Segunda Cruzada em Damasco em 1148 à ignominiosa captura do rei franco Luís IX no Egito em 1240, não se pode afirmar que tenha havido uma maré de sucesso. Sempre que os historiadores buscaram explicar essa tendência, o foco geralmente se volta para o Islã – para o suposto ressurgimento do entusiasmo pela jihad e o desvio para a unificação muçulmana pelo Oriente Próximo e Médio. Contudo, na realidade, até o advento dos mamelucos, o entusiasmo pela guerra santa foi esporádico, e um acordo panlevantino, quando muito, efêmero. É claro que os acontecimentos envolvendo o Islã tiveram um impacto efetivo sobre o resultado das cruzadas, mas outras questões também devem ser levadas em consideração, talvez ainda mais poderosas.

A própria natureza da cruzada foi uma causa fundamental da derrota definitiva do cristianismo na luta pelo controle do Mediterrâneo Oriental. A ideia da guerra santa não permaneceu estática entre 1095 e 1291. Ela esteve sujeita à evolução e ao desenvolvimento – embora estas mudanças não tenham sido sempre aparentes para os contemporâneos – e passou por alguns ajustes em respostas a desenvolvimentos mais amplos do pensamento religioso, incluindo a incorporação da missão e da conversão como meio de suplantar oponentes não cristãos. Contudo, durante todas as expedições, houve uma má adaptação à tarefa de defender e reconquistar a Terra Santa. Para sobreviver, os Estados cruzados precisavam desesperadamente de assistência militar externa, mas sob a forma de forças militares permanentes (ou, pelo menos, de longa estada) e obedientes. Com mais frequência, os cruzados, na verdade, traziam injeções de curta duração de exércitos reunidos sem grande profissionalismo – amiúde adulterados por não combatentes – sob o comando de potentados de mente independente e fixa em seus próprios objetivos.

O fato de as necessidades do Ultramar não terem sido atendidas pelo movimento cruzado não deveria causar surpresa, pois esta forma de guerra santa não era expressamente destinada a cumprir esse propósito. Em vez disso, num nível elementar, as cruzadas foram organizadas como forma voluntária e pessoal de penitência. Os participantes podiam esperar a busca de um objetivo estabelecido – a captura de um determinado alvo ou a defesa de uma região. Também podiam se ver como quem cumpria a obrigação de um serviço devido a Deus, como levar socorro a seus companheiros cristãos, até mesmo imitando as obras e o sofrimento do próprio Cristo. Contudo, no cerne do impulso cruzado sempre estava a promessa de salvação individual: uma garantia de que as penalidades devidas pelos pecados confessos seriam canceladas pelo cumprimento de uma peregrinação armada. Este era o irresistível fascínio de uma cruzada – sua capacidade de erradicar a mácula da transgressão, de oferecer uma escapatória da danação. E foi por isto que centenas de milhares de latinos aceitaram a cruz durante a Idade Média.

A aura febril de religiosidade que envolveu a maioria das expedições cruzadas podia instilar uma unidade de propósito e uma determinação sem paralelo em seus participantes, capacitando-os a empreender inimagináveis feitos militares. Foi este senso de sanção divina e devoção espiritual que ajudou as tropas de Luís IX a sobreviver à Batalha de Mansura, que capacitou a Terceira Cruzada a suportar o cansativo cerco de Acre e permitiu que os francos arriscassem a total aniquilação quando marcharam sobre Jerusalém em 1099. Ardendo de entusiasmo, os cruzados conseguiam superar obstáculos aparentemente incontornáveis, mas esta paixão inflamada amiúde também demonstrou ser de um controle impossível. Os exércitos cruzados eram compostos por milhares de indivíduos, cada um deles tendo por objetivo supremo forjar seu próprio caminho para a redenção. Assim, não podiam ser conduzidos ou comandados da mesma forma que outras forças militares mais convencionais. Raimundo de Toulouse descobriu isto à sua própria custa em Marrat e novamente em Arqa durante a Primeira Cruzada; o mesmo ocorreu com Ricardo Coração de Leão quando duas vezes teve que bater em retirada de Jerusalém. Possivelmente, nenhum rei ou comandante cristão chegou a realmente aprender como controlar a força da tempestade que representava uma campanha pela libertação da Terra Santa.

Durante o século XIII, papas como Inocêncio III esforçaram-se por controlar as campanhas por meio de uma crescente regulamentação e pela institucionalização efetiva das cruzadas. Mas esbarraram no problema converso: como controlar o

fervor sem abafar o fogo que fornecia sua força a essas campanhas santificadas? Os papas tampouco conseguiram encontrar uma fórmula prática, e novas ideias sobre a reconfiguração de toda a base da atividade nas guerras santas – com forças profissionais estacionadas de forma semipermanente no Oriente Próximo – vieram tarde demais e incitaram pouca resposta.

Alguns historiadores sugeriram que a cristandade foi derrotada na guerra pela Terra Santa devido a uma gradativa diminuição no entusiasmo pela causa depois de 1200 – um mal-estar supostamente provocado pela manipulação papal e pela diluição do “ideal”. Esta opinião é um tanto simplista. É verdade que o século XIII não testemunhou enormes expedições como as que haviam pontuado o período entre 1095 e 1193, mas uma pletora de campanhas em menor escala ainda gozou de um substancial recrutamento, mesmo quando dirigida contra novos inimigos e em diferentes palcos de conflito. Quando muito, houve um declínio na preocupação direta da Europa latina quanto ao destino da Terra Santa, mas tal deterioração aparente tampouco deve ser exagerada. As enormes campanhas do século XII, em si mesmas, só foram geradas na esteira de choques sísmicos – a queda de Edessa e a Batalha de Hattin – e, caso contrário, a cristandade ocidental amiúde permaneceu imune aos urgentes apelos de ajuda do Ultramar. As preocupações e os problemas domésticos, provindos de disputas sucessórias e rivalidades dinásticas, bem como más colheitas e explosões de heresia, só poderiam alardear facilmente as necessidades dos Estados cruzados ameaçados. Por mais evocativo e poderoso que fosse o destino de Jerusalém e da Terra Santa, o decorrer da história das cruzadas prova que a maioria dos latinos da Europa não vivia num permanente estado de inquietação com relação aos eventos do Oriente e, assim, raramente se mostravam dispostos a arriscar a vida que tinham em seus lares para salvar um local distante, por mais sagrado que fosse. Na realidade, esta era a tarefa de uma outra função, decididamente prática, que teve impacto sobre o desfecho da batalha pelo Oriente Próximo. Em termos físicos e conceituais, o Levante simplesmente ficava muito distante da Europa Ocidental. Os cristãos que viviam na França, Alemanha ou Inglaterra enfrentavam viagens cobrindo milhares de quilômetros para chegar à Terra Santa. As imensas distâncias envolvidas provocavam significativas dificuldades quando se tratava de montar expedições militares ou mesmo manter contato regular com os assentamentos latinos no Oriente. A comparação está longe de perfeita, mas a outra grande contenda territorial entre latinos e muçulmanos – a chamada Reconquista espanhola – terminou com a vitória cristã pelo menos em parte devida ao fato básico da relativa proximidade geográfica da Península Ibérica com o resto da Europa. Os problemas de distanciamento do Ultramar

foram parcialmente aliviados pelo surgimento das Ordens Militares como instituições supranacionais e pelo crescimento do comércio transmediterrâneo, mas o afastamento nunca foi totalmente superado. Ao mesmo tempo, os francos levantinos não conseguiram cooperar total ou efetivamente com os aliados cristãos ocidentais, do Império Bizantino à Armênia Cilícia, que poderiam ter ajudado a mitigar seu isolamento, mas se permitiram enredar em incontáveis e bastante desordenadas lutas pelo poder.

Por todos esses motivos, o Ultramar viu-se num precário estado de vulnerabilidade durante a maior parte dos séculos XII e XIII. Contudo, foi necessário um grau concomitante de força e vantagem para que o Islã fosse capaz de explorar a fraqueza dos francos. As batalhas das cruzadas não foram travadas, em primeiro lugar, no coração político e cultural da religião de Maomé, mas na zona fronteira entre o Egito e a Mesopotâmia. Tampouco a Terra Santa pode ser caracterizada como uma sociedade uniformemente muçulmana. Mesmo assim, em longo prazo, o Islã realmente se beneficiou da proximidade do campo de batalha levantino e do fato inevitável de que estava travando uma guerra no que era equivalente ao solo natal. O mundo muçulmano também foi levado à vitória nesta luta prolongada por lideranças esclarecidas e carismáticas oferecidas por Nur al-Din e Saladino, bem como pela implacável crueldade de Baybars.²⁹

CONSEQUÊNCIAS PARA O MUNDO MEDIEVAL

As cruzadas têm sido apresentadas como uma conflagração internacional que remodelou o mundo, conduzindo a Europa da Idade das Trevas para a luz da Renascença, ou levando o Islã, militarizado e radicalizado na busca pela vitória, a séculos de estagnação insular. Alguns caracterizaram estas lutas sagradas como conflitos apocalípticos que deixaram cicatrizes indeléveis de ódio étnico e religioso que deram início a um infindável ciclo de hostilidade. Essas grandiosas afirmativas repousam na simplificação e no exagero. Imensas mudanças foram indubitavelmente produzidas no mundo medieval entre 1000 e 1300. Este foi um período marcado pelo crescimento populacional, pela imigração e urbanização, além de avanços no aprendizado, na tecnologia, na expressão cultural e expansão do comércio internacional. Contudo, o papel preciso das cruzadas permanece discutível. Qualquer tentativa de localizar com precisão o efeito deste movimento é cercada por dificuldade, pois exige o traçado e o isolamento de um único fio da urdidura da história – e a reconstrução hipotética do mundo, se esse fio tiver que ser removido. Alguns impactos são relativamente claros, mas muitas observações devem necessariamente se confinar a generalizações amplas. É certo que a guerra pela Terra Santa não foi a única influência em ação na Idade Média. Mas, da mesma forma, esta luta levantina realmente teve um impacto significativo na história medieval, particularmente na bacia do Mediterrâneo.

O Mediterrâneo Oriental

As ameaças representadas pelos francos, tanto reais quanto imaginárias, apresentaram ao mundo muçulmano um inimigo a ser rechaçado e uma causa para lutar. Isto possibilitou a Nur al-Din e, tempos depois a Saladino, ressuscitar o ideal da jihad. Também lhes permitiu impor um grau de unidade ao Islã do Oriente Próximo e Médio que, embora imperfeito, ainda ultrapassava qualquer coisa testemunhada desde o início da era da expansão muçulmana. O processo atingiu sua expressão máxima com o acréscimo do perigo preponderante representado pelos mongóis, quando os mamelucos forjaram um estado unitário sob Baybars e Qalawun. Contudo, apesar de todo o contato entre muçulmanos e latinos testemunhado nesta era – por meio da guerra e da paz –, a atitude do Islã para com a cristandade ocidental não foi radicalmente alterada. Os velhos preconceitos permaneceram, entre eles os falsos conceitos populares concernentes à adoração de Cristo como Deus e vistos como indicação de politeísmo, bem como a antipatia enraizada contra o uso de imagens religiosas, proibidas no Islã, e as inflamadas afirmativas sobre a impropriedade sexual dos francos. A familiaridade não parece ter resultado num modo de compreensão ou tolerância. Mas, da mesma forma, contrariando a sugestão de alguns estudiosos, o advento das cruzadas não provocou uma generalizada deterioração nas relações dos muçulmanos com os cristãos orientais autóctones. Houve alguns sinais intermitentes de atitudes, particularmente nos casos em que os cristãos nativos viviam sob um governo islâmico foram suspeitos de ajudar os francos ou de espionar para eles, mas, em geral, pouco mudou até o surgimento dos mamelucos, que eram mais fanáticos.

Para o Islã e o Ocidente, talvez a transformação mais surpreendente operada pelas cruzadas se relacione com o comércio. Os muçulmanos levantinos já vinham mantendo alguns contatos comerciais com a Europa antes da Primeira Cruzada, por meio de comerciantes italianos que chegavam por mar, mas o volume e a importância dessa interação econômica foram revolucionados durante os séculos XII e XIII, em grande parte como resultado da presença latina na costa oriental do Mediterrâneo. Os cruzados e a presença dos Estados cruzados reconfiguraram as rotas comerciais do Mediterrâneo – talvez de maneira muito mais intensa depois da conquista de Constantinopla em 1204 – e

desempenharam um papel decisivo na consolidação do poder das cidades mercantis italianas de Veneza, Pisa e Gênova. A adoção dos numerais arábicos pela Europa também pode ser datada de, mais ou menos, 1200, provável resultado do comércio com o Islã, embora este não possa ser definitivamente ligado ao contato com o mundo “cruzado”.

Os francos que residiam no Ultramar não viviam num ambiente hermeticamente fechado. A realidade pragmática e a conveniência política, militar e comercial significavam que esses latinos eram postos em frequente contato com os povos nativos do Levante, incluindo os muçulmanos, os cristãos orientais e, mais tarde, os mongóis. Desta forma, as cruzadas criaram ambientes fronteiriços em que os europeus podiam interagir com a cultura “oriental” e, em teoria, absorvê-la. A sociedade “cruzada” que se desenvolveu no Ultramar certamente foi marcada por um certo grau de assimilação, embora ainda seja incerto se isso foi resultado de uma escolha consciente ou um processo orgânico. Não pode haver dúvida de que o meio social encontrado no Oriente latino era totalmente único. Isto não era resultado de grau sem precedente de ligação com o Islã – na verdade, este tipo de contato era comum, ou mais que comum, na Península Ibérica e na Sicília medievais; tampouco era consequência na guerra santa em andamento no Oriente Próximo. Em vez disso, o caráter distinto do Ultramar “cruzado” nasceu de um extraordinário repertório de diferentes influências levantinas encontradas – de gregas e armênias a siríacas, judaicas e, é claro, muçulmanas, além das europeias ocidentais, provindas de lugares como a França, a Alemanha, a Itália e os Países Baixos.³⁰

A Europa Ocidental

Há muito, os historiadores reconhecem que a interação entre a cristandade ocidental e os mundos muçulmano e mediterrâneo mais amplo durante a Idade Média desempenhou um papel importante, talvez até decisivo, no avanço da civilização europeia. Estes contatos resultaram na absorção de influências artísticas e na transferência do conhecimento científico, médico e filosófico – que ajudaram a estimular mudanças de longo alcance no Ocidente e acabaram por contribuir para a Renascença. Avaliar a importância relativa de diferentes esferas de contato dentro desse processo é totalmente impossível. Assim, embora a arte e a arquitetura do Levante latino exibissem inquestionáveis sinais da fusão entre culturas, os estilos “cruzados” de iluminura de manuscritos ou de projeto de castelos não podem confiavelmente ter origem no Ocidente e ser categoricamente isolados como a única inspiração para qualquer exemplar europeu. Por sua natureza, a transmissão textual de conhecimento é mais fácil de traçar. Nesta área de trocas, o Ultramar desempenhou um papel notável – como testemunham as traduções feitas em Antioquia –, mas sua importância era secundária para a pletora de textos copiados e traduzidos que jorravam da Península Ibérica na Idade Média. Quando muito, podemos concluir que as cruzadas abriram uma porta para o Oriente, mas que não era, de forma alguma, o único portal de contato.

Outras formas de mudança provocadas pelas cruzadas na Europa latina podem ser facilmente determinadas. Num nível prático, as expedições em larga escala tiveram um enorme impacto político, social e econômico sobre regiões como a França e a Alemanha, culminando no desaparecimento ininterrupto de grupos familiares inteiros e partes da nobreza. A ausência de classes governantes, bem como de monarcas especialmente coroados, poderia provocar uma generalizada instabilidade e até uma mudança de regime. O advento das Ordens Militares e a difusão de seu poder para praticamente todos os cantos do Oriente teve um efeito óbvio e profundo sobre a Europa medieval – como novos e formidáveis atores no palco latino, estas ordens tinham o poder de rivalizar com as autoridades seculares e eclesiásticas estabelecidas. A popularidade das cruzadas serviu para incrementar a autoridade do papado e reconfigurar a prática da realeza medieval. Ela também influenciou as noções emergentes do título de cavaleiro e da

cavalaria. Ao criar uma nova forma de atividade penitencial, essas guerras santas também alteraram a prática devocional – um processo que se acentuou marcadamente no século XIII com a vasta extensão da pregação da cruzada, a comutação de votos e o sistema de indulgências.

Por todo este período, é verdade que mais cristãos latinos permaneceram no Ocidente que os que se engajaram na cruzada ou lutaram na guerra pela Terra Santa. Mas, deste mesmo ponto de vista, entre 1095 e 1291, poucos dos que viviam na Europa ficaram totalmente incólumes às cruzadas – seja pela participação, taxaço ou pela formulação mais ampla de uma identidade latino-cristã comunal dentro da sociedade.³¹

A SOMBRA MAIS LONGA

Em 1998, uma rede terrorista radical, que se descrevia como a “Frente Islâmica Mundial”, declarou sua intenção de lançar a “guerra santa contra judeus e cruzados”. Esta organização, comandada por Osama bin Laden, passou a ser conhecida como al-Qaeda (literalmente, a “base” ou “alicerce”). Cinco dias após os ataques de 11 de setembro da al-Qaeda a Nova York e Washington em 2001, o presidente americano George W. Bush caminhou pelo gramado sul da Casa Branca e, diante de um enorme grupo de jornalistas internacionais, afirmou a disposição dos Estados Unidos de defender seu solo, advertindo que “esta cruzada, esta guerra contra o terrorismo, vai levar algum tempo”. Mais tarde, em outubro daquele mesmo ano, bin Laden respondeu à invasão aliada do Afeganistão que se aproximava. Ele caracterizou-a como uma “cruzada cristã”, afirmando que “esta é uma guerra recorrente. A cruzada original movimentou líderes como Ricardo da Inglaterra, Luís da França e Frederico Barbarroxa da Alemanha. Hoje os países cruzados se apressaram a agir assim que Bush ergueu a cruz. Eles aceitaram a regra da cruz”.³²

Como é possível que esta linguagem de guerra santa medieval tenha encontrado lugar em conflitos modernos? Esta retórica parece sugerir que as cruzadas, de alguma forma, continuaram intensas desde a Idade Média, deixando o Islã e o Ocidente posicionados um contra o outro – presos numa guerra religiosa inacabável e amarga. Na verdade, não existe uma linha ininterrupta de ódio e discórdia ligando a contenda medieval pelo controle da Terra Santa e as lutas de hoje de Oriente Próximo e Médio. As cruzadas, na realidade, são um exemplo poderoso, alarmante e, mesmo agora, no início do século XXI, inequivocamente perigoso do potencial da história de ser apropriada, erroneamente representada e manipulada. Elas também provam que um passado construído ainda pode criar sua própria realidade, pois as cruzadas passaram a ter uma profunda importância em nosso mundo moderno, mas quase inteiramente por meio da instância da ilusão.

Entre as causas de raiz deste fenômeno está a separação entre interesse popular e coletivo pela era das cruzadas medievais e sua percepção no que se poderia denominar de forma ampla o mundo muçulmano e o Ocidente. Num nível

básico, esta diferença pode ser mostrada na terminologia. A partir de meados do século XIX, as cruzadas passaram a ser conhecidas, em árabe, como al-hurub al-Salabiyya (as guerras “da Cruz”, um termo que destaca os elementos da fé cristã e do conflito militar). Nas línguas europeias, contudo, a palavra “cruzada” tem sido grandemente dissociada de suas origens medievais e devocionais – agora denotando a luta pelos interesses de uma causa amiúde apresentada como justa. O termo “cruzada” é bastante empregado de maneira casual pela mídia e cultura popular no Ocidente. Na verdade, é possível falar de uma cruzada contra o fanatismo religioso e até de uma cruzada contra a violência. A interpretação ocidental da palavra árabe jihad é igualmente imprópria. Muitos muçulmanos acham que sua ideia, antes de mais nada, refere-se a uma luta espiritual interna. Mas no Ocidente a palavra é normalmente vista como tendo um único significado: o deslanchar de uma guerra santa física. Como acontece com tantas de nossas modernas atitudes com relação à era das cruzadas, este problema de terminologia só surgiu nos últimos dois séculos. Até certo ponto, contudo, a divergência entre as memórias e percepções ocidentais e islâmicas ocorreu imediatamente após a erradicação do Ultramar.

Percepções da Baixa Idade Média e do início da era moderna

Entre os séculos XIV e XVI, com a Europa ainda engajada nas lutas contra os inimigos muçulmanos (notavelmente o Império Turco-otomano), as cruzadas medievais adquiriram uma condição semimística. Com certeza, os supostos “heróis” centrais foram endeusados. Godofredo de Bulhão foi incluído, ao lado de heróis como Alexandre, o Grande e César Augusto, entre os “Nove Beneméritos” – figuras mais reverenciadas da história humana. Ricardo Coração de Leão foi celebrado como um lendário rei-guerreiro, embora Saladino também fosse efetivamente louvado por seu comportamento cavalheiresco e seu nobre caráter. Na concepção de Dante do pós-vida, reproduzida em sua famosa Divina Comédia (1321), Saladino aparece no primeiro nível do Inferno, o plano reservado para os pagãos virtuosos.

Entretanto, com a chegada da Reforma Protestante depois de 1517 e, mais tarde, o nascimento do Iluminismo, os teólogos e estudiosos europeus empreenderam uma ampla reavaliação da história cristã. No século XVIII, os cruzados foram consignados a um passado medieval sombrio e distintamente indesejável. O estudioso britânico Eduardo Gibbon, por exemplo, afirmou que essas guerras santas foram a expressão do “selvagem fanatismo” nascido da fé religiosa. O intelectual francês Voltaire, por seu lado, condenou o movimento cruzado como um todo, mas reservou certa admiração por alguns indivíduos – como o rei Luís IX, louvado por sua piedade, e ainda Saladino, descrito como “um bom homem, um herói e um filósofo”.³³

Em contraste, durante todo o final do período medieval e o início dos modernos períodos de domínio mameluco e otomano, no Islã do Oriente Próximo e Médio, as cruzadas receberam pouca atenção. A maioria dos muçulmanos parece ter visto a guerra pela Terra Santa como um conflito bastante irrelevante, travado numa era passada. É verdade que os francos bárbaros tinham invadido o Levante e praticado atos de violência, mas foram fragorosamente punidos e derrotados. O Islã, de maneira muito natural, havia prevalecido, e a era da intrusão franca foi levada a um final inequívoco e triunfante. Quando figuras “heroicas” eram citadas como exemplos desse período, tendiam a se diferenciar das que o Ocidente elegia. Muito menos atenção foi dedicada a Saladino. Em vez dele, o

aplaudido era Nur al-Din, por sua piedade, enquanto Baybars tornou-se proeminente no folclore a partir do século XV. Em todos esses séculos, não parece ter havido a percepção de que a agressão da cruzada tenha desencadeado uma perpétua guerra santa, ou que as atrocidades francas de alguma forma ainda exigiam retribuição.³⁴

Para entender como os cruzados emergiram dos cantos empoeirados da história, aparentemente para se tornarem relevantes para o mundo moderno, o estudo acadêmico e a recordação dessas guerras, a partir de 1800, devem ser traçados no Islã e no Ocidente.

As cruzadas na história e na memória do Ocidente

No início do século XIX, um amplo consenso, acordado pelo pensamento iluminista, surgiu no Ocidente. Os cruzados medievais foram desdenhados por seu barbarismo bruto e equivocado, embora ocasionalmente louvados por sua bravura. Contudo, as atitudes logo foram temperadas por um forte apelo de romantismo por uma visão mais idealizada da Idade Média, evocado na ficção amplamente popular e muitíssimo influenciadora do romancista britânico Sir Walter Scott. Seu romance *O talismã* (1825), ambientado na época da Terceira Cruzada, retratou Saladino como o “bom selvagem”, galante e sábio, enquanto apresentava o rei Ricardo I como um brutamonte tempestuoso. O livro de Scott e outras obras suas, como *Ivanhoé* (1819), além de outras, de diferentes autores, ajudaram a engendrar uma visão das cruzadas como grandes e ousadas aventuras.³⁵

Por essa mesma época, alguns estudiosos europeus começaram a se engajar no paralelismo histórico – o desejo de ver o mundo moderno refletido no passado –, apresentando as cruzadas e a criação dos Estados cruzados em termos triunfalistas como exercícios louváveis de protocolonialismo. A tendência deu início ao processo de separar a cruzada (e o próprio termo “cruzada”) de seu contexto religioso e devocional, permitindo que a guerra pela Terra Santa fosse celebrada como um empreendimento essencialmente secular. Escrevendo no início do século XIX, o historiador francês François Michaud publicou um relato em três volumes, amplamente divulgado, dessas guerras santas (juntamente com outros quatro volumes de fontes), salpicados com afirmativas equivocadas e falsas representações da história. Michaud aplaudiu a “glória” obtida pelos cruzados, observando que seu objetivo era “a conquista e a civilização da Ásia”. Ele também identificou a França como o epicentro espiritual e conceitual do movimento, afirmando que ela “um dia se tornaria o modelo e o centro da civilização europeia. As guerras santas contribuíram em muito para este feliz acontecimento e podemos perceber isto a partir da Primeira Cruzada”. As publicações de Michaud foram produto de potentes sentimentos de nacionalismo francês, bem como de estímulo a ele – um impulso a formular uma identidade nacional que via a guerra pela Terra Santa envolta em uma fabricada reconstrução da história “francesa”.³⁶

Romantizado, o entusiasmo nacionalista pelas cruzadas não foi de nenhum modo uma reserva francesa. O recém-criado estado da Bélgica adotou Godofredo de Bulhão como seu herói, enquanto, do outro lado da Mancha, Ricardo Coração de Leão foi encampado como um icônico campeão inglês. A estátua de Godofredo de Bulhão se ergue no Grand Place de Bruxelas, enquanto Ricardo Coração de Leão, sobre seu cavalo e espada em riste, se encontra no exterior das Casas do Parlamento em Londres. Por todo o século XIX, as gavinhas do interesse se espalharam por todas as partes. O político britânico Benjamin Disraeli, por exemplo, ficou fascinado pelas cruzadas; empreendeu uma viagem ao Oriente Próximo em 1831 (muitos anos antes de ser eleito para o Parlamento e depois tornar-se primeiro-ministro), sendo que depois publicou um romance, *Tancredo: ou a Nova Cruzada*, sobre um jovem nobre com uma tradicional cruzada. O escritor norte-americano Mark Twain também percorreu a Terra Santa, visitando o campo de batalha de Hattin, e ficou muito impressionado ao ver uma espada, cuja posse era atribuída a Godofredo de Bulhão, que despertou “visões de romance (e a) memória das guerras santas”.

Em 1889 o imperador Guilherme II da Alemanha chegou a incríveis extremos para pôr em prática suas fantasias cruzadas. Vestido com falsos trajes de gala medievais durante uma visita ao Levante, ele seguiu a cavalo até Jerusalém e, em seguida, a Damasco, para render sua homenagem a Saladino, a quem o kaiser considerava “um dos mais cavalheirescos governantes da história”. Em 8 de novembro, depositou uma coroa de flores no túmulo um tanto dilapidado do sultão aiúbida e, mais tarde, pagou a restauração de seu mausoléu.³⁷

É claro que nem todos os estudos ocidentais sobre os cruzados desse período foram coloridos com noções fantasiosas de romantismo e imperialismo nacionalista. Nessa mesma época, uma forte tendência a uma abordagem mais precisa, isenta e empírica estava tomando fôlego. Mas ainda na década de 1930, quando o historiador francês René Grousset fez comparações entre o envolvimento da França nas cruzadas e a volta do domínio desse país sobre a Síria no início do século XX. Esse foi um dos relatos mais apaixonados, intempestivos e que exerceram maior influência sobre a visão popular. O poderio e os perigos potenciais do paralelismo moderno, aparentemente fáceis, ficam aparentes no contexto da Primeira Guerra Mundial. Durante esta conflagração, foi concedido à França um mandato para governar a “Grande Síria” pela Liga das Nações – e diplomatas franceses procuraram reforçar as reivindicações a esse território citando a história das cruzadas.

Os britânicos, enquanto isso, receberam um mandato para administrar a Palestina. Chegando a Jerusalém em dezembro de 1917, o general Edmund Allenby estava evidentemente cômico da ofensa que poderia provocar no âmbito do Islã se apelasse para a retórica cruzada ou o triunfalismo (mesmo porque havia tropas muçulmanas servindo no exército britânico). Em forte contraste com o imperador Guilherme II, Allenby entrou na Cidade Santa a pé, e dizem que deu ordens estritas proibindo suas tropas de quaisquer referências às cruzadas. Infelizmente, sua precaução não impediu que parte da mídia britânica brincasse com supostos ecos medievais do evento. Na verdade, o periódico satírico inglês Punch publicou uma caricatura intitulada “A última cruzada”, representando Ricardo Coração de Leão olhando para Jerusalém do alto de uma colina, com a legenda: “Meu sonho se tornou realidade”. Mais tarde, espalhou o boato apócrifo, porém duradouro, de que o próprio Allenby teria proclamado: “Hoje terminaram as guerras das cruzadas”.

Na verdade, nessa época, a palavra “cruzada” – já dissociada da religião – estava começando a se destacar, em língua inglesa, de suas raízes medievais. Em 1915 o primeiro-ministro David Lloyd George descreveu a Primeira Guerra Mundial como “uma grande cruzada” num discurso inflamado. Na época da Segunda Guerra Mundial, as ordens do general Dwight D. Eisenhower para o Dia D, emitidas em 6 de junho de 1944, continham esta exortação às tropas Aliadas: “Vocês estão para embarcar numa grande cruzada”. O relato da guerra feito por esse general, em 1948, intitulou-se Cruzada na Europa.³⁸

O Islã moderno e as cruzadas

Depois de exibir um período de marcado desinteresse, o mundo muçulmano começou a exibir as primeiras centelhas de renovada curiosidade com relação às cruzadas em meados do século XIX. Por volta de 1865, a tradução de histórias francesas por cristãos sírios de língua árabe levou aos primeiros usos do termo al-hurub al-Salabiyya (as guerras “da Cruz”) para o que antes havia sido conhecido como as guerras dos Ifranj (os francos). Em 1872, um turco otomano, Namik Kemal, publicou a primeira biografia muçulmana “moderna” de Saladino – uma obra aparentemente escrita para refutar a história triunfalista de Michaud que havia sido recentemente traduzida para o turco. A visita do imperador Guilherme II ao Oriente Próximo em 1898 coincidiu, ou talvez a tenha fomentado, com outra explosão de interesse, pois no ano seguinte o estudioso egípcio Sayyid ‘Ali al-Hariri produziu a primeira história árabe das cruzadas, intitulada *Esplêndidos relatos das guerras das cruzadas*. Neste livro, al-Hariri escreveu que o sultão otomano Abdulhamid II (1876-1908) recentemente havia procurado caracterizar a ocupação ocidental do território muçulmano como uma nova “cruzada”, e afirmou que o sultão “observou acertadamente que a Europa agora está realizando uma cruzada contra nós sob a forma de campanha política”. Por volta dessa mesma época, o poeta muçulmano Ahmad Shaqwui escreveu um questionamento em verso da causa de Saladino ter sido esquecido pelo Islã até o lembrete oferecido pelo kaiser Guilherme.³⁹

Nos anos que se seguiram, muçulmanos da Índia à Turquia e o Levante começaram a comentar sobre a similaridade entre as ocupações cruzadas medievais e as modernas ingerências ocidentais – uma comparação que, é claro, havia sido oral e entusiasticamente exposta no Ocidente há décadas. Um crescente fascínio por Saladino como figura heroica muçulmana também ficou evidente pela abertura de uma nova universidade em Jerusalém com o nome do sultão em 1915. Estes dois fenômenos relacionados foram acelerados pelos eventos do final da Primeira Guerra Mundial: o estabelecimento de mandatos britânicos e franceses no Levante e a ampla reprodução da suposta referência de Allenby às cruzadas; e a generalizada popularização do paralelismo histórico na Europa. Em 1934, um proeminente autor árabe sugeriu que “o Ocidente ainda está lançando guerras de cruzada contra o Islã sob a forma do imperialismo

político e econômico”.

A mudança crítica, contudo, chegou depois da Segunda Guerra Mundial, com o mandato da ONU fundando o estado de Israel em 1948 – a realização do que foi chamado de sionismo. Nesse outubro, o comentarista ‘Abd al-Latif Hamza escreveu que “a luta contra os sionistas tornou a despertar em nossos corações a memória das cruzadas”. A partir de 1948, o mundo muçulmano engajou-se num crescente reexame ativo da guerra medieval pela Terra Santa. A cultura arábico-islâmica já tem uma longa tradição – remetendo-se à Idade Média central e para além dela – de busca pelo aprendizado com o passado. Portanto, não é de surpreender que por todo o Oriente Próximo e Médio, estudiosos, teólogos e ativistas radicais agora tenham começado a refinar e afirmar seus próprios paralelos históricos; a atrelar a história das cruzadas a seus próprios propósitos.⁴⁰

Os princípios do “paralelismo cruzado”

Este processo de apropriação histórica prossegue até hoje. O período cruzado já foi e ainda é excepcionalmente adequado às necessidades dos propagandistas islâmicos. Tendo terminado há quase oitocentos anos, os eventos precisos dessa era são suficientemente nebulosos para serem prontamente reformulados e manipulados: os “fatos” úteis podem ser selecionados; quaisquer detalhes desconfortáveis que não se correlacionam com uma determinada ideologia são facilmente descartados. As cruzadas também podem ser usadas para construir uma valiosa narrativa didática, pois encerram o ataque “ocidental” e a eventual vitória islâmica. O papel de Jerusalém é igualmente crítico. Na realidade, a importância política e até devocional atribuída pelos muçulmanos à Cidade Santa variaram e oscilaram durante a Idade Média – da mesma forma que em séculos posteriores. Mas a luta medieval pelo domínio deste sítio ajuda os modernos ideólogos a cultivarem uma ideia de Jerusalém – e mais especialmente do Haram as-Sharif, ou Monte do Templo – como fortaleza inviolável da fé muçulmana.

Nos últimos sessenta anos, um grande número de grupos e indivíduos islâmicos, de políticos a terroristas, tem buscado estabelecer comparações entre o mundo moderno e as cruzadas medievais. Em termos de detalhe e ênfase existem importantes diferenças nas mensagens e ideias por eles propagadas, mas também existe uma subestrutura relativamente consistente sustentando todos os seus vários argumentos e dominada por duas ideias. A primeira é que o Ocidente, como poder colonial invasor, agora está cometendo crimes contra o mundo muçulmano, como fez novecentos anos atrás, recriando as cruzadas medievais na era moderna. Contudo, a criação de Israel, com o apoio do Ocidente, acrescentou um novo ingrediente à história. Na encarnação do século XX desta luta, não são apenas cruzados imperialistas, mas também judeus que estão buscando ocupar a Terra Santa. Juntos, eles parecem se juntar numa aliança “cruzado-sionista” contra o Islã. Os propagandistas buscam associar uma aura de credibilidade a esta estranha justaposição afirmando que Israel ocupa aproximadamente o mesmo território que o reino franco de Jerusalém. Em décadas recentes, contudo, o foco geográfico dessa ideologia se expandiu rapidamente. Novas intervenções ocidentais, notoriamente as conduzidas pelos americanos no Oriente Próximo e

Médio, bem como na Ásia central, têm-se posicionado ao lado dos conflitos árabe-israelenses e o dilema dos palestinos, acrescentando-se aos crimes da chamada aliança “cruzado-sionista”. Estes incluem as duas Guerras do Golfo, a luta contra o Talibã e a al-Qaeda no Afeganistão e o estacionamento, no território muçulmano sagrado da Arábia Saudita de tropas americanas, descritas por Osama bin Laden como “hostes cruzadas (que) se espalharam nela como gafanhotos”.⁴¹

O segundo pilar do “paralelismo cruzado” relaciona-se com a suposta capacidade do Islã de aprender valiosas lições com a era medieval. Em 1963, o autor muçulmano Sa'id Ashur publicou uma História das cruzadas, em árabe e em dois volumes, onde afirma que a situação com que se defrontam os modernos muçulmanos era similar à da Idade Média, e, portanto, “estamos incumbidos de estudar o movimento das cruzadas detalhada e cientificamente”. Numerosos ideólogos islâmicos têm procurado inspiração na guerra medieval pela Terra Santa. Alguns têm argumentado em favor da unificação do Islã, pela força se necessário, e a intransigente e incansável busca pela jihad, numa suposta imitação dos muçulmanos da Idade Média. Muitos propagandistas sugerem que o Islã deve se dispor a encarar pacientemente uma longa batalha – afinal, levou 88 anos para reclamar Jerusalém dos francos e quase dois séculos para destruir o Ultramar. De maneira crucial, os “heróis” muçulmanos da era cruzada também foram eleitos como exemplares – notadamente Saladino. Na verdade, durante o século XX, o sultão aiúbida tem sido amplamente transformado em mito, o campeão islâmico fundamental da guerra medieval pela Terra Santa. Saladino, e não o sultão Baybars, foi quem ganhou, então, o status de culto no mundo de língua árabe. A vitória que teve contra os cristãos ocidentais na Batalha de Hattin é reverenciada como uma das maiores da história muçulmana, e a subsequente recaptura de Jerusalém, assunto de intenso orgulho e celebração pan-islâmicos.⁴²

O nacionalismo árabe e o islamismo

Diversos ideais têm sido construídos sobre duas bases: a ideia de uma renovada ofensiva cruzada e a necessidade de buscar instruções na Idade Média. Na realidade, o verdadeiro poder desta abordagem manipuladora do passado mostrou ser sua notável flexibilidade, pois os partidários de duas ideologias diametralmente opostas – o nacionalismo árabe e o islamismo – têm procurado, com igual entusiasmo, se apropriar da história das cruzadas.

Os preceitos do nacionalismo árabe são de caráter essencialmente secular, defendendo a separação entre a autoridade espiritual e a temporal no Islã e advogando o governo dos estados árabes muçulmanos por líderes políticos, mas não religiosos. Assim, os líderes do nacionalismo árabe têm mostrado pouco interesse pelas cruzadas como guerras de religião, fixando-se, em vez disso, na noção de ameaça do imperialismo estrangeiro e o valor da propaganda em forjar comparações entre suas próprias vidas e as realizações de Saladino. Gamal Abdel Nasser, primeiro-ministro (e depois presidente) do Egito de 1954 a 1970, foi um dos primeiros proponentes da ideologia do nacionalismo árabe. Ele afirmava que a criação de Israel foi “um substituto das cruzadas”, instituído quando “o imperialismo assinou um pacto com o sionismo”. Nasser também fez repetidas tentativas de se ligar a Saladino. Não por coincidência o famoso épico “histórico” Saladino (1963), de Youseff Chahine – em sua época o filme árabe de orçamento mais elevado da história –, foi produzido no Egito, com um ator extraordinariamente parecido com Nasser.

Comentando o conflito árabe-israelense de 1981, o presidente da Síria Hafez al-Assad incentivou os muçulmanos a “se voltarem para a invasão dos cruzados. Embora eles tenham lutado contra nós por duzentos anos, não nos rendemos ou capitulamos”. Assad também pousou como “o Saladino do século XX” e em 1992 erigiu uma grande estátua desse herói no coração de Damasco. O líder iraquiano árabe-nacionalista Saddam Hussein era ainda mais obcecado por Saladino. Convenientemente esquecendo a origem curda de Saladino, em vez disso, enfatizava que ambos nasceram no mesmo local – Tikrit. Saddam chegou ao cúmulo de ligar suas trajetórias: mandou estampar selos e cédulas iraquianas com seu rosto junto ao sultão; ordenou a produção de livros infantis em que ele

próprio era denominado “o segundo Saladino”;⁴³ ou mesmo nas várias estátuas colocadas nos jardins dos muitos palácios presidenciais, onde Saddam Hussein era representado com roupas como as usadas na época do sultão aiúbida. O islamismo é o oposto polar do nacionalismo árabe em termos de ideologia – desposando a noção de que o Islã deve ser governado como uma teocracia. Não obstante, os islamitas têm sido, quando muito, ainda mais estridentes em suas tentativas de estabelecer ligações espúrias entre as cruzadas medievais e o mundo moderno. De sua perspectiva espiritual, a propaganda islamista apresenta as cruzadas como agressivas guerras religiosas contra o Dar al-Islam (território islâmico), para as quais a única resposta só pode ser a violenta jihad física. Um dos mais influentes ideólogos islamistas, Sayyid Qutb (que foi executado no Egito por traição em 1966), descreveu o imperialismo ocidental como uma “máscara para o espírito cruzado”, afirmando que ele “corre no sangue de todos os ocidentais”. Ele também declarou que houve uma conspiração do “cruzadismo internacional” por trás das intervenções do Ocidente no Levante, citando a suposta referência de Allenby às cruzadas como prova. As ideias de esse ideólogo influenciaram muitas organizações islâmicas radicais, do Hamas ao Hezbollah. Mas no século XXI os mais perigosos proponentes deste tipo particular de extremismo foram Osama bin Laden e seu aliado Ayman al-Zawahiri – as principais vozes da rede terrorista conhecida como al-Qaeda. Sua retórica foi recheada com referências às cruzadas na sucessão de eventos de 2001. Quando, logo após o 11 de setembro, George W. Bush inadvertidamente escolheu caracterizar sua proposta “guerra ao terrorismo” como “cruzada” (um termo cuidadosamente evitado depois disso), ele simplesmente deu munição para a al-Qaeda. Realmente, no final de 2002, bin Laden fez uma declaração afirmando que “um dos importantes resultados positivos dos ataques a Nova York e Washington foi a revelação da verdade com relação ao conflito entre os cruzados e os muçulmanos (e) a força do ódio que os cruzados sentiam por nós”. Então, em março de 2003, depois da invasão do Iraque comandada pelos Estados Unidos, bin Laden acrescentou: “A campanha sionista-cruzada contra (o Islã) hoje é mais perigosa e raivosa que nunca... (para aprendermos) a resistir a essas forças inimigas do exterior, devemos olhar para a guerra anterior dos cruzados contra nossos países”. Esta propaganda inflamada e enganadora, baseada na manipulação da história, tem dado poucos sinais de que irá arrefecer.⁴⁴

AS CRUZADAS NA HISTÓRIA

O “paralelismo cruzado” tem desempenhado um papel distinto na modelagem do mundo moderno – um papel que, em tempos recentes, tem sido amplamente mal compreendido. A manipulação da história e da memória da guerra pela Terra Santa começou com o romantismo do século XIX e o triunfalismo colonial do Ocidente. Ela tem sido perpetuada pela propaganda política e a invectiva ideológica no mundo muçulmano. O propósito de se identificar e examinar este processo não é ser leniente ou condenar as ideologias do imperialismo, do nacionalismo árabe ou do islamismo, mas de expor a crua simplicidade e a flagrante inexatidão dos paralelos “históricos” evocados em seu nome. As ressonâncias políticas, culturais e espirituais das distantes cruzadas têm sido manufaturadas por uma visão imaginária do passado; uma visão que se associa com a caricatura, a distorção e a fabricação, e não com as realidades da violência, diplomacia e comércio, inimizade e aliança recíprocas que jazem no coração das cruzadas.

É claro que a humanidade sempre mostrou uma tendência a deliberadamente distorcer a história. Mas os perigos que rondam o “paralelismo cruzado” já comprovaram ser particularmente intensos. Nos últimos dois séculos, uma narrativa falaciosa se impôs. Ela sugere que as cruzadas foram decisivas para a relação entre o Islã e Ocidente porque engendraram um senso profundamente enraizado e irrevogável de antipatia mútua, deixando essas duas culturas prisioneiras de uma guerra destrutiva e perpétua. Esta noção – de uma trilha direta e ininterrupta de conflito ligando as eras medieval e moderna – ajudou a cultivar uma aceitação disseminada, e quase fatalista, de que um choque titânico de civilizações é inevitável. Embora obscuras, brutais e até selvagens como foram em muitos momentos, as cruzadas não deixaram nenhuma marca permanente na sociedade cristã ocidental ou na muçulmana. Na verdade, a guerra pela Terra Santa havia sido esquecida no final da Idade Média, ressurgindo apenas séculos depois.

Talvez as cruzadas efetivamente nos digam ainda algo sobre o nosso mundo. A maioria (se não todas) de suas lições são comuns a outras eras da história humana. Estas guerras desnudaram o poder da fé e da ideologia de inspirar

fervorosos movimentos de massa e evocar a discórdia violenta; elas afirmam a capacidade dos interesses comerciais de transcender as barreiras do conflito; e ilustram como a suspeita e o ódio pelo “outro” podem ser prontamente atrelados. Mas a noção de que a luta pelo domínio da Terra Santa – lançada pelos cristãos latinos e os muçulmanos levantinos tantos séculos atrás – tem, ou deveria ter, uma influência direta sobre o mundo moderno é equivocada. A realidade dessas guerras medievais deve ser explorada e entendida se as forças da propaganda forem abrandadas, e a incitação à hostilidade combatida. Mas as cruzadas também devem ser colocadas em seu devido lugar: no passado.

AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão com todos os que me ajudaram durante os seis anos de pesquisa e escrita deste livro. Meus colegas do Departamento de História da Queen Mary University de Londres foram de um apoio maravilhoso o tempo todo, e gostaria de agradecer particularmente Virginia Davis, Julian Jackson, Peter Hennessy, Miri Rubin, Peter Denley, Yossi Rapoport, Dan Todman e Alice Austin. Meus alunos, não menos importantes de meu curso especial “A Primeira Cruzada” e dos Estudos cruzados do MA de Londres, também foram uma grande fonte de inspiração.

Peter Edbury teve a gentileza de ler o primeiro rascunho desta obra (quando era consideravelmente mais longa que agora!), e também me beneficiei enormemente da amizade e da ajuda oferecida por Sue Edgington e William Purkis. Andrew Gordon e John Saddler moldaram minha visão inicial do livro, enquanto a paciência e o incentivo de Mike Jones, da Simon & Schuster, Dan Halpern e Matt Weiland, da Ecco, permitiram que eu terminasse o projeto. O olho astuto de Sue Phillpott ajudou-me a refinar o texto, e sou especialmente grato a Katherine Stanton por sua criteriosa orientação editorial e o grande cuidado que tomou na preparação deste livro para a publicação. Meus agentes Peter Robinson e George Lucas foram sempre fontes inesgotáveis de apoio e conselho. As numerosas discussões do mundo cruzado que tive com Tony To, Don MacPherson e Kario Salem também ajudaram a me entusiasmar com minha ideia de perspectivas cambiantes entre o cristianismo e o Islã nesta obra.

Gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos a todos que estiveram comigo nestes anos. A James Ellison, o melhor dos amigos e colegas; a John Hardy, um verdadeiro amigo em todas as épocas; a Steve Jones e Stuard Webber, que sempre souberam não perguntar como o livro ia indo; e a Robert e Maria Oram, Simon Bradley, Anthony Scott, Daniel Richards, Julie Jones e Lizzie Webber por seu apoio sempre seguro. Também sou muitíssimo grato a minha família por seu incentivo, e gostaria de agradecer a Per Asbridge, Camilla Smith, Jane Campbell, Margaret Williams e Craig Campbell. Meus pais foram de uma enorme amabilidade, como sempre, e sem a ajuda deles teria sido impossível escrever este livro. No centro de minha vida, esse tempo todo, estiveram Christine e Ella, minha esposa e minha filha. Foram a paciência e o amor delas

que me sustentaram, acima de qualquer outra coisa, e elas merecem os meus mais profundos agradecimentos.

Thomas Asbridge

West Sussex

CRONOLOGIA

27 de novembro de 1095	O sermão do papa Urbano II sobre a Primeira Cruzada
18 de junho de 1097	Niceia se entrega à Primeira Cruzada;
1º de julho de 1097	Batalha de Dorileia;
2 de junho de 1098	A Primeira Cruzada saqueia Antioquia;
28 de junho de 1099	Batalha de Antioquia contra Kerbogha de Mossul;
15 de julho de 1099	A Primeira Cruzada captura Jerusalém;
Maio de 1104	Batalha de Harã;
28 de junho de 1119	Rogério de Antioquia morto no Campo de Sangue;
Junho de 1128	Zengui assume o controle de Alepo;
Dezembro de 1144	Zengui conquista Edessa;
1º de dezembro de 1145	O papa Eugênio III proclama a Segunda Cruzada;
Setembro de 1146	Zengui assassinado; Nur al-Din assume o controle d
Julho de 1148	Fracassa o cerco de Damasco pela Segunda Cruzada
29 de junho de 1149	Batalha de Inab;
19 de agosto de 1153	Os latinos conquistam Ascalão;

Abril de 1154	Nur al-Din ocupa Damasco;
11 de agosto de 1154	Nur al-Din derrota os francos perto de Harim;
Março de 1169	Saladino assume o título de vizir do Egito;
Setembro de 1171	Abolido o califado fatímida do Egito;
15 de maio de 1174	Morte de Nur al-Din; em outubro Saladino assume c
25 de novembro de 1177	Batalha de Monte Gisard;
12 de junho de 1183	Saladino ocupa Alepo;
Maio de 1185	Morte do rei Balduíno IV de Jerusalém;
4 de julho de 1187	Batalha de Hattin;
2 de outubro 1187	Saladino retoma Jerusalém;
29 de outubro de 1187	O papa Gregório VIII convoca a Terceira Cruzada;
Novembro de 1187	Ricardo I, “Coração de Leão”, aceita a cruz;
28 de agosto de 1189	Guy de Lusignan cerca Acre;
10 de junho de 1190	Morte de Frederico Barbarroxa na Ásia Menor;
8 de junho de 1191	Ricardo Coração de Leão chega a Acre;
12 de julho de 1191	A Terceira Cruzada ocupa Acre;
20 de agosto de 1191	Ricardo I executa prisioneiros muçulmanos no exter

7 de setembro de 1191	Batalha de Arsuf;
13 de janeiro de 1192	Ricardo I ordena a primeira retirada de Beit Nuba;
4 de julho de 1192	A Terceira Cruzada faz sua segunda retirada de Beit Nuba;
2 de setembro de 1192	Tratado de Jafa finalizado;
4 de março de 1192	Morte de Saladino;
15 de agosto de 1198	O papa Inocêncio III convoca a Quarta Cruzada;
12 de abril de 1204	A Quarta Cruzada saqueia Constantinopla;
Novembro de 1215	O papa Inocêncio III preside o Quarto Concílio de Letrão;
5 de novembro de 1219	A Quinta Cruzada captura Damietta;
17 de março de 1229	Frederico II Hohenstaufen entra em Jerusalém;
11 de julho de 1244	Os corásmios saqueiam Jerusalém;
18 de outubro de 1244	Batalha de La Forbie;
4 de junho de 1249	O rei Luís IX chega ao Egito;
8 de fevereiro de 1250	Batalha de Al Mansurah;
Abril de 1250	Luís IX feito prisioneiro por Turan Xá;
Fevereiro de 1258	Os mongóis saqueiam Bagdá;

3 de setembro de 1260	Batalha de Ayn Jalut;
Junho de 1261	Baybars investido sultão mameluco;
19 de maio de 1268	Baybars saqueia Antioquia;
8 de abril de 1271	Os hospitalários entregam o Krak des Chevaliers a E
27 de abril de 1289	Calavuno captura Trípoli;
19 de maio de 1291	Os mamelucos conquistam Acre.

NOTAS

1D. Ayalon, *Le phénomène mamelouk dans l'orient Islamique* (Paris, 1996); R. Amitai-Preiss, *Mongols and Mamluks: The Mamluk-Ilkanid War, 1260-1281* (Cambridge, 1995). O estudo clássico da carreira de Baybar é: P. Thorau, *The Lion of Egypt: Sultan Baybars I and the Near East in the Thirteenth Century*, trans. P. M. Holt (Londres, 1992). Ver também: A. A. Khowaiter, *Baybars the First* (Londres, 1978). Para uma tradução em inglês de excertos da biografia de Baybars por Ibn 'Abd al-Zahir, ver: S. F. Sadaque, *The Slave King: Baybars I of Egypt* (Dacca, 1956). D. P. Little, *An Introduction to Mamluk Historiography* (Montreal, 1970); P. M. Holt, 'Three biographies of al-Zahir Baybars', *Medieval Historical Writing in the Christian Worlds*, ed. D. Morgan (Londres, 1982), pp. 19-29; P. M. Holt, 'Some observations on Shafi' b. ibn 'Ali's biography of Baybars', *Journal of Semitic Studies*, vol. 29 (1984), pp. 123-30; Y. Koch, 'Izz al-Din ibn Shaddad and his biography of Baybars', *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*, vol. 43 (1983), pp. 249-87.

2D. Morgan, *The Mongols*, 2nd edn (Oxford, 2007); J.-P. Roux, *Genghis Khan and the Mongol Empire* (Londres, 2003); P. Jackson, *The Mongols and the West, 1221-1410* (Harlow, 2005); J. Richard, *La papauté et les missions d'Orient au Moyen Âge* (Rome, 1977); J. D. Ryan, 'Christian wives of Mongol khans: Tartar queens and missionary expectations in Asia', *Journal of the Royal Asiatic Society*, 3rd series, vol. 8.3 (1998), pp. 411-21; P. Jackson, 'Medieval Christendom's encounter with the alien', *Historical Research*, vol. 74 (2001), pp. 347-69.

3D. Morgan, 'The Mongols in Syria, 1260-1300', *Crusade and Settlement*, ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 231-5.

4P. Jackson, 'The crisis in the Holy Land in 1260', *English Historical Review*,

vol. 95 (1980), pp. 481-513; Amitai-Preiss, *Mongols and Mamluks* , pp. 26-48; J. M. Smith, 'Ayn Jalut: Mamluk success or Mongol failure', *Harvard Journal of Asiatic Studies* , vol. 44 (1984), pp. 307-47; P. Thorau, 'The battle of Ayn Jalut: A re-examination', *Crusade and Settlement* , ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 236-41.

5Thorau, *The Lion of Egypt* , pp. 75-88.

6Thorau, *The Lion of Egypt* , pp. 91-119.

7Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives* , pp. 225-46; D. P. Little, 'Jerusalem under the Ayyubids and Mamluks 1197-1516 AD', *Jerusalem in History* , ed. K. J. Asali (Londres, 1989), pp. 177-200.

8Thorau, *The Lion of Egypt* , pp. 103-5.

9P.M. Holt, 'The treaties of the early Mamluk sultans with the Frankish states', *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* , vol. 43 (1980), pp. 67-76; P.M. Holt, 'Mamluk-Frankish diplomatic relations in the reign of Baybars', *Nottingham Medieval Studies* , vol. 32 (1988), pp. 180-95; P. M. Holt, *Early Mamluk Diplomacy* (Leiden, 1995).

10 [D. Ayalon, 'Aspects of the Mamluk phenomenon: Ayyubids, Kurds and Turks', *Der Islam* , vol. 54 \(1977\), pp. 1-32; D. Ayalon, 'Notes on Furusiyya exercises and games in the Mamluk sultanate', *Scripta Hierosolymitana* , vol. 9 \(1961\), pp. 31-62; H. Rabie, 'The training of the Mamluk Faris', *War, Technology and Society in the Middle East* , ed. V. J. Parry and M. E. Yapp \(Londres, 1975\), pp. 153-63.](#)

11 O sultão também tentou, mas não conseguiu, montar uma cavalaria de elefantes. Foram feitos esforços para construir uma armada mameluca – já que o Islã tinha gozado de pouca ou nenhuma presença no Mediterrâneo desde a Terceira Cruzada –, mas os navios de Baybars parecem ter sido mal projetados, e a maioria afundou durante um posterior assalto a Chipre.

12 Thorau, The Lion of Egypt , p. 168.

13 ‘Les Gestes des Chiprois’, Recueil des historiens des croisades, Documents arméniens , vol. 2, ed. Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (Paris, 1906), p. 766. This text is translated in: P. Crawford (trans.), The ‘Templar of Tyre’: Part III of the ‘Deeds of the Cypriots’ (Aldershot, 2003).

14 Ibn ‘Abd al-Zahir, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli (Londres, 1969), pp. 310-12.

15 William of Saint-Parthus, Vie de St Louis , ed. H.-F. Delaborde (Paris, 1899), pp. 153-5.

16 Ibn al-Furat, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli (Londres, 1969), p. 319.

17 S. Lloyd, ‘The Lord Eduardo’s Crusade, 1270-72’, War and Government: Essays in Honour of J. O. Prestwich , ed. J. Gillingham and J. C. Holt (Woodbridge, 1984), pp. 120-33; Tyerman, England and the Crusades , pp. 124-32.

18 Thorau, The Lion of Egypt , pp. 225-9, 235-43.

19 L. Northrup, From Slave to Sultan: The Career of al-Mansur Qalawun and the Consolidation of Mamluk Rule in Egypt and Syria (678-689 A.H./1279-1290 A.D.) (Stuttgart, 1998); P. M. Holt, 'The presentation of Qalawun by Shafi' b. ibn 'Ali', The Islamic World from Classical to Modern Times , ed. C. E. Bosworth, C. Issawi, R. Savory and A. L. Udovitch (Princeton, 1989), pp. 141-50.

20 Amitai-Preiss, Mongols and Mamluks , pp. 179-201.

21 Richard, The Crusades, pp. 434-41; P. M. Holt, 'Qalawun's treaty with the Latin kingdom (682/1283): negotiation and abrogation', Egypt and Syria in the Fatimid, Ayyubid and Mamluk Eras , ed. U. Vermeulen and D. de Smet (Leiden, 1995), pp. 325-34.

22 Abu'l Fida, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli (Londres, 1969), p. 342; R. Irwin, 'The Mamluk conquest of the county of Tripoli', Crusade and Settlement , ed. P. W. Edbury (Cardiff, 1985), pp. 246-50.

23 Richard, The Crusades, pp. 463-4.

24 Abu'l Fida, Arab Historians of the Crusades , pp. 344-5; 'Les Gestes des Chiprois', p. 811; D. P. Little, 'The fall of 'Akka in 690/1291: the Muslim version', Studies in Islamic History and Civilisation in Honour of Professor David Ayalon , ed. M. Sharon (Jerusalem, 1986), pp. 159-82.

25 Abu l-Mahasin, Arab Historians of the Crusades , trans. F. Gabrieli (Londres, 1969), p. 347; ‘Les Gestes des Chiprois’, pp. 812, 814; Abu’l Fida, Arab Historians of the Crusades , p. 346.

26 Abu l-Mahasin, Arab Historians of the Crusades , p. 349; ‘Les Gestes des Chiprois’, p. 816; J. Delaville le Roulx (ed.), Cartulaire général de l’ordre des Hospitaliers 1100-1310 , vol. 3 (Paris, 1899), p. 593; Abu’l Fida, Arab Historians of the Crusades , p. 346.

27 M. Barber, The Trial of the Templars (Cambridge, 1978); N. Housley, ‘The Crusading Movement, 1274-1700’, The Oxford Illustrated History of the Crusades , ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 260-93; N. Housley, The Later Crusades (Oxford, 1992).

28 E. Siberry, Criticism of Crusading, 1095-1274 (Oxford, 1985). Os historiadores ainda têm que demonstrar que a guerra durante a era das cruzadas era ou não incomumente violenta ou extrema em comparação com outros conflitos medievais. Esta é uma área fundamental de pesquisa em que maiores estudos são urgentemente necessários.

29 Para uma leitura acessível para se colocar a cruzada no contexto mais amplo das relações entre cristãos e muçulmanos, ver: R. Fletcher, The Cross and the Crescent (Londres, 2003).

30 Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 257-429; Housley, Contesting the Crusades , pp. 144-66; C. J. Tyerman, Fighting for Christendom: Holy War and the Crusades (Oxford, 2004), pp. 79-92, 155-70.

31 C. J. Tyerman, 'What the crusades meant to Europe', The Medieval World, ed. P. Linehan and J. L. Nelson (Londres, 2001), pp. 131-45; Tyerman, Fighting for Christendom, pp. 145-54.

32 J. S. C. Riley-Smith, 'Islam and the crusades in history and imagination, 8 November 1898-11 September 2001', Crusades, vol. 2 (2003), p. 166.

33 Constable, 'The Historiography of the Crusades', pp. 6-8; Tyerman, The Invention of the Crusades, pp. 99-118.

34 Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives, pp. 589-600; R. Irwin, 'Islam and the Crusades, 1096-1699', The Oxford Illustrated History of the Crusades, ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 217-59.

35 E. Siberry, 'Images of the crusades in the nineteenth and twentieth centuries', The Oxford Illustrated History of the Crusades, ed. J. S. C. Riley-Smith (Oxford, 1995), pp. 365-85; E. Siberry, The New Crusaders: Images of the Crusades in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries (Aldershot, 2000); E. Siberry, 'Nineteenth-century perspectives on the First Crusade', The Experience of Crusading, 1. Western Approaches, ed. M. G. Bull and N. Housley (Cambridge, 2003), pp. 281-93; R. Irwin, 'Saladin and the Third Crusade: A case study in historiography and the historical novel', Companion to Historiography, ed. M. Bentley (Londres, 1997), pp. 139-52; M. Jubb, The Legend of Saladin in Western Literature and Historiography (Lewiston, 2000).

36 Riley-Smith, 'Islam and the crusades in history and imagination', pp. 155-6. Este desejo de se reconectar com o passado medieval encontrou expressão maior em Versalhes, fora de Paris. O rei Luís Filipe da França dedicou cinco salas – as

Salles des Croisades – desse palácio a pinturas monumentais representando cenas das guerras santas. Os nobres franceses com um histórico familiar de cruzada podiam expor seus brasões de armas nessas salas, e 316 emblemas pendiam originalmente das paredes quando as Salles foram abertas em 1840. Contudo, protestos veementes contra a exclusão fizeram que elas fossem fechadas quase imediatamente por mais três anos. Isto propiciou um furioso comércio de documentos falsos que tentavam comprovar certas linhagens cruzadas, e que foram fornecidos (por um preço módico) por um grande oportunista chamado Eugène-Henri Courtois. Essas falsificações só foram detectadas em 1956.

37 Siberry, ‘Images of the crusades in the nineteenth and twentieth centuries’, pp. 366-8, 379-81; Riley-Smith, ‘Islam and the crusades in history and imagination’, pp. 151-2; J. Richard, ‘National feeling and the legacy of the crusades’, Palgrave Advances in the Crusades , ed. H. Nicholson (Basingstoke, 2005), pp. 204-22.

38 Siberry, ‘Images of the crusades in the nineteenth and twentieth centuries’, pp. 382-5.

39 E. Sivan, ‘Modern Arab Historiography of the Crusades’, Asian and African Studies , vol. 8 (1972), p. 112; Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 590-92; Riley-Smith, ‘Islam and the crusades in history and imagination’, p. 155.

40 Sivan, ‘Modern Arab Historiography of the Crusades’, pp. 112-13.

41 B. Lewis, ‘License to Kill: Usama bin Ladin’s Declaration of Jihad ’, Foreign Affairs (November/December 1998), p. 14.

42 Sivan, 'Modern Arab Historiography of the Crusades', p. 114; Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 592-600.

43 E. Karsh, Islamic Imperialism (Londres, 2006), pp. 134-5; U. Bhatia, Forgetting Osama bin Munqidh, Remembering Osama bin Laden: The Crusades in Modern Muslim Memory (Singapore, 2008), pp. 39-40, 53.

44 Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives , pp. 600-602; Bhatia, Forgetting Osama bin Munqidh, Remembering Osama bin Laden , pp. 23, 52-3.

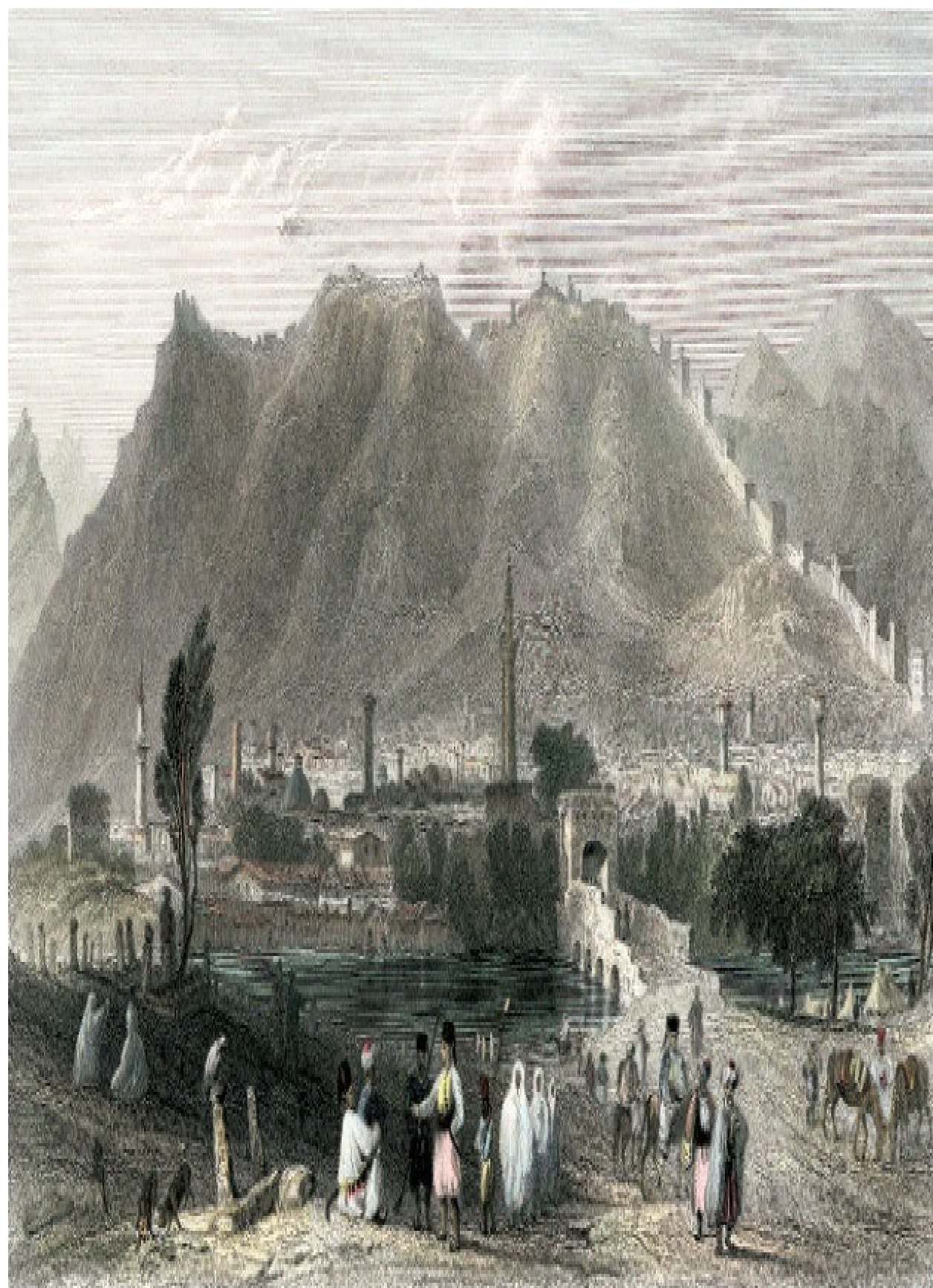
Na Idade Média, assim como hoje, Jerusalém era reverenciada como local de profundo significado espiritual para cristãos, muçulmanos e judeus, e o destino desta Cidade Santa esteve inextricavelmente ligado à história das cruzadas. Este mapa do final do século XII mostra a metrópole murada e seus santuários mais sagrados – o Domo da Rocha, a mesquita de Al-Aqsa e o Santo Sepulcro.



O papa Urbano II lançou a Primeira Cruzada em 1095.



Cerca de 100 mil pessoas aderiram à cruzada, entre eles o duque Godofredo de Bouillon e Ademar de Le Puy, aqui mostrados partindo para a Terra Santa.



A grande cidade de Antioquia, construída no sopé do Monte Silpius, era fechada por um circuito de altas muralhas com quase cinco quilômetros de comprimento.



Depois que entraram na cidade próximo do amanhecer do dia 3 de junho de 1098, os homens da Primeira Cruzada deram início a um massacre indiscriminado, aqui mostrado em uma iluminura do século XIII.



O Domo da Rocha, localizado dentro do Haram as-Sharif, ou complexo do Templo do Monte.



O Santo Sepulcro, que se acredita incluir o local da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Foi aqui que os homens da Primeira Cruzada renderam graças depois de saquear Jerusalém em 15 de julho de 1099.

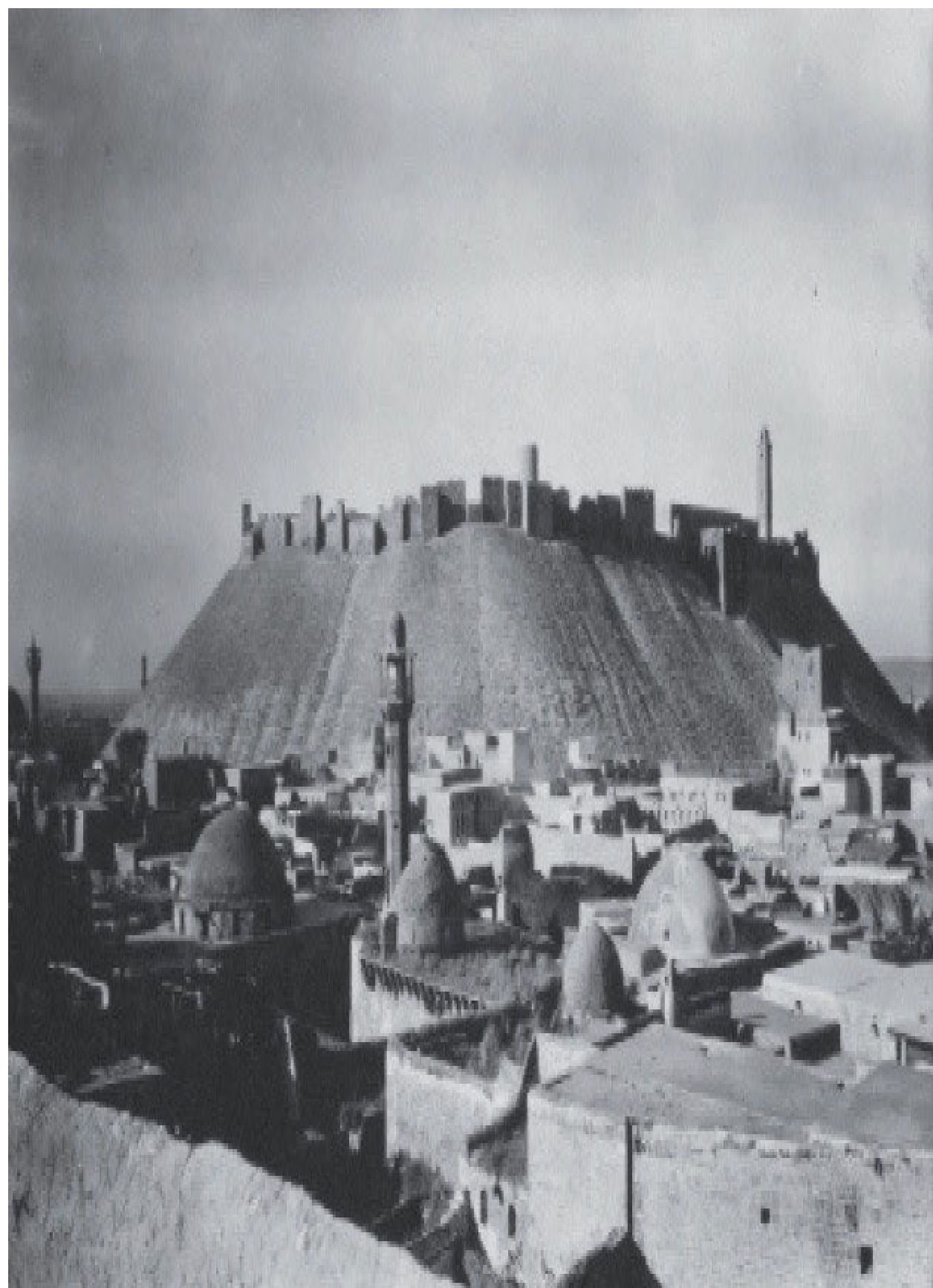


A cidadela de Jerusalém, a Torre de Davi.



Uoz estoit agiant merueille la cite de
 sur: Et mout endienne. Vlpins qui mout
 fut deslois isutiez si com l'endit. Li rois me n-
 ien noierent mout quant il oient la seinguo-
 rie del monde selonc les endiennes estimes: ha

A cristandade latina do Reino de Jerusalém conquistou a cidade de Tiro – que abrigava um dos melhores portos do Levante – em 1124, com a ajuda de marinheiros venezianos (aqui vistos à direita). O apoio naval oferecido por cidades como Veneza, Pisa e Gênova provou ser crucial para a fundação dos Estados cruzados. Esta iluminura provém de um manuscrito da História do Ultramar, de Guilherme de Tiro, produzido na segunda metade do século XIII.



A imponente cidadela de Alepo.

CRESWELL ARCHIVE, MUSEU ASHMOLEAN/ IMAGEM CORTESIA DE
FINE ARTS LIBRARY, HARVARD COLLEGE LIBRARY



A Grande Mesquita dos Omíadas de Damasco.



Uma das duas capas de marfim do Saltério de Melisenda, o livro de oração pequeno, embora finamente decorado, que se acredita ter sido oferecido pelo rei Fulco de Jerusalém a sua rainha Melisenda por volta de 1135. Aqui um rei, portando a vestimenta imperial grega, executa obras de caridade: vestir os pobres, curar os doentes.



São Bernardo de Claraval: uma das mais destacadas figuras espirituais do século XII, apoiador dos templários e pregador da Segunda Cruzada.



O púlpito ricamente entalhado encomendado por Nur al-Din e instalado por Saladino na mesquita de Al-Aqsa de Jerusalém, em 1187. Foi destruído pelo fogo ateadado por um fanático australiano em 1969.



Uma representação medieval tardia de Saladino, fundador da dinastia aiúbida e campeão do Islã.



O afloramento rochoso da Galileia conhecido como os Chifres de Hattin, onde Saladino confrontou os latinos em 5 de julho de 1187.



O artista francês do século XIX Gustave Doré imaginou o momento em que os muçulmanos cercaram o inimigo em Hattin.



A cidade de Acre – o que restou da Torre das Moscas pode ser visto na parte inferior desta foto aérea.



A efígie de Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra (1189-99). Durante a Terceira Cruzada, Ricardo enfrentou as forças de Saladino, mas se mostrou incapaz de reconquistar Jerusalém.



O magnífico castelo hospitalário de Krak des Chevaliers.



As defesas da fortaleza “cruzada” síria de Saone foram reforçadas por um fosso profundo, cavado na rocha sólida, com um único pilar suportando uma ponte.



O castelo deserto de Kerak ajudou a defender Jerusalém e a controlar a passagem pela Transjordânia.



O papa Inocêncio III – um ardoroso e entusiasmado defensor da causa cruzada.



O imperador Frederico II da Alemanha, o mais poderoso governante secular da Europa, cultivou um interesse pela ciência e entretenimentos cortesãos como a falcoaria.

nescit tunc dicitur caput est dicitur tunc dicitur
 que nescit tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur

Tunc dicitur

Tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur
 tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur tunc dicitur

Tunc dicitur
 Tunc dicitur



Soldados da Quinta Cruzada, ao atacarem Damietta, usaram a torre de assédio flutuante de Olivier de Paderborn para capturar a Torre da Corrente.



O rei Luís IX da França, usando azul real e flores de lis douradas, comanda suas tropas na Batalha de Mansura.



Guerreiros mamelucos – a elite militar muçulmana no século XIII – em treinamento.



O leão emblemático da Torre de Baybars no Cairo – uma imagem usada para marcar as obras públicas do sultão pelo Oriente Próximo. Baybars derrotou os mongóis e desencadeou uma série de ataques destruidores contra os Estados cruzados.



Acre, capital da Palestina franca no século XIII, caiu diante dos mamelucos em 1291. A titânica batalha pela cidade foi invocada nesta pintura do século XIX da Salle des Croisades (Sala das Cruzadas), Versalhes



Estátua monumental de Saladino erigida pelo presidente da Síria Hafez al-Assad, em 1992, no exterior da cidadela de Damasco.



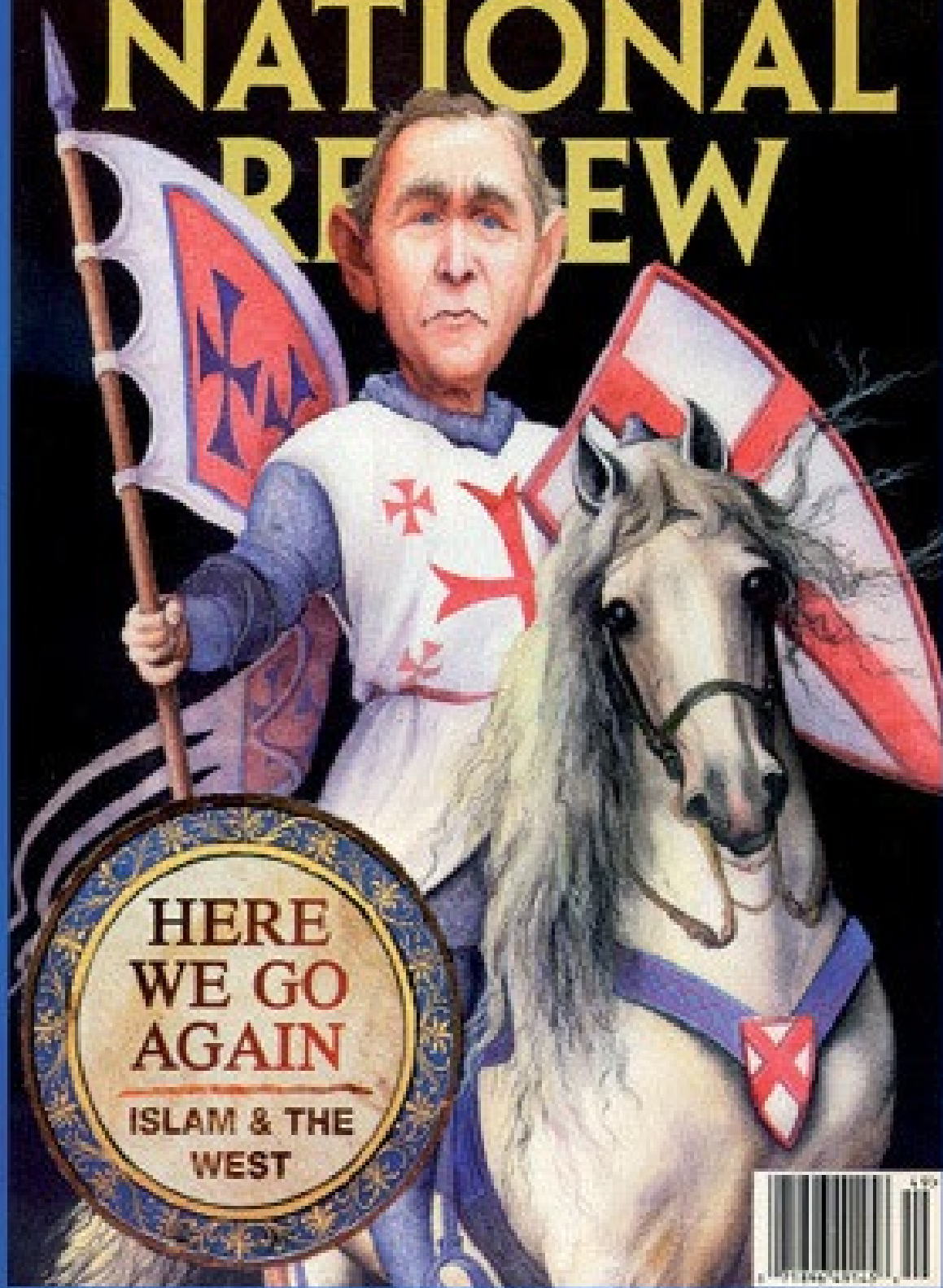
THE LAST CRUSADE.

CONRAD-LAZARUS (looking down on the Holy City). "MY DREAM COMES TRUE!"

O periódico satírico Punch procurou evocar ecos do passado cruzado depois que o general Allenby entrou em Jerusalém em 1917.

December 3, 2001 \$9.95 U.S. \$4.95 Canadian

NATIONAL REVIEW



www.nationalreview.com

A decisão de George W. Bush de descrever a “Guerra contra o Terror” como “cruzada” depois do 11 de setembro provocou a ira de extremistas islâmicos como Osama bin Laden.



**grupo
novo
século**

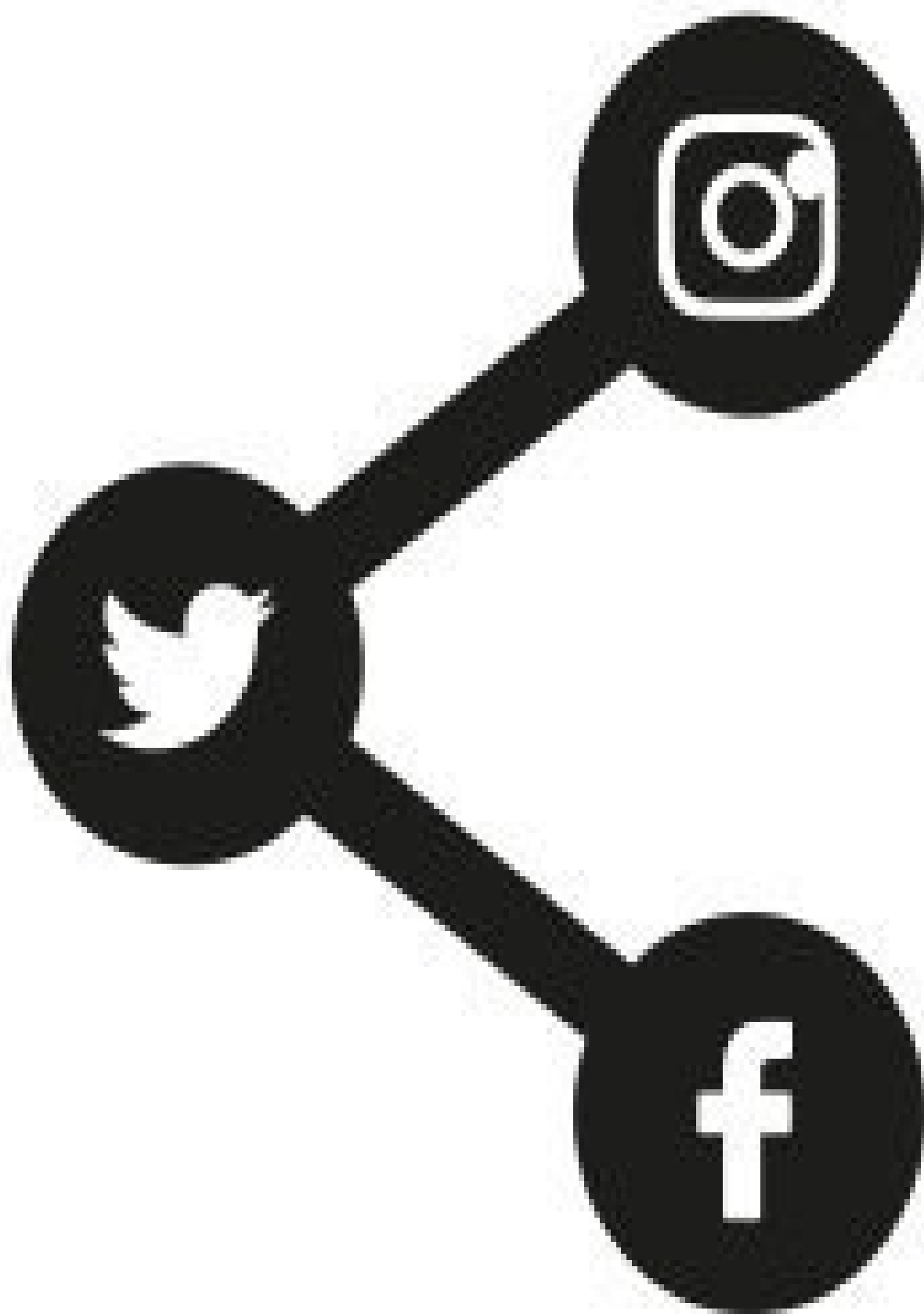
The logo consists of a stylized icon on the left, composed of three black dots connected by lines in a triangular shape, and the text "grupo novo século" in a bold, black, sans-serif font to its right. The entire logo is centered within a white oval that has a subtle drop shadow.

Compartilhando propósitos e conectando pessoas

Visite nosso site e fique por dentro dos nossos lançamentos:

www.gruponovoseculo.com.br

4ms



facebook/novoseculoeditora

@novoseculoeditora

@NovoSeculo

novo século editora

grouponovoseculo.com.br

